"O melhor livro sobre a vida tortuosa e o reinado selvagem de Adolf Hitler."

TIME

JOACHIM FEST

Hitler

"A mais abrangente de todas as obras sobre Hitler. Um incrível retrato de conquista, guerra e destruição."

THE NATION

JOACHIM FEST

CONTEÚDO DO VOLUME 1

CONTEÚDO DO VOLUME 2

JOACHIM FEST

1889-1933

TRADUÇÃO
Analúcia Teixeira Ribeiro | Antônio Nogueira Machado
Antônio Pantoja | Francisco Manuel da Rocha Filho

TRADUÇÃO REVISTA
Eliseu Visconti Neto

3ª EDIÇÃO

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Prefácio do autor

DENTRE OS ASPECTOS PECULIARES ligados ao nome de Hitler destaca-se a sua presença constante e duradoura. Mesmo passados sessenta anos de sua morte, sua figura ainda conserva uma atualidade que projeta sombras cada vez mais longas. Disso dão prova não só os temores recorrentes, os desequilíbrios psíquicos e exorcismos, se bem que em grande parte não passem de mero ritual e de puro reflexo, mas também a transformação em tabu de certos temas e de certas perguntas, além da produção cada vez maior de textos e pesquisas, muitos dos quais pouco acrescentam ao personagem, afastando-o para uma dimensão ainda mais confusa e mitológica.

O Hitler que aparece nos cinejornais, nos filmes ou nos discos dos anos de 1920 e 1930 sobre suas obsessões ideológicas superadas, pelas quais se deixava dominar, dá a impressão de uma figura caída faz tempo no anacronismo, proveniente de uma época que some no horizonte. Ainda assim, qualquer avaliação histórica, e até mesmo a tentativa dos estudiosos de considerar a sua pessoa e o seu domínio numa perspectiva histórica, têm provocado agudas controvérsias.

Sua figura se presta, por outro lado, ao arquétipo de tudo o que de obscuro e horripilante jamais existiu na face da Terra. Quanto mais a figura histórica vai ficando estranha e enigmática, mais claramente delineada se torna sua função sociopsicológica. O homem necessita de uma representação tangível do mal e, quando num mundo secularizado, no qual nem mesmo as crianças acreditam mais no diabo, é preciso evocar um inimigo imaginário, denominado de início por antonomásia, para logo se retirar o conceito abstrato e apresentá-lo na sua evidência, logo vem à lembrança o espectro de Hitler.

É costume afirmar-se que o momento adequado para descrever fatos ou personagens históricos situa-se a cerca de uma geração depois dos eventos. Em 1973, quando primeiro foi publicado este livro, o mito de Hitler ainda não existia, mas a estupefação com seu grande fracasso, seguida de uma enorme anestesia, começavam exatamente naquele momento a se dissipar, substituindo o exorcismo pelo interesse. Em termos de retrospectiva, aquela época permanece absolutamente aberta, pois as escolas de pensamento que tanto se confrontam estavam apenas começando a se definir, e um autor, diversamente do que aconteceria com frequência em seguida, poder-se-ia legitimar com as sempre válidas virtudes históricas da objetividade, da sensibilidade e do espírito crítico, ao passo que toda a ética que se exigia era

simplesmente o desejo de entender. A historiografia havia aberto alguns clarões iniciais naquela floresta de materiais; foi um período de avaliação e de reordenamento, mas também de se ensaiarem as primeiras tentativas de reconstituição: algumas destas, como o estudo de Karl Dietrich Bracher, sobre o fim da República de Weimar, tornavam-se referência para a pesquisa referente à época. Tais estudos, todavia, eram de tiragem escassa, e por isso dificilmente acessíveis ao público. Se bem que o sucesso de um livro sempre apresente alguns elementos inexplicáveis, o mérito desta biografia deve-se a uma série de fatores que tem o centro principalmente no fato de ter sido publicada naquele momento histórico.

De toda forma, esse sucesso não guarda relação, como alguns suspeitavam, com a tendência fantasiosa de procurar provas que induzam a uma "onda Hitler" cuidadosamente arquitetada. Leituras de cabaré de *Mein Kampf* , os preços de leilão de uma ou outra aquarela de Hitler, o filme de Alec Guinness sobre seus últimos dias no "bunker" de Berlim e tantos outros fatos contingentes que poderiam não ter ocorrido foram correlacionados a este livro, numa conjuração que ultrapassa qualquer fronteira. Tal bizarra mistificação, que ainda suscita muitas críticas, não passava de uma manifestação, com sinal oposto, daquela histeria que se desejava combater. E se a presumida "onda Hitler" caiu rapidamente no esquecimento, volatizaram-se também os comentários a seu respeito.

A necessidade, então manifestada com ênfase pela primeira vez, de obter respostas bem fundadas, girava em torno das perguntas que ainda hoje constituem o cerne de qualquer estudo sobre os anos em questão: como foi possível Hitler ascender ao poder, conquistar a adesão de massas tão imensas e, afinal de contas, conservá-la malgrado todas as injustiças cometidas com propósito de fanfarronada, e a despeito da guerra e dos crimes perpetrados.

Até os anos 1950 bem adiantados, o mercado de livros de memórias fora dominado por diversas formas de literatura apologética. De um lado, os militantes do partido ou os coniventes com o regime ansiavam por justificar seu consentimento ou no mínimo seu silêncio relutante, enquanto de outro lado, seus adversários forneciam, *a posteriori* , os motivos de seu próprio fracasso, de sua própria impotência. A essa mesma esfera de motivação pertencem numerosas interpretações destinadas a demonizar Hitler, considerando-o em contextos atemporais, como a apoteose da crise da modernidade, a catástrofe do princípio "faustiano" ou bem da filosofia alemã entre Hegel e Nietzsche. Passando por inúmeras abordagens ulteriores, diagnósticos os mais sintéticos terminavam em várias interpretações de cunho teológico que o definiam como uma espécie de apocalíptico "bicho dos

abismos”.

A necessidade de extrair interpretações foi bastante exercitada. Intenção idêntica deixava transparecer a maior parte dos estudos da escola marxista, cujos grandes nomes queriam, por sua vez, tornar racional a falência de Hitler, como se pode depreender de uma das referidas interpretações: o “candidato carregado e erguido a muito custo, altamente pago por parte de uma gangue de nazistas que operavam nos bastidores, formada pela reação e pelo grande capital”.

Dentre todos estes retratos confusos e desconcertantes distingue-se, já no início dos anos 1950, uma exceção notável, a famosa biografia de Hitler escrita por Alan Bullock, na tradição da grande historiografia anglo-saxônica. De uma brilhante objetividade, e sem ostentar os quase inevitáveis preconceitos inerentes a todas as apreciações alemãs sobre o tema, a biografia traçava o homem e a sua política a uma distância conveniente, desapaixonada e, ao mesmo tempo, crítica, e foi considerada, durante longo tempo, a descrição definitiva da sua vida.

Não obstante a fama logo adquirida, a obra, em anos seguintes, despertou dúvidas cada vez mais consistentes sobre pelo menos duas de suas considerações iniciais. A exemplo de todos os demais, Alan Bullock partiu do pressuposto de que Hitler representava o grande antagonista de sua própria época e que, a despeito de todas as tensões, assim foi reconhecido, ao menos fora da Alemanha. Tal opinião contava com muitos argumentos favoráveis. Com efeito, aquela época parecia especialmente voltada à democracia, à crescente autodeterminação, à superação das diferenças tradicionais entre diversos países e mesmo à compreensão entre os povos, e frente a cada uma daquelas tendências Hitler se apresentava como um fenômeno totalmente ultrapassado e absurdo.

Mas como explicar a multidão de visitantes que, de 1933 em diante, dirigia-se, em peregrinações cada vez mais frequentes, a Berlim ou a Obersalzberg? Muitos, inicialmente com espírito resistente ou irônico, retornavam cada vez mais impressionados, personagens do calibre de John Simon e Anthony Eden, Lloyd George, François-Poncet e Toynbee. Como explicar a reação do público daquele cinema de Londres que, depois da saída da Alemanha da Liga das Nações, prorrompia em gritos de alegria quando Hitler aparecia na tela? Que sensação poderia ter induzido aquela alta sociedade tão presunçosa de Florença a oferecer, como escreveu o conde Ciano, em poucas horas, “o espírito e o coração” ao convidado esperado tão desdenhosamente? Sem se esquecer de Mussolini que, bem cedo, sucumbiu

até a autorrenúncia àquele *parvenu* d'além Alpes de quem ele havia inicialmente escarnecido.

E quando o brutal desprezo de Hitler pelas leis se tornou evidente, o que teria levado as potências europeias a se esforçarem por estabelecer pactos e tratados que jamais teriam proposto aos políticos da República de Weimar, eles que tão pouco ofereciam? Não se tratou, certamente, só de receio, insanidade ou o amor à paz que os fez ceder tão prontamente nos seus pontos mais fracos, a fim de que Hitler não perturbasse radicalmente todos os arranjos pós-bélicos. Os inimigos irredutíveis de Hitler, todavia, em particular aqueles que haviam fugido para o exterior, viram, cada vez com mais amargura e impotência, como, ao menos por um determinado período, o ditador alemão, segundo as palavras de um deles, conseguiu se apresentar como "filho dileto" da própria época. As perguntas se amontoavam. Todas desembocavam na observação que, no início dos anos 1950, o subscrito recebeu da parte de um homem que odiava o regime com tudo o que significava: em todos os anos do regime hitlerista, ele jamais abandonou a ideia de que fora derrotado, em 1933, não por um adversário inescrupuloso, mas sim pelo princípio histórico mais forte e, portanto, pela própria história.

Estes e outros sinais induziram o observador a considerar se Hitler, com todo o retrocesso que o caracterizava, não poderia também funcionar como representante de fortes correntes, numa época de rebelião. De qualquer forma, Hitler conseguiu seguir o seu caminho, tendo em popa o vento de inspirações ardorosas. Dentre elas, o desejo de utopia e de um recomeço, como também de personagens voluntariosos e carismáticos que, em troca da demanda de uma rígida submissão, ofereciam a sensação de um abraço protetor. Muitos intuíram que, mesmo sendo manipuladores e eivados de segundas intenções os novos ideais de comunhão que lhes vinham propor, as massas, privadas de rumo, levaram-nos a sério, não como uma promessa de liberdade, que os deixava com os mesmos problemas; a participação nos eventos comunitários, organizados com grande espírito litúrgico por todo país, compensava plenamente a perda dos direitos políticos; davam, na verdade, a sensação de uma participação política mais profunda do que a ida às urnas.

Nos bastidores deste cenário atuava uma revolta radical contra o odiado mundo burguês com suas rachaduras profundas, além da expectativa de trocar os meros relacionamentos materialistas por um forte credo, e muitos já entreviam no espetáculo permanente dos cortejos de massa com archotes e bandeiras as missas fúnebres que, celebradas nos tempos irremediavelmente ultrapassados, anunciavam o evento da nova era, que desfilava com eles e com suas cantorias.

Sob o perfil político, a virulência antiburguesa era encontrável à direita como à esquerda, e esta singularidade, que revelava tanto semelhanças quanto diferenças, unia e separava as duas posições, e Hitler, demagogo com instinto seguro, compreendeu que existia, à época, um suspiro difuso por uma mudança essencial, proclamada em cada rua e cada praça pelo marxismo radical, mas inverteu a direção apropriando-se desta forma da própria força do adversário. O perigo bolchevique ou, como costumava defini-lo, o perigo judaico-comunista, foi por ele esconjurado, sem trégua, deixando seu próprio delírio racista empurrar a massa em sua direção, e procurou que este delírio não fosse vivido somente como receio de uma opressão política, mas de uma ameaça absoluta a todos os valores e padrões culturais e ao modo de vida habitual.

A discussão irrompeu, no entretempo, acerca da questão se, e em que medida, Hitler deve ser considerado uma reação ao medo vivido em toda a Europa daqueles anos, no momento em que se ensaiavam as primeiras reflexões sobre este livro. Extrai-se, todavia, de inúmeros documentos da época, que na imagem da Rússia soviética, vista com os olhos dilatados do medo, era lícito acompanhar, com uma clareza contundente, todas aquelas sensações de crise, frente ao advento de uma nova e estranha era, e que os ânimos populares, sobretudo das massas burguesas e pequeno-burguesas, poderiam ser levados à histeria.

Por outro lado, não há dúvida de que Hitler se tenha aproveitado da sensação de pânico para, com grande habilidade retórica e teatral, convertê-la em agressão. Tais agressões refletiam, como se fora uma fórmula mágica, a equação de sua própria personalidade, as fobias que o acompanharam por toda a vida, o seu desejo de poder, bem como o seu desejo de desempenhar um papel importante, permitindo conferir à sua natureza rude e fria o carisma de uma causa arrastadora. De qualquer forma, dentre as promessas de Hitler figurava a força salvadora. O afastamento da ameaça da revolução comunista, primeiro no âmbito interno, depois nos confrontos do mundo exterior, revelou-se mais eficaz do que quase todo o resto.

Esta foi a circunstância com a qual Hitler e seus sequazes, cada vez mais numerosos, pareciam responder às necessidades mais diversas, e que aplainou a estrada do sucesso. De forma arbitrária, mas persuasiva para todos que procuravam algo em que acreditar, eles conseguiam conjugar conceitos antiburgueses e anticomunistas, conservadores e social-revolucionários, sentimento nacionalista alemão ofendido e aspirações universalistas com a preocupação difusa de todos pela aproximação de uma grande crise.

Diferentemente do que sucederia mais tarde, seus contemporâneos não reconheciam nele e em seus vários apêndices um simples rótulo de "direita", "conservador", ou mesmo "reacionário." Caso ele tivesse sido um personagem inequivocamente retrógrado, voltado ao restabelecimento do passado, Hitler teria suscitado nos seus contemporâneos mais risos do que Charlie Chaplin conseguiu à custa dele. As massas não costumam seguir múmias como Hugenberg e Papen, e deveriam passar pela experiência pagando um preço político, como o que ocorreu mais recentemente em relação aos detentores do poder comunista.

A maioria interpretou a ascensão de Hitler como o sinal havia tempos esperado de um movimento de unificação interna que prometia a manutenção das tradições, fundindo-a com uma visão progressista do futuro. Este foi o cenário que lhe permitiu apresentar-se como a grande força antagônica de uma época que parecia perdida num beco escuro e que somente poderia escapar do declínio caso ocorresse uma total inversão da tendência. Além das razões históricas concretas — como a derrota em 1918, a revolução, a humilhação intencional de Versalhes, a inflação, a proletarização das classes médias ou a crise econômica — foram aqueles sentimentos de uma reviravolta próxima e inevitável da época que ajudaram o nacional-socialismo a conquistar seguidores em meio à massa, cobrindo-o com um manto e uma aura adventística pararreligiosa e dedicando a Hitler uma espécie de espera messiânica.

As reflexões apenas esboçadas deixam evidente que aquele homem, aquela época e suas interrelações recíprocas eram mais complexos do que pareceu ao nível em que se encontravam as pesquisas quando do início da obra de Bullock. Não menos determinante foi a constatação de que Bullock havia respondido à pergunta central de qualquer biografia histórico-política sobre o impulso predominante na vida do personagem, atribuindo-o à sede de poder de Hitler. Bullock sustentava que, mesmo retirando de sua retórica todos os ornamentos e exageros, podia-se a qualquer momento, analisando sua grandiloquência a fundo, ver uma volúpia pelo poder que ele conhecia e desejava. A aridez e a miséria humana do "monstro" Hitler, sobre quem tantos historiadores se angustiam à luz da catástrofe que ocorreu, foi interpretada, por Bullock, como consequência de seu desmesurado senso de poder, que a tudo se sobrepunha, inibindo qualquer traço de humanidade.

Tal concessão apoiava-se, em grande parte, sobre a tese desenvolvida na segunda metade dos anos 1930, no livro que logo se tornou famoso, *A revolução do niilismo* , escrito por Hermann Rauschning, ex-presidente do senado de Danzig, que, depois de ter sido um dos primeiros militantes do

partido de Hitler, logo o renegou. Em sua opinião, Hitler e seu restrito círculo de seguidores eram revolucionários privados de fundamentos, que não tinham nem seguiam qualquer ideologia, mas delas se serviam com o único fim de conquistar, consolidar e aumentar seu próprio poder pessoal. Apesar de a teoria apresentar aspectos convincentes, não explica muitas outras particularidades. Rauschning, por exemplo, considerava e descartava simplesmente como "ideia fixa" de Hitler o seu antissemitismo exacerbado, que era animado por fins torpes e ódio primordial, cujas origens e cuja incontrolável fúria, capazes até mesmo de prejudicar os próprios objetivos, representam, talvez, o problema acerca da natureza de Hitler de mais difícil análise.

Cerca de dez anos após a publicação da biografia de Bullock, foi o historiador inglês Hugh R. Trevor-Roper que desferiu um primeiro e decisivo ataque sobre tais teses. Numa conferência proferida em Munique sobre "os objetivos de guerra de Hitler", Trevor-Roper apresentou o ditador, pela primeira vez, sob as vestes de um político caracterizado por fixações ideológicas e guiado em todas as suas manobras táticas por alguns princípios rigidamente obedecidos. As manias e as obsessões, toda a psicopatologia daquele homem não se originavam, como Trevor-Roper bem explicou, de uma vontade monstruosa de poder, embora esta entrasse no quadro da personalidade de Hitler. Referiam-se, antes, às certezas presumidas de uma visão rígida e monolítica do mundo, baseada em slogans e rancores, que eram representadas, muitas vezes, pela conquista de espaços vitais e por um ódio obsessivo aos judeus.

Somente uma visão histórica fechada e compacta, fruto de uma elaboração completa e mistificadora, é capaz de descartar aquele componente de energia destrutiva que Hitler liberou até o final da sua última hora. Mas isso ainda não explica tudo. Deve-se acrescentar a disposição de lançar-se até o limite extremo e de jogar a última carta, mesmo em incidentes insignificantes. Quem entra em campo com tal determinação desarruma todas as regras do jogo. Os sucessos que Hitler registrou na primavera de 1939, que provocaram tanto estupor e acenderam o mito da sua invencibilidade, não se podiam atribuir exclusivamente à cegueira e à fraqueza das potências europeias, tampouco à capacidade dele de enganar. Antes, nenhum dos seus antagonistas nutria dúvida sobre o fato de que qualquer tipo de política deve encerrar um cerne racional e perseguir um interesse calculável. Tal certeza foi a origem de todas as concessões que se deixaram extorquir. Não foi depois de uma cadeia de erros e concessões, nem mesmo depois da conferência de Munique, em 1938, mas somente depois da ocupação de Praga, na primavera de 1939, que os seus

antagonistas começaram a achar que Hitler havia rompido com aquele princípio que norteia toda a política.

Aqueles antagonistas compreendiam tão pouco quanto os próprios alemães que Hitler queria a guerra a todo custo, mesmo que seu preço fosse a catástrofe, e dentre todas as interpretações que o seu caráter recebe, a mais documentável é a que emerge do tal desejo irresistível, motivo propulsor da sua carreira. Estando pronto a jogar tudo por tudo, por um longo tempo Hitler pôde e deveria vencer: este e nenhum outro era o seu exaltado objetivo. Mas aquele tipo de sucesso tinha uma ponta suicida: esta tipologia ainda ignorada entrou, com ele, para a cena política da história. Sem uma energia de morte profundamente enraizada nas origens, e antes ainda da impressão e do clima da época, o comportamento de Hitler resulta inexplicável e reporta-se às tendências pessimistas culturais presentes na segunda metade do século xix, com todas as fobias e profecias de opressão que naquela época se reconheciam como horríveis, mas ao mesmo tempo fascinantes, para fazer justiça a uma tal tendência. Nesse contexto, deve-se ainda chegar a Richard Wagner, que, como músico, escritor político e personalidade, representou a experiência fundamental para a formação de Hitler.

Hitler moldou-se nos precursores, nos lidadores, nos cavaleiros brancos e nos salvadores que povoam a obra do compositor, inicialmente de forma confusa, mas logo em seguida com segurança crescente, assumindo o papel de salvador. Tudo era temperado com a luz de uma visão do mundo permeada pelos sinais da decadência germânica, que se alucinava com a ideia da catástrofe, invocando, dessa forma, o crepúsculo dos deuses.

Longe desses pontos interpretativos, assistiu-se, nos anos passados, a uma grande quantidade de tentativas diferentes e até mesmo opostas de ressaltar os impulsos mais íntimos de Hitler; parafraseando a famosa citação de Churchill, tais tentativas não se mostraram, em verdade, mais do que “um enigma dentro de um problema”. Uma figura como Hitler acaba por atrair a atenção de diversos espíritos ambiciosos, que se distinguem pela audácia especulativa, fantasia e liberalidade total com relação às fontes. Erich Fromm, por exemplo, centrou sua própria interpretação no desejo de morte de Hitler, reconhecendo sua origem num aspecto incestuoso da imagem materna. Fiel ao mecanismo daquela projeção, Hitler teria ampliado o sentimento para toda a Alemanha, e suas inclinações “necrófilas” teriam sido constantemente pressionadas pelo desejo longamente reprimido, e determinou-se, prepotentemente, a destruir aquela imagem, tanto que, finalmente, emerge a constatação de que o verdadeiro objeto do seu ódio era exatamente a Alemanha.

Em oposição a esta tese, Alice Miller atribuiu a natureza exagerada de Hitler a um desejo mórbido de revanche contra a tirania familiar e o prazer paterno de infligir castigo corporal, enquanto Simon Wiesenthal sustentou, ainda nos anos 1980, a opinião baseada na literatura derivada de Nietzsche, Hugo Wolf e, no fundo, do *Doutor Fausto* , de Thomas Mann, segundo a qual o antissemitismo de Hitler e tudo o que se seguiu teria sido fruto de uma infecção contraída em Viena de prostituta judia, pouco antes da virada do século. Todas essas interpretações carecem de provas suficientes, servindo muitas vezes aos diversos autores para demonstrar, à luz de um caso espetacular, recoberto por um manto de esplendor fatal do mal, uma teoria há muito tempo sustentada por eles; e todos apenas dão testemunha de sua impotência em desvendar uma figura como Hitler.

Todavia, diferentemente do que observou em tempos recentes Claude Lanzmann, diretor do filme documentário “Shoah”, de 1985, a resposta não pode ser aquela de julgar ilícita qualquer representação histórica de Hitler, visando a tornar compreensível o incompreensível, por antonomásia. Tais teses não passam de nova forma de exorcismo. Retiram Hitler da história com a intenção de não permitir que ele e seus crimes contaminem a imagem que temos da humanidade. Mas a história não pode prescindir de Hitler. O único elemento correto desta objeção consiste no fato de que qualquer abordagem biográfica deve levar em conta a consciência de não se poder atingir mais do que uma aproximação especulativa ou distorcida. Com o seu segredo mais íntimo, em particular, seu ódio maníaco pelos judeus, Hitler enganou o mundo.

Além disso, como sucede na história em geral, também neste caso é possível entender o quanto podem ser remotos, por exemplo, os impulsos do processo histórico, quais são os mecanismos do seu curso, quais são seus vínculos, sua corruptibilidade e sua falha, mas também a liberdade dos homens nas situações decisivas. Dentre as críticas levantadas no momento da publicação deste livro, aparecia a objeção de que, sob a ótica metodológica, tratava-se de uma biografia superada que não levava em conta as forças sociais e também as estruturas de sustentação a Hitler, que o conduziram à frente em cada passo. Cabe ao leitor formar sua própria opinião sobre o fundamento de tais afirmações.

Essas objeções são respondidas pela argumentação já exposta no presente trabalho, segundo a qual, no curso da história, o papel individual torna-se visivelmente mais fraco e ele não “faz” mais a história na medida muitas vezes encontrada no século XIX . Mas o personagem em tela, curiosamente atrasado também sob esse aspecto, contribuiu de fato em quantidade muito

superior à que talvez correspondesse à própria época. O dado irrefutável reside no fato de que não é lícito negar completamente a força de ação individual, deslocando todo o interesse para o contexto ou mesmo para a estrutura. Isso foi demonstrado recentemente, nos anos 1980 e 1990. O desmoronamento tipicamente inesperado, quase silencioso, do império soviético aparentemente sólido, organizado em tudo e por tudo para manutenção do poder pela classe dominante, tornou evidente, em meio a outros aspectos, o fato de que a perspectiva baseada na análise das estruturas não é, certamente, o melhor método para a compreensão das razões históricas. Além disso, a ótica estruturalista mina quase tudo o que existe na história de contraditório, confuso e insuspeitado. Se as estruturas sociais são efetivamente mais determinantes do que todos os outros fatores que dominam a história, todo fato histórico submete-se a uma limitação determinística. De fato, tornam-se totalmente irrelevantes as circunstâncias biográficas que fizeram de Hitler o que foi: os seus complexos, os seus medos, os seus preconceitos e as energias destrutivas que adquiriu. De pouco a pouco a responsabilidade pelo curso dos fatos atribuíveis a um indivíduo vai-se esvaindo até quase desaparecer, ou reduz-se à sensação de impotência fatalística. Mas de tudo o que ocorreu naqueles anos, não é possível se ignorar a existência da pessoa de Hitler, ou diminuir-lhe a estatura, como já foi feito, a "um débil ditador", nem a existência da camarilha dos seus precursores ocultos ou evidentes, pertencentes às velhas elites do poder, nem aquela massa desorientada que ansiava por um guia e uma ordem rígida. Tudo tem seu peso próprio e o equilíbrio que o autor distribui entre os diversos fatores torna-se decisivo. O historiador inglês Ian Kershaw anunciou, recentemente, uma biografia destinada a descrever a ascensão, a conquista do poder e o sistema de dominação de Hitler, a partir, sobretudo, das forças sociais das quais Hitler seria, em grande medida, o produto.

Hitler, todavia, foi sempre mais do que isso, e o problema consiste exatamente nas circunstâncias e na forma como elas o teriam dobrado, não obstante sua própria vontade e loucura. Pode ser, afinal, que, apesar de seu extraordinário poder ante as circunstâncias e ante as condições da época, venha-se a confirmar Hitler como "figura nula" na produção daquela ruptura histórica e daquele ceticismo extremo que penetrou a consciência de todos. Ele e seu regime foram definidos como um "choque cultural". A definição é muito fraca: Hitler perpetrou uma obra de destruição colossal, chegando ao extermínio de homens, cidades, países, além de valores, tradições e estilos de vida.

Mas o seu legado de consequência mais grave consiste no horror do que o

homem é capaz de fazer, em confronto com outro homem. Criou-se uma profunda rachadura na imagem patética que o homem tinha de si próprio, apesar de todos os crimes que povoam a história. O otimismo secular da civilização, orgulhosa por ter dominado os instintos bárbaros do homem, e toda a confiança substancial de que a evolução do mundo, malgrado as interrupções e recaídas, ia sempre em direção ao melhor, chegaram ao fim com Hitler, e ninguém sabe dizer o que poderia recriar aquela confiança.

A modernidade paradoxal de Hitler consiste muito menos nas correrias de bandos juvenis que pouco se importam com as insígnias e os emblemas revoltantes daqueles anos, que repousam sempre sobre o pó de uma época ultrapassada. Hitler não só fechou uma era, conforme a opinião corrente. Como artífice de um total pessimismo relativamente ao ser humano e ao mundo, a um ponto que nenhuma negação ou desejo de minimizar poderão apagar, Hitler permanece contemporâneo de todos nós, já que o presente é uma época que o enxerga em sua entrada. Isso significa que sem o conhecimento da história aqui delineada é impossível conhecer o mundo de hoje.

Foi também o propósito de compreender a si próprio, além da exigência de adquirir uma imagem do mundo atual, e além de todos os quesitos tipicamente históricos, que fez nascer, no autor, há anos, a decisão de escrever este livro. O livro não tem outro objetivo afora o de mostrar como nasceu a nossa época, quais foram as circunstâncias pessoais e sociais que cercaram a ascensão do homem que a influenciou de forma tão permanente, e por que motivo seu poder pôde durar, atingindo, mesmo no próprio colapso, o seu intento.

Kronberg, junho de 2002

Prólogo

HITLER E A GRANDEZA HISTÓRICA

Não é cegueira ou ignorância o que leva à ruína os homens e os estados. Não demora muito para que percebam até onde os levará o caminho escolhido. Mas há neles um impulso, que sua natureza favorece e o hábito reforça, ao qual não podem resistir, e que continua a empurrá-los enquanto lhes resta a mínima energia. Aquele que consegue dominar-se é um ser superior. A maioria vê diante dos olhos a ruína, e avança para ela . [1]

Leopold von Ranke

A HISTÓRIA CONHECIDA não registra fenômeno que se lhe assemelhe; devemos qualificá-lo de "grande"? Ninguém suscitou tamanho entusiasmo e histeria, e tão grande esperança de salvação; ninguém despertou tanto ódio. Nenhum outro, num percurso solitário que durou uns poucos anos, acelerou o curso do tempo e modificou as condições do mundo de maneira, por assim dizer, inacreditável, como ele o fez; ninguém deixou atrás de si tal rastro de ruínas. Só a coalizão de quase todas as potências mundiais, numa guerra que durou quase seis anos, extinguiu-o da face da Terra: nas palavras de um oficial da resistência alemã, abateu-o "como a um cão raivoso". [2]

A grandeza peculiar de Hitler está ligada a esse caráter excessivo: uma enorme irrupção de energia a derrubar todos os padrões existentes. É certo que o gigantesco não corresponde, necessariamente, a uma grandeza histórica, e que também o trivial tem a sua força. Mas ele não foi apenas gigantesco, ou apenas trivial. A erupção que desencadeou acusava, quase em cada etapa, até as últimas semanas da guerra, sua vontade diretiva. Em muitos discursos lembrava, num tom extasiado, o início de sua carreira, quando "nada tinha atrás de si, nada, nenhum nome, ou poder, ou imprensa, nada mesmo, absolutamente nada", e como, só por esforço próprio, havia subido "de pobre-diabo" ao domínio da Alemanha e, logo, de uma parte do mundo: "Foi uma coisa quase milagrosa!" [3] Com efeito, e de forma sem precedente, ele criou tudo sozinho, e foi tudo de uma vez: mestre de si mesmo, organizador de um partido e criador de sua ideologia, salvador tático e demagógico, *Führer* [condutor, guia, chefe], estadista, e, por um decênio, o epicentro da agitação do mundo. Desmentiu o axioma segundo o qual as revoluções devoram seus próprios filhos; porque Hitler foi, já se disse, "o Rousseau, o Mirabeau, o Robespierre e o Napoleão de sua própria revolução; foi seu Marx, seu Lênin,

seu Trotsky e seu Stalin. Pelo caráter e maneira de ser, situava-se, talvez, muito abaixo da maioria dos citados; todavia, teve êxito onde nenhum deles teve: ele dominou sua revolução em cada fase, até mesmo no momento da derrota. Isso demonstra perfeita compreensão das forças que conjurara”. [4]

Possuía, ademais, extraordinária acuidade para decidir que forças eram mobilizáveis, e não se deixava induzir a erro pelas tendências dominantes. A época de sua entrada na política estava inteiramente sob o signo do sistema burguês liberal, mas ele soube captar as resistências latentes e, por meio de manobras ousadas ou mesmo extravagantes, incorporou-as ao seu programa. Seu comportamento foi considerado paradoxal do ponto de vista político, e o arrogante *Zeitgeist* , o espírito da época, durante anos, não o levou a sério. A zombaria que atraiu se justificava por seu estilo, pela exaltação retórica e pela encenação de que se utilizava; mas sua pessoa, de uma forma difícil de descrever, ficava muito acima dessas aparências banais e desinteressantes. Sua força extraordinária repousava, em grande parte, no fato de que, raciocinando arrojada e sutilmente, era capaz de construir castelos no ar — foi isso que um dos seus primeiros biógrafos quis dizer, ao publicar em 1935, na Holanda, uma obra com o título *Don Quichotte van Munchen* . [5]

Dez anos antes, Hitler, político bávaro fracassado, esboçava, em seu quarto mobiliado de Munique, arcos do triunfo e salões com cúpulas. Apesar do desmoronamento de todas as esperanças, após a tentativa do *Putsch* de novembro de 1923, não retirou sequer uma de suas palavras, não amainou qualquer de seus desafios e recusou-se a modificar o que fosse de seus planos para dominar o mundo. Naquela época todos haviam objetado — comentou mais tarde — que ele não era senão um visionário: “Diziam sempre que eu era louco.” Mas, apenas alguns anos depois, tudo quanto quis transformou-se em realidade ou em projeto realizável, e aquelas forças com pretensão a duradouras e intocáveis — a democracia e o governo de partidos, os sindicatos, a solidariedade internacional dos trabalhadores, o sistema europeu de alianças e a Liga das Nações — estavam em decadência. “Quem tinha razão?”, perguntou Hitler triunfante. “O fantasista ou os outros? — Eu estava certo.” [6]

Nessa inabalável certeza de ser a expressão de um acordo entre o espírito e a tendência da época, bem como na capacidade de representar essa tendência, existe, certamente, um fator de grandeza histórica. Jacob Burckhardt escreveu no célebre ensaio *Weltgeschichtlichen Betrachtungen* [Considerações sobre a história do mundo]: “A definição de grandeza parece ser a seguinte: ela leva a cabo uma vontade que transcende o individual.” Referiu-se, ainda, à “misteriosa coincidência” entre o egoísmo do indivíduo e a vontade de todos.

A vida de Hitler, tanto em linhas gerais como também, aqui e ali, em acontecimentos particulares específicos, aparece como demonstração extraordinária desse pensamento; os capítulos que se seguem documentam-no fartamente. O mesmo acontece com os outros critérios que, segundo Burckhardt, determinam o personagem histórico. Ser insubstituível; conduzir um povo de uma condição antiga para uma nova que, sem ele, seria inconcebível; ocupar a fantasia de seus contemporâneos; encarnar “não apenas o programa e a fúria de um partido”, mas uma necessidade mais geral; demonstrar capacidade de “saltar sobre o abismo”; possuir o dom da simplificação; saber diferenciar os poderes reais dos ilusórios, assim como, finalmente, ter uma força de vontade anormal, acrescida duma espécie de magia irresistível: “Contestação nas proximidades dele torna-se de todo impossível; quem queira se opor a ele terá de viver fora de seu alcance, entre os seus inimigos, e só poderá defrontá-lo no campo de batalha.” [7]

E ainda hesitamos em chamar Hitler de “grande”. As dúvidas não vêm tanto dos traços criminosos de sua aparência psicopata. Aliás, a história mundial não palmilha o solo “em que reside a moralidade” e Burckhardt fala, também, da “singular desobrigação de se conformar às leis morais costumeiras” legada pela consciência geral às grandes personalidades. [8] É verdade que se pode questionar se o crime de exterminação coletiva planejado e perpetrado por Hitler não é de outra natureza e transcende os limites morais concebidos por Hegel e Burckhardt; mas a dúvida sobre a grandeza histórica de Hitler vem de outro motivo. O fenômeno do grande homem é antes de tudo de ordem estética, e é extremamente raro que seja, também, de natureza moral; e ainda que possa, muitas vezes, desobrigar-se *neste* campo, *naquele* nunca poderá. Reza um velho dogma de estética que não se presta a ser herói quem, por mais que apresente boas qualidades, seja um ser humano repulsivo. Pode ser o caso — e disso haverá evidências — de que Hitler corresponda em larga escala a essa descrição; os numerosos traços lugubremente instintivos, a intolerância e sede de vingança, a falta de generosidade, seu materialismo banal e nu — o poder era a única motivação que ele reconhecia, e muitas vezes forçou seus convivas à mesa a acompanhá-lo em seu desprezo por tudo o mais como “bobagens” — de maneira geral, essas características de patente vulgaridade emprestavam à sua imagem um quê de repugnante trivialidade que não joga com a noção tradicional de grandeza. “O que impressiona neste mundo”, escreveu Bismarck numa carta, “tem parentesco com o anjo caído, que é belo mas perenemente inquieto, é grande em seus planos e esforços mas não alcança o sucesso, é orgulhoso e triste” [9] — a distância é incomensurável.

❖

Talvez o próprio conceito de grandeza, no entanto, seja problemático. É verdade que Thomas Mann, num dos ensaios políticos gravados de pessimismo que escreveu durante o tempo em que esteve emigrado, fala de "grandeza" e de "gênio" a propósito de um Hitler então triunfante; mas fala em "grandeza remendada" e em "gênio de plano inferior" [10] — conceito que se autodestrói, em vista de tais contradições. Talvez essa ideia de grandeza venha da interpretação histórica de uma época passada que atribuía quase todo o peso aos atores e às ideias no processo histórico, e quase nenhum ao vasto emaranhado de forças.

É essa, realmente, a concepção comum. Afirma a medíocre importância da personalidade face aos interesses, conveniências e conflitos materiais na sociedade, e vê confirmada a sua tese, de maneira irrefutável, justamente no caso de Hitler: como "vassalo", senão "espadachim", do grande capital, organizou, de cima, a luta de classes e, em 1933, subjugou as massas ávidas de autodeterminação política e social. Mais tarde, desencadeando a guerra, prestou-se aos objetivos de expansão de seus comanditários. Nesta tese, que tem sido apresentada em muitas variantes, Hitler aparece como totalmente substituível, "o mais ordinário das figuras de proa", como o descreveu, [11] já em 1929, um dos analistas de esquerda do fascismo; para os proponentes dessa teoria ele era, em qualquer caso, apenas um fator entre tantos e nunca a causa determinante.

Em verdade, essa objeção visa a negar a possibilidade de compreensão histórica por meio do estudo biográfico. Alega-se que indivíduo algum pode explicitar o processo histórico com todas as suas tramas e contradições, situado sobre inúmeros planos de tensão em constante mudança, de maneira ainda que próxima da autenticidade. A rigor, a historiografia pessoal apenas continua a tradição da antiga literatura cortesã e agiográfica, e, depois de 1945, com a derrocada do regime, continuou usando a mesma metodologia, apenas trocando de sinal. Hitler permaneceu como a força irresistível, determinadora de tudo, e "apenas mudou de qualidade: o salvador transformou-se no sedutor diabólico". [12] Finalmente, continua o argumento, cada relato biográfico serve, voluntariamente ou não, à necessidade de justificativa dos milhões de adeptos, que se transformam em vítimas diante de tanta "grandeza" ou, de qualquer forma, querem lançar toda a responsabilidade do acontecido à conta dos caprichos patológicos de um Führer demoníaco e inacessível. Em resumo, a biografia não seria senão uma manobra sub-reptícia de desobrigação no quadro de uma vasta estratégia de desculpa. [13]

Tal objeção é reforçada, ainda, pelo fato de Hitler, como personalidade,

mal despertar nosso interesse; sua pessoa permanece, através dos anos, espantosamente pálida e inexpressiva. Apenas no contexto da época adquire dimensão e fascínio. Hitler possui em larga escala aquilo que Walter Benjamin chamou de “caráter social” — uma combinação quase modelar de todas as angústias, os protestos e as esperanças de seu tempo; tudo isso, na verdade, em demasia, desvirtuado e apresentando alguns traços fora do comum, mas sempre mostrando relação e compatibilidade com o *background* histórico. A vida de Hitler não mereceria ser descrita ou interpretada, não fossem as tendências e circunstâncias que dela assomam, transcendendo a pessoa, e caso sua biografia não constituísse, também, o fragmento da biografia de uma época. Sendo assim, sua apresentação se justifica contra quaisquer objeções que se levantem.

Inevitavelmente, então, o *background* vem para o foco mais em destaque do que é o normal em biografias. Hitler se desdobra diante de um espesso padrão de fatores objetivos que nele se imprimiram, que o favoreceram, que o impeliram para diante e, de tempos em tempos, também o seguraram. Para isso muito contribui a romântica concepção política alemã, como o “cinza” particularmente triste da República de Weimar; o rebaixamento da nação pelo Tratado de Versalhes e o segundo rebaixamento social de largas camadas da população devido, ao mesmo tempo, à inflação e à crise da economia mundial; a fraqueza da tradição democrática na Alemanha; os sobressaltos causados pela ameaça de revolução comunista; a experiência da guerra; os cálculos falhos de um conservantismo que se tornara precário; e, finalmente, as angústias que se difundiram pela transição de uma ordem conhecida para outra, nova e ainda incerta. Tudo isso, acrescido ainda do desejo de encontrar soluções simples para opor às causas de descontentamento, frequentemente impenetráveis e confusas, e de pôr-se a salvo de todos os agravos de uma época sob a proteção de um mando autoritário.

Como ponto de convergência de tantos anseios, angústias e ressentimentos, Hitler tornou-se figura histórica. O que aconteceu não se poderia conceber sem ele. Com ele o indivíduo demonstrou, mais uma vez, seu extraordinário poder sobre o processo histórico. Esta obra irá mostrar a que virulência e força podem ser levados os múltiplos humores entrecruzados de uma época, quando um gênio demagógico, um dom superior de estratégia política e a faculdade de efetivar aquela “coincidência mágica” de que se falou se reúnem num homem. “A história gosta, de tempos em tempos, de se condensar num só indivíduo, a quem, então, o mundo obedece.” [14] Nunca será por demais acentuado que a ascensão de Hitler foi possível, em primeiro lugar, graças à excepcional reunião de condições individuais e gerais, e depois à

correspondência, dificilmente compreensível, que aliava o homem à época e a época ao homem.

Esse estreito relacionamento afasta Hitler de todas as concepções que lhe atribuem faculdades sobre-humanas. Não foram características demoníacas, mas as qualidades exemplares, por assim dizer “normais”, que possibilitaram, antes de tudo, a sua carreira. O exame de sua vida irá mostrar como todas as teorias que apresentam Hitler como uma antítese fundamental da época em que viveu e de seus coetâneos são problemáticas e determinadas por viés ideológico. Muito mais do que a grande contradição de seu tempo, ele foi a sua imagem no espelho e esbarramos o tempo todo com os traços de uma identidade oculta entre um e outro.

O presente trabalho procura mostrar a grande importância das condições objetivas, mediante interpolações marginais expressamente inseridas entre os capítulos. Mas uma pergunta se propõe: em que consiste a ação particular exercida por Hitler sobre os acontecimentos? Certamente, mesmo sem sua intervenção, um movimento popular nacionalista teria encontrado eco e adesões no curso dos anos 1920. [15] Mas, presumivelmente, esse movimento teria sido, apenas, mais um grupo político dentro do sistema. A contribuição de Hitler foi aquela mistura inconfundível de fantástico e lógico que, como se verá, exprime em alto grau a sua natureza. O radicalismo de Gregor Strasser ou de Joseph Goebbels consistia apenas no desafio das regras do jogo em vigor que, no entanto, reafirmavam a sua continuidade assim desafiadas. O radicalismo de Hitler, ao contrário, tirava do jogo todas as condições existentes para apresentar um elemento novo e inaudito. As emergências e o descontentamento da época teriam, de qualquer forma, levado a crises, mas, sem a pessoa de Hitler, nunca se teria chegado àquele auge, àquelas explosões que íamos assistir. Desde a primeira crise do partido, no verão de 1921, até os últimos dias de abril de 1945, quando expulsou Göring e Himmler, a sua posição permaneceu incontestada; ele não aceitava acima de si próprio nem mesmo a autoridade de uma ideia. E com extrema arbitrariedade fez história, novamente, de um modo que já em seu tempo pareceu anacrônico e jamais se repetirá: um encadeamento de intervenções subjetivas, com surpreendentes golpes e reviravoltas, espantosas traições, abnegações ideológicas, mas sempre, no fundo, uma única visão, tenazmente perseguida. Algo de seu caráter singular, do elemento subjetivo que ele impôs ao curso da história, expressa-se na fórmula “fascismo hitleriano” empregada pelos teóricos marxistas até os anos 1930; e, nesse sentido, o nacional-socialismo foi, com certa razão, definido como hitlerismo. [16]

A pergunta, no entanto, é se não terá sido Hitler o último político que pôde

ignorar tão amplamente o peso das circunstâncias e dos interesses; se a pressão dos fatores objetivos não se tornou visivelmente mais forte e, com isso, diminuiu, ao mesmo tempo, a possibilidade histórica do grande personagem — porque o seu lugar na história depende, incontestavelmente, da liberdade que o protagonista mantém das circunstâncias. Num discurso secreto feito na primavera de 1939, Hitler declarou: "Não é aceitável o princípio de esquivar-se à solução dos problemas pela acomodação às circunstâncias. Pelo contrário, o que é preciso é ajustar as circunstâncias às necessidades." [17] Fiel a esse lema, ele, o "visionário", reviveu uma vez mais a imagem do grande homem, numa tentativa aventurosa levada aos últimos limites e, finalmente, malograda. Parece que essa possibilidade, como tantas outras, morreu com ele: "Nem em Pequim, nem em Moscou, ou em Washington, poderá surgir de novo alguém como ele, que transformou o mundo de acordo com sonhos caóticos (…) Quem está no vértice não mais terá tanto campo para decisões. Pode quando muito agir no sentido de moderar decisões. A tela vem tecida segundo um padrão muito complexo. Pode-se presumir que Hitler tenha sido o último executor da 'grande política' nos moldes clássicos." [18]

Se indivíduos já não fazem história, ou fazem-na muito menos do que, por muito tempo, supôs a tradicional escola literária da biografia romanceada, Hitler a fez, certamente, em grau mais alto do que muitos outros. Ao mesmo tempo, porém, e em partes inusitadas, a história o fez. Nada chegou até essa "impessoa" — como ele é chamado num dos capítulos que se seguem — que não existisse de antemão; mas o que chegava até ele recebia um impulso poderoso. A biografia de Hitler é a história de um processo de intercâmbio incessante e intensivo.

Permanece, pois, a pergunta se a grandeza histórica pode existir associada a condições individuais nulas ou insignificantes. Não é desinteressante imaginar qual teria sido o destino de Hitler se a história lhe houvesse negado as circunstâncias que o despertaram e fizeram dele o porta-voz de milhões de complexos de defesa e de indignação: uma existência ignorada, vivida aqui e ali à margem da sociedade, amarga e cheia de misantropia, a ansiar por um grande destino, amaldiçoando a vida por lhe haver recusado o papel de herói a dominar o mundo. "Mais deprimente do que tudo era a total falta de consideração que me demonstravam na maioria das vezes", escreveu Hitler a propósito dos seus primeiros tempos de político. [19] A derrocada do sistema, a angústia reinante na época e a disposição para a mudança deram-lhe a oportunidade de sair da sombra do anonimato. A grandeza, disse Jacob

Burckhardt, é necessidade própria de tempos terríveis. [20]

O fenômeno Hitler mostra-nos, em medida que ultrapassa toda experiência, que a grandeza também pode acompanhar a mediocridade individual. No decurso de períodos consideráveis, sua personalidade age como que diluída, volatilizada no irreal, e não foi senão aquele caráter, por assim dizer, fictício, que levou tantos políticos conservadores e historiadores marxistas, em singular acordo, a vê-lo como instrumento de interesses estrangeiros. Longe de alguma grandeza e de ocupar uma posição de importância em todo o plano político e histórico, parecia ele o tipo ideal para encarnar o "agente", o que atua por outros. Mas tanto uns como outros se enganaram. Foi parte, precisamente, da tática de sucesso de Hitler usar desse falso juízo, que refletia e reflete um ressentimento de classe contra o pequeno-burguês, para fazer sua política. Sua biografia é, também, a história de uma desilusão progressiva e geral. No seu tempo, ele despertava aquele desprezo irônico que ainda hoje persiste, e que só se refreia à vista de suas vítimas.

O desenrolar dessa vida, a própria marcha dos acontecimentos, proporcionarão um esclarecimento a respeito. De outro lado, a ponderação levará, também, ao ceticismo. Se, em fins de 1938, Hitler tivesse sido vítima de um atentado, poucos hesitariam em considerá-lo um dos maiores estadistas alemães, talvez o que tivesse consumado a história daquele país. Os discursos agressivos e *Mein Kampf* , o antissemitismo e o desígnio de hegemonia mundial teriam, presumivelmente, caído no esquecimento, como fantasias dos seus primeiros anos de político, e só ocasionalmente seus críticos os recordariam a uma nação indignada. Seis anos e meio separaram Hitler desse renome. Certamente, apenas mediante um fim violento o teria conseguido, pois ele era, por natureza, feito para a destruição, inclusive a de sua própria pessoa. Mas bem perto, de qualquer forma, ele chegou. Podemos chamá-lo "grande"?

PARTE I

VIDA SEM OBJETIVO

1

As origens e a partida

A ânsia de glorificar-se, de se agitar, é típica de todos os ilegítimos .

Jacob Burckhardt

DURANTE TODA A VIDA , Hitler se empenhou em dissimular e em idealizar um personagem para si mesmo. Não há outro exemplo na história de um homem que se tenha dedicado tão metódica e meticulosamente a estilizar a própria imagem e a torná-la humanamente indecifrável. A representação que ele fazia de si mesmo assemelhava-se menos ao retrato de um homem que a um monumento atrás do qual permanentemente procurava ocultar-se. Consciente bem cedo de sua vocação, ele assumiu, desde os 35 anos de idade, a atitude fria e distante de um grande chefe. Envolve-lhe a origem o clima de meia-sombra propício às lendas e à aura de uma predestinação particular e que também contribuiu para as angústias, as dissimulações e o caráter teatral de sua existência.

Já como chefe do Partido dos Trabalhadores Alemães Nacional-Socialista, o Partido Nazi [“Na-zi”, abreviado de *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei-NSDAP*] que surgia, achava ofensivo o interesse a respeito de sua vida privada e, como chanceler do Reich, proibiu toda e qualquer divulgação de fatos pessoais. [1] As confidências dos que o conheceram de perto, do amigo da juventude àqueles que participaram de reuniões noturnas nos cafés, têm um traço comum: o cuidado que ele tomava em guardar distância e em se cercar de uma atmosfera de mistério. “Sempre denotou algo de indefinivelmente distante.” [2] Passou vários anos da juventude em albergues para homens, mas dos que o tenham visto poucos foram capazes de se lembrar dele. Ele se portava junto aos demais como um estranho, figura anônima, e todas as sindicâncias feitas quanto àquele período de sua vida foram inúteis. No início da carreira política, fez o máximo para impedir a publicação de fotografias suas. Já se nota aí o traço maduramente refletido de um propagandista consciente do efeito que devia causar pessoalmente: homem cuja face não se conhecia, ele despertava assim, de saída, o interesse comumente gerado no mistério.

Mas ao usar de tais manobras de camuflagem ele não punha em prática apenas “uma velha receita de profeta”, não atendia somente ao desejo de dar à

sua vida um elemento de fascínio carismático; demonstrava, sim, especialmente, a inquietude que lhe assediava o temperamento introverso, inibido e cheio de dúvidas quanto a si mesmo. Seu esforço foi sempre apagar pistas, tornar irreconhecíveis provas de identidade, mergulhar nas sombras todo o pano de fundo de sua origem de família. Em 1942, quando foi informado de que na vila de Spital havia uma placa comemorativa em sua homenagem, teve um de seus acessos de fúria. Fez dos ancestrais "pobres mascates", alterou a profissão verdadeira do pai, o qual, servidor da alfândega, foi transformado em "funcionário dos correios", repeliu taxativamente parentes que procuravam aproximar-se e forçou a irmã mais moça, Paula, que durante algum tempo morou em sua casa em Obersalzberg, a mudar de nome. Para concluir: é revelador que jamais ele tivesse mantido correspondência privada. [3] Após a ocupação da Áustria, pôs no ostracismo o extravagante fundador de uma ideologia racista, Jorg Lanz von Liebenfels, ao qual devia várias sugestões importantes, e ordenou o assassinato de Reinhold Hanisch, seu companheiro de outrora no albergue. Do mesmo modo como não pretendia ser aluno de nenhum mestre — afirmava dever suas ideias exclusivamente à própria inspiração, ao seu próprio gênio e aos diálogos com o espírito — não queria ser filho de ninguém. Assim, nos capítulos autobiográficos de *Mein Kampf* , a imagem dos genitores é insinuada muito levemente, apenas como apoio à lenda de sua vida.

O fato de ter nascido além da fronteira alemã facilitou-lhe bastante dissimular o passado. Como tantos outros revolucionários e conquistadores que a história registra, de Alexandre Magno a Stalin, passando por Napoleão, Hitler era um estrangeiro entre os seus. Existe, sem dúvida, um nexo psicológico entre essa noção de ser de fora e a inclinação a servir-se de um povo até as últimas consequências como material para a realização de projetos selvagens e desmedidos. Assim, no ponto de inflexão da Segunda Guerra Mundial, quando lhe chamaram a atenção para as pesadas baixas na oficialidade recém-nomeada numa das sangrentas batalhas de retardamento, ele respondeu secamente: "Ora, esses rapazes estão lá para isso." [4]

Todavia, sua ascendência estrangeira não era ainda a seus olhos véu impenetrável o bastante. Seu senso de ordem, de regras, de respeitabilidade, esteve sempre em conflito com a obscura história da família e, aparentemente, a consciência do desacordo entre suas origens e suas pretensões, a ansiedade sobre seu passado, jamais desertaram de sua mente. Em 1930, quando soube que se buscava esclarecimentos sobre a sua genealogia, Hitler mostrou-se bastante inquieto. "Essa gente", disse ele, "não deve saber quem sou eu. Não é necessário que se saiba de onde venho e a que família pertenço." [5]

❖

Do lado paterno como do materno, a família provinha de um ponto muito pobre do Império Austro-Húngaro, uma região de florestas situada entre o rio Danúbio e a fronteira da Boêmia. Em sua população essencialmente camponesa, casamentos consanguíneos tinham engendrado múltiplos laços de parentesco e uma mentalidade estreita e atrasada nas localidades que sempre aparecem na crônica de suas origens: Döllersheim, Strones, Weitra, Spital, Walterschlag, todos lugarejos de um pequeno traço de terra em meio a florestas. O nome Hitler, Hiedler, ou Huttler, parece ser de origem tcheca (Hidlar, Hidlarcek) e aparece num documento pela primeira vez numa de suas variantes por volta do ano de 1430. [6] Mas, na sequência natural de gerações, esse nome será usado unicamente por camponeses desprovidos de bens, dentre os quais nenhum chegou a ultrapassar os limites sociais de origem.

Em 7 de junho de 1837, na casa do camponês Johann Trummelschlager, nº 13 de Strones, a criada solteira de nome Maria Anna Schicklgruber deu à luz um menino batizado no mesmo dia com o nome de Alois. No registro paroquial de Döllersheim, o espaço destinado ao nome do pai da criança não foi preenchido. Nenhuma modificação foi aposta a esse documento quando, cinco anos depois, a mãe do menino desposou o auxiliar de moleiro Johann Georg Hiedler, então desempregado, "indigente". A seguir, no mesmo ano, ela confiou o filho a um irmão do marido, o camponês Johann Nepomuk Huttler, de Spital, sem dúvida porque temia não poder criar o menino convenientemente. Seja como for, segundo a tradição local, os Hiedlers eram tão pobres "que não tinham nem cama e dormiam numa manjedoura". [7]

No auxiliar de moleiro Johann Georg Hiedler e em seu irmão, o lavrador Johann Nepomuk Huttler, temos dois pais supostos de Alois Schicklgruber. Se dermos crédito a uma asserção mais ousada, mas provinda de íntimos de Hitler, um terceiro seria um judeu de Graz chamado Frankenberger, na casa do qual Maria Anna Schicklgruber trabalhava quando engravidou. Seja como for, Hans Frank, durante muitos anos advogado de Hitler, antes de se tornar governador-geral da Polônia, em meio ao testemunho que prestou diante do tribunal de Nuremberg, deu seu depoimento a respeito desse assunto controvertido. Declarou que, em 1930, Hitler recebera uma carta de um filho de seu irmão consanguíneo Alois que bem podia ser uma espécie de chantagem. O signatário da tal carta fazia alusões a "algumas circunstâncias bem precisas da história de nossa família". Incumbido de investigar sigilosamente o assunto, Frank encontrou argumentos favoráveis à hipótese segundo a qual Frankenberg teria sido o avô de Hitler. Mas a ausência de qualquer documento sobre essa questão a torna muito duvidosa, por mais que

se fique a pensar por que motivo, em Nuremberg, Frank tenha sido tentado a atribuir um ancestral judeu ao seu Führer. Pesquisas recentes têm reduzido ainda mais a validade de tal hipótese. Assim, hoje em dia, essa tese não é mais defensável. Por outro lado, sua plausibilidade importa pouco; o que lhe confere certa importância, em especial no plano psicológico, é que com as descobertas de Frank, Hitler teve de encarar dúvidas sobre sua ascendência. Novas investigações empreendidas pela Gestapo por ordem de Heinrich Himmler, em agosto de 1942, não ajudaram a solucionar o enigma. A versão que faz de Johann Nepomuk Huttler o pai de Alois Schicklgruber, "com verossimilhança próxima da certeza", se encaixa em certas manifestações de amor-próprio, mas apresenta tantas lacunas quanto as outras teorias formuladas a respeito do avô. [8] Todas mergulham na penumbra de circunstâncias confusas que trazem a marca da miséria, do embrutecimento e da beatice camponesa. Na realidade, Adolf Hitler não sabia quem era o seu avô.

Vinte e nove anos após a morte de Maria Anna Schicklgruber em Klein-Motten, perto de Strones, vitimada por "tuberculose causada por hidropisia pulmonar", e 19 anos após a morte de seu marido, o irmão deste, Johann Nepomuk Hutler, apresentou-se em companhia de três testemunhas perante o abade Zahnschirm, pároco de Dollersheim. Johann solicitou a legitimação do "filho adotivo", o funcionário aduaneiro Alois Schicklgruber, que então já estava com quase quarenta anos. Na verdade, ele não era o pai. Essa paternidade cabia de fato a seu irmão, Johann Georg, que lhe confessara isso, como podiam atestar os que o acompanhavam.

Iludido ou convencido pelos visitantes, o abade cedeu diante da insistência. No velho registro paroquial, substituiu o vocábulo "ilegítimo" por "legítimo", preencheu o espaço reservado ao nome do pai como lhe era solicitado, e que figurava ali com a data de 7 de junho de 1837, e acrescentou falsamente na margem: "que Georg Hitler figura como pai, testemunhando outrossim os abaixo-assinados que atestam ter o interessado reconhecido ser o pai do menino Alois, nascido de Anna Schicklgruber, e solicitado a inscrição de seu nome no presente registro. Assinado: +++ *Joseph Romeder* , testemunha; +++ *Johann Breiteneder* , testemunha; +++ *Engelbert Paukh* . Como os três homens não soubessem escrever, assinaram com três cruzes e o abade apôs seus respectivos nomes. Mas deixou de pôr a data, assim como a própria assinatura, exatamente como ocorria com a dos pais (mortos de longo tempo). Ainda que de escassa legalidade, a legitimação foi efetuada e a partir de janeiro de 1877 Alois Schicklgruber passou a chamar-se Alois Hitler.

A iniciativa dessa trama de vilarejo cabia em parte, sem dúvida, a Johann

Nepomuk Huttler, pois ele tinha criado Alois e se orgulhava disso. Alois acabara de ser promovido e desempenhava uma função que um Huttler ou um Hiedler jamais tinha exercido antes dele. Portanto, nada mais compreensível que o desejo de Johann Nepomuk de perpetuar o próprio nome por intermédio do filho adotivo. Mas Alois tinha, igualmente, boas razões para aspirar a uma troca de sobrenome, porque tendo naquele meio-tempo feito uma carreira respeitável, aquele homem enérgico e consciencioso podia experimentar o desejo de garantir o futuro sólido e seguro de um nome "honrado". Com 13 anos, Alois fora aprendiz de sapateiro em Viena, mas desistira de ser artesão e ingressara na burocracia das finanças austríacas para ser admitido na administração das finanças austríacas. Subira na carreira rapidamente, chegando à categoria mais elevada de funcionário alfandegário que lhe era possível com seu grau de instrução. Sentia-se particularmente feliz em representar as autoridades nas manifestações oficiais e dava importância a tudo o que se relacionasse com seu novo *status* . Um de seus colegas do escritório da alfândega descreveu-o "severo, minucioso e até mesmo pedante". A um parente que lhe solicitara a opinião a respeito da carreira que o filho deveria seguir, respondeu que a atividade no setor das finanças exigia plena obediência e espírito consciencioso. Não era profissão que conviesse "aos bêbados, aos perdulários, jogadores e outras criaturas de conduta imoral". [9] As fotografias que encomendou, principalmente por ocasião de suas promoções, guardam a imagem de um homem imponente e permitem entrever sob os traços desconfiados do funcionário uma sólida vitalidade e um anseio de respeitabilidade burguesa com seu uniforme de botões reluzentes, um caráter a que não falta dignidade e complacência.

Mas essa retidão e essa severidade das fotos dissimulam aparentemente um temperamento instável com propensão para decisões impulsivas. Suas inúmeras mudanças de domicílio atestam em especial a agitação de um insatisfeito com a atividade burocrática aduaneira. No período de 25 anos, mudou de casa pelo menos 11 vezes, para bairros diversos, se bem que em algumas ocasiões por motivos profissionais. Alois Hitler casou-se três vezes. Sua primeira mulher ainda vivia quando a segunda já esperava um filho, e esta ainda estava viva também quando sua terceira esposa engravidou. Enquanto sua primeira mulher, Anna Glassl, tinha 14 anos mais do que ele, a última, Klara Polzl, era mais moça do que o marido 23 anos. Klara trabalhava de início como doméstica em sua casa; como os Hiedlers ou os Huttlers, ela era de Spital e, após a mudança de nome, tornou-se, ao menos aos olhos da lei, sua sobrinha. Desse modo, os dois tiveram que conseguir uma licença especial da igreja para o casamento. O fato de ela realmente ser ou não aparentada por laços de sangue com ele é tão insolúvel como o caso do pai

legítimo de Alois. Seja como for, Klara cumpria com discrição e senso de responsabilidade as obrigações de governanta e esposa, ia regularmente à igreja como desejava o marido e, mesmo após o casamento, nunca chegou a abandonar de todo o papel de criada-amante que desempenhara desde sua entrada na casa de Hitler. Durante anos, ela se esforçou para se considerar como a esposa de um funcionário de alfândega e sempre se dirigia a ele como o "tio Alois". [10] A imagem que se conservou de Klara Polzl nos mostra uma fisionomia séria, sem vivacidade, o ar um tanto tímido de uma provinciana modesta.

Nascido a 20 de abril de 1889 em Braunau sobre o Inn, rua Vorstadt, 219, Adolf Hitler foi o quarto filho daquele casamento. Três irmãos, nascidos em 1885, 1886 e 1887, morreram em tenra idade e dos restantes só sobreviveu sua irmã Paula. Os filhos do segundo casamento, Alois e Ângela, faziam parte da família. A pequena aldeia fronteiriça não desempenhou nenhum papel no desenvolvimento de Adolf, porque, no ano seguinte, seu pai foi transferido para Gross-Schonau, na Baixa-Áustria. O menino tinha apenas três anos quando a família se mudou para Passau, e cinco quando o pai foi transferido para Linz. Com seis anos, foi do coro e ajudou missa no antigo e famoso mosteiro beneditino nas proximidades de Lambach, onde, a se acreditar em seu próprio relato, em muitas ocasiões teve ensejo de se "inebriar com a pompa magnífica das festas religiosas". [11] Seu pai adquiriu não longe dali uma propriedade de quase quatro hectares, mas vendeu-a pouco depois. No mesmo ano aposentou-se com apenas 58 anos. Pouco depois, comprou uma casa em Leonding, pequena vila perto de Linz, para o resto de seus dias.

Apesar de todos os indícios de um temperamento nervoso observados nas entrelinhas, essa imagem reflete essencialmente solidez e segurança burguesas, perseverança e seriedade das ideias. Essa mesma imagem entra em contradição com a lenda que o próprio Hitler fabricaria mais tarde, na época em que sua pessoa começava a ser objeto de culto. Ele completou tal imagem com toques de tons ora sentimentais ora muito sombrios, que tornavam um lar normal o local onde reinava a pobreza mais completa. Nessa imagem sobressaía ainda a energia do filho eleito, triunfando com brilho sobre as pretensões tirânicas de um pai despido de compreensão. Para completar o quadro, a fim de acrescentar-lhe retoques mais impressionantes e dramaticamente sombrios, Hitler descreve a figura paterna como a de um beberrão que o filho, à força de súplicas e ameaças, tinha de arrancar "dos bares fétidos e enfumaçados", a fim de reconduzi-lo a casa após cenas "de uma vergonha atroz". Assim como convinha a um gênio precoce, ele não se contentava em vencer os coleguinhas nas lutas sobre a relva do parque

municipal e nas proximidades do velho torreão; manifestava também os dons inatos de seu temperamento de líder nas aventuras de cavalaria e nos projetos de expedições audazes idealizadas com o maior esmero. Derivando desses jogos inocentes, o gosto pela guerra e pelo ofício militar dava a seu perfil ainda informe um primeiro toque revelador. E, evocando a infância, o autor de *Mein Kampf* descobre naquele menino de então, “com apenas 11 anos, dois traços marcantes e particularmente característicos” — era nacionalista e aprendera “a compreender o verdadeiro sentido da história”. [12] O epílogo tão dramático e tão comovente da fábula foi propiciado pelo fim inesperado do pai de Adolf, a miséria, a doença e a morte da mãe bem-amada, assim como pela partida do pobre órfão “que, desde os 17 anos, devia se lançar na vida a fim de ganhar seu sustento”.

Na realidade, Adolf Hitler era um estudante atento, cheio de vitalidade e aparentemente bem-dotado. Mas tal disposição era contida por uma incapacidade precoce de aplicação sistemática. Uma tendência muito clara à indolência, reforçada por um temperamento obstinado, levava-o a seguir apenas os caprichos de momento e a satisfazer o anseio de beleza que experimentava com entusiasmo. Para sermos exatos, os boletins das diversas escolas primárias que ele frequentou o apontam como bom aluno, e na fotografia da classe de 1899 ele aparece com ar de superioridade na fileira de cima. Daí a decisão paterna de mandá-lo para a *Realschule* , estabelecimento de ensino secundário profissional de Linz. Ali, de maneira surpreendente, veio a malograr de todo. Teve de repetir ano por duas vezes e, na terceira, só foi admitido na classe superior após submeter-se a uma prova de avaliação de capacidade. Quase sempre a nota em aplicação era 4 (sofrível) e só em comportamento, desenho e ginástica é que obtinha melhores notas. Em todas as demais matérias, só com esforço conseguia alcançar a média exigida para passar de ano. No boletim de setembro de 1905 teve menção “insuficiente” em alemão, matemática e estenografia. Até em geografia e história, “suas matérias preferidas”, como ele mesmo declara, nas quais era pretensamente “o primeiro da classe”, [13] não recebeu senão a nota 4. E no conjunto os resultados foram tão pouco satisfatórios que ele deixou a escola.

Essa estranha desistência se explica por um conjunto complexo de motivos. Fator ponderável foi a mudança de ambiente. Enquanto em Leonding, vilarejo de campônios, o filho de um funcionário podia aspirar ao papel de líder entre seus companheiros de folguedos, em Linz, ambiente citadino, em meio a crianças cujos pais exerciam profissões liberais, eram comerciantes ou pertenciam à nobreza local, Adolf fazia um papel de camponês rústico e desprezado. A despeito de seus 50 mil habitantes, no

princípio do século, Linz sob muitos aspectos não era senão uma pequena cidade próxima da zona rural, pacata e sem vida; entretanto, é evidente que a cidade ajudou o jovem Hitler a tomar consciência da hierarquia social. Seja como for, ele não encontrou na *Realschule* “nem amigos nem companheiros”, e mesmo junto à horrível matrona *Frau* Sekira, em cuja casa se hospedava durante a semana com cinco meninos da sua idade, permaneceu estranho, afetado e distante. “Nenhum de nós entrou na sua intimidade”, registrou um daqueles pensionistas. “Enquanto todos nós, alunos da mesma série, usávamos o tratamento natural e familiar *du* , ele empregava o pronome *sie* quando falava conosco. E nós lhe respondíamos *sie* da mesma maneira, sem achar nisso nada de notável.” [14] Eis um detalhe revelador: foi aí que Hitler frisou pela primeira vez descender de boa família. Afinal, tais afirmações é que marcaram de maneira evidente seu estilo e seu comportamento, graças a elas o adolescente janota de Linz ou o proletário de Viena descobriu uma ferrenha consciência de classe e uma vontade decidida de resistir em seu papel.

Posteriormente, Hitler descreveria seu fracasso na escola profissional como uma reação de despeito pelo empenho de seu pai em lhe impor a carreira de funcionário público, na qual teve sucesso. Mas a versão dramática que Hitler desenvolveu desse confronto de dois seres voluntariosos e intransigentes mostrou ser pura invenção. Pode ser dito o mesmo do relato feito por ele, muitos anos depois, da visita ao escritório central da alfândega em Linz, ao qual seu pai o levara na esperança de entusiasmá-lo pela profissão e onde, “cheio de desgosto e de ódio”, ele não viu senão uma “gaiola estatal” na qual “velhos senhores sentavam-se espremidos numa promiscuidade simiesca”. [15]

Na realidade, é mais lícito supor que o pai de Adolf pouco se interessou pelo futuro profissional do filho, ou pelo menos que não demonstrou quanto a isso a insistência exasperada descrita por Hitler, que objetivava explicar seu fracasso escolar e dar a impressão de que desde a primeira juventude era dotado de uma vontade férrea. Entretanto, é muito possível que Alois se sentisse feliz se visse o filho alcançar os escalões mais altos do funcionalismo, que lhe tinham sido recusados devido ao grau inferior de sua instrução. A descrição que Hitler faz da tensão sempre reinante no lar é certamente verídica. Esse clima tenso se devia em parte à diferença de temperamento entre os dois homens da casa, e em parte à decisão do pai de se aposentar no verão de 1895, aos 58 anos, a fim de escapar às obrigações profissionais e se dedicar a tarefas e passatempos de seu gosto. Por uma curiosa coincidência, o mesmo sonho era latente no filho. Mas a presença de

Alois no lar impunha uma limitação à sua liberdade de movimentos. A cada instante, Adolf se chocava com a forte personalidade do pai, o qual lhe exigia respeito, acatamento da disciplina, e que declarava com altivez ter conseguido chegar a certa posição na vida graças ao exercício de uma autoridade implacável. É aí, mais que em uma divergência nítida de opiniões sobre a futura carreira do jovem, que se deve encontrar a verdadeira causa do conflito entre os dois.

Por outro lado, Alois não tomou conhecimento senão da primeira fase do período que o filho passou na escola profissional. No início de 1903, no exato momento em que saboreava o primeiro gole de um copo de vinho na estalagem Wiesinger, de Leonding, sufocou e desmaiou. Carregado a uma sala contígua, Alois morreu antes da chegada do médico e do sacerdote. O diário liberal de Linz, o *Tagespost* , dedicou-lhe extenso necrológio, evocando-lhe as tendências esclarecidas, a rude jovialidade e seu sentido cívico muito firme. O artigo punha em destaque os elogios que o finado recebera em vida como "amigo do bel canto" e como apicultor, setor onde se tornara uma autoridade, e prestava igualmente homenagem às suas qualidades de pai de família cioso da economia familiar. Alois Hitler falecera havia dois anos e meio quando, por caprichos e por preguiça, o filho abandonou a escola e não foi certamente a mãe enferma quem fez ao rapaz a pretensa ameaça de uma carreira de funcionário público. Ainda que pareça provável que tenha resistido algum tempo à pressão exercida pelo filho no sentido de deixar a escola, ela não sabia mais qual o modo de se opor ao gênio obstinado e prepotente de Adolf. Após ter perdido tantos filhos, era muito tolerante com os dois sobreviventes, fraqueza que Adolf muito depressa passou a explorar. Em setembro de 1904 concederam-lhe um diploma de escolaridade sob a condição de que ele deixasse a escola. Em desespero de causa, a mãe o teria enviado então à escola profissional de Steyr, mas também lá os resultados foram decepcionantes. O primeiro boletim foi tão fraco que, segundo sua própria confissão, Hitler tomou uma bebedeira e, tendo usado o documento como papel higiênico, precisou pedir depois uma cópia. Quando as notas que lhe foram atribuídas no outono de 1905 não indicaram nenhum progresso, a mãe cedeu afinal e o autorizou a deixar a escola. Tal decisão no entanto não foi tomada com plena liberdade. Assim, ele reconhece em *Mein Kampf* , não sem alguns subentendidos maldosos, que "uma súbita enfermidade" veio em ajuda a seu filho. [16] É verdade que nenhum documento veio a fornecer uma prova cabal dessa afirmativa, mas existe um fato que parece mais importante — uma vez mais ele não passou de ano devido às suas péssimas notas.

❖

Esse foi um dos triunfos catastróficos iguais a outros que Hitler teria ocasião de celebrar. Pelo acúmulo de suas notas ruins, ele provava a seu pai (já no além), tão autoritário, que as portas do funcionalismo que desejara ver abertas para o filho iam sendo fechadas. Naquela ocasião, abandonou a escola profissional “com um rancor primitivo”. [17] Esse foi um dos grandes temas cheios de amargura de sua vida. Achou o pretexto de apelar para a vocação de artista a fim de dissimular a inquietude que o próprio insucesso lhe inspirava; na verdade jamais pôde abafar o ressentimento por aquele malogro. Tendo escapado às exigências normais do aprendizado, estava decidido dali em diante “a consagrar toda a sua vida à arte”. Queria ser pintor. A escolha foi ditada por uma dupla consideração: por um lado, esboçava com facilidade reproduções fiéis de objetos e figuras, por outro, filho como era de um funcionário provinciano, já se imaginava desfrutando um dia da vida livre, movimentada e independente de um artista. Muito cedo, manifestou o desejo de compor para si um modo de ser excêntrico. Um hóspede de sua mãe lembraria mais tarde como Hitler se punha bruscamente a desenhar durante as refeições e, como um possesso, passava para o papel esboços de edifícios, portais e colunatas. Certamente, o anseio legítimo de escapar pela arte às coações e limitações do mundo burguês, ao qual pertencia, para alçar-se a uma esfera ideal desempenhou certo papel nesse tipo de comportamento. Mas a avidez quase maníaca com que esquecendo e desdenhando tudo mais se entregava então a seus exercícios de pintura, à música e ao devaneio, projeta sobre essa paixão uma luz nada favorável. Ele repelia todo o trabalho ordenado e, como dizia com desprezo, não queria um emprego que fosse apenas “ganha-pão”. [18]

Assim, elevando-se pela arte, aspiraria com toda evidência a uma promoção, no sentido social do termo. Da mesma forma como todas as inclinações e decisões de sua juventude dissimulam um anseio preponderante de ser ou de tornar-se algo “melhor”, assim também a ideia de que a arte é um privilégio da “melhor sociedade” não era estranha à sua excêntrica paixão. Após a morte do marido, a mãe de Adolf vendera a casa de Leonding e se instalara num apartamento em Linz. Agora, com 16 anos, o jovem Hitler entregava-se aos prazeres da ociosidade. Graças à considerável pensão que a mãe recebia, pôde adiar todos os planos relativos ao futuro e levar uma vida descompromissada, privilégio que tanto o agradava. Adotou então o costume de passear sem rumo diariamente e se deleitar com frequência com o “teatro ao ar livre”. Aderiu também à Associação dos Museus e tornou-se membro da biblioteca da Sociedade de Cultura Popular. A curiosidade pelas questões sexuais, então despertada, levou-o, como declarou depois, a visitar a seção reservada aos adultos num museu de cera. E, na mesma época, assistiu pela

primeira vez à projeção de um filme num pequeno cinema próximo da estação do sul. [19] Pelos testemunhos que colhemos, Hitler nesse tempo era magro, pálido, tímido e vestia-se sempre com especial apuro. A maior parte do tempo portava uma pequena bengala negra de castão de marfim talhado e compunha o tipo e as atitudes de estudante. A ambição social já fora uma constante em seu pai, mas o relativo sucesso deste não fora senão uma bagatela, na opinião do filho, e os comentários condescendentes que mais tarde dedicaria a essa carreira social nos mostram que se propunha atingir um objetivo muito mais elevado. No mundo de sonho que construíra, cultivava a expectativa e a certeza de ser um gênio.

Após ter fracassado numa prova inicial, refugiava-se nitidamente nesse universo fictício que imaginara; aí esquecia as primeiras frustrações sofridas na presença do pai, aí celebrava seus triunfos solitários sobre um mundo de inimigos. É nessa fase que lança as primeiras maldições contra seus contemporâneos mal intencionados. Todos os que, mais tarde, se recordariam dele tinham notado seu ar sério, fechado, "assustado". Ocioso como vivia, interessava-se por tudo. O mundo, dizia, "devia ser transformado de alto a baixo em todos os seus componentes". [20] Até alta madrugada preocupava-se com projetos canhestros relativos a uma reconstrução da cidade de Linz, desenhava maquetes de teatros, edifícios luxuosos, museus ou o esboço daquela ponte sobre o Danúbio que faria executar 35 anos mais tarde, com uma satisfação teimosa, de acordo com os esboços feitos na adolescência.

Incapaz de executar qualquer trabalho sistemático, sentia a necessidade de novas ocupações, de estimulantes, de objetivos. Durante algum tempo, estudou música e por insistência de sua mãe adquiriu um piano e começou a tomar aulas. Mas o tédio não tardou e ele desistiu das lições. Tinha então um único amigo, August Kubizek, filho de um decorador de Linz, amizade devida ao gosto de ambos pela música. Num aniversário de Kubizek, Adolf ofereceu-lhe um esboço de vila no estilo renascentista italiano, fruto da sua imaginação: "Ao falar, ele não fazia nenhuma diferença entre o imaginado e o real." [21]

Tendo adquirido um bilhete de loteria, o jovem Hitler instalou-se durante certo tempo num mundo irreal, dentro do qual se via morando no segundo andar de uma mansão da nobreza patrícia (Linz-Urfahr, Kirchengasse 2), de onde se descortinava o trecho da margem oposta do Danúbio. Durante as semanas que antecederam à extração lotérica, escolheu o mobiliário mais de acordo, fez uma seleção dos móveis, dos tapetes e elaborou toda a decoração. Chegou a expor ao amigo o projeto de uma vida nobremente desinteressada, generosamente consagrada ao amor pela arte. Sua residência devia ser

administrada por “uma senhora de certa idade, de cabelo já grisalho, mas de uma extrema distinção de maneiras” e ele já entrevia a noite em que, no alto da escadaria solenemente iluminada, receberia os convidados “que pertenceriam a um círculo de amigos cuidadosamente escolhidos e que ficariam deslumbrados”. O dia da extração chegou, reduzindo a pó o sonho no qual ele acreditara firmemente. Foi então acometido de um acesso de furor intenso, e passou a amaldiçoar não só sua própria falta de sorte, mas também, numa progressão característica, a credulidade das pessoas, a instituição da loteria e, finalmente, a desonestidade do estado.

Com muita justeza fez uma autodefinição desse período de sua vida, durante o qual viveu como “um esquisitão” [22] e, de fato, até ali só vivera para si mesmo, com uma aplicação exasperada. Afora a mãe e o ingênuo admirador “Gustl”, que lhe serviu de primeiro ouvinte, o ambiente de seus anos de juventude mais importantes permaneceu vazio do ponto de vista humano; ao abandonar a escola profissional, desertara igualmente da sociedade. Ao encontrar durante um de seus passeios diários uma jovem que, em companhia da mãe, passava todos os dias à mesma hora por Shmiedtoreck, Adolf sentiu por ela – isto é verdade – uma simpatia apaixonada, que se transformou bem depressa num sentimento romântico intenso que duraria anos. Entretanto, furtou-se sempre a dirigir a palavra à mocinha e a se fazer conhecer por ela. Há razões para supor que tal atitude não se devia apenas a uma timidez natural, mas se explicava igualmente pelo desejo de ele proteger o imaginário contra o real, de não permitir a intromissão deste no domínio de seus sonhos. Se confiarmos nas afirmações de August, Hitler dedicou “inúmeros poemas de amor” à desconhecida e, num deles, “tal uma castelã, vestida com uma roupagem ondulante de veludo azul-celeste, ela cavalgava num corcel branco e atravessava as pradarias cobertas de flores; os cabelos flutuavam longos sobre os ombros como uma cascata de ondas douradas. Sobre sua figura desenhava-se um límpido céu primaveril. Tudo transpirava uma felicidade irradiante e sem nuvens”. [23]

A partir do momento em que ele se entregou a seus sortilégios, assistindo com frequência, por vezes noites seguidas, às representações operísticas, a música de Richard Wagner, com seu apelo patético à emoção, sua tonalidade estranhamente encantatória, seu imenso poder de fascínio, proporcionou-lhe certamente um meio de entrar em transe. Nada se mostrava mais de acordo com a sua tendência em fugir à realidade do que essa música voltada para o sublime e banhada numa atmosfera de fausto burguês, só ela poderia arrastá-lo irresistivelmente às esferas do sonho. É bem sintomático que, na época, seus gostos o levassem a buscar na pintura algo que correspondesse àquela

música, fosse a suntuosidade faustosa de Rubens e seu continuador decadente, Hans Makart. Kubizek descreveu a reação de êxtase de Hitler durante a representação da ópera *Rienzi* , de Wagner, à qual ambos assistiram juntos. Ele fora conquistado não só pela magnificência musical e dramática da obra, como também se emocionara com o destino trágico e solitário do rebelde Cola di Rienzo, esse tribuno medieval que sofre por não ser compreendido pelo mundo exterior. Depois da representação, Hitler levou seu companheiro à colina de Freinberg e dali, com Linz a seus pés mergulhada nas sombras da noite, ele se pôs a falar. "As palavras brotavam como ondas há muito tempo contidas e que fazem romper um dique. Em uma série de imagens magistrais e surpreendentes, ele me expôs as linhas-mestras do futuro que entrevia para si mesmo e para seu povo." Anos mais tarde, quando os dois amigos se reencontraram em Bayreuth, Hitler declarou: "Foi naquele momento que tudo começou!" [24]

Em maio de 1906, Hitler esteve em Viena pela primeira vez. Ficou deslumbrado com o aspecto brilhante da capital austríaca, com o esplendor da Ringstrasse, que lhe causou uma impressão aparentada "com o sortilégio das *Mil e uma noites* ", com os museus e, conforme registrou num cartão-postal, "com a majestosidade da Ópera". Foi ao teatro e assistiu às apresentações de *Tristão e Isolda* e do *Holandês voador* , escrevendo sobre elas a Kubizek: "Assim que as ondas poderosas da música ecoam pela sala e o murmúrio do vento é dominado pelo estrépido terrível da tempestade[!], sentimo-nos transportados ao reino do sublime." [25]

Não se sabe, no entanto, por que, após seu retorno de Viena, deixou passar um ano e meio antes de requerer admissão à Escola de Belas-Artes. Mesmo que a oposição de uma mãe inquieta, e além do mais doente, tenha podido influenciá-lo nesse ponto, é provável que ele hesitasse em tomar uma decisão que viria encerrar aquela sua fase de vagabundagem sonhadora e lhe imporia de novo o jugo de uma disciplina. Isso porque, dia após dia, continuava a se abandonar a seus caprichos, sonhando, desenhando, passeando sem rumo certo. Tinha o hábito de ler até altas horas da noite e se afirma que passeava pelo quarto, num vaivém contínuo. Chegou a referir-se várias vezes aos anos passados em Linz como o período mais feliz de sua vida, uma espécie de "belo sonho", cuja imagem só era um pouco empanada pela consciência de seu malogro escolar. Em *Mein Kampf* , relata como o pai partira um dia para a cidade e promete a si mesmo "não regressar à querida aldeia dos ancestrais antes de se tornar alguém importante na vida". [26]

Imbuído dessas intenções, Adolf se pôs a caminho em setembro de 1907. E, no decorrer dos anos seguintes, fez por esquecer seus projetos e esperanças

de outrora, mas conservou sempre no íntimo o desejo de retornar a Linz vitorioso e plenamente justificado, e ver a seus pés a cidade amedrontada, envergonhada, contemplando-o com admiração, e de realizar o belo sonho de outros tempos. Durante a guerra, fatigado e nervoso, faria sempre alusão a seu desejo de fazer de Linz seu retiro, e de construir ali um museu, de ouvir música, de ler, escrever e reencontrar suas lembranças. Isso outra coisa não era senão a persistência, nele, da miragem de outrora, a casa patrícia com a "governanta de extrema distinção" e o grupo seleto de amigos em êxtase admirativo. Em março de 1945, quando o Exército Vermelho já se achava às portas de Berlim, mandou trazerem ao seu *bunker* , sob a chancelaria, os planos de reconstrução de Linz. E conta-se que os contemplou longamente, como em sonho. [27]

2

O sonho desfeito

Imbecis! Não tivera eu sido um visionário em minha vida, onde estariam vocês, onde estaríamos nós todos hoje?

Adolf Hitler

NO COMEÇO DO SÉCULO , Viena era a metrópole de um império europeu, a brilhante capital que conservava renome e herança seculares. Radiosa, segura de si, próspera, dominava um *imperium* que englobava uma parte da Rússia atual e se estendia longe nos Balcãs. Governava e congregava 50 milhões de habitantes pertencentes a mais de dez nacionalidades e raças diferentes: alemães, húngaros, poloneses, judeus, eslovacos, croatas, sérvios, italianos, tchecos, romenos e rutenos. O “dom dessa cidade” era atenuar todas as oposições, harmonizar as tensões internas do estado multinacional e, assim, torná-las fecundas.

Tudo isso parecia destinado a durar. Em 1908, o imperador Franz Joseph tinha comemorado o jubileu de seus sessenta anos de reinado e parecia ser o próprio símbolo do estado, de sua dignidade, de sua continuidade e de seus atrasos. A alta nobreza, que dominava política e socialmente o país, parecia, ela também, inabalável, já que, embora enriquecida, a burguesia aparentemente não chegaria a exercer uma influência digna de nota. Não existia ainda sufrágio universal, igual para todos, mas naquele centro comercial e industrial que se desenvolvia a passo de gigante, a pequena burguesia e a mão de obra da indústria em rápida expansão e dos centros comerciais eram alvo de campanhas cada vez mais insistentes dos partidos e dos demagogos.

Entretanto, apesar de toda a sua eficiência e de sua expansão, a capital austríaca já era um “mundo de ontem”, internamente corroída por escrúpulos e abalada pela dúvida acerca de si mesma. O brilho do prestígio que, no início do século XX, iluminou pela derradeira vez os teatros, os palácios e os bulevares verdes de Viena estava impregnado de uma atmosfera de decadência.

Mesmo nas festas suntuosas de que romances e novelas nos transmitiram o eco, já se sentia que a vitalidade orgânica da época dourada se gastara e não

sobreviveria senão naquelas manifestações de arte e beleza. As fadigas, as fraquezas e as angústias, as discussões cada vez mais ferrenhas travadas pelas diferentes nações do estado e a visão limitada dos grupos dirigentes provocaram pouco a pouco o desabamento de um edifício repleto de magníficas lembranças. E ainda imponente. Por isso em nenhuma outra parte se sentiu tanto como ali uma atmosfera de agonia e esgotamento. O fim da civilização nobre foi mais brilhante e mais nostálgico em Viena do que em qualquer outro lugar do mundo.

Desde o fim do século XIX as oposições e as contradições do estado multinacional manifestavam-se com força crescente, sobretudo depois que, em 1867, os húngaros obtiveram direitos especiais graças à célebre *Ausgleich* , a “equiparação”. Tinha-se o costume de dizer que a monarquia dual não era senão um vaso cheio de rachaduras, mantido em pé por um pedaço de arame velho. Isso porque, nesse meio-tempo, os tchecos tinham requerido o direito de igualdade para sua língua com a alemã; conflitos irrompiam na Croácia e na Eslovênia; no ano do nascimento de Hitler, em Mayerling, o príncipe-herdeiro Rodolfo escapava a uma teia de intrigas políticas e pessoais suicidando-se; em Lemberg, no início do século, o governador da Galizia era assassinado em plena rua; o número de desertores aumentava de ano para ano; na Universidade de Viena havia demonstrações ruidosas de estudantes pertencentes às minorias nacionais; ao longo do Ring, operários reunidos atrás de bandeiras de um vermelho desbotado formavam gigantescos cortejos.

Esses sintomas de agitação e de enfraquecimento em todas as partes do império eram interpretados como indício de que a Áustria estava em vias de desagregar-se, e que seu fim podia ser calculado com certeza para logo que o velho imperador falecesse. Em 1905, os jornais alemães e russos chegaram a divulgar rumores de que os governos de Berlim e de São Petersburgo teriam mudado de ponto de vista acerca do destino da monarquia dual. Nessa ocasião, veio à discussão se não seria mais oportuno concluir de maneira preventiva certos acordos a respeito de encargos suplementares a que os vizinhos da Áustria e os países interessados teriam de fazer face por ocasião da queda do império. Tais rumores tomaram tal consistência que em Berlim o ministro do Exterior se viu obrigado, em 29 de novembro, a tranquilizar o embaixador da Áustria durante um encontro por este solicitado. [28]

Naturalmente, as tensões vigentes na época, nacionalismo e consciência étnica, socialismo e parlamentarismo, manifestavam-se com particular virulência no seio daquela federação de estados em equilíbrio precário. No parlamento nacional, havia muito tempo nenhuma lei podia ser votada sem que o governo tivesse de intervir fazendo concessões injustificadas aos

diferentes grupos nacionais. Os alemães, que representavam ao todo um quarto da população, tinham alcançado um nível de desenvolvimento superior ao das outras populações do império, do ponto de vista da instrução, da prosperidade e do padrão de vida. No entanto, sua influência, conquanto forte, estava longe de corresponder a essa situação.

Em razão da própria lealdade que deles se esperava, a política de paliativos administrados com espírito igualitário os desfavorecia, na medida em que tentava satisfazer as nacionalidades menos confiáveis.

A isso acrescentava-se o fato de que o nacionalismo apaixonado das diferentes minorias não enfrentava mais a moderação imperturbável tradicional de uma classe dirigente alemã segura de si mesma. Pelo contrário, o nacionalismo, que se alastrava como uma epidemia, atacara com grande intensidade os próprios alemães, depois que a Áustria fora excluída da política alemã, em 1866. A batalha de Königgrätz ou de Sadowa, com efeito, constrangera a Áustria a se afastar da Alemanha e voltar-se para os Balcãs, e dessa forma os alemães viram-se forçados ao papel de minoria no seio de seu "próprio" estado. Sua ferrenha vontade de se afirmar exprimia-se de duas maneiras: de um lado recriminavam a monarquia por subestimar o perigo da alienação racial ao praticar uma política favorável aos eslavos e, por outro, entregavam-se a uma idealização da própria raça: a palavra "alemão" tornava-se para eles, na verdade, uma noção ética, que opunham de modo taxativo a tudo que lhes era estranho.

Para entender bem a angústia denotada por esse tipo de reação, é necessário situá-la na perspectiva de uma crise geral de adaptação. A velha Europa, cosmopolita, feudal e camponesa, que tinha sobrevivido por singular anacronismo no âmbito da monarquia dual, desfazia-se no decorrer de uma revolução silenciosa, e as agitações, os conflitos que a acompanhavam não poupavam ninguém. Os meios burgueses e pequeno-burgueses, em particular, sentiam-se ameaçados de todos os lados pelo progresso, pela expansão crescente das cidades, da técnica, da produção em massa e da concentração das empresas. O futuro, que fora durante longo tempo o domínio da esperança e da utopia sorridente no plano privado ou social, tornava-se agora uma causa de preocupação e ansiedade para grupos cada vez mais numerosos. Após a revogação, em 1859, da lei sobre as corporações, perto de 40 mil oficinas de artesanato tinham fechado no espaço de apenas trinta anos, só em Viena.

Esse clima de inquietação ocasionou, naturalmente, numerosos movimentos que refletiam a necessidade crescente de fugir à realidade. Constituíram-se sobretudo de ideologias defensivistas na base do

nacionalismo-popular e do racismo, que se apresentavam como doutrinas salvadoras de um mundo em perigo; elas permitiram a cada um concretizar, sob a forma de imagens acessíveis a todos, sentimentos difusos e vagos de angústia.

Essa atitude defensivista se manifestou particularmente através do antissemitismo, denominador comum de numerosos partidos e ligas concorrentes, dos pangermanistas de Georg Ritter von Schönerer aos cristãos-sociais de Karl Lueger. No decurso da crise econômica havida no começo da década de 1870 já se presenciara a eclosão de sentimentos antijudeus, novamente manifestados assim que o afluxo de imigrantes provenientes da Galizia, da Hungria e de Bukovina se tornou maior. Na verdade, a emancipação dos judeus, inspirada pela influência moderadora e pelo espírito equilibrado da metrópole dos Habsburgos, fizera progressos sensíveis. Exatamente por essa razão, os judeus constituíam o grupo mais numeroso a deixar as regiões de leste para se fixar nas zonas mais liberais.

Em 1857 eles representavam 2% da população vienense, e em cerca de cinquenta anos, ou seja, em 1910, atingiam o índice quatro vezes maior de 8,5%, superior ao de qualquer outra cidade da Europa central. Em alguns distritos, como, por exemplo, em Leopoldstadt, somavam cerca de um terço da população. Tinham conservado seu modo de vida típico, assim como seu aspecto exterior. Com os longos caftãs negros, os chapéus altos sobre a testa, figuras de ar estranho imprimiam sua marca no cenário urbano, e quem os olhava estremecia ao pensar no mundo obscuro e misterioso a que pertenciam.

Circunstâncias históricas não tinham reduzido os judeus somente a papéis e atividades econômicas específicas, haviam igualmente desenvolvido neles uma singular ausência de preconceitos, uma extraordinária facilidade de adaptação e de mobilidade social. Se inspiravam um sentimento de temor, isso não resultava apenas do fato de invadirem o setor das profissões liberais em grande número, pois exerciam influência preponderante tanto na imprensa como em quase todos os grandes bancos de Viena e em parte da indústria, [29] mas sobretudo porque seu tipo característico estava mais de acordo com o estilo racionalista e urbano da época, coisa que não ocorria com os representantes da velha Europa burguesa, que, com suas tradições, seus sentimentos particulares e suas dúvidas, enfrentavam de maneira menos desenvolta o futuro.

A consciência do perigo se expressava principalmente na censura feita aos judeus por serem desenraizados, serem um fator de insatisfação, serem

revolucionários natos para os quais nada era sagrado; à sua “fria” inteligência opunham-se, em polêmicas acirradas, a vida interior dos alemães e sua sensibilidade. Essa concepção foi ainda reforçada pelo fato de que inúmeros intelectuais judeus, mais inclinados à revolta e à utopia, pois tinham constituído durante gerações uma minoria aviltada, entraram no movimento operário e se tornaram seus líderes. Assim nasceu bem depressa a suspeita fatal da grande conspiração, fosse do capitalismo, fosse da revolução, que surgia no horizonte, e que despertou no pequeno comércio, mais propenso à ansiedade, o receio de que os negócios e a própria condição burguesa fossem ameaçados por um duplo ataque dos judeus, que poria igualmente em perigo sua identidade racial. O livro de Hermann Ahlwardt, sintomaticamente intitulado *Os povos arianos em sua luta desesperada com o judaísmo* , tirou, é certo, parte de sua “documentação” das fontes alemãs e dos acontecimentos que se desenrolavam nesse país. Mas isso, que na Berlim dos anos 1890, a despeito do antissemitismo em moda, passava como sendo a emanação febricitante do espírito de um solitário doente, tomou conta da imaginação de um setor importante da população vienense àquela mesma época.

Foi nessa cidade, com esse pano de fundo, que Hitler passou os anos seguintes. Ele fora a Viena movido por anseios ambiciosos, esperando reter impressões inesquecíveis da grande cidade e resolvido a manter, graças aos recursos financeiros de sua mãe, o mesmo modo de vida privilegiado dos anos anteriores, agora num ambiente mais colorido, mais brilhante. Já não tinha dúvidas acerca de sua vocação artística e, como escreveu, sentia-se tomado “de orgulhosa confiança”. [30] Em outubro de 1907, requereu inscrição no concurso de desenho da Escola de Belas-Artes da Schillerplatz sem ter consciência exata das dificuldades das provas. Se conseguiu passar na seleção inicial, na qual 33 dos 112 candidatos foram reprovados, o anúncio dos resultados do conjunto da manhã seguinte assim se expressaram: “Não tendo sido satisfatória a prova de desenho, os senhores… Adolf Hitler, Braunau sobre o Inn, nascido a 20 de abril de 1889, alemão, católico, pai funcionário público, 4ª série da escola profissional, não foi admitido nesta Escola. Pouca inventiva, não aprovado.”

Foi um golpe inesperado e brutal. Profundamente desiludido, Hitler procurou o diretor da Escola de Belas-Artes, que o aconselhou a estudar arquitetura. Mas salientou igualmente que seus desenhos indicavam “sem contestação que ele não possuía as qualidades necessárias para se tornar um pintor”. Posteriormente, Hitler se referiria ao fato como um “golpe inesperado”, de “terrível impacto” [31] e, de fato, na sua vida, o sonho e a

realidade nunca foram tão violentamente atingidos como naquela ocasião. Teve que arcar também com as consequências negativas de sua saída da escola profissional de Linz, porque para fazer o curso de arquitetura era necessário um diploma escolar. Mas sua aversão pelos estabelecimentos de ensino, com regulamentos precisos, era tal que a ideia de fazer o exame só depois de conseguir o diploma nem entrou em suas cogitações.

Mesmo tendo chegado à maioridade, continuava a considerar "incrivelmente penosa" a condição imposta para completar sua formação, e achava que obter o diploma de conclusão de seus estudos preparatórios era um obstáculo insuperável. "Humanamente falando", declara, "era assim impossível para mim realizar meu sonho de artista." [32]

No entanto, é mais plausível que após esse penoso insucesso lhe repugnasse retomar o humilhante caminho de regresso a Linz, e sobretudo reencontrar o colégio que testemunhara seu primeiro fracasso. Confuso, pensou de saída em permanecer em Viena e se absteve aparentemente de fazer qualquer alusão ao exame em que fora reprovado. Mas não fez, por outro lado, nenhum esforço para renunciar à existência de jovem "em férias", a passeios, às idas à ópera e aos milhares de projetos de diletante, que costumava considerar pretensiosamente como "estudos", para se dedicar a uma atividade séria. Mesmo quando a mãe, gravemente enferma, entrou em coma, não se decidiu a voltar. Só retornou a Linz pouco depois da morte da mãe, a 21 de dezembro de 1907. O médico da família que a tinha assistido afirmou "que jamais vira um rapaz mergulhar em tal pesar". Se dermos crédito às suas próprias lembranças, ele chorou. [33]

Na realidade percebera não apenas que malograra irremediavelmente, mas também que dali em diante estava entregue a si mesmo, sem nenhuma possibilidade de escapar ao destino. A provação, em todo caso, veio acentuar nele uma tendência já muito clara a se isolar e a ter pena de si mesmo. É preciso levar em conta que seu único desgosto pessoal, detalhe surpreendente, era novamente provocado por um membro da família. E se pode afirmar que se alguma vez experimentara qualquer afeição pelo próximo, a morte da mãe pôs um ponto final nesse sentimento.

É possível que esse duplo choque não viesse senão a fortalecer sua intenção de voltar a Viena. Há razões para supor que tenha sido movido também pelo desejo de se refugiar num anonimato que o livrasse dos olhares inquisidores de seus parentes de Linz, que se punham em guarda quanto a ele. Para obter os benefícios de sua pensão de órfão era preciso também que desse a impressão de estar fazendo um curso regular. Eis por quê, logo que a

questão do testamento ficou resolvida, com todas as formalidades legais satisfeitas, apresentou-se ao seu tutor, o burgomestre Mayerhofer. Mal este o informou do fim de todos os trâmites, o jovem Hitler declarou num tom "quase arrogante" e taxativo: "Senhor meu tutor, eu vou para Viena!" E alguns dias depois, em meados de fevereiro de 1908, deixava Linz em definitivo.

Uma carta de recomendação dera-lhe novas esperanças. Madalena Hanisch, proprietária da casa onde sua mãe morara até morrer, conhecia Alfred Roller, um dos mais famosos cenógrafos da época, diretor de *mise en scène* da ópera imperial e professor na Escola de Artes e Ofícios de Viena. Em carta datada de 4 de fevereiro de 1908, Frau Hanisch pedia à mãe, residente na capital austríaca, para conseguir uma entrevista do jovem Hitler com Roller. "Trata-se de um moço sério e diligente", escreve ela. "Com 19 anos, parece mais amadurecido que outros de sua idade, é simpático e sensato, pertence a uma família muito conceituada e está firmemente decidido a fazer estudos sérios! Pelo que sei dele posso afirmar que não se entregará a uma vida irregular, já que tem um objetivo sério em vista. Espero que esse moço se mostre digno de sua ajuda. Pode ser mesmo que você cumpra assim uma boa ação." Alguns dias depois, Roller disse estar pronto a receber o jovem Hitler, e a proprietária da casa de Linz agradeceu à mãe numa segunda carta: "Você se sentiria plenamente recompensada pelo seu empenho se pudesse ter visto a fisionomia radiante do rapaz assim que o informei… Enviei-lhe sua carta, mãe, e o fiz ler a do diretor Roller. Ele tomou conhecimento de tudo em silêncio, palavra por palavra, como se quisesse decorar o texto, com uma espécie de recolhimento, um largo sorriso iluminando o rosto. Devolveu-me a carta externando seu profundo agradecimento e me pediu que o autorizasse a escrever à senhora para exprimir-lhe sua gratidão."

Conservou-se a carta escrita por Hitler dois dias mais tarde. Seu estilo imita o maneirismo observado nas chancelarias da monarquia austro-húngara. "Pela presente", escreveu ele, "eu vos exprimo mui respeitosamente, Madame, meu profundo agradecimento pelo trabalho que tivestes com o objetivo de me proporcionar acesso junto ao grande mestre da cenografia teatral, o professor Roller. Sem dúvida, abusei um pouco da vossa boa vontade, tanto mais, Madame, que mal me conheceis. Eu vos sou por demais agradecido e vos peço aceitar minha profunda gratidão por essas gestões que foram coroadas de tanto êxito, e pela carta que tão amavelmente se dignou colocar à minha disposição. Saberei fazer jus a essa feliz providência e vos peço novamente que aceiteis a expressão de meu sincero agradecimento. Beijo respeitosamente vossa mão e assino — Adolf Hitler." [34]

De fato, essa recomendação parecia proporcionar-lhe o meio de realizar seu sonho: levar a vida livre de um artista que se consagraria à pintura e à música no ambiente feérico da ópera. Não se tem, no entanto, qualquer indicação sobre a maneira como se processou o encontro com Roller, e as fontes de informação nada dizem sobre esse fato. O próprio Hitler jamais se referiu a essa entrevista, e não nos enganaríamos em supor que aquele homem tão respeitável o aconselhara a trabalhar, aprender mais e se apresentar novamente, no outono, na Escola de Belas-Artes.

Os cinco anos seguintes foram, segundo o próprio Hitler, “o período mais triste” de sua vida, [35] mas também, sob certos aspectos, o mais importante. Isso porque a crise sofrida por ele marcou seu caráter de maneira indelével e lhe permitiu elaborar em definitivo as fórmulas de subjugar que conferem à sua existência ávida de movimento a máscara de uma total inflexibilidade.

Após ter apagado cuidadosamente os vestígios de seu passado, Hitler por si mesmo contribuiu para criar a lenda segundo a qual “a angústia e a dura realidade” teriam constituído a grande e inolvidável experiência daqueles anos em Viena: “A lembrança de cinco anos de miséria e infortúnios”, escreve ele, “permanece associada para mim à recordação da vila de Phaakenstadt. Cinco anos durante os quais tive que ganhar meu sustento de início como operário assalariado e depois como pequeno pintor. Era na verdade um dinheiro suado, insuficiente para saciar uma fome constante que era então minha fiel companheira, e que não me abandonava nunca.” [36] Ora, uma avaliação meticulosa de seus rendimentos de então revelou que, na realidade, durante toda a primeira fase de sua permanência em Viena, graças à herança do pai, ao que herdou da mãe e à sua pensão de órfão, ele dispunha de oitenta a cem coroas por mês, sem levar em conta seus próprios ganhos. [37] Isso era mais do que o ordenado de um assessor jurídico.

Durante a segunda quinzena de fevereiro, por insistência de Hitler, August Kubizek foi por sua vez a Viena a fim de estudar música no conservatório. A partir daí, compartilhariam os dois “um triste e pobre quarto” no pátio da casa nº 29 da rua Stumpergasse, de propriedade de uma velha polonesa, Maria Zakreys. Mas enquanto Kubizek fazia seu curso, Hitler continuava a levar o tipo de vida ocioso e sem objetivo ao qual já se habituara. Como ele mesmo frisava com satisfação, era dono de seu dia. Tinha o costume de só se levantar por volta de meio-dia, dava então um giro pelas ruas ou no parque de Schonbrunn, visitava os museus e, à noite, ia à Ópera, onde assistiu com encantamento, como afirmou mais tarde, trinta ou quarenta vezes à representação de *Tristão e Isolda* . Passava também longas horas nas bibliotecas públicas onde devorava arbitrariamente, como um autodidata, tudo

o que lhe apetecia, segundo o capricho do momento. Por vezes também, imerso em pensamentos, contemplava os majestosos edifícios da Ringstrasse e sonhava com as edificações mais imponentes ainda que construiria um dia.

Entregava-se a seus caprichos com a paixão de um maníaco. Tarde da noite, imaginava projetos que revelavam a uma só vez seu desconhecimento da questão, a mania de estar sempre com a razão em tudo e contra todos, e sua impaciência típica. Temos ciência de que "não podia deixar de fazer reparos a tudo de que se acercasse". Porque, segundo ele, "tijolos eram um material pouco sólido para construções monumentais", e pretendia demolir a Hofburg e depois reconstruí-la. Delineava esboços de teatros, castelos, galerias de arte, tinha ideias de uma bebida popular sem álcool, buscava soluções para um produto que substituísse o fumo, elaborava uma reforma da organização escolar e, após se deter sobre os proprietários de imóveis e os funcionários públicos, entregava-se ao delineamento do arcabouço de um "estado alemão ideal" que refletia suas inquietações, ressentimentos pessoais e a pedantice de sua imaginação. Embora nada tivesse aprendido ou executado, repelia todos os conselhos e detestava que lhe dessem lições. Ignorando o trabalho de composição, tinha em mente retomar a ideia, abandonada por Wagner, de uma ópera, "Wieland, o Ferreiro", mergulhada num clima de sangue e de incesto, e tentou uma incursão na arte dramática, pretendendo levar à cena velhas lendas germânicas. Nessa oportunidade, lançou mão de uma ortografia que não deixava de ser surpreendente, escrevendo, por exemplo, "Teater" ou "Iede" (em lugar de *Theater* e *Idee* , ideia). Às vezes também pintava, mas suas pequenas aquarelas, que denotam um apego meticuloso aos detalhes, não permitem adivinhar a tensão à qual ele era evidentemente submetido. Dominado pela necessidade de se justificar e de dar uma prova de sua genialidade, falava sem parar, fazia projetos, dava mostras de entusiasmo. Em troca, ocultava de seu companheiro de quarto o fato de ter sido reprovado no exame de admissão à Escola de Belas-Artes. Se por acaso lhe perguntavam o que ele fazia em suas saídas diárias, contentava-se em responder: "Trabalho na solução do problema da falta de moradias adequadas em Viena e faço certas pesquisas nesse sentido." [38]

Mesmo se pusermos de lado todos os traços da exaltação bizarra e de pura fabulação revelados por esse comportamento, não há dúvida de que o futuro Hitler já se torna reconhecível; sua própria observação acima esclarece a relação existente entre seu anseio desordenado de reformar o mundo e sua fulgurante carreira. Da mesma forma, indica uma mescla especial de letargia e hipertensão, de fleugma e atividade surpreendente que será uma de suas características. Kubizek observava com alguma inquietude os bruscos acessos

de cólera e desespero do amigo, as manifestações constantes e violentas de seu instinto agressivo, assim como sua aptidão ilimitada para odiar; e notou com tristeza que, em Viena, seu companheiro tinha "perdido inteiramente o equilíbrio mental". Comumente, os estados de euforia alternavam-se de maneira brusca com depressões profundas durante as quais ele não via senão "injustiça, ódio, hostilidade", afrontava, "solitário e isolado, toda a humanidade, que não o compreendia e nem lhe permitia desempenhar seu papel, e pela qual se sentia perseguido e traído"; por toda parte observava as "armadilhas" que a humanidade lhe preparava "com o único intento de deter seu voo". [39]

Em setembro de 1908, Hitler tentou novamente ingressar no curso de pintura da Escola de Belas-Artes. Mas dessa vez, como ficou no 24º lugar da lista de candidatos, "não foi autorizado a participar da prova qualificatória" porque os trabalhos que apresentara não satisfaziam às condições exigidas pelo exame. [40]

Mais cabal ainda e mais humilhante que a anterior, essa nova rejeição parece ter contribuído de maneira decisiva para a determinação do futuro de Adolf Hitler. Daí nasce o ódio que conservará às escolas e academias que, dizia ele, "tinham ignorado também o gênio de Bismarck e de Wagner, que haviam recusado admitir Anselm Feuerbach", que não são frequentadas senão por "parvos" e se empenham em "sufocar todos os gênios". [41] As tiradas ferventes de cólera que proferiria ainda 35 anos depois no GQG, quando Führer e comandante em chefe, a torpe vingança contra os pobres professores de aldeia que via exteriormente como "desasseados", com "seus colarinhos encardidos, suas barbas malcuidadas e tudo mais", testemunham muito claramente a ferida profunda que fora provocada em seu amor-próprio. [42]

Humilhado e visivelmente constrangido, passou a fugir da companhia dos semelhantes. Sua irmã consanguínea, casada e morando em Viena, Angela, deixou de ter notícias suas; seu tutor não recebeu dele senão um lacônico cartão-postal. E, ao mesmo tempo, a amizade com Kubizek foi bruscamente interrompida. Adolf aproveitou uma ocasião em que August se afastara temporariamente de Viena para deixar de vez o quarto onde moravam, sem bilhete de despedida, e desaparecer então na obscuridade dos albergues e abrigos para indigentes. Kubizek não voltaria a vê-lo senão trinta anos depois.

❖

De início, Hitler alugou um cômodo não longe da Stumpergasse, o nº 16 da rua Felber 22, no 15º distrito, onde pela primeira vez ele se aventurou resolutamente no domínio das ideias que exerceriam influência norteadora em

suas ações. Seu insucesso de até então, no qual ele via uma prova da força de caráter, de gênio precoce e da incompreensão do mundo, exigia agora explicações mais concretas e inimigos mais definidos.

Espontaneamente, sua hostilidade se fez sentir contra o mundo burguês que o tinha recusado, ainda que ele acreditasse pertencer a esse mundo, tanto por suas inclinações como por sua origem. A amargura que sofria e que manifestou em inúmeras ocasiões fazia parte dos paradoxos de sua existência. Fora a um só tempo nutrida e freada pelo receio da decadência social, pelo temor da proletarização. Com súbita franqueza, descreveu em *Mein Kampf* a "hostilidade de classe", manifestada pelo pequeno-burguês contra o proletariado. Tendo sido afetado também por tal sentimento, justifica-o pelo receio "de perder-se de novo numa categoria social pouco considerada, ou pelo menos de ser tido como um de seus membros". [43] Na verdade, ainda dispunha de recursos financeiros provenientes da herança materna e dos subsídios que lhe eram remetidos mensalmente, mas a incerteza do futuro o afligia. Continuava a vestir-se com esmero, ia sempre à Ópera, ao teatro, assim como aos cafés da capital e, como ele próprio observou, servia-se de uma linguagem discreta e muito meditada, mantendo um comportamento reservado a fim de salientar diante de elementos subalternos sua condição de membro da classe burguesa. Se dermos crédito às fontes de informação meio obscuras quanto a essa fase, Hitler tinha então o costume de levar no bolso um envelope contendo uma foto do pai em uniforme de gala e assegurava a esse respeito, com satisfação, "que a foto fora tirada quando o pai se aposentara na qualidade de alto funcionário da alfândega imperial". [44]

Apesar de seus gestos ocasionais de rebeldia, tais atitudes revelam sua verdadeira índole, atestam a necessidade tipicamente burguesa de se afirmar e se identificar com um grupo social. É dentro dessa perspectiva que cabe analisar a observação segundo a qual ele teria sido desde cedo um "revolucionário" tanto em arte como em política. [45] Na realidade, aos vinte anos Hitler ainda não havia questionado o mundo burguês e seus valores; imbuído de respeito por eles, ofuscado pelo seu luxo e sua riqueza, na verdade nutria-se disso tudo. No seu entusiasmo juvenil, esse filho de funcionário de Linz predispunha-se a admirá-los e não derrubá-los; procurava muito mais participar desse mundo burguês do que se insurgir contra ele.

Tal aspiração era imperiosa. A maneira como Hitler reagiu a essa rejeição por parte do mundo burguês é um dos aspectos mais notáveis da primeira fase de uma vida espantosa sob todos os pontos de vista. Apesar de ter seu amor-próprio ferido de um modo que muito o afetou, ele não traduziu tal ressentimento numa recusa da sociedade vigente; pelo contrário, desejou

ardentemente ser aceito e apreciado por ela. As ferozes acusações contra o mundo artificial da burguesia, que vinham sendo feitas na Europa havia cerca de vinte anos, forneciam inúmeros pretextos para que ele transpusesse para o plano racional a humilhação sofrida, e para se entregar a uma crítica da sociedade e dela se vingar pela interpretação desse tribunal. Mas em lugar de agir assim, Hitler se manteve à parte, na atitude silenciosa de um vencido. A onda de desmistificação, que, de resto, comportava certos aspectos efêmeros, não o atraiu. Da mesma forma, os movimentos artísticos de vanguarda, as controvérsias e audácias intelectuais da época deixaram-no indiferente.

Capital da Áustria, nos primeiros anos deste século Viena era um dos centros dessas inovações artísticas, mas Hitler nem se apercebeu de tal fato. Para esse jovem hipersensível, inclinado à contestação, a música fora a grande experiência libertadora da adolescência, mas ele ignorava tudo sobre Schönberg e "a maior revolução jamais vista… nas salas de concerto de Viena", desencadeada pelo compositor austríaco, com seus alunos Anton von Webern e Alban Berg, por ocasião de sua estada na capital. Nada sabia sobre Gustav Mahler ou Richard Strauss, cuja obra era considerada por um crítico em 1907 como "o centro de um tufão que irrompeu no mundo da música". Em vez disso buscava, junto a Wagner e Bruckner, o que deliciara seus pais. Kubizek afirmou que o nome de Rainer Maria Rilke, cujo *Livro das Horas* fora editado em 1905, ou o de Hofmannsthal não tinham "chegado ao seu conhecimento". [46] E se bem que Hitler solicitasse sua admissão à Academia de pintura, não tomou parte alguma no caso dos secessionistas e permaneceu indiferente ao impacto causado por artistas plásticos da importância de Gustav Klimt, Egon Schiele e Oskar Kokoschka. Em troca, buscava inspiração nas fontes da geração anterior e venerava Anselm Feuerbach, Ferdinand Waldmuller, Carl Rottmann ou Rudolf von Alt, passando frequentemente várias horas a admirar, como que enfeitiçado, as fachadas clássicas ou neobarrocas da Ringstrasse. E nem se apercebia da existência na vizinhança dos porta-vozes da nova arquitetura, Otto Wagner, Joseph Hoffmann e Adolf Loos. Ao construir em 1911, sobre a Michaelerplatz, um prédio comercial de fachada lisa e desnuda, justamente defronte de um dos portais barrocos da Hofburg, Loos dava início a uma polêmica apaixonante e, num artigo que fez sensação, pretendera estabelecer uma relação interna entre "o ornamento e o crime". Mas era especialmente o estilo adotado nos salões e nas mansões de Viena que despertava o entusiasmo tão ingênuo e tão pedante de Hitler. Ele passava ao largo, com uma espécie de indiferença pelos testemunhos vivos da efervescência e inovação nas artes. Não o afetou a movimentação da época que, mais do que qualquer outra, foi o palco de "uma série de revoluções artísticas próximas umas das outras". No entanto, ele

acreditava poder descobrir uma tendência a rebaixar tudo isso que era sublime e, como escrevia então, sentia um não-sei-quê estranho e desconhecido que fazia estremecer seus instintos burgueses. [47]

É digno de nota que seus primeiros contatos com a realidade ao nível social e político tenham-se desenvolvido sob auspícios semelhantes. Aí também, a despeito de seus sentimentos contestatórios, as ideias revolucionárias não exerceram sobre ele qualquer atração. Nesse terreno também se revelou partidário paradoxal do que era sacramentado, defendendo uma realidade que ao mesmo tempo recusava. Intervindo em prol dos que o tinham rejeitado, o homem que havia malogrado alimentava a ilusão de se purgar da humilhação sofrida. Esse mecanismo psicológico dissimula um dos traços falhos do caráter de Hitler. Ele próprio contou que, quando trabalhava em construção num canteiro de obras, se afastava dos outros na hora do almoço para um canto "bem longe" com sua garrafa de leite e um pedaço de pão. Qualquer que possa ser o grau de veracidade de seu relato, sua reação "exasperada" em presença do estado de espírito crítico e negativo dos operários correspondia à essência da sua personalidade. "Eles rejeitavam tudo", escreve ele, "a nação, invenção das classes capitalistas; a pátria, instrumento da burguesia para a exploração da classe operária; a autoridade das leis, modo de oprimir o proletariado; a escola, instituição destinada a produzir um material humano de escravos e também de policiais; a religião, meio de debilitar o povo para melhor explorá-lo depois; a moral, princípio de tola resignação própria de carneiros etc. Nada havia de puro que não arrastassem na lama." [48]

Nota-se que todas as noções cuja defesa ele assumiu na sua acusação contra os operários de construções — a nação, a pátria, a autoridade emanada da lei, a escola, a religião e a moral — formam quase que integralmente o catálogo das normas da sociedade burguesa contra a qual já experimentava naquela época seus primeiros ressentimentos. E é essa *Weltanschauung* , essa visão do mundo, que, no decurso de sua vida, aparecerá sempre sobre os planos mais diversos. Reencontramo-la na tática política que o levava sempre a buscar a aliança desses elementos burgueses que ele desprezava, como no ritual, muitas vezes tão cômico, que o fazia beijar a mão de suas secretárias ou oferecer-lhes fatias de bolo com creme na hora do chá em seu quartel-general. Tal qual um monarca de província, Hitler cultivava com uma total vulgaridade as maneiras de homem da "velha escola". Maneiras que eram para ele um meio de provar o *status* social que invejava. E se a imagem do jovem Hitler quase não admite traços especificamente austríacos, um deles é essa consciência particular de sua condição pela qual defendia seu privilégio

de burguês. No seio de uma sociedade que no carinho excessivo pelos títulos atestava o desejo de estipular uma categoria social para todos os tipos de atividade, ele queria pelo menos tornar-se um “senhor”, apesar de toda a mediocridade da existência que levava num quarto mobiliado. E é esse o único motivo pelo qual não conseguiu se integrar nas forças oposicionistas da época, tanto políticas quanto artísticas. O desejo de se adaptar até mesmo no seu obscurantismo ao espírito burguês, que glorificava sem refletir, explica de maneira convincente não só uma parte de seu comportamento exterior, como sua linguagem e maneira de vestir, mas também suas opções ideológicas e estéticas. O desprezo da sociedade lhe parecia infinitamente mais duro de suportar do que a miséria. E quando se via imerso no desespero, não sofria por causa da má organização deste mundo, mas sim devido ao papel tão acanhado que lhe era permitido desempenhar.

Eis por quê, ansioso, evitava cair em contradição e buscava tanto uma aprovação. Como que embriagado pela grandeza e magia da metrópole, olhando com languidez as portas que se lhe mantinham fechadas, não se sentia imbuído de um espírito revolucionário, mas apenas solitário. Ninguém parecia menos predestinado e menos apto do que Hitler a tornar-se um rebelde.

3

Alicerces de granito

O fanatismo é a única forma de vontade que pode ser incutida nos fracos e nos tímidos .

Friedrich Nietzsche

NA FELBERSTRASSE, PERTO DE onde ele morava, havia uma tabacaria onde era vendida uma revista que tratava de problemas raciais. Sua tiragem alcançava cem mil exemplares e seus leitores eram, na maior parte, estudantes e pessoas da classe média. “Você é louro? Nesse caso, você é um gerador de civilização e contribui para mantê-la! Mas certos perigos o ameaçam! Leia então a literatura dos louros e dos defensores do homem!”, anunciava um cartaz de propaganda ali afixado. Editada por um monge despojado de um título nobiliárquico, mas que inventara um para si, cujo nome real era Jorg Lanz von Liebenfels, essa revista, intitulada *Ostara* , nome da deusa germânica da primavera, expunha a teoria tão extravagante quanto sanguinária do combate travado pelos *Asinge* (ou heróis) contra os *Äfflinge* (sub-homens). Em Wertenstein, a fortaleza que pudera adquirir graças à liberalidade de alguns industriais, Lanz von Liebenfels tinha o propósito de fundar e organizar uma espécie masculina de heróis arianos destinados a formar a vanguarda da raça dos senhores louros de olhos azuis na luta sangrenta contra as raças mestiças e inferiores. Sob o signo do estandarte da cruz gamada, que hasteara em sua fortaleza em 1907, prometia substituir a luta de classes propugnada pelos socialistas pela luta racial, devendo para tanto utilizar “o cutelo da castração”. Lanz preconizava a aplicação sistemática de práticas de educação e de eliminação “para exterminar os sub-homens e desenvolver o homem superior da nova era”. À seleção metódica dos nascituros e à higiene racial correspondia um conjunto de medidas prevendo a esterilização, a deportação para “a floresta dos símios”, assim como a liquidação por meio de trabalhos forçados e assassinatos. “Filhos dos deuses”, dizia ele, delirante, “apressai-vos em fazer imolações a Frauja! Deponham a seus pés os filhos dos sub-homens!” A fim de popularizar o ideal ariano, ele recomendava a organização de concursos de beleza racial. Hitler visitou ocasionalmente Lanz para conseguir alguns números atrasados da revista que faltavam em sua coleção. Aparentemente, dedicou-se com fervorosa atenção ao exame da doutrina de Liebenfels, mas lhe deixou a impressão de um moço modesto e retraído. [49]

❖

A análise dos documentos de que dispomos não permite certamente concluir que Lanz von Liebenfels tenha exercido uma influência acentuada sobre Hitler ou ainda que lhe tenha “incutido suas ideias”. A importância desse fundador de uma ordem monástica extravagante e momesca não advém das sugestões concretas que tenha podido formular, mas do papel sintomático que representou: foi ele um dos porta-vozes mais impressionantes da neurose de seu tempo e veio dar uma coloração característica à atmosfera ideológica vienense na primeira década do século XX. Tal constatação nos permite indicar a medida exata de sua influência sobre Hitler, que marcou menos sua ideologia do que a patologia que lhe servia de base.

Esses contatos, assim como os ensinamentos que o próprio Hitler reconheceu ter colhido em artigos de jornais ou edições populares, permitem afirmar que sua visão do mundo era o produto de uma cultura primária representativa do oposto da cultura burguesa. De fato, a oposição plebeia à moral burguesa figura sem cessar na sua ideologia. Seu dilema advinha de que, pela ação daqueles subprodutos, essa cultura burguesa viera após longo tempo a difamar e contestar os valores sobre os quais se fundamentava. Em outras palavras, a cultura primária descoberta por Hitler em Lanz von Liebenfels, ou em outras manifestações culturais vienenses do início deste século XX, não representava, propriamente falando, a negação do sistema de valores vigente, mas sua caricatura. Em seu empenho para se inserir nos quadros da burguesia, Hitler entrou em choque constante, embora sob uma forma sublimada e de melhor qualidade, com as ideias, os complexos e os temores evocados pelos livros populares. Ele não tinha nenhuma necessidade de renunciar às ideias vulgares que o haviam conduzido às suas primeiras opções. Nos discursos dos políticos influentes que escutara com uma admiração respeitosa, nada havia que lhe causasse estranheza. Quer se tratasse de obras de qualidade, como as encenadas na Ópera imperial, ou daquelas de compositores mais comumente executadas — as mais famosas — ele não descobria nelas senão a forma de expressão artística que lhe era familiar. Lanz, a revista *Ostara* e as publicações vendidas a preços populares só lhe permitiam ascender à sociedade pela escada de serviço, mas esse era, de qualquer maneira, um meio de penetrar em seu mundo.

A necessidade de justificar e de consolidar esse acessório social explica igualmente seus esforços iniciais, ainda hesitantes, visando a atribuir uma forma ideológica a seu ressentimento. Por um fenômeno de supercompensação comum aos indivíduos que se sentem ameaçados de uma marginalização social, Hitler assumiu de maneira crescente os preconceitos,

os lemas, as angústias e as reivindicações da boa sociedade vienense. Nesse contexto figuravam tanto o antissemitismo como as teorias relativas à raça pura, nas quais se refletiam a preocupação do germanismo ameaçado e o ódio aos socialistas e igualmente às ideias ditas do darwinismo social. Essas doutrinas racistas se baseavam num nacionalismo exacerbado e a ele se referiam. Tais eram as ideias dominantes pelas quais ele tentava se acercar dos homens que detinham o poder.

Hitler sempre procurou apresentar sua filosofia de ação como resultante de reflexões pessoais. Suas conclusões, a crer nele, seriam devidas a seus dotes de observação e a seu trabalho pessoal. A fim de negar toda influência norteadora, ele mesmo se atribuiria, posteriormente, um liberalismo desprovido de preconceitos. E assim acentuaria, por exemplo, a repugnância que lhe teriam inspirado certas “declarações desfavoráveis” relativas aos judeus durante os anos que viveu em Linz. Mais verossímil, como aliás o afirmaram diversas testemunhas, é que pelo menos seu ponto de partida e a orientação de sua filosofia tenham sido marcados até certo ponto pelo ambiente ideológico da capital da Alta-Áustria.

No início do século, Linz era, realmente, não apenas um dos centros de reunião de grupos nacionalistas, mas também estava impregnada de seu espírito doutrinário. E tal constatação é válida em especial para a escola profissional que Hitler frequentou. Seus alunos exibiam ostensivamente na lapela uma escovinha, flor simbólica de germanidade. Eles erguiam com entusiasmo as flâmulas com as cores do movimento unitarista alemão, preto, vermelho e ouro, saudavam-se com um *“Heil!”* ou cantavam o *Deutschlandlied* em lugar do hino imperial austríaco. Sua oposição nacionalista dirigia-se sobretudo contra a dinastia e se identificava mesmo com o Reich “protestante” ao manifestar-se contra os ofícios religiosos e as procissões de Corpo de Deus. Hitler contou para os comensais de seu quartel-general, durante a guerra, que tivera ocasião de manifestar entre aplausos de seus colegas daquela escola seu espírito de livre-pensador, com observações que confundiam tanto seu professor de religião, Sales Schwarz, que este não sabia como retrucar. [50]

O porta-voz dessas tendências e resistências era o dr. Leopold Potsch, conselheiro da comunidade e professor de história na escola profissional. Potsch causou, evidentemente, profunda impressão no jovem Hitler. Sua eloquência, assim como as cromolitografias com que ilustrava suas aulas, impressionavam e norteavam a imaginação dos meninos. Nas páginas que seu ex-aluno lhe dedicou em *Mein Kampf* há, claramente, um exagero tardio, ainda que Adolf houvesse concluído o ano letivo com uma nota apenas

sofrível em história. Mas o complexo de perseguição do habitante de uma região fronteiriça, a animosidade em relação à monarquia danubiana e sua mistura de raças e nacionalidades, e enfim o antissemitismo fundamental de Hitler tiveram lá certamente sua origem. É provável também que ele lesse a revista essencialmente satírica do movimento de Schönerer, *Der Scherer, O Tosquiador* , "órgão mensal tirolês ilustrado de política e humor na arte e na vida", que circulou em Linz naquele tempo. Em seus artigos, e através de charges ferinas, o mensário abria discussão com os "papistas", os judeus e o parlamento; desfechava críticas à emancipação da mulher, ao relaxamento dos costumes e ao alcoolismo. Desde o seu primeiro número, a revista passou a publicar uma reprodução da cruz suástica, que cada vez mais se impunha como o símbolo de uma profissão de fé em favor da nação alemã. Era descrita como "o fogo verticilado" e que, segundo a mitologia germânica, teria sido a origem da criação do mundo. Parece certo, por outro lado, que o jovem Hitler, tanto em seu período escolar como nos anos ociosos que se seguiram, leu *Altdeutsche Tagblatt* , o *Sudmark-kalender* , muito divulgado entre a burguesia alemã nacionalista, assim como o *Linzer Fliegenden Blatter* , um panfleto pangermanista e ferozmente antissemita. De maneira contrária, com efeito, ao que nos desejaria fazer crer o autor de *Mein Kampf* , e como corolário de uma vasta modificação política e social, o antissemitismo não se restringia a Viena mas se manifestava na província sob uma forma apenas menos violenta. [51]

A esse respeito, Hitler falou sobre o "conflito íntimo" de dois anos que teria marcado "sua mais penosa conversão". No transcorrer desse período, o sentimento de rebeldia nele se manifestaria "milhares de vezes" contra uma razão pretensamente impiedosa, antes que "o cosmopolita sem energia que fora até então viesse a se transformar num antissemita fanático". Na realidade, o que houve foi simplesmente a transformação de uma repugnância indefinível, sem bases sólidas, numa animosidade consciente de seus objetivos. Foi a passagem do plano do simples sentimento para a teologia. Conquanto inofensivo de início e circunscrito a meios-termos de coexistência, o antissemitismo reinante em Linz transformou-se assim, cada vez mais, em uma doutrina de princípios rigorosos e de alcance universal na qual a imagem do inimigo era claramente definida. O dr. Eduard Bloch, médico judeu de seus pais e a quem, nos primeiros tempos de sua estada em Viena, Hitler ainda dirigira "palavras de cumprimento e gratidão"; o dr. Joseph Feingold, advogado; e o moldureiro Morgenstern, que ao adquirir por várias vezes aquarelas de Hitler copiando cartões-postais, encorajava sua vocação de artista; ou, ainda, por exemplo, o companheiro judeu dos tempos do albergue, Neumann, a quem devia grandes favores, enfim, todos esses homens cujas

figuras surgem, sempre, como sombras, no quadro da sua juventude, desapareceram pouco a pouco, mergulhando num segundo plano no decurso dessa mutação desenvolvida gradativamente por diversos anos. Essas figuras foram substituídas na memória de Adolf Hitler por aqueles “personagens de longos caftãs e de cabelos negros” cuja imagem cada vez mais consistente se desenvolvia à maneira de um espectro mitológico. Impusera-se à sua mente “num dia em que percorria a velha cidade”. Ao evocar tal lembrança, Hitler observara com uma ênfase especial que aquela impressão direta, recolhida por acaso, se “metamorfoseara” em seu espírito tomando pouco a pouco a forma de uma ideia fixa dominante:

> Depois que passei a me preocupar com essa questão e que minha atenção foi despertada para os judeus, vislumbrei Viena sob outro aspecto. Em todos os lugares aonde eu ia, via judeus e, quanto mais os contemplava, mais meus olhos aprendiam melhor a distingui-los claramente dos outros homens. O centro da cidade e os quarteirões localizados ao norte do canal do Danúbio formigavam especialmente de uma população cuja aparência não apresentava nenhum traço de semelhança com a dos alemães. (…) Todos esses detalhes já não eram atraentes, e se experimentava até repugnância quando se descobria subitamente sob a sua casca desagradável a sujeira moral do povo eleito. Por que nunca deixava de haver uma sujeira, qualquer que fosse, uma infâmia, sobretudo na vida cultural, da qual um judeu pelo menos não tivesse participado? Tão logo se introduzia um bisturi num tumor desse tipo, poderíamos perceber, como um verme num cadáver putrefato, um pequeno semita ofuscado pela súbita claridade. (…) Passei pouco a pouco a odiá-los. [52]

É provável que não se possa jamais pôr a nu todo o complexo instintivo desse ódio que só fez se intensificar com o tempo e que durou praticamente até seu derradeiro instante de vida. Um de seus equívocos companheiros daqueles anos atribuiu tal sentimento de ódio ao recalque de origem sexual de um filho de burguês desqualificado. Essa pessoa esboçou a tal propósito uma história na qual a imagem de uma certa feminilidade germânica, a rivalidade com um semijudeu e, por fim, a tentativa de Hitler de violar uma modelo desempenham um papel tão grotesco quanto plausível. [53] Oscilando entre um ideal exaltado e obscuros sentimentos de angústia, a representação estranhamente desequilibrada que desde o princípio de sua juventude ele fazia das relações entre homem e mulher não é a única a reforçar a hipótese de um estado sexual patológico. Essa hipótese é apoiada também pelas suas descrições, nas quais sempre aparece a figura de um judeu. Seguramente o ar de obscenidade que envolve todas as páginas de *Mein Kampf* onde ele tenta exprimir sua repugnância não é apenas casual. Não reflete só a lembrança do estilo e da entonação empregados pela revista *Ostara* e os livros de qualidade duvidosa aos quais Hitler devia os deslumbramentos jamais esquecidos da juventude. Esse ar de obscenidade revela muito mais a natureza específica de seu ressentimento.

Uma longa lista das amantes de Adolf Hitler, na qual — detalhe bem

significativo — se encontra mesmo a bela judia pertencente a uma rica família, foi divulgada após a guerra pela camarilha do ditador. Somos levados a dar mais crédito à afirmação de que tanto em Linz como em Viena ele não teria tido “contato real com uma mulher”. De qualquer modo, é certo que nunca conheceu a paixão magnífica que teria sido capaz de libertá-lo de seu egocentrismo teatral.

A contrapartida dessa carência é uma obsessão característica que ele mesmo descreveu como “a visão de um pesadelo com milhares de mocinhas seduzidas por judeus repugnantes e bastardos de pernas tortas”. Lanz já tinha sido atormentado por essa imagem horrível, sonhando sem cessar com aristocráticas mulheres louras submetidas ao assédio de sombras violadoras. Sua teoria racista refletia os complexos sexuais de inveja e uma misoginia declarada. A mulher, afirmava, tinha introduzido o pecado no mundo e a facilidade com que cede aos artifícios lúbricos do sub-homem vizinho da animalidade é a causa principal da poluição do sangue nórdico. Por seu turno, Hitler serviu-se de uma imagem análoga para evocar a verdadeira alucinação na qual se exprime o impulso de uma virilidade retardada e recalcada. “O jovem judeu de cabelo negro, o rosto animado de um prazer satânico, espreita durante horas a fio a inocente jovem que irá conspurcar com seu contato e arrancar do seio do povo a que ela pertence.” Aqui mergulhamos de novo no mundo de lugares-comuns grosseiros e gastos do sonhador insatisfeito e, sob muitos aspectos, somos forçados a pensar que a atmosfera realmente sufocante na qual se desenvolve o programa da ideologia nacional-socialista é explicada como um fenômeno de recalque sexual no seio do mundo burguês. [54]

Kubizek, o amigo da juventude, e outros companheiros que emergiram da penumbra da clandestinidade vienense frisaram que Hitler se indispôs desde cedo com o mundo inteiro e sentia ódio por tudo o que o cercava. É lícito concluir então que seu antissemitismo não era senão a forma acanhada de um ódio até então difuso e que encontrou afinal seu alvo definido no judeu. Em *Mein Kampf* , defendeu a tese de que não se deve jamais indicar às massas mais de um inimigo de cada vez, porque, apontando-lhes vários, lança-se dúvidas em suas mentes. Já foi salientado, e com razão, que esse princípio era particularmente importante para Hitler. Ele sempre concentrou sua paixão com intensidade sem igual sobre um só sintoma, congregando nele todos os males do mundo. E suas acusações sempre tiveram um alvo que lhe era fácil delinear sob uma forma concreta, não sendo nunca um conjunto de causas difíceis de entender. [55]

Mas ainda que seja impossível distingui-lo em seu estágio inicial, ou mesmo simplesmente estabelecer o motivo que explicaria a natureza do

terrível complexo de Hitler em relação aos judeus, podemos pelo menos partir da ideia de que se trata essencialmente de uma transferência para o plano político das dúvidas interiores experimentadas acerca de si mesmo por um desclassificado tão ambicioso como desamparado. Porque, ao notar que estava prestes a se tornar um marginal, viu a necessidade de tomar consciência da angústia provocada por essa queda na escala social. Ao mesmo tempo, extraía da observação do fenômeno judaico o ensinamento que daí lhe advinha, o “pobre-diabo”, a lei histórica e a natureza de seu caso. O próprio relato de Hitler reforça, além disso, a tese segundo a qual ele se converteu ao antissemitismo após ter dilapidado a herança deixada pelos pais. Se então não se achava na dura miséria a que se refere mais tarde, pelo menos vivia às voltas com certas dificuldades financeiras e, em todo caso, descera muito mais baixo na escala social do que julgara possível – ele, que sonhara representar um papel destacado no mundo das artes, tornar-se um gênio e maravilhar o mundo.

Viena, a Viena alemã e burguesa do despertar deste século, para a qual se voltaria toda sua ânsia de contatos sociais, achava-se então sob o signo de três influências predominantes: politicamente, estava submetida à ação de Georg Ritter von Schönerer e de Karl Lueger. Em troca, no domínio intermediário entre a política e a arte, que, a seguir, teria uma importância tão decisiva sobre a carreira de Hitler, ela se via dominada pela personalidade todo-poderosa de Richard Wagner. Essas foram as três figuras-chave dos anos de formação de Adolf Hitler.

De fonte segura, soubemos que, em Viena, Hitler se apresentou como discípulo e imitador fervoroso de Georg von Schönerer, cujos axiomas emoldurou e afixou na parede sobre a cabeceira da cama. “A catedral da Germânia será construída sem a ajuda de Judá e de Roma. *Heil!* ”, enunciava um dos lemas, enquanto o outro expressava o desejo dos alemães da Áustria de serem reunidos à mãe-pátria [56] , máximas que formulavam desde já, no essencial, com alcance popular, o programa do movimento pangermanista de von Schönerer que, diferentemente da associação de mesmo nome atuante na Alemanha, não perseguia objetivos expansionistas e imperialistas sob o *slogan* de uma “*Weltpolitik* alemã” mas visava a reunir todos os alemães no seio de uma federação. Em oposição à associação organizada no Reich, ela preconizava a renúncia aos territórios não alemães na monarquia e se pronunciava contra a existência do estado plurinacional.

Georg Ritter von Schönerer, fundador desse movimento, era o proprietário por direito de herança daquela região florestal próxima da fronteira e que fora

o berço da família de Hitler. Após ter iniciado sua carreira como democrata revolucionário, pouco a pouco substituíra suas ideias de reforma política e social por um ultranacionalismo. Como se possuído pelo complexo da alienação, só via ameaças em toda parte pairando sobre o germanismo. Essas ameaças eram representadas pelos judeus, pelo catolicismo romano, pelos eslavos e os socialistas, pela monarquia dos Habsburgos e por todas as formas de internacionalismo. Concluía sempre suas cartas com “saudações alemãs”, participava de toda a sorte de manifestações destinadas a ressuscitar os costumes germânicos e recomendava o uso de um calendário alemão que teria fixado o início de nossa era no ano 113 antes de Cristo, data em que os cimbros e os teutões exterminaram as legiões romanas na Batalha de Noreia.

Schönerer era um fanático, aferrado a princípios e de gênio irritadiço. Em resposta à atitude benevolente do pequeno clero eslavo em relação às nacionalidades, organizou o movimento “Los von Rom”, “livremo-nos de Roma”, e incorreu assim na inimizade da Igreja Católica. Foi o primeiro a dar à corrente de ódio contra os judeus na Europa, que até então se inspirava essencialmente em motivos religiosos e econômicos, a forma de um antissemitismo baseado em considerações político-sociais e sobretudo biológicas. Esse demagogo, que conhecia perfeitamente os efeitos insuperáveis do apelo aos instintos primitivos, mobilizou a resistência a todas as tendências assimiladoras sob o lema de que a religião importa pouco, é no sangue que se encontra a imundície. Foi ele o precursor de Hitler não só pela monomania com a qual estigmatizava os judeus, nos quais via a causa inicial de todos os males e angústias do mundo, como também pelo caráter absolutista de sua declaração de guerra. Foi o primeiro, dentro do clima morno e tolerante da velha Áustria, a mostrar tudo isso que podia ser engendrado pela exploração da ansiedade de uma raça e de uma nação. Via com profunda inquietação chegar o dia em que a minoria alemã seria sufocada e “massacrada”. A fim de frustrar tal ameaça, pediu a promulgação de leis de exceção contra os judeus; seus partidários usavam preso à corrente do relógio um emblema antissemita representando um judeu no patíbulo e, no parlamento de Viena, atreveram-se a exigir o pagamento de um prêmio por judeu abatido, fosse em dinheiro, fosse em forma de adiantamento sobre os bens da vítima. [57]

Mas a impressão causada em Hitler por outro porta-voz do antissemitismo pequeno-burguês, o dr. Karl Lueger, foi, sem dúvida, mais durável ainda. Em *Mein Kampf* , expressou sua admiração pelo prefeito de Viena e orador destacado do partido cristão-social com mais influência do que nenhum outro. Hitler o exaltou não apenas como uma personalidade “verdadeiramente

genial” e como “o melhor e mais vigoroso de todos os prefeitos alemães de todos os tempos”, mas também como “o derradeiro grande alemão da fronteira do leste”. [58] Criticou severamente, é bem verdade, certos aspectos de seu programa de ação e em particular seu antissemitismo superficial e oportunista, assim como sua fé na capacidade de sobrevivência do estado multinacional. Mas sentir-se-ia profundamente impressionado com o virtuosismo demagógico e a habilidade tática, muito flexível, com a qual Lueger conseguia captar em seu proveito, no plano social, o sentimento preponderante tanto cristão como antijudeu.

Ao contrário de Schönerer, que, aferrando-se a princípios com uma intransigência arrogante, despertou contra si inimizades poderosas e condenou-se assim à incapacidade de ação, Lueger era conciliador, hábil e popular. Não fazia senão se utilizar das ideologias, no íntimo as desprezava, pensava em termos táticos e pragmáticos, as coisas importando-lhe mais do que as ideias. No decurso dos 15 anos em que exerceu as funções de prefeito, a rede de transportes urbanos foi modernizada, a organização do ensino público melhorada, a assistência social dinamizada, as áreas verdes aprimoradas e perto de um milhão de novos empregos foram criados em Viena. Lueger baseou seu sucesso sobre a adesão dos operários católicos, assim como sobre a pequena burguesia, sobre os empregados e os funcionários mais modestos, os pequenos comerciantes, os porteiros e zeladores, e os párocos que, em vista das transformações então ocorridas e da industrialização, temiam o desnível social e a pobreza. Tanto como Schönerer, ele tirava partido dos sentimentos de angústia atuantes em amplas camadas da população e só tomava como alvo inimigos cuidadosamente escolhidos e fáceis de identificar. Mas, por outro lado, não formulava sua doutrina apelando para cores sombrias, preferindo recorrer aos lugares-comuns em que o toque humano era sempre gratificante. Assim, a fórmula por ele empregada com mais frequência era: “É preciso ajudar os humildes.”

A admiração persistente que Hitler lhe devotava não se endereçava ao discípulo espiritual de Maquiavel instalado na prefeitura: era motivada na realidade pelas afinidades que acreditava descobrir em Lueger, pelo caráter daquele homem no qual via um exemplo, mas também uma semelhança consigo mesmo. Descendendo como ele de um ambiente modesto, Lueger tivera consciência de todas as oposições, de todos os desfavorecimentos e de todo o menosprezo de seu meio. Chegara mesmo a arrostar as objeções do imperador, que por três vezes se recusara a confirmar sua escolha como prefeito, antes de obter o reconhecimento daquela sociedade à qual ele também aspirava tanto pertencer. Enquanto Schönerer tinha afrontado com

coragem, mas também com insensatez os inimigos que ele próprio criara, Lueger abriu o caminho graças às alianças que, de maneira infatigável, buscara e consumara com os grupos dirigentes. Hitler sempre reafirmou que Lueger fora resoluto "ao se servir de todos os meios existentes para captar os favores das grandes instituições estabelecidas, pondo-se de acordo com elas, a fim de extrair dessas antigas fontes de poder o maior proveito possível para o seu movimento".

O partido de massas organizado por Lueger com a ajuda de palavras de ordem que apelavam para as emoções coletivas veio provar que, tal como ocorrera com a aspiração à felicidade um século antes, a angústia se constituía na Europa num conceito novo, bastante poderoso para eclipsar até mesmo o interesse de classe.

A ideia de um socialismo nacional se desenvolveu de início na mesma direção. Nas regiões austro-húngaras da Boêmia e da Morávia em vias de uma industrialização rápida, operários alemães se reuniram em 1904, em Trautenau, formando um partido dos trabalhadores alemães (DAP-*Deutschen Arbeiter Partei*) a fim de defender seus interesses contra a invasão da mão de obra tcheca mais barata que afluía do campo para as cidades e servia muitas vezes para furar as greves. Esse era um ponto de partida para esforços que assumiam as formas mais diversas através da Europa, objetivando solucionar o dilema do socialismo marxista – que, na verdade, nunca conseguira superar realmente as antinomias nacionais e não soubera transformar em realidade as palavras de ordem que endereçava à humanidade. No plano teórico da luta de classes, o socialismo marxista não encontrava eco na consciência nacional particular do trabalhador alemão. Os membros do novo partido foram recrutados no seio de uma parcela ponderável de antigos membros da social-democracia que tinham abandonado suas convicções por temerem, evidentemente, que a política da solidariedade proletária viesse beneficiar somente a maioria tcheca da região. Essa política, declarou o programa do DAP, "está errada e causou danos incomensuráveis aos alemães da Europa central".

Identificar seus interesses nacionais e sociais aparecia aos olhos daqueles alemães como uma verdade generalizada de aplicação imediata, que opunham ao internacionalismo dos marxistas. A ideia de comunidade nacional lhes proporcionava o meio de conciliar o socialismo com o sentimento patriótico. O programa do novo partido unia de maneira quase paradoxal tudo aquilo que fazia coro às necessidades de se defender e se afirmar. Na verdade, atribuíra a si mesmo objetivos anticapitalistas, revolucionários, democráticos, mas aqui e ali descobriam-se fórmulas autoritárias e irracionais que traduziam tendências

agressivas em relação aos tchecos, aos judeus e a esses a que chamavam elemento racialmente estrangeiro. Os primeiros a aderirem ao partido foram os operários de pequenas empresas de mineração e da indústria têxtil, os ferroviários, os artesãos e os empregados humildes dos sindicatos. Eles se sentiam mais próximos dos burgueses alemães — farmacêuticos, industriais, altos funcionários ou comerciantes — do que dos manobreiros tchecos. E criaram para si mesmos, desde então, a denominação de nacional-socialistas.

Mais tarde, Hitler não se lembraria senão a contragosto desses precursores, ainda que, por instantes, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, mantivesse com eles relações muito estreitas. Seus irmãos espirituais da Boêmia punham em discussão o mérito, reivindicado de modo crescente pelo Führer do Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialistas Alemães (NSDAP), os Nazis, de ter sido o primeiro a conceber a ideia-mestra do século. Hitler tentou desenvolver em *Mein Kampf* tal ideia, ao traçar um paralelo entre Lueger e Schönerer, e a apresentou numa certa medida como uma concepção pessoal, reunindo elementos emprestados de um e de outro:

> Se o Partido Social-Cristão — escreve Hitler — tivesse associado à sua compreensão das massas uma concepção mais justa do problema das raças, como fizera o movimento pangermanista, se, enfim, se tornasse nacionalista, ou, ao contrário, se o movimento pangermanista; com sua exata noção do problema judeu e da importância da ideia nacionalista, tivesse adotado a sabedoria prática do Partido Social-Cristão e sobretudo sua atitude em face do socialismo, então sim, nós teríamos contado com um movimento que teria conseguido, creio eu, desempenhar com êxito seu papel no destino dos alemães. [59]

Invocou tal objeção justificando a recusa em aderir a um daqueles partidos. É mais provável que, durante a maior parte dos anos que passou em Viena, Hitler não tivesse nenhuma concepção política pessoal e amadurecida, mas fosse unicamente influenciado pelos sentimentos de ódio nacional e pelas preocupações defensivistas enunciadas por Schönerer. A isso se acrescentavam alguns preconceitos, alimentados em surdina, principalmente contra os judeus e outras raças consideradas inferiores, assim como uma necessidade incontida de se declarar, fruto de suas esperanças frustradas. Hitler captava mais por instinto que pela razão o que ocorria a seu redor e, devido à coloração eminentemente subjetiva de seu interesse pelas coisas públicas, era mais “politiqueiro” do que político. Ele mesmo reconheceu que, não tendo tido de início senão aspirações artísticas, passara a se interessar por política apenas de maneira “superficial”. Foi unicamente, segundo suas próprias palavras, “a mão do destino” que lhe teria aberto os olhos. Mesmo no decorrer da história da amarga animosidade sentida pelo jovem operário do canteiro de obras, que passou a figurar mais tarde em todos os manuais escolares e faz parte integrante da lenda tecida em torno de Hitler, ele reluta

diante do convite para ingressar no sindicato e invoca a esse respeito o argumento surpreendente segundo o qual “não entendia do assunto”. Vários fatos indicam que a política foi para ele durante muito tempo apenas um meio de aquietar seu “eu”, uma chance de fazer acusações ao mundo e de explicar por sua organização mental defeituosa seu próprio destino, e enfim de encontrar bodes expiatórios. Um detalhe característico é que ele se limitou então a aderir à liga antissemita. [60]

❖

Hitler não tardou a deixar o quarto mobiliado da Felberstrasse, no qual se instalara após afastar-se de Kubizek: no período anterior ao mês de novembro de 1909, ele se mudara diversas vezes; numa dessas ocasiões anunciara-se como “artista-pintor”; em outra, alegara ser “escritor”. Há certa razão em supor que, tentando evitar ser localizado pela junta de recrutamento militar, buscava iludir as autoridades. No entanto, também se pode explicar sua atitude pela ânsia de estar sempre se agitando, herança paterna, como pela índole nervosa e desordenada. As descrições que se tem dele nesse período mostram-no um moço pálido, meio curvado, mechas de cabelo caindo sobre a testa, o corpo sacudido por uma gesticulação brusca. Mais tarde declararia que se portara muito timidamente na ocasião, pois não ousara apresentar-se a um grande homem que dirigia a palavra a um grupo reduzido de cinco pessoas. [61]

Continuava a receber sua pensão de órfão que, como já vimos, obtivera de maneira fraudulenta sob a alegação de que estudava na Escola de Belas-Artes. Entretanto, a herança do pai, assim como a parte que lhe coubera da venda da casa paterna, pareciam ter sido de todo gastas em fins de 1909. Seja como for, em novembro ele deixa o quarto alugado da rua Simon-Denk-Gasse onde morava na qualidade de sublocatário desde setembro. Konrad Heiden, autor da primeira biografia importante de Hitler, declarou que, naquela época, ele estava na “mais negra miséria”, passando noites ao desabrigo, dormindo nos bancos de jardins públicos ou nos cafés, até o momento em que os rigores do inverno forçaram-no a procurar um teto. O mês de novembro fora excessivamente frio, chovia muito e à chuva misturavam-se quase sempre camadas de neve meio derretida. [62] Durante esse mesmo mês ele fez fila com os outros indigentes que acudiam todas as noites ao albergue para os desabrigados de Meidling. Ali travou conhecimento com um vagabundo, Rheinhold Hanisch, que descreveu as incidências desse encontro num relato escrito mais tarde. “Após ter perambulado durante muito tempo pelas estradas da Alemanha e da Áustria”, escreve Hanisch, “fui bater à porta do albergue para indigentes, em Meidling. Deitado na cama de ferro à minha esquerda

estava um homem magro, os pés esfolados pela caminhada. Como me restasse ainda um pedaço de pão que os camponeses me haviam dado, eu o dividi com ele. Expressava-me então numa linguagem muito marcada pelo dialeto berlinense e percebi que ele vibrava de entusiasmo pela Alemanha. Eu passara pela sua aldeia natal de Braunau sobre o Inn, e assim também me interessei por tudo o que ele dizia."

Até o verão de 1810, ou seja, durante uns sete meses, Hitler e Hanisch estreitaram a amizade e se associaram comercialmente. Claro que a fonte de informações não é muito digna de crédito, como todas as referentes à primeira fase da vida de Hitler; no entanto há uma certa verossimilhança psicológica quando Hanisch salienta a tendência de seu companheiro a monologar imerso numa inação constante. E Hanisch frisa ainda que todo o seu empenho para procurar trabalho junto com ele fracassou. De fato, a contradição viva entre a nostalgia burguesa de Hitler e a realidade nunca se mostrou tão claramente como durante as semanas passadas no albergue entre aquelas criaturas fracassadas e ambíguas. Um desses indivíduos, Rheinhold Hanisch, dominado por instintos primitivos, era seu amigo, mas em 1938, quando tentou rivalizar com ele, Hitler mandou assassiná-lo. Mesmo no clímax da vida, trapaceando da maneira mais estranha com a dura realidade daquele período de miséria, Hitler se obstinava em afirmar: "Mas, na imaginação, eu vivia num palácio." [63]

Empreendedor, astuto e familiarizado com todo tipo de apertos, conhecedor dos truques e vicissitudes de sua classe, esse mesmo Hanisch perguntou um dia a Hitler qual o ofício que tinha aprendido, e ouviu em resposta que fora o de pintor. Supondo tratar-se de pintura de paredes, Hanisch argumentou que, tendo tal habilidade, ele poderia ganhar dinheiro trabalhando em construções. Nesse instante, quaisquer que sejam as reservas suscitadas pelo testemunho de Hanisch, o jovem Hitler se revela através do relato muito de acordo com seu personagem. "Ele se mostrou vexado", salienta, "e respondeu que não era um pintor dessa espécie, mas um artista que tinha feito estudos de pintura." É certo que, por proposta de Hanisch, os dois resolveram se associar. Pouco antes do Natal, instalaram-se numa espécie de hotel popular, a Mannerheim [casa para homens] da Meldemannstrasse, no 20º distrito. Durante o dia, quando os quartos deviam ser liberados, Hitler sentava-se na sala de leitura, diante de jornais esparsos e publicações de divulgação científica, ou então punha-se a pintar cartões-postais e esboços de litografias inspiradas sobretudo em motivos vienenses. Essas aquarelas copiadas fielmente eram revendidas depois por Hanisch aos negociantes de quadros, a moldureiros e também aos tapeceiros que as transformavam, de acordo com a moda vigente então, "em obras de ornamentação incorporadas

aos encostos requintados das poltronas e dos sofás”. Depois era feita a divisão dos lucros. Hitler declarou que não vendia pessoalmente seus trabalhos porque não podia apresentar-se aos compradores malvestido como andava então. Hanisch assegurou que, por seu turno, conseguiu arrumar “um número respeitável de encomendas. Dessa maneira, pudemos viver razoavelmente… E assim as semanas foram passando”. [64]

Os pensionistas do albergue procediam de todos os meios sociais, sendo na maioria jovens operários e empregados que trabalhavam nas fábricas e empresas dos arredores; havia também artesãos modestos e aplicados, e em seu relato Hanisch registra, por exemplo, a presença de copiadores de partituras, pregadores de cartazes, gravadores de monogramas. Mas eram sobretudo criaturas desajustadas, vivendo num ambiente que marcava bem sua condição. Naquela hospedaria havia muitos aventureiros, comerciantes falidos, jogadores, mendigos, prestamistas ou oficiais dispensados, todas as aves de arribação e tratantes procedentes das diversas províncias do estado multinacional. E também aqueles que se apelidavam os “Mercadores”, judeus das regiões orientais da monarquia danubiana, que tentavam a escalada social como mascates, compradores e vendedores de móveis usados ou revendedores de trabalhos de agulha. Se a miséria comum os unia, em troca a vontade de escapar dela os separava. Sempre à espreita, buscavam a ponta do trampolim que lhes permitiria ascender na sociedade, mesmo que fosse em detrimento dos demais. “A falta de solidariedade é a característica da ampla classe dos desajustados.” [65]

Hitler não tinha amigos no albergue, à exceção de Hanisch. Os que o conheceram então salientaram sua irritabilidade e ele mesmo viria a expressar a repugnância, “a náusea profunda” [66] que lhe inspirava o tipo do vienense propriamente dito. Entretanto, é-nos lícito supor que ele não procurava fazer amigos, porque, após ter saído do albergue para indigentes com a ajuda de Hanisch, toda demonstração de intimidade só conseguia irritá-lo e cansá-lo. Em troca, achou na hospedaria, entre criaturas simples, essa espécie de camaradagem que permite ao mesmo tempo o contato humano e o anonimato associados a uma lealdade que pode ser esquecida a qualquer momento. Essa experiência, que nunca esqueceria, foi se renovando no correr dos anos seguintes com pessoas quase idênticas, em níveis sociais diferentes, nas trincheiras da frente de batalha, em meio a seus ajudantes de ordens e seus motoristas particulares, cuja presença sempre reclamava quando era chefe de partido ou chanceler do Reich, ou mesmo no mundo-bunker de seu QG. Em toda parte parecia reencontrar o modo de vida do albergue, onde a forma elementar de coexistência correspondia com exatidão à ideia que fazia das

relações humanas. Entre os gerentes da hospedaria, passava por um “politiqueiro” altercador e agressivo. “A situação por vezes esquentava”, declarou Hanisch em seu relato, “e nós éramos então alvo de olhares hostis.”

Era evidente que Hitler defendia suas opiniões com intransigência e lógica. Mas o caráter extremado de suas alternativas, o exagero com que se apaixonava pela mais simples das suas ideias, eram parte de seu feitio espiritual; sua atitude de contestação permanente levava-o a julgamentos excessivamente severos e ele transformava acontecimentos sem importância em verdadeiras catástrofes metafísicas. Desde sua adolescência, só se sentira atraído pelos grandes feitos. Eis aí uma das razões de sua afinidade com o heroísmo tão ingênuo e já superado nas artes e que o levará a admirar as decorações grandiosas e a idealização. Os deuses, os heróis cujas façanhas eram celebradas sob uma forma épica, na base de superlativos grandiloquentes, o estimulavam e disfarçavam a banalidade de suas condições de vida. “Em musicka [*sic*], Richard Wagner inflamava-o”, escreveu Hanisch, com tantos erros de grafia quanto perspicácia. Por sua vez, Hitler declararia mais tarde que naquela época já esboçara seus primeiros projetos de reconstrução de Berlim. De fato, sua necessidade de alimentar a mente incessantemente com novos planos ajusta-se a essa perspectiva. Tendo conseguido, dizem, um emprego no escritório de uma firma de construções, seus antigos sonhos de ser um arquiteto foram logo reavivados. E tendo presenciado os testes de voo de alguns modelos de avião, já se imaginava dono de uma fábrica desses aparelhos e, assim, “rico, muito rico”. [67]

Sempre na expectativa, preparava um cartaz publicitário, supostamente agenciado por Greiner, que fazia a promoção de uma brilhantina para os cabelos, recomendava o uso de colchões de molas de uma firma da Schmalzhofgasse e ainda um talco antissuor chamado “Teddy”. O trabalho que traz a assinatura indubitável de Hitler pôde ser encontrado posteriormente. De feitura quase desajeitada, a um só tempo afetada e primária, o desenho nos apresenta dois carteiros. Enquanto um deles, exausto, teve que sentar-se a fim de enxugar as gotas espessas de suor azulado que deslizam sob suas meias, o outro declara a seu “querido irmão” que a escalada diária de uns 10 mil degraus transforma-se até “num prazer quando se usa o Talco Teddy”. Noutro anúncio que também se conservou vê-se o campanário de Santo Estevão, que ergue a silhueta majestosa sobre uma montanha de sabonetes. Entre essas incidências de sua vida, Hitler lembrou-se especialmente da fase durante a qual, afinal, enche seus dias. Por horas, debruça-se sobre os jornais nos pequenos bares onde a consumação era mais barata. Sua leitura favorita era então o jornal antissemita *Deutsche Volksblatt* .

No retrato feito em linhas gerais daquele jovem de vinte anos, as características dominantes são incontestavelmente apolíticas, no sentido estrito do termo. São as de um egocêntrico que se afasta da vida. Falando do homem que era àquela época, ele mesmo se definiu como um ser à parte. [68] Durante aqueles anos não foi só no domínio da música que Richard Wagner se tornou seu ídolo. Mais do que isso, Hitler pressentira nas primeiras decepções do grande compositor, na sua solidão e vocação decidida, coroada finalmente pelo "esplendor da glória mundial", [69] a prefiguração exata da sua própria vida. Depois de Hitler, outros demonstraram a sedução exercida pela noção de genialidade, exemplificada até em seus exageros pelo mestre de Bayreuth. Foi por ele que uma geração chegou a ser arrastada, desencaminhada e alienada do mundo burguês.

A admiração por Richard Wagner completa a imagem de que os primeiros contornos surgem através da recusa do regime escolar pelo jovem Hitler, através da atração exercida sobre ele pela grande cidade de paisagens grandiosas e cheias de feitiço. Entre seus contemporâneos, numerosos são os que se lançaram com as mesmas aspirações exaltadas naquele caminho, uma espécie de estrada real oferecida aos desajustados talentosos e instáveis. A silhueta sombria e sem relevo do filho do funcionário aduaneiro de Linz surgiu de maneira imprevista no meio de uma galeria romântica de alunos rompidos com as escolas, na qual figuram Thomas e Heinrich Mann, Gerhart Hauptmann e Hermann Hesse. O tipo do adolescente que escapa à vida está presente em numerosas criações literárias dos anos iniciais deste século. Nós o encontramos em 1901, no romance de Emil Strauss, *Freund Hein* ; em *Traumstunde* , de Rilke (1902); em *Der junge Torless* , de Robert Musil (1906); em *Fruhlings Erwachen* , de Frank Wedekind (1906); em *Unterm Rad* , de Hermann Hesse (1906), ou, um ano mais tarde, em *Mao* , de Friedrich Huch. Em sua fuga ou sua derrota, todos esses personagens exibiam um traço comum: exaltavam com entusiasmo, no plano estético, a rejeição do mundo burguês, e opunham o ideal do artista intransigente ao mundo estreito dos pais. Por trás de tal atitude, havia a antítese romântica do artista e do burguês, e mesmo do gênio e do burguês, à qual desde Karl Moor e outras figuras de chefes de quadrilhas ou de rebeldes melancólicos, a consciência burguesa, inclinada a duvidar de si mesma, devia o anti-herói, objeto de sua admiração. Para eles, o espírito burguês não era senão sinônimo de ordem, de aplicação, de durabilidade, virtudes que em todos os tempos significaram garantia de eficiência. Em troca, as escaladas inauditas do espírito humano, suas ações gloriosas não se consumavam senão no isolamento, na mais extrema solidão humana e social. O artista, o gênio, ou mesmo a personalidade complexa, eram profundamente estranhos ao mundo burguês, e seu ambiente social se

situava muito longe, à margem da sociedade, num lugar, como acentuou de modo patético o primeiro analista desse tipo de humanidade, a igual distância do necrotério dos suicidas e do panteão da imortalidade. [70] Em relação a esse ideal, como parecem irrisórios e vis os preparativos aos quais se entregava o jovem Hitler para realizar seus ambiciosos anseios de artista, como seu talento parece duvidoso, como sua existência no albergue traz em si mesma a marca de hábitos parasitários e antissociais! Todos esses traços encontram, no entanto, sua secreta justificativa na representação que a burguesia fazia do gênio no fim do século passado. E seu modelo era, sem dúvida, Richard Wagner.

De fato, o próprio Hitler asseguraria depois que, à exceção de Richard Wagner, não tivera "precursores", e se referiu expressamente não apenas ao músico e ao poeta dramático, mas à personalidade poderosa, "a maior figura de profeta da história alemã". Tinha o costume de frisar com deleite a importância capital de Wagner "para o desenvolvimento do homem alemão", admirava também a coragem, a energia com as quais se introduzira no plano político e afirmava por vezes que a descoberta de sua afinidade muito íntima com o grande homem produzira nele, Hitler, "uma excitação quase histérica". [71]

Não é difícil, com efeito, descobrir as concordâncias que os unem. O contato de seus temperamentos, intensificado ainda mais pelos discípulos admiradores do jovem copiador de cartões-postais, trazem à tona uma estranha semelhança familiar que se consuma no retrato provocante do "irmão Hitler" que Thomas Mann foi o primeiro a identificar. "Quer se queira, quer não", escreveu Mann em 1938, no clímax dos triunfos hitleristas, "não é necessário reconhecer no caso Hitler uma manifestação aparentada com a atividade artística? Num estilo que nos inspira ódio, sem dúvida, todas as características do artista estão presentes no personagem: a 'dificuldade', a indolência, os vagos apelos aos sentimentos íntimos e melancólicos da adolescência, a vagabundagem, a irresolução, as andanças sem rumo certo meio tolas, numa boêmia social e espiritual do mais baixo teor, a recusa arrogante de qualquer atividade racional e honrosa e sob que pretexto afinal? O de se sentir vagamente consagrado a um destino inteiramente indefinível que, se fosse fixado, admitindo-se que fosse possível fazê-lo, provocaria uma onda de riso unânime. Acrescente-se a isso a consciência deformada, o sentimento de culpa, a cólera contra o mundo, o instinto revolucionário, o acúmulo subconsciente de desejos explosivos de compensação, a consciência teimosa de uma necessidade de autojustificação, de defesa… Eis um parentesco sumamente penoso. No entanto, não mais me furtarei a denunciá-lo." [72]

Há ainda outras analogias surpreendentes: aqui, como antes, a penumbra que envolve a identidade dos seus ascendentes, o insucesso escolar, a evasão ao serviço militar, o ódio patológico pelos judeus, e da mesma forma o vegetarianismo que, como em Wagner, deu lugar à ideia absurda e ridícula de que a humanidade deveria ser regenerada por um regime alimentar à base de vegetais. Ambos tinham em comum também o caráter extremado de suas reações, o estado permanente de exaltação no qual as depressões e a euforia, os triunfos e as catástrofes alternavam-se sem intervalo. Em numerosas obras de Richard Wagner há a presença da antítese clássica do rebelde obedecendo unicamente à sua lei pessoal e da ordem rígida da sociedade. Sentado diante da sua caixa de tintas na sala de leitura do albergue, o recusado pela Escola de Belas-Artes via em *Rienzi* ou em *Lohengrin* , em *Stolzing* ou em *Tannhäuser* a encarnação mais sublime de seu conflito pessoal com o mundo. Um como o outro eram animados de uma vontade de poder exacerbada, de uma tendência essencialmente despótica, e a arte de Richard Wagner nunca conseguiu fazer esquecer de todo a que ponto ele estaria a serviço de uma vasta manobra de domínio. Assim se explica seu gosto tão irresistível quanto equívoco sobre o plano da arte pelo espetáculo de massas, as manifestações imponentes e embriagadoras por serem desmedidas. A primeira grande composição de Wagner após *Rienzi* e o *Holandês voador* foi um coro para duzentas vozes masculinas e uma orquestra de cem executantes. E foi essa consideração cínica quanto ao efeito a alcançar que fixou nele, Wagner, um gosto particular pelas drogas e pelo estrépito dos trovões. Encontra-se isso constantemente no enfeitiçamento ao qual ele se entregou ao utilizar o tímpano gigante no momento em que se desenvolve, em meio ao clarão produzido por archotes, um espetáculo que tem algo ao mesmo tempo do Walhalla, da revista musical e do ofício religioso. Sem essa tradição da ópera, sem a arte propriamente demagógica de Richard Wagner, o estilo representativo do III Reich é inconcebível.

Tanto um como o outro tinham em comum um sentido aguçado das nuanças psicológicas e uma espantosa aceitação da vulgaridade. A isso eles devem esse traço de pretensão plebeia que foi posta em relevo por julgamentos análogos de que têm sido alvo há dezenas de anos. Gottfried Keller falou a propósito do poeta-compositor como sendo um “cabeleireiro e um charlatão”, ao passo que, com uma acuidade marcada pelo ódio, um observador contemporâneo definiu Hitler como o tipo acabado do “*maître* de restaurante” estigmatizado, e outro ainda o descrevia como um retórico assassino e sádico. [73] De fato, o elemento de vulgaridade, de vileza que essas fórmulas objetivam é próprio tanto de um como de outro, é um traço que sobressai da fraude geral e da trucagem inspirada. E assim como Richard

Wagner tinha conciliado o papel de revolucionário com o de amigo do rei, e se tornara, como disse mordazmente Karl Marx, o “menestrel do estado”, o jovem Hitler também sonhava de modo impreciso com uma carreira na qual seu ódio pela sociedade se harmonizaria com os seus instintos oportunistas. Wagner eliminou todas as contradições notórias de sua existência ao atribuir à arte e ao artista o papel supremo. Segundo ele, ambos deviam intervir como salvadores todas as vezes “em que o estadista se desespera, em que o político cede ou renuncia, o socialista se cansa de aplicar sistemas estéreis, o filósofo também se limita a interpretações e deixa de ser um profeta”. Preconizava um esteticismo total, no qual a arte exerceria ação preponderante. [74] Assim o estado devia ser elevado à altura de uma obra-prima e a política renovada e completada graças à contribuição espiritual da arte. É fácil descobrir diversos componentes de tal programa na teatralização da vida pública do III Reich, na paixão pela encenação demonstrada pelo regime, na dramaturgia de seus métodos que parecia ser com frequência o objeto mesmo de sua política.

Há ainda outras correspondências. A tendência inata ao “diletantismo”, que Friedrich Nietzsche registrou na sua célebre *Quarta reflexão inatual* , referindo-se ao amigo que admirava ainda, é encontrada também no seu aprendiz. Todos dois dão mostras muito claras da mesma ânsia de intervir cavilosamente em todos os setores. Eram atormentados pela mesma ambição de se afirmar, de ofuscar e de se impor; todos dois aspiravam sempre superar de maneira espetacular a glória da véspera depressa esfumada. Tanto em um como em outro torna-se irritante descobrir uma mentalidade de gente vulgar que se avizinha de uma inspiração com longínquas ramificações e lhe é mesmo, por vezes, associada de modo indissolúvel, como se tal associação fosse a própria essência de sua personalidade. O que os diferencia um do outro é em Hitler uma ausência total de autodisciplina e de perseverança no trabalho artístico, uma letargia e uma apatia que quase se assemelham a uma narcose. Ao lado desses traços, descobre-se nele também uma disposição a assumir uma atitude de defesa diante dos perigos da proletarização. Trata-se então de uma demonstração da vontade que tende a impor o respeito, reforçada pelo pressentimento de que um dia ocorrerá alguma coisa de incrível e que todas as antigas humilhações, todas as misérias daqueles anos críticos serão motivo de uma vingança terrível.

Vários pontos de partida nos oferecem a chave das relações teatrais e apolíticas estabelecidas por Hitler com o mundo, sob os auspícios de Richard Wagner. Certo dia, após jornadas consumidas “em meditar e autoanalisar-se” (segundo suas próprias palavras), ele esbarrou, num de seus passeios diários,

com uma manifestação pública dos operários vienenses. Quinze anos depois, a simples evocação da cena despertaria nele a impressão inolvidável que lhe causara a imagem daquele “desfilar sem fim em filas de quatro em quatro”. De pé, na calçada da Ringstrasse, “contendo o fôlego, contemplou durante quase duas horas a imensa serpente humana que se estendia lentamente sob seu olhar”. Em seguida, como que “esmagado”, voltou-se e retomou a consciência de si mesmo, profundamente emocionado com o efeito cênico suscitado pelo desfile. Em todo caso, Hitler não faz aí qualquer referência à motivação política do acontecimento ou às suas causas mais distantes. Sem dúvida estas o interessavam muito menos do que a questão de saber até onde era possível manejar as multidões. Eram os problemas teatrais que o preocupavam, e o político, tal como ele o concebia, tinha sobretudo tarefas de encenação a cumprir. Kubizek já se mostrara impressionado durante os primeiros ensaios dramáticos de seu amigo com a importância dada por este “a uma encenação tão grandiosa quanto possível”. E se, mais tarde, aquele precoce e ingênuo admirador de Hitler viesse a ter dificuldades em se lembrar da trama de suas peças, jamais se esqueceria, no entanto, do “cenário insólito” concebido pelo amigo, cenário que, segundo seu idealizador, “eclipsaria completamente” tudo o que Wagner jamais tinha feito levar à cena. [75]

Mais tarde, Hitler alegaria ter sido beneficiado por uma experiência intelectual variada e afirmaria que nos cinco anos que passara em Viena “lera enormemente e a fundo”. Afora a arquitetura e a ópera, os livros teriam sido “seus únicos amigos”. Mas teria sido sem dúvida mais exato se dissesse que as impressões mais marcantes daquela fase tinham sido colhidas no domínio da demagogia e da tática política, nada tendo a ver com a vida intelectual. Quando os operários da construção quiseram supostamente lançar do alto de um andaime esse filho de funcionário burguês que se mantinha à parte, prisioneiro de seus preconceitos de classe e de sua misoginia, o tumulto momentâneo lhe revelou existir um método muito simples de liquidar com os argumentos. E esse método era, como ele registrou mais tarde, não sem um toque de admiração, “quebrar a cabeça de todo aquele que ousasse se constituir num opositor”. [76] Na sua pobreza doutrinária, as páginas de *Mein Kampf* referentes ao despertar da consciência política de seu autor não permitem descobrir o menor sinal da análise crítica das ideias de seu tempo à qual alega ter se dedicado; na verdade, seguiu cegamente a ideologia germano-burguesa mais difundida. Em troca, as questões relacionadas com a aplicação das ideias, na medida em que estas permitiam mobilizar as massas, mereceram de sua parte um interesse quase ávido e deram origem às primeiras luzes de seu pensamento.

Assim, os anos passados em Viena já atestam a existência daquelas numerosas fórmulas e clichês que, mais tarde, caracterizariam seus discursos e suas proclamações: os "homens nos bastidores", os "personagens ocultos que manejam os cordéis" e impõem sua vontade às massas e outras coisas semelhantes, que abordava com uma teimosia superior a tudo. [77] O relato já mencionado de Hanisch assinala que um dia, tendo assistido à projeção do filme calcado no romance de Bernhard Kellermann *O Túnel* , no qual um orador popular é a atração, Hitler mostrou-se entusiasmado. "Ele passou logo a fazer discursos cheios de verve [*sic*] no albergue", afirma Hanisch. Por seu turno, Josef Greiner supôs ter atraído a atenção de Hitler para o caso de uma tal Frau Anna Csillag, que se gabava de ter inventado um produto destinado a fazer nascer cabelos e exibia atestados falsos das virtudes do tônico capilar. Segundo seu relato, redigido com evidente cuidado, Hitler ficara entusiasmado com o caso dessa mulher e falara cerca de uma hora sobre as possibilidades espantosas do sugestionamento como arma psicológica. "A propaganda", teria ele declarado então, com euforia, "sim, é preciso fazer dela um ato de fé, a fim de que não se possa distinguir mais o que pertence ao terreno da imaginação e o que constitui a realidade." Porque, acrescentara, a propaganda é "a base essencial de todas as religiões… quer se trate do céu ou de pomada capilar". [78]

Estaremos pisando em terreno mais consistente se atentarmos para as conclusões que, segundo suas próprias palavras, Hitler extraiu da observação dos métodos da propaganda social-democrata, de sua imprensa, de suas manifestações e discursos. Isso imprimiu em seus próprios métodos de ação uma marca decisiva:

> A alma das massas não se mostra acessível senão a tudo o que é integral e forte. Do mesmo modo como a mulher é pouco atraída pelos raciocínios abstratos, experimentando indefinível atração sentimental por uma atitude cabal e se submetendo ao forte enquanto domina o fraco, a massa prefere o mestre ao suplicante, e se sente mais segura graças a uma doutrina que não admite contestações, do que a outra que emprega uma tolerância liberal. A tolerância lhe dá um sentimento de abandono; não tem o que fazer com ela. Mas desde que se exerça sobre essa massa um impudente terrorismo intelectual, que se disponha de sua liberdade humana, isso lhe passa despercebido, e ela não pressente nada de errado na doutrina. Não vê senão as manifestações exteriores, fruto de uma força deliberada e de uma brutalidade a que essa mesma massa se submete sempre…
>
> Eu compreendo a importância do terror físico exercido sobre o indivíduo pelas massas. Mas aqui também é necessário calcular com exatidão o efeito psicológico desejado.
>
> O terror infundido nas fábricas, nos estaleiros, nos locais de reunião e durante comícios terá sempre pleno êxito contanto que um terror igual não lhe impeça o caminho. [79]

No princípio de agosto de 1910, Hitler e Hanisch se desentenderam. Hitler levara vários dias para pintar uma vista do parlamento vienense. Sua admiração pelo edifício de estilo clássico, que ele qualificava de "obra-prima

grega em solo alemão”, motivara de sua parte um carinho e uma aplicação especiais. Calculava em cinquenta coroas pelo menos o valor material de seu trabalho, mas Hanisch alegou tê-lo vendido depois por apenas dez. Quando o amigo desapareceu após a discussão, Hitler mandou outro companheiro de alojamento detê-lo e abriu um processo. Na audiência com o juiz local, em 11 de agosto de 1910, Hanisch foi condenado a uma semana de prisão e considerou, logo após esse veredicto, que deveria ter admitido o fato em julgamento no sentido de influenciar favoravelmente o tribunal porquanto ele se registrara no albergue sob o falso nome de Fritz Walter. Depois, a viúva do homem que adquirira o quadro declarou que seu marido pagara efetivamente cerca de dez coroas pelo mesmo, mas que Hanisch não pedira seu depoimento. [80] Durante algum tempo, um hóspede da mesma pensão, um judeu chamado Neumann, se incumbiu de vender as telas de Hitler, que na ocasião, superando a timidez, já se entendia pessoalmente com seus clientes.

Num período de três anos e meio esse foi o cenário da vida cotidiana de Hitler, e é dentro dessa moldura que transcorrem seus anos de formação intelectual, quando também se cristalizam para sempre suas ideias sobre os homens e sua imagem particular da sociedade. Não é difícil entender os complexos de rancor e revolta que deviam envolver em tal ambiente um moço dominado pela ambição. Muitos anos depois, sobressaltava-se à simples lembrança “daquelas sombrias cenas de miséria, de imundície repugnante e de desavenças” que contemplava sobretudo de retorno ao bairro onde morava. Detalhe sintomático: não tinha qualquer compaixão pelo que via.

As experiências e as circunstâncias que marcaram essa fase de sua vida ajudaram Hitler a elaborar os fundamentos da ideologia de combate que se tornou a própria essência de sua visão do mundo, isso que ele chamou de “seus alicerces de granito”. Em inúmeros discursos e conferências, nas páginas de seu livro ou nas decisões tomadas no Grande QG do Führer, em toda a parte onde defenderia depois a ideia “do mais brutal combate”, ou da “afirmação sem autopiedade”, em todos os lugares onde recomendou o aniquilamento dos adversários, onde fez da crueldade doutrina e proclamou o direito de viver do mais forte, aí se entrevia a sórdida imagem do mundo arquitetada pelo pensionista do albergue de Viena. Jamais esqueceu o castigo experimentado na escola da baixeza.

A introdução do darwinismo social nos pensamentos de Hitler não pode, todavia, como tem sido dito, ser atribuída unicamente à sua experiência na pensão vienense para homens. Traduz melhor a tendência geral de uma época que fora submetida à autoridade realmente inconteste das ciências naturais.

As leis da evolução e da seleção descobertas por Darwin e Spencer eram o assunto a que se referiam então inúmeras publicações pseudocientíficas que souberam popularizar “a luta pela existência” como sendo o princípio essencial, e “o direito do mais forte” como a lei fundamental da vida do homem e dos povos. É interessante registrar que, durante a segunda metade do século XIX, essa teoria, chamada de darwinismo social, foi muito explorada, pelo menos temporariamente, em todos os setores, grupos e partidos de tendências diversas. A facção de esquerda, por exemplo, a usara, sobretudo em seu início, como um fator de vulgarização da doutrinação. Depois a mesma teoria passou a ser invocada pelos da direita para demonstrar a índole pretensamente antinatural das ideias democráticas ou humanitárias.

A ideia básica dessa teoria era que, como na selva, o destino dos povos e a evolução das sociedades seriam regidos por fatores biológicos. Só um processo de seleção rigorosa, que exigisse ao mesmo tempo a eliminação e a procriação de certos tipos humanos, permitiria evitar uma evolução nefasta e asseguraria a supremacia de um povo sobre os outros. Em numerosos artigos, como nos de Georges Vacher de Lapouge, Madison Grant, Ludwig Gumplowicz e Otto Ammon, muito divulgados por extensa rede de publicações, já se identificava naquela época todo o arsenal de noções e ideias cujo caráter nefasto só mais tarde seria descoberto. Propunha-se a eliminação dos desajustados, o apelo ao dirigismo técnico para a política de colonização, o internamento forçado nos asilos e a esterilização dos elementos quantitativamente inferiores. Era insinuada a determinação do valor do patrimônio hereditário na luta pela sobrevivência de acordo com as dimensões do crânio, do lóbulo, das orelhas ou do tamanho do nariz. Comumente, tais concepções vinham acompanhadas de uma acusação categórica da moral cristã, da tolerância e dos progressos consumados pela civilização, que favoreciam a fraqueza do homem e agiam, por conseguinte, contra a seleção natural. O fato de que o darwinismo social não desse jamais lugar a um sistema de conjunto e que chegasse mesmo a ser repudiado por alguns de seus arautos não impediu seu sucesso junto a amplas camadas da sociedade. Em última análise, foi uma das ideologias típicas da era burguesa, que tentava justificar seus métodos imperialistas, assim como sua vontade decidida de penetração capitalista, invocando fórmulas de uma lei natural inexorável.

Tais ideias estavam estreitamente associadas às tendências antidemocráticas da época, o que é um fato particularmente importante. Liberalismo, parlamentarismo, ideias igualitárias ou o internacionalismo eram considerados atentados à lei natural e se via aí a consequência da mistura das raças. Bem antes, um francês, o Conde Gobineau, primeiro teórico racista

importante (*Essai sur l'inégalité des races humaines* , 1853), imbuído de um conservadorismo intransigente de aristocrata, já tomara posição contra a democracia, a revolução popular e tudo aquilo que designava com desprezo como o "sentido comunitário." Para ele, o privilégio da força criadora pertencia exclusivamente à raça branca. Diante desta, havia a raça negra, a amarela e a mestiça, cujo nível cultural era determinado unicamente pela duração e a vitalidade de sua associação com a raça branca. A obra de Houston Stewart Chamberlain, inglês de nascimento mais tarde naturalizado alemão, teve e ainda tem uma influência mais considerável, sobretudo nas vastas camadas da burguesia alemã. Pertencente a uma família de militares conhecida e respeitada, culto, mas frágil fisicamente e de temperamento nervoso, Chamberlain chegou a Viena no ano do nascimento de Hitler e se dedicou ao estudo, às letras, e se interessou vivamente pela obra de Richard Wagner. Em lugar de passar apenas uma temporada na capital austríaca como pretendera, ali permaneceu durante vinte anos. Fascinado e desiludido ao mesmo tempo, seu contato com o estado multinacional dos Habsburgos inspirou-lhe as linhas-mestras de uma teoria racista da história. Sua obra mais famosa, *Die Grundlagen des 19 . Jahrhunderts* [Os fundamentos do século XIX], de 1899, reforçou as vastas teorizações de Gobineau com uma interpretação minuciosa e, com o auxílio de especulações ousadas e solidamente documentadas, apresentou a história europeia como a de uma luta racial. Via na queda do Império Romano o exemplo clássico de um fenômeno de decadência histórica provocado por misturas de sangue. Da mesma maneira como outrora em Roma, a monarquia dual achava-se empenhada, segundo ele, numa evolução tumultuosa que resultaria em seu esmagamento pelas raças orientais. Aqui, de novo, não se tratava de "um povo qualquer", uma "raça" que seria responsável pela nefasta invasão e decomposição, mas um "aglomerado estranho" das múltiplas misturas sanguíneas. Escreveu H.S. Chamberlain: "Encontram-se muitas vezes entre os bastardos leves sinais de talento, por outras até mesmo uma beleza especial, isto que os franceses chamam de *charme* . Podemos fazer diariamente tal observação em cidades como Viena, onde se encontram representantes dos mais diversos povos, mas se pode ao mesmo tempo perceber neles uma estranha instabilidade, uma força de resistência reduzida, uma falta de caráter, em resumo, a degenerescência moral." [81] Levando a analogia mais longe ainda, comparava os germanos que se avolumavam às portas de Roma com a Prússia de sangue nobre, que seu conflito com o estado multinacional havia triunfado com méritos desse caos de raças. Entretanto, no conjunto, esse individualista partidário da elite vivia assediado por um sentimento de medo e cuidava especialmente de se defender. Era assaltado por imagens pessimistas nas quais

via os germanos empenhados em surdina “num combate de vida e de morte à beira de um precipício onde sua raça estava ameaçada de afundar”; era atormentado pelo pesadelo do abastardamento: “Ainda é dia, mas os poderes das trevas estendem sem cessar seus braços tentaculares, se aferram a nós em centenas de pontos e se esforçam para nos arrastar para a escuridão.”

De um ponto de vista mais amplo, as opiniões de Hitler em relação ao darwinismo social não correspondem, portanto, simplesmente, à “filosofia do albergue para os desabrigados”; [82] refletem muito mais o acordo que o unia à era burguesa, da qual foi simultaneamente o filho e o destruidor. Na realidade, não se apropriou senão daquilo que colheu nos jornais que vinham ter às mesas de cafés suburbanos, nos livros e publicações baratas e nos discursos dos políticos. Somente seu caráter especificamente perverso, que confere à sua imagem do mundo uma exalação estranhamente penetrante, reflete suas experiências colhidas no albergue. Acontece o mesmo, de resto, quanto ao piedoso modo de se expressar que, mesmo quando já chefe de estado e dono de um continente, o levava a falar da “imundície do Leste”, dos “sacerdotes sujos”, do “esterco degenerado da arte” ou, a propósito de Churchill, “de um perfeito focinho chato” e, por fim, o fazia qualificar o judaísmo de “a mais completa coleção de suínos que faz jus ao matadouro”. [83]

Hitler acolheu as ideias complexas que davam àquela época tonalidade e coloração peculiares com uma sensibilidade que era, com efeito, o único traço de artista que possuía. Ninguém em especial lhe insuflou suas ideias, ele as tomou emprestadas à sua época. Ao lado do antissemitismo e do darwinismo social, cabe mencionar a esse propósito o papel desempenhado pela ideia de missão, fortemente tingida de nacionalismo, que formava o reverso de todos os pesadelos pessimistas. Em sua visão do mundo, de saída extremamente confusa e elaborada ao acaso, encontramos também fragmentos de ideias mais gerais recolhidas das correntes intelectuais efêmeras do início do século XX: a filosofia da vida, o ceticismo em relação à razão e à humanidade do mesmo modo que a exaltação romântica do instinto, do sangue e do impulso. Nietzsche, cujo discurso tão frequentemente citado sobre a força e a amoralidade radiante do super-homem faz parte desse patrimônio de ideias, observara acidentalmente que o século XIX não transmitira a Schopenhauer seu sentido da realidade, sua aspiração à clareza e à racionalidade ou sua doutrina relativa ao caráter intelectual da representação das ideias. Ele preferira deixar-se atrair e entusiasmar cruamente por sua teoria indemonstrável da vontade, a negação do indivíduo, o entusiasmo pelo gênio, a doutrina da piedade, o ódio contra os judeus e contra a ciência. [84]

E aí vemos reaparecer Richard Wagner, cujo exemplo inspirou o

comentário de Nietzsche sobre aquele mal-entendido. Porque o compositor de Bayreuth não foi só o modelo do jovem Hitler, mas também o mestre do pensamento de quem assumiu plenamente a herança ideológica. E foi através de Wagner que Hitler tomou contato com o espírito pervertido de seu tempo. Os artigos políticos de Wagner, muito difundidos no início do século XX, eram a leitura predileta de Hitler, e as frases empoladas típicas daquele estilo influenciaram inegavelmente a sintaxe do discípulo. Esses artigos formam, com as óperas, todo o pano de fundo ideológico que marcou a imagem do mundo alimentada por Hitler: darwinismo e antissemitismo ("Vejo a raça judia como o inimigo nato da pura humanidade e de tudo o que ela contém de nobre"), sua representação da força germânica e do barbarismo libertador, o misticismo da depuração do sangue em *Parsifal* , e de modo geral todo esse mundo artístico do dramaturgo-compositor no qual o bem e o mal, a pureza e a corrupção, o opressor e o oprimido são justapostos num dualismo brutal. A maldição do ouro, a raça inferior destinada a um trabalho subterrâneo de mineiros, o conflito entre Siegfried e Hagen, o gênio trágico de Wotan, todo esse mundo divinatório surgido de uma emanação sanguínea onde se misturam o massacre do dragão, o desejo de dominação, a traição, a sexualidade, a consciência elitista, o paganismo e, finalmente, a redenção e o dobrar de sinos numa Sexta-feira Santa teatral, tudo isso, em suma, formava o clima ideológico que correspondia perfeitamente às angústias de Hitler e a seus anseios de triunfo. Apoiando-se em generalizações, coisa natural num autodidata, elaborou sua imagem do mundo com a ajuda dessa obra wagneriana, disso que a acompanhava e lhe aumentava a significação. Essas coisas foram, para ele, desde logo, certezas absolutas, os "alicerces de granito".

❖

Hitler declarou que os anos passados em Viena foram "a escola mais dura, mas também a mais proveitosa de sua vida", e acrescentou que então tornara-se muito sério e silencioso. Sempre detestara aquela cidade devido à rejeição e à humilhação que ela lhe infligira. Sobre esse ponto, também, sua atitude se assemelha à de seu modelo Richard Wagner, que não superou jamais o rancor nele despertado pelas experiências decepcionantes de sua juventude em Paris e gostava de imaginar a grande cidade sufocada pela fumaça e devorada pelas chamas. [85] Não é absurdo admitirmos que os projetos gigantescos e sem qualquer justificativa natural concebidos por Hitler para fazer de Linz a capital danubiana da cultura tenham sido inspirados pelo seu acirrado ressentimento em relação a Viena. Se não buscou uma tardia compensação imaginando a cidade destruída pelo fogo, recusou todavia, em dezembro de

1944, enviar-lhe algumas unidades complementares antiaéreas, que lhe eram necessárias para a defesa, e observou então que Viena devia aprender o que significavam os bombardeios aéreos.

É evidente que a incerteza concernente ao seu futuro pessoal o atormentava cada vez mais. Na passagem de ano de 1910/11, a confiarmos nos dados de que dispomos, sua tia Johanna Pölzl pusera à sua disposição uma quantia bem razoável, [86] mas essa ajuda não despertou de sua parte a tomada de qualquer iniciativa útil. Ele continuou a vaguear sem objetivo. “As semanas foram se passando desse modo.” Aos olhos de todos ele continuava, como antes, a se fazer passar por estudante, artista-pintor ou escritor. Conservava sempre a vaga esperança de tornar-se arquiteto. Mas nesse meio-tempo nada fazia para realizar tal sonho.

Apenas seus sonhos denotavam ambição e amor-próprio e atestavam sua busca de um grande destino. Apesar de toda a apatia e passividade, a obstinação com que opunha os devaneios à realidade confere a esse capítulo de sua vida um aparente nexo que impressiona o observador. Ele se negava com firmeza a comprometer-se com o futuro e se obstinava em ater-se ao transitório. Da mesma forma como não desejava filiar-se ao sindicato a fim de não fazer papel de operário e conservar o direito de se presumir um burguês, assim também, na pensão para homens, não ultimou nenhum preparativo para o futuro a fim de manter intatas as virtualidades do gênio e da glória futura.

Sua principal preocupação era de que as circunstâncias viessem a privá-lo de seu direito a um grande destino. Receava viver numa época pobre em acontecimentos. Já na juventude, “fazia amargas reflexões sobre a data muito tardia de sua aparição neste mundo” e considerava um tratamento injusto da sorte o futuro que se lhe apresentava “num período de calma e de ordem”. [87] Sabia que só o caos, o tumulto e a subversão da ordem estabelecida poderiam remediar sua ruptura com a realidade. Presa dessas divagações exaltadas, Hitler era desses que preferem uma vida de catástrofes a uma de desilusões.

4

Fuga para Munique

Eu tinha que partir para o Grande Reich e chegar à terra de meus sonhos e meus anelos .

Adolf Hitler

EM 24 DE MAIO DE 1913, Hitler deixa Viena para morar em Munique. Aos 24 anos, era um moço melancólico que observava com um misto de nostalgia e amargura um mundo incompreensível. As desilusões dos anos anteriores tinham reforçado ainda mais sua inclinação ao devaneio e ao isolamento. Não deixava amigos para trás. Mergulhando no irreal, era mais propenso a buscar contato com personagens inacessíveis: Richard Wagner, Ritter von Schönerer, Lueger. "As opiniões pessoais primárias" que adquirira sob "pressão do destino" eram constituídas de alguns ressentimentos categóricos que, após fases de sombria meditação, manifestavam-se de uma hora para outra numa explosão apaixonada. Como ele mesmo registrou mais tarde, tinha deixado Viena "pangermanista, fanaticamente antissemita, inimigo declarado de toda a ideologia marxista". [88]

Como todas as definições que deu de si mesmo, essa observação traduz claramente a vontade de atribuir a seu personagem um senso político precoce, preocupação que predominou na elaboração do *Mein Kampf* . Por si só, o fato de preferir instalar-se em Munique em vez de Berlim, capital do Reich, vai de encontro a essa afirmativa. Mostra, sem dúvida alguma, que, por índole, ele obedecia muito mais a considerações romântico-artísticas do que a motivos políticos. Porque, antes da Grande Guerra, Munique era tida como uma cidade de acentuada vida intelectual, centro espiritual agradável e meio frívolo também, onde as artes e a ciência se desenvolviam numa atmosfera ao mesmo tempo humana e sensual. O "estilo de vida de um artista plástico era ali perfeitamente legítimo". Como já se disse numa sentença inesquecível, Munique brilhava então com todos os seus fogos. [89] O caráter peculiar da cidade, que se delineava claramente, era sobretudo de contraste em relação ao modernismo ameaçador, babilônico e proletário de Berlim. Na capital, o social predominava sobre o estético, a ideologia sobre a civilização burguesa, em síntese a política triunfava sobre a arte. O argumento de que a situação de Munique, tão próxima de Viena, teria determinado a escolha de Hitler

confirma precisamente o que ele procurava negar: foram considerações gerais mais do que razões de ordem política que o fizeram tomar aquela decisão. Foi por causa da atmosfera e ambientação cultural de Munique que ele a escolheu e rejeitou Berlim, na medida em que se viu desafiado por uma opção. No *Anuário do Reich* de 1931, anotou que se estabelecera em Munique pretendendo achar ali "campo mais amplo para a sua atividade política". Mas a capital do Reich lhe teria oferecido a tal respeito possibilidades bem melhores.

Uma indolência interior e o isolamento já manifestados durante os anos vividos em Viena marcaram também sua permanência em Munique e por vezes se tem a impressão de que ele passou a juventude num vasto espaço vazio de humanidade. Fica evidente que não fez contatos com os partidos e grupos políticos e que também no plano ideológico permaneceu solitário. Mesmo na cidade de Munique, tão excitante intelectualmente com sua intensidade de comunicação, na qual uma ideia fixa era tida como prova de originalidade, ele não encontrou pontos de contato, não travou relações. E no entanto a ideologia racista contava com partidários naquela cidade em suas variações mais excêntricas. O mesmo poderia ser dito quanto ao antissemitismo, cujos defensores eram recrutados sobretudo na pequena burguesia inquieta com a evolução econômica, assim como também havia tendências revolucionárias de esquerda das mais diversas nuanças. Toda aquela proliferação de correntes intelectuais era equilibrada pelo clima espiritual de Munique e se apresentava com a fisionomia de uma retórica de boa vizinhança. O bairro de Schwabing era o ponto de encontro de anarquistas, boêmios, reformadores do mundo, artistas e apóstolos de cabelo crespo pregando novos valores. Jovens gênios de rosto pálido sonhavam com uma renovação elitista do mundo, com liberações, banhos de sangue, catástrofes purificadoras, curas de rejuvenescimento bárbaras para a humanidade degenerada. O centro de atração de um dos círculos mais significativos que se formavam muitas vezes em redor de uma mesa de café em homenagem a um homem ou a uma ideia era o poeta Stefan George, que reunira um enxame de jovens discípulos de grande talento a imitá-lo em seu desdém pela moral burguesa, em sua exaltação da juventude, do instinto, da super-humanidade, do rigor do ideal artístico, e até em suas atitudes e sua aparência estilizada. Um deles, Alfred Schuler, tinha redescoberto para o patrimônio alemão a cruz gamada, havia longo tempo esquecida; Ludwig Klages, que durante certa fase dele se aproximou, estigmatizava "o intelecto como adversário da alma", [90] enquanto Oswald Spengler anunciava "o declínio do Ocidente" e via surgir entre as ruínas da civilização ocidental a sombra dos césares que as multidões seguiam desesperadas. Lênin tinha morado no nº 106

da rua Schleissheimer no bairro de Schwabing. Foi nessa mesma rua, no nº 34, a poucos passos, que Adolf Hitler veio a morar, dividindo as despesas do aluguel com o alfaiate Popp.

Assim como ocorrera quanto à fermentação intelectual, a revolução da arte, que se manifestava em Munique tão claramente como em Viena, deixou Hitler indiferente. Wassili Kandinsky, Franz Marc ou Paul Klee, que viviam igualmente nas proximidades de Schwabing e abriram novas perspectivas para a pintura, nada significaram para ele. Durante toda sua estada em Munique, Hitler permaneceu como o modesto copiador de cartões-postais que tinha suas visões, suas angústias, seus pesadelos, mas era incapaz de transpô-los para o terreno da arte. A minúcia sempre pedante com que sublimava o mundo espectral de seus complexos e de suas agressões em inocentes imagens idílicas, fixando cada tijolo, cada talo de relva, cada telha, testemunha sua necessidade interior de pureza e de beleza idealizada.

Mais a consciência da escassez de seus dotes artísticos crescia em seu íntimo, mais ainda se tornava evidente a certeza de seu fracasso. Mesmo assim, sentia necessidade de alimentar razões para crer na própria superioridade. O cinismo com que se felicitava por descobrir “as opiniões muitas vezes incrivelmente primitivas das criaturas” tinha a mesma origem da sua tendência a ver em toda parte só a ação dos instintos mais baixos, a corrupção, a sede de poder, a brutalidade, a inveja, o ódio: o desejo de encontrar no próximo o mal que o afligia. Do mesmo modo, o aspecto acidental de sua procedência racial lhe serviu de base inicial onde apoiou a ânsia de superioridade individual. Deu-lhe a confirmação da certeza que alimentava de ser outra coisa e bem acima de todos os proletários, vagabundos, judeus e tchecos que lhe tinham cruzado o caminho.

Entretanto, era acossado mais fortemente do que nunca pela angústia de perder-se no escalão mais baixo da sociedade, onde sua existência se confundisse com a dos seres marginalizados, indigentes ou proletários. As inúmeras figuras que durante os anos passados na pensão para homens tinham desfilado diante dos seus olhos, os rostos entrevistos na sala de espera e no vestíbulo sombrio, que refletiam tantas esperanças perdidas e frustrações, num retrato vivo de decadência, marcaram-no de forma indelével. Por fim, em segundo plano, a Viena do fim de século, uma cidade envolta numa atmosfera de decadência, o impregnara de seu perfume já enfraquecido. A escola da vida lhe transmitira realmente a tendência de pensar tudo num sentido de declínio. A experiência dominante de seus anos de formação não fora senão a da angústia e, como veremos mais tarde, ela é que deu impulso ao dinamismo titubeante de sua vida. Sua imagem do mundo e do homem, tão

compacta na aparência, sua dureza e desumanidade eram sobretudo reações de defesa, uma tentativa de racionalizar esse “estado de assombro” que as raras testemunhas de seus primeiros anos de juventude observaram nele. [91] Para onde quer que olhasse, não via senão sintomas de envenenamento do sangue, de decomposição, de morte e infecção, indícios de esgotamento, de submersão racial, ruínas e desastres. Com essa disposição, reencontrava por assim dizer o sentimento pessimista da vida, que é uma das características essenciais do século XIX e que tolheu visivelmente todas as crenças no progresso e na ciência brilhante da época. Pela violência instintiva, pela inconsciência com que se entregava à angústia, fez dela um traço peculiar da sua personalidade.

Esses dados subjacentes de sua consciência explicam também a afirmação de Hitler quanto às razões pelas quais deixara finalmente Viena após vários anos de ociosidade, de devaneios excêntricos e evasões constantes no rumo de um mundo imaginário. Em apoio ao ódio que sentia por aquela cidade, invoca motivos diversos onde se misturam considerações eróticas, pangermanistas e sentimentais:

> O conglomerado de raças exibido pela capital do império, toda essa mistura étnica de tchecos, poloneses, húngaros, rutenos, sérvios, croatas etc., me parecia repugnante, sem esquecer a bactéria dissolvente da humanidade, os judeus. Essa cidade gigantesca eu a via como a encarnação do incesto…
>
> Todas essas causas provocaram em mim o desejo cada vez mais ardente de ir para onde, desde a minha juventude, meus sonhos íntimos e um secreto amor me atraíam. Esperava me projetar mais tarde como arquiteto e poder prestar serviços com toda a sinceridade à minha nação no posto — modesto ou de relevo — que a sorte me reservasse.
>
> Enfim, queria ser desses que têm a felicidade de viver e agir seja onde for de acordo com a realização do voto mais ardente de seu coração: a junção de minha pátria bem-amada à grande pátria comum, o Reich alemão. [92]

Ainda que tais motivos tenham podido desempenhar certo papel na sua decisão de deixar Viena, outras considerações de maior ou menor importância evidentemente contribuíram para isso. Depois, ele próprio reconheceria que lhe fora impossível “aprender o linguajar vienense”; além de não entender a terminologia usada “no setor estritamente cultural ou artístico”, descobria naquela cidade “todos os indícios da efeminação”, e prolongar sua permanência ali lhe parecera inútil, “e se isso não bastasse, depois dos trabalhos de remodelação da Ringstrasse as tarefas próprias de um arquiteto eram sem interesse, pelo menos em Viena”. [93]

Mas todas essas razões já citadas não foram decisivas. Aí também o motivo determinante foi, de novo, sua alergia declarada à vida comum, às

normas e deveres a que todos os cidadãos são submetidos. Seu certificado de reservista, descoberto na década de 1950 e que ele mandou procurar febrilmente em 1938 logo após a ocupação da Áustria, não deixa dúvida quanto ao fato de que fora considerado insubmisso. Em outras palavras: fugira ao cumprimento das obrigações militares. A fim de ocultar esse delito, não apenas se fez registrar como apátrida em Munique, como também falsificou em suas memórias a data da partida de Viena. Na verdade, não deixou aquela cidade na primavera de 1912, como alegou, mas em maio do ano seguinte.

As buscas efetuadas em relação a esse caso pelas autoridades austríacas de início foram em vão. A 22 de agosto de 1913, Zauner, o delegado de Linz que se incumbira do inquérito, anotou em seu relatório: “Adolf Hietler [!] não parece ter-se inscrito no escritório de polícia da localidade ou da redondeza e assim não foi possível localizar-lhe o domicílio.” Da mesma forma, ao ser interrogado a respeito, o presidente do conselho municipal de Leonding, Josef Mayerhofer, antigo tutor de Hitler, viu-se na impossibilidade de informar o paradeiro do tutelado, do qual nunca mais tivera notícias. Por fim, as duas irmãs do procurado, Ângela e Paula, declararam que “nada mais tinham sabido do irmão desde 1908”. Porém as investigações empreendidas pelas autoridades vienenses permitiram saber que ele se fixara em Munique, onde residia como sublocatário do alfaiate Popp, na rua Schleissheimer nº 34. Foi nesse endereço que na tarde de 18 de janeiro de 1914 um policial apareceu de repente, deteve o insubmisso e levou-o no dia seguinte ao consulado da Áustria.

A acusação que pesava sobre ele era grave e, depois de tanto tempo de dissimulação, acarretava condenação imediata. Foi um desses acontecimentos corriqueiros e que teria podido dar à sua carreira um rumo inteiramente diverso. Porque é difícil supor que, marcado por algo tão desonroso socialmente como a insubmissão, Hitler tenha conseguido reunir milhões de adeptos e mobilizá-los nas formações das grandes paradas militares.

No entanto, como lhe aconteceu por diversas vezes, o acaso veio em seu auxílio: as autoridades de Linz o tinham convocado tardiamente, não lhe dando o tempo necessário para se apresentar na data fixada para a conclusão do alistamento. O adiamento do processo permitiu-lhe redigir uma declaração cuidadosamente elaborada. Em carta endereçada ao “Conselho Municipal de Linz, II Divisão”, que constitui o documento mais extenso e o mais importante da sua juventude, ele tentou se justificar. Essa carta não revela apenas seu conhecimento deficiente da língua alemã e da jurisprudência: mostra também, pela descrição de sua situação pessoal, que, no todo, sua vida

continuava a seguir o rumo desordenado e sem objetivo dos anos vividos em Viena:

> O formulário de convocação me qualifica como artista plástico. O fato de estar habilitado a me prevalecer desse título é parcialmente exato. Ganho sem dúvida meu sustento como pintor independente, mas isto unicamente para poder prosseguir em meus estudos, pois sou inteiramente desprovido de recursos financeiros (meu pai era funcionário). Não posso dedicar senão uma parcela mínima de meu tempo a esse ganha-pão, já que frequento cursos de pintura arquitetônica. Desse modo, meus ganhos são muito modestos e me permitem apenas subsistir.
>
> Como prova do que afirmo anexo à presente carta minha declaração de renda e vos solicito a bondade de me devolvê-la pelo correio. Os rendimentos que me são atribuídos na declaração somam 1.200 marcos, o que representa, sem dúvida, muito pouco e não se deve deduzir que ganho sempre 100 marcos por mês. Oh, não! Minha renda mensal é muito variável e, no momento, ela é certamente sofrível, porquanto nesta temporada o comércio de obras de arte em Munique se acha em hibernação.(…)

A declaração que ele imaginou para justificar sua conduta dava na vista, mas talvez fizesse efeito. Ela pretendia provar que ele não pudera atender a tempo à primeira convocação, mas que pouco mais tarde se apresentara espontaneamente e que os documentos fornecidos na ocasião tinham sido perdidos pelas autoridades. Procurou desculpar essa perda invocando as condições aflitivas em que vivera em Viena, e à sua defesa chorosa, autopiedosa, não faltou também uma certa astúcia obsequiosa:

> No que concerne à falta cometida por omissão no outono de 1909, devo assinalar que esse foi para mim um período infinitamente amargo. Eu era então um jovem sem experiência, privado de toda ajuda pecuniária e orgulhoso demais para aceitar algo de quem quer que fosse e com mais razão ainda para solicitá-lo. Sem o menor apoio e dependendo unicamente de mim mesmo, as poucas coroas, por vezes alguns *heller* [centavos] obtidos com meu trabalho, davam apenas para pagar meu aluguel. Durante dois anos tive como amigos apenas a inquietude e a miséria, sem outra companhia que a fome sempre insaciada. Na verdade, jamais conheci o sentido desta bela palavra: juventude. Hoje, cinco anos depois, sinto ainda nos dedos das mãos e dos pés um calafrio que vem daquele período. Mas, ainda que eu tenha superado o pior, não posso evocar aquele tempo sem uma certa satisfação. A despeito da intensa miséria, vivendo num ambiente muitas vezes mais que duvidoso, conservei meu nome e minha pessoa ao abrigo de toda a infâmia, não cometi a menor infração aos olhos da lei e trago limpa minha consciência.

Quatorze dias mais tarde, a 5 de fevereiro de 1914, Hitler se apresentou perante o conselho de revisão em Salzburgo. O certificado de baixa ao qual apôs sua assinatura rezava o seguinte: “Inapto para o serviço militar e para o serviço auxiliar do exército, muito fraco. Incapacitado.” [94] Logo depois ele voltava a Munique.

Ao que tudo indica, parece que dessa vez ele não se sentiu infeliz. Mais tarde viria a falar do “amor profundo” por essa cidade que o dominou de imediato e atribuiu tão extraordinária atração “a esse maravilhoso enlace de força espontânea e de sentimento artístico delicado, essa perspectiva única que compreende a Hofbrauhaus e o Odeon, pela Oktoberfest e a Pinakothek”. É muito sintomático não invocar nenhum motivo político ao justificar essa

simpatia. Enfurnado na Schleissheimerstrasse, continuou a viver solitário, mas parece que, como anteriormente, essa ausência de contato humano não o fez sofrer. Suas relações, sempre superficiais, ele as mantinha apenas com o alfaiate Popp e seus vizinhos e conhecidos. Motivava essas relações apenas o gosto comum pelas discussões políticas. No mais, naqueles cafés de Schwabing, onde a origem e a condição de uma pessoa eram algo sem importância e onde todos eram aceitos socialmente, Hitler encontrou evidentemente a única forma de contato que suportava, porque ela lhe assegurava a um só tempo uma comunicação humana e a preservação do que lhe era mais íntimo. Eram relações típicas de mesa de bar, fruto do acaso, que não implicavam compromissos de amizade, podendo ser iniciadas e terminadas facilmente. Tratava-se dos tais "círculos restritos" de que ele tinha falado, onde fazia o tipo do "homem instruído" e onde também, logo de início, obteve mais elogios do que críticas. Falava então do estado calamitoso da monarquia dual, do caráter nefasto da aliança germano-austríaca, da política antialemã e eslavófila dos Habsburgos, do judaísmo e do salvamento da nação. Num meio favorável ao anticonformismo e sempre disposto a vislumbrar nas opiniões e comportamentos excêntricos um toque de genialidade, as tomadas de posição do jovem Hitler não causavam nenhuma surpresa. Assim que uma determinada questão o irritava, dizem que muitas vezes se punha a gritar. Mas seus discursos, qualquer que fosse o grau de paixão que lhes infundisse, impressionavam pela lógica. Outra paixão era bancar o profeta e predizer acontecimentos políticos. [95]

Hitler já abandonara a ideia com a qual, apenas dez anos antes, justificara sua saída da escola profissional: afirmaria depois que, por ocasião de sua estada em Munique, não desejava mais tornar-se pintor, mas também não indica o que queria para o futuro. Pensava bastante, segundo afirmou, em atender às suas necessidades e custear os estudos. Mas na realidade nada fez de positivo para realizar esse programa. Junto à sua janela continuava a pintar pequenas aquarelas calcadas em motivos locais, a Hofbrauhaus, a porta de Sendling, o Teatro Nacional, o Mercado, a Feldherrnhalle e de novo a Hofbrauhaus. Anos depois, todas essas obras foram consideradas patrimônio artístico da nação por decreto ministerial e seu registro tornou-se obrigatório. [96] De tempos em tempos, sentado a uma mesa de bar, ele passava horas a fio em silêncio, comendo fatias de bolo, folheando os jornais espalhados diante de si, ou então se metia na cantina da Hofbrauhaus, ruminando suas ideias, em péssimo humor, o rosto descorado. Uma vez ou outra, na atmosfera enfumaçada da cervejaria, rabiscava em largos traços em seu caderno de esboços, que trazia sempre consigo, alguns motivos inspirados pelo que ocorria nas mesas vizinhas ou um detalhe arquitetural. Tinha o maior cuidado

com a roupa; a família de seu locador declarou que ele gostava de usar um terno preto, e que era visível sua vontade de guardar distância de todos. “Nunca se conseguia penetrar em sua intimidade. Ele jamais falava de seus pais, nem de seus amigos ou de garotas.” No todo, parecia menos disposto a perseguir um objetivo na vida do que interessado vivamente em não descer na escala social. Josef Greiner, que o encontrou nessa época em Munique, conta que lhe indagou como via seu futuro e Hitler respondeu que “de qualquer maneira, mais cedo ou mais tarde haveria uma guerra. Desse modo, tanto fazia exercer tal ou qual profissão, pois no exército um diretor geral valia o mesmo que um tratador de cachorrinhos de estimação”. [97]

❖

Seu pressentimento não o enganou. Ao recordar os anos que antecederam a guerra, Hitler descreveu em *Mein Kampf* de maneira impressionante a atmosfera vulcânica da época, esse sentimento dificilmente apreendido, quase insuportável, de uma tensão que anuncia a explosão iminente. E, com toda certeza, não é por acaso que estas frases se incluem entre as passagens literariamente melhores de seu livro: “Durante a minha permanência em Viena”, escreve ele, “já se fazia sentir sobre os Balcãs essa aragem morna e opressiva que prenuncia comumente as tempestades e já por vezes surgia um clarão mais vivo no céu para logo desaparecer e dar lugar a trevas inquietantes. Foi então que irrompeu a guerra dos Balcãs e o primeiro pé de vento varreu a Europa febril. A era que se iniciava oprimia o homem como um insuportável pesadelo, como um ardente calor tropical, de tal modo que o pressentimento da catástrofe iminente criou uma constante inquietude e uma espera impaciente: desejava-se que o céu desse afinal vazão a uma fatalidade que ninguém mais podia deter. Então abateu-se sobre a terra o primeiro e estrondoso tiro: a tempestade se desencadeou e aos trovões celestes se misturaram os fogos de barragem dos canhões da Guerra Mundial.” [98]

Conserva-se até hoje uma fotografia tomada por acaso, que mostra Adolf Hitler a 2 de agosto de 1914, em meio à multidão regozijante na praça do Odeon, em Munique, quando da declaração de guerra. Nela se reconhece nitidamente seu rosto, a boca entreaberta, o olhar ardente, que percebia por fim um objetivo e entrevia um futuro pessoal. Porque aquele dia o libertava afinal de todas as hesitações, da perplexidade e do isolamento de sua existência frustrada. “Para mim”, lembraria ele mais tarde, “aquelas horas foram como uma libertação das penosas impressões da minha juventude. Não sinto vergonha de dizer hoje que, impulsionado por um entusiasmo transbordante, caí de joelhos e agradeci de todo coração aos céus.”

Esse era um sentimento de gratidão que impregnava praticamente toda

aquela época e se pode dizer que sob o fascínio marcial daqueles dias de agosto de 1914 os corações batiam em uníssono como raras vezes ocorrera até então. Não era preciso estar às voltas com o impasse de uma vida malograda de artista para achar que o dia em que a guerra "deflagrou-se e varreu a 'paz' foi um instante sagrado de beleza" e consumou uma aspiração moral. [99] Na sua lassidão, no seu tédio profundo, não só a Alemanha, mas a maioria da opinião europeia via na guerra um meio de escapar à pobreza da vida normal. E ao se examinar esse estado de coisas, somos impressionados pela ressonância que as preocupações de sua época encontravam em Hitler: ele compartilhava plenamente suas necessidades e suas aspirações, ainda que sob uma forma mais aguda, mais extrema. O que nela era o efeito de um mal-estar profundo, nele era o resultado do desespero. E assim como ele pensava por seu lado que a guerra modificaria todo o relacionamento humano e todos os pontos de partida, do mesmo modo se pressentia em toda a parte onde o chamado às armas era aclamado, até mesmo exigido, o sentimento muito íntimo de que uma época chegava por fim a seu desfecho e que outra se preparava para nascer. De acordo com a tendência ao esteticismo de então, via-se na guerra um fenômeno de purificação; ela representava a esperança de libertação da mediocridade, do cansaço de viver e de próprio tédio! Era celebrada nos "cantos sacros", e encaravam-na como "o orgasmo da vida universal" que cria e fecunda o caos de onde sairá um mundo novo. [100] *Sir* Edward Grey, ministro inglês do Exterior, chegou a dizer por ocasião da declaração de guerra que as luzes tinham se apagado na Europa. Sentença que exprimia, é certo, melancolia e pesar, mas também esperança.

As fotos tiradas durante os primeiros dias de agosto de 1914 trazem o testemunho do clima de solenidade ardente, da sensação de desabrochar, da alegria e da esperança que invadiram a Europa na primeira fase de seu declínio: recrutamentos em meio a flores, aclamações nas calçadas, gritos de entusiasmo, alegria, um clima jubiloso. E, nas sacadas, as mulheres em seus vestidos de verão de cores brilhantes. As nações da Europa celebravam vitórias que não teriam jamais.

Na Alemanha, aqueles dias deram sobretudo a impressão de ter cimentado indissoluvelmente a comunidade. Como se fosse sob o efeito de uma varinha de condão, todas as posições de combate assumidas por várias gerações foram banidas, rivalidades caducas esquecidas, o legendário espírito de discussão e bate-boca dos alemães desapareceu. Foi uma experiência de caráter quase religioso, a realização de algo que resumia uma aspiração secular: a unidade e, como escreveu dezenas de anos depois um dos espectadores dos fatos daquela época, já idoso mas ainda contagiado pela emoção: "Aqueles dias

figuram, para todos os que os viveram, entre as lembranças imperecíveis da mais alta qualidade.” [101] Reunida nas ruas e nas praças públicas, a multidão cantava em coro espontaneamente o *Deutschlandlied* , do revolucionário liberal de 1848 e durante muito tempo contestado Hoffmann von Fallersleben, que seria dali em diante o verdadeiro hino nacional. A frase pronunciada na tarde de 1º de agosto por Wilhelm II na praça do castelo real de Berlim — “Não conheço mais partidos nem profissões religiosas, para mim não há mais que irmãos alemães” — foi sem dúvida seu pronunciamento mais popular. Por instantes, ele fez caírem as numerosas barreiras que, por tradição, dividiam de maneira profunda uma nação que sofria devido a suas próprias contradições. Alcançada havia apenas cinquenta anos, a unidade alemã só pareceu concretizar-se naquele dia.

Foram horas que acalentaram belas ilusões. Porque o sentimento de unidade apenas dissimulava aquilo o que parecia abolir. Sob a imagem da nação reconciliada, as antigas divergências subsistiam e a euforia geral era explicada por motivos os mais diferentes: sonhos utópicos, pessoais e patrióticos, impulsos revolucionários e lassidão, complexos antissociais de revolta, aspirações de hegemonia, enfim, como sempre acontece, o desejo inato dos homens atraídos pela aventura de escapar à rotina da ordem burguesa. Todas essas tendências se manifestavam ao mesmo tempo e, durante um sublime instante, levaram a crer que se tratava de um autossacrifício para salvar a pátria ameaçada.

A sensibilidade pessoal de Hitler não era imune a essas representações: “Meu coração, assim como o de milhões de outros homens, se animou de uma orgulhosa felicidade”, escreveu ele, atribuindo essa alegria exclusivamente à possibilidade que lhe aparecia de poder afinal provar a veracidade de seus sentimentos patrióticos. Em 3 de agosto ele dirigiu uma súplica ao rei da Baviera solicitando o favor de ser admitido como voluntário num regimento bávaro, apesar de sua nacionalidade austríaca. A contradição entre sua anterior insubmissão e aquele pedido é apenas aparente. O serviço militar o submeteria com efeito a uma obrigação que ele encarava como absurda, enquanto a guerra, ao contrário, o liberava de seu estado depressivo, das dificuldades provocadas pela incompreensão, do vazio no qual sua vida sem objetivo se debatia. Ele mesmo confessara que duas obras de cunho patriótico sobre a guerra de 1870-71, lançadas em edição popular, tinham sido os primeiros livros que lera com entusiasmo na adolescência. Agora se preparava para ingressar no poderoso exército, despojado do brilho que sentira nos dois livros marcados pelo espírito de aventura próprio de crianças. As jornadas anteriores já lhe tinham proporcionado o sentimento de pertencer a algo, de

participar do momento nacional junto com os demais, sentimento esse que resultara em frustração no plano emocional. Pela primeira vez em sua vida o dever se lhe apresentava claramente, ele tinha a oportunidade de participar do prestígio de uma instituição a uma só vez grande e temida. Durante os anos já decorridos, tinha acumulado algumas experiências, conhecera a miséria das criaturas, suas aspirações e angústias, mas sempre se confinara na obscuridade de uma faixa social equívoca, tal qual um pária frustrado pelo sentimento de pertencer a uma comunidade submetida ao mesmo destino ingrato. Agora entrevia a possibilidade de satisfazer àquela necessidade profunda.

Obteve a resposta à sua solicitação feita diretamente ao imperador no dia seguinte ao envio da carta. Ele mesmo contou depois que abriu a carta com a mão trêmula. A ordem era para que se apresentasse ao 16º Regimento Bávaro da infantaria da reserva, que ostentava o mesmo nome de seu coronel: o Regimento List. Para Hitler, era “o tempo mais inesquecível e o mais sublime de sua existência terrena” que se iniciava então. [102]

5

Redenção pela guerra

Sem o Exército não teríamos chegado aqui; todos saímos daquela escola .

Adolf Hitler

NA SEGUNDA QUINZENA de outubro, após um período de instrução de exatamente dez semanas, o Regimento List foi para a linha de frente ocidental. Preocupado com a ideia de que um fim rápido da guerra pudesse impedi-lo de participar dos combates, Hitler aguardara a partida com impaciência. Mas desde 29 de outubro, tendo recebido o batismo de fogo na primeira batalha de Ypres, uma das mais sangrentas da fase inicial da Grande Guerra, ele tomara contato com a realidade. As unidades inglesas em ação naquele setor resistiram encarniçadamente e obtiveram êxito diante dos ataques maciços, de importância decisiva para o plano de guerra alemão, que visava à penetração das tropas até o Canal. Os combates foram intensos durante quatro dias e, numa carta endereçada a Popp, o alfaiate de Munique, Hitler relatou que naquela batalha o regimento sofrera elevadíssimas perdas, passando de um efetivo inicial de 3.500 homens para cerca de 600 apenas. Contrariando essa afirmativa, o relatório expedido pelo mesmo regimento indica que naquele combate houve 349 baixas. Mas pouco depois, à frente da aldeia de Becelaere, a unidade perdeu seu próprio coronel e, em parte devido a uma série de ordens impensadas, veio a merecer uma “triste popularidade”. [103]

A descrição de Hitler em *Mein Kampf* sobre a sua primeira aventura guerreira não resiste, de modo algum, a um exame atento. Mas o apuro literário excepcional que ele deu à redação dessa passagem de seu livro e seu empenho em elevá-la ao nível poético refletem a impressão indelével que o acontecimento lhe causara:

> Em seguida sobreveio a noite fria e úmida em Flandres, em meio à qual marchávamos em silêncio, e assim que o dia começou a se destacar das nuvens, sibilou bruscamente sobre nossas cabeças uma salva de artilharia e entre as nossas fileiras se fez ouvir o ruído seco das pequenas balas fustigando o solo; mas antes que a nuvem tempestuosa se dissipasse de todo, de duzentas gargantas saiu o primeiro brado ao encontro do primeiro mensageiro da morte. Então começou o concerto das balas e o estrondo dos canhões, os gritos e gemidos dos homens, e cada um se sentiu tomado pelo calor da batalha, olhos febris, indo em frente, sempre mais depressa, até que afinal subitamente o combate se precipitou mais adiante, além dos campos de beterraba e das sebes, na luta corpo a corpo. Mas de longe chegavam até nossos ouvidos os sons do hino de guerra que pouco a pouco nos arrebatava, que se transmitia de companhia a companhia, e quando a morte começou a ceifar nossas

fileiras, o canto guerreiro se apoderou de nós também e o transmitimos mais longe à nossa volta: *Deutschland, Deutschland uber alles, uber alles in der Welt!* [104]

Durante toda a guerra, Hitler serviu como mensageiro entre o estado-maior do regimento e os postos avançados. Era uma missão que o deixava entregue a si mesmo e convinha à sua tendência ao isolamento. Um de seus superiores se lembra dele "como de um homem calmo, de ares bem pouco militares, que à primeira vista não se distinguia em nada de seus camaradas". Ele se mostrava digno de confiança, consciencioso e, segundo a mesma fonte, tinha um temperamento reservado, sisudo. Mas passava, ali também, por indivíduo à parte, um "sonhador" como o chamavam quase todos os seus camaradas. Às vezes, "o quepe enterrado na cabeça, permanecia sentado a um canto, mergulhado em seus pensamentos, e ninguém do nosso regimento era capaz de tirá-lo de sua apatia". Ainda que relativamente numerosas e cobrindo um período de quatro anos, todas as opiniões a seu respeito têm o mesmo teor, nenhuma nos fornece dele uma imagem viva; pelo contrário, sua característica comum é a ausência de coloração psicológica.

Mesmo os traços de excentricidade nele eram descritos de um modo estranhamente impessoal e punham menos em relevo o homem do que as normas às quais se atinha. É significativo que os acessos de raiva, pelos quais ele se libertava ocasionalmente de seus incessantes sonhos, não fossem motivados pelas inúmeras pequenas contrariedades que acompanham a vida do soldado, mas por sua angústia a respeito da vitória, suas suspeitas relativas a uma traição ou à presença de inimigos invisíveis. Não há um episódio que permita dar-lhe um perfil próprio, nem um sinal característico de sua pessoa. O único caso que pudemos apurar e que depois figuraria nas cartilhas não é senão parte de anedotário. É que no decorrer de uma de suas missões, como estafeta do QG, Hitler teria ido parar numa trincheira perto de Montdidier, diante de um grupo de 15 soldados franceses. Graças à sua presença de espírito, audácia e habilidade, conseguiu desarmá-los e fazê-los prisioneiros, levando-os depois à presença de seu coronel. [105]

Exagerado e modelar, seu zelo camuflava o homem sob uma imagem que parecia tirada de um manual patriótico. Era ainda a maneira de se abstrair do mundo exterior, de abrigar-se detrás de um clichê. Durante uma patrulha de reconhecimento, ele evitou que seu coronel fosse alcançado por uma súbita rajada de metralhadora inimiga, lançou-se "à sua frente para protegê-lo" e lhe implorou "para não expor o regimento à segunda perda de seu comandante em tão curto tempo". [106] A despeito de todas as afirmações contrárias, motivadas por considerações políticas, ele era, sem nenhuma dúvida,

corajoso. Já no mês de dezembro de 1914, foi condecorado com a Cruz-de-Ferro de 2ª classe. “Esse foi o mais belo dia de minha vida”, escreveu ele ao alfaiate Popp, “mas meus camaradas que mereciam a mesma honraria estão quase todos mortos.” Em maio de 1918, foi citado na ordem do dia de seu regimento por atos de bravura diante do inimigo, e a 4 de agosto do mesmo ano recebeu a Cruz de Ferro de 1ª classe, distinção raras vezes concedida aos componentes da tropa.

Não foi possível descobrir então a razão exata de tais condecorações. O próprio Hitler nunca tocou nesse ponto, sem dúvida para evitar admitir que devia aquelas distinções à interferência do major ajudante do regimento, Hugo Gutmann, que era judeu. A história do regimento também silencia sobre esse assunto, enquanto os relatos que conhecemos diferem uns dos outros. Referindo-se visivelmente ao caso citado há pouco, dizem que Hitler teria rendido uma patrulha de 15 ingleses ou descrevem a captura dramática de dez, 12 e até mesmo vinte franceses. Chegam mesmo a atribuir a Hitler domínio do francês corrente, quando na realidade ele só tinha rudimentos muito superficiais desse idioma. Noutra versão, ele teria avançado sob fogo até uma bateria de artilharia, detendo dessa forma um bombardeio que ameaçava suas próprias posições. O mais provável é que não tenha merecido aquelas condecorações por alguma façanha particular, mas como recompensa a um devotamento de vários anos. Quaisquer que tenham sido os motivos, as condecorações de guerra seriam muitíssimo valiosas para o futuro de Hitler. Asseguraram àquele austríaco uma espécie de direito de cidadania de primeira classe na Alemanha e criaram bons inícios para sua carreira, garantindo e legitimando pretensões ao direito de participar da política alemã e de dirigir um movimento que lhe era estreitamente associado.

Na frente de combate, contudo, entre seus camaradas, o sentimento exaltado com que encarava suas responsabilidades, a preocupação que, sendo um simples cabo, demonstrava pelo conjunto das operações militares, lhe valeram inúmeras críticas. “Nós todos nos enchemos dele”, lembrou mais tarde um de seus ex-camaradas de armas. Outros ainda diziam: “O visionário quer mais uma condecoração!” Seu rosto magro e amarelado tinha sempre uma expressão deprimida. No entanto, Hitler não procurava ser impopular, o que fazia era manter uma certa distância dos outros. Diferia deles pelo fato de não ter família, não recebia e nem escrevia cartas como os demais. Também não compartilhava dos gostos comuns a todos, suas preocupações, seus passatempos, suas piadas! “Não há o que eu deteste tanto como a sujeira”, diria mais tarde a propósito daquele período de sua existência. Durante aquele tempo, meditou longamente sobre os problemas da vida, leu Homero, o Novo

Testamento e Schopenhauer; para ele a guerra teve o valor de trinta anos de universidade. [107] Estava convencido de que sabia melhor do que ninguém em que iriam dar as coisas, sua falta de contatos lhe dava a impressão de ter sido escolhido para uma grande missão. As fotos desse período traduzem algo das relações curiosamente distantes com seus camaradas, e revelam também a extravagância dos motivos que determinavam sua atitude: Hitler aparece sentado no meio dos soldados, pálido, silencioso, inacessível, o olhar parado.

Essa inaptidão complexa para travar relações humanas pode explicar por que nos quatro anos passados na frente de combate ele não passou de cabo. Durante o processo de Nuremberg, um ajudante do Regimento List por muitos anos disse que por diversas ocasiões pensaram em promover Hitler a sargento, mas desistiram porque "não pudemos descobrir nele as qualidades de líder necessárias". Por outro lado, o próprio Hitler não desejara ser indicado para aquela promoção. [108]

Afinal, o que ele descobriu, graças à guerra, nos quartéis e nos acantonamentos foi aquela forma de relacionamento com as criaturas que correspondia às suas aspirações peculiares, justamente porque, devido a um curioso paradoxo, tais relações comportavam um caráter impessoal. Ele encontrara no *front* aquele tipo de vida do albergue de Viena e o primeiro não diferia do segundo a não ser na medida em que satisfazia por fim a seu anseio de prestígio social, sua inquietude interior e seu senso do patético. Todavia num e noutro ele encontrava a moldura social que convinha ao mesmo tempo à sua aversão, à sua misantropia e à sua necessidade de contatos: não se tratava mais de uma intimidade, mas de um estado de recolhimento coletivo de seres solitários, juntos mas de costas um para o outro, segundo o princípio das existências ameaçadas e introvertidas. Tinha achado, na linha de frente, o lar que não possuía; na terra de ninguém estava em casa.

Isso foi confirmado por um de seus antigos superiores: "O Regimento List era o lar do cabo Hitler." [109] Essa observação explica a um só tempo a contradição entre a sua vontade quase fanática de se submeter ao aparato da guerra e o comportamento antissocial que norteou suas ações nos anos precedentes. Após a morte da mãe, nunca mais se sentira à vontade, sua necessidade simultânea de aventura e de ordem, de liberdade e de disciplina deixaram de se manifestar, assim como sua aspiração à respeitabilidade, que só seria atendida de maneira durável e satisfatória nos postos de comando, nas trincheiras e nas casamatas da frente de combate. Ao contrário das cruéis experiências dos anos anteriores, a guerra foi o grande acontecimento de seu período de formação, deixando-lhe, como ele próprio acentuaria depois, "uma impressão magnífica", "exaltadora", "radiosa", uma experiência totalmente

assimilada de natureza propriamente metafísica.

O próprio Hitler afirmou que a guerra o transformara. [110] Ao moço sentimental que era ensinou sobretudo a dureza de atitudes e o fez tomar consciência de seu próprio valor. Note-se a esse respeito que ele se atreveu agora a procurar seus parentes com os quais passaria os dias de licença, em Spital, tanto em outubro de 1917 como em setembro de 1918. Além disso, aprendera na frente de batalha o significado da solidariedade e um certo domínio sobre si mesmo; em suma, essa fé no destino que, em geral, marcou o irracionalismo patético da sua geração. Sua coragem e o sangue-frio com que enfrentava o fogo dos combates mais duros lhe deram aos olhos de seus camaradas uma auréola de invulnerabilidade. Se Hitler está aqui, diziam eles, "nada nos acontecerá". Parece que essa constatação exerceu sobre ele uma impressão profunda e veio a reforçar a sua certeza de estar investido de uma missão especial, convicção a que se apegara com obstinação durante os anos de revés e de miséria.

No entanto, a guerra iria igualmente intensificar a inclinação de Hitler à meditação e ao devaneio. Como ocorreu com tantos de seus semelhantes, a experiência da frente de combate lhe revelou o fracasso das antigas classes dirigentes e o esvaziamento da ordem que viera defender: "Pedirei contas por esses mortos a seus chefes", declarou certo dia, diante de um de seus camaradas estupefato. O problema de uma nova organização com que se defrontava aquela juventude burguesa tocada apenas de leve pela política encontrava nele uma certa ressonância. De início, no entanto, como diria depois, Hitler não quis "politizar-se", ou melhor, como ele mesmo frisou numa frase que está bem de acordo com sua tomada de posição apolítica da fase vienense, "naquele tempo, não queria saber de política"; mas sua sede insaciável de especulações derrubou-lhe a intenção e cedo ele se faria notar por "filosofar à moda primitiva do povo sobre as questões políticas e ideológicas". Achou-se uma carta de 12 folhas, datada da primeira fase da guerra, endereçada por ele a um de seus conhecidos de Munique, que confirma nossa observação. Após ter descrito detalhadamente o assalto a uma posição inimiga do qual participara, conclui assim: [111]

> Penso muito em Munique e nós não temos outro desejo senão chegar logo a um acerto de contas definitivo com o bando de lá, intensificar de vez o ataque, a qualquer custo, e que esses dentre nós que venham a ter a felicidade de rever sua terra a encontrem mais pura e purgada da xenofilia. Após os sacrifícios e os padecimentos aceitos diariamente por centenas de milhares dos nossos, é preciso que o rio de sangue que corre a cada dia em nossa luta contra um mundo internacional de inimigos não seja em vão. Torna-se necessário que sejam destroçados não só os inimigos da Alemanha no exterior, mas também o nosso internacionalismo interno. Isso seria mais valioso que todas as conquistas territoriais. Quanto à Áustria, tudo se passará como eu sempre previ.

Politicamente, essa carta estava em conformidade com as fixações ideológicas dos anos vienenses. Baseava-se no patrimônio de ideias legado pelos pangermanistas austríacos que se mostravam prontos a sacrificar algumas regiões fronteiriças ao sonho de um estado que agrupasse todos os alemães, e consideravam que a unidade nacional e racial do Reich tinha primazia sobre a sua extensão territorial. A Grande Alemanha devia ser mais alemã do que grande.

❖

No início de outubro de 1916, em Le Barqué, Hitler foi levemente ferido na coxa esquerda por um estilhaço de granada e transferido para o hospital de Beelitz, perto de Berlim. Permaneceu na Alemanha cerca de cinco meses, até que em março de 1917, ao que se sabe, sentiu-se um pouco mais interessado pela política.

As jornadas de agosto de 1914 assim como a experiência da frente de batalha o tinham marcado especialmente, concretizando o seu modo de ver a unidade e a homogeneidade da nação. Durante dois anos, vira nisso uma certeza que o fascinava e que não ousava pôr em dúvida. Sem família, sem domicílio, sem ter mesmo lugar para onde ir, tinha renunciado a pedir breves licenças e, com um afinco que nada poderia perturbar, continuava a se mover no mundo de suas ilusões: "Era ainda o campo de batalha da velha e magnífica legião de heróis", recordaria mais tarde com saudade. [112] Quando se achava em Beelitz e por ocasião de uma passagem posterior por Berlim, defrontou-se com as oposições políticas e sociais e mesmo regionais de antes, e o choque foi um pouco mais durável. Percebeu com angústia que o tempo extinguira todo o entusiasmo da fase inicial. Os partidos e suas polêmicas, as divergências de opinião, as resistências de antigamente haviam substituído a enaltecedora maquinação do destino, e é bem possível que essa antiga lembrança tenha dado origem ao ressentimento que durante toda a vida nutriu contra Berlim. Viu o descontentamento, a fome, a resignação reinantes então na capital. Reencontrou indignado os camuflados que se vangloriavam de ser "mais ardilosos que os demais", tomou conhecimento da hipocrisia, do egoísmo, dos exploradores da guerra e, fiel à ideia fixa de sua fase vienense, descobriu por trás de todas essas manifestações sintomáticas o dedo dos judeus.

E quando, após recuperar-se do ferimento recebido, voltou a Munique para um batalhão de suplemento, a situação ali não era diferente da de Berlim; teve mesmo a impressão de "não reconhecer mais o país". Tomou posição feroz contra os que lhe haviam preparado aquela decepção e tinham destroçado o belo sonho de unidade interna que fora sua primeira experiência social

positiva desde a infância. E a cólera foi dirigida, de uma parte, contra os "judeus envenenadores do povo", dos quais já se deveria ter "liquidado 12 ou 15 mil pela inalação de gases tóxicos", e, de outra, contra os políticos e jornalistas. A linguagem a que recorreu reflete-lhe o grau de indignação: tratava-se de "tagarelas", da "ralé", de "criminosos revolucionários e perjuros" que não mereciam outro destino senão o extermínio; "dever-se-ia", dizia ele, "empregar sem contemplações todos os recursos da força militar para aniquilar essa pestilência". [113] Porque naquela época ele ansiava ainda de maneira apaixonada, quase histérica, pela vitória. Não pressentia e nem calculava que tinha, ao contrário, necessidade da derrota para sair do anonimato.

Eis por que, assim que retornou à linha de combate na primavera de 1917, ele se sentiu como que libertado. Parecia-lhe estranho, agora, o mundo dos civis, ao qual jamais procurara se adaptar. Os arquivos militares registram sua participação nos combates de trincheira na Flandres francesa, na Batalha de Arras durante a primavera e no Chemin des Dames, tão encarniçadamente disputado no outono. Nesse meio-tempo, observava com inquietude as "cartas absurdas de viragos desmioladas" que contribuíam para propagar entre os combatentes uma disposição de espírito resignada. Na época, tinha o costume de discorrer com frequência sobre a sua carreira futura com um de seus companheiros de armas, o pintor Ernst Schmidt, e este veio a declarar que seu interlocutor começara então a se indagar se não devia ingressar na política, mas nunca chegou a se decidir verdadeiramente quanto a isso. Por outro lado, não nos faltam indícios de que ele pensava sempre em seguir a carreira de artista. Tendo chegado de licença pela primeira vez a Berlim, centro político do país, algum tempo após a resolução de paz tão controvertida do Reichstag e pouco antes do triunfo militar do Reich no leste, escreveu num cartão-postal enviado a Schmidt: "Finalmente chegou a ocasião de estudar as obras dos museus mais de perto." Posteriormente, afirmaria que, no pequeno círculo de seus amigos, passava agora a analisar com frequência a possibilidade, em seu retorno da guerra, de atuar no terreno político paralelamente à sua profissão de arquiteto. Pretensiosamente, já tinha em vista como agiria: queria tornar-se orador. [114]

Essa intenção correspondia à convicção adquirida durante sua estada em Viena de que todo comportamento humano podia ser dirigido. Tal ideia simultaneamente angustiante e sedutora de personagens movendo os fios clandestinamente, tal como nos teatrinhos de marionetes, o atraía sobretudo na medida em que ele próprio esperava desempenhar tal papel. A imagem que fazia do homem renegava toda espécie de espontaneidade. Chegou a observar,

não sem um toque de espanto admirado, que seria possível provocar tudo, chegar "a resultados prodigiosos, dificilmente concebíveis" desde que os atores adequados executassem os gestos certos no momento indicado. Julgava assim, com acentuado exagero, que o curso da evolução histórica, a ascensão e o declínio dos povos, das classes e dos partidos se processavam em função da eficácia mais ou menos acentuada da propaganda, e chegou a desenvolver essa tese no famoso Capítulo 6 de seu *Mein Kampf* , tomando como exemplo a propaganda feita pelos alemães e pelos aliados.

Segundo ele, a Alemanha perdeu a guerra porque sua propaganda fora "insuficiente na forma e psicologicamente falha no conteúdo". A incapacidade de seus chefes de avaliar o efeito realmente terrível dessa arma tinha impedido o surgimento de uma propaganda efetiva e não se produziu senão uma "mistura insípida de pacifismo, totalmente incapaz de inebriar os homens para enviá-los à morte". Apesar de "os conhecedores mais talentosos da alma humana serem os indicados para essa tarefa", ela foi confiada pelos alemães a indivíduos fracassados, pretensiosos e sem imaginação, de modo que o resultado foi não só falho como prejudicial.

Segundo Hitler, os adversários procederam de modo bem diferente. Impressionou-o a "habilidade tão brutal quanto genial" da propaganda de atrocidades alemãs feita pelos aliados, com seu humor e sua audácia, e se dedicou por diversas vezes a esboços de considerações técnicas sobre a obstinação arrogante e unilateral com a qual, no seu entender, ela mentia. [115] Ela lhe deu "ensinamentos amplos" e como, de modo geral, Hitler tendia sempre a demonstrar o acerto e o fundamento de suas próprias convicções e axiomas, com a ajuda de exemplos recolhidos de seus adversários, fixou igualmente os princípios de sua ação psicológica tomando como modelo a propaganda efetuada pelo inimigo durante a Grande Guerra. Na verdade, a tese da superioridade inimiga no setor da guerra psicológica correspondia a uma ideia difundida numa grande camada da opinião pública alemã. Em si mesma, ela era apenas uma das lendas que tendiam a explicar por motivos não militares o que muita gente num país orgulhoso de seu exército não chegava a compreender, isto é, que após tantos triunfos em todos os campos de batalha, depois de tantos esforços e sacrifícios, a Alemanha tivesse, ainda assim, perdido a guerra. No entanto, com aquela mistura característica de clarividência e de obtusidade, que o levava a enredar-se em seus próprios erros, Hitler fez daquela tentativa de explicação bastante óbvia o ponto de partida de sua visão geral da essência e ação da propaganda. Esta, a seu ver, deveria ser antes de tudo popular, não devia dirigir-se às pessoas instruídas, mas "unicamente e sempre à massa", e seu nível intelectual devia ser fixado

tomando-se por base o indivíduo de menor capacidade de assimilação entre aqueles que a propaganda buscava atingir. Para ser eficiente, seria necessário além disso que se concentrasse sobre alguns objetivos plausíveis a serem repetidos sempre e sob a forma de *slogans* . Devia apelar constantemente para os sentimentos, jamais à razão, e renunciar expressamente a toda objetividade. Não devia deixar no ar nenhuma dúvida acerca de sua justeza de propósitos. E também não podia admitir senão “noções de amor ou de ódio, de direito ou de injustiça, nunca sentimentos vagos”. Não eram, sem dúvida, ideias muito originais, mas a veemência com que ele as enunciava, a facilidade com a qual, sem desprezá-las de todo, considerava as massas limitadas e hesitantes como um instrumento destinado a servir às suas ambições pessoais, tudo isso deveria lhe assegurar bem cedo uma superioridade considerável sobre todos os rivais e concorrentes naquela busca da adesão popular.

Desde a fase que estamos abordando, Hitler teve a primeira intuição dessa vantagem. Isso porque suas experiências naquela etapa tardia da guerra tinham confirmado as observações que fizera durante sua permanência em Viena. Mas ele sabia agora que sem as massas, sem um bom conhecimento de suas fraquezas, qualidades e sensibilidade, a política seria impraticável. Os grandes demagogos das democracias, Lloyd George e Clemenceau, refletiam no espírito de Hitler seu ídolo Karl Lueger e, mais tarde, ainda que numa intervenção mais discreta e intelectualmente mais pobre, o presidente Wilson também figurou entre seus ídolos. E Hitler achava que uma das razões essenciais da inferioridade a cada dia mais evidente da Alemanha era a ausência, da parte do Reich, de um orador convincente que pelo menos chegasse aos pés daqueles tribunos aliados. Distanciada do povo e incapaz de compreender sua importância crescente, a classe dirigente alemã, petrificada num imobilismo conservador, encolhia-se nas posições alcançadas com arrogância e cegueira. O fracasso de tais dirigentes impressionara Hitler fortemente então. Sobriamente e sem preconceitos, sem o egoísmo e o sentimentalismo que são o apanágio característico das classes carentes de energia, ele não pensava senão nos resultados. Eis por que apreciava a fabulação de mau gosto composta pela propaganda inimiga, que apresentava os soldados alemães como carniceiros que cortavam as mãos das crianças e abriam o ventre das mulheres grávidas. Apreciava-as porque tais imagens apelavam para o efeito mágico exercido pela aflição, a angústia e o mecanismo de solidariedade humana despertado na imaginação popular pelo espetáculo de atrocidades.

Do mesmo modo, não se cansava de admirar a força de atração das ideias, pois as fórmulas de uma cruzada permitiam aos aliados atribuir à sua causa

uma aparência de nobreza, como se eles estivessem defendendo o mundo inteiro e seus mais preciosos bens dos ataques do barbarismo e da nulidade. E do lado alemão nada se tinha a opor a tal formulação missionária. E isso era tão prejudicial que, após seus primeiros sucessos militares, o Reich abandonara a tese, que não deixava de exercer certos efeitos, segundo a qual fazia uma guerra puramente defensiva. Em lugar disso, passou a dissimular cada vez menos sua disposição de impor uma paz na base de anexações, mas sem compreender que deveria justificar essa aspiração ao mundo. Em todo caso, não era possível baseá-la unicamente na necessidade de mais espaço territorial e de desdobramento de uma nação que se supunha, incorretamente, ter-se desenvolvido muito tarde. Mas nesse meio-tempo, no final de 1917, partia da Rússia — vencida, mas acalentada pelas promessas de uma ideia de redenção social — a oferta "de uma paz justa e democrática, sem anexações e em conformidade com o direito dos povos de disporem livremente de si mesmos, ardentemente desejado pelas classes esgotadas e torturadas dos operários e dos trabalhadores de todos os países"; e do outro lado do oceano, Woodrow Wilson anunciava no início de 1918, perante o congresso americano, um vasto programa de paz que devia "permitir ao mundo desenvolver-se, mas protegendo a vida humana". Era a imagem estimulante de uma ordem justa, de uma livre disposição dos povos sobre o plano político e moral, sem violência e sem agressão. Por estar a potência representada pelo Reich desprovida então de ideias eficazes, era inevitável que tal proposta encontrasse profunda ressonância no país exaurido. Uma charge típica da época nos mostra um oficial de estado-maior alemão, no outono de 1918, ao compreender de súbito a real situação, batendo na testa e exclamando: "E dizer-se que são ideias o que devemos combater e que estamos condenados a perder a guerra porque não sabíamos da existência delas!" [116]

Essa tese de que a derrota alemã se devia a causas extramilitares seria repetida mais tarde, com numerosas variantes, e fez parte do repertório de falsas alegações da direita. Não se explica apenas pelo complexo de Siegfried de uma nação que preferia ser vencida pela perfídia e a traição do que num combate aberto, porque a afirmação acima contém uma dose de verdade. Na realidade, a Alemanha perdeu a guerra também num terreno situado fora dos campos de batalha, ainda que em condições diferentes daquelas expostas na versão dos porta-vozes nacionais. Um sistema político agonizante, anacrônico mesmo, mostrara-se inferior à organização democrática, mais de acordo com as necessidades do seu tempo. E pela primeira vez Hitler teve então a certeza de que era impossível lutar vitoriosamente contra uma ideia pelo uso exclusivo da força, sendo indispensável opor-lhe outra ideia mais sugestiva. "Toda a tentativa de combater uma visão do mundo pela força", escreve ele,

"está destinada a um fracasso definitivo, caso a luta não assuma a forma de um ataque em favor de uma nova orientação espiritual. É só no confronto de duas visões do mundo que a força bruta, usada com obstinação e sem contemplações, poderá consumar a vitória da causa que sustenta." [117] Podemos achar que essas reflexões, formuladas mais tarde, eram ainda muito vagas à época da guerra e que só posteriormente ele tomou consciência dos dados do problema. Mas elas representam, sem dúvida, o fruto duradouro que ele colheu dos anos de guerra.

Entretanto, no verão de 1918 a vitória alemã pareceu outra vez mais à mão que nunca. Alguns meses antes, o Reich alcançara um objetivo importante, não apenas uma daquelas vitórias militares efêmeras nas quais se esgotava material e humanamente: no começo de março, impusera à Rússia a paz de Brest-Litovsk e, um mês depois, dera na Romênia uma demonstração impressionante e bem nítida de sua força. Desse modo, ao mesmo tempo, dera um fim à guerra em duas frentes e, dali em diante, pelo aumento de seus efetivos militares na frente ocidental para duzentas divisões e quase três milhões e meio de homens, nivelou-se numericamente às forças aliadas. Evidentemente, permanecia em plano inferior ao adversário no tocante a material e armamento; para um total de 18 mil canhões das potências inimigas, a Alemanha só dispunha de 14 mil. Reanimado, porém, e apesar de algumas dissensões, pela renovação da confiança da opinião pública, o alto comando do exército desfechou, no fim de março, a primeira das cinco ofensivas que deviam, empregando todos os recursos disponíveis, forçar uma decisão do conflito antes da chegada das tropas americanas. O povo alemão estava no dilema de "vencer ou sucumbir", disse então Ludendorff, numa declaração que revelava a mesma propensão ao risco supremo que Hitler mostrou mais tarde.

Reunindo as últimas forças, firmemente decididos, após tantos êxitos estéreis e tentativas inúteis de abrir uma ampla brecha na frente adversária e obter assim a vitória decisiva, os alemães lançaram-se ao ataque. Hitler participou desses combates com o Regimento List, viu-se engajado na perseguição do inimigo no setor de Montdidier-Noyon e, mais tarde, no combate em torno de Soissons e de Reims. Efetivamente, as colunas alemãs conseguiram nas primeiras semanas do verão empurrar as tropas inglesas e francesas para posições a apenas sessenta quilômetros de Paris.

Naquele momento, porém, a ofensiva foi detida. Uma vez mais, as tropas alemãs tiveram aquela força limitada pelo destino que só lhes permitia alcançar triunfos ilusórios. Os sacrifícios particularmente sangrentos que o

sucesso militar exigira até ali, a carência de tropa de reserva que se tornara aflitiva, as corretas manobras defensivas do inimigo, que conseguia após cada avanço alemão estabilizar a linha de frente, tudo isso fora ocultado da opinião pública do país, ou então voluntariamente afastado por esta do centro de suas preocupações mais imediatas. Em 8 de agosto, paralisado o ataque alemão já havia algum tempo, os aliados passaram à contraofensiva e, principalmente no front de Amiens, penetraram nas linhas inimigas, cujo efetivo já estava extremamente reduzido. Mas, mesmo nessa hora, o alto comando alemão persistiu na política de bloqueio da mente. Como tivesse antes enunciado a alternativa extrema, vitória ou derrota, e o triunfo não ocorresse, dever-se-ia confessar vencido. Mas limitou-se a tomar ciência da situação, reconhecida havia já muito tempo como desesperada, acrescentando alguns retoques discretos ao quadro geral da invencibilidade alemã.

Nunca a opinião pública alemã se imaginou tão perto da vitória e do fim da guerra a que tanto aspirava como naquele mesmo verão de 1918, quando, na realidade, a derrota era iminente. E essa ilusão refuta, de maneira mais taxativa do que qualquer outro argumento, as reflexões de Hitler relativas à impotência e à ineficácia da propaganda alemã, mesmo se viesse a extrair de suas ideias errôneas conclusões absolutamente exatas. Entre os políticos responsáveis e no círculo dos oficiais superiores, as esperanças mais insensatas continuavam, aliás, a ser alimentadas. [118]

Daí que todos eles tenham sofrido o duro e inteiramente inesperado impacto da realidade quando, a 29 de setembro de 1918, Ludendorff exigiu, na presença dos chefes políticos convocados às pressas, o envio imediato de uma proposta de armistício, e também quando, à beira do colapso, o marechal negou-se a fornecer qualquer garantia de ordem militar. De maneira muito sintomática, não vira as consequências de um fracasso da ofensiva alemã, tendo então rejeitado com mau humor todas as tentativas de manter a iniciativa militar no terreno político. Nem mesmo parece provável que tivesse concebido um objetivo estratégico. Em todo caso, ao *Kronprinz* que o interrogou a esse respeito ele se dispôs a dar uma resposta irritada mas bem característica: “Nós abrimos uma brecha e avançamos. O resto vem por si mesmo.” E indagado pelo príncipe Max von Baden, desejoso de saber o que ocorreria no caso de um revés, Ludendorff declarou encolerizado: “Então, melhor a Alemanha sucumbir.” [119]

Tão mal preparada política como psicologicamente, a nação que, segundo um contemporâneo, acreditava na superioridade de suas armas “como num evangelho” [120] mergulhou num abismo sem fundo. Uma declaração do marechal Hindenburg, tão ilustrativa quão difícil de compreender, mostra até

que ponto suas ilusões eram obstinadas. Logo após Ludendorff ter admitido que a guerra estava perdida, o velho marechal pediu com o ar mais sério deste mundo ao ministro do Exterior que se empenhasse ao máximo durante as negociações próximas para obter a anexação das minas de ferro da Lorena. [121] Aí se manifestava pela primeira vez essa forma particular de defesa que recusa a realidade, atitude mental que permitiu a um número crescente de pessoas sobreviver às aflições e às depressões registradas no país nos anos seguintes, até os dias embriagadores da primavera de 1933. Não se conseguiria nunca dar uma ideia perfeita da extensão do efeito provocado por essa passagem brusca "da fanfarra triunfal de Siegried ao canto fúnebre da derrota". O impacto do desencanto influenciou de modo tão duradouro a história alemã que se torna impossível compreendê-la sem levar em consideração esse fato.

E o acontecimento repercutiu com violência especial no espírito do cabo ensimesmado e visionário do Regimento List, que tinha seguido a guerra do amplo ponto de vista do comando militar. Sua unidade fora empregada em outubro de 1918 na batalha defensiva de Flandres. No decorrer dos combates, os ingleses desfecharam na noite de 13 para 14 de outubro um ataque com o emprego de gases ao sul de Ypres. Achando-se sobre uma colina perto de Wervick, Hitler ficou durante várias horas sob o efeito daquele bombardeio intenso de granadas tóxicas. De madrugada sentiu dores violentas e, ao se apresentar às sete da manhã em seu regimento, mal conseguia enxergar. Algumas horas depois, ele nada via e os olhos, como descreveu mais tarde, pareciam transformados em brasa viva. Pouco depois, foi para o hospital militar de Pasewalk, na Pomerânia. [122]

Estranha tensão pervagava as salas daquele hospital, e ali circulavam rumores confusos relativos à queda da monarquia e ao fim já próximo da guerra. Com uma consciência de suas responsabilidades característica de sua personalidade, Hitler passou a suspeitar da ocorrência de agitações locais, greves, atos de insubordinação. Mas, finalmente, chegou à conclusão de que esses sintomas de perturbação "eram mais o produto da imaginação de pessoas jovens isoladas". Fato curioso é que, como já lhe ocorrera em Beelitz, nada intuiu quanto à prostração e ao esgotamento de que o povo em seu todo dava sinais. No início de novembro o estado de seus olhos começou a melhorar, mas ainda não podia ler os jornais e dizem que declarou a um de seus camaradas que receava não poder mais desenhar. Para ele, a revolução operada no país "repercutiu em sua mente" como a ação de "alguns jovens judeus" que, dizia, não procediam da frente de combate mas sim de um hospital dito de "doenças venéreas" para virem agora agitar "os trapos

vermelhos". Acreditou também estar lidando com os protagonistas de uma ação local irrefletida. [123]

Só em 10 de novembro inteirou-se "da mais terrível constatação da sua vida". Convocados pelo capelão do hospital, os feridos em tratamento ali foram cientificados de que uma revolução ocorrera no país, que a Casa de Hohenzollern fora derrubada e proclamada a república. Chorando baixinho, escreve Hitler, o velho capelão rendeu homenagem aos serviços prestados pela Casa Real e, nesse momento, ninguém ali pôde conter as lágrimas. No entanto, assim que o capelão começou a explicar que a guerra estava perdida e o Reich nada mais tinha a fazer senão confiar de maneira incondicional na magnanimidade de seus antigos inimigos, "aí não pude me conter. Vi que entendia algo mais do que o relatado ali. Bruscamente, a noite invadiu meus olhos, tateando e cambaleante voltei ao dormitório, me atirei sobre o leito e enfiei a cabeça, que estava estourando, no travesseiro. Desde o dia em que me vi inclinado sobre o túmulo de minha mãe jamais voltara a chorar… Mas agora me foi impossível outra coisa". [124]

Para Hitler, pessoalmente, uma nova desilusão, tão brutal e incompreensível como a experiência de sua tentativa frustrada de ingressar na Escola de Belas-Artes. Emprestando ao fato a magnificência de um mito, ele o transformou num dos temas permanentes de sua carreira. E foi mesmo a tal acontecimento que atribuiu sua decisão de entrar na política, demonstrando assim até que ponto era obstinada e ferrenha a vontade de se afirmar bem além das contingências pessoais. Em quase todos os seus grandes discursos, fez referências ao fato, de maneira quase ritualística, declarando que a revolução fora na verdade o ponto de partida de sua vida. E, nesse ponto, os historiadores concordam com ele inteiramente. A impressão, sem dúvida nenhuma acabrunhante, da súbita mudança no curso da guerra levou mesmo a supor que sua cegueira ocorrida em outubro de 1918 teve, pelo menos em parte, origem nervosa. E, de fato, o próprio Hitler fez algumas observações que reforçam a hipótese. Num discurso pronunciado em fevereiro de 1942 diante de oficiais e aspirantes, ao relembrar que estivera prestes a ficar completamente cego, Hitler acrescentou que a perda da visão não seria importante já que na época esse sentido só lhe permitia contemplar um mundo no qual o povo alemão estava submetido à escravidão. "Que poderia ver então naquele momento?" E em fins de 1944, quando a derrota se avizinhava, muito deprimido, ele declarou a Albert Speer ter motivos para temer uma nova cegueira como ocorrera no fim da Grande Guerra. [125]

Uma passagem de *Mein Kampf* deu alguma consistência à suposição de que Hitler teria sido arrancado da obscuridade de sua existência por um

sonoro apelo ao qual não teria podido escapar: “O gênio”, escreve ele, “tem muitas vezes necessidade de uma espécie de choque (…) para emergir; sucede com frequência que na banalidade da vida diária criaturas de valor parecem insignificantes e não ultrapassam mesmo o nível dos que o cercam. Contudo, desde que se defrontam com uma situação na qual os outros se mostram indefesos e incapazes, sua natureza genial se revela, surpreendendo assim todos os que até ali só viam mediocridade nelas (…) Se o momento dessa prova reveladora não tivesse acontecido, ninguém jamais suspeitaria que a personalidade de um jovem herói se ocultava sob a fisionomia do adolescente imberbe. O golpe súbito e acidental do destino que derruba um faz surgir no outro um espírito indomável.” [126]

Tais declarações parecem destinadas unicamente a dar a impressão de que se fizera uma pausa na vida de Hitler, a fim de permitir-lhe perceber sua vocação real e criar um traço de união muito claro entre os anos de boemia, de apatia e devaneios crepusculares e a nova fase de genialidade inscrita no seu destino. Na realidade, contudo, os acontecimentos de novembro deixaram-no, em vez disso, paralisado e perplexo: “Eu sabia que tudo estava perdido”, disse ele. Os imperativos do dever e da ordem do mundo burguês aviltante, do qual a guerra o protegera durante quatro anos, os problemas relativos a seu ofício e à sua subsistência ressurgiam diante dele e não era mais capaz hoje do que outrora de solucioná-los. Não tinha a instrução necessária, nem emprego, domicílio ou parentes e amigos. A crise de desespero a que se entregara afundando a cabeça no travesseiro do quarto de hospital não denotava só a amargura que lhe causava a desgraça nacional: revelava com igual força o sentimento de sua infelicidade pessoal.

Isso porque o fim da guerra privava de repente o cabo Hitler do papel que descobrira e adotara na frente de combate e da pátria perdida no mesmo dia em que o liberaram de suas obrigações militares. Desamparado, viu que a disciplina que tinha sido a glória daquele exército se desagregava como a uma palavra confidencial. Constatava então que seus camaradas de armas e outros companheiros tinham apenas vontade de se livrarem da farda, cujo peso de repente se tornara insuportável após aqueles quatro anos de guerra. Pretendiam se reencontrar com a vida e não queriam mais dissimular sob fórmulas patrióticas ou poses marciais as angústias e humilhações da vida de soldado. “E assim tudo fora em vão. Inúteis todos os sacrifícios e todas as privações. Em vão que se passara fome e sede por intermináveis meses, vãs as horas em que, assediados pela angústia da morte próxima, assim mesmo cumpríamos nosso dever: inútil também o sacrifício de dois milhões de homens que encontraram a morte.” [127]

Foram essas considerações, e não os acontecimentos revolucionários, que afetaram profundamente Hitler. Seu interesse pela casa reinante era tão reduzido quanto seu respeito pela classe dirigente do Reich; ele não era um “inocente”. A derrota súbita e a perda do papel a isso associado foram um choque. As circunstâncias deprimentes em que se processara a revolução não lhe permitiam encontrar um papel que substituísse o desempenhado durante a guerra. Pior ainda, elas eram a negação de tudo aquilo que ele venerava confusamente: a grandeza, o *páthos* , o amor da morte. Na realidade, fosse qual fosse seu brilho de fachada, aquela revolução não era outra coisa senão uma greve militar inspirada, no seu modo de ver, pelo motivo mais elementar: a vontade de sobreviver.

Aquela revolução, que na verdade não o era, se traduzia, mesmo nas suas manifestações mais aparentes, por gestos que refletiam sua perplexidade. No decorrer dos primeiros dias de novembro, em toda a Alemanha, desertores percorriam as ruas caçando os oficiais. Eles os detinham, agrupavam e, com sarcasmos e insultos, arrancavam-lhes patentes, condecorações e distintivos. Foi um ato de tardia revolta contra o regime deposto, e tão absurdo quanto incompreensível. Mas gerou para sempre entre os oficiais, como entre todos os partidários da legalidade e da ordem, uma amargura de amplas consequências, um ressentimento profundo contra a revolução e, nessa ordem de consequências, contra o regime que nascera sob tais auspícios.

A isso somava-se o fato de um capricho da história ter privado a revolução da glória que lhe teria permitido sobreviver na memória da nação. Desde o mês de outubro de 1918, de conformidade com as exigências do presidente americano e da opinião pública nacional, o novo chanceler, o príncipe Max von Baden, adotara uma série de reformas internas que tinham criado no país um regime parlamentar. Por fim, na manhã de 9 de novembro, o chanceler anunciara sem hesitar e de forma arbitrária a abdicação do Kaiser: a revolução chegara ao seu fim antes mesmo de ter existido realmente. E, de qualquer modo, perdera a chance de demonstrar sua disposição de efetivar um objetivo político. Sem se aperceber disso, vira-se frustrada sem seu “juramento do Jeu de Paume de 1789” e sem sua “tomada da Bastilha”.

Em vista das circunstâncias difíceis e do clima de indecisão que a acompanhavam, aquela revolução só teria uma possibilidade de sucesso: era necessário tomar a forma de uma revolução autêntica. Deveria tirar proveito do poder de atração inerente a todas as coisas novas. Mas os novos detentores do poder, Friedrich Ebert e os social-democratas, eram homens capazes e conscienciosos, impregnados ao mesmo tempo de ceticismo e de boas

intenções. Acreditavam ter realizado uma grande obra ao abolir desde o início de seu mandato todos os títulos de conselheiros confidenciais e comerciais, e proibir a outorga de comendas e condecorações. [128] O espírito curiosamente sofisticado, assim como a falta de intuição que caracterizava seu comportamento de modo geral, explica também o fato de não terem tido discernimento suficiente para avaliar o alcance do momento e promover uma ampla renovação social. Em suma: foi uma "revolução totalmente desprovida de ideias", como já o afirmara um contemporâneo, [129] e que de modo algum correspondeu às aspirações sentimentais de um povo derrotado e desiludido. A constituição discutida durante o primeiro semestre de 1919 e promulgada a 11 de agosto, em Weimar, não chegou a se definir de maneira convincente quanto a seu real sentido. Não fora elaborada senão como instrumento estritamente técnico do poder democrático, que ignorava quase tudo acerca dos objetivos do poder.

A indecisão e a falta de coragem fizeram com que se perdesse no momento ideal a segunda chance da revolução. Certamente os novos dirigentes podiam invocar o estado de profunda exaustão do país e a angústia motivada pelo exemplo da Revolução Russa, fatos que paralisavam todas as iniciativas. Na sua incapacidade de encontrar uma solução e testemunhando as inúmeras dificuldades naturais de um país derrotado, tinham sem dúvida numerosos motivos para opor obstáculos ao anseio de renovação que se manifestava de modo espontâneo nos "conselhos" de soldados e de operários. Também não havia dúvida de que os acontecimentos do momento pudessem suscitar uma enorme disposição de renunciar às atitudes tradicionais, disposição até ali inaproveitada. Mesmo da parte da direita a revolução teria tido acolhida favorável e, justamente entre os intelectuais conservadores, as noções de "socialismo" e de "socialização" figuravam no rol das fórmulas mágicas convocadas naquela emergência. Mas os novos detentores do poder não dispunham praticamente de outro programa a não ser o de restabelecer a paz e a ordem. Programa que eles, aliás, só esperavam realizar se houvesse uma aliança com as forças tradicionais. Não conseguiram nem mesmo iniciar um tímido ensaio de socialização, as posições ocupadas pelos grandes proprietários rurais permaneceram as mesmas, e garantiu-se rapidamente a posição dos funcionários. Com exceção das dinastias, os grupos sociais que até ali haviam exercido influência determinante não perderam quase nada do poder no correr daquela passagem para uma nova forma de governo. Não foi sem razão que mais tarde Hitler pôde exigir o que impedira os atores de novembro de construir um estado socialista: porque, dizia ele, tinham sido investidos dos poderes necessários. [130]

No clima de confusão e perplexidade daquelas semanas, apenas a extrema esquerda radical era capaz de elaborar um plano para o futuro, mas lhe faltava a adesão das massas, como também essa centelha de “energia catilinária” de que sempre carecera. [131] A famosa manhã de 6 de janeiro de 1919 mostra até que ponto era intransponível a distância que separava o pensamento da ação. Naquele dia uma multidão de dez mil pessoas com aspirações revolucionárias concentrou-se na Siegesallee, em Berlim, e esperou em vão até a tarde uma palavra de ordem do comitê revolucionário que se alongara em discussões. Aí, congelados, fatigados e decepcionados, os manifestantes se dispersaram. Resta acrescentar que a esquerda revolucionária, principalmente no transcurso do período anterior ao do assassinato cometido em meados de janeiro por militares contrarrevolucionários de seus dois líderes mais notáveis, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, desencadeou no país uma onda de tumultos, perturbações e polêmicas que se assemelhava a uma guerra civil. Se a iniciativa não foi coroada de sucesso aos olhos da história, teve, contudo, consequências.

Irritada e desorientada, a opinião pública não tardou com efeito a se cansar das lutas e controvérsias que marcaram o período e foi decididamente a república que arcou com as consequências, ainda que, na realidade, só tivesse feito se defender. Em toda parte se via “a revolução” e, no subsolo obscuro da consciência popular, o estado afinal emergido daquele tempo infeliz era tido como responsável pelas desordens, pela derrota e humilhação nacionais. Mais ainda: a essas críticas se misturavam as imagens lamentáveis de combates de rua, de caos e de indisciplina que sempre tinham mobilizado os instintos de defesa do país. Nada afetara tanto a república e seu sucesso junto à opinião geral do que o fato de nascer sob os auspícios de uma revolução “suja.” Bem depressa, significativa camada da população, mesmo a de grupos políticos moderados, não conservou outra lembrança daqueles primeiros meses no transcurso dos quais nascera a república senão do ódio, do luto e do desgosto profundo.

As condições de paz do Tratado de Versalhes acentuaram mais ainda o ressentimento. O país estava intimamente convencido de que fora forçado a uma guerra defensiva e ignorava quase tudo da discussão relativa a seus objetivos, que teve lugar na segunda fase das hostilidades. Nesse meio-tempo, as declarações do presidente Wilson tinham infundido em grande parte da população alemã a ilusão de que a derrubada da monarquia e a adoção dos princípios constitucionais do Ocidente apaziguariam a cólera dos vencedores. Esperava-se que dessa maneira eles vissem com melhores olhos os que, animados de uma disposição conciliadora, não cumpriam senão um ritual

administrativo póstumo por um regime extinto. Eram igualmente muitos os que pensavam que a "organização da paz mundial", de que aquele tratado devia ser a pedra angular, impedia todos os projetos de contestação, as injustiças gritantes e toda espécie de coerção. Aquele tempo de esperanças, a uma só vez compreensíveis e irrealísticas, foi denominado muito adequadamente de "a terra de sonho do período do armistício". [132] O país mostrou-se ainda mais desconcertado e reagiu com um verdadeiro clamor de indignação quando lhe foram comunicadas, no início de maio de 1919, as condições de paz. O nervosismo da opinião pública foi traduzido no plano político pela demissão do Chanceler Philipp Scheidemann e de seu ministro do Exterior, o Conde Brockdorff-Rantzau.

É pelo menos certo que a forma emprestada à assinatura do tratado de paz foi elaborada pelas potências vitoriosas com um espírito ardiloso e ofensivo. A rigor, ainda podemos aceitar que tenham inaugurado de boa-fé a conferência de paz em 18 de janeiro de 1919, data em que havia menos de cinquenta anos o Reich alemão fora proclamado. E também se poderia admitir com o mesmo espírito a decisão pela qual o tratado devia ser assinado na mesma sala dos espelhos onde a unidade alemã fora consumada. Mas em troca se observa que, ao fixar a data de encerramento da conferência para 28 de junho, quinto aniversário do assassinato do arquiduque da Áustria, Franz Ferdinand, em Serajevo, as potências vencedoras davam mostras de um cinismo que contrariava os princípios wilsonianos anunciados pomposamente aos quatro ventos.

Foi no plano psicológico, bem mais do que no aspecto material, que as cláusulas do tratado tiveram efeitos traumatizantes e geraram, da esquerda para a direita, em todos os setores e partidos, a consciência de uma indelével humilhação. As reivindicações territoriais, as exigências relativas a indenizações e reparações, que logo de início figuraram na ordem do dia de todas as discussões, não tinham certamente a "dureza cartaginesa" de que se falou tanto, e não podiam ser comparadas às condições impostas pelo Reich em Brest-Litovsk à Rússia e em Bucareste à Romênia. Pelo contrário, o que se encarava como insuportáveis eram as cláusulas que lesavam "a questão de honra", e se tomou como uma verdadeira chaga aquela "ignomínia", que não devia demorar a estimular vivamente a agitação dos elementos da direita. Figurava como a ofensa mais grave o Artigo 228, que exigia a entrega de certo número de oficiais alemães nominalmente designados para serem julgados por tribunais militares aliados. E havia sobretudo o famoso Artigo 231, que imputava exclusivamente à Alemanha a responsabilidade moral da guerra. As contradições e desonestidades eram por demais evidentes nos 440

artigos do tratado, no qual os vencedores se arvoravam a padre eterno do mundo e apresentavam suas legítimas reivindicações como a forma de expiar os pecados, lá, onde, na realidade, os interesses estavam em jogo. Mas foi sobretudo o aspecto perfeitamente absurdo, ainda que compreensível em parte, de uma moral vingativa que provocou ódio e sarcasmos grosseiros. Mesmo nos países aliados a crítica era acesa. Por exemplo, o direito de autodeterminação dos povos, ao qual os pronunciamentos do presidente americano tinham conferido o ar solene de um princípio de reconciliação universal, era sempre silenciado quando invocado em relação à Alemanha. Desse modo, territórios genuinamente alemães como o Tirol meridional, a região dos Sudetos ou Dantzig foram separados do Reich, e, na inviabilidade de tal solução, dotados de uma estrutura independente. Foi proibida sem qualquer hesitação a incorporação ao Reich dos restos alemães da monarquia desmembrada dos Habsburgos; estruturas supranacionais foram destruídas no caso da Áustria-Hungria e costuradas, como é o caso da Iugoslávia ou da Tchecoslováquia. Em toda parte o nacionalismo foi consagrado triunfalmente, mas ao mesmo tempo a Liga das Nações rejeitava seu princípio. O Tratado de Versalhes praticamente não regulou um só dos problemas que foram o verdadeiro motivo do conflito desencadeado em 1914, e deixou de lado de modo bem evidente o fato de que o objetivo supremo de um tratado de paz é precisamente a paz.

Muito pelo contrário, destruiu em larga medida a consciência da solidariedade europeia e a noção de uma herança comum que, através de várias gerações, tinham permanecido intactas, a despeito das guerras e das paixões em jogo. A nova organização da paz mostrou-se pouco propensa a ressuscitar tal sentimento. De qualquer modo, a Alemanha sempre fora excluída e, de início, nem sequer foi admitida no seio da Liga das Nações. Essa discriminação contribuiu mais do que tudo para robustecer a hostilidade dos alemães ao contexto europeu e, desde então, não demoraria a chegar a hora em que surgiria o homem destinado a chamar às falas os vitoriosos e obrigá-los a pôr fim a suas hipocrisias. Porque, na verdade, Hitler tinha dado um passo importante em seus primeiros ensaios no terreno da política exterior ao se apresentar, não sem um toque de sinceridade, como o partidário mais resoluto de Wilson e dos axiomas de Versalhes. E, numa certa medida, mostrou-se menos um adversário do que o administrador de uma ordem antiga e extinta. “Uma época terrível começa para a Europa”, escreveu um dos observadores contemporâneos mais lúcidos sobre o dia em que o tratado de paz foi ratificado em Paris. “Reina agora essa onda de calor úmido que precede a tempestade, e esta resultará depois numa explosão que será sem dúvida mais mortífera ainda do que a Grande Guerra.” [133]

No plano da política interior, a amargura motivada pelas cláusulas do tratado de paz intensificou mais ainda o ressentimento contra a república, porque esta se mostrara incapaz de poupar ao país o rigor e a desonra daquele "*diktat* da vergonha". E só agora se percebia com clareza como se havia aceito a contragosto tal tratado. Fora essa aceitação o resultado do acaso, do anseio de paz e da exaustão. E às dúvidas que eram provocadas pela impotência interna do país veio juntar-se ainda o descrédito difundido no exterior por sua fraqueza; a própria noção da república tornou-se cada vez mais sinônimo de vergonha, de desonra e de incapacidade. E não se apagou jamais o sentimento de que com ela se impusera, pela mentira e pela coação, uma forma de governo essencialmente estranha ao país. Mesmo durante seus poucos anos felizes, a república não conseguiu captar verdadeiramente as simpatias da população "quer apelasse à sua fidelidade quer à sua imaginação política". [134]

Tais acontecimentos tiveram importância decisiva porque aceleraram a politização da consciência pública. Extensas camadas sociais que até então, fiéis à autoridade constituída, teimavam em permanecer na antecâmara da política, foram envolvidas bruscamente e à força nos acontecimentos daquela hora que, de maneira inevitável, implicavam paixões políticas, esperanças e abatimento. Eram essas mesmas as disposições que envolviam Hitler, já então com trinta anos, no hospital militar de Pasewalk. Ele experimentava a um só tempo um sentimento vago e violento de infortúnio e de traição. Assim, passou a se interessar um pouco mais pela situação, mas os acontecimentos de novembro não determinaram certamente sua decisão de atuar na política, como afirmou depois em *Mein Kampf* . Foi provavelmente um ano depois que tal ideia ganhou força em seu espírito, naquele instante memorável em que, durante uma pequena reunião, descobriu com uma espécie de êxtase seu talento de orador e percebeu de repente um meio de escapar às aflições de uma existência sem esperança e de se projetar para o futuro.

Seu comportamento nos meses seguintes torna no mínimo muito plausível essa interpretação. Porque logo após receber alta, o que se deu naquele meio-tempo, Hitler deixa o hospital de Pasewalk em fins de novembro, volta a Munique e se apresenta ao batalhão suplementar de seu regimento. Ora, após ter tido um papel importante nos acontecimentos de novembro e depois de dar o grito de revolta contra as casas regentes, a cidade toda vibrava de um sentimento político apaixonado. Apesar disso, no entanto, ele permaneceu indiferente e, contrariando a sua pretensa decisão de fazer política, não se sentiu envolvido ou motivado pelo que se desenrolava a seu redor. Contentou-

se em observar apenas que a supremacia dos vermelhos o enojava. Mas, conforme confidenciaria, ocorrera o mesmo durante todo o período da república. Assim, essa declaração não dá margem para que se pense num interesse maior pela política. Dominado por um desejo indeterminado de se ocupar com algo, acabou, no início de fevereiro, por se apresentar voluntariamente para um serviço de guarda num campo de prisioneiros de guerra em Traunstein, pouco distante da fronteira austríaca. Mas um mês depois, quando os presos, algumas centenas de soldados franceses e russos, foram libertados, recaiu na sua perplexidade. Hesitante, voltou a Munique.

Como não sabia para onde ir, alojou-se novamente no quartel, desta vez em Oberwiesenfeld. Não foi, sem dúvida, uma decisão fácil retornar à vida de caserna, porque isso o obrigava a se colocar sob as ordens do exército dos vermelhos, então no poder, e a usar uma braçadeira rubra. Entretanto, aceitou permanecer sob o comando da esquerda revolucionária, e nada demonstra tão claramente como sua consciência política estava pouco desenvolvida e o quanto sua sensibilidade era fraca. Chega a surpreender pensar-se que, mais tarde, no dizer de testemunhas oculares, a simples menção da palavra "bolchevismo" despertava sua mais profunda indignação. Apesar de todo o empenho ulterior de enfeitar certos detalhes, torna-se evidente que durante essa fase da vida sua indiferença política era mais forte do que a humilhação de ser um soldado da revolução mundial.

Por outro lado, ele não tinha outra alternativa. O exército era o único setor da vida social no seio do qual continuava a se sentir abrigado — abandoná-lo equivaleria a encontrar-se de novo no mundo dos náufragos de onde tinha saído. Hitler percebeu muito bem a que ponto sua situação pessoal era ainda um beco sem saída: "Durante aquele período, inúmeros planos se atropelavam em minha mente. Eu refletia dias inteiros acerca do que poderia fazer, mas todas essas reflexões esbarravam na crua constatação de que, não tendo nome, não preenchia de nenhum modo os requisitos necessários para poder exercer uma atividade útil qualquer." [135] Esse comentário indica claramente que ele continuava longe de pensar a sério num trabalho que lhe permitisse ganhar a vida e adquirir um *status* burguês. Em vez disso, era atormentado pela ideia de seu anonimato. A crermos em sua autobiografia, sua atitude política teria atraído "o olhar de censura do conselho revolucionário central", que decidira até prendê-lo no fim do mês de abril, mas ele apontou seu fuzil para a patrulha encarregada da detenção e a pôs em fuga. Na realidade, porém, nessa época, o conselho central já fora extinto.

Tudo indica que seu comportamento naquela época era um misto de incerteza, passividade e subserviência oportunista. Hitler não chegou mesmo

a ter a mínima participação nos acontecimentos tumultuosos dos primeiros dias de maio, no decorrer dos quais as tropas do *Freikorps Epp* , em conexão com outras unidades, destituíram e substituíram o governo dos conselhos operários. Otto Strasser, que durante certo tempo foi um de seus adeptos, formulou mais tarde oficialmente a indagação: "Onde estava Hitler naquele dia? Em que canto de Munique se escondia o soldado que deveria ter combatido nas nossas fileiras?" Na época, o guarda vermelho Adolf Hitler teve contra si uma prisão preventiva, mas foi posto em liberdade graças à intervenção de alguns oficiais que o conheciam. O relato da tentativa de prisão por parte do conselho central é talvez a versão retocada deste acontecimento.

A ocupação de Munique pelo Freikorps Epp foi acompanhada de numerosos inquéritos sobre o que ocorrera durante o período de governo proletário de sovietes ,e diversas suposições têm sido feitas sobre o desempenho de Hitler nessas inquirições. Sabemos apenas, com certeza, que ele se pôs à disposição do inquérito aberto pelo 2º Regimento de Infantaria. Colaborou nos interrogatórios que resultavam amiúde em julgamentos muito severos, resquícios da amargura produzida pelos combates recém-terminados, deu informações, localizou ex-camaradas de armas que haviam aderido ao regime comunista e, no todo, desincumbiu-se de sua missão de maneira tão satisfatória que, pouco depois, foi mandado participar num curso de "doutrinação cívica".

Pela primeira vez chamava atenção e começou a se destacar da massa sem rosto onde o anonimato durante tanto tempo o abrigara e sufocara. Ele mesmo declarou que a tarefa que desempenhara dentro da comissão de inquérito fora "de certo modo sua primeira função ativa de caráter político". [136] Continuava a se mover ao sabor dos acontecimentos, mas a direção que seguia o levaria rapidamente ao término desses anos de formação, que mergulham numa penumbra insólita onde se misturam confusamente suas tendências antissociais e a consciência de sua missão. Se nos detivermos numa visão de conjunto dessa marcha evolutiva, ficaremos impressionados sem dúvida pelo fato de que, destinado a ser um dos líderes políticos deste século, Adolf Hitler não tenha sentido a tentação de intervir na política antes de completar trinta anos. Quase com essa idade Napoleão já se tornara Primeiro-Cônsul da República; Lênin, após anos de deportação, achava-se no exílio; e Mussolini era redator-chefe do jornal socialista *Avanti* . Ao passo que Hitler não tomara ainda qualquer iniciativa em relação às ideias que, em breve, o levariam a tentar, com obstinação, conquistar o mundo. Não aderira a nenhum partido

nem a qualquer das numerosas associações da época — com exceção da liga antissemita vienense — para trabalhar na consecução de seus pontos de vista. Não há um dado que venha insinuar um anseio de ação política de sua parte, nem sequer um indício de algo além de uma participação muito vaga nos fatos comuns de sua época.

Essa abstenção de qualquer atividade política pode ser explicada, ao menos em parte, pelas circunstâncias materiais de sua vida, pelo isolamento em Viena, pela mudança que o levou em boa hora a instalar-se em Munique, onde era visto como um estranho até o momento em que eclodiu a guerra e ele foi enviado para a frente de combate. É possível também que tal julgamento seja influenciado pela índole particular dos seus conhecidos daqueles anos, cujas recordações relativas ao "amigo da juventude" e às suas inclinações políticas apresentam muitas lacunas para que se possa fazer justiça ao jovem Adolf Hitler. Mas se pode deduzir também que em última análise a política então lhe importava pouco.

Dirigindo-se a seus comandantes de exército em 23 de novembro de 1939, quando já estava no auge de seu poder, observou de maneira surpreendente para todos que só ingressara na política em 1919 após uma luta íntima prolongada. Essa decisão, disse então, fora a seu ver "a mais difícil de todas". [137] Ainda que o comentário faça uma evidente alusão às dificuldades inerentes a todo o começo de uma atividade, traduz também alguma reserva mental em relação à carreira política. A reduzida estima de que ela desfrutava tradicionalmente na Alemanha, ou mesmo, por definição, sua "agitação cotidiana", considerada prejudicial a toda grande atividade criadora, pode ter tido certa influência na decisão dele. Isso sem contar que a carreira política deve ser associada a seu sonho de juventude, irrealizável depois, "de vir a ser um dos grandes arquitetos alemães, para não dizer o maior". No momento mais triunfal da guerra, ainda chegou a declarar que pessoalmente teria preferido viajar muito pela Itália "como um pintor desconhecido" e que só o risco mortal ao qual estava exposta sua própria raça o levara a se lançar no caminho da política que, de fato, não era o seu. [138] Os acontecimentos de novembro, a derrubada de toda a autoridade, o desaparecimento das dinastias e o caos que se seguiu despertaram sem dúvida seus instintos conservadores, mas não o levaram a um protesto real. A repugnância que as insurreições e o comportamento revolucionário lhe inspiravam era mais forte do que seu desdém pelos assuntos políticos: o burguês que ele era não se rebaixava a isso. Vinte e cinco anos depois, numa de suas conversas à mesa, ao mencionar suas experiências durante a revolução de novembro, aproximou os insurretos dos criminosos. Via-os apenas como uma "turba insociável" que era

necessário exterminar na hora precisa. [139]

Somente motivos pessoais e a descoberta tardia da força de sugestão de seu talento oratório lhe permitiram superar toda a sua reserva intelectual: hesitação em abordar uma carreira política e temor de assumir a reputação detestável de destruidor da ordem estabelecida. Foi só então que ele se lançou na política; era um dos atores da revolução, mesmo que, como declarou quatro anos mais tarde à guisa de justificação, no decorrer de seu processo diante do tribunal do povo, tivesse sido um revolucionário contra a revolução. E não tinha sido outra coisa em tudo aquilo senão um artista confuso e inibido diante da vida, e que as circunstâncias particulares do momento, assim como um talento monstruoso, tinham lançado na política? No decorrer da vida desse homem a indagação se fará sentir sem cessar e, a cada passo, seremos levados a perguntar se a política alguma vez teve importância maior a seus olhos do que os meios com a ajuda dos quais ele a desenvolvia: os transbordamentos de retórica, por exemplo, o aparato teatral da propaganda, os desfiles, as paradas monumentais, e os congressos do partido. Por fim, durante a guerra, a encenação que acompanhava o emprego da força militar.

É certo que só a derrubada da ordem antiga é que lhe abriu o caminho nessa direção. Enquanto vigorava o mundo burguês e a política era uma carreira burguesa, as chances eram reduzidas de se fazer notar e de vencer. Aquele mundo, pela severidade de sua formalidade e pelo tom sério de suas exigências, não oferecia possibilidades de voo a seu temperamento aventuroso. O ano de 1918 lhe abriu caminho. “Não podia deixar de rir ao pensar no meu próprio futuro, que até pouco tempo antes me causava tão amarga inquietude”, escreveu ele. [140]

E foi assim que ele adentrou a cena política.

——— Primeira inserção ———

A GRANDE ANGÚSTIA

Sempre nos acusam de estarmos vendo fantasmas .

Völkischer Beobachter
24 de março de 1920

APÓS A GRANDE GUERRA , nada parecia mais indiscutível do que a vitória do ideal democrático. Sem contestação aparente ele triunfava além das novas fronteiras, impondo-se à agitação e às disputas incessantes entre as nações, como o princípio sobre o qual, fossem quais fossem suas deficiências, a opinião geral na época estava de acordo. Porque a guerra tinha dado o veredicto não apenas sobre uma certa forma de poder, mas também acerca de um conceito de soberania: após o aniquilamento de quase toda a organização política da Europa central e oriental, a revolução e o tumulto originaram numerosos governos novos sob a égide das ideias democráticas. Enquanto em 1914 a Europa só contava com três repúblicas para 17 monarquias, quatro anos depois contavam-se tantos estados republicanos quanto monarquias. O espírito da época parecia favorecer, sem dúvida, a criação de novas formas de soberania popular. [1]

Só a Alemanha parecia resistir a essa corrente da época, após ter-se deixado levar provisoriamente por ela: a recusa da realidade gerada pela guerra manifestava-se na ampla proliferação de partidos racistas e de clubes, de grupos e corporações independentes. Para todos esses agrupamentos a revolução era um ato de traição, a democracia parlamentar uma forma de governo imposta pelo estrangeiro, uma expressão destinada a designar “tudo que se opunha à vontade do estado alemão”, quando não era simplesmente denunciada como uma “instituição a serviço da tentativa de pilhagem organizada pelas capitais da Entente”. [2]

Os antigos adversários da Alemanha tinham visto nas numerosas manifestações de protesto nacionalista a reação característica de um povo impenitente, sempre enamorado da autoridade, hostil à democracia e ao direito de autodeterminação dos povos. Certamente que, na Alemanha, não se esquecia naquela ocasião de levar em conta o acúmulo sem precedentes dos obstáculos políticos e psicológicos impostos à nova república. Era viva ainda a lembrança do impacto provocado pelo Tratado de Versalhes e suas

proscrições, pelas amputações territoriais e as reparações; em suma, pelo empobrecimento ou a ruína moral de numerosas camadas da população. Mas por trás de todas essas constatações encontrava-se sempre a noção de uma fissura moral importante entre os alemães e a maioria de seus vizinhos.

Impregnado de rancor, recusando retratar-se, o enigmático país se enclausurava em seu espírito retardatário e extraía disso um orgulho peculiar. Renunciava não só à razão e ao humanitarismo do Ocidente, como também se opunha à tendência geral do mundo de então. Durante dezenas de anos, essa noção dominou a controvérsia relativa às razões que foram a origem da escalada do nacional-socialismo.

Contudo, a imagem da democracia vitoriosa que confirmava tantas esperanças era ilusória; o momento em que parecia se efetivar historicamente assinalou também para ela o começo da crise. Poucos anos depois, a ideia democrática foi questionada em seus princípios, como nunca lhe ocorrera até então. Vitoriosa havia tão pouco tempo, viu-se eclipsada ou mesmo mortalmente ameaçada pelos triunfos infinitamente mais espetaculares de um movimento de um gênero novo, nascido em condições similares no seio da maior parte dos estados europeus.

Esses movimentos alcançaram êxito mais durável nos países em que a guerra fora acompanhada de insurreições revolucionárias de esquerda, ou naqueles onde o conflito mundial suscitara ou revelara ondas complexas de descontentamento. Alguns desses movimentos eram conservadores e pranteavam os bons tempos de outrora, em que os homens eram mais honestos, as campanhas mais pacíficas, e quando o dinheiro tinha mais valor; outros eram revolucionários e se entregavam a uma concorrência brutal, com menosprezo pelo estado de coisas vigente. Alguns atraíam sobretudo a maioria da pequena burguesia, outros chamavam para si os camponeses ou parte do operariado. E, qualquer que fosse a maneira particular como misturavam as classes, os interesses e os sintomas, pareciam todos despender energias atuando nas camadas profundas da sociedade, camadas que eram a uma só vez as mais limitadas e as fundamentais. O nacional-socialismo não foi senão uma variedade daquele movimento europeu de protesto e de resistência que se propunha a modificar a situação do mundo.

Esse movimento teve traços provincianos em seu início: formaram-se associações de pequeno-burgueses, transpirando tédio, segundo ironizava Hitler, que se reuniam nas tabernas de Munique, onde em meio a rodadas de cerveja queixavam-se da situação vigente e discutiam as agruras do país e da família. Ninguém poderia conceber que pudessem ter sucesso ou mesmo fazer

concorrência aos grupos maciços e poderosamente organizados dos partidos de filiação marxista. No entanto, o correr dos anos veio provar que tais associações de bebedores de cerveja racistas — aos quais se juntaram logo grupos de ex-combatentes desiludidos e burgueses ameaçados pela proletarização — possuíam em estado latente um dinamismo poderoso, que parecia aguardar apenas o momento de ser despertado, concentrado e posto em ação.

Os fatores que animavam tais associações eram tão diferenciados quanto os grupos de que elas se compunham no início. Só em Munique havia, em 1919, perto de cinquenta associações mais ou menos políticas, cujos membros provinham essencialmente dos restos dos partidos de antes da guerra, desagregados por ela e pela revolução. Tinham denominações como Pátria Nova, Conselho do Trabalho Espiritual, Círculo Siegfried, Liga Universal, Nova Vaconia, Liga Social Feminina, Associação Livre dos Estudantes Sociais, Liga Ostara. O Partido dos Trabalhadores Alemães figurava igualmente entre as associações ali representadas. Aquilo que as ligava, além de suas preocupações, o que todas tinham em comum realmente tanto no plano intelectual como no da realidade era uma grande angústia.

Tratava-se de início, e de maneira imediatista, do medo da revolução, esse “grande medo” que, depois da Revolução Francesa, assombrara por todo o século XIX os sonhos da burguesia europeia. A consciência pública alimentava a impressão inextirpável de que, como as forças da natureza, as revoluções, indiferentes ao arbítrio de seus promotores e participantes, perseguiam seus objetivos segundo um mecanismo elementar e terminavam de modo inexorável num regime de terror, na destruição, no crime e no caos. Em contraste com a proposição de Kant de que a revolução pode atestar também a vontade de progredir da natureza humana, essa concepção se impôs irremediavelmente. Na Alemanha, muito particularmente, ela entravou durante várias gerações toda e qualquer disposição revolucionária no plano prático e originou esse “fanatismo da autoridade” que, até 1918, reagiu a quase todas as proclamações revolucionárias com um apelo padronizado em favor da ordem pública e da paz.

Essa angústia já antiga tornou-se atual não apenas pelas manifestações revolucionárias na Alemanha, mas sobretudo em consequência da Revolução Russa de outubro e da ameaça que ela constituía. Descritas sob uma luz muitas vezes demoníaca e exageradas pelas narrativas de refugiados e emigrantes chegados em massa a Munique, que falavam em orgias de bárbaros sedentos de sangue, os horrores do terror vermelho tinham excitado

a imaginação nacional. Um dos jornais racistas de Munique publicou, em outubro de 1919, o seguinte tópico, característico do delírio de angústia manifestado na época:

> Tempo lamentável este no qual asiáticos circuncisados, inimigos do Cristianismo, erguem em toda parte suas mãos asquerosas e sangrentas para nos estrangular em massa! Os massacres de cristãos cometidos pelo judeu Issaschar Zederblum, aliás Lênin, surpreenderiam até a Gengis Khan. Na Hungria, o seu discípulo Cohn, aliás Bela Kun, tem percorrido o infortunado país à frente de um bando de terroristas, dispostos a matar e a roubar, prontos a enforcar burgueses e camponeses em sinistros patíbulos transportados num caminhão. Um faustoso harém conduzido em carros principescos lhe permitiu violar e conspurcar respeitáveis donzelas cristãs. Só seu lugar-tenente, Samuely, fez degolar sessenta sacerdotes num abrigo subterrâneo. Os ventres das vítimas eram abertos, seus cadáveres mutilados ainda sangrando após ter sido feita a pilhagem. Foi confirmado que oito padres foram crucificados à porta de suas igrejas antes de serem assassinados! Agora se diz que essas cenas de horror se reproduzem exatamente da mesma forma até em Munique. [3]

O horror que se apoderou de todos à notícia das atrocidades cometidas no Leste não era injustificado, pois se baseava também em depoimentos dignos de crédito. Um dos chefes da Cheka, o letoniano M. Latsis, declarara no fim de 1918 que era a condição social, e não a culpabilidade ou a inocência, que devia impor a pena de prisão ou mesmo a execução do acusado: “Estamos a ponto”, disse ele, “de eliminar a burguesia em sua qualidade de classe. Vocês não têm nenhuma necessidade de provar que esse ou aquele tem agido contra os interesses do poder soviético. A primeira pergunta a ser feita em relação a um detido é sobre a classe a que pertence, de onde vem, qual o seu grau de instrução e sua profissão. As respostas fornecidas deverão selar a sorte do acusado. Tal é a quintessência do terror vermelho.” [4] Uma proclamação do Partido parece fazer coro a essa instrução de Latsis, quando acentua: “Pretendem esperar mais para agir quando em cada cidade milhares de seres humanos já estejam pendurados na forca à luz de refletores? E quando, exatamente como na Rússia, um soviete criminal bolchevique já tenha sido instalado em cada aldeia? Vão esperar que pisem sobre os cadáveres de vossas mulheres e de vossos filhos?” A partir daí, a ameaça da revolução não provinha mais de alguns poucos conspiradores isolados e procurados em toda a Europa, mas sim da grande e inquietante Rússia, que Hitler chamava “o gigante do poder brutal”. [5] A agitação que o novo regime promovia com a certeza de vencer fazia parte dessa síndrome que Filippo Turati definiu como “bebedeira bolchevique”. Com essa agitação se propunha demonstrar que a conquista da Alemanha pelas forças conjugadas do proletariado internacional não só era uma etapa decisiva da revolução mundial, mas era iminente. As atividades ultrassecretas dos emissários soviéticos, as perturbações organizadas em caráter permanente, a república dos conselhos operários da Baviera, o movimento subversivo de 1920 no vale do Ruhr, as rebeliões do ano seguinte no centro da Alemanha, os levantes em Hamburgo e, em

seguida, na Saxônia e na Turíngia, tinham dado argumentos sólidos aos que, nos bastidores, temiam a ameaça de uma revolução extensiva do regime soviético e desejavam defender-se dela.

Essa ameaça pesou igualmente sobre os discursos de Hitler, principalmente durante os primeiros anos, quando evocava num quadro de cores berrantes a atividade dos “comandos de matadores vermelhos”, o “comunismo assassino”, o “pantanal de sangue do bolchevismo.” Mais de trinta milhões de seres humanos, assegurou ele certo dia, têm sido torturados lentamente até a morte na Rússia, “uns foram mandados ao cadafalso, outros executados com uma descarga de metralhadora ou por meios similares, outros ainda foram mortos em verdadeiros matadouros, e ainda milhões e milhões deles morrem de fome. E nós todos sabemos que essa onda de fome prossegue (…) como uma epidemia nós a vemos se aproximar e ameaçar igualmente a Alemanha. A *intelligentsia* da União Soviética tem sido eliminada por meio de um assassinato em massa, a economia destruída de alto a baixo, milhares de prisioneiros de guerra alemães têm sido afogados no Neva ou vendidos como escravos; nesse meio-tempo foram criadas na Alemanha as condições necessárias à destruição revolucionária por meio de um trabalho de sapa, constante e sempre idêntico”. O mesmo destino da Rússia nos aguarda, frisava uma declaração constantemente repetida. [6] E anos mais tarde, quando já se achava no poder, Hitler amaldiçoou “o horror da ditadura odiosa da Internacional Comunista” que o tinha preocupado no início de sua carreira. “Eu estremeço só em pensar”, dizia ele, “no que seria de nosso velho continente superpovoado se o caos da revolução bolchevique triunfasse.”

Essa atitude de defesa em relação à ameaça revolucionária marxista forneceu ao nacional-socialismo uma boa parte de seu *páthos* , de sua agressividade e coesão internas. O objetivo do Partido, repetia Hitler sempre, reside mui simplesmente no repúdio e na eliminação da concepção marxista do mundo. Isso seria feito com o auxílio de uma “organização ímpar da propaganda e da educação, montada com grande talento. Para tanto, devia ser criado igualmente um movimento que poria em ação a força mais fanática e o espírito de decisão mais brutal, que estaria assim apto em qualquer momento a opor um terrorismo dez vezes superior ao manipulado pelo marxismo”. [7] Quase na mesma época, Mussolini, motivado por considerações análogas, fundava os *fasci di combattimento* , o que deu a esses novos movimentos a denominação de fascistas.

Entretanto, por si só, o temor à revolução não teria sido certamente capaz de gerar aquela energia viva e excessiva que conseguiu até mesmo pôr em risco a orientação mundial. Podemos afirmar, além do mais, que a revolução

representava para muita gente uma esperança. Bastaria o toque de um estímulo mais vigoroso e mais elementar para a sua ação. E, de fato, temia-se que o marxismo fosse a vanguarda de um ataque infinitamente mais amplo, englobando todas as noções tradicionais. O temor era maior ainda quando se via nele a manifestação sobre o plano político de um conceito metafísico de subversão, uma "declaração de guerra fundamental… contra a ideia de civilização europeia". [8] Isso era, verdadeiramente, a imagem dramática através da qual se manifestou a angústia característica daquela época.

Além da ideia de uma simples agitação política, a angústia representava a tendência essencial daquele tempo. Correspondia ao pressentimento de que o fim da guerra não assinalava só o fim da Europa de antes de 1914, com sua grandeza, com a intimidade de suas formas vitais e de seu espírito de conquista, com suas monarquias e suas disposições paternalistas. A mais de 1918, dizia-se então, lá se vai toda uma época; com o desaparecimento das antigas formas de domínio, também um certo modo de vida se extingue. A inquietude, o extremismo das massas politizadas, a agitação revolucionária não foram encarados, em geral, como simples consequências da guerra, mas sim como os sinais indicadores de um tempo novo e caótico do qual seriam banidos todos os valores que tinham promovido a grandeza da Europa e tornado familiar sua imagem: "Eis por que parece que o chão cede sob nossos pés." [9]

Na verdade, raras vezes uma época se apercebeu com tanta nitidez que estava no fim. A guerra não só tinha precipitado e intensificado tal processo evolutivo, mas fizera a opinião pública conscientizar-se dessa mudança. Pela primeira vez, a Europa adquiriu uma noção da forma de vida que o futuro lhe imporia. O pessimismo, que durante tanto tempo fora o apanágio de uma reduzida elite, tornou-se bruscamente a atmosfera da época. A qual se definiu no título de um livro famoso, *Im Schatten von morgen* [À sombra do amanhã].

E essa sombra tingia tudo. A guerra tinha acarretado, no plano econômico, novas formas colossais de organização, que contribuíam para revelar a fisionomia típica da ordem capitalista. Racionalização e produção em série, trustes e magnatas punham a nu mais do que nunca a fraqueza estrutural de todas as existências humildes. A tendência a se integrar em amplas formas de organização traduzia-se igualmente no crescimento extraordinário dos cartéis que de algumas centenas passaram a totalizar cerca de 2.500, de maneira que na indústria não havia mais "que uma pequena minoria de empresas" sem ligações com um monopólio. Já nos trinta anos que haviam precedido a Grande Guerra o número das firmas independentes nas grandes cidades tinha diminuído em cerca da metade. Após 1918, essa proporção baixou ainda mais

depressa, pois a guerra e a inflação tinham solapado suas bases materiais. Os temores de uma sociedade competitiva e anônima, que sugava o indivíduo, usava-o e depois o abandonava à sua própria sorte, foram sentidos mais vivamente do que antes, e numerosas análises críticas feitas por autores contemporâneos mostram que tais receios resultavam numa angústia diante do desaparecimento da possibilidade da existência individual. Segundo a nota dominante de uma vasta literatura de protesto, o indivíduo se dissolvia no plano funcional, o ser humano era inserido qual "uma máquina sem consciência" num mecanismo impenetrável: "A existência parece resumir-se em angústia." [10]

Essa ansiedade provocada por uma vida de formigas, submetida a normas estritas, foi expressa igualmente por uma corrente de opinião hostil à urbanização crescente, aos grandes edifícios e aos "muros cinzentos das cidades"; manifestou-se também na tomada de posição contrária à indústria que erguia as suas fábricas de altas chaminés nos vales antes tranquilos. Diante dos esforços empregados sem pausa "para transformar o planeta Terra em uma imensa fábrica encarregada de consumir seus recursos e suas energias", a crença no progresso cedeu lugar pela primeira vez à ideia de que a civilização destruía o mundo. A Terra, queixavam-se então, tende a se transformar inevitavelmente "numa Chicago com infiltrações de agricultura". [11] E os exemplares dos primeiros anos do jorlal *Völkischer Beobachter* nos oferecem precisamente uma gritante justificação dessa angústia inspirada pela desaparição do cenário familiar.

"Quais as dimensões que nossas cidades deverão, então, alcançar para provocar um movimento de resistência?", indagava o jornal. "Quando destruiremos os imóveis-casernas, quando faremos ruir os amontoados de pedras, e quando ainda arejaremos as cavernas e plantaremos jardins entre os muros da cidade para permitir aos homens respirarem de novo?" Os prédios compostos de elementos pré-fabricados industrialmente, os grandes conjuntos de Le Corbusier, o estilo industrial, os móveis metálicos com sua "técnica funcional", conforme anunciava um *slogan* publicitário, mobilizaram contra si a oposição de uma consciência tradicionalista que só via naquilo tudo uma espécie de "estilo carcerário". [12] A paixão romântica contra o mundo moderno se manifestou também no transcurso da década de 1920 através de um movimento favorável à criação de colônias habitacionais. A iniciativa coube sobretudo às associações Artaman, que opunham à "civilização do asfalto" a felicidade de uma vida simples, no campo, em contato com a terra, e preferiam os vínculos naturais ao isolamento do homem no seio do mundo massificado da grande cidade. Todos se ressentiam em especial da brusca e

provocante ruptura com as normas em vigor no domínio da moral. O casamento, enunciava uma “ética social do comunismo”, outra coisa não era que um nefasto produto do capitalismo, a revolução o eliminaria, exatamente como as penas previstas para o aborto, a homossexualidade, a bigamia ou o incesto. [13] No entanto, a classe média, em sua grande maioria, sempre tinha se considerado “representante e guardiã da moral comum” e encarava toda crítica feita a esta como uma ameaça pessoal. Também considerava intolerável o fato de só se ver no casamento uma simples formalidade administrativa, como fazia a União Soviética em seus primórdios. Condenava com a mesma veemência a “teoria do copo d’água”, segundo a qual o desejo sexual não era diferente da sede, isto é, uma necessidade elementar que era preciso satisfazer sem mais rodeios. O foxtrot e os vestidos curtos, a corrida em busca do prazer “na cloaca do Reich que era Berlim”, as “imagens porcinas” do patologista sexual Magnus Hirschfeld ou o tipo de homem da época (“o dançarino de capote impermeável, calçando sapatos de sola de borracha laminada e vestindo calças Charleston, os cabelos alisados com gomalina e bem esticados para trás”) chocavam a maior parte da opinião pública com uma intensidade que se um cronista contemporâneo se desse ao trabalho de analisar retrospectivamente custaria muito a entender hoje em dia. As peças teatrais dos anos 1920 abordavam o tema do parricídio, do incesto ou do crime comum e se arriscavam a provocações que eram muito aplaudidas pelos espectadores. A moda era satirizar a época que estava sendo vivida. Na cena final da ópera de Bertolt Brecht e Kurt Weill, *Mahagonny* , os atores desfilavam no palco portando flâmulas nas quais se lia: “Pelo caos nas cidades!”, “Pelo amor livre!”, “Pela honra dos assassinos!” ou “Para a imortalidade dos canalhas!”. [14]

No campo das artes, o avanço revolucionário já se consumara desde o período que precedeu a Grande Guerra, e o próprio Hitler fora sua testemunha indiferente, de início em Viena, depois em Munique. Mas o que passara até ali como produto dos exageros não conformistas de um punhado de artistas originais ganhou um sentido diferente na perspectiva do dilúvio de imagens relativas ao tumulto, à revolução e à dissolução generalizada; e se viu nessas manifestações uma declaração de guerra à concepção europeia tradicional do homem. Os fauvistas, o grupo Blaue Reiter, o grupo Die Brucke, ou o movimento dadaísta foram considerados uma ameaça tão grave como a própria revolução, e a expressão popular *Kulturbolchevismus* consagrou essa noção de uma ligação interior entre os dois fenômenos. Dessa feita, a reação de defesa não foi somente apaixonada, mas carregava também a mesma conotação de angústia diante da anarquia, do arbitrário e da imprecisão que as obras expostas exibiam. A arte moderna é uma “impostura caótica”, [15] definia

um dos julgamentos típicos de então, e todos esses sintomas terminaram por gerar uma angústia difusa e complexa, que o pessimismo em moda na época resumiu na fórmula “declínio do Ocidente”. Não havia, pois, motivo para temer que um dia todos esses ressentimentos servissem de ponto de partida para um ato desesperado de defesa coletiva?

❖

O desejo de eliminar formas sociais e culturais ultrapassadas ou maculadas de vergonha desafiou de modo especial o temperamento conservador dos alemães; por outro lado, a resistência que essas inovações motivaram bem depressa se apoiou nas reações afetivas e nos argumentos que tinham impregnado a corrente pessimista da civilização desde o fim do século XIX.

O processo técnico e econômico de modernização ocorreu na Alemanha mais tarde do que em outros lugares, mas depois se desenvolveu mais rápida e radicalmente. Como observou Thorstein Veblen, “não há outro exemplo entre as nações ocidentais de um país que conduzisse sua revolução industrial com igual determinação”. [16] Mas essa transformação suscitou igualmente aflições, como o receio de ser esmagado pela organização gigantesca, e deu lugar a reações de autodefesa mais violentas. Contrariando o objetivo de um chavão muito difundido, a Alemanha exibia um conjunto matizado onde acertos e insucessos, elementos de feudalismo e de progresso, autoritarismo e socialismo estatal estavam ligados de modo quase indissolúvel e, às vésperas da Grande Guerra, podia passar pela nação industrial mais moderna da Europa. Em apenas 25 anos, o produto nacional fora mais que duplicado, e a faixa da população beneficiária da renda mínima sujeita ao imposto passara de 30 a 60%. Por fim, para citarmos um único exemplo apenas, a produção de aço, que em 1887 fora a metade da verificada na Inglaterra, tinha quase duplicado. Colônias foram conquistadas, cidades edificadas e impérios industriais se haviam constituído. O número de sociedades por ações passara de 2.143 para 5.340, e quanto à tonelagem movimentada, o porto de Hamburgo figurava antes de Londres, em terceiro lugar na estatística mundial, só abaixo de Nova York e Amsterdam. De maneira geral, o país era administrado corretamente e com muito bom senso. Apesar de todas as interferências de cunho antiliberal, tinha um nível elevado de liberdade interna, de equidade administrativa e segurança social.

O traço de anacronismo revelado numa visão conjunta da Alemanha imperial resultava de domínios estranhos tanto à ordem econômica como à social. Não provinha nem mesmo de suas estruturas inegavelmente feudais. Isso porque, acima desse país diligente em seus negócios e aparentemente seguro de seu futuro, dominando suas cidades em crescimento constante,

flutuava uma aura estranhamente romântica onde sobressaíam figuras míticas, gigantes e deuses antigos. Os atrasos da Alemanha eram antes de tudo de natureza ideológica. Sem dúvida, atuavam também muito obscurantismo professoral e o folclore germanístico, unidos à necessidade de aparecer de uma burguesia que aspirava a encontrar horizontes mais elevados, além dos objetivos materiais que perseguia com tanta exaltação e dinamismo. Mas ao mesmo tempo se descobria na base dessas inclinações uma resistência oposta precisamente pela cultura burguesa àquele mundo moderno que se buscava construir com energia e igual sucesso. Tais gestos defensivos contra a morna realidade nova, que não eram motivados pelo ceticismo, mas sim por um espírito pessimista romântico, permitiam entrever em estado latente uma disposição favorável à contestação contrarrevolucionária.

Essa resistência se manifestava sobretudo em meio a uma atmosfera na qual crescia a crítica da civilização; e encontrou seus porta-vozes em escritores como Paul de Lagarde, Julius Langbehn ou Eugen Duhring. A frase inicial de um romance de ampla divulgação de Wilhelm Raabe, segundo a qual vivíamos "num tempo realmente nefasto", foi o ponto de partida, levando-os a sair de suas torres de marfim, afastando-os de seus sofrimentos curtidos com altivez e fazendo-os proferir sombrias acusações contra um presente desprezado. Sem dúvida, o mal-estar de que eram testemunhas figura entre os sintomas de uma crise geral de civilização que traduzia por sua vez uma reação ao otimismo beatificante e vigoroso da época. No despertar do século, a crise encontrara um eco e discípulos tanto nos Estados Unidos como na França do caso Dreyfus, da Action Française ou dos manifestos de Maurras e de Barrès. Gabriele d'Annunzio, Enrico Corradini, Miguel de Unamuno, Dimitri Mereschkovski e Vladimir Solokov, Knut Hamsun, Jacob Burckhardt ou David Herbert Lawrence exprimiram com nuanças diversas as angústias e as oposições análogas. Mas a Alemanha, tendo passado sem transição da época do personagem humorístico Biedermeier para a idade moderna, sofreu uma mutação brutal e profunda que lhe impôs dolorosas rupturas e penosas renúncias. Desse modo, a onda de contestação revestiu-se da tonalidade exaltada que lhe é peculiar. A angústia e o desgosto experimentados pelo homem civilizado em relação à realidade aí se conjugam com a nostalgia romântica de um paraíso arcádico desaparecido.

Essa tradição também remontava a um passado longínquo. As queixas motivadas pelos "danos" da civilização poderiam referir-se a Rousseau ou ao *Wilhelm Meister* de Goethe que pressentira a ameaça, "tal como a tempestade que evolui lentamente, muito devagar, mas termina por explodir". Os arautos desse mal-estar desprezavam o progresso e se proclamavam, não sem altivez,

em atraso com relação ao mundo de que se distanciavam, e eram sob todos os pontos de vista uns contempladores inatuais que, como escreveu Lagarde, aspiravam a ver uma Alemanha que jamais existira e possivelmente nunca existiria. Acolhiam com um desdém altivo as objeções que lhes eram feitas e zombavam amargamente da "razão caolha". Em seus ensaios e artigos irracionais, por vezes sutis, atacavam a Bolsa e a urbanização, a vacina obrigatória, a economia mundial e a ciência positiva, e também o espírito "comunal" e as primeiras tentativas de voo. Em resumo, concentravam suas críticas no conjunto evolutivo do mundo moderno no rumo de emancipação e esboçavam um panorama global do mesmo, mostrando o catastrófico "declínio espiritual" que daí resultava. Arvorando-se em "profetas da tradição ofendida", faziam ardentes votos de que surgisse o dia em que se poria fim à obra de destruição e "faria ressurgir das ondas as antigas divindades".

Os valores que opunham à era moderna compreendiam o natural, a arte, a terra, o passado, a aristocracia e o amor à morte, assim como o privilégio do mando devolvido à forte personalidade cesarista. É surpreendente ver que o movimento contestatório, que deplorava o declínio da civilização alemã, tinha frequentemente por corolário um ideal de missão imperialista na qual a angústia é transformada em agressividade e o desespero busca um consolo na grandeza. *Rembrandt als Erzieher* , de Julius Langbehn, o livro mais famoso que reflete essa tendência da época, obteve um sucesso espetacular ao ser lançado em 1890 e mereceu quarenta edições em menos de dois anos. A ampla repercussão alcançada por esse documento excêntrico, composto a uma só vez de pânico, antimodernismo e delírio missionário nacionalista, faz pensar que a obra em si era a própria expressão da crise que o autor esconjurava com tanta paixão e empenho.

Se esses sentimentos de hostilidade à civilização foram associados assim ao nacionalismo daquele tempo, o eco que encontraram, tanto como as teorias do darwinismo social e do racismo, nas ideias antidemocráticas teve consequências talvez ainda mais importantes: revelaram o declínio da sociedade liberal do Ocidente, que baseava sua organização política nos princípios do iluminismo e da Revolução Francesa. Essa orientação tinha também um caráter europeu. "Na França e na Itália, muito particularmente", escreveu Julien Benda, por volta de 1890, "os escritores tomaram consciência com uma precisão surpreendente de que as doutrinas de autoridade absoluta, de disciplina, tradição, desprezo pelo espírito de liberdade, de aprovação moral da guerra e da escravidão, lhes permitiam adotar uma atitude altiva e inflexível. Assim estavam muito mais perto das ideias do homem comum, o que não fora conseguido através do liberalismo sentimental e do humanismo."

[17] E se a queixa dos males da era moderna, apesar de todos os êxitos literários, foram sempre o assunto de uma minoria intelectual sensível, tais tendências, no que diz respeito à Alemanha, tiveram uma repercussão duradoura, sobretudo no *Jugendbewegung* [Movimento da juventude], que não só compartilhou delas, mas se tornou sua expressão entusiasta e autêntica. Descrevendo essa atitude, Friedrich Nietzsche declarou que "a índole essencial dos alemães era hostil à idade das luzes e à revolução da sociedade, que devido a um equívoco grosseiro era acusada de ser a sua consequência natural: procurou-se fazer da veneração por tudo aquilo que ainda subsistia uma adoração pelo passado em geral, visando unicamente a canalizar os sentimentos e ocupar a mente, não dando, assim, lugar aos objetivos renovadores futuros. Substituiu-se o culto da razão pelo do instinto". [18]

Finalmente, as tendências da época hostis à civilização conjugaram-se com o antissemitismo. "O antissemitismo alemão é reacionário", tinha escrito Hermann Bahr em 1894, concluindo uma pesquisa empreendida em toda a Europa, "trata-se de uma rebelião dos pequeno-burgueses contra o desenvolvimento industrial". [19] De fato, a assimilação, pelo judaísmo, do modernismo tinha fundamento, tanto como a afirmação de que os judeus estavam especialmente armados para enfrentar a economia de concorrência do capitalismo. Ora, eis aí precisamente as duas alavancas mais poderosas de todas as angústias despertadas pelo futuro. Werner Sombart havia declarado a tal propósito que "a missão dos judeus era contribuir para a etapa de transição ao capitalismo [e] eliminar os vestígios da organização pré-capitalista que subsiste ainda hoje, e que eles deviam ainda dar um fim às derradeiras empresas artesanais e ao comércio de miudezas similares". [20] Enquadrado na perspectiva dessa evolução é que o ódio aos judeus, inspirado tradicionalmente por argumentos religiosos, transformou-se, na segunda metade do século XIX, num antissemitismo motivado por considerações de ordem biológica ou social. Na Alemanha, em particular, o filósofo Eugen Duhring e o jornalista fracassado Wilhelm Marr (num artigo com o título revelador de "A Vitória do Judaísmo sobre o Germanismo, examinado de um ponto de vista não confissional. *Vae Victis!* ") empenharam-se em popularizar essa tendência, mas, no todo, tais reflexos eram evidentes em toda a Europa.

O antissemitismo se manifestava com intensidade quase igual na Alemanha, mas sem se destacar de modo sensível nesse particular da França ou mesmo da Rússia e do que ocorria em relação aos judeus na monarquia dual austro-húngara; as publicações antissemitas daquele tempo queixavam-se sem cessar do reduzido sucesso alcançado por suas ideias a despeito de serem muito difundidas. Contudo, numa época em que as nostalgias irracionais

circulavam “como cães sem dono”, o antissemitismo se apresentava, justamente em razão da meia-verdade que encerrava, como o veículo sonhado para dar vazão aos descontentamentos mais comuns. As teorias em voga que aludiam a uma conspiração de poderes tenebrosos e a uma pérfida enfermidade mundial vinham se superpor de maneira especialmente apreensível à imagem do “judeu errante”. Mas esta nada mais era do que a versão mitológica gerada pelo sintoma de angústia. Por sua categoria e repercussão, Richard Wagner soube, melhor do que qualquer outro, mobilizar a magia da arte contra o processo de exorcização do mundo moderno. Essa tendência da época transposta para a sua obra ganhou o sentido de um mito de efeitos impressionantes: o pessimismo a respeito do futuro, a consciência do poder acrescido e restituído dali por diante ao ouro, a angústia relativa à raça, o ideal antimaterialista, o temor diante de uma era de liberdade e igualitarismo, assim como o pressentimento do declínio próximo.

A guerra tinha finalmente liberado e intensificado as numerosas paixões que a idade burguesa alimentara contra si mesma. Oferecera à existência a possibilidade de transcender a si mesma, perdida na monotonia cotidiana, e também santificara a força e oferecia chances de triunfo à obra de destruição. Como escreveu Ernst Junger, os lança-chamas tinham operado uma “vasta depuração para nada”. [21] Era exatamente a negação da ideia de civilização liberal e humanitária. O poder quase mágico das lembranças de guerra, suscitado na esfera europeia por uma extensa literatura poética, e que se tornou ponto de partida de numerosos conceitos de renovação, nasceu daquela experiência. Ao mesmo tempo, a guerra ensinara àqueles que se denominavam seus filhos o sentido e a vantagem de decisões rápidas e isoladas, de obediência absoluta e da unanimidade coletiva. O espírito de meio-termo do sistema parlamentar, sua pusilanimidade, sua frequente paralisação não tinham mesmo como convencer a uma geração que trouxera da frente de combate o mito do cumprimento perfeito de algo dentro dos quadros da coletividade militar.

Tais circunstâncias permitem compreender por que a proclamação da república democrática e a inclusão da Alemanha no sistema de paz de Versalhes não foram aceitas sem protestos por esse país, mesmo que isso fosse consequência natural da derrota. Dentro do espírito de elementos hostis à civilização, que estavam sempre em ação, não se tratava somente, num e noutro caso, de uma modificação introduzida na situação política, mas de um pecado, um ato de traição metafísica e de profunda deslealdade para consigo mesmo. Porque, em benefício de uma constelação efêmera, sacrificava-se a

Alemanha, a Alemanha romântica, a Alemanha dos pensadores, a Alemanha apolítica, àquela ideia ocidental de civilização que justamente a ameaçava em sua essência. É significativo que o *Völkischer Beobachter* tenha denominado o Tratado de Versalhes de "paz sifilítica", que, tal qual uma infecção, "nascida de um breve instante de prazer proibido, se processa de início por um pequeno abscesso, depois, progressivamente, passa a atacar todos os membros e suas articulações, invade todo o corpo até atingir o coração e o cérebro do culpado." [22] A oposição inicial manifestada com veemência contra o "sistema" provinha justamente da recusa de participar do "império aviltante da civilização", com seus direitos do homem, sua demagogia progressista, seu frenesi de instrução, sua trivialidade, sua corrupção e suas descoloridas apoteoses do bem-estar. "Os ideais alemães de fidelidade, de graça divina, de amor à pátria", declarava um dos numerosos panfletos da época, "tinham sido sufocados sem piedade durante as tempestades da revolução e do período consecutivo. Tinham sido substituídos pela democracia, o nudismo, o naturalismo descontrolado, a concubinagem." [23]

Um número considerável de intelectuais de direita, que nos anos da república continuava a pensar na tradição da era wilhelmina contrária à civilização, inclinou-se também para uma aliança com a União Soviética ou, mais exatamente, com a Rússia, na qual viam o solo maternal, a pátria do seu coração, o país da "quarta dimensão", objeto de seus ensaios declamatórios. Enquanto Oswald Spengler conclamava à luta contra "a alma da Inglaterra", Ernst Niekisch, outro porta-voz da resistência destinada a salvar a identidade espiritual da nação, escrevia: "O fato de a Alemanha voltar os olhos para o leste já é uma prova de seu despertar. Orientando-se no sentido do oeste, o país enveredava pelo caminho do declínio; o retorno ao leste marcará a retomada do impulso decisivo rumo à grandeza alemã." Opunha-se então ao "insípido liberalismo" o "princípio eslavo-prussiano" e em Genebra, metrópole da Liga das Nações, surgia "o eixo Potsdam-Moscou". Entre os partidários do bolchevismo nacional e conservador, o temor de uma alienação da Alemanha no seio do mundo materialista e prosaico do Ocidente superava o temor da hegemonia mundial comunista.

Em consequência, a primeira fase do pós-guerra deu destaque maior não só ao medo da revolução, mas também aos ressentimentos contra a civilização. Estranhamente íntima e rica de lances imprevistos, a conjugação dessas duas tendências gerou uma síndrome de extraordinária potência, que achou um ponto de apoio nos complexos de ódio e de autodefesa de uma sociedade sacudida em seus alicerces: perdidos sua magnificência imperial, sua organização burguesa, seu bem-estar e toda a pirâmide de seu sistema

político, aspirava com uma cega amargura a recuperar o que lhe fora arrebatado, a seu ver por efeito de uma injustiça. Esses descontentamentos ainda foram ampliados e levados ao extremo por uma multiplicidade de grupos de interesses insatisfeitos. A faixa social dos assalariados, cujo número aumentava sem cessar, mostrou-se particularmente sensível aos argumentos da lista geral de acusações ao novo estado de coisas. A revolução industrial acabava apenas de penetrar nas repartições e já tinha feito de antigos "sargentos do capitalismo" as vítimas mais recentes da "escravidão moderna". [24] Tal fato era mais gritante porque, ao contrário dos operários, esses empregados nunca tinham chegado a possuir uma verdadeira consciência de classe e não haviam elaborado essa espécie de utopia que via nas catástrofes da ordem vigente a confirmação de sua própria certeza de salvação. Assediado pelo temor de ser eliminado pelas grandes empresas, as grandes lojas e a concorrência racionalizada, o pequeno comércio também se mostrou sensível a tais argumentos, dando-se o mesmo em amplas faixas da população agrícola que, devido a uma lentidão tradicional e à falta de recursos mais modernos, se viam presas a estruturas extintas havia muito. Uma constatação idêntica verificou-se em relação aos numerosos membros de profissões liberais, pertencentes a uma burguesia outrora estável, que se viam arrastados de repente pela poderosa corrente da proletarização. Logo que alguém se acha sem recursos sente-se "imediatamente desprezado, como um desclassificado. Estar desempregado equivale a tornar-se um comunista", respondeu uma das vítimas daquela crise durante uma enquete feita na época. [25] Nenhuma estatística, nenhum quadro relativo às taxas de inflação, ao número de suicídios e de falências poderia exprimir o sentimento dos que eram ameaçados pelo desemprego, a pobreza, a perda de sua profissão, ou mesmo dar contas da inquietude daqueles que ainda possuíam alguma coisa e temiam a explosão de tal acúmulo de descontentamento. As instituições públicas, atingidas por uma debilidade persistente, não ofereciam mais proteção contra a emoção coletiva que fermentava sobre um terreno movediço, já que nesse meio-tempo a angústia não se limitava mais, como no tempo de Lagarde e de Langbehn, a conjurações e a profecias inermes. A guerra lhe dera as armas necessárias.

Milícias cívicas [*Freikorps*] e franco-atiradores tinham sido arregimentados em grande número, em parte graças a esforços particulares, em parte de modo disfarçado, sob a iniciativa governamental, a fim de se defender sobretudo da ameaça de uma possível revolução comunista. E aí se desenvolveu um fator de oposição silenciosa, mas resoluta, ao estado de coisas vigente, que se lançou à procura de uma vontade forte, capaz de dotar o país de uma ordem nova. No início houve também a presença daquela massa

de ex-combatentes que constituíam uma reserva de energia militante. Grande número deles levava nos quartéis uma vida sem objetivo, de soldados, o que tornava mais evidente a seus olhos o tardio abandono dos sonhos ambiciosos de guerreiros que haviam animado sua juventude. Quando, nas trincheiras, tanto uns como outros entreviram vagamente um novo sentido dado à vida. E tentavam em vão reencontrá-lo na normalidade havia pouco retomada do pós-guerra. Não tinham combatido e sofrido durante quatro anos por aquele regime débil nem por seus ideais tomados de empréstimo, que traziam a marca do último de seus velhos inimigos. Após as experiências excitantes da guerra, receavam ser igualmente vítimas do poder desclassificante da vida burguesa cotidiana.

Hitler foi o primeiro a criar um denominador comum a todo esse descontentamento que se manifestava tanto entre os civis como no meio militar. Deu-lhe uma orientação e uma força combatente. De fato, sua personalidade surgia como a síntese de todas as angústias, pessimismos, queixas e sentimentos defensivistas que fermentavam na época. A guerra fora para ele também uma brusca libertação, ela o amadurecera e, se existe um tipo padrão fascista, Hitler foi a encarnação dele. Nenhum dos partidários que passou a recrutar rapidamente, depois de um início hesitante, chegou a exprimir como ele, nos planos psicológico, social ou ideológico, os traços instintivos essenciais do movimento; nunca se contentou em ser somente seu Führer, foi sempre também o seu expoente.

As experiências de sua primeira juventude já tinham contribuído para produzir esse complexo de angústia que deixou marca em todos os seus pensamentos e em seu sistema afetivo. Podemos perceber isso na origem de todos os seus pronunciamentos e reações: uma angústia latente, sempre engatilhada, cujas dimensões tanto abarcavam a escala do cotidiano como a cósmica. Numerosos observadores de sua infância e juventude, de seu padrinho de crisma a August Kubizek e a Greiner, tinham descrito seu semblante pálido, “assustado”, típico de um temperamento propenso desde cedo a inspirações extravagantes. A “angústia permanente” que o contato físico das pessoas lhe causava era marcante nele, do mesmo modo como sua extrema desconfiança ou a mania de se lavar constantemente que se manifestava cada vez mais. [26] O medo, por ele demonstrado com frequência, de uma infecção venérea ou mesmo de qualquer outro tipo de contágio ligava-se igualmente ao mesmo complexo. “Os micróbios se precipitam sobre mim”, dizia ele. [27] Era assediado pelo medo da perda do pangermanismo austríaco diante do “afluxo, como se fossem gafanhotos, de judeus russos e poloneses”,

pela fobia do “abastardamento do alemão puro pelos negros”, que pretendia “expulsar da Alemanha” e finalmente “exterminar”. Ele fez publicar no *Völkischer Beobachter* um poema pretensamente oriundo de soldados franceses, no qual figurava, como refrão, o seguinte verso: “Alemães, nós possuiremos vossas filhas!” Mas também manifestava inquietude com as conquistas da técnica americana e do índice crescente de natalidade entre os eslavos, das grandes aglomerações, da “industrialização tão ilimitada quão nociva”, da “dissipação do país”, das sociedades anônimas por ações, do “lodaçal da civilização do ócio nas grandes cidades”, e via com ansiedade os rumos da arte moderna, que acusava de querer assassinar a alma do povo ao colocar nas telas “campinas azuis e céus verdes”. Onde quer que pousasse o olhar, descobria “os sintomas da decadência de um mundo a caminhar lentamente para o declínio”. Nenhum dos elementos da crítica mais pessimista da civilização estava ausente de sua visão pessoal. [28]

Hitler tinha em comum com os principais líderes fascistas de outros países a firme resolução de lutar contra aquela evolução. Mas diferenciava-se deles pelo fanatismo maníaco com que atribuía a um responsável único todos os elementos da angústia que sentia então. Porque no centro da pirâmide gigantesca de ansiedades acumuladas havia, sombrio e cabeludo, o personagem eternamente incestuoso do judeu: cheirando mal, salivando, espreitando com ar lúbrico as jovens louras, mas “racialmente mais duro” que o ariano, assim como Hitler observava ainda com inquietude no transcurso do verão de 1942. [29] Totalmente prisioneiro de sua psicose de domínio, a Alemanha era para ele o objeto de uma conspiração mundial, assediada de todos os lados por bolcheviques, maçons, capitalistas, jesuítas. Eram todos súditos do “tirano dos povos”, o “judeu ávido de sangue e de ouro”, que assumia o comando estratégico daquela obra destrutiva. O judeu dispunha de 75% do capital mundial, dominava o marxismo e as bolsas de valores, a internacional vermelha e a do ouro, era o defensor do controle da natalidade e da teoria da emigração; solapava a base dos governos, abastardava as raças, exaltava o fratricídio, organizava a guerra civil, justificava o que era mesquinho e torpe e conspurcava o que era nobre, “manipulava as alavancas do destino da humanidade”. [30] O mundo inteiro, exclamava Hitler, estava ameaçado de cair “entre os tentáculos desse polvo.” E recorria sem cessar a novas imagens para concretizar seu horror, via “um bicho rasteiro” em ação, e logo descrevia o judeu como um “verme”, uma “lombriga” ou uma “víbora devorando o corpo humano”. No empenho a que se entregava para formular sua angústia, deixava escapar as expressões mais extravagantes e as mais ridículas, chegando por vezes a elaborar imagens impressionantes que ficavam gravadas na mente de seus ouvintes. Assim ele descobriu “a

judaização de nossa vida espiritual", "a mamonização de nosso instinto de acoplamento" que termina por "sifilitizar o organismo do povo". Mas também escrevia assim: "Se com a ajuda de sua profissão de fé marxista o judeu alcança a vitória sobre povos deste mundo, seus lauréis serão a coroa fúnebre da humanidade, e, assim consumadas as coisas, por milhões de anos nosso planeta girará, despovoado, através dos espaços siderais." [31]

Hitler se apoiou nas forças que naquelas circunstâncias críticas ofereciam chances de grande eficácia política. Porque, socialmente falando, os movimentos fascistas tinham-se fixado sobre três elementos: os pequeno-burgueses com seus assomos de indignação moral, econômica, e contrarrevolucionária; os meios tendentes a pensar em termos de racionalismo militar; e aqueles que acreditavam no carisma de um Führer único do seu gênero. A seus olhos, esse homem seria a voz resoluta da ordem que poria fim à confusão e ao caos, teria visão mais aguda e refletiria mais profundamente, saberia o que fazer em meio ao desespero vigente, e conheceria também os remédios. O tipo do super-homem não fora evocado só nas numerosas antevisões literárias que se inspiraram ao máximo nas fontes da saga popular germânica. A exemplo da mitologia de numerosos outros povos de história infeliz, a fonte folclórica alemã registra a epopeia daqueles chefes que, mergulhados num sono secular no fundo de suas montanhas, despertaram um dia para reunir seu povo e infligir ao mundo um corretivo vingador. Ora, até mesmo nos anos 1920 os escritores pessimistas tinham precisamente associado suas inumeráveis tomadas de posição a tais aspirações, que encontraram nos famosos versos de Stefan George a expressão literária mais significativa e eficaz:

Ele rompe os grilhões, estremece a ordem estabelecida
Sobre as ruínas, convoca junto delas os extraviados,
Soberano novamente lá onde a grandeza é restaurada.
Ele prende no estandarte popular o símbolo autêntico.
Na aurora avermelhada, em meio às tempestades
E aos presságios sombrios, conduz seus adeptos
À ação do dia que surge, e funda o novo Reich . [32]

Na mesma ocasião, Max Weber tinha traçado também o retrato do líder de personalidade superior que, referendado pelo plebiscito, aspira a obter uma obediência "cega". Mas via nele sobretudo um elemento vivo de resistência à ação desumana das estruturas da organização burocrática. Por motivos muito diversos e sob a ação de influências bastante distanciadas umas das outras, a época estava pronta para acolher o Führer. Essa ideia buscava inspiração tanto na sensibilidade das camadas populares como na poesia ou no raciocínio científico.

A lembrança da guerra exerceu sem dúvida uma influência igualmente notável no seio dos movimentos de índole fascista. Com efeito, eles não se consideravam de modo algum partidos no sentido tradicional da palavra, mas sim grupos militantes de uma nova filosofia, uma espécie de "partido acima dos partidos". A luta que empreenderam sob o signo de símbolos sinistros, com expressão decidida, era na verdade o prosseguimento da guerra, apenas com recursos diferentes, sobre o terreno político. "Atualmente", proclamou Hitler diversas vezes, "nós continuamos a guerra", [33] e o conde Ciano, ministro do Exterior italiano, falaria ocasionalmente da "nostalgia da guerra" sentida pelos fascistas. Visto desse ângulo da "ficção da guerra permanente", o culto do líder era em certa medida a aplicação dos princípios da hierarquia militar à organização interna do país. Por seu turno, a nova versão do "Führer" nada mais era que a projeção a alturas sobre-humanas do personagem do oficial aureolado de uma irradiação mágica, consubstanciando as necessidades da fé e das aspirações ao sacrifício da coletividade. Os desfiles de uniforme e botas pesadas em todas as calçadas da Europa justificavam a crença de que os problemas sociais podiam ser resolvidos da maneira mais eficaz tomando por modelo fórmulas militaristas. Seu rigorismo exerceu sem dúvida alguma forte atração, principalmente sobre a juventude orientada para o futuro, que descobrira na guerra, na revolução e no caos a beleza excitante dos projetos de organização "geométrica".

Os mesmos motivos explicavam as formas dadas às manifestações militares aparatosas do movimento: o uso do uniforme, o ritual de saudação, a resposta à voz de comando, a expressão de alerta — Sentido! — ou o simbolismo de alguns emblemas essenciais — indo da cruz de Santo Olaf do *Nasjonal Samling* norueguês do major Quisling à cruz escarlate de Santo André para os nacional-sindicalistas de Portugal, e às flechas, aos feixes do lictor ou às pequenas foices — nos distintivos, nas bandeiras, flâmulas ou braçadeiras. Ora, com essas coisas pretendia-se desacreditar a velha moda burguesa da sobrecasaca e do colarinho engomado; mais do que isso, elas pareciam corresponder com bastante exatidão ao espírito da época, severo, técnico, e marcado pela ética do anonimato. Ao mesmo tempo, os uniformes e a pompa militar permitiam dissimular as diferenças sociais e transcender pateticamente a pobreza emocional da vida civil cotidiana.

A associação de pequeno-burgueses e militares, que caracterizava o nacional-socialismo, propiciou desde o início ao Partido Nazi um duplo aspecto curioso. Isso se evidenciou não só na separação entre secções de Assalto (SA) e Organização Política (PO), mas também na composição estranhamente desigual de seus adeptos. Idealistas convictos juntaram-se aos

sem rumo, autores de certos delitos que reincidiam, ou oportunistas, numa mistura disparatada onde se observava a um só tempo o desejo de fazer algo eficaz, o interesse de experimentar algo novo que fosse aprovado, o arrivismo ou então um dinamismo irracional. O conservantismo intermitente, peculiar à maior parte das organizações de cunho fascista, provém daí. Porque, ainda que se pretendessem a serviço de uma ordem mundial perturbada e já muito afetada, os fascistas, mal detinham o poder, manifestavam um desejo de mudança desligado de toda a tradição. Caracterizavam-se por uma mistura singular de Idade Média e modernismo. Acreditando-se vanguardistas, davam as costas ao futuro, e seu gosto pelo folclore se expandia sobre o asfalto de um estado totalitário e coercitivo. Entregavam-se aos sonhos mortos de seus antepassados e celebravam um passado cujos contornos vagos deixavam entrever as promessas de um porvir glorioso, orientado para a expansão territorial, quer se tratasse do Santo Império romano, da Espanha de Sua Majestade Católica, da Gran Bélgica, da Gran Hungria ou da Gran Finlândia. A marcha ascensional de Hitler para a hegemonia, que foi uma operação metódica, refletida e realista, empreendida com a ajuda de todo um arsenal de recursos técnicos, viu-se coadjuvada por um aparato de acessórios campestres e de símbolos. Essa foi uma tentativa de conquista do mundo sob o signo do teto de palha e das propriedades rurais herdadas, das danças populares, da festa do solstício do verão e da Mutterkreuz, símbolo das mães de família de prole numerosa. Thomas Mann referiu-se a isso muito adequadamente como “uma explosão arcaica”. [34]

Mas por trás daquele desígnio havia muito mais que um anseio reacionário irrefletido. O objetivo a que Hitler se propunha era, nada mais nada menos, curar o mundo. Não pensava de nenhum modo em ressuscitar os bons e velhos tempos, muito menos em restaurar suas estruturas feudais, como acreditavam os reacionários sentimentais, que o tinham seguido e encorajado com uma convicção cega inabalável, ininterrupta. O que ele pretendia eliminar era a autoalienação do homem, motivada pelo processo evolutivo da civilização.

Para chegar a esse resultado não se utilizara de meios econômicos ou sociais, que desprezava. À semelhança de um dos porta-vozes do fascismo italiano, Hitler encarava o socialismo europeu como “uma repugnante agitação em prol dos direitos do ventre”. [35] Visava de fato a uma renovação interior, a processar-se no sangue e nos subterrâneos da alma; não se atinha à política, mas ao reavivamento do instinto. Segundo suas intenções declaradas e suas palavras de ordem, o fascismo não representava uma luta de classes,

mas uma revolução da civilização, e ele não pretendia trabalhar pela libertação, mas para a redenção da humanidade. A repercussão considerável que obteve é explicada sem dúvida também pelo fato de ter destinado à sua utopia o domínio no qual, por um movimento espontâneo, o espírito humano situa todos os paraísos perdidos, isto é, uma idade de ouro longínqua e mítica. O temor do futuro que sentia acentuou ainda sua tendência a transferir todas as apoteoses para o passado. O "conservantismo" fascista traduziu com sucesso o desejo de operar uma reviravolta revolucionária da evolução histórica, de retornar ao ponto de partida, quer dizer, àqueles tempos mais felizes, naturais e harmoniosos que haviam antecedido as soluções errôneas. Numa carta de 1941, Hitler escreveu a Mussolini que os últimos 1.500 anos não tinham sido senão uma interrupção. Mas a história se aprestava agora a "retornar a seu caminho inicial". E se não se cuidava de restabelecer as condições reinantes naquela era longínqua, pelo menos cabia repor no devido lugar de honra sua escala de valores, seu estilo de vida, sua severidade, sua moral, para fazer frente às forças destrutivas que irrompiam de todos os lados. Como o proclamou Hitler: "Enfim há um dique contra o caos ameaçador!" [36]

Apesar de toda a sua ênfase revolucionária, o nacional-socialismo nunca tinha conseguido dissimular a atitude fundamentalmente defensiva, que era sua própria essência e se achava em contradição com as poses de gladiadores, intrépidos e audazes, que adorava assumir. Konrad Heiden cognominara as ideologias fascistas de "fanfarronadas da evasão". Elas não são, disse ele, outra coisa que a expressão da "angústia diante da ascensão das novas forças e a aparição de estrelas desconhecidas, o protesto do corpo gasto diante da inquietude do espírito". [37] E o próprio Hitler declarava, pouco depois do início da guerra contra a União Soviética, que agora compreendia como os chineses tinham chegado a construir uma muralha em redor de seu país. E ele também se sentia tentado "a erigir um muro gigantesco que protegeria os novos territórios do leste das incursões das massas da Ásia Central. Isso a despeito de todos os exemplos históricos de que as forças se debilitam no interior de um espaço fechado".

A superioridade do fascismo em relação a seus numerosos concorrentes se deve, em parte, ao fato de ter percebido com maior acuidade a essência mesma da crise de que ele próprio era o sintoma. Enquanto todos os outros partidos aprovavam o processo de industrialização e de emancipação, o fascismo compartilhava visivelmente as angústias da população e se esforçava para abafá-las gritando mais forte do que o povo; transpunha-as para o nível de uma ação turbulenta, procurava dramatizá-las e, recorrendo a um ritual romântico, conferia um certo encantamento ao cotidiano prosaico e tedioso.

Era a evasão à luz dos archotes, dos estandartes coloridos, das caveiras, das saudações e dos gritos de combate, o “novo casamento da vida e do perigo”, a ideia da “morte grandiosa”. Indicava ao homem tarefas modernas num cenário de uma falsa evocação do passado. Seu sucesso advinha igualmente de que fazia passar os interesses materiais para segundo plano e tratava a política “como um domínio no qual deviam prevalecer a abnegação e o sacrifício do indivíduo à ideia”. [38] Na opinião de seus teóricos, dava assim vazão às necessidades essenciais do homem, melhor do que tinham conseguido aqueles que iludiam as massas com a falsa esperança de um aumento do salário mínimo. O fascismo pareceu compreender antes de todos os seus rivais que o homem de fidelidade marxista ou liberal, guiado unicamente pela razão e pela avaliação de seus interesses materiais, era uma monstruosa abstração.

Apesar dos traços reacionários muito evidentes, o movimento tinha preenchido assim, com muito maior eficiência do que seus adversários, os requisitos exigidos pela aspiração da época a uma conversão geral. E parece ter sido o único a articular o sentimento daquele período que se procurava iludir de todo e que fora até ali desencaminhado. A fraqueza da atração exercida pelo comunismo não provinha só de sua reputação como partido de classe e tropa auxiliar a serviço de uma potência estrangeira; arcava além disso com o ônus de um vago ressentimento, pelo fato de se incluir a si mesmo entre os elementos responsáveis por erros passados e de ser um dos agentes daquele mesmo mal que pretendia curar. Não representava a negação revolucionária do materialismo burguês, mas sua versão retocada; não era a eliminação de uma ordem injusta e incapaz, mas sua caricatura e seu reflexo às avessas.

A certeza do sucesso que animava Hitler como algo infalível, e muitas vezes de maneira extravagante, baseou-se sempre em parte na sua convicção de ser o único verdadeiro revolucionário oriundo do mundo burguês, e do fato de ter atribuído aos instintos humanos o papel que realmente lhes cabia. Associando-se a eles, Hitler se considerava invencível, porquanto “face aos interesses econômicos, à pressão da opinião pública e mesmo diante da razão” tais instintos acabavam sempre vitoriosos. Certamente que o apelo ao instinto coloca em evidência uma grande dose de mediocridade e inferioridade no plano humano; do mesmo modo, a tradição, que o fascismo desejava reabilitar e honrar, não era muitas vezes senão sua caricatura, e a ordem que se celebrava era apenas uma ordem de papel carbono. Mas quando Trotski falava com menosprezo sarcástico dos militantes fascistas como se fossem “detritos humanos”, [39] atestava apenas a perplexidade característica da esquerda em

face das criaturas, de suas aspirações e instintos. Ora, tal atitude originou os numerosos erros cometidos na análise da época feita pelos que supunham conhecer melhor do que ninguém seu espírito e seu destino.

Mas o fascismo não correspondia somente a aspirações românticas. Produto da angústia da época, era igualmente um movimento de revolta em favor da autoridade, uma rebelião em prol da ordem, e a contradição inerente a tais esquemas constituía exatamente a sua essência. Era ao mesmo tempo a insurreição e a subordinação, a ruptura com todas as tradições e a consagração das mesmas, a comunidade nacional e a hierarquia estrita, a propriedade privada e a justiça social. Mas todos esses postulados que o fascismo reivindicava como seus implicavam sempre desdobramento taxativo da autoridade do estado forte. “Os povos hoje em dia aspiram mais do que nunca à autoridade, ao comando e à ordem”, assegurava Mussolini. [40]

O Duce falava com desprezo “do cadáver quase putrefato da deusa Liberdade” e dizia que o liberalismo se dispunha “a fechar a porta dos templos que os povos tinham abandonado” porque “todas as experiências do momento tinham um caráter antiliberal”. De fato, por toda a Europa e sobretudo nos países que só haviam adotado o sistema parlamentar liberal ao final da Grande Guerra, dúvidas crescentes surgiam quanto a sua viabilidade. E estas se intensificaram em face da resolução manifestada pelos governos de tais países de transporem a etapa que os separava da hora presente. Difundiu-se rapidamente o sentimento de que os recursos da democracia liberal eram insuficientes para afrontar as condições da crise, explosivas e prementes, daquele período, e que suas possibilidades de governar eram muito limitadas para dirigir as massas já conscientes de sua força. A vista dos debates parlamentares inócuos e pusilânimes, das manobras e dos desejos inoperantes do regime dos partidos, despertou nos homens da época o anseio antigo de se ver diante de um fato consumado e de não ter de optar. [41] À exceção da Tchecoslováquia, o sistema parlamentar deixou de vigorar no transcorrer do período compreendido entre as duas guerras em todos os países da Europa central e do leste, assim como em numerosos outros do sul da Europa. Foi o caso de Lituânia, Letônia, Estônia, Polônia, Hungria, Romênia, Áustria, Itália, Grécia, Turquia, Espanha, Portugal e, finalmente, da Alemanha. Em 1939, só existiam nove países com regime parlamentar, ainda que vários entre eles se encontrassem como a Terceira República francesa num *drôle d’état* , e noutros ainda só uma monarquia garantia a estabilidade. Em suma, “a ideia de uma Europa fascista entrava então para o terreno das possibilidades”. [42]

A vontade de modificar o estado de coisas vigente no mundo não era, pois, fruto do ressentimento agressivo de um único país. Dava-se adeus à era liberal

em meio a uma atmosfera de fastio, de desprezo e de resignação que ultrapassava todas as fronteiras. Tal disposição se revelara através de sintomas reacionários e progressistas, pelo desencadeamento de ambições egoístas ou altruístas. Após 1921, a Alemanha já não tinha no Reichstag uma maioria que aderisse sinceramente ao sistema parlamentar; a ideia liberal quase não contava mais com defensores, mas eram numerosos seus adversários em potencial. A estes faltava apenas o incentivo, a ordem de reunir, o Führer.

PARTE II

O CAMINHO DA POLÍTICA

6

Parte do futuro alemão

O estado mudou. Se um habitante da Lua descesse na Terra, não reconheceria
mais a Alemanha, e sua exclamação seria: É esta a Alemanha de outrora?
Adolf Hitler

Eu teria gargalhado na cara de quem me dissesse que aquele seria
o início de uma nova época da história mundial .

Konrad Heiden,
nas memórias de seus anos de estudo em Munique

O CENÁRIO EM QUE DESPONTOU a figura de Hitler, no início do verão de 1919, tinha por pano de fundo a Baviera e suas condições muito peculiares de vida. Seu rosto pálido e desconhecido pouco a pouco se destacará da multidão efêmera dos figurantes e surgirão numerosos atores saídos da obscuridade, para se expor por um instante às luzes deslumbrantes da ribalta. No tumulto da revolução e da contrarrevolução, entre os Eisners, os Niekichs, os Ludendorffs, os Lossows, os Rossbachs ou os Kahrs, que aspiravam todos a desempenhar um papel histórico, ninguém parecia menos predestinado, ninguém tão destituído de meios, ninguém numa posição de partida mais anônima e ninguém parecia mais perplexo do que Hitler: "Era um desses eternos soldados que se refugiam nas casernas porque não sabem para onde ir". [1] Ao mesmo tempo, deliciava-se em proclamar-se "o cabo desconhecido da Grande Guerra" e tentava explicar mitologicamente sua ascensão, que sempre lhe parecera imprevisível. Porque três anos mais tarde, Hitler dominava o cenário onde se aventurou nos seis primeiros meses de 1919 quase a contragosto ou, pelo menos, com grande hesitação.

É raro que condições preexistentes venham a moldar um homem de modo mais perfeito do que no seu caso, assim como é raro encontrar alguém que, como Hitler, tenha participado mais intensamente das angústias, dos complexos de agressão, dos protestos de sua época, e os tenha explorado tão bem em proveito próprio como ele o fez. Tudo isso o marcara com mais intensidade, mais violência desordenada do que qualquer outro. Nenhuma outra cidade da Alemanha foi mais tomada e convulsionada pelos acontecimentos revolucionários, paixões e resistências das primeiras semanas

do pós-guerra do que a nervosa cidade de Munique. Dois dias antes de Berlim, em 7 de novembro de 1918, um punhado de agitadores de esquerda, animados da vontade de melhorar o mundo, derrubaram a milenar dinastia dos Wittelsbachs e, de modo surpreendente, se assenhorearam do poder. Seguindo a orientação de Kurt Eisner, um boêmio barbudo que fora crítico teatral do *Munchener Post* , e tendo como ponto de partida a interpretação literal das observações de Woodrow Wilson, tentaram os revolucionários operar uma transformação das condições políticas a fim de "tornar a Alemanha capaz de entrar para a Liga das Nações" e obter "uma paz que a pouparia do pior". [2]

A fraqueza do presidente americano e o descrédito lançado sobre sua própria palavra, para não falar do ódio da direita, que jamais cessou de fazer denúncias caluniosas "ao estrangeiro vagabundo alheio tanto à nação quanto à raça ariana", assim também como os ataques acirrados ao "bolchevique de Schwabing" solaparam todas as chances de Eisner. [3] Só o fato de nem ele nem um só dos homens novos no poder serem originários da Baviera, acrescentado ao outro fato de que encarnavam o tipo do intelectual judeu, selou a derrocada do governo revolucionário em uma nação consciente de seus preconceitos raciais. Além disso, os espetáculos ingênuos organizados pelo regime de Eisner, as incessantes demonstrações, os concertos públicos, os desfiles coloridos com estandartes e bandeiras e os discursos inflamados sobre "o império da luz, da beleza e da razão" eram o que havia de mais inapto para consolidar sua posição. Muito pelo contrário, essa maneira de conduzir a coisa pública suscitou sarcasmos e exacerbou os ânimos, além de afastar totalmente a simpatia que Eisner contava obter graças a "um governo pautado pela bondade". Os projetos utópicos que, no papel, sob a perspectiva de vastos horizontes filosóficos, logravam enorme poder de sugestão, foram aniquilados ao contato com a realidade. Não tardou muito e foi apelidado de "Kurt I" em clara alusão à dinastia destronada, e todos os lábios entoavam alusivas canções de deboche: *"Revoluzilazilizilazi hollaradium / alls drah ma um / alls kehrn ma um / alls schmeiss ma um / bum bum!"* [Revolução pra cá e pra lá / oh, a rádio / tudo vai pelo ar / tudo de cabeça pra baixo / tudo vai de qualquer jeito / bum bum!] Em tais condições, apesar das relações críticas mantidas por Eisner com os chefes excêntricos dos espartaquistas e os próceres da revolução mundial como Lewien, Leviné e Axelrod, apesar de suas objeções aos entusiasmos anarquistas do escritor Erich Muhsam, e ainda que tivesse feito concessões, pelo menos verbais, às tendências separatistas reinantes na Baviera, nada disso melhorou sua situação melindrosa. Falou, durante uma conferência dos socialistas em Berna, de uma responsabilidade alemã na guerra, o que o tornou, de imediato, alvo de uma campanha

organizada que visava a eliminá-lo por meio de ataques desenfreados, e proclamou que a hora de seu fim havia soado. Pouco depois, uma derrota eleitoral esmagadora o constrangia a se retirar. Em 21 de fevereiro, no momento em que se dirigia ao *Landtag* , em companhia de dois de seus colaboradores, para entregar sua demissão, foi abatido em plena rua por um balaço nas costas desferido por um jovem de 22 anos, o conde de Anton von Arco-Valley. Foi uma ação absurda, inútil e catastrófica.

Basta que se reflita no fato de que só algumas horas depois desse acontecimento, no momento em que se rendiam homenagens à memória da vítima, Alois Lindner, açougueiro e garçom de botequim filiado à extrema-esquerda, irrompeu no salão do *Landtag* , abateu o ministro Auer e, atirando como um desesperado, ainda feriu mortalmente duas outras pessoas. Todos ficaram tomados de pânico e a reunião se dispersou. Mas com uma grande diferença, se comparado o sucedido com o assassinato perpetrado por Arco-Valley, uma vez que a opinião pública deu uma enorme guinada para a esquerda. Sobrevindo pouco tempo depois do assassinato de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht, esse atentado parecia trama da reação que se recompunha, visando a reconquistar o poder perdido. Foi declarado o estado de exceção na Baviera e deflagrou-se uma greve geral. Parte dos estudantes tinha celebrado Arco-Valley como herói nacional, logo a Universidade foi fechada, efetuaram-se detenções em grande número e foi estabelecida uma censura rigorosa. Os bancos e edifícios públicos foram ocupados pela guarda vermelha, enquanto circulavam nas ruas automóveis blindados sobre os quais soldados vociferavam nos alto-falantes: “Vingança por Eisner!” Durante um mês o poder executivo ficou nas mãos de um comitê central, sob a presidência de Ernst Niekisch, e só depois formou-se um governo parlamentar. Contudo, quando no começo de abril se soube que Bela Kun tinha tomado o poder na Hungria e proclamara a ditadura do proletariado, dando assim prova de que o sistema soviético poderia também, com êxito, ser aplicado fora da Rússia, a situação que estava prestes a se estabilizar tornou-se frágil. A palavra de ordem “a Alemanha vem a seguir”, adotada por uma minoria de fanáticos de extrema esquerda, destituídos de qualquer apoio popular, serviu de *slogan* até a proclamação de uma república de sovietes, contra a vontade evidente da nação, contra as tradições e sentimentos da opinião pública. Em um manifesto que testemunhava claramente seu romantismo, seu espírito quimérico e sua inaptidão para governar, os poetas Ernst Toller e Erich Muhsam anunciaram a transformação do mundo em “um prado florido, onde cada um poderia colher seu ramalhete”. Declararam ab-rogados o trabalho, as hierarquias e o pensamento jurídico, e também deram ordem aos jornais para publicar, em primeira

página, poemas de Hölderlin ou de Schiller ao lado dos novos decretos da revolução. [4] Ernst Niekisch e a maioria dos membros do governo que, entrementes, se tinham refugiado em Bamberg, renunciaram e abandonaram a organização estatal desamparada ao evangelho confuso dos poetas, ao caos e ao medo. Pouco depois, um grupo de revolucionários profissionais endurecidos assenhoreou-se do poder.

Foi uma experiência que jamais pôde ser esquecida: o domínio das comissões encarregadas dos confiscos, o método de apreensão de reféns, as restrições aplicadas aos membros da burguesia, o arbítrio revolucionário e a fome que grassava ressuscitaram, de modo cada vez mais nítido, as imagens de horror ainda vivas da Revolução de Outubro na Rússia. Seus efeitos foram tão duradouros que, a seu lado, empalideceram as atrocidades sangrentas cometidas pelas colunas do Reichswehr e dos Freikorps, que desde o início de maio lançaram o pânico sobre Munique. Uma ordem perdida determinou, rapidamente, o morticínio de uns cinquenta prisioneiros de guerra russos que haviam sido libertados, a execução sumária de motoristas de um comboio de ambulâncias do exército revolucionário, jogados sobre um entulho de estrada de ferro, não longe de Starnberg, a captura em seus lares, em Munique, de 21 membros absolutamente inocentes de uma associação católica, lançados em uma prisão de Karolinenplatz e logo após fuzilados. Isso sem falar na questão tenebrosa dos 12 operários de Perlach que nada tinham a ver com os acontecimentos, mas que, de acordo com os termos de uma instrução posterior, figuravam entre as 184 pessoas que haviam perecido “em consequência da própria leviandade ou de suas conivências secretas com os culpados”, e para terminar foram discretamente silenciadas as execuções dos cabeças do movimento revolucionário, Kurt Eglhofer, Gustav Landauer e Eugen Leviné. Por outro lado, a consciência pública levou anos lembrando-se das imagens de horror oferecidas pelos oito reféns, membros da associação Thule, animadora da conspiração de extrema direita, que foram atirados na adega do liceu de Luitpold e liquidados por ordem de um funcionário subalterno a título de represália por crimes idênticos aos acima mencionados. Em qualquer lugar por onde passassem as tropas, nota o diário de uma testemunha, “todos os habitantes agitavam lenços, precipitavam-se às janelas e aplaudiam, o entusiasmo não podia ser maior… Houve grande júbilo”. [5] Depois de ter sido o país da revolução, a Baviera tornava-se o país da contrarrevolução.

A experiência dos primeiros meses do pós-guerra deu aos elementos burgueses mais realistas e ajuizados uma nova consciência da própria força.

Ensejou essa tomada de consciência a vontade confusa e, em geral, fraca de uma revolução que testemunhava a impotência e a desordem intelectual da esquerda alemã, a qual dispunha visivelmente mais de bazófia do que de coragem na ação. Foi então que no seio da social-democracia a burguesia se revelara um enérgico fator de ordem, quando houve a tentativa bávara de instaurar um governo dos conselhos operários que se tinham revelado absolutamente ineptos, tão ignorantes do poder quanto de tudo que dizia respeito ao povo. Pela primeira vez, no decurso desse período, a burguesia, ou ao menos sua parte mais sensata, compreendeu que o “grande medo” do século tinha sido vão, e que não se achava em posição de inferioridade com relação ao proletariado alemão, que, apesar da auréola de invencibilidade que o envolvia, era, ele sim, inferior.

Foram sobretudo os oficiais de postos intermediários, capitães e majores, que começaram, quando de volta da linha de frente, a insuflar na burguesia essa nova consciência de sua força. De sua parte, segundo Ernst Junger, tinham degustado o vinho da guerra e sua embriaguez subsistia. A despeito da vasta superioridade do inimigo, não se consideravam vencidos. Chamados em socorro pelo governo, haviam sufocado os insurretos e os conselhos de soldados rebeldes, esmagado a tentativa bávara de constituir um governo de conselhos operários; ao longo da fronteira mal protegida no leste da Alemanha, principalmente com a Polônia e a Tchecoslováquia, tinham desempenhado bem funções de defesa, antes de se verem privados de um futuro pelo Tratado de Versalhes e pela disposição que impôs ao exército o efetivo de cem mil homens, que os rebaixou socialmente e desgraçou sua nação. Um misto de consciência do próprio valor e decepção os empurrou a entrar na arena política. Além disso, numerosos eram os que não queriam ou não podiam mais viver sem os desregramentos da vida de soldado, do contato com as armas e da camaradagem masculina. Fortes pela sua experiência e familiarizados, pela guerra, com o emprego metódico da violência, organizaram, desde então, a defesa contra a revolução, de há muito abafada e afogada pelas angústias e necessidades de ordem da nação.

As numerosas organizações militares privadas que surgiam por toda a parte transformaram em pouco tempo o país em um grande campo de demonstrações militares e patriotismo, aureoladas com glória reservada à luta política, visando à sobrevivência da nação. Apoiando-se no poder efetivo das metralhadoras, das granadas e dos canhões escondidos e armazenados em vastos arsenais secretos, aproveitaram-se da fraqueza das instituições políticas e asseguraram para si uma parcela do poder que, mesmo sendo variável nas diferentes regiões, não deixava de ter grande significação. Na Baviera, em

particular, graças ao traumatismo infligido pela experiência do governo revolucionário, essas associações puderam agir mais ou menos sem dificuldade: “A contrarrevolução deve ser organizada por todos os meios”, fora uma instrução precisa do governo social-democrata, na época dos conselhos operários. [6] Ao lado do Reichswehr atuaram numerosas organizações, muitas vezes clandestinamente, encorajadas por esse apelo. Entre elas, o *Freikorps Ritter von Epp* , a *Liga Oberland* , a associação de antigos oficiais *Eiserne Faust* [Punho de Ferro], a *Organização Escherich* , a *Deutschvölkische Schutz- und Trutzbund* [Liga Alemã de Ação Ofensiva e Defensiva], a *Verband Altreichsflagge* [Aliança Velha Bandeira do Reich], os *Freikorps Bayreuth, Wurzburg e Wolf* , os destacamentos *Bogendörfer e Probstmayr* , bem como outras organizações bastante indiferentes à legalidade de suas manobras, e animadas por ambições político-militares. [7]

Entretanto, todas essas formações paramilitares tinham não só o apoio do governo e da burocracia do estado mas também uma grande simpatia do povo em geral. Aliás, um dos paradoxos de uma sociedade fortemente marcada por tradições militares é o de que cidadãos animados por paixões individuais só exprimam seu descontentamento em passos marciais e desfilem de uniforme. Realmente, em comparação com o caos da revolução e da desordem dos “conselhos” operários, o exército parecia encarnar a imagem de uma situação oposta, como se estivesse a serviço de uma ideia de vida e de organização universalmente válida. As unidades do Freikorps Epp haviam desfilado na Ludwigstrasse com passo ribombante, depois foi a vez das colunas da brigada Ehrhardt, que empunhavam um emblema trazido de seus combates nas regiões bálticas orgulhosamente tirado da canção marcial da unidade: “Com a cruz gamada num capacete de aço.” De modo muito sugestivo, essas unidades independentes encarnavam, aos olhos da opinião pública, algo do deslumbramento e da segurança de uma época em que reinava a ordem e cuja lembrança era apenas nostalgia. Quando uma instrução-geral do 4º Comando Militar Bávaro, de junho de 1919, chamou o Reichswehr de pedra angular sobre a qual se deveria fundar “uma nova e inteligente reorganização de todos os estados”, justificava exatamente o esforço de uma ativa propaganda com ramificações longínquas, que apenas exprimia a opinião predominante. No momento em que os partidos de esquerda comunicavam ingenuamente sua repugnância pela guerra e pelo sacrifício dos povos aos soldados que tinham experimentado na própria pele suas durezas e horrores, [8] a direita começou a lhes dar atenção e a tratar de seu orgulho ferido, de seu desejo de uma explicação satisfatória para tantas esperanças perdidas.

Entre as múltiplas atividades organizadas pela seção de propaganda e

instrução do comando militar sob a direção do capitão Mayr, figurava o curso de educação cívica para o qual fora mandado Hitler, depois que ele se saiu bem da missão de investigar as atividades dos partidários da república de conselhos operários. As aulas do curso, dadas nas salas da Universidade por professores famosos e dignos de confiança, tinham por finalidade principal levar a um público escolhido esclarecimentos sobre as relações entre a história, a economia e a política.

Em seu esforço permanente para negar ou, ao menos, minimizar as influências que sofreu, Hitler disse que, do ponto de vista de sua carreira posterior, os conhecimentos que adquiriu nessas conferências tinham tido menos importância do que os contatos que elas lhe tinham proporcionado. Graças a elas, tivera a possibilidade "de conhecer alguns camaradas que compartilhavam de suas próprias ideias e com os quais se achava a altura de discutir a fundo a situação presente". Em matéria econômica, a única contribuição valiosa que recebera fora do engenheiro Gottfried Feder, que lhe fez compreender "pela primeira vez na vida, a distinção fundamental entre o capital internacional de bolsa e o de empréstimo". [9]

No sentido estrito da palavra, entretanto, a importância dessas reuniões se prendia à atenção que Hitler era capaz de suscitar por sua veemência e seu espírito racional diante de um público selecionado. Por ocasião das discussões com os participantes do curso, ele teve, pela primeira vez, um auditório que não se compunha de parceiros ignorantes reunidos pelo acaso. Um dos professores, o historiador Karl Alexander von Muller, relatou como, à saída de uma das conferências, Hitler foi retido na sala já semivazia por um grupo como que "arrebatado pelo homem em torno do qual faziam um círculo. Tratava-se de um orador que, com uma voz excepcionalmente gutural, entretinha seus ouvintes sem parar e com uma paixão crescente. Tive o sentimento curioso de que ele penetrava no nervosismo daquele grupo e que recebia eflúvios dali dimanados, que por sua vez repercutiam sobre o orador. Vi um rosto pálido e magro sob uma mecha de cabelos que lhe caía sobre a testa, em um estilo pouco militar, um bigode bem aparado e grandes olhos azuis claros em que brilhava um fanatismo frio". Na conferência seguinte, von Muller chamou-o até o estrado e "ele para lá se dirigiu docilmente, andando sem graça, impregnado, me pareceu, de um acanhamento arrogante. Mas o diálogo não deu em nada". [10]

Encontra-se, já neste episódio exemplar, a curiosa ilustração do duplo rosto de Hitler: sugestivo e seguro de seus efeitos, quando se entrega à retórica, e, ao mesmo tempo, insignificante na confrontação pessoal. Segundo sua própria confissão, teve um primeiro sucesso oratório, que jamais pôde esquecer, ao

responder com veemência à provocação “de um dos participantes que tentou defender os judeus”. Já von Muller havia chamado a atenção do capitão Mayr para o talento oratório que tinha descoberto em um de seus ouvintes, e Hitler foi então enviado a um regimento de Munique como homem de ligação do comando militar da região. Pouco tempo depois, seu nome aparecia como o número 17 de uma lista que enumerava os membros do que se chamava um “grupo de instrução” para o acampamento de soldados repatriados de Lechfeld: “Infante Hitler, Adolf; 2º Reg. Inf. Abwicklungsstelle [IAK-Centro de readaptação]”. O grupo tinha por missão influenciar no sentido nacional e antimarxista os ex-prisioneiros de guerra considerados pouco seguros. Ao mesmo tempo esse grupo deveria ministrar “um curso de propaganda e agitação aos participantes”. [11]

Hitler fez suas primeiras experiências de retórica e de psicologia nesse palco, dentro das barracas e alojamentos do quartel de Lechfeld. Foi lá que aprendeu a rechear de um conteúdo de atualidade sua argumentação filosófica, de tal modo que seus princípios parecessem irrefutavelmente confirmados e que os acontecimentos políticos do dia abrissem as perspectivas a um destino grandioso. O caráter oportunista que mais tarde caracterizou o cinismo da ideologia nacional-socialista se explica também em parte pelas hesitações do orador principiante. Ele era obrigado a “testar” a reação do público diante de suas ideias fixas e a achar fórmulas capazes de suscitar com certeza a ressonância desejada. Um relatório do quartel sobre o instrutor Hitler declara: “Este tema despertou um interesse particular nos ouvintes, pôde-se perceber facilmente pela expressão dos rostos”. Hitler foi o primeiro a dar corpo ao rancor hostil, fruto da decepção amarga e ressentida dos antigos combatentes, quando de sua volta. Após os anos de guerra, eles se viam frustrados em tudo o que tinha dado um sentido a sua juventude e exigiam agora uma explicação por tanto heroísmo e tantas vitórias inúteis, e por uma confiança também tão absurda. Os exercícios oratórios de Hitler testemunhavam sobretudo esforços particulares para adotar “um comportamento popular” e para exprimir “de maneira facilmente compreensível” um fanatismo apaixonado. Também esses discursos continham essencialmente ataques contra o grupo de homens que ele estigmatizou mais tarde com a fórmula que se tornou popular, “os criminosos de novembro”, adicionando-lhes a invectiva feroz contra “a vergonha de Versalhes” e o “internacionalismo” corruptor. Tais acusações se tornavam plausíveis pela evocação de uma “conspiração mundial judeu-marxista”. [12]

Desde então, mostrou que era capaz de apresentar, sem o menor acanhamento intelectual, como um todo coerente, fragmentos de ideias

provenientes de leituras mal digeridas. Uma de suas aulas em Lechfeld tratava, de forma “muito bonita, clara e incisiva”, da pesquisa recente feita por Gottfried Feder sobre as relações entre o capitalismo e o judaísmo. Seus ataques, no plano das ideias, eram tão violentos quanto duráveis nos seus efeitos. A primeira resposta escrita de Hitler a uma questão política precisa foi conservada, e mostra que nessa época seus argumentos já haviam tomado a forma ativa que conservaram até o período final de sua existência, no mundo subterrâneo do *bunker* . Tratava-se de uma carta sobre o perigo que “o judaísmo representava na hora presente para nosso povo”. Um antigo “homem de confiança” do comando militar de Munique, Adolf Gemlich, de Ulm, tinha pedido ao capitão Mayr um memorando a respeito, e este, por sua vez, transmitiu o assunto a seu subordinado com um bilhete, pedindo-lhe que respondesse. Detalhe curioso: esse bilhete de acompanhamento começava pela fórmula “Honorabilíssimo Senhor Hitler”, ao menos inusitada nas relações militares com os subalternos. Em uma exposição detalhada, Hitler distinguiu o antissemitismo instintivo, que só se podia apoiar de fato sobre impressões pessoais geradas pelo acaso, do antissemitismo chamado a se tornar um movimento político, que supunha “o conhecimento dos fatos”. [13]

> “Ora”, escrevia ele, “os fatos são os seguintes: antes de mais nada o judaísmo constitui incontestavelmente uma raça e não uma comunidade religiosa. Em consequência de uniões consanguíneas milenares, frequentemente concluídas no mais restrito círculo, o judeu conservou em geral sua raça e seu caráter próprios com mais força do que os numerosos povos entre os quais viveu. Resulta daí que uma raça estrangeira, não alemã, vive entre nós, não tem o desejo e não tem condição de renunciar a suas características étnicas, à sua maneira própria de sentir, de pensar e de agir, e tem, entretanto, os mesmos direitos políticos que nós alemães. Se o instinto dos judeus os leva fundamentalmente ao materialismo, seus pensamentos e seus esforços tendem ainda mais para essa mesma filosofia de vida. Tudo o que leva o homem em direção a esferas mais elevadas, quer se trate de religião, quer de socialismo, quer de democracia, não significa para eles senão outros tantos meios de chegar a seus fins, de satisfazer o apetite de dinheiro e dominação. Por essas razões e como consequência de suas ações, os judeus se tornam uma tuberculose racial dos povos.”
>
> Do acima exposto, decorrem as conclusões seguintes: “O antissemitismo instintivo se exprimirá por meio de *pogromes* [*sic*]. O antissemitismo racional, pelo contrário, deve conduzir a uma luta metódica, no plano legal, e à eliminação dos privilégios do judeu. Seu objetivo final, entretanto, deverá ser de qualquer forma o banimento desse povo. Só um governo de força nacional, portanto em hipótese alguma um governo de impotência nacional, será capaz de obter esses dois resultados.”

Quatro dias antes da redação desse memorando, em 12 de setembro de 1919, o capitão Mayr havia encarregado seu homem de confiança, Hitler, de visitar um dos pequenos partidos egressos da confusão e do tumulto das ligas radicais. Muitos só desenvolviam uma atividade desordenada de curta duração, reuniam-se e se desagregavam, para aparecer novamente, sob a forma de novos grupos. Havia lá um gigantesco potencial inutilizado, para atingir uma ressonância significativa e recrutar partidários. Frequentemente o caráter despersonalizado e sectário desses agrupamentos trazia à luz do dia a

cegueira com a qual as massas burguesas, por tanto tempo politicamente indolentes, estavam prontas a exigir explicações concretas sobre seus sentimentos de contestação no plano nacional, e desejavam achar um apaziguamento à sua angústia em presença da crise social.

Entre os grupos que conspiravam, faziam uma ativa propaganda e mantinham ligações com as forças de extrema direita, a Associação Thule desempenhava um papel de grande importância. Com sede no Hotel Vier Jahreszeiten, onde se hospedavam as pessoas de maior evidência, essa associação estava sempre em contato com numerosos círculos da sociedade bávara. Contava naquele momento com cerca de 1.500 membros, alguns dos quais muito influentes, e dispunha de um jornal próprio, o *Munchener Beobachter* . Chefiava a Thule um aventureiro político de passado um tanto obscuro, que, adotado por um nobre austríaco decadente perdido pelo Oriente, tinha adquirido um bom nome e o título de Barão Rudolf von Sebottendorf. [14] Por testemunho pessoal, sofrera muito cedo a influência de ideólogos extremistas como Theodor Fritsch ou Lanz von Liebenfels, cujo delírio racista absurdo, temperado de ocultismo, também agira de maneira eficaz sobre o jovem Hitler. Fundada por Sebottendorf no fim de 1917, e logo ativamente desenvolvida, a Associação Thule de Munique estava inscrita na tradição das ligas racistas e antissemitas dos tempos que precederam a guerra. Seu nome evocava a seita dos Germanos de Thule, fundada em 1912 em Leipzig, sobre o modelo das sociedades secretas. Seus membros deviam ser de “sangue ariano” e só eram admitidos na comunidade depois de terem dado indicações esdrúxulas sobre a pilosidade de sua anatomia e fornecido uma pegada do pé direito, a título de marcas distintivas raciais. [15]

Em janeiro de 1918, ainda durante a guerra, a criação de Sebottendorf se entregou a uma propaganda desenfreada que acentuava sobretudo o antissemitismo e designava o judeu como “inimigo mortal do povo alemão”. Mais tarde, considerou como provas de suas afirmações os excessos desordenados e sangrentos da fase dos conselhos revolucionários. Com seus slogans estranhos e exagerados, contribuiu grandemente para criar uma atmosfera de ódio racial insensato e obsceno, na qual, nos tempos que se seguiram, o fanatismo racista pôde desenvolver sua ação de modo durável. Já em outubro de 1918, alguns de seus membros haviam elaborado planos de um golpe de estado de direita e considerado o assassinato de Kurt Eisner. Em 13 de abril, tentara um *putsch* contra o regime de soviets. Mantinha também numerosas ligações com os círculos da imigração russa, cujo centro localizava-se em Munique; um jovem báltico, estudante de arquitetura, de

nome Alfred Rosenberg, profundamente traumatizado com a Revolução Russa, destacava-se por seu zelo em manter os contatos. Podiam-se encontrar, na sede da associação, durante suas reuniões, quase todos os atores que, no decurso dos anos seguintes, dominaram tão dramaticamente o cenário bávaro. A Thule também foi o primeiro ponto de encontro de alguns dos futuros deões de Hitler. Os documentos da época mencionam diversas vezes os nomes de Dietrich Eckart e Gottfried Feder, de Hans Frank, Rudolf Hess e Karl Harrer.

A pedido da associação Thule, um jornalista esportivo, Karl Harrer, fundara, juntamente com o mecânico Anton Drexler, em outubro de 1918, um "círculo político de trabalhadores". O grupo deveria ser "uma associação de personalidades escolhidas que se propunham discutir e estudar as questões políticas", mas seus promotores planejavam sobretudo estabelecer, por seu intermédio, uma ligação entre as massas e a direita nacionalista. Por outro lado, seus membros permaneceram limitados, de início, a alguns companheiros das oficinas da ferrovia federal a quem os partidos políticos existentes não satisfaziam. Já em março de 1918, Harrer havia fundado por sua própria iniciativa um Comitê de Operários Livres por uma Paz Justa, que se propunha a combater os usurários e reanimar a vontade de vencer dos trabalhadores. Sério, de óculos, o serralheiro recriminava o socialismo marxista por ser incapaz de superar o nacionalismo ou de lhe trazer uma resposta satisfatória. Um artigo que havia publicado em janeiro de 1918 refletia essa noção em seu título: "O desastre da internacional proletária e o naufrágio do princípio da fraternidade". [16] Fora exatamente em nome dessa afirmação que os operários germano-austríacos da Boêmia tinham formado em 1904 um Partido dos Trabalhadores Alemães (*Deutschen Arbeiterpartei-DAP*) e sua ideia foi confirmada em 1914 pelo apoio de todos os socialistas à intervenção na guerra. Em 5 de janeiro de 1919, com 25 de seus colegas de oficina, Anton Drexler fundou seu próprio partido, com a mesma legenda, no Furstenfelder Hof. Alguns dias mais tarde, por sugestão da Associação Thule no Hotel Vier Jahreszeiten, foi apresentado e aprovado o estatuto de uma organização nacional, e Karl Harrer nomeou-se a si próprio "presidente-geral para o Reich". [17] Era sem dúvida um título ambicioso.

Na realidade, a importância do novo partido que se reunia uma vez por semana na sala reservada da cervejaria Sternecker, boulevard Tal nº 54, era das mais modestas, pois só congregava gente sem projeção. Verdade que Drexler conseguia ocasionalmente a participação, como oradores, de algumas personalidades racistas importantes no plano local como o poeta Dietrich Eckart ou Gottfried Feder. Suas manifestações, seus motivos e objetivos conservaram o caráter obscuro e insignificante de uma política de taberna. De

maneira sintomática, não se dirigia à opinião pública e não poderia jamais pretender ser um partido, no sentido verdadeiro da palavra. Era antes a representação bem real de um tipo de associação, frequente em Munique naquele tempo, com modos de sociedade secreta e clube de apreciadores da boa cerveja, e que respondia à surda e amarga necessidade de reunir pessoas que professassem as mesmas opiniões. As listas de presença mencionam de dez a quarenta participantes. A vergonha da Alemanha, o traumatismo da guerra perdida, a predisposição ao antissemitismo, as queixas relativas à destruição das "regras da ordem, do direito e da moral" determinavam o caráter dessas reuniões. Os "princípios" lidos por Drexler na fundação, testemunham uma sinceridade balbuciante, cheia de ressentimentos contra os ricos, os proletários e os judeus, os usurários e os instigadores do ódio entre os povos. Exigiam que os ganhos anuais fossem limitados a dez mil marcos e que o Ministério do Exterior concedesse uma representação paritária às diferentes províncias. Reivindicavam também para os "trabalhadores alemães especializados o direito de figurar na classe média", porque, diziam os princípios, "a felicidade não reside nas frases e na ênfase das reuniões eleitorais", mas "no trabalho bem-feito, na despensa abastecida e no progresso da prole". [18]

O filistinismo e a mediocridade intelectual que o partido em seu conjunto revela não deviam fazer esquecer que a primeira frase dos "princípios" continha uma ideia-programa que dava eco a uma experiência histórica e a uma necessidade grandemente sentida. A este título, Anton Drexler, o operário desajeitado e excêntrico da cervejaria Sternecker, merece ser colocado no cimo do pensamento da época, muito à frente de seus companheiros de ideal, pois o Partido dos Trabalhadores proclamou-se uma "organização socialista, sem classes, que só deveria ser dirigida por chefes alemães". A "grande ideia" [19] de Drexler era reconciliar a nação com o socialismo. Sem dúvida, não foi Drexler o único nem o primeiro a pensar assim, e seus desvelos com os filhos e com a despensa cheia pareceram privá-lo de qualquer páthos. A concepção muito simples que exprimia nascera de sua aspiração de achar um pouco de conforto intelectual no quadro de uma ideologia nacional que não podia ser comparada, rigorosamente, com a interpretação marxista do mundo e da história. Mas as circunstâncias nas quais Drexler a formulou pela primeira vez, no ambiente de uma acanhada cervejaria, em pleno acesso de febre de um país vencido, humilhado e arrastado à revolução, assim como seu encontro com Adolf Hitler, deram-lhe uma gigantesca repercussão.

Na reunião de 12 de setembro de 1919, Gottfried Feder fez uma palestra intitulada “Como e por que meios vamos eliminar o capitalismo”. Entre os quarenta e poucos ouvintes achava-se Adolf Hitler, que comparecera a pedido do capitão Mayr, e, enquanto Feder falava sobre sua conhecida tese, o convidado notou que se tratava de uma associação “como tantas outras existentes então”, sufocante “por seu pedantismo absurdo”. “Quando Feder terminou”, acrescenta ele, “foi um alívio. Para mim já tinha visto o bastante.” Entretanto Hitler ficou para o debate que se deveria seguir e, quando um dos presentes pediu a separação da Baviera do resto do Reich e sua anexação à Áustria, ele se levantou indignado. “Não poderia agir de outro modo”, diz ele. Atacou o aparteante com tal veemência que Drexler murmurou ao ouvido de seu vizinho, o maquinista de locomotiva Lotter: “Meu velho, aquele sabe falar. Nós poderíamos utilizá-lo.” [20] Foi então que, logo após sua intervenção no debate da “enfadonha associação”, quando Hitler se aprontava para sair, Drexler acelerou o passo para alcançá-lo e o convidou para voltar breve. Como ele se achasse já na soleira da porta, entregou-lhe uma pequena brochura de sua autoria a que intitulara: *Meu despertar político* . Em um quadro de mestre que compôs, não sem grandes esforços, Hitler descreve como no dia seguinte pela manhã, no quartel, quando os camundongos disputavam no quarto as côdeas de pão que lhes havia atirado, pôs-se a ler e reencontrou na vida de Drexler suas próprias etapas de desenvolvimento. O operário evocava a impossibilidade de chegar ao trabalho sob o terror do piquete dos sindicatos, o penoso ganha-pão obtido por meio de uma atividade semiartística (fora tocador de cítara num café noturno) e finalmente a convicção a que tinha chegado sobre o papel nefasto da raça judia no mundo inteiro. Tudo fora acompanhado de angústias e iluminações e sua conclusão motivada pela pretensa tentativa de assassinato por parte de um judeu de Antuérpia. Havia ali paralelos que chamaram a atenção de Hitler, ainda que, como ele mesmo se encarregou de assinalar, fossem tirados da vida de um simples operário. [21] Quando, alguns dias mais tarde, lhe enviaram, sem solicitação de sua parte, uma ficha de inscrição trazendo o número 555, ele, meio a contragosto e meio achando engraçado, mas principalmente por não saber como reagir, decidiu aceitar o convite para participar da reunião seguinte do comitê. A reunião ocorreu numa saleta reservada do Alten Rosenbad, um café modesto da Herrenstrasse, onde, escreveu ele mais tarde, encontrou alguns jovens ao redor de uma mesa, “à luz crepuscular de uma lâmpada de gás devastada pelo tempo”. E, enquanto lá fora o taberneiro em companhia de sua esposa servia um ou dois fregueses, foi lida a ata da última reunião, “como se fosse a direção de um pequeno clube de *skat* ”, declarou-se o caixa (haver: sete marcos e cinquenta), deram quitação ao tesoureiro e

rascunharam o texto das cartas que deveriam ser enviadas a associações com a mesma tendência, na Alemanha do Norte. Foi, escreveu Hitler, “um conventículo sem qualquer expressão”. [22]

Durante dois dias, Hitler meditou, e sempre, quando evocava suas lembranças e as situações decisivas de sua vida, fala dos esforços que lhe custou sua resolução, sublinha as escolhas “penosas”, “difíceis” ou “amargas” que sua decisão lhe impôs. Inscreveu-se como membro do Partido dos Trabalhadores Alemães, recebeu o título nº 7, entrou para o comitê executivo, encarregado da propaganda e do recrutamento de novos membros. “Depois de dois dias de penosas divagações e reflexões”, escreve ele, “acabei por chegar à convicção de que era preciso dar o passo. Foi a resolução decisiva de minha vida. Não podia e não devia mais haver passo para trás.” De fato, tais reviravoltas permitem entrever a inclinação dele a projetar um clarão dramático sobre o curso de sua vida, tendência que só mais tarde se manifestou, por ocasião de alternativas evidentes. Quando as circunstâncias exteriores não se prestavam a tais efeitos, ele, no mínimo, apresentava sua decisão como o fruto de uma luta solitária e espinhosa. Mas todos os documentos históricos disponíveis testemunham uma extraordinária irresolução, manifesta até nos seus últimos anos, uma angústia profunda diante de um compromisso. Essa indecisão está na base de sua inclinação, assinalada por seus parentes, indecisão que o levava a não resolver uma questão senão depois de ter esgotado a mente com vacilações contraditórias e, afinal, deixando ao acaso o encargo de decidir, como que jogando cara ou coroa para obter a resposta. Essa tendência se manifestou até o ponto culminante de uma espécie de culto da fatalidade e da providência, que o ajudava a racionalizar sua repugnância em tomar uma resolução. Há sérias razões para pensar que todas as suas decisões pessoais e até mesmo algumas de suas decisões políticas foram apenas fugas destinadas a lhe permitir escapar de outra escolha que lhe parecesse mais perigosa. Seja como for, durante toda a vida, desde que abandonou os bancos escolares, em sua mudança para Viena e para Munique, no alistamento como voluntário para a guerra, e, enfim, na decisão de envolver-se na política, é fácil achar sempre um motivo de fuga. Isso explica muito de seu comportamento posterior e até mesmo as protelações de seu fim de vida, tudo sob o signo da perplexidade. [23]

O desejo de se subtrair às exigências opressoras do mundo burguês em matéria de obrigações e de disciplina, antes que soasse a hora temida de volta à vida civil, incontestavelmente guiou todos os passos do antigo combatente em sua volta da guerra e o conduziu aos bastidores do cenário político bávaro. Ele entendeu a política e a praticou como ocupação daquele que não tem

profissão, mas resolve ficar. A resolução tomada no outono de 1919 de entrar para o DAP-*Deutschen Arbeiter Partei* , Partido dos Trabalhadores Alemães, que evocou com tanta ênfase, foi, como tantas outras de suas decisões essenciais, simples fuga da ordem burguesa. Foi determinada pelo desejo de escapar ao rigor e às obrigações de suas normas sociais.

Hitler deu livre curso à sua necessidade de ação com uma veemência tão exagerada que nos leva a reencontrar claramente os traços de seu motivo de fuga acumulado durante tantos anos. Vendo-se livre do empecilho das exigências formais, achou diante de si uma carreira à qual só eram necessárias qualidades que eram precisamente as suas: paixão, imaginação, talento de organizador e ardor de demagogo. No quartel, escrevia e batia à máquina infatigavelmente convocações para reuniões que dirigia pessoalmente, pedia endereços, encontrava-se com os interessados, procurava contatos, apoios e novos membros. No início, os êxitos foram poucos e todos os novos rostos que surgiam nas reuniões suscitavam viva curiosidade. Tornou-se evidente desde aquele momento que a superioridade de Hitler sobre todos os seus rivais devia-se, em parte, ao fato de que era ele o único a dispor de um tempo ilimitado. O comitê de direção do partido, composto de sete membros, reunia-se uma vez por semana, no café Gasteig, em volta de uma mesa perdida num canto e que, mais tarde, tornou-se objeto de uma espécie de culto. Aí também ele ocupou rapidamente o primeiro lugar porque tinha sempre mais ideias do que os outros, porque era mais hábil e mais enérgico.

Sob o olhar estupefato dos membros confortavelmente satisfeitos com sua situação modesta, Hitler começou a atrair a curiosidade do público para aquela “associação enfadonha”. O dia 16 de outubro de 1919 foi tão decisivo para o Partido dos Trabalhadores Alemães quanto para o novo homem da organização. Foi sua primeira grande reunião pública, e Hitler, segundo orador inscrito, tomou a palavra diante de 111 pessoas. Em uma torrente ininterrupta de palavras cuja veemência ia crescendo, paulatinamente, deu livre curso, durante trinta minutos, às paixões e aos sentimentos de ódio que, desde os tempos da pensão, se tinham acumulado nas suas ruminações solitárias. As frases, as imagens quiméricas, as acusações afluíam como que provocadas pela explosão do silêncio e do isolamento dos anos passados e, quando chegou à peroração, “as pessoas que se achavam na pequena sala estavam como que eletrizadas”. O que havia pressentido outrora, em seu foro íntimo, sem estar, porém, realmente seguro disso, confirmara-se agora e ele se entregou à embriaguez daquela experiência: “Eu sabia discursar!” [24]

Na medida em que nos é permitido afirmar que tal manifestação se produziu no momento exato, pode-se dizer que foi de algum modo uma

penetração interior, aquela "martelada do destino" que rompeu a capa do cotidiano. Isso também é o que se depreende da tonalidade estática de suas lembranças relativas àquela noite e que salientam a grande importância que para ele teve aquela libertação. Porque, de fato, ele havia exercitado a eloquência várias vezes, nas semanas anteriores; tinha verificado todas as possibilidades que ela lhe dava de convencer os ouvintes e de conseguir a adesão deles. Mas, caso sua informação seja exata, experimentou pela primeira vez, naqueles trinta minutos, seu poder subjetivo, seu próprio abandono ao triunfo até o suor, a vertigem e o esgotamento. Tudo o que tinha servido de pretexto a seus transbordamentos intelectuais, suas angústias, sua tomada de consciência, ou até mesmo o encantamento que lhe havia inspirado *Tristão* , depois de cem ou mais vezes que assistiu, cedeu o passo a partir daquele momento a um verdadeiro furor oratório. Mais que, ou pelo menos, tanto quanto a paixão política, explodiu desde então a necessidade de se afirmar do "pobre-diabo", [25] como ele próprio se chama nas memórias daquela época. Foi esse desejo que o levou sempre à tribuna, a fim de procurar para si na oratória a voluptuosidade que raiava pela loucura, e que havia descoberto naquele dia.

Sua decisão de se lançar na política tem bases semelhantes. A lenda que ele criou a esse respeito situa essa sua decisão no hospital militar de Pasewalk e a apresenta como uma reação à "traição de novembro", reação de um patriota desesperado mas resoluto. Na realidade, entretanto, sua decisão está infinitamente mais próxima da experiência de sua primeira arenga pública, no outono de 1919. Nas atas, nas listas de membros e participantes das manifestações, inscrevia-se como pintor, às vezes como escritor, mas é provável que essas indicações só servissem para traduzir seu embaraço: na verdade, exprimiam o desejo de apegar-se ao sonho não realizado de sua juventude, de se tornar, um dia, um grande artista. Um relatório do serviço de informação da polícia de Munique anotava a seu respeito, por meados de novembro de 1919: "É comerciante e se prepara para ser propagandista profissional." Não contém nenhuma indicação relativa à sua decisão fundamental tomada, pretensamente, um ano antes; entretanto, aí se pode encontrar, pela primeira vez, a definição de suas próprias inclinações e de suas possibilidades. "Ele precisava falar e tinha necessidade de um ouvinte", já observara Kubizek. [26] Com trinta anos, a eloquência, cujo poder de persuasão acabara de descobrir, parecia lhe oferecer o meio de resolver o dilema de sua vida apagada, sem que tivesse ainda uma noção precisa do futuro. Queria ser apresentador comercial profissional e os artigos a cujo serviço poria seus dotes naturais acabariam por ser encontrados. Nessa expectativa, consagrava-se à política. Era, de novo, outra de suas fugas. Entre

essa atitude e as posteriores imagens estilizadas, que o aureolaram do prestígio de político por vocação, existe toda a diferença que separa um motivo particular de um motivo social. Há numerosas razões para pensar-se que o primeiro motivo foi preponderante e, de qualquer maneira, Hitler jamais teve verdadeira vocação política. Não conheceu o dia em que "a injustiça do mundo tendo se derramado como um ácido sobre seu coração" lhe revelasse que deveria se preparar para exterminar os exploradores e os hipócritas. [27]

❖

Pouco tempo depois de seu ingresso no Partido dos Trabalhadores Alemães dedicou-se a transformar o clube tímido e imóvel de bebedores de cerveja em um partido de luta, barulhento e ávido de publicidade. Teve a oposição de Karl Harrer, que não conseguia libertar-se das concepções da sociedade secreta herdadas da associação Thule e pretendia conservar o DAP com as características de um círculo político masculino que encontrasse sua expressão peculiar na atmosfera íntima de um salão de cervejaria. Hitler se opunha a isso. Pensou, desde o início, em termos de um partido de massa. Essa concepção respondia não só ao seu estilo, que não conseguia exprimir-se dentro daquele quadro reduzido, mas à sua interpretação das causas do malogro dos velhos partidos burgueses. As opiniões de Harrer ressuscitavam de modo cômico essa tendência à exclusividade, fraqueza dos partidos dos notáveis no tempo do Kaiser e que havia alienado em grande medida das ideias conservadoras as massas da pequena burguesia, bem como o proletariado.

Ainda antes do fim de 1919, por insistência de Hitler, o DAP montou sua sede permanente no subsolo da cervejaria Sternecker; era uma adega pouco iluminada, o teto em forma de abóbada, cujo aluguel custava cinquenta marcos, e Hitler, que era um dos cossignatários do aval, indicou novamente como profissão "pintor". Arranjaram uma mesa e algumas cadeiras de empréstimo, um telefone foi instalado e adquiriram um cofre-forte onde depositaram os documentos comprovantes da filiação ao partido, assim como as contribuições em dinheiro. Pouco depois conseguiram uma máquina de escrever Adler e um timbre. Quando Harrer percebeu esses sinais anunciadores de uma verdadeira burocracia, declarou friamente que Hitler "tinha delírio de grandeza". [28] Na mesma época, Hitler aumentou para dez, inicialmente, depois provisoriamente para 12 o número dos membros do comitê, que foi aumentado ainda mais. Nomeou sobretudo pessoas que lhe eram particularmente devotadas e, algumas vezes, elevou a esse posto camaradas de caserna que havia conquistado para suas ideias. Esse novo aparato da associação assim equipada capacitou-o a substituir os convites

feitos a mão, segundo o estilo antigo, que julgava por demais primitivo; ao mesmo tempo, o partido começou a fazer publicidade no *Munchener Beobachter* . Sobre as mesas dos salões onde se realizavam as manifestações havia espalhados fichas de inscrição e panfletos falando de seu espírito. Então, pela primeira vez, Hitler mostrou, na tática de sua propaganda, aquela confiança em si mesmo que não repousava sobre nenhuma realidade e se tornava, por isso mesmo, mais provocante. Foi exatamente essa confiança que contribuiu grandemente para seus êxitos futuros; quando da apresentação pública daquele pequeno partido desconhecido, Hitler ousou tomar uma posição totalmente inusitada, que consistia em cobrar a inscrição.

O renome crescente de que se beneficiava, na qualidade de excelente orador, assentava e consolidava, pouco a pouco, sua posição no seio do partido. No fim do ano, conseguiu eliminar o obstáculo que Harrer representava e pressionou-o a pedir demissão. Hitler podia assim pensar em iniciar sua primeira etapa. O comitê, sempre cético e assediado pelo medo de se tornar ridículo aos olhos da opinião pública, acabou por ceder, pouco a pouco, à exigência obstinada de seu ambicioso propagandista, que queria lançar um apelo às massas. O partido anunciou que sua primeira grande manifestação se realizaria a 24 de fevereiro, no salão de festas da Hofbräuhaus.

O edital impresso em papel vermelho anunciava a legendária reunião, mas não mencionava sequer o nome de Hitler. A principal personalidade da noite era, de fato, um orador consagrado em escala nacional, o dr. Johannes Dingfelder, médico, que, sob o pseudônimo de *Germanus Agricola* , defendia nas publicações racistas uma teoria econômica que refletia, com frases mirabolantes, as angústias do pós-guerra em assuntos de abastecimento e alimentação. Em lucubrações pessimistas, predizia uma greve da natureza. Suas reservas, afirmava em tom de ameaça, diminuíam, o resto seria devorado por insetos e o fim da humanidade estava próximo. Entretanto, por mais desesperada que fosse essa situação, comportava ainda um único raio de esperança, a saber – um novo estado de espírito racista. Naquela noite, Germanus Agricola manifestou em termos que, segundo o comunicado oficial, seriam “estritamente objetivos” e testemunhavam o espírito de uma “profunda religiosidade”. [29]

Hitler só veio a falar depois. A fim de aproveitar essa ocasião única de familiarizar um vasto auditório com os projetos do Partido dos Trabalhadores, insistira para que fosse elaborado um programa. Segundo escritos de um contemporâneo, em seu discurso atacou a covardia do governo e o Tratado de Versalhes, o espírito de farra e irresponsabilidade dos homens, os judeus e o

“bando de sanguessugas” dos aproveitadores e dos usurários. Logo após, leu o programa, frequentemente interrompido por aplausos e vozerio. Por volta de sua peroração, escuta-se uma “interrupção qualquer. Há grande agitação. Todos estão de pé sobre cadeiras e mesas. Tumulto inaudito. Ouve-se um grito: ‘Pela porta!’ A manifestação termina em caos generalizado. Aclamando barulhentamente a Internacional e a república dos conselhos operários, alguns partidários da extrema esquerda deixam a Hofbräuhaus e se dirigem para a frente da prefeitura. “Exceto por este incidente, nada a assinalar”, dizia o relatório da polícia.

A imprensa, mesmo a racista, não deu importância à manifestação que, evidentemente, se inscrevia, com as circunstâncias que a acompanhavam, na linha habitual da vida cotidiana. Diga-se, por outro lado, que só os documentos recentes permitiram reconstituir o que se tinha realmente passado naquela reunião. A descrição mítica de Hitler emprestou-lhe caráter de uma potente conversão de massa que teria sido acompanhada de uma batalha de salão e coroada por aclamações intermináveis: “Por unanimidade, e sempre por unanimidade”, os participantes tinham aceito os diferentes artigos do programa “e quando o último ponto atingiu, assim, o coração da massa, tive diante de mim um salão cheio de homens unidos por uma convicção nova, uma nova fé, uma nova vontade”. Sempre presa das reminiscências de representações a que assistira na Ópera, Hitler, em um relance, percebeu uma lareira chamejante “em cuja chama ardente se forjaria um dia a espada chamada a dar ao Siegfried germânico a liberdade”, e enquanto já via “a deusa da vingança implacável se levantar contra o perjúrio do dia 9 de novembro de 1918”, o jornal nacional *Munchener Beobachter* se contentava em escrever que, depois do discurso do dr. Dingfelder, Hitler “havia desenvolvido algumas opiniões políticas chocantes” e tinha dado a conhecer em seguida o programa do DAP. [30]

De um ponto de vista mais geral, o autor de *Mein Kampf* tinha razão. Com essa manifestação começou de fato a alteração que deveria transformar a modesta liga racista de bebedores de cerveja criada por Drexler no partido de massa de Adolf Hitler. Indubitavelmente ele contentou-se, ainda esta vez, com um papel apagado, entretanto houvera, finalmente, cerca de duas mil pessoas lotando o salão de festas da Hofbräuhaus e trazendo às concepções políticas de Hitler uma impressionante aprovação. A partir desse momento, sua vontade, seu estilo, seu regime determinaram cada vez mais, de modo exclusivo, o avanço do partido, seus êxitos ou suas derrocadas. Depois desse acontecimento, a lenda nacional-socialista comparou a manifestação de 24 de fevereiro de 1920 com a fixação com pregos das 95 teses de Martinho Lutero

na porta da igreja de Wittenberg. [31] Mas tanto em um como em outro caso, a tradição confeccionou uma imagem de comando historicamente indefensável, porque a história tende a desprezar a necessidade sentida pelos homens de dramatizar sua vida e de vê-la sob uma luz patética. Entretanto, não foi sem alguma razão que, a partir de então, celebrou-se essa reunião como o acontecimento determinante da fundação do movimento, mesmo que inicialmente nenhuma cerimônia inaugural tivesse sido prevista para aquele dia, mesmo que o principal orador não fosse membro do partido, e mesmo que o nome de Hitler não figurasse nos panfletos que anunciaram a manifestação.

O programa que foi lido tinha sido elaborado por Anton Drexler, provavelmente com a colaboração de Gottfried Feder, tendo sido submetido, em seguida, a uma comissão encarregada de revisá-lo. A participação efetiva de Hitler não é mais discernível nos detalhes, mas a robustez ácida de algumas das teses trai sua influência na redação. Compreendendo 25 pontos, o documento era uma composição arbitrária dos elementos da velha ideologia racista. Continha frases que agiam sobre o plano emocional e faziam eco às aspirações oposicionistas da nação que, naquela época, se inclinava a negar as realidades. A preponderância chocante dada às afirmações de oposição eram um testemunho evidente desse estado de coisas. O programa era anticapitalista, antimarxista, antiparlamentar, antissemita e decididamente contra a maneira como a guerra fora encerrada e suas consequências. Por outro lado, os objetivos positivos, entre outros as numerosas reivindicações relativas à proteção da classe média, eram formulados de modo vago. Traziam frequentemente a marca dos postulados que intensificavam cada vez mais as angústias e a cupidez dos pequenos. Assim é que, por exemplo, todas as rendas não provenientes do trabalho deviam ser confiscadas (ponto 11), também todos os lucros com a guerra (ponto 12), e era firme propósito introduzir nas grandes empresas o regime de participação nos lucros (ponto 14). Outros pontos do programa previam fazer passar as grandes lojas de armarinho para o controle municipal e alugá-las “por um bom preço” aos pequenos comerciantes (ponto 16). Exigia-se igualmente uma reforma agrária e uma interdição da especulação com terrenos (ponto 17).

Apesar de todos esses traços de oportunismo, inspirados por aspectos da atualidade imediata, a importância desse programa não foi tão insignificante como se parece querer fazer crer nos últimos anos. Em todos os casos, ele foi muito mais do que o esboço de um pano de fundo com cores atraentes, diante do qual se desenvolveriam as aptidões demagógicas do futuro Führer. Visto em seu conjunto, o programa continha, ao menos em germe, todas as

tendências essenciais da futura ideia de dominação nacional-socialista: a tese agressiva do espaço vital (ponto 3), o antissemitismo fundamental (pontos 4, 5, 6, 7, 8 e 24), bem como a exigência de totalitarismo, dissimulada sob os lugares-comuns de aparência inocente que seguramente acarretariam numerosos aplausos (pontos 10, 18 e 24), mas poderiam a qualquer momento dar ponto de partida à lei fundamental de um estado totalitário, como foi o caso para a fórmula: "O interesse geral passa adiante do interesse particular." [32] Mesmo que fosse imperfeito em seu conjunto, ainda que abusando de máximas enfáticas, a verdade é que já continha os elementos de um socialismo nacional. Afirmava sua vontade de eliminar um capitalismo nefasto, de superar as falsas teorias da luta de classes proclamada pelo marxismo e, finalmente, o desejo de reconciliar todas as camadas sociais no seio de uma comunidade nacional solidamente cimentada.

Parece que esta concepção encontrou eco, particularmente porque a Alemanha da época era um país profundamente exasperado, tanto no plano nacional quanto no social. A ideia ou a fórmula de um socialismo nacionalista, no qual se encontrassem os dois conceitos fundamentais do século XIX, estava presente em numerosos programas políticos e projetos de organização da época. Essa ideia aparecia no simples relato feito pelo artífice Anton Drexler de seu "despertar político", como também nas conferências pronunciadas em Berlim por Eduard Stadtlers que, desde 1918, havia fundado, com o auxílio da indústria, uma "Liga Antibolchevique". Nessa liga ministrava-se o curso de instrução instituído pelo comando do Reichswehr em Munique e dava-se uma importância particular à obra publicada por Oswald Spengler, sob o título *Prussianismo e Socialismo* , e sua influência se fazia sentir até mesmo nas fileiras da social-democracia, onde a decepção provocada pela derrota da Segunda Internacional, no início da guerra, tinha levado alguns espíritos independentes a elaborar projetos de ordem nacional e social-revolucionária. Finalmente, *O Nacional-Socialismo, sua evolução e seus objetivos* era o título de vasta obra teórica que publicara em Aussig, em 1919, um dos fundadores do Deutsch-Sozialen Arbeiterpartei (Partido dos Trabalhadores Social-Alemão), o engenheiro ferroviário Rudolf Jung. O livro pretensiosamente dava o socialismo nacional como a ideia marcante da época, que permitiria rechaçar com êxito o socialismo marxista. A fim de pôr em evidência sua oposição ativa a todas as tendências internacionalistas, Jung, já em maio de 1918, de comum acordo com seus companheiros austríacos, tinha redenominado sua organização *Deutsche Nationalsozialistische Arbeiterpartei* , Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialista Alemão. [33]

Uma semana depois da reunião na Hofbräuhaus, o DAP alterou também

seu nome, seguindo o exemplo dos grupos afins de alemães-sudetos e da Áustria, passando a chamar-se *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei -NSDAP* , Partido dos Trabalhadores Alemão Nacional-Socialista, e adotou, ao mesmo tempo, o símbolo de luta de seus camaradas de além-fronteira, a cruz gamada, a suástica. O presidente dos nacional-socialistas austríacos, dr. Walther Riehl, havia fundado, pouco antes, um secretariado, uma "chancelaria interestatal" para servir de órgão de ligação entre todos os partidos nacional-socialistas. Havia também ativos contatos com outros grupos que preconizavam um programa nacional-socialista popular, em particular com o Partido Socialista Alemão do engenheiro Alfred Brunner, de Dusseldorf, que se declarava "totalmente de esquerda e com programa ainda mais revolucionário que o dos bolcheviques". Esse partido tinha representações em grande número de cidades importantes, e numa delas, em Nuremberg, era dirigido pelo professor Julius Streicher.

Em 1º de abril de 1920, Hitler abandonou definitivamente o serviço militar, e o fez porque encontrara uma alternativa: estava decidido a se consagrar totalmente à política, tomar a direção do Partido, o NSDAP, e organizá-lo ao seu modo. Alugou um quarto no nº 41 da Thierschstrasse, a poucos passos da margem do Isar. Passava a maior parte da jornada na adega onde estava instalada a sede do partido, evitando, porém, ser tido como empregado da organização. A questão de seus meios de subsistência teria um papel no decurso da primeira crise que o partido em breve iria enfrentar. A senhoria considerava um "verdadeiro boêmio" esse jovem sombrio que se mostrava tão misterioso quando lhe perguntavam sobre suas ocupações.

Hitler nada tinha a perder. Tirava da eloquência uma autoconfiança reassegurada muito mais pela frieza e temeridade resoluta do que por certezas inerentes a uma convicção. Assim também ficava ele menos fascinado por uma ideia propriamente dita do que pelas suas possibilidades de aplicação, por exemplo, se qualquer ideia seria capaz de gerar um "slogan forte". A total incompreensão que sentia pelo pensamento puro, impossível de ser traduzido sob uma forma concreta no domínio político, se exprimiu na "repugnância" e no "desgosto profundo" que nutria pelos "teóricos enrolados do racismo", pelos "tagarelas" e "ladrões de ideias". É este ponto de vista que explica também por quê, quando de suas primeiras explosões oratórias, só pedia a palavra quando pudesse revidar no tom da polêmica. Suas ideias não eram convincentes pela evidência, mas simplesmente por seu manuseio fácil; não pela verdade, mas por sua aptidão a serem usadas como armas. "Toda ideia, seja a melhor do mundo", declarou ele com aquela imprecisão manifesta que o caracteriza tão bem, "arrisca tornar-se perigosa quando pretende ser um fim

em si mesma, já que é apenas um meio de lá chegar”. Em outra passagem acrescenta que, na luta política, a violência precisa sempre do apoio de uma ideia, mas que o inverso não é de modo algum verdadeiro. [34] Da mesma forma mesmo o “Socialismo Nacional” era por ele considerado, antes de mais nada, um meio de atingir fins muito mais altos, muito mais ambiciosos.

Socialismo nacional era simplesmente o slogan, a deixa teatral para sua entrada em cena. A ideia de conciliação que a fórmula continha parecia mais moderna, mais atual do que o slogan da luta de classes, que, depois das experiências da guerra, depois da solidariedade viril que se cristalizara na frente de combate, começava a perder parte de sua força. O escritor conservador Arthur Moeller van den Bruck, que logo no início do século promovera a ideia de um socialismo nacional, agora afirmava “que ela continha, certamente, uma parte do futuro alemão”. [35] A ideia servia sobretudo nas mãos de um político ao mesmo tempo imaginativo e frio, desprovido de respeito pelo convencional, astuto e cheio de desprezo pelas exigências do simples bom senso.

A ideia tinha numerosos candidatos entre seus rivais. Mas não por muito tempo, e Hitler hauriu nas aclamações cada vez mais numerosas das massas a convicção de que ele, pessoalmente, seria essa parte do futuro da Alemanha.

7

Triunfos locais

Hitler um dia será nosso maior homem!

Rudolf Jung, 1920

NO DECURSO DOS DIAS , ao mesmo tempo laboriosos e inebriantes, que marcaram seu início político, na primavera de 1920, Hitler nem sequer pensava em desempenhar qualquer papel na formação do futuro da Alemanha. Ele era apenas um agitador local que visitava, noite após noite, as cervejarias esfumaçadas para tentar ganhar à sua causa auditórios muitas vezes hostis ou desinteressados. Sua reputação, entretanto, estava em ascensão constante. Munique, inclinada por temperamento a ceder a qualquer gesto excêntrico, era terreno particularmente propício ao estilo enfático de sua entrada em cena e às explosões desenfreadas do orador. A cidade, tanto quanto os fatores históricos mais tangíveis, contribuiu para seu êxito.

A tese segundo a qual a ascensão de Hitler foi essencialmente determinada pelas condições da época fica incompleta, na medida em que não menciona o clima particular do local de seu início. A ambição e a reflexão que ajudavam a preparar seus desígnios não desempenharam um papel menos importante. Ele era dotado, diga-se em benefício da verdade, de um senso intuitivo extraordinário, quase feminino, que lhe permitia dar corpo às aspirações de sua época e explorá-las da melhor maneira possível. Não sem admiração inquieta pelo demônio que parecia se expressar por sua boca, seu primeiro biógrafo, Georg Schott, chamou-o um "sonhador em vigília", [36] mas a imagem ainda hoje largamente abonada, segundo a qual Hitler teria sido um ser instintivo, que abria caminho com a segurança de um vidente — ou, como ele mesmo se definiu, complacentemente, "como um sonâmbulo" — negligencia a racionalidade e a frieza metódica que estiveram na base de seu comportamento e contribuíram para sua ascensão mais que todos os seus poderes de aparência mediúnica.

Essa versão de poderes transcendentais não leva em conta, particularmente, sua extraordinária aptidão para aprender, a avidez insaciável com a qual, precisamente nessa época, ele assimilava os conhecimentos dos que o rodeavam. Naquele estado febril em que se achava, quando de seus primeiros triunfos oratórios, era mais sensível, mais receptivo do que nunca;

graças a seu “talento simplificador”, [37] apossava-se sem nenhum constrangimento dos elementos mais disparatados e os fundia em fórmulas compactas. Tomava de empréstimo ideias pragmáticas mais ainda de seus adversários do que de modelos preestabelecidos ou de seus aliados. Assegurava mesmo que havia aprendido muito com seus inimigos, porque, dizia, só os loucos ou os fracos poderiam temer beneficiar-se com boas ideias de qualquer origem. Foi assim que hauriu ideias, em grande confusão, nas concepções de Richard Wagner e Lênin, Gobineau, Nietzsche e Le Bon, Ludendorff, Lord Northcliffe, Schopenhauer e Karl Lueger, tendo elaborado uma composição arbitrária e curiosa, que testemunhava toda a audácia de um primário, mas não desprovida de homogeneidade. Do mesmo modo, Mussolini e o fascismo italiano ocuparam lugar importante nessa construção, e até mesmo os Sábios de Sião, porque, mesmo que seus *Protocolos* fossem reconhecidamente forjados, apresentavam suas teses maquiavélicas com uma clareza absolutamente convincente. [38]

Mas foi do marxismo que tirou o mais durável ensinamento. A energia que desenvolveu para a edificação de uma filosofia nacional-socialista testemunha por si só a influência exercida pelo modelo marxista, ainda que no seu íntimo a ideologia lhe fosse indiferente. Suas meditações iniciais o levaram a concluir que o tipo do partido burguês tradicional não era mais capaz de enfrentar o peso e o dinamismo combativo das organizações de massa da esquerda. Só um partido constituído sobre as mesmas bases, mas com uma filosofia mais resoluta ainda, seria capaz de vencer o marxismo. [39] No plano tático, aproveitou-se sobretudo das experiências tidas durante o período revolucionário. Os acontecimentos da Rússia, assim como o regime dos sovietes operários na Baviera, haviam-lhe mostrado as chances de êxito de que dispunha um punhado de protagonistas resolutos. Mas, enquanto Lênin lhe ensinara como intensificar e explorar o entusiasmo revolucionário, com Friedrich Ebert ou Philip Scheidemann ele aprendeu como se pode vir a arruiná-lo. Sobre este ponto Hitler asseverou posteriormente:

> Muito aprendi do marxismo. Confesso-o sem meias palavras. Não de sua enfadonha doutrina social e do materialismo histórico, esse tecido de absurdos… Mas seus métodos me instruíram.
>
> Apliquei-me seriamente a determinar com que hesitações esses espíritos menores, esses caixeiros e burocratas deram seus primeiros passos. O nacional-socialismo mergulhou fundo nisso. Vede por vós mesmos… Os novos métodos utilizados no combate político foram inventados, essencialmente, pelos marxistas. Só tive mesmo que tomá-los de empréstimo e burilá-los para dispor de quase tudo o que nos fazia falta. Só precisava examinar com lógica as tentativas em que a social-democracia havia falhado dez vezes, em particular porque pretendera realizar sua revolução dentro do quadro de uma democracia. O nacional-socialismo é o que o marxismo poderia ter sido se tivesse quebrado os laços absurdos e artificiais que o prendiam a uma ordem democrática. [40]

Ele não se contentava em aplicar uma sequência lógica a tudo o que

empreendia, mas, ao mesmo tempo, sempre exagerava em seus esforços. Havia nele um desejo infantil de realizar grandes feitos que transformassem tudo, uma grande vontade de impô-los a qualquer preço, que o levava a sonhar em termos superlativos. Aspirava chegar à mais revolucionária ideologia, assim como, mais tarde, desejava possuir o mais grandioso edifício ou o encouraçado mais pesado que já singrou os mares. Assim como ele mesmo observava, havia colhido suas convicções, suas táticas, seus objetivos, "em todas as touceiras de espinho que margeiam os caminhos da vida", mas a dureza e a sequência lógica que imprimia a seus atos, a audácia com que recorria aos meios supremos, constituíam seu estilo pessoal.

De início, sua tática também foi determinada por considerações racionais. Começou por fazer funcionar todas as suas energias para escapar ao fosso do anonimato e destacar-se de qualquer maneira da massa dos grupos racistas concorrentes. A lembrança de sua origem ignorada, a que se referia regularmente em seus discursos ulteriores, relativos à história do partido, mostram claramente quanto seu amor-próprio deve ter sofrido com o sentimento de que sua grandeza era desconhecida e negada. Hitler empreendeu, então, a tarefa gigantesca de fazer-se um nome, com um cinismo alucinante, que constituiu realmente uma característica nova de seu comportamento e deixou evidente de uma vez por todas sua recusa em respeitar as regras e as convenções. Para chegar lá, usou uma atividade incessante, métodos escusos, escândalos, tumultos e até terror, contanto que, mesmo violando a lei, chegasse a romper o silêncio e a obrigar a sociedade de então a ocupar-se dele. "Pouco importa", diz ele, "que nos apresentem como palhaços ou criminosos. O essencial é que falem de nós e que se ocupem de nós incessantemente." [41]

Esse objetivo determinou o estilo e os meios de toda a sua atividade. O vermelho berrante de suas bandeiras foi escolhido não só em razão de seu efeito psicológico, mas também porque assim usurpava a cor tradicional da esquerda. Os editais que anunciavam manifestações eram quase todos em papel vermelho carregado e reproduziam frequentemente, em caracteres gigantescos, artigos importantes, inseridos entre frases fáceis de compreender. A fim de dar uma impressão de grandeza e força, o Partido organizava constantemente novos desfiles nas ruas, seus distribuidores de volantes e as cores de seus editais espalhavam-se, continuamente, por toda a parte. Imitando, como ele mesmo reconhecia, os métodos de propaganda da esquerda, Hitler fazia circular na cidade camionetas de tipo militar, cheias de partidários, mas sem transportar no teto aqueles proletários que brandiam o punho fechado, à moda de Moscou, e que haviam suscitado tanto ódio e

horror nos bairros burgueses. Substituiu-os por antigos combatentes, revolucionários de boas maneiras, que, depois do armistício, da paz e da desmobilização, continuavam a combater sob o estandarte do Partido. Davam uma tonalidade semimilitar, um tanto ameaçadora, aos comícios com que Hitler inundou Munique e, um pouco mais tarde, outras cidades.

Foram esses homens que, pouco a pouco, modificaram o aspecto sociológico do partido e substituíram o "estilo cervejaria" dos operários e pequenos comerciantes bonachões pelo tipo duro do soldado de profissão, habituado à violência. A primeira lista dos membros do partido só contém 22 militares profissionais, [42] entre os 193 nomes que a compunham. Para eles, o novo partido representava a possibilidade de escapar ao problema de adaptar-se à vida burguesa. E esperavam satisfazer, nas fileiras do partido, a necessidade de novas estruturas comunitárias que surgira da camaradagem legendária das trincheiras. Queriam também exprimir assim, para além da guerra, o desprezo pela vida e pela morte que lhes tinha sido infundido no *front* .

Graças à arregimentação desses novos elementos, habituados à estrita submissão, à disciplina e ao sacrifício, Hitler conseguiu, pouco a pouco, dotar o partido de uma sólida estrutura interior. O comando da região militar de Munique pôs à sua disposição um número não desprezível desses novos recrutas e, se Hitler não cessou, depois, de julgar-se um anônimo, desprovido de meios e de apoio, que tinha lutado sozinho contra um número incalculável de inimigos, realmente só tinha razão no sentido de que tomara uma posição verdadeiramente oposta à tendência da época. Mas é igualmente exato que, nessa luta, jamais esteve só. Pelo contrário, desde o princípio foi protegido pelo Reichswehr e pelas organizações paramilitares. E sua ascensão só foi possível por causa desse apoio.

Mais que ninguém, Ernst Röhm, que, no posto de capitão, e exercendo as funções de conselheiro político do estado-maior do coronel Epp, o verdadeiro cérebro do regime militar velado na Baviera, ajudou o NSDAP, o Partido Nazi. Röhm forneceu-lhe partidários, armas e dinheiro. De modo surpreendente, Hitler recebeu apoio de oficiais da Comissão de Controle Aliada, que favoreciam essas atividades ilegais por motivos diferentes: de um lado não poderiam assistir com indiferença à eclosão, na Alemanha, de uma quase que guerra civil; de outra parte aspiravam a reforçar o poder do exército diante da esquerda, que continuava a agitar. Além disso, esquecendo a inimizade passada, desejavam dar a seus camaradas uma ajuda cavalheiresca na luta que haviam empreendido. Desde os primeiros anos de sua juventude, Röhm se achava possuído de um único desejo: "tornar-se soldado". E apesar

de ter sido designado, no fim da guerra, para servir no estado-maior, onde se revelou um organizador inigualável, encarnava com mais eficiência o tipo do verdadeiro homem de caserna. Era um homenzinho atarracado, rosto de criança que corava facilmente, mas um brutal “arrisca-tudo” e, por isso mesmo, havia sido ferido inúmeras vezes durante a guerra. Dividia radicalmente os homens em militares e civis, em amigos e inimigos, era honesto, sem educação, grosseiro, realista. Uma espécie de samurai vigilante e inflexível que não se deixava perturbar por escrúpulos secundários. Seu materialismo pesadão de gordo bávaro colocava-o ao abrigo dos complexos de loucura ideológica, e a atividade febril que não tardou a desenvolver tendia unicamente a assegurar a primazia do soldado no estado. Para realizar esse desígnio havia dinamizado a seção especial encarregada da propaganda e da vigilância sobre os grupos políticos, que pouco antes havia dado “ao homem de confiança” Adolf Hitler a missão de assistir a uma das reuniões do DAP. Impressionado, como aliás quase todo o mundo, pelo gênio oratório do jovem agitador, Röhm lhe possibilitou seus primeiros contatos importantes nos meios políticos e militares e se filiou muito cedo ao partido, recebendo o título de membro nº 623.

❖

O sentido de comando que as criaturas de Röhm impuseram ao partido utilizou largamente símbolos políticos e emblemas coloridos. Na verdade, contrariamente ao que Hitler alegou falsamente no *Mein Kampf* , não foi ele que inventou a bandeira com a *Hakenkreuz* , a cruz gamada, a suástica. Muito pelo contrário, a ideia fora concepção de um dos membros, o dentista Friedrich Krohn, por ocasião da reunião prevista para a inauguração da seção de Starnberg, em maio de 1920. Já um ano antes, esse dentista havia redigido um memorando no qual recomendava que se fizesse da suástica “o símbolo dos partidos nacional-socialistas”. [43] Uma vez mais, o mérito da ideia inicial não pertencia a Hitler. Mas seja dito em favor da verdade: Hitler percebera imediatamente toda a força publicitária do símbolo e sua validade psicológica. Fez desse símbolo o emblema do partido e tornou obrigatório seu uso.

Mais tarde, fez o mesmo com os estandartes: depois de tomá-los emprestados ao fascismo italiano, tratou de impô-los como marca das seções de assalto. Impôs também a saudação “romana” e cuidou que as graduações e os uniformes tivessem um caráter estritamente militar. Dava importância extraordinária a todas as questões de forma, à organização dos cortejos, aos detalhes decorativos, ao cerimonial cada vez mais complicado posto em prática para a consagração das bandeiras, para os desfiles, paradas e até para as manifestações de massa previstas para os dias dos congressos do partido.

Aí, diante de imensos cenários de pedra, dirigia a entrada em cena de quadriláteros humanos, e seu talento perdido de ator e arquiteto, nessas ocasiões, encontrava satisfações transbordantes. Durante muito tempo, pesquisou em velhas revistas de arte, assim como na seção de heráldica da biblioteca estadual de Munique, a fim de achar o modelo da águia para criar o sinete destinado à correspondência do partido. Na primeira circular que redigiu, com data de 17 de setembro de 1921, na qualidade de presidente do Partido, sublinhava com particular insistência o papel atribuído aos símbolos, recomendando às seções locais que fizessem "a maior propaganda em favor do uso da insígnia do partido" (a braçadeira com a suástica). Convém, dizia ele, "relembrar continuamente aos membros que usem sempre e por toda parte o emblema. Os judeus que se escandalizarem com essa insígnia devem ser imediatamente agarrados, sem nenhuma cerimônia". [44]

❖

A sincronização do cerimonial e do terror marcou, até nos seus menores aspectos, os primórdios do partido e se revelou o achado publicitário mais eficaz de Hitler. Porque se juntavam numa versão de atualidade os elementos tradicionais graças aos quais as ideias políticas se tornavam populares na Alemanha: aspecto de festa popular, com uma representação estética que o emprego da força bruta absolutamente não tornava repugnante. Exatamente ao contrário, revestia-se com isso da gravidade de um acontecimento comandado pelo destino, e parecia, em todo caso, corresponder ao caráter histórico da hora melhor do que a falsa bondade dos partidos de outrora.

O Partido lucrou igualmente com a possibilidade de se apresentar como um partido nacional que não reivindicava a exclusividade social outrora pretendida pelos partidos nacionais. Livre de qualquer ideia de classe, quebrava a tradição segundo a qual o patriotismo era privilégio dos importantes, das pessoas cultas e dos ricos. Ao mesmo tempo nacional e plebeu, viril e pronto para agir, tinha criado um traço de união entre a ideia nacionalista e o grande público. A burguesia, que até então considerava as massas um elemento de ameaça social, à qual opunha um reflexo de defesa, acreditou poder aceitar pela primeira vez o aparecimento de uma vanguarda agressiva. "Para triunfar", gritava Hitler, "necessitamos da força. Que outros se contentem em se estirar nas poltronas dos clubes; quanto a nós, subiremos nas mesas das cervejarias." [45] Ainda que não estivessem dispostos a segui-lo, eram numerosos os que, depois de ver aquele demagogo teatral enfeitiçar as multidões nos salões de cervejarias e sob a tenda dos circos, acreditavam achar nele o homem com a técnica necessária para eletrizar e dominar as massas.

Sua atividade ultrapassava a de todos os seus concorrentes, estava continuamente em viagem, tendo feito prevalecer o princípio de que deveria ser organizado um comício por semana. Uma lista do partido nos relata sua participação como orador em 31 das 48 reuniões que se realizaram de novembro de 1919 a novembro de 1920. A empolgação que o dominava nos contatos com a multidão é facilmente explicável pelo fato de que discursava cada vez mais frequentemente. "Herr Hitler", observa um relatório da época, "se encolerizava e gritava de modo tão extravagante que as pessoas localizadas às suas costas ouviam com grande dificuldade." Um edital que anunciava sua presença o designava, desde o mês de maio de 1920, como "um orador brilhante" e prometia aos ouvintes a perspectiva "de uma noite absolutamente sensacional". A partir de então, os relatórios sobre as manifestações assinalam o crescimento do número de participantes: falava frequentemente diante de três mil pessoas ou mais e as atas nos dão conta de que suas aparições nas tribunas, trajando uniforme azul, eram "saudadas por aplausos tumultuosos". [46] As atas daqueles tempos, que até hoje se conservaram, refletem os triunfos do orador com uma ingenuidade que lhes dá autenticidade. Relata uma delas:

> A reunião começou às 7h30 e terminou às 10h45. O orador fez uma exposição sobre o judaísmo. Assinalou que em qualquer direção que se lançasse o olhar viam-se judeus. Toda a Alemanha é governada por judeus. É uma vergonha que trabalhadores alemães, quer intelectuais, quer manuais, se deixem levar ao ódio mútuo pelos judeus. Isso naturalmente se deve ao fato de que o judeu tem dinheiro. O judeu está no governo, onde encoraja e pratica negócios clandestinos. Quando está com o bolso cheio, leva os trabalhadores a lutarem novamente, uns contra os outros, para assim retomar o leme do poder e, quanto a nós, pobres alemães, aceitamos este terrível estado de coisas. O orador falou também sobre a Rússia. Quem, por conseguinte, é o responsável por tudo isso? Unicamente o judeu. Eis por quê, alemães, deveis unir-vos e combater os judeus, sem tréguas. Porque, do contrário, eles devorarão até nossas últimas migalhas. Conclusão do orador: prosseguiremos na luta até que o último judeu tenha sido banido do Reich alemão, ainda que para chegar a esse resultado seja necessário chegarmos a um *putsch* e, pior ainda, a uma revolução (…) O orador recebeu calorosos aplausos. Também atacou a imprensa (…) porque, por ocasião da última reunião, um desses nojentos tomara nota de tudo.

Outro documento, que reproduz o discurso pronunciado em 28 de agosto de 1920, na Höfbrau, declara:

> O orador Hitler esboçou um paralelo entre o estado de coisas que reinava antes da guerra e o que existe atualmente. Desejou que fossem enforcados os usurários e os aproveitadores. Falando dos soldados profissionais, declarou que essa profissão não faria mal aos jovens, uma vez que envergar o uniforme não poderia ser nocivo a ninguém. Hoje em dia todos esqueceram que os mais jovens devem guardar silêncio diante dos mais velhos porque a disciplina está falha por toda a parte (…) Em seguida enumerou novamente os diferentes pontos do programa e recebeu ainda numerosos aplausos nessa ocasião. A sala estava abarrotada. Um homem que chamou Hitler de macaco foi expulso com tranquilo bom humor. [47]

O partido, que ficava cada vez mais seguro, começou a assumir o papel de *fator de ordem* , sabotando as reuniões da esquerda, insultando os oradores e

distribuindo avisos por toda parte. Hitler chegou a conseguir que uma estátua fosse retirada de uma exposição, porque pretensamente ofendia o gosto do povo. No início de janeiro de 1921, quando falava no subsolo da cervejaria Kindl, Hitler assegurou a seus ouvintes que, no futuro, o movimento nacional-socialista impediria, sem nenhum constrangimento — e se fosse preciso usando da força — todas as manifestações e conferências que, em Munique, fossem capazes de exercer "uma influência nociva sobre nossos compatriotas, que já não aguentam mais". [48]

O partido conseguiu impor um tal arbítrio, tanto mais que agora dispunha não só da proteção do comando militar da região, mas se tinha tornado "o filho mimado e sempre atendido" [49] do governo bávaro. Em Berlim, pelos meados de março, os meios de direita, agrupados em torno do desconhecido dr. Kapp, secretário de finanças local, tinham tentado um golpe de estado, com o apoio da brigada Ehrhardt; mas, devido ao diletantismo de seus organizadores e por causa da greve geral que se seguiu, a tentativa fracassou. A mesma operação efetuada, simultaneamente, pelo Reichswehr e pelos Freikorps na Baviera foram mais bem-sucedidas. Na noite de 13 para 14 de março, o governo de coligação burguesa e social-democrata foi tomado por elementos que, de fato, detinham o poder, e substituído por um governo de direita, dirigido pelo "homem forte", Gustav von Kahr.

Como era de se esperar, esses acontecimentos alarmaram a esquerda, e seus elementos extremistas perceberam logo a oportunidade que lhes era oferecida de coordenar a defesa contra as ambições da direita e a luta pela realização de seus próprios objetivos revolucionários. Assenhorearam-se das alavancas de comando, sobretudo na Alemanha central e na bacia do Ruhr. Sua palavra de ordem — "Armai o proletariado!" — encontrou um auditório complacente. Muito rapidamente, depois de uma mobilização executada quase sem incidentes, que evidenciava um plano cuidadosamente elaborado, vastos efetivos foram articulados em sólidas formações militares e só na região situada entre o Reno e o Ruhr, um "exército vermelho" de 50 mil homens foi posto em condições de combate. Em alguns dias, esse exército conquistou a quase totalidade da bacia industrial, as fracas unidades do Reichswehr e da polícia que tentaram resistir-lhe foram eliminadas e em certas localidades houve verdadeiras batalhas. Uma onda de assassinatos, pilhagens e incêndios varreu todo o país, na Alemanha central, em Saxe e na Turíngia. Por um instante apareceram as tensões sociais e ideológicas que haviam sido contidas pelos apaziguamentos de uma semirrevolução. A sangrenta resposta do poder militar, que se verificou logo depois, as prisões sumárias, os atos de vingança e as execuções patentearam a existência de

ressentimentos profundos e conflitos latentes. Constantemente dividido, no decurso de sua história, estraçalhado por múltiplas oposições, o país aspirava incessantemente, cada vez mais, à ordem e à reconciliação, mas, em vez disso, naufragava sempre mais em um mundo de loucura, dominado pelo ódio, a desconfiança e a anarquia, do qual não se vislumbrava nenhuma saída.

Nas novas condições políticas reinantes, a Baviera tornou-se, mais ainda do que antes, o ponto de convergência natural de todas as maquinações da extrema direita. As intimações feitas, sob pressão dos aliados, para que se dissolvessem as formações paramilitares, chocaram-se com a resistência do governo Kahr, que encontrava precisamente nelas seu apoio mais vigoroso. Às guardas civis e às milícias particulares, que já se elevavam a mais de 300 mil homens, vieram ajuntar-se todos esses inimigos irreconciliáveis da república que, em outras localidades do Reich, enfrentavam intervenções do estado ou até mesmo processos em tribunais.

Achavam-se entre eles partidários de Kapp que haviam desobedecido à lei de banição, restos de unidades irrecuperáveis de Freikorps, dissolvidas ao escaparem dos territórios de leste, o *Nationalfeldherr* [chefe guerreiro da nação] Ludendorff, assassinos mercenários, aventureiros, revolucionários nacionalistas de todas as cores, que se tinham unido no desejo de acabar com a abominável "república dos judeus". Podiam, naquela ocasião, tirar partido do bairrismo tradicional dos bávaros, que havia tanto tempo mostravam viva aversão ao prussianismo protestante de Berlim e que, utilizando o slogan "Baviera, centro da ordem", estavam dispostos a fazer de seu ressentimento uma verdadeira missão nacional. Com o apoio continuamente mais visível e mais provocante do governo local, começaram a organizar depósitos de armas, a transformar castelos e mosteiros em bases secretas, a elaborar projetos para realizar atentados, planejar levantes e golpes militares. Metiam-se incansavelmente em intrigas e numerosas conspirações contra a segurança do estado, que era o cavalo de batalha do governo, sem apoio popular unânime.

Para o ambicioso Partido Nazi essa evolução foi repleta de consequências. A partir daquele momento, gozou cada vez mais claramente do favor de elementos militares, paramilitares e civis que detinham o poder, e cada um de seus êxitos lhe valia solicitações cada vez mais prementes. Hitler foi recebido por von Kahr, e o estudante Rudolf Hess, que o havia acompanhado nessa visita, enviou uma carta ao ministro-presidente, em que declarava, entre outras coisas, o seguinte: "O ponto essencial é a convicção de Hitler de que um renascimento nacional só será possível com a motivação do grande público e, principalmente, dos operários, no seio da comunidade nacional.

Conheço pessoalmente muito bem *Herr* Hitler, porque lhe falo quase todos os dias e lhe sou igualmente muito próximo no plano humano. É um caráter de rara estrutura; animado de grande bondade; é um bom católico. Ele só tem um objetivo: o bem-estar de seu país, e para realizá-lo se sacrifica da maneira mais altruísta". Quando, finalmente, o ministro-presidente mencionou Hitler em termos elogiosos à Dieta bávara e o chefe de polícia Pöhner proveu-lhe posteriormente de meios para que pudesse dar mais provas de sua eficiência, viu-se o delinear, pela primeira vez, dessa constelação considerada a ilustração dos procedimentos empregados pelo fascismo para se desenvolver e assenhorear-se do poder. [50] A partir daquele momento, Hitler foi sempre o aliado dos poderes conservadores, junto aos quais estava recomendado para desempenhar o papel de salvaguarda na luta comum contra o adversário marxista. E, enquanto os representantes das esferas dominantes se propunham utilizar, em seu proveito, as energias e os talentos de hipnotizador do agitador indomável para melhor vitimá-lo, no momento propício, graças a sua própria superioridade intelectual, econômica e política, ele, por outro lado, alimentava também o projeto de assenhorear-se da totalidade do poder. Para concretizar esse objetivo, depois de haver liquidado com seus adversários, Hitler lançaria contra seus partidários os batalhões que ele mesmo tinha formado, com o apoio benevolente das esferas dirigentes. Foi esse jogo estranho, complicado por ilusões, traições e numerosos juramentos falsos, que permitiu a Hitler alcançar quase todos os êxitos e vitórias. Foi assim que conseguiu enganar Kahr, assim também enganou Hugenberg, Papen e Chamberlain. Inversamente, uma das causas de seus fracassos, e até mesmo de sua derrota final na guerra, residiu no fato de se ter lançado ao enorme risco de acabar com essa brilhante constelação, quer por impaciência, por temeridade ou por excesso de confiança em si mesmo. Mas, aconteceu que, tendo-a perdido, não pôde substituí-la e muito menos recompô-la, apesar de tardiamente ter compreendido a situação em que ficara.

❖

Graças aos protetores influentes e privilegiados, que se interessavam cada vez mais pelo homem de amanhã, é que foi comprado, em dezembro de 1920, o *Völkischer Beobachter* . Dietrich Eckart e Ernst Röhm tinham conseguido os 60 mil marcos, os fundos necessários para a compra do jornal, que, irremediavelmente endividado, aparecia então duas vezes por semana e contava com cerca de 11 mil assinantes. [51] Entre os financiadores achavam-se numerosos membros da boa sociedade de Munique, junto à qual Hitler tinha agora acesso e, quanto a esse aspecto, Dietrich Eckart representava igualmente, além de suas vastas relações, uma ajuda que não se poderia

desprezar. Amante dos bons vinhos e de discursos elementares, esse homenzinho rude e cômico, com a cabeça grande e arredondada, não havia atingido, na qualidade de poeta e dramaturgo, o grande êxito a que sempre aspirara. Quando muito sua adaptação de *Peer Gynt* , de Ibsen, alcançara certa repercussão e, desse modo, por um desejo de compensação, ele se tinha tornado um boêmio politiqueiro. Fundara a *Deutschen Burgergesellschaft* , mas não foi mais bem-sucedido nesse gênero de atividade. O mesmo acontecia com a folha "em bom alemão", publicado sob a sua editoria e no qual se outorgava o título de porta-voz de um antissemitismo muito difundido. Redigidos de forma virulenta, seus artigos deixavam bem patente certa pretensão a uma cultura esmerada. Recomendava nesse periódico, copiando Gottfried Feder, uma revolução contra a imposição das taxas de juros e advogava o "verdadeiro socialismo"; influenciado por Lanz von Liebenfels, preconizava em tom acerbo a interdição de casamentos mistos e exigia a promulgação de medidas destinadas a preservar a pureza do sangue alemão. Chamava a Rússia soviética de "ditadura especializada no assassinato dos cristãos, sob a égide do salvador do mundo judeu Lênin" e afirmava que para ele "a melhor solução seria embarcar todos os judeus em um trem e fazê-lo descarrilhar sobre o mar Vermelho". [52]

Eckart tinha se encontrado com Hitler muito cedo e, em março de 1920, durante o *putsch* de Kapp, os dois tinham ido a Berlim na qualidade de observadores, por conta de personalidades nacionalistas que agiam nos bastidores. Tendo lido muito, familiarizado com os homens, senhor de vastos conhecimentos, animado pelos mesmos preconceitos, Eckart exerceu uma grande influência sobre o provinciano Hitler, que demonstrava tendências esquerdistas; graças à simplicidade de suas maneiras, foi ele a primeira personalidade de formação burguesa cuja presença Hitler suportou, sem que logo se manifestassem seus complexos profundos. Emprestou e recomendou a Hitler alguns livros, deu um certo verniz a suas maneiras, corrigiu suas expressões defeituosas e lhe abriu numerosas portas. Durante algum tempo, formaram uma dupla inseparável na sociedade de Munique. Desde 1919 Eckart anunciara em um poema de estilo arcaico a vinda de um salvador da nação. Seria, dizia o poema, "um jovem garboso que não se intimidaria com o crepitar das metralhas. A turba deveria temê-lo. Um oficial do exército não poderia assumir tal papel, porque o povo não sentia mais respeito pela farda engalanada (…) um operário que soubesse se servir de sua própria garganta seria o homem certo (…) Não teria necessidade de muita inteligência, porque a política é a coisa mais besta que há no mundo". A uma dúzia de "professores sábios e almofadinhas" que se apoiassem unicamente sobre fatos comprovados, Eckart preferia um homem capaz de dar, a qualquer momento,

uma réplica picante aos vermelhos. “Mister se faz que seja solteiro! Só assim teremos as mulheres ao nosso lado”. Não sem admiração, via em Hitler a encarnação desse modelo e, em um artigo lisonjeiro do *Völkischer Beobachter* , chamou-o pela primeira vez, desde o mês de agosto de 1912, de Führer. Sob o título *Sturm* , *Sturm* , *Sturm* , Eckart compusera um dos primeiros hinos de combate do Partido e o estribilho final — “Alemanha, desperta!” — se tornara o *slogan* mais eficaz do partido. Na homenagem que ele lhe prestara, Hitler afirmou que Eckart “fizera poemas tão belos quanto os de Goethe”. Hitler o chamava publicamente de seu “paternal amigo” e se dizia um de seus discípulos. Parece que ao lado de Rosenberg e dos alemães de origem báltica, Eckart exerceu sobre ele, naquela época, a mais durável influência. Ao mesmo tempo, tornou Hitler consciente do lugar que por direito lhe cabia. O segundo tomo de *Mein Kampf* termina com o nome do poeta em grifo. [53]

O êxito de Hitler, no seio dessa sociedade escolhida de Munique, na qual Dietrich Eckart o havia introduzido, não tinha motivos políticos. Frau Hanfstaengl, americana de origem, foi uma das primeiras a lhe abrir seu salão e a reuni-lo com essa comunidade boêmia de nobres escritores, pintores, intérpretes wagnerianos e professores que frequentavam sua casa. Esses elementos tradicionalmente liberais acharam um interesse estranho na figura excepcional daquele jovem tribuno de opiniões extravagantes e de maneiras rudes: ele espumava ao falar dos criminosos de novembro e “adoçava seu vinho com uma colherada de açúcar”, mas esses traços chocantes não deixavam de encantar seus anfitriões. Envolvia-o a “aura” de um prestidigitador e dele emanava um odor de circo e de tragédia: tinha o deslumbramento vivo do “monstro sagrado”. O ponto de contato era a arte, principalmente Richard Wagner, falando de quem Hitler sempre se deleitava, emitindo com entusiasmo opiniões sem muito fundamento. Relações estranhamente disparatadas foram assim travadas, sob o signo do mestre de Bayreuth: finalmente e apesar de tudo, tornara-se “o irmão Hitler”, mesmo que se perdesse e errasse, como um aventureiro, no domínio da política. As descrições que possuímos de seu comportamento naquela época evocam uma mistura de excentricidade e de gafes, porque, diante de pessoas célebres, mostrava-se inibido, preocupado e às vezes subserviente. No decurso de uma reunião em que se encontrou com Ludendorff, podia-se vê-lo, depois de cada frase, levantar-se de sua cadeira e, “fazendo uma pequena inclinação, murmurar respeitosamente: Perfeitamente, Excelência! Como Vossa Excelência o desejar!”. [54]

Sua falta de segurança e o sentimento penoso que tinha de ser rejeitado pela sociedade burguesa subsistiram por muito tempo. Se dermos crédito aos

relatos de que dispomos, ele se esforçava incessantemente por desempenhar um papel: chegava depois dos outros convidados, seus buquês eram mais volumosos, suas mesuras mais inclinadas. Os períodos em que permanecia taciturno alternavam bruscamente com explosões de cólera. Sua voz era rouca e, mesmo quando se tratava de um assunto insignificante, exprimia-se em tom apaixonado. Uma testemunha ocular relatou que, um dia, ele permanecera sentado durante uma hora, silencioso e dando sinais de cansaço, durante uma recepção. Quando, porém, a dona da casa deixou escapar uma observação amável a respeito dos judeus, "ele se levantou e pôs-se a discorrer interminavelmente. Depois de algum tempo, continuou a falar ou, mais exatamente, a vociferar com uma voz penetrante, como jamais se ouviu de um ser humano. No quarto contíguo, uma criança acordou e começou a chorar. Depois de ter pronunciado, durante mais de meia hora, um discurso muito engraçado, mas também unilateral sobre os judeus, terminou bruscamente, dirigiu-se à anfitriã, desculpou-se e despediu-se com um beija-mão". [55]

O medo de se ver subestimado pela sociedade, que era para ele uma verdadeira ideia fixa, se refletia nas relações irremediavelmente perturbadas que o antigo morador de pensões entretinha com a alta burguesia. Suas roupas conservaram, durante muito tempo, o odor persistente dos albergues. Quando Pfeffer von Salomon, que deveria tornar-se, mais tarde, seu chefe de SA do mais elevado grau, o encontrou pela primeira vez, Hitler usava uma jaqueta velha, sapatos de couro amarelo e uma mochila nas costas. O comandante de Freikorps ficou tão chocado que se negou a ser-lhe apresentado pessoalmente. Hanfstaengl lembrava-se de Hitler vestindo um terno azul, camisa roxa e gravata vermelha berrante; uma pequena elevação na altura de seus quadris traía a presença de uma arma automática. [56] Hitler só pouco a pouco começou a estilizar seu personagem e a adaptá-lo à imagem de um grande tribuno, mudando até mesmo o vestuário, anteriormente ao estilo aventureiro. Mas essa própria aparência traía também uma profunda falta de segurança e, reunidos nele, encontram-se, de maneira mais chocante, os elementos e os acessórios do sonho de outrora, tomados de empréstimo a Rienzi, com toques de Al Capone e Ludendorff. Entretanto, as descrições de seus contemporâneos confirmam a hipótese segundo a qual ele teria planejado aproveitar-se de sua aparente timidez e fazer de sua falta de traquejo uma espécie de preâmbulo para sua entrada em cena. De qualquer forma, parecia menos preocupado em causar boa impressão do que em deixar uma imagem durável na memória das pessoas.

Naquele período, em que dentro dele o político se afirmava pouco a pouco, o historiador Karl Alexander von Muller o encontrou um dia, na hora do café,

na casa de Erna Hanfstaengl, a pedido do Abade Alban Schachleiter, que também queria conhecê-lo. “Fazíamos parte dos frequentadores habituais da casa”, escreve ele, “estávamos os quatro sentados à mesa de mogno lustrosa, diante da janela, quando a campainha da entrada soou. Pela porta aberta nós o percebemos, no estreito corredor; depois de saudar nossa anfitriã com uma polidez quase subserviente, deixou no saguão de entrada o chicote de montaria, o chapéu de feltro *velour* e a capa de chuva; finalmente, desabotoou o cinturão, do qual pendia um revólver, e dependurou-o em um cabide. O espetáculo era curioso e fazia pensar em um romance de aventuras de Karl May. Ninguém, dos que ali estavam, sabia naquele momento que cada um dos detalhes de seu vestuário e seu comportamento visavam a obter um efeito preciso, o que também acontecia com seu pequeno bigode, cortado bem curto, mais estreito do que a base de suas narinas largas e pouco estético. (…) O olhar exprimia já então a consciência de seu êxito junto ao público, mas sempre conservava algo de estranhamente desajeitado, de sua tática para chamar a atenção alheia. O rosto era ainda magro e pálido, coberto de uma sombra de sofrimento. Mas os olhos, de um azul límpido, muito arqueados, fixavam os interlocutores com dureza impiedosa e, acima do nariz, entre as sobrancelhas deselegantes, formava-se um montículo que parecia mostrar sua vontade fanática.” [57]

Como havia feito sensação, as mulheres afluíram e começaram a se ocupar dele. Eram, entretanto, na sua maioria, velhas senhoras que adivinhavam, sob as contradições e os complexos do jovem orador de sucesso, um psiquismo difícil, e concluíam, com uma intuição infalível, pela existência de tensões que só a mão com experiência saberia liberar. Posteriormente, o próprio Hitler se divertia com as ciumeiras daquelas mulheres que o envolviam com sua autoridade maternal. Contava, de uma das que sempre o rodeavam, o fato quase cômico de que “sua voz se estrangulava na garganta, devido à emoção, caso trocasse apenas algumas palavras com outra mulher”. [58] No subúrbio de Solln, em Munique, encontrara uma espécie de lar na casa da viúva de um diretor de escola, Carola Hoffmann, apelidada a “mamãe de Hitler”. Pertencente a uma antiga família da alta nobreza europeia, a mulher do editor Brackmann, que publicara as obras de Houston Stewart Chamberlain, abriu-lhe as portas da sua casa. A mulher de um fabricante de pianos, Bechstein, fez o mesmo. “Queria que ele fosse meu filho”, dizia ela; mais tarde, a fim de poder visitá-lo na prisão, fez-se passar por sua mãe adotiva. [59] Abrindo-lhe seus salões, convidando-o a suas recepções, contribuíram todas para lhe fazer o nome.

Apesar disso tudo, dentro do partido, sua roda de amigos mais chegados

continuava a ser constituída de rapazolas semimarginais que lá satisfaziam, juntamente com alguns burgueses, uma necessidade inveterada de agressão e de violência física. Entre os raros amigos que o tratavam por *tu* figuravam Emil Maurice, o tipo do herói de batalhas de salões, e Christian Weber, antigo rufião ventripotente, com a estatura de um gigante, e ex-leão de chácara em um bar de reputação duvidosa. Esse também, como Hitler, andava sempre munido de um chicote. O açougueiro Ulrich Graf, que igualmente fazia parte do grupo de seus íntimos, desempenhava as funções de guarda-costas, e havia ainda Max Amann, o antigo sargento-ajudante do regimento de Hitler, um companheiro dócil e capaz, que se tornou, em pouco tempo, o gerente do partido e de suas edições. Zelosos e ruidosos, circulavam incansavelmente ao redor de Hitler, que se juntava a eles à noite, depois das manifestações na Osteria Bavária ou no Bratwurstgloeckl, perto da Igreja de Nossa Senhora, a Frauenkirche, e passava horas a tagarelar, a beber café e a comer bolos, no Café Heck, localizado na Galeriestrasse. Uma mesa lhe estava reservada permanentemente, no fundo da sala, onde reinava uma semiobscuridade. Assim poderia observar bem à vontade a sala comprida sem que ele próprio fosse percebido. Começou, muito cedo, a sofrer de solidão e tinha necessidade constante de sentir pessoas ao seu redor, ouvintes, guardas, domésticos e motoristas, sem esquecer artistas e contadores de casos, como o fotógrafo Heinrich Hoffmann ou Ernst *Putzi* Hanfstaengl, que emprestavam ao séquito “uma tonalidade boêmia” e um peculiar “estilo soldadesco”. [60] Não se aborrecia por ser chamado de “o rei de Munique”; só muito tarde da noite se recolhia ao quarto mobiliado que ocupava na Thierschstrasse.

A personalidade dominante de seu círculo de amigos era o jovem Hermann Esser. Tinha sido colaborador gratuito de um jornal e também adido de imprensa no estado-maior do comando regional do Reichswehr. Afora Hitler, era o único talento demagógico de que o partido dispunha naquela época. Era “um agitador que conhecia o assunto quase melhor do que Hitler… Orador demoníaco, que se situava em um nível mais baixo ainda”.

Era vivo, hipócrita e tentava redigir artigos em estilo popular e fantasista. Tipo acabado do demagogo, inventava, infatigavelmente, revelações de alcova ridicularizando os judeus e os especuladores. Os pequenos-burgueses respeitáveis do partido lhe recriminaram logo o “tom de guarda-porcos” que usava em suas campanhas, mas nem por isso ele abandonou seus desmandos imbecis. [61] Já em seu tempo de estudante, em Kempten, havia pedido ao conselho de soldados que enforcasse alguns burgueses. Figurou, com Dietrich Eckart, entre os primeiros e mais ardentes zeladores do mito Hitler. O próprio Hitler não parecia sentir-se plenamente seguro ao lado desse companheiro de

combate cínico e sem escrúpulos – quem sabe até mesmo seu sentimento burguês dos primeiros anos não se rebelava contra aquele gangsterismo intelectual. Se não nos enganam nossas fontes, Hitler teria declarado várias vezes que sabia muito bem que “Esser era um velhaco” e que o conservaria só enquanto pudesse usá-lo.

Esser tinha muitos aspectos semelhantes a Julius Streicher, professor de Nuremberg, que adquirira uma certa notoriedade como propugnador de um antissemitismo pornográfico de rapazola debochado. Parecia que sua imaginação suja via crimes rituais, lubricidade judia, conspiração mundial e incesto por toda parte. Vivia sobretudo assediado pelo espectro de demônios luxuriantes e concupiscentes, prestes a se banquetearem com a carne das inocentes jovens arianas. Certamente que Streicher era mais limitado e tapado, mas, dentro do escalão local, poderia eficazmente enfrentar Hitler, a quem se opusera com veemência logo no início. Não é sem uma boa razão que se pode pensar que o chefe do Partido de Munique fez tantos esforços para ganhar Streicher à sua causa, não só para tirar proveito de sua popularidade, a fim de alcançar seus objetivos, mas também para corresponder aos mesmos complexos de ódio e às mesmas obsessões que lhes eram comuns. Apesar de todas as suas discórdias, permaneceu fiel até o fim ao “Führer de Francônia”. Durante a guerra, Hitler relembrava que Dietrich Eckart declarara que Streicher era um louco, sob muitos aspectos, entretanto “não poderia fazer suas objeções formuladas contra seu jornal, o *Sturmer* ”. “Realmente”, acrescentava ele, “Streicher havia idealizado o judeu.” [62]

Esses personagens davam ao partido, a despeito de seu apelo às massas, uma estreita margem de ação e o confinavam a um meio muito pequeno e limitado. Em contrapartida, o capitão-aviador Hermann Göring, último comandante da legendária esquadrilha de caça von Richthofen, trazia para o meio social de Hitler o prestígio de indivíduo conhecido em sociedade, posição antes ocupada pelo solitário *Putzi* Hanfstaengl, que dominava com desprezo o círculo dos primeiros companheiros. Pernas espaçosamente abertas, jovial, ruidoso, Göring estava isento daqueles traços de psicopatia que caracterizavam a maior parte dos discípulos de Hitler. Aderira ao Partido porque o partido satisfazia a suas aspirações de independência, de ação e de camaradagem, mas, de nenhum modo, como ele mesmo fazia questão de destacar, por causa da “coisa toda ideológica”. Viajara pelo mundo inteiro, dispunha de múltiplas relações e, ao lado da atraente mulher sueca, parecia de algum modo chamar a atenção do partido, completamente hipnotizado, para o fato de que ainda existiam pessoas além da Baviera. Se, realmente, era meio escroque, partilhava esse defeito com Max Erwin von Scheubner-Richter, um

aventureiro de passado agitado, que pretendia executar lucrativas tramoias políticas por trás dos bastidores. Sua habilidade em recolher dinheiro permitiu a Hitler estabelecer a segurança material de sua atividade, nos primeiros anos e, segundo um relato oficial, Scheubner-Richter conseguiu coletar "enormes somas". [63] Era uma figura misteriosa que, evoluindo no segundo plano, dava provas de grande segurança no ambiente da sociedade. Tinha numerosos contatos na indústria, na casa de Wittelsbach, junto ao Grão-Duque Kyrill e nos meios eclesiásticos. Exercia, incontestavelmente, grande influência sobre Hitler e, dentre os companheiros que tombaram em 9 de novembro de 1923 na Feldherrnhalle, foi ele o único que Hitler considerou insubstituível.

Era daqueles numerosos germano-bálticos que, mantendo ligação com emigrados russos de extrema-direita, dispunha de poder não desprezível sobre o Partido logo nos seus primórdios. Foi exatamente por isso que Hitler declarou pilheriando que o *Völkischer Beobachter* daqueles primeiros anos deveria trazer um subtítulo: "Edição Báltica". [64] Rosenberg conhecera Scheubner-Richter em Riga, no tempo em que o jovem estudante, ainda alheio à política, se interessava por Schopenhauer, Richard Wagner, por problemas ligados à arquitetura e à doutrina da sabedoria hindu. Foi somente depois da Revolução Russa que ele idealizou uma imagem do mundo marcada pelos sinais precursores do antibolchevismo e do antissemitismo e pela propaganda de atrocidades, cujo porta-voz era Hitler.

Parcialmente, e até nas suas metáforas, essa imagem do mundo provinha de Rosenberg, que passava por ser o técnico do partido para as questões russas. De resto, foi sobretudo a tese da identidade do comunismo e do judaísmo mundiais que ele, visivelmente, insuflou em Hitler. Além disso, o "principal teórico do Partido", cuja influência é quase sempre superestimada, pôde inspirar algumas iniciativas importantes, no tempo em que Hitler abandonou a reivindicação inicial da restituição das colônias e se pôs a procurar nas longínquas paragens da Rússia a satisfação das aspirações alemãs ao espaço vital. [65] Mas depois seus caminhos divergiram. Isso se deu quando Hitler, pragmático, adaptava sua ideologia aos objetivos do poder; Rosenberg, irado, defendia seus postulados filosóficos com tal seriedade que parecia um fanático religioso e, depois de temperá-los com inúmeras ideias insólitas, erigiu-os em sistemas de um absurdo pomposo.

Um ano depois de sua proclamação, o programa do partido já conduzia todos os seus adeptos ao sucesso quase inesperado, na sua grande significação política. Foram organizadas mais de quarenta manifestações em Munique e quase o mesmo tanto nas circunscrições rurais. Seções foram fundadas em

Starnberg, Rosenheim e Landshut, e em Pforzheim e Stuttgart o número dos seus membros decuplicou. Uma carta que um irmão "Dietrich", da ordem dos Germanos de Munique, endereçou, no início de fevereiro de 1921, a um amigo simpatizante, em Kiel, dá testemunho da importância que o Partido adquirira no interior do movimento racista: "Mostrai-me uma cidade", escrevia ele, "em que vosso partido tenha organizado 45 reuniões de massa, no decurso de um ano. A seção de Munique conta, presentemente, com mais de 2.500 membros e cerca de 45 mil simpatizantes. Será que alguma de vossas seções pode se gabar de resultados semelhantes?" Acrescentava que, depois de travar conhecimento com os irmãos da ordem de Colônia, Wilhemshaven e Bremen, "todos concordavam em um ponto: o partido hitleriano era o partido do futuro". [66]

Como pano de fundo dessa ascensão, lá estavam o Tratado de Versalhes, aplicado por etapas, cujas cláusulas provocavam incessantemente novas indignações, a desvalorização da moeda, que tudo absorvia rapidamente, e o desastre econômico crescente. Em janeiro de 1921, uma conferência aliada para tratar das compensações impôs ao Reich uma indenização de 226 bilhões de marcos-ouro, pagável em 42 anos, mediante a entrega aos aliados, durante o mesmo período, de 12% de suas exportações. Em Munique, as associações patrióticas, os guardas civis e o Partido convocaram 20 mil pessoas para uma reunião de protesto na Odeonsplatz. Os organizadores recusaram-se a dar a palavra a Hitler. Imediatamente ele decidiu organizar, no dia seguinte, à noite, sua própria manifestação de massa. Na sua circunspecção, Drexler e Feder julgaram que todo senso de medida e reta razão haviam desaparecido de sua mente. Caminhões ornados com bandeiras e munidos de alto-falantes, editais impressos às pressas convidaram a população a comparecer ao circo Krone, no dia 7 de fevereiro. "Herr Adolf Hitler", precisava o anúncio, "falará sobre o tema *Futuro ou Ruína* ". Fora essa, também, a opção que se impusera quanto à sua própria carreira. Ora, quando ele chegou ao local, o comício monstro estava fervilhando, 6.500 pessoas aclamaram e no fim entoaram o hino nacional.

Desde então, Hitler apenas esperou pelo momento de poder controlar todo o partido, que lhe devia tudo o que tinha alcançado. O favor de que desfrutavam, naquela época, os assim chamados "homens-fortes" lhe foi de extremo proveito e veio em ajuda de seus projetos. Sem dúvida, inquietações se manifestaram na cúpula do Partido relativamente à prodigiosa necessidade de ação do homem encarregado da propaganda, e na ata da reunião do Partido de 22 de fevereiro consta: "Sugerir a Hitler que modere sua atividade". Mas, quando, na mesma época, Gottfried Feder se queixou das pretensões cada vez

mais evidentes de Hitler, Anton Drexler lhe respondeu: “Todo movimento revolucionário deve ter um ditador à sua frente e eu considero nosso Hitler como o mais qualificado para esse papel, sem julgar, com isso, que eu deva ser posto em segundo plano.” [67] Cinco meses mais tarde, foi precisamente o que lhe aconteceu.

❖

As circunstâncias e os adversários, que durante toda a sua vida foram os mais eficazes aliados de Hitler, entraram sem sentir no seu jogo. Quanto a ele, teve ao mesmo tempo sangue-frio, astúcia e iniciativa. Mostrou-se até disposto a assumir grandes riscos por objetivos limitados. Como sempre acontecia em situações graves, conseguiu assumir todas as alavancas do poder e de comando no seio do Partido e, ao mesmo tempo, reforçar sua candidatura à direção da totalidade do movimento nacional-popular.

A crise do verão de 1921 teve por ponto de partida as negociações que se desenrolavam há meses com os partidos populares competidores, sobretudo o Partido Socialista Alemão, com o objetivo de estabelecer uma colaboração mais estreita entre eles. Mas todas as tentativas de acordo tinham fracassado diante da intransigência de Hitler, que exigia subordinação total de todos os grupos afins e não consentia em admiti-los no seio do Partido como organizações autônomas. Ainda mais: exigiu que se dissolvessem e que seus membros ingressassem individualmente no partido. A incapacidade de Drexler para compreender a obstinação de Hitler mostra com toda a evidência a diferença que separava a sede de poder absoluto deste e o humor social do fundador da associação. Com a finalidade evidente de levar seus adversários na cúpula do partido a tomar uma iniciativa irrefletida, Hitler partiu para Berlim, no começo do verão, a fim de lá passar seis semanas. Durante esse tempo, Hermann Esser e Dietrich Eckart ficaram em Munique, como observadores, e o punham a par de tudo. Levado por alguns simpatizantes que desejavam fazer Hitler recuar, “aquele fanático palhaço orgulhoso”, [68] Drexler, o qual de nada suspeitava e desejava apenas chegar a um meio-termo, aproveitou essa pausa para retomar as negociações relativas a um acordo ou a uma colaboração entre todos os partidos socialistas de direita.

Entrementes, em Berlim, Hitler discursava no Clube Nacional e travava relações com os simpatizantes dos meios conservadores e da extrema direita. Conheceu Ludendorff, o Conde Reventlow, cuja mulher, uma francesa, Condessa d’Allemont, o fez encontrar-se várias vezes com o antigo comandante de Freikorps Walter Stennes. Ela costumava apresentar Hitler, em tais ocasiões, como “o futuro Messias”. A folia frenética da cidade que entrava em 1920 no célebre período dos “anos loucos”, sua leviandade, sua

avidez, deram novos argumentos à repulsão de Hitler em relação a Berlim uma vez que tudo isso era absolutamente contrário a seu temperamento sisudo. Comparava de preferência o estado de coisas lá reinante ao de Roma nos tempos da decadência, em que “um cristianismo estranho” se aproveitara da fraqueza da cidade como o bolchevismo explorava hoje a decomposição moral da Alemanha. Os discursos daqueles primeiros anos estão cheios de ataques contra os vícios da grande cidade, a corrupção e o deboche que observara sobre o asfalto brilhante da Friedrichstrasse ou do Kurfurstendamm. “O povo se diverte e dança para esquecer nossa desgraça”, exclamava ele. “Não é por acaso que se descobrem novos prazeres. O propósito evidente é amolecer-nos artificialmente.” Como em sua chegada a Viena, aos 27 anos, contemplava perplexo e com um sentimento estranho o fenômeno da cidade grande, estava perdido no meio de todo aquele barulho, daquela turbulência e vaivém de seres humanos. Só se sentia verdadeiramente em seu elemento no meio provinciano. Apesar do sentimento de não ser parte de todo aquele mundo estranho, estava irremediavelmente preso à atmosfera burguesa e à moral conformista dele. Via na vida noturna “uma invenção do inimigo número um de sua raça, a tentativa sistemática de convulsionar as regras naturais da higiene racial. Faz o judeu da noite o dia, organiza a vida noturna mal-afamada, exatamente porque sabe que o efeito será lento, mas certo (…) em um destrói o corpo, em outro destrói o espírito e no coração daquele que é constrangido a contemplar esses prazeres deposita um fermento de ódio”. E mais: “Os teatros que, outrora, um Richard Wagner queria escurecidos para alcançar o ponto culminante da consagração e da gravidade (…) para libertar o indivíduo de sua miséria e desgraça, hoje se tornaram focos do vício e da impudicícia.”

Via a cidade regurgitando de gigolôs, e o amor, “que para milhões significa a felicidade ou a desgraça supremas”, decaindo ao nível de uma mercadoria, tornar-se “uma simples transação comercial”. Deplorava o ridículo com que pretendiam caracterizar a vida em família, como deplorava a decadência da religião. Era sua opinião que tudo estava solapado e degradado. “Todo aquele que não se sente preso pelos laços familiares, nesta época de sujeiras monstruosas, só tem duas opções: ou desesperar e se enforcar, ou então aderir ao caos e se tornar um patife.” [69]

Assim que teve notícia da iniciativa de Drexler, Hitler voltou para Munique. O comitê do partido, que, entrementes, tinha posto na cabeça a ideia de provar sua energia e autoridade, convidou-o a justificar seu comportamento e Hitler reagiu, então, com um gesto dramático totalmente inesperado. A 11 de julho, pediu bruscamente demissão. Em uma carta

detalhada, expedida três dias mais tarde, formulou recriminações inauditas e enumerou, sob forma de ultimato, as condições indispensáveis para que retomasse seu lugar no partido. Exigia, entre outras coisas, a demissão imediata do comitê, "o posto de primeiro-presidente com poderes ditatoriais" e "o expurgo de elementos estranhos que se tinham imiscuído no partido". Estipulava também que nem o nome, nem o programa do partido poderiam ser modificados; a preponderância absoluta do Partido de Munique devia ser assegurada, não se poderia realizar fusão com outros partidos e a única coisa viável seria filiação ao partido, nada mais. Finalmente, com aquela intransigência que já deixa adivinhar o homem que será no futuro, acrescentava: "Concessões de nossa parte estão absolutamente excluídas." [70]

A resposta, datada do dia seguinte, revela bem o prestígio e o poder adquiridos na época por Hitler. Em vez de enfrentar a discussão, o comitê aceitou suas acusações e se limitou a lhes opor algumas resistências hesitantes. O partido se submeteu totalmente e declarou-se mesmo pronto a sacrificar ao furor de Hitler o homem que fora até então primeiro-presidente, Anton Drexler. No principal trecho da carta, no qual já surge o estilo bizantino que caracterizará as práticas posteriores de bajulação, o comitê declarava: "Reconhecendo vosso grande saber, os serviços prestados com um raro devotamento ao interesse do partido, assim como vossa eloquência excepcional, o comitê está disposto a vos outorgar poderes ditatoriais. Uma vez que vos tiverdes reintegrado ao partido, sentir-nos-emos particularmente felizes em vos nomear para o posto de primeiro-presidente que Anton Drexler vos havia proposto há muito tempo, repetidas vezes. Se tal for vosso desejo, sentir-nos-emos felizes por vos ver ocupando as mesmas funções à frente do comitê de ação. Caso vos pareça oportuno que Drexler deixe o partido de uma vez por todas, deveríamos ainda submeter a questão à próxima assembleia anual".

Exatamente como o início — o ponto culminante da questão já revelava a futura habilidade de Hitler para controlar e dominar situações de crise — o desfecho também fez aparecer sua tendência constante em destruir pelo exagero os triunfos obtidos. Bastou que o partido se submetesse para ele convocar imediatamente uma assembleia-geral, a fim de saborear a vitória. Animado até então de disposições conciliatórias, Drexler mostrou-se irritado e intratável. Em 25 de julho, apresentou-se à 6ª delegacia de polícia de Munique e declarou que os signatários da convocação não pertenciam ao partido e não estavam habilitados a convocar seus membros. Mais: que Hitler pretendia recorrer à revolução e à violência, enquanto, por seu lado, ele, Drexler, se propunha a realizar os objetivos do partido pela via legal e

parlamentar. Mas as autoridades se declararam incompetentes na matéria. Ao mesmo tempo, Hitler se viu atacado por um folheto anônimo. “Sua presunção e sua ambição”, declarava o documento, “o haviam conduzido à discórdia e à divisão em nossas fileiras e a reforçar, desse modo, os interesses do judaísmo e de seus cúmplices.” Hitler projetava “fazer do partido um trampolim para atingir objetivos escusos”, e era, sem nenhuma dúvida, o instrumento de criaturas ocultas que agiam nos bastidores. Não fora sem razão que havia dissimulado ansiosamente sua vida privada, assim como suas origens. “Cada vez que membros do partido o interrogaram sobre seus meios de subsistência e sobre sua profissão anterior, tornava-se colérico e furioso. (…) Sua consciência não pode de modo algum ser pura, tanto mais que as numerosas relações mantidas com mulheres, junto às quais frequentemente se apresentou como o *rei de Munique* , custam uma fortuna.” Um edital, cuja publicação não foi, entretanto, permitida pela polícia, acusava Hitler de ser vítima de “um delírio mórbido do poder” e concluía pela convocação: “É preciso desbancar o tirano.” [71]

Só a mediação de Dietrich Eckart permitiu encerrar a contenda. Pôs-se um ponto final na crise na assembleia-geral extraordinária de 29 de julho de 1921 e Hitler, uma vez mais, não conteve sua vaidade, propalando aos quatro ventos sua ruidosa vitória. Ainda que Drexler tivesse se aproveitado da ausência de Hitler para excluir formalmente Hermann Esser, de reputação ignóbil, o futuro ditador conseguiu que a assembleia fosse dirigida por esse seu satélite. Saudado “por aclamações incessantes”, conseguiu, graças a uma hábil apresentação da controvérsia, chamar toda a assembleia para o seu ponto de vista e obteve 553 votos favoráveis dos 554 membros presentes à votação. Drexler teve de se contentar com a presidência de honra, e os estatutos foram modificados como Hitler o desejava. Seus partidários ocuparam mais postos no comitê e ele mesmo foi investido da presidência ditatorial. O NSDAP, o Partido Nazi, estava doravante totalmente à sua mercê.

Naquela mesma noite, no circo Krone, Hitler foi festejado por Hermann Esser como “nosso Führer” e, depois disso, foi ele também que, sob a máscara cínica da emoção se fez o pregador zeloso daquele mito do Führer que, por seu lado, Dietrich Eckart pôs-se a construir progressiva e metodicamente no *Völkischer Beobachter* . Desde o dia 4 de agosto, apresentava Hitler no jornal como um “homem desinteressado, altruísta, generoso, eloquente” e duas linhas adiante louvava “sua perspicácia e sua vigilância”. Alguns dias mais tarde aparecia, na mesma página, o complemento desse retrato. À figura muito viril evocada por Eckart vinham

acrescentar-se os traços sobrenaturais de uma imagem sagrada. O autor era, desta vez, Rudolf Hess, que tecia elogios descabidos ao "ideal puro de Hitler", à força, à eloquência, ao saber admirável e à inteligência lúcida. Esse ensaio, que possibilitou a Rudolf Hess ganhar, menos de um ano mais tarde, o prêmio de um concurso literário, mostra a que ponto chegara, em pouco tempo, o culto à personalidade de Hitler. O tema do concurso era: "Quais serão os dons do homem que restituirá à Alemanha sua grandeza?" Hess tomou por ponto de partida o retrato de Hitler e escreveu:

> Um conhecimento profundo de todos os domínios da vida política e da história, a capacidade de daí tirar ensinamentos, a fé na pureza de sua própria causa e na vitória final, uma vontade indomável lhe conferem o poder de pronunciar os discursos eletrizantes que suscitam as aclamações das multidões. Para salvar a nação, ele não teme utilizar as armas do adversário, a demagogia, os *slogans* , os desfiles de rua etc. (…) Ele mesmo nada tem de comum com a massa, é todo personalidade e grandeza.
>
> Se a desgraça o exigir, não temerá derramar sangue. As grandes questões da problemática humana vêm sempre acompanhadas de sangue e armas (…) Animado unicamente pela preocupação do fim a atingir, ele não hesitará, para alcançá-lo, em passar sobre o corpo de seus amigos mais íntimos. (…)
>
> Assim se nos afigura a imagem do ditador: espírito aguçado, lúcido e autêntico, apaixonado e senhor de si mesmo, frio e alentado, refletido em suas decisões, sem hesitação na execução rápida, sem complacência consigo mesmo e com os outros, de uma dureza impiedosa e, ao mesmo tempo, cheio de amor para com seu povo, infatigável no trabalho, mão de ferro em luva de veludo, capaz, como último recurso, de vencer a si próprio.
>
> Não sabemos ainda quando fará uma intervenção por nossa salvação "o homem". Mas milhões de pessoas sentem que ele virá… [72]

Pouco depois de haver conquistado o controle do partido, em 3 de agosto de 1921, foi criada a SA, cujas iniciais significavam originalmente *Sportabteilung* ou *Schutzabteilung* . Já os elementos fundadores, no partido, haviam recriminado Hitler por se ter dotado de uma guarda mercenária, composta de antigos soldados dos Freikorps, engajados "porque queriam roubar e pilhar". [73] Mas a SA não foi concebida especialmente como uma organização encarregada de canalizar e de camuflar os instintos de violência nascidos da guerra; nem tampouco como um instrumento de defesa da direita contra semelhantes formações terroristas do adversário, ainda que originalmente tais considerações tivessem certa preponderância. Porque, de fato, existiam unidades de combate à esquerda, como, por exemplo, a "Guarda Erhard-Auer" da social-democracia, e há numerosas provas de que eram organizações tumultuosas criadas precisamente contra o Partido Nacional-Socialista: "O mundo marxista, que, mais do que qualquer outro fenômeno contemporâneo, só existe graças ao terror, recorreu a esse meio para lutar contra nosso movimento." [74]

Hitler formulou, assim, de passagem, um dos princípios que haviam

presidido à criação da SA. Mas a ideia da milícia ultrapassava de muito esses objetivos de defesa. A SA foi concebida, por antecipação, como um instrumento de ataque e de conquista, tendo-se em vista que naquela época Hitler via a tomada do poder como resultado exclusivo de uma ação revolucionária violenta. De acordo com a proclamação lançada quando de sua fundação, a SA deveria ser o "aríete" do movimento, formar os membros do partido na obediência e lhes insuflar uma vontade revolucionária que não poderia ser definida de outra maneira. Segundo uma noção muito característica de Hitler, a inferioridade do mundo burguês, relativamente ao marxismo, prendia-se ao fato de que tinha por princípio separar o espírito da força e a ideologia do terror, exatamente ao contrário dos seguidores de Marx, que uniam essas coisas. O político burguês só utilizava armas espirituais, enquanto conservava o soldado alheio a todo movimento político. O marxismo, ao contrário, "conjugava harmoniosamente o espírito e a força bruta". A SA devia imitar esse exemplo. Assim, ele especificava no primeiro boletim da tropa que ela não era somente "um instrumento destinado a proteger o movimento, mas, em primeiro lugar, a escola preparatória, tendo em vista o combate de libertação que se travaria no seu interior". [75] O *Völkischer Beobachter* celebrava a esse propósito "seu espírito ofensivo a toda prova".

A fundação de um exército particular se tornou possível pela liquidação, em junho de 1921, das guardas locais paramilitares e, um mês mais tarde, do Freikorps Oberland, retornado da Alta Silésia. Numerosos membros dessas formações lamentavam ter perdido o contato humano e o romantismo da existência do soldado, que davam um sentido à sua vida. Foi muito natural que viessem engrossar as fileiras do Partido Nazi, acolhidos pelos adolescentes sedentos de aventura que nele se haviam alistado antes. Egressos da guerra, formados pela guerra, esses antigos combatentes reencontravam na milícia organizada militarmente da SA, nos seus títulos, seus mandamentos e seus uniformes, o elemento familiar que lhes faltava na sociedade pluralista, aparentemente sem estrutura, da república de então. Vinham, na maior parte, da pequena burguesia relativamente numerosa, cuja ascensão social tinha sido impedida na Alemanha, durante muito tempo, e que, depois das grandes perdas sofridas pelas corporações oficiais, tivera acesso, durante a guerra, a novos postos de comando. Robustos, disponíveis, ávidos de ação, contavam achar, após a guerra, novas carreiras, até o momento em que, para além de todas as humilhações nacionais, as cláusulas do Tratado de Versalhes os rejeitaram socialmente. Arranjaram-se como professores, nas escolas primárias, nos balcões de lojas e nos guichês das repartições, naquela existência que lhes parecia, então, estreita, mesquinha e estranha. A mesma

fuga que conduzira Hitler à política levava-os agora, por sua vez, a se lançarem nos braços do ditador.

O próprio Hitler viu, nesse afluxo de elementos cujas disposições se assemelhavam às suas, o material ideal para a vanguarda militante do movimento e passou a contar, nos seus cálculos táticos, com o ressentimento, a energia e o potencial de violência desses recrutas. Uma de suas máximas de psicologia era que uma demonstração de força, por pessoas de uniforme, tinha não só o efeito de intimidar como também o de arrastar. Segundo a opinião de Hitler, o terror era capaz de encorajar uma forma particular de proselitismo. Aliás, comentando essa noção, declarou certa vez: "A crueldade é um imperativo. As pessoas necessitam de um medo salutar. Querem temer algo. Desejam ardentemente que alguém as faça tremer e almejam submeter-se a alguém que as arrepie. Não tivestes ainda oportunidade de constatar que, por toda a parte, depois de batalhas de reuniões, aqueles que se sentiram humilhados e destroçados são os primeiros a se inscreverem no partido causador de sua mágoa, como novos membros? Qual objeção podeis sugerir contra a crueldade, insurgindo-se contra os sofrimentos infligidos? A massa quer ser tratada desse modo. Tem necessidade de ser aterrorizada." [76] Cada vez mais seguro de si, Hitler jamais esqueceu o valor publicitário do recurso à força bruta, além da utilização dos meios de propaganda retórica e litúrgica. Um de seus subordinados encorajou o emprego da violência em uma reunião da SA, conclamando seus milicianos: "Dai firme em cima deles, mesmo que alguns sejam mortos: isso não tem a menor importância."

Foi assim que a chamada "batalha da Hofbräuhaus", na qual, em 4 de novembro de 1921, a SA criou seu mito, foi provocada pelo próprio Hitler, em parte por essas mesmas razões. Comandos social-democratas de intervenção foram a uma manifestação convocada por Hitler e ele mesmo estimou seus adversários em número de setecentos a oitocentos comandos. Por outro lado, devido a um desfile na sede do partido, os efetivos da SA atingiam exatamente o número de cinquenta homens. Hitler descreveu como conseguiu galvanizar, por uma alocução apaixonada, o espírito combativo da pequena formação que já se deixava minar pela inquietude. Tratava-se agora, para aqueles milicianos, de provar sua dedicação ao partido. Em qualquer hipótese, não deveriam abandonar a sala, a não ser carregados como cadáveres. Se visse alguém se conduzir com covardia, ele mesmo lhe arrancaria a braçadeira e lhe tiraria a insígnia. Lembrou-lhes, finalmente, que o ataque sempre foi a melhor forma de defesa. "Um *Heil* " proferido três vezes, "em um som mais áspero e mais rouco que de costume, foi a resposta". O relato prossegue:

> Subi, então, ao palanque e pude me dar conta da situação com meus próprios olhos. A sala

> regurgitava e uma imensa multidão me fulminava com um olhar de ódio, enquanto alguns proferiam interjeições muito explícitas, faziam caretas irônicas e nos diziam: “Vocês se guardem e defendam suas tripas!”

Havia falado mais de uma hora e meia, apesar de todas as interrupções, e acreditava já ter dominado a situação, quando repentinamente, um homem saltou sobre um banco e gritou: “Liberdade!”

> Em alguns segundos a sala se encheu de uma massa humana ululante, por sobre a qual, semelhantes às descargas de obuses, voavam canecos de cerveja. Em volta, só se ouviam o estalar de pernas de cadeiras quebradas, o esmigalhar de copos, gritos, urros e o pandemônio generalizado.
> Foi um espetáculo…
>
> A dança não havia ainda começado quando meus homens da tropa de assalto — que assim se chamaram a partir daquele dia — se lançaram ao ataque. Como lobos, lançaram-se sobre seus adversários em grupos de oito a dez, e começaram, de fato, a expulsá-los da sala a bofetões. Cinco minutos depois, todos estavam cobertos de sangue (…) De repente, perto da porta, estalaram dois tiros em direção do palanque e seguiu-se uma terrível fuzilaria. Isso tudo me fazia o coração rejubilar de alegria, evocando as lembranças da guerra…
>
> Já se tinham passado cerca de 25 minutos; parecia que uma granada de canhão havia caído na sala. Muitos dos meus partidários estavam sendo socorridos, outros foram retirados em viaturas, mas uma coisa era verdade: éramos senhores da situação. Hermann Esser, que havia assumido naquela noite a presidência da reunião, anunciou: “A reunião continua. Palavra devolvida ao orador.” [77]

Realmente, a partir daquele dia Hitler tomou a palavra, no sentido mais lato do vocábulo. Ele próprio declarou que o Partido dominou as ruas a partir de 4 de novembro de 1921 e, no início do ano seguinte, estendeu sua conquista à província bávara. Nos fins de semana, fazia viagens de propaganda, desfilava ruidosamente nas localidades e entoava, a plenos pulmões, as marchas da SA. No início, seus membros só eram reconhecidos pelas braçadeiras. Depois usaram blusões pardos e sempre traziam o que se chamava de *Hackelstecken* [cassetetes]. Um dos primeiros discípulos de Hitler observou que a aparência deles “estava longe de tranquilizadora”; mais ainda: “tentavam dar-se um ar intratável e marcial”. [78] Escreviam slogans na parede das casas e das fábricas, engalfinhavam-se com seus adversários, dilaceravam bandeiras vermelho-preto-amarelas ou, então, organizavam, segundo o espírito militar, operações de comandos contra os aproveitadores ou exploradores. Suas canções e seus slogans mostravam uma ousadia sanguinária. Numa reunião na Burgerbräu, uma baixela que trazia a inscrição “Doada para o massacre dos judeus!” passou de mão em mão entre os visitantes. Os pretendidos “guardiães da ordem” sabotavam as manifestações ou concertos julgados inconvenientes. A divisa do momento era: “Nós batemos duro!” De fato, como Hitler havia previsto, o comportamento incrivelmente brutal dos SA não freou a ascensão do partido; mesmo no seio da pequena burguesia, séria e legalista, a força de atração do movimento não se viu de modo algum diminuída. A abolição das boas maneiras que se tornou patente, quer por efeito da guerra, quer pelo

ambiente revolucionário, não basta para explicar esse fenômeno; é preciso notar, sobretudo, que o partido hitlerista soube aproveitar uma certa grosseria especificamente bávara, cujo estilo foi adotado perfeitamente no plano político. As batalhas de salão com cadeiras e garrafadas, “os massacres”, os cânticos sanguinários, as brigas “em que tudo fervia”, isso fazia parte da estranha alegria então reinante. É revelador o fato de que, precisamente nessa época, a palavra *Nazi* tenha se tornado de uso corrente. Realmente, nada mais era do que uma abreviação de nacional-socialista [NA tionalsoZI alist, NA-ZI], mas possuía um som familiar aos ouvidos bávaros, habitualmente empregada como diminutivo carinhoso do nome “Ignaz” [Inácio]. Era a melhor prova de que o partido havia penetrado em grandes camadas da consciência popular.

A geração dos ex-combatentes que compunha o núcleo inicial da SA foi logo seguida de classes mais jovens e, levando-se em conta esse aspecto, o movimento representou, de fato, “uma rebelião de jovens insatisfeitos”. Pronta a se servir de sua força, a milícia formava uma comunidade de homens que aspiravam a desempenhar o papel de uma elite e se associavam num espírito de conspiração ideológica. Esses são elementos que sempre contribuíram para exercer sobre a juventude uma forte atração, impregnada de romantismo. Mais ou menos nessa mesma época, Hitler disse num discurso: “Há dois tipos de coisa que congregam gente: a comunidade de ideais e a comunidade de canalhice; [79] uma e outra se manifestam na SA, compondo uma mistura indissolúvel.” No ano de 1922, essa liga conheceu tal sucesso que no outono pôde ser constituída, sob o comando de Rudolf Hess, a 11ª Centúria, composta totalmente de estudantes. Naquele mesmo ano, um grupo do antigo Freikorps Rossbach, tendo à frente o tenente Edmund Heines, foi incorporado, embora como unidade autônoma, na SA. A formação de destacamentos especiais lhe deu um caráter militar cada vez mais acentuado. Rossbach, por iniciativa própria, criou uma seção ciclista, uma unidade de comunicações, um escalão de motociclistas, uma seção de artilharia e um corpo de cavalaria.

Foi sobretudo a importância crescente das seções de assalto que conferiu ao Partido Nazi o caráter de partido *sui generis* . Contrariamente à apologia feita por muitos membros em seus diários, a SA não tinha um perfil ideológico preciso. Conhecia, quando muito, as generalidades do programa nacionalista de combate e, quando desfilava, bandeiras desfraldadas pelas ruas, não tinha certamente o sentimento de que marchava à conquista de uma nova ordem social. Não buscava uma utopia, tão somente uma grande agitação; nenhum objetivo, mas uma energia dinâmica que não conseguia controlar. No sentido estrito, a maioria daqueles que se alinhavam nas suas

fileiras não eram nem mesmo soldados políticos, pareciam muito com soldados de infantaria que tentavam dissimular o niilismo, a inquietude e a necessidade de subordinação, sob a ênfase de seu vocabulário político. Sua ideologia repousava no desejo de desenvolver sua atividade a qualquer preço, dentro do quadro de uma fé e de uma obediência de ordem geral completamente imprecisa. Eis por quê, de acordo com o caráter de solidariedade masculina e homoerótica próprio das milícias, foram menos programas do que personalidades, "naturezas de determinados chefes", que conseguiram suscitar o espírito de sacrifício do SA médio. "Só se devem apresentar voluntários", declarou Hitler, "aqueles que quiserem obedecer aos chefes e estejam prontos a dar a própria vida, se necessário!" [80]

Ora, essa indiferença ideológica fez precisamente da SA um núcleo compacto, com fidelidade jurada, que, desprovido de qualquer teimosia sectária, estava pronto a executar todas as ordens e a assumir todas as tarefas. Por esse mesmo motivo, o partido todo gozava de uma homogeneidade desconhecida dos partidos burgueses tradicionais e pôde reunir sob um denominador comum agravos disparatados e complexos de mau humor. Quanto mais a tropa de elite formada pela SA fosse disciplinada e segura, tanto mais Hitler seria capaz de dirigir seus apelos, quase sem distinção, a todas as camadas da população.

Este aspecto todo peculiar talvez explique a imagem sociológica estranha oferecida pelo Partido, mas a fórmula muito difundida que o define como "o partido das classes médias" não se dá conta, satisfatoriamente, de sua ausência de feição definida. Certamente, os elementos pequeno-burgueses deram ao partido numerosos traços característicos e, apesar do nome de "Partido dos Trabalhadores", o programa anunciado por Hitler exprimia em vários de seus pontos as angústias e o pânico da indústria de porte médio, seu medo de ser tragada pelas grandes empresas e grandes lojas, assim como a amargura dos pequenos diante da riqueza adquirida muito facilmente, diante dos especuladores e dos detentores do capital. A propaganda do partido visava a comover, em primeiro lugar, a classe média, e Alfred Rosenberg, por exemplo, a celebrava como a única camada social "que ainda se opunha aos escroques do mundo inteiro". Hitler também não havia esquecido o ensinamento do mestre admirado nos seus anos vienenses, Karl Lueger, que, dizia ele, tinha mobilizado "a classe média ameaçada de desaparecimento". Arregimentara, assim, "partidários tão devotados quanto tenazes na luta" e criara bases muito difíceis de abalar". "Os combatentes devem vir das fileiras da classe média", dizia Hitler; mas acrescentava: "os deserdados de direita e de esquerda devem reunir-se no seio do nacional-socialismo". [81]

As diferentes listas de integrantes que datam dos primeiros tempos do partido e que foram conservadas não modificam muito essa imagem. Mostram um pouco menos de 30% de funcionários ou empregados, mais ou menos o mesmo tanto de artesãos e operários, 16% de comerciantes, muitas vezes proprietários de pequenas e médias empresas, que esperavam do Partido proteção contra os sindicatos; o resto era composto de soldados, estudantes, e de profissionais liberais, enquanto os postos de direção eram ocupados, na sua maioria, por representantes da boemia romântica das grandes cidades. Uma instrução da direção do partido, datada de 1922, especificou que cada seção local deveria refletir a imagem sociológica de sua região de recrutamento e que a direção não deveria, em hipótese alguma, compor-se de mais de um terço de membros com curso universitário. [82]

É de notar que, naquela época, o partido arrastava pessoas das mais diversas origens, de todas as condições sociais, e que seu dinamismo tendia a unir grupos, interesses e sentimentos antagônicos. Quando, em agosto de 1921, os nacional-socialistas das regiões de língua alemã se designaram, em um congresso internacional reunido em Linz, como um “partido de classe”, foi exatamente na ausência de Hitler. Este havia de fato, sempre, concebido o Partido como a estrita negação da ideia de luta de classes, que pretendia substituir pela de luta de raças. Um relatório policial de 1922 assinalava que, “ao lado de representantes das classes média e burguesa, numerosos operários alinharam-se sob o estandarte nacional-socialista”; e acrescentava: “os antigos partidos socialistas vêem no NSDAP uma grave ameaça para seu futuro”. O denominador comum das numerosas contradições e antagonismos que nele se misturavam era precisamente uma atitude de defesa contra o proletariado, contra a burguesia, contra o capitalismo e contra o marxismo. “Há”, dizia Hitler, “tão pouca possibilidade no Partido para um operário compenetrado da consciência de classe quanto para um burguês imbuído de seus privilégios.” [83]

De modo geral, foi uma mentalidade e não uma classe que arregimentou plateia e discípulos ao nacional-socialismo da primeira hora. Era aquele estado de espírito pretensamente apolítico, mas de fato favorável à autoridade e ávido de ser comandado, que desabrochava em todas as camadas e classes sociais. Sob o novo estado de coisas criado pela república, aqueles que anteriormente haviam participado nos negócios se sentiram bruscamente abandonados. Os complexos de angústia em que tinham mergulhado foram sentidos ainda mais fortemente pelo fato de que a nova forma de estado não havia criado uma autoridade à qual sua fidelidade e sua lealdade pudessem se ligar no futuro. Para compreender essa situação é necessário lembrar que, depois do nascimento da república, nos desastres da derrota, as potências

vitoriosas, principalmente a França, haviam praticado uma política incompreensível e vingativa, que pretendia punir as culpas da era wilhelmina. Além disso, houvera a experiência acabrunhadora da fome, do caos, da inflação e, finalmente, a política de cumprimento do Tratado, interpretada erradamente como expressão da desonra nacional. Tudo isso deixou profundamente insatisfeita a necessidade tradicional de se identificar com o estado, necessidade que essas pessoas deviam, em parte, ao sentimento que tinham do próprio valor. Sem brilho e humilhado como estava, esse estado se achava desprovido de qualquer significação a seus olhos, não falava nem à fidelidade nem à imaginação. Sob a república, a noção estrita da ordem e do respeito, que haviam conservado com uma resistência tenaz, para além do caos dos acontecimentos, lhes parecia posta em questão pela constituição, a democracia, a liberdade de imprensa, as polêmicas, as manobras dos partidos; e, com a nova forma do estado, muitos eram os que não mais compreendiam o mundo. Em sua inquietação, encontraram no Partido Nazi uma esperança, embora ele padecesse da mesma desorganização política da época, apenas sob uma máscara resoluta. O paradoxo em virtude do qual tiveram a impressão de que sua necessidade de ordem, de moral, de fidelidade e de fé achava um eco precisamente entre os porta-vozes aventureiros do partido hitlerista, com um passado conturbado e estranho, encontra explicação precisamente nesse contexto sociopolítico. “Ele comparava o Reich de antes da guerra, no qual reinavam ordem, limpeza e exatidão, com a Alemanha saída da revolução”, declara um dos analistas dos primeiros discursos de Hitler. Ora, era justamente esse instinto da regra e da disciplina, tão solidamente implantado na nação incapaz de suportar um mundo em desordem, que dava ouvintes atentos àquele ambicioso demagogo que declarava que a república era a negação da história da Alemanha e da alma alemã. A república, dizia ele, “era o negócio de uma minoria cujo interesse e cuja carreira sua sobrevivência favorecia. Quanto à maioria, queria a paz, mas não uma pocilga”. [84]

Ainda que não tivesse chegado ao extremo grotesco que deveria assumir no verão de 1923, a inflação já havia praticamente causado a ruína de uma grande parte da classe média e foi ela que deu a Hitler o instrumento de que precisava para sua investida. Já no começo de 1920, o marco estava a um décimo de seu valor de antes da guerra, e dois anos mais tarde não valia mais do que um centésimo de seu valor de outrora; era o chamado *Pfennigmark* , sendo *pfennig* um centésimo de marco. O estado, que fizera 150 bilhões em dívidas com a guerra, e que via aproximarem-se novos encargos devido às negociações em curso de pagamento de reparações de guerra, livrava-se desse modo de suas dívidas, o mesmo acontecendo com todos os devedores em apuros. Quem houvesse recorrido ao crédito, em primeiro lugar as empresas

de exportação isentas de impostos e pagando salários muito reduzidos, esses deliciavam-se naquele paraíso inflacionado. Portanto, não viam com desagrado o declínio vertiginoso da moeda e, uma coisa pelo menos é certa, nada fizeram para impedi-lo. Com dinheiro barato, que pela desvalorização contínua podia sempre ser reembolsado deixando margem apreciável de lucro, o sistema econômico inteiro especulava constantemente e sem embaraços contra a própria moeda nacional alemã. Habilidosos homens de negócios fizeram em alguns meses fabulosas fortunas e criaram, quase do nada, vastos impérios econômicos, cujos aspectos eram tanto mais provocantes quanto se sabia que à sua criação correspondiam a ruína e a proletarização de grupos sociais inteiros, formados por pessoas compromissadas com hipotecas, reformados do exército e donos de pequenas poupanças que não possuíam riquezas em bens imóveis.

As relações que se podem adivinhar entre essas extraordinárias carreiras capitalistas e o empobrecimento das massas suscitaram naqueles que eram suas vítimas um sentimento de ridicularização da sociedade que se transformou em seguida em amargura prolongada. O viés fortemente anticapitalista da época de Weimar se deve em parte a essa experiência, à impressão de que o estado, tradicionalmente representado como instituição desinteressada, justa e íntegra, tinha ido à falência fraudulenta graças à inflação. Tudo isso a expensas de seus cidadãos e com graves consequências. Entre as pessoas humildes de ética severa que foram os primeiros arruinados, essa constatação teve talvez efeitos mais graves ainda do que a simples perda de suas modestas economias. Seja como for, todos aqueles acontecimentos causaram o desaparecimento irremediável do mundo no qual haviam vivido com seriedade, sobriedade e prudência. A crise que se prolongava os incitava a procurar uma voz a que dessem crédito e uma vontade decidida a que pudessem obedecer. Quase toda a desgraça da república veio precisamente do fato de sua incapacidade em satisfazer a essa necessidade. O fenômeno pelo qual o agitador Hitler conseguiu arrebatar as massas só parcialmente se explica por sua eloquência incomum e seus expedientes. Importantíssima foi a intuição com a qual soube ele descobrir a disposições do burguês cheio de amargura e corresponder a suas aspirações. Soube encontrar o grande segredo do orador consagrado: “Ele se deixará sempre levar pela grande massa popular”, dizia Hitler, “de sorte que instintivamente encontrará sempre as palavras necessárias para atingir direto o coração de seus ouvintes.” [85]

No fundo, ali estavam, transpostos para um plano geral, os complexos e mágoas que o candidato à Escola de Belas-Artes havia sentido outrora, por ocasião do malogro: o sofrimento causado por uma realidade que contrariava

igualmente suas aspirações e suas ideias sobre a vida. Sem esse acordo íntimo entre um destino individual e uma situação sociopatológica, seria inconcebível que Hitler tivesse conseguido obter essa ascendência mágica sobre os espíritos. O que a nação estava prestes a viver, o desencanto, a queda, o desaparecimento das classes, a busca de um culpado e de uma direção a dar a seu ódio, tudo isso Hitler encontrou como caldo de cultura de seu triunfo. Desde então tomou consciência de suas razões e de seus pretextos, sabia das fórmulas a empregar e dos responsáveis que deveria apontar. Tudo isso dava um valor exemplar ao que sentia e, desse modo, os ouvintes, como que eletrizados, se reconheciam nele. Não era o caráter irrefutável de sua argumentação ou a agressividade de seus slogans, nem tampouco as imagens que utilizava o que os cativava, mas o sentimento de experiências comuns, de sofrimentos e esperanças comuns. O pálido Adolf Hitler era capaz de criar esse laço com aqueles que se achavam a braços com as mesmas desgraças: achavam-se unidos pela identidade de seus instintos de agressão. Daí vinha em grande parte aquele carisma particular que, com sua mistura de transes, de satanismo grosseiro e de estranha vulgaridade, era, então, irresistível. Hitler justificava a palavra de Jacob Burckhardt segundo a qual a história às vezes se condensa em um homem que passa a contar com a obediência do mundo inteiro. A época e o ser humano cometem assim, em momentos semelhantes, um grande e misterioso erro.

❖

O “segredo” de que dispunha Hitler e suas manobras pretensamente salvadoras se achavam estreitamente misturados a considerações racionais. Da mesma forma, a consciência precoce de seus dons mediúnicos jamais o levou a renunciar aos cálculos da psicologia coletiva. A série de fotos que o representam em poses do estilo exagerado da época fizeram rir mais de uma vez e impediram uma visão clara e realista do que seu gênio demagógico devia ao aprendizado, a treinos laboriosos e à observação dos erros. Até mesmo o estilo peculiar adotado em suas primeiras aparições em público obedecia a considerações psicológicas e se distinguia, especialmente pelo caráter teatral, das reuniões políticas tradicionais.

Ao anunciar “um comício-monstro” utilizando caminhões de propaganda e editais espalhafatosos que não poderiam deixar de ser vistos, combinava engenhosamente os elementos do circo, da ópera e o próprio ritual litúrgico da Igreja. Desfiles com bandeiras, marchas ao som de fanfarras, alocuções introdutórias, cânticos e também a repetição dos *Heil* criavam o cenário e a atmosfera cada vez mais tensa, na qual deveria ser pronunciado o discurso do Führer, cujo caráter de anúncio de uma nova era se achava assim sublinhado

de maneira impressionante. As regras que deveriam ser observadas naquelas manifestações foram incessantemente melhoradas por meio de cursos e instruções escritas. Não tardou muito e os menores detalhes eram previamente estudados para serem postos em prática. Desde aquela época, Hitler se mostrou inclinado a determinar não só as grandes diretivas da tática do partido, mas também mereceram sua especial atenção as mais ínfimas questões. Por ocasião dos discursos, verificava por si mesmo a acústica das principais salas de reunião de Munique, a fim de ficar sabendo se sua voz fazia melhor impressão na Hackerbräu do que na Hofbräu ou se seria melhor discursar no Kindlkeller. Testava a atmosfera, a aeração e a situação tática dos lugares. As instruções gerais previam entre outras coisas que uma sala deveria ser bem pequena para conter toda a assistência e que um terço dos assentos deveria ser ocupado por membros do partido. A fim de não dar a impressão de que o partido era um movimento pequeno-burguês e com a finalidade de inspirar confiança nos trabalhadores ou operários, Hitler declarou "guerra ao vinco da calça" e enviou partidários sem gravata e sem colarinho às manifestações. Para conhecer os temas e as táticas de seus adversários, outros receberam missão de fazer os seus cursos de instrução partidária. [86]

A partir de 1922, Hitler organizou cada vez mais frequentemente séries de oito, dez ou 12 reuniões que se realizavam na mesma noite e nas quais ele era sempre o principal orador. Esse procedimento respondia a seu complexo da multidão e, ao mesmo tempo, a seu desejo de repetição, além de estar de acordo com a regra de engajamento maciço através da propaganda. "O que importa e o que deve importar", declarou ele naquela época, "é criar e organizar uma única manifestação de massa que crescerá constantemente. Ela será feita de protestos sucessivos nas salas e nas ruas (…) Não devemos nos perder com resistência intelectual; devemos, sim, soltar sobre o povo uma vaga incandescente de revolta, de indignação e de furor incontrolado!" Testemunha ocular de uma das manifestações em série de Hitler na Löwenbräu de Munique deixou para a posteridade o seguinte relato:

> Eu já havia presenciado numerosas reuniões políticas naquela sala. Mas nem durante a guerra, nem durante a revolução havia pairado no ar, desde a entrada naquele recinto, o sopro ardente de uma multidão em transe que ali se encontrava como se tivesse sido hipnotizada. Notei que tinham seus próprios hinos de combate, seus próprios estandartes, seus próprios símbolos, uma saudação particular, um serviço de ordem do tipo militar. Percebi uma floresta de bandeiras vermelhas berrantes, com cruzes gamadas negras sobre um fundo branco. Aquilo tudo compunha uma mistura insólita de elementos militares e revolucionários, nacionalistas e socialistas que se encontravam na assistência. Os ouvintes pertenciam em sua maioria esmagadora à classe média em declínio. Suas várias camadas encontrarão aqui uma nova unidade? Durante horas ininterruptas, uma tonitruante música marcial; durante longas horas breves alocuções de chefes subalternos que perguntavam: quando chegará ele? Será que um acontecimento inesperado o impediu de vir? Ninguém pode descrever a febre que se apossava de todos naquela atmosfera. Subitamente, lá no fundo, um

movimento agitado se denuncia. Gritos de comando. Sobre o palanque, o orador se interrompe no meio de uma frase. Todos se levantam aos brados de *Heil!* De repente, do meio da multidão ululante e das bandeiras que se agitam, surge o tão esperado homem. O braço direito estendido com rigidez, marcha rapidamente com seu séquito em direção ao palanque. Passou perto de mim e eu o olhei de relance: era então um homem muito diferente daquele que eu havia encontrado aqui e ali, nos salões mundanos. [87]

Construía os discursos sobre um modelo que, no conjunto, era sempre o mesmo. Pela condenação generalizada do presente, tendia a colocar o público em sintonia com seu diapasão, estabelecendo com ele o primeiro contato: "A amargura se alastra a todos os ambientes. Começamos a perceber que as promessas feitas em 1918 não trouxeram nem dignidade nem beleza", disse Hitler, no preâmbulo de um de seus discursos, pronunciado em 1922. Depois de algumas considerações históricas retrospectivas, de comentários sobre o programa do partido e ataques aos judeus, aos criminosos de novembro e aos partidários da política de cumprimento do Tratado de Versalhes, sob o efeito de algumas interjeições isoladas ou aplausos da claque contratada, ficou cada vez mais excitado e pronunciou sua peroração, lançando apelos extáticos à unidade. Entrementes, abandonava-se ao calor do instante, às aclamações, às exalações de cerveja, ou se inspirava na atmosfera peculiar a uma reunião cujas tendências apanhava no ar e reproduzia cada vez melhor. Deplorava sempre a humilhação da pátria, estigmatizava os pecados do imperialismo, a inveja dos vizinhos, a "prostituição da mulher alemã", a difamação do passado nacional ou, então, insistia na velha hostilidade contra o Ocidente superficial, mesquinho e digno de pena que havia engendrado, ao mesmo tempo que a nova forma do estado, a vergonha do Tratado de Versalhes e as comissões de controle aliadas, a música negra, o penteado jovem e a arte moderna — tudo isso que não soubera dar nem trabalho, nem segurança, nem pão. "A Alemanha", disse ele um dia, em frase lapidar, "está faminta por causa mesmo da democracia!" Sua tendência a se entregar a sombrias evocações mitológicas conferia amplidão e perspectivas longínquas a suas tiradas. Cedendo sempre a uma gesticulação desordenada, não hesitava, por ocasião de acontecimentos locais triviais, em falar de todas as consequências do drama mundial. "O que, atualmente, está em franca preparação", disse ele um dia, "será mais importante do que a Grande Guerra. O combate será travado sobre o solo alemão em prol de toda a humanidade! Só haverá, então, duas possibilidades: ou seremos o cordeiro da imolação ou seremos os vencedores!" [88]

Na fase inicial, Anton Drexler, que era um pedante, se insurgia contra semelhantes explosões verbais e, à revelia de Hitler, sempre acrescentava a seus discursos, à guisa de conclusão, um corretivo impregnado de frio bom senso. Mas, com o passar do tempo, ninguém mais corrigia Hitler quando,

fazendo gestos demagógicos, ele ameaçava, caso chegasse ao poder, reduzir a pedaços o Tratado de Paz de Versalhes. Assegurava também que não temia uma nova guerra com a França e, ainda mais, evocava a imagem de um Reich poderoso que se estendesse "de Königsberg a Estrasburgo e de Hamburgo a Viena". O crescimento do número de partidários era a prova de que, diante das tendências ao abandono que dominavam a Alemanha naquela época, o tom às vezes temerário e absurdo de suas provocações era exatamente o que as pessoas desejavam escutar. "Não se trata de uma simples remodelação ou de se acomodar à situação, mas de ousar o que pareceria impossível." [89] A imagem muito difundida que nos apresenta Hitler como um oportunista desprovido de princípios subestima certamente tanto sua temeridade como sua originalidade. Foi precisamente proclamando o ostracismo a que se sentia relegado que colheu apreciáveis êxitos. Ele se revestiu assim de uma auréola de virilidade, de destemor e de desprezo, que preparou, de modo decisivo, o mito do grande líder.

O papel que estilizou em pouco tempo era o de um não-conformista que, em tempos de descontentamento público, é sempre promessa de grandes êxitos populares. Quando o *Munchener Post* o recriminou por ser "o agitador mais manhoso que empestava Munique", ele respondeu: "Sim, é nossa intenção sublevar o povo e incitá-lo continuamente ao ódio!" De início, teve repugnância em adotar fórmulas plebeias e celeradas, mas, depois de constatar que isso lhe valia não só uma grande popularidade sob a tenda do circo, mas também um interesse crescente nos salões, recorreu a elas cada vez com menor acanhamento. Quando lhe recriminavam suas ligações duvidosas, respondia que preferia ser um aldeão alemão do que um conde francês. Já não mais encobria sua demagogia: "Dizem que somos antissemitas despeitados. Perfeitamente. Queremos fazer barulho! Ninguém deve dormir. Devem ficar sabendo que uma tempestade se prepara. Queremos evitar que a Alemanha conheça, por sua vez, a morte por crucificação. Seremos desumanos, se for preciso. Se salvarmos a Alemanha, teremos realizado a maior proeza mundial!" [90] O emprego frequente de imagens e motivos religiosos, a que recorria para intensificar ao máximo seus efeitos de retórica, refletia a emoção marcante de sua infância. Lembrava-se do tempo em que, ajudando a missa no claustro de Lambach, ficara transtornado pelas imagens de dor e de desespero que contrastavam com a certeza de uma redenção triunfal. Tais combinações lhe inspiravam admiração pelo gênio e o senso psicológico da Igreja católica e daí tirava valiosos ensinamentos. Hitler chegou ao ponto de invocar, de modo blasfematório, "seu Senhor e Salvador", em apoio de suas explosões de ódio antissemita. "Na qualidade de cristão e de homem, leio com amor infinito aquela passagem que nos relata como o Senhor chegou ao

ponto de se levantar bruscamente e se servir de uma chibata para expulsar do templo os usurários, essa raça de víboras e serpentes. Dois mil anos depois, inclino-me com profunda emoção, diante do combate inaudito que Ele travou em prol do mundo inteiro contra o veneno judeu, e constato que essa foi a razão pela qual teve de morrer sobre a cruz.” [91]

A uniformidade de estrutura de seus discursos correspondia à monotonia de seus sentimentos e ninguém pode precisar a parte que é devida a uma fixação pessoal e a que é fruto de um cálculo psicológico. A leitura dos discursos cuidadosamente elaborados dessa época revela algo daquele estilo alentado e sugestivo com que repetia sempre as mesmas acusações, as mesmas tristezas e os mesmos juramentos de vingança, ecos dos múltiplos ressentimentos que lhe invadiam a alma. “Só contam o encarniçamento, o ódio e mais ódio!”, exclamou certo dia. E, quando, com todas as suas forças, conclamava uma nação humilhada e incerta a execrar o inimigo, fazia sua aquela abominação singular. Era o primeiro a reconhecer que, verdadeiramente, havia um incêndio em seu coração que lhe determinava odiar e odiar cada vez mais. [92] Em nenhum dos discursos renunciou a exprimir suas certezas com frases tonitruantes: “Quando estivermos no poder, avançaremos como búfalos”, exclamou certo dia. E, como observa o relato colhido na ocasião, foi vigorosamente aplaudido. Para se libertar, proclamava, faz-se mister mais do que uma política razoável e refletida, mais do que honestidade e trabalho dos homens: para “sermos libertos, é necessário orgulho, força de vontade e ódio, acompanhado sempre de mais ódio!”. Sua necessidade insaciável de tudo exagerar via em todos os negócios cotidianos uma gigantesca corrupção, que fazia parte, em sua opinião, da estratégia da conspiração mundial. Em cada nota dos aliados, em cada discurso proferido na Câmara francesa, via as maquinações do inimigo do gênero humano. A cabeça lançada para trás, o braço estendido na direção horizontal, o indicador fremente apontando para a terra, abandonando-se nesta pose característica à sua embriaguez de retórico, esse agitador municipal bávaro de modos estranhos desafiava não só o governo e as autoridades do país, mas, com a mesma certeza de um profeta, o mundo inteiro. “Não, nós não perdoamos nada”, dizia ele, “nós exigimos: Vingança!” [93]

Não tinha o senso do ridículo nem temia efeitos pretensamente prejudiciais. Ainda não tinha adquirido o hábito dos gestos de imperador romano, como aconteceu nos anos seguintes e, experimentando, como os artistas, estranheza em presença das massas, esforçava-se frequentemente por fazer o gênero popular. De cima do seu barril de cerveja, fazia sinal aos ouvintes ou, então, quando o tumulto se tinha formado, pedia calma sibilando

desajeitadamente “pst, pst”. As pessoas que vinham ouvi-lo obedeciam, também elas, a motivos mais teatrais do que políticos, porque, no princípio de 1922, entre dezenas de milhares de ouvintes, só havia seis mil inscritos. Sem se mexer, o olhar perdido ao longe, as pessoas o observavam. Habitualmente o barulho dos copos de cerveja que se entrechocavam parava no início de seu discurso e não raro ele falava em meio a um silêncio total, entrecortado, de tempos em tempos, por uma espécie de explosão. “A impressão era de uma chuva de pedrinhas sobre um tambor”, de acordo com o relato de um observador da época. Ingenuamente, mas com toda a vaidade de um homem que estivera “propositalmente esquecido”, Hitler se sentia feliz por ser o ponto de atração, no meio de todo aquele barulho. “Quando se atravessa assim uma dezena de salas e em todas elas o povo vos aclama”, confiava ele a seus íntimos, “um sentimento sublime nos invade o coração.” Não raramente terminava seus discursos com um juramento que fazia o auditório repetir. Às vezes também, com os olhos fixos no teto, exclamava com voz rouca e apaixonada: “Alemanha! Alemanha! Alemanha!” — até o momento em que as massas se punham a aclamá-lo. Depois, entoavam hinos ou cânticos de desafio e, muitas vezes, desfilavam assim, à noite, pelas ruas. O próprio Hitler declarou que, depois de seus discursos, estava sempre ensopado de suor e havia perdido de dois a três quilos, o uniforme sempre se lhe pregava à roupa branca que, após cada reunião, “estava invariavelmente manchada de azul”. [94]

Segundo seu próprio testemunho, precisou aprender durante dois anos para conhecer perfeitamente todos os meios de persuasão da propaganda e sentir-se “um mestre nessa ciência”. Não é sem muita razão que se tem assinalado frequentemente que ele foi o primeiro a aplicar esse método da publicidade americana e que, graças à sua imaginação de demagogo, adaptou-os às necessidades da luta política, como ninguém jamais fizera antes. É possível que o grande Barnum tenha figurado entre seus mestres, como afirmou mais tarde o semanário *Weltbuhne* , mas o deboche com que o periódico informou ao público sua descoberta mostrou uma evidente falta de visão. Foi o erro cometido por tantos contemporâneos de Hitler, que, tanto na direita como na esquerda, confundiam suas técnicas com seus objetivos. Do fato de serem seus meios risíveis, concluíam que os objetivos perseguidos o seriam também. Ora, ele sempre desejou convulsionar o mundo e substituí-lo por um outro. Mas os incêndios planetários e os apocalipses que tinha em vista não o impediam de pôr em prática o estratagema psicológico de seu número de circo.

Apesar de todos os triunfos retóricos de Hitler, por trás dos bastidores o general Ludendorff, chefe militar nacional, permanecia a figura dominante

que atraía as atenções no campo popular. Hitler não era o último a olhá-lo com respeito e continuava a considerar-se apenas um precursor, à semelhança "de um minúsculo São João Batista". Assim como ele próprio o declarou, no início de 1923, aguardava a vinda de um homem de maior envergadura para o qual queria criar um povo e forjar uma espada, mas, apesar de suas declarações, sua ação se tornava patentemente cada vez mais messiânica. As massas pareceram compreender, antes dele, que ele mesmo era aquele homem-milagre tão esperado e, segundo comentários da época, a multidão vinha procurá-lo, como se estivesse em busca do "Salvador". [95] Os documentos da época mencionam esse despertar, essas conversões tão características da atmosfera pseudorreligiosa e da sede de redenção que impregnavam e impregnam os movimentos totalitários. Ernst Hanfstaengl, por exemplo, que o escutou pela primeira vez naquele momento, teve o sentimento, a despeito de todas as suas objeções, de que "uma nova etapa de sua vida" tinha começado; o comerciante Kurt Luedecke que, durante algum tempo, figurou entre os dirigentes do séquito de Hitler e foi, em seguida, internado no campo de concentração de Oranienburg, descreveu, depois que se refugiou no estrangeiro, a emoção histérica de que se achou possuído, assim como numerosas outras pessoas, por ocasião de seu primeiro encontro com o orador Hitler:

> Naquele instante minhas faculdades críticas ficaram obnubiladas… Não sei como descrever os sentimentos que me afogaram quando ouvi aquele homem. Suas palavras eram como chicotadas. Quando ele falou da vergonha da Alemanha, senti-me capaz de saltar sobre a garganta de qualquer inimigo. Seu apelo à honra do homem alemão era como uma exortação a pegar em armas, porque a doutrina que pregava era uma verdadeira revelação. Ele me pareceu um segundo Lutero. Olhando em volta de mim, verifiquei que milhares de ouvintes eram como um só homem sob o impacto de sua força de sugestão. Naturalmente que eu estava maduro para aquela experiência. Eu tinha então 32 anos. Decepcionado e cansado, estava à procura de um sentido a dar à minha vida. Patriota, privado de um campo de atividades, entusiasmei-me pelo heroísmo, mas não tinha um herói a admirar. A vontade daquele homem, a paixão e a sinceridade de sua convicção pareceram apoderar-se de mim. A única comparação possível seria uma conversão religiosa sincera. [96]

Na primavera de 1922, o número dos adeptos cresceu repentinamente em proporções consideráveis. Em diversos locais, houve adesões coletivas. No verão, o partido já tinha cerca de cinquenta seções e, no início de 1923, diante do afluxo maciço das inscrições, foi necessário fechar provisoriamente o escritório de Munique. De seis mil por volta do fim de janeiro de 1922, o número dos membros ultrapassou 55 mil no mês de novembro do ano seguinte. Esse crescimento não era devido unicamente à ordem do partido, de que cada inscrito deveria recrutar três novos membros por trimestre e uma assinatura para o *Völkischer Beobachter* , era certamente também o resultado de uma segurança maior inspirada por Hitler como orador e como organizador. A fim de se dar conta das aspirações de pessoas que se sentissem

desorientadas, o Partido Nazi se esforçou por criar, no plano pessoal, laços estreitos entre seus membros. Para falar a verdade, recorreu para isso a práticas testadas pelos partidos socialistas, mas o modelo foi superado com grande vantagem. Havia o rito das conferências semanais que se tornaram obrigatórias, as excursões em comum, os concertos ou as festas do solstício de verão, os cânticos em coro, as refeições tomadas em conjunto, os braços levantados coletivamente, sem falar das manifestações de simples bonomia que se multiplicaram em locais do partido e nas casas da SA. Tudo isso correspondia, de modo inimitável, às grandes necessidades de fraternidade política e humana. E Hitler insuflou, assim, no partido, uma espécie de espírito de seita que inicialmente poderia ser comparado àquele que animava, originalmente, as comunidades dos primeiros cristãos. Entre as manifestações mais populares figuravam "as festas do Natal alemão" que tinham origem comum. Essas manifestações uniam seus integrantes no sentimento de fazerem parte dos eleitos e de se protegerem contra um mundo tenebroso e hostil. "A maior tarefa do movimento", declarou Hitler naquela época, "é dar a verdadeiras multidões que erram em busca de soluções ocasião de achar ao menos um lugar onde seu coração respire em paz." [97]

Foi um pouco por essas razões que Hitler impediu que o partido crescesse a qualquer preço. Só criou novas seções locais depois de ter achado os chefes capazes e pessoalmente convincentes. Queria que esses líderes preenchessem, nos mínimos detalhes, a carência de autoridade, ainda tão visivelmente insatisfeita entre os alemães. Em todo caso, desde aquele momento, o partido tendeu a ser mais do que uma simples organização desejosa de atingir objetivos políticos concretos. Quaisquer que fossem as obrigações do dia, o partido jamais esqueceu de dar a seus membros uma interpretação do mundo impregnada de trágica gravidade. Quis igualmente lhes inspirar um sentimento de profunda quietude, diante da existência, que, na tristeza e no isolamento da vida cotidiana, lhes fazia tanta falta. A partir daquele momento, o partido pretendeu ser, ao mesmo tempo, o lar, o centro da existência e a fonte do conhecimento, revelando assim as futuras exigências do totalitarismo.

Em menos de um ano, o Partido Nacional-Socialista se tornou, como escreveu um observador, "o mais importante fator de força do nacionalismo, na Alemanha do Sul", [98] absorveu a maioria das associações nacional-populares e arrastou-as para seu completo domínio. Os grupos da Alemanha do Norte registraram, igualmente, um afluxo crescente de adesões e se beneficiaram sobretudo com os elementos egressos dos frangalhos do Partido Socialista Alemão. Quando o ministro das Relações Exteriores, Walther

Rathenau, foi assassinado, em julho de 1922, por obra de um grupo de conjurados nacionalistas, alguns *Länder* , como a Prússia, Baden e a Turíngia, decidiram interditar o partido. Entretanto, na Baviera, onde o período dos sovietes operários não se tinha apagado da memória do povo, o partido não foi perturbado e permaneceu como ponta de lança da ação anticomunista. Até mesmo na direção da polícia municipal de Munique se achavam numerosos partidários de Hitler, entre os quais, em particular, o chefe, Pöhner, assim como seu adjunto, o delegado Frick. De comum acordo, os dois bloquearam os processos intentados contra o Partido Nazi, informaram o partido das ações que vinham contra ele e, quando certas medidas não podiam ser evitadas, cuidaram para que não surtissem o menor resultado. Frick reconheceu depois que, naquele período, o Partido poderia ter sido sufocado sem dificuldade. Mas, disse, "estendíamos nossa mão protetora sobre o Partido e sobre Herr Hitler". Este, por sua vez, reconheceu que sem a assistência de Frick "não teria jamais saído do anonimato". [99]

Hitler só se viu seriamente ameaçado uma vez, quando em 1922 o ministro do Interior bávaro, Schweyer, pensou em deportá-lo para a Áustria, como estrangeiro indesejável. A conferência dos presidentes de todos os partidos julgara que as atividades das esquadras de ação nas ruas de Munique, as algazarras, as perturbações trazidas à vida dos cidadãos e os esforços para sublevá-los estavam pouco a pouco se tornando insuportáveis. Mas Erhard Auer, chefe dos social-democratas, invocou contra essa medida "os princípios democratas e liberais". Hitler pôde continuar a difamar a república, que se tinha tornado, segundo ele, "o asilo dos oportunistas estrangeiros", e continuou também a ameaçar o governo. "Que Deus tenha pena de vós", dizia ele, "se eu me apossar do poder!" E proclamava publicamente que para os chefes do SPD-Partido Social Democrata culpados de traição só haveria "uma única pena possível: o enforcamento". A agitação organizada por ele transformou a cidade em uma espécie de núcleo antirrepublicano que era o eco dos loucos rumores relativos a *putsch* , a guerra civil e a restauração da monarquia. Quando o presidente do Reich, Friedrich Ebert, foi a Munique, no verão de 1922, receberam-no na estação ferroviária com foices e enxadas e lhe apresentaram um calção de praia vermelho; e note-se, o chanceler tinha sido prevenido por seus assessores de que devia desistir da escala em Munique na sua viagem. [100] Por outro lado, Hindenburg foi saudado com ovações e, quando as cinzas do último monarca da dinastia dos Wittelsbach foram repatriadas para Munique, toda a cidade, de luto, entregou-se a lembranças nostálgicas.

Os êxitos alcançados em Munique encorajaram Hitler a desencadear sua

primeira ação de envergadura. Por volta dos meados de outubro de 1922, as associações patrióticas organizaram em Coburg uma demonstração para a qual o convidaram juntamente com "alguns companheiros". Mas Hitler atribuiu ao convite uma interpretação provocadora que o levou a um plano de dominar e controlar a manifestação toda. Pôs-se a caminho acompanhado de cerca de oitocentos homens, engalanados por um cortejo de bandeiras e de músicos, num trem especial. Como lhe pedissem, no momento de sua chegada, para não desfilar de modo compacto, "recusou-se frontalmente a seguir tal conselho" e, de acordo com seu próprio relato, deu ordem a seus partidários para marchar, "música à frente". A presença, nos dois lados da rua, de uma multidão hostil que aumentava continuamente fazia temer um confronto maciço que haveria de figurar na primeira página dos jornais. Mas afinal não houve a temida anarquia e imediatamente após sua chegada à sala, previamente preparada para a manifestação, Hitler deu ordem a suas unidades para que voltassem pelo mesmo caminho. Só que, desta vez, teve a ideia teatral de, com o objetivo de elevar a tensão a um grau próximo do insuportável, eliminar a música e fazer desfilar suas tropas apenas ao som dos tambores surdos. A esperada batalha campal cedeu lugar a arruaças isoladas que duraram todo o dia e se prolongaram até a noite. Finalmente, os *Nazis* , nacional-socialistas, saíram nitidamente vitoriosos. Essa seria a primeira daquelas provocações contra a autoridade do estado que deveriam marcar os acontecimentos de todo o ano seguinte. Fato revelador: Coburg tornou-se uma das bases mais sólidas do Partido Nazi e aqueles que haviam participado da viagem foram honrados com uma medalha comemorativa. Quando, na semana seguinte, as reações arrogantes de seus partidários levantaram especulações baseadas em boatos sobre a iminência de um *putsch* , Schweyer convocou Hitler à sua presença e preveniu-o das consequências que poderiam advir de sua agitação desenfreada. Caso empregassem a força, ele daria à polícia ordem de atirar. Mas Hitler assegurou-lhe "por sua própria vida que jamais cogitara de um *putsch* " e a este respeito empenhou sua palavra de honra junto ao ministro. [101]

Entretanto, estava cada vez mais certo de que se achava no caminho do sucesso; as interdições, as intimações, as advertências só lhe provavam que muito havia realizado a partir do nada. Quando dava rédeas a seus sonhos, imaginava para si um papel histórico grandioso. Esses sonhos foram reforçados pela marcha vitoriosa de Mussolini sobre Roma e a tomada do poder por parte de Mustafa Kemal, na Turquia, que lhes deram ainda maior consistência. Ele seguia apaixonadamente o relato de um de seus homens de confiança, que lhe narrou como os camisas-negras, tanto por seu entusiasmo quanto por seu espírito decidido, ajudados pela passividade do exército,

haviam arrancado aos “vermelhos” uma cidade após outra, em uma epopeia triunfal. Tempos após, ainda falava do impulso inaudito que lhe havia dado “essa reviravolta da história”. Na verdade, a grande *Enciclopédia Brockhaus* , publicada em 1923, contentava-se ainda, no verbete “Hitler, Georg”, com algumas indicações pessoais sumárias. Mas essa realidade já estava superada havia muito tempo. Exatamente como no tempo de sua juventude, ele se deixava empolgar por sua imaginação transbordante e via como imagem bem próxima a bandeira com a suástica drapejando sobre o castelo de Berlim e sobre as cumeeiras campestres. Algumas vezes, em qualquer momento tranquilo, por exemplo, na hora do café, deixava seus sonhos longínquos e declarava inopinadamente que na próxima guerra “a principal tarefa seria apossar-se das regiões produtoras de cereais da Polônia e da Ucrânia”. [102]

O episódio de Coburg lhe deu maior segurança e ele começou a se libertar de influências e de modelos. “De agora em diante”, declarou, “marcharei sozinho.” Pouco tempo antes, considerava-se apenas um precursor e imaginava “que um dia algum guerreiro de armadura, talvez com as botas enlameadas, mas com a consciência limpa e o punho firme, viria pôr termo ao vozerio tolo daqueles heróis de comédia para lançar o país à ação”. Na ocasião começava a atribuir-se esse papel, de início com hesitação e apenas por vezes, mas finalmente chegou a ponto de evocar para si uma comparação com Napoleão. [103] Durante a guerra, seus superiores tinham recusado promovê-lo a sargento porque o tinham como incapaz de conquistar o respeito da tropa. Mas agora, por sua aptidão extraordinária em suscitar devoções, que depois se revelou terrível, deu prova de suas qualidades de chefe. Porque era somente por causa dele que seus partidários não se detinham diante de nada, que estavam prontos a qualquer sacrifício, mesmo a faltar à palavra de honra e até mesmo, desde o início, a cometer crimes. Foi assim que o Partido Nazi perdeu, cada vez mais, o caráter de um partido político e se assemelhou a uma espécie de comunidade de conjurados. Hitler aceitava de boa vontade que seus familiares o chamassem de *Wolf* , e uma certa Frau Bruckmann, cujo comportamento era acentuadamente masculinizado, obteve esse privilégio. Ele achava que esse nome, que quer dizer lobo, era a forma germânica primitiva de Adolf e correspondia à sua representação do mundo como uma selva; e inculcava, ademais, uma ideia de força, de agressividade, de solidão. De tempos em tempos utilizava esse nome como pseudônimo e, mais tarde, cedeu-o à irmã, que estava encarregada de dirigir sua casa. Foi essa também a origem do nome dado à cidade da Volkswagen: “Em honra, de nosso Führer, a cidade se chamará Wolfsburg”, declarou-lhe Robert Ley, pouco antes da cerimônia de inauguração. [104]

A partir dessa época, teve o maior carinho na estilização de sua imagem e em dotá-la de alguns traços legendários; sentiu muito cedo o sentimento de que sua atividade se desenrolava sob os olhos “da deusa da história”. De acordo com essa linha de conduta, suprimiu seu verdadeiro número de entrada no partido, que era 555, e atribuiu-se o número sete. Queria assim ter o mérito de ser contado entre os primeiros partidários, ao mesmo tempo que se cobria da aura de um número mágico. Simultaneamente, pôs-se a obscurecer os dados de sua vida privada. Em princípio, não convidava para a intimidade de seu lar nem mesmo os mais próximos auxiliares e se esforçava por conservá-los distantes uns dos outros. Tendo encontrado, naquela época, em Munique, um de seus amigos antigos, pediu-lhe insistentemente que não fornecesse nenhuma informação, mesmo a seus mais chegados companheiros de partido, sobre o período de sua juventude em Viena e em Munique. Outro dos combatentes da primeira hora se lembrava mais tarde, não sem emoção, que antes dessa época Hitler havia ainda dançado ocasionalmente com sua esposa. Ele aprendeu a tomar atitudes e poses estáticas, às vezes sem jeito e algumas vezes com certa rigidez. Mesmo no correr dos anos seguintes, o observador atento não deixava de desvendar a alternância constante de seu comportamento: ao domínio estudado de si próprio sucedia literalmente a inconsciência; ao porte de imperador, o enfurecimento; ao artificial, o natural. Nessa primeira fase de sua estilização, ainda não parecia capaz de fazer face a todas as implicações do papel que havia concebido, e seus elementos se ressentiam de falta de coesão. Um fascista italiano o descreveu como um “Júlio César de chapéu tirolês”. [105]

Resta, entretanto, dizer que seu sonho de juventude quase se realizou para ele: um “ganha-pão” não penoso, livre, submisso unicamente a seus próprios caprichos; era senhor de seu tempo e desfrutava, além disso, de uma dramatização da existência. Vivia de surpresas, brilho e aplausos. Em resumo: era uma vida de artista. Rodava em automóveis rápidos, era a atração dos salões, sentia-se como em casa no meio da alta sociedade, entre os nobres, os capitães de indústria, as pessoas notáveis e os sábios. Nos instantes de dúvida, pensava em aderir ao modo burguês da existência, dizia que não pedia grande coisa: “Gostaria apenas que o movimento se mantivesse e que eu continuasse a tirar minha subsistência de meus emolumentos percebidos a título de diretor do *Völkischer Beobachter* .” [106]

Mas isso era apenas conformismo passageiro. Não correspondia à essência de sua personalidade que, louca e temerária, queria sempre ter tudo. Ignorava qualquer medida, sua energia o arrastava às escolhas extremas, “tudo o incitava às soluções radicais e totais”, essa é a opinião de seus amigos de

juventude. Um dos quais o descreveu como um simples fanático “inclinado à loucura e aos excessos de uma criança mimada”. [107]

De qualquer modo, ele sabia que ao menos a fase dolorosa, durante a qual fora apenas um desconhecido, havia terminado e, fazendo um apanhado retrospectivo, seu caminho tinha realmente sido de ascensão esplendorosa. Qualquer observador imparcial que considerar objetivamente o homem do primeiro período perceberá sem dificuldade a enorme mudança. Será impossível não perceber que Hitler superou, em três anos, três decênios em que viveu à sombra. Por pouco poder-se-ia dizer que sua vida foi formada de duas partes bem distintas e disparatadas. Com audácia e sangue-frio extraordinários, emergiu de seu estado subalterno e não teve senão algumas incertezas táticas a vencer e algumas fórmulas de rotina a adquirir. O resto todo, desde então, deixava entrever nele vastas aptidões para se adaptar às circunstâncias, com uma ausência total de escrúpulos. Mas diga-se de passagem, a bem da verdade, Hitler se mostrou à altura de cada uma das situações com que se defrontou. Apreendia com um relance de olhos o espírito dos homens, os interesses, as forças, as ideias que fazia trabalhar em busca do seu objetivo: o aumento de seu poder.

Não é sem alguma razão que seus biógrafos têm procurado um episódio particular, explicativo do bloqueio tão maravilhosamente furado, atribuindo tudo a um fenômeno natural de período de incubação, outros a uma aliança não bem definida ou até mesmo a um poder demoníaco. Mas a tentação maior é dizer que, de fato, ele não era diferente do que fora anteriormente, apenas com uma pequena alteração, no sentido de que só então lhe foi facultado contato direto com grandes coletividades. Graças a esse contato direto coletivo, os elementos permanentes de sua personalidade se tinham ordenado segundo uma fórmula nova e haviam feito “do ser à parte” um demagogo convincente, do “palrador obscuro” “um homem genial”. Assim como, sem trazer nada de novo, agia como catalisador das massas, suscitando violentas acelerações e provocando crises, assim as massas o catalisavam. Elas foram sua criação; mas, ao mesmo tempo, ele foi sua criatura. Ele mesmo deu a seus ouvintes uma explicação daquele fenômeno, quando declarou em tom quase bíblico: “Eu sei que vós me deveis tudo o que chegastes a ser, mas, de minha parte, também devo dizer que vos sou devedor por tudo o que consegui e por tudo o que agora sou.” [108]

É nisso que reside a explicação da fixidez que caracteriza sua imagem desde o início. De fato, tinha o hábito de afirmar, desde os dias de Viena, que a visão do mundo que sempre existiu em sua mente não havia mudado. Os fatores tinham permanecido idênticos, só o eco suscitado pelas massas os

dotou de uma intensidade poderosa. Entretanto, seus sentimentos, suas angústias e suas obsessões não mudaram mais, assim como seu gosto artístico, suas predileções se colaram quase brutalmente nas fixações de sua infância e de sua adolescência: Tristão e tudo quanto fosse açucarado, o neoclassicismo, o ódio aos judeus, Spitzweg ou o apetite insaciável pelas tortas com creme — tudo isso sobreviveu ao tempo e, se ele já havia declarado em Viena que "era um neném de mamadeira nas questões do espírito", [109] pode-se acrescentar que, sob inúmeros aspectos, sempre permaneceu como tal. Nenhum acontecimento intelectual ou artístico, nem um livro e nem uma só ideia posteriores ao começo do século o tocaram ou o marcaram de modo expressivo. Se compararmos os desenhos e as aquarelas fielmente executadas, com a idade de vinte anos, pelo copiador de cartões-postais, com as obras do soldado da Grande Guerra ou mesmo as do chanceler, vinte anos mais tarde, tem-se a ideia, ou melhor, a impressão de súbita paralisia. Não se manifesta uma só tendência à renovação, uma experiência pessoal. Hitler permaneceu sempre aquilo que fora um dia, imóvel, e como que petrificado.

Foi só em matéria de método e de tática que se mostrou capaz de adaptar-se e aprender continuamente. A partir do verão de 1923, a nação foi como que assediada por crises e situações de desgraça. As circunstâncias pareciam dar o máximo de oportunidades àquele que não as temesse, àquele que desafiasse mais a sorte do que a própria política, àquele que prometesse não apenas remediar a situação, mas convulsioná-la radical e totalmente. "Eu vos garanto", declarou Hitler, "que o impossível sempre se realiza. O inverossímil é o que há de mais certo."

8

Desafiando o poder

Para mim e para nós, sonhos jamais foram outra coisa além de chicotadas que nos impulsionaram para a frente .

Adolf Hitler

DESEJOSO DE DAR UMA PROVA intimidatória de seu poder, Hitler convocara um congresso do partido para os últimos dias de janeiro de 1923, em Munique. Cinco mil homens das SA, provenientes de toda a Baviera, foram mobilizados a fim de desfilar diante de seu Führer, no local chamado Campo de Marte, em um subúrbio da cidade. Esses elementos deveriam servir igualmente como figurantes, na cerimônia prevista para a primeira consagração dos estandartes. Ao mesmo tempo, manifestações de massa deveriam se desenrolar em 12 salões da cidade e, para oferecer diversões populares, foram contratadas orquestras, grupos folclóricos de dança *schuhplattler* e até o humorista Weiss Ferdl. A ordem de grandeza da demonstração, assim como os boatos relativos a um *putsch* iminente do Partido, que circulavam havia duas semanas, punham em evidência a importância crescente de Hitler no campo de força político.

A medida tomada pelas autoridades bávaras em resposta ao programa provocador anunciado por Hitler foi um testemunho do dilema cada vez mais difícil que enfrentavam com relação às atividades do Partido Nazi. O crescimento rápido do partido havia feito surgir em cena, no plano político, uma formação cujo papel permanecia mal definido. Sem dúvida, ele parecia decididamente nacionalista e era uma reserva de energia útil contra a esquerda. Mas, ao mesmo tempo, não mostrava nenhum respeito às autoridades, não se ajustava às regras do jogo e violava constantemente a ordem que dizia defender. Foi para fazê-lo compreender os limites da tolerância das autoridades relativamente a seu poder arbitrário que, em julho de 1922, Hitler teve de cumprir quatro semanas de prisão dos três meses a que fora condenado, por ter desbaratado, com seus partidários, uma reunião da liga bávara e ter mandado surrar o seu chefe, o engenheiro Otto Ballerstedt. Ao sair da prisão "foi levado carregado à tribuna, no meio de aclamações infindáveis" e o jornal *Völkischer Beobachter* o designou como "o homem mais popular e mais odiado de Munique". [110] Era uma situação que

comportava riscos difíceis de calcular, mesmo para ele. O ano de 1923 foi marcado por esforços contínuos de Hitler para esclarecer a natureza de suas relações com o poder, lançando mão de uma tática que consistia em usar alternativamente o agrado e a ameaça.

As autoridades não sabiam qual a maneira mais conveniente de lidar com um homem que, apesar de sua má reputação, era tido como um espírito nacionalista, então resolveram tomar uma meia-medida: proibiram a consagração de estandartes ao ar livre e mais ou menos a metade das reuniões de massa anunciadas por Hitler, como também uma manifestação dos social-democratas prevista para o dia seguinte. Seja como for, Eduardo Nortz, que havia sucedido a Ernst Pöhner no cargo de chefe de polícia, não era, como o antecessor, um simpatizante do movimento nacional-socialista, e permaneceu firme quando Hitler lhe pediu para levantar a interdição. Hitler fez-lhe ver que esse golpe atingiria duramente o movimento, mas, ao mesmo tempo, seria nefasto para a pátria. Com palavras breves, Nortz, um funcionário calmo e encanecido, invocou a autoridade do estado, à qual os patriotas também deveriam sujeitar-se. Também não se perturbou quando Hitler explodiu e se pôs a gritar que faria desfilar seus partidários das SA quaisquer que fossem as consequências, acrescentando que não tinha medo da polícia, marcharia à frente do cortejo e até se deixaria matar. Mas, para piorar as coisas, um conselho dos ministros, convocado às pressas, decretou estado de exceção e interditou todas as manifestações do congresso do partido. Parecia ter chegado o momento de lembrar as regras do jogo ao chefe dos nacional-socialistas.

Hitler ficou desesperado e, durante alguns instantes, seu próprio futuro político esteve em jogo. Em sua maneira de pensar, as regras do jogo impediam que o poder reagisse porque as exigências dos nacional-socialistas eram apenas a expressão mais lógica e mais radical das próprias aspirações do estado. Só com a intervenção do Reichswehr, que, desde a época de Drexler, havia sempre apoiado o partido, uma solução pareceu delinear-se: com a intervenção de Ernst Röhm e de Ritter von Epp, o general von Lossow, comandante em chefe do Reichswehr na Baviera, concordou em receber Hitler. Nervoso e pouco seguro de si, o Führer do Partido se mostrou aberto a todas as concessões, chegando a assegurar que, imediatamente depois do congresso do partido, ele “se apresentaria de novo a Sua Excelência” e, então, Lossow, que ficara chocado com o comportamento excêntrico de seu interlocutor, informou finalmente ao governo que “no interesse da defesa do país, lamentaria uma alienação das associações nacionalistas”. De fato, a interdição foi levantada, mas, para não ficar desmoralizado, Nortz solicitou ao

chefe do Partido, em uma segunda conversa, que limitasse o número das reuniões a apenas seis e que não consagrasse os estandartes no Campo de Marte, mas no interior do circo Krone, localizado nas proximidades. Vendo que havia ganho a partida, Hitler deu uma resposta ambígua. Depois de tudo isso, Hitler ainda promoveu as 12 reuniões do partido, todas impregnadas da ideia contida no lema: “Alemanha, acorda!” e, sob a neve que caía em grandes flocos, ele consagrou, acompanhado de grande cerimonial, diante de cinco mil membros das SA, reunidos no Campo de Marte, os estandartes que ele mesmo havia criado. “Bem”, exclamou Hitler dirigindo-se a seus partidários, “ou o Partido Nazi é realmente o futuro da Alemanha, e então nem o diabo vai detê-lo, ou não é, e então merece ser aniquilado.” As exuberantes fileiras das SA passaram diante dos painéis e editais que proclamavam o estado de exceção, e sempre acompanhados de bandas desfilaram pelas ruas, entoando seus cânticos contra a república dos judeus. Ao chegar à Schwanthalerstrasse, Hitler uniu-se ao cortejo, composto quase que só de unidades uniformizadas.

Ele conseguira sobre o poder então reinante um triunfo expressivo que, ao mesmo tempo, lhe assegurava uma nova base de apoio no desenrolar dos conflitos que se produziram nos meses seguintes. Numerosos foram aqueles que viram nesse acontecimento uma prova convincente de que Hitler tinha não só o dom de uma retórica eficiente, mas ainda grande habilidade política e nervos bem mais fortes do que os adversários. Os sorrisos de deboche que seu fervor frenético havia suscitado durante tanto tempo cederam lugar a fisionomias impressionadas; aos exaltados e ingênuos, que tinham sido a marca registrada do partido até então, vieram juntar-se homens dotados de uma percepção mais profunda do futuro. De fevereiro a novembro de 1923, o Partido Nazi registrou ao todo 35 mil novas adesões, enquanto o efetivo das SA atingiu cerca de 15 mil homens e a fortuna do partido se elevava, então, a 173 mil marcos-ouro. [111] Ao mesmo tempo, foi montada em toda a Baviera uma rede de propaganda e de organização mais densa. Por seu lado, o *Völkischer Beobachter* passou a circular diariamente a partir de 8 de fevereiro. Esgotado e enfraquecido pela doença, Dietrich Eckart figurou ainda alguns meses como seu editor, mas, desde o começo de março, a direção do jornal passou às mãos de Alfred Rosenberg.

A fraqueza, cheia de consequências, que Hitler havia encontrado nas autoridades militares e civis devia-se essencialmente à crise que, naquele momento, abalava o país até os alicerces. Na primeira quinzena de janeiro, não tendo conseguido superar o nervosismo que lhe inspirava o vizinho alemão, a França invocou um parágrafo do Tratado de Versalhes e ocupou a

bacia do Ruhr, acarretando assim a ruptura do equilíbrio precário da economia do Reich. Já as perturbações do primeiro período do após-guerra, os encargos esmagadores das indenizações de guerra, a evasão generalizada de capitais e sobretudo a falta de reservas de qualquer natureza haviam agravado sensivelmente as dificuldades de um soerguimento daquele esgotamento causado pela guerra. Além de tudo isso, a confiança já reduzida que a opinião estrangeira tinha na estabilidade da situação alemã se achava comprometida pela agitação à qual se entregavam, à direita e à esquerda, os partidos extremistas. E foi bastante sintomático que o marco tivesse sofrido sua primeira grande queda quando o ministro do Exterior, Walther Rathenau, foi assassinado, em junho de 1922. Mas foi só depois da impressão desfavorável causada pela iniciativa francesa que a inflação se acelerou em proporções catastróficas. Revestindo por vezes aspectos grotescos, a depreciação da moeda destruiu em quase todos qualquer motivo para sustentar a ordem existente e fez com que todos perdessem a fé numa existência segura. Habituou-os a viver na “atmosfera do impossível”. [112] Era o desmoronamento de todo um mundo, de suas noções, de suas normas e de sua moral. Suas repercussões foram incalculáveis.

A essa altura, a opinião pública se preocupava sobretudo com o esforço para salvar a integridade nacional, e o papel-moeda, que por fim chegou a ter seu valor calculado pelo peso, representava apenas um episódio daqueles acontecimentos que mais pareciam um pesadelo. Em 11 de janeiro de 1923, o governo recomendou a resistência passiva e, pouco a pouco, que seus funcionários não cumprissem as ordens das autoridades de ocupação. As tropas francesas que penetravam na bacia do Ruhr foram acolhidas sob uma atmosfera glacial por imensos ajuntamentos populares que cantavam a*Wacht am Rhein* [Em guarda no Reno]. Os franceses responderam a essa provocação com um catálogo de humilhações escolhidas cuidadosamente; uma justiça de ocupação draconiana impôs arbitrariamente pesados castigos e numerosos choques fizeram crescer a indignação de ambas as partes. No fim de março, regimentos franceses armados com metralhadoras atiraram sobre uma manifestação de operários organizada no terreno das fábricas Krupp em Essen. Houve 13 mortos e mais de trinta feridos. Quase meio milhão de pessoas compareceu às exéquias daqueles mortos, enquanto um conselho de guerra francês condenava o presidente da empresa e oito de seus principais empregados a penas entre 15 e vinte anos de prisão.

Esses acontecimentos suscitaram um sentimento de união que não se via desde os dias de agosto de 1914. Mas, debaixo da máscara da concórdia nacional, as diferentes forças procuraram tirar cada uma seu proveito. Os

Freikorps proibidos aproveitaram a hora para emergir da ilegalidade e fazer crescer por uma intervenção ativa a resistência passiva decretada pelo governo do Reich. Por seu lado, a esquerda revolucionária tentava reconquistar as posições que havia perdido na Saxônia e no centro da Alemanha, enquanto a direita consolidava a sua cidadela bávara. Em ambas as extremidades da fronteira do *Land* , as centúrias proletárias e as unidades do Freikorps Ehrhardt se defrontavam, prestes a abrir fogo. [113] Revoltas provocadas pela fome explodiram em vários conglomerados urbanos. Durante esse tempo, no oeste, os franceses e os belgas se aproveitaram da situação para encorajar um movimento separatista, sob qualquer ângulo destituído de fundamento, tanto que não teve longa duração. Fundada quatro anos antes, em circunstâncias hostis, a república, depois de tentar se firmar a duras penas, estava diante, pelo menos assim o parecia, do desmoronamento.

Hitler deu então uma prova da segurança de que se achava possuído, fazendo um gesto ao mesmo tempo provocante e ousado: separou-se da Frente de Unidade Nacional e anunciou a seus correligionários estupefatos que excluiria do partido qualquer um que participasse ativamente da resistência contra a França. Em alguns casos particulares, executou essa ameaça. Rejeitou todas as objeções: "Se não compreendestes ainda que esta inepta reconciliação entre os partidos significa nossa morte", exclamava, "então não há mais nada que eu possa fazer para vos ajudar!" [114] Na verdade, examinara os problemas levantados por sua decisão, mas a consciência particular de seu próprio papel assim como diversas considerações táticas lhe ordenavam o não alinhamento de seu movimento com numerosos outros partidos, ao lado dos burgueses, dos marxistas e dos judeus. E Hitler temia, sobretudo, desaparecer no anonimato de uma grande resistência nacional. Finalmente, se por um lado tinha medo de que o combate engajado pela bacia do Ruhr consolidasse o apoio dado pelo povo ao governo, esperava ao mesmo tempo aproveitar-se para seus fins de subversão a longo prazo da obstrução para a qual trabalhava. "Enquanto uma nação não se desfaz dos assassinos dentro de suas fronteiras", escrevia ele no *Völkischer Beobachter* , "não se pode pensar em vitórias no exterior. Enquanto protestamos por palavras e por escrito contra a França, o verdadeiro inimigo mortal do povo alemão está à espreita dentro de seus próprios muros." Com uma lógica notável, a despeito de todas as inimizades e até mesmo contra a autoridade imponente de Ludendorff, manteve a tese segundo a qual era preciso primeiro ajustar contas com o inimigo interno. Quando, em conversa com Hitler, no início de março, o general von Seeckt, o chefe do Estado-Maior do Exército, quis saber se, na hipótese de uma passagem à resistência ativa, ele reuniria seus partidários ao Reichswehr, Hitler respondeu categoricamente que, antes disso, o governo

deveria ser derrubado. Quinze dias mais tarde declarava também a um enviado do chanceler Wilhelm Cuno que seria preciso antes de mais nada liquidar o inimigo interno: “Não devemos dizer *Abaixo a França* , mas abaixo os traidores da pátria, abaixo os criminosos de novembro!” [115]

O comportamento de Hitler foi sempre interpretado como prova de uma ausência total de escrúpulos. Entretanto, a firmeza como se expôs à impopularidade indica claramente que seus princípios não lhe deixavam outra escolha e ele viu também nesse comportamento uma das decisões capitais de sua carreira. Seus partidários e os fornecedores de fundos para sua ascensão política, as pessoas influentes e os porta-vozes dos conservadores sempre o consideraram um dos seus, o “líder nacional que buscavam”. Ora, a primeira decisão política acima e além do quadro local tomada por Hitler revelou todas as falsas fraternidades que iam de Kahr a Papen. Essa decisão provou, sem nenhum equívoco, que, constrangido a escolher, ele agiria como verdadeiro revolucionário. Sem disfarces, deu mais importância à convulsão interna do que aos problemas nacionais. De fato, mesmo nos anos seguintes jamais reagiu de modo diferente, e em 1930 asseverou ainda que, na hipótese de uma invasão da Prússia Oriental e da Silésia pelos poloneses, renunciaria temporariamente à luta, preferindo essa posição a participar de um combate defensivo ao lado do governo existente. [116] Claro que também assegurou que se desprezaria a si mesmo se “no momento do conflito não se mostrasse, antes de mais nada, alemão”; mas de fato, contrariamente à indignação que manifestava, permaneceu frio e lógico e não aceitou que suas próprias tiradas patrióticas lhe ditassem a tática. Passando ao ataque, ridicularizou a resistência passiva, que significava ficar de braços cruzados ante o inimigo, assim como as teses de quem pretendia constranger a França a se ajoelhar utilizando atos de sabotagem. “Que seria hoje a França”, exclamou ele, “se não houvesse internacionalistas na Alemanha, mas apenas nacional-socialistas! Mesmo que só tivéssemos os punhos, sessenta milhões de homens unidos pela vontade fanática de reagir, em termos nacionais, fariam com que armas surgidas do nada viessem enfeitar os seus punhos.” [117] Hitler estava nesta frase por inteiro: uma reflexão nacional no início, ampliada depois por uma monstruosa invocação da vontade e, como pano de fundo, uma visão exaltadora.

Não há dúvida de que Hitler estivesse animado da mesma vontade de se defender que animava as outras forças e partidos. Além das razões mencionadas acima, sua recusa visava menos à própria resistência do que à resistência passiva ou a semirresistência. Por detrás dessa atitude, havia a convicção de que uma política externa não poderia ser conduzida com lógica

e êxito a não ser que tivesse o sustentáculo de uma nação homogênea, unida por um espírito revolucionário. Era, de algum modo, por uma reviravolta de toda a tradição política dos alemães, a afirmação da primazia da política interna que havia indicado pela primeira vez em sua carta enviada do front em fevereiro de 1915, e que permaneceu o princípio de sua tática até a tomada definitiva do poder. Quando a resistência passiva começou a fracassar, Hitler, inclinado a uma visão melodramática das coisas, entreviu uma próxima derrocada da Alemanha e a separação da bacia do Ruhr. Em discurso apaixonado, delineou, como um recado direto ao governo, a descrição da verdadeira resistência, revelando assim, de antemão, a visão que sempre esteve na origem da operação *Verbrannte Erde* [Terra arrasada] em março de 1945:

> Qual é a importância de que, na catástrofe de nossa época, fábricas sejam aniquiladas? Os altos-fornos podem explodir, as minas de carvão podem ser inundadas, as casas reduzidas a cinzas, contanto que sobreviva um povo forte, inabalável, decidido a tudo! Porque quando o povo alemão se levantar, todo o resto do mundo também se levantará. Mas se tudo isso subsistir e o povo estiver aniquilado por sua podridão interior, as chaminés das fábricas, os estabelecimentos industriais e as inúmeras casas nada mais serão do que pedras tumulares sobre esse povo! O Ruhr e sua bacia seriam a Moscou alemã! Deveremos mostrar que o povo alemão de 1923 não é mais o mesmo povo de 1918 (…) O povo da desonra e da vergonha tornou-se o povo dos heróis. Por trás da bacia do rio Ruhr, em fogo, semelhante povo deveria ter organizado sua resistência de vida ou morte. Se tivéssemos agido assim, a França só teria prosseguido sua marcha com hesitação (…) Altos-fornos e pontes teriam explodido e desmoronado por completo! A Alemanha teria acordado! O exército francês não teria avançado para os horrores do pânico de um fim de mundo sem igual. Por Deus, teríamos hoje outra fisionomia! [118]

Há um fato que poucos contemporâneos compreenderam e sobre o qual tiveram pouco esclarecimento: a decisão de Hitler de não participar no combate pela bacia do Ruhr. Há boatos incessantes em circulação segundo os quais o Partido Nazi teria financiado com ajuda de fundos franceses sua organização, sua propaganda, os uniformes e o equipamento do combate. Jamais foram apresentadas provas convincentes disso, assim como só parcialmente se sabe que interesses políticos e econômicos teriam tentado influenciar o novo partido. Entretanto, as despesas consideráveis feitas pelo Partido, sobretudo depois que Hitler assumiu sua direção, não tinham explicação, se considerarmos o número de seus membros. Por isso sempre foram feitos esforços para se descobrir quais eram os ricos financiadores do partido. Naturalmente o historiador não se pode satisfazer a esse respeito com a tese de uma aliança demoníaca defendida pela esquerda que, na amargura sempre viva da derrota, pretendeu explicar "o nacional-socialismo anti-histórico pela maquinação sombria dos monopólios capitalistas". Os próprios nacional-socialistas contribuíram para o nascimento de hipóteses temerárias, mediante o segredo histérico com que cobriram a questão de seu

financiamento. Os arquivos dos numerosos processos de difamação que se desenrolaram na época de Weimar, por ocasião das acusações sempre renovadas, sumiram ou foram destruídos depois de 1933, e, desde o início do Partido, era regra geral não conservar documentos concernentes a doações materiais. O registro conservado na sede comercial contém, raramente, uma indicação particular e sempre com a menção: “Assunto tratado pessoalmente por Drexler.” Em outubro de 1920, Hitler proibiu aos espectadores de uma manifestação organizada no Munchener Kindlkeller que tomassem nota dos detalhes de uma transação que ele mesmo lhes havia comunicado. [119]

Não há dúvida de que os recursos financeiros do partido eram fornecidos essencialmente pelas cotizações dos membros, pelos pequenos óbolos voluntariamente oferecidos pelos partidários e pelos ingressos cobrados nas reuniões em que Hitler falava, ou através das coletas organizadas pelos participantes de uma manifestação qualquer, que rendiam frequentemente vários milhares de marcos. Alguns dos primeiros membros inscritos quase se arruinaram para favorecer o partido. Foi o caso, por exemplo, de Oskar Körner, proprietário de uma pequena loja de brinquedos que foi morto no 9 de novembro, diante da Feldherrnhalle. Alguns comerciantes contribuíam sob a forma de descontos, outros contribuíam com joias ou objetos de arte. As mulheres que eram dominadas por uma exaltação sentimental extraordinária ao contemplarem Hitler no tumulto das manifestações noturnas legavam, por testamento, todas as suas posses ao Partido Nazi. Amigos ricos, como os Bechsteins, os Bruckmanns ou Ernst *Putzi* Hanfstaengl, faziam contribuições às vezes elevadas. O partido achava também meios de levar seus membros a fazer subvenções, além das suas cotizações regulares, entregando-lhes notas promissórias sem juros que deveriam ser adquiridas e postas em circulação pelos simpatizantes. Segundo uma pesquisa feita pela polícia, mais de 40 mil promissórias de dez marcos cada uma foram emitidas só no primeiro semestre de 1921. [120]

Nos primeiros anos de sua existência, o partido sofreu uma constante penúria de dinheiro e, nos meados de 1921, não era capaz de ter seu próprio caixa. Além disso, não dispunha sequer de um quadro para afixação de editais, segundo seus primeiros membros, não tinha o dinheiro para a compra da cola para isso, e, no outono de 1921, Hitler renunciou, por falta de recursos financeiros, à organização, no circo Krone, das grandes manifestações que havia projetado. A indigência material só se atenuou a partir do verão de 1922, quando, graças a sua atividade febril, o partido começou cada vez mais a polarizar as atenções. A partir de então estabeleceu contatos que iriam proporcionar-lhe uma rede de doadores e avalistas de fundos que se estenderia

para além das fronteiras nacionais. Não era propriamente aos membros do partido que a ameaça de uma revolução comunista amedrontava, mas sim aos representantes da burguesia, da boa sociedade. Para assegurar sua própria defesa, sustentavam e apoiavam todas as forças dispostas a resistir, dos Freikorps a organizações de combate militantes da direita apoiadas por publicações sectárias, ou ajudavam o jornalismo de escândalo que proliferava, influenciado pelo espírito de protesto. Naturalmente, buscavam menos o êxito de Hitler e suas ideias do que utilizar contra a revolução as forças que se mostravam mais enérgicas.

Hitler foi posto em contato com os ambientes mais ricos e influentes da sociedade bávara graças a Dietrich Eckart e sobretudo a Max Erwin von Scheubner-Richter, mas, sem sombra de dúvida, também pela mão de Ludendorff, que por sua vez recebia dos representantes da indústria e da grande propriedade fundiária meios substanciais que repartia ao bel-prazer entre as organizações de combate nacionalistas-racistas. E, enquanto Ernst Röhm mobilizava as verbas, as armas e os equipamentos do Reichswehr, um amigo de Dietrich Eckart, o dr. Emil Gansser, estabelecia contato com as personalidades importantes da economia estranhas à Baviera, que se reuniam no Clube Nacional, e perante as quais Hitler teve a possibilidade de expor, pela primeira vez, suas intenções em 1922. Entre os capitalistas mais conhecidos figuravam o fabricante de locomotivas Borsig, Fritz Thyssen, das Siderúrgicas Reunidas, o Conselheiro Kirdorf, as indústrias Daimler e a federação dos industriais bávaros. Mas os meios financeiros tchecoslovacos, escandinavos e sobretudo suíços serviram também de grande sustento material ao Partido, cujos êxitos eram tão espalhafatosos. No outono de 1923, Hitler foi a Zurique e, segundo um depoimento oficial, voltou de lá com um baú de viagem cheio de francos suíços e dólares. [121] Kurt W. Luedecke, um homem misterioso com a cabeça cheia de múltiplas ideias, arranjou junto a fontes visivelmente estrangeiras, não identificadas até hoje, meios consideráveis e financiou, entre outras, sua "própria" seção SA, composta de mais de cinquenta milicianos. Subvenções vinham igualmente da Hungria, assim como dos meios da emigração russa e germano-báltica — durante a inflação, alguns funcionários do partido foram remunerados com divisas estrangeiras. Entre esses figuravam o sargento das SA Julius Schreck, que depois foi motorista de Hitler, o capitão-tenente Alfred Hoffmann, naquela época chefe do estado-maior das SA. Consta até que um bordel, dirigido em Berlim na Tauentzienstrasse por um antigo oficial, seguindo as sugestões de Scheubner-Richter, estava a serviço da causa nacional e despejava suas receitas na central do partido em Munique. [122]

Esses apoios prestados ao partido diferiam tanto por seus motivos quanto por suas origens. Indubitavelmente, pode-se dizer que sem eles os espetaculares sucessos de Hitler teriam sido impossíveis, mas, por outro lado, subsiste como verdade que Hitler, provando pela primeira vez, depois de anos de isolamento e ostracismo, o sentimento embriagador da própria invencibilidade, como demagogo em plena ascensão, não assumiu compromissos formais em troca dessas subvenções. Naquela época, o espírito ciumento da esquerda jamais levou a sério a tendência anticapitalista do nacional-socialismo exatamente porque permanecia obscura e não parecia ter motivações racionais. É certo que os protestos do nacional-socialismo contra os usurários, os especuladores e os grandes comerciantes não ultrapassaram jamais as perspectivas dos porteiros e donos de botequins. Entretanto, a falta de constância e clareza contribuiu para a credibilidade de sua indignação, ainda que ele se limitasse a pôr em questão a moral da classe proprietária e não seus fundamentos materiais. Um dos primeiros oradores do partido exprimiu bem sua irracionalidade, que encontrava eco nas massas, exclamando diante de uma multidão inquieta e desesperada: “Tende paciência só mais um pouco! Mas quando vos convocarmos, então cuidai bem de vossas caixinhas de economias que é aí que nós proletários jogamos nossas economias, mas tomai de assalto os grandes bancos, despojai-os de todo o dinheiro que lá estiver armazenado, lançai-o na rua e acendei uma grande fogueira. Não vos esquecendo de enforcar ao clarão de seus revérberos os judeus de qualquer linhagem!”

Apesar de todas as subvenções capitalistas recebidas, Hitler mobilizou massas consideráveis recorrendo aos mesmos exageros, inspirados, como elas, pelo instinto. Diante do sombrio pano de fundo da inflação e da miséria popular, ele se entregou a grandes questões contra a mentira do capitalismo. No seu depoimento junto à polícia de Munique, pouco depois da tentativa de *putsch* de novembro de 1923, o dirigente do Partido, Max Amann, pretendeu tornar evidente que Hitler se tinha limitado a elaborar o programa do partido “a título de receita em função dos auxílios pecuniários investidos pelos capitalistas”. [123] Apesar de todas as dúvidas que subsistem, pode-se admitir que, no conjunto, não foi possível obter dele a não ser concessões táticas. Do mesmo modo, haveria erro grosseiro em atribuir-lhe traços de corrupção. Semelhante retrato subestima sua obstinação, seu orgulho e o poder de seu delírio.

A prova de força que, em janeiro, conseguiram contra o poder constituído levou os nacional-socialistas a constituir-se em ponta de lança dos grupos de

extrema direita. Na Baviera e em numerosas reuniões, demonstrações e desfiles mostravam-nos mais barulhentos e mais certos de seu futuro do que nunca. Só havia boatos de *putsch* e projetos de sublevações, acompanhados pela opinião, sustentada propositalmente pelo Führer do Partido Nazi, de que haveria em breve uma mudança geral em toda a situação. Como dizia Hitler, não deveria ser "um *putsch* decidido levianamente", mas um "ajuste de contas absolutamente inaudito". Partindo dessa afirmação, intensificou sua propaganda e tirou as conclusões das experiências das últimas semanas. Essas experiências lhe ensinaram que as decisões provocadoras e inesperadas recebiam o apoio de seus partidários quando eram apresentadas sob a chancela da infalibilidade do Führer. Dizia-se então que Hitler encarnava esplendorosamente aos olhos de todos a imagem de todo o movimento. Ele é de agora em diante "o Führer da nova Alemanha racista, chamado pelo destino" e "nós o seguiremos aonde quer que vá". Essa veneração pelo Führer, que tomava a forma de um culto, atingiu o ponto culminante na segunda quinzena de abril, por ocasião do aniversário de Hitler, quando Alfred Rosenberg publicou no *Völkischer Beobachter* uma homenagem que celebrava "a tonalidade mística" do nome Hitler. Todos os chefes do Partido Nazi, os representantes das associações nacionais assim como nove mil membros do Partido se reuniram no circo Krone para festejá-lo; uma coleta foi organizada em seu nome para financiar a luta e Hermann Esser saudou nele "o homem ante o qual a noite começa a se dissipar". [124]

Em parte para estar à altura da hora decisiva que visivelmente se aproximava, o Partido, por iniciativa de Röhm, havia concluído desde o mês de fevereiro uma aliança com algumas das organizações nacionalistas militantes: a Reichsflagge, dirigida pelo capitão Heiss, a Liga Oberland, o Vaterlandische Verem Munchen e o Kampfverband Niederbayern. Um comitê comum foi constituído sob o nome de Federação dos Trabalhadores das Organizações da Luta Patriótica e a direção militar da federação foi confiada ao tenente-coronel Hermann Kriebel.

Na verdade havia-se criado assim uma contrapartida da organização existente que lisonjeava os grupos nacionalistas, os Vereinigten Vaterlandischen Verbande Bayerns (VVV), Organizações Unidas da Baviera, que reuniam, sob a direção do ex-ministro-presidente von Kahr e do professor de colégio Bauer as mais diferentes tendências, sob as cores azul e branca, pangermanistas e monarquistas e até mesmo aqui e ali alguns racistas. Do outro lado, o Kampfbund, de Kriebel, de cores negra, branca e vermelha, era mais militante, mais revolucionário, "mais fascista" e seu desejo de golpe de estado tirava um encorajamento no exemplo de Mussolini ou de Kemal

Ataturk. Mas, quando em 1º de maio, com a impaciência do jogador bafejado pela sorte, Hitler tentou outra queda de braço com o poder estatal, constatou a que ponto era problemático esse confronto de forças que, ao mesmo tempo, o privara de seu poder de comando até então ilimitado.

Já diante da lentidão de espírito de seus partidários militares, ele havia sido forçado a renunciar ao desejo de dotar o Kampfbund de um programa, e durante a primavera havia sido constrangido a notar que Kriebel, Röhm e o Reichswehr desviavam dele os SA, que havia criado a fim de ter constantemente à sua disposição uma tropa revolucionária devotada à sua pessoa. Perseguindo sempre o objetivo de dotar o exército de cem mil homens com uma reserva secreta, eles arrastavam os estandartes (era assim que se chamavam essas unidades com efetivo de regimento) a executar manobras noturnas ou desfiles. Nessas ocasiões, Hitler poderia se apresentar como civil, eventualmente pronunciar uma alocução, mas exercia o comando com muita dificuldade. Notou que as tropas de assalto lhe estavam sendo alienadas e que de vanguarda ideológica tinham passado ao papel de unidades militares auxiliares, o que lhe causou grande descontentamento. A fim de recuperar o poder exclusivo de comando, encarregou, alguns meses mais tarde, um de seus companheiros da primeira hora, o antigo tenente Josef Berchtold, de pôr em alerta uma espécie de guarda de estado-maior que recebeu o nome de *Stosstrupp Hitler* [Tropa de Choque Hitler] e que foi o núcleo originário da SS.

No fim de abril, durante uma conferência, Hitler e o Kampfbund decidiram considerar como uma provocação a manifestação anual dos partidos de esquerda, marcada para 1º de maio, e decidiram também impedi-la de qualquer maneira. Ao mesmo tempo, pretenderam organizar por sua conta uma manifestação de massa a fim de celebrar o quarto aniversário do fim do regime dos sovietes operários. Indeciso, o governo de von Knilling, que nenhuma lição tirara da derrota de janeiro, satisfez à metade do ultimato apresentado pelo Kampfbund, e autorizou a esquerda a manifestar-se unicamente na Theresienwiese e lhe proibiu os desfiles de rua. Nesse momento, Hitler teve um acesso de cólera, como havia feito antes. Da mesma forma que em janeiro, tentou opor o poder militar contra as autoridades civis. Enquanto em 30 de abril, em uma situação extremamente tensa, Kriebel, Bauer e o chefe recém-promovido das SA, Hermann Göring, faziam representações junto à sede do governo e exigiam a promulgação do estado de exceção contra a esquerda, Hitler, acompanhado de Röhm, recorria de novo ao general von Lossow. Pediu-lhe não só uma intervenção do Reichswehr, mas, de acordo com seu pacto de ordem geral, a entrega às associações

patrióticas das armas guardadas nos arsenais do exército. Para estupefação de Hitler, o general recusou secamente uma e outra exigência. Declarou que conhecia seus deveres para com o estado, demonstrando energia, e que mandaria atirar sobre quaisquer grupos de arruaceiros. O coronel Seisser, chefe da polícia estadual da Baviera, se exprimiu do mesmo modo.

Por sua própria culpa, Hitler se achou de novo em um impasse e parecia que não lhe restava outra alternativa senão abandonar vergonhosamente o projeto, anunciado com tanto barulho, de impedir a celebração da festa programada para o dia 1º de maio. Mas, com um gesto que lhe era absolutamente peculiar, recusou confessar-se vencido e aumentou brutalmente a investida. Já durante sua entrevista com Lossow, proferira obscuras ameaças, dando a entender que as "demonstrações vermelhas" não poderiam se realizar a não ser que os manifestantes "passassem sobre seu cadáver". Naquele momento, apesar de sua emoção tumultuada e de sua atitude cabotina, mostrou-se, como faria mais tarde, intensa e obstinadamente resolvido a não bater em retirada, como se desejasse confrontar a própria existência com o dilema categórico do "tudo ou nada".

Diante desse quadro, mandou apressar as disposições preliminares: armas e munições foram estocadas, veículos foram preparados e, finalmente, fez uma finta imprevista em cima do Reichswehr. Apesar da proibição de Lossow, ele deu ordem a Röhm para que se dirigisse com um punhado de milicianos para as casernas e, sob o pretexto de que o governo temia para o dia 1º de maio desordens de parte da esquerda, lá pegasse sobretudo fuzis e metralhadoras. Diante dos preparativos de *putsch* tão visíveis, alguns de seus partidários na aliança levantaram objeções, mas, àquela altura, os acontecimentos haviam ultrapassado os atores: com uma ordem de alerta, os hitleristas já chegavam de Nuremberg, de Ausburgo e de Freising, muitos deles armados; um grupo proveniente de Bad Toelz rebocava em seu caminhão um velho canhão de campanha; a unidade de Landshut, comandada por Gregor Strasser e Heinrich Himmler, dispunha de algumas metralhadoras leves. Todos estavam animados para uma sublevação revolucionária há tanto tempo desejada e que Hitler lhes havia prometido centenas de vezes: "o resgate da vergonha de novembro", segundo a sombria e provocante expressão popular. Quando o chefe de polícia, Nortz, admoestou a Kriebel, este lhe respondeu: "Não posso mais recuar, é muito tarde… Pouco importa se correr sangue." [125]

Desde antes da aurora, as associações patrióticas se agruparam no Oberwiesenfeld, no Maximilianeum e em alguns pontos focais da cidade a fim de se opor ao suposto *putsch* socialista ameaçador e iminente. Pouco depois, chegou Hitler e percorreu o terreno que se assemelhava a um

acampamento militar. A fim de sublinhar o aspecto dramático da cena, usava na cabeça um capacete de aço e ostentava a Cruz-de-Ferro de 1ª classe. Estava acompanhado, entre outros, de Göring, Streicher, Rudolf Hess, Gregor Strasser, assim como do chefe de Freikorps Gerhard Rossbach, que comandava a SA de Munique. E enquanto a tropa de choque, na expectativa de ordens, começava a fazer manobras, os chefes deliberavam. Perplexos, divididos, perguntavam-se com um nervosismo crescente o que era necessário fazer, uma vez que Röhm não dera o sinal convencionado.

Enquanto isso, os sindicatos e os partidos de esquerda celebravam a festa do dia 1º de maio, na Theresienwiese, utilizando o vocabulário meio revolucionário tradicional, mas com disposições gerais harmoniosas que testemunhavam seu senso cívico. Como a polícia bloqueara as vias de acesso à Theresienwiese em um vasto perímetro, os choques esperados não se verificaram. O próprio Röhm se achava, naquele momento, em posição de sentido diante de seu chefe, o general von Lossow, que já havia sido informado da operação iniciada nos quartéis. Colérico, exigia a restituição das armas desviadas. Pouco depois do meio-dia, escoltado por destacamentos armados do Reichswehr e da polícia, o capitão chegou a Oberwiesenfeld e transmitiu a ordem de Lossow. Strasser e Kriebel preconizavam o confronto armado, porque na eventualidade de um conflito com a esquerda que se assemelhasse a uma guerra civil, o Reichswehr, diziam eles, seria finalmente obrigado a tomar partido em favor deles. Hitler entretanto abandonou o jogo. É certo que conseguiu evitar a devolução imediata humilhante das armas, porque os próprios SA as levaram de volta para os quartéis. Mas a derrota era inegável e as explosões do discurso que pronunciou, naquela noite, diante de seus partidários, no circo Krone regurgitante, não conseguiram apagá-la.

Numerosas indicações levam a crer que ele atravessou, naquele momento, a primeira crise pessoal de seus anos de ascensão. De fato, há uma certa justificativa em atribuir o fiasco do dia 1º de maio a seus aliados, em particular à posição das associações nacionais. Mas deve-se dizer que o comportamento de seus partidários havia igualmente mostrado fraquezas e erros que lhe eram próprios. Entretanto, Hitler havia sobretudo seguido uma falsa análise da situação. Uma reação imprevista e a violência de seu temperamento o tinham levado a uma completa inversão do front. Por falta de sua parte, aquele Reichswehr ao qual devia seu poder não estava mais lado a lado com ele, mas agora contra ele e ameaçador.

Esse foi o primeiro revés sensível que experimentou depois de sua tumultuada ascensão e, durante algumas semanas, presa de dúvidas sobre si mesmo, retirou-se para Berchtesgaden, para a casa de Dietrich Eckart. Só ia a

Munique ocasionalmente discursar ou se distrair. Se, até então, seu comportamento tinha sido determinado sobretudo pelo desejo instintivo de se apoiar sobre uma realidade, elaborou, sem dúvida sob a impressão daquele dia de maio, os dados complementares de um sistema tático resoluto. Eram esses os primeiros elementos daquela concepção "fascista" da revolução que não explode por um conflito com o poder do estado, mas de acordo com ele. Essa forma de insurreição foi muito bem descrita como "a revolução com a autorização do Senhor Presidente". [126] Ele pôs por escrito algumas de suas reflexões, posteriormente inseridas no *Mein Kampf* .

A reação crítica da opinião pública foi ainda mais duvidosa. Em numerosos discursos destinados a inflamar seus partidários, Hitler havia incessantemente exaltado a ação, a vontade, a ideia do chefe. Oito dias antes da façanha do 1º de maio, lamentou pela nação que necessitava de heróis mas infelizmente só tinha palradores, e exaltou uma fé entusiasta na ação, à qual não correspondia, certamente, a comédia das hesitações e da perplexidade que se verificaram na Oberwiesenfeld. "Admite-se de maneira geral que Hitler e seus partidários se tornaram ridículos", diz um relato sobre esses acontecimentos. Até mesmo a pretensa conspiração para assassinar "o grande Adolf", como escreveu ironicamente o jornal *Munchener Post* , não contribuiu, de modo algum, para ressuscitar sua popularidade. A história foi revelada com grandes exclamações, no começo de julho, por Hermann Esser no *Völkischer Beobachter* e causou menos efeito do que um relato análogo já aparecido em abril e que, pouco depois, se descobriu tratar-se de uma guerra de palavras nacional-socialista. "Hitler deixou de ocupar a imaginação popular", escreveu um correspondente do *New Yorker Staatszeitung* e, como havia notado no início de maio um observador contemporâneo bem informado, sua estrela parecia "empalidecer rapidamente". [127]

Deprimido como estava na solidão de Berchtesgaden, podia crer que sua estrela estava verdadeiramente a ponto de se extinguir e, seja como for, essa interpretação ajudaria a compreender sua retirada surpreendente, o desânimo com o qual renunciou a restabelecer as relações com o general von Lossow, a fixar novos objetivos ao Kampfbund e ao partido agora privado de seu chefe. Apenas tomou conhecimento de algumas ações empreendidas por Gottfried Feder, Oskar Körner e outros companheiros da primeira hora. Tinham acabado de reclamar dele e de rogar-lhe particularmente que eliminasse *Putzi* Hanfstaengl, que lhe arranjava "aquelas belas mulheres", sobre as quais se dizia com indignação que passavam seu tempo "vestidas com calcinhas de seda, servindo e bebendo champanha". [128] Ele se deixava levar como se tivesse recaído na letargia e lassidão de outrora. Mas, manifestamente, desejava

também aguardar o resultado da ação judicial movida contra ele pelos poderes públicos, diante da corte de Munique, após os acontecimentos de 1º de maio. Porquanto, independentemente da nova condenação que esperava, ainda se achava sob a ameaça de ter de cumprir pena de dois meses de prisão, pronunciada por ocasião da questão Ballerstedt, quando recebeu o benefício de um *sursis* . Finalmente, havia algo de mais grave: dado o não cumprimento da palavra de Hitler, o ministro do Interior Schweyer poderia certamente pôr em prática sua antiga intenção de expulsá-lo.

Por uma resposta hábil que tirava vantagem do afogamento da vida política bávara provocado pelos nacionalistas, Hitler expôs sua apreensão. Dirigiu ao procurador um documento no qual declarava: “Como, há semanas, sou objeto, na imprensa e na Dieta estadual, de ataques inauditos, aos quais as atenções que devo à pátria me impedem de responder, agradeço ao destino que me permite, agora, apresentar minha defesa na barra do tribunal, onde me sentirei livre desses escrúpulos.” Por medida tática, ameaçou entregar esse documento à imprensa.

A advertência era bastante clara. Ele apelou igualmente ao ministro da Justiça Gurtner, do Partido Nacional Alemão, que recebeu o documento com uma carta anexa inquieta, escrita pelo procurador-geral, ficando, porém, em vigor os antigos acordos. Não havia o próprio Hitler declarado um dia que os nacional-socialistas eram “carne de nossa carne”? [129] O estado de calamidade cada vez mais grave da nação — que por causa da inflação, de greves gerais, de lutas na bacia do Ruhr e de ações insurrecionais da esquerda se encaminhava para uma explosão — criava bastantes razões para fomentar um ídolo nacional, ainda que ele próprio fosse um corolário dessa desgraça. Sem dar informações sobre o assunto ao ministro do Interior, que se tinha informado várias vezes do curso seguido pela instrução, Gurtner participou ao procurador-geral seu desejo de adiar o assunto “para tempos mais pacíficos”. Em 1º de agosto de 1923, o inquérito foi provisoriamente suspenso e, em 22 de maio do ano seguinte, arquivado.

Foi fácil, entretanto, perceber, no princípio de setembro, a perda de prestígio de Hitler, quando as associações nacionais se reuniram em Nuremberg para celebrar o aniversário da vitória de Sedan com uma dessas “jornadas alemãs” que se desenrolavam de tempos em tempos nas diferentes partes da Baviera, com um luxo de manifestações patéticas. Diante de bandeiras, flores e generais da reserva, centenas de milhares de manifestantes celebraram em seus discursos e com seus cortejos o sentimento ferido da grandeza nacional e manifestaram o desejo de uma autoridade mais bela e mais nobre. “Aclamações frenéticas saudaram os hóspedes de honra e o

cortejo", declara com emoção fora do comum em um documento oficial o relatório da polícia do estado de Nuremberg-Furth sobre o dia 2 de setembro de 1923. "Centenas de braços agitavam lenços em sua direção, uma chuva de flores e coroas vinha de todos os lados abater-se sobre eles. Era como o grito de alegria de milhares de pessoas desanimadas, medrosas, humilhadas, acabrunhadas que, em meio à sua escravidão e desgraça, entreviam um raio de esperança. Muitos homens e mulheres choravam…" [130]

Claro que os nacional-socialistas formavam um dos grupos mais numerosos entre os cem mil manifestantes, mas o objetivo e alvo dessa multidão desvairada era inegavelmente o general Ludendorff. Hitler, impressionado por aquela manifestação de massa e também pela lembrança do terreno que, nesse meio-tempo, havia perdido, aceitou de novo o princípio de uma aliança que veio unir a associação Reichsflagge, do capitão Heiss, o Bund Oberland, de Friedrich Weber, com o Deutscher Kampfbund. Não houve mais de sua parte a exigência de exercer sozinho o comando. Sua derrota de 1º de maio e, mais ainda, seu afastamento de Munique tinham-lhe solapado a posição. Desde que não mais causava sensação com sua presença, seu nome, sua autoridade, sua magnífica demagogia, todo o resto estava reduzido a nada. Foi só três semanas mais tarde que os esforços infatigáveis desenvolvidos por Röhm permitiram a seu amigo Hitler recuperar bastante prestígio entre os chefes do Kampfbund, para poder aproveitar-se e tomar a direção política da organização.

A decisão do governo do Reich de pôr fim, na bacia do Ruhr, a uma luta desprovida de sentido e que ultrapassava todas as forças disponíveis forneceu pretexto àquela manobra. No dia 24 de setembro, seis semanas depois de empossar-se como chefe do governo, Gustav Stresemann havia feito parar a resistência passiva e reiniciado o pagamento de indenizações à França. Antes, Hitler havia desaprovado aquela resistência, mas a consecução de seus objetivos revolucionários exigia que naquele momento estigmatizasse a iniciativa impopular do governo, como testemunho de uma ação governamental inspirada por uma traição frouxa e desprezível, a fim de, tirando proveito disso, atingir seus projetos de subversão total. A partir do dia seguinte, conferenciou com os chefes do Kampfbund, Kriebel, Heiss, Weber, Göring e Röhm. Em um discurso inflamado que durou duas horas e meia, expôs suas ideias e seus pontos de vista, concluindo com o pedido de que lhe fosse confiada a direção da "liga alemã de combate". Röhm relatou mais tarde que, naquele momento, Heiss, com lágrimas nos olhos, estendeu-lhe a mão, Weber estava extremamente comovido, Röhm chorava, e ele próprio, como disse mais tarde, tremia de emoção. [131] Convencido de que a hora da decisão

havia chegado, deu adeus ao exército no dia seguinte e uniu-se a Hitler definitivamente.

Uma vez chefe do Kampfbund, Hitler mostrou que todos os céticos estavam enganados, dando grande prova do seu espírito de decisão. Pôs imediatamente seus 15 mil milicianos em estado de alerta e, para aumentar seu próprio potencial de combate, solicitou aos membros do Partido que abandonassem as outras associações nacionais e se entregou a uma atividade transbordante. Mas, como quase sempre, o verdadeiro objetivo de todos os seus planos, de suas táticas e de suas ordens parecia ser uma operação de propaganda ao mesmo tempo desenfreada e solene, cuja tumultuosa entrada em cena devia necessariamente a seus olhos ultrapassar tudo o que fosse imaginável. Assim como já havia feito ocasionalmente, projetou organizar 14 manifestações simultâneas para a noite do dia 27 de setembro e desencadear ele mesmo 14 vezes as paixões levadas a seu mais alto grau. Certamente que as intenções abrangentes do Kampfbund não podiam deixar dúvidas: a “Liga de Luta” visava liberar a Alemanha “da escravidão e da vergonha”, a fazer uma marcha sobre Berlim, a estabelecer uma ditadura nacional e a eliminar “o inimigo maldito dentro da própria nação”. Isso Hitler já havia predito três semanas antes, no dia 5 de setembro: “Ou Berlim se põe em marcha e acaba em Munique ou então Munique marchará e terminará em Berlim! Uma Alemanha bolchevique ao norte não pode coexistir com uma Baviera nacional.” [132] Entretanto, jamais se soube com certeza absoluta dos planos que ele tinha em mente naquele momento. Não se sabe se queria um *putsch* ou apenas levantar as multidões. Há razões para pensar que suas decisões futuras dependeriam do efeito obtido, das disposições e do ardor da multidão. Superestimando, como sempre, os meios de propaganda, sem dúvida queria, graças ao entusiasmo das massas, enfeixar o poder em suas mãos. “Destas intermináveis batalhas verbais”, declarou ele, na manifestação supramencionada, “surgirá a nova Alemanha.” De qualquer modo, os membros do Kampfbund receberam uma ordem altamente confidencial que lhes proibia sair de Munique e que continha uma senha para o caso de sobrevirem acontecimentos graves.

Levado a um impasse pelos boatos de *putsch* que circulavam, pela desconfiança contra o governo “marxista” detentor do poder no Reich, por numerosos ressentimentos especificamente bávaros e pelo desejo de acabar de vez com tudo aquilo, o governo de Munique se adiantou a Hitler. Sem nenhum aviso prévio, o ministro-presidente von Knilling decretou o estado de exceção no dia 26 de setembro, e, como já havia feito uma vez em 1920, nomeou Gustav von Kahr comissário-geral do estado, com poderes ditatoriais.

Kahr declarou que estava disposto a acolher uma colaboração do Kampfbund, mas, ao mesmo tempo, preveniu Hitler contra o que chamava “acrobacias”, e começou por proibir as 14 reuniões programadas.

Fora de si, em um daqueles acessos tão frequentemente descritos que quase o levavam a uma síncope, Hitler ameaçou deflagrar a revolução e fazer correr sangue, mas esses atos desesperados não impressionaram absolutamente Kahr. À frente do Kampfbund, a associação militar mais poderosa e mais homogênea, Hitler se vira finalmente no papel de partidário do poder e Kahr lhe lembrou brutalmente sua condição de subordinado. Durante algum tempo, pareceu resolvido à insurreição, mas durante a noite Röhm, Pöhner e Scheubner-Richter o persuadiram a renunciar a esse projeto.

De qualquer modo, a situação havia evoluído a ponto de tornar caducas as intenções de Hitler. Entrementes, o gabinete se reunira em Berlim, sob a direção do presidente do Reich, Ebert, para examinar a situação. Von Kahr invocara frequentemente “a missão que incumbia a Baviera de salvar a pátria”. Sabia-se que com isso queria dizer exatamente a derrubada da república, a instauração de um regime conservador entregue às mãos de uma oligarquia e, para a Baviera, uma grande independência, assim como a volta à monarquia, a fim de, sob esse novo regime, não causar as mais compreensíveis inquietações. Dada a situação desesperada do país, cuja moeda estava arruinada, a economia em grande parte aniquilada, dada a influência alcançada pelos comunistas na Saxônia e em Hamburgo, levando-se em conta os esforços separatistas no Oeste e a fraqueza crescente do governo do Reich, os acontecimentos de Munique podiam verdadeiramente ser o sinal de um desmoronamento geral de todas as estruturas.

Nessa situação dramática e incompreensível, o futuro do país dependia do Reichswehr, cujo chefe de estado-maior, o general von Seeckt, contava com a direita para suas esperanças de ditadura. Seu comportamento causou profunda impressão. Com um atraso que aumentava o efeito a ser produzido, apresentou-se na reunião agitada do gabinete com a calma do homem que verdadeiramente detém o poder. Quando Ebert lhe perguntou qual era, naquele momento, a posição do Exército, ele respondeu: “O Reichswehr, Senhor Presidente, está submisso a meu comando”, declaração que por um instante pôs em sua verdadeira luz os dados da situação. Entretanto, quando, no mesmo dia, em virtude da promulgação do estado de exceção, fora investido do poder executivo para a totalidade do Reich, deu às facções políticas uma certeza, ao menos formal, de sua lealdade para com elas. [133]

Os acontecimentos das semanas seguintes se desenrolaram num cenário

tumultuado e confuso. Era difícil ver as coisas com clareza. Seeckt tirou de cena dois atores, de modo prematuro, a saber: no dia 29 de setembro em Kustrin, o Reichswehr Negro, ilegal, que desde a cessação da resistência na bacia do Ruhr temia ser dissolvido, levantou-se sob o comando do major Buchrucker, tentando, naquelas circunstâncias por demais obscuras, dar o sinal da insurreição à direita e em particular no Exército. Mas a operação havia sido executada muito às pressas e sob coordenação insuficiente. Depois de curto cerco, o levante foi esmagado. Imediatamente depois, como testemunho da viva impressão causada pela era revolucionária, Seeckt iniciou resolutamente uma ação de envergadura contra os autores de perturbações da esquerda na Saxônia, na Turíngia e em Hamburgo. Logo depois enfrentou a prova de força com a Baviera.

Na Baviera, entrementes, de acordo com sua concepção tática, Hitler havia conseguido atrair Kahr para o seu lado. Nem Kahr, nem Lossow haviam dado seguimento à injunção de Seeckt visando a interditar o *Völkischer Beobachter* por haver publicado um artigo odiento e difamatório. Tinham igualmente ignorado um mandado de prisão lançado contra Rossbach, o capitão Heiss e o capitão-tenente Ehrhardt. Quando, depois desses acontecimentos, Lossow recebeu largo apoio, o comissário-geral do estado, rompendo abertamente com a constituição, nomeou-o comandante do Reichswehr do *Land* da Baviera. A partir desse momento, entregou-se incessantemente a novas provocações destinadas a levar o conflito a seus limites extremos, e por fim exigiu nada menos do que o remanejamento do governo do Reich e respondeu a uma carta do presidente Ebert com uma declaração de luta aberta. O capitão-tenente Ehrhardt, antigo chefe de Freikorps, condenado pela Alta Corte, refugiara-se em Salzburgo. Foram procurá-lo no seu esconderijo e lhe deram instrução de preparar às pressas a marcha sobre Berlim. O plano das operações previa que o ataque seria deflagrado a 15 de novembro.

Os gestos fortes eram pontilhados com palavras enérgicas. O próprio Kahr polemizou contra o espírito “não alemão” da Constituição de Weimar, qualificou o regime de “colosso de pés de barro” e se apresentou em um de seus discursos como o defensor da causa nacional na luta ideológica mundial encetada contra a concepção internacionalista judeu-marxista. [134] Para falar a verdade, tentava com essas reações ruidosas corresponder às muitas esperanças nascidas com a sua nomeação para o posto de comissário-geral do estado e, na realidade, servia aos objetivos de Hitler. Diante dessas intrigas de Kahr, bastara um só artigo do *Völkischer Beobachter* para fazer ressurgir a situação fatal do dia 1º de maio. O conflito com Berlim proporcionava a

Hitler a aliança com os detentores do poder na Baviera, cuja ajuda lhe era necessária para desencadear a insurreição revolucionária contra o governo do Reich. Porque, quando Seeckt exigiu a demissão de Lossow, todas as associações nacionais se declararam prontas a lutar no conflito que se esboçava com Berlim.

De modo inesperado, Hitler via grandes oportunidades se aproximarem. "A decisão é para este inverno", declarou em uma entrevista ao *Corriere d'Italia* . [135] Visitou Lossow várias vezes, a curtos intervalos, pôs uma pedra sobre as discórdias passadas, assinalando que já estava preparado para o acontecimento. Presa de verdadeiro encanto, pôde declarar que tinham doravante interesses e inimigos comuns, enquanto Lossow assegurava de sua parte estar plenamente de acordo com Hitler, em nove dentre dez pontos. Na realidade, independentemente de sua vontade, o comandante do Reichswehr bávaro tornou-se assim um dos principais atores no centro do cenário, mas o papel de conspirador não lhe caía bem. Soldado apolítico, hesitava em tomar decisões e se mostrava cada vez menos à altura da situação de conflito em que se achava novamente engajado. Em breve, Hitler teve de empurrá-lo para que ele se decidisse a ir avante. Hitler definiu com muita exatidão o dilema de Lossow: "Um chefe militar de autoridade tão ampla que se levanta contra o poder deve estar decidido a ir até o limite extremo, do contrário passa a ser apenas um amotinado ou um simples rebelde." [136]

O entendimento com Kahr foi mais difícil. Enquanto Hitler não podia perdoar ao comissário-geral sua traição no dia 26 de setembro, Kahr lembrava-se de que havia sido investido em suas funções, em parte, "para reconduzir à razão" o agitador revolucionário, pronto às mais insensatas agressões. Suas relações com Hitler mal dissimulavam seu desejo de intimar, no tempo oportuno, o "catalisador de multidões" e o "turbilhão talentoso" a sair da arena política. [137]

Entretanto, a despeito de todas as suas reservas e do constrangimento recíproco, o conflito com o governo do Reich os aproximou; as divergências de opinião que subsistiam entre eles nasciam da ambição de comandar e se manifestavam quanto à data em que se deveria fixar o ataque. Enquanto Kahr se juntava a Lossow e a Seisser, formando o "triunvirato" do poder legal e procurando demonstrar prudência distanciando-se de seus propósitos audaciosos, Hitler estava sempre ansioso pela ação. "A uma só e única questão o povo ainda é sensível: quando iniciaremos o ataque?!", exclamava ele, e celebrava quase com entusiasmo, em tiradas escatológicas, a iminente ruína:

> Virá, então, o dia para o qual este momento foi criado! A hora pela qual lutamos há tantos anos.

> O instante em que o movimento nacional-socialista enveredará pelo caminho da vitória para a salvação da Alemanha! Não foi para uma eleição que fomos fundados, mas para intervir como um socorro supremo na hora da maior desgraça, quando o povo vir se aproximar, com angústia e desespero, a hidra vermelha (…) Milhões já sentem que nosso movimento lhes traz a libertação. Quase se tornou uma nova fé religiosa! [138]

No mês de outubro os preparativos se intensificaram de todos os lados. Faziam-se conferências continuamente, em uma atmosfera de frêmito com intrigas, segredos e traições; faziam-se circular planos de ação, trocavam-se senhas para a hora do ataque, mas reuniam-se também armas e havia exercícios de combate. Desde o início de outubro, os boatos relativos a um *putsch* iminente por parte dos hitleristas tomaram formas tão precisas que o tenente-coronel Kriebel, chefe militar do Kampfbund, viu-se na obrigação de dirigir ao ministro-presidente von Knilling uma carta desmentindo qualquer intenção de insurreição. No formigar de interesses, pactos, manobras simuladas e embustes, cada um vigiava seu vizinho e milhares de homens estavam na expectativa de quaisquer instruções. Nas paredes das casas estavam afixadas ordens e contraordens; a "marcha sobre Berlim" tornou-se a fórmula mágica que parecia destinada a resolver de uma vez por todas e simultaneamente todos os problemas. Como havia feito algumas semanas antes, Hitler encorajava essa psicose da insurreição: "Esta república de novembro está caminhando em direção ao fim", exclamava, "pode-se perceber pouco a pouco o surdo murmúrio que anuncia a tempestade. Ela vai explodir e esse furacão acarretará uma mudança em qualquer sentido diferente da república. Ela está madura para isso." [139]

Diante de Kahr, Hitler parecia relativamente seguro do que estava fazendo. Indubitavelmente, vivia sempre desconfiado com a possibilidade de que o triunvirato passasse à ação sem ele ou que mobilizasse as massas servindo-se não da divisa revolucionária — "Avante! Marchemos sobre Berlim!"—, mas do apelo dos separatistas — "Cortemos os laços com Berlim!". Ocasionalmente, acontecia-lhe também temer que se renunciasse a qualquer ação e, se as indicações não enganam, começou desde o início de outubro a se perguntar como poderia rapidamente levar os parceiros a deflagrar a operação rebelde e ele mesmo tomar, então, a chefia da insurreição. Mas estava mais ou menos seguro de que não deixaria passar a ocasião propícia, de que a população estaria com ele nesse conflito e não daria nenhum apoio a Kahr. Desprezava essa burguesia sem cor, o seu orgulho sem fundamento, a incapacidade em presença das massas que estava tentando arrebatar-lhe. Em uma entrevista, declarou que "Kahr era um burocrata débil de antes da guerra". Ora, acrescentava ele, "a história de todas as revoluções mostra que jamais um homem do velho regime pôde dominar as massas. Só um

revolucionário é capaz disso". Não havia dúvida de que o poder pertencia ao triunvirato, mas, de sua parte, tinha a seu favor "o guerreiro da nação", Ludendorff, "um exército inteiro sobre duas pernas", cujos limites em matéria política logo percebeu que facilmente podia manobrar. Seu orgulho se traduzia já naquela época por uma tendência característica a ignorar qualquer medida. Comparava-se a Gambetta ou a Mussolini, ainda que os rivais rissem de seus propósitos e que Kriebel explicasse a um de seus visitantes que, a rigor, não se poderia considerar a possibilidade de um lugar de comando para Hitler, uma vez que este só pensava em fazer a sua própria propaganda. Por outro lado, o próprio Hitler declarou a um dos oficiais superiores das relações de Lossow que ele se sentia chamado a salvar a Alemanha e tinha necessidade de Ludendorff para ganhar o apoio do Reichswehr. "Em política", dizia ele, "Ludendorff não me soprará a menor palavra — eu não sou um Bethmann-Hollweg… Você sabia que, ao formar seu consulado, Napoleão só se rodeou de homens insignificantes?" [140]

Na segunda quinzena de outubro, os planos de Munique contra Berlim se tornaram mais precisos. No dia 16, Kriebel assinou uma ordem prescrevendo que a fronteira norte fosse fortificada. Essa ordem foi apresentada como medida de policiamento contra a agitação que se acentuava na Turíngia, mas, na verdade, falava em termos bélicos como, por exemplo, "terreno de manobra", "abertura das hostilidades", "espírito ofensivo", "cuidado no ataque", assim como de "aniquilamento" das forças adversárias. Acenava sobretudo com uma possibilidade de mobilização aberta em vista da guerra civil. Entrementes, os voluntários faziam exercícios de combate sobre um mapa da cidade de Berlim, e os alunos da escola de infantaria assistiam a todos aqueles preparativos, além de ouvirem a Hitler, que fazia discursos sobre a ética da revolução, roubando aplausos no tumulto da assistência: "O dever supremo de vosso juramento à bandeira, meus senhores, é exatamente romper com ele." A fim de semear a perturbação nas forças de combate de seus partidários, os nacional-socialistas convidaram os membros da polícia do *Land* a entrarem para as SA, e, segundo dados precisos fornecidos por Hitler, sessenta ou oitenta obuseiros de campanha, morteiros e canhões de grosso calibre saíram de seus esconderijos para o arsenal comum. Durante uma conferência do Kampfbund, no dia 23 de outubro, Göring deu detalhes da "ofensiva em direção a Berlim" e recomendou, entre outras coisas, a confecção de listas negras. "É necessário", disse ele, "empregar o mais rigoroso terrorismo. Quem opuser a menor resistência deve ser fuzilado. Faz-se mister que os chefes examinem logo, desde agora, as pessoas que deverão ser eliminadas. A título de exemplo, uma delas pelo menos deverá ser fuzilada imediatamente depois da ordem de levante." Em resumo: "a Ankara alemã"

se preparava para fazer explodir a luta intestina. [141]

Na atmosfera de rivalidade suspeitosa que reinava, uma medida arrastava à outra. No dia 24 de outubro, Lossow reuniu os representantes do Reichswehr, da polícia do *Land* e das associações patrióticas na sede da região militar para lhes expor o dispositivo da mobilização do exército com vistas à marcha sobre Berlim; a senha era *Sonnenaufgang* [Sol nascente]. O general havia convidado para essa conferência o chefe militar do Kampfbund, Hermannn Kriebel, mas não a Hitler e aos comandantes da SA. A título de resposta, Hitler organizou imediatamente uma grande revista militar, como está consignado em um relato daquele tempo: "Ouviu-se o rufar dos tambores na cidade, desde o despontar da aurora, acompanhado de música. Durante o dia inteiro, viram-se, por toda parte, pessoas uniformizadas, com a cruz gamada de Hitler no colarinho ou o edelvais da liga Oberland no boné." [142] De seu lado, pretensamente para responder "aos numerosos boatos em circulação", Kahr declarou espontaneamente que rejeitava qualquer negociação com o atual governo do Reich.

A coisa toda se apresentava como uma corrida de velocidade silenciosa e parecia só faltar saber quem daria o primeiro golpe para ir receber na porta de Brandenburgo os louros da vitória das mãos da nação libertada. Uma estranha irascibilidade, própria dos bávaros, emprestava a todos esses planos algo de fantástico e acrescentava a essas numerosas atividades um suplemento lúdico. Era o brinquedo perigoso de soldados e índios. Sem perder tempo, considerando o verdadeiro balanço de forças, os protagonistas proclamavam que já era tempo de "se pôr em marcha e de acertar enfim certas coisas à moda de Bismarck", outros celebravam "a Baviera, célula da ordem", ou "os punhos bávaros constrangidos a limpar a porcaria reinante em Berlim". Uma obscuridade de alcova envolvia as imagens propositalmente difundidas que representavam a capital como a Babilônia dos tempos modernos, e muitos oradores conquistaram os corações deixando entrever "aos sólidos bávaros uma campanha punitiva contra Berlim, o triunfo sobre a grande prostituta do apocalipse, e talvez algum prazer com ela". Um emissário da região de Hamburgo informou a Hitler que "na Alemanha do norte milhões de homens estariam com ele, no dia do ajuste de contas". Estava muito difundida a ideia de que a nação inteira aderiria à insurreição de Munique, quando fosse iniciada, e que se estava às vésperas de uma sublevação do povo alemão comparável à de 1831. [143] No dia 30 de outubro, Hitler reiterou a palavra dada a Kahr de que não procuraria arrebatar o primeiro lugar.

Mesmo naquele momento, o próprio Kahr não se podia decidir à ação, e talvez, como Lossow, jamais tivesse tido intenção de tomar a iniciativa da

revolução. Ainda mais, parece que por todas as suas provocações, suas ameaças e seus planos de marcha sobre Berlim, o triunvirato tenha querido apenas encorajar Seeckt e os “senhores do norte” de tendências conservadoras e nacionais a realizar seus projetos de ditadura tão frequentemente mencionados. Eles próprios não teriam intervindo senão no momento propício a seus objetivos e aos interesses bávaros. No começo de novembro, enviaram o coronel Seisser a Berlim a fim de verificar a situação. Seu relatório foi decepcionante, não se poderia contar com um apoio significativo e substancial, e Seeckt, particularmente, permanecia reservado a respeito.

Sobre esse assunto, Kahr e os outros convocaram, no dia 6 de novembro, os chefes das associações patrióticas e lhes informaram em tom enérgico que eram os únicos habilitados a decidir e a comandar a ação esperada e que abafariam qualquer iniciativa particular. Foi a última tentativa para retomar o direito legal de agir que tinham perdido depois de muitos propósitos cordiais e de constantes tergiversações. Hitler foi também excluído dessa conferência. Naquela mesma noite, o Kampfbund decidiu iniciar a operação na primeira ocasião que se oferecesse e levar o triunvirato e um número elevado de indecisos a se unirem à marcha sobre Berlim.

Vê-se, frequentemente, nessa decisão, uma manifestação do temperamento teatral e hipertenso de Hitler, de seu delírio de grandeza. Muita gente se perdeu em sarcasmos sobre esse *putsch* de cervejaria, esse “carnaval político”, esse “*putsch* de escada de serviço” e essa “farsa de faroeste”. Claro que todas essas definições podem ser corretas, mas seria necessário acrescentar que também havia ali testemunho da faculdade que Hitler tinha de ver com clareza uma situação, de sua coragem, de seu espírito de lógica sobre o plano tático. Essa decisão apresentava uma mistura característica na qual entravam tanto elementos cômicos quanto raciocínio frio.

Realmente, na noite de 6 de novembro de 1923, Hitler não tinha mais escolha. Desde sua derrota de 1º de maio, ferimento só superficialmente cicatrizado, a obrigação de agir era inelutável, se não quisesse arriscar a perda de tudo o que aos olhos de seus partidários, cada vez mais numerosos, o distinguia da multidão dos partidos e dos políticos e lhe dava credibilidade: a gravidade revolucionária, quase existencial, sua indignação que impressionava pela intransigência e o fato de que visivelmente não estava à procura de meios-termos. Além disso, como chefe do Kampfbund, dispunha, naquele momento, de uma força de combate cujo desejo de ação não era mais influenciado pelas divergências da direção colegiada e, finalmente, as tropas de assalto, por sua vez, o pressionavam impacientemente a passar aos atos.

A agitação deles tinha várias causas. Refletia a sede de agir de soldados mercenários que, depois de semanas de conjuração, desejavam finalmente pôr-se em marcha e chegar ao fim. Muitos dentre eles esperavam também que a futura ditadura nacional, passando além das limitações do Tratado de Versalhes, aumentaria os efetivos do Reichswehr. Prontas para partir há muitas semanas, algumas unidades tinham participado das manobras de outono do exército, mas nesse meio-tempo haviam consumido todos os recursos, as próprias reservas de Hitler se achavam esgotadas, os homens tinham fome, somente Kahr tinha possibilidades de manter suas tropas; uma conferência pronunciada pelo capitão Ehrhardt carreou para seus cofres a quantia não desprezível de 20 mil dólares.

O depoimento feito a portas fechadas pelo chefe do regimento das SA de Munique, Wilhelm Bruckner, no processo que depois se desenrolou, esclarece perfeitamente o dilema com que Hitler se defrontou naquele momento. “Eu tinha a impressão”, disse ele, “de que os oficiais do Reichswehr estavam descontentes pelo fato de não se ter desencadeado a marcha sobre Berlim. Todos diziam: ‘Hitler é tão mentiroso como todos os outros. Vocês não passam aos atos. Seguiremos quem quer que inicie o ataque.’ Eu pessoalmente declarei a Hitler: está chegando o dia em que não conseguirei conter os homens. Caso não aconteça nada, eles me esmagarão entre os dedos. Tínhamos, entre eles, muitos desempregados, alguns dos quais haviam gasto seus últimos recursos na compra de uma peça de roupa e de um par de sapatos para participar da instrução militar. Diziam: o ataque começará logo e seremos incorporados ao Reichswehr e sairemos das nossas dificuldades.” [144] Numa conversa que teve com Seisser, o próprio Hitler exprimiu a opinião de que tinha soado a hora de agir, que, se fosse retardada, faria que os homens do Kampfbund se vissem, arrastados pela miséria, a bandear-se para o campo comunista.

À inquietação sentida por Hitler, diante da eventualidade de uma desagregação de suas forças, acrescentava-se o receio que lhe inspirava o célere passar do tempo: protelada a ação por muito tempo, o rancor revolucionário arriscava extinguir-se. Ao mesmo tempo, o fim da luta na bacia do Ruhr e o esmagamento da esquerda indicavam que tudo se encaminhava no sentido da volta à vida normal, sem contar que o controle da inflação parecia agora mais viável e, desse modo, com o fim da crise, os fantasmas pareciam desvanecer do cenário. Seria impossível desconhecer a amplidão que a desgraça nacional tinha proporcionado à agitação de Hitler. Ele não deveria hesitar, ainda mesmo que sua palavra de honra dada a um ou outro, aqui e ali, a isso se opusesse, contendo seu impulso de deflagrar o

golpe inicial. O mais inquietante em tudo isso é que sua tática ainda não estava bem elaborada e ele teria de ousar iniciar uma sublevação mesmo sem a permissão do senhor presidente da Baviera.

Esperava, entretanto, obter autorização e até mesmo a participação dele, graças à resolução de agir que exibia. “Estávamos convencidos”, disse mais tarde, diante do tribunal, “de que, dada aquela situação, ninguém agiria a não ser que uma vontade se sobrepusesse a todas as simples aspirações.” Em vista de todas as razões importantes em favor da ação, havia por fim o perigo de que o golpe previsto não suscitasse as adesões esperadas e não arregimentasse também o triunvirato. Parece que Hitler considerava ínfimo esse risco, uma vez que ele propunha obter pela força o que esses senhores tinham em vista. Mas, no final das contas, esse erro condenou todo o empreendimento e lançou luzes sobre a falta de senso da realidade que caracterizava Hitler. De sua parte, ele jamais aceitou essa crítica e sempre pretendeu que o desprezo da realidade lhe havia proporcionado muitas vantagens. A declaração de Lossow, que depois se tornou célebre, segundo a qual não se associaria ao golpe de estado a não ser que tal ação oferecesse um mínimo de 51% de chances de êxito, ficou para Hitler como exemplo de um senso da realidade que achava desesperador e que não poderia deixar de desprezar. [145] Entretanto as previsões não eram os únicos elementos que se podiam invocar em favor da ação. Mais ainda, o curso da história deu razão a Hitler, em um sentido muito mais amplo. Porque a ação que terminou em uma mortandade de primeira ordem revelou-se mesmo assim como um passo decisivo no caminho do poder.

Anteriormente, em meio a toda a agitação dos preparativos e das intrigas e manobras, Hitler havia organizado, no fim de setembro, “uma jornada alemã” em Bayreuth e pedira para ser recebido na “casa Wahnfried” (a casa de Wagner). Entrou na casa com emoção profunda, visitou o escritório de trabalho do mestre, onde se encontrava sua grande biblioteca, após haver meditado por longo tempo diante de seu túmulo, no jardim. Em seguida, foi apresentado a Houston Stewart Chamberlain, que casara com uma das filhas de Richard Wagner e cujas obras haviam sido uma das mais importantes leituras de seus anos de formação. Quase completamente paralítico, o ancião só o compreendeu com muita dificuldade, mas percebeu a energia e a resolução que dimanavam de Hitler. Em uma carta que enviou, oito dias mais tarde, em 7 de outubro, a seu visitante, Chamberlain lhe declarou que via nele não só o precursor e o companheiro de uma personalidade mais elevada, mas o homem que salvaria a situação, a figura dominante da contrarrevolução alemã; pensou que iria achar nele um fanático, mas sua intuição lhe dizia que Hitler era um criador e que, apesar de sua energia flagrante, não era um

indivíduo violento. Quanto a si próprio, doravante ficaria tranquilo, pois seu estado de espírito subitamente mudara. “O fato”, dizia, “de que a Alemanha tivesse dado à luz um Hitler, na hora de sua maior desgraça, demonstrava sua vitalidade como nação.” [146]

Ao demagogo, trabalhado pela dúvida em relação a sua liderança, a não ser nos acessos febris de sua imaginação, essas palavras recebidas no momento preciso em que ia tomar uma das grandes decisões de sua vida pareceram ser um apelo lançado de além-túmulo pelo mestre de Bayreuth em pessoa.

9

O putsch

E nesse momento uma voz exclamou:
“Ei-los que chegam . Heil *Hitler!”*

Uma testemunha ocular
do dia 9 de novembro de 1923

Os dias 6 e 7 de novembro foram de uma atividade febril. Cada um negociava com o próximo e em Munique ressoavam de novo o eco dos preparativos militares e rumores diversos. Os planos iniciais do Kampfbund previam que, ao cair da tarde do dia 10 de novembro, nos matagais de Fröttmanning, ao norte de Munique, teria lugar um exercício noturno. Na madrugada do dia seguinte, sob a proteção de um dos desfiles habituais, marchar-se-ia sobre Munique a fim de lá proclamar a ditadura nacional e constranger o triunvirato à ação. Mas, enquanto se deliberava, soube-se que Kahr pronunciara na Burgerbräu, na noite de 8 de novembro, um discurso-programa na presença do gabinete, de Lossow, de Seisser, das autoridades, dos dirigentes da economia e das associações patrióticas. Temendo que Kahr pudesse tomar-lhe a dianteira, Hitler reviu todos os seus planos no último momento e decidiu agir logo no dia seguinte. As SA, assim como as unidades do Kampfbund, foram mobilizadas às pressas e a cena se preparou.

A reunião teve início às 20h15. Trajado com uma longa casaca negra, a cruz-de-ferro pregada ao peito, Hitler tomou lugar na Mercedes vermelha, comprada havia pouco, e dirigiu-se à Burgerbräu em companhia de Alfred Rosenberg e de Ulrich Graf. Também estava com ele Anton Drexler, que de nada sabia e que teve aí a sua última aparição memorável. Por motivo de segurança, informou-se-lhe que se dirigiam para o campo, e quando Hitler lhe disse que passariam à ação às 20h30, Drexler respondeu secamente, de mau humor, que desejava sucesso à empresa e retirou-se.

As pessoas se acotovelavam no meio da sala e temeu-se não poder tomar de assalto a reunião, como fora projetado por Hitler. A sessão tivera início. Sem hesitação, Hitler ordenou que o oficial de polícia em serviço desimpedisse os acessos. No justo momento em que Kahr falava da “justificação moral da ditadura” como garantia do despontar do homem novo, Hitler surgiu na porta da cervejaria. Segundo testemunhas, estava num estado

de nervosismo extraordinário, à medida que lá fora as camionetas apinhadas de homens avançavam e as tropas de assalto da Seção Hitler cercavam o edifício com o objetivo de bloquear-lhe militarmente as saídas. Com aquele gosto peculiar por cenas exageradas e teatrais, brandiu um copo de cerveja e, enquanto uma pesada metralhadora era posta em bateria ao seu lado, engoliu dramaticamente um último gole, arremessando em seguida com estrondo o copo aos pés. Então, revólver na mão, à testa de um destacamento armado das SA, avançou em passo de carga até o meio da sala. Enquanto ao seu lado os copos de chope voavam e se espatifavam e as cadeiras eram viradas, ele saltava sobre uma mesa e, para forçar a atenção da audiência, deu o tiro para o teto que ficou famoso. Em seguida abriu caminho por entre a multidão estupefata e subiu a um estrado. "A revolução nacional explodiu", gritou. "A sala está ocupada por seiscentos homens e ninguém está autorizado a sair. Se a calma não for imediatamente restabelecida, mandarei colocar uma metralhadora na galeria do primeiro andar. O governo bávaro e o governo do Reich foram depostos, um governo do Reich provisório será formado, os quartéis do Reichswehr e da polícia do *Land* estão ocupados, o Reichswehr e a polícia estão em marcha sob os estandartes da cruz gamada." Num tom que, alguém precisou, não admitia réplicas, chamou Kahr, Lossow e Seisser para segui-lo a um salão contíguo. Durante este tempo, a tropa SA, já familiarizada com as batalhas de salão, procurava restabelecer a ordem entre os assistentes, que, por sua vez, não tardaram a recuperar o bom humor e exclamavam: "Que comédia!" ou "Parece até que estamos na América do Sul!". De sua parte, Hitler forçava um estranho procedimento, tentando assegurar para si o controle da autoridade recalcitrante do estado.

A despeito das contradições e de certos detalhes que permaneceram obscuros, as grandes linhas da ação surgiram claramente. Gesticulando de modo desordenado com o revólver, Hitler ameaçou os três homens de morte, mas escusou-se logo em seguida, formalmente, de ter sido obrigado a criar um fato consumado de modo tão inusitado. Queria apenas facilitar-lhes a tomada de suas novas funções. Quanto ao mais, não lhes restava outra alternativa senão a cooperação: Pöhner fora nomeado ministro-presidente da Baviera e investido de poderes ditatoriais, Kahr ficaria como dirigente do *Land* e ele próprio assumiria o governo do Reich. Ludendorff comandaria o novo exército em sua marcha sobre Berlim, e Seisser deveria ser nomeado ministro do Interior. Cada vez mais excitado, continuou: "Senhores, eu sei o quanto lamentais esta ação, mas é preciso resolver isso. Ajudai-vos uns aos outros a dar o passo. Cada um tem o dever de aceitar o papel que lhe é destinado. Se não o fizer, sua vida não será justificada. Devereis combater comigo, vencer ou morrer comigo. Se a coisa acabar mal, tenho quatro balas

no meu revólver. Três para meus colaboradores, caso me abandonem. E a quarta para mim.” Em seguida, segundo uma testemunha, com um gesto teatral apoiou o cano do revólver contra a têmpora e exclamou: “Se eu não for vitorioso amanhã de manhã, serei um homem morto.”

Para a surpresa de Hitler, os três homens não pareciam de modo algum impressionados. Kahr, principalmente, mostrava-se à altura da situação. Visivelmente aborrecido com essa história de bandoleiros malucos e com o papel que pretendiam lhe impingir, declarou: “V. Exa., *Herr* Hitler, pode me executar, pode me matar pessoalmente, mas é-me indiferente morrer ou não.” Seisser censurou Hitler por ter faltado com a palavra de honra. Lossow permaneceu silencioso. Durante esse tempo, os partidários de Hitler, em armas, postavam-se nas imediações das portas e das janelas e esboçavam gestos ameaçadores com os fuzis.

Pareceu por um instante que toda a operação iria por água abaixo devido à indolência silenciosa dos três homens. No exato momento em que Hitler dera o sinal de ação, jogando ao chão seu copo de cerveja, Scheubner-Richter partira com a viatura ao encalço de Ludendorff, que não fora ainda avisado de nada. Desde então, Hitler esperava que, com a autoridade de Ludendorff, conseguiria fazer a balança inclinar-se a seu favor. Durante esse tempo, reintegrou-se à sala em permanente agitação. Nervoso, decepcionado com os próprios insucessos, voltou à multidão junto à qual se sentia mais seguro de seus atos. O historiador Karl Alexander von Muller, testemunha da cena, descreveu a indignação de todas as personalidades ali reunidas, de repente prisioneiras, sob chacotas e ameaças dos rudes SA, cujo chefe subia espalhafatosamente nos degraus do estrado. Um rapaz pretensioso e um tanto grosseiro, com um jeito meio sobre o cômico, atitudes que um homem da rua diria estranhas – era isso que ele parecia, fantasiado com aquela casaca negra, a aparência ridícula de um garçom de bar. Mas, com um discurso magistral, conseguiu em poucas frases mudar as disposições da assistência com a maior facilidade. “Em toda a minha vida, raramente assisti a um espetáculo semelhante”, prossegue o narrador. “Ao subir para o estrado, a agitação estava ainda tão forte que, não podendo fazer-se ouvir, deu um tiro para o ar. Posso ver-lhe o gesto como se fosse hoje. Sacou o revólver do bolso de trás da calça… Ia dizer que sua previsão, segundo a qual toda a questão estaria liquidada em dez minutos, não se realizou.” [147] Mas, diante da assistência, recuperou imediatamente toda a segurança, ao constatar que os rostos refletiam ansiedade e ao notar que o barulho das vozes se apagava num surdo murmúrio.

Na verdade, não tinha muita coisa a dizer. Como se se tratasse de uma

enumeração de fatos, repetiu em tom seco e imperioso o que não passava de um amontoado de esperanças excêntricas, antecipações e desejos irrealizáveis: os novos nomes, os novos ministros e uma série de proposições. Em seguida, gritou: “O governo provisório da Alemanha, que se apoia na força deste estado e de todos os outros estados alemães, incumbiu-se de marchar sobre Berlim, babel do vício, e de salvar o povo alemão. Lá fora, três homens estão esperando, Kahr, Lossow e Seisser, para os quais foi dura a decisão: estais de acordo com esta solução para a questão alemã? Podeis ver que não somos guiados pelo espírito de casta e pelo egoísmo, mas, na undécima hora retomamos o combate para salvar nossa pátria alemã. Pretendemos erigir um estado federal no qual a Baviera terá o lugar que lhe convém. Quando o dia nascer, ou bem a Alemanha terá um governo nacional, ou bem estaremos mortos!” Sua eloquência persuasiva, bem como a mentira de que se servira para fazer crer à assistência que Kahr, Lossow e Seisser estavam de acordo com ele, produziram o que a testemunha chamou de uma reviravolta completa na situação. Hitler deixou a sala “investido por aquela assembleia de um mandato para informar a Kahr de que toda a sala o seguiria se ele aderisse à sublevação”.

Entrementes, Ludendorff chegara ao cenário dos acontecimentos impaciente e visivelmente descontente com a dissimulação de Hitler, bem como com a distribuição arbitrária dos ministérios que apenas lhe deixara o do Exército. Sem fazer perguntas nem examinar a situação, começou a falar e convidou os três homens a lhe estenderem as mãos. Também estava surpreso, mas o momento era histórico. Impressionados pelo prestígio da legendária figura nacional, os outros três começaram a ceder, um após outro. Lossow, como um oficial, considerava o convite de Ludendorff uma ordem. Seisser seguiu-lhe os passos. Somente Kahr recusava com obstinação, e quando Hitler, nervosamente, disse-lhe que devia partir com eles e, neste caso, todas as pessoas se ajoelhariam à sua passagem, ele, sem qualquer emoção, respondeu que não estava interessado. Toda a diferença entre o temperamento teatral de Hitler, preocupado com o efeito produzido, e a compreensão fria das relações de forças, própria do funcionário político, patenteava-se claramente nessas duas frases.

No fim, pressionado por todos os lados, Kahr acabou cedendo e o grupo voltou à sala para entregar-se a manifestações de confraternização. Essa demonstração aparente de unidade bastou para estimular a assistência a subir nas cadeiras e os atores apertaram-se as mãos debaixo de aclamações entusiastas do público. Enquanto Ludendorff e Kahr, muito pálidos, consideravam com um olhar fixo a multidão ululante gesticulando diante

deles, Hitler, observa o narrador, parecia feliz por ter conseguido arrastar Kahr à cooperação. Por um breve e maravilhoso instante, pareceu-lhe ter atingido o objetivo com que sempre sonhara: estava sendo festejado por grandes personalidades, cujos aplausos, após o amargor que sofrera em Viena, vinham trazer-lhe grande satisfação pessoal. Kahr e o poder estavam do seu lado, e ele, como ditador designado do Reich, tinha debaixo de si o Guerreiro Nacional Ludendorff. Após ter sido durante tanto tempo um indeciso, ele, o homem sem profissão que só conhecera fracassos, tinha chegado longe. "Para a posteridade tudo teria o efeito de um conto de fadas", gostava de dizer, ao lançar um olhar retrospectivo sobre a ascensão audaciosa e imprevista da sua vida. [148] E, de fato, podia dizer a si mesmo que, qualquer que fosse o resultado reservado à aventura desse *putsch* , desde então não mais se importaria com os tratados provincianos dos últimos anos, pois ascendera à grande cena. Forjando, involuntariamente, um tom de peroração, concluiu com fervor: "Vou cumprir agora o que jurei fazer há cinco anos, quando era um cego estropiado no hospital militar: não descansar enquanto não abater os criminosos de novembro e até que das tristes ruínas da pátria surja uma nova Alemanha, na sua potência, liberdade e esplendor. Amém!" [149] E enquanto a multidão gritava exclamações, os outros, igualmente, fizeram uma breve declaração. Kahr formulou em poucas frases obscuras sua adesão à monarquia, à Baviera e à pátria alemã. Ludendorff falou de uma virada decisiva na história da Alemanha e, sempre descontente com a atitude de Hitler, declarou: "Empolgado pela grandeza do momento, e surpreso, coloco-me à disposição do governo nacional do Reich."

Quando acabou a sessão, não se esqueceu de deter o ministro-presidente von Knilling e os ministros presentes, bem como o chefe da polícia. Enquanto as personalidades presas eram transferidas para a mansão do editor racista Julius Lehmann pelo chefe da Companhia de Estudantes das SA Rudolf Hess, Hitler foi chamado a se ausentar, devido a um acidente produzido diante do quartel de engenharia. Tão logo deixou o salão por volta das 22h30, Lossow, Kahr e Seisser sumiram na noite, após terem apertado a mão de Ludendorff, que se despediu como um camarada.

Quando Hitler e Scheubner-Richter retornaram, demonstraram suspeitas, o que indignou Ludendorff. Não admitia que se pudesse pôr em dúvida a palavra de honra de um oficial alemão. Ora, duas horas antes, Seisser censurara Hitler por ter falhado na sua tentativa de desencadear o *putsch* . Essas duas cenas marginais refletiam bem a confrontação dos dois universos: de uma parte, o mundo burguês com seus princípios, seus *points d'honneur* e a rigidez característica do oficial da reserva; da outra, o mundo do homem

novo, livre de tais considerações, voltado unicamente para os objetivos do poder. A utilização metódica de normas e noções de honra em vigor na burguesia, a invocação constante à fidelidade às regras do jogo que desprezava, asseguraram a Hitler, durante todos esses anos, um alto grau de superioridade prática. Essas coisas representaram para ele o elemento de sucesso em um mundo que não queria abandonar princípios nos quais já não acreditava. Durante essa noite, no entanto, deparou-se com "jogadores que responderam a todas as suas quebras de palavras, através de comportamento idêntico, e ganharam a partida". [150]

A noite fora, no entanto, exultante para Hitler, pois apresentara tudo o que ele desejava: drama, alegria, motim, a euforia da ação e essa incomparável excitação que os sonhos semirrealizados nos proporcionam muito mais do que a própria realidade. Nas festas, que antes organizava com excesso de pompa para comemorar "essa marcha vitoriosa", tentava perpetuar a lembrança daquela hora grandiosa. "Tempos melhores virão agora", disse num ímpeto de emoção, abraçando-se ao seu amigo Röhm. "Trabalharemos noite e dia até atingirmos nosso objetivo: salvar a Alemanha da aflição e do opróbrio." Foram elaborados uma proclamação ao povo alemão e dois decretos que estabeleciam uma Corte Suprema para julgar os crimes políticos. Declarou-se igualmente que "os principais patifes responsáveis pela traição de 9 de novembro de 1918 estavam fora da lei a partir deste dia", assim como a obrigação de mandá-los, vivos ou mortos, às mãos do governo racista nacional. [151]

Enquanto isso, as reações se formavam. De volta da Burgerbräu, Lossow fora recebido pelos oficiais de seu estado-maior, os quais comentaram a situação em tom de alerta. Supomos, disseram, que a cena de confraternização com Hitler não passou de um blefe. Em vista da indignação deles, o general abandonou toda a ideia do *putsch* . Mas, nos meandros impenetráveis de suas oscilações, certamente chegou a formar o projeto. Logo após, Kahr publicou uma declaração classificando de nulas e sem efeito as promessas que fizera. Como que preparando sua futura defesa, deixava bem claro que elas tinham sido conseguidas através de ameaças de armas. Pronunciou a extinção do Partido Nacional-Socialista e do Kampfbund. Sem de nada saber, Hitler, presa de atividade febril, procedia ainda à mobilização de forças para a grande marcha prevista sobre Berlim, no momento em que o comissário-geral dava instruções para fechar as vias de acesso a Munique aos partidários de Hitler. Enquanto isso, em seu zelo revolucionário, um destacamento das SA empastelava o jornal social-democrata *Munchener Post* . Outras unidades

aprisionavam reféns em seus domicílios, entre pilhagens esparsas, ao acaso, e Röhm ocupava a sede do comando militar na Schönfeldstrasse. Em seguida, ninguém sabia mais o que fazer e o tempo passava. Uma neve fina começou a cair, quase se derretendo. Por não receber nenhuma notícia de Kahr e de Lossow, Hitler começou a se inquietar. Os emissários que tinham sido enviados à cata de novidades não retornaram. Frick, ao que parece, tinha sido preso. Pöhner por sua vez também não tinha sido encontrado e Hitler começou a intuir que tinha fracassado.

Como sempre acontecia nos reveses e decepções de sua vida, seus nervos pouco sólidos ruíram, e, diante do insucesso de um dos seus projetos, renunciou a todas as suas intenções. Quando Julius Streicher apresentou-se na Burgerbräu, durante a noite, sugerindo forçar o sucesso através de um chamamento às massas, Hitler, segundo a narração de Streicher, mirou-o com espanto e, a um tempo resignado e perplexo, confiou-lhe, através de uma ordem escrita, o "conjunto da organização". Parecia ter abandonado tudo. [152] A um período de apatia seguiram-se manifestações de desespero, cujo frenesi histérico prenunciava já nessa época os acessos de furor delirantes dos anos futuros. Disposto a resistir ferozmente, repelindo de início todas as sugestões, decidiu finalmente organizar um grande desfile para o dia seguinte. "Se pudermos passar, muito bem. Se não nos enforcaremos!" – disse ele, e esta declaração antecipava sua atitude posterior, oscilando sempre entre as soluções extremas da vitória ou da morte. Ou o império mundial ou o suicídio. Quando uma patrulha enviada por ele para colher informações voltou com notícias favoráveis, readquiriu imediatamente a esperança, o entusiasmo e a confiança no poder da agitação. "Propaganda, propaganda", exclamou, "agora tudo depende da propaganda." Decidiu de repente organizar para aquela mesma noite 14 comícios, nos quais seria o principal orador; uma segunda manifestação deveria reunir, a partir do dia seguinte, dezenas de milhares de participantes na Königsplatz, para a festa da insurreição nacional; às primeiras horas da madrugada, ordenou a afixação dos cartazes necessários. [153]

Bem de acordo com seus métodos, essa solução era a única que lhe dava ainda uma esperança de sucesso. Pois as críticas que quase todos seus historiógrafos lhe fizeram, de que ele nunca agiu como um revolucionário no momento decisivo, dificilmente são aceitáveis, pois negligenciam os objetivos de Hitler e seus métodos de ação. [154] É certo que seus nervos explodiram, mas o fato de não ter ordenado a ocupação das centrais telegráficas e dos ministérios, e de não ter assegurado o controle das gares e dos quartéis, estava dentro da lógica das coisas: não era sua intenção de maneira alguma empolgar

o poder em Munique pela revolução, mas, tendo em mira o apoio que lhe daria a força da capital da Baviera, propunha-se a marchar sobre Berlim. Sua resignação também mostrava que não tinha ilusões, compreendendo melhor do que seus críticos que, após a defecção dos seus aliados, a ação estava completamente condenada. Na verdade, não esperava que o desfile ou a onda de propaganda pudessem suscitar uma mudança radical, mas esperava poder criar na opinião pública um clima graças ao qual todos os participantes desse complô contra a segurança nacional escapassem das punições políticas e jurídicas. Mas também é verdade que, durante as bruscas mudanças de humor, à noite, vinha-lhe ocasionalmente a ideia de arrastar as massas ao assalto e, saindo dos limites de Munique, iniciar finalmente a marcha sobre Berlim, tão insistentemente prometida. Levado pela própria imaginação, elaborou às primeiras horas da madrugada o projeto de fazer circular pelas ruas as patrulhas que deveriam proclamar: “Todas as bandeiras desfraldadas!” E disse: “A ver se suscitaremos ou não o entusiasmo.” [155]

Na realidade, as chances da ação não eram más, longe disso. Isso foi constatado de manhã, quando a opinião pública pendia absolutamente em favor de Hitler e do Kampfbund. Na prefeitura, assim como nas sacadas de todos os edifícios públicos, a bandeira da cruz gamada estava hasteada, às vezes espontaneamente, e a imprensa matutina relatava em termos favoráveis os acontecimentos que se desenrolaram em Burgerbräu. Desde a véspera, o partido tinha registrado 287 novas adesões, e os centros de recrutamento abertos pelo Kampfbund em diversos bairros da cidade eram objeto de uma afluência considerável. Enfim, nos quartéis os oficiais de grau inferior e os soldados simpatizavam abertamente com a ação e com os planos da marcha de Hitler.

Mas, isolado da opinião pública, privado do estímulo encorajador da massa a seu redor, Hitler viu-se novamente apreensivo pela manhã, e parece que a essa altura as massas eram o único elemento capaz de aumentar ou diminuir nele a confiança, a energia e a coragem. Bem cedo encarregou o tenente Nunzert, chefe do serviço de informações do Kampfbund, de se apresentar diante do Kronprinz Rupprecht, em Berchtesgaden, pedindo-lhe que atuasse como mediador, e de informá-lo de que ele não pretendia iniciar nada antes da volta do tenente a Munique. Temia que a marcha se chocasse contra a força das armas e provocasse de maneira infinitamente mais grave a repetição da derrota de 1º de maio, de que não perdera a lembrança. Só após longas discussões, nas quais Hitler hesitava, duvidava e desanimava de esperar a volta de Neunzert, é que Ludendorff pôs fim a todas as discussões com um enérgico “Marcharemos!” Por volta do meio-dia, alguns milhares de homens

se agruparam atrás dos porta-estandartes. Os chefes e oficiais deviam tomar a dianteira do cortejo. Ludendorff era um civil: Hitler metera uma capa impermeável por cima de sua casaca da véspera. Tinha ao seu lado Ulrich Graf, Scheubner-Richter e logo atrás o dr. Weber, Kriebel e Göring. “Pusemo-nos em marcha”, declarou depois Hitler, “com a convicção de que, de uma maneira ou de outra, seria o fim. Lembro-me que lá fora, sobre os degraus, um dos nossos disse-me, na hora da partida: ‘É o último capítulo!’ Esta de fato era a convicção geral.” [156] Começaram a marchar cantando.

Diante da ponte levadiça do Isar, um contingente policial barrou a passagem do cortejo e Göring conseguiu intimidá-los declarando que, ao primeiro disparo, todos os reféns seriam fuzilados. Perplexos, os policiais foram imediatamente afastados pelos manifestantes, em colunas de 16 fileiras, que, cercando-os de todos os lados, conseguiram desarmá-los em meio a sopapos e cusparadas. Sobre a Marienplatz, diante da prefeitura, Streicher fazia demagogia para as massas do alto de um pedestal. E podia-se sentir a gravidade da crise com a qual Hitler se defrontava, apesar de acolhido pelas massas como um salvador, pelo fato de ter desfilado em silêncio. [157] Apoiava-se nos braços de Scheubner-Richter, e esse curioso gesto de dependência, no qual parecia buscar um apoio, não correspondia certamente à concepção de um chefe. O cortejo serpenteava sem destino pelas ruas estreitas do centro da cidade, aclamado pelos passantes. Ao aproximar-se da Residenzstrasse, o grupo dianteiro entoou a canção *O Deutschland hoch in Ehren* [Ó Alemanha tão venerada]. Na Odeonplatz, topou novamente com uma barreira policial.

Não foi possível até hoje determinar exatamente o que se passou naquele momento. Em parte influenciadas por um alto grau de fantasia, em parte inspiradas por um desejo de autojustificação, as inumeráveis declarações das testemunhas só concordam num ponto: que um tiro isolado deflagrou uma fuzilaria que durou apenas sessenta segundos. Mortalmente atingido, Scheubner-Richter foi o primeiro a tombar, arrastando Hitler na queda e luxando-lhe o braço. Oskar Körner, o ex-vice-presidente do partido, também foi abatido, juntamente com o conselheiro jurídico von der Pfordten. Após a escaramuça, 14 membros do cortejo jaziam mortos na rua, e muitos outros, entre os quais Hermann Göring, estavam feridos. E enquanto os manifestantes se jogavam por terra ou fugiam em disparada, Ludendorff, ao passo e trêmulo de cólera, transpôs o bloqueio da polícia. Se um pequeno grupo de homens o tivesse seguido, o dia talvez tivesse terminado de outro modo. Mas ninguém o acompanhou. Não era certamente por covardia que a maioria desses homens permanecia prostrada no chão, mas por obediência ao instinto de autoridade dos direitistas diante do sólido argumento dos fuzis do poder. Numa atitude de

grandiosa arrogância, o Guerreiro Nacional, com um ponto de vista bem diferente do de seus companheiros, esperou no local o oficial em serviço daquela tropa e deixou-se prender. Bruckner, Frick, Drexler e o dr. Weber renderam-se juntamente com ele. Rossbach refugiou-se em Salzburgo e Hermann Esser fugiu para a Tchecoslováquia. Por volta do meio-dia, Ernst Röhm, que ocupara a sede do comando militar, também capitulou, após breve troca de tiros, durante a qual dois membros do Kampfbund foram abatidos. Nesse dia, seu porta-bandeira era um rapaz de feições afeminadas, de óculos. Chamava-se Heinrich Himmler e era filho de um diretor de escola muito considerado. Carregando os mortos nas costas, os membros do cortejo desfilaram desarmados por toda a cidade, numa marcha de adeus silencioso. Em seguida se dispersaram. Röhm também foi preso.

O heroísmo afetado de Ludendorff revelara, sobretudo, a verdadeira natureza de Hitler, cujos nervos ruíram pela segunda vez num só dia. As narrativas de seus correligionários, segundo as quais, sem esperar o desfecho da cena, Hitler correu da multidão, fugindo precipitadamente com seus companheiros, apenas se contradizem em alguns pontos sem importância. Ele abandonou os mortos e os feridos. E, se na tentativa de disfarçar, fingiu crer que Ludendorff tinha sido morto, aí mesmo é que se é levado a exigir que ele permanecesse no local. Aproveitando-se da desordem geral, conseguiu escapar numa ambulância e, anos mais tarde, para justificar sua conduta, inventou uma história segundo a qual teria salvo uma criança abandonada em meio à fuzilaria. Esta versão foi desmentida pelo círculo do próprio Ludendorff, antes que o próprio Hitler desistisse dela. [158] Escondeu-se depois em Uffing, no lago Staffel, a sessenta quilômetros de Munique, na casa de campo de Ernst Hanfstaengl, onde curou a dolorosa luxação do braço direito. Moralmente alquebrado, insistia em se suicidar, mas Hanfstaengl conseguiu dissuadi-lo do intento. Preso dois dias após, “pálido e desfigurado, uma mecha de cabelo caindo sobre o rosto”, foi encarcerado na fortaleza de Landsberg am Lech. Preocupado, mesmo nas situações mais catastróficas de sua vida, em causar efeito, pediu ao oficial comandante da patrulha, encarregado de prendê-lo, que lhe fosse pregada ao peito a Cruz-de-Ferro de 1ª classe.

Na prisão, obstinou-se num surdo desespero, crendo de início “que seria fuzilado”. [159] Nos dias que se seguiram, Amann, Streicher, Dietrich Eckart e Drexler foram igualmente encarcerados em Landsberg, ao passo que o dr. Weber, Pöhner, o dr. Frick, Röhm e quatro outros foram levados para prisões de Munique. Ludendorff foi o único que não ousaram deter. É evidente que o próprio Hitler vagamente sentia que a sua sobrevivência fora um erro e, de

qualquer maneira, sentia que tudo estava perdido. Durante uns dias, imaginou tomar a dianteira do seu pelotão de execução, terminando os dias com uma greve de fome. Mais tarde, Anton Drexler reivindicou o mérito de tê-lo dissuadido. Frau von Scheubner-Richter, viúva do amigo que morrera a seu lado, ajudou-o também a superar o mal-estar desses dias. Pois a fuzilaria inesperada de Feldherrnhalle não representava apenas o fim abrupto de sua ascensão de três anos, aparentemente irresistível, bem como de todas as suas previsões técnicas. Representava sobretudo um choque terrível com a realidade. Após os primeiros triunfos orgíacos de orador, em meio aos aplausos tumultuados que saudavam a grande figura do herói, ele vivia num mundo ilusório de luzes fantásticas; desdobrara a alturas insuspeitadas os estratagemas do comediante que enfeitiça tanto as massas como a si próprio, e já tinha em mira os exércitos, as bandeiras, os cortejos apoteóticos, quando por detrás das visões do sonhador desperto, brusca e brutalmente, rasgou-se o véu.

É significativo a este respeito que tenha recuperado a confiança perdida tão logo tomou conhecimento de que um processo regular se preparava. Farejou imediatamente a grande cena que iria representar: aparições dramáticas, público, aplausos. Mais tarde, num discurso conhecido, declarou que o fracasso de 9 de novembro de 1923 tinha sido a grande chance de sua vida, e é evidente que nesse momento sonhava com o processo que o arrancaria do desespero e do abandono e o recolocaria na desejada situação de jogador. Desdobrando seu papel, poderia ganhar tudo e transformar finalmente a catástrofe do *putsch* , tão melancolicamente encerrado, em triunfo de demagogo.

Num consenso tácito entre todos os interessados de não se abordar a fundo a questão, o processo caracterizado como complô contra a segurança nacional abriu-se no dia 24 de fevereiro de 1924, no edifício da antiga Escola de Guerra de Blutenstrasse. Hitler, Ludendorff, Röhm, Frick, Pöhner, Kriebel e mais quatro eram acusados, ao passo que Kahr, Lossow e Seisser compareceram como testemunhas. Desde a abertura dos debates, Hitler tirou o melhor partido dessa curiosa confrontação, que certamente não correspondia ao acordo complicado a que chegaram antes dos dias do *putsch* . Ao contrário dos protagonistas do *putsch* de Kapp, Hitler não protestou inocência. “Nesta ocasião”, disse ele, “cada um levantava a mão para jurar que não estava a par de nada, que não se tinha nenhum projeto e não se queria fazer nada. O mundo burguês foi aniquilado pelo fato de que eles não tiveram a coragem de assumir a responsabilidade dos seus atos, de se apresentarem diante do juiz e proclamar: ‘Sim, era isto mesmo que nós queríamos.

Queríamos subverter este estado.'" Em consequência, reconheceu francamente suas intenções, mas rejeitou categoricamente a acusação de conspiração contra a segurança do estado:

> Não posso me declarar culpado. Reconheço sem dúvida os fatos, mas não me reconheço culpado de conspiração contra a segurança do estado. Não existe conspiração contra a segurança do estado numa ação dirigida contra a alta traição de 1918. Além do mais, semelhante acusação não se pode fundamentar unicamente na ação empreendida nos dias 8 e 9 de novembro. Deveria, em acréscimo, invocar nossas campanhas e nossas atividades durante as semanas e os meses precedentes. Se absolutamente se pretende que tenhamos conspirado, é surpreendentemente espantoso que não estejam sentados aqui ao meu lado aqueles que, durante esse período, buscaram o mesmo objetivo. Em todo caso, sou obrigado a rejeitar essa acusação, na medida em que não figurarem entre os culpados aqueles que tanto quanto nós cooperaram com a ação revolucionária, discutindo-a e preparando-a nos seus menores detalhes. Não me considero culpado de conspiração contra a segurança do estado, pois sou um alemão que trabalha pelo bem do seu povo. [160]

Entre os que estavam sendo atacados, nem um só foi capaz de refutar essa argumentação e, de fato, Hitler conseguiu assim não apenas transformar o processo num carnaval político, conforme as palavras de um jornalista presente à audiência, como também passar da posição de acusado à de acusador, fazendo com que o promotor-geral, sem disso se dar conta, se restringisse a assumir a defesa do antigo triunvirato. O presidente pôde apenas formular uma objeção: não sancionou os insultos, os ultrajes e as declarações de guerra endereçadas aos "criminosos de novembro", na medida em que as manifestações tumultuadas de aprovação da maioria do público suscitaram discretos apelos à ordem. E a audiência não foi suspensa nem mesmo quando Pöhner chamou o presidente de *Ebert Fritze* [*Ebertinho*], e declarou que não tinha nenhum dever com relação à república, sua instituição e suas leis. Numa sessão do gabinete, a 4 de março, um dos ministros da Baviera declarou que até então nenhum dos ministros demonstrara discordar da opinião dos acusados. [161]

Sob a pressão das circunstâncias, Kahr e Seisser logo pediram demissão. O antigo comissário-geral de estado, fixando o olhar sombrio na plateia, tentava, através de múltiplas contradições, lançar toda a responsabilidade da ação sobre Hitler, sem compreender até que ponto faziam, assim, o jogo dele. Lossow era o único que se defendia com energia. Insistia sem cessar nas inúmeras vezes em que seu adversário faltou com a palavra dada e "permanece o fato", disse, "mesmo que *Herr* Hitler o negue infinitamente". Com todo o desprezo de sua casta, descreveu o chefe do Partido Nazi como um indivíduo "desprovido de tato, limitado, aborrecido, ora brutal, ora sentimental e em qualquer caso medíocre". Concluiu com uma análise psicológica: "Ele se considerava o Mussolini alemão, o Gambetta alemão, e seus correligionários, herdeiros do bizantinismo da monarquia, designaram-no

o Messias alemão." Quando por repetidas vezes Hitler, indignado, interrompeu a gritos o general, não foi "chamado à ordem", o que, segundo o presidente, "não teria nenhum valor prático", por isso contentou-se em convidá-lo à moderação. [162] Até o primeiro-promotor entremeou as perguntas ao acusado com gentilezas a Hitler, as quais foram notadas. Elogiava sua "eloquência única" e dizia "que era uma injustiça referir-se a ele como a um demagogo". Prosseguia com um respeito benévolo: "Ele sempre levou uma vida privada sem manchas e, em vista das solicitações de que era naturalmente objeto, na qualidade de chefe de partido sempre festejado, este fato merece ser especialmente sublinhado. (…) Hitler é um homem altamente dotado, que, partindo de quase nada, logrou atingir, graças a seu trabalho e dedicação, uma situação respeitável na vida pública. Sacrificou-se totalmente aos ideais que professa e cumpriu integralmente o seu dever de soldado. Não se pode acusá-lo de ter utilizado em proveito próprio a situação que ele mesmo criou." [163]

Estes favores facilitaram extraordinariamente a recuperação de Hitler no processo, mas, no final das contas, foram seus próprios dons que transformaram em triunfo o fiasco desse *putsch* tantas vezes levado à chacota e que transformaram numa façanha nacional a noite de 9 de novembro, marcada pela angústia e pela indecisão. É preciso consignar ao crédito de suas mais impressionantes façanhas políticas a segurança intuitiva e provocante com que enfrentou o processo, tão pouco tempo após uma pesada derrota. Reivindicou a plena responsabilidade pelo fracasso a fim de justificar a sua conduta como um dever patriótico e histórico superior. Em sua peroração, que refletiu perfeitamente a segurança que marcou o seu comportamento durante o processo, referiu-se à observação de Lossow que pretendia limitar seu papel ao de um reles "propagandista e agitador".

> Como as pessoas mesquinhas pensam de um modo rasteiro! Estejai persuadidos de que a simples obtenção de uma pasta ministerial não justifica a luta para adquiri-la. Considero indigno de um grande homem pretender passar para a posteridade unicamente transformando-se em ministro. (…) Desde o início que tenho tido um objetivo mil vezes mais importante. Quis ser o destruidor do marxismo. Cumprirei este dever e aí então o título de ministro será para mim uma piada. Quando vi pela primeira vez o túmulo de Wagner, meu coração encheu-se de orgulho, e pensei: Eis o homem que proibiu que gravassem como seu epitáfio: *Aqui jaz Sua Excelência o barão Richard von Wagner, conselheiro privado e diretor musical* . Fiquei feliz em ver que este homem, entre tantos outros na história da Alemanha, se contentava em deixar seu nome à posteridade, e não seus títulos. Pois não é por modéstia que agora eu queira ser um "tamboreiro-arauto." Isto é o máximo a que se pode aspirar. O resto é ninharia. [164]

A segurança com que ele posou de grande homem e defendeu esse ponto de vista contra Lossow, como se tudo tivesse partido de si, e o tom com que exaltou sua própria personagem, desde o início, não deixaram de produzir de

súbito uma forte impressão e de transformá-lo no ponto central do processo. É bem verdade que os atos oficiais redigidos com a preocupação de respeitar estritamente a ordem hierárquica sempre mencionaram Ludendorff antes de Hitler. No entanto, os esforços envidados de todas as partes para poupar o chefe de estado-maior da Grande Guerra deram a Hitler uma chance a mais, que ele entreviu e utilizou. Esquecendo-se de Ludendorff e ao reivindicar apenas para si toda a responsabilidade do fato, assumia o papel vago de Führer de todo o movimento racista. E quanto mais se prolongavam os debates, mais conseguia fazer esquecer o caráter irreal e desesperado que dera a sua aventura um estilo de história de bandoleiros. Da mesma forma, sua atitude relativamente passiva e perplexa na manhã que antecedeu à demonstração passou ao segundo plano. Para estupefação e admiração de todos, o curso dos acontecimentos assumiu progressivamente a característica de um golpe de mestre engenhosamente preparado e totalmente executado. "O feito de 8 de novembro não foi um fracasso", foi ele capaz de proclamar em plena audiência, lançando assim as bases da futura lenda. Nas frases finais, desenvolveu com emoção a visão de seu triunfo na política e na história:

> Dia após dia, hora após hora, o exército que formamos se multiplica cada vez mais rapidamente. Neste momento preciso, espero com orgulho que um dia chegará a hora em que estes bravos destacamentos se transformarão em batalhões, os batalhões em regimentos e os regimentos em divisões. A velha insígnia será arrancada da lama, as velhas bandeiras serão novamente desfraldadas ao vento, e então virá o veredicto final do Tribunal de Deus, onde estamos preparados para comparecer. Nossas ossadas e nossas tumbas ouvirão então a voz do único tribunal qualificado para nos julgar. Pois, senhores, não sereis vós que nos julgareis; o veredicto será dado pelo Tribunal Eterno da história, que se pronunciará sobre a acusação da qual somos o objeto. Não conheço o julgamento que pronunciareis. Mas o Tribunal da Eternidade certamente não nos perguntará: Tendes conspirado ou não contra a segurança do estado? Ele nos julgará, ele julgará o chefe do estado-maior do antigo Exército, seus oficiais e seus soldados que, alemães, trabalharam dando o máximo de suas forças para o povo e para a pátria, querendo combater e morrer. Mesmo se nos declareis mil vezes culpados, a deusa do Tribunal Eterno da história rasgará com um sorriso nos lábios as acusações do ministério público e o veredicto de vosso tribunal. E nos absolverá.

Como foi observado com muita propriedade, o julgamento da corte popular de Munique pouco diferiu do "Tribunal Eterno da História" anunciado por Hitler. O presidente teve dificuldade em conseguir que os três juízes não profissionais dessem um veredicto de culpa. Apenas se resignaram, diante da garantia de que se podia considerar certa uma medida de concessão de liberdade provisória. A proclamação do veredicto em si foi um acontecimento para a sociedade de Munique, que queria festejar o homem que tinha iniciado a baderna. O veredicto, onde novamente estava sublinhado "o espírito puramente patriótico e a nobre vontade" dos acusados, previa para Hitler pena de no mínimo cinco anos de fortaleza, deixando-o esperar os benefícios de um *sursis* , ao expirar o prazo de seis meses de detenção. Ludendorff foi absolvido. O Tribunal decidiu não aplicar a Hitler a lei prescrevendo a

expulsão de um estrangeiro indesejável, pois estimava que não se podia aplicar essa lei a um homem “que pensava e sentia em termos tão alemães quanto ele”. Esta decisão foi acolhida com um tumulto de “bravos” gritados pelo público no pretório. Logo que os juízes se retiraram, Bruckner gritou duas vezes, a plenos pulmões: “Finalmente um ato de justiça!” Em seguida, Hitler apareceu numa janela do Palácio de Justiça e foi aclamado pela multidão. Às suas costas, na sala, as flores se acumulavam. Mais uma vez, o estado perdera o jogo.

Pareceu, no entanto, a Hitler que sua época de grandes voos passara. Bem verdade que, logo após o 9 de novembro, as massas se uniram e se manifestaram fortemente em seu favor, e que as eleições no *Landsag* da Baviera e no Reichstag, nessa ocasião, deram substanciais ganhos à causa dos racistas. Apesar de tudo, não mais Hitler estando presente para manter com o seu maquiavelismo e com a magia do seu verbo a coesão do Partido Nazi ou da organização camuflada criada com a interdição do partido, este não tardou a se dividir em pequenos grupos insignificantes, ciumentos e ferozmente hostis uns aos outros. Drexler deplorou a partir desse momento que Hitler tivesse “destruído para sempre o partido com aquele *putsch* insensato”. [165] Além do mais, as chances de uma propaganda centrada quase que exclusivamente sobre os complexos do mau humor da opinião pública se esvaziaram muito quando, em fins de 1923, as condições de vida pareceram se estabilizar. A inflação em particular estava controlada e o período dos “anos felizes” se descortinava nos anais da república iniciada sob auspícios tão nefastos. Eis por quê, a despeito de todos os incidentes locais, o 9 de novembro teve o efeito de uma simples peripécia no drama infinitamente mais vasto constituído pela história da República de Weimar; marcou o fim do pós-guerra. A fuzilaria da Feldherrnhalle parecia haver chamado a opinião pública à razão. Após tanto tempo de divagações, o olhar de uma grande parte da nação volta-se agora para a realidade.

A façanha de novembro marcou também uma reviravolta na evolução do Partido Nazi e no próprio Hitler. Os ensinamentos táticos extraídos determinaram todas as suas escolhas ulteriores. Não se deixou de comemorar aquela triste manhã uma vez sequer. Hitler avançava então entre as colunas de fumaça do incenso funerário e, na Königsplatz, fazia o supremo apelo aos mortos que repousavam em seus esquifes de bronze. Ora, não era apenas a sua mania de teatro, sempre pronta a fazer de uma lembrança histórica um espetáculo, que o levava a celebrar anualmente esse culto com sombria solenidade; era, para o homem político em que se transformara, uma maneira

de prestar homenagem a um dos acontecimentos políticos de sua formação. Na verdade, ele aí via “talvez a maior chance da sua vida”, o verdadeiro “aniversário de nascimento” do partido. [166] Conseguiu assegurar-lhe um número de adeptos que transcendia de longe o quadro da Baviera e mesmo da Alemanha; dera ao país mártires, uma legenda, uma aura romântica de uma fidelidade perseguida e o resplendor da decisão. “Não vos enganeis”, declarou Hitler em um dos discursos comemorativos que prestava culto à “sabedoria da Providência” e celebrava todas as vantagens do acontecido, “se não tivéssemos agido naquele momento, eu jamais poderia ter fundado um movimento revolucionário… Poder-se-ia então me dizer com razão: tu falas como os outros e não ages mais do que eles.” [167]

Ao mesmo tempo, ao cair de joelhos diante dos fuzis apontados pelas autoridades, diante da porta da Feldherrnhalle, Hitler definia de uma vez por todas suas relações com o estado, e foi aí o ponto de partida da linha que seguiu metodicamente até sua conquista do poder, a despeito de todas as resistências e da impaciência revoltada dentro de suas próprias fileiras. Sem dúvida, o exame desses atos revela que já bem antes ele tinha flertado com o poder e granjeado seus favores. Sem se manter coerente com sua própria confissão, segundo a qual, “de 1919 a 1923 não ter pensado noutra coisa senão em um golpe de estado”, [168] pode-se dizer que aprendeu naquele momento a racionalizar, à sombra do poder, um tipo de ambição mais instintiva e a fazer dela a base tática da revolução nacional-socialista.

Pois esses dias de novembro ensinaram-lhe que a conquista de um estado moderno pela violência estava condenada ao malogro e que só teria sucesso quem se apoiasse na constituição. Certamente que não se deve depreender que Hitler, em seus esforços por empolgar o poder, estivesse pronto a aceitar a legalidade como uma barreira inviolável, mas apenas que estava disposto a desenvolver a ilegalidade ao abrigo da legalidade. Nunca deixou pairar qualquer sombra de dúvida sobre o fato de que as inúmeras declarações de respeito à constituição, professadas ao longo dos anos seguintes, objetivavam única e exclusivamente a conquista do poder, e referia-se abertamente à prestação de contas que se seguiria imediatamente. “A revolução nacional”, declarava Scheubner-Richter em um artigo de 24 de setembro de 1923, “não deve preceder à tomada do poder político; ao contrário, a posse dos meios policiais do estado constitui a premissa da revolução nacional.” [169] Como o chamava uma expressão irônica da época, “Adolphe Legalité” apresentava-se cada vez mais como o servidor da ordem. Assim, amealhava testemunhos de simpatia junto às grandes personalidades e às instituições influentes, dissimulando suas intenções revolucionárias sob promessas infatigavelmente

repetidas de conduzir-se corretamente, sempre fiel à tradição. Colocou-se uma surdina nas notas de agressividade da primeira fase, que só eram utilizadas ocasionalmente para fins de intimidação. Em pouco já não procurava a queda do estado, mas sua colaboração. Esta foi a fachada adotada para fins táticos, que enganou até os dias de hoje tantos observadores e exegetas em relação às ambições revolucionárias de Hitler, e que vendeu uma caricatura simplificada de um partido pequeno-burguês e conservador, ou obtusamente reacionário.

O plano de Hitler previa principalmente diferentes relações com o Reichswehr. Atribuía o seu fracasso de 9 de novembro em parte ao fato de não ter ligado à sua causa personalidades do poder militar. A conclusão de sua defesa diante da Corte de Munique continha já esse apelo endereçado ao Reichswehr, que foi um dos princípios imutáveis, quase um dogma, da nova tática. "Chegará o dia em que o Reichswehr estará do nosso lado", exclamou no pretório, e a esse objetivo subordinou rigorosamente o papel de sua própria milícia, a formação armada nacional-socialista, até o ato sanguinário de reverência perpetrado em 30 de junho de 1934. Ao mesmo tempo, porém, livrava a tropa de choque de uma dependência do Reichswehr: a SA não devia ser nem parte integrante do exército nem sua rival.

A derrota diante da Feldherrnhalle não apenas deu a Hitler uma receita de tática mais dura: ultrapassando em muito este resultado, logrou modificar seu conceito de relação com a política. Até então, notabilizara-se por suas atitudes incondicionalmente categóricas, apresentando alternativas extremistas e agindo "como uma força da natureza". Via a política com a ótica adquirida na guerra. Representava um assalto sobre o inimigo, um rompimento de linhas adversárias, um choque e, no final das contas, inevitavelmente, a vitória ou o aniquilamento. Só a partir deste momento Hitler pareceu compreender plenamente o sentido e as possibilidades do jogo político, suas artimanhas táticas, os falsos compromissos e as manobras para ganhar tempo. Em matéria de política, passou a dominar desde então seu comportamento "de artista", instintivo e ingenuamente demagógico. A figura do agitador, arrastado pelas circunstâncias e por suas próprias reações impulsivas, passou definitivamente para o segundo plano, e deu lugar à do tecnocrata do poder, agindo metodicamente. Eis por que o *putsch* malogrado de 9 de novembro marca uma das datas essenciais da vida de Hitler. Fecha a fase de seu aprendizado político. Mais exatamente: é só então que ele entra realmente na política.

Hans Frank, advogado de Hitler, mais tarde governador na Polônia, observou em seu depoimento diante do tribunal de Nuremberg que "toda a via histórica de Hitler, a substância mesma de todo o seu caráter", apresentava-se em estado embrionário por ocasião do *putsch* de novembro. O que salta à

vista é a presença simultânea dos estados mais contraditórios, os exageros e os transbordamentos de instinto que lembram visivelmente o caráter histérico dos sonhos acordados e das certezas imaginárias do adolescente à época em que era urbanista, compositor e inventor – e a passagem sem transição à depressão sombria, aos gestos do jogador desesperado que arrisca tudo por tudo e cai em melancólica apatia. Em setembro, muito seguro de si, havia dito a um dos seus partidários: "Você conhece história de Roma? Eu sou Mário e Kahr é Sila. Eu sou o chefe do povo, enquanto ele representa a classe dirigente, e, desta vez, Mário vencerá." [170] No entanto, aos primeiros sinais de resistência, desencorajado, ele abandonara tudo. Não era homem de ação, mas apenas proclamador da ação. É verdade que fora capaz de assumir grandes tarefas, mas seus nervos não estavam à altura do seu desejo de ação. Previra um "combate de gigantes". Naquele momento de exaltação em Burgerbräu, afirmara que já não era possível recuar e que o assunto já se constituía "um acontecimento da história mundial". Mas depois, face à história mundial, passou ao largo, sem glória, "não querendo nada mais com este mundo de mentiras", [171] como chegou a declarar ao tribunal. Mais uma vez jogara pesado e tudo perdera.

Foi graças à retórica que salvou a situação. A maneira como transformou essa derrota em vitória evidenciava bem a que ponto compreendia mal a realidade e o quanto tendia a desfigurar os fatos, explorando-os no plano da propaganda. A exaltação febril de sua ação, de suas hesitações precipitadas, vacilantes e inábeis, está em completo desacordo com o sangue-frio e a presença de espírito que demonstrou diante do tribunal.

Poder-se-ia depreender de tudo isto um elemento de jogo e um amor ao risco, a tendência em se meter em situações sem saída, a assumir missões sem esperança. Em todos os momentos decisivos de 1923, revelou uma tendência patológica a fechar-se a toda possibilidade de escolha tática. Parecia sempre procurar inicialmente uma parede em que apoiar as costas, para redobrar em seguida o esforço já exagerado até então empreendido. Dir-se-ia que ele tinha a verdadeira constituição de um suicida. Nessa perspectiva, ridicularizava os esforços políticos tendentes a evitar as alternativas dolorosas; a esse propósito, referia-se a "uma ideologia de aprendizes de política", exprimindo seu desprezo pelos que "nunca se transcendem". Considerava uma "fácil escapatória" a definição de Bismarck segundo a qual a política é a arte do possível. [172] Sem dúvida é preciso ver mais do que uma simples expressão de seu temperamento melodramático no fato de, a partir de 1905, sua existência ser acompanhada de uma série de ameaças de suicídio. Ameaças que se manifestam inicialmente por uma provocação de caráter extremo e terminam

sobre o divã do seu *bunker* da Chancelaria do Reich, com o dilema final: “Hegemonia mundial ou aniquilamento.” É característico que sua entrada na grande política tenha sido acompanhada de idêntica ameaça. Sem dúvida, grande número de suas atitudes dão a impressão de exagero e não são despidas daquela tendência ao cabotinismo de que só conseguiu se livrar a duras penas. Mas estaremos nós, na realidade, apenas projetando em retrospecto noções adquiridas ao longo do estudo de seus anos posteriores ou já nos permitiria antever no jovem ator hiperexcitado da fase inicial toda a aura da catástrofe final?

O 9 de novembro foi o dia do aprofundamento. Ao meio-dia, quando o cortejo dos manifestantes se aproximava da Odeonplatz, um passante perguntara se aquele Hitler que ia à testa do cortejo “era mesmo o tal tipo cujo nome se lê por todos os cantos”. [173] A partir de então ele entrara para a história. É preciso acrescentar a todas as coincidências que o dia 9 de novembro representa, em sua vida inteira, o fato de ele se ter assegurado nesse dia um papel preponderante graças a uma derrota. Exatamente como mais tarde, em um quadro terrivelmente mais vasto, seu nome seria legado à posteridade através de uma catástrofe.

PARTE III

ANOS DE ESPERA

10

A visão

Saibam que nós vemos os acontecimentos dentro da perspectiva da história .

Adolf Hitler

MAIS QUE UMA SIMPLES PROVOCAÇÃO , a coroa de louros que Hitler pendurou na parede do alojamento que lhe fora destinado na fortaleza de Landsberg era uma clara indicação de que suas intenções permaneciam inalteradas. O fato de se isolar do que estava acontecendo, em consequência da detenção, foi-lhe proveitoso do ponto de vista político e no aspecto pessoal. Permitiu-lhe escapar às consequências que o desastre de 9 de novembro acarretou ao Partido; deu-lhe oportunidade de acompanhar as disputas de seus partidários a uma distância que lhe conferia igualmente a auréola do martírio nacional. Ao mesmo tempo, depois de anos de louca agitação, esse isolamento o ajudou a recolher-se, a reencontrar a fé em si mesmo e em sua missão. À medida que se acalmava o tumulto de suas emoções, ele se afirmava mais e mais no papel de figura de proa da direita *völkisch* , nacional-popular, papel a que, no início, aspirara com hesitação. Com essa convicção reforçada pelo processo judicial que sofreu, assumia agora, com segurança cada vez maior, a missão do Führer, a única adequada para sua vocação messiânica. Metodicamente e com aguda consciência de seu papel, Hitler impôs essa convicção a seus companheiros de prisão — e foi esse sentimento que lhe deu, desde então, aquela máscara quase gelada cuja expressão jamais viria a ser modificada sequer por um sorriso, um gesto desinteressado, um momento de descuido. De agora em diante, apareceria como uma figura estranhamente inatingível, impessoal, quase abstrata, no cenário em que era, incontestavelmente, o principal protagonista. Já antes do *putsch* de novembro, Dietrich Eckart se queixara da mania de grandeza e do “complexo messiânico” de Hitler. [1] Agora, ele assumia cada vez mais aquela pose de estátua, correspondente às dimensões monumentais da imagem que fazia da majestade e do comando.

O regime penitenciário não atrapalhou seu esforço metódico no sentido de construir-se uma imagem. No decurso de um processo complementar, cerca de quarenta outros participantes do *putsch* tinham sido condenados e imediatamente transferidos para Landsberg. Entre estes, encontravam-se os membros da *Stosstrupp Hitler* Berchtold, Haug, Maurice, bem como Amann,

Hess, Heines, Schreck e o estudante Walter Hewel. A direção da penitenciária permitiu que Hitler levasse vida suave, sem coações, no meio de seus partidários — e ele se aproveitou disso para satisfazer suas exigências particulares. Sentado sob a bandeira da suástica, presidia a hora da mesa no grande refeitório da fortaleza e seus companheiros providenciavam a limpeza e manutenção do seu quarto. Hitler não participava dos jogos ou dos trabalhos, nem mesmo os mais leves. Assim que chegaram, seus partidários foram obrigados "a se apresentar imediatamente para um contato com o Führer", e o relato de um dos protagonistas esclarece que, todas as manhãs, às 10 horas, havia "conferência com o chefe". Durante o dia, Hitler se dedicava à sua volumosa correspondência, e entre as cartas que recebeu figurava uma homenagem, em notável forma literária, de um jovem estudante de filologia, recém-diplomado, que se chamava Joseph Goebbels. Aludindo à peroração de Hitler ante o tribunal de Munique, declarava: "V. Exa. enunciou ali o catecismo de uma nova fé política, em meio ao desespero de um mundo que desmorona, depois de ter sido privado de seus deuses. (…) Um deus inspirou a V. Exa. a maneira de dizer o que nós sofremos. V. Exa. encontrou as palavras libertadoras para definir nosso tormento." Houston Stewart Chamberlain também lhe escreveu, enquanto Rosenberg difundia milhões de exemplares de um "cartão-postal de Hitler, símbolo de nosso Führer", a fim de manter no mundo exterior a lembrança daquele detento. [2]

Era frequente Hitler passear no jardim da prisão. Ainda atormentado por suas antigas incertezas quanto ao estilo a padronizar, recebia as homenagens de seus fiéis, adotando uma máscara de grande imperador. Completando o conjunto, usava calções curtos de couro, uma jaqueta folclórica, e muitas vezes também um chapéu. Quando tomava a palavra, por ocasião das reuniões conhecidas como serões de camaradagem, "os funcionários da fortaleza se agrupavam em silêncio no vestíbulo e escutavam". [3] Como se tivesse sido indiferente aos efeitos da derrota, expunha as lendas e as visões de sua vida; por uma associação de ideias características, desenvolvia também seus projetos relativos ao estado, à frente do qual sempre se via só como ditador. Segundo observação feita posteriormente, a ideia das autoestradas e a do Volkswagen, entre outras, datavam desse período. Embora a duração das visitas fosse limitada a seis horas por semana, Hitler recebia, às vezes, até durante seis horas por dia os correligionários, os portadores de pedidos e os políticos simpatizantes que faziam peregrinações a Landsberg. Esses grupos incluíam, igualmente, numerosas mulheres, e foi dito, não sem razão, que aquela penitenciária havia sido a "primeira Casa Parda". [4] Por ocasião do 35º aniversário de Hitler, pouco depois do encerramento do processo, as flores e os volumes enviados pelo correio ao ilustre detento enchiam várias salas.

Aquela parada que lhe fora imposta também lhe deu oportunidade para uma recomposição interior, no curso da qual tentou ordenar os sentimentos. Por outro lado, aproveitou a oportunidade para tentar fundir as noções adquiridas em suas leituras passadas, e só parcialmente assimiladas, com os frutos de uma cultura mais recente, elaborando, assim, o arcabouço de sua ideologia. “Esse período”, diz ele, “deu-me ocasião para esclarecer diversas noções que eu adquirira, até ali, só de maneira instintiva.” [5] Apenas indicações ou declarações de terceiros permitem saber o que ele realmente lera; como autodidata sempre temeroso de se expor à suspeição de certos plágios intelectuais, raramente falava de livros ou mencionava autores preferidos. Repetidas vezes e em variadas circunstâncias fez alusão a Schopenhauer, cuja obra afirmava ter lido na guerra — e era mesmo capaz de citar-lhe longas passagens. O mesmo acontecia quanto a Nietzsche, Schiller e Lessing. Mas sempre evitava fazer citações e, assim, dava a impressão de dispor de conhecimentos originais. Num esboço autobiográfico de 1921, afirmava ter “estudado profundamente na juventude as doutrinas econômicas e toda a literatura antissemita disponível na época”. E observou, a propósito: “Desde meus 22 anos, tenho-me dedicado, com particular interesse, à leitura de obras político-militares, consagrando-me sempre ao estudo aprofundado da história geral da política mundial.” [6] Todavia, sempre se abstinha de mencionar autor, título de livro. Como se quisesse manifestar de maneira indireta seu complexo quantitativo, apropriava-se das categorias inteiras do saber; fazendo um gesto largo, mencionava a história da arte, a história da civilização, a história da arquitetura e “os problemas políticos”. Mas há fortes razões para pensar que, até então, adquirira seus conhecimentos quase que exclusivamente com a ajuda de obras de segunda e terceira classe. Segundo Hans Frank, em Landsberg ele leu Nietzsche, Chamberlain, Ranke, Treitschke e Bismarck, assim como as memórias de guerra dos estadistas alemães e aliados. Mas também bebeu os elementos de sua filosofia em obras de vulgarização, cujas fontes longínquas são praticamente impossíveis de reencontrar: escritos antissemitas e racistas, obras teóricas sobre o germanismo, a mística do sangue e da eugenia, bem como tratados relativos à filosofia e ao darwinismo.

Entre os numerosos depoimentos do tempo sobre as leituras de Hitler, apenas uma afirmação parece plausível: a que fala da sua sede de instrução. Kubizek já observara que, em Linz, ele se inscrevera simultaneamente em três bibliotecas, e, em suas recordações, dizia o amigo, não o via “senão cercado de livros”. O próprio Hitler afirmava, com seu vocabulário peculiar, que tinha o costume de “se lançar” sobre os livros ou de “devorá-los”. [7] Seus discursos e escritos, inclusive suas conversas à mesa e até as recordações de seu *entourage* , revelam, entretanto, um indivíduo de espantosa indiferença

intelectual e literária. Em cerca de duzentos monólogos pronunciados diante de seus comensais, os nomes de dois ou três clássicos surgem por acaso, e *Mein Kampf* cita apenas uma vez Goethe e Schopenhauer, num contexto antissemita. De fato, o conhecimento em si não tinha interesse para ele, que não se emocionava nem se elevava diante de um bom texto: Hitler só se interessava pelo lado prático. Aquilo que chamava "a arte de ler" nunca foi senão a procura de argumentos para apoiar seus próprios preconceitos, "a aquisição que se incorpora à imagem que já fizera de tal ou tal coisa". [8]

No começo de julho, debruçou-se febrilmente sobre o manuscrito de *Mein Kampf* , com a avidez já comprovada anteriormente de quando se precipitava sobre "montanhas de livros". Sentindo-se "obrigado a passar para o papel tudo o que agitava sua alma", terminou a primeira parte em menos de três meses e meio. "As teclas de sua máquina de escrever batiam até altas horas da noite e podia-se ouvi-lo ditando o texto ao amigo Hess, em seu pequeno aposento. Quase todos os sábados, à tarde, lia os capítulos já concluídos diante dos companheiros de cativeiro, que permaneciam sentados à sua volta, como jovens alunos." [9] Concebido inicialmente como um relato e um balanço "depois de quatro anos e meio de luta", o livro tendia visivelmente a se transformar numa mistura de biografia, tratado ideológico e manual tático de ação, tudo completando a legenda do Führer. Dentro dessa transfiguração literária, o autor intercala, audaciosamente, a descrição dos trinta anos obscuros e miseráveis que antecederam sua entrada na política, pintando-os com cores de angústia, pobreza e solidão. Assim, atribuíra-lhes o caráter de fase de preparação e maturação, fazendo aquilo parecer uma espécie de travessia do deserto, a que não faltava um certo sentido sobrenatural. O editor do livro, Max Amann, que esperava um relato vivo e descrições sensacionais, ficou inicialmente decepcionado com o falatório enjoado e o tom bombástico do manuscrito.

É preciso observar, porém, que Hitler visava a um objetivo mais alto — e Amann não percebeu. Ele não queria fazer revelações, mas dar suporte intelectual à vocação autocrática recém-adquirida e apresentar-se, ao mesmo tempo, como encarnação genial do homem político e do criador de programas. A passagem do livro que fornece a chave de suas ambiciosas intenções está no meio da primeira parte e quase nem chama a atenção:

> Se a arte do homem político é realmente considerada como arte do possível, o criador de programas pertence ao grupo daqueles de quem se diz que agradam aos deuses só quando sabem exigir e querer o impossível. (…) Na existência humana, pode acontecer uma vez que o homem político se una ao criador de programas. Quanto mais íntima for essa fusão, tanto mais fortes serão as resistências opostas à sua ação. Ele não trabalha mais para exigências evidentes, para o primeiro

> mascate que apareça, mas para objetivos compreendidos apenas por uma reduzida elite. Por isso mesmo, sua existência é dividida entre o amor e o ódio…
>
> Quanto mais dura é a luta, tanto mais difícil é o sucesso. Mas se, no decorrer dos séculos, o sucesso favorecer esse homem, ele será iluminado, ainda em vida, por alguns pálidos raios de sua glória futura. É verdade que tais homens são apenas os corredores de Maratona da história: a coroa de louros dos contemporâneos enfeita apenas as têmporas do herói que morre. [10]

O livro insinua insistentemente que esse pálido raio da glória futura se destina apenas a ele mesmo, e a imagem do herói que morre visa, sobretudo, a transfigurar tragicamente o insucesso que sofrera. Preocupado em receber aplausos, Hitler se dedicou com extraordinária seriedade à redação do manuscrito. É visível a intenção de provar que, a despeito de sua escolaridade incompleta, a despeito de seu fracasso na Escola de Belas-Artes e de seus tristes anos nos cômodos miseráveis dos albergues, sua instrução igualava-se ao normal da instrução burguesa. Ele quis provar também que refletira profundamente e que, ao lado da interpretação do passado, era capaz de conceber um projeto para o futuro. Esta é a pretensiosa ambição do livro. Por trás da fachada de palavras retumbantes, aparece indisfarçado o temor típico do homem primário: o medo de que o leitor ponha em dúvida sua competência intelectual. É significativo o fato de que, para conferir certa majestade à linguagem, empregue frequentemente longas séries de substantivos, forme numerosas palavras com o auxílio de adjetivos e de verbos, de maneira a produzir um som oco e artificial. Por exemplo: "Enunciando a opinião de que se pode obter uma aprovação por intermédio de uma decisão democrática…" No conjunto, é um texto sem fôlego, sem naturalidade e que parece resultar de uma convulsão: "Tendo mergulhado recentemente na literatura teórica deste mundo novo e tendo procurado compreender suas possíveis consequências, em seguida comparei estas com as manifestações reais de sua ação na vida política, cultural e econômica. (…) Pouco a pouco, fui construindo uma sólida base de granito em apoio de minhas convicções, de maneira que, desde esse tempo, jamais fui obrigado a revisar minhas opiniões pessoais a respeito dessa questão.(…)" [11]

Do mesmo modo, seus inúmeros erros de estilo não puderam ser eliminados, apesar do trabalho redatorial desenvolvido por vários discípulos. Tais erros se explicam pela falsa erudição do autor, que tenta dar a impressão de dispor de amplo vocabulário. É assim que, em sua redação, "os ratos do envenenamento político do nosso povo corroem o saber, de qualquer forma limitado, no coração e na memória das massas". Em outra parte, é "a bandeira do Reich… que brota… do seio da guerra" ou os "homens que pecam sobre um corpo". Rudolf Olden teve ocasião de anotar as distorções cometidas contra a lógica pelas metáforas flamejantes de Hitler. "Falando da miséria, por

exemplo, declara o autor de *Mein Kampf* . 'Quem ainda não se viu preso entre as garras dessa víbora que o enlaça jamais saberá o que são seus dentes envenenados.' Numa pequena frase assim, há quase tantos erros quanto palavras: a víbora não tem garras e uma serpente que pode enlaçar um homem não tem dentes envenenados. Se um ser humano é sufocado por uma serpente, jamais sentirá a mordida dos seus dentes envenenados."[12] Ao mesmo tempo, e em meio a essa ênfase desordenada de ideias, o livro contém reflexões sagazes que se destacam de uma profunda irracionalidade, e não é raro encontrar fórmulas justas e retratos de impressionante precisão. Antes de tudo, o que caracteriza a obra são traços contraditórios e divergentes. A firmeza e a obstinação aí se opõem estranhamente à tendência insaciável para a frase torrencial, o desejo sempre evidente de desenvolver um estilo pessoal onde falta a autodisciplina, a lógica onde sobra a obscuridade. Só o egocentrismo monótono e quase maníaco, que aliás corresponde muito bem à ausência de humanidade desse alentado volume, não tem sua antinomia. Por mais fatigante e difícil que seja, no todo, sua leitura, ela fornece, entretanto, um fiel retrato do autor, cuja preocupação constante de não se revelar trai, por isso mesmo, sua verdadeira personalidade.

Foi, talvez, por ter-se apercebido do caráter revelador desse livro, que Hitler tentou posteriormente se distanciar dele. Ocasionalmente, declarou que *Mein Kampf* era uma reunião, malsucedida do ponto de vista do estilo, de editoriais destinados ao *Völkischer Beobachter* , descartando-se daquilo como se fosse "a criação de sua imaginação atrás das grades da penitenciária". Em todo caso, afirmou ele, "sei que se tivesse adivinhado, em 1924, que me tornaria chanceler do Reich, não teria escrito esse livro". Ao mesmo tempo, entretanto, deixava claro que apenas preocupações de ordem tática e estilística motivavam essa reserva. E dizia: "Não desejo alterar coisa alguma em seu conteúdo."[13]

O estilo pretensioso do livro, os longos e empolados períodos, onde se refletem abundantemente o desejo de ostentar uma formação burguesa e a ênfase do filho de um funcionário austríaco, contribuíram incontestavelmente para dificultar o acesso à sua leitura. De fato, a obra, com uma tiragem de quase 10 milhões de exemplares, teve a sorte reservada a toda literatura oficial e obrigatória: quase não foi lida. Evidentemente, o bolor e o mau cheiro que caracterizam o desabafo de suas sombrias obsessões, seus complexos e seus sentimentos, tiveram um efeito repulsivo que só a presença de Hitler como orador, no decorrer de apresentações em cenários preparados, conseguia dissipar. O leitor é envolvido pelo odor insólito de podridão que se desprende dessas páginas. Isso aparece da maneira mais nítida naquele

inefável e tão significativo capítulo sobre a sífilis, como também na gíria de baixo calão, nas imagens caducas, no cheiro de pobreza, difícil de descrever mas inegável, de sua atitude geral. Durante a guerra e no decorrer da atividade febril dos anos subsequentes até a detenção em Landsberg, esse jovem bizarro só tivera amigas maternais e, segundo o testemunho de um membro de seu *entourage* , ficava verdadeiramente angustiado ante o simples pensamento "de ser visto com uma mulher", [14] do mesmo modo como seus violentos tabus se refletem nesse fluido estranhamente espesso com que impregnou sua visão do mundo. Todas as suas ideias sobre a história, a política, a natureza ou a vida humana trazem a marca das angústias e dos desejos do antigo morador da Männerheim, a pensão para homens. É o estimulante sonho da noite de Valpurgis de uma puberdade permanente que só vê o mundo em termos de acasalamento, devassidão, perversão, incesto e poluição do sangue:

> O objetivo supremo do judeu é desnacionalizar os outros povos, abastardá-los através de uma mistura geral, baixar o nível racial das elites, dominar esse caos étnico, eliminando as inteligências nacionais *völkischen* e substituindo-as por elementos do seu próprio povo. (…) Do mesmo modo que ele [o judeu] corrompe sistematicamente mulheres e meninas, também não teme romper em vastas proporções as barreiras raciais dos outros povos. Porque foram e são os judeus que trouxeram os negros para o Reno, com segundas intenções e com o evidente propósito de assim provocar o inevitável abastardamento da raça branca por eles odiada, privá-la de sua superioridade cultural e política, assumindo, eles próprios, a liderança. (…) Se a beleza física não tivesse sido totalmente relegada a segundo plano pela nossa moda ridícula, a contaminação de centenas de milhares de moças por repugnantes judeus de pernas tortas não seria possível. (…) Esses nojentos parasitas dos povos emporcalham metodicamente nossas jovens puras e louras, destruindo assim algo de insubstituível sobre a Terra. (…) A concepção racista do mundo deve, enfim, realizar a construção dessa época mais nobre, quando os homens não mais dedicarão seus esforços a melhorar a criação de cães, cavalos e gatos, mas tentarão reabilitar o próprio ser humano… [15]

A exaltação curiosamente neurótica do livro, sua afetação e sua desordenada fragmentação deram argumentos àqueles que por muito tempo subestimaram a ideologia nacional-socialista. "Ninguém leva a sério, ninguém poderia levar a sério ou mesmo compreender esse estilo", escrevia Hermann Rauschning. E, invocando seu conhecimento íntimo dos bastidores da cena, acrescentava: "O que Hitler realmente pretende não está no *Mein Kampf* ". [16] Num estilo brilhante e, em todo caso, de maneira que influenciou consideravelmente a historiografia, Rauschning formulou a teoria segundo a qual o nacional-socialismo seria uma "revolução do niilismo." Hitler e o movimento que dirigia, disse ele, não tinham nem uma ideia nem mesmo uma filosofia própria, mas se aproveitavam de tendências e inclinações do momento, na medida em que estas lhes permitiam ampliar sua ação e recrutar partidários. Seu nacionalismo, seu anticapitalismo, seu culto à tradição, suas concepções de política exterior e até seu racismo e antissemitismo estavam sempre na dependência de um oportunismo cínico, que nada respeitava, nada temia, em nada tinha fé e violava sem o menor escrúpulo os juramentos mais sagrados.

Quando se tratava de tática, as traições do nacional-socialismo não tinham limites, e toda a sua ideologia era apenas um chamariz de fachada, ruidosamente exposto, para dissimular sua vontade de empalmar o poder. E a essa ambição é que era preciso satisfazer antes de tudo, e todo e qualquer êxito era considerado exclusivamente uma etapa no rumo de novas aventuras tão desenfreadas quanto presunçosas, sem razão, sem objetivo concreto, impossíveis de saciar. “As forças atuantes e dirigentes desse movimento eram totalmente desprovidas de princípios e de programa. Seus melhores grupos de choque estavam prontos para agir instintivamente, suas elites assim o faziam após madura reflexão, com sangue-frio e maquiavelismo. Não houve nem há qualquer objetivo que o nacional-socialismo não estivesse pronto a sacrificar ou a suscitar a qualquer momento, desde que o interesse do partido assim o exigisse.” A sabedoria popular expressava a mesma opinião nos anos 1930, quando dizia ironicamente que a ideologia nacional-socialista era “o mundo como vontade sem representação”.

Essa teoria era e continua exata em um ponto: o nacional-socialismo sempre demonstrou grande maleabilidade em sua aplicação, e o próprio Hitler se mostrou comprovadamente indiferente às questões de programa e à ideologia. Reconheceu que, mantendo os 25 pontos do programa inicial, se estes ficassem ultrapassados ele teria obedecido unicamente a considerações táticas, porque toda mudança provocava confusão e, aliás, os programas pouco importavam. É assim, por exemplo, que declara sem rodeios “não ter lido senão uma pequena parte” da obra principal de seu primeiro teórico, Alfred Rosenberg, tida como um dos textos principais do nacional-socialismo, “porque a forma era muito difícil de compreender”. [17] Todavia, pelo fato de o nacional-socialismo não ter gerado uma ortodoxia e ter-se contentado apenas com uma simples genuflexão como prova de fé de seus fiéis, nem por isso podemos afirmar que seu desejo de sucesso e seu espírito de dominação tenham obedecido a considerações exclusivamente programáticas, ou que tenha aproveitado à vontade ideologias sobressalentes, em função das exigências de cada situação. É mais verdadeiro dizer que as duas tendências, empirismo e doutrina, coexistiram, uma e outra se eclipsando e se cruzando alternadamente. Mesmo nas confissões mais cínicas de seu apetite de dominação chegadas até nós, Hitler e seu grupo mais próximo sempre se mostraram prisioneiros de seus preconceitos e obsessivas utopias. Assim como o nacional-socialismo não adotava uma motivação ideológica sem se perguntar a respeito de suas possíveis incidências sobre o crescimento de sua força, também as demonstrações decisivas de seu poder não se podem conceber independentemente de uma motivação ideológica, por mais efêmera e dificilmente compreensível que seja. No decorrer de sua espantosa carreira,

Hitler deveu à maleabilidade de sua tática tudo que dela se podia esperar, quer dizer, os corolários mais ou menos impressionantes do sucesso. Em compensação, o sucesso em si era fruto da transposição, para o plano ideológico, de todo o seu complexo de angústias, de ódios, de esperanças e visões — de que o próprio Hitler era vítima e aproveitador. E era determinado igualmente pela força de persuasão que conseguia imprimir às suas ideias sobre algumas questões fundamentais concernentes à história e à política, ao poder e à existência humana.

Por mais incompetente, e literariamente mal-acabada que seja a tentativa empreendida para formular uma filosofia em *Mein Kampf* , não resta dúvida de que a obra contém, embora de maneira fragmentária e desordenada, todos os elementos da ideologia nacional-socialista. Tudo que Hitler realmente queria lá está, mesmo que seus contemporâneos não o tenham percebido. Para quem sabe ordenar as diferentes partes e extrair as estruturas lógicas, a obra mostra "uma construção intelectual cujo desenvolvimento e consistência nos cortam o fôlego". [18] Sem dúvida, nos anos seguintes à prisão em Landsberg, Hitler aperfeiçoou a forma do livro e, sobretudo, deve tê-lo sistematizado. Mas, no conjunto, a obra não foi modificada. Esse fenômeno de precoce imobilização, que é uma das coisas estranhas desta vida, aparece raramente com tanta evidência como no domínio da ideologia, onde as fixações do início se manifestam até nas fórmulas proclamadas durante os anos de atuação e de poder. Longe de corresponder a uma atitude niilista, demonstram, mesmo em face da morte, sua força inibidora. O desejo de expansão, o antimarxismo e o antissemitismo, reunidos em uma ideologia de combate sob a égide do darwinismo, formavam as constantes de sua concepção do mundo. E determinaram tanto suas primeiras como suas últimas manifestações.

Finalmente, foi uma filosofia que não formulou nem uma ideia original nem uma nova representação da felicidade. Era antes o resultado de uma compilação arbitrária de numerosas teorias que, desde os meados do século XIX, aparecem como fundamentos de um vago nacionalismo pseudocientífico. A memória de Hitler parecia uma esponja. Tudo quanto absorvera no período em que lia com avidez foi devolvido sob uma forma muitas vezes surpreendente e dentro de um contexto novo. Era uma construção audaciosa, de ângulos sombrios, feita com os restos legados por uma época, e a única originalidade de Hitler consistia no fato de ter sabido coordenar elementos heterogêneos e disparatados. Conseguira dar um arcabouço a uma ideologia feita de empréstimos e de leituras ao acaso, e poder-se-ia dizer que sua inteligência não deu à luz conceitos novos, mas

engendrou uma força poderosa. Essa força restringiu e endureceu a controvérsia das ideias e impôs uma insensibilidade glacial, que tendia abertamente, desde o início, à conquista e escravização. Hugh Trevor-Roper evocou, numa imagem impressionante e terrível, esta fria criação de um demente: “Ao mesmo tempo imponente por sua dureza granítica e lastimável pelo abuso desordenado dos acessórios”, diz ele, “faz lembrar uma monstruosa estátua bárbara, expressão de força gigantesca e mente selvagem, erguida em meio a um montão de lixo, de velhas latas de conservas e bichos mortos, cinzas, cascas e detritos, de todos os dejetos intelectuais dos séculos passados.” [19]

A habilidade de Hitler para associar qualquer ideia à questão do poder reveste-se, nesse contexto, de significação especial. Diferentemente dos porta-vozes do movimento étnico, que tinham falhado em parte, por causa de suas sutilezas ideológicas, considerava que as ideias, pouco importantes em si mesmas, tinham valor de “simples teorias” e delas não se apropriava senão quando percebia um elemento prático, suscetível de ser utilizado para a organização. Aquilo que chamava “pensar em termos oportunos para o partido” era o dom que possuía de ligar por um eixo comum todas as ideias, todas as tendências e até mesmo a fé do carbonário nas exigências do poder, dando a isso tudo, no exato sentido da expressão, uma forma política.

Ele formulou a ideologia de defesa de uma burguesia há muito tempo assustada, simplificando suas próprias noções e dando-lhe uma doutrina de ação agressiva e perspicaz. Sua filosofia incorporara todos os pesadelos e todas as modas intelectuais da idade burguesa: o pavor da revolução de esquerda, latente desde 1789, e que em sua forma de então na Rússia e na Alemanha se tornara uma angústia social; e a psicose da alienação, que se transformara, entre os alemães da Áustria, em verdadeira inquietação étnica e biológica. Da mesma forma, fazia eco ao sentimento de medo, divulgado inúmeras vezes pelos racistas, de que os alemães, pesadões e sonhadores, fossem condenados a desaparecer, em meio à luta travada entre outros povos – sentimento que assumira forma de verdadeira angústia nacional. Enfim, refletia a inquietação experimentada na época pela burguesia, que via terminar seu tempo de grandeza e já não tinha aquele sentimento de segurança de antigamente. “Nada mais tem solidez”, bradava Hitler, um dia, “nada mais tem raízes em nossa vida interior. Tudo é superficial e nada nos motiva. A mente do nosso povo está inquieta e aflita. A vida, inteiramente desorganizada…” [20]

Impulsionado por seu temperamento exaltado, rebuscava os espaços ilimitados e movimentava-se com predileção nas eras glaciais. Desse modo,

via nesse sentimento de angústia o sintoma de uma das grandes crises mundiais, durante as quais desaparecem ou surgem novas idades históricas e está em jogo o destino da humanidade. “Este mundo se encaminha para o fim!”, bradava. Como que hipnotizado pela ideia de uma grande enfermidade mundial, por toda parte enxergava a existência de vírus, pragas e úlceras afetando a humanidade, e quando, em decorrência disso, começou a se interessar pela teoria de Hörbiger sobre o período glacial, ficou convencido de sua exatidão, pelo argumento que fazia remontar a história da Terra e o desenvolvimento da humanidade a grandes catástrofes cósmicas. E via, com uma espécie de fascinação, aproximar-se a hora da destruição final — aliás, era desse aspecto diluviano de sua representação do mundo que extraía sua fé missionária e a sensação de que estava convocado a desempenhar um papel redentor no palco da história. Muitas vezes julgado incompreensível, o caráter metódico com que perseguiu a tarefa de aniquilação dos judeus, durante a guerra, até seu último limite e contrariamente a todas as necessidades militares, não provém, em primeiro lugar, de uma obstinação doentia. Explica-se muito mais pela convicção de que travava um combate de titã, muito além de todas as outras questões de então. Considerava-se aquela “outra força” escolhida para salvar o universo e “repelir o Mal para os domínios de Lúcifer”. [21]

A ideia de uma ampla luta cósmica domina todas as teses e posições de combate assumidas nesse livro. Por mais absurdas e fantásticas que sejam, conferiam uma gravidade metafísica a suas interpretações, situando-as numa perspectiva teatral, sombria e grandiosa: “Nós desapareceremos talvez. Mas arrastaremos conosco todo um mundo”, exclamou um dia, em uma de suas visões apocalípticas. No *Mein Kampf* há numerosas passagens em que dá a suas ameaças e súplicas o caráter de uma invocação de dimensão universal. “A doutrina judaica do marxismo”, assegurava ele, “conduziria, como fundamento do universo, ao fim de toda organização intelectualmente acessível ao ser humano.” Por si só, o absurdo dessa hipótese, que tenta fazer de uma ideologia o princípio da organização do universo, demonstra a inclinação irresistível de Hitler para só pensar em dimensões universais. Inseria as “estrelas”, os “planetas”, o “éter cósmico”, os “milhões de anos” no curso dramático da atualidade. E a “Criação”, a “Terra”, o “império dos céus” lhe serviam de cenário. [22]

Era um pano de fundo que se podia harmonizar de maneira evidente com o princípio da luta implacável de todos contra todos e da vitória dos fortes sobre os fracos, numa espécie de darwinismo escatológico. “A Terra”, costumava dizer Hitler, “é como uma taça que circula e, por essa razão, está sempre

pronta a passar à mão do mais forte. Há milhares de decênios…” [23] Acreditava haver descoberto uma lei fundamental do mundo nesse conflito mortal que colocava todos os homens em confronto uns com os outros:

> A natureza (…) que preside a vida nesta terra prevê um livre jogo de forças, frente a frente. O mais corajoso e o mais trabalhador se beneficia de seus favores, sendo-lhe outorgado um direito senhorial na existência. (…) Só um ser débil pode ver nisso uma crueldade, mas porque é fraco e limitado. Pois, se essa lei não vigorasse, seria impossível conceber qualquer melhoramento entre os seres vivos. (…) Finalmente, o instinto de conservação sempre sai vitorioso. Sob sua égide, essa mistura de estupidez, covardia e pretenso saber que se chama humanidade derrete-se como a neve sob o sol de março. A humanidade tornou-se grande em um combate eterno — uma paz eterna a condenaria ao desaparecimento.

Essa “lei de ferro da natureza” foi o ponto de partida e de referência de todas as suas reflexões. Deu origem, em sua mente, à ideia de que a história não era senão a soma dos combates travados pelos povos em busca de espaço vital, e de que, nessa luta, todos os meios imagináveis eram permitidos: “Persuasão, astúcia, habilidade, obstinação, bondade, esperteza, mas também brutalidade, já que não existe antinomia fundamental entre a guerra e a política, mas, pelo contrário, a guerra é o objetivo supremo da política.” [24] Marcou também suas noções sobre direito e moral, que não respeitavam senão o que estava conforme as normas da evolução natural. E inspirou sua ideia aristocrática do comando, bem como sua teoria da seleção social, com suas marcas de nacionalismo agressivo, “em conformidade com a lei do sangue”, bradava ele para a Europa, “a fim de contribuir para a expansão do material humano louro e de pele clara” e de se tornar invencível. No contexto dessa filosofia de guerra que se aplicava a todos os domínios, a obediência era mais importante do que o pensamento; a vontade de se engajar, mais que a inteligência; e o fanatismo cego era tido como qualidade suprema. “Maldição para quem não tem fé”, bradou um dia Hitler. O próprio casamento tornou-se uma associação a serviço da afirmação de si mesmo, e o lar, a “fortaleza de onde dirigir a luta pela vida”. Entregando-se a grosseiras comparações entre o reino animal e a sociedade humana, Hitler celebrou a superioridade dos brutos sobre as naturezas finamente organizadas, da força sobre o espírito. Os macacos, dizia ele, espezinham até matar “todo indivíduo estranho não pertencente à sua comunidade. O que é verdade para os macacos deve sê-lo ainda mais para os homens…”. [25]

Quem quer que se inclinasse a perceber aí uma sombra de ironia logo constataria seu erro, ouvindo-o falar, em tom doutoral, sobre os hábitos alimentares dos macacos, onde encontrava uma confirmação de seu próprio regime vegetariano. Os macacos nos indicam o caminho a seguir, dizia. Segundo ele, um simples relance d’olhos sobre a natureza ensinava também que a bicicleta fora corretamente concebida. Em compensação, a aeronave era

uma invenção “totalmente imbecil”. De fato, o homem não tinha outra escolha senão explorar as leis da natureza e com elas se conformar — não se podia, aliás, “imaginar melhor sistema” do que os princípios implacáveis da seleção que vigoram na selva. A natureza não era imoral. “Quando o gato come o rato, quem é o culpado?”, perguntava, sarcástico. A pretensa humanidade do homem “era apenas escrava de sua fraqueza e, em verdade, era também o mais cruel agente de destruição de sua existência. A luta, a dominação, a destruição eram dados inelutáveis. “Um ser bebe o sangue do outro. Enquanto um morre, o outro se alimenta. É preciso não ficar por aí dizendo tolices, falando de humanidade.” [26]

Hitler raramente manifestou tão brutalmente sua profunda amoralidade, sua total incompreensão ante o direito alheio, ante a aspiração dos outros à felicidade, como nessa “aceitação incondicional das… leis divinas da existência”. Claro, entrava na composição de sua atitude um elemento da ideologia burguesa do fim do século, que buscava uma compensação para o sentimento de decadência e da fraqueza da época, glorificando a vida em sua espontaneidade, e que se inclinava a considerar a brutalidade, a selvageria primitiva, como um valor autêntico. Tem-se o direito de supor também que, identificando-se com a lei natural, Hitler tentou encontrar uma pomposa justificação para sua frieza pessoal e para a fraqueza dos seus sentimentos. A adoção de um princípio suprapessoal agia como circunstância atenuante, fazendo do combate, do assassinato e do “sacrifício sangrento” atos de humildade realizados em virtude de uma ordem divina. “Defendendo-me contra o judeu, luto pela obra do Senhor”, escreveu no *Mein Kampf* , e, quase vinte anos mais tarde, em plena guerra, quando estava totalmente entregue à sua empresa de destruição, declarou, e não sem certa satisfação moral: “Tenho a consciência limpa.” [27]

Porque a guerra e a destruição tinham sido necessárias ao restabelecimento da ordem essencial de um mundo sob ameaça. Tal era a moral e a metafísica de sua política. Quando recuava no tempo, como gostava de fazer, insolentemente passava em revista as épocas do mundo, a fim de determinar a origem da decadência dos povos e das civilizações, e descobria sempre a mesma causa, isto é: a desobediência aos próprios instintos. Todas as fadigas, fraquezas e catástrofes dos grandes sistemas de dominação deviam ser atribuídos a uma infração das leis naturais, e, particularmente, à mistura racial. Porque, enquanto todo ser vivo se conformava estritamente e seguia o instinto inato, preservando a pureza racial – o canário se acasalava com o canário, o pintassilgo com o pintassilgo, a cegonha com a cegonha, o rato com o rato – o ser humano era exposto à tentação de violar as leis da natureza

e cometer infidelidade biológica. Essa era igualmente a tese que fora objeto do artigo sobre "o elemento feminino no ser humano", que Wagner começara a escrever em Veneza no dia de sua morte, 11 de fevereiro de 1883, mas que não chegara a terminar. A impotência e a morte dos povos por decrepitude eram apenas a vingança da negação da ordem original. "A mistura dos sangues, com sua consequência, a queda do nível racial, é a causa única da morte de velhas civilizações. Pois os homens não morrem por perderem as guerras, mas por perderem a força de resistência que é o apanágio do sangue puro. Neste mundo, o que não é de boa raça é erva daninha." [28]

Por trás dessa teoria havia a doutrina do núcleo racial criador, segundo a qual pequenas elites arianas dominavam, desde tempos imemoriais, as massas embrutecidas e sem passado dos povos de qualidade inferior e assim desenvolviam seus dons de genialidade, com a ajuda de seus súditos. Só personalidades predestinadas pelos deuses eram capazes de criar estados e fundar civilizações. Eram elas que reavivavam, sem cessar, a chama "que iluminava as trevas dos mistérios, permitindo ao homem tornar-se senhor dos outros seres que povoam a Terra". O declínio e a morte só vinham a partir do momento em que o núcleo racial ariano se misturava com seus súditos, pois "sobre esta Terra, a cultura e a civilização humana estão indissoluvelmente ligadas à presença do ariano. Sua morte ou seu desaparecimento fará que caiam sobre este planeta os pesados véus de uma era sem civilização". [29]

Tal era o perigo com que se defrontava a humanidade. Diferentemente do que se passara por ocasião do desaparecimento dos grandes impérios da Antiguidade, o que ameaçava acontecer agora não era apenas o desaparecimento de uma civilização, mas de toda a verdadeira elite humana, pois a decadência do núcleo ariano estava mais adiantada do que nunca; "o sangue germânico se extingue pouco a pouco sobre a face da Terra", calculava Hitler com desespero, e, como se tivessem consciência de seu iminente triunfo, as potências das trevas avançavam de todos os lados. "Temo pela Europa", bradou ele num discurso, já vendo o velho continente "naufragar num oceano de sangue e lágrimas". [30] Uma vez mais, "os covardes e os que desprezam pretensiosamente a natureza" estavam a ponto de transgredir suas leis mais elementares, participando de uma ofensiva geral, sob os mais diversos disfarces: comunismo, pacifismo, Liga das Nações e todas as instituições e todos os movimentos internacionais, mas também a moral judaico-cristã da piedade e as variantes de sua fraseologia cosmopolita, tentavam persuadir o homem de que ele era capaz de dominar a natureza, domesticar seus instintos e construir a paz eterna. Mas ninguém podia "apoiar-se num firmamento". [31] A vontade indubitável da natureza favorecia a

existência dos povos, sua expansão guerreira, a separação em senhores e escravos e a conservação selvagem da espécie.

Era fácil reconhecer, nesse sistema, vestígios de Gobineau, cujo ensaio sobre a desigualdade das raças humanas expusera pela primeira vez a preocupação sentida em presença do caos étnico da idade nova, e estabelecera uma ligação entre o fim das civilizações e a promiscuidade do sangue. O complexo racial do aristocrata francês mal disfarçava sua repugnância com respeito ao "sangue poluído da ralé", uma repugnância provocada pelo ressentimento de classe de uma oligarquia demissionária. Ora, apesar da seleção arbitrária de suas numerosas ideias e do caráter superficial de sua tese, o "ensaio" inspirou consideravelmente o espírito partidarista da época, suscitando a produção de uma vasta literatura de imitação que se estende até Richard Wagner e ao seu *Ensaio sobre o heroísmo* ou ao *Parsifal* . É significativo que Hitler tenha, por sua vez, condensado essa doutrina a ponto de fazer dela um instrumento demagógico e um sistema que oferecia explicação plausível para todos os descontentamentos, angústias e sintomas de crise do tempo presente. Versalhes e a república soviética dos sindicatos operários acontecida na Alemanha, a pressão da organização capitalista e a arte moderna, a vida noturna e a sífilis tornaram-se as manifestações dessa velha luta que reforçava a investida mortal desfechada pelos elementos de raça inferior contra a nobreza ariana. E, por trás de tudo isso, podia-se ver, dissimulado, o instigador, o estrategista, o inimigo número um, sequioso de poder, que, finalmente desmascarado, era apresentado sob a forma de um espantalho de dimensões mitológicas: o eterno judeu.

Esse fantasma caricato e infernal, "usurário da terra inteira", "inimigo hereditário" e "senhor do antimundo", era uma criação difícil de decifrar, produto ao mesmo tempo da obsessão e do cálculo psicológico. [32] De acordo com sua teoria do inimigo único, Hitler fez do judeu a encarnação de todos os vícios e de todas as angústias imagináveis. Literalmente "culpado de tudo", era a ele que cabia a responsabilidade pela ditadura da bolsa de valores e pelas ideologias humanitárias, como também pelos trinta milhões de vítimas na Rússia soviética. E, numa entrevista concedida a Dietrich Eckart, então já falecido, a qual foi publicada ao tempo de sua prisão em Landsberg, Hitler, referindo-se a *Isaías* (19,2-3) e ao *Êxodo* (12,38), chegara a proclamar a identidade do judaísmo, do cristianismo e do bolchevismo. [33] Pois a expulsão dos judeus do Egito era consequência de sua tentativa de suscitar um clima revolucionário entre o populacho, com a ajuda de frases humanitárias ("exatamente como aqui, entre nós"), de sorte que se podia ver facilmente, na figura de Moisés, o primeiro chefe do bolchevismo. E, do mesmo modo que

São Paulo inventou o cristianismo para solapar o império romano, assim também Lênin se serviu da doutrina marxista para destruir a atual organização do mundo. O Velho Testamento continha o modelo da ofensiva desfechada pelos judeus contra a raça superior e criadora, ofensiva que se repetira sem cessar no decorrer da história.

Evidentemente, Hitler jamais perdeu de vista o aspecto técnico da propaganda antissemita, que fazia do judeu o inimigo universal, único responsável por todos os males. Se não houvesse o judeu, dizia ele, “seria preciso inventá-lo. A gente precisa de um inimigo visível e não apenas invisível”. [34] Mas o judeu era igualmente o alvo permanente de suas paixões, uma imagem patológica criada por seu delírio, que em seu aspecto subjetivo não diferia claramente da figura diabólica de sua propaganda. Era a projeção excêntrica de tudo quanto odiava e desejava. A despeito de todos os aspectos maquiavélicos de sua argumentação, não viu, na tese relativa às tentativas de hegemonia mundial dos judeus, apenas uma frase psicologicamente eficaz, mas, evidentemente, a chave que lhe permitiu apreender todas as manifestações da história. Foi sobre esta “fórmula salvadora” [35] que baseou sua convicção cada vez mais sólida de que era o único a compreender a essência da grande crise da época e o único capaz de resolvê-la. Quando, no fim de julho de 1924, um nacional-socialista da Boêmia que lhe solicitara uma entrevista foi vê-lo em Landsberg e lhe perguntou se mudara de opinião a respeito do judaísmo, respondeu: “Sim, é absolutamente verdade que mudei de opinião quanto à maneira de combatê-lo. Cheguei à conclusão de que, até agora, vinha sendo moderado demais! Durante a redação do meu livro, cheguei à convicção de que, de agora em diante, será necessário empregar os mais enérgicos meios de combate para vencer. Estou persuadido de que esta é uma questão vital, não apenas para a Alemanha, mas para todos os povos, pois Judá é uma peste mundial.” [36]

Realmente, a intensificação sem precedentes da brutalidade de seu complexo de ódio não foi resultado de sua prisão em Landsberg, pois desde 1923 já bradava numa reunião no circo Krone: “Os judeus serão certamente uma raça, mas não são seres humanos. Não podem ser seres humanos criados à imagem de Deus eterno. O judeu é a imagem do diabo e o judaísmo é a tuberculose racial dos povos.” [37] Mas, à medida que reunia seus inumeráveis fragmentos de ideias num sistema tangível, adquiria uma confirmação intelectual, manifestava a segurança inatacável da ideologia que apoia sua filosofia com certezas. A partir do momento em que negou que o judeu fosse um ser humano e invocou, em apoio de sua tese, os termos da parasitologia, já não se tratava apenas da arenga de um demagogo, mas de uma doutrina

terrivelmente grave, com cuja ajuda pretendia providenciar a cura da humanidade. A própria lei natural exigia que, atendendo a uma moral irrefutável, fossem tomadas medidas contra o “parasita”, “o eterno sanguessuga”, “o vampiro dos povos”. De acordo com a lógica do seu sistema, a liquidação e o assassinato coletivo assinalavam o resultado triunfal dessa moral. Até seus últimos dias, Hitler reivindicou para si o mérito dessa descoberta e da coragem com a qual extraiu daí todas as consequências para o bem da humanidade. Não se contentara, dizia, “com a simples glória do conquistador, como Napoleão, que, afinal de contas, fora apenas um homem e não um acontecimento mundial”. [38]

Em fins de fevereiro de 1942, pouco depois da conferência de Wannsee, durante a qual adotou-se o que se chamou de solução final, declarou a seus companheiros de mesa: “A descoberta do vírus judeu é uma das maiores revoluções jamais empreendidas no curso da história do mundo. A luta que travamos é comparável à de Pasteur e Koch no século passado. Quantas doenças podem ser atribuídas ao vírus judeu! (…) Só recuperaremos a saúde depois de ter eliminado o judeu.” Com a infalibilidade de quem pensou com a maior profundidade e penetrou no âmago da verdade melhor do que ninguém, viu aí sua verdadeira vocação, a missão secular, a “tarefa ciclópica” [39] de que, demiurgo da ordem natural, fora investido.

E aqui está, com efeito, a segunda correção importante que fez a Gobineau. Personalizou o processo da morte das raças e das civilizações não apenas fazendo do judeu a causa única do seu desaparecimento, mas também conferindo à história o caráter de uma utopia. Transformou “o pessimismo sombrio e fatalista de Gobineau em um otimismo agressivo”. [40] Diferentemente do aristocrata francês, afirmou obstinadamente que a ruína da raça não era inevitável. Sem dúvida, a estratégia da conspiração mundial dos judeus via na Alemanha o adversário essencial, que se encontrava na vanguarda da supremacia ariana: noutra parte alguma, aliás, a contaminação biológica e a coalizão das intrigas capitalistas e bolcheviques agiam de maneira tão sistemática e tão destruidora. Mas era precisamente dessa constatação que Hitler tirava a energia animadora de seus apelos à vontade de todos: a Alemanha era o campo de batalha do mundo onde se decidia a sorte do patrimônio terrestre. Vê-se, por essas ideias, o quanto ele estava distanciado do antissemitismo ultrapassado, legado pela tradição alemã e europeia. De fato, o espectro do judeu suscitava, mais que todas as suas visões de grandeza nacional, suas tendências à loucura. “Se nosso povo e nosso estado fossem vítimas desse tirano sedento de sangue e de dinheiro, a Terra inteira sucumbiria sufocada por esse monstro. Se, ao contrário, a

Alemanha dele se livrar, o grande perigo que ameaça os povos estará eliminado no mundo inteiro.” Então pertencer-lhe-ia esse Reich milenar, cujo advento, com toda a sua impaciência, já celebrara, após haver transposto apenas a primeira etapa. Uma vez definitivamente eliminada a causa da enfermidade mundial, a origem de todos os sentimentos de insegurança e a fonte da mistura racial antinatural, a ordem ressurgiria do abismo da degradação, a unidade se realizaria, senhores e escravos se veriam face a face e “os grandes povos do mundo”, sabiamente governados, se respeitariam e dirigiriam seus próprios destinos. [41]

Se bem que jamais tenha sido formulada sob a forma de um sistema homogêneo, foi essa ideologia solidamente implantada que deu ao comportamento de Hitler aquela segurança que ele próprio gostava de qualificar de “sonambúlica”. Quaisquer que fossem as concessões feitas ao momento, sua análise da situação mundial e sua certeza de uma luta de vida e morte jamais foram afetadas. E isso conferiu-lhe à política uma lógica evidente e uma insensibilidade total. Sua hesitação em apoiar certos compromissos, sua apreensão ante decisões a tomar — assinaladas por todos os seus companheiros — sempre se basearam em alternativas táticas. Nas questões de princípio, não conhecia hesitação ou recuo. Apesar do gosto pelo adiamento e pela espera, sempre se mostrou decidido e resoluto na perseguição ao grande objetivo final. E, a seu respeito, nenhum julgamento é tão sem base quanto o de certos elementos do povo que, na época, ingenuamente achavam que ele ignorava muitas das desumanidades do regime. De fato, como assegurou um de seus mais chegados comparsas, ele sabia muito bem de tudo quanto se passava. Sabia até muito mais do que supunha “o mais fanático nacional-socialista”.

O vasto complexo de suas representações ideológicas marcou particularmente suas concepções de política externa — e nisso ele seguiu até o fim as linhas fundamentais já expostas em *Mein Kampf* . É verdade que, em razão da aparência fantástica dada a seus objetivos, jamais se entendeu que tivesse um programa político concreto. Partindo do declínio da Alemanha, proclamava que o reerguimento do país dependia de sua resolução de restaurar, em sua integridade, o material racial danificado. O que ele chamava “degeneração do sangue” tinha custado ao Reich “a dominação mundial”. Assim, dizia, “se em seu desenvolvimento histórico o povo alemão tivesse possuído a mesma unidade gregária que outros, o Reich seria hoje senhor do Planeta”. À fórmula tradicional de “povo sem espaço”, divulgada igualmente no Partido, ele contrapôs a do “espaço sem povo” e proclamou que a missão primordial do

nacional-socialismo consistia precisamente em povoar o espaço vazio situado entre o Mosela e o Memel, porque, dizia, “o que temos ali, diante de nós, são massas humanas marxistas, não é mais o povo alemão”. [42]

Sua concepção da revolução tinha muito das ideias sobre seleção biológica. Visava não somente a estabelecer formas de dominação e instituições inéditas, como também a criar um homem novo cujo anúncio foi celebrado em numerosos discursos e manifestos como o advento da “verdadeira idade do ouro”. “Aquele que vê no nacional-socialismo apenas um movimento político, nada sabe a seu respeito”, disse Hitler, um dia. “É mais ainda que uma religião. Corresponde à vontade de criar uma nova humanidade.” [43] Por isso é que uma das tarefas mais urgentes do novo estado era pôr um termo “à procura do abastardamento”, revalorizar o casamento, que se reduzira a um constante agente poluidor da raça, dando-lhe a possibilidade de produzir, novamente, “crianças concebidas à imagem do Senhor, e não mais seres a meio caminho entre o homem e o macaco”. Hitler calculou que a situação ideal, quando novamente dominaria o puro tipo ariano, produzido com a ajuda de “cruzamentos selecionados”, seria o resultado de um laborioso processo biológico e pedagógico. Em um discurso pronunciado secretamente, a 25 de fevereiro de 1939, ante um pequeno número de oficiais superiores, falou de uma evolução de uns cem anos, no fim da qual uma maioria disporia dessas características particulares, que lhes permitiriam conquistar o mundo e dominá-lo. [44]

Em sua mente, o espaço vital, cuja conquista reivindicou constantemente, não era destinado apenas a garantir a alimentação de uma população “excedente”, a fazer frente ao perigo da “fome” e a restabelecer o direito natural do agricultor ameaçado pela indústria e o comércio — mas devia, antes de tudo, constituir o ponto de partida de uma estratégia com vistas à conquista do mundo. Todo povo dotado de uma imaginação ambiciosa tem necessidade de certo espaço, de certa superfície territorial que o torne independente de alianças e constelações eventuais — e Hitler se aferrou até o fim a essa ideia, que associava a grandeza histórica à extensão geográfica. Até mesmo nas meditações a que se entregava em seu *bunker* , pouco antes da morte, deplorou a sorte que o coagia a conquistas prematuras, porque um povo privado de espaço não podia visar a grandes objetivos. Das quatro possibilidades que lhe eram oferecidas para enfrentar a ameaça do futuro, rejeitou a limitação da natalidade, a colonização interior e a política colonial de além-mar, porque as julgava sonhos mesquinhos ou “empreendimentos desprezíveis”. Referindo-se ao exemplo dado pelos Estados Unidos, relembrava sem cessar que só a conquista de um continente pela guerra devia

ser levada em consideração. “Será necessário tomar pela força aquilo que é recusado por bem”, escrevia em Landsberg, e precisava imediatamente a direção de suas tentativas expansionistas. “Se quisermos terras europeias”, disse, “o empreendimento só poderá ser levado a cabo à custa da Rússia. Será necessário, então, que o novo Reich siga o mesmo caminho percorrido no passado pelos cavaleiros da ordem teutônica.” [45]

Por trás dessa aspiração encontrava-se, uma vez mais, a ideia da grande reorientação do mundo. A história, dizia ele, se encontrava no limiar de uma idade nova. Uma vez mais, a roda poderosa do destino se pusera a girar e preparava nova distribuição de riscos e oportunidades. A época das potências marítimas que, com a ajuda de suas esquadras, tinham conquistado países longínquos, acumulado riquezas, estabelecido bases navais e dominado o mundo, estava terminada. Nas condições modernas, o mar, via de comunicação clássica da idade anterior à da tecnologia, tornava mais difícil a dominação de imensos impérios, a grandeza colonial era anacrônica e estava destinada a desaparecer. Os meios técnicos disponíveis atualmente permitiam abrir estradas e vias férreas através de imensos espaços ainda virgens e unir essa rede de estradas a um sistema de bases. Presenciava-se, desse modo, uma reversão da antiga situação. O império mundial do futuro pertenceria, segundo ele, a uma potência continental; seria uma gigantesca construção militar, de organização compacta e sem falhas. A época se encaminhava já para essa solução e a herança do passado estava caduca havia muito tempo. Se, por conseguinte, as iniciativas de Hitler no plano da política exterior se sucederam como tantos ataques imprevistos, foi sem dúvida por causa da extrema inquietação de sua personalidade íntima. Mas, ao mesmo tempo, correspondiam a uma corrida desesperada contra o relógio, contra o curso da história – e ele era incessantemente atormentado pela preocupação de que, uma vez mais, a Alemanha podia chegar tarde demais na hora da partilha do mundo. E, quando examinava as potências que, no momento em que se inaugurasse essa nova era, seriam capazes de disputar com o Reich o papel de dominador do futuro, sempre se deparava com a Rússia. Pesava então as incidências raciais, políticas, geográficas e históricas da situação: tudo o impelia a voltar-se para o Leste. [46]

Foi dentro dessa imensa perspectiva que Hitler elaborou suas concepções de política externa. De acordo com a opinião então predominante, começara sua carreira como revisionista, pedindo, ao mesmo tempo, a anulação do Tratado de Versalhes, o restabelecimento das fronteiras anteriores a 1914, se necessário pela força, e a reunião de todos os alemães dentro de um grande e poderoso estado. Esse intento fazia passar ao primeiro plano a inimizade com

a França, zelosa guardiã da ordem estabelecida. Ele objetivava explorar, em proveito de seus grandiosos projetos de revanche, as divergências de opinião entre o vizinho ocidental, a Itália e a Inglaterra. Mas a tendência de Hitler para pensar em termos grandiosos o levou muito cedo a considerar o continente em sua totalidade, e, no plano das ideias, preparou a transição da política de fronteiras para a política do espaço vital.

Na origem de todas as suas reflexões, havia a ideia de que, na situação ameaçada que ocupava no centro da Europa, militar, política e geograficamente, a Alemanha não podia sobreviver "senão dedicando-se enfática e brutalmente a uma política de poder". Já no correr de uma polêmica anterior com a doutrina diplomática wilhelmiana, Hitler expusera a alternativa ante a qual se via o Reich: ou renunciaria ao comércio marítimo e às colônias, aliando-se à Inglaterra contra a Rússia, ou aspiraria a tornar-se uma potência naval e a participar do comércio mundial, podendo assim, em acordo com a Rússia, voltar-se contra a Inglaterra. [47] Nos anos 20, já indicara claramente sua preferência pela segunda solução. Considerava então que a Inglaterra era, "por princípio", o adversário do Reich e, partindo dessa conclusão, elaborara uma doutrina incontestavelmente pró-Rússia. Sob a influência dos emigrados que gravitavam em torno de Scheubner-Richter e de Rosenberg, preconizava uma aliança dirigida contra o Ocidente com uma Rússia "nacional", "saneada" e liberta do "jugo judeu-bolchevique". Na época, a noção de espaço vital e a convicção da inferioridade da raça eslava, que mais tarde esteve no centro de sua ideologia expansionista em direção ao Leste, não desempenhavam qualquer papel. Foi só no início de 1923, sem dúvida em presença da estabilização do regime soviético, que lhe nasceu a ideia de uma reversão das alianças e de uma associação com a Inglaterra contra a Rússia. Até onde se sabe, Hitler examinou esse projeto durante mais de um ano, calculou suas consequências e possibilidades de sucesso, antes de fazer com que a guerra do espaço vital, dirigida contra a Rússia, figurasse num programa que expôs no célebre capítulo IV do *Mein Kampf* .

Certamente, a ideia da guerra contra a França não seria abandonada por causa disso, muito pelo contrário, continuou, até em seus últimos monólogos do *bunker* , como uma das constantes da política externa de Hitler. Mas, exatamente como a benevolência da Itália, conseguida pela renúncia ao sul do Tirol, ou o projeto de aliança com a Inglaterra, ao qual ele sacrificava todas as suas reivindicações coloniais, essa ideia tornou-se uma das condições invocadas no sentido de permitir à Alemanha voltar-se livremente para o Leste. Já no segundo volume do *Mein Kampf* , escrito em 1925, Hitler se pronunciara, nos termos mais enérgicos, contra os projetos revisionistas

tendentes a restabelecer fronteiras totalmente ilógicas, devidas ao acaso, demasiadamente estreitas e sobretudo inoportunas, dos pontos de vista geográfico e militar. Além disso, tais tentativas opunham a Alemanha a seus antigos adversários de guerra e traziam como resultado ressuscitar a coalizão de seus inimigos, em vias de desagregação. “A pretensão de restabelecer as fronteiras de 1914”, declarava ele em uma passagem impressa em grifo, “é uma insanidade política cuja amplidão e consequências são tais que somos tentados a falar em verdadeiro crime.” Em compensação, a aquisição de solo e terras é a única ação que, “aos olhos de Deus e da posteridade, merece que derramemos nosso sangue”. Os homens de estado responsáveis não poderão, pois, incorrer “na culpa de haver imposto sacrifícios a seu povo”. [48]

A partir desse momento, a ideia de levar a guerra aos vastos espaços russos, a ideia de uma grande arremetida germânica convocada a edificar um poderoso império continental no velho “espaço de comando alemão a leste” foi a principal alavanca da política hitlerista. E ele mesmo se consagrou “com exclusividade” e se dedicou “até as últimas forças” a uma tarefa que classificou como “único objetivo” de uma política inteligente. E aqui, também, segundo seu ponto de vista, tratava-se de uma decisão secular. [49]

> Da mesma maneira, nós, nacional-socialistas, interrompemos deliberadamente a orientação política externa de antes da guerra. Começamos no ponto exato em que tudo terminara há seiscentos anos. Interrompemos a eterna caminhada dos germanos em direção ao Sul e ao Oeste da Europa, lançando o olhar para o Leste. Colocamos um ponto final na política colonial e comercial de antes da guerra e inauguramos a política territorial do futuro.

Pode-se perguntar se essa concepção, de lógica e realismo tão desumanos, era fruto de um raciocínio pessoal ou inspirada por teorias de terceiros. É perfeitamente evidente que a ideia do espaço vital, seu ponto de partida decisivo, penetrou na mente de Hitler por intermédio de Rudolf Hess. Graças à sua ardente admiração pelo “homem”, como gostava de designar Hitler, com o fanatismo de verdadeiro crente, Hess conseguira pouco a pouco afastar do detento de Landsberg todos os rivais e, muito particularmente, disputar com Emil Maurice o posto de secretário. Desde 1922, tinha igualmente colocado Hitler em contato com seu professor, Karl Haushofer, que, partindo de uma tese de geografia política apresentada pelo inglês *Sir* Halford Mackinder, tinha feito disso, sob o título de *Geopolítica* , uma filosofia de expansão imperialista. Apesar da insensibilidade maquiavélica que caracterizava o projeto de conquista elaborado por Hitler, não estava isento da segurança um tanto fluida a respeito da força daquilo que Mackinder chamava *the Heartland* , a “terra-central”, o “coração da terra”. Protegidas por gigantescos territórios contra qualquer ataque, tornadas invulneráveis, a Europa oriental e a Rússia europeia seriam a cidadela da dominação mundial

e, como havia prometido o fundador da geopolítica: “Quem controla o coração da terra domina o mundo.” É provável que o estranho e mágico racionalismo de tais fórmulas pseudocientíficas tenham precisamente correspondido às estruturas da inteligência de Hitler, pois, para ele, também o conhecimento tinha suas zonas misteriosas. [50] Mas, qualquer que seja a contribuição tangível desta ou daquela influência, o “talento combinatório” de Hitler raramente se manifestou de maneira tão impressionante quanto nessa tentativa de elaborar um amplo projeto de política externa. Ele definiu, num sistema coerente, as relações da Alemanha com as grandes potências europeias, a aspiração de vingar-se da França, o desejo de espaço e de conquista, a mudança dos tempos e, enfim, as diversas ancoragens ideológicas. Para coroar esse sistema e dar-lhe uma justificação universal, incorporou suas ideias sobre a história racial que serviam de conclusão ao seu raciocínio:

> O próprio destino parece querer mostrar-nos: entregando a Rússia ao bolchevismo, arrebatou ao povo russo essa camada de intelectuais que fundou e assumiu até hoje sua existência como estado, pois a organização do estado russo não foi em absoluto resultado das aptidões políticas do eslavismo na Rússia, mas, antes, um exemplo notável da ação criadora de estados, do elemento germânico, no meio de uma raça de menor valor. (…) Desde séculos, a Rússia vivia à custa do núcleo germânico de suas camadas superiores dirigentes, que podemos considerar atualmente extirpado e aniquilado. O judeu tomou seu lugar. E, assim como o russo é incapaz de sacudir o jugo dos judeus por seus próprios meios, da mesma forma o judeu não saberia, a longo prazo, manter o poderoso estado. Ele próprio não é um elemento organizador, é apenas um fermento de decomposição. O gigantesco estado do leste está maduro para cair. E o fim da dominação judaica na Rússia será também o fim da Rússia como estado. Fomos eleitos pelo destino para assistir a uma catástrofe que será a prova mais sólida da exatidão das teorias racistas. [51]

Dessas ideias é que nasceu, no início dos anos 1920, a concepção política aplicada mais tarde por Hitler: busca, desde muito cedo, de uma aliança com a Inglaterra e do eixo Roma-Berlim, campanha contra a França e guerra total de destruição ao Leste, para conquistar e apropriar-se do “coração continental do mundo”. Preocupações morais não o embaraçavam. Uma aliança que não incluísse um projeto de guerra em seus objetivos não tinha sentido, assegurava ele no *Mein Kampf* . As fronteiras dos estados seriam sempre fixadas e modificadas pelos homens e “só os imbecis as consideravam inamovíveis” — a força do conquistador era ao mesmo tempo seu direito, e “Quem tem, tem”. Tais eram as máximas de sua moral política. [52] Por mais incrível, por mais absurdo que parecesse esse programa estabelecido sobre a base de seus pesadelos, de suas teorias sobre a história, de suas erradas análises da situação, pode-se dizer que, apesar de seu extremo exagero, tinha mais oportunidades de sucesso do que a concepção revisionista mais moderada que reivindicava o sul do Tirol ou a Alsácia. Diferentemente de seus parceiros nacionais, Hitler compreendera que, no quadro das estruturas

em vigor, a Alemanha estava com falta de trunfos; por isso decidiu contestar a organização internacional em seus próprios fundamentos e nisso foi ajudado pelo profundo ressentimento que tinha contra a normalidade. Só aquele que se recusava a jogar o jogo estabelecido podia ganhar a partida. Ao enfrentar a União Soviética, que ameaçava abertamente destruir esse sistema, encontrou aliados que, sem o querer, aumentaram "tão fortemente o potencial da Alemanha que, numa perspectiva muito precisa, era-lhe mais fácil conquistar um império mundial do que recuperar Bromberg ou Königshutte" [53] e achou mais proveitoso pôr as mãos em Moscou do que em Strasburgo ou Bozen.

Hitler sabia como proceder sobre o risco de tal empreendimento, e aceitou-o. Desde 1933, aplicou-se com perseverança notável à realização de seu antigo projeto. Para ele, a alternativa sempre foi uma escolha entre a hegemonia mundial e o desaparecimento no sentido literal da palavra. "Todo ser vivente tende a se desenvolver", declarara em 1930, num discurso proferido diante de professores e alunos, em Erlangen, "e todo povo aspira à dominação mundial." Segundo ele, tal era a conclusão pura e simples da lei aristocrática da natureza que previa a vitória do mais forte e a destruição ou submissão incondicional do mais fraco. Eis por quê, também no momento final, tendo perdido tudo e encontrando-se frente à morte, transmitiu a seu antigo confidente Albert Speer esta observação profundamente odiosa, mas, apesar de tudo, lógica: "É inútil levar em consideração os elementos de que o povo alemão tem necessidade para continuar a viver da maneira mais primitiva, porque ele demostrou que é o mais fraco e o futuro pertence ao povo do Leste, que é o mais forte." [54] A Alemanha tinha perdido infinitamente mais do que uma guerra e, de sua parte, ele já não tinha a menor esperança. Pela última vez, curvava-se diante da lei natural, "rainha cruel de toda a sabedoria", que havia sido a suprema instância a dominar sua vida e seu pensamento.

❖

Desde 1924, cerca de um ano depois, a prisão, que Hitler designava ironicamente como "seu estágio universitário à custa do estado", [55] se aproximava do fim. A pedido do procurador-geral junto à corte de Munique, o diretor da penitenciária, Leybold, expediu em 15 de setembro um certificado que devia levar quase necessariamente à concessão de liberdade antecipada. "Hitler", disse ele, "demonstra que é um homem ordeiro, respeitador da disciplina, não só para si mesmo como para seus companheiros de prisão. É sóbrio, modesto e cumpridor. Não formula nenhuma reivindicação, é calmo e compreensivo, sério, não tem o menor desvio de conduta, esforça-se meticulosamente por submeter-se ao regulamento penitenciário. Despojado de

vaidade pessoal, está satisfeito com o regime do estabelecimento, não fuma nem bebe e, apesar de observar o espírito de camaradagem com seus companheiros de cativeiro, sabe dar prova de certa autoridade. (…) Hitler se esforçará novamente por desenvolver o movimento nacional conforme o entende, porém não como antes, recorrendo a meios violentos contra o governo em caso de necessidade (!), mas de acordo com os organismos oficiais competentes."

O estilo exemplar de seu comportamento e a tática que o certificado descrevia condicionavam a libertação antecipada que o tribunal deixara entrever, depois do cumprimento de seis meses de pena. Aliás, o Führer dos nacional-socialistas já se beneficiara de um *sursis* no passado, escapara de um processo por decisão de um ministro ideologicamente corrompido, havia organizado distúrbios e brigas, exigido a deposição do governo do Reich, detido ministros e deixado alguns mortos para trás. Não se via, portanto, nessas condições, como podia emendar-se, e em seguida a um protesto do procurador-geral, o perdão da pena proposto pelo tribunal foi liminarmente rejeitado; mas o poder, apesar de tudo, estava disposto a fazer aquele infrator da lei beneficiar-se de sua fraqueza. Assim, não insistiu em obter contra Hitler a sentença de expulsão, prevista nos termos da lei. Na verdade, a chefia de polícia de Munique tinha declarado, em carta enviada a 22 de setembro ao ministro do Interior, que essa medida era "indispensável" e o novo ministro-presidente Held havia mesmo consultado as autoridades austríacas se estavam dispostas a aceitar Hitler no caso de ele ser expulso, [56] porém nada mais foi feito nesse sentido. O próprio Hitler, preocupadíssimo, mostrava-se desejoso de dar provas de suas boas intenções, de todas as maneiras imagináveis. Não gostou quando Gregor Strasser, no *Landtag* , qualificou sua permanência na prisão como ato desonroso para a Baviera, acrescentando que o *Land* era governado por um "bando de porcos, de porcos imundos". Da mesma maneira, incomodava-o a atividade clandestina de Röhm.

Mas, uma vez mais, as circunstâncias trabalharam a seu favor. Nas eleições para o Reichstag realizadas a 7 de dezembro, o movimento *völkisch* nacional-popular racista só teve 3% dos votos, e, dos 33 deputados que o representavam no parlamento até então, apenas 14 foram reeleitos. A ideia de que o extremismo de direita estava em declínio certamente não foi estranha à decisão da corte suprema estadual da Baviera, a 19 de dezembro, ao rejeitar a objeção apresentada pelo promotor-geral contra a clemência solicitada pelo tribunal. A corte decidiu beneficiar o condenado com liberdade antecipada e, a 20 de dezembro, quando os detentos se preparavam para festejar o Natal em Landsberg, um telegrama chegado de Munique ordenou a soltura imediata de

Hitler e Kriebel.

11

Crise e resistências

Hitler será o artífice de sua ruína!

Karl Stutzel,
ministro do Interior da Baviera, em 1925

Ah! Mostrarei a esses cães até onde estou morto!

Adolf Hitler, primavera de 1925

AO SAIR DE LANDSBERG , Hitler encontrou de fato uma situação diferente e deprimente. Cessara a excitação do ano anterior, dissipara-se a histeria, e a exaltação dera lugar ao morno desenrolar da vida cotidiana.

A causa dessa mudança era a estabilização da moeda, que tivera como primeiro efeito o restabelecimento da confiança. Sobretudo, privara de suas bases materiais os militantes da agitação caótica, os Freikorps e as formações paramilitares que muitas vezes só subsistiam graças à ajuda de divisas estrangeiras. O poder consolidava pouco a pouco sua autoridade. No fim de fevereiro de 1924, foi possível suspender o estado de emergência decretado na noite de 9 de novembro. No decorrer do mesmo ano, a política conciliatória da era Stresemann produziu seus primeiros frutos, que se manifestaram menos por êxitos concretos do que pela recuperação psicológica da situação da Alemanha. O país conseguiu, por etapas, atenuar o estado de ânimo, de ódio e de ressentimentos que datavam da guerra e dos primeiros tempos do pós-guerra: o plano Dawes permitia entrever uma solução para o problema das reparações, os franceses se preparavam para deixar a bacia do Ruhr, discutia-se um pacto de segurança e não agressão bem como a admissão da Alemanha na Liga das Nações. Enfim, graças ao afluxo de capitais emprestados pelos americanos, as condições materiais começavam a melhorar. O desemprego, que conferia tonalidade sombria às imagens de miséria nas esquinas das ruas, diante das cantinas para indigentes e das agências de assistência social, estava em visível regressão. A mudança manifestou-se nos resultados eleitorais. Sem dúvida, em maio de 1924, as forças extremistas tinham ainda conseguido sucesso, mas, em dezembro do mesmo ano, registraram recuo sensível e, só na Baviera, os grupos *völkisch* perderam perto de 70% dos seus votos. Mesmo que, no momento, a evolução

não se traduzisse por uma revitalização dos partidos democráticos moderados, parecia, ainda assim, que após anos de crise, ameaças de subversão e de depressão, a Alemanha estava afinal no caminho do retorno a uma vida de normalidade.

Como tantos outros dessa categoria de políticos profissionais reduzidos pela primeira vez à desocupação, até Hitler parecia ter chegado ao termo de dez anos de uma existência desregrada, sob o signo da aventura e de aspirações antiburguesas. Defrontava-se novamente com aquela "paz dentro da ordem", que fora o pavor de sua adolescência. [58] Considerada com realismo, sua situação era relativamente sem perspectivas. A despeito de seu triunfo retórico ante o tribunal, desde então caíra no descrédito e semiesquecimento do político fracassado. O partido e todas as suas organizações estavam proibidos, e acontecia o mesmo com o *Völkischer Beobachter* ; o Reichswehr, e a maior parte dos sócios capitalistas do movimento tinha-se retirado; depois da excitação e dos atos da guerra civil, dedicavam-se novamente às obrigações e ocupações da vida diária. E numerosos eram os que encolhiam os ombros com irritação, considerando retrospectivamente o ano de 1923 um período tão insensato quanto nefasto. Dietrich Eckart e Scheubner-Richter estavam mortos, Göring vivia no exílio, Kriebel se preparava para segui-lo. A maioria de seus discípulos mais chegados estava ainda na prisão ou dividida por discussões intestinas. Pouco antes de ser preso, Hitler conseguira fazer chegar a Rosenberg uma nota rabiscada apressadamente a lápis: "Caro Rosenberg, de hoje em diante é você quem dirigirá o movimento". O teórico do nacional-socialismo, que adotara o pseudônimo, rico em significação, de Rolf Eidhalt, anagrama do nome Adolf Hitler, tentou manter o que restava do partido [59] no seio da Grossdeutsche Volksgemeinschaft-GVG [Comunidade Popular da Grande Alemanha], e as SA prosseguiram suas atividades no quadro social de diversas ligas esportivas, associações de canto e clubes de tiro. Mas, em consequência da falta de chefia e do isolamento do mundo de Rosenberg, o movimento não tardou a dividir-se em facções antagônicas. Ludendorff abraçou a causa de unir os antigos membros do Partido Nazi NSDAP com o Partido Alemão Nacional-Étnico da Liberdade de von Graefe e do Conde Reventlow; Streicher fundou em Bamberg um "Bloco Nacional-Étnico Bávaro", que aspirava igualmente a exercer a preponderância. Finalmente, Esser, que tinha voltado a Munique, Streicher e o dr. Arthur Dinter, estabelecido na Turíngia, onde escrevia romances que exaltavam bizarramente o mito do sangue, apoderaram-se da direção do GVG. Enquanto isso, Ludendorff, em cooperação com von Graefe, Gregor Strasser e, pouco depois, também Ernst Röhm, tratavam de organizar o Partido Nacional-Socialista da Liberdade, que

desejava reunir em uma mesma organização todos os grupamentos racistas nacional-populares. Querelas e intrigas sem fim acompanharam essas diversas tentativas de aproveitar a prisão de Hitler para assumir uma situação preponderante no seio do movimento racista ou mesmo para afastá-lo e reduzi-lo ao papel de “aglutinador e propagandista”.

Essas circunstâncias deprimentes de maneira alguma assustaram Hitler. Pelo contrário, ele viu aí sua chance e mais uma razão para esperar. Rosenberg reconheceu mais tarde que sua designação para as funções de chefe interino do movimento o havia surpreendido bastante. Supôs, não sem razão, que haveria nisso uma manobra tática de Hitler, que aceitava conscientemente e até estimulava o fracionamento do partido, a fim de poder posteriormente afirmar ainda mais seu direito de comando. O reparo frequentemente feito a propósito prova um desconhecimento da real aspiração de Hitler; pois ele não podia delegar a própria convocação, o chamado que lhe fora feito pelo destino: a história da Redenção não menciona a figura de um vice-redentor.

Portanto, Hitler assistiu com indiferença às disputas em que se envolviam Rosenberg, Streicher, Esser, Pöhner, Röhm, Amann, Strasser, von Graefe, von Reventlow e até Ludendorff. Conforme declarou um de seus fiéis, não “moveu um dedo” para acabar com elas. E mais, estimulou ora um ora outro dos adversários e sabotou secretamente todas as tentativas de fusão dos grupos nacionalistas. Enquanto esteve preso, a ordem era evitar, na medida do possível, tomar decisões, era preciso que não surgissem novos centros de poder ou pretensões de predomínio. Pelo mesmo motivo, ele criticou a participação de correligionários nas eleições parlamentares, e, embora estivesse de acordo com a nova tática que visava à conquista do poder por via legal, todo membro do partido que gozasse de imunidade ou tivesse uma remuneração parlamentar adquiria com isso certa independência. Em Landsberg, soube com desgosto que, nas eleições para o Reichstag de maio de 1924, o Partido Nacional-Socialista da Liberdade tinha, apesar de tudo, conseguido 32 das 472 cadeiras. Numa “carta aberta”, apresentou, pouco depois, seu pedido de demissão de chefe do Partido, cedendo seus plenos poderes, e passou a recusar todas as visitas de motivos políticos. Escrevendo da penitenciária, não sem uma concordância secreta, Rudolf Hess falava da “estupidez” dos correligionários, [60] enquanto Hitler via frutificar abundantemente o risco substancial a que se expusera. Em sua volta de Landsberg, é verdade, só encontrara escombros, mas, em contrapartida, não tinha mais um único rival sério e, em lugar de se bater com uma frente compacta de adversários, só tinha que enfrentar a impaciência de facções

impotentes. Apresentava-se como o salvador muito esperado de um movimento *völkisch* que naufragava no marasmo, não sem que ele para isso tivesse contribuído pessoalmente. Hitler pôde exigir o direito de exercer um comando, logo a seguir incontestado. “Consegui assim um resultado que, sem isso, jamais teria sido possível”, reconheceu com franqueza. “E pude dizer aos membros do partido: de agora em diante, lutaremos como eu entendo que deve ser, e não de outra maneira.” [61]

Não obstante, desde sua volta, viu-se em confronto não só com grandes esperanças, mas também com as expectativas e pedidos mais contraditórios de seus partidários divididos. Tratava-se, além de seu futuro político, de decidir se, desligando-se de todos os interesses particulares, conseguiria, nos quadros já superlotados da direita, dar ao partido personalidade própria, que fosse maleável o suficiente para harmonizar as aspirações divergentes. Muitos previam que ele organizaria, em acordo com Ludendorff, um movimento étnico unitário. Mas Hitler viu que só uma personalidade de Führer, hierática, que dominasse toda a situação, poderia engendrar a força de integração que o cumprimento do seu objetivo exigia. Nesse instante, a questão não era concluir alianças prematuras. Era-lhe necessário traçar linhas divisórias e realizar, sem compromissos, sua ambição pessoal de comando incondicional. Nas semanas seguintes, o comportamento tático de Hitler foi ditado por essas considerações.

A conselho de Pöhner, Hitler começou por pedir uma audiência ao novo ministro bávaro, Held. Católico austero, de tendências francamente federalistas, o presidente do Partido Popular Bávaro fora no passado combatido apaixonadamente pelo chefe do Partido Nazi e seus companheiros. A fim de atenuar o caráter espetacular do encontro, que se realizou a 4 de janeiro de 1925, Hitler declarou que só pretendia pedir a libertação dos camaradas ainda detidos em Landsberg. Na verdade, porém, dava seus primeiros passos no sentido da legalidade. Seus críticos no campo nacionalista o acusaram de, com essa visita, procurar fazer a sua “paz com Roma”. Na realidade, procurava fazer as pazes com o poder. Sobre isso, observou com cinismo que, diferentemente de Ludendorff, não podia se dar o luxo de anunciar antecipadamente a seus adversários que queria exterminá-los. [62]

Para seu futuro político, o sucesso desse empreendimento não era menos importante do que a realização do seu desejo de exercer o comando dentro do campo nacional-racista. Assim, para levar a bom termo sua ambição intacta de conquistar o poder, era preciso não só dispor de um partido militante,

dirigido de forma ditatorial, mas também reconquistar a perdida confiança de instituições poderosas e aprender a lição de 9 de novembro. Política não consistia apenas em dominar pela força, abandonar-se à embriaguez do triunfo e à agressão – tinha dois aspectos que lhe destinavam, de agora em diante, um papel de outro gênero. Era essencial apresentar-se, ao mesmo tempo, como revolucionário e defensor do regime vigente, dar a impressão de agir ao mesmo tempo como extremista e como moderado, ameaçar a ordem e apresentar-se como seu protetor, violar a lei e exigir-lhe o restabelecimento — tudo isso da maneira mais verossímil possível. Não é certo que Hitler jamais se tenha dado conta do que sua tática tinha de paradoxal teoricamente, mas, na prática, quase todo o seu esforço foi no sentido de aplicá-la.

Começou assegurando sua lealdade ao ministro-presidente, que se mantinha reservado, e acentuou imediatamente que no futuro se conformaria à legalidade, pois o *putsch* de 9 de novembro fora um erro. Nesse ínterim, havia reconhecido a necessidade de respeitar a autoridade do estado. Sendo ele próprio um patriota burguês, estava disposto a contribuir para isso, na medida de suas forças, pondo-se à disposição do governo na luta empreendida contra os elementos de desagregação, contra o marxismo. Mas, para essa tarefa, tinha necessidade do partido, bem como do *Völkischer Beobachter* . Como Held lhe perguntasse de que modo pensava ele conciliar esse oferecimento com o complexo anticatólico dos racistas, Hitler respondeu que os ataques nesse campo eram mania pessoal de Ludendorff; de sua parte, estava completamente cético a respeito do general e nada tinha a ver com esse tipo de ação. Sempre sentira verdadeira repugnância por todo e qualquer fanatismo confessional, mas achava que as forças nacionais que haviam demonstrado seu valor deviam permanecer unidas. Ante essa verbosidade destinada a convencê-lo, Held persistiu em sua reserva. Alegrava-se, assegurou ele, de que Hitler afinal pensasse em respeitar a autoridade, mas, se não fosse o caso, a coisa lhe seria indiferente. Na qualidade de ministro-presidente, afirmaria essa autoridade contra quem quer que fosse, e acontecimentos semelhantes aos que haviam precedido o 9 de novembro não se reproduziriam mais na Baviera. Todavia, deixou-se finalmente convencer por seu amigo pessoal, o dr. Gurtner, que estava igualmente entre os protetores de Hitler, a suspender a interdição que atingia o Partido Nazi e seu jornal. Resumindo a impressão que lhe deixara sua entrevista com Hitler, declarou que “agora a fera estava dominada”. [63]

Alguns dias mais tarde, Hitler se apresentou diante da bancada nacional-socialista no *Landtag* e, como se a situação do movimento já não fosse bastante aflitiva, provocou uma feroz discussão. Tendo na mão o rebenque,

acessório indispensável de seus longos requisitórios, penetrou no edifício da assembleia, em cujo interior os deputados da bancada, formalizados e solenes, estavam reunidos para saudá-lo. Sem muitos preâmbulos, censurou-os duramente. Acusou-os de não terem comando nem ideias. Mostrou-se particularmente desgostoso pelo fato de terem rejeitado a oferta de participação do governo, feita por Held. A plateia, consternada, respondeu que havia princípios que um homem honesto não podia abandonar: não se podia acusar um partido adversário de trair o povo alemão e, ao mesmo tempo, formar um governo com ele. E, quando um dos deputados chegou a manifestar a suspeita de que Hitler, com essa coalizão, quisera apenas comprar sua libertação antecipada, o chefe nacional-socialista lhe respondeu com desprezo que sua libertação era mil vezes mais importante para o movimento do que a fidelidade de duas dúzias de parlamentares nacionalistas e seus princípios.

De fato, parecia que, reivindicando de maneira brutal e provocando o comando do partido, ele queria se descartar daqueles que se recusavam a submeter-se a suas opiniões. Em seguida, falou com desprezo irônico do “êxito inflacionista” registrado pelo partido em 1923, de seu crescimento demasiado rápido, que fora a causa essencial de sua fraqueza, e de sua falta de resistência durante a crise. Só agora deduzia as consequências desse estado de coisas. Os líderes da bancada nacionalista se queixaram muito da falta de cooperação manifestada por Hitler e naturalmente relembraram, a propósito, o sangue que tinham derramado em comum diante da Feldherrnhalle. [64] Mas, para Hitler, tais sentimentalismos místicos eram menos importantes do que a lembrança dos vínculos de dependência a que estivera submetido em 1923. Não esquecera até que ponto tivera de levar em consideração a vontade pusilânime e obstinada de tantos companheiros de luta, e concluíra que toda associação é uma forma de cativeiro. Desse modo, quanto mais se mostrara aparentemente conciliatório diante do poder, tanto mais se revelou autoritário e intransigente dentro do movimento, exigindo de todos submissão absoluta. Aceitou facilmente o fato de, no final da discussão, apenas seis dos 24 deputados lhe permanecerem fiéis e de que a maioria tenha passado para os outros partidos.

Depois desse choque, não se deu por satisfeito, provocou com impaciência novas polêmicas e continuou a desbastar pelas bordas o movimento, que já estava tão reduzido. Assinalava de preferência o que o separava dos outros inúmeros agrupamentos nacionalistas e de extrema direita, recusando qualquer colaboração com eles. Dos 14 deputados ao Reichstag só quatro permaneceram fiéis, e mesmo estes se mostraram recalcitrantes, exigindo

antes de tudo que ele se afastasse de elementos duvidosos e desprezíveis como Hermann Esser e Julius Streicher. Hitler sabia melhor do que seus interlocutores que a luta feroz que já se travava por vários meses tinha por meta não a pureza mas a dominação do partido por um só homem, e não cedeu um milímetro.

A esse tempo, já preparava o rompimento com Ludendorff. Na tarde de 9 de novembro, o general tinha declarado que nada o faria esquecer a fuga de Hitler diante da Feldherrnhalle, acrescentando que, a partir de então, nenhum oficial alemão poderia servir sob as ordens de um homem assim. Hitler não lhe perdoara a observação, mas esse não foi o único motivo do seu desejo de romper. Além disso, o cabo de guerra politicamente se tornara, ao menos na Alemanha do Sul, um fraco, desde que sua obstinação e a excêntrica ambição de sua segunda mulher, a dra. Mathilde von Kemnitz, o metiam constantemente em novas controvérsias. Ele provocava e atacava a Igreja Católica, criara uma questão de honra com o Kronprinz da Baviera e indispusera-se com o corpo de oficiais, de sorte que muitos de seus antigos camaradas o ameaçaram de excluí-lo de sua associação. Enfim, estava irremediavelmente mergulhado nas trevas pseudorreligiosas de uma ideologia sectária em que se encontravam, reunidos numa mistura significativa, as angústias do conjurado, a crença dos deuses germânicos e o pessimismo inspirado pela marcha da civilização. De seu lado, Hitler se libertara havia muito dessas inclinações em que reencontrava o obscurantismo dos seus primeiros anos, Lanz von Liebenfels e as imagens delirantes da associação Thule. Igualmente, expressara no *Mein Kampf* desprezo mordaz por esse romantismo racista que continuava, entretanto, a marcar os rudimentos de sua personalidade. Ciúme também teve seu papel nessa desavença; ele bem compreendia a insuperável distância que, aos olhos de um povo tendente às tradições militares, separava o antigo cabo do general. Numa carta reveladora, escrita no início de 1925, um grupamento racista denominava Ludendorff "Sua Excelência, o grande Führer", ao mesmo tempo que via em Hitler "o espírito de fogo que ilumina com sua luz a obscuridade da presente situação". Enfim, Hitler tomara como afronta pessoal o gesto do chefe de estado-maior da Grande Guerra que o privara, através de uma ordem militar, da companhia de seu amigo pessoal Ulrich Graf, e, no primeiro encontro que teve com Ludendorff, fez-lhe violentas reclamações sobre isso. Ao mesmo tempo, como se estivesse possuído de verdadeira e crescente embriaguez de inimizade, iniciou uma discussão com os chefes do Partido Nacional-Socialista da Liberdade na Alemanha do Norte, von Graefe e von Reventlow. Estes tinham declarado publicamente que Hitler não devia ser reintegrado na posição de força que ocupava antes, pois viam nele um propagandista bem-

dotado, mas não um político. Em carta enviada posteriormente a von Graefe, que demonstrava novo sentimento de segurança, Hitler lhe respondeu que tinha sido, no passado, o "aglutinador". E o seria novamente, mas apenas em favor da Alemanha e jamais em proveito de Graefe e outros tipos de sua espécie, "Deus será testemunha!." [65]

Em 26 de fevereiro de 1925, o *Völkischer Beobachter* reapareceu e anunciou para o dia seguinte, na Burgerbräu, no próprio lugar do fracassado *putsch* , a nova fundação (não a reorganização) do Partido. Em seu editorial intitulado "Um Novo Começo", como nas diretrizes da organização do partido publicadas no mesmo número, Hitler estabelecia sua reivindicação ao comando do partido. Pôs o problema em termos incondicionais e, no que dizia respeito às críticas feitas a Esser e Streicher, assegurou que a direção do partido se interessava tão pouco pela moral de seus membros quanto pelas divergências confessionais: só fazia política. Qualificou os críticos de "crianças nessa matéria". As primeiras reações à tendência enérgica revelada foram manifestações de lealdade através de todo o país.

Preparara cuidadosamente sua entrada em cena do dia seguinte. A fim de dar mais ressonância a seu apelo, não falara em público durante dois meses e, desse modo, intensificara a expectativa de seus partidários e o nervosismo de seus rivais. Não recebera visitas, mesmo que se tratasse de delegações estrangeiras, e espalhara a notícia de que jogava no lixo, sem ler, todas as cartas que tratassem de política. Embora a reunião devesse começar apenas às 8 horas da noite, os primeiros participantes chegaram desde o início da tarde. O preço da entrada era um marco. Às 6 horas, a polícia foi obrigada a fechar as portas. Cerca de quatro mil pessoas tinham tomado lugar no recinto; muitos estavam brigados uns com os outros e envolvidos em intrigas recíprocas. Mas uma primeira explosão de entusiasmo saudou Hitler quando ele entrou no salão: os assistentes subiram nas mesas, gritaram, ergueram os canecos de cerveja ou se abraçaram de alegria. Max Amann presidia a reunião, pois Anton Drexler exigira a exclusão de Esser e Streicher do partido, como condição para participar do comício. Strasser, Röhm e Rosenberg também estavam ausentes. Dirigindo-se a todos os membros do partido, inclusive aos que se mostravam hesitantes e obstinados em suas ideias particulares, Hitler pronunciou um discurso de duas horas, que teve profunda repercussão. Começou falando de assuntos gerais. Depois, exaltou as realizações dos arianos no plano da civilização criadora e, abordando o domínio da política externa, declarou que o tratado de paz podia ser rasgado e que o acordo sobre reparações de guerra podia ser declarado nulo, mas de qualquer maneira a poluição do sangue pelos judeus terminaria causando a ruína da Alemanha.

Retornando à sua velha obsessão, acentuou que, em Berlim, podia-se ver, na Friedrichstrasse, cada judeu com uma loura alemã pelo braço. O marxismo, assegurava ele, podia ser vencido, "com a condição de se lhe opor uma doutrina mais verdadeira, mas, ao mesmo tempo, devia-se proceder com brutalidade à aplicação das medidas previstas". Em seguida, criticou Ludendorff, que criava inimigos em toda parte e não compreendia que, em certos casos, era preciso citar um adversário, tendo outro em vista. Depois, chegou ao ponto essencial:

> Se alguém vem a mim e pretende me impor condições, eu digo: caro amigo, espere primeiro para saber que condições eu vou impor. Não peço que me siga a grande massa. Em um ano, meus companheiros, vocês julgarão. Se eu tiver agido bem, tudo irá bem; caso contrário, entregarei meu mandato em vossas mãos. Mas, até esse momento, fica entendido que eu dirijo sozinho o movimento; uma vez que assumirei pessoalmente a responsabilidade, ninguém vai me impor condições. E eu assumo também a responsabilidade de tudo quanto se passa no interior do movimento. [66]

Vermelho de cólera, pediu finalmente a todos os presentes que renunciassem a suas múltiplas inimizades, esquecessem o passado e pusessem fim a suas brigas dentro do partido. Não solicitou adesão, não sugeriu meios-termos, simplesmente exigiu que se submetessem ou se afastassem. As delirantes aclamações que explodiram no fim de sua peroração trouxeram-lhe a exaltadora confirmação de que estava certo em querer dar ao novo NSDAP a fisionomia estritamente autoritária de um partido comandado exclusivamente por ele. Max Amann apareceu no meio da manifestação de entusiasmo e bradou solenemente para a multidão: "As disputas devem terminar. Todos com Hitler!" Nesse instante, antigos rivais se encontraram bruscamente cara a cara sobre o estrado: Streicher, Esser, Feder, Frick, Dinter, *gauleiter* da Turíngia, bem como o líder da bancada no parlamento bávaro, Buttmann. Numa cena que transtornou a assistência, eles se apertaram ostensivamente as mãos, enquanto no recinto milhares de espectadores, gritando e gesticulando, subiam nas mesas e cadeiras. Streicher balbuciou com emoção uma frase, qualquer coisa como "destino previsto por Deus", e Buttmann, que Hitler recentemente contestara com veemência e não sem sarcasmo, em presença da bancada, declarou que, "ao ouvir o Führer, todas as suas objeções anteriores tinham-se dissipado". Assim, em alguns instantes, Hitler conseguira o que a figura prestigiosa de Ludendorff, as intervenções isoladas ou coletivas de von Graefe, Strasser, Rosenberg ou Röhm não tinham conseguido realizar — e essa experiência reforçou sua autoridade e sua autoconfiança. Na fórmula empregada por Buttmann e já utilizada no passado, embora em sentido mais limitado, por Ludendorff e por outros concorrentes, ele foi, desde então, chamado *Der Führer* , título nunca mais contestado.

❖

Assim que Hitler assegurou sua ascendência, mais ditatorial do que nunca, sobre o partido, e triunfou sobre aqueles que Herman Esser designava como um "amontoado de intrigantes e canalhas", dedicou-se à realização de seu segundo objetivo: organizar o Partido Nazi de modo a fazer dele um instrumento dócil e dotado de uma força eficaz a serviço de seus projetos táticos. Comentando a decisão de não mais fazer a revolução pela violência, mas pela lei, num dia em que estava de humor sarcástico em Landsberg, confidenciou a um dos seus partidários: "Se retomar minha atividade, serei obrigado a seguir uma nova política. Em lugar de conquistar o poder pela força das armas, deveremos meter nosso nariz no Reichstag, para grande desgosto dos deputados católicos e marxistas. Na verdade, é possível que seja necessário mais tempo para convencê-los do que para fuzilá-los, mas, afinal, a própria constituição deles nos possibilitará o sucesso. Todo processo legal é lento." [67]

Foi um processo bem mais lento e mais penoso do que Hitler supunha, acompanhado continuamente de reveses, resistências e conflitos. Quis a fatalidade que ele mesmo fosse o responsável pelo primeiro grande revés, pois o governo bávaro compreendera perfeitamente o verdadeiro sentido de sua observação, segundo a qual se podia muito bem falar de um adversário, tendo em vista outro, e vira aí a prova de que ele continuava hostil à constituição. As autoridades igualmente desconfiavam de uma declaração em que Hitler esclarecia que, se o inimigo não passasse por cima do seu cadáver, passaria ele sobre o do inimigo. "Desejo", acrescentara ele, "que, se eu tombar no próximo combate, a bandeira da suástica seja minha mortalha." Tais manifestações provocaram tantas dúvidas sobre a sinceridade de seus protestos de apreço à legalidade que as autoridades da Baviera e logo após as de todos os *Länder* o proibiram cominatoriamente de falar em público. Pondo em risco sua liberdade condicional e arriscando-se a desencadear o processo de expulsão que sempre o ameaçava, essa interdição, que o afetou e surpreendeu terrivelmente, parecia, no contexto da situação geral, interromper subitamente todas as suas esperanças. Mas era apenas um contratempo momentâneo em seus planos.

Ele não se deixou abalar nem pelo medo nem pela irritação. Um ano e meio antes, durante o verão de 1923, um revés poderia ainda desequilibrá-lo e provocar a volta às letargias e desfalecimentos de sua adolescência. Agora, não manifestava qualquer reação e mostrava-se apenas impressionado com as consequências pessoais da interdição de falar em público, que lhe retirava seu trunfo mais importante. Proveu sua subsistência com a ajuda de honorários que recebia pelos editoriais escritos daí em diante para a imprensa do partido.

Muitas vezes fazia palestras para pequenos grupos de sessenta a oitenta convidados, na casa dos Bruckmanns e, não podendo mais usar os processos de narcose e os estimulantes de sua eloquência, era obrigado a recorrer a novos métodos de propaganda e dissimulação.

Os observadores da época têm sido unânimes em constatar a mudança de fisionomia de Hitler durante sua prisão. Quando foi libertado, seus traços mais despojados, mais severos conferiam pela primeira vez personalidade à sua apagada fisionomia de psicopata. “Sua máscara estreita, pálida, doentia, que sempre dava uma impressão de vazio, agora estava consolidada; da testa ao queixo, a ossatura era mais saliente. O que antes parecia denotar entusiasmo, cedera lugar a um edifício de firmeza inequívoca.” [68] E foi nessa firmeza que ele encontrou a tenacidade que lhe permitiu sobreviver a todos os desastres, suplantar a fase de estagnação e chegar enfim ao triunfo dos anos 1930. Quando, no correr do verão de 1925, suas esperanças estavam a zero, uma reunião do Partido Nazi discutiu moção para designar-lhe um substituto. Ele respondeu declarando em tom provocador que o movimento sobreviveria ou morreria sob sua única direção. [69]

A visão de seu séquito sem dúvida alguma lhe dava razão. Depois das lutas e dissidências provocadas sistematicamente nos meses anteriores eram, naturalmente, os elementos médios e subalternos que tinham ficado com ele. Agora encontrava-se novamente cercado por essa corte de vendedores de gado, motoristas, guarda-costas e antigos soldados profissionais aos quais o ligava, desde os tempos tumultuados do início do partido, uma afinidade curiosamente sentimental e quase humana. A reputação geralmente duvidosa desses sequazes o incomodava tão pouco quanto a barulhenta rudeza e a grosseria de seu temperamento. As relações que mantinha com eles permitiam sem dúvida constatar até que ponto perdera a lembrança de suas origens burguesas e a beleza da juventude. Quando lhe chamavam a atenção sobre isso, respondia, ainda nessa época, com timidez um tanto constrangida, que ele também podia cometer erros na escolha de seus companheiros, pois a natureza do ser humano não era “infalível”. [70] Mas, mesmo nos anos que passou na chancelaria, esse tipo de gente constituía seu grupo preferido, dando incontestavelmente o tom das reuniões privadas dessas longas e vazias noitadas, durante as quais, assistindo a um filme ou entregando-se a uma conversação superficial nos salões outrora ocupados por Bismarck, Hitler, sentado em sua imensa poltrona, desabotoava a túnica e estirava as pernas. Sem tradição, sem parentes e sem profissão, mas marcadas por alguma fissura, ou no caráter ou na vida, essas pessoas despertavam muitas recordações no antigo pensionista das miseráveis acomodações de

hospedarias, e é possível que entre Christian Weber, Hermann Esser, Josef Berchtold ou Max Amann ele tenha reencontrado a auréola e a atmosfera dos seus tempos de Viena. Só tinham para lhe oferecer sua admiração e seu sincero devotamento, e isso eles o faziam sem qualquer reserva. Quando, na Osteria Baviera ou no Café Neumaier se entregava a suas longas tiradas, eles permaneciam enlevados, extasiados, deslumbrados. Parece até que aquele entusiasmo desprovido de espírito crítico substituía as aclamações populares de que ele necessitava como de uma droga, e que realmente lhe faziam falta.

Entre os modestos sucessos que Hitler pôde registrar nesse período de paralisação, deve-se mencionar, em primeiro lugar, a conquista de Gregor Strasser. O farmacêutico de Landshut e *gauleiter* da Baixa Baviera, que tinha valorizado "sua experiência de antigo combatente" no plano político, só se manifestara em raras ocasiões antes do malogrado *putsch* de novembro. Mas aproveitara a ausência de Hitler para subir para a primeira fila e, agindo nas fileiras do Partido Nacional-Socialista da Liberdade, recrutara certo número de correligionários, principalmente na Alemanha do Norte e no Ruhr. Compleição gigantesca, este homem, aliás sensível, participava de brigas nas cervejarias e lia Homero no original. Era o próprio tipo da notabilidade importante de uma pequena cidade bávara, e, ao prestígio que lhe valia a eloquência, aliava-se o fato de que dispunha de um aliado agressivo e experiente jornalista, na pessoa de seu irmão Otto. Entendia-se penosamente com a personalidade fria, neurótica, cheia de falhas de Hitler; o homem e seu demônio frenético o incomodavam, assim como seu séquito equívoco e servil.

No plano político, eles só estavam de acordo quanto à noção de "nacional-socialismo", que, a despeito das variadas interpretações que suscitava, ainda assim era totalmente vaga. Admirava, entretanto, a magia de Hitler e a habilidade com que aliciava partidários e mobilizava as massas a serviço de uma ideia. Não assistira à manifestação organizada para a nova fundação do partido. Quando, no começo de 1925, Hitler pediu-lhe que se desligasse do Partido Nacional-Socialista da Liberdade e lhe ofereceu em contrapartida a direção autônoma do Partido Nazi para toda a Alemanha do Norte, Strasser acentuou com firmeza que se unia a Hitler na condição de aliado e não de discípulo. Conservava seus escrúpulos no plano moral e mantinha suas objeções, mas inclinava-se diante do ideal necessário e rico de promessas que tinha primazia sobre tudo o mais. "Foi por isso", disse, "que me coloquei à disposição de Herr Hitler para colaborar com ele." [71]

Paralelamente a essa aquisição, houve uma grande perda: enquanto Strasser se preparava com vigorosa energia para montar no norte da Alemanha uma organização a serviço do Partido e criava em pouco tempo

seções em sete novos *Gau* (unidades federadas), entre eles o Schleswig-Holstein, a Pomerânia e a Baixa Saxônia, Hitler mostrava estar resolvido a afirmar sua autoridade a qualquer preço e a manter suas opiniões, com risco de provocar, assim, novos reveses. Foi assim que ele rompeu com Ernst Röhm. Posto em liberdade pela corte de Munique apesar de um veredicto de culpa, o ex-capitão Röhm se pusera imediatamente a reunir, dentro de uma nova associação, o Frontbann, os velhos camaradas dos Freikorps e do Kampfbund. Perplexos ante a crescente normalização da situação, incapazes de ser outra coisa senão eternos soldados, eles se mostraram dispostos, quase sem exceção, a ingressar na nova linha que, graças à atividade e ao talento organizador de Röhm, desenvolveu-se rapidamente.

Ainda em Landsberg, Hitler já acompanhara com certa inquietude essas manobras que arriscavam comprometer sua libertação e ameaçavam sua posição de força dentro do movimento nacionalista, bem como o sucesso de sua nova tática. Entre outras coisas, o 9 de novembro de 1923 lhe permitira concluir que devia separar-se definitivamente de todas as organizações paramilitares em vias de conspirar e de brincar de guerra. Para Hitler, o Partido precisava de uma tropa organizada nos moldes militares, servindo unicamente ao enquadramento político, e que, em consequência, devia estar submetida a sua autoridade. Já Röhm aferrava-se à ideia inicial de um exército secreto auxiliar do Reichswehr, sonhando mesmo em tornar as SA completamente independentes do partido e dar-lhe o estatuto de formação secundária do seu *Frontbann* [área do front].

No fundo, era a velha discussão a respeito do papel e da missão da SA. Diferentemente do que se passara com Röhm, os ressentimentos tinham crescido em Hitler, que tirara proveito da experiência adquirida. Não perdoara a Lossow e aos oficiais do estado-maior a traição de 8 e 9 de novembro, mas, ao mesmo tempo, compreendera, nessa célebre noite, que o juramento e a legalidade constituíam para a maioria dos oficiais uma barreira intransponível. Pois a falta de palavra de Lossow fora em parte uma tentativa desesperada de escapar aos compromissos ambíguos e desonrosos da ilegalidade em que se deixara envolver por sua própria falta de pulso, bem como pelas manobras de Kahr e de Hitler. O exército, de maneira geral, tinha sido levado pelas circunstâncias, nesse impasse. Desse modo, Hitler tirou dos acontecimentos a conclusão que também lhe era ditada pela sua ambição de exercer o comando: devia evitar qualquer mistura com o Reichswehr, pois era nessa convergência que começava a ilegalidade.

A disputa começou na primeira quinzena de abril. Röhm estava ligado a Hitler por uma afeição entusiasta; sincero e espontâneo, era também

inabalavelmente fiel tanto a amigos quanto a opiniões. De sua parte, Hitler sem dúvida não esquecera o que devia a Röhm desde o início de sua carreira política, mas via também que os tempos haviam mudado e que, outrora influente, o homem, hoje, não era mais que um amigo obstinado e difícil, que não se adaptava às novas circunstâncias. Não obstante, ainda hesitou durante certo tempo e esquivou-se aos pretextos oferecidos por Röhm. Depois, sem demonstrar qualquer sinal de emoção, resolveu romper. Em meados de abril, houve uma troca de palavras violentas no fim de uma entrevista durante a qual Röhm exigiu novamente uma estrita separação entre as SA e o Partido e persistiu querendo dirigir suas unidades como um exército particular, sem caráter político, independentemente de todas as brigas do partido e dos conflitos cotidianos. Hitler ficou particularmente ofendido pelo fato de o projeto de Röhm visar não só, como no verão de 1923, a fazer dele um instrumento a serviço de interesses estranhos, mas também pretender novamente confirmá-lo no papel de "aglutinador". Quando, magoado, acusou-o de trair sua amizade, Röhm interrompeu a conversa. No dia seguinte, por meio de uma carta, devolveu-lhe o mandato a ele confiado para comandar as SA, mas Hitler não lhe respondeu. No fim de abril, tendo-se demitido igualmente de suas funções de chefe do Frontbann, escreveu novamente a Hitler, terminando a carta com esta frase significativa: "Aproveito a oportunidade para evocar as horas belas e difíceis que vivemos juntos e agradecer cordialmente tua camaradagem. Suplico-te que me conserves a amizade pessoal." Mas, também desta vez, não recebeu resposta. No dia seguinte, participou sua demissão aos órgãos da imprensa nacionalista e o *Völkischer Beobachter* publicou a matéria sem qualquer comentário. [72]

Ao mesmo tempo aconteceu um fato que esclareceu Hitler sobre a precariedade de suas perspectivas e provou-lhe quão acertado politicamente era o rompimento com Ludendorff, coisa a que o levaram, antes de tudo, motivos de ordem essencialmente pessoal. No fim de fevereiro de 1925, depois da morte do presidente do Reich, o social-democrata Friedrich Ebert, os partidos da direita burguesa haviam apresentado a candidatura do dr. Jarres, homem capaz, mas totalmente desconhecido. Por proposta de Gregor Strasser, os grupos nacionalistas apresentaram, na pessoa de Ludendorff, um rival que desfrutava de celebridade. O general teve apenas 1% dos votos, sofrendo assim uma derrota esmagadora que Hitler registrou com selvagem satisfação. Quando, alguns dias depois da eleição, o dr. Pöhner, único companheiro certo e importante que lhe restava, foi vítima de um acidente mortal, Hitler parecia realmente ter chegado ao fim da sua carreira política. Em Munique, o Partido Nazi não contava mais de setecentos membros. Nesse momento, Anton Drexler se separou dele e, decepcionado, fundou seu próprio

partido para expressar suas tendências mais pacatas, mas os guardas de Hitler, especialistas em arruaças, punham a correr os partidários de Drexler, o que faziam com particular alegria, destruindo assim o concorrente. Aconteceu o mesmo com outros agrupamentos aparentados, e frequentemente Hitler, com o rebenque na mão, dirigia pessoalmente o choque contra essas reuniões. Como estava proibido de falar, subia ao palanque, de onde saudava as massas, e sorria. Antes do segundo turno da eleição presidencial, convidou seus partidários a votar no marechal von Hindenburg, cuja candidatura, nesse meio-tempo, tinha sido apresentada. Na verdade, dentro da situação reinante nesse momento, não se tratou de "visão política a longo prazo" — que alguns quiseram atribuir a sua decisão. [73] De resto, o pequeno número de votos de que dispunham quase não influía no resultado. Porém, o importante era que ele assim se colocava novamente na coalizão dos "partidos da ordem" e reaproximava-se do homem legendário que era implicitamente o "Kaiser interino". Pois era quem possuía a chave de quase todas as instituições do poder ou que delas ia dispor um dia.

Os reveses constantes de Hitler repercutiram necessariamente sobre a posição que ocupava dentro do partido. Enquanto ele era obrigado a lutar sobretudo na Turíngia, na Saxônia e em Wurtemberg para manter sua preponderância posta em questão, Gregor Strasser continuava no norte da Alemanha a tarefa de organizar o partido. Estava sempre viajando. Passava a maior parte das noites nos trens ou na sala de espera das ferrovias; de dia visitava os correligionários, fundava diretórios, convocava delegados, conferenciava com uns e outros ou tomava a palavra em reuniões. Durante os anos de 1925 e 1926, Strasser participou, na qualidade de orador principal, de quase cem comícios, enquanto Hitler estava condenado ao silêncio. Este fato, mais ainda do que o amor-próprio e a ambição de Strasser, deu provisoriamente a impressão de que o centro de gravidade do partido se deslocava para o norte. Se, graças à lealdade de Strasser, a posição de *Führer* de Hitler, ao menos nos primeiros tempos, não entrou em discussão, a desconfiança da Alemanha do Norte, protestante e sóbria, manifestava-se incessantemente contra o boêmio melodramático e pequeno-burguês, e criticava-se o que se chamava sua "tendência romana". Acontecia muitas vezes que, para recrutar novos partidários, era preciso dar-lhes garantia de ampla independência com respeito ao diretório central de Munique. A exigência de Hitler, segundo a qual os chefes das seções locais deviam ser nomeados pela direção do partido, revelou-se absolutamente inaplicável. Do mesmo modo, durante certo tempo, a central e os distritos se contestaram mutuamente o direito de expedir a

carteirinha de membro do partido. Com seu agudo senso do poder, Hitler compreendeu imediatamente que dessas questões secundárias de organização dependia de fato o poder de controle ou a impotência da central. Mas, mesmo recusando-se a ceder nesse ponto, teve que tolerar durante muito tempo a autonomia de certos distritos. O *Gau* da Renânia-norte, por exemplo, recusava-se, ainda no fim de 1925, a utilizar as carteiras do diretório de Munique. [74]

O chefe desse distrito, cuja sede se encontrava em Elberfeld, era um jovem universitário que tentara sem sucesso o jornalismo e a literatura, e trabalhara na Bolsa, antes de ser secretário de um político nacional-popular. Assim entrara em contato com os nacional-socialistas e com Gregor Strasser. Chamava-se Paul Joseph Goebbels. Se se unira a Strasser, foi sobretudo porque era impulsionado por um extremismo intelectual que proclamava com certo orgulho em excitados ensaios literários ou nas páginas do seu jornal. “Eu sou mais que radical”, escreveu ele, “um tipo novo. O homem revolucionário.” [75] Goebbels era dotado de uma voz clara e estranhamente fascinante, e tinha um estilo ao mesmo tempo preciso e apaixonado, que convencia o auditório. Seu extremismo se alimentava principalmente das ideologias nacionalistas e revolucionárias no plano social; escutando-o, as gentes acreditavam ouvir uma versão mais sutil, mais incisiva, das ideias e teses de seu mentor Strasser. Porque, ao contrário de Hitler, que se movia dentro de um mundo afetivo curiosamente abstrato, Gregor Strasser, mais emocional, tendo participado da depressão e da miséria do pós-guerra, abraçara um socialismo colorido de romantismo e esperava que, graças a ele, o nacional-socialismo penetrasse nas camadas do proletariado. Durante algum tempo, teve em Joseph Goebbels e no próprio irmão Otto os porta-vozes do seu programa pessoal que, é preciso dizer, jamais foi aplicado. Se teve alguma importância, foi unicamente pelo fato de ter sido a expressão efêmera de uma solução socialista que se opunha ao nacional-socialismo “fascista” de Hitler do sul da Alemanha.

A consciência particular dos nacional-socialistas do norte da Alemanha se expressou pela primeira vez numa comunidade de trabalho fundada a 10 de setembro de 1925, em Hagen, sob a direção de Gregor Strasser e Goebbels. Se seus participantes proclamaram repetidas vezes sua recusa em opor-se à central, não se falou menos de “bloco ocidental” e de “contra-ataque”, no confronto com os “bonzos embrutecidos de Munique”, censurou-se a direção do partido pela sua falta de interesse pelas questões de programa, enquanto Gregor Strasser deplorava “o nível espantosamente baixo” do *Völkischer Beobachter* . É significativo, entretanto, que entre as numerosas reclamações

formuladas, nem uma sequer visava à pessoa ou à gestão de Hitler, cuja posição, segundo opinião dos participantes, devia antes ser reforçada do que enfraquecida. Eles reclamavam sobretudo contra "o estado de coisas escandaloso que reinava na central", contra "as fanfarronadas" de Esser e de Streicher. [76] Desconhecendo completamente os dados da situação, esperavam libertar Hitler das garras da "nefasta orientação muniquense", da "ditadura de Esser", e colocá-lo a serviço de sua própria causa. Não é a primeira vez que deparamos com a ideia, tão difícil de compreender, divulgada desde os primórdios do partido e mantida até o fim, contra todas as provas e todas as evidências, segundo a qual o Führer, indeciso e humano, estava cercado de maus conselheiros, de elementos egoístas ou nefastos que o impediam de seguir sua vontade honesta e de perceber as causas do mal.

O programa do grupo foi formulado nas *Cartas Nacional-Socialistas* , publicação quinzenal de apresentação modesta, mas admiravelmente redigida pelo próprio Goebbels. Ela se propunha, antes de tudo, voltar as vistas do movimento para o presente e escapar à ideologia de uma classe média nostálgica do passado. Quase tudo quanto em Munique "era tido como sagrado, aí era pelo menos questionado e, muitas vezes, estigmatizado". Enfatizando sua tendência anticapitalista, as *Cartas* levavam em conta particularmente as condições sociais diferentes do norte, suas estruturas urbanas e proletárias opostas às da Baviera. Como escrevia um de seus adeptos berlinenses, o movimento nacional-socialista não devia ser composto de burgueses radicalizados nem "ter medo das palavras operário e socialista". [77] Em um manifesto que resumia seu programa, a revista declarou: "Nós somos socialistas, somos os inimigos mortais do sistema capitalista atual, da exploração dos economicamente fracos, da injustiça na remuneração (…) Estamos resolvidos a destruir a qualquer preço este sistema." Agindo no mesmo sentido, Goebbels se pôs à procura de fórmulas capazes de aproximar nacional-socialistas e comunistas, organizando todo um catálogo de atitudes e convicções idênticas. Não recusava de maneira alguma a teoria da luta de classes, e afirmou que "a derrocada da Rússia sepultaria para sempre nosso sonho de uma Alemanha nacional-socialista". Ao mesmo tempo, punha em dúvida a tese de Hitler de que o judeu era o inimigo universal, observando a propósito: "É pouco provável que o judeu capitalista e o judeu bolchevique sejam uma só e mesma coisa", e acrescentava, com audácia, que "a questão judaica é, além disso, mais complicada do que se imagina." [78]

Do mesmo modo, as ideias do grupo Strasser em matéria de política externa diferiam sensivelmente das ideias professadas pela direção de Munique. Se ele tivesse percebido o apelo socialista do tempo, ter-lhe-ia dado

o sentido de uma “exortação dirigida não à classe proletária, mas às nações proletárias”, à frente das quais figurava a Alemanha traída, humilhada, espoliada. Considerava o mundo composto de povos opressores e povos oprimidos e fazia suas as reivindicações revisionistas, condenadas como disparates políticos no *Mein Kampf* . Enquanto Hitler fazia da União Soviética objeto de grandes planos de conquista e Rosenberg a descrevia como “uma colônia judaica de carrascos”, Goebbels falava com viva admiração da busca da utopia empreendida pelos russos, e o próprio Strasser era a favor de uma aliança com Moscou “contra o militarismo da França, contra o imperialismo da Inglaterra, contra o capitalismo de Wall Street”. [79] Nessas declarações-programas, o grupo pedia a supressão da grande propriedade de terras, a filiação obrigatória de todos os camponeses a cooperativas agrícolas, a fusão de todas as pequenas empresas em associações corporativas, ao mesmo tempo que uma socialização parcial de todas as empresas industriais com mais de vinte assalariados. Nos casos em que o regime da empresa privada fosse mantido, previa-se uma participação no capital de 10% para o pessoal, de 30% para o Reich, de 6% para a província e de 5% para o município. O grupo também preconizava uma simplificação das leis, a reforma, em benefício das classes populares, do sistema escolar em vigor, e o pagamento em mercadorias de parte do salário, expressão romântica da desconfiança no dinheiro suscitada pela inflação nas classes populares.

Os princípios fundamentais desse programa foram expostos por Gregor Strasser num congresso que se reuniu a 22 de novembro de 1925, em Hanover. A assembleia manifestou, muito além do que se esperava, o sentimento de hostilidade reinante nos distritos do norte e do oeste da Alemanha contra a central e contra o que o *gauleiter* Rust chamou, em meio aos aplausos, de “o Papa de Munique”. Durante nova reunião realizada em Hanover, no fim de janeiro, na residência do *gauleiter* Rust, Goebbels pediu inclusive que se expulsasse do recinto, sem qualquer outra formalidade, Gottfried Feder, que Hitler enviara como observador e que anotava toda e qualquer observação estranha partida da assistência. Se nossas fontes de informação não nos enganam, chegou até mesmo a propor, durante esta mesma reunião, “expulsar do Partido Nacional-Socialista o pequeno-burguês Adolf Hitler”. [80]

As discussões internas da assembleia mostraram, de maneira bem mais alarmante do que essas proposições subversivas, a que ponto caíra, nesse tempo, o prestígio de Hitler. Sem o conhecimento da central de Munique, Strasser tinha divulgado em dezembro, dentro do partido, um projeto de programa que devia substituir os 25 pontos de antigamente, redigidos

arbitrariamente, e reabilitar o partido da acusação de ser apenas uma representação de interesses pequeno-burgueses. Embora Hitler tenha ficado "furioso" com essa iniciativa, ninguém prestou atenção às objeções formuladas por Feder, a quem, além disso, foi recusado o direito de voto em todos os escrutínios. Junto com esse observador que Goebbels apelidava sarcasticamente de "o cáctus da restauração", apenas um dos 25 delegados presentes tomou abertamente posição a favor de Hitler: era o *gauleiter* de Colônia, Robert Ley, "um imbecil e talvez um intrigante", segundo Goebbels. [81] Na época, apaixonava a opinião pública o problema de saber se as antigas casas reinantes da Alemanha deviam ser expropriadas definitivamente ou restauradas nos bens que lhes haviam sido confiscados em 1918. Ora, a respeito disso a comunidade de trabalho adotara igualmente um ponto de vista oposto ao de Hitler, que, por motivos táticos, se via obrigado a colocar-se ao lado dos príncipes e das classes proprietárias. Exatamente como os partidos de esquerda, o grupo Strasser pronunciou-se a favor da expropriação sem indenização dos antigos príncipes, não sem antes concordar, verbalmente, que não tinha intenção de prejulgar, com esta moção, a decisão final do partido. Do mesmo modo, resolveu, sem ter recebido aprovação de Munique, publicar um jornal intitulado *O Socialista Nacional* e, com a ajuda do dinheiro que Gregor Strasser arranjara hipotecando sua farmácia de Landshut, fundar uma casa editora que logo se transformaria em importante empresa. Publicando seis semanários, a editora não demorou a superar de longe as Edições Eher, da central muniquense, não só pelos números de suas tiragens, mas também, se concordarmos com o veredicto de Konrad Heiden, "pela versatilidade e honestidade intelectual de seus artigos". [82] Entretanto, a resolução do grupo reunido em Hanover de chegar a uma prova de força com Hitler manifestou-se sobretudo na proposta de Gregor Strasser para substituir a aflitiva tática da legalidade por uma "política de catástrofe" agressiva e disposta a tudo. Dada a vontade que o animava a conquistar o poder com um ataque frontal, todo e qualquer meio apto a prejudicar o estado e destruir a ordem — *putsch* , bombas, greves, batalhas de ruas, tumultos — parecia-lhe adequado para chegar à vitória. Redigindo esse plano em nova versão, Goebbels escreveu pouco depois: "Atingiremos todos os nossos objetivos, se provocarmos a fome, o desespero e o sacrifício", anunciando em seguida sua intenção "de atear em nosso povo as chamas de um único e gigantesco incêndio de desespero nacional e socialista". [83]

Até então, Hitler permanecera em silêncio diante dessas atividades, embora o grupo tivesse montado um centro de força que, durante certo tempo, parecia revestir-se do caráter de um segundo governo dentro do partido. O nome de Gregor Strasser tinha, na Alemanha do norte, "quase mais

importância” do que o seu. “Já não há ninguém que confie em Munique”, observava Goebbels, com arrebatamento, em seu jornal. “Elberfeld deve tornar-se a Meca do socialismo alemão.” [84] Cheio de desprezo, Hitler nem mesmo prestou atenção aos pretensos projetos que tencionavam destituí-lo, confiando-lhe a presidência de honra. E deixou de lado aqueles que visavam a reagrupar num só grande movimento o bloco nacionalista dividido. Limitou-se a dedicar-lhes algumas linhas sarcásticas no *Mein Kampf* .

A reserva de Hitler devia-se, em parte, a motivos de ordem particular. Nesse meio-tempo, alugara em Obersalzberg, perto de Berchtesgaden, onde os Bechsteins tinham também uma propriedade, a casa de um comerciante de Hamburgo. Embora modesta, era bem situada, tinha um grande salão e uma varanda ao rés-do-chão, três peças no primeiro andar. Em presença de suas relações de amizade e de partido, preocupava-se bastante em explicar que a casa não era de sua propriedade. Portanto, ninguém poderia acusá-lo de “adotar atitudes de bonzo, segundo o mau exemplo dado por outros ‘grandes’ do partido”. [85] Pedira a sua meia-irmã Angela Raubal, viúva, para tomar conta da casa. Ela viera com a filha Geli, de 17 anos, e a afeição que sentia por sua jovem sobrinha superficial e presunçosa transformou-se brevemente numa ligação apaixonada. Todavia, sua irritabilidade, os exageros do seu ideal feminino, seus escrúpulos de tio comprometeram irremediavelmente esse idílio, que terminou por um ato de desespero. Hitler não deixava, senão raramente, sua residência, para ir com a sobrinha à ópera de Munique ou, às vezes, para visitar seus amigos na cidade — sempre os mesmos amigos: os Hanfstaengls, os Bruckmanns, os Essers. Dedicava-se pouco ao partido e, mesmo na Alemanha do Sul, criticava-se, cada vez mais abertamente, a negligência com que dirigia o movimento; acusavam-no também de utilizar descaradamente a caixa do partido para despesas particulares, para longos passeios pelo campo em companhia da jovem sobrinha, mas Hitler mal tomava conhecimento dessas censuras. O primeiro volume do *Mein Kampf* saíra durante o verão de 1925 e, embora o livro não tivesse tido sucesso (nem dez mil exemplares foram vendidos durante o primeiro ano), Hitler se preparou para ditar, sem demora, o segundo volume. Era preciso abrir as comportas às mensagens que acumulara dentro de si e satisfazer sua necessidade de autojustificação.

Das montanhas bávaras onde se desenrolava o idílio, acompanhara com aparente desenvoltura a discussão relativa ao programa a que se entregavam os membros do partido na Alemanha do Norte. Sua reserva não era motivada apenas pela hesitação que sentia em apoiar comprometimentos, mas também se explicava pela indiferença a teorias, professada por um homem de ação que

despreza as noções abstratas. Sabia que, em caso de necessidade, encontraria sempre as palavras adequadas para justificar qualquer causa. Sem dúvida, em segredo, esperava também repetir a jogada que dirigira de Landsberg com tanto sucesso, quando havia estimulado os antagonismos de seus rivais e, reforçando sua autoridade, vencera a partida apostando pouco. Mas agora, com a política de catástrofe anunciada por Strasser, a situação mudava bruscamente. Estava inclinado a ver nesses projetos um desafio pessoal premeditado, pois, exatamente como as manobras de Röhm, punham em questão sua liberdade condicional, e, por conseguinte, todo o seu futuro político. É por isso que, a partir desse momento, esperou com impaciência que se apresentasse uma oportunidade para despedaçar a coalizão de seus adversários e restabelecer sua autoridade periclitante.

Na época, parecia que, após o sucesso de sua nova estreia, a personalidade impaciente e tirânica de Hitler tinha arruinado o partido tão rapidamente quanto o fizera o ataque de novembro de 1923: evidentemente, por temperamento, zombava de qualquer plano tático. Um grupo local observou, em agosto de 1925, que dos 138 membros com que Hitler contava em janeiro, só restavam no momento uns vinte ou trinta. No curso de um processo por difamação que Hitler moveu nesse tempo contra Anton Drexler, antigo correligionário, citado como testemunha de acusação contra ele, exclamou à guisa de conclusão que, a longo prazo, com seus métodos, o Partido Nazi não teria êxito. “Vocês terão um fim triste”, disse ele. [86]

Só o próprio Hitler parecia continuar indiferente aos reveses que se sucediam em cadeia ininterrupta. A certeza que sua concepção do mundo lhe dava, aliada à obstinação, permitia-lhe superar todas as crises sem dar a mínima demonstração de desânimo ou resignação. Parecia até que tinha certa satisfação em deixar a situação evoluir até o ponto mais dramático. Como que indiferente aos nefastos acontecimentos que se desenrolavam à sua volta, nessa época esboçava, em seu caderno de desenho ou em cartões-postais, edifícios de estilo antigo, arcos de triunfo, cúpulas suntuosas, cenários de teatro de um vazio grandioso, que, a despeito de todos os seus fracassos e do aspecto lastimável da realidade dentro da qual se movia nesse momento, exprimiam exatamente seus projetos, sempre intactos, de hegemonia mundial, e a ideia que fazia de sua missão. [87]

12

Dispositivo para o combate

Se quisermos criar um fator de potência, precisamos de união, de autoridade e de entusiasmo. Jamais devemos deixar-nos levar pela ideia de criar um exército de políticos. Precisamos é de um exército de soldados da Nova Visão do Mundo .

Adolf Hitler, 1925

A SITUAÇÃO QUE HITLER DEVIA ENFRENTAR era praticamente inextricável. A aura messiânica que o envolvera desde sua volta de Landsberg, dando a suas iniciativas, desafios, ofensivas e manobras o selo de quem aparecia como o salvador e unificador, estava desfeita depois de um ano. E era evidente que o Partido não estava em condições de suportar tais desgastes. Para confirmar suas perspectivas políticas, era preciso vencer os dissidentes e, ao mesmo tempo, reconquistá-los, repelir as tendências socialistas bem como a ideia de catástrofe alimentada pelos alemães do norte, e restabelecer a unidade do partido. Mas o essencial era eliminar Gregor Strasser, alcançar a vitória, e, além disso, reconciliar-se com a companhia muniquense e plebeia dos Streicher, Esser e Amann. A habilidade estratégica de Hitler e sua arte dificilmente explicável de manejar os homens raramente se manifestaram de maneira tão convincente.

A luta acerca do confisco dos bens dos príncipes serviu-lhe de alavanca. Pois o referendo solicitado pelos partidos socialistas havia desencadeado opositores em todas as frentes e em todos os setores políticos, parecendo, assim, particularmente suscetível de fazer explodir os agrupamentos existentes. A questão também tinha sido discutida asperamente em Hanover e só se chegara a algum acordo através de arranjos e concessões. Não só a classe operária, mas também a classe média, os detentores de pequenas poupanças, os pequenos proprietários, que constituíam o arquétipo do partidarista, observavam com natural indignação que as casas nobres iam recuperar aquilo que eles próprios tinham perdido irremediavelmente.

Mas, ao mesmo tempo, Hitler, com seu sentimento nacional, se recusava a fazer aliança com os marxistas contra os antigos fidalgos e a sancionar parcialmente, com uma expropriação, a ilegalidade da revolução, daí resultando uma série de discussões.

Em rápida decisão, Hitler se aproveitou da vantagem tática da situação e convocou, para o dia 14 de fevereiro de 1926, em Bamberg, uma conferência de cúpula do partido. De antemão, a escolha da cidade fora feita com segundas intenções. Bamberg era uma das fortalezas controladas por Julius Streicher, que lhe era totalmente devotado. Algumas semanas antes, Hitler prestigiara o partido local, participando da festa de Natal. Além disso, providenciou para que os *gauleiters* do norte, que geralmente só dispunham de organizações locais modestas, ficassem impressionados, logo na chegada, pelo fausto das bandeiras, estandartes e cartazes vistosos, bem como pelo anúncio de grandes manifestações, e, se possível, ficassem também amedrontados e desencorajados. Com a convocação a curto prazo e com a manipulação da lista de participantes, garantiu maioria para si e para seus lugar-tenentes. [88] Num discurso de mais ou menos cinco horas, Hitler abriu a discussão, que devia durar o dia todo. Qualificou de vendidos os responsáveis pela desapropriação dos nobres, uma vez que poupavam a propriedade de príncipes judeus nos bancos e na bolsa; afirmou que os antigos senhores nobres não deviam conservar coisa alguma a que não tivessem direito, mas que não se podia tirar nada do que lhes pertencia: o partido defendia a propriedade privada e o direito. Em seguida, desmontou, ponto por ponto, o programa do grupo Strasser, sob crescentes aplausos de seus partidários do sul da Alemanha, aos quais se uniram, pouco a pouco, alguns alemães do norte, e fez um confronto com o programa do partido, datado de 1920: era, disse ele, "o ato constitutivo de nossa religião, de nossa ideologia. Alterá-lo seria uma traição àqueles que morreram na fé em nossa ideia". Uma anotação no diário de Goebbels reflete a irritação crescente entre os dissidentes: "Estou indignado. Que Hitler é esse? Um reacionário? Terrivelmente inábil e pouco seguro de si mesmo. Sobre a questão russa, inteiramente errado. A Itália e a Inglaterra, aliados naturais. Que horror! Nossa obrigação é destruir o bolchevismo. O bolchevismo e o poder judaico! Devemos herdar a Rússia! 180 milhões de habitantes!!! Acordo com os príncipes!… Horrível! O programa é suficiente. Contentamo-nos com isso. Feder aprova. Ley aprova. Streicher aprova. Esser aprova. Sinto-me mal quando me vejo nessa companhia!!! Uma breve discussão. Strasser fala. Hesitante, trêmulo, desajeitado, o bom e honesto Strasser! Oh, Deus, não somos feitos para lidar com esses porcos. Não posso dizer uma palavra! Sinto-me atordoado, como se tivesse levado uma pancada na cabeça." [89]

Hitler não conseguiu levar o adversário a se retratar. Strasser persistia em tratar o antibolchevismo como atitude estúpida, e a ver aí um caso típico da arte de embaralhar as coisas, própria do sistema capitalista, que conseguira colocar as forças nacionais a serviço de seus interesses espoliadores. Mas a

derrota foi completa. Para justificar o aspecto sujo da coisa, Otto Strasser observou, mais tarde, que Hitler astuciosamente convocara a reunião para um dia útil, a fim de afastar os *gauleiters* do norte, que não eram remunerados e exerciam profissões fora de suas atividades no partido. Que só ele, Strasser, e Goebbels estavam, portanto, em Bamberg.

Mas o dia 14 de fevereiro foi um domingo, e o bloco de Strasser lá esteve com quase todos os seus oradores conhecidos: Heinrich Lohse, do Schleswig-Holstein; Theodor Vahlen, da Pomerânia; Rust, de Hanover; Klant, de Hamburgo. Nenhum deles, entretanto, se levantou para defender a ideia do nacional-socialismo de esquerda. Olhavam, embaraçados, para Joseph Goebbels, o retórico de seu grupo, e sentavam-se como que atordoados por um golpe na cabeça. E se Goebbels continuava mudo ante a força sugestiva de Hitler, de sua aparição brilhantemente preparada, de seu cortejo de carros, do aparato e das despesas materiais do pessoal de Munique, Gregor Strasser estava igualmente dominado, ao menos momentaneamente, pela habilidade e sedução de Hitler. Quando os ataques contra "o truste dos traidores" [90] atingiram o apogeu, Hitler se dirigiu imediatamente a ele com ostentação e passou-lhe o braço sobre os ombros: se esse gesto não bastou para convencer o próprio Strasser, não deixou de produzir efeito sobre a assistência. Strasser viu-se forçado a adotar uma atitude conciliatória: a comunidade obreira dos *gauleiters* do norte e do sul foi praticamente dissolvida, seu programa não foi discutido e a expropriação dos nobres foi rejeitada. Três semanas depois, Gregor Strasser pressionou seus camaradas, através de uma carta circular, a devolver o projeto de programa, "por motivos muito precisos", conforme escrevia, e porque se "comprometera pessoalmente com o *Herr* Hitler a garantir a rejeição total do projeto". [91]

É provável que a enérgica oposição de Hitler se dirigisse menos contra o programa de esquerda do que contra a mentalidade de esquerda dos adeptos de Strasser. Em todo caso, ele nunca apreciava mais as premissas de uma ideia do que a ideia em si mesma. E nunca levou em conta qualquer das ideias socialistas: delas se serviu por pura conveniência; não é sem razão que Goebbels ainda esperava, pouco antes da reunião de Bamberg, "trazer Hitler para o nosso lado". [92] O que Hitler, entretanto, considerava um absurdo e um perigo mortal para a direção era o nacional-socialista questionador, enterrado em problemas e assediado por escrúpulos e dúvidas intelectuais. E esse tipo de adepto se desenvolvia no grupo dos irmãos Strasser. Temia que, com esses homens, voltasse o sectarismo, cuja força dissolvente tinha destruído o movimento popular — e, com seu gosto típico pelas posições extremistas, comparava toda discussão ideológica a sectarismo. Da mesma maneira que

apreciava os conflitos pessoais, chegando até a estimulá-los, Hitler detestava as divergências de opiniões, em matéria de programas, que, segundo ele, serviam apenas para desperdiçar energias e arrefecer o entusiasmo. Uma das fórmulas que tinham proporcionado o sucesso da cristandade, costumava dizer, era a imutabilidade de seus dogmas, e o temperamento "católico" de Hitler raramente se manifestava de maneira tão precisa quanto na sua vontade de manter fórmulas rígidas e imutáveis. Trata-se unicamente de uma crença política "em torno da qual gira o mundo inteiro", declarava às vezes; "por mais estúpido que possa ser um programa, a razão pela qual se crê nele é a firmeza com que é defendido." Algumas semanas mais tarde, Hitler até encontrou oportunidade para declarar o antigo programa "inalterável", apesar de todas as suas falhas evidentes. Do caráter superado e tradicional desse programa soube fazer, em vez de objeto de discussão, um assunto de admiração, feito, aliás, não para responder a perguntas nem para definir objetivos, mas para chamar a atenção. Na mente de Hitler, explicitar significava apenas desagregar. Com lógica implacável, sustentava que o Führer devia ser um ídolo, o que implicava o princípio de sua infalibilidade. Da imutabilidade do Führer. Da imutabilidade do programa. "A fé cega remove montanhas", declarava Hitler, enquanto um de seus fiéis assegurou de maneira lapidar: "Nosso programa se resume em duas palavras: *Adolf Hitler* ." [93]

A conferência de Bamberg e a humilhação de Gregor Strasser significaram praticamente o fim do nacional-socialismo de esquerda e, apesar do tumulto publicitário, desfechado sobretudo por Otto Strasser, esse movimento, daí em diante, não foi mais que uma teoria incômoda, sem constituir uma alternativa política. O "socialismo" fora substituído pelas palavras de patriotismo político, e curiosamente, na agitação do partido, o perfil do "capitalista traficante" dava lugar, cada vez mais, ao "vendilhão dos interesses nacionais", como Gustav Stresemann ou outros representantes do governo. Mas, ao mesmo tempo, o encontro consagrou definitivamente o Partido Nacional-Socialista como partido do Führer. A partir desse momento, e até o fim, não houve mais lutas de tendências nem conflitos ideológicos. Tratava-se agora apenas de lutar para conseguir postos e favores: "A força de nosso movimento é enorme", declarou Hitler pouco tempo depois, com satisfação. Ao mesmo tempo, o nacional-socialismo renunciava a desafiar a ordem da república democrática com um projeto social pessoal; em lugar de uma ideia, opunha à república uma comunidade combatente, em disponibilidade, hipnotizada e satisfeita com o caráter místico do Führer: a "força primitiva de nossa convicção", que "provoca justamente tanto medo em nossos governantes", o "punho viril", conforme declarou Hitler numa imagem desconexa, "que sabe

que só se pode combater o veneno com o contraveneno. A cabeça mais firme deve decidir. O máximo de decisão e o máximo de idealismo". E, em outra parte, assegura: "Um combate desse gênero não se trava com armas 'intelectuais', mas com fanatismo." [94]

Foi esse caráter descaradamente instrumental do partido na mão de um chefe incontestado que diferenciou imediatamente o Partido Nazi de todos os partidos e movimentos de luta política. No plano da disciplina, garantiu superioridade sobre os quadros móveis dos comunistas, nos quais surgiam incessantemente elementos de divergência, de ceticismo e de contestação intelectual. A autodissolução da frente dissidente, que, detalhe curioso, se fez sem resistência, pareceu desencadear uma onda de desejo de submissão, e numerosos adeptos de Strasser se dedicaram a fazer do movimento "um instrumento flexível e sem falhas na mão do Führer". [95] Mesmo diante dos chefes mais importantes do movimento, Hitler, daí em diante, fez prevalecer, a rebenque, essa estrutura autoritária, não permitindo sequer que eles tomassem decisões materiais sem importância. Aquele que "se deixa matar pelo seu Führer" era o protótipo do bom nacional-socialista, enquanto as assembleias-gerais consideravam, de agora em diante, como uma farsa, puramente formal [96] o projeto estatutário de eleger Hitler primeiro-presidente. De fato, como assegurou mais tarde Göring, ninguém, ao lado da autoridade esmagadora de Hitler, "era mais do que a rocha sobre a qual ele se mantinha". O próprio Hitler formulava argumentos históricos para explicar suas pretensões de líder: "Acusam-nos de exercer o culto da personalidade", declarou numa assembleia de membros do partido, em março de 1926. "Mas isto não é verdade. Em todas as grandes épocas da história, surge apenas uma pessoa para cada movimento; e são as pessoas, não o movimento, que a história menciona."

Apesar da habitual tendência a exagerar seus triunfos, Hitler atribuiu seu êxito em Bamberg a seus próprios gestos de amabilidade. Quando Gregor Strasser foi vítima de um acidente de carro, visitou-o em seu leito de doente, "com um buquê de flores enormes", e, de acordo com uma carta do paciente, mostrou-se "muito gentil". Até Goebbels, que tinha a pior reputação entre os membros da direção muniquense como porta-voz de Strasser, foi diretamente convidado por ele a participar, como orador principal, de um comício na Burgerbräu de Munique. Depois dessa manifestação, Hitler o abraçou, comovido, com lágrimas nos olhos: "Com a gente, ele é de uma bondade que confunde", observa Goebbels, emocionado. [97] Ao mesmo tempo, Hitler começava, entretanto, a garantir, de uma vez por todas, e institucionalmente, sua autoridade reconquistada.

Uma convenção-geral de 22 de maio de 1926, em Munique, deu ao Partido Nacional-Socialista um novo estatuto, francamente elaborado para servir a seus desígnios pessoais. A pilastra do Partido passou a ser a *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterverein* [Associação dos Trabalhadores Alemães Nacional-Socialistas] de Munique, e a direção central da sede seria ao mesmo tempo a direção de todo o Reich. Para cumprir o estatuto, o *chairman* , presidente do diretório, devia ser escolhido pelo voto, mas a base de poder local de Hitler, vale dizer os poucos milhares de integrantes da seção local de Munique, constituía a representação de todo o partido nacional, que assim ficou sem voz ativa no assunto. De acordo com um processo extremamente circunstanciado só o grupo muniquense tinha o direito de pedir contas ao primeiro-presidente. A autoridade soberana deste sobre o partido era, portanto, ilimitada e incontrolada. Nenhuma resolução majoritária podia impor-lhe uma decisão. Para impedir, no futuro, a formação de facções, mesmo insignificantes, os próprios *gauleiters* não deviam ser eleitos pelas convenções locais do partido, mas nomeados pelo primeiro-presidente, assim como os presidentes dos comitês. Para consolidar mais ainda esse sistema de garantia do poder, criou-se, além disso, uma comissão de estudo e regulamento, a USCHLA, uma espécie de tribunal do partido, cuja verdadeira finalidade era excluir membros, individualmente, ou grupos locais, em conjunto. Seu presidente, o ex-general Heinemann, cometeu o erro de ver na comissão um instrumento para lutar contra a corrupção e a imoralidade no partido. Hitler o substituiu pelo dócil major Walter Buch. Nomeou como adjuntos o serviçal Ulrich Graf e o jovem advogado Hans Frank.

Seis semanas mais tarde, nos primeiros dias de julho, Hitler festejou sua vitória em Weimar, durante uma sessão do partido que demonstrou claramente as evoluções e tendências da nova era. Todas as perturbações críticas ou, como dizia Hitler com desprezo, “fantasiosas”, todas “as ideias superficiais e duvidosas” foram reprimidas e, pela primeira vez, adotou-se um sistema que se tornou costumeiro nas reuniões do partido e que consistia em só autorizar as moções que “tivessem conseguido” a assinatura do *chairman* . Em lugar de mostrar ao público um partido questionador e aberto a divergências de opinião e “recalcitrâncias” em matéria de programa, era preciso o Partido Nazi dar-lhe a imagem de uma “direção unida e homogênea”. Os presidentes das reuniões especiais deviam “sentir-se como dirigentes e não como membros de um órgão encarregado de executar decisões votadas”, conforme especificou Hitler nas “diretrizes fundamentais”. Ademais, votações estavam proibidas e “as discussões sem fim deviam ser abafadas no nascedouro”; elas provocavam a crença errônea de que se podiam resolver questões políticas

“sentados na cadeira, numa assembleia”. E, para terminar, o tempo de usar a palavra num pleno foi estritamente limitado, a fim de que “todo o programa não possa ser prejudicado por uma só pessoa”. [98] Convém notar que, depois da manifestação no Teatro Nacional, Hitler, vestindo um blusão com cinto de couro e calças com polainas, assistiu, de pé, dentro do seu carro sem capota, ao desfile de 5 mil partidários e, pela primeira vez, fez a saudação com o braço estendido à maneira dos fascistas italianos. Se Goebbels, à vista das colunas das SA uniformizadas, já pressentisse o perfil do Terceiro Reich e o despertar da Alemanha, essa atmosfera de opressão, segundo observadores da época, privou o congresso do partido de toda espontaneidade, deu-lhe um ar sombrio, já que ainda não se havia adquirido o talento dos anos futuros para dissimular a pobreza ideológica sob uma ofuscante auréola de misticismo. Entre os hópedes de honra, havia o chefe dos *Stalhelm* [Capacete de Aço], Theodor Dusterberg, bem como o filho do Kaiser, Príncipe August Wilhelm, que pouco depois entrou para a SA; alguns grupos *völkisch* , impressionados com a força e unidade do partido, decidiram igualmente renunciar à sua independência e entrar no Partido Nazi. Não obstante, a fórmula “nacional-socialismo morto” foi cunhada nessa época em Weimar, não sem uma ponta de inquietude, por Gregor Strasser.

As SA permaneciam como o último elemento de inquietação e energia rebelde. Em suas fileiras, as palavras de ordem extremistas do grupo Strasser tinham encontrado repercussão particularmente duradoura. Depois da saída de Röhm, Hitler deixou passar um ano antes de nomear chefe supremo da SA [*Oberstenführer SA-OSAF*] o ex-capitão Franz Pfeffer von Salomon, que estivera implicado em várias atividades dos Freikorps e esquadristas, tendo sido também *gauleiter* de Westfália. Com ele, Hitler procurou resolver o velho problema do papel da SA e elaborar os princípios de uma organização que não devia ser nem corpo auxiliar do Reichswehr, nem uma sociedade secreta, muito menos guarda policial dos dirigentes locais do partido, mas sim constituir, na mão da direção central do Partido Nazi, um instrumento de propaganda e de terror político, manejado com rigor. A ideia nacional-socialista devia transformar-se numa força combativa fanática e pura. Para demonstrar que se renunciava às missões especiais paramilitares e que as SA estavam definitivamente integradas ao partido, Hitler entregou às novas unidades, no Teatro Nacional de Weimar, os estandartes desenhados por ele, numa cerimônia mística da qual fez parte o “juramento de fidelidade”. “A instrução das SA”, enunciou ele numa carta a von Pfeffer, “não deve ser feita do ponto de vista militar, mas obedecer aos objetivos do partido.” As

formações paramilitares eram poderosas, mas sem ideologia, e por isso tinham falhado; as organizações secretas e grupos terroristas jamais teriam compreendido que o inimigo agia anonimamente dentro das mentes e das consciências e não podia ser esmagado na pessoa de alguns dos seus porta-vozes. O combate devia, portanto, sair "da atmosfera das pequenas ações de vingança e de conspiração, para atingir a dimensão de guerra ideológica de destruição contra o marxismo, suas obras e seus condutores (…) Não se deve trabalhar em pequenas convenções secretas, mas num plano maciço, e não é com punhal, veneno ou pistola que se pode abrir o caminho do movimento, mas conquistando a rua". [99]

Através de uma série de Ordens à SA e de regulamentos, von Pfeffer acentuou com o tempo, e de maneira mais vigorosa ainda, o caráter particular e as possibilidades de ação da SA. Assim, foi possível experimentar o efeito psicológico de uma mecânica severa e adestrada sobre as massas. Para suas ordens sobre organização, sentia-se tanto líder como encenador encarregado de marcar cada entrada, cada desfile, cada erguer de braço ou *Heil* , e de calcular cuidadosamente o efeito das cenas de multidão. Suas declarações pareciam, muitas vezes, instruções pirotécnicas: "A SA só se deve apresentar em público como um corpo homogêneo. Esta é, ao mesmo tempo, uma das mais enérgicas formas de propaganda. A visão de um grande número de homens disciplinados, equilibrados, interior e exteriormente, cuja vontade inabalável de combater se vê ou se adivinha facilmente, produz em cada alemão a mais funda impressão, e fala ao seu coração uma língua mais convincente e sedutora do que qualquer artigo escrito ou discurso. A resolução tranquila e a firmeza acentuam a impressão de força — a força das colunas em marcha."

Tratava-se de transformar a SA em exército da propaganda, sem armas, e conferir-lhe um apelo espetacular, sem, todavia, permitir-lhe a pretensiosa arrogância dos militares. Mas essa tentativa falha num ponto. Apesar de todos os esforços nesse sentido, Hitler não conseguiu, senão de maneira limitada, fazer da SA o instrumento de seus objetivos políticos. Não só porque se tratava de soldados de carreira e de mercenários sem ideologia, mas também por causa das tradições de um país que reconhecia à instância militar uma competência moral particular em relação à instância política. As palavras de ordem de Pfeffer jamais puderam minimizar o fato de que a SA se considerava o "movimento de luta" em oposição à Organização Política (PO), que tinha unicamente a função de falar e à qual chamavam, com desprezo, P-Zero. As unidades SA consideravam-se o "coroamento de nossa organização" e viam em si o modelo. "Eles não vão brincar de SA", diziam, com um olhar

de desprezo sobre os chamados partidos parlamentares. [100] Por outro lado, Hitler e o PO tinham que enfrentar as constantes dificuldades que a existência de um exército partidário causava ao Partido. Na base disso, havia um dilema: exigia-se de oficiais e soldados da guerra mundial, com sua mentalidade particular, uma atitude equilibrada de submissão e docilidade que só a geração seguinte poderia produzir. Logo começaram os primeiros conflitos com von Pfeffer, que se mostrou tão recalcitrante quanto Röhm, porém mais independente, mais frio e menos dominado pelos sentimentos do que seu predecessor: esse "austríaco moleirão" não vai me dominar, declarava este filho de conselheiro secreto prussiano. [101]

As unidades SA de Berlim se mostraram particularmente insubordinadas. Suas seções praticavam uma política pessoal, impregnada havia muito de tendências criminosas e atitudes devassas, a que seu *gauleiter* , o dr. Schlange, não podia opor-se. A disputa entre os dirigentes berlinenses da PO e da SA levou às vezes à troca de bofetadas, mas o escândalo provocado contrastava com a pouca importância do Partido Nazi de Berlim. Este não tinha sequer mil membros e começava a interessar o público, porque os irmãos Strasser, no começo do verão, tinham montado na cidade sua empresa gráfica. "No corrente mês, a situação interna do partido não foi boa", diz um relatório de outubro de 1926. "Em nosso distrito, a situação se agravou de tal modo que se esperava o fim da Organização de Berlim. O drama deste *Gau* é jamais ter tido um chefe de verdade." [102]

No mesmo mês, Hitler pôs fim a essa situação, e toda a sua sagacidade tática se manifestou na maneira de aproveitar a confusão para subtrair ao mesmo tempo a organização local da competência de Gregor Strasser, e para corromper o melhor lugar-tenente deste e atraí-lo para seu lado: nomeou Joseph Goebbels novo *gauleiter* da capital do Reich. Desde julho, esse dissidente ambicioso, impressionado por um convite em termos grandiosos em Munique e Berchtesgaden, fora assaltado pelas dúvidas mais cruéis quanto às suas convicções revolucionárias de esquerda, e, em seu jornal, qualificava lapidarmente de "gênio" esse Hitler tão difamado que era "o instrumento dos fados divinos". Reconhecia finalmente: "Estou abalado diante dele. Ele é como uma criança, adorável, bom, compassivo; como um gato, manhoso, inteligente, hábil; como um leão, rugidor e gigantesco. Um tipo, um homem… Ele me adula como uma criança. Bom amigo, bom mestre!" [103] Esse lirismo mal escondia os escrúpulos que sentia o ágil oportunista ao afastar-se de Strasser, sobre quem dizia na mesma passagem: "Afinal de contas, ele não trabalha com a inteligência, mas sempre com o coração. Às vezes, gosto

muito dele.” Hitler providenciou para que a desafeição surgisse rapidamente.

Mas, ao entregar a função a Goebbels, conferia-lhe ao mesmo tempo poderes especiais que deveriam não só reforçar a posição do novo *gauleiter* , mas também criar atritos com Strasser. Colocou expressamente sob a autoridade de Goebbels uma SA que, por toda parte, defendia ciosamente sua independência em face dos *gauleiters* . Para acalmar Strasser ou paralisar a energia de sua resistência, promoveu-o a chefe de propaganda do partido, mas imediatamente tirou Goebbels de sob a autoridade de Strasser, a fim de tornar o conflito inelutável e durável. Os Strassers, amigos e aliados de outrora, em seguida acusaram o *gauleiter* de Berlim de traidor desavergonhado. Mas todos os dissidentes de um nacional-socialismo de esquerda cometeram traição, mais cedo ou mais tarde, não optando, como os irmãos Strasser, pela eliminação, a fuga de país em país, ou mesmo a morte.

Com Goebbels *gauleiter* berlinense, o poder já desgastado da esquerda começou a se desagregar visivelmente no norte da Alemanha. Ingenuamente, Strasser, antes, ainda apelara a seus aliados para que resistissem ao pessoal de Munique como Hess e Rosenberg, mas parece que Goebbels percebia mais claramente as intenções secretas de Hitler. Em todo caso, passou logo à luta aberta, não só contra os comunistas, mas também contra os companheiros da véspera. Organizou brigas e rixas e criou o insolente e provocador jornal *Der Angriff* [O Ataque] para fazer concorrência aos irmãos Strasser. Chegou mesmo a espalhar o boato de que estes eram de origem judaica e estavam vendidos ao capital internacional. Mais tarde, Strasser lamentou ter sido um “palerma” iludido por Goebbels. [104] De sangue-frio, dúctil, perito em argumentação cavilosa e sentimental, Goebbels instaurou uma nova era de demagogia política, cujas possibilidades modernas soube reconhecer e explorar melhor do que qualquer outro. Para conseguir que se falasse na organização do partido em Berlim, até então no anonimato, providenciou um bando de valentões e promoveu desordens, tumultos, tiroteios que “ultrapassavam de muito tudo quanto se tinha visto até então”, conforme indica o relatório oficial de maio de 1927, depois de uma batalha sangrenta com os comunistas na estação de Lichterfeld-Leste. [105] Provocava, assim, o risco de uma interdição do Partido em Berlim. E foi o que realmente aconteceu. Mas, ao mesmo tempo, despertou nos seus partidários uma consciência de mártires e um sentimento de conspiradores. Em todo caso, a organização berlinense saiu rapidamente do anonimato, e, com os anos, conseguiu mesmo fazer alguns rombos consideráveis no reduto maciço da “Berlim vermelha”.

❖

Enquanto se fazia esse esforço de expansão, Hitler cuidava de pôr em dia a organização interna do partido. Agiu devagar, mas de acordo com um plano lógico. Seu objetivo era criar uma central homogênea de comando, sob o espectro místico do único *Führer* . O caráter paramilitar do partido aparecia na organização hierárquica, no tom de comando de todas as declarações da cúpula, bem como na generalização crescente do uniforme. Seus dirigentes eram marcados pela experiência da guerra, e Goebbels às vezes dera como missão a esse partido obedecer, "no instante decisivo, em todos os níveis, ao mais discreto sinal". [106] As limitações e controles das autoridades a que estava submetido o Partido Nazi também exaltaram suas intenções, acentuadas pela hostilidade do mundo exterior bem como pela rigidez da máquina e pela autoridade absoluta de Hitler. A direção de Munique ampliou imperceptivelmente sua influência até as instâncias inferiores. Hitler cedo havia eliminado os débeis elementos de democracia que ainda se encontravam nas primeiras edições do *Mein Kampf* e tinha substituído "a democracia germânica" por "os princípios da autoridade absoluta do Führer"; agora mandava tomar cuidado com "as assembleias demasiadamente numerosas nos grupos locais", que constituíam "apenas fonte de conflitos". [107]

Ao lado da organização do Partido, criou uma burocracia complexa, dividida em numerosos departamentos, que retirou rapidamente do Partido o caráter de associação provinciana que mantivera mesmo na escalada impetuosa do *putsch* . Embora Hitler fosse o próprio tipo do indivíduo desorganizado, tanto em sua atitude pessoal como em seu estilo de trabalho, era extremamente orgulhoso do tríplice sistema de inscrição para os membros do partido, e sua voz assumia um tom de embevecimento quando falava da aquisição do novo material do escritório, novos fichários e novas pastas. A burocracia primitiva de furriel que reinara no início dava lugar a uma larga rede de novos serviços e nova seções. Só no ano de 1926 as acomodações das centrais de Munique foram, três vezes seguidas, consideravelmente ampliadas. Como o número de inscrições crescia lentamente, essa máquina que ultrapassou logo a organização legendária do Partido Social-Democrata era realmente desproporcional, tanto mais que o próprio Hitler parecia antes querer fazer do partido um pequeno núcleo rijo e forte, composto de especialistas qualificados em matéria de propaganda e de violência: observava incessantemente que uma organização com milhões de indivíduos era forçosamente pacífica e não podia movimentar-se por si própria. Para agir, era necessário o impulso de minorias fanáticas. [108] Dos 55 mil membros de 1923, o Partido Nazi reconquistara apenas a metade, no fim de 1925. Um ano mais tarde, havia mais de 108 mil. Mas esse sistema aparentemente agigantado dava a Hitler um quadro para formar o partido de massa sempre esperado com

absoluta confiança, e também fornecia múltiplos meios de erigir-se em paladino de outras organizações, sobre as quais estendeu e garantiu seu poder pessoal.

É nesse exato momento que se fazem as primeiras tentativas para constituir um estado-sombra, trabalho feito com uma dedicação enérgica e ininterrupta. Já no *Mein Kampf* , Hitler afirmara que a transformação projetada implicava um movimento que “não só já contivesse em si mesmo o estado futuro”, mas “também pudesse ter à sua disposição o corpo já acabado de sua própria estrutura”. Os serviços dentro do partido prestavam-se, no mesmo sentido, para contestar a competência e a legitimidade das instituições do “estado monstruoso de Weimar”, em nome do verdadeiro povo, que, na república, afirmava-se, não tinha representação. Os serviços do estado-sombra foram calcados sobre os da burocracia ministerial; havia, por exemplo, repartições de política externa, de política jurídica, ou de política militar, dentro do Partido Nazi. Outras repartições tratavam dos temas gratos à política nacional-socialista, a saúde do povo e a raça, a propaganda, o urbanismo ou a política agrária, e preparavam o novo estado com programas e projetos de leis muitas vezes audaciosos e extravagantes. Nas associações nacional-socialistas dos médicos, advogados, magistrados, estudantes, professores ou funcionários, formavam-se, desde 1926, outras organizações auxiliares do partido. Até a jardinagem e a criação de aves tinham seu lugar na rede de serviços, de ministérios e departamentos. Em 1927, pensou-se momentaneamente na constituição de uma SA feminina, mas o projeto foi rejeitado. No ano seguinte, fundou-se a Cruz Gamada Vermelha (que se tornou mais tarde a Liga Feminina Nacional-Socialista), que devia absorver o crescente número de mulheres extremamente politizadas, destinando-lhes, ao mesmo tempo, uma limitada tarefa de boas obras, nesse partido de ambiente homoerótico. E se as coisas não se passaram como assegurou Goebbels numa declaração secreta de 1940, a saber, que o nacional-socialismo, uma vez chegado ao poder, em 1933, “tivera apenas que transferir para o estado sua organização, suas experiências, seus princípios espirituais e psíquicos”, e que tinha sido “um estado dentro do estado que tudo preparara e tudo pensara”, é exato que o Partido Nacional-Socialista era mais bem preparado e mais convincente para reclamar o poder do que qualquer outro partido totalitário. [109] Os dirigentes ao nível do Reich e os *gauleiter* se davam ares de ministros bem antes de 1933. As SA assumiam tranquilamente a função da polícia nas manifestações oficiais, e não era raro que Hitler, como chefe do “estado de oposição”, [110] se fizesse representar por um observador próprio nas conferências internacionais. A simbologia, própria do partido, abundantemente utilizada, procedia também da mesma ideia polêmica: a

suástica servia mais e mais de emblema nacional da verdadeira Alemanha consciente de sua honra. O *Horst-Wessel-Lied* tornava-se o hino do estado-sombra, enquanto a camisa parda, a ordem e a insígnia, bem como os dias de aniversário do partido, criavam um sentimento de ligação, irremediavelmente oposto ao estado.

Apesar da mania burocrática do nacional-socialismo naqueles anos, mania que se evidenciou na montagem de uma administração labiríntica, sua autoridade era impregnada de elementos fortemente subjetivos, elementos estes que sempre prevaleciam sobre a submissão prática a normas e competências que não iam muito longe, desde que se tratasse de casos sérios. E como a posição dentro da hierarquia do partido dependia menos do posto do que do privilégio de que desfrutava o interessado, todas as regras eram deixadas abertamente ao sabor da boa vontade e do capricho. A “vontade do Führer”, que desconhecia qualquer freio e seguia suas inspirações impulsivas, valia bem mais do que o fato constitucional supremo e inatacável. Ele nomeava e demitia os subchefes e empregados do partido, destituía candidaturas e organizava listas eleitorais, regulamentava a aplicação de fundos e controlava pessoalmente os casos particulares; o princípio do chefe não conhecia qualquer limite. Quando, no princípio de 1928, após discussão dentro do partido, o *gauleiter* de Hamburgo, Albert Krebs, se demitiu, Hitler recusou inicialmente, e, em seguida, demonstrou diante do partido, apelando para um arrazoado prolixo e grandioso, que não cabia aos membros do partido, mas ao Führer, resolver ou contornar os casos mais graves; a ele, e só a ele, competia louvar o mérito, censurar o fracasso, recompensar, demitir, perdoar. Em seguida demitiu-o. [111]

A pessoa de Hitler, cada vez mais dominadora, impregnava e determinava ainda mais, por meio desse tipo de método, as estruturas da organização. De antemão, a excessiva paixão burocrática reinante nos vastos serviços de efetivos complicados, bem como o culto de títulos e atribuições que nada significavam, traíam a herança indelével recebida por esse filho de funcionário público austríaco: na mesma ordem de ideias, a predominância do subjetivo e do arbitrário mostrava que Hitler provinha de grupos militares subterrâneos sem lei nem regras; mesmo suas tendências megalomaníacas se manifestavam de modo exagerado, exatamente como seu gosto de capitão de indústria para a representação, que o levava ainda a conceder pomposas condecorações a instituições totalmente insignificantes.

A ideia do estado-sombra como o estabelecimento de uma burocracia de partido hiperdimensional era também impaciente antecipação da realidade do futuro. Ao lado disso, o partido organizava reuniões incansavelmente, e, de

acordo com um balanço feito por Hitler, houve cerca de 2.400 manifestações no ano de 1925; mas a opinião pública demonstrou pouco interesse, e todo o barulho, todas as correrias, todos os tumultos e batalhas encarniçadas para conseguir uma manchete nos jornais produziram apenas alguns pequenos sucessos para o partido. O próprio Hitler, às vezes, pareceu duvidar da vitória, nesses anos em que a república se consolidava, e o Partido Nazi, segundo uma declaração de Goebbels, não provocava sequer o ódio de seus opositores. Então ele fugia da realidade para se lançar a suas grandes perspectivas mirabolantes, projetando sua certeza para o futuro: "Talvez ainda se passem vinte ou cem anos antes que nossa ideia saia vitoriosa. Aqueles que hoje creem na ideia estarão talvez mortos; que significa um ser humano no conjunto da evolução do povo, na evolução da humanidade?", perguntava. Quando sua disposição de humor estava diferente, ele se via novamente chefiando a grande guerra do futuro. Foi o que disse ao capitão Stennes, diante das taças e de um prato de doces no Café Heck: "E quando nós vencermos, Stennes, construiremos uma Avenida da Vitória, de Döberitz à Porta de Brandenburgo; terá sessenta metros de largura e será ornamentada, à direita e à esquerda, com troféus e presas de guerra." [112]

Nessa época, a direção central se queixava de que uns trinta grupos locais, entre duzentos, tinham esquecido a encomenda de cartazes para o congresso do Partido a realizar-se em meados de agosto de 1928, e falavam das dificuldades do partido para organizar manifestações coletivas. Em grande parte, foi por essa razão que Hitler resolveu organizar o congresso, pela primeira vez, no cenário romântico da antiga capital imperial de Nuremberg, onde Julius Streicher, um dos seus mais ardorosos partidários, era o figurão local, exatamente como na vizinha Bamberg. Desta vez, a dominação de Hitler foi sentida de maneira diferente da ocorrida em Weimar: sob sua batuta, a homogeneidade e a combatividade do movimento se exprimiam de modo patético: um dos seus primeiros adeptos o chamou, pensando naquele dia, "o mago, condutor de multidões". Viram-se efetivamente nessa manifestação os primeiros rudimentos do pomposo ritual que deveria instaurar-se a seguir. As formações da SA e do partido chegaram de todos os quadrantes do Reich, em trajes especiais, com bandeiras, estandartes e fanfarras. Numerosas delegações chegaram também do estrangeiro, e a juventude hitlerista, fundada um ano antes, exibiu-se pela primeira vez. Se em Weimar ainda se conservava um traço colorido e casual no vestuário, agora o uniforme estava quase inteiramente adotado. O próprio Hitler vestia a camisa parda que Rossbach apanhara nos velhos estoques das tropas coloniais e introduzira na SA — vestimenta que ele, evidentemente, achava detestável. A grande manifestação no parque Luitpoldhain, com o "discurso do Führer", terminou com a

consagração solene de 12 estandartes. Em seguida, Hitler, num caminhão descoberto, na Marktplatz, assistiu, com o braço estendido, ao desfile de seus partidários. A imprensa nacional-socialista falou de trinta mil participantes, e o *Völkischer Beobachter* citou uma cifra de cem mil, mas estimativas menos exaltadas mencionaram 15 mil pessoas. Algumas mulheres e moças, usando roupas pardas de fantasia, não tiveram permissão para desfilar diante de Hitler. A reunião do partido recomendou a convocação de um congresso para as questões sindicais (que naturalmente não se realizou), decidiu abrir uma subscrição para superar a miséria financeira da organização e pediu uma sociedade científica nacional-socialista, destinada a conquistar também os meios intelectuais. [113] Algum tempo depois Hitler falou pela primeira vez em Hamburgo, ante alguns milhares de camponeses do Schleswig-Holstein. A estagnação forçava o partido a procurar adeptos em grupos sociais novos e não habituais.

De fato, o estado prosseguira vitoriosamente nos esforços de estabilização dos anos 1923/24. A tendência era nitidamente para a distensão e para o entendimento internacional, opondo-se assim ao extremismo dos nacional-socialistas, como o demonstravam o recente acordo sobre as reparações de guerra, o Tratado de Locarno e o ingresso da Alemanha na Liga das Nações, o pacto Kellog, bem como o entendimento com a França, que pareceu inicialmente limitar-se às relações pessoais entre Stresemann e Briand, mas assumiu pouco a pouco um caráter oficial. Os grandes empréstimos americanos haviam endividado consideravelmente a Alemanha, mas, ao mesmo tempo, tinham permitido importantes investimentos destinados a racionalizar e modernizar a economia. O aumento da produção entre 1923 e 1928 ultrapassava, em quase todos os setores, não só a de todos os outros países europeus, mas também as marcas alemãs de antes da guerra, embora o território do Reich tivesse diminuído. Em 1928, a renda bruta nacional ultrapassava em cerca de 12% a de 1913; as melhorias sociais eram consideráveis e o número de desempregados caíra para 400 mil. [114]

A atmosfera era claramente pouco propícia aos esforços dos nacional-socialistas. O próprio Hitler vivia retirado. Muitas vezes, permanecia isolado durante semanas em Obersalzberg, mas seu isolamento mostrava o quanto ele se sabia finalmente incontestado. Com uma reprimenda, uma ameaça, fazia valer sua autoridade. Mas esses chamados à ordem não eram frequentes e produziam-se a intervalos aparentemente calculados. Vez por outra, viajava para manter contatos ou arranjar doações e contribuintes. O segundo volume do *Mein Kampf* fora lançado a 10 de dezembro de 1926, mas não tivera o

grande sucesso esperado. Se Hitler tinha vendido, em 1925, perto de dez mil exemplares do primeiro volume, e sete mil no ano seguinte, a venda da obra completa caiu para 5.607 exemplares em 1927; e para 3.015 em 1928. [115]

O lucro obtido permitiu-lhe, ainda assim, comprar a propriedade de Obersalzberg. Madame Bechstein o ajudou na instalação, os Wagners, de Bayreuth, equiparam a casa com enxoval completo e louças, e, mais tarde, enviaram-lhe um exemplar das *Obras Completas* do mestre, bem como uma página da partitura original do *Lohengrin* . Foi mais ou menos nessa época que Hitler comprou uma Mercedes conversível de seis lugares, que satisfazia perfeitamente suas necessidades técnicas e representativas. Suas declarações fiscais, descobertas depois da guerra, mostram que essa despesa excedia sensivelmente os rendimentos declarados, o que não escapou ao fiscal. Numa carta às autoridades, que faz lembrar, por seu tom lacrimoso, a carta do desertor à municipalidade da cidade de Linz, protesta sua condição de miséria e a modéstia de seu estilo de vida: “Não possuo, em parte alguma, propriedades ou capitais que possa dizer meus. Limito minhas necessidades pessoais ao estritamente necessário, e por isso não fumo nem bebo, faço minhas refeições nos restaurantes mais modestos e fora dos meus parcos rendimentos não tenho despesas que não sejam absolutamente necessárias à publicidade de um escritor político. (…) Até mesmo o carro é para mim um instrumento de trabalho. Sem ele, não posso cumprir meus deveres diários.” [116] Em setembro de 1926, declarou-se sem condições de pagar os impostos, e insistiu sobre suas numerosas dívidas bancárias. Anos depois, quando chegava a evocar esse período de aperturas financeiras constantes, declarava ter-se alimentado às vezes exclusivamente de batatas. Seu quarto na casa da viúva Reichert, na Thierschstrasse, era efetivamente modesto; uma pequenina peça, pobremente mobiliada, cujo piso era recoberto por um linóleo gasto.

Para melhorar seus rendimentos, Hitler fundou, com o fotógrafo Heinrich Hoffmann, a quem concedera uma espécie de direito exclusivo sobre sua foto, o *Illustrierten Beobachter* , para o qual escreveu regularmente um artigo sob o título geral “Política da Semana”. A monotonia e a espantosa palidez do estilo refletem a pobreza dos temas da época. No verão de 1928, durante esse período de espera, iniciou a redação de um segundo livro, que entretanto não foi publicado com o autor ainda vivo. Nessa obra, apresentava todas as suas concepções em matéria de política externa, esclarecidas, revistas, melhoradas. Era-lhe necessário manifestar certa energia, fazer exortações violentas para manter a coesão dentro do Partido Nacional-Socialista, agitado por forças divergentes. Repelia todos os sinais de descontentamento provocados por sua política de legalidade. A consolidação da república de Weimar não o levava a

posições de miopia, como foi o caso de numerosos partidários seus. Seu faro o advertia da fragilidade das instituições, induzindo-o à paciência. Numa operação mental característica, deduzia uma certeza de sucesso: "É justamente aí que reside o argumento absoluto, ouso dizer, matematicamente certo da vitória futura do nosso movimento", proclamou aos lugar-tenentes. "Enquanto formos um movimento revolucionário, enquanto a opinião pública nos desprezar, enquanto as condições momentâneas do estado nos forem hostis, continuaremos a acumular em volta de nós o material humano mais válido, mesmo nos tempos em que, como se diz, todos os argumentos da razão humana falam contra nós." Na festa de Natal de uma seção do Partido em Munique, conseguiu estimular a confiança, comparando a situação do partido, suas perseguições e misérias à situação dos primeiros cristãos: arrebatado por seu lirismo audacioso e pela emoção que se apoderava da assembleia nesse período de Natal, declarou que o nacional-socialismo "devia realizar os ideais de Cristo. A obra que Cristo iniciara mas não pudera concluir, ele, Hitler, levaria a bom termo". [117] Uma peça pagã, intitulada *Erlösung* , Redenção, tinha preparado a aparição de Hitler, por uma apresentação da atual "miséria e servidão". "A estrela que apareceu na noite de Natal indicava o Salvador", contava o *Völkischer Beobachter* : "A cortina que se abria agora mostrava o novo redentor, o salvador que ia tirar o povo alemão da vergonha e da miséria — nosso Führer Adolf Hitler."

Para o mundo exterior, declarações desse gênero reforçavam ainda mais o clima inquietante que o circundava. Exatamente como no início de sua carreira, ele tinha a reputação de um energúmeno bizarro que não era levado a sério e cujos traços as pessoas assimilavam ao caráter pitoresco da política bávara. Mesmo o estilo que ele cuidava e exacerbava provocava reações de espanto e incredulidade: por exemplo, fez consagrar como "bandeira de sangue" o estandarte que conduzira na marcha pela Feldherrnhalle, em Munique. A ponta dessa bandeira, dizia ele, ao ser tocada, transmitia forças místicas, no momento de cada consagração de estandarte. Os membros do partido às vezes eram chamados no material de propaganda "Vós, alemães de nascimento". [118] Outras atividades mostravam, entretanto, a gravidade e insistência com que o Partido Nazi perseguia seus objetivos. Aí pelos fins de 1926, o Partido organizou uma escola de oradores que transmitia técnicas, conhecimentos e material aos partidários, e que, segundo suas próprias informações, formou, até 1932, cerca de seis mil oradores.

Na primavera de 1927, o governo saxão e o governo bávaro estavam tão confiantes no futuro e desprezavam de tal modo o Partido Nacional-Socialista que levantaram a proibição imposta ao seu chefe de usar da palavra. Hitler

tinha declarado docilmente que não perseguiria nenhum objetivo contrário à lei nem utilizaria qualquer meio ilegal. Cartazes em vermelho berrante proclamaram em seguida que, a 9 de março, às 20 horas, ele iria falar novamente à população de Munique no circo Krone. O relatório policial descreve de maneira impressionante o desenrolar da manifestação que serve de modelo:

> Desde 7h10, o circo já está cheio até mais da metade. A bandeira vermelha com a cruz gamada dentro do círculo branco está desfraldada em cena. O palco está reservado para os membros eminentes do partido e oradores. Mesmo os lugares dos camarotes parecem destinados a partidários especiais, pois são distribuídos por camisas-pardas. Uma orquestra está instalada no palco. Não se vê qualquer outro tipo de decoração.
>
> Nas cadeiras, a plateia está excitada e impaciente. Fala-se de Hitler, de seus antigos êxitos como orador no circo Krone. As mulheres, em número surpreendente, parecem sempre entusiasmadas. Fala-se nos antigos dias de glória (…) A sede de sensação paira no ar doce e quente. A orquestra toca algumas marchas militares, enquanto novos grupos vão chegando sem cessar. Vende-se o *Völkischer Beobachter* , que circula entre as filas de cadeiras. Na caixa, oferecem-nos o programa do Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialista e, na entrada, entregam-nos um boletim no qual se pede que as pessoas não se deixem levar por provocações e mantenham a ordem. Vendem-se pequenas bandeiras: 'Bandeiras de saudação', 10 *pfennig* cada. São ou em preto-branco-vermelho ou totalmente vermelhas e trazem a suástica. As mulheres são as melhores freguesas.
>
> Enquanto isso, a lotação se completa. Isto vai voltar a ser como antes", ouve-se alguém dizer. O picadeiro fica cheio (…) A maior parte das pessoas pertence à clientela mais pobre; são operários, pequenos artesãos, pequenos comerciantes. Muitos jovens de calções, meias e blusões. Veem-se poucos representantes do proletariado revolucionário; não há quase nenhum. As pessoas são bem vestidas, alguns senhores até em traje completo. Calcula-se a massa humana, no circo quase lotado, em sete mil pessoas…
>
> Agora são oito e meia. Os *Heil* ressoam na entrada; o circo é tomado por uma onda de entusiasmo e barulho; Hitler aparece de capa cinza, atravessa lentamente o grande circo, até o palco, em companhia dos auxiliares imediatos. As pessoas manifestam uma excitação alegre e não cessam de gritar *Heil* , sobem nos bancos, batem com os pés. Depois, uma batida de pratos, como no teatro. E, de repente, o silêncio.
>
> Os camisas-pardas desfilam em ordem, sob ovações dos espectadores. Duas fileiras à frente, depois a bandeira. O público os trata muito bem. No palco, Hitler está com o braço estendido, à maneira de saudação. A música ressoa forte. As bandeiras passam: são estandartes resplandecentes com as cruzes suásticas na coroa e as águias, de acordo com os símbolos militares da antiga Roma. Desfilam talvez uns duzentos homens: enchem o picadeiro e aí tomam posição, enquanto os porta-bandeiras espalham-se pelo palco…
>
> Hitler avança a passos rápidos para o proscênio. Fala sem texto escrito, primeiro, com uma entonação lenta: em certos trechos carregados de *páthos* exagerado, força a voz, e não se compreende bem o que diz. Faz gestos com os braços e as mãos, dá uns pulinhos excitados e tenta constantemente fascinar as milhares de cabeças que o escutam atentamente. Quando é interrompido pelos aplausos, estende as mãos num gesto teatral. O *Não* que se repete várias vezes durante o discurso assume um tom teatral; ele o acentua voluntariamente. Em si, sua *performance* de orador nada teve de notável para o autor deste relatório. [119]

Se se havia reconquistado a liberdade de falar, isto não resolvia as dificuldades com que se defrontava o Partido Nazi. Percebia-se agora que o próprio Hitler fora até favorecido por essa proibição. Numa época de

completa indiferença, em que ele próprio não conseguia lotar as salas de conferências, o silêncio evitara que seu nome se expusesse ao desgaste. Portanto, preferiu retirar-se por si mesmo. Em 1927, ainda falou 56 vezes em público, mas, dois anos mais tarde, suas apresentações se limitaram a 29. Provavelmente compreendeu, desde esse instante, as vantagens proporcionadas por essa reclusão semidivina. No momento em que retornou às massas, teve de enfrentar circunstâncias desfavoráveis. Ao mesmo tempo, vieram os reveses, e, com eles, a crítica, que visava tanto ao seu estilo de dirigente quanto à política de legalidade que ele praticava com rigor. O próprio Goebbels, incondicionalmente devotado a Hitler, e que foi um dos profetas do culto divino do Führer, assumiu essa atitude em seu panfleto de 1927, *Der Nazi-Sozi* , ao criticar a linha adotada, que prescrevia a submissão à legalidade. Sobre a questão de saber como se comportaria o Partido se fracassassem seus esforços para conseguir a maioria, assegurou com um jeito insubordinado: "O que faremos?! Cerraremos os dentes e nos prepararemos. Depois, marcharemos contra esse estado e desfecharemos o último golpe em favor da Alemanha. Os revolucionários da palavra se transformarão em revolucionários da ação. Aí então faremos a revolução!"

A crítica se dirigia também contra a atitude pessoal de Hitler: seu menosprezo aos velhos e dignos companheiros, "as muralhas erguidas em torno de *Herr* Hitler" de que se queixava um antigo correligionário, sua negligência nos negócios ou o ciúme que mostrava abertamente em presença da sobrinha. Quando, no começo do verão de 1928, ele surpreendeu o seu motorista, Emil Maurice, no quarto de Geli Raubal, ameaçou-o com o rebenque e com tal furor que Maurice só conseguiu escapar saltando pela janela. Com seu "mais profundo devotamento", o presidente da comissão de investigação, Walter Buch, viu-se finalmente forçado a externar sua impressão: "Vossa Senhoria, Senhor Hitler, chegou a tal ponto de desprezo pelos homens que me enche de preocupação." [120]

Diante da conturbada atmosfera do partido, Hitler cancelou o congresso previsto para 1928 e, em seu lugar, convocou um congresso dos dirigentes para Munique. Proibiu todas as reuniões locais preliminares das ramificações subalternas e, quando abriu a sessão, a 31 de agosto, elogiou entusiasticamente a obediência e a disciplina. Só as elites, dedicadas a uma conjuração absoluta, estavam em condições, na qualidade de "minoria histórica", de construir a história. Para ficar em condições de operacionalidade, o Partido Nazi devia ter, no máximo, de sete a oito mil membros: "É o número que convém!" Todos os outros deviam ser recrutados como simples correligionários e utilizados, segundo o caso, para servir aos

objetivos do partido. “Um pequeno grupo de fanáticos arrasta a massa atrás de si. Vejam a Rússia e a Itália (…) A luta para conquistar a maioria só pode ter sucesso com uma minoria poderosa”, declarou. [121] Rejeitou com sarcasmo a proposição de conferir-lhe a assessoria de um “senado”. Os conselheiros nada lhe diziam de útil. E quem fizera essa proposição, o *gauleiter* da Turíngia, Dinter, pouco depois foi excluído do partido. Em correspondência prévia já havia assegurado que reivindicava a infalibilidade, como homem político, e acrescentara que “tinha certeza cega de pertencer ao grupo daqueles que fazem a história”. Quando, pouco tempo depois, convocou-se novo encontro, porém não organizado como o anterior, como se tornara costumeiro, Hitler ficou sentado sem dizer palavra durante a discussão, mostrando ostensivamente a todos uma expressão de enfado e ironia tal que, aos poucos, foi-se instalando um clima tão opressivo de negação e de paralisia que a sessão terminou com um sentimento de alívio e resignação geral. Um dos participantes manifestou mais tarde a suposição de que Hitler autorizara a manifestação apenas para fazê-la abortar. [122]

Como chefe de um partido apagado mas organizado com rigor, Hitler esperava sua oportunidade. Não via qualquer razão para desanimar pois, pela primeira vez, tinha imposto sua independência, interna como externamente. O partido agora se apresentava oficialmente como o “movimento de Hitler”. Mesmo não apoiado por mecenas influentes e instituições poderosas, o movimento provava, entretanto, que podia, senão vencer, pelo menos manter-se.

Nas eleições para o novo Reichstag ocorridas em 20 de maio de 1928, o Partido Nacional-Socialista se classificou, com 2,6% dos votos, em nono lugar. Entre seus 12 deputados, estavam Gregor Strasser, Gottfried Feder, Goebbels, Frick e também Hermann Göring, que retornara da Suécia com uma esposa rica e novas importantes relações sociais. Hitler, pessoalmente, não se apresentara, pois era “sem estado”. Com o talento de apresentar seus erros e misérias como vantagens, explorou esse obstáculo para novamente ganhar distância. Longe de reconhecer o sistema parlamentar tão desprezado, trabalhou seu papel de chefe original, bem acima dos esforços, das traficâncias e das cobiças do dia. Se ficara decidido, depois de muitas hesitações, participar das eleições, era mais para dar ao partido os privilégios dos deputados. Eis o que declarou Goebbels uma semana depois das eleições, num artigo que, ao mesmo tempo, lança um pouco de luz sobre as afirmações de legalidade, emitidas pelo partido: “Eu não sou membro do Reichstag. Eu sou um IdI. Um IdF. [*Inhaber dei Immunität; Inhaber dei Freifahrkarte* .] Um detentor de imunidade e um detentor de permissão de circulação gratuita. Que

nos importa o Reichstag? Fomos eleitos contra o Reichstag e exerceremos nosso mandato no sentido desejado pelos nossos mandantes (…) Um IdI tem o direito de chamar um monte de porcaria de monte de porcaria e não tem necessidade de empregar perífrases para designar o estado" — profissão de fé que terminava com estas palavras: "E agora vocês estão de boca aberta, hein? Mas não creiam que já terminamos (…) Reservamos para vocês alegrias ainda maiores. Esperem, pois, que a peça comece." [123]

A insolência dessas declarações não escondia seu caráter exaltado: o Partido Nazi continuava minoritário e se desdobrando em façanhas exageradas. Em compensação, Hitler esperava friamente — bem-preparado e pronto a agir — novo agravamento da situação. Esperava que o partido se transformasse então em partido de massas. Apesar de todo o zelo empregado e da agitação organizada, jamais tinha saído, até aqui, da sombra da república, que se mostrava ativa senão brilhante. Seu carisma, que se afirmava tão eficazmente no meio das desordens inquietadoras, ameaçava desfazer-se diante do caráter normal da situação. Parecia às vezes que a nação estava afinal pronta para fazer as pazes com a república, para se resignar com uma situação cinzenta e sem brilho, dando como perdidas todas as verdadeiras descobertas, as lembranças heroico-românticas e as aspirações ambiciosas, para se reconciliar com o ramerrão cotidiano da história. Por certo as eleições para o Reichstag tinham trazido à luz o processo silencioso de desintegração que afetava o centro burguês e revelado a crise latente do sistema, traduzida pela grande quantidade de partidos pequenos; o número de adeptos do Partido Nazi tinha passado a cerca de 150 mil. Mas, no início do ano seguinte, o sociólogo Joseph P. Schumpeter, professor em Bonn, acentuava "a estabilidade muito grande e talvez crescente de nossa situação social". E assegurava: "Portanto, não é verossímil que aconteçam, em qualquer sentido, em qualquer domínio ou direção, fortes oscilações, correções de rumo ou catástrofes." [124]

Hitler analisava a situação com maior acuidade e penetração. No que concerne à psicologia dos alemães durante esse curto período feliz da república, observou num discurso: "Nós temos um terceiro valor: o senso de combate. Ele está aí, enterrado sob um amontoado de teorias e doutrinas estrangeiras. Um grande e poderoso partido se esforça para provar o contrário até o momento em que chega bruscamente uma fanfarra militar, dessas bem banais, e começa a tocar. Então os atiradores despertam de seu estado letárgico e imediatamente começam a sentir-se no ritmo do povo em marcha e desfilam com ele. Eis o que acontece hoje. Basta mostrar essas possibilidades ao nosso povo – e vocês veem, nós já marchamos." [125]

PARTE IV

TEMPO DE LUTA

13

Ingresso na grande política

Retomamos a luta pelo nosso velho método: "Ao ataque! Ao ataque! Sempre ao ataque!" Se alguém acha que já não se pode recomeçar, pois bem, eu pessoalmente digo que posso recomeçar não uma vez, mas dez vezes .

Adolf Hitler

NO VERÃO DE 1929, HITLER LANÇOU o primeiro ataque maciço contra o sistema da república, que estava justamente a ponto de se consolidar. E deu com isso um grande passo à frente. Havia muito vinha procurando um slogan para mobilizar as massas, quando a política externa de Stresemann ofereceu repentinamente uma brecha para sua agitação. Com todos os meios de que dispunha, explorou as dissensões que aumentavam novamente em torno das reparações de guerra. Seu objetivo era tirar o Partido Nacional-Socialista do papel de pequeno partido isolado para levá-lo ao plano da alta política. Sua penetração estava intimamente ligada, temporal e psicologicamente, à crise econômica mundial que se seguiu. Desse modo, teve ocasião de testar seus meios, suas organizações, bem como sua tática, numa espécie de ensaio geral. A luta pelas reparações desencadeou uma crise permanente, ao mesmo tempo conjurada e astuciosamente estimulada por Hitler, que se apossou da república para não mais soltá-la.

A rigor, foi a morte de Gustav Stresemann que marcou a reviravolta, no começo de outubro de 1929. O ministro alemão do Exterior se deparara com as resistências encontradas por uma diplomacia complicada que trazia a etiqueta de "política de cumprimento" do Tratado de Versalhes, mas visava de fato a liquidar pouco a pouco o Tratado. Algum tempo antes de sua morte, Stresemann tinha intervindo, não sem grandes dúvidas interiores, em favor de se aceitar a nova regulamentação das reparações, proposta por um comitê de especialistas, sob a direção do banqueiro americano Owen D. Young. Este regulamento previa mais que uma melhoria notável nas condições existentes. Graças à tenacidade e à habilidade diplomática de Stresemann, incluía um plano para acabar, antes do prazo, com a ocupação da Renânia pelos aliados.

O acordo, entretanto, encontrou violenta oposição e decepcionou até muitos dos que se davam perfeitamente conta da situação precária da Alemanha. Certamente, era um problema assumir compromissos de

pagamento para cerca de sessenta anos, quando não havia nem como pagar as primeiras parcelas anuais. Duzentas e vinte eminentes personalidades dos meios econômicos, científicos e políticos, entre as quais Carl Duisberg, Adolf Harnack, Max Planck, Konrad Adenauer e Hans Luther, manifestaram sua profunda preocupação numa declaração pública. Onze anos depois do fim da guerra, o plano parecia refutar com sarcasmo a ideia de "família das nações", em torno da qual se articulava o ambiente da época, e descobrir impiedosamente, por trás de tantos gestos conciliadores de fachada, uma persistente oposição entre vencedores e vencidos. Tanto mais que, em abono de suas reivindicações concernentes às reparações reclamadas até o ano de 1988, o plano invocava novamente o espinhoso Artigo 231, o da "culpa pela guerra", que atingira gravemente a nação em seu orgulho. Diante desse plano irrealista, os grupos ultranacionalistas estavam perfeitamente à vontade para dizer que por trás dele estava o slogan: *Le boche payera tout* . Assim, o que deveria ser um passo adiante no sentido de extinguir pouco a pouco os efeitos da guerra e servir para estabilizar a república tornou-se, ao contrário, "ponto focal da oposição de princípio ao 'sistema' de Weimar". [1]

A 9 de julho de 1929, a extrema direita decidiu constituir um comitê a favor de um referendo contra o plano Young. Numa desenfreada e tonitruante campanha que durou nove meses, até a assinatura do acordo, e à qual aderiram também, na extrema esquerda, os comunistas, a direita trabalhou pela anulação desse plano. Resumiu-se em algumas frases sugestivas a textura complicada de seus artigos e isso foi repetido incansavelmente a fim de fazer com que o ódio se enraizasse nos espíritos. O acordo sobre o plano tornou-se "a pena de morte contra os que iam nascer", o "Calvário do povo alemão" que o carrasco, "rindo, pregava na cruz". Mas, ao mesmo tempo, a "oposição nacional", pela primeira vez numa frente comum, exigia a supressão do artigo sobre as dívidas de guerra, o fim de todas as reparações, a liberação imediata dos territórios ocupados, assim como a punição de todos os ministros e governos que tinham contribuído para reduzir "ao cativeiro" o povo alemão.

À frente do comitê encontrava-se o conselheiro privado Alfred Hugenberg, um homem de 63 anos, ambicioso, tacanho e sem escrúpulos, que começara no Oriente como comissário nos territórios ocupados durante a guerra, passara ao conselho de administração da Krupp e tinha finalmente fundado um império jornalístico de vastas ramificações, que controlava, além de uma importante cadeia de jornais, uma agência de publicidade, uma agência de notícias e a UFA, a companhia cinematográfica. Como agente político da indústria pesada, controlava ainda somas consideráveis em dinheiro e de boa vontade empregava todos esses meios para exterminar a república socialista,

desmantelar os sindicatos e, conforme dizia, responder à luta de classes praticada de baixo com a luta de classes praticada de cima. Baixinho e gordo, de bigode e cabelo à escovinha, tinha o andar característico de um sargento reformado e não aparentava absolutamente o homem de princípios altivos e rijos que desejava ser.

No outono de 1928, Hugenberg assumira a direção do Partido Popular Nacional Alemão [*Deutschnationalen Volkspartei DNVP*] como "homem saído da sombra", e fizera-se o porta-voz dos ressentimentos. A adesão da direita à república, que até então parecia encaminhar-se para bom termo, foi imediatamente paralisada. O DNVP começou antes a copiar o partido de Hitler, do qual tomou o método e certos pontos precisos do programa. Só conseguiu, entretanto, fazer uma caricatura burguesa do Partido Nazi. Mas, em sua luta contra a abominada república, Hugenberg não recuava diante de qualquer meio. Durante a discussão do plano Young, preveniu três mil empresários americanos, por meio de uma carta-circular, contra a concessão de créditos a um país já em presença dos primeiros sintomas de crise. [2] Sob o mandato de seu novo presidente, os nacional-alemães perderam rapidamente a metade de seus efetivos, mas Hugenberg, sem se deixar abater, afirmou que preferia um pequeno bloco compacto a uma grande mistura amorfa.

A aspiração popular que Hugenberg tinha canalizado não era apenas o apogeu do novo extremismo: era, ao mesmo tempo, uma tentativa de reunir sob sua autoridade a direita dispersa, principalmente os Stahlhelm, os pangermanistas, a Liga Agrária nacional e os Nazis, e organizar o ataque para as classes superiores retomarem uma parte da influência perdida. A malograda revolução de 1918 não despojara as classes altas, que ainda exerciam uma ação, detinham posições de força, meios materiais, mas já não tinham o povo consigo. Julgando-se um "cavalheiro de sociedade" em relação ao chefe de um partido popularesco recalcitrante, Hugenberg acreditava ter encontrado em Hitler o dom do agitador capaz de reconduzir as massas à causa dos conservadores; no momento oportuno, pensava, deixaria Hitler para trás e o liquidaria.

Hitler alimentava pensamentos bem menos dissimulados. Quando o deputado Heinrich Lohse ouviu falar da aliança, declarou impaciente: "Espera-se que o Führer já saiba como passar a perna nesse Hugenberg." [3] Mas Hitler não pensava em iludir ninguém. Desde o início, demonstrou uma arrogância manifesta e nada fez para esconder o desprezo diante do reacionário burguês que era Hugenberg e de "todas as velhas águias depenadas", como os chamava Goebbels. Observado com suspeita pela "esquerda" do partido, Hitler recusou com firmeza as propostas: ele, e só ele,

determinava as condições em que aceitaria ajuda. De início, propôs avançar separadamente, mas deixou-se convencer a contrair uma aliança. Todavia, exigiu total independência em matéria de propaganda e quis participar de maneira marcante dos meios que seriam postos em ação; como para desorientar ou humilhar de propósito seus novos aliados, designou Gregor Strasser, o mais ilustre adversário dos capitalistas, para representá-lo no comitê comum de financiamento.

Essa aliança foi o primeiro sucesso de uma importante série de êxitos táticos que contribuíram sensivelmente para impelir Hitler à frente e levá-lo finalmente ao seu objetivo. O talento especial para compreender as situações, adivinhar os interesses, detectar as fraquezas, suscitar coalizões momentâneas, seu senso tático, tornado agora mais eficiente pela sua força de persuasão, contribuíram para sua ascensão pelo menos tanto quanto sua força retórica, a ajuda do exército, da indústria e da justiça, ou o terror dos camisas pardas. Invocar de maneira parcial a magia, a conspiração, na história da ascensão de Hitler, demonstra compreensão insuficiente dos acontecimentos. É ater-se, apesar de todas as refutações, à imagem fatal do chefe do Partido agindo como aglutinador e como instrumento, e desconhecer que Hitler se afirmou igualmente no domínio próprio da política.

Graças à habilidade tática, às suas hesitações iniciais, sua maneira meio provocante, meio rabugenta de conduzir as negociações, e à impressão de sinceridade, de ambição e de energia que sabia transmitir, Hitler conseguiu manobrar de tal modo seus parceiros que estes estimularam e financiaram essa ascensão que, ao mesmo tempo, deveriam pagar no plano político. É certo que seu sucesso foi ajudado pela resistência em suas próprias fileiras, que não lhe permitiam qualquer concessão importante. Durante as conversações, os jornais das *Edições de Combate* de Strasser publicaram, em manchetes e com grande destaque, a declaração de Hitler de que o maior perigo para o povo alemão não era o marxismo, mas os partidos burgueses. [4] A exploração desse trunfo tático não nos deve levar tampouco a ignorar a cegueira ambiciosa do conservadorismo de feição nacional-alemã, que procurava, como parasita, se apoderar do vigor e da vitalidade do movimento "na-zi" e, aliando-se a Hitler, esse arrivista desprezado mas igualmente admirado, tentava adiar o momento fatal de seu adeus à história. O sucesso de Hitler continuava, entretanto, de maneira notável. Ele tinha esperado, tinha-se preparado durante quatro anos e meio, e, fiel ao ensinamento de Karl Lueger, buscara a aliança com as "organizações poderosas", os detentores de influência política e social. Quando a proposta lhe foi feita, afinal, evitou cuidadosamente demonstrar uma ambição precipitada, e reagiu antes com

moderação e reserva, dando a conhecer suas condições, ainda que toda a sua concepção da conquista do poder repousasse sobre essa proposta. É preciso avaliar a provação a que foi submetida sua ambição política e individual, quando, durante anos, permaneceu à frente de um partido de extremistas, apagado, amordaçado, ou exposto aos sarcasmos, para compreender tudo quanto significava para ele a proteção que lhe oferecia Hugenberg: proteção que o livrava do odor putrefato dos revolucionários e fazedores de *putschs* , e dava-lhe novamente a possibilidade de aparecer em público no círculo dos burgueses honoráveis, explorando o renome das pessoas bem situadas na vida. Esta chance, ele a tivera e perdera uma vez; agora estava decidido a aproveitá-la com maior prudência.

Com esta aliança, o Partido Nacional-Socialista dispôs, pela primeira vez, de meios que lhe permitissem explorar sua máquina superior de propaganda e, ao mesmo tempo, mostrou ao público um estilo de radicalismo e violência sem par; jamais se vira algo semelhante na Alemanha, declarou Hitler, numa carta datada dessa época: "Nós trabalhamos nosso povo como nenhum outro partido o faz." [5] Toda a energia acumulada nos anos de espera e a cólera dos partidários ávidos de ação pareciam explodir nessa investida. Nenhum dos parceiros nacionais da aliança se igualava ao Partido em impetuosidade, em vivacidade e ironia perturbadora. Desde o primeiro momento, não deixou qualquer dúvida sobre o fato de que o plano Young era apenas o pretexto da campanha e, em seu papel de agitador, fez um ruidoso julgamento do "sistema" que era tido como imerso na incapacidade, na traição e no negocismo: "Tempos virão", proclamou Hitler no fim de novembro, num discurso em Hersbruck, "em que os culpados pela derrocada da Alemanha perderão a vontade de rir. Serão sufocados pela angústia. É bom que saibam: o juiz está chegando." Fascinados pelo entusiasmo demagógico dos nacional-socialistas, Hugenberg e os outros aliados conservadores viam com assombro a onda poderosa que eles haviam desencadeado e que não cessavam de encorajar e estimular, acreditando-se, em sua cegueira, ainda levados por ela, quando ela os havia devorado havia muito tempo.

Nessas circunstâncias, Hitler aceitou sem amargor que a campanha não obtivesse sucesso externo. No plebiscito organizado para decidir a respeito da "lei contra a escravização do povo alemão" apenas os 10% necessários entre os inscritos deram seu apoio; mas, no parlamento, só 80 deputados em 318 se pronunciaram a favor dessa proposição, e o referendo final de 22 de dezembro de 1929 marcou igualmente uma derrota. Com exatamente 14% dos votos, os proponentes do plebiscito não obtiveram senão um quarto dos votos necessários e ficaram aproximadamente 5% abaixo dos sufrágios conseguidos

no ano anterior, nas eleições legislativas, pelo Partido Nazi-NSDAP e o Partido Nacional-DNVP.

Para Hitler, entretanto, era o ingresso final na alta política. Graças ao apoio dos múltiplos meios publicitários do grupo Hugenberg, de um só golpe fizera um nome e, ao mesmo tempo, se apresentara como a energia mais determinada, no seio de uma direita desorientada e dividida. Ele mesmo falava de uma grande "subversão" na opinião pública e achava "espantoso que se depositasse tanta esperança num partido que se rejeitara ainda há poucos anos, com arrogância, orgulho e estupidez". [6] Depois da abertura da campanha, nos dias 3 e 4 de agosto, convocara para Nuremberg um *Reichsparteitag* , dia do partido, e parece que quis com isso mostrar a seus parceiros conservadores a força e o impacto do movimento. Era a primeira manifestação em que se descartava dos congressos tradicionais do partido para anunciar já as manifestações maciças, de estilo militar, realizadas segundo regras teatrais e psicológicas. Se as cifras são exatas, mais de trinta trens especiais levaram de todos os recantos da Alemanha cerca de 200 mil partidários, cujos uniformes, bandeiras e músicas militares dominaram durante vários dias a visão da velha cidade imperial. A maioria dos 24 novos estandartes da SA que foram consagrados com um cerimonial patético vinha da Baviera, da Áustria e do Schleswig-Holstein. Por ocasião da grande manifestação de encerramento, sessenta mil SA, com uniforme e equipamento de campanha, desfilaram durante três horas e meia diante de Hitler, ao som de bandas militares. Algumas unidades ameaçaram, na euforia desses dias, entregar-se a atos de violência, e foi dentro desse estado de espírito que a ala revolucionária apresentou uma moção pedindo que "toda participação do Partido no governo fosse proibida agora e sempre". Hitler rejeitou esse pedido, observando, de maneira tão lapidar quanto significativa, que toda negociação suscetível de levar o movimento "à conquista do poder político" era justificada. Mas a atitude presunçosa da milícia do partido, que aumentava rapidamente, colocava de novo a legalidade em perigo. No fim do ano, as SA já tinham alcançado efetivo igual ao do Reichswehr. [7]

A aliança com Hugenberg proporcionou também numerosas relações com o mundo econômico, que em grande parte sustentara, durante anos, a política externa de Stresemann, mas agora se opunha energicamente ao plano Young. Até então, Hitler não encontrara apoio material senão entre os pequenos industriais, salvo algumas célebres exceções, como Fritz Thyssen. Nem mesmo sua atitude antissocialista no caso do confisco dos bens da nobreza, quando se mostrou favorável à propriedade privada, lhe trouxera qualquer proveito material. Em compensação, agora as fontes mais abundantes se lhe

ofereciam. Já havia aproveitado o tempo em que estava proibido de falar para percorrer a região do Ruhr e, em reuniões particulares, ante um público cético, composto muitas vezes de centenas de empresários, tentara afastar dos espíritos o medo de um nacional-socialismo, no qual era preciso ver, ao contrário, um enérgico defensor da propriedade privada. Fiel à sua ideia de que o sucesso era um signo aristocrático, punha nas nuvens os grandes industriais que representavam o tipo da raça superior, destinada às funções dirigentes, e em geral dava a impressão de "nada pedir que fosse impossível aos empregadores". [8] Suas relações com os salões de Munique igualmente se consolidaram. Era sempre um conviva requisitado. Elsa Bruckmann, que, segundo suas próprias palavras, assumira a missão essencial de "pôr Hitler em contato com os dirigentes da indústria pesada", apresentara-o, em 1927, ao velho Emil Kirdorf, extremamente importante para ele não só na qualidade de grande industrial muito influente mas também como administrador de um fundo político, o famoso tesouro do Ruhr. E se Hitler ficou fortemente impressionado pelo austero ancião que, durante toda a sua vida, lutara para atingir as alturas, desprezando as classes inferiores, Kirdorf ficou igualmente fascinado por seu interlocutor e tornou-se, durante certo tempo, seu porta-voz mais valioso. Participou, como convidado de honra, do congresso do partido em Nuremberg e escreveu depois a Hitler, dizendo que jamais esqueceria o sentimento de grandeza que havia experimentado durante aqueles dias. [9]

❖

Por ocasião das eleições regionais de 1929, todos esses novos meios e apoios se traduziram pela primeira vez em êxitos notáveis. No Saxe e no Mecklenburg-Schwerin, os nacional-socialistas tinham obtido na primavera apenas 5% dos votos. Seu avanço nas eleições municipais prussianas foi ainda mais impressionante. Em Coburg, foram eles que elegeram o burgomestre, e a Turíngia teve, com Wilhelm Frick, o primeiro ministro saído de suas fileiras. Este, aliás, logo provocou muitos comentários em torno de si ao introduzir nas escolas pregões nacional-socialistas e ao desencadear um conflito com o governo do Reich, embora, no todo, se esforçasse em demonstrar como seu partido estava preparado para entrar em coalizões.

Sempre impelido pelo gosto da representação, Hitler tratou imediatamente de montar para seu sucesso um cenário luxuoso, destinado, por sua vez, a preparar as vitórias futuras. A central do partido se localizava, desde o mês de junho de 1925, num edifício simples mas prático da Schellingstrasse. Com o dinheiro que lhe era fornecido sobretudo por Fritz Thyssen e com as doações dos adeptos, Hitler se instalou no Palais Barlow, Briennerstrasse, Munique, e fez dele a *Braunen Haus* , a "Casa Parda". Como num retorno tardio e

inconsciente aos seus sonhos de juventude, quando imaginava uma casa senhorial, dedicou-se ardentemente, com o arquiteto Paul Ludwig Troost, ao projeto de decoração interior, desenhando os móveis, as portas e as marchetarias. Uma grande escadaria levava à sua sala de trabalho, onde, além de alguns móveis pesados, só havia como ornamentação um retrato de Frederico, o Grande, um busto de Mussolini e um quadro representando o ataque do Regimento List em Flandres. Ao lado, encontrava-se a chamada "sala do senado". Sessenta cadeiras em marroquim vermelho, cujos espaldares mostravam a águia do partido, rodeavam uma mesa gigantesca em forma de ferradura. Dos dois lados da entrada, placas de bronze com os nomes das vítimas de 9 de novembro de 1923. No salão, bustos de Bismarck e de Dietrich Eckart. A sala, entretanto, jamais serviu para o que fora destinada, mas unicamente para o gosto teatral de Hitler, que sempre rejeitara resolutamente todas as propostas para ter a assessoria de um senado. Na cantina, na adega, o "lugar do Führer" estava reservado sob um retrato de Dietrich Eckart. Aí ele ficava horas em companhia de ajudantes de ordens e motoristas cerimoniosos, entregue ao prazer do bate-papo, tão comum nos cafés vienenses.

Sua vida pessoal se adaptou também à situação mais folgada a que chegara o partido. Durante o ano de 1929, os juros e reembolsos das dívidas consideráveis que contraíra desapareceram de suas anotações, como por encanto. Ao mesmo tempo, instalou-se num luxuoso apartamento de nove cômodos, no número 16 da Prinzregentenstrasse, num dos numerosos quarteirões residenciais de Munique. Sua governanta da Thierschstrasse, Frau Reichert, cuidava dos afazeres domésticos com Frau Anny Winter, enquanto sua meia-irmã, Frau Raubal, continuava cuidando da mansão Wachenfeld, nas encostas de Obersalzberg. A sobrinha, Geli, que descobrira o gosto de seu tio pelo teatro, e, desde então, tomava lições de canto e arte dramática, também foi morar no apartamento da Prinzregentenstrasse. Os rumores suscitados por essa ligação bem que o perturbavam, mas ele apreciava essa aura de liberdade não burguesa e esse sentimento de fatalidade que caracterizava sua inclinação pela sobrinha.

A segurança que adquirira em matéria de política Hitler demonstrou desde o fim da campanha contra o plano Young, através de um gesto arriscado mas extremamente eficaz; rompeu ruidosamente com os parceiros conservadores que rodeavam Hugenberg, acusando-os de ter provocado o fracasso do plebiscito, por sua indecisão e frouxidão burguesas. A clara infidelidade, que a lembrança dos objetivos comuns e dos combates travados não perturbava absolutamente, foi-lhe novamente proveitosa do ponto de vista tático; essa

reviravolta inesperada não só reduziu ao silêncio os opositores inquietos dentro de suas próprias fileiras, os quais lhe haviam censurado a aliança com “esse cachorro capitalista Hugenberg”, [10] como também consolidou sua reputação de ser a única força enérgica no seio da direita antirrepública — enfim, livrou-o de toda e qualquer responsabilidade numa derrota, que, fora de qualquer dúvida, era também sua.

Tais gestos audaciosos eram um grande blefe, tanto mais que não correspondiam absolutamente à importância numérica do partido, que continuava reduzido. Hitler compreendera que era preciso manter e reforçar o interesse despertado pelo movimento. Em conformidade com suas intenções ofensivas, procedeu a uma reorganização da central do partido. Gregor Strasser ficou com a direção da Seção I da Organização (Organização Política), enquanto o velho coronel Konstantin Hierl encarregava-se da Seção II da Organização (estado Nacional-Socialista). Goebbels tornou-se chefe de propaganda para o Reich. Numa carta de 2 de fevereiro de 1930, Hitler prediz com segurança quase profética que “a vitória de nosso movimento vai acontecer, o mais tardar, dentro de dois e meio a três anos”.

Depois do rompimento com Hugenberg, prosseguiu por conta própria, sem interrupção e com um fervor inabalável, a campanha contra a república. Um ano antes, uma instrução da central do partido, assinada por Heinrich Himmler, na época encarregado da propaganda, convidara a executar “atos de propaganda” que representavam nova tática de ação política. Os distritos foram importunados, mesmo nas aldeias mais insignificantes, por operações-surpresa cuidadosamente preparadas. Em uma semana, toda a lista dos oradores do partido fora usada várias vezes, “até o extremo limite de suas possibilidades”, em várias manifestações. Todas as cidades e localidades foram inundadas por cartazes, anúncios e panfletos, cuja escolha muitas vezes era feita pelo próprio Hitler; organizaram-se “saraus de propaganda” em que as SA deviam, segundo as instruções, mostrar ao som de músicas “o que eram capazes de fazer por si mesmas: exibições esportivas, quadros vivos, peças de teatro, canções, conferências, filmes do congresso”. [11] O partido organizou não menos de 1.300 manifestações desse gênero, antes das eleições saxônicas para o *Landtag* , em junho de 1930.

Essas atividades regionais faziam parte de um esforço deliberado para penetrar em certos grupos sociais e conquistar adeptos, sobretudo entre os pequenos empregados e a população do campo. Em arremetidas intencionais e vigorosas, o partido se apoderou da direção de algumas cooperativas e associações profissionais. No interior, já podia enfrentar os estados de urgência, como se viu, por exemplo, no movimento de protesto camponês do

Schleswig-Holstein que marchava sob “bandeiras-negras”. O partido respondia-lhes invocando a palavra de ordem “reforma agrária” e baseava suas acusações no antissemitismo latente dos camponeses, que, segundo uma instrução, devia ser espicaçado até extremos de paroxismo. [12] Um jovem alemão de fora, chamado Walter Darré, que Hitler conhecera por intermédio de Rudolf Hess, elaborou no entanto um programa agrário que, ao ser publicado em março de 1930, aliava uma ampla oferta de subvenções a abundantes homenagens “à classe mais inteligente do povo”. Diante dos pequenos empregados, o partido explorou a sensação geral de crise que pairava nos meios mais duramente atingidos pelo fim da guerra, pela urbanização e pelas modificações da estrutura social. Os operários de fábricas, propriamente, começaram, entretanto, por ficar à distância do Partido Nazi; mas o afluxo de empregados e de trabalhadores agrícolas iniciado no começo de 1929 permitiu-lhe considerar-se com direito ao título de “partido de todas as pessoas ativas”, e provocou em todo o país o nascimento de grande quantidade de células e bases de apoio que preparavam a grande conquista.

O êxito não era devido só à atividade do partido, incansavelmente estimulada por Hitler, e ao talento com que ele era capaz de conservar dentro de um objetivo tático o patrimônio de ideias confusas e sentimentais da direita tradicionalmente dividida. Aproveitou igualmente a crise econômica mundial que já se anunciara na Alemanha no princípio de 1929, quando o número de desempregados ultrapassou pela primeira vez a cifra dos três milhões. Durante a primavera, o número de falências comerciais começou a aumentar de modo alarmante, de forma que nos cinco primeiros dias de novembro 55 falências foram declaradas só em Berlim e de cinco a sete pedidos de concordata entravam diariamente. [13] Os números já refletiam as consequências econômicas e psicológicas do 24 de outubro de 1929, a célebre “sexta-feira negra” que terminara com o *crack* da Bolsa de Nova York e teve efeitos catastróficos, particularmente na Alemanha.

Os empréstimos estrangeiros, na maioria a curto prazo, que tinham permitido o impulso econômico do país e por vezes também levaram as comunas a administrar seu orçamento de maneira muito leviana, tinham sido repentinamente suspensos pelos credores inquietos. A brusca recessão no comércio mundial comprometia, ao mesmo tempo, toda esperança de compensar parcialmente as perdas pela intensificação das exportações. A baixa dos preços no mercado mundial tinha agravado ainda a crise da agricultura e, dentro em pouco, esta só se pôde manter precariamente, assim

mesmo com a ajuda de subvenções que, por sua vez, oneravam a comunidade. Cada desgraça acarretava outra, numa verdadeira reação em cadeia. O aumento rápido do desemprego, o número crescente de empresas fechadas e de penhoras correspondiam à desvalorização das ações que se manifestava igualmente por toda a Alemanha. Os jornais anunciavam vendas em hasta pública em colunas inteiras. As repercussões políticas não faltaram. Desde as eleições de 1928, o país era governado por uma grande coalizão, com o chanceler social-democrata Hermann Muller à frente, coalizão mantida unicamente pelo constante estado de tensão e esforço. Quando a diminuição das receitas fiscais exigiu rigorosos cortes de despesas, cresceu dentro do governo uma controvérsia encarniçada entre a ala capitalista e a ala esquerda para saber quem era responsável pela crise.

A partir desse momento, era impossível ignorar que ninguém seria poupado. O sinal mais marcante da crise na Alemanha era seu caráter total. Embora as circunstâncias econômicas e sociais fossem quase tão graves na Inglaterra e nos Estados Unidos, nesses países não resultaram nessa crise de consciência global que destruiu todos os critérios políticos, morais e intelectuais, e foi sentida, muito além de suas causas diretas, como uma ruptura de confiança na ordem do mundo. As condições econômicas objetivas não bastam para explicar o aspecto que a crise assumiu na Alemanha: foi, antes de tudo, um fenômeno psicológico. Cansadas do eterno sistema de opressão, ainda com sua resistência física consumida pela guerra, pela derrota e pela inflação, cansadas também dos belos discursos democráticos e de seus constantes apelos à razão e à moderação, as pessoas agora se abriam livremente.

A reação, a princípio, foi apolítica. O povo se resignava ante a fatalidade e o caráter impenetrável da catástrofe. A preocupação de assegurar a subsistência pessoal dominava tudo: era preciso ir diariamente aos escritórios trabalhar, fazer fila diante dos armazéns ou das sopas populares, lutar para obter alguns bocados de comida para sobreviver, e, ao lado disso, vaguear com apatia e desespero pelos cafés desertos, pelas esquinas das ruas e pelas residências sombrias, com a sensação de estar dissipando a vida. Em setembro de 1930, o número de desempregados ultrapassou novamente a barreira dos três milhões. Um ano depois, eram quase quatro milhões e meio, e, em setembro de 1932, mais de cinco milhões, depois que as estatísticas tinham registrado desde o início do ano mais de seis milhões de inativos, sem levar em conta trabalhadores de tempo reduzido. Aproximadamente uma de cada duas famílias era diretamente atingida, e de 15 a 20 milhões de indivíduos se viram reduzidos a um tipo de sustento que, segundo os cálculos do jornalista

americano H.R. Knickerbocker, bastava, em certo sentido, para viver, pois o beneficiário levava dez anos para morrer de fome. [14]

Um sentimento de desânimo total e do absurdo dominava tudo. Entre os fenômenos que acompanharam esta crise, convém assinalar uma onda de suicídios sem precedentes, cujas vítimas eram sobretudo banqueiros e homens de negócios falidos; mas, à proporção que progredia a crise, esta tendência se alastrava mais e mais pela classe média e pequena burguesia, atingia os pequenos proprietários, os pequenos comerciantes, os empregados, os meeiros que, com seu manifesto senso de conveniência, sempre tinham sentido a pobreza não apenas como uma falta, mas ainda mais como uma marca aviltante de degradação social. Não era raro famílias inteiras precipitarem-se em conjunto para a morte. Com a natalidade em baixa e a mortalidade em alta, vinte grandes cidades alemãs viram sua população diminuir. O conjunto dessas imagens caóticas e o caráter às vezes grotesco de um capitalismo desumano e desnaturado anunciavam o declínio iminente de uma época. E, como sempre acontece nesses casos, a atmosfera de decadência suscitava a esperança fervorosa e a nostalgia ilógica de uma subversão radical do mundo inteiro. Charlatães, astrólogos, videntes e espíritas tinham a faca e o queijo na mão. Se a miséria não ensinava a rezar, inculcou, entretanto, sentimentos pseudorreligiosos e atraiu involuntariamente os olhares para as manifestações de graça que não eram unicamente da alçada humana e prometiam outra coisa que não normalidade, ordem, "política", revelando aos homens um sentido da vida que eles haviam perdido.

Com instinto seguro, Hitler soube, melhor do que ninguém, reconhecer essa aspiração e fazer-se acreditar. Esta foi realmente a sua hora. De um só golpe, abandonou sua atitude fleugmática e a tendência ao isolamento, tantas vezes manifestada nos anos anteriores. Havia muito tempo que não tinha ocasião de manifestar seu *páthos* . O plano Dawes, as discussões sobre os ocupantes ou a política externa de Stresemann não constituíam objetos de excitação suficiente e ele sabia, sem dúvida, que a desproporção entre esses estados de fato e a exaltação que tentara manifestar a propósito tivera aspectos absurdos. Agora, via finalmente surgir a atmosfera de catástrofe que fornecia um cenário dramático para sua exaltação demagógica. Os pontos de fixação sobre os quais apoiava sua agitação continuavam a ser, na verdade, Versalhes e a política externa de Stresemann, o parlamentarismo e a ocupação francesa, o marxismo e sobretudo a conjuração mundial dos judeus; mas cada uma dessas noções se ligava facilmente ao mal-estar reinante e à miséria que todos sentiam.

A superioridade de Hitler em relação a seus concorrentes manifestou-se

sobretudo em sua aptidão para dar aos seus desejos pessoais e ao desespero das massas a cor de uma decisão política, e para misturar as próprias intenções com as expectativas mais contraditórias. Os porta-vozes de outros partidos dirigiam-se à população com certo embaraço, esforçando-se para ser persuasivos. Confessando sua perplexidade, baseavam-se na solidariedade a todos os impotentes em face da catástrofe. Quanto a Hitler, mostrava-se otimista, agressivo, confiante no futuro, e cultivando suas inimizades: “Por minha vida”, declarou ele, “nunca me senti tão bem e interiormente tão contente como naqueles dias.” [15] Com brados de alarme de rica variedade apelava aos homens desamparados, cheios de angústia ante a ideia de não pertencerem a uma classe, que se sentiam igualmente oprimidos à direita e à esquerda pelo capitalismo e pelo comunismo e criticavam o apoio que se dava à ordem existente. Seu programa rejeitava um e outro: ele era anticapitalista e antiproletário, revolucionário e restaurador da ordem, aliava frias visões do futuro às nostalgias dos bons tempos antigos e se apoiava de maneira sugestiva no paradoxo de uma indignação revolucionária que impelia o povo a retornar ao estado antigo. Seu programa rompia deliberadamente com todas as frentes tradicionais. Mas, situando-se clara e radicalmente fora do “sistema”, Hitler demonstrava que não era a favor de nada dentro daquela miséria reinante, e justificava seu veredicto sobre a situação.

Como para dar-lhe razão, as instituições parlamentares desmoronaram desde a primeira provação. Antes mesmo que a crise chegasse ao apogeu, a Grande Coalizão se desagregou na primavera de 1930. Seu fim já era indício do fim da república. Em primeiro plano, havia a divergência de opiniões entre os partidos opostos sobre a repartição dos encargos no seguro-desemprego; esse desacordo, que havia muito ameaçava explodir, era de fato uma coisa mínima. No entanto, o governo de Hermann Muller ruiu porque em quase todos os campos políticos nascia bruscamente a tendência para refugiar-se na oposição, e a população que passou para os extremos não fez senão repetir, em outro plano, o que já tinham realizado os social-democratas e o *Deutsche Volkspartei* , Partido Popular Alemão. O rompimento mostrou como eram frágeis as retaguardas da república, e viu-se que as lealdades repousavam em base pouco sólida. A república, entretanto, realizara em alguns anos obras consideráveis, mas sua atividade sempre se desenvolvera monotonamente e, mesmo em seus melhores momentos, no fundo apenas aborrecera o povo. Hitler foi o primeiro a mobilizar as motivações nem conhecidas nem exploradas pelo zelo cotidiano e laborioso dos políticos republicanos: o gosto da utopia, dos objetivos elevados, dos apelos à grandeza e ao sacrifício, a necessidade elementar de comando, todos esses sentimentos que traíam a opacidade de meios de poder modernos, bem como o desejo de interpretar de

maneira heroica as misérias do momento.

Bem mais do que as vagas promessas econômicas, foram essas palavras de ordem do “terceiro valor” que conduziram as massas desorientadas pelo caminho do Partido. O próprio Hitler eliminava agora as reservas que tivera contra um partido de massas, e a grande maleabilidade da sua organização foi provada pela primeira vez. Não sendo entravado nem por um programa preciso nem pela limitação de membros de uma só classe, o Partido estava em condições de absorver, quase sem nenhuma dificuldade, os elementos mais distanciados e opostos. Pouco importava a proveniência, a idade, o motivo: o perfil de seus membros parecia bizarramente sem estrutura e renegava toda noção estrita de classe. É, mais uma vez, desconhecer o motivo determinante que permitiu a ascensão do partido de Hitler interpretá-lo unicamente de um ponto de vista socioeconômico, como um movimento das massas burguesas e camponesas retrógradas e tentar explicar sua dinâmica pelos interesses materiais de seus partidários.

As múltiplas contradições entre os pequenos artesãos, os camponeses, os grandes magnatas de empresas e os consumidores eram todas, a seu modo, indispensáveis ao partido, mas limitavam as possibilidades de formar um movimento de classe. Era o obstáculo contra o qual todo partido tinha esbarrado, mais cedo ou mais tarde. A dificuldade parecia insuperável e, nessa época de grave miséria social e econômica, não se podia resolver o problema lançando promessas vazias para todos os lados. Essa tática abundantemente usada não iludia mais ninguém. Aquele que se apoiava nos desejos materiais não podia conquistar as massas senão prometendo salários mais altos e preços mais baixos, mais dividendos e menos impostos, rendas melhores, direitos aduaneiros mais elevados, e, em relação aos produtos agrícolas, preços mais elevados para os produtores e preços mais baixos para os consumidores. A habilidade de Hitler consistiu justamente em se situar, nos seus ruidosos apelos, além das contradições econômicas e utilizar sobretudo os interesses materiais para se distinguir eficazmente de seus adversários: “Eu não prometo, como os outros, felicidade e prosperidade”, bradava às vezes. “A única coisa que posso dizer é que nós queremos ser nacional-socialistas, queremos reconhecer que não temos o direito de ser nacionais, de exclamar *Deutschland, Deutschland uber alles* , quando milhões dentre nós estão desempregados e nem ao menos têm o que vestir.” [16] Sua superioridade provinha também do fato de ter compreendido que a atitude do homem não obedece exclusivamente a motivos econômicos. Ele se baseava sobretudo na necessidade de ter uma razão pessoal de existir e confiava na força do “terceiro valor” que fazia em pedaços a noção de classe. Honra nacional,

dignidade, conjuração, sacrifício, dedicação desinteressada, tais eram suas palavras de ordem: “E, vejam vocês, já estamos em marcha!”

A repercussão e a audiência do partido continuavam limitadas às classes médias, que tinham sido as primeiras a apreciar-lhe as concepções políticas e que sempre tinham mostrado uma tendência a escapar das situações difíceis abrigando-se num sistema selvagem e sem complicações. Nos partidos existentes, suas aspirações, ressentimentos e interesses eram representados apenas imperfeitamente. A maldita república os afastara da política, mas a fome e a angústia os conduziam outra vez, em caminhadas sem rumo, a procurar novamente “seu” partido. No encontro com Hitler, essas classes não só sucumbiram a uma grande força demagógica, mas também foram quase que igualmente conquistadas por uma perturbadora semelhança de destino: esse burguês, terrivelmente angustiado por ser um deslocado dentro das classes sociais, tinha, também ele, falhado em suas ambições, antes de descobrir a política, que o libertara e levara às alturas – e a classe burguesa prelibava os mesmos efeitos mágicos. O destino de Hitler parecia-lhe a apoteose de sua própria sorte.

Foi esta “classe média em declínio” que permitiu ao Partido Nazi tornar-se um partido de massas e lhe havia desenhado o perfil sociológico durante todos esses anos. Seria um erro supor que a miséria econômica preparou diretamente o terreno para as palavras de ordem do Partido; não foi nas grandes cidades e regiões industriais, onde a depressão econômica atingiu o auge, que o partido de Hitler obteve o máximo de adeptos, mas nas pequenas cidades e nas regiões agrícolas. Aqui, contra o pano de fundo de uma ordem ainda mais ou menos intacta, a miséria era sentida de maneira mais primitiva, mais catastrófica do que nas grandes cidades que tinham sempre vivido em boa união com essa miséria. Também aqui a noção de caos, em si, não era senão uma variante para designar o comunismo. [17]

Com o evoluir da crise, o Partido conseguiu, afinal, seus primeiros êxitos na classe operária. Gregor Strasser, é verdade, malograra em sua tentativa de eliminar o “marxismo de empresa”, com a ajuda de uma organização de células de empresa. (“Nenhum posto de trabalho sem um posto nazi”, dizia Goebbels). Esse fracasso devia-se em grande parte ao fato de que Hitler sempre mantivera reserva ante a ideia de uma grande organização sindical nacional-socialista: o exemplo do Partido Social-Democrata parecia-lhe demonstrar como um partido podia deixar que a ideia de revolução mundial lhe fosse arrebatada por uma aliança com os sindicatos, e como perdia de vista a libertação do gênero humano, fixando-se em problemas de salários. Em todo caso, Hitler dava pouco ou nenhum apoio à esquerda nacional-

socialista em seus esforços para conjurar o perigo de que um partido “social-revolucionário” como o Partido Nazi degenerasse num “partido unicamente antissemita e pequeno-burguês”. “A conquista de um só operário é infinitamente mais preciosa do que as adesões de uma dúzia de personalidades ‘de alta posição’ e de excelências”, disse um da esquerda. [18] Mas Hitler tinha razão novamente: se o Partido permaneceu muito tempo impotente ante a classe operária, que tinha uma consciência de classe, conseguiu êxitos manifestos junto às massas crescentes de desempregados. O receptáculo ideal foi sobretudo a SA. Em Hamburgo, de 4.500 membros da SA, havia 2.600 sem trabalho, ou seja, 60%. Em Breslau, em dia muito frio, uma *Sturmabteilung* não pôde apresentar-se à inspeção porque não tinha sapatos.

Diante dos escritórios de ponto, onde os desempregados deviam apresentar-se duas vezes por semana, grupos de recrutadores organizados distribuíam a folha de propaganda *Der Erwerbslose* (*O Desempregado*), adaptada às preocupações e misérias dos interessados, e levavam as pessoas presentes a intermináveis discussões. Os comunistas, que se viam desafiados pelos nazis em seu próprio terreno, reagiram vivamente, e houve rixas e combates de rua que se transformaram pouco a pouco naquela “guerra civil disfarçada” que, até janeiro de 1933, deixou marcas mal visíveis, porém sangrentas, e que só foi sufocada bruscamente quando um dos lados chegou ao poder. A questão tivera início em março de 1929 com uma violenta discussão em Dithmarschen, em que dois membros da SA, o camponês Hermann Schmidt e o marceneiro Otto Streibel, tinham morrido e trinta pessoas ficado gravemente feridas. Agora, a discórdia ganhava mais e mais as grandes cidades, onde os bairros operários e os saguões de edifícios transformaram-se no sombrio cenário de uma guerrinha cujas bases eram cafés e tavernas, esses *Sturmlokalen* , que um dos participantes descreve como “posições fortificadas” na zona de combate. [19] Desde 1º de maio de 1929, começaram, no setor leste de Berlim, as hostilidades entre a SA, de um lado, e do outro *Roter Frontkampfverbund* (Liga de Combatentes da Frente Vermelha), organização de combate dos comunistas. Ruas inteiras viveram a ruidosa excitação dos tempos de guerra, e houve 19 mortos e perto de quarenta feridos graves. Para fazer cessar os combates, foi necessária a intervenção maciça da polícia, que terminou usando carros blindados.

Berlim tornava-se cada vez mais o centro da estratégia nacional-socialista para a conquista do poder. Cidade tradicionalmente esquerdista, onde os partidos marxistas sempre tinham vencido com grande margem seus rivais, não era só o bastião a conquistar na sequência da política de legalidade: o

Partido Nazi aí dispunha também, na pessoa de Goebbels, do homem com bastante energia e audácia para ir, com um pequeno número de partidários, provocar os "vermelhos" no seu reduto, lá mesmo onde eles se acreditavam inatacáveis. "Adolf Hitler come Karl Marx!" – um dos audaciosos *slogans* que ele lançou para abrir a luta. Fez seus partidários saírem dos subúrbios burgueses, onde o partido até agora vivera à vontade, sem ser importunado senão por suas disputas pessoais. Goebbels enviou seus homens ao norte e ao leste da cidade, ao coração dos bairros pobres, e, pela primeira vez, disputou com a esquerda a rua e as fábricas. Com seu semblante pálido de quem passava noites em claro, vestindo seu dólmã de couro com duas fileiras de botões, Goebbels era uma das figuras características da galeria de personagens da época. A inquietação da esquerda, que se contentara todo esse tempo em imitar a revolução mundial diante das massas decepcionadas, reflete-se na fórmula, que ficou célebre, com que a direção de Berlim do Partido Comunista reagiu, em agosto de 1928, diante da concorrência exercida por Goebbels: "Enxotem os fascistas das fábricas! Pau neles onde os encontrem!"

Seguindo o exemplo de Hitler, Goebbels calcou seus métodos sobre a atitude do adversário, imitando a propaganda socialista: palavras de ordem em coro, desfiles de fanfarras, propaganda nos locais de trabalho, células de rua, manifestações maciças e trabalho de porta em porta. Essas práticas punham novamente em circulação o "grande estilo muniquense", desejado por Hitler. Goebbels deu à fisionomia do partido certos traços urbanos e intelectuais que lhe abriram novos ambientes. Tinha o espírito, as maneiras cínicas de quem é capaz de impressionar o público. Pegou o slogan republicano *Schutz alle die Republik!* (Defendei todos a República), e dele criou uma sigla usando as iniciais, *Schadre* , vocábulo ofensivo referente a matéria fecal em iídiche. Quanto ao apelido utilizado pelos agitadores adversários, *Superbandido de Berlim* , fez dele um título de honra, de que se pavoneava com ironia. Explorou habilmente uma fórmula das jornadas revolucionárias de 1918, com que se prometia uma vida de beleza e dignidade; assim, à cabeça da lista de suicídios, publicada cruamente no *Angriff* , repetia constantemente a fórmula: "Não puderam suportar por mais tempo a felicidade desta vida de beleza e dignidade…" Em seguida, vinham os nomes. [20]

Esse dom ilimitado de aprender com o adversário, essa absoluta falta de presunção tática, distinguiu os nacional-socialistas dos conservadores de modelo antigo, dando um andamento moderno à sua agressividade reacionária. É interessante notar que eles acompanhavam com muito mais atenção a imprensa revolucionária de esquerda do que os jornais burgueses e,

em suas próprias publicações, imprimiam muitas vezes “importantes passagens” de instruções comunistas, para informação de seus próprios partidários. [21] Imitando, também aqui, a prática dos comunistas, eles se esforçavam igualmente para desmoralizar o adversário por sua atitude brutal, não sem antes apresentar a própria fraqueza como consequência de insegurança e de idealismo. “Herói com um grande coração de criança”, “Socialista de Cristo”, sentenciou descaradamente Goebbels, quando quis transformar em mártir Horst Wessel, o chefe das SA abatido por um rival comunista, ainda que esse crime fosse motivado principalmente por ciúmes, cujo objeto era uma prostituta. Ele conseguia efeitos dramáticos expondo sobre macas, ao lado de sua tribuna de orador, os feridos dos combates de rua, cobertos de curativos. O relatório policial sobre as desordens sangrentas em Dithmarschen mostrara o impacto dos mortos e dos feridos em matéria de propaganda, e confirmara ao movimento de Hitler até que ponto vítimas ensanguentadas podiam servir aos propósitos da agitação. O texto relatava que os nacional-socialistas registraram cerca de 30% de novas inscrições e observava que, desde então, “velhas camponesas simples trazem a suástica sobre seus aventais azuis de trabalho. Conversando com essas mães de família, sente-se que elas não têm a mínima ideia sobre os fins e objetivos do Partido Nacional-Socialista. Mas estão convencidas de que todas as pessoas honestas da Alemanha são exploradas, de que o governo é incapaz (…) e de que os nacional-socialistas são os únicos capazes de pôr fim a essa pretensa miséria.” [22]

A conquista mais importante do Partido Nazi foi no setor da juventude. Melhor do que qualquer outro, o partido soube explorar as aspirações e a esperança perdida da jovem geração. Naturalmente, a geração de 18 a trinta anos era particularmente atingida pela crise. Sua ambição e seu desejo de afirmação se esvaziavam ante o maciço desemprego reinante. Esses jovens, que eram revolucionários e ao mesmo tempo fugiam da realidade, constituíam um gigantesco potencial agressivo. Desprezavam o mundo que os cercava, o domicílio familiar, os educadores e as autoridades tradicionais, que nada faziam senão buscar desesperadamente uma volta à antiga ordem burguesa que os jovens tinham repudiado havia muito tempo: “Não podemos mais olhar para trás com confiança e somos bastante sadios para dizer não”, sentenciava um poema da época. [23] No plano mais doutrinário, esse estado de espírito refletia-se, por exemplo, na fórmula segundo a qual a Alemanha perdera não só a guerra mas também a revolução, e devia recuperá-la. Em sua maioria, a juventude desprezava a república que glorificava a própria impotência e apresentava sua fraqueza e sua indecisão como resultado de uma vontade e de um compromisso democrático; rejeitava também seu

materialismo vulgar de estado social, seus “ideais epicuristas” em que a juventude não encontrava nada do humor trágico da existência.

Ao mesmo tempo que à república, repudiava também ao tipo tradicional de partido que deixava insatisfeito seu gosto pelas comunidades “orgânicas”, despertado pelo movimento de juventude e confirmado de forma legendária durante a guerra. O ressentimento contra “a dominação dos velhos” exacerbava-se diante da máquina tradicional dos partidos e de sua tacanha honestidade. Nos enormes rostos impávidos dos mais velhos, nada refletia a inquietude e a consciência — tão espalhadas no meio dessa juventude burguesa — de que se chegara a uma encruzilhada da história. Uma parte importante da juventude aderiu aos comunistas, embora a estreiteza do partido, com sua luta de classes, lhes tornasse o acesso difícil; outros procuraram exprimir seu esmaecido rigorismo no movimento nacional-bolchevique de múltiplas cores; mas a maioria deles, sobretudo entre os estudantes, passou para os nacional-socialistas. O Partido Nazi era sua solução natural. Na mirabolante oferta ideológica apresentada pela propaganda do partido, viam sobretudo os tons revolucionários; buscavam a disciplina, o sacrifício, e sentiam-se, além disso, atraídos pelo romantismo de um movimento que operava sempre no limite extremo da legalidade e permitia aos menos escrupulosos avançar um pouco além. Era menos um partido do que uma comunidade de combate que chamava o homem em sua totalidade e opunha a um mundo apodrecido, em decomposição, o *páthos* de uma nova ordem marcial.

Sob o influxo das novas gerações, o Partido adquiriu, sobretudo antes de tornar-se partido de massas, o caráter de um movimento de juventude, de estilo particular. Na circunscrição de Hamburgo, por exemplo, em 1925, dois terços dos membros tinham menos de trinta anos; em Halle, eles chegavam a 86%, e em outros lugares as cifras eram mais ou menos semelhantes. Em 1931, 70% da SA de Berlim tinham menos de trinta anos, e, no conjunto do partido, cerca de 40% situavam-se nessa faixa de idade, enquanto no Partido Social-Democrata-SPD a juventude constituía apenas metade dos efetivos. Se 10% dos deputados do SPD tinham menos de quarenta anos, os nacional-socialistas tinham 60% dos seus deputados nesse caso. Os esforços de Hitler para se dirigir aos jovens, estimulá-los e confiar-lhes responsabilidades mostraram-se extremamente eficazes. Goebbels tornou-se *gauleiter* aos 28 anos, Karl Kaufmann aos 25, Baldur von Schirach tinha 26 quando foi nomeado chefe da juventude do Reich, e Himmler só tinha dois anos mais quando foi promovido a chefe das SS. O absolutismo e a fé inabalável desses jovens dirigentes, sua “energia puramente física e seu gosto pelo combate”,

contou mais tarde um deles, “conferiam ao Partido uma força de impacto à qual os partidos burgueses tinham cada vez menos qualquer coisa de válido a opor”. [24]

Todos esses traços caracterizavam a composição do Partido Nazi desde 1929, antes mesmo da grande arrancada. Seu corte sociológico continuava, entretanto, fluido e velado intencionalmente por slogans altissonantes através dos quais Hitler dissimulava os fatos de que a propaganda junto às classes operárias politizadas não registrava senão um relativo sucesso, e de que o Partido continuava limitado a seus meios de origem. No dia 5 de junho de 1930, a Baviera decretou uma proibição de usar o uniforme; uma semana depois, a Prússia proibiu a camisa parda, de sorte que os SA, daí em diante, tiveram de circular usando camisa branca. E 15 dias mais tarde, o mesmo *Land* proibiu seus funcionários de pertencerem ao NSDAPPartido Nazi e ao KPD-*Kommunistische Partei Deutschlands* (Partido Comunista da Alemanha). O desejo de resistência do governo traduziu-se também por um número crescente de processos judiciários. Até 1933, houve cerca de 40 mil processos, durante os quais foram decretados 14 mil anos de prisão e perto de um milhão de marcos de multas. [25]

Esses gestos não bastaram para apagar a impressão de debilidade, aliada indelevelmente ao “sistema”. Com o fim inglório da Grande Coalizão, chegara-se — no *entourage* do presidente do Reich, von Hindenburg, que até ali se mostrara hostil à constituição, guardando-lhe apenas uma fidelidade formal — a conclusões favoráveis à substituição do regime parlamentar incapaz por um regime presidencial autoritário. E mesmo opondo-se a esses argumentos, o presidente interveio pela primeira vez, de maneira enérgica, nas conversações que precederam a formação de um novo governo. A escolha de Heinrich Bruning mostrou igualmente que Hindenburg pretendia, de agora em diante, meter-se também nos negócios do governo; pois a pessoa do novo chanceler aliava lealdade, força de caráter e senso do dever a uma sobriedade romântica que parecia prepará-lo para os sacrifícios anônimos que Hindenburg tinha, desde sempre, exigido de sua equipe. Pouco tempo depois de assumir suas funções, Bruning arriscou, com exagerada pressa e sem haver esgotado todas as possibilidades de acordos, uma derrota parlamentar: dissolveu o parlamento, num momento em que o desemprego não cessava de aumentar e a angústia da crise não parava de crescer. O ministro do Interior, Wirth, em vão tinha concitado os opositores a ceder e a não transformar a crise do parlamento em uma crise do sistema; parece que a democracia estava cansada de si mesma. Novas eleições foram convocadas para novembro. [26]

A propaganda nacional-socialista, que diminuíra um pouco o ritmo, floresceu novamente, retomando aquele tom estridente que animara a campanha contra o plano Young. Seus comandos de campanha surgiam novamente como enxames e espalhavam-se ruidosa e turbulentamente pelas cidades e pelos campos, onde organizavam uma sequência contínua de concertos públicos, festas esportivas, corridas de automóveis e *rallies* ou desfiles e cerimônias religiosas. Sabiam ser razoáveis, rigorosos ou entusiastas, e aproximavam-se bem mais do povo do que seus concorrentes. “Fora com os parasitas, arranquem as máscaras desses rostos de palhaço. Agarrem-nos pelo pescoço, ataquem pelos flancos e no 14 de setembro, chutem suas panças e expulsem fragorosamente esses vendilhões do templo”, escrevia Goebbels, para quem essa luta eleitoral era a primeira prova depois de sua nomeação para chefe da propaganda. Ernst Bloch falou do “estúpido entusiasmo” dos nazis; mas foi justamente disso que eles tiraram uma parte de sua superioridade, enquanto os comunistas, apesar de sua arrogante segurança, tinham sempre um modo de se apresentar indefinido e sombrio, como se tivessem a seu favor não a história mas o cotidiano. Os dois ou três mil alunos da escola de oratória do partido chegavam, agora, em grandes grupos organizados, e se a noção de sabedoria ideológica, já gasta e delicada, conquistava pequeno número de adeptos novos, em compensação a aparição de inúmeros batalhões de pequenos propagandistas reforçava ainda mais a impressão de atividade infatigável e sem par que, segundo Hitler, tinha grande poder de sugestão. Os oradores veteranos, ligados ao *Gau* (região) ou ao Reich, se apresentavam ao mesmo tempo à população, no esquema de manifestações luxuosamente organizadas. “Comícios reunindo de mil a cinco mil participantes”, observa um memorando do ministro prussiano do Interior, “realizam-se diariamente nas grandes cidades; deve haver mesmo, frequentemente, uma ou várias reuniões paralelas, porque os locais previstos não podem comportar o número dos participantes.” [27]

Hitler pessoalmente aparecia em toda parte em primeiro plano, na qualidade de chefe, vedete e organizador da campanha. Abrira fogo com uma grande manifestação em Weimar e, desde então, estava incessantemente viajando, de carro, de avião, de trem. Por toda parte onde aparecia, punha as massas em movimento, sem ter qualquer plano ou teoria sobre a crise e a maneira de resolvê-la. Mas tinha uma resposta, sabia apontar os culpados: os aliados, os políticos corrompidos do sistema, os marxistas e os judeus. Sabia as condições para pôr fim à miséria: vontade, consciência de si próprio e reconquista da força. Seus apelos ao sentimento ficavam sempre “no campo das generalizações”. “Não me importunem com suas discussões cotidianas!”, dizia ele, insinuando que tais questões tinham acarretado a perda do povo

alemão. “Os problemas cotidianos só servem para obscurecer a vista e impedir a visão dos grandes problemas.” Para ele, a crise do sistema parlamentar provinha do fato de que os partidos e seus objetivos muitas vezes tinham girado demasiadamente em torno da “balbúrdia do dia a dia” para que “os homens estejam prontos a se sacrificar”. [28] Sempre seguia a receita de sucesso comprovado que consistia em atribuir todas as desgraças do momento a algumas causas fáceis de apreender, emprestando-lhes porém uma amplidão e uma aura demoníacas, desenhando um sombrio panorama mundial, povoado por inquietantes figuras. O imponente cerimonial e o caráter ousado de suas aparições em público não produziam menos efeito do que seus dotes de orador. Sempre tinha o cuidado de fazer com que suas afirmações fossem traduzíveis em slogans e dessem origem a numerosas palavras de ordem incisivas e eficazes, suscetíveis de abrir caminho nas camadas incontroladas da consciência muito tempo depois de seu discurso. Naquelas semanas adquiriu, além de uma extraordinária experiência de organizador, o refinamento psicotécnico que deveria aplicar dois anos mais tarde em campanhas bem mais amplas e mais impetuosas.

O Partido Nazi mostrava em seu programa uma confusão que contrastava claramente com a energia e o barulho de sua agitação. É assim que se explica ter sido subestimado por muito tempo. Segundo o julgamento crítico contemporâneo, ele se afirmava principalmente como um fenômeno ruidoso, embaraçoso e ligeiramente maluco em tempos tumultuosos e um tanto insensatos. Uma fórmula brilhante e, ao mesmo tempo, toda errada, de Kurt Tucholsky sobre Hitler prova este erro de julgamento: “O homem não existe, só existe o barulho que ele faz.” [29] Não se deu atenção a um memorando do ministro do Interior que revelava o caráter anticonstitucional do Partido, mal disfarçado atrás de protestos formais de legalidade; em lugar disso, as pessoas preferiram notar a força explosiva inerente às contradições internas desse partido precipitadamente inflamado, ao seu nível intelectual medíocre, à brutalidade e à ambição de seus dirigentes.

Essa expectativa foi reforçada pelas crises que pareceram ainda abalar gravemente o Partido no verão de 1930. Só se soube mais tarde que se tratava de operações de expurgo que aumentaram o procedimento disciplinar do partido e seu impacto. Levado pelo entusiasmo que crescia de todos os lados, e pressentindo uma oportunidade única nessa trepidação cada vez mais ensurdecedora, Hitler se acautelou, livrando o partido de seus últimos detratores e opositores independentes. Primeiramente, forçou a esquerda do partido, cuja posição se tornara cada vez mais insustentável, a uma explicação

havia longo tempo adiada. Enquanto o Partido Nazi se apresentara como um partido marginal e não se distinguira senão pelo barulho que fazia, sem ser obrigado a pôr seus princípios em prática nos parlamentos e nos governos, nada de mal havia em ocultar suas divergências ideológicas. Os êxitos eleitorais que acabara de conquistar o forçavam agora a se explicar sem demora. Otto Strasser e seus adeptos sempre tinham posto em questão a política de legalidade pretendida por Hitler e reclamado uma "tática de catástrofe" agressiva; também tinham manifestado um anticapitalismo eloquente, pleiteado importantes nacionalizações, exigido uma aliança com a União Soviética, ou apoiado movimentos locais de greve, desviando-se assim da linha do partido. Com isso, não apenas punham em jogo as relações proveitosas que acabavam de se estabelecer entre o partido e a economia, mas comprometiam também a tática de Hitler, que era contornar os problemas, deixando sempre uma abertura para todos os lados. Já em janeiro, o Führer do Partido pedira que Otto Strasser lhe entregasse sua editora. Numa atitude enganadora, entremeando bajulações com ameaças a tentativas de corrupção, depois enchendo os olhos de lágrimas, Hitler oferecera ao companheiro recalcitrante o posto de diretor de imprensa na central de Munique e 80 mil marcos por sua casa editora. Fizera apelo ao antigo soldado e ao nacional-socialista de longa data, mas Strasser, que se considerava o guardião da verdadeira ideia nacional-socialista, rejeitara todas as ofertas e repelira as manobras de intimidação. Houve então uma entrevista decisiva, nos dias 21 e 22 de maio de 1930, no QG berlinense de Hitler, o Hotel Sans Souci, na Linkstrasse. Na presença de Max Amann, Rudolf Hess e Gregor Strasser, irmão de Otto, os antagonistas trocaram seus argumentos acaloradamente, num encontro que durou sete horas.

À sua maneira de autodidata, que fez mais tarde o desespero mudo dos mais chegados a ele, Hitler abriu essa entrevista, relatada depois por Strasser, com considerações doutrinárias sobre arte (esta não conhece nenhuma ruptura revolucionária, mas consiste unicamente em "arte eterna", e o que merece este nome é greco-nórdico, o resto é tapeação); depois falou sobre o papel da personalidade, sobre os problemas de raça, economia mundial e fascismo italiano, para voltar em seguida ao socialismo, à "pergunta de Pilatos" [30] — a natureza da verdade — que naturalmente estava em suspenso desde o início. Acusou Strasser de pôr a ideia acima do Führer e de "querer dar a cada correligionário o direito de decidir sobre a ideia, e até de decidir se o Führer ainda era fiel ou não à famosa ideia". Essa, gritou ele furioso, era a pior forma de democracia, inadmissível no movimento deles. "Entre nós, o Führer e a Ideia são uma coisa só, e cada partidário deve fazer o que ordena o Führer, que encarna a ideia e só ele conhece seu fim último." Não iria permitir, disse

ele, a destruição, “por alguns literatos pretensiosos, da organização do partido, edificado sobre a disciplina de seus membros”.

A incapacidade de Hitler ver as relações humanas senão sob um aspecto hierárquico raramente se manifestou de maneira tão evidente como no curso dessa discussão. A toda e qualquer consideração ou objeção opunha, como num reflexo intelectual, a questão da autoridade: quem tem o poder de mandar, quem comanda e quem obedece? Tudo se reduzia rigorosamente à oposição entre senhores e criados; havia a massa bruta e sem cultura e a grande personalidade, de quem aquela era instrumento e material. Para satisfazer à legítima necessidade de proteção e assistência exigida pelas massas, havia, segundo seu ponto de vista, o socialismo. Quando Strasser o acusou de tentar estrangular o socialismo revolucionário do partido em benefício de suas novas relações com a reação burguesa, Hitler respondeu com veemência: “Eu sou socialista, mas de maneira alguma como o afortunado conde Reventlow. Comecei como simples operário. Ainda hoje não posso suportar que meu motorista se alimente com comida diferente da minha. Mas isso que vocês entendem por socialismo é um grosseiro marxismo. Vejam vocês: a grande massa dos trabalhadores não quer senão pão e divertimentos, não tem nenhum ideal; e nós não podemos jamais pensar em conquistar os trabalhadores em grande quantidade. Queremos uma nova classe de senhores que não seja movida por qualquer moral de compaixão, mas que saiba claramente que tem o direito de reinar porque é de melhor raça e que mantenha e assegure essa dominação sobre as massas (…) Todo esse sistema de vocês é um trabalho de gabinete que nada tem a ver com a vida real.” E, voltando-se para seu editor: “Herr Amann, o senhor toleraria que seus estenotipistas lhe cortassem bruscamente a palavra para se meter na conversa? O chefe de empresa que tem responsabilidade da produção arranja também o pão para seus operários. Nossos grandes empresários não têm como objetivo exclusivamente juntar dinheiro ou levar uma vida próspera etc. O que mais lhes importa é a responsabilidade e o poder. Eles chegaram ao ponto mais alto de sua competência e, graças a essa seleção que, por sua vez, prova a superioridade da raça, têm o direito de dirigir.” Quando Strasser, após animada discussão, apresentou-lhe a questão-chave, isto é, se, em caso de ele tomar o poder, o sistema de produção continuaria inalterado, Hitler respondeu: “Mas naturalmente. Você acha que eu sou bastante louco para destruir a economia? O estado não interviria senão no caso de as pessoas não agirem no interesse da nação. Para isso, não há necessidade de expropriação ou direito de cogestão. Pois, na realidade, não existe senão um sistema: ‘Responsabilidade para com os superiores, autoridade para com os inferiores’, desde milênios tem sido assim e não pode ser de outra maneira.” [31]

Nesse socialismo de Hitler não se encontra nem motivação humanitária nem necessidade de transformar a sociedade; seu socialismo — ele mesmo o disse — "nada tem a ver com uma construção mecânica da vida econômica"; é, antes, a noção complementar da palavra "nacionalismo"; significa a responsabilidade do todo em face do individual, enquanto o "nacionalismo" é a dedicação do individual ao todo; no nacional-socialismo, os dois elementos se fundem. Essa habilidade servia a todos os interesses e tirava seu sentido desses conceitos que se tornaram simples fórmulas. O capitalismo não encontrava sua realização senão no socialismo hitleriano, enquanto o socialismo não era realizável senão na economia capitalista. Se aquela ideologia tinha a etiqueta de esquerda, era sobretudo por considerações táticas. Ela exigia do estado, poderoso exterior como interiormente, que governasse de maneira absoluta a "grande massa dos anônimos", a "coletividade dos eternos menores de idade". [32] Qualquer que tivesse sido o ponto inicial de sua caminhada, em 1930 o Partido Nacional-Socialista era "socialista" à moda de Hitler, pois era preciso aproveitar a força eleitoral de um vocábulo popular, e era um "partido dos trabalhadores" porque era preciso garantir a força social dotada de maior energia. Como a profissão de fé na tradição, os valores conservadores ou cristãos, as palavras de ordem socialistas pertenciam a essa cortina de fumaça ideológica, fácil de manipular, que servia para mascarar a realidade e semear a confusão, e se enfeitava com slogans diversos, variáveis segundo as necessidades do momento. Um jovem adepto entusiasta do partido verificou, numa conversa com Goebbels, como os princípios do programa eram cinicamente desprezados, pelo menos na cúpula; tendo observado que o fato de a teoria econômica de Feder destruir a escravização ao pagamento de juros continha um elemento de socialismo, foi-lhe respondido que quem iria ser destruído era quem desse ouvidos a tais absurdos. [33]

A ingenuidade com que Otto Strasser reagiu às contradições e manobras da argumentação de seu interlocutor atingiu profundamente Hitler. Ele voltou a Munique de mau humor e, conforme era seu hábito nesse gênero de discordâncias, não se manifestou durante semanas, de sorte que Strasser ficou na incerteza total. Hitler só reagiu quando Strasser narrou a discussão num panfleto intitulado *Poltrona de ministro ou Revolução?* e acusou o chefe do partido de trair a essência socialista da ideia comum. Numa carta em que os erros de estilo revelam o grau de sua indignação, ordenou ao seu *gauleiter* berlinense que expulsasse, sem qualquer consideração, Strasser e seus auxiliares. Eis o que ele escreveu:

> Há meses, na minha qualidade de diretor responsável do NSDAP, esforço-me para frustrar as tentativas de semear discórdia, confusão e indisciplina nas fileiras do movimento. Sob o pretexto de

> querer lutar pelo socialismo, procura-se defender uma política que corresponde perfeitamente à política dos nossos adversários judeu-liberal-marxistas. O que se exige nesses círculos é o que desejam nossos inimigos. De agora em diante, tenho como necessário excluir do partido, sem deferências e sem exceção, esses elementos destruidores (…) O conteúdo essencial de nosso movimento foi moldado e determinado por nós. E fomos nós que fundamos este movimento, e que temos combatido por ele, sofrido por ele nas prisões, e que o salvamos da destruição e o elevamos à alta posição que ocupa atualmente. Aquele a quem não convém este conteúdo determinado por nós, e em primeiro lugar por mim, não deve entrar no movimento, ou deve deixá-lo. O Partido Nacional-Socialista não será, enquanto eu o dirigir, um clube de debates para literatos sem raízes ou bolcheviques caóticos de salão, mas continuará sendo o que é hoje: uma organização disciplinada que não foi criada pelos caprichos doutrinários de pássaros migratórios da política, mas tem em vista a luta pelo futuro da Alemanha, onde as noções de classe serão abolidas. [34]

Para cumprir a ordem, Goebbels convocou, a 30 de junho, uma reunião dos membros do *Gau* na Hasenheide de Berlim. “Quem não se enquadra”, proclamou ele à assembleia, “será posto para fora!” Otto Strasser e seus partidários, que tinham vindo para apresentar suas ideias, foram expulsos do recinto pelos SA. O grupo de Strasser falou então de “stalinismo em estado puro” e de “perseguição deliberada dos socialistas” pela direção do partido, mas era claro que estava derrotado. No dia seguinte, Gregor Strasser renunciou ao seu posto de editor nas *Edições de Combate* de Otto, e distanciou-se claramente de seu irmão. Von Reventlow e outros eminentes personagens da ala esquerda igualmente abandonaram os rebeldes; muitos deles obedeciam a razões econômicas, pois deviam a Hitler um emprego, uma sinecura, um mandato. Mas, em sua maioria, eram impulsionados por essa “lealdade pessoal quase doentia” que Hitler sabia despertar neles e manter acima e além de qualquer ato de infidelidade. Goebbels assegurou confiante que o partido “repeliria essa tentativa de sabotagem”. [35] A respeito disso, os jornais de Otto Strasser proclamaram a 4 de julho: “Os socialistas deixaram o NSDAP.” Mas quase ninguém o seguiu. Verificou-se que o partido quase não tinha socialistas e compreendia poucos indivíduos desejosos de ver sua atitude política interpretada de maneira teórica. Otto Strasser fundou novo partido, que se chamou inicialmente Nacional-Socialista Revolucionário e, mais tarde, Frente Negra, que, entretanto, jamais passou, realmente, de mera seita literária. Os partidários de Hitler foram proibidos de ler os jornais das *Edições de Combate* , mas os temas favoritos que eles apresentavam de qualquer maneira tinham pouca audiência; as revelações sobre a intimidade do movimento nazi soavam pedantes e inconvenientes em presença de um partido que parecia justamente responder ao apelo da história e engajar-se resolutamente na luta contra a catástrofe mundial. Quanto às discussões teóricas, ninguém se interessava. As massas depositavam suas esperanças e chances de salvação em Hitler, não em um programa.

A expulsão de Otto Strasser não apenas pôs fim, de uma vez por todas, à

única polêmica fundamental dentro do Partido Nazi como também significou para Gregor Strasser uma sensível perda de força. Agora ele já não dispunha nem de poder local nem de jornal. Era, como antes, diretor da Organização Política, residia em Munique e ainda tinha nas mãos numerosos fios de comando, mas afastava-se mais e mais dos membros do partido e da opinião pública. Seis meses antes, a Weltbuhne supunha ainda “que um dia bem próximo” [Gregor] afastaria para um canto seu mestre e senhor, Hitler, para assumir, ele mesmo, a direção do partido; [36] agora, ela já havia perdido esse poder e selado assim a derrota definitiva que deveria verificar-se dois anos mais tarde, quando superou sua resignação num último gesto de protesto, antes de voltar as costas ao partido, fatigado e desiludido.

Entre as consequências do caso Strasser inclui-se a sedição dos SA berlinenses, conduzidos pelo representante da OSAF do leste, o ex-capitão de polícia Stennes. O descontentamento das milícias era menos ligado à polêmica socialista do que a certas evidências de que existia na Organização Política um sistema de bonzos, uma economia de grupo, enquanto para as difíceis batalhas eleitorais eram pagos magros salários. Enquanto os SA, cansados e esgotados, deviam, noite após noite, “puxar a carroça”, a OP construía para si um luxuoso palácio, ricamente mobiliado, objeto de constantes censuras. Quando alguém ponderou aos SA que acabava de se construir para eles, na Casa Parda, um monumento de mármore e bronze, responderam que um monumento fúnebre não se podia fazer de outra maneira. A opinião difundida na organização política era de que os “SA só estavam ali para morrer”, escreveu um *OberFührer* . Perplexo, Goebbels pediu da Silésia, onde se encontrava, a ajuda de Hitler e da SS. Quando os SA revoltados invadiram, alguns dias mais tarde, o escritório do distrito, na Hedemannstrasse, viu-se o primeiro choque sangrento com a guarda negra de Himmler. A rebelião terminou imediatamente com a aparição de Hitler, o que mostra a extensão de sua autoridade. De início evitou exigir uma explicação aberta de Stennes e convenceu diretamente as tropas a recuar. Acompanhado de SS armados, foi de um local a outro, sentando-se às mesas reservadas aos SA, e visitou seus corpos de guarda. Exortava os homens, às vezes desfazia-se em lágrimas, falando de vitórias iminentes e do rico salário que receberiam no fim de tudo, eles, os soldados da revolução; no momento, assegurava-lhes proteção jurídica e melhor remuneração. Para isso, arranjou os fundos necessários através de imposto especial SA de vinte *pfennigs* por membro. Em recompensa de seus serviços nessa noite, os SS receberam sua divisa: “Tua honra significa fidelidade!”

O fim da rebelião significou ao mesmo tempo a exclusão de von Pfeffer. A

OSAF tinha assistido ao poder crescente da organização, primeiro sob protesto, depois com resignação. Esse aumento de força correspondera a uma visível perda de influência das SA. O estilo cada vez mais bizantino com que Hitler equilibrava seu séquito contribuía visivelmente para grande parte desse deslocamento de influência. Acreditando-se cada vez mais tocado pela graça, e reforçado cotidianamente nessa ideia pelo entusiasmo das massas, Hitler agora tinha necessidade de homenagens que o funcionário pequeno-burguês da Organização Política estava bem mais apto a satisfazer do que os chefes das SA, imbuídos de noções de hierarquia militar. A OP via-se, portanto, claramente preferida por aquele que iria repartir os magros recursos, ou organizar a lista de deputados, bem como para outros atos de paternalismo. Por trás dessas tensões, havia também um sentimento de estranheza total, opondo, de um lado, o homem meio artista, boêmio do sul da Alemanha, e, do outro, o tipo "prussiano" mais severo, tipo que subsistia sem dúvida na pessoa de von Pfeffer ou em seu estado-maior. Olhando irritado para a arrogância de sua OSAF, Hitler declarou na ocasião que, para falar a verdade, ele não deveria chamar-se von Pfeffer [pimenta], mas von Kummel [cominho]. [37]

Como fez mais tarde, em 1938 e 1941, nos conflitos com a Wehrmacht, Hitler, depois de ter destituído von Pfeffer, assumiu pessoalmente o comando supremo das SA. Para dirigir o dia a dia da SA designou Ernst Röhm, que estava na Bolívia, emigrado, como instrutor militar. Finalmente, era senhor do movimento. Reunia em sua pessoa os direitos e privilégios obtidos por Pfeffer. Alguns dias mais tarde, Hitler expediu uma ordem obrigando todos os chefes de SA a se submeter pessoalmente a ele, por "um juramento de fidelidade absoluta", e, pouco tempo depois, impôs a mesma obrigação a todo soldado SA; havia um compromisso suplementar na promessa, exigido na entrada, "de executar sem descanso e conscienciosamente todas as ordens, pois sei que meus chefes não exigem de mim nada de ilegal". O artigo do *Völkischer Beobachter* em que Hitler esboçava um balanço da crise e explicava sua atitude continha 133 vezes a palavra *eu* . [38]

É significativo que as exigências absolutas de Hitler tenham encontrado tão pouca oposição, mesmo entre as SA: tanto do ponto de vista institucional como do psicológico, o movimento estava definitivamente transformado numa organização totalitária, pois Hitler soubera, a partir desse ataque como de todos os conflitos do passado, reforçar sua posição e ganhar prestígio. Desde o mês de junho, tinha explanado suas ideias de direção absoluta a alguns jornalistas escolhidos do partido, na sala dos senadores da Casa Parda, pintando em largas pinceladas uma imagem da hierarquia e da organização reinantes na Igreja Católica. De acordo com esse modelo, afirmara ele, o

partido deve erigir sua pirâmide de dirigentes sobre “um largo alicerce de diretores de consciência políticos (…) que ficam entre o povo, os quais transpõem os estágios de *Kreisleiter* e *Gauleiter* para chegar ao senado e finalmente ao seu Führer-papa”. Como relatou um dos participantes, não recuou diante da comparação entre *gauleiters* e bispos, entre futuros senadores e cardeais, e, em perturbadores paralelos, transpôs, sem qualquer escrúpulo, as noções de autoridade, obediência e fé, do domínio espiritual para o domínio leigo. Sem qualquer ironia, terminou seu discurso observando “que não queria disputar ao Santo Padre de Roma seu direito à infalibilidade espiritual — ou seja, eclesiástica — nas questões de fé. Não entendo muito dessas coisas. Mas, com mais razão ainda, creio que entendo de política. Espero, portanto, que o Santo Padre igualmente não discuta minhas pretensões. Proclamo assim, para mim e para meus sucessores na direção do Partido dos Trabalhadores Alemães Nacional-Socialista, o direito à infalibilidade política. Espero que o mundo se habitue a isso tão rápida e resolutamente como se habituou à instância do Santo Padre”. [39]

A reação, novamente, ainda foi mais reveladora do que a declaração em si. Não traduziu nem assombro nem contradição e pôs à luz o êxito do processo de submissão exercido por Hitler dentro do partido, com tenacidade e uma energia pretensiosa. O êxito se valeu de numerosas circunstâncias. O movimento sempre fora entendido como uma comunidade de combate, carismática, fundada sobre o princípio autoritário e a disciplina do crente. Ora, é justamente aí que ele tinha conseguido o dinamismo e a superioridade com relação aos partidos tradicionais regidos por interesses e programas. Podia, também, insistir sobre a origem e a experiência dos “primeiros combatentes” inscritos. Quase todos tinham tomado parte na Grande Guerra e sua formação se completara num mundo estrito de comando. Muitos vinham, além disso, de famílias em que os princípios pedagógicos eram impregnados da ética rígida dos cadetes. Hitler se aproveitou das particularidades de um sistema de educação autoritária: certamente não é por acaso que, em 73 *gauleiters* , uns vinte eram antigos instrutores. [40]

Agora que as duas crises do verão de 1930, dentro do partido, tinham sido superadas, relativamente sem dificuldades, não havia mais nenhum nível, nenhuma autoridade no Partido Nazi que não derivasse de Hitler. Por mais insignificante que tivesse sido o perigo provocado por Otto Strasser, von Stennes ou von Pfeffer, seus nomes significavam teoricamente uma escolha que impunha limites ao poder absoluto. August Schneidhuber, comandante SA do sul da Alemanha, proclamava agora, num memorando, que a crescente

importância do movimento e seu poder de atração não eram mais imputáveis ao mérito de seus funcionários, mas unicamente à “palavra unificadora *Hitler* , que mantém a coesão”. [41] Rodeado por um enxame de propagandistas ativos, em uma mistura cada vez mais deliberada de atmosfera profana e religiosa, o Führer atingia as dimensões de um monumento solitário, inacessível à reflexão, à crítica ou aos resultados de uma votação dentro do partido. A um de seus partidários que a ele se dirigiu para tratar de um conflito com seu *gauleiter* , replicou, numa carta indignada, que não era o “lacaio” do partido, mas seu fundador e seu chefe; toda reclamação atestava uma “bobagem” ou uma “falta de visão”, bem como “uma arrogância impudente em querer considerar-me mais cego do que o primeiro teimoso que aparece”. A imprensa do Partido professava uma verdadeira idolatria por Hitler e punha toda a sua paixão nos ataques contra os judeus, escreveu um observador da época. [42]

Naturalmente, as queixas surgiram a seu tempo. Hitler se afastava demais de seus partidários e acentuava exageradamente essa distância. Schneidhuber se queixava do sentimento de desafeição que invadia “quase toda SA”. “A SA luta para chegar à alma do Führer, e até aqui não o conseguiu. Mas deve consegui-lo”, declarou ele, falando do “grito endereçado ao Führer” que continuava sem resposta. Não foi também por acaso que se generalizou a saudação *Heil Hitler* , termo de elevação e de combate, que já se ouvira aqui e ali, e que Goebbels instaurara em Berlim. Ao mesmo tempo, cartazes anunciando manifestações falavam cada vez mais raramente do orador “Adolf Hitler”, mas registravam anonimamente o “Führer”, que se tornava, assim, uma noção. Em suas viagens, com extremo desagrado falava com correligionários que queriam conhecê-lo e que o rodeavam excitados nas entradas de hotel ou nas agências. Essa proximidade constrangedora e essa comunicabilidade subalterna o afligiam. Só a contragosto deixava que lhe apresentassem os membros veteranos do partido e temia manifestações mundanas com desconhecidos.

Conseguia, entretanto, mostrar-se sedutor, sobretudo quando superava certos acanhamentos. Podia voluntariamente ser um amável *causeur* numa roda de senhoras, um colega de trabalho com o comportamento impetuoso de homem simples, ou um camarada paternal, amigavelmente inclinado sobre cabecinhas louras de crianças: “Para apertar as mãos de maneira solene, sem piscar os olhos, ele é inigualável”, observou um contemporâneo; [43] mas seu séquito imediato sabia o quanto havia aí de exibicionismo. Ele pensava incessantemente no efeito produzido e calculava o que seria popular: o gesto tocante como o grande gesto. Ninguém jamais prestou tanta atenção à sua própria imagem, ninguém sentiu tão conscientemente como ele a necessidade

de se tornar interessante. Compreendeu, melhor do que todos os outros, que tipo de vedete a época exigia, sabendo que o homem político estava submetido a essas leis do vedetismo. Sua saúde frágil o impedia, havia certo tempo, de fumar. Teve também de renunciar ao álcool. Então explorou esses dois elementos para construir uma reputação de asceta. Perfeitamente consciente do papel que desempenhava, foi sem dúvida o fenômeno mais moderno da política alemã dessa época. Respondia muito melhor às necessidades de uma sociedade democrática de massa do que seus adversários, de Hugenberg a Bruning, que não dominavam a opinião pública e mostravam assim como confiavam na tradição e na solidez do passado.

A partir desse momento, ninguém pôde gabar-se de exercer uma influência marcante e sensível sobre Hitler. Os dias gloriosos de Dietrich Eckart e mesmo os de Alfred Rosenberg estavam longe. “Jamais me engano! Cada uma de minhas palavras é histórica”, dissera ele a Otto Strasser durante sua primeira discussão. Sua necessidade de aprender diminuiu desde esta época, à medida que adotava uma postura de “Papa-Führer”. Rodeado unicamente de admiradores e de uma simples escolta, entrava pouco a pouco, inclusive no plano intelectual, num estado de crescente isolamento. Exaltara com ardor o julgamento pessimista sobre os homens emitido por Karl Lueger, este modelo que admirava. Agora nem ao menos ocultava o próprio desdém indiferentemente devotado aos partidários e aos adversários. Em conformidade com seu profundo instinto de conservação, sustentava que o homem era naturalmente mau. “Essa coisa que se arrasta sobre a terra”, disse ele numa carta. E ainda: “A massa é cega e estúpida e não sabe o que faz.”

Sabia utilizar os homens tanto quanto sabia desprezá-los. Incansavelmente, destruía, punia ou promovia. Mudava os homens e as posições. Aí reside certamente um dos fatores de seu sucesso; mas sua experiência lhe ensinara também que os discípulos querem ser tratados sem deferência e explorados até o esgotamento. Pressionava severamente seus agitadores na luta eleitoral. O núcleo de funcionários e ajudantes do partido provinha de camadas tradicionalmente apolíticas da população; tratava-se de indivíduos jovens e sem escrúpulos. Com entusiasmo, esses homens faziam da luta eleitoral permanente uma profissão. Sua audácia levava grande vantagem sobre a melancólica rotina com que os partidos estabelecidos cumpriam as obrigações eleitorais. Só nos últimos dias anteriores às eleições houve em Berlim 44 grandes manifestações dos nacional-socialistas; seus cartazes surgiam nas casas, nas paredes e nas grades dos jardins, e a cidade se tingiu de vermelho berrante; cada membro recebia em enormes quantidades, a um *pfennig* o exemplar, as publicações do partido que devia distribuir às portas das casas e

nas empresas. O próprio Hitler compareceu a mais de vinte manifestações importantes, entre 3 de agosto e 13 de setembro. Aí, era o orador principal. Considerava a agitação desenvolvida por seus partidários uma espécie de processo em seleção. "A gente se contenta em passar um ímã em um monte de lixo para constatar a quantidade de ferro que aí existe e a quantidade que ficou pregada ao ímã." [44]

As eleições estavam previstas para 14 de setembro de 1930. Hitler contava conseguir cinquenta cadeiras e, nos seus momentos de expansão, sessenta ou oitenta. Baseava-se nos eleitores do centro burguês em pleno esfacelamento, nos jovens que iam às urnas pela primeira vez, bem como nos que havia muito se abstinham de votar, que, de acordo com a lógica política, deviam votar com ele, supondo-se que dessa vez fossem às urnas.

14

A avalanche

No momento certo, é preciso pegar a arma certa. Estudar o adversário é a primeira etapa; a preparação é a outra, e a terceira é o ataque .

Adolf Hitler

O DIA 14 DE SETEMBRO DE 1930 MARCOU uma das reviravoltas da história da república de Weimar; significou o fim do regime democrático, prenunciando a agonia do estado em seu conjunto. Quando saíram os resultados, às três horas da manhã, tudo estava mudado. O NSDAP-Partido Nazi achou-se subitamente na antecâmara do poder, e seu Führer, Adolf Hitler, o ruidoso, admirado, escarnecido, era uma das figuras-chave do cenário político. A imprensa nacional-socialista exultou, declarando que o destino da república estava selado e que começava a fase da perseguição do inimigo.

Nada menos de 18% dos eleitores haviam atendido ao apelo do Partido Nazi. Em dois anos desde as últimas eleições, o partido tinha subido de 810 mil para 6 milhões e 400 mil votos. Em lugar de 12 cadeiras, não fizera cinquenta ou setenta, como admitira Hitler, mas 107, e era o partido mais forte depois do Partido Social-Democrata; a história dos partidos desconhece fato comparável. Entre os partidos burgueses, apenas o Centro Católico tinha podido manter suas posições; todos os outros sofreram sensíveis perdas. Os quatro partidos do centro só dispunham agora de 72 cadeiras, enquanto o Partido Popular Nacional Alemão-DNPV de Hugenberg fora reduzido aproximadamente à metade. Dos seus 14,3% de cadeiras ele só pudera conservar 7% — a aliança com seu parceiro mais revolucionário tinha tido efeitos suicidas. Com as 41 cadeiras que lhe restavam no Reichstag, ficava muito atrás do Partido Nazi, e Hitler via-se nitidamente confirmado em sua pretensão de dirigir a direita. Até os social-democratas tinham sofrido perdas sensíveis e os comunistas eram os únicos ao lado do Partido Nazi a mostrarem ganhos nas eleições, mas em proporções modestas. Sua representação elevara-se de 10,6 a 13,1%. Confiantes na história e praticando a autoidolatria mecânica, festejaram porém esse resultado como sucesso exclusivamente seu: “O único vencedor das eleições de setembro é o Partido Comunista.” [45]

A importância histórica do acontecimento foi em geral compreendida pelos contemporâneos. Com acentos variados, via-se nesse resultado, bem como na

profunda crise do sistema dos partidos, a expressão de um ceticismo quanto às forças vitais da ordem liberal e capitalista, acompanhada do desejo crescente de uma mudança fundamental da situação: “A maior parte dos eleitores aos quais os partidos extremistas devem um aumento de seus mandatos não são de forma alguma revolucionários, mas não creem mais no passado.” Cerca de um terço tinha em princípio rejeitado a ordem vigente sem saber ou sem indagar o que viria depois. Falava-se de um “voto de protesto”. [46]

É preciso ainda assinalar que a situação era alarmante, mas não se deve esquecer também o pouco entusiasmo que, dez anos antes, marcara a república, fazendo dela o estado que não pertencia a ninguém; as consequências vinham agora. No fundo, a nação nada mais fizera do que tolerar a república e muitos consideravam-na unicamente um interregno, um fenômeno passageiro que não era “um belo espetáculo”, nada tinha produzido de “entusiasmante”, “nenhum crime audacioso”, “nenhuma palavra que permaneça” e “nenhum grande homem”, como disse um de seus românticos difamadores. [47] Como esse crítico, camadas cada vez mais amplas esperavam, à esquerda como à direita, que o estado se lembrasse de seu significado e reencontrasse sua imagem tradicional. Todas as dúvidas reprimidas quanto ao regime democrático de partidos, o descaso latente do parlamentarismo “não alemão”, reapareciam agora nessa atmosfera de crise onde pairava o desespero e adquiriam uma força de persuasão que nenhum argumento teria podido derrubar. Hitler tinha repetido mil vezes que esse estado nada mais era do que uma forma de tributo ao inimigo e a pior escravização forjada pelo Tratado de Versalhes. Essa tese tivera grande repercussão.

Fato significativo é que numerosos analistas do exterior adotavam tom análogo. Os jornais ingleses e americanos, principalmente, interpretaram o resultado das eleições como uma reação ante o absurdo brutal das condições de paz e as atitudes hipócritas das potências vitoriosas. Só a França indignou-se, embora animada por uma secreta esperança de que as tendências de extrema direita pudessem dar-lhe pretextos e justificativas para uma política mais rigorosa para com seu vizinho do outro lado do Reno. No coro da reação nervosa, ouviu-se pela primeira vez uma das vozes que desde então acompanhou durante cerca de dez anos a política de Hitler, deu cobertura a seus exageros e seus desafios morais, louvando-o e fazendo dele o instrumento de objetivos particulares. No *Daily Mail* , Lord Rothermere escreveu que não se devia considerar a vitória desse homem só como um perigo, mas também reconhecer que ela oferecia “toda sorte de vantagens”. “Ele constrói um muro reforçado contra o bolchevismo. Exclui o perigo de que a campanha soviética contra a civilização europeia penetre na

Alemanha.” [48]

O sucesso do Partido Nazi devera-se em boa parte à mobilização de jovens, bem como aos apolíticos que se abstinham e voltaram a votar: a participação eleitoral tinha aumentado de mais de quatro milhões e meio com relação a 1928 e atingira 80,2%. Os comunistas também se apoiavam nessas camadas eleitorais, mas em grau bem menor. Curiosamente, tinham conduzido sua batalha eleitoral com palavras de ordem decididamente nacionais. O fato de os nacional-socialistas terem apresentado os 107 candidatos eleitos, e de não os terem à mão, mostra a que ponto foram surpreendidos por sua própria vitória. [49] O próprio Hitler não tinha sido candidato porque ainda não obtivera nacionalidade alemã.

O resultado do escrutínio foi muitas vezes descrito como uma “avalanche”, mas suas consequências foram talvez ainda mais ominosas. No sobressalto da noite eleitoral surgiram sombrios rumores de golpe nacional-socialista. O boato provocou consideráveis retiradas de dinheiro estrangeiro, que agravaram ainda mais a crise catastrófica do crédito. Ao mesmo tempo, o interesse e a curiosidade da opinião pública voltaram-se de uma só vez para o novo partido. Os aproveitadores da conjuntura, os desgostosos e os oportunistas cheios de pressentimentos adaptaram-se a essa mudança no poder; em particular, o exército de jornalistas sempre à espreita procurou agarrar precipitadamente *the wave of the future* , e com amplo noticiário veio compensar a fraqueza tradicional da imprensa nazi. Agora era “moderno”, por mais de uma razão, entrar no Partido. Desde a primavera, o Príncipe August Wilhelm (*Auwi*), um dos filhos do Kaiser, tinha entrado, fazendo notar que onde um Hitler dirigia todos podiam e deviam enquadrar-se. Chegava agora Hjalmar Schacht que tinha participado do plano Young e o tinha defendido no início contra as críticas dos nacional-socialistas. Muitos outros se seguiram. Nos dois meses e meio até o fim do ano, o número dos membros do Partido Nazi aumentou em cem mil, para 389 mil. Os *lobbies* procuraram também ajustar-se a esse deslocamento do poder, bem como à tendência que se manifestava, e “quase automaticamente o partido se beneficiou de interconexões e de posições que favoreceram sensivelmente a extensão e a consolidação do movimento”. [50]

“Se a grande massa chegar até nós com seus hurras, estaremos perdidos”, dissera Hitler, dois anos antes, em Munique, na assembleia dos dirigentes de 1928. E Goebbels falava agora com desprezo dos “setembrinos”. “Pensava muitas vezes com tristeza e emoção”, disse ele, “no bom tempo em que formávamos ainda uma pequena seita no conjunto do Reich e em que o nacional-socialismo tinha como partidários, na capital, só uma dúzia de

padeiros.” [51]

Temia-se que a massa inconsciente afundasse o partido e corrompesse sua vontade revolucionária para dispersar-se rapidamente aos primeiros reveses como “na época sempre lembrada da inflação”, em 1923. “Não podemos carregar os cadáveres de uma burguesia ultrapassada”, dizia-se num memorando, cinco dias depois das eleições. [52] Mas contrariamente ao que se temia, o Partido não teve dificuldades, como escreveu Gregor Strasser, em “reunir e fundir o afluxo dos partidários no grande caldeirão da ideia nacional-socialista”, e, enquanto os adversários do movimento procuravam ainda fórmulas apaziguadoras, o partido crescia em força. Fiel à teoria psicológica segundo a qual o momento mais favorável para atacar vem imediatamente após a vitória, Hitler abriu logo depois de 14 de setembro uma onda de comícios que lhe valeram novos sucessos. Nas eleições municipais de 30 de novembro, em Bremen, quase duplicou seus votos da eleição para o Reischstag e ganhou mais de 25% das cadeiras, enquanto todos os outros partidos acusavam perdas; os resultados foram semelhantes em Dantzig, em Baden e em Mecklenburg. No entusiasmo dessas vitórias, Hitler parecia às vezes acreditar que se poderia “matar o regime com eleições”, sem ajuda externa.

No dia 13 de outubro, o Reichstag já se inaugurou balançando. Para protestar contra a proibição prussiana de usar uniforme, os deputados do Partido Nazi tinham trocado de roupa no recinto do Reichstag e entrado no plenário de camisa cáqui, com clamores e gestos de protesto inequívocos. Num discurso apaixonado, Gregor Strasser lançou seu desafio ao “sistema da impudência, da corrupção e do crime”. Seu partido não recuaria diante de nenhum meio, mesmo a guerra civil, e o Reichstag não poderia criar embaraços aos seus objetivos, assegurou ele: era o povo que decidia e o povo estava do seu lado. Na rua formavam-se, enquanto isso, brigas com os comunistas, e houve o primeiro *pogrom* arquitetado por Goebbels contra comerciantes e transeuntes judeus. Interrogado, Hitler sustentou que essas ações tinham sido organizadas por bandidos, ladrões e provocadores comunistas. O *Völkischer Beobachter* acrescentou que no Terceiro Reich as vitrinas dos comerciantes judeus estariam melhor protegidas do que agora, com a polícia marxista. Ao mesmo tempo, mais de cem mil metalúrgicos entraram em greve, sustentados duplamente por comunistas e nacional-socialistas: imagem de uma ordem em plena decomposição.

O próprio Hitler não pareceu hesitar um só instante quanto à tática a ser seguida: novembro de 1923 tinha-lhe ensinado, entre outras coisas, que mesmo diante de uma ordem dissolvida, em plena decadência, os ataques de

rua seriam derrotados. Aos revolucionários românticos do partido que não podiam imaginar uma revolução sem o cheiro da pólvora e que, após o triunfo de 14 de setembro, falavam novamente em marchar sobre Berlim, em revolução e lutas, ele opunha imperturbavelmente o conceito da legalidade, sem deixar de exprimir suas razões puramente táticas: “Em princípio, não somos um partido parlamentar”, declarou ele em Munique, “porque senão estaríamos em contradição com todos os nossos conceitos; somos um partido parlamentar apenas por obrigação e o que nos obriga a isso é a constituição. (…) A vitória que acabamos de obter nada mais é que a aquisição de uma nova arma para nosso combate.” Göring exprimiu mais cinicamente a mesma opinião: “Lutamos contra esse estado e o sistema atual porque queremos aniquilá-los inteiramente, mas pelo caminho da legalidade. Antes da Lei de Proteção da República, dissemos que odiávamos esse estado; desde que foi aprovada a lei, dizemos que o amamos — e cada qual sabe o que queremos dizer.” [53]

Se Hitler queria manter-se estritamente na legalidade, era em muito pelo exército; foi por causa dele, confessou, que teve de renunciar à ideia de um golpe de estado. [54] Com efeito, quanto mais a ordem pública se degradava, mais o poder e a influência do Reichswehr tornavam-se decisivos. O golpe e a proibição feita às SA de ter contatos com o exército tinham perturbado sensivelmente as relações recíprocas. Já em março de 1929, Hitler tinha feito uma primeira oferta prudente às forças armadas. Num discurso de efeitos cuidadosamente calculados, rejeitara demagogicamente o princípio do “soldado apolítico” enunciado pelo general von Seeckt aos oficiais depois de uma vitória da esquerda, quando se previa um futuro de “carrascos e comissários políticos”, com o qual as intenções dele, Hitler, orientadas pela grandeza e pela honra militar da nação, contrastavam com eloquência. [55] Graças a essa psicologia habilidosa, o discurso não deixou de alcançar seu efeito, sobretudo entre os jovens oficiais. Alguns dias antes das eleições de setembro, houve no tribunal de Leipzig um processo contra três oficiais da guarnição de Ulm que tinham tido contato com o Partido Nazi, apesar do decreto do Ministério do Exército, e feito propaganda do partido dentro do exército. A pedido de seu advogado, Hans Frank, Hitler foi citado como testemunha. O processo, explorado para fazer sensação, deu-lhe a oportunidade de prosseguir diante de um vasto público seus esforços de aproximação com o Reichswehr e de expor ao mesmo tempo, com eficácia, seus objetivos políticos. No terceiro dia do julgamento, 25 de setembro de 1930, ele próprio apresentou-se diante do tribunal, com a autoridade de chefe

do partido, seguro do sucesso após sua recente vitória eleitoral.

Durante o interrogatório, Hitler declarou que suas convicções se baseavam em três motivos: primeiro, o perigo manifesto da infiltração estrangeira; segundo, o internacionalismo proletário; terceiro, a desvalorização da personalidade e o aumento do pensamento democrático, bem como a ameaçadora contaminação do povo alemão pelo espírito pacifista. Em 1918, tinha-se empenhado na luta junto a um partido fanático de germanismo, de autoridade incondicional e de combatividade absoluta para opor-se a essas tendências inquietantes, mas não se voltava de modo algum contra o Reichswehr. Quem semeasse a sedição no exército era um inimigo do povo; as SA não tinham a intenção nem de atacar o estado nem de fazer concorrência ao exército.

Perguntaram-lhe em seguida acerca do caráter legal de seu combate. Hitler afirmou com audácia que o Partido não precisava da violência: “Mais duas ou três eleições e o Partido Nacional-Socialista terá a maioria no Reichstag; faremos então a revolução nacional.” Interrogado, Hitler explicou o que entendia por isso:

> A ideia de “revolução nacional” é sempre entendida como pura noção de política interna. Para os nacional-socialistas, é simplesmente a sublevação do germanismo subjugado. A Alemanha está amordaçada pelo tratado de paz. Toda a legislação alemã nada mais é, hoje, do que a tentativa de acomodar o tratado de paz com os anseios do povo alemão. Os nacional-socialistas não consideram esse contrato uma lei, mas algo imposto. Recusamos reconhecer responsabilidade pela guerra, e sobretudo não aceitamos impor essa carga às gerações futuras, que são totalmente inocentes. Nós nos ergueremos contra esse tratado, seja pela via diplomática, seja contornando-a sem tréguas. Armando-nos de todos os nossos meios, estamos no caminho da revolução.

Essa réplica que voltava contra o mundo exterior a noção de revolução calava ainda suas intenções para com o interior. Quando o juiz lhe perguntou se a revolução para o exterior se serviria também de meios ilegais, Hitler afirmou sem hesitar: “Nós nos serviremos de todos os meios, e até mesmo dos meios considerados pelo mundo como ilegais.” Interrogado sobre as numerosas ameaças que fazia aos pretensos traidores internos, Hitler respondeu:

> Estou aqui sob juramento diante de Deus Todo-Poderoso. Digo-lhes que quando eu chegar legalmente ao poder instituirei num governo legal tribunais de estado encarregados de julgar legalmente os que forem responsáveis pela infelicidade de nosso povo. E talvez algumas cabeças rolem legalmente. [56]

Os aplausos que retumbaram então na galeria dizem da atmosfera que reinava no tribunal. A título de represália, o Ministério do Interior anunciou que forneceria provas abundantes da atividade inconstitucional do Partido, mas essa réplica não foi ouvida. O tribunal acolheu sem reação visível a declaração seguinte de Hitler, segundo a qual ele só se sentia ligado à

constituição durante a luta pelo poder; quando tivesse nas mãos os direitos constitucionais, iria suprimi-la ou a substituiria. Com efeito, abolir a constituição por meios legais, segundo a doutrina em vigor, não contradizia a ideia estritamente democrática da constituição, no sentido de que a soberania do povo englobava até a renúncia do povo à soberania. Esta era uma das brechas pelas quais Hitler podia penetrar sem obstáculos, paralisar qualquer resistência e conquistar e submeter o estado.

Mas por trás das afirmações constitucionais de Hitler não havia apenas a vontade, muitas vezes evidente em seu caráter ironicamente formal, de só renunciar à violência enquanto pudesse revesti-la de uma rede de artigos e parágrafos. Hitler tinha-se mostrado firmemente desejoso de dar a seus protestos de legalidade uma ambiguidade inquietante. Embora afirmando que se manteria duro como o aço no terreno da legalidade, encorajava seus partidários a pronunciar discursos ferozes e desenfreados citando a violência de modo figurado, em metáforas ameaçadoras. "Nós chegamos como inimigos. Chegamos como o lobo que entra no redil." Só as declarações oficiais do partido eram legais no sentido estrito da palavra, enquanto, nos pátios internos do bairro berlinense de Wedding, nas ruas noturnas de Altona ou de Essen, era o reinado do crime e da pancadaria, o desprezo das leis cujos testemunhos eram recusados com um erguer de ombros sob o pretexto de que se tratava de "ações de unidades locais". Goebbels declarou o caráter puramente retórico das promessas feitas, diante de um dos jovens oficiais finalmente condenados; ele disse com humor ao tenente Scheringer: "Considero esse juramento de Hitler um golpe genial. Que poderiam ainda esses tipos contra nós depois disso? Bem que esperaram uma oportunidade. Mas estamos agora numa estrita legalidade, uma legalidade perfeita." [57]

A incerteza quanto às intenções de Hitler, a constante alternância de juramentos constitucionais e de ameaças ajudaram a causa de todos os lados, precisamente como ele queria. Sua atitude acalmou, efetivamente, o grande público, sem dissipar completamente esse sentimento de inquietude que faz tantos desertores e renegados; ela implicava, ao mesmo tempo, para aqueles que tinham acesso ao poder, sobretudo para Hindenburg e o exército, uma oferta de aliança, mas também um aviso: era preciso não impor condições inaceitáveis. Ao mesmo tempo, essa atitude fazia trabalhar a imaginação dos mais extremados, que esperavam ainda a marcha sobre Berlim, e parecia fazê-los entender com um piscar de olhos que o Führer, com seu gênio, sabia enganar qualquer adversário. A esse respeito, o juramento de Leipzig pronunciado por Hitler teve um efeito nada desprezível. Vista em seu conjunto, a tática de Hitler, que deixava todas as portas abertas, traduzia não

só um cálculo preciso e rigoroso, mas também uma forma de caráter; ela correspondia a seu temperamento extremamente indeciso. Mas era também uma atitude arriscadamente audaciosa, que exigia elevado senso de equilíbrio, o que convinha ao seu gosto pelo risco; porque se ele falhasse só lhe restaria o golpe precipitado e praticamente sem esperanças ou a retirada.

As SA encarnavam do modo mais expressivo a tática seguida por Hitler, mas ela também implicava riscos e dificuldades; a ideologia complexa de Hitler queria aliar, na milícia camisa parda do partido, o respeito formal da lei com o romantismo do combate político, proclamar a renúncia à força armada, mas tolerar seu espírito. Pfeffer tinha fracassado em grande parte por causa dessa exigência paradoxal. No início de 1931, Ernst Röhm o substituiu no posto de chefe de estado-maior e orientou fortemente as SA para o modelo militar; o território do Reich foi dividido em cinco grupos superiores e 18 subgrupos; os *Standarten* , que correspondiam a regimentos, receberam números de antigos regimentos imperiais, e a estrutura do tipo militar tornou-se mais evidente com a criação de um sistema de unidades especiais, como a SA de aviação, a SA de marinha, a SA de engenheiros e a SA de saúde. Simultaneamente, Röhm mandou compilar num "regulamento de serviço SA" as instruções expedidas por Pfeffer, que de tão numerosas estavam fragmentárias. Como se obedecesse a uma pressão mecânica, seus projetos ligavam-se sempre à antiga ideia do exército da guerra civil. Se Hitler o deixou agir dessa vez, contrariamente ao que ocorrera em 1925, não foi só porque confiava mais em sua própria autoridade: as concepções de Röhm convinham também à ambiguidade que tinha escolhido. Se olharmos em seu conjunto a reforma da SA, que começou com a substituição de Pfeffer, veremos todas as características das reorganizações ilusórias de Hitler: em lugar de tomar uma decisão nesse assunto, procedia-se a mudanças entre as figuras de dirigentes, prestavam-se juramentos de fidelidade, e criava-se uma instituição concorrente; [58] impressionado pelas dificuldades persistentes da SA, Hitler começou prudentemente a aumentar a SS e a subtraí-la à influência de Röhm; os SS até então levavam uma vida à parte, espécie de elite, choque especial e "polícia interna do partido", e, no início de 1929, estavam reduzidos a 280 homens. A própria reforma terminou depois como todas as outras: a eliminação do conflito ineliminável entre as várias tendências mediante um golpe de surpresa tão sangrento como desproporcional.

Sob o comando de Röhm, as SA tornaram-se esse exército maciço e, graças aos dons de organização excepcionais do novo chefe de estado-maior, ultrapassou a casa do meio milhão de homens no fim de 1932. As SA viram afluir às suas fileiras numerosos desempregados, atraídos pelos dormitórios e

refeitórios. Eram elementos animados por sentimentos de ódio contra a sociedade, que tinham a agressividade de ativistas aventureiros. O próprio Röhm pôs-se sem demora a tirar dos postos de comando das SA os oficiais de Pfeffer, para substituí-los por seus amigos homossexuais. Formou assim uma grande tropa de homens equívocos. Röhm criava "um exército particular dentro do exército particular", disseram logo. Por meio de uma ordem que se tornou célebre, Hitler respondeu à viva oposição que logo se manifestou: rejeitava por princípio e com energia os relatórios sobre atividades da direção suprema das SA como uma "profunda impertinência"; as SA eram uma "reunião de homens destinados a servir a um objetivo político e não um colégio para mocinhas de boa família"— o que importava era que o indivíduo fizesse o seu dever. "A vida particular só pode entrar em conta se contradisser os princípios essenciais do plano de ação nacional-socialista." [59]

Essa carta de franquia selava pela primeira vez a preponderância do elemento menos respeitador da lei no interior das SA. Apesar de todos os juramentos de legalidade, o exército de Hitler espalhou rapidamente uma atmosfera sem precedentes de paralisia e de terror que serviu por sua vez ao propósito de instituir uma ditadura. De acordo com as constatações da polícia, encontravam-se nos arsenais das SA todas as armas clássicas do criminoso: o cassetete, o soco-inglês e o cano de borracha. Quanto às pistolas, quando havia risco de serem descobertos, serviam-se de "moças" para carregar as armas. Até a gíria utilizada mostrava a que submundo pertenciam esses homens; as unidades de Munique chamavam o revólver de *isqueiro* e o cassetete de *apagador* , enquanto os SA de Berlim, com o orgulho perverso da ralé, davam-lhe apelidos que vinham desmentir todos os protestos quanto ao pretenso impulso revolucionário dessas comunidades de combate. Tratava-se de embelezar a verdade com um objetivo de propaganda. Um *Sturm* SA, equivalente a companhia, de Wedding chamava-se *quadrilha* ; um *Trupp* , o equivalente a pelotão, do centro da cidade, tinha o apelido de *ballet* ; um dos homens era o *Barrilzinho Rei* ; um outro, *Muller Tiro* ; outro ainda, *Cano de Revólver* . [60] A característica mistura de presunção proletária, mania de violência e ideologia oca traduz-se na canção da SA de Berlim, que diz:

A testa suada do trabalho

Barriga vazia de fome.

Mão de fuligem e de calos

Segura o fuzil.

São as colunas de choque

Prontas p'ra luta das raças.

Quando os judeus sangrarem

Nós estaremos livres.

Mas esse era o assustador reverso da medalha, que só aparecia por momentos: a fachada era dominada pela estrita regularidade das colunas em marcha, dos uniformes e das ordens tonitruantes, familiares à nação, como um símbolo da ordem. A Alemanha, declarou Hitler mais tarde, aspirava à ordem nesses anos de caos e ele queria vê-la restabelecida a qualquer preço. [61] Nas ruas que davam curiosamente a impressão de estarem mortas, viam-se cada vez mais, atrás de bandeiras e de fanfarras, as colunas cáqui desfilando. Sua disciplina ressaltava de maneira sugestiva quando comparada às passeatas miseráveis e cinzentas dos comunistas, que desfilavam mal-arrumados ao som anasalado e irritante de uma orquestra de instrumentos de sopro, e gritavam a palavra de ordem "Fome", com o punho erguido; era um quadro patético que se contentava em mostrar a miséria dos mais pobres, mas nunca ia além disso. Carta escrita a Gregor Strasser por um porta-bandeira SA, de 34 anos, dá a medida do devotamento e extremo desinteresse exigido de ambas as partes pela pequena guerra política dessa época:

> (…) Em minha atividade para o Partido estive umas trinta vezes diante do tribunal e fui punido oito vezes por causar ferimentos, resistência e outros delitos naturais para um nazi. Ainda hoje tenho o peso de multas a pagar e além disso outros processos em curso. Fui ferido mais ou menos gravemente pelo menos vinte vezes. Trago cicatrizes de faca na nuca, no ombro esquerdo, no lábio inferior, no braço direito. Nunca pedi ou recebi um *pfennig* do dinheiro do partido, mas consagrei meu tempo ao movimento à custa do próspero negócio que meu pai me deixara. Estou hoje à beira da ruína econômica… [62]

A república era impotente contra resolução tão forte. Depois da ascensão de Hitler, não teve mais força para iniciar energicamente uma ação contrária, com o risco de desencadear uma situação próxima da guerra civil. Seus defensores agarravam-se à esperança de poder dominar o assalto do irracionalismo com a força de seus argumentos, fiavam-se na eficácia pedagógica das instituições democráticas e na evolução irreversível para uma situação mais humana e mais social. No entanto, era evidente desde então ser errônea qualquer ideia que implicasse a antiga fé no progresso. Essas ilusões supunham ainda razão e faculdade de discernimento onde nada mais havia do que uma mistura inextrincável de angústia, pânico e agressividade. Só uma minoria ficava irritada com os mesquinhos conhecimentos dos propagandistas de Hitler, suas respostas insuficientes aos terrores da crise, e as monótonas interpretações antissemitas. Os nacional-socialistas prosseguiam sua ascensão sem se deixar perturbar pelas firmes refutações dos especialistas. Bruning, em contrapartida, foi recebido por toda parte com frieza e hostilidade quando realizou uma viagem, na primavera de 1931, através da Prússia Oriental e em áreas pobres da Silésia. A multidão brandia contra ele bandeirolas com a inscrição "Ditador da fome", e vaiava.

❖

Enquanto isso, os nacional-socialistas desempenhavam no Reichstag, com um talento cada vez maior, seu duplo papel de destruidores e de juízes do “sistema”. Graças à força de seu grupo, estavam agora aptos a paralisar o parlamento e a confirmar-lhe a reputação de “tribuna da conversa fiada”, conduzindo-se ruidosamente e sem disciplina. Recusavam-se a qualquer esforço de estabilização alegando que a melhoria das condições de vida só favoreceria a política de cumprimento, que todo sacrifício pedido ao povo pelo governo era um ato de traição nacional. Ao lado disso, utilizavam todos os métodos de obstrução técnica: barulho, questões de ordem, ou saída geral da sala cada vez que um “marxista” tomava a palavra. Depois de um relatório do comitê do regimento interno, houve quatrocentos pedidos de punição contra os 107 deputados do grupo, o que mostra sua agressividade e seu desprezo por todas as regras. Quando foi publicada em fevereiro de 1931 uma lei limitando o abuso da imunidade parlamentar, os nazis se retiraram todos do Reichstag, seguidos pelos nacional-alemães e, desta vez, pelos comunistas também. Transferiram então mais do que antes sua atividade para a rua e salas de reunião, onde supunham com razão ter maiores perspectivas de obter algum proveito e novos partidários. Goebbels qualificou os que se abstinham de “partidos sedentários” e lhes disse que dentro de quatro dias, em vez de falar diante de um parlamento impotente, falaria diante de mais de 50 mil pessoas. [63] Abandonou-se porém o projeto demagógico de organizar em Weimar, com a ajuda do ministro do Interior turíngio Frick, um antiparlamento da oposição nacional quando o Reich anunciou que tomaria medidas contra o *Land* .

O êxodo dos nacional-socialistas do parlamento não era evidentemente uma decisão inconsequente. Eles tinham feito todo o possível para paralisar o Reichstag e fazê-lo perder todo o respeito: mas de qualquer maneira não era mais lá que se tomavam as decisões políticas. Antes mesmo das eleições de setembro de 1930, Bruning tinha passado por cima do parlamento dividido, utilizando o poder de baixar decretos-leis de que dispunha o presidente do Reich segundo o Artigo 48 da Constituição de Weimar. Mas desde que as vias da maioria parlamentar normal tinham sido bloqueadas, ele se servia quase unicamente dos poderes excepcionais do presidente para praticar um governo quase ditatorial, sem controle parlamentar. Quem ouve soar desde esse instante “a hora da morte da república de Weimar” [64] deve considerar que essa passagem do poder só foi possível porque seguiu a tendência de quase todos os partidos em fugir da responsabilidade política. Sempre se procura tornar “as massas políticas” responsáveis pelo rumo autoritário dos acontecimentos;

mas se as “estruturas autocráticas” se manifestaram em algum lugar, foi justamente na pressa resignada com que os partidos, da esquerda à direita, atribuíram a responsabilidade da crise ao “Kaiser sintético”, esforçando-se em seguida por nada ter com as decisões impopulares que foi preciso tomar. Quando os nacional-socialistas deixaram o Reichstag, foi com mais coerência que os outros partidos, pois se fugiam à responsabilidade fugiam para a frente. O “segredo” de sua ascensão está ligado à vantagem no plano da coerência.

O desgosto pelo estado dos partidos, que na prática deixara de ser estado, foi ainda acentuado pelo claro fracasso do governo, interna e externamente. A política de estrita economia amplamente praticada por Bruning com rigor e masoquismo não conseguiu resolver as dificuldades financeiras e a crise econômica nem reduzir a imensa legião dos desempregados; ao mesmo tempo, não houve qualquer resultado satisfatório no que concerne à questão das reparações e do desarmamento. Alarmada pelos resultados eleitorais de setembro, a França prevenia-se contra qualquer concessão e entregava-se a temores históricos.

No início de 1931 falharam igualmente as tentativas de pôr fim, mediante uma convenção comercial, à guerra econômica geral que havia explodido com a crise e os esforços desenvolvidos para baixar as barreiras aduaneiras. Quando, entrementes, a Alemanha e a Áustria concluíram, por iniciativa própria, uma união aduaneira que não tocava na independência econômica dos dois participantes e convidava formalmente outros países a aderirem a ela, a França viu nisso nova manobra visando a rasgar em um ponto decisivo o Tratado de Versalhes e, como escreveu retrospectivamente um de seus representantes, chegou a achar que “a paz sobre o velho continente estava de novo ameaçada”. [65] Instantaneamente, os bancos franceses apresentaram suas promissórias de curto prazo na Alemanha e na Áustria, e levaram os dois países a uma bancarrota “gigantesca” que, no outono, os forçou a renunciar ao seu projeto, em condições humilhantes. A Áustria teve de fazer grandes concessões econômicas, enquanto na Alemanha Hitler e a extrema direita celebravam tranquilamente a perda de prestígio do governo e tratavam com sarcasmo e desprezo os esforços de autoridade realizados sob pressão. Quando Hoover, presidente americano, propôs no dia 20 de junho adiar por um ano o pagamento das reparações, criou-se na câmara dos deputados em Paris “uma atmosfera de declaração de guerra”. [66] A França, particularmente atingida por esse plano, prorrogou as negociações até que a crise na Alemanha viesse a agravar-se além de qualquer imaginação. Em Berlim mesmo, um observador da época sentiu-se transportado de novo aos dias da

declaração de guerra, mas era sobretudo o vazio nas ruas, o grande silêncio pairando sobre a cidade e a atmosfera extremamente tensa que despertavam suas lembranças. [67] Nos fins de semana havia sempre choques violentos e combates de rua. No final de 1933, Hitler anunciou que o partido tivera no ano cinquenta mortos e cerca de quatro mil feridos.

O país se afastava cada vez mais do sistema democrático de partidos, na realidade e na teoria. A renúncia do parlamento, sua impotência diante da crise, o recuo, diante do povo, da autoridade nacional animavam forçosamente discussões sobre novos projetos de constituição. Um excesso de projetos de reforma e o desprezo sentido pelas insuficiências da democracia parlamentar aliavam-se à inquietude engendrada por conceitos totalitários dos extremistas de esquerda e de direita. As ideias imprecisas encontradas sobretudo nas teorias "do Estado Novo" ou de uma "ditadura do estado de direito", criadas por jornalistas conservadores, procuravam opor uma solução moderada ao anseio revolucionário de Hitler.

Elaboradas no círculo do presidente do Reich ante a lassidão provocada pela democracia, as doutrinas que preconizavam uma restauração da monarquia e da autoridade tinham o mesmo alvo. Os principais defensores desses projetos, que pretendiam conciliar o regime democrático com a tradição e as nostalgias retrógradas da população, eram o próprio Bruning, Groener, o ministro do Exército, bem como seu homem de confiança política, o general Kurt von Schleicher, chefe da seção política do ministério, que se tinha tornado, graças a suas estreitas relações com Hindenburg, uma importante figura nos bastidores do cenário político.

Desde a nomeação de Bruning para a chancelaria, Schleicher tinha se destacado nitidamente, e graças à sua habilidade, perspicácia e astúcia aumentara tanto sua influência que desde então nenhum chanceler ou ministro podia ser nomeado ou exonerado sem sua opinião. Sua preferência pelo lusco-fusco em que os contornos do caráter político se tornam imprecisos e as finas redes da intriga ficam invisíveis valeu-lhe rapidamente a reputação de "eminência parda do exército". Era cínico, à moda das naturezas sensíveis, impulsivo, desprovido de preconceitos, tinha um temperamento de corda bamba e farejava perigos por toda parte, a ponto de mandar vigiar até seus amigos e vizinhos pela Abwehr, o serviço de contraespionagem. Essa combinação particular de leviandade, senso de responsabilidade e gosto pela intriga fez dele uma das figuras mais curiosas da fase final da república.

Schleicher partia da ideia de que um movimento popular tão grande como o que Hitler mobilizara não podia ser neutralizado com os meios do estado. A

experiência traumatizante da revolução em que o corpo dos oficiais tinha sido obrigado a afrontar diretamente a multidão embriagada, sediciosa e inquietante, revelara nitidamente aos elementos esclarecidos da direção do Reichswehr que o exército não podia mais levantar-se contra o povo. Mesmo que Schleicher quase não levasse a sério o Führer do Partido Nazi e o tratasse de "visionário e ídolo da malta estúpida", reconhecia e respeitava as razões que valiam a Hitler essa adesão maciça. Via perfeitamente os aspectos duvidosos do movimento, essa combinação de ilegalidade, ressentimento e fanatismo ideológico que um de seus colegas oficiais tinha chamado de "caráter russo" do partido; [68] mas foi justamente o que o levou a acelerar seus planos. Enquanto Hindenburg vivesse e o Reichswehr estivesse ainda no seu todo isento dos fenômenos de decomposição, acreditava na possibilidade de "educar" Hitler e de amarrá-lo politicamente enquanto o exército maciço de seus partidários podia servir para reforçar a "vontade de resistência" e enquanto durassem as restrições do Tratado de Versalhes. Procurou cautelosamente entrar em contato com Hitler por intermédio de Röhm e Gregor Strasser.

Alfred Hugenberg estava animado pelas mesmas intenções, que provavam um esforço das forças conservadoras para reconquistar o poder perdido sob a forma de uma supervisão pedagógica do diamante bruto que controlava os estádios e as salas de comício. Quando Hindenburg queixou-se junto a Hugenberg, no verão de 1931, desses "rapazes exaltados" de Hitler, dizendo não considerar o Partido Nazi um partido digno de confiança, recebeu deste a firme resposta de que justamente por essa razão era preciso fazer a aliança e que ele acreditava já ter contribuído para a educação política dos nacional-socialistas. [69] Desejava agora, apesar de todas as experiências fracassadas, esquecer o passado e restabelecer as relações com Hitler.

As tentativas de partidários vindos de muitas direções coincidiram com os avanços que ao mesmo tempo o chefe do Partido fazia. Este estava irritado porque, até ali, seu êxito de setembro permanecia sem consequências. O resultado da eleição fizera de Hitler um dos atores principais do cenário político, mas enquanto durou seu isolamento ele desempenhou, por assim dizer, um papel mudo. "Hitler perdeu vários meses", escreveu um observador, "desperdiçou um tempo que nenhuma eternidade lhe permitirá recuperar. Aquele dia 15 de setembro, com o tremor dos vencidos e a derrota oficial, nenhum poder no mundo lho devolverá. A hora do *Duce* alemão tinha soado e quem iria perguntar se era legal ou ilegal? Mas esse *Duce* alemão é um indivíduo covarde, amolecido e comodista, um pequeno-burguês rebelde que engordou rapidamente, perde seu tempo e demora a compreender que o

destino o mergulha com seus louros na conserva de vinagre. Esse arauto só rufa sua pele de bezerro durante os altos da marcha… Brutus dorme”. [70]

Diante de correligionários reunidos menos por suas convicções políticas do que por impulsos instáveis, momentâneos, Hitler estava efetivamente obrigado mais que outros a sucessos espetaculares e sempre renovados. Por certo, o Partido prosseguia sua rota vitoriosa; mesmo em 1931, no começo de maio, obteve em Schaumburg-Lippe 26,9% dos votos nas eleições do *Landtag* , e 15 dias mais tarde chegou a 37,2% em Oldenburg, o que lhe dava assim, pela primeira vez, a bancada majoritária numa assembleia provincial. Mas esses sucessos no fundo nada mais eram do que uma repetição em menor escala daquilo que o partido já tinha conseguido em setembro em escala maior. O Partido Nazi não se aproximava mais do poder e mesmo que seus membros gritassem em tom ameaçador, nas praças e nas ruas “Hitler está à porta!” — davam a impressão de querer levá-lo aonde o rumor público dizia que já estava. Mesmo nos próprios parlamentos provinciais, o Partido quase não podia proclamar o sucesso, dada sua tática de provocar a paralisia. Só restava pois alegrar-se com o número sempre crescente de militantes, com os recordes de manifestações sempre mais altos ou, numa nota comovedora, com os novos mártires. Mas esse júbilo perdia rapidamente o brilho e tornava-se visivelmente mais artificial. Na primavera, a revolta irrompeu de novo na SA de Berlim, sob a direção de Walter Stennes. A estagnação persistente causara impaciência. Mas antes mesmo que o chefe da SA pudesse consumar a separação aberta com o partido e pôr do seu lado o hesitante Goebbels, a ordem de deposição assinada por Hitler chegou e o descontentamento dos conjurados dissipou-se sob promessas renovadas e novos juramentos de fidelidade.

Apesar de sua certeza de esmagar o “sistema” numa série de batalhas eleitorais, Hitler esforçou-se visivelmente desde a primavera para ganhar numa ação global a confiança e o apoio de todas as forças influentes. Sabia mais nitidamente do que nunca que só poderia conquistar o poder se vencesse junto às massas. O Artigo 48, que transferia o poder ao presidente e a seus colaboradores diretos, desvalorizava não apenas o poder do parlamento, mas também a significação de uma vitória eleitoral: não era o número de votos, mas a vontade do presidente que permitia reivindicar a chancelaria. Em um certo sentido, era mais importante ganhar Hindenburg do que ganhar a maioria.

Como sempre, Hitler evoluía em vários planos ao mesmo tempo. O juramento de legalidade pronunciado em Leipzig continha já uma proposta de boa conduta e aliança. No início do ano, von Schleicher tinha-lhe dirigido um

sinal discreto e autorizado os nacional-socialistas a colaborar na defesa das fronteiras. Em troca, Hitler proibiu as SA, por uma ordem de 20 de fevereiro, de tomar parte em escaramuças de rua, e até dissolveu sem rodeios uma unidade de Kassel porque havia infringido as ordens, enquanto Röhm devia mesmo declarar num memorando de abril que as SA "seriam talvez supérfluas" numa chancelaria de Hitler: "O belo Adolf jorra lealdade", escreveu Groener na mesma época a um amigo. "Hitler não nos dá mais dores de cabeça." [71] Quando os bispos católicos, numa viva manifestação, lançaram advertências contra o Partido Nazi, Hitler enviou instantaneamente Hermann Göring, seu agente mais seguro, para negociar em Roma. Numa entrevista ao *Daily Express* , ele se pronunciou a favor de uma intensa colaboração germano-inglesa a fim de anular as reparações, mostrou-se clarividente e lúcido, e sublinhou os pontos do acordo entre as duas nações. Quando um deputado comunista do Reichstag, Wilhelm Pieck, declarou que o Exército Vermelho estava prestes a voar em socorro dos exércitos revolucionários de libertação, no interior do país, Hitler respondeu num jornal americano que o Partido Nazi era uma muralha contra o bolchevismo mundial que se aproximava. "Ele reclama infinitamente menos", observou um comentarista contemporâneo, "não come mais judeus no almoço, e faz questão visivelmente de não mais passar por monomaníaco." [72] Sua preocupação com a reputação burguesa compreendia também os sinais exteriores. Deixou o modesto hotelzinho Sans Souci, onde sempre ficava em Berlim, e instalou seu quartel-general, não desprovido de uma intenção de desafio, no Hotel Kaiserhof, estabelecimento de renome, situado na Wilhelmsplatz, em frente à chancelaria. Os porta-vozes da direita congratularam-se: Hitler, domado, estava finalmente no caminho do estado.

Hitler teve também muito trabalho com os empresários, sempre reservados. Em Frau von Dirksen, que animava um círculo no Kaiserhof e dispunha de relações influentes, encontrou no momento exato uma dessas amigas já maduras cujo zelo lhe foi de tanta ajuda. Frau Bechstein também trabalhava sempre por ele. Estabeleceu outras relações por intermédio de Göring, que levava uma vida social intensa, bem como através de Walter Funk, jornalista econômico. Wilhelm Keppler, pequeno homem de negócios atingido pela crise, foi outro que levou ao movimento industriais simpatizantes e fundou um Círculo Amigo da Economia, que, por sua posterior aliança com Himmler, adquiriu reputação monstruosa. Otto Dietrich, que dispunha de amplas relações familiares na indústria e exercia desde o mês de agosto a função de secretário de imprensa do Partido, observou: "No verão de 1931, o Führer tomou bruscamente, em Munique, a decisão de trabalhar as personalidades-chaves da economia que estavam no centro da resistência e os

partidos moderados por elas sustentados.” Numa grande excursão, ele atravessou toda a Alemanha em sua Mercedes de compressor, para colóquios confidenciais, alguns dos quais ocorreram em clareiras solitárias, “em plena natureza de Deus, para não levantar suspeitas”. No Streithof, a propriedade de Kirdof, ele falou a mais de trinta dirigentes da indústria pesada. [73] Intimou ostensivamente Gregor Strasser e Gottfried Feder, que, para servir aos objetivos socialistas preconizados no Reichstag, tinham encorajado o confisco dos bens pertencentes aos “príncipes do banco e da bolsa”, a retirar essa moção, e quando o grupo comunista se deu o prazer de reapresentar esse projeto, ele forçou os deputados a votar contra. Sobre seu programa econômico, só se exprimia daí em diante por alusões vagas, sempre tomando distância com relação ao teimoso Gottfried Feder. Proibiu-o até mesmo, nessa ocasião, de aparecer em público.

Nos primeiros dias de julho, Hitler acabou por encontrar Hugenberg em Berlim, e pouco tempo depois teve um encontro com os chefes do Stahlhelm, Seldte e Duesterberg, que queriam de novo arrastá-lo a uma aliança; depois reencontrou von Schleicher e o general von Hammerstein-Equord, chefe do estado-maior do exército, e conferenciou com Bruning e Groener. As conversas procuravam explorar suas intenções e aproximar-se da meta que era integrar Hitler ao sistema que ele combatia, cercá-lo por alianças táticas e, como disse o general Groener, “amarrá-lo duplamente e triplamente ao poste da legalidade”. [74] Mas nenhum dos interessados tinha uma ideia suficiente da dureza e da intransigência de Hitler, e todos se iludiam com sua capacidade de dissimulação. O único resultado foi então fazer sair de seu isolamento o Führer do Partido Nazi e conferir-lhe a posição de parceiro. As discussões estimulavam os membros do partido, abatiam os adversários e impressionavam os eleitores. Quando Bruning convidou-o a ir a Berlim para uma entrevista, a reação de Hitler mostrou o quanto havia esperado com desespero por esse momento. Hess, Rosenberg e seu adjunto Weiss estavam em sua casa quando o telegrama chegou a Munique. Ele o leu apressadamente e brandiu-o com excitação, dizendo: “Agora, estão no meu bolso! Reconhecem-me o parceiro com quem tratar.” A opinião formulada por Groener reflete a imagem retocada que Hitler queria dar de si mesmo: “As intenções e os objetivos de Hitler são bons, mas ele é um visionário inflamado e complexo. Impressão simpática, indivíduo modesto, correto, e, em sua atitude, o tipo do autodidata assíduo.” Era muito significativo que nas trocas de impressões entre seus principais interlocutores ele fosse chamado de *Adolf* , não sem uma certa ironia. [75] A entrada em cena fora um sucesso.

Só a entrevista com Hindenburg, ocorrida em 10 de outubro por intermédio

de Schleicher, terminou em fracasso. Efetivamente, no palácio presidencial manifestavam-se as maiores reservas. Oskar, filho de Hindenburg, acolhera o pedido de audiência formulado por Hitler com esta observação mordaz: “Aquele está querendo tomar um drinque de graça.” No encontro, Hitler, que tinha ido com Göring, parecia nervoso, e quando o presidente lhe pediu para apoiar o governo porque o país se encontrava numa situação crítica, Hitler lançou-se em vastas considerações sobre os objetivos de seu partido. Interrogado sobre os atos de violência cada vez mais frequentes dos seus correligionários reagiu com protestos verbais que não sensibilizaram o interlocutor. Do *entourage* de Hindenburg transpirou mais tarde a observação de que o presidente talvez aceitasse fazer desse “cabo boêmio” ministro dos correios e telégrafos, mas nunca chanceler. [76]

Depois dessa entrevista, Hitler dirigiu-se a Bad Harzburg, onde, a partir do dia seguinte, a oposição nacional queria festejar sua fusão com uma colossal manifestação e preparar-se para o ataque geral ao “sistema”. Uma vez mais, Hugenberg tinha reunido tudo o que possuía a direita, poder, dinheiro ou prestígio; as elites nacional-socialistas e dos nacional-alemães, incluindo as bancadas do Reichstag e da assembleia prussiana, os representantes do Partido Nacional-Alemão, do Partido da Economia, do Stahlhelm e da Liga dos Grandes Proprietários Rurais. Havia, além desses, muitos mecenas eminentes, membros de antigas famílias reinantes, com dois príncipes Hohenzollern à frente, o conselheiro jurídico Class com o presidente dos pangermanistas, generais da reserva, como von Luttwitz e von Seeckt, bem como vários nomes célebres das finanças e da indústria, entre os quais Hjalmar Schacht, Ernst Poensgen, das Usinas Metalúrgicas Reunidas, Louis Ravané, da União da Metalurgia, Blohm, de Hamburgo, ou os banqueiros von Stauss, Regendanz e Sogemeyer. Excetuando-se os comunistas, era o desfile de todos os adversários da república, um exército matizado de descontentes, unidos mais pelo ressentimento do que por um objetivo.

O próprio Hitler mostrou-se extremamente descontente. Foi contra a sua vontade que consentiu em participar dessa manifestação, e sua malograda visita a Hindenburg tinha-lhe aumentado a irritação. Como no caso da aliança contra o plano Young, podia novamente esperar uma violenta reação em suas fileiras e ele mesmo não gostava nada dessa aliança burguesa. Pouco antes do início da manifestação, convocou seu grupo para uma sessão a portas fechadas e pediu a Frick para justificar com considerações exclusivamente táticas “essa mistura burguesa”. O próprio Mussolini, como disse Frick, tinha sido obrigado a passar por uma coligação nacional para conquistar o poder.

Mal o orador terminara, Hitler fez uma entrada aparatosa, com sua escolta pessoal, e saudou os participantes com solene formalismo. Enquanto isso, a Frente Nacional da Unidade esperava sua chegada ao cassino.

Não foi essa a última humilhação sofrida por Hugenberg, que fizera várias concessões ao Führer do Partido Nazi, durante os preparativos da manifestação. Num impulso de desafio, e sem levar em conta as suscetibilidades dos parceiros influentes, Hitler quebrou a ambiciosa esperança de aliança alimentada por Hugenberg. Na véspera, já faltara à sessão do comitê de redação comum e declarara que o trabalho desse organismo era pura perda de tempo. Na parada final que devia ser a chave de ouro do comício, deixou ostensivamente a tribuna no momento em que as formações SA terminaram de passar e o grupo Stahlhelm se aproximava. Também não tomou parte no banquete e anunciou que seria incapaz disso enquanto milhares de seus partidários "trabalhassem de estômago vazio". Foi unicamente por medo "dos ecos na imprensa, indesejáveis a todos os interessados", queixou-se Hugenberg, decepcionado, que se evitou a "ruptura em público". [77]

Se Hitler mostrou esse descontentamento em Harzburg, não foi absolutamente por tática; não era uma comédia de prima-dona procurando conquistar admiradores com seu caráter rabugento. A verdade é que para ele esse encontro colocava mais urgentemente do que nunca o problema do poder. As belas frases de Hugenberg sobre a unidade dissimulavam mal suas pretensões a chefe, na qualidade de organizador das festividades. Com esse espírito de lógica que o caracterizava, Hitler compreendeu que qualquer comunidade só podia significar subordinação, e que de qualquer forma a Alemanha, assim, deveria ter esperança em dois "salvadores", o que era absurdo. Para dissipar essa impressão, organizou, apenas uma semana após a sessão de Harzburg, um enorme comício em Franzensfeld, Brunswick. Mais de cem mil SA tinham sido transportados em trens especiais; durante a parada, que durou seis horas, aviões sobrevoaram o campo arrastando bandeiras com gigantescas cruzes gamadas, e Hitler declarou durante a consagração dos estandartes que aquela era a última manifestação antes da tomada do poder, pois o movimento estava a "um metro da fita final"; e, tirando todas as dúvidas, o jornal *Angriff* , de 21 de outubro, declarou: "Harzburg era uma etapa. Brunswick a proclamação da meta final. O que conta, em última análise, é Brunswick, e não Harzburg."

A precipitação de Hitler em Harzburg fizera com que um pouco daquele sentimento que ele nunca soube dominar completamente ofendesse o mundo burguês. Bastava a vista dos chapéus-coco, dos casacos e peitilhos

engomados para irritá-lo, bem como os títulos, as condecorações e a autossuficiência que indicavam: esse mundo acreditava que sua soberania estava inscrita na própria ideia moral e falava com prazer de seu "papel histórico". Hitler tinha um agudo senso de fraqueza e da falta de vigor e farejava a fragilidade atrás da aparência voluntariosa, reencontrando seu passado odiado de humilhações nesses enxames de múmias com maneiras de bons burgueses.

Com certeza, era esse o mesmo mundo burguês com que sonhava o jovem elegante dos cafés, o néscio, adepto das artes, que apesar de todas as repulsas tinha aceito sem espírito crítico os conceitos sociais, ideológicos e estéticos burgueses e os tinha conservado durante muito tempo. Em Hugenberg, encontrava de novo o senhor von Kahr, homem astuto, arrogante e fraco, que nele tinha imprimido de maneira indelével a imagem da honra burguesa; era um grupo de pessoas com pretensões de soberanos e temperamentos de criados domésticos. Bastava essa ideia para suscitar nele, quase automaticamente, adjetivos pejorativos, como "covarde", "estúpido", "degenerado", "pobre". "Nenhuma camada da população é mais estúpida em política do que essa pretensa burguesia", sublinhava ele frequentemente, acrescentando que, com uma propaganda tumultuada e maneiras pouco ortodoxas, durante muito tempo procurara deliberadamente afastar do partido essa burguesia. Quando Richard Breiting, redator-chefe do *Leipziger Neuesten Nachrichten* , foi vê-lo em 1931 para uma entrevista, Hitler abriu fogo com esta observação: "O senhor é representante dessa burguesia que nós combatemos." Acrescentou que certamente não tinha intenção de salvar a burguesia da agonia, mas que, ao contrário, tentaria eliminá-la e, de qualquer maneira, ela seria liquidada bem antes do marxismo. [78] Nessa época, gostava também, embora fazendo-o com certo constrangimento, de assinalar a distância que tinha tomado com relação a suas origens culturais e burguesas: "Quando hoje um proletário exprime cruamente sua opinião, tenho a esperança de que essa brutalidade possa um dia ser orientada para fora. Quando um burguês se perde em seus sonhos e só fala de cultura, civilização e pacificação mundial estética, então lhe digo: 'Você está perdido para a nação alemã! Seu lugar é nos bairros oeste de Berlim! Vá dançar suas danças de negros e morrer!'" [79] Dizia-se às vezes "proletário", mas sempre dando a impressão de que formulava mais uma recusa social do que a ligação a uma classe. "Nunca devo ser classificado como burguês", afirmava. Em sua esperança na classe operária, que exprimia de diversas maneiras em suas manifestações de admiração por essa "verdadeira nobreza", não se sentia a simpatia por uma classe de trabalho mas só o ódio por outra classe que o tinha rejeitado. Na verdade, seu ódio à burguesia não era desprovido de um

elemento incestuoso. As decepções sofridas por esse indivíduo de tendências burguesas, que primeiro tinha sido rejeitado e depois enganado, vinham sempre à tona. Mesmo o tipo de cúmplice que preferia em seu círculo pessoal mais íntimo, a equipe rude e primitiva dos motoristas, os Schaubs, Schrecks, Grafs ou Maurices, refletia esse ressentimento que só algumas pessoas puderam vencer com o tempo. Ernst Hanfstaengl, por exemplo, Albert Speer ou o comissário da Liga das Nações em Dantzig, Carl Jacob Burckhardt, a quem Hitler disse "tristemente" em 1939: "Você vem de um mundo que me é estranho." [80]

Com esse mundo estranho não havia aliança possível, nem mesmo uma relação tática, como demonstrou o encontro de Harzburg. Nem o conceito comum de oposição, nem o gabinete-sombra que se tinha longamente discutido antes, nem o acordo sobre um candidato comum nas iminentes eleições à presidência do Reich tomaram corpo; e a ideia de uma comunidade de combate que tanto animava o campo burguês em função dos grupos de choque só encontrou zombaria junto aos partidários de Hitler, muito seguros de si próprios. Hugenberg tinha esperado estabelecer em Harzburg a aliança entre o Partido Nazi, os outros grupos de direita e os meios do dinheiro e do prestígio; tinha-se visto ele próprio no papel de grande mago da oposição nacional, operando nos bastidores com habilidade de raposa; mas, em vez disso, Hitler pusera-o bruscamente diante da alternativa de submeter-se ou de renunciar à ideia de uma frente comum. Como todos os precedentes "casamentos experimentais" [81] entre os nacional-socialistas e a direita burguesa, este tinha falhado e o encontro foi mais um fim do que um começo. Para Hugenberg, que esperava comandar, significou o fim das ilusões. Estava terminada a imagem de agitador de bar e vagabundo que o orgulho dos nacional-alemães tinha de Hitler. Mas ainda assim eles não tinham renunciado à ideia de aliança: "Não temos a intenção", protestou isoladamente Hugenberg, "de nos deixar utilizar como reforço para depois receber um pontapé". Mas os acontecimentos continuaram a se desenrolar contrariamente aos seus desejos.

A "frente de Harzburg", tantas vezes lembrada, é portanto mais uma noção de mitologia política do que de história real. Passa por uma das provas grandiosas sobre as quais se apoia a teoria da conjuração, que vê na história uma cadeia de sombrias maquinações e se deixa ofuscar sobretudo por peitos cobertos de decorações, pelas sobrecasacas e as atitudes de estátua que Hitler desprezava com razão; a "frente" passa sobretudo por ser a revelação deliberada da conspiração entre Hitler e o grande capital.

Havia claramente uma rede de alianças entre o Führer do Partido e donos de empresas influentes, e não se pode também negar que o Partido tivesse tirado dessas relações bom proveito material, bem como um prestígio cada vez maior, mas o que ele ganhou os partidos esfacelados do centro ganharam mais cedo, durante o mesmo tempo e em escala bem maior. Nem os ganhos eleitorais de uns nem as perdas de outros explicam-se por meio desses ricos protetores. Hitler queixou-se muitas vezes da timidez das empresas. Mussolini "teve a luta mais fácil porque teve a indústria italiana de seu lado (…) Que faz a indústria alemã pelo renascimento do povo alemão? — Nada!" [82] Em abril de 1932 mostrou-se ainda assombrado pelo fato de o DVP receber da indústria somas mais elevadas do que seu próprio partido e, quando Walter Funk, solicitado, realizou no fim do mês uma visita ao Ruhr, ele só recebeu um donativo entre vinte e trinta mil marcos. O volume desses subsídios é em geral superestimado. Alguns consideram verossímil a cifra de seis milhões de marcos até o dia 30 de janeiro de 1933, mas, mesmo com o dobro dessa soma, não era possível financiar uma organização compreendendo dez mil grupos locais e um corpo de funcionários considerável, um exército particular de cerca de um milhão de homens, bem como as 12 batalhas eleitorais do ano de 1932, conduzidas com grandes gastos; o orçamento anual do Partido era de fato nessa época de setenta a oitenta milhões de marcos, como estabeleceu Konrad Heiden, e foi essa ordem de grandeza que levou às vezes Hitler a designar-se a si próprio ironicamente como um dos maiores dirigentes financeiros alemães. [83]

Não foi absolutamente por acaso que a teoria da conspiração, mesmo em seus testemunhos mais sérios, inclinou-se a utilizar conceitos vastos e imprecisos para aproximar "o" grande capital e o Partido Nazi, enquanto no plano da polêmica pseudocientífica Hitler se tornou muito seriamente o candidato político carregado com dificuldade e muito bem pago por "uma quadrilha nazi" capitalista que operava nos bastidores, de quem passou a ser o diretor de relações públicas. [84] Contrariamente a essa teoria, havia interesses nitidamente divergentes entre os diversos donos de empresa e os diversos ramos de atividade. Os exportadores, os meios ligados à bolsa e os proprietários de grandes lojas, bem como a indústria química e as velhas famílias de empresários, como os Krupps, os Hoeschs, os Boschs ou os Klöckners, olharam o partido de Hitler, pelo menos até 1933, com grande reserva, motivada em geral por considerações econômicas, sem falar do número importante de empresas judias. Otto Dietrich, que tinha auxiliado Hitler numa parte de seus contatos com a indústria pesada renano-westfaliana, queixava-se num relatório da época da recusa da economia em "crer em Hitler, no momento de nossa luta mais árdua…" No início de 1932 sentiam-se

ainda “importantes núcleos de resistência econômica” e o célebre discurso de Hitler diante do clube industrial de Dusseldorf, a 26 de janeiro de 1932, devia servir justamente para reduzir esses núcleos. [85] As subvenções financeiras concedidas ao Partido depois do discurso resolveram as necessidades mais urgentes, mas sem atingir a importância desejada. Uma petição a Hindenburg, preparada em fins de 1932 por Schacht, pelo banqueiro von Schroeder e por Albert Vögler, pedindo que Hitler fosse nomeado chanceler, também não teve êxito: a maioria dos donos de empresas solicitados recusou sua assinatura. A indústria pesada, lamentou-se Schacht numa carta a Hitler, merecia bem esse nome, pois tinha a mão “pesada” no gatilho. [86]

A teoria segundo a qual teria havido estreita ligação instrumental entre Hitler e o capital não pode explicar melhor por que os milhões de eleitores chegaram tão antes dos milhões da indústria; quando Hitler fez os discursos de Dusseldorf, seu partido tinha mais de 800 mil membros e entre seis milhões e meio e 13 milhões de eleitores; estes constituíram sua base, e a “grande nostalgia anticapitalista” de que estavam imbuídos forçava-o, mais do que os chefes de empresas cabeçudos e recalcitrantes, a tomar cuidado. Hitler não se submeteu mais aos industriais do que ao argumentador Otto Strasser, que lhe era igualmente odioso, e quando operários do partido participaram da greve dos metalúrgicos em Berlim, contentou-se em declarar que os nacional-socialistas em greve valiam ainda mais do que os marxistas em greve. [87] Mas a tese segundo a qual o partido de Hitler teria sido comprado pelo capital choca-se principalmente com a questão à qual pretende responder: como esse movimento de massa, de um gênero novo, saído do nada, pôde tão facilmente ultrapassar a esquerda alemã, rica de tradição e perfeitamente organizada? De fato, essa incapacidade traduz mais uma crença no demonismo de Hitler ou um artigo de ortodoxia marxista, e, em ambos os casos, trata-se de uma perda de racionalidade da esquerda; se preferirmos, é verdadeiramente um “antissemitismo de esquerda.” [88]

Falar de uma conspiração da indústria com o nacional-socialismo é uma coisa — outra bem diferente é notar a atmosfera de “inclinação” e mesmo simpatia que cercava o nacional-socialismo. No seio da indústria, grandes forças não esconderam seu interesse na nomeação de Hitler ao posto de chanceler, mesmo recusando-se a agir. E muitos dos que não estavam de modo algum dispostos a sustentá-lo materialmente conferiam certa aprovação ao seu programa. Não tinham nenhuma esperança concreta em matéria de política econômica e nunca perderam completamente a desconfiança com relação às tendências socialistas antiburguesas no seio do Partido. Um pequeno grupo de simpatizantes industriais fundou durante o verão de 1932

um grupo de trabalho para combater o radicalismo econômico da ala esquerda do partido. Mas, em sua maioria, os empresários nunca tinham aceito a democracia burguesa com suas consequências, as reivindicações e os direitos das massas; a república não se tornara seu estado. Para muitos deles, a ideia de ordem no país, tal como Hitler prometia instaurá-la, estava ligada à autonomia da empresa, aos privilégios fiscais e ao fim do poder sindical. O slogan “Fujamos desse sistema”, lançado por um dos emissários da indústria, articulava-se sempre sobre o pano de fundo desses projetos reacionários. [89] Em parte alguma da estrutura da sociedade alemã os corpos petrificados do regime autoritário duraram com maior persistência do que no patronato, cujo modernismo tecnológico aliava-se a uma concepção social praticamente pré-capitalista. A verdadeira responsabilidade “do” capital no desenvolvimento do Partido Nazi não reside em objetivos comuns, nem numa sombria conspiração, mas no clima antidemocrático, visando à derrubada do sistema, que dele emanava. Seus emissários enganavam-se evidentemente sobre Hitler, só viam sua mania da ordem, o culto da autoridade que exercia severamente, seus traços retrógrados. Foi assim que a curiosa atmosfera futurista que o envolvia pôde escapar-lhes.

Em seu célebre discurso diante do Clube da Indústria de Dusseldorf, que é um dos testemunhos mais impressionantes do seu talento oratório, Hitler compreendeu com extraordinária intuição as concepções autoritárias dos donos de empresas, partidários de um regime de força, utilizando-as a seu favor. Vestido com um terno escuro de jaquetão, e empregando maneiras hábeis e corretas, desenvolveu diante dos grandes industriais, a princípio bastante reservados, as linhas ideológicas essenciais de sua política. Na intenção, no tom e no acento, cada palavra desse discurso de duas horas e meia era cuidadosamente adaptada a esse público.

No início, Hitler apresentou sua teoria sobre a primazia da política interna e opôs-se formalmente à concepção, elevada por Bruning ao nível de doutrina, segundo a qual o destino da Alemanha dependia antes de mais nada de suas relações exteriores. A política externa, declarou, é “determinada pelas disposições interiores de um povo” – todo o resto nada mais é do que resignação, renúncia nacional ou omissão de maus governos. Na Alemanha, o moral da nação estava evidentemente minado por causa do nivelamento operado pela democracia: “Se as cabeças capazes de uma nação, sempre em minoria, forem assimiladas a todas as outras, produz-se lentamente um nivelamento por baixo do gênio, da aptidão e do valor pessoal, nivelamento que se chama erroneamente de soberania do povo. Não se trata de soberania do povo, mas de soberania da tolice, da mediocridade, da incapacidade, da

covardia, da fraqueza, da insuficiência. É mais de acordo com a soberania do povo fazê-lo dirigir e governar pelos mais capazes e mais bem dotados (…) do que por uma maioria naturalmente estranha a essas questões.”

O princípio democrático de igualdade, prosseguiu, não era uma ideia vazia, unicamente teórica; age cedo ou tarde em todos os domínios da vida e pode envenenar lentamente o povo. A propriedade privada, declarou Hitler aos chefes de empresas, é inconciliável, no fundo, com o princípio da democracia. Porque sua justificação lógica e moral reside na convicção de que os homens e seus atos são diferentes. Chegou em seguida ao ponto crucial de seu ataque:

> Dito isto, seria no entanto loucura afirmar: no domínio econômico existem obrigatoriamente diferenças de valor, mas no domínio político não! É um absurdo basear economicamente a vida na ideia do rendimento, do valor pessoal, e assim, praticamente, na autoridade da personalidade, para renegar politicamente essa autoridade e substituí-la pela lei do maior número, a democracia. Formar-se-á forçosamente, pouco a pouco, entre a concepção econômica e a concepção política, uma brecha que se tentará fechar adaptando-se a primeira à segunda (…) Mas no domínio econômico, o comunismo é análogo à democracia política. Encontramo-nos hoje num período em que esses dois princípios de base se defrontam em todos os setores limítrofes…
>
> No estado há uma organização — o Exército — que não pode ser democratizada sem renunciar a si própria (…) O Exército só pode subsistir se mantivermos o princípio antidemocrático da autoridade absoluta para baixo, e da responsabilidade absoluta para cima. Mas o resultado é que num estado onde toda a vida política — começando pelo município e terminando pelo Reichstag — está baseada na ideia de democracia, o exército torna-se forçosamente, pouco a pouco, um corpo estranho.

Hitler demonstrou essa contradição estrutural com a ajuda de vários outros exemplos e descreveu em seguida a ressonância ameaçadora que a ideia democrática, e, portanto, comunista, tinha encontrado na Alemanha.

Evocou com detalhes o medo do bolchevismo, que não é só “uma horda esbravejando em algumas ruas na Alemanha”, mas “uma ideologia que está a ponto de submeter todo o continente asiático e (…) que abalará lentamente o mundo inteiro e o levará à perdição”. Depois prosseguiu:

> Se não lhe cortarmos o caminho, o bolchevismo exporá o mundo a uma reviravolta total, como outrora o cristianismo (…) Quando se trata de ideologia, trinta ou cinquenta anos não desempenham nenhum papel. A cristandade só começou lentamente a penetrar no sul da Europa trezentos anos depois de Cristo.

Na Alemanha, o comunismo já se espalhou mais amplamente do que nos outros países em virtude da confusão psíquica e da decomposição interior. Milhões de indivíduos são levados a ver no comunismo “o complemento ideológico de sua situação econômica efetiva”. Era, pois, errôneo procurar aqui, em circunstâncias exteriores, as causas da miséria reinante e combatê-las com meios exteriores; nem medidas econômicas nem “mesmo vinte decretos de exceção” não tinham podido impedir o declínio da nação; as razões dessa decadência são de natureza política, reclamam pois decisões

políticas e uma “solução de base”:

> Essa solução baseia-se na constatação de que as economias em falência anunciam sempre o desmoronamento do estado, e nunca o inverso, de que não há economia florescente que não tenha diante e atrás de si a proteção de um estado florescente e poderoso, de que não há economia cartaginesa sem esquadra cartaginesa.

O poder e a prosperidade de um país, acrescentou, resultam de sua organização interna, da “solidez de suas ideias comuns sobre certas questões essenciais”. A Alemanha encontrava-se então num estado de grande divisão interna. Cerca da metade da população era bolchevique no sentido amplo da palavra, e outra metade, nacionalista; alguns eram favoráveis à propriedade privada, outros viam aí uma espécie de roubo; uns consideravam um crime a traição nacional, outros um dever. Para dominar essa divisão e pôr um fim na impotência da Alemanha, Hitler criara um movimento e uma ideologia:

> Os senhores veem aqui agora uma organização (…) imbuída do mais eminente sentimento nacional, baseada na ideia de uma autoridade absoluta em todos os domínios, em todas as instâncias – o único partido a ter eliminado inteiramente em si não apenas a ideia internacional mas também a ideia democrática, o único a conhecer a ordem e a obediência e a apresentar portanto pela primeira vez na vida política da Alemanha um movimento que conta com milhares de indivíduos, e que se baseia no princípio da eficiência (…) Uma organização que dá aos seus partidários uma combatividade desenfreada; pela primeira vez, uma organização que, quando o adversário declara: “Sua presença significa para nós uma provocação”, não julga preferível retirar-se bruscamente, mas impõe brutalmente sua vontade e retruca: “Nós combatemos hoje! Nós combateremos amanhã! E se você considera hoje nossa reunião como uma provocação, na semana que vem faremos outra.”(…) E se nos dizem: “Vocês não podem sair à rua”, nós saímos à rua de qualquer forma. E se nos dizem: “Então, nós atacaremos!” — bem, qualquer que seja o número de vítimas que nos imponham, esta jovem Alemanha continuará sempre a marchar (…) E se criticam nossa impaciência, nós a admitimos com orgulho: Sim, tomamos a decisão inflexível de extirpar o marxismo da Alemanha até a última raiz. Se tomamos essa decisão, não foi por gostar da luta, pois acho que seria lógico entender que eu preferiria uma vida um pouco melhor do que viver correndo de um lado para outro através da Alemanha sem um momento de descanso…
>
> Hoje encontramo-nos na hora da mudança do destino alemão. Se a evolução atual seguir seu curso, a Alemanha afundará forçosamente um dia no caos bolchevique, mas se essa evolução for interrompida, nosso povo será tomado por uma disciplina de ferro (…) Ou conseguiremos, com este conglomerado de partidos, associações, ligas, ideologias, pretensões e loucura de classes, forjar de novo um corpo de nação duro como o ferro ou a Alemanha perecerá definitivamente, por falta dessa coesão interna…
>
> Dizem-me a toda hora: “Você nada mais é do que o arauto da Alemanha nacional!” Bem, e se não fosse outra coisa que o tamboreiro, o arauto? Seria hoje coisa mais digna de homem de estado bater o tambor de uma nova fé no ouvido do povo alemão do que jogar fora lentamente a fé que existe. [*Aprovação viva*] (…) Sei muito bem, egrégios senhores, que quando os nacional-socialistas vão pelas ruas, e há de súbito à noite tumulto ou barulho, o burguês abre as cortinas, olha para fora e diz: “Acordaram-me de novo e não me deixam dormir.” Mas não esqueci, caros senhores, as vítimas que ficam pelo chão quando hoje centenas de milhares de SA e de SS do movimento nacional-socialista saem cada dia nos caminhões para proteger reuniões, fazem desfiles, passam noites em claro para voltar de madrugada à oficina ou à fábrica ou serviço de assistência aos desempregados, para receber alguns tostões (…) Se toda a nação tivesse hoje a mesma fé em sua vocação que têm essas centenas de milhares de homens, se toda a nação possuísse esse idealismo, a Alemanha teria hoje um peso diferente no mundo! [*Aplausos entusiastas* .] [90]

❖

Apesar de todos os aplausos que interromperam o discurso de Hitler em favor do estado autoritário imperial e dos privilégios empresariais, em nome da autoridade da personalidade, só um terço dos participantes quis juntar-se ao final da reunião ao "*Heil, Herr Hitler* ", lançado por Fritz Thyssen. E ainda que o lucro material dessa sessão ficasse longe do esperado, houve um benefício evidente: Hitler saía enfim do isolamento prolongado no qual, em compensação, o estado mergulhava pouco a pouco. De todo lado, os exércitos da oposição ocupavam as posições perdidas pela república. O Stahlhelm, o DNVP, o Partido Nazi, o DVP e até mesmo os comunistas encontram-se unidos numa ação comum que visava à derrubada do poder no *Land* da Prússia por meio de um plebiscito, poder este que ainda estava nas mãos de uma coligação social-democrata. Embora esses movimentos não tivessem obtido juntos mais de 37% dos votos, essa ampla frente de adversários da república decididos a derrubá-la não deixou de causar profunda impressão.

Da mesma forma, os duros combates entre as formações paramilitares, sobretudo entre as dos comunistas e as dos nazis, os de ambas contra a polícia, o caos nas ruas, os sangrentos atos de violência durante os fins de semana eram sintomas que mostravam até que ponto estava minada a autoridade do estado. Por ocasião da festa do ano-novo judeu, a SA de Berlim organizou, sob a direção do conde Helldorf, uma série de lutas desenfreadas, e nas faculdades alguns professores impopulares foram vaiados. As brutalidades contra os manifestantes eram cenas sem igual. De fato, não era a guerra civil, mas Hitler havia anunciado que um dia as cabeças rolariam e essa observação ressoava ainda nos ouvidos da nação. Pouco a pouco percebia-se que o que se passava nas ruas era algo mais do que batalhas sangrentas entre partidos concorrentes que procuravam a simpatia dos eleitores e mais cadeiras no Reichstag. "A meta dos partidos burgueses não é o aniquilamento [do adversário] mas apenas uma vitória eleitoral", tinha afirmado Hitler algum tempo antes, acrescentando: "Vemos muito precisamente que se o marxismo for vencedor seremos aniquilados; aliás, nada mais esperamos; só se formos vitoriosos é que o marxismo será aniquilado, e completamente; nós também não conhecemos nenhuma tolerância. Só descansaremos quando o último jornal for destruído, a última organização esmagada, o último laço cultural suprimido e o último marxista convertido ou exterminado. Não há meio-termo." [91] O que aconteceu nas ruas e nas praças foi o pródromo de uma guerra civil, que recomeçava partindo do ponto atingido após a revolução interrompida em 1919, e só terminaria na primavera de 1933, nos porões de tortura e nos campos de concentração das

SA.

Nessa atmosfera extremamente tensa, o objetivo principal dos adversários de Hitler era levá-lo aos últimos limites. No fim de novembro de 1931, dez dias após as eleições provinciais de Hesse, em que o Partido Nazi, com 38,5% dos votos, tornara-se de longe o partido mais forte, um desertor nazi entregou ao chefe de polícia de Frankfurt um plano de ação concebido por nacional-socialistas de Hesse em caso de levante comunista. Esse "Documento de Boxheim", batizado com o nome de uma propriedade situada em Worms, onde tinha havido conspirações das SA e organizações semelhantes, falava de "medidas impiedosas" para obter "uma disciplina rigorosa no seio da população", e em caso de resistência ou de desobediência estabelecia a pena de morte, que deveria em algumas circunstâncias ser aplicada "imediatamente e sem processo". A propriedade privada, bem como todas as obrigações financeiras, deviam ser suprimidas; a população, alimentada publicamente; e instituído um serviço de trabalho obrigatório: os judeus, evidentemente, eram excluídos do trabalho e das refeições. [92]

A reação de Hitler diante dessa descoberta mostrou que ele levava cada vez mais em conta em suas considerações táticas as preocupações de seus adversários, e poupava os temores da opinião pública. Enquanto seis meses antes ainda condenava os atentados à legalidade, desta vez não tomou nenhuma medida disciplinar contra os autores do programa de ação e contentou-se em recusar-se a assumir a responsabilidade. Embora nos detalhes esse plano se afastasse das considerações de Hitler e contradissesse o curso tomado pelos acontecimentos, principalmente nas suas intenções semissocialistas, enunciava, porém, com extrema precisão, as condições ideais que Hitler sempre estipulara para a conquista do poder: é sob essa forma que ele imaginava a reação a um levante comunista. O poder ameaçado do estado gritaria por socorro e colocaria Hitler e a SA no comando, e ele poderia exercer o poder em nome e com a aparência do direito. É o apelo que tentara em vão arrancar a Herr von Kahr na noite de 8 a 9 de novembro de 1923; ele nunca quisera chegar ao poder na qualidade de simples político. Seu desejo era o de aparecer como salvador, no meio de suas tropas libertadoras, arrancando o povo das garras mortais do comunismo, e assim conquistar o poder. Essa situação correspondia tanto ao seu temperamento dramático quanto a suas tendências escatológicas. Via-se constantemente em luta com as forças do Mal num combate que englobaria o universo inteiro; motivos wagnerianos, a imagem do cavaleiro branco de Lohengrin, do Graal e a da mulher loura ameaçada se misturavam vaga e inconscientemente a esse sonho. Como as circunstâncias não traziam essa constelação e o golpe

comunista não “explodia”, segundo escrevia Goebbels ele se esforçava para criar artificialmente uma situação análoga.

A divulgação dos planos de Boxheim não teve maiores consequências. Vê-se por aí o quanto a noção de lealdade se esvaía rapidamente por todos os lados. Não só a burocracia e a justiça tentaram encobrir essa grave conspiração contra a segurança do estado, mas as próprias instâncias políticas acolheram o incidente com um resignado dar de ombros, deixando passar a ocasião de fazer disso o ponto de partida para uma ação enérgica de última hora. Em vez de prender Hitler, em vista dessas provas esmagadoras, e aplicar-lhe um processo, os dirigentes preferiram permanecer prontos a negociar e, inquietos por suas ameaças, aumentaram ainda mais seus esforços nesse sentido: via-se pela primeira vez até que ponto era importante para Hitler ter sido recebido por Schleicher e Hindenburg, e ter sido aceito como parceiro por políticos, donos de empresas e personalidades dispondo de grande influência, ou, em uma palavra, ter chegado até o círculo do “Senhor Presidente”. Podia-se perguntar também se medidas policiais ou judiciais podiam ainda comprometer seriamente o movimento, que contava nessa data com cerca de meio milhão de membros, ou se elas não teriam antes um efeito psicológico desastroso. O ministro do Interior da Prússia, Severing, renunciou, de qualquer forma, em dezembro de 1931, ao projeto de prender Hitler na saída de uma entrevista coletiva no Hotel Kaiserhof e mandar expulsá-lo da Prússia, e o general von Schleicher respondeu no mesmo instante, quando, durante uma palestra, reclamaram-se medidas enérgicas contra os nacional-socialistas: “Não somos mais suficientemente fortes para isso. Se tentarmos, seremos simplesmente varridos!” [93]

A ideia presunçosa segundo a qual o partido de Hitler nada mais era do que um bando de piratas pequeno-burgueses e demagogos faladores começou a mudar imediatamente. De início limitado, embora inegável, espalhava-se progressivamente um sentimento de estupor. Assemelhava-se à apatia ressentida ante uma força da natureza. “*It is the ‘Jugendbewegung,’ it can’t be stopped* ” [É o movimento da juventude, não podemos interrompê-lo], observou o adido militar inglês, exprimindo assim a ideia predominante no corpo dos oficiais alemães. A história da ascensão do Partido Nazi que aqui relatamos é ao mesmo tempo a história da decomposição e do desmoronamento da república. Para resistir, faltava-lhe não só energia mas também uma imagem sugestiva do futuro, tal como Hitler a desenhava em seus excessos retóricos. Poucas pessoas acreditavam ainda que a república sobreviveria.

15

Às portas do poder

Votar, votar! Chegar ao povo! Estamos todos muito felizes .

Joseph Goebbels

NÃO FORAM APENAS O VIRTUOSISMO demagógico, a habilidade tática e a verve radical de Hitler que o ajudaram na subida: o próprio contrassenso parecia agir para aplainar-lhe todos os obstáculos. Durante o ano de 1932, cinco grandes eleições, devidas ao acaso dos prazos, deram-lhe a oportunidade de mostrar sua superioridade no plano da agitação, a que era muito afeito.

O mandato presidencial expirava na primavera. Para evitar os riscos e a radicalização de uma eleição, Bruning havia elaborado um projeto de emenda constitucional que tornava vitalício o mandato de Hindenburg. Tudo no sentido de ganhar tempo. O inverno trouxera um agravamento da crise e a situação tornara-se insustentável. Em fevereiro de 1932, o número de desempregados ultrapassou os seis milhões. Bruning agarrava-se às suas ideias com a obstinação do especialista que considera seus princípios superiores à flexibilidade do político; contava com o cancelamento das reparações, com o sucesso na conferência de desarmamento, com uma Alemanha em plena igualdade de direitos, com a primavera e que seu conceito de uma economia de fome seria apoiado.

Mas o povo não compartilhava nem de sua austeridade nem de suas esperanças; sofria fome, frio e todos os fatos aviltantes que acompanham a miséria. Detestava os decretos que faziam constante apelo ao espírito de sacrifício: o governo contentava-se em administrar a miséria, em vez de tentar vencê-la, reclamava-se por toda parte. [95] A política de Bruning causava mais do que miséria à população: a personalidade comedida do chanceler não era capaz de conseguir que um discurso do tipo sangue, suor e lágrimas despertasse entusiasmo e aplausos. Ninguém aceita facilmente que a miséria seja às vezes miséria mesmo. A crescente repulsa à república se entende também pela falta de uma explicação convincente do sentido de se pedirem tão contínuos sacrifícios.

A política de Bruning de ganhar tempo dependia do apoio que ele encontrava junto ao presidente. E eis que Hindenburg, contrariando todas as

expectativas, recusou-se a prolongar seu mandato. Estava agora com 84 anos, e havia muito tempo cansado de suas funções. Além disso, temia que as inevitáveis discussões sobre sua pessoa acarretassem novos ataques de seus amigos da direita, já contrariados. [96] Acabou, entretanto, por dar um sim hesitante, não resistindo à insistência vinda de toda parte, quando a prorrogação do mandato foi limitada a dois anos. Ficou particularmente impressionado quando lhe lembraram que Wilhelm I havia declarado com 91 anos que não tinha tempo de se cansar; mas concordou a contragosto e ao preço de perder a confiança em Bruning, em quem via o instigador de todas as pressões: com isso, o chanceler tinha já perdido, no fundo, o que esperava ganhar.

As conversações de Bruning com os partidos puseram obrigatoriamente Hitler no centro dos debates, pois qualquer emenda da constituição precisava de seu acordo. O curso dos acontecimentos favorecia-lhe o prestígio, mas deixou-o também diante de uma alternativa extremamente perigosa: fazer causa comum com os "suportes do sistema", consolidando assim a posição de Bruning e renegando seu próprio radicalismo — ou desencadear uma campanha eleitoral contra o velho presidente, objeto de tanta devoção, o fiel cavaleiro e "Kaiser substituto" da nação, uma batalha que poria seriamente em jogo a história de sucesso do movimento; ela podia igualmente originar discórdia com Hindenburg, que teria consequências imprevisíveis, dispondo o presidente de tantas e decisivas chaves da porta que levava ao poder. Enquanto Gregor Strasser aconselhava a aceitação da proposta de Bruning, Röhm e sobretudo Goebbels ficaram absolutamente contra ela: "Não é o presidente que está em jogo", observou Goebbels em seu diário. "*Herr* Bruning gostaria de estabilizar por um futuro indefinido sua própria posição e a de seu gabinete. O Führer pediu tempo para refletir. A situação precisa ficar bem esclarecida por todos os lados (…) O jogo de xadrez pelo poder começou. Quem sabe dure o ano todo. Partida a ser jogada com senso de medida, com esperteza e também com finura. O principal é que continuemos fortes e recusemos compromissos." [97]

Posto por um movimento hábil de Bruning em uma situação difícil, Hitler ficou muito tempo indeciso. Enquanto Hugenberg rejeitou imediatamente a proposta, sem meias-palavras, Hitler hesitava ainda, e a resposta que acabou dando refletia não apenas suas dúvidas como também sua prudência. Essas duas reações mostravam toda a diferença entre a estratégia limitada de Hugenberg, cansado de correr atrás do radicalismo do parceiro, procurando ultrapassá-lo, e o próprio Hitler, que misturava a suas tendências revolucionárias um elemento de racionalismo astucioso. Em todo caso, ele

pôs tantas condições na recusa que esta teve o efeito de uma proposta de prosseguimento das negociações. Procurou sobretudo acentuar um pouco mais o distanciamento entre Hindenburg e o chanceler, que adivinhava com um instinto seguro. Numa espantosa reviravolta, proclamou-se guardião da constituição e, em longas considerações, que pareciam voltadas com todo o escrúpulo para a fidelidade ao presidente, levantou várias objeções jurídicas ao plano do chanceler.

Embora estivesse decidido a apresentar sua candidatura contra Hindenburg, Hitler esperou ainda algumas semanas antes de anunciar sua decisão, porque suas concepções tinham sempre implicado que da parte do presidente houvesse uma "boa predisposição" e não hostilidade. Compreendia melhor do que seus satélites o quanto era perigoso desafiar o mito Hindenburg. Em vão Goebbels e outros suplicaram-lhe para proclamar sua candidatura. Aceitou, pelo momento, a proposta que lhe faziam de dar-lhe a nacionalidade alemã, necessária para apresentar-se às eleições, com a ajuda do ministro nacional-socialista do Interior de Brunswick, Klagge. [98] Essa hesitação tantas vezes descrita, essa irresolução e essa tendência para adiar uma decisão até o último minuto, até a fatalidade das circunstâncias, que contrastam tão curiosamente com a ideia do Führer agindo com uma segurança de sonâmbulo são perfeitamente ilustradas por esse exemplo. No sentido estrito da palavra, a decisão estava tomada havia muito tempo. O diário de Goebbels desvenda passo a passo a irresolução torturante e quase estranha de Hitler:

> – *9 de janeiro de 1932* . Tudo está um caos. O grande enigma é o que fará o Führer. Não é de surpreender!
>
> – *19 de janeiro de 1932* . Discutida com o Führer a questão da presidência do Reich. Relatei minhas conversas. Nenhuma decisão foi ainda tomada. Pedi insistentemente sua candidatura. Não se cuida mais, na verdade, doutra coisa. Fazemos as contas com números precisos.
>
> – *21 de janeiro* . Nada mais a fazer, nessa situação, além de apresentar nosso próprio candidato. Combate difícil e desagradável, mas é preciso enfrentá-lo.
>
> – *25 de janeiro* . O partido treme com a atmosfera eleitoral. A escolha eleitoral parece ter-se tornado definitivamente a favor ou contra Hindenburg. Precisamos agora apresentar nosso candidato.
>
> – *31 de janeiro* . A decisão do Führer será dada quarta-feira. Não pode mais haver dúvida.
>
> – *2 de fevereiro* . Os argumentos para a candidatura do Führer são tão evidentes que não há nenhuma outra possibilidade (…) Ao meio-dia, longa deliberação com o Führer. Ele expõe suas ideias sobre as eleições presidenciais. Decidiu apresentar ele próprio sua candidatura. Mas primeiro é preciso determinar a parte adversária. Lá é o SPD que dá o tom. Depois, nossa decisão será comunicada ao público. É um combate extremamente desagradável, mas há que enfrentá-lo. O Führer faz suas jogadas sem nenhuma precipitação, de cabeça fria.
>
> – *3 de fevereiro* . Os *gauleiters* esperam o anúncio da decisão para a candidatura presidencial. Esperam em vão. É um jogo de xadrez. E não se anuncia antes qual a jogada que se vai fazer (…)

> O Führer ocupa-se, em suas horas de lazer, de planos arquitetônicos para uma nova casa do partido, bem como de uma grandiosa reconstrução da capital do Reich. É para ele um projeto decidido, e é espantoso o número de assuntos de que trata como um especialista. De noite, muitos velhos e fiéis partidários vêm à minha casa. Estão deprimidos porque ainda não conhecem a decisão. Estão inquietos de ver o Führer esperar tanto tempo.
>
> – *9 de fevereiro* . Tudo ainda está vago.
>
> – *10 de fevereiro* . Fora, é um dia de inverno, de um frio penetrante. O ar límpido deixa transparecer decisões límpidas. Não será preciso esperar muito tempo.
>
> – *12 de fevereiro* . Calculo ainda todos os números com o Führer, no Kaiserhof. É um risco, mas é preciso corrê-lo. A decisão está tomada (…) O Führer está de novo em Munique; a decisão oficial foi adiada por alguns dias.
>
> – *13 de fevereiro* . É esta semana que deve ser tomada a decisão oficial no que concerne à presidência.
>
> – *15 de fevereiro* . Trabalho como se a batalha eleitoral já tivesse começado. Isso apresenta algumas dificuldades, pois o Führer ainda não foi oficialmente proclamado candidato.
>
> – *19 de fevereiro* . Com o Führer no Kaiserhof. Conversei longamente com ele em particular. A decisão está tomada.
>
> – *21 de fevereiro* . Essa espera eterna nos arrasa.

Para a noite seguinte, Goebbels havia convocado uma assembleia no Palácio dos Esportes, em Berlim. Era a sua primeira aparição em público depois de 25 de janeiro, pois uma proibição de discursar tinha sido pronunciada contra ele. Agora faltavam apenas três semanas para as eleições, mas Hitler continuava a hesitar. Durante o dia, Goebbels foi ao Kaiserhof para expor-lhe o plano de seu discurso. Quando abordou de novo a questão da candidatura, recebeu inesperadamente a autorização da qual já desesperava de anunciar a decisão de Hitler. “Graças a Deus”, registrou Goebbels no diário. E diz mais adiante:

> Palácio dos Esportes lotado. Assembleia-geral das circunscrições do oeste, do leste e do norte. Desde o início, ovações entusiastas. Quando proclamo oficialmente a candidatura do Führer, ao cabo de uma hora de discurso preparatório, os aplausos soam estrondosamente durante cerca de dez minutos. Manifestações desenfreadas para o Führer. Todo mundo se levanta, grita e clama. O teto ameaça desabar. Espetáculo esmagador. É verdadeiramente um movimento que deve vencer. Reina um entusiasmo indescritível que desencadeia um tumulto. Tarde da noite, o Führer telefona. Faço-lhe um relato e ele vem em casa. Alegra-se de que a proclamação de sua candidatura tenha sido recebida assim. Ele é e permanece nosso Führer. [99]

A última frase revela a dúvida que tinha obviamente sentido Goebbels nas semanas anteriores, ante as delongas do Führer. Mas se este episódio é um dos mais notáveis testemunhos da indecisão de Hitler, a súbita e veemente energia que ele desenvolveu para retomar a discussão sem um olhar para trás é igualmente característica. No dia 26 de fevereiro, fez-se nomear conselheiro do governo de Brunswick, por uma semana, numa cerimônia no Hotel Kaiserhof, e adquiriu assim a nacionalidade alemã. No dia seguinte, apostrofou seus adversários no Palácio dos Esportes: “Conheço suas palavras de ordem! Vocês afirmam: ‘Ficaremos a qualquer preço,’ e eu lhes digo: nós

os derrubaremos de qualquer maneira! (…) Estou feliz de poder lutar agora com meus camaradas, haja o que houver.” Pegou um comentário do chefe de polícia de Berlim, Grzesinski, que tinha ameaçado expulsá-lo da Alemanha a chicote: “Podem continuar a ameaçar-me com o chicote. Veremos se no final da luta o chicote estará ainda em suas mãos.” Ao mesmo tempo, procurava evitar o papel de oponente de Hindenburg que lhe impusera Bruning, e falava de seu dever de referir-se a Hindenburg, o marechal-de-campo cujo “nome devia permanecer para o povo alemão como o do chefe que dirigira a grande batalha”. “Chefe idoso, nossa admiração por ti é grande demais para que possamos suportar que se escondam atrás de ti aqueles que queremos aniquilar. Mesmo se isso nos entristece, deves sair da frente, pois eles querem o combate e nós queremos também.” [100] Radiante de felicidade, Goebbels observou que o Führer “estava de novo à altura da situação”.

Pôde-se ver assim até que ponto Hitler e os nazis dominavam agora o cenário político. Embora já houvesse desde certo tempo três candidatos — Hindenburg, o postulante comunista Ernst Thälmann e Theodor Duesterberg, o candidato da direita radical burguesa — era agora, com a declaração de Hitler, que a batalha eleitoral começava. Instantaneamente, os nacional-socialistas manifestaram de novo um esforço enorme, esmagador. A série de comícios que começou logo não provava apenas uma melhora na tesouraria do partido, mostrava também a rede cada vez maior de bases de campanha. Desde fevereiro, Goebbels transferira para Berlim a direção da propaganda do Reich e previra num estilo pomposo, característico seu, um combate eleitoral “como o mundo jamais viu”. Toda a elite de oradores do partido foi convocada e o próprio Hitler percorreu toda a Alemanha de carro de 1º a 11 de março e falou, segundo o *Völkischer Beobachter* , para cerca de quinhentas mil pessoas. Ao lado dos “demagogos em grande estilo” havia, como pedira Hitler, esse “exército de chamarizes que excitavam as paixões do povo torturado.” [101] Sua astúcia e sua imaginação, que utilizavam pela primeira vez as técnicas modernas, ganharam novamente de longe dos seus concorrentes. Um disco, em edição de cinquenta mil cópias, foi lançado ao público. Fizeram filmes sonoros que foram impostos aos proprietários de cinemas para serem projetados na hora dos jornais de atualidades. Publicou-se também uma revista eleitoral e desencadeou-se o que Goebbels chamou uma guerra de cartazes e de bandeiras, e de um dia para o outro cidades ou bairros inteiros foram marcados com um vermelho gritante e sangrento. Caminhões percorriam as ruas o dia inteiro, às vezes em colunas, e os SA, com os barbicachos abaixados, brandiam as bandeiras entoando ou gritando seu *Deutschland erwache!* [Acorda, Alemanha!] Essa campanha barulhenta e incessante suscitou logo dentro do partido uma atmosfera de autossugestão e

certeza de vitória, que se manifestou numa instrução de Himmler, limitando o consumo de álcool nas celebrações das SS pela vitória. [102]

Adversário do outro lado, no fundo, só havia Bruning, operando curiosamente só, e oferecendo à sua admiração pelo presidente uma batalha eleitoral extenuante; quanto aos social-democratas, era visível que só apoiavam Hindenburg para derrotar Hitler. O próprio Hindenburg respondeu a esse mal-estar em sua única alocução pelo rádio na campanha eleitoral, protestando com tristeza contra a recriminação que lhe faziam de ser o candidato de uma "coligação vermelha e preta" de socialistas e do centro católico. De qualquer forma, verificou-se que as eleições que invertiam todas as frentes e dividiam todas as lealdades iriam decidir-se unicamente entre Hindenburg e Hitler. Na véspera do dia 13 de março, o *Angriff* berlinense proclamou com segurança: "Amanhã, Hitler será presidente do Reich."

Dadas essas perspectivas otimistas, o resultado foi um rude golpe. A vitória de Hindenburg foi nítida: com 49,6% dos votos, distanciou-se de Hitler além de qualquer expectativa, pois este só obteve 30,1%. Triunfante, Otto Strasser mandou colar nas ruas cartazes que mostravam Hitler no papel de Napoleão na retirada de Moscou. "O grande exército foi esmagado", dizia a legenda, "mas Sua Majestade o Imperador está são e salvo." Duesterberg, cuja derrota decidia de uma vez por todas em favor de Hitler a rivalidade nas hostes nacionalistas, vinha longe, com 6,8% dos eleitores. Em diversos lugares os nacional-socialistas hastearam a meio-pau as bandeiras da cruz gamada.

Como Hindenburg, entretanto, tinha perdido por pouco a maioria absoluta, era necessário proceder a um segundo turno, e a atitude de Hitler foi outra vez característica. Enquanto a temida depressão dominava o partido e procurava-se aqui e ali renunciar a esse novo escrutínio, certamente sem esperanças, Hitler não demonstrou nenhuma emoção e, na noite do 13 de março, incitou seus partidários a redobrar a atividade, dirigindo uma série de apelos aos SA, aos SS, à juventude hitlerista e ao corpo motorizado do nacional-socialismo. "A primeira batalha eleitoral está terminada, a segunda começa hoje. Eu a comandarei também pessoalmente", proclamou. E, como escreveu Goebbels em um hino, ele repôs o partido de pé "numa sinfonia única de espírito de ofensiva". Mas um de seus companheiros encontrou-o mais tarde da noite em seu apartamento escuro, mergulhado em sombrias meditações, "mostrando a imagem de um jogador decepcionado e desanimado que tinha feito uma aposta além de suas possibilidades". [103]

Alfred Rosenberg sacudiu os partidários desalentados no *Völkischer*

Beobachter : “E agora continuamos com um furor, uma impiedade jamais vistos na Alemanha (…) A razão de nossa luta é o ódio contra tudo o que está contra nós. Não mais haverá perdão.” Alguns dias depois, cerca de cinquenta personalidades de primeiro plano declararam-se a favor de Hitler: nobres, generais, aristocratas de Hamburgo e professores. As eleições foram marcadas para 10 de abril. Com o intuito de conter a agitação dos ativistas de direita e de esquerda, alimentada com ódio, ressentimento e slogans de guerra civil, o governo ordenou, no entanto, tendo em vista a festa da Páscoa iminente, uma trégua até o dia 3 de abril, de modo que a campanha eleitoral propriamente dita fosse limitada a uma semana. Como ocorria sempre que Hitler se via acuado a uma escolha, ele se serviu dessa proibição para realizar uma de suas mais eficientes ideias de propaganda. A fim de dar o máximo de peso possível a seu talento de orador e atingir pessoalmente as maiores massas humanas, alugou um avião para si e seus colaboradores imediatos, Schreck, Schaub, Bruckner, Hanfstaengl, Otto Dietrich e Heinrich Hoffmann. No dia 3 de abril partiu para o primeiro desses voos através da Alemanha, voos que ficaram célebres e que os levavam dia após dia a quatro ou cinco comícios organizados pela equipe, num total de 21 cidades; e se a propaganda do partido conferiu a essa empresa um perfume lendário, esses voos deram a impressão de invenção, de modernismo audacioso, de agressividade e de onipresença assaz inquietante: “Hitler sobre a Alemanha!” Tal era o *slogan* eficaz cujo duplo sentido exprimia ao mesmo tempo todo tipo de esperanças e todo tipo de angústias. Levado pelo entusiasmo que o cercava, Hitler declarou que acreditava ser um instrumento de Deus, escolhido para libertar a Alemanha. [104]

Conforme as previsões, Hindenburg obteve facilmente a maioria absoluta, com 53% e exatamente vinte milhões de eleitores. Para Hitler, no entanto, o número de votos tinha aumentado. Os 13 milhões e meio de eleitores que ele reunia correspondiam a uma porcentagem de 36,7%. Duesterberg não disputara mais e Thälmann não tinha obtido mais de 10% dos votos.

No mesmo dia, numa atmosfera de esgotamento, de febre e de embriaguez vitoriosa, Hitler, deu suas instruções para as eleições provinciais, que deveriam ter lugar 15 dias mais tarde, na Prússia, em Anhalt, no Wurttemberg, na Baviera e em Hamburgo, e que de novo englobavam quase todo o país, ou seja, quatro quintos da população: “Não descansamos um só instante e logo tomamos nossas decisões”, anotou Goebbels. [105] Hitler efetuou de novo um raide através da Alemanha e em oito dias falou em 25 cidades. Seus colaboradores falavam, orgulhosos, de um “recorde mundial” de contatos pessoais. Mas foi justamente o que não se produziu. A presença

individual de Hitler apagava-se diante de sua incessante atividade, como se só existisse em prática um princípio dinâmico: “Toda a nossa vida é agora uma caçada para o sucesso e o poder.”

A personalidade desse homem, já difícil de ser apreendida, escapa assim ainda mais e foge a um exame aprofundado do biógrafo. Os colaboradores de Hitler esforçaram-se em vão para dar a essa aparição uma cor, uma particularidade e uma aura humana. Mesmo o poder supremo da propaganda, que podia realizar quase todos os estratagemas, atingiu logo seus limites: os diários e relatórios de Goebbels e Otto Dietrich são exemplos eloquentes disso. As histórias que circulavam sem parar sobre o amigo das crianças, o navegador de instinto seguro no avião perdido, o atirador de pistola “de pontaria perfeita”, ou a cabeça no lugar no meio da “canalha vermelha”, tinham exatamente o efeito contrário e ainda reforçavam, quando o objetivo era apagar, a impressão de que Hitler estava longe da vida. Apenas os acessórios de que se munira davam-lhe um certo contorno individual: capa de chuva de gabardine, chapéu de feltro ou boné de couro, chicote, o bigode preto de caricatura, a mecha de cabelos na testa. Mas esses atributos, que permaneciam imutáveis, despersonalizavam-no também. Goebbels descreveu de modo pitoresco o ativismo furioso que tomava conta nessa época de todos os dirigentes do partido e que destruía qualquer perfil individual:

> As viagens recomeçam. O trabalho se faz parado ou andando, de carro, de avião. As conversas mais importantes são nas escadas, nos corredores, nas portas, a caminho da estação. É difícil estar tranquilo. A estrada de ferro, o automóvel e o avião nos levam por toda a Alemanha. Chega-se a uma cidade meia hora antes do início, às vezes mais tarde, depois sobe-se à tribuna do orador e fala-se (…) Quando o discurso chega ao fim, tem-se a impressão de sair vestido de um banho quente. Então sobe-se no carro, para andar mais duas horas…” [106]

Algumas raras vezes durante os 18 meses que decorreram antes que esse esforço permanente conduzisse ao sucesso, as circunstâncias arrancaram Hitler de sua atitude impessoal e lançaram por um instante luz sobre seu caráter peculiar.

Empenhado desde meados de setembro do ano anterior nessa caçada através da Alemanha, a notícia do suicídio de sua sobrinha Geli Raubal em seu apartamento comum de Prinzregentenstrasse chegou a ele durante uma viagem eleitoral a Hamburgo, pouco depois de Nuremberg. Transtornado e horrorizado com a notícia que lhe traziam, Hitler fez meia-volta imediatamente, e tudo nos leva a crer que nenhum acontecimento de sua vida pessoal o atingiu tanto quanto esse. Durante semanas pareceu estar à beira de uma crise de nervos e decidido a abandonar a política. Na tristeza que o dominava, manifestou uma vez mais a intenção de dar cabo da vida, era de

novo a vontade de precipitar-se no vazio e deixar tudo longe que acompanha tão curiosamente suas infelicidades. Via-se novamente a tensão de sua existência, o esforço permanente que desenvolvia para ser aquele que queria parecer. A energia que dele emanava não era própria de um temperamento vigoroso, mas de uma vontade desenvolvida por um caráter neurótico. E como, segundo ele, a grandeza era incompatível com o sentimento, recolheu-se, durante vários dias a uma casa no lago Tegern, para fugir dos homens. Mais tarde, porém, no dizer de seus íntimos, tinha sempre os olhos cheios de lágrimas quando começava a falar de sua sobrinha; segundo uma regra não escrita, ninguém devia evocar sua memória. Seguindo seu temperamento patético, que gostava da solenidade da morte, fez também de sua lembrança o objeto de um culto sem limites. O quarto dela do Berghof permaneceu tal e qual o havia deixado, enquanto na sala onde tinha sido achada caída no chão, foi colocado um busto seu, diante do qual, todo ano, Hitler ia postar-se, no dia do aniversário da morte, para uma meditação de várias horas. [107]

Suas reações diante da morte da sobrinha têm um caráter curiosamente excessivo e idólatra que abre horizontes característicos além da pobreza de contatos e da frieza de sentimentos que Hitler manifestava por outro lado. Vários sinais mostram que sua atitude não era ditada só pelo desejo teatral e a compaixão de si mesmo, mas que é preciso considerar esse incidente um dos acontecimentos-chave de sua vida, que muito contribuíram para determinar suas já complicadas relações com o outro sexo.

De acordo com os testemunhos existentes, as mulheres, depois da morte de sua mãe, só representaram em sua vida um papel acessório e ocasional. O albergue, as companhias ocasionais nas cervejarias de Munique, a trincheiras, o quartel e o partido de uniforme e camaradagem viril, esse era seu mundo e sua vida. O complemento tendia a ser o bordel, que no entanto ele achava desprezível, as relações frívolas e passageiras, às quais seu temperamento pesado e grave se acomodava com dificuldade. O caráter tímido e curiosamente limitado de suas relações com as mulheres manifesta-se já na inclinação por seu ídolo da adolescência, Stephanie. Entre seus camaradas do exército, ele passa por “misógino”. [108] Embora se encontre sempre no meio de grandes ajuntamentos humanos, sua biografia revela um vazio humano inquietante: nela não há nenhuma relação individual. Esse medo característico de qualquer atitude alienadora engloba também, segundo uma observação de seus íntimos, o medo constante de “ser visto com uma mulher”.

O aparecimento de Geli Raubal, sua tendência romântica e, no começo, infantil pelo “Tio Alf” pareceram desfazer esses complexos. Talvez o medo das atitudes familiares e da renúncia às poses de homem de estado, bem como

o medo de revelar-se, fossem atenuados por seus laços de parentesco; não é impossível porém que seus sentimentos por Geli tenham tido raízes mais obscuras, e que tenham sido uma forma disfarçada de narcisismo: a paixão de seu pai pela jovem que levou para casa com 16 anos, fazendo dela sua amante, antes que se tornasse a mãe de Hitler, não era também desprovida de um elemento incestuoso. Entre as numerosas mulheres que tinham cruzado o caminho de Hitler, de Jenny Haug, irmã de seu primeiro motorista, a Helena Hanfstaengl, a Unity Mitford e a todas as que ele costumava chamar, no estilo íntimo austríaco: “minha princesinha”, “minha condessinha”, “Tschapperl” ou “Flietscherl”, expressões austríacas de carinho ousado, até Eva Braun, certamente nenhuma teve tanta importância quanto Geli Raubal. Curioso como isso possa parecer, foi ela seu único grande amor, um amor cheio de sentimentos, de proibições, de alusões a Tristão e de sentimentalidade trágica.

É ainda mais estranho que, com todo o seu faro psicológico, ele não tenha aparentemente entendido as complicações dessa jovem desequilibrada e impulsiva. Não se sabe se ela foi amante de Hitler; alguns o afirmam, interpretando o suicídio como uma solução desesperada para escapar à opressão, que se tornara insuportável, das relações com o tio; outros asseguram além disso que a jovem teria sido levada a esse ato por certas exigências perversas de um Hitler anormal, enquanto uma terceira versão nega qualquer relação sexual entre eles, sublinhando a intimidade irrefletida da sobrinha com empregados de Hitler. [109] É quase certo, porém, que ela se tenha aproveitado da celebridade de Hitler e participado ingenuamente do papel de *star* que o tio assumia.

Mas essas relações que se tinham forjado ao longo dos anos, com sonhos em comum, noitadas na ópera, as doçuras de um passeio no campo ou o rumor dos cafés, tinham tomado pouco a pouco um aspecto nitidamente opressivo. Progressivamente, o reverso da medalha tinha aparecido: o ciúme torturante de Hitler, suas pretensões constantes, quando por exemplo enviava a célebres professores de canto sua sobrinha mediocremente dotada e pouco ambiciosa, para dela fazer uma heroína de Wagner. Essas intervenções autoritárias cortavam pouco a pouco qualquer possibilidade de Geli levar uma vida individual. Dizia-se no círculo de relações de Hitler que pouco antes de sua partida para Hamburgo tinha havido uma violenta discussão em voz alta, oriunda do fato de que a jovem queria passar algum tempo em Viena; e teria sido essa situação complicada e aparentemente sem saída que a conduziria finalmente a tal ato. Entretanto, a oposição espalhou alguns rumores que logo se propagaram: esses boatos diziam que a jovem tinha-se matado porque esperava um filho de Hitler, acusavam o próprio Hitler do crime, ou falavam

da sentença de um tribunal secreto da SS, considerando que Geli Raubal tinha arrancado o tio à sua missão histórica. Hitler queixou-se algumas vezes dessa “sujeira terrível” que o matava e acrescentava num tom ameaçador que nunca perdoara aos seus adversários os comentários daquelas semanas. [110]

Mal tinha recuperado a calma, voltou a Hamburgo e, sob as ovações de milhares de pessoas, fez um de seus discursos estimulantes, durante os quais o público se derretia como para um deboche coletivo, esperando com avidez o momento da apoteose, da grande explosão de prazer que se manifestava por gritos delirantes. A relação é evidente demais para ser ignorada; ela permite interpretar os triunfos retóricos de Hitler como sucedâneos de uma sexualidade insatisfeita. Não é sem uma razão profunda que Hitler costumava assimilar a massa “à fêmea”. Basta um olhar nas páginas correspondentes de seu livro *Mein Kampf* para compreender o fervor erótico que nele desperta a representação da massa cuja ideia dá à sua linguagem uma notável liberdade estilística. Percebe-se assim o que esse indivíduo de contatos difíceis, esse solitário, procurava e encontrava nas reuniões coletivas que suscitava com um desejo cada vez mais acerbo, quando se punha sobre o palanque, dominando a multidão. Numa imagem estilística reveladora, ele a chamou, de acordo com testemunhos, sua “única noiva”. [111] Se não se podia resistir a seus arroubos retóricos instintivos, era em grande parte porque na massa excitada pela miséria persistente, reduzida a algumas necessidades elementares, e reagindo exatamente “de modo instintivo”, ele encontrava um público preparado. As gravações dessa época transmitem nitidamente o caráter obsceno de copulação ligado a essas manifestações; o silêncio do início, em que cada qual retém a respiração, os gritinhos estridentes, a gradação e os primeiros sons de liberação da multidão, e finalmente a vertigem, novos sobressaltos e, para terminar, o enlevo extático ante o orgasmo da palavra enfim liberado: o poeta René Schickele caracterizou os discursos de Hitler como “crimes sexuais” e vários outros observadores procuraram apreender com o vocabulário da Noite de Walpurgis, a noite das bruxas, e de Blocksberg, o morro das bruxas, o fluido vivo e sensual desses comícios. Mas seria erro considerar esses excessos do instinto, visando a uma excitação sexual, como a única receita de sucesso do orador; pelo contrário, trata-se uma vez mais dessa estranha coabitação de embriaguez e de racionalidade própria de Hitler. Quando gesticulava à luz dos projetores, proferia, pálido, com voz áspera, sonora, as acusações e as tiradas de ódio, controlava perfeitamente suas emoções e toda a sua vertigem não o impedia de metodizar a explosão de seus instintos. Essa dualidade, que determinou todo o seu comportamento, conta entre os traços

fundamentais de seu temperamento: sua técnica retórica também estava visivelmente impregnada dela, tanto quanto a tática de legalidade e mais tarde seu método para conquistar o poder ou suas manobras na política externa. O próprio regime que instituiu tomou esse traço de caráter, definido como um *Doppelstaat* , “estado duplo.” [112]

Seu talento de domínio psíquico obedecia a um sistema cada vez mais estudado e é justamente essa ampla instrumentação técnica que diferencia os triunfos dessa fase dos sucessos dos anos anteriores. O triunfo de Hitler repousava essencialmente, como antes, no fato de que ele levava sempre as coisas ao extremo limite, mas era mais radical, não só em suas paixões mas também em seus cálculos racionais. Num discurso em agosto de 1920, tinha já definido sua tarefa da seguinte maneira: por uma questão de lucidez objetiva, “despertar, estimular e provocar o instintivo”. [113] Aí já se encontrava uma ideia, uma das noções que constituíam o segredo de seu sucesso junto às massas nessa época. Mas só as condições infinitamente graves da crise econômica ditariam ao seu estilo de agitador os métodos friamente calculados e postos em prática para obter essa “capitulação” psíquica que constituía a meta de sua propaganda. Na planificação de suas campanhas, cada detalhe, como escreveu Goebbels, era “organizado em detalhe” e nada era deixado ao acaso: a estrada, a acumulação dos comícios, a amplitude das reuniões, a mistura de público dosada com precisão, ou o aparecimento, sempre retardado, do orador, que surge bruscamente sob efeitos de luzes destinados a criar a tensão diante de uma multidão esfomeada, preparada para a vertigem, com cortejos de bandeiras, marchas militares e *Heils* extasiados. Desde o dia em que Hitler, nos primeiros tempos do partido, organizara um comício matinal e, apesar da sala lotada, tivera a “profunda tristeza de não conseguir obter nenhuma ligação nem estabelecer o menor contato” com seus ouvintes, só organizava comícios à noite; mantinha tanto quanto possível esse horário, mesmo durante suas viagens através da Alemanha, embora houvesse muita dificuldade para organizar, ao longo de apenas algumas horas, as intervenções previstas. Aconteceu-lhe certa vez atrasar-se num voo para Stralsund, e de só aparecer no comício cerca de duas e meia da manhã. Mas 40 mil pessoas tinham esperado cerca de sete horas e, quando ele terminou o discurso, o sol raiava. Tal como para o horário, ele dava muita importância à sala. “O encanto misterioso” da sombria casa do festival de Bayreuth durante uma representação de *Parsifal* ou “o raio crepuscular artificial e no entanto cheio de mistério das igrejas católicas” eram, como ele próprio disse, os modelos quase únicos de salas que muito facilitavam psicologicamente a tarefa do doutrinador, “atentando contra o livre-arbítrio do homem”. [114]

“Mas na verdade”, observou ele no tom declamatório de suas declarações essenciais, “cada uma dessas reuniões representa uma luta entre duas forças opostas”; e como pregavam ideias belicosas, para o agitador todos os meios de domínio eram lícitos. Cada uma dessas considerações devia servir para “excluir o pensamento”, criar uma “paralisia sugestiva”, provocar “um estado receptivo de devotamento fanático”. Como a sala, o horário, a música marcial e o jogo de luzes, o próprio comício era um instrumento de combate psicotécnico: “quando o indivíduo”, observou Hitler, “saindo de seu local de trabalho ou da grande empresa onde se sente pequeno, vai pela primeira vez a um comício e tem à roda de si milhares e milhares de pessoas da mesma opinião que ele; quando é levado por três ou quatro mil pessoas, numa embriaguez sugestiva extremamente eficaz; quando o sucesso visível e a aprovação de milhares de pessoas lhe confirmam a exatidão da nova doutrina, e pela primeira vez despertam nele a dúvida quanto à veracidade das convicções que alimentou até então, ele próprio se submete à influência encantatória do que chamamos sugestão coletiva. A vontade, a nostalgia, mas também a energia de milhares de pessoas acumulam-se em cada indivíduo. O homem que entra com dúvidas e hesitações numa reunião desse gênero deixa-a inteiramente convencido; tornou-se um membro de uma comunidade”. [115]

Suas ideias e máximas demagógicas, nas quais se vangloriava de traduzir “a avaliação exata de todas as fraquezas humanas”, pareciam-lhe garantias de um sucesso quase “matemático.” Quando de sua segunda viagem através da Alemanha, depois de um discurso em Görlitz, descobriu o efeito mágico produzido pelo avião iluminado no céu noturno, rodando acima de milhares de indivíduos hipnotizados. [116] Utilizou então esse expediente várias vezes para criar essa atmosfera de devotamento e submissão na qual se colocava como um ídolo e um deus. Não se escondia para reivindicar a benção do Todo-Poderoso que exigia esse movimento de vítimas e de mártires. Após a primeira derrota nas eleições presidenciais, censurou a imprensa do partido por ser “aborrecida, monótona, incapaz de autonomia, apática, morna”, e perguntou sem rodeios o que tinham feito aqueles jornais da morte de vários SA. Um dos assistentes lembra-se de suas palavras: “Enterramos os camaradas mortos com grande pompa e os jornais do partido escreveram sobre o fato um sermão vibrante e doloroso. Por que não mostraram ao povo os mortos com o crânio partido, camisas ensanguentadas e rasgadas? Por que esses mesmos jornais não reuniram o povo em volta dos caixões dos mortos para que ele se revoltasse, para que se levantasse contra os assassinos e seus cúmplices, em vez de enunciar ridículas semiverdades políticas? Os marinheiros do encouraçado *Potemkin* fizeram da má comida uma revolução; nós, com a morte de nossos companheiros não podemos fazer uma luta de

libertação nacional.” [117]

Todas essas reflexões, toda essa paixão psicológica voltavam sem parar aos comícios que “inculcavam no homenzinho miserável a orgulhosa convicção de pertencer, mesmo se nada mais fosse do que um verme, a um imenso dragão cujo sopro queimará um dia o mundo burguês detestado”. [118] O desenrolar da manifestação obedecia a uma ordem tática e litúrgica imutável pela qual Hitler visava cada vez mais a realçar sua personalidade. Enquanto as bandeiras, as marchas militares e os gritos de esperança punham as massas num estado de agitação desenfreada, ele próprio ficava sentado num quarto de hotel, uma central do partido, nervoso, bebendo água mineral sem parar, recebendo a curtos intervalos informações sobre a atmosfera da sala. Dava às vezes instruções de última hora ou pedia uma repetição e só se levantava quando a paciência do povo ameaçava esgotar-se, e quando a excitação inteligentemente levada ao máximo corria o risco de baixar.

Apreciava os longos corredores que aumentam a tensão e usava em geral a entrada dos fundos nos locais de comício. A *Marcha Badenweiler* fornecia-lhe uma música pessoal, reservada à sua entrada em cena, e os acordes dessa melodia, anunciando-o de longe, faziam silêncio na sala e determinavam as pessoas a se levantarem, com o braço estendido no vazio — subjugadas duplamente em sua existência manipulada e glorificada. ELE estava, finalmente, lá. Vários filmes da época mostram-no andando sob o feixe de projetores no meio de alas tempestuosas e soluçantes, “uma *via triunphalis* (…) de corpos humanos vivos”, em geral com mulheres nas primeiras fileiras e, como descreveu Goebbels com ênfase, [119] ele próprio solitário, fechado, tomado por esse desejo de violação psíquica. Proibia as introduções ou as saudações que só faziam desviar a atenção de sua pessoa. Ficava alguns instantes diante do estrado, apertando mecanicamente as mãos, mudo, ausente, o olhar agitado mas prestes a deixar-se encher de energia e a erguer-se pela força contida no grito das multidões.

As primeiras palavras tremiam, amortecidas e tateantes, no silêncio denso. Às vezes esperava vários minutos, num silêncio que beirava o insuportável. O começo ficava monótono, banal. Limitava-se em geral à lenda de sua ascensão: “Quando em 1918, combatente anônimo que eu era no front…” Com esse início formal, prolongava a tensão até o discurso propriamente dito, mas principalmente servia-se dele para sentir o público, colocar-se na mesma frequência. Uma interjeição pode nessa hora inspirar-lhe diretamente uma resposta, uma observação incisiva, até que os primeiros aplausos ressoem ansiosamente esperados, dando-lhe um contato, uma espécie de embriaguez, e “ao cabo de um quarto de hora mais ou menos”, como notou um observador

contemporâneo, “começava o que só a velha imagem primitiva pode descrever: o espírito baixava nele”. [120] Com ferozes movimentos explosivos, forçando imprudentemente sua voz agora metálica, projetava as palavras para fora de si. Às vezes, levado pelo furor da exortação, cerrava os punhos diante do rosto crispado e fechava os olhos abandonando-se aos transportes de sua sexualidade deslocada.

Embora seus discursos fossem cuidadosamente preparados e seguissem estritamente as notas que sempre tinha diante de si, eles verdadeiramente tomavam corpo numa comunhão estreita com a massa. Parecia a um de seus partidários da época que ele respirava as sensações de seus ouvintes, e que essa sensibilidade pouco comum, que lhe era própria e difundia em torno dele uma aura feminina indiscutível, permitia essas fusões orgíacas com o seu público, que “se reconhecia nele”, no sentido bíblico da palavra. Nem a intuição psicológica, nem a habilidade de sua representação lhe teriam conferido tal poder mágico se ele não tivesse compartilhado as emoções mais secretas da multidão e reunido em sua pessoa, de modo exemplar, as psicoses dessa massa. Diante de sua tribuna de orador, era a própria massa que ele encontrava, celebrava e idolatrava; era uma troca de patologias, a reunião de complexos de crise individuais e coletivos, na festa da repressão.

É pois verdadeiro, como se afirma frequentemente, que Hitler só dizia em cada comício o que o público queria ouvir. Certamente não era o falador oportunista dirigindo-se à multidão, mas deixava-se impregnar de todos os sentimentos supersticiosos de dominação, de angústia, de ódio, e integrava-os para transformá-los imediatamente em dinâmica política. O jornalista americano H.R. Knickerbocker observou, depois de um comício em Munique: “Hitler falou no circo. Era um evangelista falando num comício, o Billy Sunday da política alemã. Seus convertidos marchavam com ele, riam com ele, sentiam com ele. Com ele, riam dos franceses. Com ele, vaiavam a república.” Nessas fusões, Hitler chegava a “viver sua própria neurose como uma verdade geral e a fazer da neurose coletiva a caixa de ressonância de sua própria obsessão”. [121] Era unicamente por esse motivo que dava tanta importância a seus efeitos. Tinha necessidade dos aplausos para desenvolver plenamente sua força retórica. Uma atmosfera de resistência na sala irritava-o, e os SA que o cercavam desde o início em cada aparição pública, não lhe serviam tanto para manter a ordem quanto para silenciar qualquer contradição, qualquer sentimento de resistência, e para despertar o entusiasmo com o auxílio da ameaça. Contam que muitas vezes, ante um público hostil, Hitler perdia imediatamente o fio, interrompia o discurso e deixava a sala de mau humor.

O entusiasmo das massas era-lhe necessário também no plano puramente físico, porque esse entusiasmo que vislumbrara um dia mantinha-o agora em estado de tensão e o levava para frente. Ele mesmo disse que no meio da embriaguez tornava-se “outro homem”. Já o historiador Karl Alexander von Muller tinha a impressão, ante os talentos oratórios precoces de seu aluno, que este provocava em seus ouvintes grande excitação. Certamente Hitler era um eminente estrategista, um talentoso organizador do poder, um psicólogo preciso, e, com todas as suas falhas, suas lacunas e suas inferioridades, um dos fenômenos públicos extraordinários desta época: mas esse gênio indomável que o fazia sair de todas as depressões só o atingia nos comícios, quando elevava seus lugares-comuns ao nível de axiomas de profeta e parecia verdadeiramente transformar-se nesse Führer ao qual procurava assemelhar-se, não sem dificuldade, na vida cotidiana. O fundo de sua natureza era a apatia. Vivia às voltas com lassidões “austríacas”, e parecia constantemente tentado a contentar-se com idas ao cinema, com os *Mestres Cantores* , docinhos do salão de chá do Carlton, ou conversas intermináveis sobre arquitetura. A confusão enfática em volta dele dava-lhe o impulso necessário a esse ato de violência permanente, que lhe inculcava vontade de agir e perseverança, ao mesmo tempo que agressividade arrogante e também uma incomum resistência psíquica durante as campanhas e viagens exaustivas pela Alemanha. Era a droga de que precisava constantemente sua existência feita de esforços e de solicitações extremas. Quando encontrou-se pela primeira vez com Bruning em particular, no começo de outubro de 1931, começou, depois das explanações do chanceler, um discurso de uma hora, durante o qual mostrou-se cada vez mais violento, agitado, estimulado por uma unidade SA, a quem tinha dado ordens de desfilar sob as janelas, a intervalos regulares, cantando, evidentemente tanto para impressionar Bruning como para recarregar suas próprias baterias. [122]

Foi essa profunda relação patológica com as massas que fez de Hitler um demagogo mais do que seguro de seu efeito, e garantiu, por exemplo, em qualquer momento sua precedência incontestável sobre Goebbels, mais reticente e mais astucioso. É nesse contexto que a ideia de usar um avião para suas viagens eleitorais encobre um aspecto engenhoso: dava a suas aparições em público um reflexo messiânico. Hitler descia como um salvador sobre a multidão em ebulição que esperava pacientemente horas e horas, e a arrancava desse entorpecimento e desse desespero, para levá-la ao que ele próprio chamava uma “histeria motriz”. Goebbels chamou essas manifestações de “serviços religiosos de nosso trabalho político”, e uma professora de Hamburgo falou, em abril de 1932, depois de um comício eleitoral ao qual tinham assistido 120 mil pessoas, de imagens de uma

“credibilidade arrebatadora” que mostravam Hitler “como o salvador, o libertador, o redentor que nos tiraria de uma miséria imensa”; Elisabeth Förster-Nietzsche, irmã do filósofo, exprimiu a mesma ideia após uma visita de Hitler a Weimar: “Ele dava a impressão de ser um homem mais importante no sentido religioso do que no sentido político.” [123]

Foram mais esses atributos metafísicos do que todos os elementos ideológicos que lhe deram o favor da multidão e os triunfos dessa fase; o sucesso de Hitler junto às massas foi sobretudo um fenômeno psicorreligioso; ele exprimia menos as convicções políticas do que os estados psíquicos. Por certo, Hitler podia ligar-se a um amplo sistema de maneiras tradicionais de pensamentos e reações; à disposição alemã para as situações autoritárias, para as ideias irreais; à profunda necessidade de submissão, ou às relações peculiares com a política. Mas em geral o acordo cessava logo após esses pontos de contato bem gerais. Não foi um antissemitismo alemão particularmente desenfreado que fez ressoar as palavras coléricas de Hitler, mas seu recurso eficaz à velha carta demagógica do inimigo visível; e não foi o espírito guerreiro peculiar aos alemães que ele mobilizou, mas os sentimentos de amor-próprio e de orgulho nacional por muito tempo ignorados. Se as massas o seguiram também não foi por ter ele excitado a cobiça imperialista desenfreada da nação brandindo as imagens da planície ucraniana, mas porque inculcou-lhes o orgulho de participar de novo da história. Apesar de todos os recordes de tiragem, *Mein Kampf* teve um público espantosamente reduzido, e isso mostra já a indolência ideológica persistente que o programa concreto de Hitler sempre encontrou.

A ascensão do Partido Nazi também não foi, como muitas vezes se pensou retrospectivamente, a grande conjuração dos alemães contra o mundo sob o signo de objetivos imperialistas e antissemitas. Os discursos de Hitler, nos anos de sua grande popularidade, só contêm curiosamente um número reduzido de intenções concretas e negligenciam até suas obsessões ideológicas, o antissemitismo e o espaço vital. Sua característica mais surpreendente é antes a temática vaga e geral e o recurso frequente a metáforas ideológicas que não comprometem; na indicação tangível de objetivos, essas metáforas ficam longe abaixo da franqueza de *Mein Kampf* . Alguns meses antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial, em meio a uma das crises que havia desencadeado, Hitler falou abertamente da tática pacifista que adotara durante anos, e assegurou que as circunstâncias o haviam forçado a fingir uma vontade de paz. [124]

Com uma segurança de grande orador, preocupava-se cada vez menos tanto com o conteúdo de seus discursos como com a clareza das ideias

enunciadas. Contava com o vigor formal. Seu sucesso persistente mostrava quanto o nacional-socialismo era um movimento místico e pouco ideológico, que não estava baseado num programa, mas num *Führer* . E só graças a esse *Führer* é que esse magma de ideias confusas tomava um relevo e saía de seu estado quimérico e vago. Os homens obedeciam à entoação, à voz sugestiva, e Hitler sabia perfeitamente explorar as aspirações insatisfeitas e os sonhos de hegemonia. A maioria dos que o aclamavam procurava esquecer diante de sua tribuna de orador o cansaço e o pânico, e certamente ninguém pensava em Minsk ou em Kiev, tampouco em Auschwitz. Essa massa queria sobretudo uma mudança. Não tinha ideias políticas além da negação cega das circunstâncias existentes.

Mais do que qualquer dos seus concorrentes da esquerda à direita, Hitler desvendou todas as possibilidades contidas nesses complexos de negação. Sua tática de agitador consistia sobretudo em difamação e prognósticos visionários: acusar o presente com ódio e prometer um futuro poderoso; era a glorificação do estado forte, sob as mais variadas formas, a glorificação da nação, a exigência de um renascimento popular, bem como de uma liberdade de ação política, no país e no exterior. Invocava com predileção a necessidade alemã de unidade, e acusava a nação de "dilacerar-se a si mesma". A luta de classes, chamava-a de "religião dos inferiores", e celebrava o nacional-socialismo como "a ponte da nação", ou exprimia a angústia de que os alemães se tornassem uma vez mais "o fertilizante cultural" do mundo.

Mas o tema permanente, pelo qual ele próprio se excitava e mobilizava as massas, era a difamação do presente: a "ruína do Reich", a miséria da nação, o perigo do marxismo, a "fornicação antinatural do estado de partidos", a "tragédia das pequenas poupanças", a fome, o desemprego, os suicídios. Suas descrições da miséria, que deixava deliberadamente nas generalidades, asseguravam-lhe o maior fervor das massas, mas, além disso, Hitler havia constatado que a discórdia interior dos partidos era sempre a consequência de declarações precisas de intenção, e que a força de impulso de um movimento crescia com a obscuridade de seus objetivos. As massas e finalmente o poder deviam caber àquele que conseguisse aliar a mais radical negação do presente à promessa de futuro mais indefinida. Foi assim que declarou, numa dessas associações características, apresentadas sob mil aspectos, entre a imagem e seu reverso, entre a condenação e a utopia: "Seria um traço alemão nosso povo estar dilacerado em trinta partidos e um não poder se entender com o outro? Pois eu digo a todos esses tristes políticos: a Alemanha tornar-se-á um partido único, o partido de um grande povo heróico!" [125]

Mas ao mesmo tempo essa pura atitude de agitador contra a ordem

existente dava-lhe também a oportunidade de ser simples. Ele próprio via nisso uma das causas de seu sucesso e, por outro lado, a brilhante confirmação de suas máximas de propaganda: “Toda propaganda deve ser popular e regular seu nível intelectual pela receptividade do mais limitado.” Citemos, a título de exemplo, a passagem de um discurso de março de 1932, em que ele censura ao regime ter tido 13 anos para apresentar-se e só ter conseguido provocar “uma série de catástrofes”.

> Desde o dia da revolução até a época da submissão e da escravidão, e na época dos acordos e decretos presidenciais, vemos fracasso em cima de fracasso, falência em cima de falência, miséria em cima de miséria; renúncia, letargia, desespero são os marcos quilométricos dessas catástrofes (…) O campo está arruinado, a indústria se desmorona, milhões perderam suas economias, outros milhões estão sem trabalho. Tudo o que existia antes mudou; tudo o que parecia grande desabou. Só nos resta uma coisa: os homens e os partidos responsáveis por essa infelicidade. Esses ainda estão aí até hoje. [126]

Com essas fórmulas acusadoras mil vezes repetidas e variadas e que pareciam por demais plausíveis, com essas palavras ásperas de indignação, essas vagas receitas de pátria, honra, grandeza, poder e vingança, ele mobilizou as massas. Sua preocupação era que a perturbação dos espíritos estimulasse de modo durável o caos que acusava com tanta obstinação; contava com tudo o que pudesse demolir e superexcitar os espíritos, porque todo o movimento devia desenvolver-se a partir do sistema existente e terminar por favorecê-lo pessoalmente. Porque ninguém formulava de maneira mais crível, mais resoluta e com maior efeito nas massas o desejo de mudança, que crescia de modo insuportável no coração de todos. A gente estava tão desesperada na Alemanha, na sua opinião, observou Harold Nicolson no início de 1932 em seu diário, por ocasião de uma visita a Berlim, que estava pronta a “aceitar qualquer coisa que tivesse o aspecto de uma alternativa”. [127]

A agitação indeterminada de Hitler, que buscava principalmente desencadear uma convulsão social, permitiu-lhe no entanto situar-se além dos conflitos sociais e dissimular as contradições com eloquência. Goebbels anotou a respeito de um discurso de Hitler, à meia-noite, no distrito de Friedrichshain em Berlim: “É aí que estão os humildes. Depois do discurso do Führer, ficam profundamente emocionados.” Mas os grandes não o ficavam menos, o mesmo ocorrendo com os grupos intermediários. Um certo professor Burmeister recomendou-o como “candidato dos artistas alemães”, e celebrou “suas tiradas retóricas vindas do coração e humanamente arrebatadoras”. Depois de um discurso de duas horas pronunciado por Hitler diante dos chefes do *Landbund* e da nobreza local, um dos grandes proprietários pediu “em nome de todos” que não houvesse discussão; tratara-se evidentemente de crises, interesses, conflitos sociais; mas “nada deve

perturbar a hora sagrada que acabamos de viver". Com os céticos, repetia Hitler o tempo todo, para que sua explanação fosse aceita com fé, "não se pode evidentemente conquistar o mundo; com essas pessoas não se pode subir a um reino dos céus, nem invadir um país." [128] Em sua coleção de slogans, seu filosofismo eclético e sua habilidade emocional, cada qual podia encontrar o que quisesse: a burguesia angustiada, a promessa de ordem e de valor social reconquistado; a juventude revolucionária, o projeto de uma nova sociedade romântica; os operários desmoralizados, segurança e pão; os homens do "exército de 100 mil", a esperança de uma carreira e de belos uniformes; ou os intelectuais, uma resposta audaciosa e vital à tendência, na moda, ao desprezo da razão e à idolatria da vida; essa multiplicidade era antes baseada numa mentira polivalente do que na aptidão para encontrar o tom certo de uma atitude política. Como Napoleão, ele podia dizer de si mesmo que todos tinham caído em sua rede, ou que, no momento de sua chegada ao poder, não havia um só grupo que não tivesse nele alguma esperança. [129]

O ano de 1932 foi indubitavelmente o tempo dos grandes triunfos retóricos de Hitler. Nos primeiros anos ele falava de modo mais rico e mais verossímil, se dermos fé aos testemunhos de seus próprios colaboradores, e mais tarde, nos comícios perfeitamente orquestrados de seus anos de chanceler, atingia as maiores multidões, multidões imensas. Mas nunca reencontrou simultaneamente a nostalgia redentora, a consciência pessoal de seu poder místico de converter os espíritos, sua tensão extrema em vista de um objetivo e a fé em seu próprio caráter de eleito, sobre um fundo de miséria profundamente patético, como na aliança "alquimística" de 1932. Para o próprio Hitler, esse período foi uma das experiências marcantes que influenciaram constantemente suas decisões. Esse sentimento sobreviveu no mito do "tempo de luta", glorificado como "a epopeia heróica", "o inferno conquistado pela luta", ou a "luta titânica dos egos". [130]

O fim das manifestações tinha o ritual cuidadosamente calculado da abertura. Em meio ao barulho e aos aplausos, a banda tocava o hino alemão ou um dos hinos do partido, destinados não só a criar uma impressão de homogeneidade e de aprovação conjuratória, mas também a reter os assistentes até que Hitler, ainda sob o efeito de seu discurso, molhado dos pés à cabeça, tivesse deixado a sala e subido no carro que o esperava. Às vezes ele ficava ainda longos momentos saudando, sorrindo mecanicamente, ao lado do chofer, enquanto a multidão se empurrava e os SA ou os SS punham-se em amplas colunas para a retirada à luz dos archotes. Ele mesmo, depois, ia para o seu quarto de hotel, cansado, sem forças, esgotado, e é esse estado particular de entorpecimento e de vertigem após os discursos que ressalta o caráter

excessivo de suas grandes aparições em público. Um observador que o encontrara num instante desses, mudo, olhando diante de si com os olhos vidrados, tinha tido sua entrada barrada pelo ajudante de ordens Bruckner com estas palavras: “Deixem-no em paz; está exausto!” E um de seus *gauleiters* encontrou-o já pela manhã, depois de um discurso, na última peça da suíte que ocupava no hotel com seu estado-maior, “só, curvado, um ar cansado e melancólico, debruçado numa mesa redonda, tomando lentamente sua sopa de legumes”. [131]

A agitação desencadeada por Hitler certamente nunca teria bastado para levá-lo ao poder. As eleições para o *Landtag* da Prússia tinham realmente dado ao Partido Nazi 36,3% dos votos e esmagado a influência preponderante de que desfrutava a coligação entre social-democratas e partidos do centro. Mas a maioria absoluta ainda não fora atingida. Como também não o foi três meses depois, nas eleições para o Reichstag, que ocorreram no dia 31 de julho. Com suas 230 cadeiras, o partido tinha mais do que duplicado seus representantes, e se tornara de longe a bancada mais forte. Mas, ao mesmo tempo, tudo indicava que Hitler tinha chegado ao limite de sua capacidade de crescimento. Ele tinha, é certo, dizimado ou absorvido completamente os partidos burgueses moderados e os da direita, mas não tinha conseguido penetrar no Zentrum católico, no Partido Social Democrata e no Partido Comunista. As gigantescas despesas de campanha, todos esses comícios em cadeia, os desfiles, cartazes e panfletos, a atividade dos oradores que iam até o esgotamento, e, para terminar, a terceira viagem de Hitler através da Alemanha, durante a qual falara em cinquenta cidades em 15 dias, tudo isso não dera ao partido mais do que um aumento de cerca de 1% em relação às eleições para o *Landtag* da Prússia. Nessa época, Goebbels tinha comentado o acontecimento com estas palavras: “Agora, deve acontecer alguma coisa. Temos de chegar logo ao poder. Senão, chegaremos mortos à custa de eleições.” [132]

A fatalidade quis que encontrassem logo um apoio para realizar suas esperanças. Passando ao sistema puro de governo por decreto, e sobretudo depois de sua reeleição, Hindenburg dera à sua função um sentido cada vez mais pessoal e, com obstinação caprichosa, assimilava seus próprios desejos ao bem do estado. Fora reforçado nesse sentido por um pequeno grupo de conselheiros sem responsabilidade oficial, entre os quais seu próprio filho Oskar não era o único, segundo uma piada da época, a “não estar previsto na constituição”. Os principais elementos eram o secretário de estado Meissner e o general Schleicher, um jovem deputado conservador, o dr. Gereke, e

também von Oldenburg-Januschau, cuja propriedade era vizinha à de Hindenburg, e que desde a época do Kaiser gostava de representar o papel do "caipira reacionário", por exemplo, escandalizava o público afirmando que se deveria poder a qualquer momento dissolver o parlamento mandando um tenente e dez homens; havia ainda outros bons camaradas aristocratas do leste do Elba, e mais tarde também Franz von Papen. Nos meses seguintes exerceram discretamente várias atividades. Seus motivos e interesses nem sempre são simples de penetrar. Hitler tinha chegado ao cenário político qual um bloco poderoso e provocante, e sua intenção era integrá-lo, amarrá-lo e também usá-lo como elemento de ameaça. Foi a última tentativa da antiga Alemanha para retomar na história o papel perdido, e esse esforço era impregnado de um orgulho ilusório.

Sua primeira vítima foi, por ironia da sorte, o próprio Bruning. Certo de ser apoiado pelo presidente do Reich, o chanceler indispusera contra si uma dessas "poderosas instituições" que Hitler, seu adversário, cortejava com tanta perseverança e tanto sucesso. Como não se podiam satisfazer as diversas reclamações feitas pela indústria, esta afastou-se ainda mais, no momento em que, por sua vez, os grandes proprietários de terras ligados a Hindenburg voltaram as costas ao governo com raiva. Estavam indignados, em particular, com a intenção de Bruning de submeter os domínios em dificuldade a um exame de rentabilidade, antes de conceder-lhes ajuda material. Censuravam-lhe ainda o querer colocar as propriedades extremamente endividadas à disposição de uma grandiosa ação de urbanização, a fim de reduzir o desemprego. Os grupos de pressão desencadearam logo ataques maciços que chegavam a acusar o chanceler de inclinações bolcheviques, e, se não se pode demonstrar com detalhes que essas amplas campanhas influenciaram o presidente, idoso e sujeito a falhas de memória, não há nenhuma dúvida de que contribuíram para sua decisão de descartar-se de Bruning. Além disso, Hindenburg via sempre no chanceler aquele que o levara, por ocasião de sua reeleição, para o lado errado, e, influenciado pelas intrigas dos que o cercavam, não esquecia o profundo conflito pessoal em que fora lançado. O fim de Bruning chegou, porém, quando ele perdeu também a confiança de Schleicher, que dizia falar em nome do Reichswehr.

O pretexto foi dado por um acontecimento que parecia uma medida enérgica do governo, mas que, na realidade, fez explodirem as oposições escondidas no próprio vértice, e desencadeou assim a agonia da república: esse acontecimento foi a proibição das SA e das SS. Desde a descoberta dos documentos de Boxheim, outras provas tinham surgido, mostrando que os nazis continuavam a planejar uma reviravolta violenta. O exército do partido

mostrava-se cada vez mais impaciente e seguro de si, e de vez em quando Hitler perguntava-se publicamente, não sem uma inquietude simulada, por quanto tempo conseguiria ainda segurar as rédeas das tropas de assalto do partido. Essa atitude fazia parte de sua tática ambígua de legalidade. Irritado, Ludendorff tratava às vezes a Alemanha de “país ocupado pela SA”. Dois dias antes das primeiras eleições presidenciais, Goebbels tinha escrito no diário: “Discuti com a direção das SA e das SS medidas a tomar nos próximos dias. Por toda parte reina uma agitação louca. A palavra *putsch* está no ar.” [133] E, no próprio dia das eleições, Röhm ordenara a suas formações que se mantivessem em estado de alerta e fizera cercar Berlim de camisas pardas. Quando a polícia prussiana descobriu o esconderijo de algumas centrais da SA, lá encontrou documentos que, embora sem revelar uma ação revolucionária em grande estilo, indicavam com detalhe as medidas de emergência e atos de violência para o caso de uma vitória eleitoral de Hitler, e continham de novo a senha do golpe: *Grossmutter gestorben* , “Vovó morreu”. [134] Além disso, foram descobertas ordens pelas quais as SA dos territórios do leste deviam renunciar, na hipótese de um ataque polonês, a qualquer participação na defesa nacional. Essa descoberta não deixou de causar certo efeito, principalmente em Hindenburg. A proibição, à qual o ultimato de alguns governos das *Länder* não era estranho, foi decidida de comum acordo e pôs termo a uma longa espera.

Mas pouco antes do anúncio dessa proibição os acontecimentos tomaram um rumo dramático. Schleicher, que tinha antes aprovado o projeto e até reivindicado sua paternidade, inverteu de um dia para o outro todas as suas concepções e entrou numa atividade sem tréguas no sentido contrário. Hindenburg viu-se logo arrastado por essas atitudes e Schleicher inquietou-o, dando a entender que com tal proibição ele se tornaria ainda mais impopular aos olhos dos seus partidários da direita, já decepcionados. A oposição de Schleicher baseava-se em que era preferível dissolver com as SA os outros grupos armados, como, por exemplo, o Stahlhelm, os capacetes de aço, ou a Reichsbanner, fiel à república, e recrutá-los para uma milícia ou associação esportivo-militar, submissa à Reichswehr. Além disso, a oposição correspondia ao seu temperamento intrigante, que repugnava esse método grosseiro de proibição, pois só lhe apraziam as intrigas refinadas; seu contraprojeto procurava curiosamente impor a Hitler uma quantidade de exigências para desmilitarizar as SA. Esses pedidos eram tão impossíveis de atender que Hitler seria forçado a rejeitá-los, ficando assim numa situação de ilegalidade.

Não foi sem escrúpulos nem sem um olhar preocupado aos “velhos

camaradas de guerra” que serviam nas SA e nas SS que Hindenburg assinou afinal a proibição, e no dia 14 de abril, o exército particular de Hitler foi dissolvido numa ação policial de grande envergadura: a sede de seus estados-maiores, suas casas, suas escolas e arsenais foram ocupados. Era o mais enérgico golpe executado pelas forças do poder, desde novembro de 1923, contra o nacional-socialismo. A versão oficial não dava razões detalhadas para explicar a proibição, contentava-se em invocar, em apoio da medida tomada, a existência de um exército particular. Isso mostrava pela primeira vez uma vontade oficial de afirmar-se: “É de exclusividade do estado manter uma força organizada. Desde que força desse gênero seja organizada em particular, e que o estado a tolere, existe um perigo para a calma e a ordem (…) É indiscutível que num estado legal a força só pode ser organizada pelos próprios órgãos constitucionais. Força particular não pode então ter existência legal (…) A medida da dissolução serve à manutenção do próprio estado.” [135]

Confiando na agressividade e na força de seus 400 mil homens, Röhm pareceu inicialmente decidido ao enfrentamento; mas Hitler foi inflexível: alistou rapidamente os SA na Organização Política e conservou assim intacta a estrutura da milícia. De novo, os movimentos fascistas abandonavam a praça sem combate ao primeiro sinal de resistência do estado; tal como Gabriele d’Annunzio, em 1920, tinha deixado a cidade de Fiume ao único tiro de canhão, Hitler mandou, com um apelo à legalidade, que se obedecessem as disposições do decreto, não por medo, mas porque um tiro, dizia ele, significava mais do que um tiro, e uma proibição era muito diferente de qualquer outra medida defensiva que eliminasse a “constelação fascista”, que eliminasse um domínio conservador unido a um movimento popular revolucionário.

Hitler estava sem dúvida mais inclinado a ceder depois que Schleicher ou seus colaboradores lhe trouxeram informações sobre as divergências de opinião no seio do governo. Nisso baseava sua tática. Mostrava-se confiante. Na noite do dia em que deveria começar o processo de contenção do movimento nacional-socialista, Goebbels anotou, a respeito de sua entrevista com Hitler no Kaiserhof: “Discutimos as questões pessoais da tomada do poder, como se estivéssemos já no governo. Creio que nunca houve na oposição movimento tão seguro do sucesso quanto o nosso!” [136]

No dia seguinte, uma carta espantosamente fria de Hindenburg a Groener deu o sinal para uma grandiosa intriga, acompanhada por uma violenta campanha dos jornais de direita, à qual juntou-se o coro de vozes eminentes do campo nacionalista. O *Kronprinz* achava “incompreensível” que justamente o ministro do Reichswehr ajudasse a “destruir o maravilhoso

material humano reunido nas SA e nas SS”, e que aí recebia uma educação preciosa. O próprio Schleicher aconselhou a seu ministro, que ainda considerava Schleicher “seu filho preferido”, a demitir-se, e mandou espalhar calúnias maldosas, ou preferiu não contradizê-las; Groener estava doente, dizia ele, ou era um pacifista, ou tinha lançado o opróbrio sobre o exército, com o nascimento prematuro de uma criança de um segundo casamento; ao presidente ele contou brincando que a criança era chamada, no Reichswehr, de “Nurmi”, nome do corredor velocista e fenômeno esportivo finlandês. [137]

Ao mesmo tempo, Schleicher informou à direção do Partido Nazi que pessoalmente não aprovava de modo algum a proibição das SA. Atinha-se sempre à ideia de roubar o archote dos nacional-socialistas, fazendo-os participar do poder, de “emoldurá-los” de um gabinete de pares influentes, como dizia a fórmula mágica da época. Isso é de admirar, sobretudo por ter o exemplo de Mussolini mostrado que quando os tribunos populares possuem além do mais um exército particular, essa fórmula era inútil para deter seu avanço. No fim de abril, Schleicher encontrou Hitler para uma primeira entrevista. “Foi tudo bem”, anotou Goebbels, e pouco depois, quando do segundo encontro ao qual foram também convidados Meissner e Oskar von Hindenburg para discutir o afastamento não apenas de Groener mas de todo o gabinete Bruning, escreveu: “Tudo vai bem… O engraçado é que ninguém ainda desconfia de nada, principalmente o próprio Bruning.”

Após um mês de trabalho subterrâneo ininterrupto, as coisas acabaram acontecendo. No dia 10 de maio, Groener defendeu no Reichstag a proibição das milícias contra os coléricos ataques da direita. Mas ante o tumulto selvagem desencadeado pelos nacional-socialistas, o protesto do orador, já fraco, contra o “estado nacional-socialista dentro do estado”, na verdade “um estado contra o estado”, teve dificuldade em fazer-se ouvir, e o primeiro-ministro, irritado, desesperado e, sem dúvida, no fim de suas forças, foi derrotado, assim como a tese que defendia. Em todo caso, Schleicher e o general von Hammerstein, chefe do estado-maior do exército, apresentaram-se a ele pouco tempo depois, para fazê-lo saber friamente que não gozava mais da confiança do Reichswehr e que devia retirar-se. Dois dias depois, Groener apresentou sua demissão, após ter apelado em vão para Hindenburg.

Para os planos da camarilha, isso nada mais foi do que um prelúdio. O resto veio sem demora. No dia 12 de maio, Hindenburg viajou para Neudeck por cerca de 14 dias, e quando Bruning exprimiu durante esse período o desejo de uma entrevista com ele, o presidente recusou sem brandura. Nessa época, Hindenburg estava certamente sob a pressão de seus pares, que passavam agora ao ataque contra a posição instável de Bruning. Quaisquer

que fossem os argumentos, apresentados “com a rudeza própria aos grandes proprietários de terra e aos velhos oficiais, certamente contradiziam a honestidade e a fidelidade aos princípios”. Quando Hindenburg voltou a Berlim, no fim do mês, estava decidido a descartar seu chanceler. Bruning acreditava-se às vésperas de sucessos imediatos em política externa, e, na manhã de 30 de maio, pouco antes de dirigir-se à casa de Hindenburg, recebera informações que lhe prometiam uma reviravolta decisiva na questão do desarmamento. Um protocolo rico de intrigas recusou-lhe porém a oportunidade de transmitir essa informação ao presidente no último minuto. Um ano antes, Hindenburg havia-lhe ainda assegurado que ele era seu último chanceler e que não se separaria dele. Via-se agora demitido numa cena violenta e ofensiva que durou poucos minutos porque Hindenburg não queria faltar ao desfile da guarda naval no aniversário da Batalha da Jutlândia. Uma lembrança de guerra e um espetáculo militar de menor importância tiveram prioridade sobre uma consideração que decidiu o destino da república. [138]

❖

Para o sucessor de Bruning, o general von Schleicher segredou ao presidente o nome de um homem cuja carreira política tinha ficado muito tempo, com razão, na obscuridade do diletantismo: Franz von Papen vinha de um antiga família nobre da Westfália; servira num regimento de cavalaria feudal e obtivera pela primeira vez uma certa publicidade bastante característica quando, em 1916, durante a Grande Guerra, foi expulso dos Estados Unidos, onde era adido militar, por suas atitudes e suas intrigas. Na sua volta à Europa, deixara cair com leviandade nas mãos de autoridades inglesas documentos importantes sobre suas atividades para o serviço secreto. Seu casamento com a filha de um grande industrial do Sarre tinha-lhe trazido uma opulência nada desprezível, dando-lhe boas relações na indústria. A mesmo tempo, ele também dispunha, aristocrata católico nobre que era, de relações com as altas personalidades do clero, e como antigo oficial de estado-maior mantinha múltiplos contatos no Reichswehr; foi talvez essa situação no entrecruzar de vários interesses que atraiu sobre ele a atenção de Schleicher. Von Papen tinha um ar antiquado que se aproximava do grotesco e, com seu empertigamento afetado, sua altivez e sua arrogância tagarela, era quase uma caricatura de si próprio, uma figura de *Alice no País das Maravilhas* , como observou com justeza um contemporâneo. Passava ao mesmo tempo por leviano e irrefletido, e ninguém o levava muito a sério: “Quando se sai bem num negócio, fica muito contente; se fracassa, não se incomoda.” [139]

Foi no entanto a despreocupação leviana e brava desse “cavalariano” que pareceu aos olhos de Schleicher a qualificação especial de Papen, porque ela

lhe permitia favorecer, sob o signo de uma ditadura “moderada”, os planos cada vez mais concretos destinados a eliminar o sistema parlamentar seriamente avariado. Além disso, Schleicher supôs com segurança, ao mesmo tempo, que Papen, inexperiente e extremamente autossuficiente, veria sua vaidade satisfeita por esse cargo e pelas funções representativas que a ele se ligavam, e seria, em outros assuntos, um instrumento facilmente manejável. Essa ideia correspondia perfeitamente ao caráter de Schleicher, tão ambicioso quanto esquivo. Quando alguns amigos lhe objetaram com espanto incrédulo que Papen não tinha cabeça, o general retorquiu: “Não preciso de uma cabeça, mas sim de um chapéu.”

Se Schleicher acreditara que Papen, graças a suas múltiplas relações, articularia uma coligação ou manteria uma tolerância parlamentar entre todos os partidos à direita da social-democracia, ficou logo decepcionado. O novo chanceler não tinha nenhuma influência política. Irritado pela traição a Bruning, o Centro caiu numa oposição feroz, e o próprio Hugenberg mostrou-se indignado porque via suas próprias ambições prejudicadas uma vez mais. Da mesma forma, Papen teve de enfrentar na opinião pública uma reprovação hostil. Embora desde o início tenha usurpado os louros do sucesso preparado por Bruning e só tenha conseguido que a questão das reparações fosse resolvida na conferência de Lausanne, esse feito não teve o resultado esperado. Na verdade, seu governo não podia passar por democrático ou legítimo. Era composto unicamente de homens de famílias importantes e de origem militar, que não puderam recusar o apelo patriótico do presidente, e cercavam agora Hindenburg “como oficiais cercam o seu general” [140] – o governo era composto de sete nobres, dois diretores de empresas, entre eles o protetor de Hitler nas jornadas de Munique, Franz Gurtner, e um general; mas não havia nenhum representante da classe média nem da classe operária. Dava a impressão de volta das sombras. A indignação geral, os sarcasmos e os protestos da população de nada valeram, o que mostra até que ponto as antigas classes dirigentes tinham perdido o contato com a realidade. O “gabinete dos barões”, como foi logo chamado, apoiava-se unicamente na autoridade de Hindenburg e no poder do Reichswehr.

A grande impopularidade do governo obrigou Hitler também a uma reserva prudente. Nas negociações com Schleicher ele prometera tolerar o governo desde que anunciasse novas eleições, suspendesse a proibição da SA e desse plena liberdade para as manobras de propaganda do Partido Nazi. Na tarde de 30 de maio, algumas horas após a exoneração de Bruning, Hitler tinha respondido “sim” ao presidente que lhe perguntou se ele aprovava a nomeação de Papen. E embora o chanceler desse início, em 4 de junho, à série

de suas concessões fatais com a dissolução do Reichstag, e fizesse prever a próxima volta à legalidade das SA, os nacional-socialistas começaram a afastar-se dele. “Devemos separar-nos o mais depressa possível do gabinete burguês de transição”, anotou Goebbels, “é uma simples questão de tato”. E alguns dias depois: “Nós é que devemos afastar-nos o mais depressa possível da vizinhança comprometedora desses adolescentes burgueses. Senão estamos perdidos. Lanço no *Angriff* um novo ataque contra o gabinete Papen.” Como a interdição das SA não foi suspensa nos primeiros dias, como se esperava, Goebbels, uma noite, “com quarenta a cinquenta chefes SA de uniforme, entrou num café da Potsdamer Platz, apesar da proibição, para provocar. Só temos um desejo, o de que a polícia nos prenda (…) Passeamos muito lentamente à meia-noite na Potsdamer Platz e na Potsdamer Strasse. Mas nenhum covarde moveu um dedo. Os guardas nos olham, petrificados, e em seguida desviam o olhar com vergonha”. [141]

Dois dias depois, a 6 de junho, a proibição foi suspensa, mas a demora tinha, nesse meio-tempo, suscitado a impressão de que “a autoridade do estado ajoelhava-se formalmente ante o novo poder em marcha”. [142] Os claros esforços de Papen para negociar no último momento, em troca de uma promessa de obediência, a participação no próximo governo dos nacional-socialistas, chegavam tarde demais após a diligência de Schleicher, e provavam também uma incompreensão quase ridícula ante a amplidão e a veemência da imensa aspiração de poder que dominava Hitler. Com argumentos frios e inflexíveis, Hitler adiou a obediência a todas as exigências para depois das eleições para o Reichstag.

Os combates de rua também logo recomeçaram, evocando a guerra civil, e chegaram ao clímax. Nas cinco semanas que precederam o dia 20 de julho, ocorreram, só na Prússia, cerca de quinhentos combates, com 99 mortos e 1.125 feridos. No dia 10 de julho houve em todo o Reich 17 mortos. Em vários lugares, o exército foi obrigado a intervir nos encarniçados combates de rua. Ernst Thälmann definiu com razão a suspensão da interdição das SA como um convite aberto ao assassinato, mas não deixou claro se sua observação deveria ser compreendida como a indicação de que suas próprias unidades de combate desempenhariam papel ativo ou passivo. No dia 17 de julho, houve em Hamburgo-Altona o mais sangrento conflito do verão. Os comunistas responderam a um desfile provocador de cerca de 7 mil nacional-socialistas através das ruas do bairro operário vermelho, abrindo dos telhados e das janelas um fogo cerrado, que por sua vez desencadeou resposta violenta e teve como consequência uma batalha encarniçada por cima de barricadas erguidas às pressas. A ocorrência deixou 17 mortos e vários feridos graves.

Das 68 pessoas que perderam a vida em julho de 1932 nas batalhas de ruas, trinta estavam do lado dos comunistas e 38 do lado dos nazis: “Lutamos e atiramos”, anotou Goebbels, “último espetáculo do regime.” [143]

Incapaz de ver que eram justamente as concessões que davam estímulo aos nacional-socialistas, Papen deu ainda um passo à frente. Na esperança de reforçar com um grande ato de autoridade o prestígio de seu governo quase isolado, e ao mesmo tempo acalmar Hitler e seus seguidores, ele convocou à chancelaria, na manhã de 20 de julho, três membros do governo prussiano e comunicou-lhes sem rodeios que tinha, por decreto, deposto o primeiro-ministro da Prússia, Braun, e o ministro do Interior, Severing, ali presente, e que ele próprio assumiria, como mandatário do Reich, as funções de primeiro-ministro da Prússia. Quando Severing declarou que só cederia à força, Papen, “cavalheiro até no golpe de estado”, pediu-lhe que fizesse o favor de dizer o que entendia por isso, e o ministro respondeu que só abandonaria o cargo constrangido pela violência. Foi então que houve “o acordo” que causou tantos sarcasmos: o constrangimento pela violência foi exercido, nessa mesma noite, sob forma de uma intervenção de *motu proprio* da polícia. Através de um segundo decreto-lei adrede preparado, Papen declarava ao mesmo tempo Berlim e Brandenburgo em estado de emergência, assumindo assim o controle da força policial. A pedido de três oficiais da polícia da república que apareceram de noite no Ministério do Interior, conforme combinado, Severing deixou o local, declarando que, como havia dito, cedia à violência, e dirigiu-se ao seu apartamento ao lado. Já de tarde, os dirigentes da tão temida polícia prussiana também tinham sido dominados sem resistência. Quando o chefe da polícia berlinense, Grzesinski, o subchefe Weiss, bem como o comissário-chefe Heimannsberg atravessaram o pátio da chefia de polícia rumo a uma breve detenção, ouviram alguns funcionários gritarem, num adeus a seu chefe, a palavra de ordem da Reichsbanner: *Liberdade* . Observaram com razão que era um adeus à liberdade de Weimar, há tanto tempo diminuída, desprezada e agora abandonada com resignação. [144]

Haviam certamente pensado numa resistência em larga escala e, segundo um observador da época, Grzesinski e Heimannsberg, em ligação com o diretor ministerial Klausener, teriam insistido junto a Severing para “lutar por todos os meios”, e teriam pedido em particular “a intervenção imediata e impiedosa da polícia de Berlim, a proclamação da greve geral, a prisão imediata do governo do Reich e do presidente, [bem como] a declaração de que este era irresponsável”. Mas a proposta tinha sido rejeitada. [145] A resistência não ultrapassou o estado dos protestos sem efeito nos editoriais e o recurso ao tribunal do estado. O governo prussiano dispunha no entanto de 90

mil homens em suas tropas de polícia, perfeitamente treinados, dispunha do grupo Reichsbanner, de militantes dos partidos favoráveis à república e de sindicatos, além de deter os postos-chave. Mas o medo de uma guerra civil, o respeito à constituição, a dúvida a respeito da eficácia de uma greve geral, dado o desemprego existente, e várias considerações do mesmo gênero acabaram por bloquear todos os planos de resistência. Papen pôde tranquilamente tomar o poder nos "mais sólidos baluartes da república", expondo-se unicamente ao olhar passivo e resignado dos adversários. Com toda a certeza os políticos prussianos tiveram motivos válidos. E se levarmos em conta todas as circunstâncias, podemos crer que sua decisão tenha sido razoável. Mas esse aspecto pesa pouco para a história. A ideia de uma manifestação de protesto não foi nem aventada, e em nenhuma fase da questão, Severing e seus companheiros, exaustos e moralmente esmagados, pensaram em fazer esquecer por meio de um fim honrado as imperfeições e as negligências dos 13 anos passados, encontrando energia para estimular uma reafirmação democrática. O dia 20 de julho de 1932 teve também consequências psicológicas que não devem de modo algum ser desprezadas: desencorajou alguns e ensinou a outros quão pouca resistência se devia esperar dos defensores da república.

❖

Esse acontecimento só fez aumentar a impaciência dos nacional-socialistas. Na luta pelo poder, havia agora três campos rigorosamente separados: o grupo autoritário nacional em volta de Papen, que representava no plano parlamentar apenas cerca de 10% dos eleitores, mas tinha a cobertura de Hindenburg e do Reichswehr; os grupos democráticos que, evidentemente, podiam ainda contar com apoio considerável da opinião pública; e os adversários totalitários das facções nacional-socialista e comunista, que dispunham de uma maioria negativa de 53%. Assim como nazis e comunistas não podiam trabalhar juntos, todos esses grupos anulavam-se mutuamente e bloqueavam tudo. O verão e o outono do ano de 1932 foram marcados por esforços ininterruptos para sobrepujar o imobilismo político através de manobras táticas sempre novas. [146]

Em 5 de agosto, Hitler encontrou Schleicher em Furstenberg, perto de Berlim, e postulou pela primeira vez o conjunto do poder: o posto de chanceler para ele próprio, além dos ministérios do Interior, da Justiça, da Agricultura e da Aviação, um ministério da propaganda a ser criado, bem como, em vista dos acontecimentos de 20 de julho, o posto de primeiro-ministro e o de ministro do Interior da Prússia. Ao mesmo tempo, desejava uma lei de plenos poderes, com o direito ilimitado de governar por decreto.

Porque, “se chegarmos ao poder”, anotou Goebbels, “não o deixaremos jamais, a menos que arranquem nossos cadáveres de nossos postos”.

Convencido de estar à beira da conquista do poder, Hitler fez suas despedidas de Schleicher. Num rasgo de bom humor, na hora da saída, propôs mandar fazer uma placa comemorativa desse encontro na casa de Furstenberg. Para dar peso a suas exigências e ao mesmo tempo acalmar as tempestuosas SA, cujos membros deixavam já o trabalho para preparar-se para o dia da vitória, para suas festas, seus excessos e as demonstrações de força prometidas, Hitler mandou as unidades desfilarem em volta de Berlim e cercarem a cidade com um cordão cada vez mais denso. Dir-se-ia que ele estava a ponto de sacar a pistola e atirar dando o sinal, como já fizera em 1923 na Burgerbräu. Entrementes, em todo o território do Reich, sobretudo na Silésia e na Prússia Oriental, os combates sangrentos multiplicaram-se. No dia 9 de agosto, um decreto contra o terror político ameaçou com pena de morte quem quer que “cometesse, levado pela cólera e o ódio, um ataque mortal contra seu adversário, na paixão do combate político”. Na noite seguinte, cinco SA de uniforme penetraram em Potempa, povoado da Alta Silésia, na casa de um operário comunista, arrancaram-no da cama e, diante dos olhos da mãe, ele foi literalmente esmagado, pisado, até a morte.

Não se sabe ainda até que ponto esses incidentes desempenharam algum papel nas forças opostas naquele momento às pretensões dos nacional-socialistas. É possível que Schleicher tenha, ele próprio, abandonado a ideia de domá-los; de qualquer maneira, seu projeto de amarrar Hitler como chanceler de uma coligação de direita, e de assim solapar sua popularidade, chocou-se pela primeira vez com a resistência enérgica do presidente, que experimentava um prazer paternal diante da desenvoltura e do charme frívolo de Papen e não queria trocá-lo pelo fanático boêmio e pseudomessias Hitler. Tanto mais que Hitler queria contestar seu tão apreciado papel de “Kaiser substituto”. No dia 13 de agosto, durante as amplas negociações com os dirigentes nacional-socialistas, ele recusou, de acordo com Papen, todas as pretensões de Hitler ao poder total e ofereceu-lhe em troca entrar para o gabinete como vice-chanceler. Furibundo, no estado de espírito “tudo ou nada” daqueles dias, Hitler recusou a proposta e persistiu em sua recusa mesmo quando Papen ampliou-a, dando-lhe palavra de honra de que, após um período limitado de “colaboração confiante e frutífera”, renunciaria à chancelaria em favor de Hitler. Pode-se estar certo de que, em sua imaginação teatral, Hitler já se via dando a um mundo perdido, afundado no pó, o espetáculo de seu chamado ao poder; durante o trajeto para Berlim, “enquanto comia um grande pedaço de panqueca”, já descrevera aos seus colaboradores,

numa hospedaria do lago Chiemsee, o banho de sangue que seria organizado para os marxistas; em vez disso, via-se bruscamente enganado. E como sempre, nos reveses de sua vida, o gesto patético de desespero acompanhou a decepção. Quando, na tarde do mesmo dia, foi chamado por Hindenburg, pareceu inicialmente decidido a não ir, e foi preciso a garantia formal, vinda do palácio, de que nada estava ainda decidido para dar-lhe novas esperanças. Mas Hindenburg contentou-se em fazer a Hitler uma breve pergunta, à qual este respondeu pela negativa: se estava disposto a apoiar o atual governo. Mesmo o apelo ao patriotismo, com o qual o ancião costumava reforçar seus pedidos pessoais, ficou sem efeito sobre Hitler. Terminaram em meio a admonições advertências e um “frio adeus”. No corredor, Hitler predisse com irritação a queda do presidente. [147]

A amargura de Hitler aumentou ainda mais quando se viu de novo ludibriado, imediatamente após, pela publicação apressada do comunicado oficial. Hindenburg, declarava esse texto, recusara o pedido de Hitler “porque não podia tomar a responsabilidade, perante sua consciência e seus deveres para com a pátria, de confiar as rédeas do governo exclusivamente ao movimento nacional-socialista que, por sua vez, só aceitava assim”. Expressava também o pesar oficial por Hitler não estar em condições de sustentar, de acordo com suas promessas anteriores, um governo nacional que gozasse da confiança do presidente; um sinal, na disfarçada linguagem oficial, de censura, nem mais nem menos, a Hitler por faltar com a palavra, evocando de novo figuras do passado, Seisser e o detestado von Kahr. Alguns meses depois, porém, tudo isso estava esquecido.

Os nazis passaram imediatamente à oposição obstinada e fizeram Papen compreender quanto a política de abertura permanente havia sido irrefletida. Quando os assassinos de Potempa foram condenados à morte, em 22 de agosto, com base no decreto contra o terror político, produziram-se cenas selvagens na sala do tribunal ocupada principalmente por nacional-socialistas. O chefe das SA da Silésia, Edmund Heines, em uniforme de gala, ameaçou ruidosamente o tribunal de represálias e Hitler dirigiu aos condenados um telegrama que assegurava “aos camaradas, ante esse terrível julgamento sangrento”, sua “fidelidade ilimitada” e prometia-lhes uma pronta libertação. A violência evidente com que ele rejeitava a máscara da disciplina burguesa, cuidadosamente guardada nos últimos dois anos, e manifestava de novo a solidariedade dos primeiros tempos com os criminosos, revela o nível de sua indignação, mesmo que sua atitude tenha sido influenciada pela hiperexcitação de seus partidários. As SA estavam de novo profundamente decepcionadas. Eram de longe a maior organização de combate do país.

Tinham uma autoconfiança arrebatadora e desprezavam os burgueses de fraque da Wilhelmstrasse: para elas, era incompreensível que Hitler pudesse aceitar sem reação as incessantes humilhações, em lugar de abrir enfim as ruas aos seus mais fiéis combatentes, para esse carnaval de sangue ao qual pensavam ter todo o direito.

Hitler brandiu no entanto mais do que nunca a ameaça de uma intervenção das SA. No dia 2 de setembro, após dez dias de uma campanha quase ininterrupta, Papen cedeu efetivamente, sacrificando tudo o que lhe restava de prestígio: recomendou ao presidente que comutasse a pena dos condenados à morte em prisão perpétua. Alguns meses depois, eles foram libertados e festejados como combatentes heroicos. Num discurso feito por Hitler no dia 4 de setembro, sente-se ainda a cólera e a indignação de quem havia sido ludibriado:

> Eu sei o que esses senhores têm na cabeça: eles gostariam de dar-nos agora alguns cargos com a finalidade de calar-nos. Serão obrigados a renunciar a esse surrado estratagema.(…) Não, senhores, não fundei o partido para rifá-lo, vendê-lo, liquidá-lo! Não é uma pele de leão que qualquer carneiro pretenda vestir. O partido é o partido e ponto final! (…) Os senhores acreditam realmente poder atrair-me com alguns postos ministeriais? Não quero de modo algum pertencer a vossa sociedade. Esses senhores não percebem até que ponto tudo isso me é indiferente. Se Deus tivesse querido as coisas como são, então teríamos vindo ao mundo com um monóculo. Nem nos passa pela cabeça. Eles podem guardar suas pastas, visto que elas não lhes pertencem. [148]

Hitler estava tão irritado por ter sido repelido de modo humilhante por Hindenburg e Papen que se sentiu pela primeira vez tentado a renunciar à legalidade para conquistar o poder através de um ato sangrento. A afronta fizera mais do que rejeitá-lo politicamente; ele também se sentia ofendido em suas pretensões burguesas. Nas salas de comício ressoava mais do que nunca a fórmula ameaçadora: “A hora do acerto de contas está chegando!” Hitler iniciou negociações com o Centro, com a intenção de derrubar o governo Papen, e um dia surgiu até mesmo o projeto aventureiro de depor Hindenburg por decisão parlamentar, com a ajuda da esquerda desiludida, organizando em seguida um referendo. No espírito vingativo próprio desse período, Hitler descrevia a si mesmo e a seus colaboradores as circunstâncias e possibilidades de uma ocupação revolucionária dos postos-chave, examinando de novo com detalhes a possibilidade de esmagar os adversários marxistas. De qualquer forma, a via legal, que se esforçava por seguir havia anos, correspondia unicamente ao lado frio e prudente de seu caráter, que o predispunha a uma atitude de recusa: sua agressividade, sua imaginação excessiva opunham-se à legalidade, e para ele a grandeza histórica não podia ser concebida sem que houvesse sangue derramado.

Hitler estava agitado por tais contradições quando Hermann Rauschning,

presidente nacional-socialista do senado de Dantzig, foi visitá-lo nessa época, em Obersalzberg. Rauschning ficou inicialmente boquiaberto com o modo de vida pequeno-burguês desse veemente tribuno do povo, cortinas de algodão nas janelas, móveis rústicos, passarinhos cantando na gaiola, bem como a presença de senhoras mais do que maduras. Hitler teve várias tiradas violentas contra Papen e qualificou a burguesia nacional de "verdadeira inimiga da Alemanha". Forneceu aos protestos contra o julgamento de Potempa uma ampla justificação pedagógica: "Devemos ser cruéis. Devemos voltar a legitimar a crueldade. É a única maneira de eliminar a moleza e a caridade sentimental de nosso povo, esse 'conforto íntimo', essa fidelidade estúpida. Não temos mais tempo para os bons sentimentos. Devemos forçar nosso povo à grandeza se quisermos que cumpra seu papel histórico."

E enquanto se perdia com eloquência na visão do desafio histórico, que tinha sentido e aceito, e se comparava a Bismarck, perguntou de chofre se havia um tratado jurídico de extradição entre a Cidade Livre de Dantzig e o Reich alemão. Como Rauschning não compreendesse a questão, Hitler explicou que poderia eventualmente ter necessidade de um refúgio. [149]

Readquirindo logo seu humor, Hitler se mostrou confiante. A leviandade de Papen, sua simplicidade, o fato de ele estar pronto a fazer concessões, mas também a incerteza cheia de escrúpulos do presidente face a todos os elementos nacionalistas e também à sua idade, que fazia Hitler rir, como dizia publicamente, tudo isso reforçava-lhe a perseverança e dava-lhe uma obstinada segurança. Alguns dias depois que chamara de "camaradas" aos assassinos de Potempa, transmitiram-lhe uma mensagem de Hjalmar Schacht. Essa comunicação assegurava ao "prezado Herr Hitler" a "simpatia inalterável" do signatário, exprimia a convicção de que o poder lhe caberia um dia de um ou de outro modo, aconselhava-o por enquanto a não se comprometer com nenhum programa econômico específico, e concluía com esta observação: "Onde quer que meu trabalho me conduza nos próximos dias — e mesmo que o senhor me aviste um dia no interior da fortaleza — podem contar comigo como um apoio seguro."

Quando um reporter da agência americana Associated Press perguntou-lhe nessa época se não pretendia marchar sobre Berlim como Mussolini, Hitler deu esta resposta ambígua: "Por que haveria eu de marchar sobre Berlim? Já estou lá!" [150]

16

No objetivo

Como vês, a república, o senado, dignidade não vivia em nenhum de nós .

Cícero a seu irmão Quintus

SEGUNDO AS REGRAS DO DRAMA CLÁSSICO , os acontecimentos do outono de 1932 tomaram um rumo que suscitou a esperança plausível de superar a crise: como se um imaginário diretor teatral estivesse em ação, as condições às quais o nacional-socialismo devia sua subida foram ainda invertidas. Por um instante cheio de ironia, o espetáculo pareceu mudar em todos os planos, esmagando as esperanças desmedidas de Hitler — até o momento em que o cenário desabou.

Desde o dia 13 de agosto, Papen estava visivelmente decidido a não mais mostrar atenção para com Hitler. Embora penetremos mal no detalhe dos motivos que o levaram a agir, dada a pouca credibilidade de suas afirmações, podemos ter a certeza de que o jogo duplo dos nacional-socialistas, que Goebbels qualificou mais tarde com exatidão de “tolerância fingida”, [151] foi o impulso decisivo que lhe permitiu enfim ver com clareza. A situação precária à qual o Partido se viu instantaneamente reduzido, assoberbado pela obrigação de conseguir vitórias, revelou nitidamente que havia ainda possibilidades, se fosse observada uma tática de recusa categórica. É verdade que a autoridade do governo era então de tal forma insegura que o chanceler fora forçado a suspender o julgamento de Potempa: mas no fim, Hitler, nervoso, tinha-se comprometido pessoalmente com seu telegrama de felicitações aos assassinos. Pouco tempo depois cometeria novo erro grave.

Na primeira sessão de trabalho para a qual Papen havia convocado o parlamento, dia 12 de setembro, Hitler deixou-se persuadir a tentar a dissolução do Reichstag, embora esse gesto lhe acarretasse graves desvantagens no plano tático. Mas sua necessidade de vingar-se de Papen dominava todas as hesitações. Com a ajuda de Hermann Göring, que tinha sido, nesse ínterim, eleito presidente do Reichstag, infligiu ao chanceler a maior derrota da história do parlamento alemão (512 a 42); mas, a título de resposta, Papen conseguiu apresentar ao Reichstag a célebre pasta vermelha contendo uma ordem de dissolução válida antes da abertura da sessão. Esse procedimento curioso mostrou o que se fizera da atividade e do prestígio do

Reichstag. Após sessão de uma hora, o parlamento que acabara de ser eleito foi dissolvido, e as novas eleições marcadas para o dia 6 de novembro.

Se as testemunhas estão certas, Hitler desejara no princípio evitar essa saída, que contrariava visivelmente seus planos: "Todo o mundo ainda está consternado", anotou Goebbels, "ninguém acreditava que tivéssemos a coragem de provocar essa decisão. Somos os únicos a regozijar-nos." Mas esse espírito eufórico e combativo dissipou-se logo, para dar lugar a um abatimento que o Partido Nazi não via desde anos. O próprio Hitler sabia perfeitamente que, para os eleitores aos quais o partido devia a sua popularidade, só importava a auréola de invencibilidade; sentia nitidamente que a *débâcle* de 13 de agosto, o novo passo que dava em direção à oposição, o caso Potempa, bem como o conflito com Hindenburg prejudicavam a fé em sua natureza vencedora e em seu papel incomparável. Se a tendência ao sucesso fosse revertida, o partido corria o risco de perder sua sedução e desmoronar no nada.

Hitler também estava inquieto com as consequências internas da estratégia de desgaste praticada por Papen. Isso porque, após as campanhas dispendiosas do ano anterior, o movimento pareceu pela primeira vez ter chegado ao limite de suas forças: seus recursos estavam igualmente esgotados. "Nossos adversários esperam também", escreveu o paladino de Hitler em suas notas do diário, que tinham um tom cada vez mais abatido, "que percamos a cabeça nesse combate e nossa determinação se esfume." Quatro semanas depois, falou de fricções entre os partidários, por assuntos econômicos e por mandatos, dizendo que "as seguidas eleições tinham naturalmente deixado a organização muito tensa, exausta como uma companhia que ficou muito tempo na trincheira." Tinha certa dificuldade em se mostrar otimista: "Nossas possibilidades melhoram dia a dia. Embora as perspectivas não sejam muito boas, não podemos compará-las com a situação desesperada em que nos encontrávamos há algumas semanas." [152]

Só Hitler parecia de novo confiante como sempre, uma vez tomada a decisão. Não se deixava dominar pela inquietude. Na primeira metade de outubro, começou sua quarta viagem de avião através da Alemanha e, atendendo à necessidade de intensificar o esforço, aumentou de novo o número de discursos e de quilômetros. Diante de Kurt Luedecke, que o acompanhava à sessão da Juventude do Reich em Potsdam, durante a carreata marcial de Mercedes, cercado pelos "marcianos pesadamente armados", Hitler fez observações em que se misturavam curiosamente esperança e realidade, e em que ele próprio aparecia já como chanceler. Mas também parecia exausto. Durante o trajeto de carro, seu companheiro foi obrigado a

mantê-lo acordado com histórias sobre a América, nas quais Hitler relembrava leituras de Karl May. Gostou sempre, dizia, das histórias de Winnetou e de Old Shatterhand. Assim que seus olhos se fechavam, esforçava-se e murmurava: “Mais, mais, não posso dormir!” Quando Luedecke separou-se de Hitler, dois dias depois, na estação, após uma impressionante manifestação com setenta mil jovens hitleristas e desfiles de várias horas, deixou-o esgotado, no canto de sua cabina, capaz apenas de gestos moles e sem força. [153]

Era preciso a exaltação da luta, a promessa do poder, a encenação de suas aparições em público, as homenagens e os delírios coletivos para mantê-lo de pé. Numa reunião de chefes do Partido em Munique, três dias depois, mostrou-se “em plena forma”, como diz Goebbels, e fez “um estupendo esboço da evolução e do estado de nosso combate, considerado em seu sentido mais amplo. Ele está, na verdade, acima de todos nós. Repõe o partido na sela em qualquer situação desesperada”. As dificuldades estavam mesmo cada vez mais complicadas e pareciam ter-se tornado grandes demais para a importância política do Partido. A falta de dinheiro, que paralisava qualquer ação, fazia-se sentir de modo particular. A posição de combate que tomava contra Papen e “seu gabinete reacionário” levava-o obrigatoriamente a opor-se aos poderosos meios capitalistas da oposição nacional, cujas subvenções eram mais magras do que nunca: “Está difícil conseguir dinheiro. Os senhores que têm ‘bens e educação’ estão todos com o governo.” [154]

Até a campanha era principalmente contra a “corja da nobreza”, os “sicários burgueses”, “o regime podre do clube dos grandes senhores” e uma das instruções do partido dava ordens a serem transmitidas de boca em boca de “criar uma verdadeira atmosfera de pânico contra Papen e seu gabinete”. [155] Gregor Strasser e seu estado-maior tiveram ainda uma vez um período de grandes esperanças enganadoras. “Contra a reação!” proclamava o slogan lançado por Hitler, refletido sobretudo por ataques vibrantes à política econômica do governo favorável aos empresários, por sabotagem das reuniões dos nacional-alemães e ataques contra chefes do Stahlhelm. O socialismo do Partido Nazi permanecia evidentemente sem programa e só se definia na língua metafórica e conjuratória de uma consciência paracientífica: era “o princípio de eficiência do oficial prussiano, do funcionário alemão incorruptível, o dique, a prefeitura, a catedral, o hospital de uma cidade livre do Reich, era tudo isso” e também era “a passagem de classe operária a trabalhismo oficial” [*Arbeiterschaft zum Arbeitertum*], o trabalhador sem luta de classes; mas justamente a diversidade sincera de seu vocabulário é que o tornava popular. “Um salário honesto para um trabalho honesto” — isso dizia

mais aos espíritos do que qualquer teoria econômica adquirida num curso noturno de sindicato. “Se a forma de repartição do atual sistema da economia mundial não chega a distribuir com justiça as riquezas produzidas pela natureza, é porque esse sistema é errôneo e deve ser modificado.” Isso respondia ao sentimento fundamental de que tudo devia ser mudado. Curiosamente não foram os comunistas, mas Gregor Strasser quem encontrou a fórmula mais popular, imediatamente lançada como slogan para definir o espírito da época desviada pelas concepções teóricas. Ele falou num discurso da “nostalgia anticapitalista”, que continuava a manifestar-se no público, fornecendo assim a prova de que a história chegara a um ponto decisivo. [156]

Alguns dias antes das eleições, quando a campanha, conduzida com tédio evidente e vigor declinante, chegou ao fim, surgiu para o partido a ocasião de demonstrar a seriedade de suas afirmações esquerdistas. No início de novembro estourou uma greve nos transportes berlinenses. Fora decidida pelos comunistas contra a opinião dos sindicatos e, surpreendentemente, os nazis logo aderiram. A SA e a *Rotfront* , frente vermelha, paralisaram de comum acordo durante cinco dias o transporte público, arrancaram trilhos, formaram piquetes de greve, reuniram voluntários e interditaram pela força o tráfego auxiliar precariamente organizado.

Essa unidade de ação sempre foi explorada como prova do encontro fatal entre a extrema esquerda e a extrema direita; mas, na realidade, embora o espanto fosse grande entre seus eleitores burgueses e essa ação cortasse quase inteiramente as contribuições financeiras, o Partido Nazi praticamente não tinha naquele momento outra escolha. “Toda a imprensa investe contra nós”, observou Goebbels. “Chama isso de bolchevismo; e, no entanto, não nos restava outra solução. Se não tivéssemos participado dessa greve organizada para defender os mais vitais interesses dos condutores de bonde, nossa sólida posição nos meios operários estaria abalada. Temos ainda aqui a oportunidade de mostrar ao público antes das eleições que nossa orientação antirreacionária é verdadeira, meditada e desejada no íntimo.” E alguns dias depois, em 5 de novembro: “Último impulso. Esforço desesperado do partido contra a derrota (…) No último minuto, conseguimos ainda reunir 10 mil marcos que utilizaremos totalmente no sábado à tarde, na propaganda. O que podia ser feito, fizemos. Agora é a vez do destino se pronunciar.” [157]

O destino pronunciou-se formalmente, pela primeira vez desde 1930, contra as pretensões nacional-socialistas ao poder: eles perderam dois milhões de votos e 34 cadeiras. Até mesmo o SPD perdeu cadeiras, enquanto os nacional-alemães saíram das eleições com mais 11 cadeiras, e os comunistas com mais

14. Pareceu, no conjunto, que a decomposição dos partidos burgueses do centro, que vinha de longe, tivesse sido interrompida. O que surpreendia na regressão do Partido Nazi era principalmente que tivesse sido observada em quase toda parte de modo igual e refletisse, então, não reveses regionais, mas cansaço geral. O Partido sofreu perdas graves, mesmo nas regiões sobretudo agrícolas como a Silésia, o Schleswig-Holstein, a Baixa Saxônia ou a Pomerânia que tinham fornecido nos anos precedentes o mais forte e mais seguro contingente eleitoral e amplamente transformado a imagem de partido pequeno-burguês urbano. [158] E apesar das afirmações de seus chefes, que diziam querer "trabalhar e lutar até que esse fracasso seja reparado", a baixa prosseguiria nas eleições regionais durante as semanas seguintes: a marcha triunfal do Partido Nazi parecia definitivamente interrompida e, embora ele ainda pudesse ser qualificado de grande partido, não era mais um mito. A questão era justamente essa: poderia o Partido manter-se como um grande partido normal, ou precisava ser um mito?

Quem mais gostou do resultado das eleições foi Papen. Consciente de ter obtido um grande sucesso pessoal, propôs a Hitler enterrar as velhas diferenças e tentar de novo a fusão de todas as forças nacionais. O tom de suficiência do chanceler aguçou em Hitler a consciência de sua própria fraqueza, e ele ficou dias inteiros longe de Berlim, impossível de ser localizado. Na noite das eleições, repelira, num apelo ao partido, qualquer ideia de entendimento com o governo e "proclamara o impiedoso prosseguimento do combate até o esmagamento desses adversários que agiam ora às claras, ora às escondidas", e cuja política reacionária lançava o país nos braços do bolchevismo. Foi preciso que Papen se dirigisse novamente a ele através de uma carta oficial para que Hitler lhe respondesse, após alguns dias de hesitação bem calculada, com uma recusa novamente disfarçada por meio de uma série de condições irrealizáveis. O chanceler recebeu dos outros partidos as mesmas recusas categóricas.

Ante o descontentamento de quase todo o país, o governo via-se fechado no seguinte dilema: ou dissolver de novo o Reichstag e obter assim um prazo político, ao mesmo tempo arriscado e caro, ou infringir abertamente a constituição, como se desejava havia muito tempo, e servindo-se dos meios executivos e militares fechar primeiro o Partido Nazi, o Partido Comunista e talvez outros partidos também, depois reduzir ao extremo os direitos do parlamento, instaurar um novo modo de sufrágio, e estabelecer Hindenburg numa espécie de soberania em meio a representantes das antigas classes dirigentes por ele nomeados. Uma vez que a "supremacia democrático-parlamentar dos elementos inferiores" tinha malogrado visivelmente, o

“Estado Novo” concebido nos meios de Papen devia garantir “a supremacia dos melhores” e ao mesmo tempo pregar uma peça nas violentas ideias de ditadura de caráter nacional-socialista. Embora muitos detalhes dessa solução, de que Papen deixou entrever alguns aspectos num discurso do dia 12 de outubro, fossem ainda nebulosos e permanecessem no terreno do desejo, o conjunto ultrapassava amplamente a fase especulativa. Com sua franqueza reacionária, o vizinho e homem de confiança de Hindenburg, o velho Oldenburg-Januschau, anunciou que seus amigos e ele próprio “imporiam logo ao povo alemão uma constituição que o faria ver estrelas”. [159]

Papen proclamava ainda seu projeto de criar uma poderosa força nacional “que não fosse abalada pelas forças políticas e sociais, e se mantivesse acima delas de modo inatingível”, [160] quando bruscamente encontrou resistência imprevista da parte de Schleicher. Como vimos, o general tinha de início pensado em Papen por ter visto nele um instrumento dócil e hábil para domar o partido de Hitler no seio de uma ampla coligação nacional. Em vez disso, Papen tinha não só entrado em conflito pessoal e estéril com Hitler, mas também, apoiando-se em sua posição cuidadosamente firmada junto a Hindenburg, anulado totalmente a docilidade que o tornava útil aos olhos do general, desejoso de agir nos bastidores. “Veja você”, disse Schleicher com ironia certa vez a uma visita, “o pequeno Franz revelou-se.” [161] Ao contrário de Papen, o general via a sério os problemas com os quais se debatia em 1932 esse estado industrial sacudido pela crise, e não era limitado o bastante para só crer que um governo devesse ser forte de qualquer maneira. Por isso, os planos aventureiros de reforma do chanceler o irritavam, e ele não pensava absolutamente em dar nesse sentido o apoio do Reichswehr, pois as tropas teriam de ser lançadas, quase numa guerra civil, contra os nacional-socialistas e comunistas que dispunham, juntos, de cerca de 18 milhões de eleitores e, de qualquer forma, de um corpo de militantes também contado aos milhões. O que teve um papel decisivo na recusa de Schleicher foi sem dúvida o fato de que também ele acreditasse seriamente na possibilidade de realizar, num contexto diferente, seu projeto de abater e desgastar pouco a pouco o Partido Nazi.

Não foi portanto sem segundas intenções que Schleicher aconselhou formalmente a Papen que se afastasse e deixasse ao próprio Hindenburg as negociações com os dirigentes dos partidos para a formação de um “gabinete de união nacional”. Quando Papen se conformou com essa recomendação no dia 17 de novembro, esperava evidentemente em segredo ser de novo chamado, após o fracasso das conversações. Dois dias depois, Hitler atravessou os poucos metros que separavam o Kaiserhof do palácio

presidencial, cercado pelas aclamações de uma multidão convocada às pressas. Mas essa entrevista não foi bem-sucedida, como também o segundo encontro que teve lugar mais tarde. Hitler queria com obstinação um gabinete presidencial com plenos poderes especiais, enquanto Hindenburg, levado por Papen ao primeiro plano das negociações, exatamente não queria aceitar esse pedido. Se o país devia continuar a ser governado por decretos-leis, não havia razão nenhuma, dizia ele, para despedir Papen: Hitler só podia tornar-se chanceler de um governo com maioria parlamentar. Como o Führer do Partido Nazi não estava, visivelmente, em condições de obter essa maioria, o secretário de estado de Hindenburg, Meissner, escreveu-lhe numa última carta, a 24 de novembro:

> O senhor presidente do Reich agradece, prezado *Herr* Hitler, sua aquiescência em assumir a direção de um gabinete presidencial. Entretanto ele não pensa poder assumir diante do povo alemão a decisão de investir de seus plenos poderes presidenciais o chefe de um partido que sempre ressaltou seu caráter pessoal e que manifestou uma atitude essencialmente negativa contra ele pessoalmente e contra as medidas políticas e econômicas que julgava necessárias. O senhor presidente do Reich receia pois, nessas circunstâncias, que um gabinete dirigido por Vossa Senhoria conduza forçosamente a uma ditadura de partido com todas as suas consequências, o que acentuaria consideravelmente as oposições no seio do povo alemão, fato pelo qual ele não gostaria de tornar-se responsável, em sã consciência. [162]

Era uma nova recusa categórica, e Goebbels anotou com irritação: "A revolução está novamente diante de portas fechadas." Hitler conseguiu, no entanto, disfarçar dessa vez a derrota aos olhos da opinião pública. Numa carta detalhada, analisou, não sem perspicácia, as contradições internas das condições impostas por Hindenburg e esboçou pela primeira vez as grandes linhas da solução que seria adotada a 30 de janeiro seguinte. O palácio presidencial tomou conhecimento com particular interesse de sua proposta de mudar a forma de governo prevista no Artigo 48 da constituição mediante uma lei especial, mas de acordo com os princípios constitucionais, com base na qual Hindenburg ficaria livre de envolvimento na rotina política e aliviado de assumir uma onerosa responsabilidade inconciliável com a dignidade de sua posição. Não se pode avaliar a importância dessa proposta para o curso dos acontecimentos. Ela certamente assaz contribuiu para convencer o presidente, que parecia tão inabalável na carta de Meissner, a capitular ante as pretensões do homem a quem, pouco tempo antes, queria quando muito confiar os correios e telégrafos.

Se Papen pensava poder recuperar o posto de chanceler após o fracasso de todas as negociações estava muito enganado. Enquanto isso, Schleicher tinha tomado contato com o partido hitlerista por intermédio de Gregor Strasser e examinava as possibilidades de fazer os nacional-socialistas participarem de um gabinete dirigido por ele. Esse projeto baseava-se na ideia de que uma

oferta magnânima do governo provocaria entre o pessoal de Hitler um conflito explosivo. Se Strasser preconizava incessantemente uma técnica de flexibilidade diante dos recentes reveses do partido, Goebbels e Göring opunham-se impiedosamente a qualquer solução “pela metade” e continuavam a reclamar poder total.

Antes mesmo que Schleicher tivesse efetuado suas sondagens, foi convocado na noite de 1º de dezembro, com Papen, ao palácio presidencial. Convidado por Hindenburg a expor claramente suas intenções, Papen expôs seu projeto de reforma constitucional que teria toda a forma de golpe de estado. Schleicher interferiu então com uma dramática e inesperada observação na reação do presidente, cuja opinião, depois de meses de discussões abertas, só era solicitada pró-forma. Chamou as intenções de Papen de inúteis e perigosas, descreveu o perigo de uma guerra civil e apresentou sua própria solução, que consistia em extrair o grupo Strasser do Partido Nazi e reunir todas as forças construtivas, passando pelo Stahlhelm e os sindicatos até a social-democracia, num gabinete acima dos partidos, sob sua própria chefia. Mas Hindenburg rejeitou essa proposta com obstinação, sem perder muito tempo com explicações. Mesmo ressaltando que seu projeto evitava ao presidente a necessidade de violar seu juramento, Schleicher não conseguiu minar a simpatia do velho cabeçudo por seu chanceler favorito, simpatia que superava todas as questões constitucionais.

Mas Schleicher não se deu por vencido. Quando Papen quis assegurar-se, após a entrevista, de que o Reichswehr estava disposto a intervir em favor da reforma da constituição, Schleicher recusou categoricamente essa garantia. Não só naquele momento como na sessão do gabinete no dia seguinte, ele chamou atenção a um estudo de seu ministério que resumia um jogo de guerra que havia durado três dias, e do qual resultava a incapacidade do exército para opor-se eficazmente a uma sublevação comum de nazis e comunistas, coisa que não era mais de descartar depois da participação dos primeiros na greve dos transportes em Berlim, tanto mais que se podia considerar a eventualidade de uma greve geral, bem como um ataque polonês na fronteira leste. Além disso, expôs os escrúpulos que tinha com relação à ideia de empregar o instrumento suprapartidário do Reichswehr para sustentar um chanceler apoiado apenas por uma minoria em declínio, e que nutria insensatos projetos de restauração. As declarações de Schleicher causaram uma impressão tão forte nos membros do gabinete que nada mais restou a Papen, indignado ao ver-se ludibriado e desmascarado, do que ir sem tardança procurar o presidente do Reich para informá-lo da nova situação. Por um momento Papen pareceu decidido a pedir a demissão de Schleicher para prosseguir seus

planos com um novo ministro da Guerra. Mas Hindenburg se opôs. O próprio Papen descreveu inspiradamente essa cena emocionante:

> Ele se dirigiu a mim (…) com a voz embargada: "Você vai me julgar um tratante, meu caro Papen, mas agora mudei de opinião. Estou velho demais para assumir, ainda no fim de minha vida, a responsabilidade de uma guerra civil. Devemos pois, em nome de Deus, deixar Herr von Schleicher tentar a sua sorte."
>
> Duas grossas lágrimas rolaram por suas faces quando o grande homem vigoroso estendeu-me as mãos para despedir-se. Nossa colaboração terminara. Mesmo um estranho pode compreender a extensão de nosso entendimento moral, lendo a dedicatória que o marechal de campo escreveu sob a foto que me estendeu algumas horas mais tarde, no momento de nos separarmos: "Tive um grande amigo!" [163]

Mas para Papen, que "tinha conseguido tão depressa ganhar o coração do presidente quanto perder as últimas oportunidades de superar a crise política de modo razoável", [164] era e não era um adeus. O vexame causado por sua inesperada destituição estava já atenuado pela certeza de que Schleicher ia agora sair de suas trincheiras e de seus esconderijos para mostrar-se abertamente, enquanto ele próprio poderia assumir junto ao presidente o papel quase todo-poderoso de confidente que tinha exercido seu sucessor. Se o entendimento moral com Hindenburg desempenhava um papel importante, havia também o fato de que Papen, depois de ter sido eliminado do governo, continuava, com a arrogância de quem dispõe do estado como de sua propriedade, a morar em seu apartamento oficial, uma ala do qual conduzia ao domicílio vizinho de Hindenburg. Houve uma espécie de conspiração doméstica, à qual juntaram-se Meissner e Oskar von Hindenburg. Os quatro acompanharam com um olhar frio e ofendido os esforços do hábil general, opuseram-se a ele e por fim ajudaram seu fracasso a um preço elevado.

O momento era extremamente favorável a Schleicher. A crise com que Hitler se defrontava atingia justamente o apogeu e tomava rumo mais grave do que os outros reveses que sofrera em sua carreira. A impaciência e a decepção de seus partidários manifestavam-se em larga escala, e, além disso, o partido parecia às vezes esmagado pelo peso de suas dívidas. Os donativos dos ricos mecenas tinham sido interrompidos e agora os credores começavam também a agitar-se. Havia débitos para com as impressoras que publicavam os órgãos de imprensa do partido, os alfaiates encarregados de fazer os uniformes, os fornecedores de armas e os locadores de escritórios, e ainda havia vários detentores de promissórias. Hitler reconheceu mais tarde, com uma lógica frívola, que assinara na época vários reconhecimentos de dívidas sem experimentar a menor inquietude, porque a vitória teria facilitado o pagamento, enquanto a derrota os teria tornado inúteis. [165] Grupos de SA vagavam pelas esquinas estendendo aos passantes caixinhas estampadas,

“como soldados dispensados aos quais o comandante tivesse dado, em vez de pensão, uma autorização para mendigar”. “Para os ferozes nazis!”, gritavam eles ironicamente. Konrad Heiden contou como vários subchefes das SS, desesperados, corriam aos partidos e jornais adversários para trair supostos segredos em troca de dinheiro. Outro sinal da decomposição era que o exército de oportunistas, que havia cercado com ruidosa agitação o partido em ascensão, começava pouco a pouco a dispersar-se e, ainda incerto do que fazer, a dar atenção a outros reclames. Nas eleições provinciais da Turíngia, até então um dos domínios de Hitler, o Partido Nazi teve sua mais fragorosa derrota. Goebbels observou no dia 6 de dezembro, em seu jornal: “A situação no Reich é catastrófica. Na Turíngia, sofremos desde 31 de julho cerca de 40% de perdas.” [166] Confessou mais tarde oficialmente que nessa época ele se perguntou muitas vezes se o movimento não iria desaparecer. As cartas de demissão amontoavam-se nos escritórios de Gregor Strasser.

As concepções de Hitler encontravam agora um ceticismo evidente. Inflexível, ele sempre recusava um meio-poder, mas não conseguia obtê-lo todo. A nomeação de Schleicher significava uma nova rejeição de suas pretensões, baseadas na alternativa de vitória total ou derrota total. Essa atitude extrema, apesar dos reveses, das decepções, das crises, certamente não deixava de seduzir. Mas podia-se perguntar a um comentarista da época se a teimosia de Hitler não ia se transformando em tolice. [167] Para um número considerável de correligionários à frente dos quais encontravam-se Strasser, Frick e Feder, o momento mais favorável para chegar ao “poder” fora por assim dizer perdido. É verdade que a crise econômica à qual o partido devia tanto não estava superada. O número total de desempregados, inclusive as porções “invisíveis”, era, já em outubro de 1932, de 8,75 milhões, e o país entrou logo num novo inverno de sofrimento, com todos os seus efeitos imprevisíveis de desmoralização e de inclinação aos extremos. Mas os especialistas julgavam que pela primeira vez certos sinais seguros indicavam uma virada próxima. Em política externa, os acordos adiados durante tanto tempo estavam à vista. A divisa de “Tudo ou Nada”, professada por Hitler, era no fundo de caráter revolucionário, como o reconheceu com lucidez o grupo de Strasser, e estava, pois, em contradição com a tática da legalidade. O medo era sobretudo o de que Schleicher pudesse de novo dissolver o Reichstag e chamar eleições que o partido não poderia enfrentar, nem material nem psicologicamente.

Não se pode mais estabelecer com exatidão o número de partidários de que Strasser dispunha e principalmente saber até que ponto estes estavam prontos a seguir o administrador da organização, mesmo contra a vontade de seu

Führer. [168] Uma das versões afirma que Hitler inicialmente desejava ceder e aprovar a entrada de Strasser no gabinete, pois uma solução desse gênero pelo menos preservaria sua asserção de tudo ou nada, ao mesmo tempo levando o partido ao poder; Göring e Goebbels teriam impelido Hitler à atitude inflexível, que ele observava "com uma firmeza brutal", nos dizeres de outros tenentes seus. Também resta comprovar com certeza se Schleicher, nas negociações para a formação de seu "gabinete de anseio anticapitalista", [169] teria mesmo oferecido a Strasser o posto de vice-chanceler e ministro do Trabalho e recebera em troca a promessa de que ele cindiria o partido. Não se está bem certo nem mesmo de que Strasser tenha pensado em ultrapassar Hitler, ou de que tenha entubulado negociações, convicto de sua qualidade de número dois do partido, não muito diferente de Göring, que, segundo outra versão, teria sugerido seu próprio nome a Schleicher para ministro da Aviação. Quase não há documentos seguros com respeito à trama de acordos confidenciais, de promessas veladas e de alegações presumidas; [170] certo, unicamente, é o jogo de intrigas, as cabalas, as acusações, e as furiosas rivalidades. O reverso da medalha desse partido ideologicamente tão móvel e baseado na ideia de um Führer e no princípio da fidelidade era que as decisões nunca se apoiavam em formulações objetivas, mas só em considerações pessoais, e que o corpo dirigente em torno de Hitler era até então um grupo de satélites lutando com raiva e fúria, sempre em meio a várias oposições de parte a parte.

No dia 5 de dezembro, após as eleições catastróficas na Turíngia, houve uma forte altercação numa reunião de dirigentes no Hotel Kaiserhof: Strasser viu-se abandonado por Frick e jogado no isolamento ante o talento oratório de Hitler, ao qual não podia resistir. Dois dias depois, estava novamente diante de Hitler, no mesmo local, afogado por uma onda de recriminações e acusado de duplicidade, de traição e de abuso de confiança. Talvez Strasser tenha ficado convencido da inutilidade de seus esforços vendo a reação da assembleia ante a acusação de Hitler e sua própria resposta colérica. Em todo caso, pegou suas coisas enquanto rugia o tumulto, e deixou a sala em silêncio, sem despedir-se. Quando chegou ao seu quarto de hotel, escreveu a Hitler uma longa carta em que recapitulava as relações de muitos anos entre ambos, acusava a política malsã de "desesperados" que o partido praticava de modo demagógico, sob a influência de Goebbels e Göring, criticava a inconstância de Hitler e, para terminar, predizia que ele "se entregaria a atos de violência e faria da Alemanha um monte de ruínas". [171] Declarou depois com resignação e repugnância que se retirava de todos os postos que ocupava no Partido.

Essa carta deixou o partido em estado de abatimento e depressão tanto

maior porque não continha nenhuma alusão às intenções de Strasser. Os companheiros mais próximos de Strasser, como Erich Koch, Kube, Kaufmann, o conde Reventlow, Feder, Frick e Stöhr, não eram os únicos a esperarem um sinal. Hitler também parecia estar nervoso e pronto a resolver as divergências de opinião numa explicação franca. A inquietude aumentou ainda mais quando se percebeu que Strasser tinha desaparecido. "De noite, o Führer está conosco", escreveu Goebbels. "Mas falta entusiasmo. Estamos todos muito deprimidos, principalmente com a ideia de que o conjunto do partido corre agora o risco de desabar e que nosso trabalho terá sido em vão. A prova decisiva nos espera." Mais tarde, em seu quarto de hotel, Hitler abandonou bruscamente o silêncio e disse: "Se o partido desmoronar, em três minutos acabarei comigo com uma bala de revólver." [172]

Esse Strasser procurado e temido, que durante um instante parecia ter nas mãos o destino do movimento, passava a tarde em companhia de um amigo, diante de um caneco de cerveja. Resignado e ao mesmo tempo aliviado, abandonava-se à irritação reprimida durante anos. Praguejou, suspirou e bebeu, antes de tomar o trem da noite para sair de férias, cansado de Hitler. Deixava os membros do partido desamparados. Se buscarmos as razões dessa renúncia, é preciso sobretudo considerar o efeito devastador que puderam exercer esses anos de dedicação absoluta: Gregor Strasser havia sido fiel durante tempo longo demais para ser ainda independente. Mal fora anunciada a partida de Strasser, no dia seguinte Hitler julgava-se no dever de destruir sua organização. Com toda a rapidez e uma segurança febril, formulou uma série de regras e de listas. Como fizera para resolver a crise das SA, retomou a direção da organização e nomeou chefe do estado-maior Robert Ley, que durante anos tinha mostrado em Hanover uma cega lealdade. Seu secretário particular, Rudolf Hess, foi promovido a chefe de uma secretaria política central, concebida principalmente para bloquear o apetite de poder que se pudessem manifestar em terceiros. Além disso, os setores de agricultura e de educação popular tornaram-se autônomos e foram confiados a Darré e a Goebbels.

Hitler reuniu em seguida os funcionários e deputados do Partido Nazi no palácio do presidente do Reichstag, que era o edifício de serviço de Hermann Göring, para uma emocionante demonstração de fidelidade. Ressaltou o quanto sempre fora fiel a Strasser, enquanto o outro o havia traído o tempo todo e levado o partido à beira da ruína, quando estava tão próximo da vitória. E embora não se possa mais saber com certeza se Hitler pôs realmente a cabeça sobre a mesa em soluços, representando a comédia do desespero, Goebbels achou que a alocução "tinha uma nota pessoal tão forte que nos

tocou o coração (…) Os velhos camaradas do partido que lutam e trabalham há anos no movimento sem se deixar desconcertar tinham os olhos cheios de lágrimas de raiva, de dor e de vergonha. A reunião foi um grande sucesso para a unidade do movimento.” Nenhum dos partidários de Strasser escapou ao domínio patético de Hitler. Ele reclamou de todos, sem remissão, um ato de submissão pública. “Todos dão-lhe a mão e prometem, aconteça o que acontecer, continuar a luta com ele e, mesmo que isso lhes custe a vida, não recuar ante o grande passo. Strasser está agora isolado totalmente. É um homem morto.”

Hitler havia assim superado de novo uma das grandes crises de sua carreira, e provado uma vez mais seu impressionante talento em explorar a derrota e a desagregação, reforçando a fidelidade dos partidários. Não o obrigando nem à luta nem ao acordo, Strasser havia evidentemente facilitado o seu trabalho, arranjando-lhe ainda por cima um bode expiatório fácil para os fracassos dos meses precedentes. Mas sempre fora assim na ascensão de Hitler: seus adversários não sabiam lutar e, diante de sua inflexibilidade, tinham tendência a renunciar, dando de ombros com resignação. Mal Bruning sentiu que Hindenburg o afastava, capitulou tão rapidamente quanto Severing ou Grzesinski no dia 20 de julho; agora eram Strasser e seus partidários, depois Hugenberg e outros: todos cediam ante sua cólera e partiam. Ao contrário de Hitler, faltava-lhes a paixão do poder. Uma crise tinha para eles o mesmo significado que uma derrota, quando para Hitler era uma ocasião de combate e o ponto de partida para novas certezas. “Não nos enganemos, eles não querem mais oferecer-nos resistência”, descrevia ele, com lúcido desprezo, seus adversários burgueses. “A necessidade de pactuar conosco é gritante em cada palavra vinda desse campo (…) Não são homens que cobicem o poder e sintam prazer em possuí-lo. Só falam de dever e de responsabilidade, e ficariam felicíssimos se pudessem cultivar suas flores em paz, ir à pesca na hora de sempre, e passar a vida em piedosa contemplação.” [173] A crise de dezembro de 1932 reforçou essa imagem arrogante, que até nos anos de guerra serviu de exemplo estimulante quando se tratava de explorar as derrotas e desmoronamentos para reforçar a certeza da vitória. Hitler tinha o costume de encorajar-se, lembrando “que tivera de avançar junto a precipícios bem diferentes e que se encontrara mais de uma vez diante das alternativas do ser e do não ser.”

A crise política do Partido Nazi não estava de modo algum superada com o caso Strasser. O diário de Goebbels dá muitos indícios nas semanas que se seguem de “enorme desordem e desentendimento”. Os dirigentes do partido, em particular Hitler, Goebbels, Göring e Ley, percorriam os cantões todo fim

de semana para levantar o moral e a confiança dos correligionários, e, como no tempo das grandes campanhas, Hitler falava até quatro vezes por dia, nas cidades mais afastadas. As dificuldades financeiras também não se resolviam. No distrito de Berlim, o salário dos empregados do Partido teve de ser diminuído, e a bancada nazi da assembleia prussiana viu-se constrangida a não pagar aos servidores do partido a gratificação de Natal. No diário, em 23 de dezembro, Goebbels anota com tristeza: "A mais terrível solidão cai sobre mim como um desespero aterrador!" No início do ano de 1933, o *Frankfurter Zeitung* já festejava — "dissolveu-se o encanto do NSDAP" — enquanto Harold Laski, um dos intelectuais mais conhecidos da esquerda inglesa, afirmava: "O tempo em que os nacional-socialistas representavam um perigo mortal já passou. (…) A menos que aconteça algo imprevisto, não é hoje inverossímil que Hitler vá terminar sua carreira numa cidadezinha da Baviera, velho, contando de noite aos amigos, na cervejaria, como certa ocasião por pouco não derrubara o Reich." [174] Quase numa resposta, Goebbels escreveu em desalento: "O ano de 1932 foi uma série de catástrofes. É preciso rasgá-lo em pedacinhos. (…) Todas as perspectivas e esperanças se esfumaram."

Nesse mesmo instante, houve a brusca reviravolta que ninguém esperava. Por mais habilidade que Schleicher tivesse mostrado no início em seu papel de chanceler, logo meteu-se numa situação difícil. Em sua declaração governamental, tinha-se realmente apresentado como "general social", mas suas concessões aos trabalhadores indispuseram os patrões sem ganhar o apoio da social-democracia. Os agricultores estavam irritados com o tratamento privilegiado de que gozavam os operários, e os grandes proprietários opunham-se ao programa de divisão das terras anunciado, com aquela maciça consciência de casta que já tinha sido fatal a Bruning. Também seus esforços de unificação eram abruptos demais, e encontravam no general, pessoa marcada pelas intrigas, um advogado pouco plausível. As ideias de planificação econômica que professava, suas tentativas de aproximação com os sindicatos ou suas medidas para restabelecer o sistema parlamentarista, tudo era talvez sincero, mas só lhe valeu desconfiança e resistência. O otimismo de Schleicher apoiava-se na ideia de que seus muitos adversários não tinham condições de aliar-se contra ele. De fato, a intriga que começara a montar com Strasser tinha malogrado. Mas o caso produzira graves danos à coesão do Partido Nazi, profundamente abatido e endividado, e resultou em que Hitler, sem cuja participação uma frente contra o governo estaria condenada à fraqueza, não se podia considerar um parceiro possível.

Quem derrubou os cálculos de Schleicher e deu ao Partido Nazi uma

chance inesperada não foi outro senão Franz von Papen. Os adversários de Schleicher, rivais entre si, encontraram nele um “advogado comum”. [175]

Duas semanas após a formação do governo do general, Papen comunicara ao banqueiro Kurt von Schroeder, de Colônia, que estava interessado em encontrar-se com o Führer do Partido Nazi. Acontece que a solicitação coincidiu com a exclusão de Gregor Strasser, que podia ao mesmo tempo significar para os mecenas industriais que, embora as opiniões revolucionárias e anticapitalistas no partido não estivessem liquidadas, tinham pelo menos sido privadas de seu cérebro. O aumento persistente dos votos comunistas, confirmado novamente pelas eleições de novembro para o Reichstag, também contribuíra para vencer as reservas dos industriais com relação a Hitler, tanto mais que a propaganda do Partido afirmava: “Se o partido desmoronar amanhã, a Alemanha terá depois de amanhã dez milhões de comunistas mais.” Como presidente do Herrenklub de Colônia, Schroeder dispunha de amplas relações com a indústria pesada do Reno. Tinha algumas vezes intervindo em favor de Hitler; concebera os planos de uma política econômica nacional-socialista e, em novembro de 1932, assinara a petição apresentada por Hjalmar Schacht, que servia abertamente aos propósitos de Hitler. Numa acerba declaração, Papen tinha na época qualificado essa atitude de inadmissível, mas agora, quando Schroeder o convidou para um encontro com Hitler no dia 4 de janeiro de 1933, ele aceitou com alegria.

Essa conversa, que teve lugar no maior segredo, foi aberta por Hitler com um monólogo amargo e cheio de recriminações, principalmente em torno da humilhação de 13 de agosto. Papen levou certo tempo para restabelecer a harmonia, lançando sobre Schleicher toda a responsabilidade da recusa do presidente em nomear Hitler chanceler. Propôs em seguida uma coligação entre nacional-alemães e nacional-socialistas, à frente da qual se podia montar uma espécie de duunvirato Hitler-Papen. Nisso, Hitler fez de novo “um longo discurso”, declarou depois von Schroeder em Nuremberg, “no qual afirmava que, no caso de ser nomeado chanceler, não abria mão de ser ser o único chefe do governo. Os partidários de Papen podiam certamente entrar em seu governo como ministros, se estivessem prontos a participar da política de reformas que contava empreender em diversos planos. As modificações em vista compreendiam a retirada dos social-democratas, dos comunistas e dos judeus das alavancas de comando na Alemanha e a restauração da ordem na vida pública. Papen e Hitler estavam de acordo com o princípio”. [176] Nesse encontro, Hitler recebeu uma informação extremamente importante: Schleicher não tinha recebido autorização para dissolver o Reichstag e, por conseguinte, o Partido Nazi não precisava temer novas eleições no momento.

Esse encontro foi chamado, com razão, “o nascimento do Terceiro Reich”, [177] pois originou uma série de acontecimentos encadeados até o dia 30 de janeiro, por sua vez frutos da coligação cujo delineamento se deu em Colônia. Ao mesmo tempo, a entrevista lançou uma luz sobre os interesses econômicos que sustentavam as ambições de Hitler. É verdade que ainda não se determinou com certeza se, ao fim da conversa, a situação financeira catastrófica do Partido foi aventada e se medidas concretas foram encaradas para reduzir as dívidas. No dia 2 de janeiro, um conselheiro fiscal do NSDAP declarara a uma repartição fiscal em Berlim que o Partido não estaria em condições de pagar os impostos, a não ser que renunciasse à independência; Goebbels anotou então que a situação financeira tinha “repentinamente melhorado”, que o partido “estava de novo com crédito”, enquanto Thyssen falava “de uma quantidade de subsídios notáveis, concedidos pela indústria pesada, que afluíam ao caixa do partido”. Os veementes desmentidos públicos nos quais Hitler declarava que todas as concessões à economia eram “inventadas e mentirosas” não contestam a ligação com aqueles meios. [178]

Ao mesmo tempo que o encontro de Colônia restabeleceu entre os nacional-socialistas a confiança e a esperança na vitória, desfechou contra Schleicher e seu governo um golpe decisivo. Consciente do perigo, o chanceler informou com detalhes a imprensa sobre a situação e fez censuras a Hindenburg. Mas obteve uma recusa quando pediu que para o futuro o presidente consentisse em só receber Papen em sua presença. Essa recusa mostrava-lhe pela primeira vez a precariedade de sua posição: Hindenburg não estava mais disposto a sacrificar às instituições do estado e aos princípios de gestão correta sua simpatia por seu “jovem amigo” Papen, de tanto charme e desenvoltura e que tão bem sabia contar casos.

Esse clima decorreu nitidamente das conversas que Papen, por sua vez, teve com Hindenburg. Torcendo a verdade, ele contou ao presidente que Hitler acabara cedendo e renunciara a pedir o poder exclusivo. Mas, em vez de censurar a Papen por sua iniciativa, Hindenburg disse que ele próprio “logo vira que essa afirmação não podia ser verdadeira [a de Schleicher]” e até encarregou-o de ficar pessoalmente em contato com Hitler de modo estritamente confidencial. Pediu também a seu secretário de estado, Meissner, que nada dissesse a Schleicher sobre a missão de Papen; o presidente participava assim ele próprio do complô contra seu chanceler. [179]

À frente Papen-Hitler logo afluíram reforços eficazes. Enquanto Schleicher, com a confiança enfraquecida, esforçava-se para seduzir Strasser, os sindicatos e os partidos, uma delegação do *Landbund* , a liga rural, apresentou-se ao palácio presidencial, no dia 11 de janeiro, para queixar-se

veementemente da ineficácia do governo, sobretudo em matéria de proteção aduaneira. Por detrás dessa queixa, transparecia a inquietude dos agricultores ante o programa de assentamento de desempregados nas terras de além-Elba, concebido por Bruning e agora retomado. Temia-se também manifestamente a verificação parlamentar dos empréstimos concedidos às regiões leste, empréstimos que tinham ajudado numerosos amigos de Hindenburg não só a enriquecer ilicitamente, mas também a provar à república odiada, através de sua atitude de exploradores, o quanto eram definitivamente irreconciliáveis com o regime. Na presença dos membros do gabinete, Hindenburg tomou logo, energicamente, o partido dos interesses dos *Jungherr* . Como Schleicher não desse logo um consentimento irrefletido, o grande proprietário senhor de Neudeck esmurrou a mesa, como relata uma testemunha ocular, e lançou este ultimato: “Solicito, *Herr Reichskanzler* von Schleicher — e, na qualidade de antigo soldado o senhor sabe que esta solicitação não é senão a forma polida de uma ordem — solicito que o gabinete se reúna esta noite mesmo, edite as necessárias leis no sentido indicado e que elas estejam amanhã cedo em minha mesa para assinatura.” [180]

Schleicher pareceu inicialmente pronto a ceder à pressão do presidente, porém, algumas horas mais tarde, foi divulgada uma nota do *Landbund* de caráter a tal ponto demagógico que obrigou Schleicher a aceitar o desafio e interromper as negociações sem mais conversa. Quando dois dias depois ele recusou também o Ministério da Economia ao reacionário que era Hugenberg, e confirmou expressamente suas ideias sociopolíticas, tudo cambaleou; agora, a direita também estava contra ele. A social-democracia tinha antecipadamente recusado qualquer apoio àquele a quem chamava o “general da cabeça aos pés” e até mesmo proibira o sindicalista Leipart de negociar com ele. Na opinião de Hitler, o Partido Social Democrata sucumbia sob seu próprio bizantinismo, deliberadamente enfeitado de clichês ideológicos e de embriões de pensamentos. Tal como no campo adversário os notáveis conservadores mostravam uma consciência “histórica” particular, esse partido contava, em sua autossatisfação socialista, com um progresso mecânico e conseguia de qualquer forma ver em Hitler apenas um breve desvio, uma fase teatral antes da caminhada definitiva para um sistema libertário. Embora Schleicher tivesse diminuído seu crédito com inúmeras intrigas e maquinações contra a instituição, isso não era razão para se desconfiar mais dele que de Hitler. A indiferença com que os dirigentes social-democratas deixaram o general afundar traduz também sua reserva tradicional contra o próprio estado de Weimar, que nunca tinha verdadeiramente correspondido às suas ideias; em todo caso, reservas, ressentimentos e objeções mostravam que Schleicher era a última solução oposta a Hitler, que esperava com impaciência

às portas do poder. Nos anos que se seguiram à derrota da Grande Coligação, o SPD quase não tinha tomado iniciativa; agora ele se aprumava uma vez mais, mas unicamente para destruir a última oportunidade da república. [181]

O astuto chanceler viu-se assim, mais depressa do que se podia prever, numa situação sem saída: não era o homem certo para defender suas ideias, embora no fundo elas fossem justas. Seu programa de empregos deixou os industriais contra ele; seu programa de transferir os desempregados para o campo, os grandes proprietários; suas origens, os social-democratas; suas propostas a Strasser, os nazis. Sua proposta de reforma constitucional foi tão irrealizável quanto um governo com o parlamento ou sem o parlamento, ou ainda um governo que se apoiasse nos sindicatos ou recorresse à força — a própria política parecia chegar ao fim com ele. Se Schleicher pôde ainda no início conservar o posto foi unicamente porque os conjurados ainda não tinham constituído um novo gabinete. Mas mesmo essas questões agora eram objeto de uma atividade que começava a desenvolver-se febrilmente, às escondidas.

Para reforçar sua posição nas negociações e sustentar as pretensões do Partido Nazi, Hitler concentrava ele próprio todas as suas forças nas eleições provinciais do estado-anão de Lippe, que deviam ter lugar no dia 15 de janeiro. Nessa batalha eleitoral, uma das mais dispendiosas, reuniu uma vez todos os oradores conhecidos do partido no castelo do Barão von Oeynhausen, e com eles inundou a região, noite após noite. Anotou Goebbels: no primeiro dia, “falei três vezes, em minúsculos povoados de camponeses”. O próprio Hitler falou, alguns dias, em 18 comícios. Com esse olhar psicológico firme que encontrava tanto desprezo inconsciente ou cético, aproveitou a oportunidade incomparável oferecida por essas eleições; a agitação procurava apresentar os resultados do escrutínio como prova decisiva na luta pelo poder, e a opinião pública deixava-se efetivamente impor essa maneira de ver: esperava esse acontecimento marginal, o voto de cem mil eleitores, como uma espécie de julgamento de Deus sobre “o futuro político de um povo de 68 milhões de habitantes”. [182]

Com os meios postos em jogo, Hitler pôde registrar no dia 15 de janeiro seu primeiro sucesso desde as eleições de julho em Lippe mesmo, quando, com 39,5% dos votos, o partido ficava certamente abaixo do resultado agora obtido; além disso, os partidos democráticos e, em particular, o SPD, tinham obtido no todo um aumento superior ao do partido de Hitler. Mas em vez de interpretar o sucesso de Lippe como o resultado de um esforço desmedido e de considerar o apoio das circunstâncias que deram ao Partido Nazi, esgotado e incapaz de conduzir ainda uma grande campanha, a vitória nessas pequenas

eleições, a opinião geral, inclusive o presidente, considerou o resultado do escrutínio uma prova de que o movimento de Hitler tinha reconquistado sua auréola de invencibilidade.

Quando Hitler reencontrou Franz von Papen, no dia 18 de janeiro, em Berlim-Dahlem, na casa do comerciante de bebidas Joachim von Ribbentrop, que acabava de juntar-se aos nacional-socialistas, com uma ênfase ainda maior pediu a chancelaria para si pessoalmente. Papen respondeu que sua influência junto ao presidente não era tão grande que lhe permitisse impor um nome. Esse impasse ameaçava bloquear definitivamente as negociações e, para poder prossegui-las, ocorreu a ideia de obter a intervenção alguns dias mais tarde, no maior segredo, do filho de Hindenburg. Enquanto Hitler e seus acompanhantes entravam pelo lado escuro do jardim na casa de Ribbentrop, Oskar von Hindenburg e o secretário de estado Meissner apareciam ostensivamente na Ópera, antes de abandonar discretamente o camarote pouco depois do intervalo. O carro de Ribbentrop passou para buscar Papen.

Assim que os participantes se reuniram, Hitler pediu ao filho do presidente para irem os dois até uma sala adjacente. Inesperadamente, Oskar von Hindenburg, que insistira na participação de Meissner, viu-se assim isolado. Não se sabe ainda com certeza o que foi tratado a sós nessa entrevista de cerca de duas horas. De acordo com sua tática habitual, Hitler tentou provavelmente conseguir o apoio do filho do presidente utilizando aquela mistura de ameaça e de corrupção que já tinha dado resultado. Quanto às ameaças, insinuou sem dúvida acusar Hindenburg do golpe de estado cometido contra a Prússia, como os nacional-socialistas tinham tantas vezes deixado transparecer, e também não está excluída a hipótese de que tenha feito pressão sobre Oskar, dando a entender que o Partido poderia desmascarar as escandalosas fraudes fiscais da casa de Hindenburg, quando da transferência da propriedade de Neudeck. [183] Por outro lado, o talento de persuasão de Hitler certamente não deixou de exercer seu efeito sobre o oportunista filho do presidente. Embora Oskar tenha entrado em casa de Ribbentrop cheio de reservas contra Hitler, declarou a Meissner, no caminho de volta, que não havia outra solução a não ser nomeá-lo chanceler, tanto mais que Papen concordava agora em aceitar a vice-chancelaria. [184]

Nesse mesmo instante Schleicher pareceu perceber pela primeira vez a que ponto a situação era crítica. No dia 23 de janeiro, apresentou-se a Hindenburg e confessou francamente que tinha fracassado em seu projeto de dividir o Partido Nazi e de dar ao gabinete uma base parlamentar. Mas, quando pediu ao presidente que lhe concedesse plenos poderes para dissolver o Reichstag, proclamar o estado de emergência e promulgar a interdição geral do Partido

Nazi e do Partido Comunista, Hindenburg lembrou-lhe a discussão do dia 2 de dezembro, quando Papen tinha proposto uma solução análoga, chocando-se com a resistência de Schleicher. Hindenburg não quis aceitar os argumentos de Schleicher — que lhe assinalava o fato de que a situação não era mais a mesma — e, após deliberação com Meissner, rejeitou a proposta.

Como era de se esperar, a camarilha deu sem tardança conhecimento ao público das intenções de Schleicher. Protestos enérgicos elevaram-se por toda parte. Os nacional-socialistas queixaram-se com uma indignação fingida dos projetos de golpe de estado alimentados por “Primo de Schleichera” (bricadeira com o nome de Primo de Rivera, ditador da Espanha de 1923 a 1930), os comunistas naturalmente também protestaram, e com a divulgação de sua proposta o chanceler perdia ainda o resto do prestígio junto aos partidos democratas do centro. Essa reação unânime não deixou de causar efeito sobre Hindenburg e contribuiu talvez para fazê-lo aceitar a hipótese de um gabinete Hitler. No dia 27 de janeiro, Göring apresentou-se ao palácio no gabinete de Meissner, pedindo-lhe que transmitisse ao “venerado *Feldmarschall* ” que Hitler, contrariamente a Schleicher, não tinha absolutamente em vista impor um perjúrio ao presidente, pois observava fielmente a constituição. [185]

Entrementes, o infatigável Papen prosseguia suas manobras. Seus esforços procuravam sobretudo, nesse momento, tornar o gabinete aceitável a Hindenburg, incluindo a participação dos nacional-socialistas e dos líderes da Stahlhelm, íntimos do presidente. Por outro lado, Duesterberg opunha-se firmemente à pretensa “necessidade inelutável” de um gabinete Hitler, enquanto Seldte e Hugenberg aprovavam os projetos de Papen. Não tendo tirado nenhum ensinamento das lições dos anos precedentes, Hugenberg declarou com segurança “que nada podia acontecer”. Hindenburg continuaria presidente e comandante supremo do Reichswehr, Papen tornar-se-ia vice-chanceler, ele próprio tomaria conta de toda a economia, e Seldte, do Ministério do Trabalho: “Assim cercaremos Hitler.” [186]

Nessa época, o próprio Hindenburg, cansado, desorientado e sujeito a esquecimentos, pensava ainda manifestamente em um gabinete Papen com Hitler como vice-chanceler. Quando o general von Hammerstein, chefe do estado-maior do Exército, expôs-lhe, no dia 26 de janeiro, suas inquietações sobre a “evolução da situação”, Hindenburg defendeu-se “com aspereza da acusação de sofrer qualquer influência política, mas disse em seguida, aparentemente para tranquilizar-me que ainda não pensava absolutamente nomear o cabo austríaco ministro da Defesa ou chanceler”. [187] Mas logo no dia seguinte Papen apresentou-se ao presidente e declarou que um gabinete sob

sua própria direção era no momento impossível. Hindenburg passou a ser, desse momento em diante, o único a opor-se à nomeação de Hitler.

É difícil alcançar em seus pormenores as circunstâncias e os motivos que, durante o dia seguinte, provocaram a reviravolta. Certamente as pressões maciças da camarilha não ficaram sem efeito, como também as ameaças do Partido Nazi ou as intervenções incessantes dos grandes proprietários simpatizantes e dos grupos de pressão nacionais. Deve-se dizer que Schleicher não representava mais uma solução possível, para Hindenburg ou para quem quer que fosse. Ademais, o presidente não ficou insensível ao fato de que o novo governo preconizado por Papen, esse mundano que ele mimava, devesse ser composto sem exceção por representantes da direita. O fato de governar enfim à direita e terminar com essa situação na qual o espírito cansado de Hindenburg via “a dominação dos funcionários sindicais” já constituíra motivo decisivo para destituir Bruning antes de ser agora invocado contra Schleicher. Mesmo os chefes dos partidos, que Hindenburg consultou uma vez mais, voltaram-se então contra o general-chanceler, mas rejeitaram uma nova tentativa com Papen, deixando entender, ao contrário, que afinal chegara a ocasião de chamar Hitler com todas as precauções necessárias e de submetê-lo ao processo de desgaste que tinham sofrido durante tanto tempo: era, de fato, o fim da república.

Na manhã de 28 de janeiro, Schleicher comunicou pela imprensa, numa última tentativa para retomar as rédeas, que pediria a Hindenburg autorização para dissolver o Reichstag, ou apresentaria sua demissão. Por volta do meio-dia, dirigiu-se ao palácio presidencial. Nesse momento, ele claramente não sabia que Hitler estava perto de ser chanceler. O fato mostra até que ponto perdera o controle. Parece ter julgado até o último minuto que Hindenburg estava com ele e manteria a promessa de conceder-lhe a qualquer momento poderes de dissolução. [188] Ante a seca recusa do presidente ao seu novo pedido, sentiu-se então pessoalmente ofendido. Teria dito com uma voz amarga: “Reconheço-lhe o direito, Senhor Presidente, de estar insatisfeito com meu mandato, embora me tenha assegurado por escrito do contrário, há quatro semanas. Reconheço-lhe também o direito de destituir-me. Mas não lhe reconheço o direito de tratar com um outro, às costas do chanceler nomeado por V Exa. Isso é uma deslealdade.” E quando Hindenburg lhe respondeu, após um breve instante de reflexão, que de qualquer forma estava com um pé na sepultura e ignorava se no céu lamentaria sua decisão, Schleicher teria retorquido friamente e com indignação: “Depois desta traição, Excelência, não estou mais certo de que vá para o céu.” [189]

Imediatamente após a partida de Schleicher, Papen pressionou de novo o

presidente, de acordo com Oskar von Hindenburg e Meissner, para nomear Hitler chanceler. Hesitante e ainda indeciso, Hindenburg fez uma nova tentativa para escapar ao peso dessa decisão. Contrariamente ao costume, não pediu pessoalmente a Hitler para formar o novo governo, mas nomeou Papen seu *homo regius* , com a missão de "resolver a situação política através de negociações com os partidos e informar-se das possibilidades existentes".

Na tarde do mesmo dia Papen conseguiu a participação de Hugenberg, prometendo-lhe duas pastas ministeriais. Em seguida mandou chamar o Führer do NSDAP. Nas negociações preliminares, já se estava de acordo de que os homens de Hitler teriam, além do posto de chanceler, o Ministério do Interior e, especialmente para Göring, um Ministério da Aviação, que devia ser criado. Hitler pedia agora além disso o comissariado do Reich para a Prússia, bem como o Ministério do Interior da Prússia, que deveria assegurar-lhe o controle da polícia prussiana; além disso, pedia também novas eleições.

Tudo oscilava de novo. Quando Hindenburg soube das exigências suplementares formuladas por Hitler, pareceu de novo dominado por sombrios pressentimentos e só se acalmou com a ambígua promessa de Hitler de que "seriam as últimas eleições". Deixou então os acontecimentos seguirem seu curso: com exceção do comissariado do Reich para a Prússia, reservado a Papen, todos os pedidos de Hitler foram satisfeitos. A decisão estava tomada.

E foi acelerada quando, na tarde do dia 29 de janeiro, espalhou-se a notícia de que Schleicher tinha posto em pé de guerra, com Hammerstein, a guarnição de Potsdam, para prender o presidente, proclamar o estado de emergência e tomar o poder com a ajuda do Reichswehr: queriam enviar o velho presidente para Neudeck "num vagão para animais chumbado", contou a mulher de Oskar von Hindenburg, indignada. Ouvindo esse rumor na casa de Goebbels, na Reichskanzlerplatz, Hitler reagiu com um gesto de demagogo, audacioso e imperioso: não se contentou em alertar instantaneamente as SA de Berlim, mas, apossando-se de modo patético dos poderes esperados, ordenou que se mantivessem prontos seis batalhões policiais que não existiam para ocupar a Wilhelmstrasse. [190]

Embora não se saiba ainda hoje quem foi o autor desses rumores, não é difícil ver a quem aproveitavam. O próprio Papen agitava agora, em benefício de seus planos, o fantasma de uma ditadura militar ameaçadora. Mandou vir de Genebra o general von Blomberg, e na manhã de 30 de janeiro conseguiu nomeá-lo ministro do Reichswehr com antecedência do restante do gabinete, manifestamente para prevenir uma última tentativa desesperada de Schleicher

que tinha, por si mesmo, entrado em contato com Hitler. Essa ameaça atingia igualmente Hugenberg, que recusara energicamente o pedido de Hitler de novas eleições. Desejoso de impedir Hugenberg de esclarecer esses misteriosos rumores de golpe, Papen convocou-o a sua casa, no dia 30 de janeiro às 7 horas da manhã, e lhe disse, num estado "de excitação extrema. Se um novo governo não estiver formado até às 11 horas, o exército estará em marcha!" Mas Hugenberg compreendia melhor do que Papen a tática de Hitler, que queria desde logo garantir uma eleição melhor do que a de 6 de novembro, servindo-se dos meios materiais ilimitados que o estado lhe conferia. Manteve pois a sua recusa.

Essa atitude pareceu pesar ainda mais na balança, quando Papen, às 15 para as 10, conduziu os membros do governo em formação à presença do presidente, através dos jardins cheios de neve, e, quando chegaram ao gabinete de Meissner, saudou solenemente Hitler como o novo chanceler. Hitler exprimiu seus agradecimentos declarando que "de agora em diante o povo alemão devia confirmar, através de eleições gerais, o gabinete assim constituído". Mas defrontou-se com a oposição categórica de Hugenberg. Desencadeou-se logo uma viva discussão e Hitler acabou dando ao adversário sua "palavra de honra" de que as novas eleições não mudariam em nada a composição pessoal do gabinete e que ele não "se separaria nunca das pessoas presentes". Preocupado, Papen acrescentou: "O senhor conselheiro privado quer comprometer uma união realizada com tanta dificuldade? O senhor não irá duvidar da palavra de honra solene de um alemão!" [191]

Haviam proclamado bem alto que os nacional-socialistas seriam cercados e domados. Mas desde a primeira prova verificou-se que essa esperança não tinha muito fundamento. É verdade que tinham conseguido, do ponto de vista puramente aritmético, deixar Hitler em minoria. Três ministros nacional-socialistas e oito ministros conservadores, e quase todas as posições-chave do estado estavam nas mãos de um grupo estreitamente ligado no plano social e ideológico; no entanto, os dirigentes não deviam chamar-se Papen, Neurath, Seldte ou Schwerin-Krosigk, pois esses homens não possuíam nem a consciência dos valores nem a energia necessária para defender o estado. Na verdade, sua missão parecia-lhes ser a de manter os privilégios tradicionais. Se Hitler aceitou de bom grado essa arrumação tão desfavorável do ponto de vista numérico foi porque sentia, em relação aos seus adversários conservadores, não só uma imensa segurança em si como também um imenso desprezo. Seus domadores reunidos encurralavam agora numa janela Hugenberg, que continuava a mostrar-se recalcitrante, enquanto ao lado o presidente mandava chamar seu secretário de estado e perguntava-lhe com

impaciência o que significava esse atraso. Meissner voltou "de relógio em punho" para junto dos homens que discutiam. "Senhores", disse ele, "o juramento diante do presidente estava marcado para as 11. São 11h15. Os senhores não podem fazer o Senhor Presidente do Reich esperar mais tempo." E o que o apelo dos amigos conservadores, o talento de persuasão de Hitler, as exortações de Papen não tinham conseguido obter, o nome lendário do *Feldmarschall-Präsidenten* conseguiu ainda uma vez, a última na vida e na morte da república. Hugenberg gostava de chamar a si mesmo, com um orgulho evidente, e não sem razão, de "bode teimoso"; em agosto ele declarara ainda ao presidente "que não tinha encontrado em Hitler uma grande fidelidade contratual". Agora, em compensação, abdicava, conhecendo o que estava em jogo, com um profundo respeito pelo horário de Hindenburg. Alguns minutos depois o gabinete estava formado. [192]

Parece que Papen imaginou não ter dado nada menos do que um golpe de mestre político. Vingara-se de Schleicher, embora realizando as ideias deste, que queria domar o nacional-socialismo. Com sua volta ao governo, satisfizera a própria ambição, tolamente estimulada desde sua inesperada nomeação para o posto de chanceler. Mas com a atual fórmula dera responsabilidades a Hitler, sem no entanto entregar-lhe o estado. Pois o Führer do Partido Nazi nem mesmo era chanceler de um gabinete presidencial; tinha sido obrigado a aceitar uma maioria parlamentar. Também não tinha a confiança especial de Hindenburg. Este preferia ainda Franz von Papen, que contava entre seus mais gloriosos sucessos a promessa especial de participar de todas as entrevistas de Hitler com o presidente. E, para terminar, Papen era ainda vice-chanceler e senhor da Prússia. Observando bem, os nazis só tinham no gabinete o Ministério do Interior, que não tinha o controle da polícia do distrito prussiano, e um outro ministério, destinado unicamente a satisfazer a vaidade de Göring, mas aparentemente sem nenhum campo de ação. É verdade que Göring seria também ao mesmo tempo ministro do Interior prussiano, mas Franz von Papen queria decididamente barrar-lhe o caminho. No final das contas, a política exterior, as finanças, a economia, o trabalho e a agricultura encontravam-se nas mãos experimentadas dos conservadores, e o presidente do Reich ainda comandava o Reichswehr: era uma excelente combinação, astuciosamente realizada, que permitia utilizar a personalidade fatal de Hitler para favorecer não só os esforços dos industriais e grandes proprietários de terras, mas também os próprios projetos de Hitler no que dizia respeito ao Estado Novo autoritário. O episódio fracassado de sua chancelaria parecia ainda assim ter ensinado a Papen que uma nação industrializada moderna, em estado de crise traumatizante, não podia ser abertamente governada pelos representantes despedidos de uma época

ultrapassada. Com a personalidade ligeiramente suspeita desse domador de massas, o velho problema do conservadorismo sem povo parecia prestes a ser resolvido, e foi exatamente nesse sentido que Papen, utilizando um vocabulário de empresário político, retorquiu com firmeza a todos os que queriam preveni-lo: “Vocês se enganam, já está contratado.” [193]

Hitler provavelmente percebeu desde o início as intenções de Papen, e, se reclamou novas eleições, foi justamente por defesa tática; queria, num triunfo eleitoral incomparável, quebrar o quadro preparado por Papen e, apesar de todas as palavras de honra baratas, ultrapassar através de um plebiscito o papel de chanceler fantoche que lhe destinavam. O “gabinete de união nacional” apresentava-se como um emaranhado de segundas intenções antes que Hindenburg o homologasse com estas palavras: “E agora, senhores, para a frente com Deus!” [194]

A Wilhelmstrasse enchera-se enquanto isso de uma multidão silenciosa, convocada por Goebbels. Os tenentes de Hitler, “hesitantes entre a dúvida, a esperança, a felicidade e o desalento”, esperavam no Hotel Kaiserhof, situado do outro lado da rua. Ernst Röhm observava nervosamente de binóculos a entrada da chancelaria. Göring foi o primeiro a chegar, dando as notícias a todos os que esperavam. O carro de Hitler saiu logo depois. Ele recebeu, de pé, a homenagem da multidão. Quando, alguns minutos mais tarde, chegou ao Kaiserhof, entre seus homens, tinha lágrimas nos olhos, como disse um dos presentes. Agora que tinha o poder, não deixaria mais que o retomassem, enquanto Deus o ajudasse, como declarara publicamente algum tempo antes. Na tarde desse 30 de janeiro, provou essa intenção com uma primeira medida. Durante a sessão de gabinete organizada sem tardança, fez com que se decidisse formalmente a dissolução do Reichstag e a realização de novas eleições, apesar da resistência de Hugenberg, agora sem efeito. Foi o próprio Papen quem venceu os últimos escrúpulos de Hindenburg, colocando com habilidade psicológica as objeções de Hugenberg no plano de “considerações táticas de partido”, o que o presidente detestava e, com isso, Hindenburg a tudo autorizou. [195]

Os nacional-socialistas festejaram aquela noite com um imenso desfile à luz de archotes. Tinham retirado as barreiras no bairro em que estava instalado o governo e os curiosos amontoavam-se nas calçadas, alegres e barulhentos. “Hoje em Berlim é carnaval.” [196] A polícia do estado intervinha e mantinha a ordem com ares de grande importância. Das 19 horas até depois da meia-noite, 25 mil partidários de Hitler desfilaram de uniforme com as unidades do Stahlhelm, pela Porta de Brandenburgo e diante da chancelaria, num patético cordão de fogo que projetava sombras inquietadoras nos rostos e

nos muros. Numa das janelas iluminadas podia-se ver a silhueta de Hitler, nervoso e agitado. De vez em quando, inclinava o busto por cima do parapeito, com o braço erguido para saudar, cercado por Göring, Goebbels e Hess. Algumas janelas adiante, Hindenburg olhava com ar pensativo as formações que desfilavam, marcando o ritmo com sua bengala, ao som das fanfarras. Apesar do protesto dos responsáveis, Goebbels tinha conseguido que a manifestação fosse transmitida pela rádio do Reich. Só a estação de Munique persistiu em sua recusa, como observou Hitler com descontentamento. Era já mais de meia-noite quando as últimas colunas atravessaram o bairro dos ministérios, e enquanto Goebbels despedia a multidão que lá permanecera com "*Heils*" a Hindenburg e a Hitler, "a noite do grande milagre terminou (…) numa insensata vertigem de entusiasmo".

A conquista do poder pelos nacional-socialistas foi logo celebrada como um "milagre" ou um "conto de fadas". Os especialistas em propaganda do partido usaram com predileção o vocabulário mágico para dar ao conjunto a aura de uma consagração sobrenatural. O próprio Hitler confiou no dia 30 de janeiro a um de seus partidários que só tinha sido salvo pela intervenção divina, "quando eu parecia encalhar com o porto à vista, asfixiado pelas intrigas, as dificuldades financeiras, e o peso de 12 milhões de homens oscilando para cá e para lá". Tais fórmulas tinham efeito, uma vez que os acontecimentos que acabavam de desenrolar-se apresentavam um caráter indiscutivelmente curioso, quase inacreditável. No plano político, passara-se, num movimento brusco e imprevisto, da crise quase mortal para o partido à consagração no gabinete do presidente; e no plano individual, tinha-se saído, num salto, dos começos incertos, da letargia e da depressão para atingir o poder — na verdade, "os traços de fábula são claramente discerníveis, mesmo que distorcidos". [197]

A ideia de milagre, lançada por Goebbels, marcou no entanto até os nossos dias a interpretação desse acontecimento. É encontrada dando uma certa cor em todas as tentativas de explicação que desenham Hitler com os traços de um demônio e atribuem seu sucesso à atuação dissimulada de forças anônimas ou conferem às intrigas do cavalariano von Papen, sedento de vingança, a imensa responsabilidade dessa reviravolta histórica. Esse pensamento contém a ideia, mais ou menos evidenciada nas diversas versões, de que a conquista do poder foi um acontecimento histórico acidental.

Na verdade, até o último momento teria sido possível barrar o caminho a Hitler. Essas possibilidades perderam-se no acaso, na leviandade e na falta de sorte. Mas nem por isso a história ficou frustrada. Os acontecimentos de 30 de janeiro resultam de uma porção de tendências poderosas, em parte históricas,

em parte políticas, e milagre teria sido se tivesse havido uma resistência determinada. Se tivermos em mente que, pelo menos desde a destituição de Bruning, nada mais havia entre a república e Hitler além da vontade vacilante de um velho em declínio, do espírito de intriga de Schleicher e da cega simplicidade de Franz von Papen, não poderíamos dar real importância às maquinações nos bastidores, às intervenções de grupos de pressão e às intrigas autoritárias: esses elementos apenas influenciaram as circunstâncias nas quais soçobrou a república, mas não foram eles que provocaram o naufrágio.

Isso não quer dizer de modo algum que Hitler tivesse igualmente chegado ao poder com adversários mais decididos. A história moderna quase não tem acontecimentos de tão considerável importância, em que os fatores pessoais, caprichos, preconceitos e emoções de uma ínfima minoria tenham desempenhado papel tão determinante. As instituições raramente estiveram mais invisíveis no momento da decisão. Sem a camarilha presidencial, a chancelaria de Hitler é praticamente impensável; embora desde o verão de 1932 ele não estivesse tão longe do poder, esse passo, por curto que fosse, era grande demais para suas forças. Foram seus adversários que lhe permitiram avançar, com a eliminação dos partidos e do parlamento, a série de batalhas eleitorais, o hábito de infringir a constituição. Cada vez que um deles decidia desistir de criar problemas e resistir ao governo, outro erguia-se inevitavelmente para botar obstáculos. Consideradas em conjunto, as forças da parte adversa foram até o fim maiores do que as de Hitler; mas, voltando-se umas contra as outras, anulavam-se. Era fácil perceber que o nacional-socialismo era o inimigo comum dos burgueses, dos comunistas e marxistas, dos judeus, dos republicanos; mas a cegueira e a fraqueza impediram a maioria dessa gente de deduzir que todo mundo deveria ter sido inimigo dos nacional-socialistas. [198]

Nas apologias dos interessados, vê-se ainda surgir a objeção seguinte: que a nomeação de Hitler para a chancelaria era inevitável, a partir do momento em que o Partido Nazi se tornara o partido mais forte. Mas esse argumento esquece o fato de que se a social-democracia teve a mesma superioridade durante todos os anos da república, e não viu sua importância diminuída a não ser alguns meses antes de 30 de janeiro de 1933, no entanto não participava da maioria dos gabinetes. Esquece-se também que Hitler mostrou-se inimigo figadal dessa constituição, para cujo espírito essas concepções apelam. Os comunistas teriam podido ganhar muito mais votos do que os nacional-socialistas, mas teriam encontrado todas as resistências possíveis. Na realidade, os apoios conservadores de Hitler acreditavam que ele retomava

suas ideias de um modo talvez grosseiro, mas eficaz. Perceberam tarde demais que ele se opunha ao mundo que esperavam conservar, tanto quanto Thälmann. Por ser de outra natureza, sua oposição não era menos feroz. O anônimo delegado bávaro de segurança pública, que no verão de 1929, após uma manifestação do Partido Nazi, anunciara ao seus superiores que Hitler “nada mais era do que (…) o instigador de um segundo Exército Vermelho”, tinha sentido o temperamento dele com maior acuidade do que o fizeram as eminências corrompidas de 1933. [199]

Ante tantas forças e circunstâncias favoráveis, pode-se perguntar em que consistiu o verdadeiro mérito de Hitler, nessas famosas semanas. No período que precede imediatamente o dia 30 de janeiro de 1933, suas verdadeiras aptidões quase não aparecem de maneira convincente. Sua verdadeira façanha foi de natureza passiva: apesar de toda a sua impaciência, soube dominar seus tenentes recalcitrantes, manter a calma na derrota e, até o último momento, na antecâmara do presidente, jogar a partida sempre com o sangue-frio de um grande jogador, não obstante todos os riscos que corria. Se considerarmos retrospectivamente os anos que seguiram o referendo contra o plano Young, perceberemos que ele havia ultrapassado a fase de agitação e de propaganda para tornar-se um verdadeiro homem político. Ao mesmo tempo, a experiência dessas semanas confirmava de novo seu caráter de jogador: o espantoso em sua vida, declarou nessa época, é que tenha sempre sido salvo no momento em que ele próprio já se abandonara. [200]

Nessa noite, quando os clamores terminaram e a música e os desfiles se perderam ao longe, Hitler ficou até as primeiras horas da madrugada na saleta adjacente ao gabinete do chanceler. Profundamente emocionado, ele se perdeu, como conta uma testemunha, num dos seus monólogos sem fim; evocou a cena do juramento, a manhã, rememorou com alegria seus sucessos, observou que o adversário “vermelho” ficara sem voz e continuou com um monólogo de propaganda. Nenhuma batalha eleitoral tinha-lhe trazido mais prazer do que aquela, disse ele; muitos pensavam, acrescentou, que haveria guerra. Sua ação abria a luta final do homem branco, ariano, pela dominação da Terra. Os não arianos, as pessoas de cor, os mongóis já faziam seus preparativos para outorgar-se a soberania, com o regime do bolchevismo, mas “a maior revolução nacionalista germânica da história mundial” começava naquele dia. Essas visões proféticas entrecortavam-se de projetos de arquitetura; primeiramente, disse ele, reconstruiria a chancelaria. Era “uma simples caixa de charutos”. [201] De manhã, deixou o prédio por uma pequena porta nos fundos e dirigiu-se ao hotel, em frente.

As espantosas experiências desse dia, satisfações e compensações não

eram ainda a meta final; somente uma etapa. Embora as declarações feitas no imenso discurso dessa noite fossem incertas, Hitler visava, com mais esperanças do que nunca, à revolução anunciada incessantemente: como todo verdadeiro revolucionário, acreditava que uma nova era histórica começava com ele.

Curiosamente, deu a essa ideia uma forma de expressão negativa. “Somos os últimos”, declarou nessa época, “a fazer a história na Alemanha.” [202]

Segunda inserção

CATÁSTROFE OU CONSEQUÊNCIA?

A ideia não é tão impotente que nada possa dar além da ideia .

G.W.F. Hegel

A ideia precede a ação como o raio precede o trovão. O trovão alemão também é, evidentemente, alemão, e não é muito dócil. Ele chega rugindo lentamente, e se o ouvirem troar como nunca aconteceu na história mundial, saibam: o trovão alemão terá enfim alcançado sua meta .

Heinrich Heine, 1834

HITLER ASSUMIU A CHANCELARIA em cerimônia teatral, acompanhado de desfiles à luz de archotes, grandes cortejos e discursos. Esse aparato não correspondia de modo algum à significação do acontecimento, que não passava de um simples exercício constitucional. No sentido estrito, 30 de jawneiro de 1933 não foi efetivamente mais do que uma mudança de gabinete. A opinião pública sentiu que a nomeação de Hitler para o posto de chanceler não era comparável às novas formações de gabinete ocorridas nos anos anteriores. Ainda que o parceiro nacional-alemão da coalizão tivesse proclamado muitas vezes com ênfase a intenção de "manter o pintor austríaco na rédea curta", [1] os nacional-socialistas mostraram-se desde o início decididos a conquistar todo o poder. Seus esforços táticos e a onda de entusiasmo alimentada por uma organização hábil criaram uma atmosfera de renovação que conquistou rapidamente os setores conservadores, anulando-os com facilidade. Todos os esforços de Papen e de seus assistentes para participar dos discursos, das comemorações e da direção davam a impressão de que se esfalfavam correndo atrás de seus rivais. A superioridade numérica no interior do gabinete, a influência sobre o presidente, na economia, no exército e no corpo de funcionários não bastava para esconder que a hora do rival tinha chegado.

Como se uma ordem secreta tivesse sido dada, o dia 30 de janeiro trouxe ao campo dos nacional-socialistas um grande número de desertores. Evidentemente também aí se verificava que nas épocas revolucionárias os espíritos são fáceis de comprar; a infidelidade, o cálculo e o medo são os mestres do momento. Mas as meias-voltas políticas realizadas em massa não traduziam apenas falta de caráter e bajulação: muitas vezes refletiam também

a vontade espontânea de renunciar aos preconceitos, ideologias e restrições sociais, e começar de novo. “Não éramos todos oportunistas”, declarou depois Gottfried Benn, um dos membros do imenso exército dos galvanizados pela atmosfera de renovação, que punha os espíritos em efervescência. [2] Poderosos partidos e poderosas associações ricas de tradição desabaram ante esse ataque, e antes mesmo da dissolução forçada e das proibições abandonaram a si mesmos os seguidores privados de rumo. O passado — república, luta interna, impotência — estava terminado. Os que não cederam a esse impulso febril para o novo reuniram-se rapidamente em uma minoria cada vez mais reduzida ao isolamento e excluída pelas esmagadoras manifestações do sentimento comunitário que utilizava juramentos coletivos sob arquiteturas de luzes, discursos do Führer, fogueiras noturnas e cantos em coro por centenas de milhares de vozes. Mesmo os primeiros sinais anunciadores do terror não chegaram a abafar o entusiasmo: ao contrário, estimularam-no. A consciência pública interpretava-os na verdade como a expressão de uma energia revolucionária arrebatadora que lhe faltara durante muito tempo, e cedo o rumor crescente das ovações cobria os gritos dados nos “subterrâneos dos heróis”, das vigilantes SA.

Foram esses entusiasmos que deram à tomada do poder por Hitler caráter verdadeiramente inquietante. Com efeito, eles invalidam todas as teses que apresentam o acontecimento como um acidente histórico, o resultado de intrigas ou de uma sombria conjuração. Os que quiseram interpretar o que se passou durante esses anos sempre tiveram de encarar, com evidente irritação, a questão de saber como o nacional-socialismo, numa velha nação culturalmente experimentada como a nação alemã, que tinha atrás de si aventuras espirituais e morais, pôde conquistar tão rapidamente e tão facilmente não só o poder mas também a maioria, e colocar essa nação num estado de entusiasmo, de credulidade e de devotamento curiosamente histérico; como as proteções políticas, sociais e morais de que dispõe um país que fazia parte “da nobreza das nações” puderam fraquejar tão claramente. [3] Um observador da época descreveu antes da chegada de Hitler ao poder quais seriam as consequências inevitáveis disso: “Ditadura, supressão do parlamento, amordaçamento de todas as liberdades espirituais, inflação, terror, guerra civil, pois a oposição não será fácil de eliminar; seguir-se-á uma greve geral. Os sindicatos dariam seu apoio pela mais obstinada resistência; a isso juntar-se-iam a ação do grupo *Reichsbanner* (Bandeira do Reich, a força de choque do Partido Social Democrata) e uma assistência a todos os que se preocupassem com o futuro. E se Hitler vencesse até o Reichswehr e pusesse os canhões em bateria, teria então de enfrentar milhões de homens resolutos.” [4] Mas não havia milhões de homens resolutos e portanto não houve luta

sangrenta. Hitler também não chegou como um ladrão no meio da noite. Em todos os seus falatórios ele mostrou, como nunca o fizera outro político, a quais objetivos visava realizando todos esses desvios e essas complicadas manobras táticas: a ditadura, o antissemitismo, a conquista de espaço vital.

❖

A euforia da conquista do poder suscitou em numerosos observadores a ideia de que a Alemanha, nessas semanas, tinha-se reencontrado a si própria; embora a constituição e as regras da república tenham permanecido inicialmente válidas, davam curiosamente a impressão de ultrapassadas, abandonadas como algo estranho; essa nação virava as costas com alegria às tradições europeias da razão e do progresso humano, acreditando assim ter reencontrado o contato com a própria substância; é a partir dessa imagem que podemos compreender os acontecimentos, dezenas de anos depois.

Já na década de 30 surgiram as primeiras tentativas para explicar o sucesso do nacional-socialismo através de uma originalidade particular, inerente à história e à mentalidade alemãs; através de um temperamento difícil de ser compreendido, e cheio de lados ocultos, que idealizava, não despido de um sentimento de orgulho latente, sua distância com relação à civilização e às boas maneiras, vendo aí o "aspecto chocante" de um povo eleito. Invocavam audaciosas linhagens de antepassados, passando por Bismarck e Frederico o Grande, e chegando até Lutero ou a Idade Média, e mesmo às vezes ao príncipe dos Germanos, Arminius, que no ano 9 a.C., na batalha da floresta de Teutoburg, impedira a civilização latina de penetrar nos territórios alemães. Com tais referências, construiu-se, muito tempo antes de Hitler, uma tradição de hitlerismo latente. Essa concepção foi formulada da maneira mais eficaz em certas obras do germanista francês Edmond Vermeil e depois retomada, durante certo tempo, numa série de interpretações anglo-saxônicas. O livro de William L. Shirer sobre o Terceiro Reich, que deu à imagem alemã, em todo o mundo, certos traços marcantes, apoiava-se ainda nessas noções: "Em diversos estágios de sua história", escrevia Vermeil, "os alemães acreditaram, com uma certeza desesperada, proveniente quer de sua perturbação interior e de sua fraqueza, quer, ao contrário, da ideia de que possuíam uma energia sem igual e invencível, que tinham uma missão a cumprir e que a Alemanha era eleita pela Providência." [5] A usurpação do Império Romano, a Hansa, a Reforma, a mística alemã, a ascensão da Prússia ou o romantismo eram fenômenos mais ou menos dissimulados desse apelo em prol de uma missão, que começou a tomar cada vez mais abertamente o aspecto de uma política de força, com a política de ferro e sangue de Bismarck e a vontade do Reich alemão de dominar o mundo. Nesse sentido, não houve fenômenos

“inocentes” na história alemã; mesmo nos momentos idílicos, era possível perceber os fantasmas da obediência, do militarismo, do expansionismo; a aspiração alemã para o infinito nada mais era do que a tentativa de exercer um poder no domínio do espírito, pois na realidade os meios faltavam ainda. Enfim, tudo chegou a Hitler. Ele não foi de modo algum uma “catástrofe alemã”, como diz o célebre livro de F. Meinecke, que leva esse título, [6] mas uma consequência alemã.

Houve certamente no nacional-socialismo traços propriamente alemães, mas eles são de uma natureza diferente e mais complexa do que pensam Vermeil e Shirer. Nenhuma árvore genealógica do mal, nenhuma explicação detalhada pode demonstrar a natureza do fenômeno, do mesmo modo que seria errôneo procurar a origem desse fenômeno unicamente em manifestações tão nitidamente catastróficas quanto o raio entre nuvens tenebrosas; o sucesso do nacional-socialismo é devido a numerosas atitudes ingênuas que, durante gerações, não causaram problemas, e mesmo a virtudes e valores. Entre os ensinamentos da época, é preciso notar justamente que um sistema de poder totalitário não pode ser edificado sobre as tendências anormais ou criminosas de um povo, que um povo não pode decidir, como Ricardo III, tornar-se perverso. Em vários países, havia condições históricas, psicológicas, e também sociais, comparáveis às que se podiam encontrar na Alemanha; e muitas vezes um fino véu separava os povos da soberania fascista.

Uma consciência nacional retrógrada como a consciência alemã que não conseguia aliar-se verdadeira e eficazmente às tendências democráticas, isso não era uma particularidade alemã, tanto quanto as distâncias intransponíveis entre forças liberais e sociais, entre burguesia e classe operária. Pode-se também perguntar se as necessidades de desforra, as ideias de combate ou os sonhos de grande poder tinham mais peso na Alemanha do que em certas nações europeias vizinhas; e mesmo o antissemitismo, qualquer que tenha sido sua influência sobre o pensamento de Hitler, por certo não era um fenômeno específico alemão. Era até, na verdade, menos acentuado entre os alemães do que na maior parte dos outros países. Em todo caso, não foi o lado racial que angariou multidões para o nacional-socialismo e desencadeou seu entusiasmo. Os esforços retóricos de dissimulação realizados por Hitler na fase final de sua luta pelo poder bem mostram o quanto ele estava consciente disso. [7] Muitos regimes fascistas ou tendentes ao fascismo chegaram também ao poder nessa época, na Itália, na Turquia, na Polônia, na Áustria, na Espanha. O que havia de tipicamente alemão no nacional-socialismo sobressai de modo evidente quando se lança um olhar aos sistemas

comparáveis nesses países e em outros: era a forma mais radical e a mais absoluta de fascismo.

Esse rigor de princípio que se exprimia no plano intelectual como no plano executivo foi a contribuição mais pessoal de Hitler à essência do nacional-socialismo. Em seu modo de opor brutalmente uma ideia à verdade, de investi-la de autoridade em relação à realidade, Hitler foi tipicamente alemão. Era o político local fracassado que, em sua pensão da Thierschstrasse, imaginava os arcos de triunfo e as cúpulas de sua futura glória; o chanceler que não fazia as contas por gerações, mas, a despeito de todos os sarcasmos, por milênios; o homem que desejava, não anular Versalhes e a impotência da Alemanha, mas, no fundo, abolir os resultados da migração dos povos. Enquanto a ambição de Mussolini levava-o a restabelecer uma grandeza histórica, enquanto Maurras invocava o *ancien régime* , a "glória da deusa França", e os outros fascismos sucumbiam à sedução de um estado do passado que transfiguravam em sua lembrança, Hitler pensava realizar um objetivo fabricado, saído da imaginação, sem suporte real: um território mundial conquistado por uma vontade de afirmação racial, que iria do Atlântico aos Urais e de Narvik a Suez. E se os estados se opuserem? — ele os reprimirá; e se os estados organizarem-se contrariamente aos seus planos? — ele os dividirá de outra forma; e se as raças não corresponderem à sua imagem? — ele as selecionará, cultivará, aniquilará, até que a realidade corresponda à sua imaginação. Ele realmente pensou o impensável. Em suas declarações, transparecia sempre um movimento de extremo assombro ante a realidade, não isento de traços de loucura: "Enfrento tudo com uma imensa e glacial falta de preconceitos", declarou. [8] Só nas situações mais extremas ele parecia ser o que realmente era. Nesse sentido, o nacional-socialismo não pode ser imaginado sem ele.

Entre os traços evidentes que diferenciaram o nacional-socialismo dos movimentos fascistas dos outros países, deve-se notar também que Hitler sempre encontrou executores obedientes para pôr em prática suas teorias excêntricas. Nenhuma emoção humana apagou a expressão de dureza concentrada e de meticulosidade que marcou de modo particular a fisionomia do regime. Seus traços bárbaros foram muitas vezes explicados pela crueldade sistemática dos assassinos e algozes e é ainda em torno desses elementos nitidamente criminais que gira a interpretação popular; até hoje as representações literárias o demonstram, desenhando o nacional-socialismo com o chicote na mão.

O próprio regime, no entanto, não se encarnou exatamente nessas personagens, no plano tipológico. É verdade que se serviu delas, sobretudo na

fase inicial, mas reconheceu rapidamente que uma soberania durável não pode ser edificada sobre o desencadeamento de instintos assassinos. O fanatismo que caracteriza a própria natureza do nacional-socialismo pouco tem a ver com a mobilização dos afetos e com as promessas de satisfação licenciosa dos instintos; ele não é o resultado de uma energia criminosa, mas de uma energia moral pervertida. É preciso observar efetivamente que o nacional-socialismo apelou sobretudo para indivíduos imbuídos de fortes exigências morais, mas também de uma ética totalmente desviada.

Foi essencialmente através das SS que o partido tentou atrair os indivíduos desse tipo e organizá-los numa elite. O postulado dos "valores internos", tal como foi pregado sem cessar no seio dessa organização e reforçado romanticamente durante as festas noturnas à luz dos archotes, compreendia, segundo Heinrich Himmler: fidelidade, honestidade, obediência, firmeza, decência, pobreza e bravura, qualidades evidentemente desencadeadas por qualquer regime intervencionista e inteiramente baseadas nos objetivos do regime. Sob o impulso desses imperativos, formou-se um tipo de executor sem escrúpulos que se impôs atitudes "frias, e mesmo pétreas", como descreveu um deles, que "cessou de ter sentimentos humanos". [9] A firmeza em relação a si próprio servia-lhe para justificar sua firmeza para com os outros e para ter a faculdade de passar sobre cadáveres; como lhe pediam literalmente, ele devia matar seu próprio eu. Esse fanatismo imóvel e mecânico que, muito curiosamente, impõe-se bem mais ao observador do que o impulso criminoso, abriga sempre em sua brutalidade lúbrica um ressentimento social, intelectual ou humano, o qual, ainda que debilmente, pede compreensão.

A exigência moral era completada e recoberta pela ideia de uma missão especial; o sentimento de estar no seio de um conflito apocalíptico, de obedecer a uma "lei superior", de ser o agente de uma ideia, ou de tudo o que pudesse representar as imagens e ordens de uma certeza metafísica. É essa ideia que conferia consagração particular à sua firmeza e foi exatamente nesse sentido que Hitler qualificou de "inimigos do povo" os que perturbavam sua missão. [10] Esse rigorismo, que fixava com obstinação sua visão profunda e sua missão superior, refletia não apenas a tradicional falta de comedimento da Alemanha no plano político, mas ainda mais a relação curiosamente confusa da nação com a realidade. A verdade na qual as ideias tomam corpo e são vividas pelos homens, na qual os pensamentos se transformam em desespero, angústia, ódio, pavor – essa verdade por assim dizer não existia; havia o programa e em sua realização, como às vezes dizia Hitler, nada mais existia além de uma atividade positiva ou negativa. [11] A falta de compreensão humana que se manifestou nitidamente, desde o processo de Nuremberg, em todos os

processos contra os atores desses anos, não era outra coisa senão a expressão dessa falta do sentido da realidade. Era o elemento alemão do nacional-socialismo, elemento único e característico, e é bem provável que, partindo dele, saiam muitos fios que mergulham retrospectivamente na história alemã.

❖

De modo paradoxal, o maior sucesso da história alemã moderna foi “a revolução que não houve”. [12] Através dessa revolução inexistente, o país viveu um idílio curiosamente abortado, e o resultado foi um atraso constante em relação ao caráter político da época. Nessa impotência revolucionária viu-se muitas vezes a expressão de um temperamento particularmente inclinado à submissão, e o tipo do alemão cheio de boa vontade, não belicoso e sonhador foi considerado durante muito tempo uma espécie de caricatura dos vizinhos pretensiosos. Na realidade, a profunda desconfiança a respeito de qualquer revolução nada mais era do que a reação de um povo de experiências históricas quase que inteiramente marcadas pelo sentimento de ameaça. Por sua situação geográfica no centro da Europa, o alemão sentira muito cedo os complexos de cerco e de defesa, terrivelmente confirmados na prova assustadora e jamais superada da Guerra dos Trinta Anos, quando o país foi transformado num deserto. A maior herança de consequências da guerra foi um sentimento traumatizante de abandono, bem como uma angústia profunda ante todas as situações caóticas provocadas e exploradas durante gerações por soberanos alemães ou não. A calma, tida como o primeiro dever do cidadão, era ao mesmo tempo a primeira exigência dos civis para com as autoridades que deviam manter o país afastado da angústia e da miséria — e a ideologia da classe dominante protestante reforçou ainda mais essa visão das coisas. Mesmo o Iluminismo, que se estendia por toda parte na Europa como um desafio à autoridade constituída, frequentemente poupou na Alemanha as senhorias do país e até mesmo celebrou-as em alguns lugares, tão profundos eram os terrores do passado. As categorias da ordem, tão extraordinariamente sugestivas para a consciência alemã, a disciplina e a severidade para consigo mesmo, a idolatria do estado como instância inatacável e “para-raios do mal” ou a fé no Führer têm sua origem nessas inesquecíveis experiências da história. A necessidade de proteção que essas atitudes traduziam Hitler soube compreendê-la e, com eficiência, explorá-la, adaptando-a ligeiramente para os seus objetivos de dominação. O culto do Führer, que idealizava a necessidade de submissão, ou a geometria dos desfiles pseudomilitares, que apelavam concretamente para os profundos instintos de defesa contra as situações caóticas, ilustram essa ideia.

A história da revolução alemã que não se fez não encerra mais do que uma

meia-verdade. Pois a nação cuja memória não conhece nem reis decapitados nem revoltas populares vitoriosas contribuiu mais do que nenhuma outra para a mobilização revolucionária do mundo. Ela forneceu à “era das revoluções” as observações mais provocantes, as ordens revolucionárias mais categóricas e, segundo as palavras de Fichte, disseminou massas rochosas de ideias a partir das quais tempos futuros edificaram suas moradias. O extremismo intelectual da Alemanha não tinha igual e foi esse traço que deu ao espírito alemão uma grandeza e uma bravura próprias. Mas, no que diz respeito à realidade, sua característica era a incapacidade de adotar uma atitude pragmática conciliando pensamento e vida, em que a razão se tornasse razoável. O espírito alemão se preocupava pouco com isso: era associal, no sentido próprio da palavra, e, no fundo, nunca esteve à esquerda ou à direita, mas sobretudo manteve-se em brilhante contradição com a vida: absoluto e concentrado, imutável, na atitude daquele que “não pode agir de outro modo” e sentindo uma “atração quase apocalíptica pelos precipícios intelectuais.” [13] A banal realidade dos homens quase não aparecia nas bordas desses abismos. Viam-se antes as emanações se perderem nas tormentas dos mundos. Que lhe importava a vida? Deus o ajudaria.

Mas esse ângulo característico entre o plano especulativo e o plano político sempre teve também o caráter de uma ação de compensação: o radicalismo da ideia disfarçava ao mesmo tempo a impotência da vontade. A observação de Hegel segundo a qual o pensamento é uma força contra o que existe era talvez uma exclamação de triunfo, mas também tinha um caráter consolador. Esse dilema, velho de muitos séculos, em que se debatia o mundo em miniatura da Alemanha, com suas dificuldades de vida e seu caráter provincial, encorajava esse pequeno mundo a elevar-se pelo pensamento a alturas ilimitadas, e o papel de desprezado, ao qual se viu condenado durante tanto tempo por uma classe dirigente inculta ou francófila, tinha também uma parte importante nessa atitude. Desde os mais ousados textos do início do século XIX até os escritos políticos da década de 1920, descobre-se, subalterno, encolhido ou atormentado, algo do movimento fundamental de um espírito que “abandonou o século a si mesmo” para edificar esse reino interior ideal que sabia ser absolutamente oposto ao reino exterior. Esse espírito nunca pôde dissimular totalmente a vontade de compensação que se traduzia pelo caráter extremo de seu julgamento: o sutil sentimento de vingança contra uma realidade da qual acreditara não precisar, e que agora se perdia nele.

O processo de afastamento do real tornou-se mais acentuado em razão de várias decepções sofridas pela consciência burguesa durante seus esforços políticos de emancipação, no século XIX, e os traços desse processo são ainda

perceptíveis em quase todos os planos: no caráter fictício do pensamento político, nas ideologias de tendência mitológica, de Winckelmann a Wagner, ou na educação alemã particularmente desprovida de realismo, que engloba resolutamente o domínio fantástico da arte e do sublime. A política estava longe disso; ela não fazia parte da cultura nacional.

O tipo social no qual estão concentradas essas tendências representou tão exatamente o ser alemão que conservou até hoje todo o seu prestígio. Eram esses homens afastados do mundo e cheios de ideias que se veem nos retratos, cujas figuras professorais aliavam a um enfatismo raciocinador tanto rigor ideal e fidelidade aos princípios, e cuja probidade não era íntegra. Homens que pensavam em termos de imensidão, derrubavam ou erigiam sistemas, e cujo olhar vinha de longe. Ao mesmo tempo, havia em torno deles uma atmosfera de intimidade e de vida de família unida, o odor único da vida particular. Como declarou Paul de Lagarde, [14] "livros e sonhos" eram seu elemento. Viviam das verdades que inventavam; seu gênio de invenção dava-lhes uma compensação suficiente à sua falta de realidade verdadeira. Sua segurança vinha de sua vocação intelectual e traduzia o prazer que a cultura lhes dava tanto quanto sua própria contribuição a essa cultura.

O desprezo pela realidade acompanhava-se de um desprezo cada vez mais evidente pela política; esta era a realidade no sentido mais estrito e mais importuno: um elemento vulgar, a "dominação dos medíocres", como diz o título de um livro célebre na década de 1920, [15] e até hoje a ideia política na Alemanha conservou algo desse tom solene daquela época, pelo qual a nação se considera moralmente, assim como intelectualmente, acima da realidade rasteira. Sempre houve a esse respeito, outrora como hoje, a necessidade de uma "política apolítica" ideal, que refletisse a fragilidade a partir de uma impotência política prolongada. Com exceção de uma reduzida minoria que retorna sempre ao isolamento, o povo alemão nunca se sentiu atingido pela política e às vezes se viu até embaraçado por ela, que sempre teve para os alemães um interesse reduzido; era uma questão de autopersuasão, e, segundo a opinião em voga, de autodistanciamento. O mundo alemão estava baseado em noções, objetivos e virtudes particulares. Nenhuma promessa social era comparável ao pathos sugestivo do mundo particular, à felicidade da família, à emoção diante da natureza, à febre tranquila do conhecimento adquirido — todo esse domínio de satisfações inapreciáveis que não se deixava quando, para trocar pelo segredo das florestas, só havia o "barulho do mercado", e, pela liberdade dos sonhos, apenas direitos constitucionais.

Mesmo esse sentimento tomou uma forma extrema. "Um político é repugnante", escrevia Richard Wagner a Franz Liszt, e um de seus

admiradores observou: “Se Wagner foi uma expressão de seu povo, se ele foi de algum modo alemão, humanamente alemão, cidadão alemão, foi em seu ódio pela política.” [16] O sentimento antipolítico traduzia-se sobretudo numa reação de defesa da moral contra o poder, da humanidade contra o social, do espírito contra a política, e era nesses grupos de contradições que se elaboravam os temas privilegiados da autorreflexão burguesa, em considerações profundas e polêmicas constantemente renovadas. Essa atitude afetiva atinge o apogeu espiritual, repleta de confissões complexas, no livro de Thomas Mann, editado em 1918, *Considerações de um impolítico* [*Betrachtungen eines Unpolitischen*], que se apresenta como a defesa de uma fraternidade alemã orgulhosa de sua cultura contra o “terrorismo da política racionalista e ocidental” e que já no título denuncia seu objetivo romântico, afastado da realidade, e a nostalgia tradicional de uma política apolítica.

O ressentimento estético-intelectual contra a política, que se manifesta cada vez mais numa literatura de panfletos vasta e tortuosa, encontrou expressão extrema numa noção particular de salvação que teve grande repercussão a partir de meados do século XIX: a ideia da redenção pela arte. Todas as esperanças não satisfeitas, todas as nostalgias não realizadas da nação encontraram-se nessa ideia. Ela surgia já no romantismo como postulado de íntima penetração da política e da poesia. Schopenhauer deu-lhe uma forma subjetiva, sobretudo trazendo através da música uma solução para as trágicas complicações da luta pela vida. Depois essa ideia chegou ao apogeu com Richard Wagner, graças à renovação do teatro nos domínios culturais do “fim da política e começo da humanidade”. [17] A política deve tornar-se um grande espetáculo, o estado uma obra de arte, o artista deve tomar o lugar do homem de estado, pedia ele; a arte é mistério, seu templo, Bayreuth; o sacramento, a concha preciosa de sangue ariano que traz a cura ao Amfortas ferido, e rechaça, sob as ruínas do castelo imaginário, a força antagonista da judiaria, da política, da sexualidade encarnada em Klingsor. Com um sucesso quase idêntico ao de Wagner, Julius Langbehn utilizou o nome de Rembrandt, no final do século, como símbolo do desejo de renovação. A arte, proclamou, deve trazer, ao mundo mergulhado no erro, simplicidade, naturalidade e intuição, deve eliminar o comércio e a técnica, reconciliar as classes, reunir o povo, conduzir de volta ao mundo pacificado a unidade perdida; ela é o grande conquistador. Em epílogo encontra-se a supressão de qualquer política, e sua metamorfose em embriaguez, em poder, em misticismo, em gênio. De modo lógico, Richard Wagner reservou igualmente a soberania, na nova era desejada, ao gênio com seus dotes, ao seu grande “herói da arte”, à personalidade “artístico-cesárea do indivíduo.” [18]

Todos esses motivos contribuíram para o movimento de afastamento, através do qual os alemães reagiram mais violentamente do que antes, até que, com a guerra e o pós-guerra, foram confrontados mais energicamente do que nunca com a política. A escapatória tradicional enviou-os para os domínios estéticos mitológicos sucedâneos. No sentimento hostil à revolução "suja", a vontade de defesa contra a política era tão sensível quanto nas múltiplas teorias conjuratórias que sombrearam o horizonte na época de Weimar: na lenda da punhalada, por exemplo, ou na teoria da dupla ameaça por uma Internacional vermelha (comunista) e uma Internacional dourada (capitalista), no antissemitismo ou nos complexos de angústia diante dos franco-maçons e dos jesuítas, enfim, nos muitos sintomas da fuga, para fora da realidade, num mundo imaginário repleto de categorias românticas de traição, de solidão e de lograda grandeza.

Mesmo o pensamento político que dominava essa atitude era regido por imagens e categorias apolíticas, por ideologias da experiência guerreira dos "povos jovens", da "mobilização geral", ou de um "cesarismo bárbaro" — essa imensa onda de projetos nacionais utópicos e de filosofias de slogan, baseadas na "revolução conservadora" que tinha escolhido por meta (repetindo pelo avesso uma frase de Fichte) vestir sob diversas formas o uniforme do irracionalismo. Ao penoso caráter compensador da realidade política, essas filosofias opunham suas divisas absolutas e orientavam o cotidiano em nome de mitos grandiosos. Elas não exerceram talvez nenhuma influência direta, mas, como soluções de troca românticas e perturbadoras, contribuíram de modo importante para esfomear intelectualmente a república. Tanto isso é verdade que o "desgosto pela política" podia inflamar-se muito mais eficazmente do que nunca, em contato com uma realidade odiada. Enquanto os advogados de Weimar agiam muitas vezes como apologistas de um sistema corrompido, sem esperanças, e estavam sem condições de superar a distância entre o próprio *páthos* e o mal-estar visível aos olhos de todos, seus agressores de direita mostravam-se imaginativos, cheios de projetos e, a partir do mito do sonho e da amargura, ofereciam uma contraimagem da república. Entre suas recriminações mais desdenhosas para com o sistema, havia o fato de que se habituava a nação "à felicidade mesquinha", ao consumo e ao epicurismo pequeno-burguês. [19] A aventura, o trágico, o declínio constituíam, ao contrário, o vocabulário fascinante da época, e enquanto Carl von Ossietzky descobria entre os intelectuais do país numerosos "amantes desinteressados de catástrofes", sedentos de desgraças na política mundial, um observador francês perguntou no início da década de 1930 se a Alemanha "não estava tendo a sua crise com paixão e fanatismo exagerados." [20] De fato, a antiga tendência para o abismo intelectual era responsável pelo fato de a

crise ter tomado na Alemanha o caráter desesperado e totalmente fechado que fez da necessidade de fugir da realidade um fenômeno coletivo e tornou familiar a todos a ideia de um salto heroico para o desconhecido.

É nesse meio ideológico que se deve ver o fenômeno Hitler. Ele dá às vezes a impressão de ser o vulgar produto artístico dessas atitudes e complexos: a aliança entre o pensamento mitológico e o pensamento racional, no mais acentuado extremismo dos intelectuais socialmente isolados. Quase todas as figuras retóricas conhecidas da tendência antipolítica aparecem em seus discursos: o ódio contra os partidos, contra o caráter de compromisso do "sistema", contra sua falta de grandeza; Hitler sempre via a política como uma noção próxima da do destino, incapaz por si mesma, e pedindo para ser libertada pelo homem forte, pela arte ou por um poder superior qualificado de "providência". Em um dos importantes discursos durante a tomada do poder, no dia 21 de março, por ocasião do dia de Potsdam, ele formulou nestes termos o contexto da impotência política, do sonho compensador e da salvação pela arte:

> O alemão, debilitado, desagregado, com o espírito dilacerado, a vontade aniquilada, incapaz de agir, perde toda a sua energia para afirmar sua própria vida. Sonha com o direito às estrelas e o chão foge aos seus pés (…) Afinal, só restava aos alemães o caminho da vida interior. Esse povo de cantores, de poetas, de pensadores sonhava com um mundo onde viviam os outros, e foi preciso que a dor e a miséria o atingissem de modo desumano para que a arte gerasse o desejo de um novo levante, de um império novo e também de uma nova vida. [21]

Tendo renunciado aos seus sonhos de artista, Hitler se via a si próprio sob a aparência desse salvador. No contexto da tradição espiritual, sentia-se sem dúvida alguma mais próximo do "grande herói artístico" de Langbehn do que, por exemplo, de Bismarck, em quem admirava, como o revelam diversas declarações suas, menos o homem político do que o fenômeno estético representado por essa grande personalidade. [22] Para Hitler também, a política significou sobretudo um veículo para a grandeza, a oportunidade incomparável de compensar de modo grandioso um talento artístico insuficiente. Tudo o que havia nele do político tinha sido adquirido, ou ele havia aprendido o papel com o tempo. Em compensação, em suas inspirações impulsivas, seu pensamento era inteiramente místico, estético, afastado da realidade; numa palavra: apolítico. Enquanto ele derramava lágrimas sobre a arte, como observou um de seus contemporâneos, [23] as "humanidades", no dizer dos que o cercavam, deixavam-no indiferente, e os documentos mais espontâneos de sua vida, os primeiros discursos, bem como as conversas com seus companheiros de mesa no quartel-general, provam-no de modo convincente. Raramente uma homenagem teve mais significado para ele do que a observação de H.S. Chamberlain, na carta de outubro de 1923, que o

celebrava como o “contrário da política.” Chamberlain acrescentara: “O ideal da política seria não ter nenhum; mas essa não política deveria ser francamente reconhecida e imposta ao mundo.” [24] Nesse sentido, Hitler efetivamente não teve nenhuma política, mas antes uma grande ideia sugestiva sobre o mundo e o destino, de que fez a meta de sua vida com uma perseverança maníaca.

Walter Benjamin chamou o fascismo de “estetização da política”, e, se o fascismo pôde tomar conta dos alemães com especial veemência, foi porque as ideias políticas desse povo sempre estiveram impregnadas de estetismo. Uma das razões pelas quais a república de Weimar malogrou foi porque não compreendeu a psicologia alemã. Para ela, a política nada mais era do que política. Hitler foi o primeiro a devolver uma forma familiar aos assuntos públicos, através de práticas ininterruptas de obscurecimento, de encenações teatrais, da embriaguez e de um tumulto idólatra. As catedrais de holofotes eram o símbolo exato disso: paredes de magia e de luz contra o mundo exterior sombrio e ameaçador. E embora os alemães não compartilhassem nem da sede de espaço de Hitler, nem de seu antissemitismo, nem dos traços vulgares e brutais que se ligavam a ele, o fato de que tivesse devolvido à política um tom de vasta fatalidade, acrescentado de um elemento de temor, mereceu-lhe ovações e deu-lhe partidários.

Embora Hitler considerasse suas ideias artísticas e políticas como um todo e gostasse de celebrar o regime como a reconciliação final da arte e da política, essa atitude era devida unicamente à sua ideologia do “estado de beleza” apolítico. [25] Ele se via como sucessor de Péricles e tirava de bom grado ilações sobre esse tema. Albert Speer contou que ele praticamente tomava as autoestradas por seu Partenon. [26] Hitler declarou muito seriamente que nem o *ReichsFührer-SS* Heinrich Himmler, nem Rudolf Hess estavam verdadeiramente qualificados para sucedê-lo um dia, pois eram “indivíduos sem musa”, enquanto, ao contrário, se Speer subiu tão alto e foi até considerado durante certo tempo o sucessor designado do Führer, foi sobretudo porque no espírito de Hitler ele era “um indivíduo inspirado”, “um artista”, “um gênio”. É interessante observar que no início da guerra Hitler mandou desmobilizar os artistas, mas não os sábios e os técnicos. Até mesmo para a apresentação de armas novas, ele raramente desprezou o aspecto estético, e soube, por exemplo, louvar a elegância de um canhão de artilharia. Não havia nada fora da arte. Mesmo um general, dizia ele, não podia vencer se não estivesse inspirado. [27] Preferiu então entrar em Paris, após a vitória sobre a França, não como um conquistador, mas como uma espécie de visitante de museu, e o desejo de retirada antecipada para a vida privada que

exprimia com crescente impaciência era baseado nesse motivo essencial: "Foi contra a minha vontade que me tornei político", declarou várias vezes; "a política nada mais é para mim do que um meio para atingir a meta. Há pessoas que acreditam que seria difícil para mim renunciar às minhas atuais ocupações. Não! Será o mais belo de minha vida o dia em que deixarei a política, abandonando atrás de mim todas as preocupações, as obrigações, a irritação. As guerras vêm e passam. Só restam valores culturais." E para Hans Frank, esses sentimentos correspondiam mesmo a uma tendência da época, que era banir "de novo tudo o que fosse ligado aos estados, à guerra, à política etc., e poder obedecer ao ideal elevado da ação cultural". [28] A esse respeito, não deixa de ser significativo o fato de que o estado-maior nazi tenha apresentado um número relativamente alto de semiartistas, não revelados ou fracassados: ao lado do próprio Hitler encontravam-se Dietrich Eckart; Goebbels, que tinha tentado o romance, sem sucesso; Rosenberg, que tinha começado como arquiteto; von Schirach e Hans Frank, que tinham feito poesia; e Funk, música; com sua vontade apolítica de isolamento, Speer deve ser incluído na mesma categoria; bem como o tipo de intelectual que acompanhou e galvanizou o progresso do nacional-socialismo com pronunciamentos estetizantes, vagos e ao mesmo tempo inexoráveis.

A noção desfigurada da verdade professada pelos intelectuais socialmente marginalizados também marcou sensivelmente a ideologia de Hitler. Muitos de seus contemporâneos constataram sua tendência para elevar-se em seus discursos até "regiões superiores" de onde se deve sempre voltar "ao plano dos fatos", como escreveu um deles. [29] Curiosamente, era principalmente sobre o Obersalzberg, ou no ninho de águia que mandara construir acima do Berghof, sobre o Kehlstein, a dois mil metros de altura, que Hitler se entregava a suas manias. Ali, no ar límpido, diante da grandiosa paisagem das montanhas, elaborava seus projetos. Foi lá, declarou na ocasião, que tomou todas as suas grandes decisões. [30] Mas a fantasia de um reino gigantesco que chegasse até os Urais, os excessos de um pensamento geopolítico que jogava sobretudo com os grandes espaços e a repartição do mundo, as visões genéticas, com o assassinato coletivo de povos e raças inteiras, os sonhos de super-homem e as fantasmagorias de pureza do sangue e do Santo Graal, bem como, finalmente, todo esse sistema, por continentes, de pistas, de instalações militares e vilas fortificadas, nada disso era "alemão", mas provinha de fontes próximas ou longínquas; o que era alemão era unicamente a lógica intelectual feroz com que ele reunia os fragmentos e o rigorismo sem indulgência que não recuava diante de nenhuma consequência. A firmeza de Hitler era certamente ligada a um caráter monstruoso; havia também em seu extremismo um pouco da violência e da brutalidade do esgoto. No entanto,

ele manifestava por outro lado essa atitude apolítica e inimiga da verdade, que pertence à tradição intelectual do país. Não é por seus objetivos de luta racial ou de expansão que ele se situa na tradição da história alemã, mas pelo fato de ser um desses intelectuais imbuídos de certezas teóricas, que com toda a naturalidade submeteram a realidade aos seus princípios categóricos.

O que sobretudo o diferenciava de seus semelhantes era sua atitude no comportamento político; ele era um caso excepcional de intelectual que tinha uma compreensão prática do poder. Nos textos de seus predecessores e até nas ruínas literárias dos escritos nazistas, é fácil encontrar postulados bem mais extremos do que os que Hitler defendia; encontram-se, de fonte alemã como de fonte europeia, testemunhos bem mais violentos sobre a angústia do presente, a negação estetizante da realidade. Marinetti, por exemplo, invocou a salvação fora da "infame realidade" e pediu em 1920, num manifesto, que se deixasse "todo o poder aos artistas"; a soberania cabia ao "amplo proletariado dos gênios"; mas suas declarações e outras manifestações paralelas nada mais fazem do que flertar pomposamente com a impotência dos intelectuais, deleitando-se com isso. Marinetti dedicara curiosamente ao "mar vingativo" sua adjuração contra a realidade. [31] O que fez novamente de Hitler um fenômeno excepcional foi sua atitude de tomar ao pé da letra suas ficções intelectuais e absorver ao mesmo tempo as belas frases de uma exaltação ideológica centenária.

Nessa prática, ele não teve igual. É verdade, evidentemente, que os alemães não foram tão surpreendidos por ele quanto os atenienses pelo tirano Pisístrato, no momento em que se encontravam à mesa. Como todo o mundo, eles poderiam ter-se prevenido, pois Hitler sempre afirmou abertamente suas intenções, quase sem reserva intelectual. Mas o ângulo tradicional entre a realidade social e a realidade fictícia tinha há muito tempo suscitado a ideia de que as palavras custavam pouco e nada parecia mais gratuito do que as dele. O grande erro de julgamento a seu respeito, que foi ao mesmo tempo o grande erro de julgamento sobre a época, só pode ser explicado dessa maneira. O líder da bancada social-democrata no Reichstag, Rudolf Breitscheid, que acabou no campo de concentração de Buchenwald, bateu palmas de prazer quando soube que Hitler tinha sido nomeado chanceler. Ele seria enfim neutralizado, pensou Breitscheid. Outros calcularam que Hitler seria a qualquer momento reduzido à minoria e nunca poderia atingir a maioria de dois terços que modificaria a constituição; Julius Leber, outro dirigente social-democrata, anunciou com desprezo que esperava, como todo o mundo, "conhecer enfim os fundamentos espirituais desse movimento". [32]

Ninguém parecia compreender o homem que Hitler realmente era. Nem

mesmo a distância criou melhores condições de observação. As sanções esperadas do estrangeiro não foram aplicadas: as capitais preparavam-se, como na Alemanha, num mesmo movimento de cegueira, de esperanças, de neutralização e de pusilanimidade, para os acordos e pactos dos anos futuros. Mas surgiam pressentimentos inquietos, marcados por uma fascinação particular. Um observador alemão em Paris registrou entre os franceses “o sentimento de que um vulcão tinha nascido e sua erupção poderia a qualquer momento devastar os campos e as cidades, e seguiam seu mais ínfimo movimento com espanto e angústia. Um fenômeno da natureza ante o qual estavam praticamente desamparados. A Alemanha era de novo (…) a grande estrela internacional que, em cada jornal, em cada cinema, fascinava as massas, com um misto de terror, de incompreensão, de admiração sofreada, a que se misturava um pouco de sadismo; a grande figura aventureira, trágica, inquietante, perigosa”. [33]

Entre as ideias que presidiram a aventura do país quase nenhuma era pessoalmente de Hitler: a gravidade desumana com a qual ele passava de sua existência ao imaginário era no entanto alemã. As tendências e sentimentos que descrevemos, reforçados pela tensão, que se tornou insuportável, entre um pensamento revolucionário formulado durante séculos e a imobilidade da situação social, davam ao seu aparecimento um peso sem-par, o caráter extremo de uma reação diferida; o trovão alemão tinha finalmente atingido a meta. Em seu estrondo, frustrou-se a tentativa desesperada de negar a realidade, sob o signo de uma utopia retrógrada.

Entretanto, é difícil impedir um povo de rejeitar a realidade em nome de conceitos revolucionários idealizados. Nessa atitude, encontramos a espontaneidade da imaginação e a audácia do pensamento. Os obstáculos políticos são inegáveis. Mas o espírito alemão deve a essa atitude o que ele foi, e nem todos os caminhos desse espírito conduzem, como muitos pensam, a Auschwitz.

Notas do volume 1

PRÓLOGO

1. Esta citação de Ranke encontra-se num dos trabalhos de Konrad Heiden, a quem o autor deve muito sob diversos aspectos: a sua primeira tentativa histórica para interpretar a personalidade de Hitler e o nacional-socialismo ainda hoje continua exemplar pela ousadia das questões formuladas e a liberdade de julgamento.

2. Segundo o coronel von Gersdorff diante do marechal von Manstein, citado em *Technik und Moral einer Verschwörung* , de Dieter Ehlers, p. 92.

3. Discurso de 24 de fevereiro de 1937 no Hofbräuhaus de Munique, citado por Hildegard von Kotze e Helmut Krausnick em *Es spricht der Führer* .

4. Prefácio para *Le Testament Politique de Hitler* , de Hugh R. Trevor-Roper.

5. O autor do livro era um tal Frateco; a versão francesa saiu no mesmo ano em Paris sob o título *M. Hitler, Dictateur* .

6. Discurso de 20 de maio de 1937, citado por H. von Hotze/H. Krausnick *op. cit* ., p. 223.

7. Jacob Burckhardt, *Gesammelte Werke* , IV, p. 151 e seg. Em sua famosa carta a Klaus Mann, Gottfried Benn refere-se, aliás, expressamente a Burckhardt, quando fala de Hitler, e escreve: “Hoje e aqui, ouve-se repetidamente a mesma questão: foi Hitler quem criou o movimento, ou foi o movimento que o criou? Essa pergunta é característica, pois suas duas partes não podem ser diferenciadas, por serem equivalentes. Aqui estamos realmente em presença daquela coincidência mágica entre o individual e o geral de que fala Burckhardt em suas considerações sobre a história mundial, ao descrever os grandes homens da história do mundo. Os grandes homens… tudo está aí: os perigos iniciais, o fato de eles quase sempre só aparecerem em tempos horríveis, a sua enorme persistência, a facilidade anormal em tudo, inclusive em suas funções orgânicas, mas também a impressão generalizada de que eles existem para realizar coisas de que só eles são capazes e que são, por conseguinte, coisas necessárias.” Cf. G. Blenn, *Gesammelte Werken* , IV, p. 246.

8. J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 175 e seg.

9. Bismarck, numa carta à sua noiva, de 17 de fevereiro de 1847, citado segundo Hans Rothfels (editor) em *Bismarck Briefe* , Göttingen, 1955, p. 69.

10. Thomas Mann, *Brüder Hitler, Gesammelte Werken* , XII, p. 778.

11. August Thalheimer, *Gegen den Strom* . Órgão do Partido Comunista (oposição), 1929, citado segundo Wolfgang Abendroth e outros (editores) em *Faschismus und Kapitalismus* , p. 11. Não cabe aqui analisar as diferentes teorias e tentativas de interpretação sobre Hitler. Elas são examinadas de maneira instrutiva, por exemplo, por Karl Dietrich Bracher em *Die deutsche Diktatur* , p. 6 e seg., assim como por Klaus Hildebrand, Der Fall Hitler, Bilanz und Wege der Hitler-Forschung, em *Neue Politische Literatur* , 1969/3, p. 375 e seg.

12. Reinhard Kühnl, *Der deutsche Faschismus* , *in* : *Neue Politische Literatur* , 1/1970, p. 13.

13. A crítica não é completamente infundada. Ela se refere às biografias de horizontes estreitos que se estendem sobre as mulheres que gravitavam em torno de Hitler e que, por exemplo, atribuem maior importância ao abuso de drogas ou a uma dor de cabeça do ditador do que às diretrizes ideológicas, à crise econômica mundial ou a algumas tradições autoritárias da política alemã. O mesmo vale, entretanto, com relação às interpretações ideologicamente preconcebidas que apresentam Hitler como o candidato cuidadosamente "engordado" por uma clique nazista de industriais, banqueiros e grandes proprietários, e só fazem inverter a tese de que os homens fazem a história, para colocar em evidência os capitalistas. Aí também se trata de uma literatura de homenagem negativa, com motivos apologéticos disfarçados. Nessas e naquelas Hitler perde toda a conexão histórica e transforma-se em fatalidade abstrata. Cf., por exemplo, Eberhard Ozichon, *Wer verhalf Hitler zur Macht?* , como também *Der Primat der Industrie* em *Das Argument* , nº 47, assim como os demais números (33 a 41) da revista consagrados ao problema do fascismo. Ver bibliografia extensiva sobre as teorias de esquerda e sua dificuldade em explicar o aparecimento de Hitler, em *Industrie und Faschismus* de Eike Hennig, *Neue Politische Literatur* , 4/1970, p. 432 e seg.

14. J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 166.

15. Ernst Nolte, *Der Faschismus in seiner epoche* , p. 451.

16. Cf. p. ex. Hans Frank, *Im Angessicht des Galgens* , pp. 137 e 291; e também Helmut Herber, *Adolf Hitler* , p. 157.

17. Hitler, em 23 de maio de 1939, na Chancelaria do Reich, diante dos chefes da Wehrmacht, citado por Max Domarus, *Hitler, Reden und Proklamationen* , p. 1197.

18. Rudolf Augstein, *Hitler, und was davon bliel* , em *Der Spiegel* , 1970/19, p. 100 e seg.

19. *Mein Kampf* , p. 388.

20. J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 166.

PARTE I – VIDA SEM OBJETIVO

1. Cf. Otto Dietrich, *Zwölf Jahre mit Hitler* , p. 149; também Konrad Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus* , p. 75.

2. Joachim von Ribbentrop, *Zwischen London und Moskau* , p. 45.

3. Cf. *Der Spiegel* , 1967/31, p. 46. A propósito do acesso de ira por causa da placa comemorativa, ver A. Speer, *Erinnerungen* , p. 111.

4. Cf. Albert Zoller, *Hitler privat* , p. 196.

5. Cf. *Der Spiegel* , *op. cit* ., p. 4.

6. Franz Jetzinger, *Hitlers Jugend* , p. 11.

7. *Ibid* ., p. 19.

8. Werner Maser, *Adolf Hitler* . *Legende, Mythos, Wirklichkeit* , p. 34, assim como *Der Spiegel* , já citado, p. 40 e seg., que transcreve os resultados da pesquisa de Maser. Sobre o episódio relatado por Hans Frank, cf. *Im Angesicht des Galgens* , p. 320 e seg., e também W. Maser, *op. cit* ., p. 26 e seg.

Não podendo omitir o princípio do direito romano relativo à incerteza

geral de toda paternidade, Maser é, naturalmente, incapaz de demonstrar o acerto de sua tese. No entanto formula sua argumentação num tom de afirmação comprovada. Tira partido de tudo sem discussão. Chega mesmo a considerar como argumento consistente a favor de sua tese o fato de Hüttler ter esperado a morte da esposa, em 1873, para proceder à legitimação do menino. Ora, daí se deveria concluir justamente que as coisas não se desenrolaram como Maser supõe. Hüttler, com efeito, não devia dar mostras de "semelhantes cuidados" já que ele mesmo se dissera pai do menino e que legitimaria Alois como seu filho. Os outros argumentos também estão sujeitos a dúvidas. No todo, Maser não pode invocar em defesa do procedimento de Hüttler um motivo que apoia exclusivamente sua tese e coloca em discussão todas as demais interpretações. Depois, se aventaria a suposição de que Hüttler teria estipulado que a mudança de nome condicionava a proclamação de Alois Schicklgruber como seu herdeiro. Veja-se a esse respeito, por exemplo, A. Kubizek, *Adolf Hitler, mein Jugendfreund* , p.59. Por outro lado, convém não esquecer a tal propósito que a questão da identidade do avô é de importância secundária; só a suposição de Hans Frank é que lhe poderia atribuir uma nova dimensão psicológica. Afora isso, ela só pode despertar interesse limitado.

9. Carta de Alois Hitler a Alois Veit, de 9 de outubro de 1876, H A Fila 17 A, R I; veja-se igualmente a "Declaração do secretário das aduanas Hebenstreit", de 21 de junho de 1940.

10. Declaração de Frau Rosalia Hoerl, H A, *Ibid* .

11. Adolf Hitler, *Mein Kampf* , p. 4.

12. *Ibid* ., p. 6 e 8; a respeito dos incidentes com o pai bêbado, veja-se H. Frank, *op. cit* ., p. 331.

13. *Mein Kampf* , p. 8. As notas escolares são transcritas com muita freqüência por Jetzinger, *op. cit* ., p. 100 e seg.

14. Cf. Walter Görlitz/Herbert A. Quint, *Adolf Hitler, Eine Biographie* , p. 34 e seg. assim como A. Kubizek, *op. cit* ., p. 68.

15. Henry Picker, *Hitlers Tischgespräche* , p. 324.

16. *Mein Kampf* , p. 16. Hitler tinha falado a esse respeito mencionando uma séria afecção pulmonar, mas tal alegação, pelo menos da forma como foi

apresentada por ele, não é defensável. Veja-se a esse respeito F. Jetzinger, *op. cit* ., p. 148; igualmente K. Heiden, *Adolf Hitler* , I, p. 28.

A respeito do boletim inutilizado, veja-se o protocolo de 8/9 de janeiro de 1942, citado segundo Maser, *op. cit* ., p. 68 e seg.

17. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 72.

18. *Ibid* ., p. 25; igualmente o relatório feito por Wilhelm Hagmüller para a direção do "Grau" do Alto-Danúbio, em 1942, citado por W. Görlitz/H. A. Quint. *op. cit* ., 38.

19. *Hitler's Table Talk* , p. 191 e 195.

20. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 110; os julgamentos feitos por conhecidos, pelo padrinho de crisma e por professores sobre a personalidade de Adolf Hitler quando jovem figuram na obra de Ernst Deuerlein, *Der Ausfstieg der NSDAP 1919–1933* , p. 67, assim como em F. Jetzinger, *op. cit* ., p. 105 e p. 115 e seg.

21. Kubizek acentua sem cessar a tendência evidente de Hitler em confundir o sonho e a realidade. Veja-se p. ex. p. 100 e seg. A respeito do episódio do bilhete de loteria, ver *op. cit* ., p. 127 e seg.

22. *Tischgespräche* , p. 194; igualmente *Mein Kampf* , p. 35.

23. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 79.

24. *Ibid* ., p. 140 e seg. A cena parece contudo estilizada com exagero, e se é levado a admitir que o testemunho de Kubizek não inspira muita confiança. Deve ser considerado igualmente que ele teve a intenção de sublimar suas lembranças. O valor do livro se atém menos aos fatos fáceis de precisar que ele relata do que às descrições e julgamentos psicológicos que a referida obra reflete, muitas vezes despercebidas pelo autor.

25. Mencionado por A. Kubizek, *op. cit* ., p. 147. A ortografia de Hitler apresenta aí, como sucederá durante longo tempo, sérias deficiências. Dá-se o mesmo com seus conhecimentos de sintaxe. Veja-se também *Mein Kampf* , p. 18.

26. *Mein Kampf* , p. 3 e p. 17. Hitler menciona igualmente o "belo sonho" na página 16. Veja-se também a carta datada de 4 de agosto de 1933 para Kubizek na qual ele fala dos "mais belos anos de sua vida"; transcrita por

August Kubizek, *op. cit* ., p. 32. Cf. igualmente *A. Hitler in Urfahr* , H. A, fila 17, Reell I.

27. Comunicação de A. Speer. A propósito do sonho alimentado por Hitler de se afastar da política, veja-se *Tischgespräche* , p. 167 e seg., assim como A. Zoller, *op. cit* ., p. 57.

28. Veja-se *Grosse Politik* , vol. 22, nos 7349–7354; igualmente Polit. Archiv Bonn, Dtl 131, vol. 36.

29. Veja-se Hellmuth Andics, *Der ewige Jude* , p. 192; além disso e para as cifras e os fatos indicados anteriormente: William A. Jenks, *Viena e o Jovem Hitler* , p. 113 e seg. Em 1913, 29% dos estudantes da Faculdade de Medicina eram judeus, 20,5% frequentavam a Faculdade de Direito e 16,3% o curso de Filosofia. Em compensação, a participação judia no âmbito da criminalidade era 6,3%, ou seja, uma taxa nitidamente inferior à de sua percentagem demográfica. Cf. W. A. Jenks, *op. cit* ., p. 121 e seg.

30. *Mein Kampf* , p. 18 e seg. A lista de classificação que se segue é reproduzida por K. Heiden, *Adolf Hitler* , I, p. 30.

31. *Mein Kampf* , p. 19.

32. *Ibid* ., p. 19.

33. Relatório do dr. Eduard Bloch de 7 de novembro de 1938, Bundesarchiv Koblenz (BAK) NS /26/17 a. Igualmente *Mein Kampf* , p. 233. Para a apreciação de sua mãe, cf. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 158.

34. Citado por W. Maser, *op. cit* ., p. 82 e seg. Veja-se igualmente o relatório da polícia secreta do estado de Viena datado de 30 de dezembro de 1941, citado por Bradley F. Smith, *Adolf Hitler* . *His Family, Childhood and Youth* , p. 113.

35. *Mein Kampf* , p. 20.

36. *Ibid* ., p. 20.

37. Devemos o cálculo exato dos rendimentos mensais de Hitler a F. Jetzinger, que fez um levantamento meticuloso de todas as fontes financeiras de que pôde dispor. É a ele igualmente que se deve a comparação dos rendimentos que publicamos. Por outro lado é interessante observar que Mussolini, naquela mesma época redator-chefe,

no Trentino austríaco, do *L'Avvenire del Lavoratore* e secretário da câmara de trabalho socialista, recebia como proventos por essa dupla atividade apenas 120 coroas, quer dizer, pouca coisa mais que Hitler recebia a pretexto de estar desempregado. Veja-se sobre o mesmo assunto I. Kirkpatrick, *Mussolini* , p. 38.

38. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 126, 210-220, 256 e seg., 281 e 307; ver também F. Jetzinger, *op. cit* ., p. 194 e seg. Para a afirmativa de Hitler de que teria assistido a *Tristão e Isolda* em Viena de trinta a quarenta vezes, cf. *Hitler's Secret Conversations* , Nova York, 1953, p. 270 e seg. Por outro lado, W. A. Jenks, *op. cit* ., p. 202, afiança que durante a permanência de Hitler em Viena, Richard Wagner era sem contestação o mais popular dos compositores e que, apenas na "Hofoper", suas obras foram encenadas pelo menos 426 vezes em récitas noturnas.

39. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 195 e 197.

40. K. Heiden, *op. cit* ., p. 30; mas com toda certeza Heiden confunde as datas. Erroneamente, ele fixou o dia do segundo exame antes da morte da mãe de Hitler, que, para ele, teve lugar em 21 de dezembro de 1908 (em lugar de 1907).

41. *Tischgespräche* , p. 323, 422 e 273. Igualmente A. Kubizek, *op. cit* ., p. 199, menciona uma explosão de fúria de Hitler contra a Escola de Belas-Artes. Mas esse desabafo de cólera deve, no entanto, relacionar-se com a sua primeira reprovação, porque na época do segundo insucesso Kubizek não se achava em Viena e no seu retorno ele não encontrou mais Hitler ali.

42. *Geburt des Dritten Reiches* , p. 30. A carta foi escrita por Hitler durante a crise Stennes.

43. *Mein Kampf* , p. 22. Praticamente nesse mesmo teor, Stefan Zweig observa, p. ex., em *Die Welt von Gestern* , p. 50, que "a pior ameaça que já tinha pesado sobre o mundo burguês fora a de uma queda no proletariado". Veja-se igualmente K. Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus* , p. 16.

44. Josef Greiner, *Das Ende des Hitler-Mythos* , p. 25. As lembranças de Greiner relativas a Hitler suscitam numerosas indagações, tanto mais sérias porquanto, ao contrário de Kubizek, ele não chega mesmo a provar o relacionamento mais chegado que alega ter tido com Hitler. Seu relato contém todavia algumas indicações que enriquecem nossos

conhecimentos.

Tais sugestões não são de molde a ser utilizadas (e não o foram por nós na presente obra) senão na medida em que obtêm uma confirmação em outros documentos ou em atitudes comportamentais de Hitler estabelecidas com certeza. Greiner observa de resto, p. 14, que ao conhecer Hitler se sentiu especialmente impressionado "com suas palavras escolhidas". Do mesmo modo, o horror experimentado por Hitler em face da rudeza e da vulgaridade moral das pessoas que encontrava então em Viena, assim como diante da "baixeza de seu nível intelectual" reflete, mesmo no vocabulário por ele empregado, o sentimento de sua condição de pequeno-burguês; cf. *Mein Kampf* , p. 30.

A respeito do julgamento mencionado da vizinha, veja-se a declaração de Marie Wohlrab e de Marie Fellinger, HA, File 17, Reel I.

45. *Mein Kampf* , p. 15.

46. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 220.

47. *Mein Kampf* , p. 282.

48. *Ibid* , p. 41 e seg.

49. Cf. Wilfried Daim, *Der Mann, der Hitler die Ideen gab* . É característico de Lanz e da estrutura patológica de seu pensamento que sejam considerados como seus discípulos não só Hitler, mas também Lord Kitchener e sobretudo Lênin. Achava que eles eram os únicos a terem compreendido bem cedo sua doutrina e dela ter extraído suas conclusões últimas. Editada em 1905, a obra principal de Lanz ostentava o sugestivo título de *Theozoologie oder die Kunde von den Sodoms Affligen und dem Götter Elektron* . *Eine Einführung in die älteste und neueste Weltanschauung und eine Rechtfertigung des Fürstentums und des Adels* (Teozoologia ou a Ciência dos Simiens de Sodoma e do Eléctron dos Deuses. Uma Introdução à mais Antiga e mais Nova Filosofia e uma Justificação dos Príncipes e da Nobreza). Os louros heróis arianos de olhos azuis seriam, pelo que se deduz, "a obra-prima dos deuses"; eles eram dotados de órgãos elétricos e até mesmo de sistemas de emissão. Mediante práticas de eugenismo e de seleção, a raça dos heróis arianos deveria alcançar novos melhoramentos e obter os órgãos divinos eletromagnéticos e radiológicos assim como novas forças. A angústia

vigente na época, a tendência a agrupar as supostas elites no seio de sociedades secretas, o culto, então em moda, das ciências naturais, ao qual se dedicavam com diletantismo, todos esses elementos que se aliavam a traços de trapaça tanto intelectual quanto pessoal se manifestavam nessa doutrina.

Daim superestima certamente a influência que Lanz teria exercido sobre Hitler; na verdade ela não vai além dos limites que acentuamos. O mesmo não acontece evidentemente com alguns dirigentes nacional-socialistas como Darré ou, em especial, Heinrich Himmler. De certo modo, as teorias imitadoras do fundador da ordem sobreviveram nos arquivos do escritório para assuntos racistas e de colonização das SS, assim como os métodos de extermínio, empregados seja para eliminar "seres degenerados", seja contra os judeus, os eslavos e os ciganos.

50. Cf. o protocolo de Heinrich Heim, citado por W. Maser, *op. cit .*, p. 236.

51. Quanto a essa questão, ver A. Kubizek, *op. cit .*, p. 70 e seg., p. 107 assim como p. 112 e seg. Cf. igualmente *Mein Kampf* , p. 10 e seg. A afirmativa de Hitler segundo a qual não se teria tornado antissemita em Viena senão após muita reflexão pessoal e um estudo aprofundado é contestada, entre outros, por Günter Schubert, *Anfänge nationalsozialistischer Aussen politik* , p. 11 e seg. Há aí também uma referência à leitura feita antes por Hitler dos *Linzer fliegenden Blätter* . Cf. igualmente André Banuls, *Das völkische Blatt "Der Scherer", Ein Beitrag zu Hitlers Schulzeit, in:* VJHFZ 1970/72 p. 196 e seg.

52. *Mein Kampf* , p. 59 e seg.

53. J. Greiner, *op. cit .*, p. 110. Cf. igualmente acerca do mesmo assunto A. Bullock, *Hitler* , p. 35 e seg. ou William L. Shirer, *Aufstieg und Fall des Dritten Reiches (Ascensão e Queda do Terceiro Reich)* , p. 43, que tornam de certo modo plausível a tese exposta sem dúvida pela primeira vez por Rudolf Olden.

54. *Mein Kampf* , p. 357. A afirmativa, expressa "com certeza", segundo a qual nem em Linz nem em Viena Hitler teria mantido relações com mulheres, parte de A. Kubizek e só se aplica, bem entendido, ao período em que os dois moraram juntos; *op. cit .*, p. 276.

55. De acordo com E. Nolte, *Der Faschismus in seiner Epoche* , p. 359.

56. J. Greiner, *op. cit* ., p. 78 e seg. Do mesmo modo, Kubizek registra que Hitler sempre proclamara ser "de corpo e alma um discípulo de Schönerer", *op. cit* ., p. 297.

57. Ver K.D. Bracher, *Die deutsche Diktatur* , p. 46 e seg., assim como Francis L. Carsten, *Der Aufstieg des Faschismus in Europa* , p. 37 e seg., e Peter G.J. Pulzer, *Die Entstehung des politischen Antisemitismus in Deutschland und Osterreich* .

58. *Mein Kampf* , p. 59 e 74.

59. *Ibid* ., p. 133 e seg. Ver igualmente a esse respeito K.D. Bracher, *op. cit* ., p. 53 e seg.

60. Outros, em especial W. Maser, *Die Frühgeschichte der NSDAP* , p. 92, são de opinião diferente. Nessa passagem, ele dá razão a Kubizek contra Hitler, sem no entanto justificar sua própria opinião. Na verdade, seu arrazoado não pode ser demonstrado. Maser se apega à declaração de Hitler de que este não se interessara pela política senão de "maneira secundária", por "transferência". Mas a ideia de que Hitler já deveria, durante a sua juventude, se interessar por política porquanto se tornaria depois um político importante é em si mesma errônea. Isso porque desconhece sobretudo a essência das relações de Hitler com a política. Para um confronto das citações de Hitler mencionadas aqui, ver *Mein Kampf* , p. 36, 40 e seg. Hitler admite aí também que na época em que trabalhava num canteiro de obras seus conhecimentos das questões sindicais eram ainda "iguais a zero", e não se teria razões plausíveis para duvidar disso. Da mesma forma, o antissemitismo de Hitler não era ainda de molde a admitir medidas severas; Hanisch, seu companheiro no albergue, já afirmava em 1936 que, em Viena, Hitler não era ainda um antissemita e apresenta uma longa lista de nomes judeus, afirmando que Hitler mantinha relações cordiais com os mesmos, Cf. Hanisch, citado por B. F. Smith, *op. cit* ., p. 149.

61. *Tischgespräche* , p. 323; igualmente Greiner, *op. cit* ., p. 14.

62. Cf. *Jahrbuch der K. K. Zentralanstalt für Meteorologie* , 1909, p. A 118, citado de acordo com B.F. Smith, *op. cit* ., p. 127. W. Maser em *Frühgeschichte* , p. 77, tomou posição sobretudo contra K. Heiden e a historiografia que este havia motivado. Como sempre com uma pretensão arrogante à certeza, ainda que se achando num terreno movediço, ele defende a opinião de que "seguramente" Hitler não fora forçado por

contingências materiais a se alojar no albergue para os desabrigados. Mas quando passa a analisar a situação financeira de Hitler, Maser parte da ideia de que a herança paterna teria estado à sua disposição sob a forma de uma renda vitalícia. Na realidade, tratava-se praticamente de um total de 700 coroas e, tendo em vista o gênero de vida levado por Hitler, isso estaria bem cedo reduzido a nada. Desejoso de sustentar a todo custo a tese segundo a qual Hitler teria tido uma existência material assegurada, Maser chega ao ponto de encarar como possível (e em outra passagem como verossímil) que o futuro *Führer* morara no asilo para os indigentes "porque desejava estudar aquele ambiente".

63. *Libres Propos sur la Guerre et la Paix* , p. 46.. Hanisch foi preso pela Gestapo logo após a anexação da Áustria e, segundo tudo indica, assassinado a seguir. Em todo caso, segundo se lê numa carta de um amigo seu, o fiscal ferroviário Hans Feiler, ele já estava morto a 11 de maio de 1938, data da mencionada prisão. No mais, é chocante acusar o vagabundo e inconstante Hanisch de ser destituído de qualquer ética profissional e de não ter encontrado coisa melhor para fazer que negociar suas lembranças de Hitler. Segundo tais alegações, ele teria tido até, após 1933, a indignidade de se declarar pronto a colorir de modo positivo o relato de suas experiências. Cf. W. Maser. *Frühgeschichte* , p. 70.

64. O relato de Hanisch não está datado. Pode ser consultado no BAKNS 26/64. Todas as citações que aparecem nas páginas seguintes derivam da mesma fonte. Cf. igualmente as declarações de Hanisch contrárias à obra de Rudolf Olden, *Hitler* , p. 46 e seg. Ver também K. Heiden, *Adolf Hitler* , I, p. 37.

65. K. Heiden, *op. cit* ., p. 43; também se encontrará uma série de detalhes interessantes sobre o albergue onde Hitler se alojou em W.A. Jerks, *op. cit* ., p. 26 e seg. Segundo essa fonte, os moradores do albergue não deviam ganhar mais de 1.500 coroas por ano. O albergue, ou lar, que dispunha de 544 leitos, era a quarta iniciativa desse tipo. Fora criado por uma fundação para resolver o grave problema da falta de habitação. Realmente, assim como relata Hitler em *Mein Kampf* , Viena padecia de uma carência de habitações difícil de imaginar. De 1860 a 1900, a população da cidade crescera 259%. Era, depois de Berlim (281%), o índice de crescimento mais elevado da Europa. Paris, p. ex., registrava um acréscimo do número de seus habitantes de apenas 60%. Os dados citados por Jenks acentuam que em oito bairros vienenses, principalmente nos que eram habitados pela classe operária, viviam em média de quatro a cinco pessoas por cômodo.

66. Cf. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 203 e 205. Cf. também J. Greiner, *op. cit* ., p. 100; aí se encontrará a indicação de que Hitler se fizera notar por sua intransigência e sua maneira provocante de discutir.

67. J. Greiner, *op. cit* ., p. 106 e seg., mas também p. 38 e seg. e p. 78. O próprio Hitler mencionara diante de seus comensais que já tinha elaborado naquela época os planos para a reconstrução de Berlim. Ver *Libres Propos* , p. 46.

68. *Mein Kampf* , p. 35.

69. Thomas Mann, *Leiden und Grösse Richard Wagners* , G.W., 10, p. 70

70. Henry Murger, *Scènes de la Vie de Bohème* , Paris 1851, p. VI. Cf. igualmente Robert Michels, *Zur Soziologie der Bohême und ihrer Zusammenhänge mit dem geistigen Proletarial, in: Jahrbuch für Nationalökonomie und Statistik* 136 (1932), p. 802 e seg. De acordo com o famoso ensaio de Georg Lukács sobre Theodor Storm, a ordem, o devotamento e a duração constituíam os elementos essenciais do estilo de vida burguês. Cf. *Literatursoziologie* , p. 296 e seg. A propósito dos testemunhos literários que nós citamos acerca do conflito entre a juventude burguesa e a escola, é particularmente interessante notar que *Frühlings Erwachen* de Wedekind havia sido escrito já em 1891, mas não foi representado senão em 1906 e alcançou logo um grande sucesso. Cf. igualmente a esse respeito Stefan Zweig, *op. cit* ., p. 43 e seg.

71. Hermann Rauschning, *Gespräche mit Hitler* , p. 215 e seg.; igualmente A. Speer, *Nota para o Autor de 13 de setembro de 1969* , p. 6, assim como Hans Severus Ziegler, *Adolf Hitler aus dem Erleben dargestellt* , p. 125.

72. Thomas Mann. *G .W* ., 12, p. 775 e seg.

73. Friedrich P. Reck-Malleczewen, *Tagebuch eines Verzweifelten* , p. 27

74. H. Wagner, *Gesammelte Schriften* , Bd. 11, p. 334 e seg. Ver igualmente a esse respeito o ensaio *Kunst und Revolution* , *op. cit* ., Bd. 3, p. 35 e seg. cf. também Michael Freund, *Abendglanz Europas* , p. 226.

75. *Mein Kampf* , p. 43; igualmente A. Kubizek, *op. cit* ., p. 220.

76. Discurso no Clube Nacional de Hamburgo, ver W. Jochmann, *Im Kampf um die Macht* , p. 85.

77. Cf. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 294 e seg.; também K. Heiden, *Hitler* , Bd. I, p. 45.

Para esse episódio também, que Greiner relata, p. 40 e seg., a aceitação com reservas a que se fez alusão mais acima se impõe. No entanto, o incidente aí descrito não deixa de ter um choque psicológico plausível.

78. Em relação a este episódio relatado por J. Greiner, *loco citato* , p. 40 e seguintes, é igualmente válida a ressalva feita anteriormente de que o fato pertence a uma época em que Hanisch e Hitler já se haviam desentendido. De qualquer maneira, a passagem relatada é psicologicamente plausível.

79. *Mein Kampf* , p. 44 e 46.

30. Para mais detalhes sobre o caso, ver K. Heiden, *Adolf Hitler* , I, p. 48 e seg.

31. H. Stewart Chamberlain, *Die Grundlagen des 19 . Jahrhunderts* , Bd. I, p. 352.

32. A. Bullock, *op. cit* ., p. 32; acerca da questão em seu todo ver também Hans-Günter Zmarzlik, *Der Sozialdarwinismus als geschichtliches Problem in:* VJHfZ, 1963/3, p. 246 e seg.

33. *Tischgespräche* , p. 447, 179, 245, 361, 226; além de inúmeras passagens comparáveis nos discursos pronunciados durante a guerra.

34. Friedrich Nietzsche, *Die fröhliche Wissenschaft* , p. 113 e seg.

35. Robert Gutmann, *Richard Wagner* , p. 155, 350.

36. F. Jetzinger, *op. cit* ., p. 230 e seg.

37. *Mein Kampf* , p. 173.

38. Assim se expressou Hitler no transcorrer dos debates processuais perante o tribunal de Munique em 24 de fevereiro de 1924, cf. E. Boepple, *Adolf Hitlers Reden* , p. 96; igualmente *Mein Kampf* , p. 137.

39. Ver Thomas Mann, *G .W* ., 9, p. 176.

No ensaio intitulado *München als Kulturzentrum* , esse autor declara a propósito do contraste entre Munique e Berlim: “Nesta se fazia arte

enquanto lá a ênfase recaía sobre a política e a economia.” *G .W* ., II/396.

90. A referida obra só foi editada, é verdade, em fins da década de 1920, mas seu título, que depressa se tornou um lema, reflete bem a tendência reinante em Munique no início do século XX.

91. Cf. F. Jetzinger, *op. cit* ., p. 115; igualmente Kubizek, *op. cit* ., p. 215.

92. *Mein Kampf* , p. l35 e seg.

93. A respeito dos motivos gerais que determinaram seu afastamento de Viena, ver *Mein Kampf* , p. l34 e seg.

94. A descrição do assunto relativo à convocação para o serviço militar concorda com as constatações feitas por F. Jetzinger (*op. cit* ., p. 253 e seg.), ao qual cabe por outro lado o mérito de ter esclarecido essa questão. Seu livro reproduz também o texto da carta dirigida por Hitler ao Conselho Municipal de Linz.

95. Cf. *Mein Kampf* , p. 138 e seg., p. 163 assim como K. Heiden. *Hitler* , vol. I, p. 53.

96. Cf. W. Maser, *Adolf Hitler* , p. 94 e seg. A observação acerca da renúncia ao seu sonho de juventude foi anunciada por Hitler em presença de H. Hoffmann, a 12 de março de 1944. Cf. o protocolo extraído dos antigos arquivos do Partido, Bundes-Archiv Koblenz, NS 26/36.

97. J. Greiner, *op. cit* ., p. 119. No entanto, F. Jetzinger formulou uma dúvida quanto ao fato de que, no momento em questão, Greiner teria realmente reencontrado Hitler. Quanto ao mais, cf. K. Heiden, vol. I, p. 52 e também W. Maser, *Adolf Hitler* , p. 120, 122.

98. *Mein Kampf* , p. 173.

99. Thomas Mann, *Betrachtungen eines Unpoiitischen* , p. 461.

00. Georges Sorel tornou popular no início do século a observação de Proudhon. O texto na íntegra é este: “A guerra é o orgasmo da vida universal, que fecunda e anima o caos, prelúdio de toda criação, e que, tal qual o próprio Cristo Redentor, triunfa sobre a morte graças à morte”, citado por M. Freund, *Abendglanz Europas* , p. 9. Gabriele d’Annunzio publicou sob o título de *Cantos Sagrados* a coleção de seus poemas que preconizavam a entrada da Itália na guerra.

01. Friedrich Meinecke, *Die deutsche Katastrophe* , p. 43.

02. *Mein Kampf* , p. 179.

03. K. Heiden, *Hitler* , vol. I, p. 54. As baixas sofridas pelo regimento durante toda a guerra, incluindo-se feridos e prisioneiros, elevaram-se a 3.754 oficiais e soldados; cf. *Vier Jahre Westfront* . *Die Geschichte des Regiments List R .I .R . 16* , München, 1932. Ver igualmente Fritz Wiedemann, *Der Mann, der Feldherr werden wollte* , p. 20 e seg., assim como A. Bullock, *Hitler* , p. 48. que cita a carta de Hitler ao alfaiate Popp.

04. *Mein Kampf* , p. 180 e seg. A história do regimento registra que por ocasião do ataque de Ypres, contrariamente ao que sempre se alegou, o regimento não entoou o hino alemão, mas sim *Die Wacht am Rhein* ; cf. K. Heiden, *Hitler* , vol. I, p. 55.

05. Essa lenda é encontrada, entre outras, no livro de Philipp Bouhler, *Kampf um Deutschland* . *Ein Lesebuch für die deutsche Jugend* , Berlim, 1938, p. 30 e seg. Para uma visão ampla do assunto, ver A. Bullock, *op. cit* ., p. 49 e seg.; W. Maser, *Die Frühgeschichte der NSDAP* , p. 124 e seg.; F. Wiedemann, *op. cit* ., p. 21 e seg.; Balthasar Brandmayer, *Meldegänger Hitler* ; Hans Mend, *Adolf Hitler im Felde* assim como Adolf Meyer, *Mit Adolf Hitler im Bayerischen Reserve-Infanterie-Regiment 10 List* .

06. Cf. E. Deuerlein, *Der Aufstieg der NSDAP* , p. 77. Na página 79 encontra-se a lista de todas as condecorações e ordens militares obtidas por Hitler durante a guerra.

07. H. Frank, *op. cit* ., p. 40.

08. F. Wiedemann, *op. cit* ., p. 26.

09. *Ibid* ., p. 29. Do mesmo modo, H. Mend, *op. cit* ., p. 134: “A trincheira era seu universo e o que havia mais além não existia para ele.”

10. *Tischgespräche* , p. 323.

11. Carta de Hitler ao assessor jurídico junto ao tribunal Hepp datada de fevereiro de 1915, fotocópia no IfZ/Munique. A observação que antecede é de F. Wiedemann, *op. cit* ., p. 29. Apesar de sua forma meio

pejorativa, sua veracidade é demonstrada não só pela mencionada carta, mas mais ainda pelo fato de que ela caracteriza perfeitamente o pensamento de Hitler tal qual foi manifestado, justamente com esse propósito, a seus comensais no decorrer de seus derradeiros anos de vida. Cf. igualmente F. Wiedemann, *op. cit* ., p. 24, e *Mein Kampf* . p. 182.

12. *Mein Kampf* , p. 209 e seg.

13. *Ibid* ., p. 186 e p. 772.

14. Cf. *Mein Kampf* , p. 192; a indicação dada a Ernst Schmidt (ao qual Hitler chama erradamente "Schmiedt, Ernst" em seu livro, *op. cit* ., p. 226) foi encontrada por E. Maser; cf. igualmente uma carta endereçada a E. Schmidt datada de 6 de outubro de 1917, *in* BAK, NS 26/17a. Quanto às cartas escritas da Alemanha, ver *Mein Kampf* , p. 208

15. *Mein Kampf* , p. 201; todas as outras citações são extraídas do capítulo 6 já mencionado, *Ibid* ., p. 193 e seg.

16. Citado por O.E. Schüddekopf, *Linke Leute von rechts* , p. 78.

17. *Mein Kampf* , p. 189.

18. Cf. Conde Peter Kielmannsegg, *Deutschland und der Erste Weltkrieg* , p. 671 e também p. 662 e seg. Muitos detalhes a respeito do assunto são encontrados em E. Eyck, *Geschichte der Weimarer Republik* , I, p. 45 e seg.

19. Príncipe Max von Baden, *Erinnerungen und Dokumente* , p. 242.

20. O major Niemann, quartel-mestre de um exército, endereçou uma carta a Ludendorff em julho de 1918, alertando-o igualmente sobre o fato de contar exclusivamente com a força militar. Cf. B. Schwertfeger, *Das Weltkriegsende* . *Gedanken über die deutsche Kriegsführung* 1918, Potsdam, 1937, p. 68.

21. Cf. E. Eyck, *op. cit* ., p. 52.

22. Infelizmente os documentos relativos à saúde de Hitler desapareceram desde antes de 1933 e não foi mais possível encontrá-los. O certificado

de serviços militares de Hitler limita-se a mencionar laconicamente que ele fora “vítima da ação de gases”. Tratava-se de gás de mostarda, cuja ação não ocasiona a perda da visão, mas pode por vezes provocar cegueira momentânea ou parcial.

23. *Mein Kampf* , p. 221 e seg.

24. *Ibid* ., p. 223.

25. Informação de Speer ao autor deste livro. Hitler fez essa declaração durante visita ao castelo de Klessheim, onde Speer estava adoentado; cf. igualmente *Erinnerungen* , p. 346. O mencionado discurso foi pronunciado a 15 de fevereiro de 1942, e eis o trecho em questão: “Que significa pois um mundo que eu mesmo posso ver, se ele está oprimido, se meu povo é reduzido à escravidão? Que vejo aí portanto?” O discurso é transcrito na íntegra na obra de Hildegard von Kotze e Helmut Krausnick, *Es spricht der Führer* . *Sieben exemplarische Hitier-Reden* , Gütersloh, 1966, p. 287 e seg.; para a passagem citada, ver p. 322.

Cf. igualmente W. Maser, *Die Frühgeschichte der NSDAP* , p. 127, que menciona uma comunicação pessoal do general Vincenz Müller, segundo a qual o general von Bredow, agindo sob a ordem de Schleicher, teria declarado que a cegueira de Hitler era exclusivamente “de natureza histérica”. Em compensação, no quadro dos efetivos divulgado durante a guerra, Hitler é declarado ferido, intoxicado por gases.

26. *Mein Kampf* , p. 321.

27. *Ibid* ., p. 223 e seg.

28. De conformidade com o artigo 109 da Constituição de Weimar.

29. Conde Harry Kessler, *Tagebücher 1918-1937* , p. 173.

30. *Adolf Hitler in Franken* , p. 38 (discurso de 23 de março de 1927).

31. Assim se pronuncia Max Weber, cf. W. J. Mommsen, *Max Weber und die deutsche Politik 1890-1920* , p. 99 e seg.

32. Ernst Troeltsch, *Spectator-Briefe* , p. 69. Cf. a esse respeito Klemens

von Klemperer, *Konservative Bewegungen zwischen Kaiserreich und National-sozialismus* , p. 86 e seg.

33. Conde H. Kessler, *op. cit* ., p. 206.

34. Assim se expressa Winston Churchill, citado por E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 23. A respeito do julgamento pejorativo da Constituição de Weimar, ver Fleischmann, HdbDStR I, § 18, p. 221 e seg. Max Weber tinha deplorado igualmente a ligação estabelecida entre a democratização e as esperanças de paz: “Na Alemanha haverá quem diga futuramente que o estrangeiro lhes impôs a democracia! Eis uma triste história…”

35. *Mein Kampf* , p. 226. Sobre a questão da braçadeira vermelha, ver W. Maser, *Die Frühgeschichte der NSDAP* , p. 132. Ernst Deuerlein supôs até que durante o inverno de 1918/19 Hitler se entretivera com a ideia de ingressar no Partido Socialista; cf. *Der Aufstieg der NSDAP* , p. 80.

36. *Mein Kampf* , p. 227.

37. Alocução de Hitler de 23 de novembro de 1939 aos comandantes de exércitos, IMT PS-789, vol. XXVI, p. 328.

38. *Tischgespräche* , p. 323, assim como *Libres Propos* , p. 11, 45.

39. *Ibid* ., p. 449.

40. *Mein Kampf* , p. 225.

PRIMEIRA INSERÇÃO: A GRANDE ANGÚSTIA

1. Cf. K.B. Bracher, *Diktatur* , p. 72 e seg.

2. Ernst Niekisch em *Widerstand* , III, de 11 de novembro de 1928, igualmente Hitler no número especial do *Völk* . *Beobachter* de 3 de janeiro de 1921 assim como no discurso de 22 de setembro de 1920 ou igualmente no de 12 de abril de 1922 que incluem variações sobre esse tema. Há por outro lado um bom número de definições análogas. O *VB* de 19 de julho de 1922, por exemplo, designava a Alemanha como “a caserna onde a bolsa mundial efetuava o levantamento da opinião”, “uma colônia” das potências vitoriosas. Hitler declarou na ocasião que o governo do Reich era “o agente

de execução das decisões da Entente” enquanto a Constituição de Weimar se via difamada como “a lei incumbida das modalidades da aplicação do Tratado de Versalhes”; cf. também o discurso de Hitler de 30 de novembro de 1922 (aqui como para todos os discursos seguintes, na medida onde nenhuma fonte particular seja mencionada, ver o número correspondente do *VB*).

3. *Münchener Beobachter* de 4 de outubro de 1919. É a publicação que daria lugar depois ao *Völkischer Beobachter* ; o referido artigo é apresentado sob a forma de uma carta proveniente de um sacerdote anônimo de Basel.

4. *Krasnij Terror* , 1º de outubro de 1918, citado por E. Nolte, *Faschismus* , p. 24.

5. Memorial de Hitler sobre a organização do Partido, de 22 de outubro de 1922. Bayer. *Hauptstaatsarchiv* , Abt I, 1509. O apelo mencionado anteriormente da direção do Partido foi impresso no *VB* de 19 de julho de 1922.

6. Cf. p. ex., o discurso de 12 de abril de 1922; igualmente a respeito das duas alegações de Hitler, mencionadas antes, os discursos de 28 de julho de 1922, de 27 de abril de 1920, de 22 de setembro de 1920, de 21 de abril de 1922, assim como o artigo publicado no *VB* de 1º de janeiro de 1921. Rosenberg, que, com toda certeza, contribuíra para difundir as ideias de Hitler sobre as atrocidades que tinham como palco a Rússia, escreveu no *VB* de 15 de abril de 1922 que “sob o governo de Lênin, a Rússia se tornara um imenso cemitério, um inferno, no qual milhões e milhões de criaturas vagavam famintas, eram vítimas de moléstias epidêmicas e tinham um fim miserável nas sarjetas.” A citação seguinte foi extraída do discurso pronunciado por Hitler no Reichstag em 7 de março de 1936, cf. M. Domarus, I, p. 587.

7. É como se manifesta Hitler em seu memorando de 22 de outubro de 1922.

8. A. Rosenberg no *VB* de 1º de setembro de 1923. O memorial de Hitler fala do bolchevismo como de uma revolução que, bem além de sua significação política, “visa essencialmente a aniquilar a totalidade da civilização cristã e ocidental”.

9. K. Jaspers, *Die geistige Situation der Zeit* , p. 5.

10. *Ibid* ., p. 52 e 39; igualmente L. Klages, *Der Geist als Widersacher der Seele* , p. 1222. Em relação ao desenvolvimento das profissões liberais

durante o período mencionado, ver Emil Lederer e Jakob Marschak, *Der neue Mittelstand, in: Grundriss der Sozialökonomik* , vol. IX, I, p. 127 e seg. No que concerne à situação social e ao estado de espírito dos empregados, cujo total no transcurso dos trinta anos precedendo a Grande Guerra atingira a 600%, ver a reportagem de Siegfried Kracauer, *Die Angestellten* , Neuauflage Allensbach, 1959. Cf. também H. Bechtel, *Wirtschaftsgeschichte Deutschlands* , p. 423 e seg.

11. Ludwig Klages, *Mensch und Erde* , p. 10. A citação seguinte foi extraída do *VB* de 6 de abril de 1920.

12. O *Illustrierte Beobachter* , 1927/4, publica a foto de um imóvel de grande estilo encimando a seguinte legenda: "Assemelha-se perfeitamente a uma prisão."

13. Elfriede Friedländer, *Sozialethik des Kommunismus* , Berlim, 1920. Com relação às observações que se seguem sobre as classes médias representativas da moral comum, cf. M. Rainer Lepsius, *Extremer Nationalismus* , Stuttgart, 1966, p. 14.

14. Berthold Brecht, *Gesammelte Werke* em 20 volumes, vol. 2, Frankfurt/Main 1967, p. 561 e 562.

15. A. Rosenberg no *VB* de 27 de maio de 1922. A respeito de Picasso, ele declara que seus quadros "mostravam-se mais pesados quanto a seu colorido, mais desordenados em seu desenho, mais insolentes [!] em seus títulos". O *VB* de 6 de abril de 1920 fala dessa "arte berrante de negros e asiáticos, desse dadaísmo gaguejante dos pincéis". Cf. também as observações semelhantes de Adolf Hitler, em *Mein Kampf* , a respeito da Arte Moderna, impregnadas de sentimentos de rejeição.

16. Thorstein Veblen, *Imperial Germany and the Industrial Revolution* , p. 86.

17. J. Benda, *La trahison des clercs* , Paris, 1928, citado de acordo com F. Stern, *Kulturpessimismus* , p. 6. Uma declaração de Gregor Strasser datada de junho de 1932 constitui a esse respeito uma espécie de complemento: "Opondo-se conscientemente à Revolução Francesa, de que ele é o pólo oposto e o adversário vitorioso, o nacional-socialismo rejeita as frases feitas do individualismo que falsificou a noção germânica da liberdade interior para fazer da mesma o direito de abusar da liberdade em questão econômica. O nacional-socialismo rejeita o racionalismo, a doutrina da razão que não reconhece senão o intelecto e não percebe que a alma e o direito do sangue devem dominar o destino do povo e do estado.

Eis por quê, no fim de contas, a ideia nacional-socialista do estado assinala o término da época liberal…” Cf. G. Strasser, *Kampf um Deutschland* , Munique, 1932, p. 381 e seg.

18. F. Nietzsche, *Morgenröte* em *Obras* , I, p. 1145.

19. H. Bahr, *Der Antisemitismus* . *Ein internationales Interview* . A obra de Bahr resulta de conversações mantidas com numerosos escritores alemães e europeus assim como personalidades oficiais.

20. Werner Sombart, *Die Juden und das Wirtschaftsleben* , p. 140 e seg., assim como numerosas declarações a esse respeito feitas por Eva G. Reichmann, *Flucht in den Hass* , p. 82 e seg. Cf. igualmente sobre esse detalhe Franz Neumann que, desde 1942, expressava no *Behemoth* , p. 121, a opinião segundo a qual o antissemitismo era extremamente reduzido na Alemanha e “o povo alemão o menos antissemita de todos”; eis precisamente o fator que fez do antissemitismo a arma apropriada para Hitler.

21. *Tagebuch* de 21 de setembro de 1929, citado conforme K. Sontheimer, *Antidemokratisches Denken* , p. 129.

22. *VB* de 6 de abril de 1920; Arthur Moeller van den Bruck aborda aí “a insensatez alemã que consiste em adotar todas as ideias dos ocidentais”, como se fosse uma honra ser admitido no círculo dos países liberais.

23. Clérigo dr. Büttner, *Die sozialistisclien Kinderfreunde, in: Gelbe Hefte* , 1931/VII, p. 263. A declaração de E. Niekisch que se segue figura em *Entscheidung* , Berlim, 1930, p. 118

24. Cf. sobre esse detalhe S. Kracauer, *op. cit* ., p. 5 e seg.

25. Hans Speier, *The salaried employees* , citado segundo D. Schoenbaum, *Die braune Revolution* , p. 37. Encontra-se aí também a indicação de que o número das sucursais dos grandes magazines passara de 101 para 176, ou seja, quase o dobro, de 1925 a 1929.

26. Cf, F. Jetzinger, *op. cit* ., p. 115; igualmente A. Kubizek, *op. cit* ., p. 215. assim como *Tischgespräche* , p. 30.

27. *Libres Propos* , p. 225. Após as refeições, Hitler tinha o costume de enxaguar a boca; ao ar livre, ele sempre usava luvas, pelo menos nos derradeiros anos. Ver igualmente A. Kubizek, *op. cit* ., p. 286. O receio de contrair uma doença venérea era um traço permanente daquela geração.

Stefan Zweig conta em *Die Welt von gestern* , p. 105 e seg., até que ponto, precisamente em Viena, essa preocupação dominava a imaginação popular.

28. As citações e indicações foram extraídas, na ordem, do *VB* de 3 de março de 1920, 12 de setembro de 1920 e de janeiro de 1923, de *Mein Kampf* , p. 255 e seg. e 279 e seg. Cf. igualmente para exame mais amplo da questão E. Nolte, *Der Faschismus in seiner Epoche* , p. 480 e seg. onde o autor assinala a importância da motivação da angústia no comportamento geral de Hitler. Do mesmo modo em suas *Notizen zu Theorie der Diktatur* . Franz Neumann sublinhou o papel restituído à angústia no estado totalitário, cf. também *Demokratischer und autoritärer Staat* , p. 242 e seg. e p. 261 e seg. com a afirmação segundo a qual em sua fase presente a Alemanha tomara-se "o país da alienação e da angústia".

29. *Tischgespräche* , p. 471.

30. *Adolf Hitler in Franken* , p. 152; igualmente o *VB* de 1º de janeiro de 1921 assim como o de 10 de março de 1920 que apareceu com o *slogan* publicado na primeira página: "Liquidaremos com os judeus!" O artigo exigia a expulsão de todos os judeus imigrados após 1º de agosto de 1914 e esperava que todos os outros fossem demitidos de seus empregos de funcionários, dos órgãos da imprensa, dos teatros e dos cinemas. Esperava, por outro lado, que eles fossem internados num campo de concentração particular.

31. *Mein Kampf* , p. 70 e seg.; igualmente *Ibid* ., p. 270, 272, 324.

32. Stefan George, *Das Neue Reich* .

33. Galeazzo Ciano, *O Diário do Conde Ciano 1937/38* , p. 13. A respeito da declaração de Hitler, cf. o discurso de 17 de abril de 1923, transcrito por E. Boepple, *op. cit* ., p. 51. Também E. Nolte, *Der Faschismus in seiner Epoche* , p. 395, classifica a utilização prática da política pelos movimentos fascistas de "continuação da guerra por meios semelhantes". R. Vierhaus, *Faschistisches Führertum, in: Historische Zeitschrift* , vol. 198, p. 623, fala da "ficção da guerra permanente".

34. Th. Mann, *Doktor Faustus* , p. 597.

35. F.T. Marinetti, *I Manifesti del Futurismo* , Milão, 1920, vol. I, p.36.

36. Cf. *VB* de 2 de agosto de 1922.

37. K. Heiden, *Geburt* , p. 266; a respeito da observação seguinte de Hitler, ver *Tischgespräche* , p. 144.

38. Giovanni Gentile, *Manifesto degli intellettuali fascisti agli intellettuali di tutte le nazioni* de 21 de abril de 1925, citado por E. Nolte, *Theorien* , p. 112.

39. *Ibid* ., p. 56; a respeito da observação de Hitler sobre a disposição das pessoas a agirem contra seus interesses, cf. *A . Hitler in Franken* , p. 119 e seg.

40. Benito Mussolini, *La dottrina del fascismo* , reproduzido em E. Nolte, *Theorien* , p. 220; *Ibid* ., a citação seguinte, p. 216.

41. Cf. J.L. Talmon, *Politischer Messianismus* , vol. II, p. 444 e seg.

42. George L. Mosse, *Die Entstehung des Faschismus, in: Internationaler Faschismus 1920-1945* , publicado por Walter Laqueur e George L. Mosse, p. 29.

PARTE II – O CAMINHO DA POLÍTICA

1. Hanns Hubert Hofmann, *Der Hitlerputsch* , p. 53.

2. Tais são os termos do apelo de Eisner datado de 8 de novembro de 1918, citado em *Ursachen und Folgen* , vol. III, p. 104.

3. “Elementos estranhos à raça e ao país”, “judeus estrangeiros politiqueiros”, “canalhas estrangeiros sem escrúpulos”, “evadidos das prisões e das casas de detenção”, “espiões” e “agitadores”, tais eram as expressões utilizadas nos apelos de cunho oficial, entre outros o do partido popular bávaro de 9 de abril de 1919, do *Landstag* bávaro de 19 de abril, ou o relatório do comandante militar bávaro de 15 de julho intitulado *Die bolschewistische Gefahr und ihre Bekämpfung* ; cf. a esse respeito Georg Franz-Willing, *Die Hitlerbewegung* , p. 32 e seg. Uma propaganda grosseira tendia a igualar Eisner a Lewien, Leviné ou Axelrod, que eram, de fato, *emigrés* russos; os efeitos dessa campanha ainda são sentidos atualmente.

4. Cf. Erich Otto Volkmann, *Revolution über Deutschland* , p. 222. Convém acrescentar que Toller e Mühsam não conseguiram dar força de lei a seu

sonho senão durante alguns dias; a seguir eles assistiram à substituição de sua visão idílica pelo tipo mais duro possível de uma república de sovietes operários calcada no modelo soviético, à frente da qual se colocaram Lewien, Leviné e Axelrod, todos de origem russa.

5. Josef Hofmiller, *RevolutionsTagebuch 1918/19* , p. 211. Se nos ativermos às constatações da polícia relativas ao número de vítimas, nos combates encarniçados ocorridos entre 30 de abril e 8 de maio de 1919 houve 557 mortes. Um relatório do Instituto Militar relativo à história da guerra publicado em 1939 sob o título *Die Niederschlagung der Räteherrschaft in Bayern 1919* esclarece a esse respeito: "Dessas 557 vítimas, 38 soldados brancos e 93 soldados vermelhos tombaram em combate, assim como 7 cidadãos alemães e 7 russos. Por fim, 42 membros do Exército Vermelho e 144 habitantes foram fuzilados em virtude de uma sentença ditada por um conselho de guerra. Cerca de 184 pessoas foram mortas em consequência de sua própria imprudência ou de uma contingência infeliz. Em 42 casos, a *causa mortis* não pôde ser estabelecida. Por fim, foram registrados 303 feridos." W. Maser, *Die Frühgeschichte der NSDAP* , p. 40 e seg., apresenta outras cifras. Cf. igualmente Emil Julius Gumbel, *Verräter verfallen der Feme* , p. 36 *passim* .

6. Citado por G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 31

7. Cf. quanto aos detalhes F.W. von Oertzen, *Die deutschen Freikorps 1918-1923* , que fornece numerosos outros nomes e especificações. Ver igualmente G. Franz-Willing, p. 31 e seg. assim como as inúmeras pesquisas de opinião acerca do problema das relações entre o Reichswehr e a república.

8. Cf. sobre esse tema Giovanni Zibordi, *Der Faschismus als antisozialistische Koalition, in: Theorienüber den Faschismus* , editado por Ernst Nolte, p. 86. A diretiva mencionada foi dada sob a forma de instrução expedida pelo comando militar em 28 de maio de 1919 a respeito da propaganda junto às tropas, citada por G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 37.

9. Cf. *Mein Kampf* , p. 229; referência à noção errônea de Feder relativa ao "cálculo da sujeição da taxa de lucros", que ele, na qualidade de diretor do curso, se propunha popularizar. W. Maser (*Die Frühgeschichte der NSDAP* , p. 135), comentando a observação de Hitler, nota que, dessa maneira, ele "não tinha pois [!] abordado a discussão no decorrer de seus estudos sobre o marxismo em Viena"; eis aí, sem dúvida, algo que resulta numa visão inusitada da situação!

Entre os outros oradores do curso figuravam ainda o Conde Karl Bothmer (escritor), o dr. Pius Dirr (deputado do partido democrata), Gottfried Feder (engenheiro), o professor Josef Hofmiller, o dr. Michael Horlacher (administrador de uma cooperativa agrícola e membro importante do partido popular bávaro), assim como o professor Karl Alexander von Müller. O professor Du Moulin, Eckart e o famoso higienista Max von Gruber participaram do curso na qualidade de conferencistas ocasionais.

10. Karl Alexander von Müller, *Mars und Venus* , p. 338 e seg.

11. Cf. Ernst Deuerlein, *Hitlers Eintritt in die Politik und die Reichswehr, in* : VJHfZ, 1959/2, p. 179. Além disso, Hitler não foi promovido a "oficial instrutor" como ele declara em *Mein Kampf* , p. 235, mas sim escolhido como "informante da polícia" (*V-Mann*). Há um ponto que pode ser discutido, isto é, se ao falsear os fatos ele aspirava obter o prestígio conferido no seio da burguesia e do exército à função de instrutor ou se então desejava escapar à duvidosa reputação de V-Mann.

12. Cf. E. Deuerlein, *Hitlers Eintritt* , *op. cit* ., p. 198 e seg.

13. A carta de Hitler, datada de 16 de setembro de 1919, é transcrita na íntegra na documentação mencionada de E. Deuerlein, p. 201 e seg. O trecho citado, como ademais todos os outros documentos originais citados, é reproduzido em sua versão original, quer dizer, com todas as falhas de ortografia, erros de pontuação etc.

14. O nome verdadeiro de Sebottendorf não pôde ser apurado com segurança. Ainda que por vezes o mencionem como sendo Rudolf Glauer e que indiquem a Silésia como sua terra natal, segundo outros documentos, ele se chamaria realmente Erwin Tore e teria nascido no Saxe. Ele passou na Turquia os anos que antecederam a Grande Guerra e retornou à Alemanha em 1917, com recursos financeiros muito amplos de origem desconhecida. Após sua intervenção política na Baviera, ele saiu de cena novamente em 1919 e esteve em Istambul, no México e nos Estados Unidos, antes de reaparecer uma vez mais na Alemanha após a tomada do poder por Hitler a fim de reerguer a associação Thule. Mas não permaneceu ali por muito tempo e as circunstâncias e o objetivo de suas atividades permaneceram obscuros, tanto como seu fim. Alguns afirmam que se estabeleceu na Suíça, outros supõem que, sendo uma testemunha incômoda dos primeiros tempos do Partido, ele foi eliminado. Cf. entre outros K.D. Bracher, *Die deutsche Diktatur* , p. 87; também Dietrich

Bronder, *Bevor Hitler kam* , p. 232 e seg., que é rico em detalhes sobre o assunto. O livro de Bronder ostenta, além disso, o mesmo título das memórias publicadas por Sebottendorf no início da década de 1930.

15. Cf. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 87.

16. Cf. G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 63.

17. A nova fundação já se chamava "Associação nacional-socialista dos trabalhadores alemães" e é possível que tenha sido criada porque, devido a razões mal-esclarecidas, Karl Harrer não participara da assembleia inaugural e ficara, assim, sem função e sem qualificação.

18. As "diretivas" foram reproduzidas em *Ursachen und Folgen* , vol. III, p. 212 e seg.

19. K. Heiden, *Hitler* , vol. I, p. 100.

20. G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 66 e seg. Levado pelo desejo de minimizar a importância do partido antes da sua filiação ao mesmo, Hitler indicara ser de 20 a 35 o número dos membros. No entanto, a lista pertinente da sucessão de Karl Harrer faz menção a 46 pessoas que participavam das sessões; cf. W. Maser, *Die Frühgeschichte* , p. 158 e seg. Para a descrição das origens do partido, devida a Hitler, cf. *Mein Kampf* , p. 237 e seg.

21. A fim de minimizar a importância de Drexler, Hitler se absteve de mencioná-lo ("Eu não cheguei a escutar bem seu nome"), mas fala sempre "desse operário". Quando se via forçado a mencionar Drexler na qualidade de presidente aí o fazia sem indicar que este lhe remetera a obra em questão. Cf. *Mein Kampf* , p. 238 e seg.

22. Cf. *Mein Kampf* , p. 240 e seg. assim como Adolf Hitler, *10 Jahre Kampf* em *Illustrierter Beobachter* , 4º ano, 1929/31, de 3-8-1929.

23. Ver a esse respeito K.D. Bracher, *Adolf Hitler* , p. 12. Acerca da sua tendência a tomar decisões na base do cara ou coroa, cf. Albert Zoller, *Hitler privat* , p. 175.

24. *Mein Kampf* , p. 390 e seg.

25. *Ibid* ., p. 388, 390 e ainda 321.

A. Kubizek, *op. cit* ., p. 27. A respeito das indicações fornecidas por

26. Hitler sobre sua profissão, cf. o protocolo do serviço de informações políticas de Munique, criado pelo chefe de polícia local para vigiar a atividade política da população e que registra a manifestação do DAP-*Deutschen Arbeiter Partei* , Partido dos Trabalhadores, de 13 de novembro de 1919, na qual Hitler discursou; transcrito por E. Deuerlein, *Hitlers Eintritt, in* : VJHfZ, 1959/2, p. 205 e seg.

27. De acordo com uma frase famosa de Proudhon sobre o acontecimento que determinou seu próprio despertar político; citado por W. Sombart, *Der proletarische Sozialismus* , Iena, 1924, vol. I, p. 55.

28. A. Hitler, *Das Braune Haus, in: VB* de 21 de fevereiro de 1931.

29. Cf. o protocolo do serviço de informações políticas de Munique por Reginald H. Phelps. *Hitler als Parteiredner im Jahre 1920, in* : VJHfZ., 1963/3, p. 292 e seg., no qual se encontra igualmente a história da descoberta dos documentos aí reproduzidos. O relato da manifestação exagerado de maneira legendária por Hitler é encontrado em *Mein Kampf* , p. 400 e seg.

30. Cf. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 107; *Mein Kampf* , p. 405 e seg.

31. Segundo Gottfried Griessmayr, *Das Völkische Ideal* , reproduzido sob forma manuscrita, p. 77.

32. Por muito tempo subestimou-se a importância do programa no qual se viu com freqüência um simples estratagema publicitário. Chegou-se assim a ignorar o aspecto sério e a sinceridade inquieta dos que o elaboraram; o próprio Hitler não desempenhava ainda naquela época o papel que essa interpretação deixa supor. Recentemente, outros comentários foram formulados testemunhando uma análise mais cuidadosa, cf., p. ex., Hans-Adolf Jacobsen e Werner Jochmann, *Kommentar zu ausgewählten Dokumenten zur Geschichte des Nationalsozialismus* , p. 24, ou Ernst Nolte, *Epoche* , p. 392. Uma tese diferente é defendida, principalmente por K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 93.

33. Sobre esse aspecto assim como acerca das motivações e condições nas quais se processaram os agrupamentos sóciorracistas, ver. p. ex. F.L. Carsten, *Der Aufstieg des Faschismus in Europa* , principalmente p. 96 e seg.

34. *Mein Kampf* , p. 234; a propósito da teoria de Gottfried Feder, Hitler falou de uma “senha poderosa”, *op. cit* ., p. 233; os ataques aos teóricos racistas

estão contidos na mesma obra, p. 395 e seg. Ver igualmente p. 186 e seg.

35. Otto Strasser, *Mein Kampf* , p. 19.

36. Georg Schott no prefácio à versão popular do hitlerismo publicado em 1924, *Das Volksbuch vom Hitler* .

37. K. Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus* , p. 11. A respeito da observação seguinte de Hitler, ver Rauschning, *Gespräche* , p. 225.

38. Sobre os protocolos de Sião, cf. Günter Schubert, *Die Anfänge der nationalsozialistischen Aussenpolitik* , p. 33 e seg. Em seu primeiro discurso de 13 de agosto de 1920, de que o texto completo chegou até nós, Hitler explorou numerosos temas dos "Protocolos", conforme estabeleceu R.H. Phelps. Cf. VJHfZ, 1968/4, p. 398.

39. Cf. *Mein Kampf* , p. 186 e seg. onde Hitler afirma que "movimentos dotados de um certo fundamento intelecual (…) não podem ser destruídos daqui em diante senão por adversários que se mostrem animados de uma ideia nova e explosiva ou de uma concepção do mundo inédita". Duas páginas depois ele escreve: "Toda tentativa de combater uma filosofia pela força está condenada ao fracasso, caso a luta não assuma a forma de um ataque em favor de uma nova ideologia." O discurso de Hitler de 13 de agosto de 1920, já mencionado, sustenta a mesma tese, *op. cit* ., p. 415 e 417.

40. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 174 e seg.

41. *Mein Kampf* , p. 544.

42. Na verdade, a lista dos membros que parece datar de janeiro de 1920 não faz menção expressa a soldados profissionais. Contudo, sabendo-se que na época Hitler, ainda não desmobilizado e envergando sempre o uniforme, consta como exercendo uma profissão civil, somos levados a supor que os referidos membros designados como "soldados" o eram por profissão. Além disso, a lista é incompleta (p. ex., os nomes de Dietrich Eckart ou de Friedrich Krohn aí não aparecem), a indicação de uma profissão dos mesmos é omitida por vezes. No todo, essa lista só representa um ponto de referência que não autoriza certas conclusões taxativas. Os grupos proporcionalmente mais fortes são os de operários e artesãos, que sendo indiferenciados só poderiam figurar globalmente (51 membros), representantes de profissões liberais ou intelectuais (30),

profissões comerciais (29), empregados (16). O resto era composto de donas de casa, artistas, funcionários e diversos outros. *Hauptarchiv der NSDAP* , NS 26/Nr. 111, Bundesarchiv Koblenz.

43. Cf. G. Franz-Willing, p. 83 e seg., Krohn, um dos primeiros membros do partido, que foi claramente o autor de numerosas sugestões no plano ideológico e prestou inúmeros serviços, havia igualmente convidado Drexler para a primeira assembleia geral em Starnberg. Quando Drexler, ao entrar na sala, percebeu a bandeira diante do estrado, exclamou: “Eis a bandeira de nosso partido!” No dia seguinte, o comitê dirigente do partido adotaria a flâmula e a insígnia partidária foi desenhada de acordo com esse modelo. Krohn, todavia, sugeriu que a cruz gamada fosse voltada para a esquerda, mas sua sugestão não foi aceita. Ele tinha escolhido igualmente as cores negro-branco-vermelho justificando assim essa escolha: “Negro em sinal de luto pela guerra perdida, branco como símbolo da inocência de nosso partido no desencadeamento da guerra de 1914/18 (protesto contra a mentira da responsabilidade pela eclosão do conflito) e vermelho significando amor pela pátria e sobretudo o amor por nossas províncias perdidas.” Hitler, em compensação, justificava a escolha assim: “O vermelho representa a ambição social do movimento, o branco simboliza nosso nacionalismo, a cruz gamada a missão de luta pelo triunfo do homem ariano ao mesmo tempo que a da ideia do trabalho criador, já que ela sempre foi e será antissemítica.” Cf. *Mein Kampf* , p. 557. W. Maser atribui a Hitler um papel infinitamente mais importante sem, no entanto, robustecer sua tese com argumentos satisfatórios.

44. Reproduzido por G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 87.

45. Discurso de 13 de agosto de 1920 na Hofbräu de Munique, transcrito em VJHfZ, 1968/4, p. 418; igualmente o discurso de 15 de maio de 1920 na Hofbräu de Munique, cf. Deuerlein, *Hitlers Eintritt in die Politik und die Reichswehr* , *in* : VJHfZ, 1959/2, p. 213 (Dok. 21).

46. G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 71; igualmente E. Deuerlein, *op. cit* ., e R.H. Phelps, *op. cit* ., p. 301 e seg.

47. E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 211 (Dok. 19) e p. 215 (Dok. 24).

48. Citado por K. Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus* , p. 42.

49. Rudolf Olden, *Hitler* , p. 75.

50. E. Nolte, *Krise* , p. 200; igualmente *Epoche* , p. 397. A respeito da mencionada carta de Hess, ver W. Maser, *op. cit* ., p. 288 e seg.

51. Dietrich Eckart reconheceu no *VB* de 15/7/1922 que havia recebido do general von Epp 60 mil RM. O jornal custava 120 mil marcos e tinha por outro lado 250 mil de dívidas que foram igualmente assumidas pelo Partido. O próprio Hitler declarou ter pago por sua leviandade naquela época “muito dinheiro” e parece que o partido teve de arcar com essas dívidas até 1933. O funcionamento do jornal foi garantido pelo fato de que todo membro do partido se comprometeu a comprar o *VB* ; a partir de janeiro de 1921 se exigiu de cada um além da sua cota de membro 0,50 RM, soma igual destinada a manter o jornal do partido. A tiragem permaneceu estacionária de início, depois caiu para 8 mil, antes de alcançar a cifra de 17 mil assinantes na primavera de 1922; ver Dietrich Orlow, *The History of the Nazi Party 1919-1933* , p. 22.

52. Relato de Heinrich Derbacher de um encontro com Dietrich Eckart em janeiro de 1920, documentação deixada por Anton Drexler; citado por E. Deuerlein, *Der Aufstieg der NSDAP* , p. 104; cf. igualmente E. Nolte, *Epoche* , p. 403 que contém outras citações.

53. Paul Hennann Wiedeburg, Dietrich Eckart (*Dissertation Erlangen*), Hamburgo, 1939; citado por E. Nolte, *op. cit* ., p. 404.

54. O. Strasser, *Mein Kampf* , p. 17. A indicação relativa ao entusiasmo que Hitler manifestava por Wagner nos salões me foi dada por Ernst Hanfstaengl.

55. K. Heiden, *Hitler, Eine Biographie* , citado por A. Bullock, p. 78 e seg.

56. E. Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 128, e também K.G.W. Luedecke, *op. cit* ., p. 98

57. Karl Alexander von Müller, *Im Wandel einer Welt, Erinnerungen* , vol. III, p. 139

58. *Tischgespräche* , p. 193; Hitler menciona todavia expressamente que Frau Hoffmann não experimentava idênticos sentimentos de ciúme.

59. Cf. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 130 e seg.

60. M. Broszat, *Der Staat Hitlers* , p. 66.

Tais são os termos empregados pelo manifesto anônimo dos descontentes

61. no seio do partido datado de 20 de julho de 1921; a observação atribuída a Hitler a propósito de Esser provém da mesma fonte; ela é utilizada por G. Franz-Willing, p. 117. A respeito da opinião de que Esser era um "orador demoníaco", cf. K. Heiden, *Geschichte* , p. 27.

62. *Libres Propos* , p. 151.

63. Nota do arquivo do Ministério dos Negócios Exteriores, que fez expressamente um inventário dos recursos financeiros e das fontes de renda do futuro Kampfbund, de que o contador e o capitalista era Scheubner-Richter; cf. E. Deuerlein, *Der Hitlerputsch* , p. 386 e seg.

64. *Hitler's Table Talk* , p. 665.

65. Cf. a esse respeito G. Schubert, *Anfänge* , p. 125 e seg. com numerosas referências bibliográficas; ver igualmente E. Nolte, *Epoche* , p. 404, que atribui a Dietrich Eckart uma influência bem mais importante.

66. A carta é datada de 8/2/1921 e se encontra transcrita em parte por G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 103.

67. A carta mencionada aqui, na qual Drexler expressa a opinião de que dispunha do maior apoio entre os membros, não se podendo, desse modo, ver nisso "um verdadeiro perigo para o partido", pode ser consultada no Bundesarchiv Koblenz NS 26/76.

68. Assim se manifesta Alfred Brunner em carta a um amigo de Bielefeld que compartilha suas convicções, ef. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 100.

69. Cf, principalmente os discursos *in* : VJHfZ, 1963/3, p. 289 e seg. assim como VJHfZ, 1968/4, p. 412 e seg.

70. *Ibid* ., p. 107 e seg. Aí se achará igualmente o texto da resposta do comitê do partido citado em seus trechos mais importantes.

71. O projeto de proclamação era assinado por Benedict Settele, um dos adversários de Hitler no seio do comitê. Foi ele, por outro lado, quem se tornou antes de tudo suspeito de ser o autor do tal manifesto anônimo. Na realidade mais tarde se descobriu que essa autoria pertencia ao comerciante Ernst Ehrensperger. Cf. sobre a questão em seu todo G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 114.

72. Citado em *Rudolf Hess, der Stellvertreter des Führers* , editado sem menção ao seu autor na coleção Zeitgeschichte, Berlim, 1933, p. 9 e seg.

73. É como se manifestou o primeiro chefe do partido, Rudolf Schüssler, numa declaração à polícia em 25 de julho de 1921; Cf. G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 115.

74. Assim se pronuncia Hitler numa declaração prestada ao procurador-geral, a 16 de maio de 1923, *Ibid* ., p. 138.

75. Citado de acordo com K. Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus* , p. 82. Cf. igualmente *Mein Kampf* , p. 549 e seg. assim como o discurso de Hitler no Clube Nacional em W. Jochmann, *Im Kampf um die Macht* , p. 84 e seg.

76. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 81; para a citação seguinte, cf. PND Bericht de 9 de novembro de 1921, HA 65/1482.

77. *Mein Kampf* , p. 564 e seg.

78. Philipp Bouhler, *Kampf um Deutschland* , p. 48 e seg.

79. Discurso de 1º de agosto de 1923, citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 72.

30. Relatório policial de 6/12/1922, arquivos do Ministério do Interior bávaro, citado segundo G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 144.

31. Hitler no *Völkischer Beobachter* de 30 de agosto de 1922; cf. igualmente *Mein Kampf* , p. 109.

32. Instrução relativa à fundação de seções regionais, reproduzida por Albrecht Tyrell, *Führer befiehl…* p. 39. K.G.W. Luedecke, *op. cit* ., p. 101. Cf. igualmente sobre esse assunto G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 126 e seg.; também W. Maser, *Die Frühgeschichte* , p. 254 e seg. No partido, tal como tinha sido reorganizado em 1925, após a saída de Hitler da prisão de Landsberg, o princípio em questão não estava mais em vigor; uma moção proposta nesse sentido pela seção local de Ilmenau no congresso do partido de 1926 em Lolimar foi rejeitada sem debates, "tendo em vista que o movimento era a favor da liberdade na escolha dos chefes". cf. HA 21/389.

33. K. Heiden, *Geschichte* , p. 34, assim como Deuerlein, *op. cit* ., p. 159.

34. Discurso de 20 de abril de 1923, citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 54 e *passim* ; cf. igualmente R.H. Phelps, *op. cit* ., p. 301.

Mein Kampf , p. 527.

35.

36. *Tischgespräche* , p. 261 e seg., onde Hitler enumera todo um catálogo de táticas e estratagemas pessoais; cf. igualmente *Mein Kampf* , p. 559 e seg. assim como K. Heiden, *Geschichte* , p. 28.

37. K.A. von Müller, *op. cit* ., p. 144 e seg. A citação precedente de Hitler foi extraída de um artigo publicado no *VB* de 8 de fevereiro de 1921.

38. *Aussenpolitik* , p. 57. O primeiro discurso pronunciado nessa época, cujo texto tinha sido conservado na íntegra — “Por que somos antissemitas?” — fornece um exemplo particularmente expressivo do estilo oratório de Hitler, de seus temas favoritos e preconceitos. Cf. R.H. Phelps, *in* : VJHfZ, 1968/4, p. 401 e seg.

39. Discurso de 6 de agosto de 1923, transcrito em *Adolf Hitler in Franken* , p. 20, assim como o discurso de 5 de set. de 1920 e de 1º de maio de 1923, citados por R.H. Phelps *in* : VJHfZ, 1963/3, p. 314. Sobre as intervenções retificadoras de Drexler, cf. p. ex. os relatórios do PND nas reuniões de 5 e 24 de nov. de 1920.

90. Discurso de 20 de abril de 1923, citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 56; também R.H. Phelps VJHfZ, 1968/4, p. 400 e igualmente VJHfZ, 1963/3, p. 323.

91. Em continuação ao trecho aqui transcrito, lê-se o seguinte: “Intenso alvoroço na sala.” Discurso de 12 de abril de 1922, citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 20.

92. Citado por K. Heiden, *op. cit* ., p. 27; também o discurso de 10 de abril de 1923, citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 42.

93. Normann H. Bayness, *The speeches of Adolf Hitler* , vol. I, p. 107; também R.H. Phelps, *in* : VJHfZ, 1963/3, p. 299.

94. *Tischgespräche* , p. 451, assim como K. Heiden, *op. cit* ., p. 109. Sobre a observação seguinte de Hitler, cf. *Mein Kampf* , p. 522.

95. Cf. E. Boepple, *op. cit* ., p. 95 e 67; também K. Heiden, *op. cit* ., p. 60.

96. Kurt G.W. Luedecke, *I knew Hitler* , p. 22 e seg. Também E. Hanfstaengl, *Zwischen Weissem und Braunem Haus* , p. 43.

97. Cf. o discurso de Hitler de 12 de abril de 1922, citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 21. A “festa de Natal alemã” de 1921, p. ex., se iniciou por um poema, foram entoados em seguida cânticos, por mezzo-sopranos, de

Beethoven e Schubert; logo após executou-se ao piano “Gewitterzaubers und Einzugs der Götter in Walhall” baseado em “O Ouro do Reno” e por fim uma seleção de músicas natalinas que foi seguida de um discurso de Hitler. A “parte leve” do espetáculo foi aberta com música popular bávara, sendo o ponto culminante o número do humorista bávaro Weiss Ferdl; cf. IfZ München, FA 104/6.

A respeito do número dos membros mencionado anteriormente, cf. G. Rühle, *Das Dritte Reich. Die Kampfjahre* , p. 75.

98. Assim diz a *Wiener Neue Presse* ; citada por E. Röhm, *Geschichte eines Hochverräters* , p. 152.

99. Cf. *Tischgespräche* , p. 224.

00. Cf. E. Röhm, *op. cit* ., p. 125. O calção de banho vermelho foi encarado como uma resposta sarcástica a uma foto publicada na primeira página do *Berliner Illustrierten* que tinha ferido os conceitos severos do país em questão de autoridade ao mostrar o presidente do Reich com o ministro da Defesa da época, Noske, em traje de banho. Acerca do caso da expulsão, cf. E. Niekisch, *Gewagtes Leben* , p. 109, assim como E. Deuerlein, *Der Hitlerputsch* , p. 709.

01. Cf. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 156.

02. Discurso de 14 de outubro de 1922 durante a “jornada alemã” de Coburgo; mencionado por E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 709; também *Tischgespräche* , p. 133 e seg., assim como Ernst Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 78.

03. Cf. Wilhelm Hoegner, *Der schwierige Aussenseiter* , p. 48, assim como K. Heiden, *Geschichte* , p. 50. Acerca da arrogância ostentada após Coburgo, cf. K.G.W. Luedecke, *op. cit* ., p. 61. Muitos anos depois, em conversa com Luedecke, Hitler declarou que Coburgo fazia parte de suas lembranças preferidas.

04. Nota de A. Speer ao autor desta obra. Speer assistiu pessoalmente à cena; “Wolfsburg” era o nome de uma propriedade localizada naquela região.

05. Citado por K. Heiden, *op. cit* ., p. 51; cf. também James H. McRandle, *The track of the wolf* , p. 4. A propósito dos métodos de estilização mencionados, cf. K. Luedecke, *op. cit* ., também E. Hanfstaengl, *op. cit*

., p. 56, assim como J. Greiner, *op. cit* ., p. 126, e K.L. Liebenwerda. HA BAK, NS Nr. 547.

06. Cf. K. Heiden, *Geschichte* , p. 110.

07. Assim se exprime o almirante von Tirpitz em carta endereçada a seu genro Ulrich von Hassel; citado por H. von Kotze/H. Krausnick, *Es spricht der Führer* , p. 26; igualmente A. Kubizek, *op. cit* ., p. 203.

08. Discurso de 30 de janeiro de 1936; citado por M. Domarus, p. 570.

09. *Libres Propos* , p. 212. A respeito da citação feita ao final do capítulo, ef. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 13.

10. *VB* de 2 de agosto de 1922.

11. Segundo uma indicação dada por Hitler, cf. W. Görlitz/H.A. Quint, p. 185.

12. Pierre Viénot, *Ungewisses Deutschland* , p. 67.

13. E. Nolte, *Krise* , p. 92.

14. É como aparece num relato de 16 de janeiro de 1923 acerca de um discurso de Hitler no café Neumayer; cf. G. Schubert, *op. cit* ., p. 198. Ficou decidida a exclusão de diversos membros do partido a se crer numa informação dada por Otto Strasser; cf. W. Maser, *Frühgeschichte* , p. 368 e seg.

15. K. Heiden, *Geschichte* , p. 113. Sobre o encontro de Hitler com von Seeckt, ver H. Meier-Welcker, *Seeckt* , p. 363 e seg. com outras indicações; para a outra conversação mencionada. cf. E. Röhm, *op. cit* ., p. 169.

16. Cf. Thilo Vogelsang, *Reichswehr, Staat und NSDAP* , p. 118. Ver também A. Krebs, *op. cit* ., p. 121 e seg.

17. E. Boepple, *op. cit* ., p. 65, igualmente K. Heinden, *op. cit* ., p. 112. Também M. Domarus, p. 580 (entrevista concedida por Hitler a Bertrand de Jouvenel).

18. *Ibid* ., p. 75.

19. Cf. W. Maser, *op. cit .*, p. 405, que fornece um bom número de detalhes sobre o que é tratado aqui. Outras indicações em K. Heiden, *op. cit .*, p. 143 e seg.; G. Franz-Willing, *op. cit .*, p. 177, assim como A. Bullock, *op. cit .*, p. 79 e seg., que, devido à descoberta tardia de fontes de informação a esse respeito, não concede muita importância ao apoio dos capitalistas estrangeiros.

20. G. Franz-Willing, *op. cit .*, p. 182. Cf. também K. Luedecke, *op. cit .*, p. 99; este último relata que uma senhora de uns cinquenta anos que retornou à sua atividade após ter ouvido Hitler discursar e doou de modo espontâneo ao partido a herança que ela acabara de receber. Ver igualmente, para esclarecimentos mais amplos, Dietrich Orlow, *History of the Nazi Party* , p. 108 e seg.

21. Assim se expressou o antigo oficial de marinha Helmuth von Mücke, que fez parte no início dos círculos dirigentes do Partido e se pronunciou em julho de 1919 numa carta aberta ao Reichstag sobre os métodos de financiamento do partido; cf. *Verhandlungen des Reichstags* , vol. 444, p. 138 e seg.

22. Cf. W. Maser, *Frühgeschichte* , p. 140 e seg.; também K. Heiden, *Geschichte* , p. 46, assim como Walter Laqueur, *Deutschland und Russland* , p. 76 e seg.

23. Mencionado por G. Franz.Willing, *op. cit .*, p. 195; *Ibid .*, p. 226, o apelo a um levante anticapitalista mencionado anteriormente.

24. Ver *VB* de 18 a 23 de abril de 1923 e de 31 de janeiro e 22 de março de 1923.

25. Assim se expressa Eduard Nortz numa apreciação da conversa; carta ao promotor-geral Dresse datada de 23/5/1923, cf. Ehemaliges Hauptarchiv der NSDAP, BAK, NS 26/104.

26. K. Heiden, *Adolf Hitler* , I, p. 162.

27. Cf. o relatório detalhado do enviado wurtemburguense Moser, citado por E. Deuerlein, *Der Hitlerputsch* , p. 61; também K. Heiden, *Die Geschichte* , p. 129. O discurso mencionado de Hitler de 24 de abril de 1923 citado por E. Boepple, *op. cit .*, p. 57. Sobre os pretensos planos de assassinato, partindo certamente de fontes judias, cf. W. Maser, *op. cit .*, p. 412 e seg.

28. Cf. o texto da carta de G. Feder de 10 de agosto de 1923 citado por E.

Deuerlein, *Aufstieg* , p. 179 e seg. Ver também A. Tyrell, *op. cit* ., p. 59 e seg.

29. Cf. K. Heiden, *Geschichte* , p. 130.

30. Citado por E. Deuerlein, *Der Hitlerputsch* , p. 170.

31. E. Röhm, *op. cit* ., p. 215 e seg.

32. E. Boepple, *op. cit* ., p. 87.

33. Para sermos exatos, o poder executivo foi de início confiado ao ministro do Reichswehr Gessler e somente na noite de 8 para 9 de novembro de 1923, após as notícias sobre o *putsch* de Hitler em Munique, é que seria entregue formalmente a Seeckt; mas isso era apenas uma tentativa destinada a dissimular por meio de um artifício a verdadeira repartição de forças e a incapacidade das instâncias políticas. Não há dúvida de que até 24 de fevereiro de 1924, quando o estado de exceção foi abolido, Seeckt e o Reichswehr exerceram o poder supremo. Tal convicção é confirmada igualmente pelo fato de que ambos tomaram a seu cargo a execução de medidas econômicas e políticas destinadas a combater a inflação.

34. Eis o essencial da declaração de Kahr: “Trata-se de um amplo combate entre duas ideologias decisivas para o destino de todo o povo alemão, a concepção da internacional judeu-marxista e a concepção nacional alemã. (…) A Baviera recebeu como mandato do destino assumir a liderança dessa luta destinada a assegurar o triunfo do grande objetivo da Alemanha.” Citado por Deuerlein, *Der Hitlerputsch* , p. 238

35. Segundo o *Münchener Post* , de 19/10/1923.

36. Foi como se pronunciou Hitler perante o tribunal do povo de Munique a 26 de fevereiro de 1924; citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 100.

37. E. Deuerlein, *Der Hitlerputsch* , p. 72, 74.

38. E. Boepple, *op. cit* ., p. 87.

39. Assim se expressou Hitler já em 12 de set. de 1923. Cf. Boepple, *op. cit* ., p. 91.

40. K. Heiden, *Adolf Hitler* , vol. I, p. 168, assim como *Geschichte* , p. 150; para as citações precedentes sobre von Kahr, ver o *Münchener Post* de 19 de outubro de 1923 assim como W. Horn, *Führerideologie* , p. 128.

41. Cf. para uma apreciação mais completa da questão E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 221 e 506; também E, Röhm, *op. cit* ., p. 228, e H.H. Hoffmann, *Der Hitlerputsch* , p. 107 e seg., assim como p. 118.

42. Relatório da legação de Wurtemberg em Munique de 29 de out. de 1923, citado por E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 90. A respeito da declaração de Kahr, ver *Dokumente der deutschen Politik und Geschichte* , vol. III, p. 133 e seg.

43. E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 87; para outras citações, cf. Maser, *Frühgeschichte* , p. 422 e 441; E. Röhm, *op. cit* ., p. 228, assim como K. Heiden, *Adolf Hitler* , vol. I, p. 177.

44. Citado por K. Heiden, *Geschichte* , p. 143.

45. As palavras de Lossow, que segundo diferentes testemunhas foram dirigidas a alguns chefes do Kampfbund após a conferência de 6 de novembro, tinham sido depois postas em dúvida, mas essas declarações, contudo, são plausíveis. Cf. E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 97. P. ex., o próprio Hitler se referiu ironicamente às declarações de Lossow em seu discurso comemorativo do 8 de novembro de 1938; cf. Domarus, vol. I, p. 654.

46. A carta foi publicada no *Illustrierten Beobachter* , 1926,2 (p. 6).

47. Sobre esse ponto e para o que se segue, K.A. von Müller nos autos do processo de Hitler, 9º e 13º audiências, pp. 57, 60 e seg.

48. Cf. p. ex. o discurso de 8 de novembro de 1935, citado por M. Domarus, p. 554.

49. Citado por K. Heiden, *Geschichte* , p. 158.

50. Assim que a reunião terminou, o ministro do Interior bávaro Schweyer acercou-se de Hitler que se apresentava como o vencedor da tarde. “Tal qual um mestre-escola enfurecido”, ele o tocou no peito e lhe declarou que “aquela vitória tinha sido um perjúrio”; é a isso que se refere a observação mencionada de K. Heiden em *Adolf Hitler* , vol. I, p. 181.

51. Cf. H.H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 186; também E. Röhm, *op. cit* ., p. 235.

52. Declaração de Julius Streicher no processo de Nuremberg, IMT VII, p. 340.

53. Cf. K. Heiden, *Hitler* , vol. I, p. 109.

54. Cf. p. ex., W. Maser, *Frühgeschichte* , p. 453 e seg., onde chega até a acusar Hitler de ter procurado captar a simpatia dos generais monarquistas; também K. Heiden, *Geschichte* , p. 162 e seg. A. Bullock, *op. cit* ., p. 109, adota uma atitude indecisa; por um lado, atesta a falta de possibilidades revolucionárias para Hitler, por outro contesta que ele tivesse tido a intenção de organizar um levante revolucionário.

55. Wilhelm Hoegner, *Hitler und Kahr* , p. 165.

56. Discurso de 8 de novembro de 1935; citado por M. Domarus, vol. I, p. 553.

57. H.H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 201.

58. Cf. K. Heiden, *Geschichte* , p. 192; um panfleto editado em 1933, oriundo do séquito de Ludendorff, que reproduz em seu título as palavras com as quais, na manhã de 9 de novembro, Ludendorff pusera fim à discussão relativa à oportunidade da demonstração, contestou essa lenda. Cf. K. Fügner, *Wir marschieren* . Para uma visão de conjunto do *putsch* de novembro, ver também o estudo aprofundado de Harold J. Gordon Jr., *Hitlerputsch 1923* .

59. Relatório do governo da Alta-Baviera sobre a prisão de Hitler em Uffing, citado por Deuerlein, *Hitlerputsch* , p. 273.

60. *Der Hitlerprozess* , p. 28; a citação precedente, na qual Hitler mantém certa eqüidistância em relação ao comportamento dos golpistas de Kapp, é extraída do discurso de 8 de novembro de 1934. Hans von Hülsen fala do processo como de um "carnaval político" citado por E. Deuerlein, *Aufstieg* , p. 205.

61. O requisitório foi apresentado pelo ministro de estado von Meinel, cf. E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 216; *Ibid* ., p. 221 e seg., também as declarações mencionadas de Pöhners.

62. K. Heiden, *Adolf Hitler* , vol. I, p. 198 e seg. Igualmente *Der Hitlerprozess* , p. 109 e seg.

Viagem do procurador-geral Stenglein, citada por Heinrich Bennecke,

63. *Hitler und die SA* , p. 104. Sobre esse assunto ver também H.H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 247.

64. *Der Hitlerprozess* , p. 264 e seg. Para uma apreciação da atitude assumida no decurso do processo, cf. Helmus Heiber, *Adolf Hitler* , p. 43, também A. Bullock, *op. cit* ., p. 111 e seg.

65. Hans Frank, *Im Angesicht des Galgens* , p. 43.

66. K. Heiden, *Geschichte* , p. 169.

67. Discurso de 8 de novembro de 1933, citado por C. Horkenbach, 1933, p. 530, e seg. Cf. igualmente o discurso de 8/10/1935, com as indicações detalhadas sobre as instruções táticas dos acontecimentos de 1923 em M. Domarus, vol. I, P. 551 e seg.

68. Discurso de 8 de novembro de 1936, citado no *VB* de 9 de novembro de 1936.

69. Citado por K. Heiden, *Geschichte* , p. 135.

70. *Ibid* ., p. 165. A respeito da observação de H. Frank, cf. *Im Angesicht* , p. 57.

71. Discurso de 26 de fevereiro de 1924; citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 110.

72. Cf. discurso de Hitler no Clube Nacional de Hamburgo, citado por W. Jochmann, *Im Kampf* , p. 103 e seg; também K. Luedecke, *op. cit* ., p. 253. Cf. igualmente James H. Mc Randle, *The Track of the Wolf* , p. 146 e seg.

73. Citado por E. Deuerlein, *Aufstieg* , p. 197.

PARTE III – ANOS DE ESPERA

1. O trecho relativo ao episódio relatado por Hanfstaengl é este: “Sabe, Hanfstaengl, algo em Hitler não vai bem. O homem está a ponto de se tornar presa de uma mania de grandeza irremissível. Na semana passada, ele andava para cá e para lá no pátio, brandindo sua maldita bengalinha, e gritando: ‘É preciso que eu vá a Berlim, como Jesus no templo de Jerusalém, para expulsar os usurários a chicotadas.’ E proferiu outros

absurdos desse tipo. Eu lhe digo, se ele der vazão a esse complexo messiânico, acabará causando nossa ruína.” E. Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 83.

2. Assim está escrito numa carta dirigida à seção local de Hanover, datada de 14 de janeiro de 1924; cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 73.

3. Hans Kallenbach, *Mit Adolf Hitler auf Festung Landsberg* , p. 45 e 117; cf. também W. Jochmann, *Nationalsozialismus und Revolution* , p. 91.

4. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 139. A alegação de Hitler de que teria tido pela primeira vez em Landsberg a ideia das rodovias e a de um veículo popular barato é apresentada por H. Frank, *op. cit* ., p. 47. Ernst Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 114, assegura que a cela de Hitler dava a impressão de ser uma mercearia. Os excedentes de que dispunha lhe permitiam a obtenção de favores e regalias do pessoal de guarda, ainda mais que se tratava de um prisioneiro especial. Acerca do grande número de visitantes, seus desejos, suas petições, seus intentos, cf. o relatório da direção da penitenciária de 18 de setembro de 1924. BHStA, I, p. 1501

5. Hitler, com data de 3 de fevereiro de 1942, entre os combatentes da primeira hora; cf. W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 516.

6. BAK, NS 26/17 a; também *Tischgespräche* , p. 82.

7. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 75 e 225; é citada aí entre as obras prediletas de Hitler uma edição das *Deutschen Heldensagen* e é mencionada em particular a leitura de uma *Geschichte der Baukunst* assim como obras de Dante, Schiller, Herder e Stifter. Por seu turno, Hitler fala de Rosegger, mas acrescenta de maneira característica que a obra lhe parecia “demasiado popular.” A respeito da enumeração dada por Frank, cf. *op. cit* ., p. 40. E. Hanfstaengl fornece por seu turno uma outra lista, *op. cit* ., p. 52 e seg. Ao lado de obras de política e de ficção, ela menciona também a famosa história dos costumes de E. Fuchs. Depois, o próprio Hitler declarou a suas secretárias que durante os anos difíceis de sua juventude em Viena “tinha devorado [!] os quinhentos volumes que constituíam o acervo de uma biblioteca municipal.” Cf. A. Zoller, *op. cit* ., p. 36.

8. *Mein Kampf* , p. 37.

9. Citado por W. Maser, *Hitler’s Mein Kampf* , p. 20; também H. Frank, *op. cit* ., p. 39.

10. *Mein Kampf* , p. 231 e seg.

11. *Mein Kampf* , p. 170.

12. R. Olden, *op. cit* ., p. 140; igualmente *Mein Kampf* , p. 32, 552, 277, 23. Segundo fontes diferentes, o crítico musical do *Völkischer Beobachter* , Stolzing-Czerny, o editor da publicação antissemita *Miesbacher Anzeiger* e ex-monge, Bernhard Stempfle, e, com um êxito limitado, Ernst Hanfstaengl tinham colaborado na correção e revisão do original. Todavia, Ilse Hess, esposa de Rudolf Hess, negou qualquer colaboração prestada por terceiros, e desmentiu igualmente que Hitler tivesse ditado o livro a seu marido. Mais ainda, segundo ela, Hitler teria datilografado pessoalmente o manuscrito "usando apenas dois dedos numa máquina de escrever muito antiga durante o tempo em que esteve preso em Landsberg." Cf. W. Maser, *op. cit* ., p. 20 e seg.

13. H. Frank, op. cit, p. 39.

14. Cf. A. Zoller, *op. cit* ., p. 106, assim como Otto Strasser, *Hitler und ich* , p. 94 e seg.

15. *Mein Kampf* , p. 357, 449, 630, 458 assim como *Hitlers zweites Buch* , p. 221.

16. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 5; igualmente do mesmo autor, *Revolution des Nihilismus* , p. 53.

17. *Tischgespräche* , p. 269 e seg. De maneira característica, Hitler acrescentou que apenas os adversários do nacional-socialismo sabiam realmente a que se aterem quanto a esse livro.

18. E, Nolte, *Epoche* , p. 55. Eberhard Jäckel realizou tal tentativa na obra intitulada *Hitlers Weltanschauung* , Tübingen, 1969.

19. H.R. Trevor-Roper, "The mind of Adolf Hitler", prefácio às *Table Talks* , Londres 1953, p. XXXV; K. Heiden, *Geschichte* , p. 11, falou do talento excepcional de Hitler em "combinar" os conhecimentos adquiridos. Cf. igualmente R.H. Phelps, *Hitlers grundlegende Rede über den Antisemitismus* , VJHfZ 1968/4, p. 395 e seg.

20. *Adolf Hitler in Franken* , p. 39 e seg. Cabe notar aqui que a tentativa de apresentar a filosofia de Hitler em seu contexto não pode se basear exclusivamente em *Mein Kampf* , mas deve levar em conta suas declarações anteriores e posteriores. Tal consideração é tanto mais justificada quando se sabe que sua ideologia nessa matéria não se

modificou após 1924.

21. *Mein Kampf* , p. 751.

22. Cf. para esses exemplos e os outros *Mein Kampf* , p. 68 e seg. Para a citação precedente, cf. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 11. A declaração sobre Rosenberg é citada por K.G.W. Luedecke, *op. cit* ., p. 82.

23. *Tischgespräche* , p. 320. Uma nota análoga é apresentada por Hans Frank, *op. cit* ., p. 133. Hitler lhe declarou certo dia que a Terra era um "campo da luta de raças." Para as citações seguintes, ver *Mein Kampf* , pp. 147, 312 e 148.

24. Discurso pronunciado de modo confidencial por Hitler perante os oficiais em 25 de janeiro de 1939, citado por H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *Ausgewahlte Dokumente* , p. 5; igualmente Jochmann, *Im Kampf um die Macht* , p. 83

25. *Tischgespräche* , p. 346; *Ibid* ., p. 321, assim como M. Domarus, p. 647.

26. Discurso de Hitler de 30 de novembro de 1929 em Hersbruck, cf. *Adolf Hitler in Franken* , p. 144. Igualmente *Tischgespräche* , p. 152, assim como *Hitlers zweites Buch* , p. 56. Cf. a tal respeito o discurso de Hitler no Clube Nacional de Hamburgo datado de 28 de fevereiro de 1926, citado por W. Jochmann, *Im Kampf um die Macht* , p. 117.

27. *Tischgespräche* , p. 170, assim como *Mein Kampf* , p. 70.

28. *Mein Kampf* , p. 324.

29. *Ibid* ., p. 421, 317.

30. M. Domares, *op. cit* ., p. 646, 587, assim como E. Boepple, *op. cit* ., p. 21.

31. *Tischgespräche* , p. 153. Hitler fala de uma "ofensiva geral em todos os setores" num discurso pronunciado em 13 de set. de 1937, que contém numerosos detalhes sobre o assunto aqui discutido; cf. Domarus, p. 727 e seg.

32. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 320 e seg.

Cf. Ernst Nolte, *Eine frühe Quelle* , p. 590, ao qual cabe o mérito de ter

33. descoberto e interpretado esse trabalho meio esquecido ou pelo menos despercebido da crítica. O título do mesmo era “*Der Bolschewismus von Moses bis Lenin. Zwiegespräche zwischen Adolf Hitler und mir* .” Cf. também *Der Faschismus in seiner Epoche* , p. 404 e seg. A identidade do cristianismo com o bolchevismo, é dito aí, “era a tese principal debatida no *Tischgespräche* ”, ainda que Hitler, mesmo no clímax de seu poder, não pudesse proclamá-lo sem rodeios. Acerca dos 30 milhões de vítimas, cf. o discurso de Hitler de 28 de julho de 1922, citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 30.

34. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 223.

35. G. Schubert, *op. cit* ., p. 39.

36. Transcrito em *Der Nationalsozialist* , 1º ano, nº 29 de 17/8/1924, citado por E. Jäcquel, *op. cit* ., p. 73.

37. PND, nº 409, DC 1477.

38. H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. XXV.

39. *Ibid* ., p. XXV. A propósito da citação precedente, cf. *Libres Propos* , p. 321.

40. E. Nolte, *Epoche* , p. 405.

41. *Mein Kampf* , p. 703, assim como a conversa mencionada com Dietrich Eckart, que no fim descreve um estado de coisas mundial utópico que subsistiria até o instante em que seria suprimida a lei natural da luta de uns contra os outros.

42. Hitler no encerramento do III Congresso do Partido em 21 de agosto de 1927 em Nuremberg, citado em *Adolf Hitler in Franken* , p. 81. Cf. também G. Schubert, *op. cit* ., p. 221. Hitler declarou igualmente a Hermann Rauschning que “lhe faltava criar primeiro o povo” apto “a resolver os problemas que nos são indicados na qualidade de nação em nossa época”, cf. *Gespräche* , p. 22.

43. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 232; também Gottfried Griessmayr, *Das völkische Ideal* (impresso em fac-símile), p. 22.

44. Cf. H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., onde contudo, por um lapso, o

círculo de ouvintes é mencionado como o de oficiais promovidos de 1938; igualmente *Mein Kampf* , p. 444 e seg.

45. *Mein Kampf* , p. 152 e seg.

46. Essa passagem se fundamenta na tese exposta por H. Trevor-Roper na conferência esclarecedora pronunciada por ocasião do congresso dos historiadores em 1959, em Munique, sobre "Os objetivos de guerra de Hitler"; cf. VJHfZ 1960/Helf 2, p. 121 e seg.

47. Cf. o discurso de Hitler diante do tribunal do povo em Munique datado de 27 de março de 1924 e citado por E. Boepple, *op. cit* ., p. 166. Ver também o artigo intitulado "Warum musste ein 8. November kommen?" de abril de 1924 na revista *Deutschland Erneuerung* , que expõe os dados do problema com muito destaque. Sobre a questão em seu todo, ver igualmente Axel Kuhn, *Hitlers aussenpolitisches Programm* .

48. *Mein Kampf* , p. 736.

49. *Ibid* ., p. 153, 742.

50. Citado por H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 129.

51. *Mein Kampf* , p. 742 e seg.

52. Cf. *Mein Kampf* , p. 740, 749, assim como *Tischgespräche* , p. 320.

53. E. Nolte, *Faschismus* , p. 135 e seg.

54. Carta de Albert Speer a Hitler de 29 de março de 1945, IMT XLI, p. 425 e seg.; o discurso mencionado de Hitler em Erlanger é transcrito em *Adolf Hitler in Franken* , p. 171.

55. H. Frank, *op. cit* ., p. 40. O parecer seguinte da direção da penitenciária de Landsberg é transcrito por Otto Lurker, *Hitler hinter Festungsmauern* , p. 60 e seg. O parecer contém por outro lado o trecho tranqüilizador, que parece ter sido ditado pelo próprio Hitler: "Assim que estiver em liberdade, Hitler não irá alimentar pensamentos agressivos ou intenções vingativas contra as pessoas que ocupam cargos oficiais e que combateram seus projetos, ele não tramará contra o governo, não se fará inimigo dos outros partidos de orientação nacionalista. Ele frisa até que

ponto está convencido de que um estado não poderia subsistir sem uma ordem interna sólida e um governo firme.”

56. Citado por W. Maser, *Hitlers Mein Kampf* , p. 260 e seg. Quanto ao comentário de G. Strasser citado em seguida, cf. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 243.

57. Heinz Pol, em *Welthühne* , citado por Philipp W. Fabry, *Mutmassungen über Hitler* , p. 28; também E. Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 119.

58. Cf. mais acima a nota 1/72.

59. A. Tyrell, *Führer befiel* …, p. 72 e seg., assim como p. 81. Ver igualmente Alfred Rosenberg, *Letzte Aufzeichnungen* , p. 107 e 319.

60. Citado por A. Tyrell, *op. cit* ., p. 85. Cf. também K. Luedecke, *op. cit* ., p. 224.

61. Discurso de Hitler de 9 de novembro de 1934, citado por Bullock, *op. cit* ., p. 115.

62. W. Breucker, *Die Tragik Ludendorffs* , Stollhamm, sem data, p. 107.

63. O. Strasser, *Hitler und ich* , p. 82. Acerca dessas relações, cf. também K. Heiden, *Hitler* , I, p. 212 e seg.

64. Cf. p. ex. a carta do líder do partido “Deutschvölkischen da liberdade”, von Graefe, reproduzida por H.A. Jacobsen/W. Jochmann. *Ausgewählte Dokumente* , datado de 17-6-1925. Igualmente o discurso de Hitler por ocasião da assembleia geral dos membros do partido de 30 de julho de 1927, citado por A. Tyrell, *op. cit* ., p. 176; do mesmo modo, a entrevista de Hitler com o cônsul geral da Áustria em Munique em 27 de março de 1925, citado por E. Deuerlein, *Der Aufstieg der NSDAP* , p. 251.

65. Carta aberta a von Graefe, cf. C.B. de 19 de março de 1926, citado por F.L. Carsten, *op. cit* ., p. 154. Cf. o relatório da reunião do movimento nacional-socialista da liberdade em E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 242 e seg. A respeito da mencionada carta, ver IfZ Fa 88/fasc. 199.

66. *Völkischer Beobachter* , de 7 de março de 1925; igualmente K. Heiden, *Geschichte* , p. 190.

67. K.G.W. Luedecke, *op. cit* ., p. 217 e seg.; sobre a citação de Esser, mencionada mais acima, cf. W. Horn, *Führerideologie* , p. 214.

K.A. von Müller, *Im Wandel einer Welt* , vol. III, p. 301; E. Hanfstaengl,

68. *op. cit* ., p. 121.

69. Relatório da polícia de Munique acerca da reunião dos chefes regionais do Partido de 4/8/1925, citado por A. Tyrell, *op. cit* ., p. 110.

70. Palavras de Hitler na reunião dos líderes provinciais do Partido em 12 de junho de 1925 em Plaven, BAK NS 26/59.

71. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 215, assim como *Geschichte* do mesmo autor, p. 180 e seg.

72. E. Röhm, *op. cit* ., p. 341 e seg.

73. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 221. Sobre o número dos membros do partido, cf. o relatório de Hermann Fobkes, reproduzido por W. Jochmann, *Nationalsozialismus und Revolution* , p. 207.

74. Cf. O. Strasser, *Hitler und ich* , p. 80. Igualmente Reinhard Kühnl, *Die nationalsozialistische Linke* , p. 14.

75. *Das Tagebuch von Joseph Goebbels 1925/26* , p. 95. A tendência exaltada e apocalíptica ao extremismo revolucionário aí se acha confirmada em quase todas as páginas. Goebbels se jactava igualmente junto a Gregor Strasser de estar capacitado a levar a ideia às suas derradeiras conseqüências"; cf. *op. cit* ., p. 30.

76. Cf. acerca desse aspecto o relatório já mencionado de H. Fobke citado por W. Jochmann, *op. cit* ., p. 207 e seg.; também *Goebbels Tagebuch* , pp. 22 e 26 e seg. como também a carta de Gregor Strasser a Goebbels de 11 de novembro de 1925, BAK, NS, I, 340/B1.208.

77. Citado por H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., datada de 14/12/1925. Igualmente A. Krebs, *Tendenzen und Gestalten der NSDAP* , p. 188. Para a citação seguinte, cf. *Nationalsozialistische Briefe* de 1/7/1927.

78. Citado por K. Heiden, *Geschichte* , p. 204, assim como A. Tyrell, *op. cit* ., p. 125.

79. Discurso no Reichstag em 24 de novembro de 1925, citado por K. Heiden, *op. cit* ., p. 205. É preciso no entanto observar que naquela ocasião o segundo volume de *Mein Kampf* , no qual Hitler expunha suas ideias sobre política exterior, ainda não fora lançado. Sobre as exigências da política social formuladas pelo grupo Strasser e mencionadas mais adiante, cf. sobretudo a exposição minuciosa de R. Kühnl, *op. cit* ., p. 20 e seg.

30. O. Strasser, *Hitler und ich* , p. 113; segundo esse escrito, Goebbels enunciara tal exigência em público, de seu carro. No entanto a cena foi objeto de controvérsias, com razão. Mas Gregor Strasser, mais digno de confiança, veio a confirmá-la. A suposição de Helmut Heiber parece, pois, exata. Segundo ele, Goebbels pronunciara realmente a frase contestada, mas não a teria dito nas condições dramáticas descritas por Strasser. Ele ter-se-ia pronunciado numa reunião íntima; cf. H. Heiber em *Goebbels Tagebuch* , p. 56.

31. É como se expressa Goebbels em seu *Diário* , pp. 31 e 56.

32. K. Heiden, *Geschichte* , p. 217. A publicação mais importante do Kampf Verlag era a *Berliner Arbeiterzeitung* à qual Otto Strasser tentara dar uma coloração popular. Esse jornal se esforçava para conseguir assinantes com a ajuda do lema "O único órgão dos operários que não se acha a serviço do capitalismo", entretanto o referido jornal não obteve sucesso.

33. J. Goebbels, *Die Zweite Revolution* , p. 56.

34. A. Krebs, *op. cit* ., p. 185, igualmente *Goebbels Tagebuch* , p. 59.

35. A. Krebs, *op. cit* ., p. 141.

36. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 227, igualmente o relatório de seção local de Potsdam datado de 25 de agosto de 1925, cf. BAK, Sammlung Schumacher, nº 205.

37. A data dos mencionados esboços não pode ser estabelecida com certeza. Segundo a informação dada por Albert Speer, que pôde se referir a essa questão graças às declarações de Hitler, tais projetos datam daquela época. Mas o chefe do escritório de Speer, que mantinha em dia a lista dos esboços de posse do arquiteto, assinala como data da execução do "grande arco do triunfo" o ano de 1924; pode ser dito o mesmo quanto à "grande praça do mercado", à "estação de Berlim-Sul" ou à "biblioteca do estado de Berlim". Os esboços foram reproduzidos em parte no *Erinnerungen* , de Albert Speer.

38. Todos os *gauleiters* da Comunidade de Trabalho não foram convidados; o *gauleiter* do Ruhr, Karl Kaufmann, por exemplo, queixou-se disso numa carta datada de 12/2/1926 (cf. BA Coblence, 203, folha 78 e 85). Por outro lado, a direção do partido fizera vir na maioria partidários leais da

Alemanha do Sul.

89. Cf. *Goebbels Tagebuch* , p. 60; além disso, Heinrich Lohse, *Der Fall Strasser* , p. 5, no centro de pesquisas nazistas de Hamburgo.

90. A expressão provém evidentemente de Gottfried Feder que apresentou desculpas pela mesma, na ocasião; cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 124 e seg.

91. Transcrito em *Nationalsozialismus und Revolution* , de W. Jochmann, p. 225. Irritado de modo compreensível pelo ato do "traidor" Goebbels, Otto Strasser lançou sobre o mesmo toda a responsabilidade do fracasso de Bamberg. O silêncio com o qual Goebbels aceitava as críticas de Hitler e dos cidadãos de Munique é realmente espantoso e mostra a que ponto ele se distanciava dos alemães do norte. Mas essa ruptura não se consumara ainda em Bamberg, e o incidente ventilado por Otto Strasser, segundo o qual Goebbels se erguera no meio dos debates para reconhecer seu erro assim como sua passagem para o lado de Hitler, não resiste a uma análise pertinente. Trata-se claramente de uma tentativa para encontrar um culpado após a curiosa renúncia de Gregor Strasser. O próprio Goebbels declarou ainda depois do caso Bamberg que Hitler tinha traído o socialismo, como relata Karl Kaufmann; segundo as mesmas fontes, se acusou bastante Goebbels pela renúncia de Bamberg, mas durante um certo tempo ele foi considerado ainda como um amigo político e de nenhum modo como um renegado; cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 128, assim como H. Fraenkel/R. Manwell, *Goebbels* , p. 99.

92. *Goebbels Tagebuch* , p. 59. Da mesma forma, na p. 72, Hitler fala igualmente de "seu ideal: coletivismo mesclado de individualismo. O solo, com isto que há embaixo e acima dele, pertence ao povo. A produção, porquanto tratar-se de uma criação, é individualista. Em compensação, os Konzerns, os trustes, as indústrias de bens de consumo, os transportes etc. deveriam ser socializados".

93. Segundo o dr. Adalbert Volck em Richtlinien für Weimar, de 18 de julho de 1924, citado por W. Jochmann, *Nationalsozialismus und Revolution* , p. 96 e seg.; por outro lado, o relatório PND nº 535 sobre a assembleia da seção Munique-Laim de 21 de março de 1926, HA A/1.762. Já de outra vez, durante a crise do verão de 1921, Hitler tinha reclamado a imutabilidade do programa, e isto por um prazo de seis anos; ele havia condicionado seu retorno ao partido à tomada de tal decisão. O discurso no qual fez essa exigência sublinhava os segredos de que se valeu a cristandade para vencer; cf. G. Franz-Willing, *op. cit* ., p. 111 e 116. Quanto ao mais, o discurso de Hitler em Hamburgo citado por W.

Jochmann, *Im Kampf um die Macht* , p. 110. Cf. Também Th. Heuss, *Hitlers* Weg, p. 22.

94. Relatório financeiro de Hitler perante as assembleias-gerais de 1926 e 1927; cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 136 e 176. Para o restante, o discurso mencionado de Hitler em Hamburgo citado por W. Jochmann, *op. cit* ., p. 104 e seg.

95. J. Goebbels no *Völkischer Beobachter* de 3 de julho de 1926.

96. Sobre a eleição nas assembleias-gerais, cf. *Völkischer Beobachter* de 2/3 de setembro de 1928; além disso, A. Tyrell, *op. cit* ., p. 298. A cena da bengala a que é feita alusão foi relatada pelo antigo *gauleiter* da Baixa-Baviera, Otto Erbersdobler, a propósito de um atrito de Hitler com von Pfeffer, *op. cit* ., p. 254 e seg. Cf. também a esse respeito A. Krebs, *op. cit* ., p. 142. onde Hitler frisou que mesmo nas questões sem importância ninguém deve decidir por si só o que convém fazer. A observação seguinte de Göring tinha sido comunicada por Sir Nevil Anderson, em *Failure of a mission, Berlin 1937-1939* , p. 282; para a citação a seguir de Hitler, cf. o relatório PND nº 535, HA 25 A/1.762.

97. *Goebbels Tagebuch* , p. 70 e seg. Além do mais, carta de Gregor Strasser a J. Goebbels, de 29 de março de 1926, ver BAK, NS1, vol. 34, folhas 166 e 160.

98. Extrato das diretivas “*Grundsätzlichen Richtlinien für die Arbeit der Vorsitzenden und Schriftführer der Sondertagungen am Reichsparteitag* ”, baixadas por Hitler para a manifestação de Weimar, e editadas nos mesmos termos para as sessões do partido de 1927 e 1929; ver BAK, NS 26, folha 389.

99. Carta de Hitler a von Pfeffer, de 1º de novembro de 1926, citada por H. Bennecke, *op. cit* ., p. 237 e seg. É aí que se encontram as ordens para a SA e determinações essenciais, mencionadas mais adiante, que von Pfeffer denominou, com sua mania das abreviações, SABE e GRUSA. Ademais, cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 235 e seg. Sobre a consagração dos estandartes no teatro nacional de Weimar, ver igualmente p. 159.

00. Segundo o *Völkischer Beobachter* de 18 de maio de 1929.

01. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 231.

Relatório de Reinhold Muchow, citado por Martin Broszat, *Die Anfänge*

02. *der Berliner NSDAP 1926/27* , *in* : VJHf 1960/1, p. 102 e seg. Aí podem ser encontrados igualmente muitos esclarecimentos.

03. *Goebbels Tagebuch* , p. 92 e seg.

04. A. Krebs, *Tendenzen und Gestalten* , p. 188; no mais, *Goebbels Tagebuch* , Dok. 13, p. 127 e seg.

05. Nesse relatório, lê-se entre outras coisas: "Os nacional-socialistas lançaram-se sobre os comunistas descarregando seus revólveres e brandindo as hastes de ferro das bandeiras como se fossem lanças; cerca de nove homens com ferimentos leves e cinco outros feridos gravemente foram evacuados do campo de batalha." Um mês antes, uma batalha nos salões de Pharus, na parte norte de Berlim, apresentava um saldo de 98 feridos dos quais alguns foram seriamente atingidos. Goebbels escreveu então, triunfante: "Depois desse dia, já nos conhecem bem, em Berlim. Não somos ingênuos a ponto de acreditar que as coisas já estão decididas. Pharus foi apenas o começo." Cf. *op. cit* ., nota da p. 119; para mais detalhes M. Broszat, *op. cit* ., p. 111.

06. *NS-Briefe* de 15 de maio de 1926.

07. BAK, NS 26, prov. 390, O critério da "democracia germânica", assim designada por Hitler, era: "eleição do Führer, mas autoridade absoluta cabendo a ele." Dizia-se ainda nas primeiras edições: "O presidente é eleito, mas ele é o chefe exclusivo do movimento." Todavia, a partir de 1933, o texto estabelecia: "O Führer é sempre investido pelas classes superiores e goza de plenos poderes e de uma autoridade absoluta. Somente o Führer de todo o partido é eleito, por razões estatutárias [!], por uma assembleia-geral dos membros." Cf. 3ª edição, 1928, vol. I, p. 36 e seg. e 37ª edição, 1933, p. 378. Fato significativo, Hitler acusou a corporação independente Oberland e seu líder, Beppo Römer, de tendências bolcheviques por causa do princípio de livre escolha do chefe, empregado no seio do referido agrupamento; cf. A. Krebs, *Tendenzen und Gestalten* , p. 121.

08. Cf. p. ex. o discurso de Hitler na reunião do círculo de dirigentes nazis da Turíngia, reproduzido por H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., datado do "início de 1927", p. 2. Sobre a burocratização, ver a convocação do Novo Ano de Hitler no *VB* de 1-3 de janeiro de 1927, assim como o discurso pronunciado na assembleia da seção do Partido, de 22 de abril de 1926, HA PND nº 536.

09. Citado em H.A. Jacobsen, *Der Zweite Weltkrieg* , p. 180. Num artigo do *Völkischer Beobachter* de 9 de novembro de 1927, Otto Banged profetizava que nos anos vindouros, o Partido “assumiria mais e mais claramente a forma de um estado em formação” que “se infiltraria em toda a nossa vida pública, inteiramente tumultuada. Se o nacional-socialismo alcançar o poder, o III Reich terá firmado suas bases”. Cf. para o resto, E. Nolte, *Epoche* , p. 453.

10. J. Goebbels, “Der Führer als Staatsman”, em *Adolf Hitler* , editado por Cigaretten-Bilderdienst Altona, p. 48.

11. A. Krebs, *op. cit* ., p. 130 e seg.

12. Citado por K. Heiden, *Hitler* , I, p. 242. Para o resto, J. Goebbels, *op. cit* ., p. 51.

13. HStA Munique, citado por E. Deuerlein, *op. cit* ., p. 279; de novo, A. Krebs, *op. cit* ., p. 57 e seg. Para a queixa da central, mencionada mais acima, cf. *VB* de 7 de agosto de 1927.

14. Cf. sobretudo, para uma visão global dessas questões, o livro muito documentado de F. Friedensburg, *Die Weimarer Republik* .

15. Foi somente após a ascensão do Partido, transformado em partido de massa, que a vendagem aumentou, tanto mais que aparecera nesse meio-tempo uma edição popular de 8 marcos pelos dois volumes. Em 1930, 54.086 exemplares foram vendidos, em 1931, 50.808 e em 1932, 90.351. A partir daquele ano, a venda ultrapassou por diversas vezes a casa dos cem mil. Em 1943, do livro foram tiradas 9.840.000 cópias; cf. Hermann Hammer, *Die deutschen Ausgaben von Hitlers “Mein Kampf ”, in* : VJHfZ 1956/2, p. 161 e seg.

16. Republicado por W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 128, que se refere a uma enquete de O. J. Hale em *The American Historical Review* de julho de 1955.

17. Arquivos nacionais de Munique, citado por E. Deuerlein, *Aufstieg* , p. 266, assim como K. Heiden, *Der Führer* , p. 250; para a descrição seguinte, cf. *Völkischer Beobachter* de 23 de dezembro de 1926.

18. Cf. p. ex. a carta de Hitler, transcrita em A. Tyrell, *op. cit* ., p. 160 e seg.

19. Arquivos nacionais secretos, Munique, citado em outro local, p. 269 e seg. Também nesse discurso Hitler apela para uma comparação com os

primórdios da cristandade.

20. Citado por A. Tyrell, *op. cit* ., p. 211 e seg.; assim como p. 196, e igualmente por H. Hoffmann, *Hitler was my friend* , p. 151 e seg.

21. Assim já se pronunciava Hitler, no início de 1927, numa reunião do Völkischen Führerring da Turíngia, cf. H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., sob a rubrica “Anfang 1927.”

22. A. Krebs, *op. cit* ., p. 131 e seg. A carta a A. Dinter, de 25 de julho de 1928, é reproduzida na revista da Dinter, *Das Geistchristentum* , 1º ano, número 9/10, p. 353 e seg. Para a “menoridade histórica”, cf. K. Heiden, *Geschichte* , p. 269, assim como *Mein Kampf* , p. 651 e seg. Hitler aí definiu as diferentes formas de adesão: “Quando um movimento nutre a intenção de derrubar um mundo e daí edificar um outro em seu lugar, não deve haver qualquer dúvida nas alas de seus próprios dirigentes acerca das seguintes normas: todo o movimento deverá separar todo o material humano recrutado para a sua causa em dois grandes grupos; os partidários e os membros efetivos.

“O recrutamento dos adeptos cabe à propaganda, o dos membros à organização. O partidário de um movimento é aquele que se declara de acordo com seus objetivos, o membro é o que luta por esse mesmo movimento…

“Entre dez partidários, encontra-se em geral um a dois membros, no máximo.

“Ser partidário significa somente um reconhecimento, ao passo que o membro militante tem a coragem de defender pessoalmente as ideias por ele admitidas e de difundi-las…

“A vitória de uma ideia será mais exequível se a propaganda tiver influído sobre os indivíduos em sua totalidade, e a organização que efetuar a luta no terreno prático se tornar mais exclusiva, rígida e sólida. Resulta disso que se o número de adeptos não se mostra jamais muito elevado, o dos membros não deve ultrapassar um certo limite. Se a propaganda conseguir inocular uma ideia no povo inteiro, a Organização poderá chegar às consequências desejadas com um punhado de homens.”

23. J. Goebbels, *Der Angriff* , p. 80 e seg.

24. J.P. Schumpeter, *Aufsätze zur Soziologie* , p. 225.

25. *Adolf Hitler in Franken* , p. 81.

26. Transcrito por R. Kühnl, *op. cit* ., p. 344 (doc. nº 34).

PARTE IV – TEMPO DE LUTA

1. K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 291.

2. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 268.

3. *Ibid* ., p. 271; sobre a observação seguinte de Goebbels, cf. H. Heiber, *Joseph Goebbels* , p. 79.

4. Citado por R. Kühnl, *op. cit* ., p. 234.

5. Carta de 2 de fevereiro de 1930, reproduzida *in* : VJHfZ 1966/4, p. 464; sobre a ameaça citada mais abaixo no texto, cf. *Adolf Hitler in Franken* , p. 146 (discurso de 30 de novembro de 1929).

6. Segundo a carta mencionada, *Ibid* ., p. 461.

7. Cf. a esse propósito. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 182, assim como A. Hitler, "Nürnberger *Tagebuch* ", em *Illustrierter Beobachter* de 10 agosto de 1929. Para a exigência do Congresso do Partido, cf. BAK, NS 26, prov. 391.

8. Segundo o *Rheinisch-Westfälische Zeitung* , a respeito de uma manifestação posterior em junho de 1929, citada por K. Heiden, *Hitler* , I, p. 222.

9. Carta de Emil Kirdorf a Hitler, citada por K. Heiden, *Der Führer* , p. 271. A observação de Elsa Bruckmann é encontrada num relato de Kirdorf para o *Neue Preussische (Kreuz-) Zeitung* de 3 de janeiro de 1937, citado por E. Deuerlein, *Aufstieg* , p. 285 e seg. Kirdorf rompeu contudo rapidamente com o partido, cujo programa lhe desagradava em muitos pontos, mas acabou por reingressar no mesmo em 1934.

10. Segundo um orador do partido numa assembleia em Bad Kreuznach, em 29 de outubro de 1929; cf. F. J. Heyen, *Nationalsozialismus im Alltag* , p. 17. Afetados por um complexo de superioridade sempre cheio de ilusão, os nacional-socialistas alemães interpretaram o rompimento de Hitler com

o comitê do Reich como sendo causado inteiramente por suas pretensas dificuldades com a esquerda no seio do partido. É preciso notar, no entanto, que o grupo Strasser festejou tal incidente como um êxito – e de fato havia acerto nisso porque Gregor Strasser tinha contribuído sensivelmente para o término da aliança graças a seu comportamento no comitê; cf. a esse respeito R. Kühnl, *op. cit* ., p. 234. e seg.

11. Instrução da seção de propaganda da central do partido, em 24 de dezembro de 1928, transcrita em A. Tyrell, *op. cit* ., p. 255 e seg. Cf. também o relatório sobre uma ação desse tipo, que é focalizada em F.J. Heyden, *op. cit* ., p. 33 e seg.

12. *Führer – und Schulungsbrief der NSDAP* , de 15 de março de 1931, citado segundo *Berliner Tageblatt* de 21 de março de 1931.

13. Cf. os documentos em W. Treue, *Deutschland in der WeltwirtschaftsKrise in Augenzeugenberichten* , p. 34, 43 e 64.

14. H.R. Knickerbocker, *Deutschland so oder so?* , p. 15 e seg.

15. Citado de acordo com W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 131.

16. *Adolf Hitler in Franken* , p. 63. O caráter estrito de classe do nacional-socialismo é afirmado sobretudo pela historiografia marxista. Em meio a uma literatura muito ampla, ver W. Abendroth, *Faschismus und Kapitalismus* , assim como E. Nolte, *Theorien* , contendo numerosas outras indicações.

17. Numa pesquisa de opinião, S.M. Lipset definiu assim o eleitor ideal típico do Partido: um indivíduo da classe média, independente e protestante, que tivesse vivido numa fazenda ou numa pequena localidade e que votasse antes por um partido político centrista ou uma agremiação regional que se opusesse à força e à influência da grande indústria e dos sindicatos; cf. E. Nolte, *Theorien* , p. 463.

18. Segundo Ernst Reventlow em *Der Nationale Sozialist* , de 17 de maio de 1930, citado conforme R. Kühnl, *op. cit* ., p. 60. Para as indicações que se seguem sobre a estrutura da SA de Hamburgo, cf. F.L. Carsten, *op. cit* ., p. 164; para a SA de Breslau, cf. carta de Stennes a Röhm, 28 de fevereiro de 1931, HA 17.

19. Julius Karl von Engelbrechten, *Eine braune Armee entsteht. Die Geschichte der Berlin-Brandenburger SA* , Munique-Berlim, 1937, p. 85.

20. Cf. H. Heiber, *op. cit* ., pp. 72 e 90.

21. Ordem SA de 17 de fevereiro de 1932, HA do Partido, fascículo 307.

22. Citado por Gerhard Stoltenberg, *Politisch Strömungen im schleswigholsteinischen Landvolk 1918-1933* , p. 208 e seg.

23. Citado segundo Sigmund Neumann, *Die Parteien der Weimarer Republik* , p. 74. Cf. ademais O. E. Schüdekopf, *Linke Leute von rechts* , p. 42 e seg.

24. A. Krebs, *op. cit* ., p. 42 e seg. Cf. para informações mais amplas H. A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., p. 34, assim como BAK, Coleção Schumacher, 201/1,202/1,208/1.

25. H. Frank, *op. cit* ., p. 58.

26. Citado por C. Horkenbach, p. 315.

27. Reproduzido em *Ursachen und Folgen* , vol. VIII, p. 330.

28. *Adolf Hitler in Franken* , p. 42 e p. 57 (discurso de 26 de março de 1927) assim como p. 102 (discurso de 8 de dezembro de 1928).

29. K. Tucholsky, *Gesammelte Werke* , vol. III, p. 834. Do mesmo modo, C.V. Ossietzky, o editor da *Weltbühne* , num artigo aparecido pouco tempo antes das eleições de setembro de 1930: “O movimento nacional-socialista tem um presente ruidoso, mas não tem nem sombra de futuro.”

30. K. Heiden, *Geschichte* , p. 259.

31. Cf. a exposição certamente dramatizada, no que concerne às circunstâncias, em *Mein Kampf* de Otto Strasser, p. 37 e seg., e sobretudo 50 e seg. Essa exposição se refere às descrições anteriores do encontro. Não há qualquer dúvida sobre o fato de que a conversação tenha sido fielmente descrita – não apenas porque se fez imediatamente um registro, mas também porque a argumentação de Hitler coincide com numerosas declarações por ele mesmo feitas em outras ocasiões.

32. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 45 e seg. Acerca da noção de socialismo de Hitler, cf. também as declarações contidas em *A. Hitler in Franken* , p. 144 e 167 e seg. (discurso de 30 de novembro de 1929).

33. Citado por K. Heiden, *Geburt* , p. 38.

34. Citado por K. Heiden, *Hitler* , I, p. 275, assim como por R. Kühnl, *op. cit* ., p. 374

35. A observação sobre a "lealdade pessoal quase perversa" provém de K.O. Paetel e se relaciona a Gregor Strasser, mas é válida sem dúvida para outros também; *op. cit* ., p. 215

36. *Die Weltbühne* , 1930, p. 566.

37. *Tischgespräche* , p. 419. Sobre as vastas implicações da crise SA, aqui apenas delineadas, cf. Dietrich Orlow, *History of the Nazi Party* , p. 216 e seg.; além disso H. Höhne, *Der Orden unter dem Totenkopf* , p. 64 e seg.

38. *Völkischer Beobachter* de 4 de abril de 1931 ("*Hitlers* Abrechnung"); o montante de 133 fora fornecido pelo *Frankfurter Zeitung* de 9 de abril; ver também comunicado de 3 de setembro de 1930, doc. Ctr. 43/1, assim como *Dienstvorschrift für die SA der NSDAP (S.A.D.V.)* , de 1º de outubro de 1932, p. 82.

39. Cf. A. Krebs, *op. cit* ., p. 138 e seg.

40. Cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 270.

41. Memorial do vice-OSAF sulino, de 19 de setembro de 1930, doc. Ctr. 43/11, BI.1.

42. Weigand von Miltenberg, *Adolf Hitler–Wilhelm III* , p. 74, p. 18; sobre a discussão com o conhecido orador nacional-socialista Hermann Friedrich, que passara do partido comunista para o nacional-socialista e teve depois esse debate com Hitler, ver H. Friedrich e F. Neumann, *Vom Sowietstern zum Hakenkreuz* , Karlsruhe, 1928, p. 20 e seg.

43. Segundo o discurso no Clube Nacional de Hamburgo, já mencionado diversas vezes, *op. cit* ., p. 97, assim como na carta mencionada de 2 de fevereiro de 1940, a um camarada do partido não citado, transcrita no VJHfZ 1966/4, p. 464. Para as observações apresentadas por O. Strasser, talvez exageradas, ver em *Mein Kampf* deste último, pp. 43 e 98.

44. Cf. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 272.

45. Hermann Remmele, *in* : *Die Internationale* , 13, p. 548, citado segundo

K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 365

46. Segundo o editorial do *Frankfurter Zeitung* , de 15 de setembro de 1930. Ver também W. Abbeg, em *Berliner Tageblatt* , de 9 de novembro 1930. Um relatório do presidente do governo de Koblenz, datado de 14/2/31, frisa que os eleitores do Partido não eram em especial partidários de Hitler, apresentando-se mais como adversários do regime vigente; cf. F.J. Heyen, *op. cit* ., p. 49 e seg.

47. O. Spengler, *Preussentum und Sozialismus* , Munique 1919, p. 11.

48. Segundo o *Daily Mail* de 24 de setembro de 1930, citado de acordo com o *Völkischer Beobachter* de 25 de setembro. O artigo de Lord Rothermere começava de modo curioso com um convite para modificar a imagem da Alemanha: "Até aqui, nós a temos na memória como um prisioneiro de guerra. Ela não é livre como os outros povos. Sua completa liberdade nacional, esta nós a fizemos depender de pagamentos e condições que lhe impusemos contra sua vontade. (…) Será hábil observar a lei ao pé da letra?" O artigo termina assim: "Para o bem da civilização ocidental, melhor seria que vingasse na Alemanha um governo impregnado dos mesmos princípios com os quais Mussolini tem renovado a Itália nos oito últimos anos."

49. Um desses candidatos ricos, que acederam depois de maneira surpreendente ao Reichstag, se viu, por exemplo, desafiado pela indagação crítica de um líder empresarial que lhe perguntou como via a supressão do lucro; ele se viu incapacitado de responder; cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 302.

50. Segundo K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 201.

51. *Der Angriff* de 2 de novembro de 1931, reproduzido em *Wetterleuchten* , p. 213 e seg.

52. Segundo o memorando mencionado de A. Schneidhuber, de 19 de setembro de 1930, doc. Ctr. 43/11. Acerca da carta de Gregor Strasser, mencionada na frase seguinte, cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 340.

53. Citado de acordo com A. Bullock, *op. cit* ., p. 159 assim como *Frankfurter Zeitung* de 26 de setembro de 1930. Cf. também a esse propósito, *Mein Kampf* , p. 379. "O movimento [é]…antiparlamentar e mesmo a sua participação numa instituição parlamentar só pode se dirigir no sentido de um anulamento, de uma eliminação dessa organização na

qual devemos ver um dos mais graves fenômenos de corrupção da humanidade.”

54. *Tischgespräche* , p. 364.

55. Citado por O.E. Schüddekopf, *Heer und Republik* , p. 281 e seg.

56. A declaração de Hitler não tinha sido transmitida integralmente e de acordo com a ata; as citações fornecidas aqui resumem textos diversos sob seu aspecto objetivo; cf. também Peter Bucher, *Der Reichswehrprozess* , p. 237 e seg., uma tentativa para reconstituir o texto exato segundo os relatos da imprensa.

57. Richard Scheringer, *Das grosse Los* , p. 236; para mais detalhes, *Der Angriff* , p. 73 (30 de abril de 1928). A. Krebs, *op. cit* ., p. 154, relata que Hitler, na primavera de 1932, tinha pedido ao setor de imprensa do partido de Hamburgo “incitar as massas à ação revolucionária.”

58. Cf. W. Sauer, *in* : K.D. Bracher/W. Sauer/G. Schulz, *Die nationalsozialistische Machtergreifung* , p. 851; sobre o desenvolvimento e o papel das SS, ver Heinz Höhne, *Der Orden unter dem Totenkopf* , p. 30 e seg.; *Ibid* ., p. 57 e seg., os efetivos alcançavam em janeiro de 1929, 280 homens, em dezembro de 1929, iam a mil; em dezembro de 1930, a 2.727.

59. Citado por H. Bennecke, *op. cit* ., p. 253 (doc. 13). Os SA deviam igualmente ser celibatários: “Nenhum pai de família serve para os conflitos de rua”, pensava Hitler; cf. E. Hanfstaengl, p. 97.

60. Cf. W. Sauer, *op. cit* ., p. 847; além de M. Broszat, *Die Anfänge der Berliner NSDAP* , *in* : VJHfZ I 1960/1, p. 85 e seg. O hino da SA transcrito parcialmente a seguir é citado de acordo com *Der Angriff* , de 25 de junho de 1928.

61. *Tischgespräche* , p. 364

62. Carta de Willi Vellers de 16 de agosto de 1930, resumida e citada segundo A. Tyrell, *op. cit* ., p. 297 e seg.

63. Cf. *Wetterleuchten* , p. 71 e seg. (artigo de 19 de fevereiro de 1931).

64. Segundo Arthur Rosenberg, *Entstehung und Geschichte der Weimarer Republik* , p. 479.

65. A. François-Poncet, *Botschafter in Berlin* , p. 22 e seg.

66. J. Curtius, *Sechs Jahre Minister der deutschen Republik* , Heidelberg, 1938, p. 173.

67. Relatório do embaixador inglês, de 16 de julho de 1931, citado segundo A. Bullock, *op. cit* ., p. 173.

68. Artigo de um oficial anônimo do Reichswehr, sobre "Nationalsozialismus und Reichswehr", que exprime de maneira exemplar todo o desacordo existente no corpo de oficiais em face do movimento hitlerista; transcrito em H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *Ausgewahlte Dokumente* , datado de 23/11/1930. Sobre a personalidade de von Schleicher, cf. p. ex. E. Eyck, *Geschichte der Weimarer Republik* , t. II, p. 420 e seg., assim como G.R. Treviranus, *Das Ende von Weimar* , p. 248 e seg.

69. Cf. W. Hubatsch, *Hindenburg und der Staat* , p. 306.

70. Conde von Ossietzky em *Weltbühne* , de 3 de fevereiro de 1931.

71. Cf. Dorothea Groener-Geyer, *General Groener* , p. 279; para mais detalhes, "Denkschrift des Stabschefs der SA Röhm für Zwecke aktiver Information im Ausland", de 22 de abril de 1931, citado em Th. Vogelsang, *Reichswehr, Staat und NSDAP* , p. 422 e seg.

72. Th. Heuss, *Hitlers Weg* , p. 148. e seg.

73. O encontro foi retomado pouco depois em Berlim, mas segundo o testemunho de Ernst Poensgen, Hitler, que incitou os dirigentes empresariais a retirar seu apoio a Brüning, não foi atendido; cf. *Erinnerungen* , p. 4; além disso, O. Dietrich, *Mit Hitler in die Macht* , p. 45.

74. Carta de Groener a von Gleich, novembro de 1931; cf. R.H. Phelps, *in* : *Deutsche Rundschau* , 76, 1950, p. 1016 e seg.

75. Cf. p. ex. as cartas de Groener a seu amigo von Gleich, D. Groener-Geyer, *op. cit* ., p. 279 e seg. Também K. Heiden, *Hitler* , I, p. 293.

76. Em *Erinnerungen* p. 103, Ernst von Weizsäcker relata a esse respeito a seguinte anedota: "Se Hitler for ministro dos Correios, teria declarado o presidente, ele poderá me ajudar lambendo as costas do selo." Hindenburg tinha o hábito de chamá-lo "o cabo boêmio", porque supunha erradamente

que Braunau-na-Boêmia era a cidade natal de Hitler. Há também a possibilidade de que o velho marechal tivesse querido caracterizar assim, de modo popular, os traços de um cidadão da Boêmia e de boêmio de Hitler que lhe pareciam estranhos e nada germânicos. – Sobre a observação de Oskar, cf. von Hammerstein, *Spähtrupp* , p. 20.

77. Segundo Alfred Hugenberg, *Hugenbergs Ringen in deutschen Schicksalsstunden* , I. p. 18. Acerca da declaração de Hitler, cf. a polêmica com o presidente do Stahlhelm, Th. Duesterberg, no livro deste último, *Der Stahlhelm und Hitler* , p. 24 e seg.

78. Cf. Edouard Calic, *Ohne Maske* , p. 22, *passim* . Aí encontramos numerosos exemplos da reação hostil de Hitler quando vinha à baila a palavra “burguês.” Pode-se duvidar bastante da veracidade do livro que transcreve duas conversas de Hitler com o redator-chefe do *Leipziger Neuesten Nachrichten* , Richard Breiting. Mas essas dúvidas não abarcam justamente as declarações antiburguesas de Hitler; é somente nessa perspectiva que citamos essa publicação; cf. a esse respeito *Der Spiegel* 37/1972, e seg. No mais, *Tischgespräche* , p. 170, 238, 245, 261 e seg., 348. Numerosos exemplos também em *Mein Kampf* .

79. *Adolf Hitler in Franken* , p. 138 (discurso de 30 de nov. de 1929).

80. Carl J. Burckhardt, *Meine Danziger Mission* , p. 346 e 340. Hitler declarou numa entrevista com Hanns Johst, publicada no *Frankfurter Volksblatt* de 26 de janeiro de 1934, que não se deveria encará-lo sob o aspecto do burguês. Cf. também *Tischgespräche* , p. 170

81. Segundo o *Jungdeutsche* de 18 de maio de 1930 sobre o comitê do Reich contra o plano Young. Houve outras tentativas de aliança no verão de 1930, tais como a tentativa frustrada de um referendo sobre a dissolução do Landstag prussiano, ou a coalizão entre os nacional-socialistas e o bloco da direita burguesa, no Brunswick, que se situou sob os mesmos augúrios desfavoráveis. Sobre a observação de Hugenberg, que vem a seguir, cf. Schulthess, 1931, p. 251.

82. Citado por H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., rubrica “Anfang 1927”, p. 3.

83. Cf. Georg W.F. Hallgarten, *Hitler, Reichswehr und Industrie* , p. 120; aí se encontram também indicações detalhadas sobre os compromissos do Partido e o montante das subvenções concedidas pela indústria. Ver também K. Heiden, *Hitler* , I, p. 313 e seg. Há indicações restritivas a

esse respeito em Henry A. Turner, *Fritz Thyssen und I paid Hitler* , no VJHfZ 1971/3, p. 233 e seg. As ordens de grandeza e as dificuldades reais além de toda a esfera mitológica surgem também na tentativa falhada de Thyssen de levantar 100 mil marcos para o Partido, sobre o fundo de greve do grupo Norte-Oeste da União dos industriais da metalurgia. Quando Ludwig Grauert, então diretor da União, efetuou a transação sem a autorização do presidente Ernst Poensgen, mereceu uma reprimenda severa do mesmo. Krupp chegou a propor o afastamento de Grauert, que só não se consumou porque Thyssen afirmou tratar-se de um empréstimo que ele mesmo pagaria de seu próprio bolso. Cf. a esse respeito H.A. Turner, *op. cit* ., p. 236.

Devido à insuficiência de provas documentais, a questão da ajuda financeira concedida a Hitler pela indústria abriu caminho a todas as especulações ideológicas. Segundo suas próprias palavras, o tesoureiro do Partido, Franz Xaver Schwarz, queimou todos os documentos da Casa Parda, na primavera de 1945, a fim de evitar que caíssem em mãos das tropas americanas que se acercavam. Por outro lado, a fonte citada com mais frequência, o *I paid Hitler* atribuído a Franz Thyssen, se revelou pouco segura. O próprio Thyssen já havia contestado a autenticidade desse livro. Na primavera de 1940, ele concedera algumas entrevistas ao editor Emery Reeves, em Monte Carlo, para onde emigrara. Essas entrevistas deviam constituir a matéria de suas memórias. O avanço rápido das tropas alemãs na França viria a anular bruscamente tal projeto. Reeves escapou para a Inglaterra com os documentos e publicou depois as entrevistas, acrescentando-lhes numerosos episódios. A versão diferente de Reeves é menos digna de crédito porque não seria nem mesmo aceita pelo tribunal de desnazificação em Königstein Taunus.

Em seu estudo já mencionado, H.A. Turner mostrou que são justamente as passagens consideradas até aqui pelos historiadores como particularmente importantes que pertencem às partes desse livro que Thyssen nunca vira, como foi confirmado pelo próprio Reeves. Outro exemplo que diminui o valor testemunhal desse livro: o trecho no qual Thyssen fala da “profunda impressão” causada pelo discurso de Hitler em Düsseldorf aos industriais presentes não figura nas notas estenografadas da entrevista; constitui pois, aparentemente, um acréscimo contra o qual Thyssen protestou taxativamente após a guerra. Os outros trechos, citados com grande frequência, nos quais Thyssen calcula em dois milhões de marcos por ano as subvenções concedidas ao Partido, como provou Turner de maneira convincente, são mais ou menos forjados.

Acerca do montante dos pagamentos efetuados realmente, ver as reflexões do autor no suplemento mencionado.

Pode ser admitido portanto que a maior parte dos recursos financeiros de que dispunha o Partido provinha das cotas pagas pelos seus membros, cujo montante, segundo um relatório policial, impedia muitas pessoas de se inscreverem no partido; ver a tal propósito F.J. Heyn, *op. cit* ., p. 22 assim como p. 63.

34. Segundo E. Czichon, *Wer verhalf Hitler zur Macht* trata-se de um exemplo entre muitos outros; ver também a esse propósito o comentário de Eike Henning, *Industrie und Faschismus* , em NPL 4/1970, p. 432 e seg., com muitas outras chamadas e indicações bibliográficas. Czichon lança mão de preferência, por outro lado, de alusões gerais assim como de documentos inéditos de modo que suas fontes são difíceis de serem comprovadas; aí se descobre também com freqüência dissimulações deliberadas, dados inexatos, notas errôneas. Ernst Nolte mostrou que Czichon se refere a um pagamento da IG Farben ao Partido como se tivesse ocorrido antes da tomada do poder, quando o próprio documento demonstra que a transferência foi efetuada em 1944 (E.N., *Der Nationalsozialismus* , p. 190). Czichon afirma igualmente ao se referir a K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 695, que após o encontro de Colônia com von Papen, em 4 de janeiro de 1933, Hitler encontrou Kirdorf e Thyssen; mas essa passagem não figura no livro de Bracher; dá-se o mesmo com uma referência errônea de Czichon ao livro de H.O. Meissner/H. Wilde, *Die Machtergreifung* . Outros exemplos em E. Henning, *op. cit* ., p. 439.

35. Esse discurso foi pronunciado a 26 de janeiro, e não a 27 como se afirma em geral. Cf. por outro lado, O. Dietrich, *op. cit* ., p. 44, 46. A posição diferente das diversas indústrias e dos diferentes industriais é igualmente sublinhada por G.W.F. Hallgarten, *op. cit* ., assim como em *Dämonen oder Retter* , do mesmo autor, p. 215 e seg.; no mais, cf. Iring Fetcher, *Faschismus und Nationalsozialismus* . Sobre a crítica da noção de fascismo soviético-marxista, cf. *Politische Vierteljahreszeitschrift* , 1962/1, p. 55.

36. Carta de H. Schacht a Hitler de 12 de novembro 1931. IMT 773-PS. Gustav Krupp respondeu por exemplo: “Por um conjunto de motivos, me é realmente impossível assinar esse apelo.” Cf. G.W.F. Hallgarten, *op. cit* ., p. 125.

37. Cf. K. Heiden, *Geburt* , p. 22.

38. Ralf Dahrendorf, *Gesellschaft und Demokratie in Deutschland* , p. 424. Dahrendorf defende também a tese, certamente justa quanto aos motivos, de que os dirigentes empresariais apoiaram Hitler como costumavam conceder ajuda financeira a todo partido de direita que parecia ter possibilidades de ascender ao poder; eles não pensavam de maneira alguma num complô, mas sim, de modo defensivo, em desfrutar de uma segurança necessária. Segundo a famosa frase de Hugo Stinnes, proferida em 1919, eles pagavam quase “um seguro contra as revoltas sociais”. Hallgarten declara também que se Hitler tinha sido energicamente apoiado pelos fundos da indústria, ele não fora “feito” por eles; cf. *op. cit* ., p. 113. E se pode dizer também que se a indústria não conduziu Hitler ao poder, ele pelo menos não chegou ao mesmo contra a vontade expressa dos industriais.

39. Segundo Hjalmar Schacht em seu discurso em Harzburg, cf. *76 Jahre meines Leben* , p. 367 e seg., desde dezembro de 1929, antes portanto da queda do último governo parlamentarista, um orador declarara, por exemplo, na assembleia da União do Reich da Indústria alemã, sob aplausos do auditório, que na Alemanha “não haveria paz econômica antes que 100 mil funcionários partidários não fossem expulsos do país” e ele assinou a ata. Foi aclamado então e gritaram no recinto: “Viva Mussolini!” Dois anos depois, as associações econômicas alemãs, numa “Declaração coletiva”, apresentaram ao governo de Brüning exigências em matéria de política econômica harmonizadas com um encorajamento à prática de uma verdadeira ditadura nacional. No editorial de 6 de outubro de 1931, o DAZ, vizinho dos meios industriais, deixou claro que, em caso contrário, “as forças determinantes da política e da economia alemã” passariam a dar as costas a Brüning.

90. O discurso é citado na íntegra em M. Domarus I, p. 68 e seg.

91. Segundo Hitler em seu discurso perante o Clube Nacional de Hamburgo em 28 de fevereiro de 1926, no salão de festas do Hotel Atlantic. Na ata da sessão lê-se a certa altura: “aplausos intensos”; cf. W. Jochmann, *Im Kampf um die Macht* , p. 103, 114.

92. O dr. Werner Rest, juiz suplente, foi designado como responsável por esse plano de ação. Tinha sido eleito diretor do departamento jurídico do distrito no supremo tribunal de justiça de Hesse e foi nomeado mais tarde, após a ascensão do III Reich, comissário do Reich, na Dinamarca então ocupada. Esse documento foi publicado por Schulthess, 1932, p. 263.

93. Cf. K. Heiden, *Hitler* , I, p. 292, assim como Carl Severing, *Mein Lebensweg* , II, p. 316 e seg. Para a citação que se segue extraída de documentos do adido militar inglês, cf. *Documents on British Foreign Policy, 1919-1939* , 2ª série, vol. 1, p. 512, registro 2.

94. J. Goebbels, *Vom Kaiserhof zur Reichskanzlei* , p. 102 (28 de maio de 1932).

95. Segundo Erich Koch-Weser a Otto Gessler, numa carta de 26 de março de 1932; citado por Otto Gessler, *Reichswehrpolitik* , p. 505.

96. Hindenburg sofria aparentemente e cada vez mais com a ideia de que abandonara, em novembro de 1918, seu soberano imperial. Brüning previa evitar a ameaça de uma ditadura nacional-socialista por meio de uma reforma autoritária, e de passar depois a uma solução constitucional conforme o modelo inglês. Mas o presidente opunha a tal ideia um restabelecimento imediato e efetivo da monarquia no estilo antigo. Quando Hindenburg se deixou persuadir finalmente a lançar sua candidatura, o fez com a condição de que "as eleições fossem absolutamente seguras e que a frente de Harzburgo não se colocasse de maneira unânime contra ele". Cf. a conversa de von Westarp com o secretário de estado Meissner, citado por K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 458.

97. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 19 e seg.

98. A. Brecht, *Vorspiel zum Schweigen* , p. 180, sublinha uma circunstância tragicômica: os pais da constituição tinham renunciado deliberadamente a adotar a cláusula da constituição americana, segundo a qual somente os cidadãos nascidos no país podem postular a função suprema do estado. Eles não queriam excluir seus irmãos austríacos. Os esforços para conseguir a naturalização de Hitler se processaram desde o outono de 1929. Frick tentou então, sem sucesso, obter a naturalização de Hitler em Munique. Seis meses depois, já então ministro na Turíngia, Frick procurou conferir a Hitler a nacionalidade alemã ao nomeá-lo funcionário do Land; pensava em dar-lhe o cargo vago de comissário de polícia de Hildburghausen, mas Hitler recusou por temor do ridículo. Klagges procurou em seguida outorgar a Hitler um lugar de professor na Escola Técnica de Brunswick, mas essa iniciativa fracassou também. A solução do deslocamento, isto é, a nomeação de Hitler para a representação de Brunswick em Berlim, foi coroada de êxito.

J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 22 e seg.

99.

00. Citado por M. Domarus, p. 94 e seg.; para o mais, J. Goebbels, *op. cit* ., p. 54.

01. *Mein Kampf* , p. 522; para o mais, J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 31.

02. SS-Befehl-C-nº 3, ordem de serviço de 3 de março de 1932, HA ro 1189, pasta 1.849.

03. E. Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 271; para mais detalhes o *Völkischer Beobachter* de 15 de março de 1932, assim como J. Goebbels, *op. cit* ., p. 64.

04. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 338.

05. J. Goebbels, *op. cit* ., p. 78, 76; sobre a observação a seguir, acerca do "recorde mundial" de Hitler, ver Otto Dietrich, *Mit Hitler in die Macht* , p. 65.

06. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 120 e seg.

07. Cf. para o conjunto dessa questão H. Frank, *op. cit* ., p. 90 e seg.; E. Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 231 e seg. Foi por intermédio de A. Speer que eu tive ciência dessa lei tácita pela qual o nome da sobrinha não devia ser pronunciado.

08. H. Mend, *Adolf Hitler im Felde* , p. 113 e seg. Mend, que aparentemente não deixava de ter sucesso junto às mulheres, relata igualmente que merecera com frequência reparos de Hitler.

09. Para as diferentes versões, cf. E. Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 231 e seg.; K. Heiden, *Hitler* , I, p. 371; W. Görlitz/A.H. Quint, *op. cit* ., p. 322 e seg.; H. Frank, *op. cit* ., p. 90. As queixas do *gauleiter* de Wurtemberg, Munder, que acusava Hitler de se desviar demais de suas tarefas políticas para desfrutar da companhia de sua sobrinha contribuíram em grande parte para seu licenciamento.

10. Cf. a esse respeito e para o que se segue H. Frank, *op. cit* ., p. 90. E. Hanfstaengl conta em seu livro (p. 242) um fato que segundo ele foi ventilado por familiares de Hitler; Geli teria sido engravidada por um professor de desenho judeu, oriundo de Linz; Hanfstaengl relata também que o cadáver de Geli teria sido descoberto, o nariz esmagado, mas não

cita provas. Interrogado a respeito desse caso pelo autor da presente obra, Hanfstaengl disse que o mesmo foi do conhecimento público, mas não é mencionado em obras dignas de registro.

11. E. Hanfstaengl, *op. cit* ., p. 61.

12. Ver o conhecido ensaio, do mesmo nome, por Ernst Fraenkel.

13. Discurso de Hitler, de 13 de agosto de 1920, citado em VJHfZ 1968/4, p. 417; Hitler declara a Breiting no início de junho de 1931: "Uma luta espiritual não é apenas sustentada pela fé, mas também pela razão. Junto às massas, devemos apelar para os sentimentos de fé, mas no nosso comitê diretivo não há lugar para os mesmos. Tudo deve ser aventurado na base da lucidez." E. Calic, *op. cit* ., p. 58.

14. *Mein Kampf* , p. 530 e seg.

15. *Ibid* ., p. 535 e seg.

16. Cf. O. Dietrich, *op. cit* ., p. 86 e seg., assim como *Mein Kampf* , p. 45 e seg.

17. A. Krebs, *op. cit* ., p. 154; para mais esclarecimentos, *Adolf Hitler in Franken* , p. 73.

18. *Mein Kampf* , p. 529; essa observação se refere, como numerosas considerações estratégicas de Hitler, ao adversário marxista, mas somente sob uma forma disfarçada.

19. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 307.

20. Weigand von Miltenberg (quer dizer, Herbert Blank, que pertencia ao grupo de Otto Strasser), *Adolf Hitler-Wilhelm III* , p. 69.

21. M. Broszat, "Soziale Motivation und Führerbindung des Nationalsozialismus", *in* : VJHfZ 1970/4, p. 402; a citação seguinte de H. R. Knickerbocker é extraída de seu livro *Deutschland so oder so?* , p. 206.

22. Heinrich Brüning, *op. cit* ., p. 195; para a observação mencionada anteriormente, ver O. Dietrich, *12 Jahre* , p. 160.

23. Conde H. Kessler, *Tabebücher* , p. 681; além disso W. Jochmann,

Nationalsozialismus und Revolution , p. 405, assim como H. Heiber, *Joseph Goebbels* , p. 65.

24. Cf. o discurso de Hitler diante dos redatores-chefe da imprensa nacional de 10 de novembro de 1938, transcrito em VJHfZ 1958/2, p. 182 e seg. Goldmann fez registrar incidentalmente que no manifesto de Hitler para as eleições de 1930, que comportava 13 páginas de texto cerrado onde eram enumerados todos os adversários e os traidores do ponto de vista nacional-socialista, não havia nenhuma consideração antissemita. Cf. *Deutsche und Juden* , Edições Suhrkamp, 196, p. 61.

25. *Adolf Hitler in Franken* , p. 186 (discurso de 30 de julho de 1932).

26. *Ibid* ., p. 179 (discurso de 7 de março de 1932).

27. Harold Nicolson, *Tagebücher und Briefe* , p. 105.

28. Como diz Hitler, em 24 de fevereiro de 1937, ao recordar a época que antecedera a tomada do poder; transcrito em H. von Kotze/H. Krausnick, *op. cit* ., p. 85. Numa carta de 4 de fevereiro de 1931, o Dr H. Gmelin fala da declaração feita no círculo dos agricultores: ver BAK, NS 26/513; em acréscimo W. Jochmann, *op. cit* ., p. 369, assim como J. Goebbels, *op. cit* ., p. 75.

29. Segundo a biografia de Napoleão, muito alusiva, editada em 1942 e segundo se diz, promovida pelo próprio Hitler e escrita pelo Reichsleiter Philipp Bouhler; citado conforme H. A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., p. 48.

30. O. Dietrich, *op. cit* ., p. 21, 29 e seg., assim como o conjunto das obras creditadas aos autores nacional-socialistas objetivando apresentar seu movimento. Os *Tischgespräche* mostram nitidamente em que medida Hitler, durante a guerra, sobretudo no transcurso dos reveses sofridos na segunda fase das operações, buscava elucidações e reconforto na evocação dos anos que haviam precedido a tomada do poder.

31. A. Krebs, *op. cit* ., p. 136; por outro lado K. Luedecke, *op. cit* ., p. 479. Cf. também Henriette von Schirach, *Der Preis der Herrlichkeit* , p. 226: “Vi-o uma vez após um de seus discursos, abatido e lívido, exausto e quase sem voz, aguardando, metido no capote de sua farda, um novo traje e roupa branca sobressalente.”

J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 87. O exame da composição do grupo

32. nacional-socialista no Reichstag após as eleições de julho não deixa de ser interessante. Dos 230 deputados 55 eram operários e empregados comuns, 50 agricultores, 43 representantes independentes do comércio, do artesanato e da indústria, 29 funcionários, 20 empregados, 12 professores e 9 ex-oficiais. Cf. Reichstags-Handbuch, 6º período eletivo, Berlim, 1932, p. 270.

33. *Op. cit* ., p. 60; para o mais, K. Heiden, *Geburt* , p. 56, que apresenta a declaração de Ludendorff.

34. Segundo K. Heiden, em todo caso, *op. cit* ., p. 57.

35. *Ursachen und Folgen* , VII, p. 459; sobre a hesitação de Hindenburg, ver H. Brüning, *Memoiren* , p. 542 e seg. O presidente se preocupava sem dúvida com o fato de que após ser reeleito por pessoas fora de seu ambiente, ainda devia ser encarado como responsável pela sua linha política errônea.

36. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 84.

37. Th. Eschenburg frisou que o "funcionamento da direção do Reich" repousava até aquele momento, em grande parte, sobre o bom relacionamento humano entre Brüning, Groener, Schleicher e Hindenburg. "As relações estreitas entre esses quatro homens tornavam-se mais fáceis já que Hindenburg e Groener eram viúvos, e Brüning e Schleicher, celibatários. O fato de viverem sós reforçava suas ligações recíprocas". Esse bom relacionamento não seria perturbado senão pelo novo casamento de Groener. "Groener e Schleicher se viam menos, a intensidade da troca de ideias diminuía, assim como a confiança mútua." Do mesmo modo, se estabelecia um afastamento sensível em relação a Hindenburg. Todas as censuras endereçadas a Groener se viram reforçadas pelo nascimento prematuro de uma criança. Para Hindenburg e seus amigos, a república e a democracia eram vítimas de uma degradação que não poupava os valores morais. Groener parecia se deixar levar também por aquele clima amoral. Em julho de 1931, Schleicher se casou também, e com a esposa de um general que se divorciou para unir-se a ele. Esse casamento também viria chocar bastante a moral rigorosa de Hindenburg. Cf. Th. Eschenberg, "Die Rolle der Persönlichkeit in der Krise der Weimarer Republik", *in* : VJHfz 1961/1, p. 13 e seg.

Cf. a esse respeito K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 522 e seg.; além desse,

38. W. Conze, *Zum Sturz Brünings* , *in* : VJHfZ 1953/3, p. 261 e seg., assim como H. Brüning, *op. cit* ., p. 597 e seg., e p. 273. A importância das informações sobre a aparência favorável das conferências de desarmamento é historicamente contestada; parece que Brüning a superestimara. No que diz respeito às pressões exercidas pelo séquito de Neudeck, cf. Th. Eschenburg, *op. cit* ., p. 25.

39. A. François-Poncet, *Botschafter in Berlin* , p. 49, assim como o Conde H. Kessler, *op. cit* ., p. 671.

40. K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 532 e seg.

41. J.Goebbels,*Kaiserhof* , p. 111, p. 107 e seg.

42. Friedrich Stampfer, *Die vierzehn Jahre* , p. 628.

43. J. Goebbels, *op. cit* ., p. 104. Sobre o domingo sangrento de Altona, cf. C. Severing, *Mein Lebensweg* , II, p. 345 e seg.

As cifras relativas aos mortos e feridos das semanas sangrentas seguintes ao levantamento da interdição das SA diferem bastante. Cf. p. ex., W. Hoegner, *Die verratene Republik* , p. 312 e seg.; por outro lado F. Stampfer, *op. cit* ., p. 629, ou Allan Bullock, *op. cit* ., p. 210, que se refere ao exposto por A. Grzesinski: “Até o momento não se tem um total exato das vítimas.” A “lista de honra” dos “assassinados do movimento” apresenta, para os nacional-socialistas, os seguintes números: “1929, 11 mortos; 1931, 43; e 1932, 87 mortos.”

44. K. Heiden, *Geburt* , p. 71; sobre a conversação da manhã de 20 de julho, ver o registro oficial, publicado em *Ursachen und Folgen* , VIII, p. 572 e seg. K. Heiden observou por outro lado com acerto que o 20 de julho de 1932 pôs fim ao socialismo policial socialdemocrata, perfeitamente absurdo: “Durante anos, esse governo veio afiando o sabre da polícia para essa luta em torno de um poder absurdo, e quando por fim devia se servir daquela arma, ele não ousa arriscar essa bela peça de coleção.”

45. De acordo com o deputado centrista Jakob Diel, “Das Ermächtigungsgesetz”, em *Die Freiheit* , 1, nº 5 (out. 1946), p. 28. O ministro prussiano das Finanças, Klepper, fala de um apelo semelhante lançado em vão a Severing, cf. Conde H. Keppler, *op. cit* ., p. 690 e seg.

46. Papen via também sob esse prisma a ação de 20 de julho. Pessoalmente, ele cientificou Brüning de que não tinha nenhuma intenção de conduzir

Hitler ao poder, mas somente ridicularizá-lo; cf. H. Brüning, *op. cit* ., p. 619.

47. As versões relativas ao rumo da conversação diferem bastante umas das outras. Admite-se, de modo geral, que Hindenburg recebeu Hitler de pé e secamente. Após rápida troca de palavras que mostrou a intransigência de Hitler, o marechal o teria afastado, ameaçando atirar, caso Hitler apelasse para a força. A versão apresentada por Papen em suas *Memórias* é diferente, p. 224. Ele frisa que o encontro se processou de maneira correta e que só as despedidas foram "frias", enquanto Meissner observava num relatório da mesma ocasião que, embora Hindenburg tivesse ameaçado intervir com rigor no caso em que a SA se manifestasse, acabara por concluir a conversa amigavelmente: "Nós somos todos dois velhos camaradas [!] e desejamos continuar a sê-lo porque nossa rota pode reunir-nos novamente mais tarde. Assim eu lhe estendo a mão com toda camaradagem." Citado por W. Hubatsch, *Hindenburg in der Staat* , p. 339 (doc. 88). Cf. também o caso relatado pelo Conde H. Kessler, *op. cit* ., p. 692.

48. *Adolf Hitler in Franken* , p. 194.

49. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 18 e seg. No *Diário* de Goebbels, encontramos a esse respeito, com data de 25 de agosto, uma observação que talvez explique a indagação de Hitler a Rauschning: "Circulam rumores de que o Führer deveria ser protegido, mas isso são infantilidades", *op. cit* ., p. 149.

50. *Völkischer Beobachter* , de 21/22 de agosto de 1932. A observação sarcástica de Hitler sobre a idade de Hindenburg, mencionada mais acima, foi extraída do discurso de 4 de setembro de 1932. O texto é o seguinte: "Não posso deixar de rir quando me opõem como agora ao Presidente. Eu resistiria muito mais tempo que o Senhor Presidente", citado em *Adolf Hitler in Franken* , p. 189.

51. J. Goebbels, "Der Führer als Staatsmann", *in* : *Adolf Hitler. Bilder aus dem Leben des Führers* (Cigaretten-Bilderdienst), p. 52.

52. J, Goebbels, *Der Kaiserhof* , p. 162 e seg., 165, 180 e seg.

53. K. Luedecke, *op. cit* ., p. 451 e seg.

54. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 176, 181; cf. também p. 167.

55. Cf. HA. Jacobsen/W. Jochman com data de 27-10-32; o fato de que os partidos burgueses aceitassem o desafio transparecia nos exemplos extraídos dos artigos da propaganda nacional-alemã que foram reproduzidos pelos nacional-socialistas com uma entonação indignada. O Partido foi aí apontado como um apêndice do marxismo e Goebbels tido de modo insultante como "um Rosa Luxemburgo masculino."

56. A passagem é a seguinte: "A ascensão do movimento nacional-socialista significa o protesto do povo contra um estado que nega os direitos do trabalho e o restabelecimento da renda econômica. Se o órgão distribuidor do sistema econômico não é mais capaz atualmente de repartir de maneira eqüitativa a riqueza produtiva da natureza, é que tal sistema é ruim e deve ser modificado para o bem do povo. (…) O essencial desta evolução é a grande nostalgia anticapitalista que percorre nosso povo e já se apossou hoje em dia, conscientemente ou não, de 95% de nossa população. A nostalgia anticapitalista (…) é uma prova de que nos encontramos numa grande reviravolta da história: a eliminação do liberalismo e o despertar de uma nova mentalidade e de uma nova posição face ao estado." Cf. O. Strasser, *Kampf um Deutschland* , p. 347 e seg. – Se a influência política de Strasser no seio do Partido é no fundo superestimada ainda hoje, isso se deve em grande parte à eficácia dessa fórmula.

57. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 195, 191.

58. Cf. a esse respeito as estatísticas em K.D. Bracher, Die *Auflösung* , p. 645 e seg.; por outra parte os documentos especialmente interessantes sobre a situação social (desemprego), em H. Bennecke, *Wirtschaftliche Depression* , p. 158 e seg., que esclarecem igualmente esse fato notável de que entre o desemprego e a opção pelo Partido não existia relação direta, quando muito uma relação indireta. Hitler obteve muito mais votos nas regiões agrícolas que padeciam menos duramente das conseqüências da crise do que, por exemplo, na zona do Ruhr ou de Berlim, onde o número dos votos nacional-socialistas, que era de 25%, não atingia a metade daquele que eles haviam obtido no Schleswig-Holstein.

59. Segundo John W. Wheeler-Bennett, pelo menos, *Die Nemesis der Macht* , p. 277. Sobre o conteúdo da reforma constitucional planejada, cf. K.D. Bracher, *op. cit* ., p. 537 e seg., assim como p. 658 e seg.

60. Citado por C. Horkenbach, 1932, p. 342.

61. De acordo com uma comunicação de H. Foertsch, cf. K.D. Bracher, *op. cit* ., p. 661

62. Citado por B. Schwertfeger, *Rätsel um Deutschland* , p. 173. A carta de Hitler mencionada mais adiante é apontada por Goebbels como uma obra-prima. Trata-se realmente de um exemplo da tática, da estratégia e da psicologia de Hitler. É republicada por M. Domarus, I, p. 154 e seg. Segundo H. Brüning, *op. cit* ., p. 634, ela teria sido redigida por H. Schacht no Hotel Kaiserhof.

63. F. von Papen, *Der Wahrheit eine Gasse* , p. 250, Ver também, p. 249, detalhes sobre a análise da guerra apresentada pelo tenente-coronel Ott.

64. K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 676.

65. Cf. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 352.

66. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 217 e seg. Sobre o relato de K. Heiden já citado, cf. *Geburt* , p. 99.

67. K. Heiden, em 10 de dezembro de 1932, no *Vossischen Zeitung* .

68. O. Strasser, *Mein Kampf* , p. 80, refere-se a um grupo de 33 membros; em K. Luedecke, *op. cit* ., p. 450, Gregor Strasser fala de 100 adesistas. Como a imprensa estava em mãos do próprio Hitler e sobretudo de Goebbels, os esforços dos lugar-tenentes de Strasser não podiam se manifestar pelos jornais. Na qualidade de representante da tendência extremista, Goebbels defendia constantemente a política do tudo ou nada.

69. De acordo com O. Strasser, *op. cit* ., p. 78. As primeiras medidas de política econômica, que procuravam em parte corrigir a herança reacionária de Papen, indicam essa designação como inapropriada.

70. Esse conhecimento dos meandros do assunto se fundamenta em grande parte numa breve indicação dada por O. Dietrich, e por outra parte nas anotações de Goebbels, sem dúvida muito estilizadas, numa declaração sob juramento de Eugen Ott, em 12-1-1949 (no IfZ/ Munique), assim como em descrições de K. Heiden, que captam sobretudo a atmosfera de então mas divergem quanto aos detalhes. Cf. também a declaração de Göring em Nuremberg, *in* : IMT IX, p. 279.

71. Cf. K. Heiden, *Geburt* , p. 101.

72. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 219 e seg.

73. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 254. A observação seguinte de Hitler se encontra nos *Tischgespräche* , p. 364. Sobre a atitude resignada de seus adversários, cf. também Th. Eschenburg. "Die Rolle der Persönlichkeit in der Krise der Weimarer Republik", *in* : VJHfZ 1961/1, p. 28 e seg.

74. Citado de acordo com E. Eyck, *op. cit* ., II, p. 541.

75. A. Bullock, *op. cit* ., p. 241.

76. Declaração de Schroeder, 3 de novembro de 1945, citada em *Nazi Conspiracy and Agression* , t. II, p. 922 e seg. (retradução).

77. K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 691. Hitler também reconheceu um caráter decisivo no encontro de Colônia; "tinha tido, diz ele, a impressão de que seu assunto estava muito bem encaminhado", cf. *Tischgespräche* , p. 365. A versão do encontro, aqui apresentada, tem sido objeto de controvérsia. O próprio Papen a desmentiu taxativamente (cf. sua carta a *Das Parlament* , 3, nº 14 de 8 de abril de 1953). Mas a exposição por ele feita em seu livro de memórias e de justificação exige do leitor muita dose de credulidade. Entre outras coisas, ele tenta dar ao referido encontro um caráter de todo casual e secundário; acentua por diversas vezes que o mesmo teve estritamente um caráter informativo. Mas nisso já é contraditado pela declaração feita sob juramento por von Schroeder. Algumas semanas antes, Hitler já se recusara a negociar com Papen. Se o que este afirmou mais tarde é exato, isto é, que nenhuma oferta fora comunicada, o fato de que Hitler tivesse podido sentir-se solicitado por Hindenburg por mediação de Papen permanece determinante. A oferta se apoiava pelo menos na pessoa de von Papen; na qualidade de diplomata, ele devia saber disso e certamente sabia. Papen quis fazer crer depois que promovera tal encontro no interesse de Schleicher e para apoiá-lo. O plano de um duunvirato não dizia respeito a Hitler e ele, Papen, mas sim a Hitler e Schleicher. O clima angustiante de sigilo que cercou o encontro já denuncia o caráter absurdo de tal alegação.

78. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 235 e seg. A interpretação do diário p. ex. por W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 175, pode induzir em erro. Cf. a esse respeito H.A. Turner, *op. cit* ., p. 25 e seg.

79. Cf. aqui O. Meissner, *op. cit* ., p. 254 e seg.; F. von Papen, *op. cit* ., p. 261, assim como a declaração de Meissner, no “processo da Willhemstrasse”, ata de 4 de maio de 1948, p. 4607.

80. De acordo com uma carta de Heinrich von Sybel, de 2 de fevereiro de 1951, citada segundo K.D. Bracher, *Auflösung* , p. 697 e seg. Ver também os documentos sobre a questão da verificação da ajuda ao Leste, em W. Treue, *Deutschland in der WeltwirtschaftsKrise* , p. 390 e seg.

81. Cf. aqui as sugestões em K.D. Bracher, *op. cit* ., p. 700, assim como Julius Leber, nas notas concernentes à renúncia de seu partido, escritas em junho de 1933, quando ele estava sob prisão preventiva. Citemos em particular o seguinte trecho: “A única realização política que a direção do grupo pode reivindicar nesses meses até agora são as reclamações desconfiadas com que tem saudado cada novo governo.” O partido não tinha captado “os fragores da tempestade”. *Ursachen und Folgen* , VIII, p. 769 e seg.

82. K.D. Bracher, *op. cit* ., p. 701. Por outra parte, O. Dietrich, Mit Hitler, p. 174, assim como J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 237 e seg.

83. Essa propriedade, adquirida principalmente com o dinheiro dos industriais, foi concedida formalmente, não a Hindenburg, mas a seu filho, a fim de evitar os gastos de transmissão de bens. Hindenburg também se mostrava cheio de cuidados por causa do 20 de julho de 1932. Brüning relatou o seguinte: “Erwin Planck, que veio me ver certa noite no hospital, quatro dias antes de Schleicher se afastar da chancelaria, me falou das dificuldades que o receio de Hindenburg de se ver acusado despertava no círculo do governo, e ele me assegurou ser essa uma das razões pelas quais Hindenburg terminou por admitir a nomeação de Hitler como chanceler.” Cf. H. Brüning, “Em Brief”, em *Deutsche Rundschau* , 1947, p. 15. Diante de H. Kessler, Brüning tinha acrescentado ainda no verão de 1935 que Oskar von Hindenburg “se deixara arrastar em todas as espécies de obscuras negociatas da Bolsa e se achava assim numa situação que o fazia temer constantemente ser desmascarado”. *Op. cit* ., p. 739

84. Cf. a declaração de Meissner no processo de Wilhelmstrasse. De acordo com Goebbels também, *Kaiserhof* , p. 247 e seg., visava-se na ocasião, dos dois lados, a um acordo acerca de um gabinete Hitler, enquanto Papen sustentava de maneira quase risível que não queria a presença de Hitler mas sim um gabinete com Schleicher (!).

85. O. Meissner, *op. cit* ., p. 263 e seg.

86. Th. Duesterberg, *Der Stahlhelm und Hitler* , p. 38 e seg.

87. “Literalmente, 26 de janeiro de 1933 às 11h30 da manhã, perante uma testemunha”, acrescenta von Hammerstein; cl. Kunrat von Hammerstein, *Spähtrupp* , p. 40. A testemunha mencionada era o general de divisão von der Bussche-Ippenburg que tinha submetido naquela manhã ao presidente diversas indagações relativas ao pessoal do Reichswehr.

88. De acordo com o testemunho de von der Bussche, Schleicher confirmara por diversas vezes essa promessa de Hindenburg, “tanto em 1932 quanto após sua partida. Minha missão”, dizia ele, “perderia todo o sentido sem essa promessa”. “Quando lhe indaguei se ele a tinha tomado por escrito, me respondeu: ‘O velho cavalheiro manterá sua promessa em relação a mim,’ ou algo parecido. Em todo caso, ele acreditava firmemente em tal promessa.” K. von Hammerstein, *op. cit* ., p. 38 e seg.

89. *Op. cit* ., p. 44. A réplica de Schleicher é relatada por J.W. Wheeler-Bennett, *op. cit* ., p. 301 e seg. Segundo H. Brüning, *op. cit* ., p. 645, que se apoia numa comunicação de Schleicher, Hindenburg teria dito: “Eu vos agradeço, general, por tudo o que tem feito pela pátria. Agora vejamos como prosseguir essa tarefa com a ajuda de Deus.”

90. Segundo o próprio Hitler, *Tischgespräche* , p. 368. Ele conta que havia confiado tal tarefa ao comandante de polícia Wecke, que lhe era devotado. Sobre a observação de Madame von Hindenburg, cf. K. von Hammerstein, *op. cit* ., p. 59.

91. Th. Duesterberg, *op. cit* ., p. 40 e seg.

92. *Op. cit* ., p. 41; cf. também F. von Papen, *op. cit* ., p. 276.

93. Cf. o Conde L. Schwerin von Krosigk, *Es geschah in Deutschland* , p. 147

94. Relatado por O. Meissner; cf. H.O. Meissner/H. Wilde, *Die Machtergreifung* , p. 191.

95. O. Meissner, *op. cit* ., p. 179. E. Kordt, *Wahn und Wirklichkeit* , p. 27, assim como o próprio Hitler (*Tischgespräche* , p. 369) atribuíram no entanto o assentimento final de Hindenburg à intervenção de Meissner.

196. Conde H. Kessler, *op. cit* ., p. 704.

197. Th. Mann, *Bruder Hitler* , em G.W. 12, p. 774; sobre a observação de Hitler citada mais acima, cf. Walter Frank, "*Zur Geschichte des Nationalsozialismus* ", *in* : *Wille und Macht* , 1934/17, p. 1 e seg.

198. Cf. K. Heiden, *Geburt* , p. 60.

199. Relatório do secretário de Assuntos Criminais, Feil, HStA, Munique, edição especial geral, I, nº 475.

200. Assim se dirigiu Hitler a Schleicher, no início de fevereiro de 1933; cf. H. Brüning, *op. cit* ., p. 648.

201. Cf. H. Frank, *op. cit* ., p. 121 e seg., que evidentemente não menciona o trecho escatológico citado aqui a tal respeito; cf. W. Görlitz/H. A. Quint, *op. cit* ., p. 367.

202. Hitler na batalha eleitoral em Lippe, cf. M. Domarus, I, p. 176.

SEGUNDA INSERÇÃO: CATÁSTROFE OU CONSEQUÊNCIA?

1. Segundo Hugenberg, a situação se apresentava assim naquele momento; cf. também H. O. Meissner/H. Wilde, *op. cit* ., p. 294.

2. G. Benn, *Doppelleben* , G. W., IV, p. 89.

3. G.A. Borgese, *Der Marsch des Faschismus* , Amsterdã, 1938, p. 338.

4. Segundo Friedrich Franz von Unruh numa série de artigos "Nationalsozialismus" publicados entre 22 de fevereiro e 3 de março de 1931 no *Frankfurter Zeitung* .

5. E. Vermeil, "The Origin, Nature and Development of German Nationalist Ideology in the 19th and 20th Centuries" em *The Third Reich* , p. 6. Cf. também a esse respeito Rohan D'O. Butler, *The Roots of National Socialism* , Nova York, 1942.

6. F. Meinecke, *Die deutsche Katastrophe* , Berlim, 1948. – Apesar de numerosas observações justas, todos os esforços tendentes a considerar Hitler na perspectiva de vários séculos de história não evitam o risco de se recair nas interpretações nacional-socialistas; estas não visavam a outra

coisa quando se apropriaram da Hansa, da mística, do prussianismo, do romantismo, e celebraram o III Reich como a realização da história alemã. Não menos problemática é a tendência oposta que consiste em apresentar o nacional-socialismo e o totalitarismo como fenômenos de crise da idade democrática, com suas revoltas contra a tradição e os sistemas estabelecidos, com seus antagonismos sociais e suas deficiências econômicas, e a defini-lo como uma consequência, não do caráter alemão, mas sim do moderno: ele aparece então como a realização da utopia negativa do estado total, tal como a conjuraram numerosas profecias pessimistas do século XIX. Porque o nacional-socialismo se via a si mesmo justamente como a retificação histórica dessa crise, que ele se destinava a exprimir. Nas exposições de procedência alemã, apresentando essa interpretação, Hitler aparecia comumente como um fenômeno estranho, como a antinomia da tradição, em particular da tradição germano-prussiana e bismarckiana. Tal é a tese exposta por Gerhard Ritter, na sua contribuição ao livro coletivo, *The Third Reich* , p. 381, e que está em contradição lógica com E. Vermeil. As falhas mais comumente recriminadas aos alemães, diz ele, são uma característica de toda a época: "Surpreende ver como declarações vincadas de ambição nacionalista, espírito militarista, de arrogância racista e de crítica antidemocrática podem ser encontradas na literatura intelectual e política de todos os países europeus."

Todas essas tentativas unilaterais de interpretação não podem apreender o caráter do fenômeno abordado; esse fracasso é notado antes de mais nada na interpretação marxista. Constantemente constrangidos por seus próprios axiomas, assim como pelo seu respeito face aos companheiros vencidos de outrora, seus porta-vozes jamais têm podido se libertar no fundo da definição conhecida, oficialmente proclamada, que reconheceu no nacional-socialismo uma manifestação "da ditadura terrorista de elementos em geral reacionários, chauvinistas e imperialistas do capital financeiro". Se se for até as últimas consequências dessa ideia, não será em Hitler, Goebbels e Streicher, mas sim em Hugenberg, Krupp e Thyssen, que se deverá ver os personagens-chave do nacional-socialismo. Ver p. ex. E. Czichon, *Wer verhalf Hitler zur Macht?* , e a esse propósito e para a questão em seu todo, cf. o resumo instrutivo em K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 6 e seg.

7. Cf., na presente obra, a nota 20 da Primeira Inserção. – Cabe notar a tal propósito que o líder fascista romeno, Codreanu, se queixava no começo da década de 20, por ocasião de uma visita à Alemanha, de não haver nesse

país um antissemitismo elementar e consequente; cf. E. Nolte, *Krise* , p. 263.

8. Cf. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 212.

9. Segundo Rudolf Höss, que foi comandante do campo de concentração de Auschwitz, cf. G.M. Gilbert, *The Psychology of Dictatorship* , p. 250.

10. "O que embaraça essa missão", declarou Hitler em seu discurso de 20 de fevereiro de 1938, "é um inimigo do povo, que nele tenta semear a perturbação, na qualidade de bolchevique, democrata, terrorista revolucionário, ou fantasista reacionário", cf. M-Domarus, *op. cit* ., p. 793. Essa ideia de uma missão especial revestida de pretensões metafísicas aparece entre outros em Hans Frank, que anota em seu *Diário* , a 10 de fevereiro de 1937: "Reconheço minha fé na Alemanha. Servir à Alemanha é servir a Deus. Nenhuma confissão, nenhuma crença cristã pode ser tão forte quanto nossa fé: se o Cristo aparecesse hoje, ele seria alemão. Na verdade nós somos o instrumento de Deus destinado a extirpar o mal. Lutamos em nome de Deus contra o judeu e seu bolchevismo. Que Deus nos proteja!" Citado segundo Christoph Klessmann, "Der Generalgouverneur Hans Frank", *in* : VJHfZ 1971/3, p. 259

11. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 211.

12. H.J. Laski, *Die Lektion des Faschismus* , citado por E. Nolte, *Theorien* , p. 379.

13. Th. Mann, *Denken und Leben* , G.W., 11, p. 246.

14. Paul de Lagarde, *Ausgewählte Schriften* , editado por Paul Fischer, Munique, 1934, p. 34

15. *Die Herrschaft der Minderwertigen* , eis o título de uma crítica acerca da democracia, redigida por Edgar J. Jung, que mais tarde, na qualidade de colaborador de von Papen, foi vítima dos assassinatos de 30 de junho de 1934.

16. Th. Mann, *Betrachtungen eines Unpolitischen* , p. 113. A carta de Wagner a F. Liszt é transcrita por R. Nitsche, *Der hässliche Bürger* , p. 158.

17. Th. Mann, *op. cit* ., p. 115; para mais detalhes, R. Wagner, sobretudo em *Kunst und Revolution* , *Ges. Schriften* , III, p. 194; cf. também R.

Gutmann, *Richard Wagner* , p. 148 e seg. 309, assim como Fritz Stern, *Kulturpessimismus* , p. 154, 166, 172.

18. *Ibid* ., p. 181 e seg.; por outro lado, Klemens von Klemperer, *Konservative Bewegungen* , p. 167 e seg.

19. Cf. o sentido da crítica da democracia em I. Silone, *Die kunst der Diktatur* , p. 171.

20. P. Viénot, *Ungewisses Deutschland* (Incertezas alemãs), Frankfurt, 1931, p. 93.

21. M. Domarus, *op. cit* ., p. 226.

22. Cf. nota 172 da p. 241.

23. Segundo Carl Goerdeler, de acordo com o registro estenográfico de Richard Breiting, citado por E. Calic, *Ohne Maske* , p. 171; para mais, H. Hoffmann, *Hitler was my friend* , p. 188.

24. Cf. *Ilustrierter Beobachter* , 1926, nº 2, p. 6.

25. A. Speer, *Erinnerungen* , p. 134.

26. A. Speer, em uma nota para este autor; sobre a rejeição de Hess e Himmler como sucessores de Hitler. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 152.

27. H.S. Ziegler, *Hitler aus dem Leben dargestellt* , p. 75; ver também A. Speer, *op. cit* ., p. 249

28. Friedrich Nietzsche de H. Frank, cit. de Ch. Klepmann, *loco citato* , p. 256; e também *Tischgespräche* , p. 167 e seg., e A. Speer, loco citato, p. 38.

29. Segundo uma declaração de Schleicher, cf. W. Conze, *Zum Sturtz Brünings* ; *in* : NJHfZ 1953/2 p. 261 e seg.; por outro lado, *Tischgespräche* , p. 167 e seg.; cf. também A. Speer, *op. cit* ., p. 38.

30. Cf. A. Hillgruber, *Strategie* , p. 216.

31. Citado de acordo com James Joll, *Three intellectuals in Politics* , p. 135, 174.

32. Gerhard Ritter registra em Carl Goerdeler, p. 109, que para a grande massa da burguesia alemã a ideia de se deixar cair nas mãos de um

aventureiro sem escrúpulos parecia “francamente grotesca”. F. von Schlabrendorff, *Offiziere gegen Hitler* , p. 12, fala da posição de Rudolf Breitscheid; Julius Leber lamenta em uma nota do seu diário a ausência de bases espirituais, cf. *Ein Mann geht seinen Weg* , p. 123 e seg. Numerosos social-democratas esperavam intimamente que Hitler entrasse logo em choque com Papen e Hugenberg a fim de serem o tertius e entrar em cena: “E aí se acertará as contas, e não como ocorreu em 1918”, advertiu o ex-secretário de estado prussiano, Abbeg, numa conversa com o Conde Kessler. Cf. a esse respeito *Diário do Conde Kessler* , p. 708.

33. Conde H. Kessler, *op. cit* ., p. 684 e seg.

JOACHIM FEST

1933-1945

TRADUÇÃO

Analúcia Teixeira Ribeiro | Antônio Nogueira Machado
Antônio Pantoja | Francisco Manuel da Rocha Filho

TRADUÇÃO REVISTA

Eliseu Visconti Neto

3ª EDIÇÃO

PARTE V

A TOMADA DO PODER

17

A revolução legal

Vitórias não houve porque faltaram adversários .

Oswald Spengler, 1933

NUM MOVIMENTO IMPETUOSO que durou apenas alguns meses, Hitler não só conquistou o poder como realizou uma parte de seus extensos propósitos revolucionários. Os comentários absolutamente desdenhosos que cercavam sua estreia no governo não lhe davam grandes possibilidades de duração no posto, [1] isso quando não chegavam a fazer dele um “prisioneiro de Hugenberg”, de acordo com uma ilusão curiosamente compartilhada por grupos que iam do centro aos social-democratas e aos comunistas. Mas as previsões céticas relativas a seu insucesso diante do poder dos elementos conservadores, face a Hindenburg e ao Reichswehr, diante da resistência das massas, em especial a exercida pelos partidos de esquerda e os sindicatos, em face da quantidade e complexidade dos problemas econômicos, diante da intervenção estrangeira, ou ainda devido ao seu próprio diletantismo finalmente desmascarado — todas essas previsões foram refutadas de maneira clamorosa por um processo de conquista do poder sem paralelo na história. O desdobramento das operações não foi certamente calculado com tanta minúcia como se tem a impressão em retrospecto histórico. No entanto, Hitler tinha o tempo todo a meta diante dos olhos: concentrar todo o poder em suas mãos, até que ocorresse a morte do presidente do Reich, fácil de antever, pois Hindenburg já tinha 85 anos. E sabia também a tática a seguir: aplicar aquele princípio de legalidade, modificado pela angústia e o sentimento de insegurança, que testara com sucesso nos anos anteriores. Lançava mão, para tanto, de uma verdadeira dinâmica de ataque, que a cada golpe abalava todas as posições do adversário. As forças assim atingidas e que procuravam resistir já não dispunham de uma folga para convocar e organizar suas próprias fileiras. Elas mesmas lhe davam as ocasiões e as oportunidades, em tudo propiciando-lhe uma espécie de aura de profeta que ele reivindicava para si com uma aptidão e uma presença de espírito crescentes.

Já em caráter prioritário, Hitler dedicou a reunião de gabinete de 2 de fevereiro ao preparo das novas eleições, que conseguira programar convencendo, após grande empenho, o recalcitrante Hugenberg, pouco antes

do juramento e posse de 30 de janeiro. Conseguiu logo, aparentemente, negociações com os centristas. Dispunha agora de todos os meios de estado, o que lhe dava não só a oportunidade de superar a derrota de novembro, mas também de escapar, num primeiro lance, ao controle do parceiro nacional-alemão. A proposta de Frick, de pôr um milhão de marcos à disposição do governo para a batalha eleitoral, foi rejeitada pela intervenção do ministro das Finanças, von Schwerin-Krosigk, mas com o poder nacional a seu alcance tais ajudas não eram mais necessárias para constituir aquela "obra-prima de agitação" que Goebbels previa em seu diário. [2]

Hitler tinha tendência a se fixar num único objetivo de cada vez. A partir daí todas as considerações, todas as manobras táticas foram postas a serviço da campanha geral das eleições, fixadas para 5 de março. Ele mesmo deu o sinal de partida, através de um "apelo ao povo alemão", que leu pelo rádio na noite de 1º de fevereiro. Já se adaptara bem depressa a seu novo papel e ao aprumo que o mesmo requeria. Hjalmar Schacht, presente à leitura daquela mensagem, pôde, sem dúvida, observar a excitação de Hitler, que "por instantes, tremia e tinha uma expressão corporal vibrante", [3] mas o texto em si, que ele próprio submetera à aprovação de todos os membros do gabinete, mantinha um tom comedido, calculado, como convém a um pronunciamento de estadista. Aliava uma renúncia crítica ao passado a afirmações veementes dos valores nacionais, conservadores e cristãos: "Desde os dias da traição de novembro de 1918", começou ele, "o Todo-Poderoso deixou de abençoar nosso povo." Febre partidária, ódio e caos tinham transformado a unidade da nação "numa mistura confusa de oposições políticas egoístas", a Alemanha oferecia "a imagem de um dilaceramento que despedaça nosso coração". Através de veredictos generalizadores, denunciava a degradação interna, assim como a miséria, a fome, a indignidade e as catástrofes dos anos passados, e proclamava que "a violenta ofensiva geral para subjugar a vontade dos alemães a que se lançara o comunismo" estava pondo fim a dois mil anos de cultura:

> A começar pela família, passando por todas as noções de honra e fidelidade, de povo e de pátria, de cultura e de economia, até o fundamento eterno de nossa moral e de nossa fé, nada é poupado por essa ideia puramente negativa que a tudo destrói. Quatorze anos de marxismo arruinaram a Alemanha. Um ano apenas de bolchevismo aniquilaria de vez a Alemanha. Os domínios culturais que hoje em dia são os mais ricos e os mais belos do mundo seriam reduzidos ao caos e a um terreno coberto de escombros. Mesmo o sofrimento dos dezoito meses que acabam de transcorrer não poderia ser comparado com a miséria de uma Europa no coração da qual se içaria o estandarte vermelho da destruição.

Atribuía ao novo governo a tarefa de restaurar "a unidade de espírito e de vontade de nosso povo", prometia tomar sob sua proteção "a cristandade, que é a base de toda a nossa moral, e a família, célula-mater de nosso povo e de

nossa nação”, assim como solucionar a luta de classes e honrar de novo as tradições. A restauração da economia do país devia ser assegurada por dois grandes planos quadrienais, cujo princípio norteador ignorava de novo o adversário marxista, pois sustentava em relação ao exterior o direito da Alemanha à vida, mas sem deixar de lado fórmulas apaziguadoras de reconciliação. Seu governo se empenharia “durante quatro anos”, concluía Hitler, “em corrigir os erros de 14”. Mas antes de pedir a bênção divina, numa invocação respeitosa, deu a entender nitidamente que o governo transgrediria todas as disposições de controle previstas na constituição. “O governo não pode submeter seu trabalho de reconstrução à aprovação dos responsáveis pelo desastre. Os partidos marxistas e seus cúmplices tiveram 14 anos para mostrar sua capacidade. E o resultado é um campo de escombros (…)”

No seu todo, esse apelo suscitou certas reservas devidas a considerações táticas, mas, apesar de todas as ameaças revolucionárias que ocultava, Hitler fez do assunto uma questão pessoal, quando, dois dias mais tarde, na residência oficial do comandante do Exército, general von Hammerstein, dirigiu-se aos responsáveis pelo Reichswehr. A ânsia surpreendente com que buscou promover de imediato aquele encontro, a despeito das inúmeras questões que tinha de resolver, não se explica unicamente pela posição-chave atribuída aos militares dentro da sua concepção da conquista do poder; na embriaguez e na exaltação daqueles dias, suas perspectivas grandiosas o levavam a procurar confidentes, apesar de toda a necessidade de sigilo. E marca perfeitamente essa impaciência o fato de que Hitler apresentava então aos chefes militares sua ideia mais guardada e mais importante. [4]

De acordo com o relato de um dos participantes da reunião, von Hammerstein apresentou “o senhor chanceler” num tom algo “condescendente”. O grupo de generais saudou-o com fria cortesia. Hitler desmanchava-se, aqui e ali, em reverências canhestras e humildes, e permaneceu inibido até chegar o momento, após a refeição, de fazer um longo discurso quando todos estavam à mesa. Assegurou aos chefes militares que a Wehrmacht seria o único organismo armado e se desenvolveria num clima de calma. E no início de sua fala, que durou quase duas horas, Hitler acentuou, como fizera no clube industrial de Dusseldorf, a primazia da política interna. O objetivo mais premente do novo governo era reconquistar o poder político por meio de “uma modificação total da situação atual no plano interior, a destruição sem tréguas do marxismo e do pacifismo, assim como pela determinação à luta e à resistência mediante a mais dura administração autoritária do estado”, único meio de encetar o ataque a Versalhes, de início com a ajuda de uma política exterior prudente e em seguida arregimentando

as forças para passar à “conquista de um novo espaço vital no Leste e efetuar uma germanização impiedosa”. Hitler não justificava sua tendência expansionista com simples argumentos de geografia militar e de política de nutrição. Referia-se igualmente à crise econômica: sua causa e sua solução residiam no espaço vital. Quando examinava a questão, só lhe pareciam problemáticos os anos de reconstrução secreta no plano político-militar. Seria importante ver se àquela época a França dispunha de estadistas: “Em caso afirmativo, eles não nos darão o tempo necessário e nos agredirão, provavelmente com ajuda dos satélites do Leste Europeu”, comentou um dos participantes da reunião.

O que havia de significativo naquela alocução não eram as novas revelações que fornecia sobre o espírito calculista de Hitler. Todo assunto lhe parecia simplesmente um argumento suplementar vindo em apoio de suas ideias há longo tempo fixadas; para a crise econômica, por exemplo, a única solução que lhe parecia viável apoiava-se sempre na violência. As explicações de Hitler também confirmavam — e é isso o importante — a permanência de seu mundo ideológico. Com isso caem por terra todas as teorias segundo as quais a responsabilidade de governo teria exercido um influxo atenuante, ao qual sobreviria nova reversão, mudança em geral situada em 1938, quando ele recaiu nos seus antigos complexos agressivos de ódio, ou, segundo outra versão, num novo tipo de síndrome delirante.

As concepções de Hitler acerca da conquista do poder, que — apesar de todos os elementos copiados da prática do golpe de estado bolchevique e sobretudo dos fascistas — figuram entre os raros toques pessoais originais de sua ascensão, são ainda o modelo clássico de uma conquista totalitária das instituições democráticas por dentro, quer dizer, com a ajuda do próprio poder e não em conflito com ele. Denotando uma considerável imaginação que nunca se via embaraçada pelos meios a serem usados, Hitler tornou a adotar os métodos dos meses anteriores para adaptá-los à nova situação. Num jogo elaborado com as tropas auxiliares, associava sem cessar processos de agitação revolucionária com sanções jurídicas, de modo que uma fachada legal, muitas vezes, num caso isolado, convincente, impedia de se perceber a ilegalidade do regime. Na mesma linha, as velhas aparências institucionais à sombra das quais podia ser processada uma alteração profunda da situação permaneciam de pé até que o julgamento dos contemporâneos sobre a retidão ou a ilegalidade do regime se visse numa confusão de espírito sem saída, exatamente como a decisão entre lealdade ou resistência: a noção paradoxal da revolução legal era “algo mais que um simples truque de propaganda”, e

não se saberia aquilatar bem a sua importância no êxito em que resultou o processo da tomada do poder. [5] O próprio Hitler declararia mais tarde que a Alemanha aspirava à ordem naquela época, de modo que ele devia renunciar a todo ato declarado de violência. E num de seus momentos de desespero dos derradeiros dias, quando fazia o balanço dos erros e descuidos do passado, viria a criticar o apego legalista, a mania do meio-termo e das meias-medidas própria dos alemães, a profunda aversão ao caos que dera um caráter irresoluto à revolução de 1918 e que também o fizera fracassar, a ele, Hitler, na Feldherrnhalle de Munique. Ali, dizia, estava a causa de todas as soluções apenas aparentes, dos meios-termos e da renúncia fatal a uma ação sangrenta de reviravolta: “Se não, milhares de pessoas teriam sido eliminadas (…) Só depois é que se lamenta o fato de ter sido demasiado generoso.” [6]

Naquele momento, a sua tática da revolução legal a se processar de maneira fulminante, revelou-se muito eficiente. No decorrer de fevereiro, tudo já parecia decidido por meio de três decretos cuja legalidade supunha-se garantida pelos agentes burgueses que apoiavam Hitler, pela assinatura de Hindenburg e pelo conjunto nebuloso de slogans nacionalistas. Já a 4 de fevereiro era baixado o decreto “Da Proteção do Povo Alemão”, que dava ao governo, sob os motivos mais imprecisos, o direito de proibir as manifestações políticas e os jornais e impressos dos partidos adversários. As intervenções draconianas imediatas ao decreto foram desfechadas contra as concepções políticas que implicassem desvio, fosse qual fosse sua direção. Até mesmo um congresso de intelectuais e artistas de esquerda, realizado no teatro da Ópera Kroll, foi interrompido logo no início por causa de supostas afirmações de tom ateu. Dois dias depois, a dissolução do *Landtag* prussiano foi decidida por outro decreto de emergência, à maneira de um segundo golpe de estado, depois que uma tentativa fracassara pela via parlamentar. Dois dias mais tarde, ainda, Hitler justificou o decreto especial de 4 de fevereiro na presença de jornalistas alemães de renome, alegando os julgamentos errôneos emitidos outrora pelos editorialistas acerca de Richard Wagner. E declarou “que desejava preservar a atual imprensa de erros semelhantes”. Ao mesmo tempo, ameaçou tomar medidas severas contra todos aqueles “que queriam deliberadamente prejudicar a Alemanha”. [7] Mas nesse contexto de declarações perturbadoras descobriam-se algumas notas humanas, bem dosadas, que se misturavam de modo eficaz com as ameaças e com os atos de violência. A 5 de fevereiro, o setor de imprensa do Partido cientificou que Adolf Hitler, “que se sentia ligado muito pessoalmente à cidade de Munique”, ali continuava a residir, como que renunciando a seus privilégios de chanceler.

Nesse meio-tempo, os nacional-socialistas penetravam profundamente no

organismo administrativo. De acordo com os planos da revolução, cabia a Göring, cuja corpulência emprestava à violência um caráter jovial, a tarefa de conduzir de modo implacável a gigantesca organização. Mesmo que o novo decreto tivesse investido von Papen de todos os poderes na Prússia, o verdadeiro poder estava nas mãos de Göring. Enquanto o vice-chanceler esperava ainda exercer "sua tarefa educativa no seio do gabinete", [8] o lugar-tenente de Hitler introduzia no Ministério prussiano do Interior uma quantidade de "comissários honoríficos", como o general da SS Kurt Daluege, que se instalaram de imediato no maior aparelho administrativo da Alemanha e decidiram efetuar no quadro do pessoal longos licenciamentos e nomeações: "Os bonzos do sistema", dizia um relato da época, "são destituídos em massa. Essa depuração violenta vai dos diretores aos zeladores." [9] Göring fiscalizava particularmente as chefaturas de polícia, pelas quais distribuiu bem depressa um amplo contingente de SA graduados. A 17 de fevereiro, ordenou à polícia, mediante um decreto, manter a maior cordialidade possível com "os grupos nacionais (SA, SS e Stahlhelm)", mas "recorrer às armas sem contemplação se fosse necessário" tratando-se de elementos da esquerda. "Toda bala", confirmou oficialmente num discurso posterior, "que sair agora do cano de um revólver de policial é um projétil meu. Se chamam a isso de assassinato, então sou eu que assassino; eu ordenei tudo isso e assumo a responsabilidade."

A partir de um serviço secundário e sem relevo especial na chefatura de polícia de Berlim, que se dedicava a vigiar os movimentos anticonstitucionais, Göring começou a organizar a polícia secreta do estado, a *Geheime Staatspolizei* -Gestapo, cujo aparelhamento teria, quatro anos mais tarde, um orçamento quarenta vezes maior e 4 mil empregados, apenas na cidade de Berlim. [10] Para "liberar a polícia comum dos casos especiais", Göring ordenou em 22 de fevereiro a formação de um corpo policial auxiliar de cerca de 50 mil homens, composto sobretudo de SA e SS, e renunciou claramente à ficção de uma neutralidade política para assumir o terrorismo político. Mais tarde, bastaria o uso de uma braçadeira branca, um cassetete de borracha e uma pistola para legitimar detenções selvagens e agressões feitas pelo exército do partido, que assim seriam apresentadas como ações legais a serviço do estado. "As medidas que tomo", assegurou Göring em uma de suas profissões de fé de violência, de tom exaltado, "não serão refreadas por qualquer escrúpulo jurídico. Eu não tenho que exercer justiça aqui. Não tenho senão que subjugar e destruir, nada mais." [11]

Essa declaração de guerra era dirigida antes de tudo aos comunistas, que não só eram os principais adversários, mas também poderiam ser os árbitros

da maioria do novo Reichstag. Três dias após a formação do gabinete, Göring já impedira todas as manifestações comunistas na Prússia, depois que o KPD-Partido Comunista da Alemanha [*Kommunistische Partei Deutschlands*] conclamara a greve geral e manifestações de massa. A guerra civil subterrânea continuava. Só nos primeiros dias de fevereiro os embates custaram 15 mortos e 150 feridos. A 24 de fevereiro, a polícia deu uma grande batida na sede do Partido Comunista, a Karl Liebknecht Haus, na rua Bulow, cuja direção, naturalmente, abandonara o local havia algum tempo. Já no dia seguinte, rádio e jornais informavam que havia descobertas sensacionais. Tinham sido encontradas "toneladas de material revelador de alta traição". A propaganda eleitoral nacional-socialista descrevia o caso em cores sombrias a fim de insuflar o terror de uma possível revolução comunista, sem que detalhes precisos fossem jamais ventilados: "Atentados criminosos contra dirigentes do povo e do estado, ataques às empresas vitais e a edifícios públicos, envenenamento de grupos inteiros de pessoas respeitáveis, tomada de reféns, mulheres e filhos de homens eminentes, tudo isso deveria gerar o temor e o sobressalto na mente do povo", dizia o relatório policial. Evitava-se, contudo, interditar o Partido Comunista para não lançar seus eleitores nos braços do SPD-Partido Social Democrata [*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*].

Nesse meio-tempo, os nacional-socialistas aumentavam sua atividade de propaganda até fazer daquela batalha eleitoral a mais ruidosa e desenfreada de até então. O próprio Hitler, que alcançara de novo o maior impacto publicitário, inaugurara a campanha eleitoral no Palácio dos Esportes de Berlim com um longo discurso, onde retomava com eloquência o fio das antigas críticas aos quatorze anos de humilhação e miséria, aos criminosos de novembro e aos partidos, assim como revivia as antigas formas de saudação. E, imitando o padre-nosso, olhar ardente, ele se dizia, ao fim do discurso, firmemente convencido de "que soaria a hora em que os milhões de seres que hoje nos detestam cerrarão fileiras atrás de nós e saudarão conosco o novo Reich alemão, criação comum e fruto de imensa luta, o Reich da grandeza e da honra, da força, do esplendor e da justiça. Amém!" [12] Novamente, todos os recursos técnicos eram postos em ação com o prestígio e a proteção do estado. O país foi coberto por uma avalancha de cartazes, de slogans, de desfiles, de bandeiras içadas. De novo Hitler sobrevoava a Alemanha num avião. O plano de Goebbels previa a utilização mais ampla possível do rádio, "de que nossos adversários não têm sabido explorar as possibilidades", como escrevia o chefe da propaganda; "com maior razão, devemos aprender a nos servir dele". Hitler deveria fazer seus discursos em todas as cidades dotadas de emissoras de rádio: "Nós transmitiremos as mensagens radiofônicas para o meio do

povo e daremos assim ao ouvinte uma imagem plástica do que acontece durante nossas manifestações. Eu mesmo farei uma introdução para cada discurso do Führer, na qual tentarei transmitir aos ouvintes o fascínio e o clima geral de nossas manifestações coletivas." [13]

Parte considerável dos gastos da campanha eleitoral foi coberta graças a uma manifestação para a qual Göring convidara alguns dirigentes industriais, na tarde de 20 de fevereiro, no palácio do presidente do Reichstag. Entre os vinte participantes, estavam Hjalmar Schacht, Krupp von Bohlen, Albert Vögler, das indústrias Vereinigte Stahlwerke, Georg von Schnitzler, do grupo I.G. Farben, Kurt von Schroeder, representantes da indústria pesada, da mineração e dos bancos. Hitler salientou de novo em seu discurso a oposição entre a ideologia autoritária do industrial e a constituição democrática que ele atacava duramente como sendo a organização política da fraqueza e da decadência; elogiou o estado ideológico organizado com rigidez como a única alternativa em face da ameaça comunista, e louvou a retidão das grandes personalidades. Tinha se recusado, acentuou então, a ser apenas tolerado pelos centristas. Hugenberg e os nacional-alemães só faziam estorvar; para derrotar definitivamente o adversário, primeiro era preciso reunir toda a força necessária. Mas, por meio de fórmulas que renunciavam à aparência de legalidade, ele solicitava de seus ouvintes subvenções: "Estamos às vésperas das últimas eleições. Qualquer que seja o resultado, não haverá mais retorno possível (…) De uma forma ou de outra, se as eleições não forem decisivas, à verdadeira decisão se chegará de outro modo." Göring declarou em seguida que o sacrifício financeiro exigido "seria seguramente menos penoso para a indústria se se levasse em conta que o pleito de 5 de março constituiria certamente o derradeiro em dez anos, talvez até em cem anos". Schacht dirigiu-se então ao público com a seguinte observação: "E agora, meus senhores, passemos à coleta!" — e propôs a criação de uma "caixa de subvenção eleitoral" para a qual recolhesse logo entre as grandes firmas industriais pelo menos três milhões de marcos, mas provavelmente mais. [14]

Mesmo em suas falas de campanha, Hitler deixava de lado quase que inteiramente a contenção. "O tempo da tagarelice internacional, da promessa de reconciliação dos povos já passou; agora quem assume o seu lugar é a comunidade nacional alemã", exclamou ele, dirigindo-se a seus ouvintes em Kassel. Em Stuttgart, prometeu "acabar com as demonstrações de preguiça e eliminar o veneno"; estava decidido "a não permitir sob nenhum pretexto que a Alemanha retornasse ao regime anterior". E evitava cuidadosamente todo programa prefixado ("Não pretendemos mentir e não queremos iludir (…) com promessas baratas"). A única intenção que expressou de modo concreto

consistiu em extirpar da Alemanha o marxismo e seus correlatos; o "primeiro item" de seu programa era este convite ao adversário: "Renuncie a todas as suas ilusões." Era o povo alemão que ele representaria durante quatro anos, não os partidos cavadores da ruína. O povo julgaria, exclamava com a ênfase blasfematória a que o levava com frequência naqueles dias seu sentimento messiânico. Ninguém mais iria julgá-lo: "O povo é que me deverá crucificar se achar que não cumpri meu dever." [15]

Já que se desejava fazer uma revolução de cunho legal, não era preciso subjugar brutal e abertamente o adversário pelo terror e pelas medidas de interdição, mas sim provocá-lo sem cessar, levando-o a cometer atos de violência, a fim de que por si mesmo oferecesse o pretexto e as justificativas para medidas legais de repressão. Goebbels já descrevera nesses termos esse método tático numa nota de seu diário, em 31 de janeiro: "De momento, não tomaremos medidas diretas [contra os comunistas]. Deixemos irromperem primeiro as tentativas de revolução bolchevique. Interviremos, então, no momento oportuno." [16] Era o velho ideal revolucionário de Hitler: ser convocado no clímax de uma tentativa de revolução comunista, ver-se chamado desesperadamente como o derradeiro salvador, para liquidar o grande inimigo num conflito dramático, dar fim ao caos e granjear legitimidade e respeito junto às massas, qual um defensor poderoso da ordem acolhido com aplausos. Já na primeira reunião do gabinete, em 30 de janeiro, rechaçara a proposta de Hugenberg, que queria banir sem rodeios o Partido Comunista, cassar os mandatos de seus representantes e assegurar, assim, maioria no Reichstag, a fim de tornar desnecessárias novas eleições.

De certa forma, Hitler temia que os comunistas não estivessem aptos a empreender uma ação revolucionária ampla e forte. Já expressara algumas vezes dúvidas sobre a força revolucionária deles, como Goebbels, que no início de 1932 não conseguia mais ver nos comunistas nada de perigoso. [17] Seria necessário realmente algum esforço da máquina de propaganda para lhes conferir aquela silhueta ameaçadora que os nazis deviam liquidar, de acordo com seu próprio programa. As alusões ao material subversivo encontrado às toneladas na sede do partido serviam tanto a tal propósito quanto os numerosos boatos em circulação, após meados de fevereiro, acerca de um atentado iminente contra Hitler. Tais rumores eram claramente difundidos pelos próprios nacional-socialistas. A indagação formulada em 1918 por Rosa Luxemburgo — "Onde está o proletariado alemão?" — permaneceu também sem resposta. É certo que ocorreram algumas escaramuças de rua nas primeiras semanas de fevereiro, mas tratava-se de

choques de caráter nitidamente local. Não havia o menor indício que anunciasse a grande insurreição central, motivadora da angústia estimulante. A causa disso não residia só na depressão econômica, no desencorajamento dos operários, que, naturalmente, interessavam essencialmente aos comunistas, mas sobretudo no erro quase grotesco de seus dirigentes na avaliação da situação histórica. Em nada impressionados pelas perseguições e torturas, pela fuga de numerosos camaradas, assim como pela redução constante de seus adeptos, os comunistas sustentavam que o verdadeiro adversário era a social-democracia, que não havia diferença maior entre o fascismo e a democracia parlamentar e que Hitler era apenas um fantoche: uma vez no poder, não faria senão reaproximar os próprios comunistas desse mesmo poder; no atual estágio, a paciência era a virtude revolucionária suprema.

Esses erros táticos eram claramente o resultado de um deslocamento de forças. Constitui um dos paradoxos da tomada do poder o fato de que o adversário com o qual o nacional-socialismo comungara durante tanto tempo no plano psicológico, inspirando-se nele e crescendo graças a ele, não se manifestasse no momento do conflito. Ainda que pouco tempo antes fossem uma ameaça poderosa e terror da burguesia, os milhões de comunistas se eclipsaram sem um indício de resistência, sem um ato de oposição, sem um sinal qualquer. Se é lícito afirmarmos que não se pode falar de fascismo sem nos referirmos igualmente ao capitalismo e ao comunismo, [18] tal elo histórico tinha-se extinto tanto para um como para o outro. A partir daquele momento, com efeito, o fascismo deixou de ser um instrumento, uma negação ou um reflexo. No decorrer dos dias da tomada do poder, firmou-se em virtude de sua lei própria e, até o fim, o comunismo não desempenharia mais seu papel de contrapeso e de provocação.

É sobre esse pano de fundo que se faz necessário apreciar o dramático incêndio do Reichstag, que a 27 de fevereiro de 1933 selou a tomada do poder por Hitler. As discussões de vários anos sobre quem fora o autor do incêndio também trazem a marca das indicações a que nos referimos acima. Os comunistas sempre negaram com veemência ter tido a menor participação no incêndio do Reichstag, e eles não tinham, realmente, qualquer motivo para cometer aquele ato criminoso: seu ânimo abalado não os predispunha de maneira alguma ao ataque. Em troca, a responsabilidade dos nacional-socialistas podia ser invocada de modo convincente, porque tal gesto correspondia perfeitamente à impaciência revolucionária de Hitler. A tese de sua responsabilidade no caso foi por muito tempo aceita quase unanimemente, ainda que alguns detalhes permanecessem misteriosos e se perceba também

que a controvérsia rugia com a ajuda de afirmações veiculadas pela propaganda oficial, testemunhas compradas ou documentos adulterados. As circunstâncias criminosas do caso ofereciam igualmente uma base magnífica para o exercício da imaginação de cronistas ambiciosos, de forma que a questão foi bem depressa nublada por uma série de mentiras deliberadas, argumentos venais ou audaciosos, e se apresentou aos olhos de todos com uma fisionomia falsificada, mesmo em seus aspectos mais claros.

O famoso ensaio de Fritz Tobias, publicado no início da década de 1960, teve o significado e o mérito de desmascarar, através de uma análise minuciosa, as numerosas invenções grosseiras dos criadores de lendas, tendenciosos ou apenas imaginativos. A tese segundo a qual os nacional-socialistas não seriam os culpados, apontando-se como incendiário único o holandês Marinus van der Lubbe, surpreendido no Reichstag em chamas, coberto de suor, seminu e bradando com ar triunfante "*Protest! Protest!* " apoiava-se em argumentos mais precisos e mais convincentes que qualquer outra versão aventada até então. Mas restavam ainda certas dúvidas que suscitaram uma controvérsia acirrada de vários anos. [19] Os prós e os contras, o peso dos argumentos carecem aqui de maior importância. Unicamente os criminalistas podem ter a ambição de descobrir o incendiário. Isto é de interesse praticamente secundário para a compreensão histórica da conquista do poder. Ao explorar de imediato o acontecimento em favor de seus planos ditatoriais, os nacional-socialistas acabaram por apropriar-se do assunto, e, sem dúvida, revelaram sua cumplicidade: as discussões acerca dos indícios e da autoria do crime não alteraram em nada sua posição no caso. Em Nuremberg, Göring reconheceu que as providências para as prisões e perseguições teriam sido tomadas de qualquer maneira, e que o incêndio do Reichstag só fizera precipitá-las. [20]

As primeiras medidas foram tomadas no próprio local: Hitler passara a tarde no apartamento de Goebbels, na praça da Chancelaria do Reich, para onde telefonou Hanfstaengl informando que o edifício do Reichstag estava em chamas. Supondo tratar-se de "uma brincadeira de mau gosto", Goebbels preferiu não tocar nisso com Hitler. Mas pouco depois, quando a notícia foi confirmada, apressou-se em cientificar o Führer. "Enfim, peguei-os!" Essa exclamação espontânea de Hitler já demonstrava que ele pensava em explorar aquele fato para servir a seus propósitos, para desencadear a agitação. Imediatamente, os dois "rumaram para o Reichstag, a 100km por hora, seguindo pela Charlottenburger Chaussee, e chegaram finalmente ao grande *foyer* de entrada, passando por cima de grossas mangueiras de bombeiros". Ali, encontraram Göring, que se antecipara e, "com muita diligência e

disposição”, já expedira a palavra de ordem mais óbvia que iria influir de imediato no julgamento político, jornalístico e policial: tratava-se de um ato de natureza política dos comunistas. Um dos colaboradores de Hermann Göring, Rudolf Diels, que se tornaria mais tarde o chefe da Gestapo, assim descreveu a cena do crime:

> Quando entrei, Göring logo se aproximou. Na sua entonação de voz revelava-se todo o sentimento dramático daquele momento: “Este é o primeiro passo da rebelião comunista; agora eles irão atacar! Não temos um só minuto a perder!” Göring não pôde prosseguir. Hitler voltou-se então para os que ali estavam. Notei que seu rosto estava vermelho pela excitação do momento e devido ao calor que se concentrava na cúpula do prédio. Com um descontrole que eu jamais percebera nele até ali, exclamou como se fosse explodir: “Agora não haverá mais contemplações: todo aquele que se colocar em nosso caminho será massacrado. O povo alemão não terá piedade. Todo funcionário comunista será abatido, onde quer que se encontre. Os deputados comunistas devem ser enforcados nesta mesma noite. É preciso deter todos os que estão ligados aos comunistas. Mesmo com relação aos social-democratas e aos membros da Reichsbanner, não se pode usar mais de panos quentes!” [21]

Nesse ínterim, Göring ordenava à polícia que, em sua totalidade, se mantivesse de prontidão. E naquela mesma noite foram presos perto de 4 mil funcionários, pertencentes na maioria ao Partido Comunista, assim como alguns escritores, médicos e advogados vistos como contestadores, entre eles Carl von Ossietzky, Ludwig Renn, Erich Muhsam e Egon Erwin Kisch. Diversas sedes de jornais social-democratas foram ocupadas. “Onde ocorrer resistência”, ameaçava Goebbels, “os SA terão liberdade de agir.” [22] E, embora a maioria dos detidos fosse tirada da cama e o líder da bancada comunista, Ernst Torgler, se apresentasse voluntariamente à polícia para demonstrar a improcedência das acusações, o relatório oficial mais imediato, datado de 27 de fevereiro(!), diz:

> O incêndio do Reichstag seria o sinal para a rebelião sangrenta e a guerra civil. Já se previa em Berlim a ocorrência de grandes pilhagens na terça-feira às quatro horas da madrugada. É fato comprovado que o evento de hoje deveria desencadear em toda a Alemanha uma onda de atos terroristas contra certas personalidades, contra a propriedade privada, contra os bens e a vida da população pacífica, assim como uma guerra civil geral (…)
>
> Ordem de prisão foi expedida contra dois importantes deputados comunistas do Reichstag muito suspeitos. Os outros deputados e funcionários a serviço do Partido Comunista já tinham sido presos por medida de segurança. Jornais, revistas, folhetos e cartazes de propaganda comunista foram proibidos em toda a Prússia por quatro semanas. E todas as publicações oriundas do Partido Social-Democrata foram suspensas por duas semanas (…) ” [23]

Já na manhã seguinte, Hitler se apresentava ao presidente do Reich em companhia de von Papen. Após fazer um relato dramático dos incidentes, submeteu à aprovação de Hindenburg um decreto de emergência elaborado de antemão. Esse documento explorava ao máximo a ocasião. Abolia todos os direitos fundamentais importantes, ampliava consideravelmente o limite de aplicação da pena de morte e antecipava, por outro lado, numerosas manobras contra a autonomia dos *Länder* . “Todos estavam aturdidos”, conta um dos

presentes, [24] nunca a gravidade da ameaça comunista se fizera mais tangível. A população organizava a vigilância contra as pilhagens tão temidas, os agricultores colocavam sentinelas diante dos poços e cisternas temendo que os envenenassem. A angústia explorada de imediato por todos os veículos da propaganda proporcionou a Hitler, por um breve tempo que ele soube aproveitar com presença de espírito, quase todos os poderes. Permanece incompreensível a esse propósito que von Papen e seus auxiliares conservadores tenham aprovado um decreto que lhes tirava toda a liberdade de ação e abria as comportas à revolução nacional-socialista. Convém notar que não havia qualquer alusão ao direito de *habeas-corpus* . Esta "terrível lacuna" fez desaparecer o limite fundamental às intervenções oficiais. A polícia podia "prender arbitrariamente qualquer pessoa e prolongar de maneira ilimitada a duração do encarceramento. Podia, também, deixar os parentes dos detidos sem notícias a respeito dos motivos da prisão e do destino deles. Podia impedir que um advogado ou outras pessoas visitassem os presos ou tivessem acesso aos processos (…) que vissem a sobrecarga de trabalho imposta aos presos, a má alimentação e o péssimo alojamento, a obrigação de repetir confissões forçadas e desagradáveis, ou de entoar hinos, sendo supliciados (…) Nenhum tribunal jamais tomaria conhecimento de tais ocorrências nos dossiês da polícia. Não se poderia dali em diante abrir um processo, mesmo se um juiz se inteirasse de tais circunstâncias por via não oficial". [25]

O decreto "para a proteção do povo e do estado", complementado ainda por outro dispositivo baixado no mesmo dia "contra a traição ao povo alemão e as manobras do complô contra a segurança do estado", foi a base jurídica determinante da soberania nacional-socialista e, sem nenhuma dúvida, a lei mais importante do III Reich. Ela substituía a legalidade por um estado de emergência permanente. Foi observado, e com muita justeza, que nesse decreto, e não na lei de plenos poderes promulgada algumas semanas depois, é que estava a base legal essencial do regime. O referido decreto permaneceu em vigor sem modificação alguma até 1945 e, em 20 de julho de 1944, forneceu a base pseudolegal à perseguição, ao terror totalitário e à repressão da resistência na Alemanha. [26] Impediu ao mesmo tempo que os nacional-socialistas repisassem a sua tese de que o incêndio fora ateado pelos comunistas. Para eles, o processo posterior, que só pôde indicar a culpabilidade de van der Lubbe, fora uma pesada derrota. É sob tal aspecto, e não em seus detalhes policialescos, que o incêndio do Reichstag ganha toda a sua envergadura histórica. Quando Sefton Delmer, correspondente do *Daily Express* , indagou a Hitler, àquela época, se os rumores de um massacre iminente da oposição política interna eram procedentes, o Führer pôde

responder ironicamente: “Meu caro Delmer, eu não preciso de uma noite de São Bartolomeu. Com a ajuda do decreto para proteger o povo e o estado, nós temos criado tribunais especiais que acusarão todos os inimigos do regime e os condenarão legalmente.” Calcula-se em mais de dez mil o número de pessoas presas só na Prússia até meados de março, tendo como base o decreto de 28 de fevereiro. Goebbels exultava ao comentar os progressos na escalada do poder: “Viver voltou a ser uma alegria!” [27]

Nesse cenário intimidador é que todos os recursos da agitação nacional-socialista foram empregados uma vez mais, numa progressão constante, na última semana da campanha eleitoral. Goebbels tinha proclamado o 5 de março como o “dia do despertar do país”. Manifestações coletivas e paradas ostensivas, hastear de bandeiras, atos de violência, cenas de exultação, assim como “as miraculosas proezas retóricas” de Hitler, tudo isso se ajustava ao mesmo propósito. O toque veemente dessas manifestações esmagadoras praticamente tirava de cena o “sócio” nacional-alemão, enquanto os outros partidos se viam às voltas com inúmeros obstáculos. A polícia acompanhava tudo em silêncio e sem intervir nas escaramuças partidárias. Antes do dia das eleições, ocorreram cinquenta mortes e houve várias centenas de feridos entre os adversários dos nacional-socialistas. Estes, por seu turno, tiveram dezoito baixas. E foi com razão que o *Völkischer Beobachter* comparou a agitação do Partido com “duros golpes de martelo”. [28] A véspera das eleições foi festejada pomposamente em Königsberg. Quando Hitler concluiu sua fala, com um apelo embriagador ao povo alemão: “Levantem de novo bem alto a cabeça e sejam altivos! Agora vocês não estão mais submetidos à escravidão nem são mais prisioneiros, são de novo livres (…) com a ajuda e a graça de Deus”, ouviu-se o ecoar da ação de graças holandesa, cuja estrofe final foi abafada pelo tanger dos sinos da catedral de Königsberg num dobre solene e jubiloso. Todas as emissoras radiofônicas tinham ordem de transmitir diretamente a manifestação, e cada uma delas, rezava uma instrução do Partido, devia, “de acordo com suas possibilidades, transmitir em plena rua a palavra do Führer”. Terminada a celebração, colunas de SA puseram-se em marcha por toda parte, enquanto se acendiam no alto das montanhas e ao longo das fronteiras os *fogos da liberdade* . “Isto será uma grande vitória”, exclamavam exultantes os organizadores da cerimônia. [29]

A decepção teria um alcance maior, portanto, quando na tarde de 5 de março os resultados do pleito foram anunciados. Para uma participação do eleitorado calculada em torno de 89%, o Partido Nazi obteve 288 cadeiras no legislativo, enquanto que seu parceiro, o Front de Luta preto-branco-

vermelho, conquistava 52 cadeiras. O Centro se mantinha com 73 cadeiras e mesmo o SPD-Partido Social-Democrata ia poder conservar a sua posição anterior, 120 deputados; os próprios comunistas só tinham perdido 19 cadeiras das cem que detinham antes. Os nacional-socialistas só tiveram um sucesso verdadeiro nos territórios do sul, o Wurttemberg e a Baviera. Com seus 43,9%, só por umas 40 cadeiras não conquistaram a maioria absoluta. Hitler se viu então, em princípio pelo menos, forçado a contar ainda com o apoio de Papen e Hugenberg, pois a participação deles lhes garantia uma frágil maioria de 51,9%. Na residência de Göring, onde se inteirou dos resultados do pleito, declarou com ar descontente que, enquanto Hindenburg vivesse, ele, Hitler, não se veria livre do "bando" (referia-se aos seus companheiros de coalizão, os do Partido Nacional-Alemão). [30] Quanto a Goebbels, disse na ocasião: "Que significam agora os dados da apuração? Nós somos os senhores do Reich e da Prússia." No seu jornal, *Der Angriff* , transcreveu uma exortação espantosa dirigida ao Reichstag: "não crie dificuldades ao governo" e "deixe as coisas seguirem seu curso natural".

Essas declarações triunfais combinavam bem com o estilo autoritário da conquista do poder e com a psicologia nacional-socialista. Mesmo os reveses mais graves e evidentes eram festejados como vitórias. Apesar de sua decepção, os nacional-socialistas apresentaram o resultado do pleito como um sucesso esmagador e se arrogaram uma missão histórica: a de "pôr em execução o veredicto emitido pelo povo sobre o marxismo". Como os centristas protestassem, logo após a votação, contra as bandeiras com a cruz gamada hasteadas nos edifícios do governo, Göring respondeu com altivez "que a maioria da população alemã" se pronunciara a favor da bandeira com a cruz gamada no pleito de 5 de março. "Eu devo cuidar de assegurar o desejo expresso pela maioria do povo alemão e não os interesses de um grupo que aparentemente ainda não compreendeu os sinais da época." Na reunião do gabinete de 7 de março, Hitler encarou francamente o resultado da eleição como uma "revolução". [31]

Já no decorrer dos quatro dias posteriores às eleições ele açambarcara o poder dos *Länder* , numa manobra de estilo golpe de mão. Os SA incumbiram-se do papel histórico que consistiu em exprimir a cólera desatada do povo: desfilaram ostensivamente pelas ruas, cercaram os edifícios públicos, exigindo a renúncia de prefeitos, chefes de polícia e, por fim, dos governos também. Em Hamburgo, Bremen e Lubeck, em Hesse, Baden, no Wurttemberg ou na Saxônia, os governos tornaram-se demissionários à força, segundo um processo de cunho ritualístico. O caminho estava desimpedido agora para gabinetes "nacionais". De um momento para outro, é óbvio, as

fachadas legalistas cuidadosamente erguidas tombavam, deixando entrever um poder ilegal e revolucionário: “O governo derrubará com dureza todos os que a ele se oponham”, declarou o *gauleiter* Wilhelm Murr, após as eleições manipuladas que o designaram presidente do Land de Wurttemberg; “nós não dizemos olho por olho, dente por dente, não; aquele que nos arrancar um olho terá sua cabeça cortada, e aquele que nos arrancar um dente terá seu maxilar quebrado.” [32] Na Baviera, o *gauleiter* Adolf Wagner, com Ernst Röhm e Heinrich Himmler, forçou o primeiro-ministro Held a renunciar em 9 de março, e em seguida ordenou a ocupação dos edifícios governamentais. Poucos dias antes, ainda se pensara em Munique no restabelecimento da monarquia, com o príncipe herdeiro Rupprecht, a fim de se proteger a província dos riscos de uma tal renúncia, e se ameaçara deter na fronteira qualquer comissário do Reich que tentasse ultrapassar a linha divisória do Meno. Verificava-se agora que o príncipe se achava no país havia longo tempo e superava em popularidade todos os ministros do Land em exercício. Na tarde de 9 de março, as atribuições governamentais foram confiadas ao mesmo general von Epp que em 1919 extinguira na Baviera a autoridade dos conselhos [sovietes] operários. Três dias depois, Hitler estava em Munique. De manhã comunicou duramente, numa fala pelo rádio por ocasião do dia de luto nacional, que as cores preta, vermelha e dourada da república de Weimar estavam suprimidas, e que as cores preta, branca e vermelha, assim como a bandeira com a cruz gamada, constituíam dali em diante a bandeira nacional. Ao mesmo tempo, ordenou que se embandeirassem os edifícios com o novo pavilhão “para festejar a vitória” das forças nacionais. Declarou terminado o combate “em sua primeira parte” e acrescentou: “A coordenação entre a vontade política dos *Länder* e a vontade da nação foi consumada.” [33]

Efetivamente, sob o signo peculiar da conquista gradual é que se efetuou a revolução nacional-socialista. Nos anos precedentes, Hitler se voltara sem cessar contra os revolucionários ultrapassados e sentimentais que viam na revolução “um espetáculo para as massas”, e declarara: “Nós não somos revoltosos confundidos com o *Lumpenproletariat* .” [34] A revolução que tinha em mente não era um motim, mas a perturbação dirigida, não se tratava do arbitrário e da anarquia ilegal, mas do triunfo da violência ordenada. Condenou, portanto, com evidente desagrado as ações terroristas das SA desfechadas logo após as eleições, incentivadas ainda pelas tonitruantes declarações de vitória. Não era a violência contida nesses atos que ele reprovava, mas seu caráter desenfreado. Rivais, dissidentes ou cúmplices de segredos fatais eram imolados sob um rancor vingativo descontrolado. No distrito de Chemnitz, cinco comunistas foram assassinados num espaço de dois dias e o editor de um jornal social-democrata, fuzilado. Uma granada de

mão foi arremessada contra a janela da editoria de um jornal social-democrata em Gleiwitz; SA armados invadiram o recinto de uma reunião presidida pelo dr. Lehr, burgomestre de Dusseldorf, e surraram um dos presentes com um chicote de couro trançado. Em Dresden, os SA interromperam um concerto regido por Fritz Busch; em Kiel, assassinaram um advogado social-democrata. Os SA também boicotaram lojas de judeus, libertaram presos pertencentes ao partido, ocuparam bancos e ordenaram a demissão de funcionários politicamente suspeitos. Ao lado disso, houve uma onda de arrombamentos, de pilhagens e roubos; as seções da SA praticavam isoladamente uma espécie de mercado humano selvagem, ao exigir altas quantias como resgate de adversários políticos detidos. Levando-se em conta todas essas circunstâncias, foi avaliado em seiscentos o número de mortos durante os primeiros meses, e o total dos que tinham sido enviados para campos de internamento, desde 8 de março, em cerca de cem mil. Como sempre é revelado através de uma análise psicológica, as atitudes complexas dos nacional-socialistas denotavam uma mistura quase indecifrável de motivos políticos, instintos pessoais e frio calculismo. Os nomes de algumas das vítimas daquela fase de violências esclarecem o assunto: ao lado do poeta anarquista Erich Muhsam, figuravam entre as pessoas assassinadas o agente teatral Rotter e sua esposa, o antigo deputado nacional-socialista Schäfer, que remetera às autoridades os documentos de Boxheim, o vidente Hanussen, assim como o comandante de polícia bávaro Hunglinger, que ousara afrontar Hitler em 9 de novembro de 1923 na Burgerbräu; igualmente o ex-chefe das SS, Erhard Heiden; e, finalmente, o matador de Horst Wessel, Ali Höhler. Num tom seco e com ar ofendido, Hitler rejeitaria os protestos de seus parceiros burgueses acerca do poder crescente das manobras de rua; na presença de von Papen, declarou que admirava francamente “a disciplina inaudita” de suas SA e SS, e agia assim a fim de que “a história não venha a nos acusar, numa hora histórica como a de agora, de nos deixarmos levar pela fraqueza e a covardia de nosso mundo burguês e de atuarmos com luvas de pelica, em vez de brandir um punho de ferro”. Mas não permitiria que ninguém o atrapalhasse em sua missão de exterminar o marxismo e exigia, pois, “expressamente, que se atentasse bem para isso a fim de que, no futuro, não viessem queixar-se de novo”. Entretanto, desde o dia 10 de março, intimaria a SA e a SS “a zelar para que a revolução nacional de 1933 não fosse comparada historicamente com a dos mochileiros-espartaquistas, em 1918”. [35]

Naturalmente, os SA se decepcionavam com exortações desse tipo. Essa corporação sempre encarava a conquista de poder como uma aplicação franca e livre da violência, e se agora caçava seres humanos, submetia-os a torturas e

os assassinava, era principalmente para dar à revolução “seu caráter autêntico”. E não desejava de modo algum ver interpretadas como metáforas vazias as promessas que lhes tinham feito há anos, isto é, que, após a vitória, a Alemanha lhes pertenceria. Para os SA, isso implicava exigências muito concretas. A organização pretendia obter galões de oficiais, postos de conselheiros, empregos públicos, uma segurança social, enquanto que, para Hitler, a conquista do poder, pelo menos naquela primeira fase, previa unicamente uma troca das posições-chave, que seria efetuada sob uma pressão bem dosada: a massa dos especialistas de segundo nível deveria, em compensação, ser forçada a colaborar, fosse por meio de promessas, fosse por meio de ameaças. Nas declarações que fazia, geralmente procurava acalmar seus SA: “A hora da derrota [dos comunistas] está chegando!”, proclamava desde o início de fevereiro. [36]

As decepções da SA eram, no entanto, a esperança da burguesia, que tinha esperado daqueles pretorianos de camisa parda o restabelecimento da ordem, não os ataques, os assassinatos ou a instalação de campos de confinamento. Aprovava agora, com satisfação redobrada, que os membros da SA fossem admoestados e progressivamente desviados de sua ação revolucionária impulsiva. Os homens das SA eram então orientados em funções pacíficas de coletores, ou mandados em marchas frequentar as igrejas aos domingos. Foi a experiência processada nessa época que suscitou a imagem tão falsa, mas respeitável, de um Hitler moderado, descrito como guardião provisório da legalidade nas discussões exaustivas com seus lugar-tenentes revolucionários.

A tática da “revolução legal” não se consumaria e não teria obtido tanto efeito sem a “segunda palavra mágica” [37] cunhada por Hitler, a do “ressurgimento nacional”. Essa noção não só fornecia uma justificação revolucionária para os numerosos atos de violência, em parte descontrolados, em parte dirigidos, mas também oferecia ao país, ainda afetado em sua consciência nacional, uma senha sugestiva através da qual se podia disfarçar com habilidade o imenso desejo de poder do regime. A começar pela atitude dos conservadores, que ainda restringiam Hitler no gabinete, até os amplos círculos da opinião pública burguesa, aquela combinação de violência intimidadora e fraseologia nacionalista, que conferia a todas as vinganças um clima patético quase alucinante, foi traumatizante. Por isso a organização implacável dos nacional-socialistas não encontrou nenhuma resistência; ao contrário, acolheram-na sempre com ênfase, como “uma abertura nacional” acima dos partidos.

A nação se achava agora organizada de maneira uniforme, segundo o esquema intelectual e sentimental. A figura do “Chanceler do Povo” se

colocava no centro de tudo, apresentada em variações infinitas, muitas vezes grotescas. Um chanceler longe das desavenças partidárias e de interesses mesquinhos, comprometido unicamente com a lei e o bem-estar do país. Goebbels ocupava-se pessoalmente agora de criar oficialmente essa imagem, através de uma propaganda cada vez maior. A 13 de março, Hindenburg assinou o decreto de nomeação que conferia a Joseph Goebbels o cargo de "ministro do Reich para a informação do povo e a propaganda", que o próprio Goebbels elaborara e que fora protelado por um resto de respeito pelo parceiro da coalizão. Pela primeira vez, Hitler ignorava assim todas as suas declarações anteriores em que assegurara a imutabilidade da composição do gabinete ministerial. O novo ministro advogou para si mesmo importantes atribuições, em detrimento de seus colegas, mas, ao mesmo tempo, deu à sua pessoa uma aura de autoridade absoluta que se diferençava, com vantagem, do ar arrogante e da entonação insolente, cheia de si, dos líderes pardos. Em seu primeiro discurso, quando expôs seu programa à imprensa, declarou "que o governo tinha, ao criar o novo ministério, a intenção de não deixar o povo entregue a si mesmo, sem uma orientação precisa. O governo era um governo do povo. (…) O novo ministério informaria à população do país as intenções do governo, com o objetivo de uma ação coordenada do povo e desse mesmo governo". [38]

No círculo restrito do gabinete ministerial, Hitler já promovera toda a argumentação possível em favor do novo ministério, frisando, por exemplo, não sem ironia, ser necessário instruir o povo a resolver a questão do petróleo e das gorduras. Todavia, nenhum dos ministros fez qualquer indagação ou solicitou esclarecimentos. E se em poucas semanas todo o ardor combativo dos conservadores fora destruído, isto não se devia unicamente à hábil atitude reservada mantida por Hitler, no exercício de suas prerrogativas ditatoriais. Via-se aí também todo seu poder de persuasão. Papen denotava uma amabilidade quase submissa. Blomberg mostrava-se bastante afetado pelo charme cativante de Hitler. Hugenberg deixou de lado seu descontentamento ocasional; quanto aos demais, contavam pouco. A tarefa a que Goebbels se dedicava efetivamente e sem hesitação consistia em dar os retoques finais na primeira manifestação pomposa do partido, que devia ao mesmo tempo abrir caminho psicologicamente para a lei dos plenos poderes que estava em elaboração. Hitler podia, é certo, promulgar essa lei, concebida como o "golpe de graça" contra o sistema parlamentarista, caso recorresse novamente à violência, baseando-se no decreto expedido por ocasião do incêndio do Reichstag e fazendo prender tantos deputados esquerdistas quantos fossem necessários para alcançar a maioria de dois terços; de fato, tal possibilidade foi apresentada por Frick, na reunião do gabinete, entre outras fórmulas

táticas, e discutida pelo círculo de iniciados; [39] mas Hitler poderia também optar por uma via correta do ponto de vista formal e tentar obter a anuência dos partidos centristas. Se Hitler tomou os dois caminhos, tal não ocorreu por acaso; e aí se pode notar também, de maneira significativa, o estilo tático da tomada do poder.

Enquanto os deputados do Partido Comunista e do Partido Social-Democrata eram intimidados por meio de ameaças maciças, e alguns deles eram mesmo presos, Hitler cortejava da forma mais ostensiva os partidos burgueses, não sem agitar diante deles, de maneira ostensiva, o poder ilimitado de que dispunha graças ao decreto baixado logo após o incêndio do Reichstag, em 28 de fevereiro. Essa perspectiva explica o comportamento nacional exacerbado daquele período, o apelo à moral cristã, as invocações solenes à tradição e a grandiloquência de suas atitudes, que Hitler sabia dosar como estadista. Foi na Jornada de Potsdam que o namoro de Hitler com a burguesia chegou ao máximo. Os ritos pomposos exerciam um verdadeiro enfeitiçamento.

Para o novo ministro da Propaganda, aquele era ao mesmo tempo o primeiro teste, e ele se saiu magistralmente. Do mesmo modo como já proclamara o 5 de março "dia do despertar do país", cognominou o 21 de março, quando seria realizada a primeira sessão do Reichstag do III Reich, "o dia do soerguimento nacional". Essa cerimônia devia ser iniciada com um ato oficial solene na igreja da guarnição de Potsdam, diante do túmulo de Frederico, o Grande. E como se não bastasse o fato de a *Residenz* prussiana, sóbria e graciosa, oferecer um cenário propício, sob inúmeros aspectos, a satisfazer os anseios nacionais de elevação, a data dos festejos, 21 de março, não coincidia apenas com o início da primavera: nessa mesma data celebrava-se também o aniversário da inauguração por Bismarck do primeiro Reichstag alemão; festejava-se, assim, um retorno às fontes históricas. No programa aprovado por Hitler, Joseph Goebbels especificou cada item, cada passagem da cerimônia. Todos os detalhes que causariam no ato um efeito tão sugestivo e absorvente: a ordem precisa das colunas em marcha, o menino postado no caminho do desfile com o buquê de vistosas flores, as salvas de canhões, os veteranos de barbas brancas das guerras de 1864, 1866 e 1871, a marcha de apresentação e os sons do órgão; tudo ali, numa mistura inelutável de precisão rítmica e de arrebatamento, era a expressão de um planejamento no qual se anteviram, fria e seguramente, os efeitos obtidos: "Nas grandes festas de estado, são os detalhes mínimos que contam", [40] observaria Goebbels após um exame prévio do local onde se efetuaria a cerimônia festiva.

O dia da grande festa foi iniciado de maneira significativa com missas solenes. As primeiras colunas de viaturas chegaram de Berlim pouco depois das dez da manhã e foram abrindo caminho pelas ruas apinhadas de populares. Ali estavam Hindenburg, Göring, Papen, Frick, deputados do Reichstag, chefes das SA, generais, a antiga e a nova Alemanha. As fachadas das casas ornadas com grinaldas e tapetes coloridos. As bandeiras coloridas em preto, branco e vermelho e os estandartes com a cruz gamada se alternavam nessa festa de reconciliação organizada faustosamente. Com seu antigo uniforme de marechal, que preferia agora mais que antes à sobrecasaca preta civil, o que significava uma volta ao passado, ou um recuo, Hindenburg penetrou na igreja protestante de São Nicolau. Depois, deu um giro pela cidade. Para o ofício católico celebrado na igreja de São Pedro e São Paulo, por uma coincidência irônica, os deputados do Centro entraram por uma porta lateral. Hitler e Goebbels tinham-se mantido afastados, "devido à atitude hostil do episcopado católico". Nessa "festa popular de união nacional" também estavam ausentes os comunistas e os social-democratas, que não tinham sido convidados. Como Frick declarara oficialmente a 14 de março, uma parte dos políticos "estava retida para a execução de um trabalho urgente e mais útil (…) nos campos de concentração". [41] Pouco antes do meio-dia, Hindenburg e Hitler se encontraram nos degraus da igreja da guarnição e trocaram aquele aperto de mão que, estampado em milhões de cartões-postais e cartazes, simbolizou toda a aspiração do país a uma reconciliação interna. O "velho senhor" deu sua bênção sem a qual Hitler, segundo suas próprias palavras, não desejaria assumir o poder. [42] O coro e a galeria da igreja eram ocupados por generais do exército imperial e do Reichswehr, diplomatas e numerosos dignitários. Os governantes tinham tomado lugar na nave; por trás deles, de camisa parda, os deputados nacional-socialistas, ladeados pelos representantes dos partidos de centro no Reichstag. O lugar que cabia tradicionalmente ao Kaiser permaneceu vago, mas o príncipe herdeiro estava sentado logo atrás, em uniforme de gala. Encaminhando-se para o lugar que lhe estava destinado, Hindenburg se deteve um instante, com ar mais rígido, junto ao lugar do Kaiser, e fez uma saudação erguendo seu bastão de marechal. Com uma expressão respeitosa, em seu fraque, Hitler acompanhou o ancião melancólico com a timidez de um jovem aluno. Atrás deles, moviam-se uniformes. O órgão fez ouvir seus acordes iniciais do coral de Leuthen: *Agradeçam todos vós a Deus …*

A oração de Hindenburg foi curta. Salientou a confiança que ele próprio e o povo depositavam no novo governo, que dispunha assim "de uma base de trabalho constitucional". Apelou aos deputados para que apoiassem o governo em sua pesada tarefa, e invocou "o velho espírito do estado glorioso" que

devia sobrepor-se “ao interesse pessoal e às lutas partidárias (…) para abençoar uma Alemanha livre, nobre e unida”. A fala de Hitler observou o mesmo tom de solenidade bem estudada. Após um exame retrospectivo da grandeza e da derrota da nação, acentuou “os fundamentos eternos” da vida do país, as suas tradições históricas e culturais. Depois de um louvor comovido a Hindenburg, cuja “decisão magnânima” permitira a união “dos símbolos da grandeza antiga e daqueles da força jovem”, concluiu rogando à Providência a manutenção “desta coragem e desta perseverança que percebemos à nossa volta, neste local santificado para todos os alemães, nós que lutamos pela liberdade e a grandeza de nosso povo, diante do túmulo do maior de seus soberanos.”

“Ao final da oração, todos estávamos arrebatados”, escreveu Goebbels. “Eu estava sentado perto de Hindenburg e vi as lágrimas aflorarem a seus olhos. Todos ali se ergueram e prestaram suas homenagens exaltantes ao velho marechal de campo que estendia a mão ao jovem chanceler. Momento histórico. Estava lavada a honra do povo alemão. Os estandartes ostentando nossas águias tremulavam bem alto. Hindenburg depôs as coroas de louros sobre os túmulos dos grandes reis da Prússia. Lá fora, os canhões troaram. Então ouviu-se o som dos clarins, o presidente se manteve aprumado sobre um alto estrado, o bastão de marechal na mão, e saudou emocionado as tropas do Reichswehr, da SA, da SS e do Stahlhelm que desfilavam diante dele. Ele saúda, de pé (…)” [43]

Tais imagens causaram um efeito extraordinário em todos os participantes da comemoração, deputados, militares, diplomatas, observadores estrangeiros, assim como também o público. Aquele dia em Potsdam foi realmente uma reviravolta histórica. Conquanto von Papen tivesse declarado com autossuficiência que em poucos meses teria empurrado Hitler contra a parede “de modo a que o Führer gemesse, vencido”, [44] fazia algum tempo perdera em grande parte tal convicção. Mas a “farsa comovente de Potsdam” parecia demonstrar que o impetuoso chefe dos nazis caíra finalmente nas malhas daquele conservadorismo nacional que tinha como sede perfeita, testemunha de um grande passado, a residência oficial prussiana, cujo fiel administrador era encarnado por Hindenburg. Sim, parecia até que Hitler, jovem, crente, respeitoso, se tivesse inclinado diante daquela tradição. Apenas uma minoria pôde escapar ao efeito galvanizador do espetáculo de Potsdam e muitos dos que ainda tinham votado contra Hitler, a 5 de março, mostravam-se agora indecisos quanto a seu julgamento anterior. Ainda hoje é embaraçoso constatar que naquela ocasião muitos funcionários, oficiais, juristas pertencentes aos quadros da burguesia nacionalista que antes se haviam

mostrado extremamente reservados, enquanto eram válidos ainda os argumentos racionais, renunciaram à desconfiança quando o regime os fez sentir a volúpia e o sortilégio da emoção patriótica: “O entusiasmo nacional sacudiu ontem a Alemanha como um vendaval”, escreveu um articulista de um jornal direitista burguês, e “desejamos de boa vontade [!] que tenha derrubado as comportas que muitos partidos ergueram contra ele, e aberto as portas que até aqui lhe eram interditas.” [45] Longos desfiles com archotes pelas ruas de Berlim e uma encenação de gala de *Os mestres cantores* encerraram o programa festivo.

Dois dias depois, o regime e o próprio Hitler se apresentavam sob outro aspecto. A 23 de março, por volta das 14 horas, o Reichstag reuniu-se na Ópera Kroll, onde se instalara provisoriamente, para uma reunião de que as cerimônias de Potsdam tinham sido o prelúdio teatral. A encenação era inequívoca, na base das cores e símbolos do Partido Nacional-Socialista.

As unidades da SS, que apareciam nesse dia pela primeira vez de modo mais aberto, montavam guarda à frente do prédio, enquanto lá dentro longas filas de SA em uniformes pardos formavam alas marciais. Atrás da tribuna, na qual os membros do gabinete e a presidência do Reichstag se encontravam, pendia uma gigantesca bandeira com a cruz gamada. E o próprio discurso de abertura de Göring fugiu deliberadamente ao caráter imparcial do parlamento; voltado para os “camaradas”, exaltou, sem qualquer motivo plausível, a memória de Dietrich Eckart.

Em seguida, após se ter apresentado durante várias semanas invariavelmente em trajes civis, Hitler subiu à tribuna também de camisa parda, para fazer seu primeiro discurso no Reichstag. Fiel a seu imutável esquema retórico, começou de novo por esboçar um panorama sombrio da época vivida após novembro de 1918, com a miséria e os riscos da decadência que haviam afetado o Reich, para traçar então um quadro global das intenções e tarefas do governo, usando fórmulas bastante claras e que correspondiam mais ou menos às declarações das semanas anteriores. Então prosseguiu:

> A fim de reunir condições para cumprir as tarefas indicadas nesse esquema geral, o governo fez valer no Reichstag, por intermédio dos dois partidos, o Nacional-Socialista e o Nacional-Alemão, a lei de plenos poderes (…) Se o governo tivesse de discutir ponto por ponto para obter a aprovação do Reichstag às medidas a serem tomadas, isso viria contrariar o sentido do soerguimento nacional e o objetivo perseguido não se atingiria. O governo não procede assim com a intenção de extinguir o Reichstag como tal. Ao contrário, reserva-se o dever de informar futuramente, e de tempos em tempos, as medidas que vier a tomar. (…) O governo tenciona, a tal propósito, só fazer uso dessa lei quando houver necessidade de aplicar medidas de interesse vital. Nem a existência do Reichstag nem a do Reichsrat serão ameaçadas. A posição e os direitos do senhor presidente do Reich permanecem intactos (…) A corporação dos *Länder* não é abolida (…)

Apesar de todas essas garantias tranquilizadoras, cada um dos cinco artigos da lei “rasgava em pedaços um item importante da constituição alemã”. [46] De acordo com o artigo 1º, o poder legislativo era transferido do Reichstag para o governo; o artigo 2º estendia os plenos poderes às modificações que viessem a ser feitas na constituição; o artigo 3º retirava do presidente do Reichstag o direito de promulgar as leis, que passava ao chanceler do Reich; o artigo 4º ampliava a autoridade das leis inseridas em determinados tratados com os governos estrangeiros; finalmente, o artigo derradeiro limitava em quatro anos a validade da lei, e associava-a à vigência do atual governo. Adotando uma mudança de tom, também peculiar, Hitler concluiu o discurso com um desafio:

> Como o governo dispõe de nítida maioria, torna-se limitado o número de casos onde exista necessidade interna de recorrer a tal lei. O governo do despertar nacional insiste mais do que nunca acerca da promulgação desta lei. Prefere obter para cada caso uma decisão clara. Oferece aos partidos do Reichstag a oportunidade de contribuir para uma evolução pacífica da Alemanha e de lançar as bases de uma concordância cordial em relação ao futuro; mas está igualmente pronto a se opor a qualquer manifestação de recusa e, portanto, de oposição. Queiram, agora, senhores deputados, decidir por si mesmos: a guerra ou a paz. [47]

Aplausos e o hino alemão, cantado por todos, de pé, pontilharam o discurso de Hitler, numa antecipação característica das futuras funções do Reichstag. Num clima que se assemelhava mais ao de um estado de sítio, por causa das sentinelas SA e SS postadas em toda parte, os grupos presentes retiraram-se do recinto da reunião para uma pausa de três horas, a fim de deliberarem. Lá fora, em frente ao edifício, os lugar-tenentes de Hitler uniformizados puseram-se a gritar em coro: “Queremos a lei dos plenos poderes, ou vai haver o inferno!” [48]

Tudo dependia agora da atitude do *Zentrum* . Sua concordância devia assegurar ao governo a maioria que modificaria a constituição. Durante as negociações com o líder do partido, o dr. Kaas, Hitler tinha dado diversas garantias que se limitavam sobretudo à promessa de uma concordata, e finalmente deixara entrever que, “em troca do voto favorável dos centristas”, uma carta “concernente à revogação dos artigos do decreto do incêndio do Reichstag lesando as liberdades civis e políticas dos cidadãos” lhes seria entregue; a carta conteria também a declaração de que a lei não seria aplicada a não ser em condições determinadas. Além do mais, Hugenberg e Bruning tinham-se posto de acordo, num encontro ocorrido na tarde de 21 de março, em fazer depender a aprovação do centro de uma cláusula de garantia quanto às liberdades civis e políticas. O grupo nacional-alemão, conforme ficou decidido, deveria esposar a solicitação expressada por Bruning.

Durante a pausa para deliberação, Bruning foi informado, no entanto, de

que uma séria oposição se registrava no seio do grupo nacional contra a exigência suplementar proposta. Não seria possível, assim, promulgá-la como fora previsto. Novamente indeciso, o grupo centrista discutia ainda a atitude a tomar. Enquanto a maioria pleiteava um acordo, Bruning se opunha com veemência a qualquer demonstração de fraqueza; seria preferível, frisou ele, perecer com glória do que ceder à mesquinharia. Por fim, decidiu-se seguir a opinião da maioria. O fator que influiu para decidir a questão não foi só o oportunismo tradicional daquele partido e o amolecimento acarretado pela jornada brilhante de Potsdam, mas também a observação resignada de que o partido se achava impossibilitado de impedir a promulgação daquela lei e que esta, associada à carta prometida, aproximava mais o Führer da legalidade.

Mas a carta prometida por Hitler ainda não chegara no momento de reabertura da sessão. A pedido de Bruning, Kaas foi procurar Hitler e voltou com a notícia tranquilizadora de que o documento em questão já fora assinado, tendo sido enviado logo ao Ministério do Interior e chegaria durante a votação. Kaas acrescentou que “embora nunca tivesse acreditado em Hitler, dessa vez ele falara de modo tão convincente que não podia deixar de crer nas suas palavras”.

Nesse ínterim, o presidente do Partido Social-Democrata, Otto Wels, subira à tribuna em meio a um profundo silêncio. Só se podiam ouvir ao longe os coros ameaçadores dos SA e dos SS. Numa derradeira profissão de fé pública para com a democracia, Wels esclareceu a posição contrária de sua facção. A social-democracia, declarou Wels, sempre interviera, ela também, para que a Alemanha obtivesse a igualdade de direitos em política exterior e sempre se opusera a que a honra do país fosse arranhada pelos adversários. Estar indefeso, acentuou ele, não significa viver sem honra. Isso era válido tanto no plano exterior como internamente. As eleições tinham assegurado a maioria aos partidos do governo e lhe tinham fornecido também a possibilidade de governar segundo a constituição; e já que tal possibilidade existia, era lícito governar desse modo. O exercício da crítica era salutar e de nada valia voltar-se contra ela. E concluiu o discurso fazendo um apelo à consciência jurídica do povo e dirigindo uma saudação às pessoas perseguidas e aos amigos.

Essa rejeição altiva, extremamente digna em sua apresentação, pôs Hitler fora de si. Afastando bruscamente von Papen, que tentava contê-lo, o Führer subiu pela segunda vez à tribuna. Com o braço esticado, tenso, começou por indicar o orador que o precedera: “Chegou tarde, mas enfim chegou! As belas teorias que acabou de exaltar aqui, senhor deputado, foram reveladas um pouco tarde demais à história mundial.” Presa de intensa exacerbação de

ânimo, declarou que a social-democracia nada tinha a dizer no terreno da política exterior; acusou-o de não ter nem senso de honra nacional nem do direito em si. E prosseguiu, interrompido com frequência por uma onda de aplausos vibrantes, o que intensificava mais ainda seu ardor retórico:

> O senhor acaba de falar de perseguições. Creio que são raros entre nós os que já não sofreram nas prisões os efeitos da perseguição organizada pelos seus companheiros de partido (…) O senhor e os seus pares parecem ter esquecido totalmente que durante anos nos arrancaram nossas camisas porque a cor parda não lhes agradava (…) Pois foram as suas perseguições que fizeram de nós o que somos hoje!
>
> O senhor acabou de dizer que a crítica é salutar. Certo, todo aquele que ama a Alemanha tem o direito de nos criticar, mas quem adora uma Internacional não tem nenhum direito de fazê-lo! Nesse ponto também, ilustre deputado, o senhor abriu os olhos um pouco tarde, sem dúvida. O lado salutar da crítica, este o senhor devia ter enfocado na ocasião em que nós nos achávamos na oposição (…) Mas naquela época não cessaram de proibir a circulação de nossos jornais, de impedir nossas reuniões, durante anos! E agora o senhor vem aqui dizer que a crítica é salutar!

Nesse momento, os social-democratas ergueram veementes protestos. O presidente fez soar a sineta e então Göring gritou, enquanto os protestos iam cessando: “Chega de histórias e ouçam agora!” E Hitler prosseguiu:

> Diz o deputado: “Os senhores querem agora banir o Reichstag para prosseguir a revolução.” Senhores, não seria necessário, para nós (…) apresentar aqui esse projeto de lei. Por Deus, nós teríamos tido a coragem de nos entendermos com os senhores de outra maneira!
>
> Foi dito aqui também pelo senhor deputado que nós não poderemos prescindir da social-democracia porque foi ela a primeira a liberar essas cadeiras [do parlamento] para o povo, para os trabalhadores e não apenas para os barões e os condes. Em toda a linha, senhor deputado, saiba que se pronunciou muito tarde! Por que o senhor não deu essa aula no momento indicado a seu amigo Grzesinski, ou a seus companheiros Braun e Severing, que me acusaram anos a fio de ser apenas um pintor de paredes diarista? Durante anos, os senhores têm anunciado isso em seus cartazes. [Aparte de Göring: “Agora o chanceler acerta as contas!”] E por fim chegaram a declarar que me expulsariam da Alemanha a chicotadas.
>
> Nós, os nacional-socialistas, doravante abriremos caminho ao trabalhador alemão para o que venha a pleitear e obter. Nós, os nacional-socialistas, seremos seus porta-vozes. Quanto aos senhores, não temos mais nenhuma necessidade de seus serviços! (…) E, por favor, não nos confundam com um grupo burguês. Pensaram que a sua estrela brilharia de novo, mas enganaram-se. Senhores, a estrela da Alemanha brilhará e a sua se extinguirá (…) Na vida dos povos, o que está podre, velho e frágil passa e não volta mais.

E Hitler concluiu o discurso com uma observação reveladora; solicitava do Reichstag alemão, unicamente “em respeito à legalidade” e por motivos psicológicos, “conceder-nos isto que teríamos podido obter de qualquer modo”. Dirigindo-se então aos social-democratas, exclamou:

> Creio que se não votam a favor dessa lei é porque a nossa intenção profunda é incompreensível para a mentalidade erudita dos senhores (…) e só lhes posso asseverar uma coisa: não quero mais os seus votos. A Alemanha será livre, mas sem os senhores!

A ata da sessão registra o que ocorreu logo após a fala de Hitler: “Demorados vivas e aplausos entusiásticos da parte dos nacional-socialistas e

dos que se achavam nas galerias. Aplausos também dos nacional-alemães. Os aplausos ressoavam sem cessar, e de novo o *Heil* impetuoso." [49] A réplica de Hitler é realmente o exemplo mais famoso de sua habilidade retórica, mas convém lembrar que o discurso precedente já tinha sido enviado previamente para publicação nos jornais por Otto Wels, e que Hitler, obviamente, tomara conhecimento dele. Goebbels viu "o adversário retirar-se arrasado" e comentou, jubiloso: "Nunca se vira alguém ser jogado por terra e vencido dessa maneira." A resposta de Hitler assemelhava-se, pela rudeza cheia de um tom de bravata e o prazer embriagador de arrasar o adversário, à réplica que ele mesmo formulara em setembro de 1919, quando um orador acadêmico, empregando entonação professoral, desatara pela primeira vez as veias da eloquência hitleriana, fazendo o bravo Anton Drexler ficar estupefato. Mas, voltando à votação, na reunião do gabinete realizada no dia seguinte, Hugenberg agradeceria "em nome dos outros membros do gabinete (…) pela brilhante neutralização do chefe marxista Wels". [50]

Quando a tempestade de aplausos ao discurso de Hitler foi abrandando, os representantes dos outros partidos subiram à tribuna. Um após outro, explicaram os motivos de sua adesão. Kaas denotou certo embaraço e só deu sua aprovação à lei votada após ter interpelado novamente Frick, que "lhe assegurou solenemente que o mensageiro já entregara a carta de Hitler em seu escritório na Ópera Kroll". [51] As três leituras do decreto especial foram efetuadas em poucos minutos. O escrutínio revelou a lei aprovada por 441 votos a 94. Apenas os social-democratas tinham mantido sua negativa. Isso era muito mais do que a maioria de dois terços exigida no caso, e ainda teria sido suficiente mesmo que os 81 deputados comunistas e os vinte e seis representantes social-democratas presos, evadidos ou enfermos tivessem votado também negativamente. Mal Göring anunciou o resultado, os nacional-socialistas se movimentaram jubilosos, antes de todos. Os braços estendidos na saudação nazista, entoaram o *Horst Wessel-Lied* diante da bancada governista. Na mesma tarde, a lei foi aprovada por unanimidade no Reichsrat, que pautara sua atitude pela do Reichstag. Quanto à carta prometida por Hitler, ela jamais chegou às mãos dos deputados do Zentrum. [52]

A promulgação dessa "lei para a extinção da miséria do povo e do Reich", como se intitulava oficialmente a lei dos plenos poderes, excluía o Reichstag ao dar ao governo uma liberdade de ação ilimitada. O que lançou tal sombra sobre aquele dia não foi tanto o fato de os partidos terem capitulado diante de um adversário mais forte e uma vontade individual sem escrúpulo, mas sobretudo a tibieza com que participaram de sua própria deposição. Os políticos frisaram com justa razão que o "decreto do incêndio" de 28 de

fevereiro abrira francamente o caminho à ditadura, enquanto que a lei dos plenos poderes tinha, sobretudo, assumido uma significação formal no processo da conquista do poder. Mas neste caso, justamente, o voto lhes oferecia a oportunidade de demonstrar sua oposição num gesto muito expressivo, em vez de contribuir para enfeitar ainda mais os acontecimentos revolucionários daquelas semanas, dando-lhes a aparência de uma continuidade jurídica. Se o decreto de 28 de fevereiro efetivava o declínio dos partidos do estado de Weimar, a lei dos plenos poderes assinalava seu fim moral: confirmava o processo de renúncia dos partidos que remontava a 1930, ano em que foi rompida a Grande Coalizão.

A lei dos plenos poderes encerrava a primeira fase da conquista do poder e liberava Hitler não só de governar mediante os decretos especiais, mas também da aliança com os pares conservadores. Qualquer possibilidade de luta organizada contra o novo regime seria sufocada no nascedouro, e com razão pôde o *Völkischer Beobachter* escrever: “Jornada histórica. O sistema parlamentar capitula diante da nova Alemanha. Durante quatro anos, Hitler poderá fazer tudo o que considerar necessário: negativamente, exterminar todas as forças perniciosas do marxismo; no sentido positivo, construir uma nova comunidade popular. O grande empreendimento se inicia. Nasceu o dia do Terceiro Reich!”

Na realidade, Hitler levara menos de três meses para arrasar seus oponentes e neutralizar quase todas as forças antagonistas. Para se ter uma ideia da rapidez desse processo, basta recordar que, na Itália, foram necessários sete anos para Mussolini exibir um poder semelhante. Desde o início, a determinação de Hitler e seus dons de estadista não tinham deixado de causar efeito sobre Hindenburg e o presidente esqueceu bem depressa suas antigas prevenções: a vitória eleitoral claramente obtida pelo novo governo confirmou seus sentimentos mudados. O ancião frio e egoísta ignorou as perseguições a que mesmo seus antigos eleitores eram submetidos. Considerava-se de volta ao lado certo e, a seus olhos, era mais um tento a favor de Hitler o fato de ter anulado “o abominável e insubordinado sistema dos partidos”. [53] Dois dias após a nomeação de Hitler como chanceler, Ludendorff já censurara o velho marechal, em carta que lhe dirigira, por ter confiado o país “a um dos maiores demagogos de todos os tempos”. “Eu o aviso respeitosamente que esse homem funesto lançará nosso Reich no abismo e mergulhará nossa nação numa miséria inconcebível. As gerações vindouras o amaldiçoarão em seu túmulo por essa atitude, presidente.” [54] Hindenburg, contudo, mostrava-se satisfeito “por ter superado o obstáculo e

se sentir tranquilo por longos momentos”. Embalado por sua autoevicção, Hindenburg fez saber através do secretário de estado Meissner, durante as deliberações do gabinete acerca da lei dos plenos poderes, que a cooperação presidencial “não se fazia necessária” para as leis promulgadas tendo por base os plenos poderes; estava feliz por se ver liberado do peso da responsabilidade que lhe coubera durante tantos anos. Papen estava autorizado a assistir a todos os encontros entre o presidente e o chanceler, mas tal regalia logo seria abolida. Hindenburg pessoalmente solicitou a von Papen que renunciasse a seu pretenso papel de censor, para “não melindrar Hitler” [55] como lhe declarou; e quando o primeiro-ministro bávaro, Held, quis apresentar no palácio presidencial suas queixas do terror e dos atos anticonstitucionais perpetrados pelos nacional-socialistas, o velho marechal, já perto do fim, pediu-lhe que se dirigisse diretamente a Hitler. [56]

No gabinete, igualmente, registrou Goebbels, “a autoridade do Führer agora se impunha totalmente. Não se vota mais. É o Führer quem decide. Tudo se processa muito mais depressa do que poderíamos ter ousado imaginar.” As palavras de ordem e os desafios declarados dos nacional-socialistas eram sempre quase que inteiramente dirigidos aos marxistas, mas o golpe visava igualmente o parceiro nacional-alemão, cujo astuto sistema de enquadramento e neutralização não era senão a teia da aranha da lenda, que tinha a pretensão de pegar a águia. Em seu ardor irrefletido contra a esquerda, von Papen, Hugenberg e seus adeptos não viam que a deposição dessa mesma esquerda proporcionaria a Hitler o instrumento com o qual eliminaria a eles próprios: pareciam perfeitamente incapazes de compreender até mesmo o risco implicado por essa aliança, e estavam longe de supor que, ao se sentarem à mesa com Hitler, faltar-lhes-iam os talheres. Carl Goerdeler assegurava, com a arrogância inconsciente dos conservadores, que logo se empurraria Hitler para o que era a sua monomania, a arquitetura, e aí então se cuidaria tranquilamente da política. Numa declaração datada daquela época, onde reaparecem os assomos de indignação de outrora, Hitler chama seus camaradas de coligação burguesa de “fantoches”: “A reação imagina que me tem nas mãos”, diz ele. “Tentará tudo contra mim. Mas não vamos deixar que ajam (…) não conhecemos a palavra piedade. Eu não tenho nenhum escrúpulo burguês! Vocês me julgam um homem sem educação, um selvagem. Sim! Nós somos bárbaros. Queremos ser isso mesmo. É um título honorífico. Nós é que rejuvenesceremos o mundo. Esse vosso mundo acabou (…)” [57]

A lei de plenos poderes não só permitia a Hitler manobrar contra a esquerda e a direita. Ele não queria aparecer como um usurpador, mas sim sob

um manto de legislador, mesmo com a veste remendada e gasta. Era dessa maneira que desejava obter um poder ilimitado. Essa tática viria impedir ao mesmo tempo o surgimento de um período de ilegalidade, como acontece em geral depois de alterações violentas de regime. Com a lei dos plenos poderes, Hitler dispunha do aparato da burocracia oficial, incluindo a justiça, que lhe era indispensável para consumar seus amplos objetivos: tinha assim uma base que satisfazia a consciência como também os anseios mais positivos. A maior parte dos funcionários atestou, não sem satisfação, o caráter legal daquela revolução que se diferençava, assim, vantajosamente, apesar de todos os excessos, da pavorosa imagem desordeira de 1918: e foi esse fator, mais ainda que as tradições antidemocráticas daquela classe, que os levou a cooperar com o novo regime. Quem se rebelasse não se expunha só a provimentos disciplinares de ordem pessoal graças a uma lei logo promulgada, mas também teria contra si doravante aquela aparência de legalidade.

E tratava-se realmente de uma fachada legal, pois a despeito da tese que continuava a ser ventilada, segundo a qual se passaria sem danos e serenamente da república parlamentar para o estado totalitário, é forçoso registrar, tendo em vista o conjunto de circunstâncias, que no desenrolar da Revolução Legal os elementos revolucionários ultrapassavam em muito os elementos legais. Nada conseguiu camuflar nem a verdadeira natureza dos acontecimentos de então nem a ideia de efetuar a mudança de cenário à vista de todos; era, apesar de tudo, um ato de conquista revolucionária do poder, que foi selado pela lei de plenos poderes. Como estava estipulado no texto dessa mesma lei, ela foi prorrogada nos anos de 1937, 1941 e, ainda uma vez, em 1943. Mas permanecia uma lei de exceção promulgada em estado de emergência.

O vocabulário despótico do regime sublinhava igualmente o caráter revolucionário da conquista do poder. Certamente se procurara cuidadosamente, de início, declarar o evento um “levante nacional”, e na verdade essa noção tinha gerado imensas ilusões, a nostalgia da restauração e um devotamento ingênuo. Mas em seu discurso a favor da lei de plenos poderes Hitler já falara de “revolução nacional” em lugar de levante nacional, e duas semanas mais tarde Göring retomou também radicalmente essa fórmula num discurso e a substituiu pela noção de “revolução nacional-socialista”. [58]

O que aconteceu mais tarde seria secundário, simples aperfeiçoamento das posições de poder já conquistadas. A destituição autoritária dos *Länder* foi

promovida em poucas semanas. Paralelamente, todos os grupos e agremiações políticas foram eliminados. Depois de combater os comunistas, cuja derrubada se processou quase em surdina, num clima de terror mudo, de confinamento na ilegalidade, assim como na passagem oportunista para o lado vencedor, os nacional-socialistas voltaram-se contra os sindicatos, que, por sua hesitação funesta, tinham demonstrado embaraço e fraqueza desde os primeiros dias de março, e tinham imaginado, de modo fatal, poder se livrar por meio de gestos de paz. Embora numerosos dirigentes sindicais tivessem sido presos e molestados em todo o território do Reich, e a SA praticasse uma série de arbitrariedades invadindo as sedes locais, o presidente da confederação sindical dirigiu a Hitler em 20 de março uma espécie de mensagem de lealdade, pela qual se sublinhava a tarefa puramente social dos sindicatos, “qualquer que fosse a natureza do regime estatal [!]”. [59] Quando Hitler fez sua uma antiga reivindicação do movimento dos trabalhadores, que nunca fora concretizada sob a república, e declarou o 1º de Maio dia de festa nacional, a direção dos sindicatos convidou as categorias a participarem das manifestações. Aqui e ali, os operários e demais empregados sindicalizados participaram então, à sombra de bandeiras que não eram as suas, dos gigantescos desfiles e escutaram os discursos dos funcionários nacional-socialistas. Ainda que revoltados, viam-se forçados a aplaudir. Bruscamente, encontravam-se no seio de uma facção a que até então se opunham de modo hostil: nada abalaria tanto o espírito de resistência daquele movimento sindicalista, que reunia milhões de pessoas, como aquela perturbadora experiência. E enquanto o *Jornal Sindical* , fiel à tática de amoldamento de seus dirigentes, festejava o 1º de Maio como “o dia da vitória”, desde a manhã de 2 de maio os membros da SA e da SS ocupavam as sedes sindicais em toda a Alemanha, assim como as empresas, caixas de poupança e bancos pertencentes aos operários, e os funcionários dirigentes dos mesmos eram presos, sendo alguns enviados a campos de concentração. Realmente um inglório fim.

A extinção do Partido Social-Democrata também se processou sem lances dramáticos. Os apelos à resistência lançados por alguns não provocaram, em geral, senão desmentidos neutralizadores da parte de outros dirigentes e por si mesmos já revelavam a impotência de um partido de massas aferrado a suas formas tradicionais. Depois de 30 de janeiro, o SPD passara a evocar sempre aquela constituição, que os nacional-socialistas, com o poder lhes subindo à cabeça, desmentiam impetuosamente. O SPD repisara sempre a tese inteiramente ineficaz de que o partido não daria o primeiro passo para infringir a lei. E ainda que houvesse entre seus membros marxistas ortodoxos que reconheciam no nacional-socialismo “o último trunfo da reação”, que as

leis do determinismo histórico impediriam contudo de utilizar, a cúpula do partido justificava seu imobilismo com um lema tático: "O essencial é estar alerta!" [60] Essa passividade exerceu também uma ação profundamente desmoralizadora sobre as organizações de base, que tendiam bastante para uma conciliação com o adversário. A partir de 10 de maio, foram ocupados e confiscados por ordem de Göring todas as sedes, jornais e recursos financeiros do SPD e da Reichsbanner [*força de choque do Partido Social Democrata*]. Após veementes discussões no seio da direção do partido, os que defendiam uma política pacífica e desejavam levar o regime à moderação, ao se mostrarem dóceis tiveram finalmente ganho de causa. Se o grupo socialista do Reichstag decidiu aprovar ocasionalmente a sonora declaração de Hitler de 17 de maio sobre a política exterior, agiu dentro da mesma perspectiva; sua intenção era formular um acordo, com certas restrições. Mas era atitude sutil demais frente à impiedosa vontade de destruição de que Hitler estava tomado. Em consequência de medidas que iam da chantagem ao assassinato, a que se lançou Frick contra os partidários do SPD confinados nos campos de concentração, o partido decidiu votar no parlamento pela declaração governamental. Sem esconder seu sarcasmo em relação às bancadas da esquerda, Göring viria a declarar no fim da sessão do Reichstag: "O mundo já sabe que o povo alemão sempre se põe de acordo quando está em jogo seu destino." [61] Ninguém esperava mais qualquer gesto de resistência da parte do SPD, ferido, humilhado, quando finalmente ele foi extinto a 22 de junho e suas cadeiras no Reichstag ocupadas por membros de outras facções.

Todos os outros agrupamentos políticos se dissolviam então na efervescência do forçado alinhamento, e os jornais anunciavam quase diariamente liquidações ou autoextinções. Primeiro, para dar o exemplo, foram as organizações de combate nacional-alemãs e o Stahlhelm (21 de junho). Ruíram a seguir todas as organizações de empregados e empregadores que ainda subsistiam (22 de junho); depois o Partido Popular Nacional Alemão [*Deutschnationale Volkspartei*], que havia reclamado em vão o direito de participação, uma vez que colaborara no soerguimento nacional e não entendia por que precisava agora correr como lebre após ter estado durante tanto tempo do lado dos perdigueiros; depois foi a vez de ser extinto o Partido do Estado [*Staatspartei*] (28 de junho), a seguir a Frente Nacionalista Alemã [*Deutschnationalen Front*] (28 de junho), as associações do Centro [*Zentrumsverbände*] (1º de julho), a Juventude Alemã [*Jungdeutschen Ordens*] (3 de julho), o Partido Popular Bávaro [*Bayerischen Volkspartei*] (4 de julho), o Partido Popular Alemão [*Deutschen Volkspartei*] (4 de julho) e, por fim, o próprio Partido do Centro católico [*Zentrum*], voluntariamente paralisado pelas negociações contemporâneas de uma concordata, e forçado

em seguida a dissolver-se (5 de julho).

A depuração exercida nos meios mais significativos da indústria, do comércio e da agricultura se processava ao mesmo tempo; mas aí também não houve qualquer ato de resistência, apenas alguns incidentes locais sem expressão. A 27 de junho, Hugenberg, que no seu linguajar típico os nazis chamavam de "velho porco come-nabos", foi forçado a deixar o ministério, sem que um só de seus amigos conservadores levantasse um dedo contra. Na Conferência de Londres sobre a economia mundial eles tentaram impor-se ainda de maneira demagógica sobre os nacional-socialistas, ao reclamar de modo excessivo um império colonial e uma expansão econômica alemã até a Ucrânia. Dessa forma, só conseguiram propiciar a Hitler uma oportunidade excelente de se arvorar em protetor da razão e da paz dos povos, contra a ameaça à paz internacional dos nacional-alemães. Os quatro ministérios que vagaram assim no Reich e na Prússia foram preenchidos dois dias mais tarde por Hitler, que confiou a pasta da Economia a Kurt Schmitt e a de Alimentação e Agricultura a Walter Darré. Hitler estipulou ao mesmo tempo a participação constante do "vice-Führer", Rudolf Hess, nas reuniões ministeriais. Quando Franz Seldte passou em abril para o Partido Nacional-Socialista, a proporção deste partido e dos nacional-alemães no gabinete foi praticamente invertida (oito para cinco); e como os ministros nacional-alemães não possuíam mais a consistência de um partido, tornaram-se especialistas sem expressão. Com uma série de leis das quais a mais importante declarava ser o NSDAP-Partido dos Trabalhadores Alemães Nacional-Socialista, o Partido Nazi, o único partido legal, o regime consolidou suas posições em 14 de julho de 1933, data cheia de lembranças.

Essa rápida neutralização sem resistência de todas as forças políticas de esquerda e direita caracteriza de maneira surpreendente o processo nacional-socialista da conquista do poder, e se alguma coisa pode demonstrar de modo pertinente a que ponto a república de Weimar tinha-se debilitado, essa é a passividade com que as instituições que a tinham sustentado deixaram-se subjugar. Até mesmo Hitler mostrou-se surpreso: "Nunca se imaginaria possível um desmoronamento tão deplorável", declarou ele no começo de julho, em Dortmund. [62] Intervenções e interdições que pouco tempo antes teriam provocado, sem dúvida, comoção comparável a uma guerra civil, eram agora recebidas com uma aprovação resignada, e não se pode compreender a grande capitulação daqueles meses levando-se em conta unicamente suas causas políticas e esquecendo-se os motivos intelectuais e psicológicos. Apesar de todas as ilegalidades e atos de violência cometidos no decorrer daquelas semanas de repressão, daí resulta uma certa justificação histórica de

Hitler, e há uma dose maior de verdade do que ele mesmo acreditaria na reação emotiva de Bruning, por ocasião da jornada de Potsdam: quando penetrou com os deputados na igreja da guarnição militar, Bruning teve a impressão de ser conduzido “ao local de execução”. [63] Um dos observadores mais perspicazes daquela época registrou na mesma ocasião, ao ver os golpes não aparados serem lançados “na face da verdade, da liberdade” e ver a eliminação dos partidos e do sistema parlamentar, seu sentimento crescente “de que todas as coisas abolidas aqui não interessavam muito às pessoas”.

Na verdade, a lei dos plenos poderes e as festividades de Potsdam que a tinham precedido, assim como as quedas inglórias que a seguiram, marcavam uma reviravolta; aquilo significava um adeus íntimo e definitivo à nação de Weimar. Dali em diante, a ordem política do passado deixou de ser uma alternativa, sob o signo da qual teria sido possível delinear-se uma esperança ou concretizar-se um desejo de resistência. A sensação de se estar às portas de um novo tempo, sentimento que se instalou no íntimo dos alemães de maneira vaga, como uma esperança eufórica, desde o ingresso de Hitler no governo, afetava camadas cada vez mais extensas da população. “Os caídos de março” — como eram chamados, com entonação de desprezo, os inúmeros indivíduos marginalizados naqueles dias. E por mais ambígua que pudesse parecer a um observador atilado a legitimidade da mudança de poder, Hitler adquiriu rapidamente o caráter legal de um estadista, inspirando respeito e merecendo outro cognome que não o de demagogo, como o qualificavam alguns ironicamente. Aqueles que refugavam o desejo de aderir que se propagava como uma epidemia formavam uma minoria cada vez mais reduzida que se confinava no isolamento e ocultava sua amargura, sua repugnância solitária, diante de uma derrota infligida visivelmente “pela própria história”. O passado estava morto. O futuro, segundo parecia, pertencia ao regime que dispunha de um número crescente de partidários, despertava o entusiasmo e podia largamente se justificar. “Não existem agora senão as empregadas domésticas para todo tipo de serviço que, a despeito de seu silêncio, dão a impressão de contestar”, observou com ironia Robert Musil, em março de 1933. Mas também ele reconhecia não haver possibilidade de resistência; era-lhe impossível imaginar a substituição da ordem revolucionária por um retorno ao estado anterior ou a outro ainda mais antigo: “Esse sentimento é devido, sem nenhuma dúvida, ao fato de que o nacional-socialismo tem a sua missão e sua hora, que não se trata de um redemoinho, mas sim de uma fase da história.” Da mesma opinião foi Kurt Tucholsky, pelos da esquerda, ao dizer com a concisão audaciosa que lhe era característica: “Contra o oceano não se deblatera.” [64]

Esse estado de espírito fatalista, essa resignação intelectual favoreceram o êxito do nacional-socialismo. O triunfo também acarretou uma força de convicção a que poucas pessoas conseguiram resistir. Claro que o terror e as iniciativas ilegais não passavam despercebidos; por outro lado, naquela velha condição esquizoide europeia, "que consiste em más relações com sua consciência ou com as questões do século", as pessoas se colocavam cada vez mais do lado dos que lhes pareciam dirigir a história e mesmo os negócios. Assim favorecido por essa circunstância, o regime se propôs, após ter conquistado o poder, a conquistar os homens.

18

A caminho do Estado Totalitário

Não me tornei chanceler do Reich para agir de modo diferente do que proclamei durante 14 anos. Somos desses que só têm uma palavra .

Adolf Hitler, 1º de novembro de 1933

NENHUMA HESITAÇÃO, NENHUM SINAL de embaraço tático interrompeu o processo de tomada do poder no período de transição que vai da primeira à segunda fase da história do nacional-socialismo. Parece até verdade que Hitler tinha algo dessa "segurança do sonâmbulo" de que ele mesmo se disse possuidor. Durante algum tempo, mostrou-se irresistível; nenhum rival, nenhuma força social pareceu desafiá-lo. A destruição do estado democrático fora cumprida apenas no essencial quando, no verão de 1933, começaram a integrar-se os restos e as ruínas desse mesmo estado de direito e de partidos nas estruturas monolíticas, e portanto mais fáceis de dirigir, do estado totalitário, ditatorial, o *Führerstaats* . "O poder já temos. Ninguém, hoje em dia, pode se nos opor. Devemos agora dar à Alemanha uma formação que lhe permita se adaptar a esse estado. Vamos iniciar um trabalho de gigante". Tal era a definição das tarefas futuras indicada por Hitler aos SA em 9 de julho. [65]

Realmente, Hitler nunca quis apenas edificar um regime baseado na força. Seria evidente contrassenso em relação à natureza desse homem e suas motivações não ver nele senão sua sede de poder, sendo inevitável então entendê-lo apenas como objeto de um estudo sobre as formas de tirania nos tempos modernos. Sem dúvida, o poder, seu uso quase ilimitado, graças ao qual não tinha de prestar contas a ninguém, foram-lhe de grande valia. Mas em nenhum momento isso o satisfez. A febre com que conquistou o poder e o reforçou, colocando-o em ordem e usando-o, enfim, até a saturação, tudo isso prova claramente que Hitler não nascera para se tornar um simples tirano. Ele era obsedado pela ideia de sua missão, de se opor às ameaças lançadas contra a Europa e a raça ariana, e queria por isso mesmo "erigir um império mundial duradouro". O espetáculo oferecido pela época em que vivia lhe ensinara que só uma revolução "comparável à Revolução Russa" poderia permitir a expansão das forças dinâmicas que correspondiam à sua ambição.

Ante a tarefa, Hitler pensou como sempre em função da psicologia e da propaganda. Nunca como naquele momento ele se sentiu tão dependente das

massas e jamais observou suas reações com tamanha ansiedade. Temia sua versatilidade. A razão disso não repousava só no fato de ele mesmo ser o produto de uma era democrática que não podia esquecer, mas também na necessidade que pessoalmente experimentava de aprovação e aplauso. “Não sou um ditador e jamais o serei”, dizia, e observava, não sem um certo desdém, que “qualquer palhaço pode governar nas vestes de ditador”. Sim, banira o princípio da consulta popular, mas não por isso estava imune a ela. Observando-se com atenção, não existiriam, segundo ele, regimes totalitários, mas apenas maneiras diferentes de despertar “uma vontade comum”. Hitler assegurava: “A democracia degenerou em parlamentarismo. O nacional-socialismo aplicará verdadeiramente a democracia”; e “Nós pusemos de lado instituições envelhecidas precisamente porque não mais serviam para manter laços de comunicação úteis com o povo, pois tinham virado falatório inútil e um logro descarado”. Goebbels exprimia a mesma opinião ao declarar que naquele tempo de politização das massas “não se conseguiria subjugar os povos impondo-lhes o estado de exceção ou instituindo o toque de recolher após as nove horas da noite”. Ou se oferecia um ideal, um objeto ao qual aferrar sua imaginação, sua necessidade de devotar-se a algo, ou os povos seguiriam seu próprio caminho. [66] A ciência da época falava de “cesarismo democrático”.

Essa concepção correspondia, sem dúvida, à prática política de não deixar a mobilização psicológica da nação ao sabor do acaso e dos caprichos das massas, e menos ainda ao julgamento dos espíritos críticos. A mobilização devia ser, bem ao contrário, resultado da penetração calculada de todas as estruturas sociais por um sistema de vigilância, de regulamentação e de orientação das massas. O primeiro objetivo seria “ganhar a confiança dos homens até que eles sejam conquistados de todo por nós”. O segundo tinha por alvo o setor social no seu todo e se referia até mesmo à vida privada: “É indispensável desenvolver as estruturas de conjunto dentro das próprias condições nas quais se desenrola a vida de cada indivíduo. Toda atividade, toda necessidade básica é, para cada um, determinada pela comunidade que, por sua vez, é representada pelo partido. Não há mais nada de arbitrário; não existe espaço livre algum onde o indivíduo se pertença a si mesmo (…) O tempo da felicidade pessoal está extinto”. [67]

É óbvio que Hitler não cumpriu numa só etapa sua ideia do poder. Tinha uma inteligência tática que implicava de início um sentido muito firme do ritmo a ser observado nas decisões a tomar; mais de uma vez, durante os difíceis dias iniciais do verão de 1933 receou que o controle dos acontecimentos lhe escapasse. Num dos discursos pronunciados então, com o

qual tentou acalmar seus partidários impacientes, declarou: “Muitas revoluções têm saído vitoriosas ao primeiro impulso; mais numerosas, contudo, são aquelas que, vitoriosas, foram em seguida freadas e inutilizadas”. [68] Ao contrário dos que lhe eram mais chegados, Hitler não se deixou levar pela embriaguez do sucesso; permaneceu todo o tempo capaz de impor os objetivos mais distantes do poder às emoções de momento. Opôs-se assim, energicamente, a algumas tentativas sugeridas para tomar posse do governo pela revolução antes de chegado o momento justo da tomada do poder autêntico. Um sentido aguçado do sucesso lhe aconselhava prudência. Os dirigentes do estado fantasma que o partido tinha montado durante os anos de espera não ocuparam cargos reais no governo. Apenas Goebbels, Darré e, em parte, Himmler conseguiram permanecer em seus postos. Ao contrário de Rosenberg, cuja ambição era obter o Ministério das Relações Exteriores, mas que fracassou, e de Ernst Röhm, a quem aconteceu o mesmo.

Duas razões justificavam a recusa de Hitler em dar de bandeja, por assim dizer, o governo ao partido, como se se tratasse de uma partilha. Por um lado, não seria dessa maneira que se promoveria o sentimento de reconciliação indispensável, caso se quisesse edificar o poder de um estado sólido e seguro de si mesmo. Hitler não cessava de lembrar a seus discípulos, no verão de 1933, “que deviam aprender a refletir a longo prazo e levar em conta períodos de longos anos”. “Nada”, dizia ele, “pode ser obtido se, com a precipitação do doutrinador, não se procura ver se já é o momento de conduzir a revolução”. Teorias tinham pouca importância: era preciso, sobretudo, ser “hábil e prudente”. [69] Por outro lado, Hitler não iria cometer a insensatez de encarar o estado como um instrumento que lhe permitisse levar ao malogro o partido do qual ele próprio era o Führer. Dentro do Partido ele criara instituições sempre concorrentes. Incentivara as rivalidades a fim de poder afirmar da maneira mais inatacável seu pleno poder acima dos litígios e das altercações. E pelos mesmos motivos pôs em seus devidos lugares as novas autoridades estatais, a fim de assegurar de maneira ainda mais complexa e diversificada o jogo maquiavélico do poder, cuja complexidade aumentaria no curso dos anos.

Foi desse modo que duas chancelarias, depois três, logo após a morte de Hindenburg, se viram submetidas à sua autoridade plena e única: a chancelaria do Reich, sob a direção do dr. Lammers, a do Führer, sob a direção de Hess e de Bormann, e por fim a chancelaria presidencial, dirigida pelo secretário de estado Meissner, da época de Ebert e de Hindenburg. A política externa, a educação, a imprensa, as artes, a economia formavam assim um terreno sacudido pelos combates de três ou quatro jurisdições concorrentes, e essa pequena guerra, cujo eco ressoaria ainda nos derradeiros

dias do regime, se processava até nos últimos escalões: um chefe de gabinete se queixava dessas rixas competitivas e das ordens contraditórias, que ocorriam até mesmo no que se referia à organização das festas do solstício de verão. [70] Em 1942, já eram cinquenta e oito as "autoridades superiores do Reich", além de uma multidão de detentores de poder fora dos quadros estritos do governo: ministros, comissários, elementos comissionados, diretores de serviços públicos diversos, prefeitos etc. em competição, a ponto de se poder definir o III Reich como uma anarquia guiada por métodos autoritários. Suas funções, múltiplas e de imprecisão calculada, formavam uma complicadíssima rede de competências diversificadas que apenas Hitler, com um sentido de governo que se poderia quase comparar ao dos Habsburgos, conseguia abarcar com um só golpe de vista, avaliar e controlar.

É nesse caos de funções que podemos descobrir uma das razões pelas quais o regime nacional-socialista permaneceu tão estreitamente ligado à própria pessoa do Führer e não conheceu durante toda a sua vigência nenhuma luta no tocante a problemas ideológicos, mas apenas relacionada com a disputa de privilégios. Nesse terreno, sim, as lutas eram tão encarniçadas e destrutivas como costuma ocorrer em toda discussão em torno de uma ortodoxia. Num contraste absoluto com a lenda popular que exalta o poder de decisão dos sistemas totalitários e sua energia realizadora, o que diferencia na realidade tais regimes das outras formas de organização estatal é o fato de estarem muito mais próximos do caos: toda a pomposidade da ordem expressa não é, em última análise, senão uma tentativa para dissimular, por trás de uma fachada grandiosa, a confusão inevitável inerente a essa técnica do poder. Durante a última guerra, o chefe SS Walter Schellenberg se queixou de que recebia ordens de duas instâncias diferentes que representavam departamentos oficiais absurdamente rivais; Hitler o censurou lembrando-lhe a teoria da "luta pela sobrevivência". "É preciso deixar que ocorram atritos entre os homens; desses embates se desprende calor e o calor é a vida". Hitler, sem dúvida, não revelava que no fundo se referia à energia desperdiçada, uma força neutralizada por essa técnica de domínio e que não representa qualquer ameaça. Não foi por acaso que se qualificou tal estilo de governo de "darwinismo institucional" e que tenham descrito como a "ilusão vital" de todos os sistemas autoritaristas a ideia muito difundida segundo a qual sua eficiência seria muito maior. [71]

O fato de que Hitler não tivesse pura e simplesmente entregado o estado ao partido suscitou o mau humor de seus correligionários. Apesar de todas as motivações ideológicas, não devemos esquecer a força elementar dos fatos

materiais que eram a própria base da força de choque do movimento. Seis milhões ou mais de desempregados constituíam uma fonte considerável de energia no plano social, energia consumida na busca de trabalho, de benefícios concretos, de possibilidades de fazer carreira. A onda da revolução projetara nos parlamentos e repartições municipais uma parcela reduzida de funcionários e os instalara a seguir nas escrivaninhas de empregados despedidos. Seguindo a corrente anticapitalista que retomava força após alguns anos, aqueles que deviam preencher os lugares vagos invadiram os domínios, mais extensos e mais lucrativos, do comércio e da indústria, entre eles, para citar um exemplo, os "primeiros combatentes" do movimento que queriam tornar-se diretores de empresa, chefes de serviço, presidentes de câmaras municipais, membros de conselhos de administração, ou que desejavam, de modo mais simples, ter sua parte nos lucros, fosse por meio da violência ou da chantagem. Sua firme vontade de conquista emprestou um caráter nitidamente revolucionário a incidentes onde se proclamava sem cessar o desejo de união. Kurt W. Luedecke relatou que um desses funcionários do partido, embevecido pelo poder e as situações promissoras em vista, exclamara para ele ao abrir a porta do escritório que iria enfim ocupar: "Salve, Luedecke! Formidável! Eu também sou diretor!" No outro extremo do fenômeno social, descobrimos, através do relato de Hermann Rauschning, o acesso de desespero de um membro do partido que lhe disse, temeroso de não poder conservar o posto: "Eu não quero voltar a descer a escada. Você, sim, talvez possa esperar. Não está à beira da catástrofe. Sabe a que me refiro: estar sem uma situação definida. Antes de conhecer novamente esse drama, preferiria cometer um crime. Seja a que preço for, permanecerei onde estou. Não se chega duas vezes ao alto!" [72]

Para poder alcançar a segunda fase da tomada do poder, era indispensável dominar aquelas energias revolucionárias e descontroladas. Em três longos discursos de advertência pronunciados no início de julho, Hitler demonstrou estar decidido (como em março, no momento em que as SA foram acionadas) a pôr um freio no ímpeto revolucionário: o essencial era "reconduzir a torrente impetuosa da revolução ao leito mais seguro da evolução". [73] Ao mesmo tempo, empenhava-se, todavia, em incentivar sempre aquele espírito revolucionário. Tão perigoso quanto o espírito aventureiro sem controle era a petrificação das estruturas, quer fosse provocada por um receio excessivo de sedições, quer pelo imobilismo natural num partido sufocado pelo afluxo de milhões de novos membros. Hitler mostrava-se preocupado também com a tendência ao aburguesamento e exigiu a 1º de maio de 1933 do Partido que limitasse o número de novos adeptos. Para impressionar a opinião pública, fez excluir de maneira espetacular e deportar para campos de internamento alguns

membros do partido que tinham resolvido intervir sem serem autorizados nas questões das câmaras de comércio e na atividade industrial, [74] mas na presença de seus auxiliares diretos justificava o desejo de lucro, apresentando-o como um fator condizente com a atitude revolucionária, e falava de "corrupção voluntária e calculada". Os círculos burgueses o censuravam por incitar à formação de processos por corrupção, de maneira injustificada, contra os antigos detentores do poder, enquanto que seus próprios correligionários enchiam os bolsos: "Eu pergunto, respondendo a esses cretinos", dizia ele, encolerizado, segundo o relato de uma testemunha, "podem me dizer de que maneira poderei satisfazer o desejo justificado de meus antigos companheiros de obter uma indenização por todos os anos que consumiram num combate desumano? Eu lhes perguntei se preferiam que pusesse nas ruas as minhas SA. Poderei fazê-lo ainda. Isto até que me conviria e seria mais salutar para o povo, se houvesse durante algumas semanas uma verdadeira revolução com derramamento de sangue! Levando em conta o gosto burguês pelo conforto de todos esses indivíduos, ter-me-ia mantido distante em relação aos acontecimentos. Ao mesmo tempo, poderia ainda me aproveitar! (…) Nós fazemos da Alemanha um grande país, mas afinal também temos o direito de pensar em nós mesmos!" E não perdendo de vista esse duplo objetivo tático, o de manter e estabilizar a corrente revolucionária, Hitler irá ater-se durante todo esse período às suas máximas já testadas sobre a natureza do poder. Bastava se apropriar da consciência tênue que a população tinha daquelas manobras internas de subversão, controlá-la e mantê-la num estado de efervescência permanente. Hitler declarava: "Só poderei conduzir as massas arrancando-as de sua apatia. Só se podem dirigir as multidões fanatizadas. Uma multidão apática e embrutecida, eis o maior perigo para a comunidade". [75]

Esse esforço para despertar as massas, "para fazer delas um instrumento político", segundo as próprias palavras de Hitler, passaria dali em diante para o primeiro plano. A maneira como se alimentara o temor do comunismo por ocasião do incêndio do Reichstag, os desfiles em praça pública, as reuniões de massa, as manifestações, as fórmulas para "despertar" o povo, oferecer-lhe um "ideal", o culto do Führer, em suma, toda essa mescla habilidosamente tramada de "truques" e de intimidação pelo terror era um primeiro passo para os esquemas afetivos e intelectuais mais homogêneos que se iriam impor à nação. É significativo que o triunfo do Partido Nazi provocasse o reaparecimento de alguns grandes temas ideológicos que haviam sido recalcados e agora eram ativados com uma força que lembrava os primeiros anos do movimento; o judeu tornou-se de novo a encarnação do princípio do Mal, um expediente demagógico útil para desfocar todos os

descontentamentos.

Desde o mês de março já se presenciaram as primeiras ações violentas das unidades SA contra os judeus. Essas ações suscitaram, no entanto, da parte dos governos estrangeiros, críticas tão enérgicas que Goebbels e Julius Streicher solicitaram a Hitler fazê-los calar exercendo uma repressão ainda mais intensa. Não há dúvida de que Hitler recusou a sugestão inicial, que consistiria em empreender em público atos de terror contra comerciantes, advogados, empresários industriais ou empregados judeus. No entanto, conseguiram convencê-lo a autorizar uma ação de boicote que duraria um dia. Assim, num sábado, 1º de abril, destacamentos armados das SA postaram-se diante das portas das lojas judias, dos escritórios, convidando fregueses e visitantes a não entrarem. Nas vitrinas foram colocados cartazes incitando ao boicote: "Alemães, não comprem nada dos judeus!" — ou contendo ameaças: "Fora com os judeus!" Nesse dia, entretanto, o sentido da ordem sufocado no país voltou-se, por uma vez ao menos, contra o governo. Aquela operação agressiva, que revelava uma arbitrariedade e um despotismo tão contrários às leis, não teve o efeito desejado. Segundo um inquérito promovido sobre o estado de espírito da população da zona oeste do país, apurou-se que "a tendência era lamentar a sorte dos judeus (…) O volume de negócios das firmas judias não sofreu nenhuma queda especial por causa daquela campanha". [76] Em face desses dados ameaçadores, o boicote não foi repetido. Num discurso que denotava sua decepção, Julius Streicher deixou entrever que o regime tinha cedido diante do judaísmo mundial, enquanto Goebbels, por seu turno, descerrava o caminho do futuro ao anunciar que novos golpes seriam desfechados, que "dessa vez aniquilariam o judaísmo na Alemanha. (…) E que não se duvide de nossa decisão". [77] De fato, medidas jurídicas, algumas tomadas poucos dias mais tarde, expulsaram de maneira mais silenciosa os judeus da vida pública, de suas posições sociais e comerciais. Um ano depois, algumas centenas de judeus professores universitários, cerca de dez mil médicos, juristas e funcionários diversos eram afastados de seus empregos, assim como dois mil músicos e atores. Sob a pressão das primeiras ondas de repressão, sessenta mil homens aproximadamente buscaram refúgio em outros países europeus, relativamente pouco dispostos a acolhê-los.

O que o jargão autolaudatório do regime intitulava com presunção o "milagre da unificação alemã" não significava só uma delimitação constante entre a "verdadeira" nação e os indesejáveis marxistas e judeus, mas ainda, e de modo mais profundo, a busca incessante de aplausos dessa mesma população. Mas o insucesso da operação boicote ensinara a Hitler que a opinião pública ainda estava longe de compartilhar seu ressentimento. O 1º de

abril fora uma tentativa infeliz de criar esse sentimento coletivo. O 1º de Maio, em compensação, data em que se festeja o trabalhador, foi coroado de sucesso, exatamente como ocorreu com o 1º de outubro, consagrado aos camponeses. Um dos diplomatas que figurava entre os convidados de honra, o embaixador André François-Poncet, da França, assim descreveria as cerimônias que encerraram a festa de 1º de Maio no aeroporto de Tempelhof, em Berlim:

> Ao cair da noite, colunas extensas percorreram as ruas berlinenses em formação muito bem ordenada e passo cadenciado. Estandartes são empunhados e hinos militares ressoam, acompanhados de pífanos. Essa figuração da multidão que se estende por todo o local do desfile faz pensar na entrada triunfal das Corporações na ópera *Os mestres cantores* . Cada um ocupa o lugar que lhe é indicado na vasta esplanada do aeroporto (…) um oceano faiscante de bandeiras vermelhas forma o pano de fundo do quadro. Como a proa de uma embarcação, ergue-se uma tribuna com numerosos microfones, abaixo da qual se vê comprimida a massa ondulante: as unidades SS, dispostas em fileiras, observam a ordem perfeita dessa gigantesca reunião. Os dirigentes nazis sobem à tribuna, uns após outros, calorosamente aplaudidos pela multidão. Camponeses bávaros, mineiros, pescadores em trajes de trabalho, delegações vindas da Áustria, do Sarre, de Danzig sobem ao palanque. São os convidados de honra do Reich. Tudo transpira bom humor e júbilo, nada faz pensar em coação. (…)
>
> Às oito horas ocorre o *suspense* : Hitler chega, de pé em seu carro aberto, o braço erguido, o rosto imóvel, ar um pouco tenso. É saudado com uma longa ovação brotada de mil gargantas. Os refletores são acesos, dispostos em intervalos amplos o bastante para que haja trechos obscuros entre seus focos de luz. Um mar humano de onde emergem aqui e ali entre os raios de luz grupos em movimento. É uma imagem extraordinária a formada por essa multidão tangida em ondas, visível em meio às luzes e apenas perceptível na obscuridade.
>
> Após algumas palavras introdutórias de Goebbels, Hitler sobe ao palanque. Todos os focos de luz se apagam, exceto o que banha Hitler com uma luz brilhante de uma forma que o faz elevar-se, tal é a nossa impressão, como um navio encantado, acima da ondulação da multidão. O silêncio profundo é o mesmo de uma igreja. Hitler começa a falar. [78]

Os estrangeiros convidados, nas tribunas de honra, não eram os únicos com a impressão de uma “festa realmente bela, maravilhosa”, impressão esta suscitada pelo talento de organização do regime, a ostentação noturna dos uniformes, dos jogos de luz, o ritmo musical adequado, as bandeiras, os fogos de artifício multicores. E os estrangeiros não eram os únicos a pensar que “um sopro de reconciliação e de unidade bafejava o III Reich”. Os alemães foram acometidos de um entusiasmo muito mais durável, pelo fato de terem vivido, realmente, aqueles momentos. Assim sua impressão era coisa natural. Desde a manhã havia chegado a Berlim, em desfile, um milhão e meio de pessoas: operários, empregados, diretores, artesãos, professores, artistas famosos do cinema. Foi essa imagem viva que Hitler, de acordo com seu programa, tinha evocado ao proclamar o término de todas as diferenças de classe, anunciando então a formação da Comunidade Popular de Todos os Trabalhadores Braçais e Intelectuais, antes de concluir sua fala com este tipo de paródia que ele apreciava naquela época: “Queremos trabalhar, ter um entendimento fraternal,

lutar juntos, a fim de que, no momento de comparecermos perante Deus, possamos dizer: 'Veja, Senhor, nós mudamos, o povo alemão está revigorado em seu espírito, na sua vontade, na sua perseverança e na aceitação de todos os sacrifícios. Senhor, nós lhe permanecemos fiéis, abençoai nossa luta.'" [79]

As invocações religiosas, os apelos à unidade, a sedução litúrgica das cerimônias não deixavam de ter seu efeito seguro e devolviam à maioria dos alemães o senso perdido da união, da camaradagem e da coletividade. Para a maioria, e precisamente em razão do caráter aparentemente apolítico conferido à cerimônia, essa aliança de "serviço divino" e de regozijo popular representava um denominador comum amplo e suficiente. Incorreríamos no risco de uma simplificação intelectual excessiva (que o regime aliás favorecia, devido a aspectos que logo se tornariam caricaturais) se dividíssemos homens e mulheres naquela primavera de 1933 em vencedores e vencidos. Seria mais correto dizer, como Golo Mann, que na mente de muitos coexistiam e duelavam dois sentimentos, [80] o da vitória e o da derrota, o do triunfo e o da insegurança, o medo e a vergonha. No entanto, durante jornadas como aquela, no aturdimento provocado por festas tão grandiosas e coloridas, as gentes sentiam-se afetadas pela própria história e pela lembrança distante, mas não esquecida, do sentimento de unidade de agosto de 1914. Os homens eram como que metamorfoseados por uma espécie de alucinação de fraternidade. Mais tarde esses meses iriam permanecer na memória da nação como uma mistura difícil de compreender de emoções, de bandeiras, de primavera, de sentimento de brusca transformação, de grandeza nova, sem que fosse possível apresentar razões mais precisas para tudo isso. A explicação residia sem dúvida no talento, ainda hoje bem difícil de analisar, que Hitler tinha para suscitar tal impressão de grandeza histórica, um talento que fez numerosos alemães renegarem o outro lado, dramático, do problema, esquecendo escrúpulos. Seu discurso de 1º de Maio não continha nem um programa concreto em relação à situação do operariado nem as declarações de princípios aguardadas sobre o socialismo nacional ou acerca do progresso econômico, e no entanto dava essa impressão tocante de grandeza e importância histórica. Os atos terroristas que acompanhavam esses fatos tinham seu lugar num todo psicológico, davam aos acontecimentos caráter de extrema gravidade, a marca do destino, e muitos alemães encararam então como mesquinhos e fora de propósito seus escrúpulos em face da grandeza daquele momento.

Não é a exuberância de um indivíduo isoladamente, mas a expressão do sentimento geral de ser tocado pelo destino, que constatamos ao ler o que um dos representantes da elite intelectual do país escreveu a respeito daquelas

cerimônias de maio, isto é, que o trabalho, libertado afinal do estigma dos sofrimentos do operariado, tornou-se o fundamento de um novo sentimento comunitário, "uma parte dos Direitos do Homem de novo proclamados". [81] No dia seguinte às festividades, decisões visando a tomar de surpresa os sindicatos revelaram todavia a outra face da tática de duplicidade, velha tática do nacional-socialismo. Da mesma maneira, o 10 de maio, conquanto o regime deixasse entrever a expectativa de uma política de mecenato, sob a direção de "Adolf Hitler, político e artista", assistiu a brutais manifestações de hostilidade contra os "intelectuais". Ao som das orquestras das SA e das SS executando "melodias patrióticas", foram queimados nos pátios das universidades perto de vinte mil exemplares "de obras estranhas ao espírito alemão" em meio de marchas à luz de archotes e disso que se apelidava então de "os veredictos do fogo". Na medida em que a tomada do poder constituía uma tática, esta era efetivada sempre com uma lógica monótona, ainda que infalível, numa combinação dos recursos de opressão e de outros objetivando criar o embevecimento, a exaltação. E foi precisamente esse amálgama que, após doze anos de interregno parlamentarista, preparou o caminho para aquele sentimento que não se deixou de celebrar na Alemanha: tratava-se simplesmente do antigo estilo do estado autoritário ao qual o regime podia apelar.

Essas medidas, que nos primeiros tempos do regime eram tomadas ao acaso, foram bem depressa integradas num sistema confiado a homens encarregados de papéis definidos com precisão. A maior influência na luta dissimulada pelo poder seria finalmente exercida por Joseph Goebbels, cujo ministério englobava da maneira mais eficaz a totalidade dos objetivos do regime nazi no domínio intelectual e cultural, e que se subdividia em sete setores diferentes: propaganda, rádio, imprensa, cinema, teatro, música e artes plásticas. A essa repartição nos altos escalões do ministério correspondia a organização criada de imediato, a *Reichskulturkammer* , que reagrupava em sete "câmaras" os membros e representantes dos diferentes domínios da atividade intelectual e jornalística: tanto o arquiteto como o mercador de objetos de arte, o cenógrafo, o iluminador e também o vendedor de jornais. A todos Goebbels declarava com uma franqueza cínica que o novo estado suprimiria a antiga impressão "de um vazio desolador": a não-admissão ou exclusão de qualquer um das "câmaras de cultura" acarretaria, dali em diante, a proibição do exercício da profissão. E logo a polícia procederia a numerosas investigações, vigiaria o trabalho de artistas suspeitos, controlaria o conteúdo dos trabalhos encomendados a artistas plásticos etc. Em dezembro de 1933, o número de livros ou de obras coletivas proibidos ascendia a mil, e tais proibições procediam de vinte e um serviços diferentes e eventualmente em

concorrência. Um ano depois, quatro mil livros eram atingidos por tais medidas proibitivas. A revolução não se detém, explicava Goebbels em seu *Discurso fundamental* sobre a cultura: o que para ela é decisivo é que "em lugar do indivíduo e de sua divinização se imponha o povo e o culto que lhe deve ser prestado. O povo está no centro de todas as coisas (…) O artista tem, sem dúvida, o direito de se dizer apolítico, numa época em que a política não representa senão ruidosas polêmicas de escolarcas entre os partidos parlamentares. Mas no momento em que a política é a história vivida do drama de um povo, no momento em que um mundo desaba, em que os antigos valores sucumbem e outros novos surgem, o artista não pode mais dizer: isso não me diz respeito, porque na verdade lhe interessa de fato". [82] Em suas atribuições de "chefe da propaganda do Reich" no seio do Partido Nacional-Socialista, Goebbels cobriu o país de uma rede muito densa de quarenta e um escritórios de propaganda do Reich (*Reichspropagandämter*) que, alguns anos mais tarde, foram elevados à dignidade de *Reichsbehörden* (departamento oficial).

Desde a primavera de 1933, a censura no meio radiofônico já era efetuada em larga medida, tanto em relação aos assuntos ventilados quanto ao pessoal. Dos três mil jornais em circulação (número aproximado), inúmeros foram fechados (em especial os diários regionais), fosse devido a uma pressão financeira ou a uma guerra de subscrições realizada com o apoio do governo. Outros órgãos foram confiscados. Apenas alguns grandes jornais, cujo prestígio lhes assegurava certas regalias, sobreviveram em parte, como, por exemplo, o *Frankfurter Zeitung* , até os anos da guerra. Seu campo de ação tornou-se, desde o início da tomada do poder, estritamente limitado. Um rigoroso sistema de instruções e de regulamentação do estilo, estabelecido principalmente no decorrer dos contatos diários dos jornalistas com as autoridades estatais, zelava pela manutenção da ordem política e social, e aboliu, por assim dizer, nas entrelinhas, toda liberdade da imprensa. Ao mesmo tempo, Goebbels estimulava, apesar de tudo, as diferenças formais e estilísticas e tratava de minimizar o monopólio estatal, ou melhor, de disfarçá-lo por meio da variedade e quantidade de jornais editados. Como ocorria com a cultura em geral, a imprensa devia, segundo a palavra de ordem que lhe fora dada, ser "uniforme em suas intenções, multiforme na apresentação dos objetivos". [83]

Se a considerarmos em seu todo, a depuração se efetuou sobre o plano cultural sem protestos e sem uma resistência realmente séria. Só a Igreja Protestante pôde, a custo de uma cisão, opor-se à conquista declarada do poder. Toda e qualquer possibilidade real de expressão desse desejo de resistir

da Igreja Católica (cujos bispos já tinham criticado energicamente e condenado de forma oficial o nacional-socialismo) foi obstada pelas negociações já concretizadas durante a vigência da república de Weimar, resultando numa concordata com o Vaticano, e retomadas depois com empenho por Hitler, com todo seu corolário de promessas e concessões aparentes. A Igreja Católica terminaria, contudo, por opor uma certa resistência, sempre entravada por múltiplas considerações táticas. As atitudes pseudocristãs do regime não deixaram de influir sobre os líderes das duas religiões oficiais. O próprio Hitler, com suas invocações constantes ao "Deus, nosso Pai" ou à "Providência", sabia muito bem dar a impressão de estar animado de um santo temor de Deus. O que veio a enfraquecer a vontade de oposição foi o fato de que os fundamentos da visão de mundo do nacional-socialismo (luta contra o "marxismo ateu", contra o "livre-pensamento", a "decadência dos costumes", até mesmo o veredicto contra as "artes degeneradas") eram, no seu conteúdo, muito familiares a numerosos crentes. A ideologia nacional-socialista, na sua heterogeneidade, era, com efeito, para alguns, "uma substância derivada de convicções cristãs, um aspecto dos ressentimentos e das ideologias que se tinham desenvolvido no seio de comunidades cristãs em seu confronto com um mundo exterior que não compreendiam ou que refutavam, juntamente com todo o processo evolutivo dos tempos modernos". [84]

Nas próprias universidades só se manifestaria um tênue anseio de independência, que aliás terminaria por se extinguir bem depressa sob a influência da manobra já testada das "manifestações espontâneas" provenientes da base, associadas às decisões administrativas vindas de cima. Houve, sem dúvida, atos isolados de rebelião. Entretanto, o regime se firmara com tal rapidez, com tão pouca dificuldade em dominar e impor-se aos intelectuais, aos escritores, professores universitários e secundários que a tese (muito difundida, entretanto) segundo a qual os oficiais superiores e os representantes da grande indústria teriam sido as camadas sociais que opuseram menor resistência às manobras de "invasão" do nacional-socialismo tornou-se quase insustentável. Durante os primeiros meses, o regime, sempre à caça de louvores e de nomes "decorativos", recebeu realmente uma chuva de manifestações de lealdade que lhe foram dadas sem terem sido solicitadas. Desde o início de março, depois de novo em meados de maio, algumas centenas de professores do ensino superior, de orientação política variável, proclamaram oficialmente sua adesão a Hitler e ao novo governo. Essa "proclamação solene de fidelidade ao chanceler Adolf Hitler" incluía nomes como os de Binding, Halbe, von Molo, Ponten, von Scholz, e outro documento continha assinaturas de figuras de renome como Pinder,

Sauerbruch e Heidegger. Além do mais, o regime recebia grande número de aprovações dadas em caráter pessoal, como foi o caso de Gerhart Hauptmann, a quem Goebbels apelidava com sarcasmo de "Goethe de uso sindical". Foi nessa ocasião que G. Hauptmann declarou: "Eu digo *sim* ". Hans Friedrich Blunck resumiu as esperanças depositadas, de início, no novo regime, nesta fórmula: "Sejamos humildes diante de Deus, honremos o Reich, esposemos as Artes". Ao mesmo tempo, o historiador literário Ernst Bertram compunha à guisa de "veredicto do fogo" estes versos para os autos de fé onde eram consumidas as obras de seu amigo Thomas Mann: "Rejeita tudo isso que te perturba/ Condena tudo o que te seduz falsamente/ E entrega às chamas tudo que te ameaça". Theodor W. Adorno acreditou perceber na atmosfera de uma obra poética de Baldur von Schirach "todo o poder do realismo romano" enaltecido por Goebbels. [85]

Nas primeiras semanas, porém, duzentos e cinquenta professores e escritores, entre os mais importantes, deixaram o país. Outros mais foram expostos a diversas medidas vexatórias, ardis administrativos e proibições no terreno profissional. Bem cedo os porta-vozes das ambições culturais do regime nazista iriam reconhecer que o "verão artístico" na Alemanha apresentava mais o aspecto de um campo de batalha do que de sementeiras férteis e floridas. [86] Uma série de comunicados do Ministério do Interior do Reich, divulgados a partir de agosto de 1933, anunciava que haviam sido destituídos da cidadania alemã inúmeros escritores e cientistas, entre os quais Lion Feuchtwanger, Alfred Kerr, Heinrich e Thomas Mann, Theodor Plivier, Anna Seghers e Albert Einstein. Os que permaneceram em seu país ocuparam sem maiores protestos os lugares vagos nas academias e banquetes solenes e desviaram o olhar constrangido da tragédia dos expulsos e exilados. Os convidados que se puseram à disposição do regime nessa ocasião foram Richard Strauss, Wilhelm Furtwängler, Werner Kraus e Gustav Grundgens. Essa adesão não resultou sempre da fraqueza e do oportunismo; muitos eram motivados pelo arrebatamento da tomada do poder, pelos sentimentos exultantes do despertar nacional que suscitavam de maneira irresistível a necessidade de ingressar no movimento, de se colocar também "no compasso". Alguns eram motivados pela vontade de reforçar as forças positivas no "grande ideal do movimento popular", de tomar sob a proteção de sua maior capacidade aqueles soldados do nazismo, honestos sem dúvida, mas um pouco rudes, e assim sublimar suas energias obscuras, conferir alguma finura às "intenções, excelentes é certo, mas ainda grosseiras, de Adolf Hitler, este homem que é a própria imagem do povo", mostrar em suma aos nacional-socialistas o conteúdo autêntico de suas aspirações e "possibilitar um nacional-socialismo mais perfeito". [87] Nota-se a esperança,

frequente nos períodos revolucionários, de evitar o pior, mas dessa vez unida à ideia de que aquelas cenas grandiosas de fraternidade nacional ofereceriam a oportunidade única de "sublimar as sujeiras da política". Apreender-se-á melhor a natureza especificamente alemã do nacional-socialismo em tais ilusões intelectuais do que na covardia e na vontade de se "adaptar" a qualquer preço, duas motivações que se tornaram muito frequentes, apesar de tudo.

Nossa compreensão dos fatos permaneceria, no entanto, incompleta, caso não levássemos em conta os sentimentos dominantes naquela época de crise. O problema sempre tão atraente do sucesso do movimento hitlerista (cujas tendências anti-intelectuais não eram praticamente dissimuladas) entre os intelectuais, professores, escritores encontrara sua resposta nas tendências anti-intelectualistas da época, marcada por uma extensa corrente irracionalista que opunha ao espírito, concebido como "a mais estéril das ilusões", as "forças primitivas da vida", ideia que predizia o fim do reinado da razão. Tal corrente encontrou sua justificativa na realidade da vida da república que parecia, nos seus aspectos mais vulgares, na sua secura afetiva, confirmar muito claramente o fracasso dos princípios do racionalismo. Num estudo sobre os anos 1920, o próprio Max Scheler, não sem uma certa reserva quanto à depreciação então em voga do "espírito", interpretou o movimento irracionalista daquela época como um "processo de cura", uma "revolta sistemática dos instintos do homem dos Novos Tempos (…) dirigida contra o intelectualismo exagerado de nossos pais"; [88] a vitória do movimento hitlerista foi assim compreendida como a manifestação política violenta desse "processo de cura", a concretização mais lógica das tendências pseudo-religiosas de fuga do "rancor pela civilização", do "fastio do conhecimento" no domínio político. Foi precisamente nesse aspecto que o nacional-socialismo exerceu um perigoso fascínio sobre inúmeros intelectuais que, no isolamento de seus ambientes livrescos, aspiravam a uma confraternização com as massas, queriam participar de sua vitalidade, de sua força histórica. Tal como a postura anti-iluminística da época, até mesmo a fraqueza e a predisposição de assumir essa postura era um fenômeno pan-europeu. Enquanto o escritor nacionalista e conservador Edgar Jung manifestava sua admiração e estima "pelo primitivismo desse movimento popular, pela combatividade dos *gauleiter* e dos oficiais SS", Paul Valéry achava por seu turno "encantador que os nazis menosprezassem tão bem o espírito". [89] A famosa carta do poeta Gottfried Benn a Klaus Mann, então um emigrado, traça um quadro geral muito expressivo de todas essas motivações, ilusões, esperanças e autosseduções:

Pessoalmente, coloco-me inteiramente a favor do novo governo, porque com ele vejo se abrirem novos rumos para meu povo. Quem sou eu, portanto, para me excluir desse movimento? Poderia oferecer uma solução melhor? Não! Na medida de minhas forças, posso tentar conduzir esse povo até o ponto onde desejaria vê-lo, mas, se não o conseguir, ele continuará, de qualquer maneira, a ser o meu povo. O povo representa muitas coisas. Tudo o que sou, econômica e intelectualmente, minha vida, minha língua, minhas relações humanas, a totalidade de minha inteligência, tudo isso devo em primeiro lugar a meu povo. Dele provêm os ancestrais, a ele retornam os filhos. Cresci no campo, perto dos rebanhos, e posso saber ainda o que significam as palavras "terra natal". Cidade grande, industrialismo, intelectualismo, todas essas sombras que o tempo atual projeta sobre meus pensamentos, todas as forças deste século às quais me submeto em minhas obras, toda essa vida complexa e dolorosa se esfuma em certos momentos e então nada mais existe senão a imensa planície, as estações do ano, a terra e palavras simples como esta: povo. [90]

Tais declarações mostram com bastante clareza quão pouco válida é a acusação de pobreza ideológica feita com frequência ao nacional-socialismo e ao seu poder de atração. Se o compararmos com os sistemas ideológicos da esquerda, ele não pode, sem dúvida, oferecer outra coisa a não ser uma espécie de fervor coletivo. Mesmo aquelas multidões, os rostos iluminados por um grande êxtase, os gritos de aprovação, os imensos desfiles, os braços erguidos para a saudação nacional-socialista, [91] tudo isso justamente é que tornou o movimento tão sedutor para os intelectuais que se mostravam desesperados após viver tanto tempo imersos na intelectualidade e que, após todas as discussões teóricas da época, chegaram à conclusão de que "não se podem abordar as coisas só pelo pensamento" — e foi precisamente esse desejo de escapar às ideias, aos conceitos e sistemas, de experimentar, enfim, o sentimento simples e ingênuo de dependência que levou ao movimento tantos trânsfugas.

O nacional-socialismo sempre procurou satisfazer essa ânsia de dependência, de participação, por meio de uma multiplicidade de campos de ação social sempre renovados. Uma das ideias fundamentais de Hitler, recolhidas da experiência de uma juventude na qual ele próprio se viu pessoalmente "abandonado", era que o homem reclama essa "pertença", seja de que natureza for. É um engano ver-se apenas um elemento de coerção nas numerosas organizações do partido, nas agremiações políticas profissionais, nas câmaras e federações, nos escritórios e nos círculos que proliferavam e abarcaram por fim todo o país. A prática vigente então, que pretendia apropriar-se de cada indivíduo, segundo sua idade e função exercida na vida comum, não se admitindo enfim senão o "sono como questão puramente privada", para retomarmos a frase empregada na ocasião por Robert Ley, essa prática, repetimos, correspondia mais a uma exigência geral de participação social. Hitler não exagerava ao assegurar constantemente não ter pedido jamais a seus discípulos senão sacrifícios. Ele redescobrira realmente esta

verdade muito antiga: os homens sentem necessidade de se integrar nas estruturas ordenadas. Existe um prazer de preencher uma função e não deve causar surpresa que os homens aceitem com mais facilidade o sacrifício de sua própria personalidade que o do exercício de sua liberdade intelectual.

Uma das façanhas mais notáveis de Hitler foi sem dúvida a de ter sabido canalizar, numa energia dirigida para um objetivo social, os impulsos difusos que brotaram na primavera de 1933. Sua exigência de sacrifício, a "coloração" de seu "discurso" inflamou um povo esgotado psiquicamente pelo desemprego, a miséria, a fome, suscitou um anseio quase extático de devotamento. Ninguém mais que ele teria podido exclamar com tanta credibilidade: "É magnífico viver num tempo que impõe aos homens tais deveres." [92] Sua sede inesgotável de contato com o público viu-se satisfeita numa extraordinária atividade de orador desempenhada por toda a Alemanha. Mediante uma sucessão ininterrupta de "colocações de pedras fundamentais" e de "primeiras pás de terra", ele criou uma espécie de "consciência de mobilização", presidiu, nas centenas de discursos sobre o tema "Vamos pôr mãos à obra", à intervenção de novas unidades que, no vocabulário militarista do regime nazista, tornavam-se autênticas "batalhas do trabalho" e que resultavam afinal em "vitórias" sobre as "cadeias industriais" ou em "aberturas" feitas na "gleba". A ficção da guerra, particularmente eficaz nessas fórmulas, dava mais ardor ao desejo de sacrifício, e este desejo era alimentado por lemas estimulantes e por vezes ridículos, como este: "A mulher alemã faz tricô novamente!" [93]

Exatamente como as "festas do estado", as cerimônias e as paradas se propunham popularizar o regime por meio de suas características visuais. O sentido operístico que Hitler possuía é raramente observado com tanta nitidez como em seu hábito de transformar em imagens simples o caráter abstrato dos fatos políticos e sociais dos tempos modernos. Sem dúvida, isso tornava as massas politicamente "menores" e indubitavelmente seus direitos eram também reduzidos ou suprimidos. No entanto, pouca ajuda lhes haviam dado os governos que as massas tinham visto se basearem no acatamento à sua "maioria", e essas mesmas massas conservavam deles uma lembrança desagradável. Mas a permanente "autoencenação" de Hitler e sua vontade exacerbada de "representar" despertavam, ao contrário, o límpido sentimento de participar nos assuntos do estado. Após os anos da depressão, muitos alemães tinham a impressão de que sua atividade tinha afinal um sentido coerente. O trabalho mais modesto ganhava maior realce e dignidade; era-lhe atribuída uma importância e um valor merecedores de todos os elogios. Exagerando um pouco, poder-se-ia dizer que Hitler soube, com efeito,

difundir algo daquela mentalidade que pretendia desenvolver quando falava da honra de ser “um varredor de ruas e cidadão deste Reich”. [94]

Essa capacidade de despertar o sentido de iniciativa e a confiança de cada um em si mesmo era tanto mais notável quanto se sabia que Hitler não tinha qualquer programa definido de ação. No decorrer da reunião do ministério em 15 de março, Hitler reconheceu pela primeira vez esse paradoxo e explicou que era necessário “desviar o povo do domínio puramente político e mantê-lo ocupado por meio de manifestações constantes, pois ainda não se podem tomar decisões econômicas”. Já em setembro, por ocasião da “primeira pá de terra” lançada para a construção da futura rodovia Frankfurt-Heidelberg, veio-lhe à mente essa fórmula reveladora: de agora em diante, disse, trata-se “de fazer obras gigantescas [!] onde quer que seja, a fim de pôr em marcha a economia alemã”. [95] Segundo Hermann Rauschning, o conjunto de ideias concretas, “graças às quais Hitler conquistou o poder, repousava numa confiança ilimitada em si mesmo, que o levava a pensar em poder solucionar todos os problemas com a ajuda desta máxima, primitiva sem dúvida, mas eficaz: Quando se sabe dar ordens, as coisas andam. E de outra: Melhor com erros do que nada, pelo menos por algum tempo, depois se vê”.

Estando as coisas no pé em que se achavam em 1933, tais paliativos apresentavam-se como um recurso de magia, pois conseguiam superar o sentimento de desânimo que pesava então sobre o país. Mesmo que a melhoria da situação material não se fizesse sentir senão a partir de 1934, esses métodos puderam despertar de modo profundo a impressão de que “a situação se consolidava”. Ao mesmo tempo, davam a Hitler uma liberdade de movimentos considerável, que lhe permitia adaptar seus propósitos às imposições do momento. Tornou-se, pois, acertado denominar esse estilo de governo o “improviso permanente”. [96] Qualquer que fosse a energia com que afirmava o caráter imutável do “programa do partido”, Hitler sentia sempre, por outro lado, o temor que as decisões irrevogáveis costumam inspirar aos estrategistas. Para manter as mãos sempre livres, proibira, desde os primeiros meses de governo, a transcrição nos órgãos da imprensa de citações do *Mein Kampf* . Como justificativa dessa atitude afirmou-se que as ideias de um líder partidário na oposição não se coadunam inteiramente com as de um chefe de governo. Chegou-se mesmo a proibir a reprodução de um dos vinte e cinco “itens” do programa do partido, sob a alegação de que não se cogitava mais, doravante, de “programas”, mas sim de trabalho de verdade. “O novo chanceler do Reich se tem recusado a fornecer um programa detalhado, o que é, de acordo com seu ponto de vista, perfeitamente compreensível”, lia-se então num jornal de orientação nacional-socialista (disse o jornal humorístico

Berliner Volkwitz : O membro do partido nº 1 não responde). [97] Um dos antigos funcionários do partido baseou-se nessas declarações para afirmar que Hitler não teria tido em nenhum momento um objetivo exatamente definido, nem mesmo uma estratégia deliberada. Parece, com efeito, que Hitler não tinha senão "visões", como se um dom surpreendente lhe permitisse captar com um simples golpe de vista as situações mais diversificadas, para logo avaliar suas possibilidades com firmeza e rapidez. [98] Seu campo de ação situava-se tanto nas fantasmagorias mergulhadas no nevoeiro escatológico do final dos tempos, do fim dos mundos imagináveis, do crepúsculo das raças, como nas encenações minuciosas, maduramente refletidas e ardilosas. Uma estranha mistura das qualidades do tático e do visionário. O setor intermediário de uma política global e levada a efeito com perseverança e paciência lhe era estranho e continuaria a sê-lo, assim como o contexto integral da história.

É verdade, portanto, que Hitler nunca se preocupou com programas. Ele excluiu do gabinete o "reacionário" Hugenberg. Forçou Gottfried Feder, então secretário de estado com jurisdição sobre o Ministério da Economia, a esvaziar todo o conteúdo de sua ideia básica sobre "a abolição da escravatura do dinheiro e do interesse" e exigiu dele, desse modo, uma verdadeira retratação. Já então Hitler deixara de apreciar, qualificando-a de "devaneios de burocratas", aquela ideia que em outros tempos fora-lhe uma revelação, quando era o "homem de confiança" dos comandantes do Reichswehr. [99] Os pequenos lojistas visitaram os grandes magazines para examinar os locais onde, segundo o artigo 16 do programa do partido, poderiam em breve instalar seus estandes de venda. No início de julho, Hitler tornou claro, através de uma mensagem divulgada por Rudolf Hess, que a posição do partido em relação ao problema das grandes lojas permanecia o mesmo que no passado, basicamente inalterável; na realidade, ele já eliminara definitivamente esse ponto do programa.

Ocorreria o mesmo em relação aos numerosos ex-militantes que se viram tratados como elementos "exóticos" em relação à ideologia e se tornaram alvo de zombarias cada vez mais ostensivas, até serem expulsos, finalmente. Enquanto era o estuário que captava todos os descontentamentos e ressentimentos, o Partido Nazi atraíra, na fase de sua ascensão, uma massa de utopistas de pequena expressão, homens obcecados pela ideia fixa de uma nova ordem e que acreditavam que o dinâmico partido de Hitler poderia representar com o máximo de força seu desejo de reforma. Em 1933, desafiados pela realidade dos fatos, numerosos projetos daquele feitio deixaram transparecer seu caráter totalmente irreal ou grotesco e limitado.

Outros não ofereciam ao poder vigente nenhuma possibilidade de intensificar sua ação, e Hitler não se interessou por eles. Nada em tais projetos ultrapassou o nível de algumas tentativas desesperadas e sem ressonância, quer se tratasse da “edificação do estado corporativo”, do projeto de reforma da constituição e do Reich, da ideia do “direito germânico”, da “nacionalização dos trustes” ou da “reforma fundiária”. Essas concepções se contradiziam tanto, aliás, e com tanta frequência que seus porta-vozes se colocavam em oposição, denotando uma rivalidade ferrenha, e por isso Hitler podia se permitir deixar todos esses problemas em suspenso. Ele se preocupava muito pouco com as queixas referentes à “ausência permanente de organização” [100] — pelo contrário, era em função disso mesmo que sua vontade se tornava absoluta e se fazia, enfim, a constituição própria do regime.

No entanto, se essas forças que tinham sido desencadeadas e mesmo orientadas pelo nacional-socialismo eram incapazes de promover a edificação de uma nova ordem, não indo além daquelas tentativas incertas, elas mostravam-se bastante poderosas para solapar as antigas estruturas e levá-las à extinção. Desde esse período inicial se revelou a fragilidade estranhamente construtiva do regime, que desmascarava com extraordinária segurança instintiva as velhas estruturas e as pretensões injustificadas. O nazismo jamais chegou a legitimar seu espírito de destruição por uma força construtiva. No conjunto, o III Reich desenvolveu-se numa atmosfera de algo inacabado e provisório, sobre um terreno de escombros percorrido em todos os sentidos por projetos diversos, onde as fachadas isoladas e herdadas do passado camuflavam reparos recentes, de uma alvenaria ainda fresca, lançada sobre os materiais destruídos e demolidos. O conjunto não apresentava significação nem lógica, a não ser num ponto: a imensa vontade de poder de Hitler, seu desejo de se entregar totalmente à sua tarefa.

A tendência de Hitler de não tomar decisões senão em função dessa mesma vontade de poder se revela com mais nitidez na sua atitude em face dos planos de socialização, que ainda sobreviviam isoladamente como um vestígio da atmosfera do tempo dos irmãos Strasser. Hitler confidenciou então a seus auxiliares mais chegados que não pensava de nenhum modo em promover a extinção, como se fizera na Rússia, da classe dos grandes proprietários; ao contrário, queria levá-los a construir uma nova economia com todas as possibilidades por ela implicadas. Essa classe ainda se consideraria feliz por ver sua existência mantida e suas riquezas poupadas, mesmo que viesse a perder sua independência. Devia ele, pois, modificar essa vantajosa relação de forças, o que traria como único resultado a necessidade

de lutar em seguida contra os “primeiros combatentes” e membros muito zelosos do partido, que não cessavam de gabar seus próprios méritos? O problema do título formal de posse dos meios de produção resultava numa simples questão de detalhe: “Por que eu iria forçar essas criaturas a se submeterem a uma disciplina rígida, da qual não conseguem escapar? Eles podem ter tantas terras ou usinas quanto queiram, o importante é que o estado, por intermédio do partido, decida quanto às suas ações e atitudes, pouco importando, assim, que sejam proprietários ou operários. Compreendem agora que tudo isso não significa mais nada? Nosso socialismo tem uma forma de agir muito mais profunda. Não modifica a ordem das coisas, não faz senão mudar as relações dos homens com o estado (…) Que significado têm a partir de agora as expressões ‘propriedade’ e ‘renda’? Por que teremos necessidade de socializar os bancos e as usinas? Nós socializamos os homens”. [101]

A vitória prodigiosamente rápida sobre uma grave crise de desemprego no país foi devida, talvez em primeiro lugar, ao pragmatismo das ideias de Adolf Hitler. Ele não tinha dúvida de que o destino do regime dependia, assim como seu prestígio pessoal, da melhoria da situação das camadas mais pobres da população. E declarava: a solução desse problema é “decisiva para o êxito de nossa Revolução”. [102] Nas suas campanhas de propaganda, já andara tanto tempo na corda bamba que dali em diante não poderia respeitar seus compromissos senão alcançando a vitória sobre aquela crise. Ao mesmo tempo, esse era o único meio de afugentar o mau humor dos combatentes da primeira hora, motivado pelos numerosos compromissos e acomodações do regime, pela “traição da revolução”.

Um fato tornou-se decisivo: Hitler foi capaz de compreender o aspecto psicológico da crise melhor do que qualquer político da república de Weimar. Sem dúvida, foi ajudado pela lenta melhoria da conjuntura econômica mundial. Mais importante ainda, ao menos para a rápida reviravolta da situação na Alemanha, terá sido o fato de Hitler ter sabido perceber que a depressão, o sentimento de uma atmosfera muito pesada e a apatia geral tinham como causa um profundo pessimismo, uma dúvida fundamental quanto à ordenação do mundo, e que as massas aguardavam, como ocorria com a economia, novos impulsos. As numerosas declarações favoráveis aos “patrões”, a vontade de afastar a economia dos tumultos revolucionários dos momentos iniciais do regime, tudo isso tinha por objetivo fazer ressurgir de forma prioritária um clima de confiança. A maioria das decisões tomadas nos primeiros meses se deveu menos às suas virtudes econômicas do que ao fato de que se deviam mobilizar as energias. Para reduzir o desemprego, mais uma

vez Hitler teve de recorrer a antigos projetos, como o que fora enfocado no governo Schleicher sob o título de “Programa Imediato”. Outros projetos, doravante postos em cena de maneira espetacular, provinham igualmente dos arquivos weimarianos e sua concretização fora obstada pelo sentimento de resignação reinante durante todos aqueles anos. Por isso as rodovias, associadas a partir dali ao regime nazi, tinham sido discutidas tanto tempo, mas jamais construídas. [103] Quando Hans Luther, presidente do Reichsbank, firme adepto de uma política monetária deflacionista, recusou liberar recursos mais substanciais para criar novos empregos, Hitler forçou-o a demitir-se e o substituiu, ainda uma vez para grande descontentamento de muitos militantes, por um “capitalista”, “maçom de alto grau” — Hjalmar Schacht, o qual, recorrendo aos títulos que chamou Mefo-Weksel tornou possível uma série de obras públicas, e depois, num segundo tempo, o rearmamento, sem inflação. Hitler, isento das dúvidas de seus antecessores e com maior poder de decisão, potencializou a produção. Já no seu discurso de 1º de Maio, dirigira-se de maneira patética “a todo o povo alemão” e lhe explicara que “todo indivíduo, todo dirigente empresarial, todos os homens de negócio” tinham o dever, nesse esforço coletivo de grande fôlego, de só pensar em trabalho. Por seu lado, o estado manifestaria sua ação por meio de um programa que Hitler qualificou de “gigantesco”, uma de suas expressões prediletas. “Anularemos todas as oposições ao novo rumo e nos dedicaremos a sua execução”, assegurou. [104] Ordens estatais para a construção de casas populares e estradas, todo um sistema de incentivo ao investimento público e privado, de abatimento nos impostos e de subvenções melhoraram a conjuntura. A tudo isso foram acrescentados sempre novos *slogans* , palavras cunhadas na ocasião, discursos. A seu modo, essas coisas contribuíam para o sucesso do empreendimento e conferiam um sentido surpreendente à fórmula de Hitler: “Os grandes mentirosos são também grandes mágicos.”

Também fez parte dessa “psicologia do impacto estimulante” o Serviço do Trabalho, inicialmente voluntário e que podia absorver todos os jovens desempregados, mas que dava também uma forma concreta à vontade construtiva do regime: recuperação das regiões pantanosas, reflorestamento, polderização, regulagem do curso dos rios testemunhavam de maneira sedutora, “contagiante”, a vontade de trabalhar e as realizações futuras do governo. Ao mesmo tempo, a organização, sobretudo a partir de 1935, quando esse “trabalho” se tornou obrigatório, servia para superar as barreiras entre as classes e valorizar a atividade física em confronto com o plano ideológico. Todas as iniciativas uniram sua ação a diferentes elementos e, desde 1934, quando o número de desempregados ainda era de três milhões, já se registrava uma carência de operários especializados. Dois anos depois, a faixa ótima de

emprego era atingida.

Os momentos iniciais dessa rápida ascensão tornaram igualmente possível uma atividade considerável e eficaz no plano social e político. Receando parecer reacionário, o governo se empenhava, por meio de medidas ostensivas que atestavam seu espírito conciliador em relação ao operariado, em tornar aceitável a realização concreta de sua concepção da ordem, traduzida, por exemplo, na proibição do direito de greve ou na criação de um sindicato único controlado pelo estado, a Frente Alemã do Trabalho. E foi por isso que se organizaram serviços de enquadramento social muito amplos (viagens de férias, acontecimentos esportivos, exposições de arte, danças populares, cursos de aperfeiçoamento) que preencheram, ao lado de tarefas de primeiro plano confiadas à Força pela Alegria ou à Beleza do Trabalho, funções de controle e ao mesmo tempo de conciliação dos conflitos. Eis alguns dos resultados eleitorais registrados em 1934 no seio das empresas: as listas mostram que, em certos casos, não passavam de 30 ou 40% os que votaram, entre os trabalhadores, na lista unitária do nacional-socialismo e, portanto, a favor da nova ordem do governo. Em 1932, contudo, a NSBO não tinha obtido em média senão 4% dos votos, e mesmo um historiador marxista como Arthur Rosenberg reconheceria que o nacional-socialismo atendera a certas exigências insatisfeitas da revolução democrática. Com o passar do tempo, em todos os casos, a propaganda obstinada e múltipla do regime não deixaria de funcionar, mesmo entre os operários, tanto mais que muitos deles percebiam uma diferença em relação ao passado, menos em "certos direitos perdidos do que no trabalho reencontrado". [105]

Tal era, com efeito, a condição decisiva do sucesso para a rigorosa política social do III Reich. A perda da liberdade e da autonomia social, a severa e permanente fiscalização, a participação nitidamente mais fraca no Produto Nacional Bruto aumentado, tudo isso quase não fez com que a classe operária se irritasse. Os lemas ideológicos por sua vez também se tinham mostrado incapazes de conquistar tanto essa classe como a burguesia. Muito mais importante foi o sentimento, após anos traumatizantes de medo e de depressão, de ver restaurada uma certa segurança no setor social. Esse sentimento se impunha com razão e ajudou a dissipar as tentativas de resistência ainda muito difundidas no início do novo regime. Também mobilizou o empenho de realização e fez nascer de maneira essencial a imagem de satisfação social para a qual, de modo muito consciente, os detentores do poder chamavam a atenção de seus adversários: a luta de classes não estava apenas estritamente proibida, devia desaparecer. Em todo caso, o regime soube demonstrar claramente que não representava o domínio

de uma classe sobre as demais, e, em face das diferentes classes sociais, se comportava realmente de maneira neutra, oferecendo a cada um todas as possibilidades de ascensão social. Sem dúvida, subsistia um sentimento de distância social, logo, porém, eliminado pela pressão política a que todos os alemães eram submetidos, tanto patrões como operários, empregados como fazendeiros.

Tais medidas não serviram só para afetar as antigas estruturas sociais de casta; elas melhoraram igualmente e de forma sensível a situação material de camadas bastante amplas da população. Mas não se podia reconhecer nisso nenhum plano conjunto de política social. É significativo que Hitler jamais tenha tido projetos, a não ser os que definiam a conquista de posições de força, quer fosse na Alemanha ou no estrangeiro, mas nenhum que pudesse dar uma imagem da nova ordem do estado ou da nova sociedade. No fundo, não queria modificar o estado, mas simplesmente tê-lo em seu poder. Já em 1925, um de seus interlocutores observava que "seu ideal era uma Alemanha que, como povo, viesse a ser organizada mais ou menos como um exército". Mais tarde, no momento da tomada do poder, ele mesmo diria que a ordem na Alemanha era "daqui em diante a de uma praça militar fortificada". Assim como o partido lhe servira de instrumento para conquistar a Alemanha, esta devia dali para frente lhe servir de instrumento "para abrir a porta que levaria a uma duradoura hegemonia no mundo". [106] É indispensável examinar a política interna de Hitler nas relações extremamente estreitas que mantinha com sua política exterior.

Para mobilizar as massas, Hitler não utilizou só as energias sociais disponíveis, mas também o dinamismo nacionalista. Antes da guerra, as potências mais tarde vitoriosas tinham sem dúvida reconhecido em princípio o Reich como estado soberano. A Alemanha, contudo, permanecia um pária entre as demais potências. A França em especial, mais inquieta que nunca após a conquista do poder por Hitler, continuava a se opor ao reconhecimento efetivo da Alemanha como estado à parte, integral, enquanto a Inglaterra admitia um certo mal-estar com a postura a que se via constrangida por sua antiga aliada. A inquietude da França, os escrúpulos da Inglaterra, as indignações da Alemanha, tais foram os elementos de que se serviu Hitler nos dezoito primeiros meses de seu governo para elaborar uma verdadeira obra-prima de tática e fazer ir pelos ares o sistema de alianças europeu, estreitar ainda mais os laços internos da nação alemã e preparar o terreno para a sua política do espaço vital.

De início, a situação não era absolutamente favorável a seus projetos ambiciosos. Os atos de terror que se tinham seguido à tomada do poder, os excessos de toda ordem, as brutalidades diversas cometidas então, a perseguição de um grupo humano apenas por razões raciais, tudo isso contradizia o conceito que seus adversários políticos tinham de civilização e criava um clima de irritação e hostilidade. Tal situação foi expressa com bastante clareza no famoso debate da "quinta-feira santa" da Câmara dos Comuns, quando o ex-ministro do Exterior, Sir Austen Chamberlain, declarou que os acontecimentos na Alemanha tornavam de todo inoportuna uma revisão do Tratado de Versalhes. Chamberlain falou da brutalidade, da arrogância racial, da política do tacão de ferro. Só a partir daí pareceu-se atribuir algum fundamento àquela ideia da qual até então todos haviam zombado como um puro exagero de emigrantes nervosos: "Hitler é a guerra!" [107] Por diversas vezes, decidiu-se promover algumas manifestações de hostilidade ao novo governo alemão. O governo de Varsóvia indagou em Paris se a França, para eliminar o regime hitlerista, estaria disposta a encarar uma guerra preventiva. O verão de 1933 viu uma Alemanha quase inteiramente isolada no campo diplomático.

Diante de tais fatos, Hitler se empenhou de início num trabalho de apaziguamento e em acentuar a continuidade de seu regime com a política moderada de revisão da república de Weimar. Embora desprezasse os membros do Ministério das Relações Exteriores, chegando a chamá-los "Papais-noéis da Wilhelmstrasse", deixou inalterado o quadro diplomático e consular. Durante pelo menos seis anos, disse a um de seus íntimos, manteria uma espécie de boa-vizinhança com as potências europeias: naquela hora o barulho guerreiro dos meios nacionalistas era um erro. [108] O ponto culminante de sua política de distensão sincera e cordial foi o grande "discurso da paz" que fez em 17 de maio de 1933, ainda que nele protestasse contra a duração indefinida da diferença entre vencedores e vencidos e também ameaçasse retirar-se da Conferência do Desarmamento se continuassem a não reconhecer a Alemanha como participante efetiva. Ciente da posição claramente de segundo plano da Alemanha no terreno diplomático, era, sem dúvida, uma bela manobra a de assumir o papel de defensor da razão e da concórdia entre os povos. Para tanto, bastava pegar pela palavra os lemas das grandes potências europeias de "autodeterminação", "paz com justiça" etc. A moderação de Hitler naquele discurso despertou um contentamento tão geral que ninguém atentou para as ameaças contidas. E, junto com o *Times* de Londres, numerosas vozes se fizeram ouvir apoiando no mundo inteiro as reivindicações de Hitler de "reconhecimento" da Alemanha, e, nos Estados Unidos, o presidente Roosevelt declarou-se "entusiasmado" [109] com o

discurso.

O êxito mais evidente dessa política foi a proposta, já no verão de 1933, de um “pacto a quatro” entre Inglaterra, França, Alemanha e Itália, proposta que, mesmo nunca efetivada, foi sem dúvida uma espécie de admissão moral da Alemanha no seio das grandes potências. O primeiro país a reconhecer o fato foi a URSS, que se apressou a prorrogar o Tratado de Berlim, expirado em 1931. Seguiu-se de imediato o Vaticano, que em julho ultimou a Concordata com o Reich. Mas com todo esse sucesso, no outono, Hitler, parecendo seguir um impulso incontrolável, mudou o rumo até ali seguido e com poucos movimentos imprevisíveis melhorou visivelmente sua posição.

O campo de manobra foi a Conferência do Desarmamento, que transcorria em Genebra desde o início de 1932, e onde o Reich, devido a sua fraqueza militar, adotava um papel moral particularmente forte. O princípio da equiparação entre os países obrigava as outras potências ou a se desarmarem ou a aceitar o rearmamento da Alemanha. Em numerosas declarações e inúmeros discursos, Hitler pôde afirmar a disposição da Alemanha ao desarme e sustentá-la com argumentos que soavam tanto mais sinceros quanto mais evidentes se tornavam as preocupações da parte dos franceses. A França acompanhava com grande inquietude o que acontecia na Alemanha e achava ter boas razões para dar mais crédito ao que via do que às palavras de garantia suspeitas de Hitler, mesmo que, por sua desconfiança persistente, bloqueadora de todas as negociações, se colocasse numa situação difícil. Mas chamou atenção com insistência para o sistema de opressão posto em prática por seu vizinho, para a militarização crescente, os desfiles tão frequentes, as bandeiras em profusão, os uniformes e as paradas, o vocabulário do nacional-socialismo com seus “grupos de choque”, suas “brigadas”, seus “serviços de guarda”, seus cantos de combate nos quais a humanidade tremia ante a Alemanha, ou o mundo lhe pertencia — e conseguiu por fim modificar a opinião das outras potências. [110] A equiparação, que, em princípio, estava concedida à Alemanha, foi então condicionada a um período probatório de quatro anos, que devia atestar se o país estaria realmente disposto à política de entendimento cordial que apregoava e se teria renunciado a todos os seus propósitos revisionistas.

Hitler reagiu como um raio. Em 14 de outubro, pouco depois que Sir John Simon, ministro do Exterior inglês, expusera a posição dos aliados e explicara que os mesmos estavam decididos a impor à Alemanha o quadriênio de provação, se necessário, à mesa da Conferência, Hitler anunciou sua intenção de abandonar a Conferência do Desarmamento. Ao mesmo tempo, declarou que a Alemanha se retirava da Liga das Nações. A decisão explica as ordens dadas ao Reichswehr, que só seriam conhecidas durante o julgamento de

Nuremberg: em caso de sanções, haveria uma resistência armada. [111]

O estupor ante este golpe de cena, com o qual Hitler assumiu o controle único da política estrangeira do regime, foi sem precedentes. É verdade que ele não havia, contrariando opinião muito difundida, tomado tais decisões por sua própria autoridade, mas sim apoiado principalmente pelo ministro do Exterior von Neurath, que havia preconizado um endurecimento da política externa do regime. Mas o caráter patético da encenação, os toques de indignação, tudo isso partia de Hitler. E foi ele igualmente quem reduziu as duas disjuntivas viáveis da situação a uma fórmula brutal: “Rompimento ou desonra”. Na noite daquele mesmo dia, num discurso transmitido pelo rádio, aplicou pela primeira vez à política exterior o testado princípio da dupla tática que lhe servira tão bem no terreno da política interna, no sentido de que obscureceu e atenuou a afronta que ele mesmo cometera, empregando de uma série de concessões puramente verbais e de manifestações de simpatia e cordialidade. Referiu-se à França como “nosso mais antigo e glorioso adversário” e qualificou de louco quem viesse a “imaginar uma guerra entre nossos dois países”.

Essa tática anulou em definitivo as intenções, já bem limitadas, das potências europeias de formar uma frente unida contra a Alemanha. Seus porta-vozes não sabiam que lado tomar. O desdém com que Hitler lhes jogou aos pés rudemente a honra pela qual a república de Weimar esperara tão longo tempo e com tanta paciência suplicara inverteu por completo o quadro do mundo. Alguns dos países afetados pela questão tentaram esconder seu embaraço felicitando-se entre si por se terem livrado afinal de uma companhia incômoda; outros apresentaram proposta de intervenção militar, e pelos corredores de Genebra ouviram-se vozes indignadas, mesmo que pouco levadas a sério: “*C’est la guerre!* ” Toda essa agitação fez nascer a ideia de que aquele homem exigia da velha Europa uma “declaração de falência” que ela não estava disposta a dar, e de que ele desfechara um golpe mortal no princípio da Liga das Nações, princípio, aliás, àquela altura, já minado pelo medo, a desconfiança e o egoísmo. Morta mesmo estava a ideia do desarmamento: se a conquista do poder por Hitler representara, com efeito, e como alguém disse, uma espécie de declaração de guerra ao sistema de paz do Tratado de Versalhes, [112] essa declaração de guerra foi claramente feita, isto sim, em 14 de outubro. O cansaço e o desagrado suscitados pela eterna parolagem que ressoava em Genebra, pelos paradoxos e a hipocrisia lá correntes encontraram expressão principalmente na imprensa inglesa. O *Morning Post* , jornal conservador, declarou “não verter uma lágrima pela Liga das Nações e pela Conferência do Desarmamento”, e que se sentia feliz

e aliviado pelo fato de “aquela charlatanice” ter chegado ao fim. E num cinema londrino, quando apareceu na tela a imagem de Hitler num jornal cinematográfico, a plateia aplaudiu. [113]

Receando que o sucesso de sua tática de surpresas tivesse aumentado a orgulhosa petulância de Hitler, Hermann Rauschning, ao voltar de Genebra, foi visitá-lo na chancelaria do Reich. Encontrou o Führer “de excelente humor; tudo nele tendia para a ação e o entusiasmo”. Ele descartou com um gesto de desprezo as observações cautelosas de Rauschning sobre a irritação em Genebra e as ações militares que eram preconizadas: “Então essa gente quer guerra?” — indagou Hitler. “Eles não pensam nisso a sério. Contentam-se em protestar e fazem-no tarde demais… Não deterão mais o voo da Alemanha”.

Por um tempo, segundo o relato de Rauschning, Hitler andou pela sala em silêncio, aparentemente cônscio de que, pela primeira vez depois de 30 de janeiro, estava em zona perigosa, e que agora só restava enfrentar o risco, bem sabendo que sua demonstração de força poderia arrastar a Alemanha ao isolamento. Sempre sem levantar os olhos, conforme relata Rauschning, Hitler justificou sua decisão com uma espécie de monólogo, permitindo ao visitante uma visão de seus motivos ao tomar aquelas medidas:

> Devo agir assim. Era necessária uma ação em grande estilo, um gesto compreensível a todos, um ato libertador. Eu tinha de arrancar o povo alemão das malhas dessa rede de dependências, de frases ocas e ideias falsas, e retomar nossa liberdade de ação. Para mim não há mais lugar para rotina política de dia a dia. Tanto pior se as dificuldades ficam maiores no momento. Tudo é compensado pela confiança que obtenho desse modo junto ao povo alemão. Ninguém teria compreendido que nós continuássemos nos debates e na política que os partidos de Weimar praticaram por dez anos (…) O povo quer ver que se está agindo, que não se continua na tapeação de sempre. É necessário fazer não o que os intelectuais, que repisam sempre seus problemas, julgam ser o exigido pelo momento, mas sim um ato dramático que denote vontade resoluta de empreender um novo começo. Sejam inteligentes ou não, só os atos são compreendidos pelo povo, não as negociações estéreis que sempre resultam em nada. O povo já está farto de ser levado pelo bico. [114]

O quanto eram válidas essas reflexões em breve se veria. Com efeito, Hitler relacionou de imediato a retirada da Alemanha da Liga das Nações com uma segunda decisão que ultrapassou em muito as circunstâncias das quais brotou. Submeteu sua decisão ao primeiro plebiscito organizado pelo regime nazista com um grande requinte de propaganda e o associou à reeleição do Reichstag eleito em 5 de março, e ainda parcialmente formado pela estrutura partidária da época de Weimar.

Não era possível ter dúvidas quanto aos resultados da votação. Antigos sentimentos de amargura profunda, suscitados pela posição deslocada da Alemanha logo após os infindáveis debates que isolaram o país, sempre mantido na posição de derrotado, todos esses ressentimentos afloraram

naquele momento. Mesmo os alemães dotados de senso crítico, e que deviam em breve passar a uma oposição ativa contra o regime, aplaudiram a atitude de Hitler e a autoridade nela manifestada. Segundo o relatório enviado a Londres pelo embaixador inglês, os alemães estavam unidos pelo desejo de se vingar da Liga das Nações por suas reiteradas repulsas. Como Hitler soubera inserir em seu referendo, transformando-os numa só questão, os problemas de Genebra e de sua política geral, não era possível evidentemente aprovar a saída da Alemanha da Liga das Nações e desaprovar a política interna. Esse referendo foi, portanto, um dos maiores sucessos táticos no processo de consolidação do regime.

O próprio Hitler abriu a campanha em 24 de outubro com um longo discurso no Palácio dos Esportes de Berlim. A consulta popular foi marcada para 12 de novembro, dia seguinte ao décimo quinto aniversário do armistício de 1918. O olhar fixo no desafio lançado agora por um plebiscito, Hitler chegou a superar os próprios níveis de paroxismo que marcavam seus transes habituais: “No que me diz respeito”, gritou às massas, “declaro que preferiria morrer a assinar um documento que, segundo minhas convicções mais sagradas, não seria admissível para o povo alemão”. Além disso, pedia à nação o seguinte: “Se eu me enganar alguma vez ou se o povo julgar que não deve mais apoiar meus atos, devem me executar. Eu enfrentaria tal situação com serenidade”. Como lhe acontecia toda vez que se sentia subestimado ou humilhado, embriagou-se com a descrição demagógica das injustiças que lhe haviam sido infligidas. De pé sobre um gigantesco palanque, de botas, calças de uniforme e casaco comum escuro, exclamou dirigindo-se aos operários da Siemens-Schuckert: “Nós todos estamos prontos a colaborar em um tratado internacional, mas só na qualidade de co-participantes efetivos. Na vida privada, jamais tentei me impor numa sociedade que não me queria em seu seio ou que não me considerava em pé de igualdade com os demais. De gente assim não preciso, e o povo alemão tem força para reagir da mesma forma. Não faremos nessas conversações o papel de engraxates das botas deles, o papel de inferiores. Não: ou temos nelas direitos iguais, ou o mundo não nos verá mais em conferência nenhuma”.

Outra vez, uma intensa “guerra de cartazes” desencadeou-se no país sobre o mote “Reconheçam nossa honra e nossos direitos iguais”. Em Berlim, Munique e Frankfurt, inválidos de guerra desfilaram em suas cadeiras de rodas carregando cartazes: “Os mortos da Alemanha querem teu voto”. Eram citadas com frequência as palavras de Lloyd George, primeiro-ministro inglês do tempo da guerra: “O direito está do lado da Alemanha” e “Quanto tempo a Inglaterra suportaria semelhante humilhação?” [115] Uma série de imensos

desfiles, de cerimônias de protesto, de comícios de massa tomou conta de novo da Alemanha. Dias antes da votação, houve em toda Alemanha dois minutos de silêncio em memória dos heróis nacionais, unindo a todos num só pensamento. Hitler explicou então com todas as letras que a vida na Alemanha não assumira aquele comportamento militar para se manifestar contra a França, "mas para que se consolidasse a disposição política indispensável para a liquidação do comunismo (…) Se o resto do mundo se abriga em fortalezas inexpugnáveis, cria forças aéreas gigantescas, fabrica carros de combate enormes, funde canhões colossais, não pode falar de ameaça alegando que os nacional-socialistas, sem arma alguma, desfilam em colunas por quatro a fim de oferecer à comunidade civil alemã uma imagem visível e uma proteção eficaz (…) A Alemanha não tem menos direito que outras nações de se proteger a si mesma". [116]

Todos os ressentimentos do povo alemão, que de longo tempo se sentia à margem, e ao mesmo tempo o desejo intensificado de intimidar os outros países transpareceram nos resultados do plebiscito: 95% dos eleitores aprovaram a decisão governamental. Mesmo se esse resultado fosse "falseado", ainda que fosse obtido pelo terror e por pressões sobre os votantes, não se pode negar que o referendo popular mostrou ao mundo de maneira bastante exata as tendências da opinião pública alemã. Nas eleições para o Reichstag, na mesma ocasião, mais de 39 milhões (num total de 45 milhões de cidadãos com direito a voto) votaram nos candidatos da lista única nacional-socialista. Esse resultado foi ruidosamente festejado como "o milagre do renascimento do povo alemão". [117] O embaixador da Inglaterra, Sir Eric Phipps, escreveu sobre o evento a seu governo: "Uma coisa é certa: a posição de Herr Hitler é inatacável. Mesmo nos círculos que não aprovam de nenhum modo o nacional-socialismo, ele viu seu prestígio aumentado por essas eleições, ou melhor, pelos discursos que proferiu durante a campanha eleitoral. Em todas as campanhas eleitorais anteriores, tinha combatido por seu partido e vilipendiado seus adversários. (…) Na presente campanha, os alemães veem um novo chanceler, o homem de sangue e de ferro. Suas palavras de agora não têm a mesma sonoridade estridente de seus impetuosos discursos de há um ano, quando ele era então apenas um nazi e atacava os marxistas".

A partir daí, Hitler passou a utilizar na política exterior essa tática de atos e ataques de surpresa, tão eficaz na política interna e na tomada do poder. A consternação suscitada pelo rompimento com Genebra não se dissipara ainda, a irritação causada por sua arrogante tentativa de reverter contra as próprias democracias o princípio democrático de consulta popular era ainda sensível

também, quando Hitler tomou de novo a iniciativa para encetar o diálogo com as potências que acabara de “atritar”, mas desta vez sobre um plano novo que lhe seria mais favorável. Num memorando apresentado no mês de dezembro, repeliu a ideia do desarmamento, mas declarou-se disposto a discutir uma limitação das armas ofensivas desde que a Alemanha obtivesse o direito de ter um exército com efetivo de 300 mil homens recrutados por meio do serviço militar obrigatório. Essa foi a primeira das propostas apresentadas com um máximo de oportunidade que iriam durante anos a fio, até estourar a guerra, assegurar seus êxitos diplomáticos. A proposta era perfeitamente aceitável como base de negociação para os ingleses, ainda que fosse inaceitável para os franceses, coisa que Hitler obviamente já levara em conta. Enquanto as duas potências tentavam chegar a um acordo no transcorrer de discussões que a desconfiança dos franceses tornava intermináveis, acerca da importância das concessões que estariam dispostos a fazer, Hitler tirava proveito das querelas entre os consignatários do futuro tratado e de sua incapacidade de se porem de acordo, para, assim, levar a bom termo e com toda tranquilidade seus planos.

E assim, um mês depois, a 26 de janeiro de 1934, Hitler moveu-se novamente com uma decisão repentina que modificava de modo radical o cenário da ação: concluiu um pacto de não agressão de dez anos com a Polônia. Para se compreender bem o espanto provocado por essa brusca virada, cumpre recordar que as relações entre os dois países, tradicionalmente difíceis, estavam, ao que parecia, sem esperanças de solução, devido a tantos rancores. Se excetuarmos o veredicto moral, nenhuma cláusula do Tratado de Versalhes foi recebida com mais amargor pelos alemães do que a da entrega de territórios ao novo estado polonês, que criou o corredor que separava a Prússia Oriental do resto do Reich e proclamou Danzig cidade livre. Foi motivo de disputas permanentes entre os dois povos e causava ameaças de parte a parte. Poucos fatos tiveram efeito tão ruim como as violações de fronteira por parte da Polônia, desafiando o direito internacional, nos anos iniciais da república de Weimar, deixando a Alemanha diante da realidade de sua própria impotência; e o que a ferira em especial fora o velho sentimento da superioridade germânica sobre os povos vassalos eslavos. Todos, portanto, achavam que o revisionismo de Hitler apontaria em primeiro lugar para a Polônia, a qual, na sua qualidade de aliada da França, alimentava ao máximo nos alemães o complexo de estarem sitiados. A política exterior da república de Weimar, inclusive a de Stresemann, por esse motivo, sempre se recusara com obstinação a garantir a integridade territorial da Polônia.

Todos esses sentimentos que dominavam os meios diplomáticos tradicionalmente favoráveis à Rússia, os círculos militares e mesmo os da

antiga Prússia foram considerados sem importância por Hitler. Do outro lado, o marechal Pilsudski, em face da política incerta e pouco corajosa da França, alterou com igual energia a concepção das alianças da Polônia, agora fundada na esperança de que Hitler, na qualidade de alemão do sul, de católico e de “habsburgo”, não fosse parte daquela tradição política tão temida pela Polônia. O julgamento muito difundido, e no entanto errôneo, de um Hitler cujas emoções ditavam as decisões políticas raramente teve uma refutação tão expressiva como nesse exemplo. Ele compartilhava, é claro, de todos aqueles sentimentos de hostilidade em relação à Polônia, mas sua política não se modificou por causa disso. Ainda que, em todos os seus planos concernentes à grande expansão alemã para o Leste, o papel do vizinho oriental tenha ficado estranhamente indefinido, é de se supor que na cabeça de Hitler não havia lugar, evidentemente, para um pequeno estado polonês independente. Em abril de 1933, Hitler dera a entender a François-Poncet que ninguém podia exigir da Alemanha a aceitação do quadro vigente na fronteira oriental, e, mais ou menos na mesma época, o ministro do Exterior von Neurath não considerava “nem possível nem desejável” um entendimento com a Polônia que tivesse como consequência adormecer o interesse do mundo numa revisão dos limites germano-poloneses. Enquanto a Polônia continuasse independente, militarmente forte e garantida por aliados, só restava a Hitler tomar conhecimento da situação que ele não poderia mudar, tentando explorá-la em seu proveito. “Alemães e poloneses devem aceitar a respectiva existência”, esclareceu em seu discurso de prestação de contas ao Reichstag, em 30 de janeiro de 1934. “É mais sensato, assim, em face de uma situação de fato que mil anos não puderam mudar e que tampouco mudará depois de nós, dar-lhe uma feição da qual resulte para ambas as nações o maior benefício possível”. [118]

O proveito que Hitler tirou do tratado foi realmente imenso. É óbvio que o tratado jamais foi bem aceito na Alemanha. No resto do mundo, contudo, Hitler podia sempre mencioná-lo como uma prova convincente de seu desejo de entrar em acordo, mesmo com seus adversários mais notórios. Sir Eric Phipps, embaixador inglês, disse a respeito, num relatório ao seu governo, que o chanceler alemão dera provas de ser um estadista ao sacrificar uma parte de sua popularidade à lógica de sua política exterior. [119] Ao mesmo tempo, Hitler conseguira desacreditar o sistema da Liga das Nações, que não soubera, até ali, resolver o problema da vizinhança perigosa e plena de tensões entre a Alemanha e a Polônia, tanto que, segundo as estudadas lamentações de Hitler, aquele “atrito parecia adquirir pouco a pouco (…) o caráter de um mal hereditário”. Aparentemente sem esforço e através de poucas conversações bilaterais, Hitler tinha livrado o mundo daquele problema.

No entanto, o tratado demonstrou, de modo definitivo, a fragilidade das barreiras erguidas em torno da Alemanha. “Com a Polônia cai um dos mais sólidos pilares do Tratado de Versalhes”, nesses termos o general von Seeckt formulou uma das máximas da política exterior da república de Weimar, e, obviamente, ao dizer isso, Seeckt pensava na eliminação do vizinho mediante uma ação militar. [120] Hitler demonstrara, contudo, que se podia obter resultados bem superiores por meio de uma política mais rica em imaginação. Essa aliança não só liberava a Alemanha da ameaça de uma guerra em duas frentes, na França e na Polônia, como também, e principalmente, reduzia a nada e de maneira definitiva uma parte importante do sistema de garantias coletivas de paz. O experimento de Genebra já se podia dar como falido. Com seu primeiro movimento, Hitler tinha destruído aquele sistema e conseguira, sobretudo, reduzir a França, cujo poder e intransigência tinham tantas vezes incomodado e ferido a república de Weimar, ao papel de criadora de caso. A partir desse momento, Hitler pôde executar sua política de negociações duplas, de alianças e de intrigas, indispensável às manobras diplomáticas. Suas possibilidades de sucesso se baseavam na necessidade de não se defrontar jamais com uma frente unida, mas só com adversários isolados. Retomava, pois, aquele mesmo jogo que, com tanto virtuosismo e sucesso, já executara no setor da política interna. Os representantes das grandes potências começavam a se mostrar impressionados. O primeiro a manifestar-se, em fevereiro de 1934, foi o Lord do Selo Privado da Inglaterra Anthony Eden.

A profunda impressão causada pela presença de Hitler figurava entre seus trunfos mais seguros nas negociações. O Führer chegara a chanceler sem nenhuma experiência de governo: não fora deputado, ignorava os hábitos diplomáticos, não conhecia o estilo oficial e nada sabia das coisas do mundo. Como sucedera antes com Hugenberg, Schleicher, von Papen e um bom número de outras personalidades, homens como Eden, Simon, François-Poncet ou Mussolini esperavam encontrar pela frente um rude líder de partido, de mentalidade acanhada, lunático, dotado embora de um certo talento demagógico. O homem que, ciente de sua aparência física insignificante, devia compor uma imagem com a ajuda de um bigode, de uma mecha de cabelo sobre a testa e de um uniforme, e que, em trajes civis, mais parecia a imitação de quem pretendia ser, foi, durante algum tempo, a vítima principal das zombarias de toda a Europa: era apresentado como uma espécie de Gandhi de botas prussianas, de Charlie Chaplin num trono de chanceler muito alto para ele, uma figura “muito exótica”, como veio a descrevê-lo um sarcástico observador inglês, Arnold Toynbee, “um daqueles mulás meio

doidos que não montam, não caçam, não fumam, não bebem e são vegetarianos”. [121]

Assim, tanto maior era a surpresa causada por Hitler a seus visitantes e aos interlocutores nas negociações. Durante anos, mediante um perfeito comportamento de estadista, para ele fácil no curso das negociações, Hitler soube tirar a vantagem da surpresa e ganhar uma posição psicologicamente favorável. Eden surpreendeu-se com “a aparência *smart* , quase elegante” de Hitler, encantando-se por achá-lo “seguro de si e amigável”. Segundo ele, Hitler mostrava-se pronto a escutar todas as suas objeções e se revelava bem diferente da caricatura forçada e melodramática que se fazia de sua pessoa. Hitler conhecia bem os assuntos que abordava, declararia mais tarde Eden. Sua grande surpresa se evidencia ainda na observação de que o chanceler alemão tinha assimilado inteiramente todos os temas abordados no decorrer daquela conversa e não recorrera uma só vez aos especialistas para pedir esclarecimentos, mesmo sobre detalhes. Por ocasião de conversações posteriores, Sir John Simon declarou a von Neurath que Hitler revelava-se “um interlocutor notavelmente convincente” e que ele tinha uma imagem falsa do chanceler. Hitler também surpreendia os interlocutores com tiradas rápidas de espírito. Quando o ministro do Exterior inglês deu a entender que os ingleses gostavam que se cumprissem os tratados, Hitler mostrou uma surpresa irônica e replicou: “Não foi sempre assim. Em 1813, o exército alemão era proibido por tratado. No entanto, não me consta que, em Waterloo, Wellington tenha dito a Blucher: ‘Seu exército é ilegal. Por obséquio, retire-se do campo de batalha.’” Em junho de 1934, quando Hitler encontrou-se com Mussolini em Veneza, soube, segundo um diplomata presente à entrevista, associar na sua maneira de ser “a dignidade e a franqueza amigável” e deixar uma “forte impressão” no espírito dos italianos, mais propensos, no começo pelo menos, ao ceticismo. Arnold Toynbee, por sua vez, ficou agradavelmente surpreso ao ler uma exposição de Hitler sobre o papel de sentinela que a Alemanha cumpria nas suas fronteiras orientais. O estudo primava, segundo Toynbee, por extraordinárias qualidades de lógica e de clareza. De maneira geral, ele tinha respostas sempre prontas, estava bem preparado a falar de seus assuntos e sabia igualmente, como salientou André François-Poncet, dar uma impressão de “absoluta honestidade”. [122]

O grande número de visitantes estrangeiros aumentou o prestígio de Hitler. Como os alemães, que em outros tempos corriam para vê-lo como um número circense, visitantes vinham em massa a Berlim e aumentavam a aura de grandeza e admiração que cercava o Führer. Vinham e ouviam com interesse sobre a nostalgia do povo alemão pela ordem e o trabalho, sobre a vontade de

manter a paz que ele, Hitler, relacionava com a sua própria experiência no *front* . E os visitantes sentiam o aspecto obstinado de seu sentimento de honra. Nessa época, tornou-se comum — em primeiro lugar na Alemanha — distinguir o fanático líder de partido de outrora do homem realista, consciente de suas responsabilidades, de agora. Pela primeira vez após os derradeiros dias da monarquia, a maioria dos alemães sentia identificação com o estado, sem piedade, preocupação ou vergonha. Von Papen, que não era exatamente o representante mais indicado do sentimento geral alemão, expressou no entanto uma ideia muito difundida, ao prestar homenagem ao "talento do chanceler" durante a reunião de gabinete de 14 de novembro de 1933.

Graças a seu sucesso, e com mais força do que nunca, o personagem do Führer e Salvador tornou-se tema inesgotável para a ruidosa propaganda do regime, com toques metafísicos. Na cerimônia da manhã do 1º de maio, Goebbels esticou seu discurso ao máximo, esperando que o sol, que lutava ainda com as nuvens, surgisse afinal, e que assim Hitler pudesse aparecer diante da multidão banhado por uma luminosidade radiante. Tais símbolos, inteligentemente ideados, davam à imagem do Führer a dignidade de um príncipe sobrenatural. Todas as relações sociais, até mesmo nos menores agrupamentos, organizaram-se em torno desse esquema. O reitor tornou-se o "Führer da Universidade", na indústria, o empresário era o "Führer de suas fábricas". O personagem de Hitler criou ressonâncias pseudo-religiosas nessas relações estabelecidas entre o Führer [Guia] e todos aqueles que o "seguiam". Um membro do consistório da Turíngia chegou a afirmar: "O Cristo veio a nós através da pessoa de Adolf Hitler." [123] A pessoa e o destino do Grande Eleito solitário, que perseguia as adversidades ou que as assumia voluntariamente, tornaram-se o tema de poemas, filmes, dramas ou obras de artes plásticas, todos inspirados em motivos do Führer. Na Thingspiel [representação de massa] de Richard Euringer, *Paixão alemã* , encenada com o maior sucesso na temporada de 1933 e tida como o modelo do teatro nacional-socialista, o Führer aparecia como o Soldado Desconhecido alemão, com uma coroa feita de arame farpado cingindo-lhe a testa: ele descia num mundo de especuladores, acionistas, intelectuais, proletários e outros personagens dos diferentes aspectos do "estado de Novembro", porque, segundo as referências constantes aos temas cristãos, "ele tinha pena do povo"; quando a multidão furiosa pretende flagelá-lo e crucificá-lo, ele a detém por meio de um milagre, conduz a nação "às armas e ao trabalho", reconcilia os vivos e os mortos da guerra na Comunidade Popular do III Reich. De suas chagas "brota por fim uma luz" e ele sobe ao céu pronunciando estas palavras: "Tudo está consumado." A última marcação do encenador indica: "Sons de órgão do céu. Nostalgia. Atmosfera sagrada. No

ritmo entra a marcha militar terrestre”. [124] Aparentada às produções literárias desse teor que se impunham então na Alemanha, surgiu então uma vasta cultura *kitsch* que contava, sem dúvida, tirar proveito do momento: caixinhas e porta-níqueis vendidos com o nome gravado “o Bom Adolf” e cofrinhos com a forma de casquetes das SA; o rosto de Hitler aparecia estampado em gravatas, lenços, espelhinhos de senhoras; a suástica decorava cinzeiros e canecas de cerveja. Houve advertências de fontes nacional-socialistas sobre o fato de “a imagem do Führer ser ‘utilizada e profanada’ [125] por um bando de artistas amadores muito atrevidos”.

Apesar de tais objeções, aquele tributo exuberante de homenagens não deixou, evidentemente, de causar efeito no próprio Hitler. Sem dúvida, ele encarava antes de tudo aquela agitação toda provocada artificialmente em torno de sua pessoa como um expediente válido dentro de sua tática psicológica. Algo a ser aproveitado devidamente. “As massas têm necessidade de um ídolo”, ele mesmo declarou. No entanto, as facetas híbridas do Führer-Papa apareceriam doravante com maior nitidez. Após terem sido recalcadas num segundo plano no primeiro período do regime, elas se impunham agora à nação inteira. Já a 25 de fevereiro de 1934, Rudolf Hess enunciara durante um discurso retransmitido pela cadeia de emissoras a fórmula do juramento que deveria ser prestado pelos chefes políticos, quase um milhão, das Juventudes Hitleristas, do Serviço de Trabalho etc.: “*Adolf Hitler é a Alemanha. A Alemanha é Adolf Hitler. Quem presta juramento a Adolf Hitler faz um juramento à Alemanha* .” [126] Encorajado por aquela onda de zelo ardoroso, Hitler aceitou de modo cada vez mais nítido essa relação entre o país e sua pessoa, que naquele meio-tempo inúmeros especialistas em direito público passaram a consolidar com seus argumentos. “O elemento novo e decisivo da constituição autoritária reside no fato de que ela elimina a diferença antes existente que opunha os governados aos governantes. Doravante, o Führer e os que o seguem formam um só”. Todos os interesses e antagonismos sociais se resolviam nele; à identidade total do povo no plano interno correspondia o inimigo total no exterior. O Führer possuía todos os poderes, conhecia o rumo a seguir, a missão e a lei da história. [127] Em seus discursos, cada vez mais era levado a calcular por períodos de vários séculos e já dava a entender que mantinha relações particulares com a Providência. Do mesmo modo como ele frustrara as expectativas programáticas dos velhos combatentes, concitava seus adeptos da cidade de Danzig a manter a disciplina estrita e adaptar-se a sua brusca mudança na política a respeito da Polônia, impondo-lhes obediência sem levar em conta os interesses locais: “Tudo na Alemanha começa com esse homem e nele termina”, escreveu seu ajudante de ordens Wilhelm Bruckner. [128]

À medida que Hitler se sentia mais seguro num poder indiscutível, as antigas facetas "boêmias" de seu temperamento reapareciam mais claramente, assim como as crises de apatia e as bruscas mudanças de humor. Ele ainda respeitava as "horas de expediente", entrava em seu gabinete todas as manhãs às dez horas em ponto e mostrava aos visitantes da noite as pilhas de pastas de seu trabalho. Entretanto, sempre detestara as obrigações e a disciplina de um trabalho regular; "uma única ideia genial", costumava afirmar, "tem mais valor do que toda uma vida de trabalho meticuloso num escritório". [129] Mal se desfizeram o charme de se ver investido do cargo de chanceler e a emoção exultante provocada pela decoração histórica que eram a mesa de trabalho e os acessórios do gabinete de Bismarck, passou a rejeitar toda aquela disciplina, como já fizera na juventude em relação ao piano, à escola profissional e à pintura, do mesmo modo como se cansava de todas as coisas mais cedo ou mais tarde, até dos jogos da política ou do prazer de discursar para o povo. Cansou-se e se desembaraçou de tudo, exceto de suas ambições e de sua angústia cujas fixações eram, por assim dizer, patológicas.

É bem significativo que seu modo de ser a partir daí reencontrasse algo de seu estilo de antigamente, de *condottiere* dos quarteirões do Schwabing, em Munique, nos anos 1920. Tinha sempre atrás de si um pitoresco séquito de artistas frustrados, de guarda-costas e de ajudantes de ordens. O frenesi das viagens começou, e não deixaria de aumentar a cada novo ano. Elas o levavam da chancelaria do Reich à Casa Parda de Munique, do Obersalzberg a Bayreuth, dos locais de paradas às salas de reunião, sempre cuidando de infundir a ideia de sua onipresença. A 26 de julho de 1933, por exemplo, pronunciou em Munique uma palestra para uma delegação de 470 jovens fascistas italianos; às 14 horas, assistiu aos funerais do almirante von Schroeder em Berlim; às 17 horas, já estava em Bayreuth para o famoso Festival. Em 29 de julho, novamente em Bayreuth, era o convidado de honra de uma recepção oferecida por Winifred Wagner e, na manhã seguinte, depunha uma coroa de flores no túmulo de Wagner. À tarde, pronunciou um discurso na festa do esporte alemão em Stuttgart e participou de uma reunião dos *Reichsleiter* e dos *Gauleiter* em Obersalzberg. A 12 de agosto, participou de uma cerimônia em homenagem póstuma a Richard Wagner em Neuschwanstein e se arvorou em seu discurso em executor dos projetos de Ludwig II. Dali, deslocou-se para o Obersalzberg, onde permaneceu durante uma semana, partindo a 18 de agosto para ultimar detalhes do congresso do partido em Nuremberg. No dia seguinte, estava em Bad Godesberg, onde havia reunido os chefes das SA e das SS. Segundo testemunhos concordes, assim que a consciência da fama se instalou no Führer, houve mudanças bruscas nas coisas que ele desejava fazer e nos objetos de seu interesse como

também no modo de consumir as horas. Ele se deixava levar por suas divagações durante longos momentos sem tomar qualquer decisão, para, de repente, dar mostras de uma intensa atividade, de uma energia explosiva, especialmente nas questões relativas ao exercício do poder; uma estranha combinação, muito rara no domínio da política, de vazio e de gênio. Costumava deixar de lado, no último minuto, algumas das numerosas tarefas espinhosas de suas atribuições de chanceler para dirigir-se, sem procurar dissimular tal gesto, à ópera ou ao cinema. Durante esses meses a que nos referimos agora, releu todos os inúmeros romances de Karl May, sobre o qual diria mais tarde que lhe abrira os olhos para os cenários do mundo. E havia ainda essa incomum e aberta devoção ao ócio, o que induziu Oswald Spengler à sarcástica observação de que o III Reich era "a organização dos sem-trabalho pelos inimigos do trabalho". [130] Rosenberg, por exemplo, ficava indignado quando Hitler preferia um show de patinação sobre o gelo a uma exposição de arte que ele mesmo organizara. Vários anos antes, Gottfried Feder pretendera fazer com que um oficial acompanhasse Hitler para lembrar-lhe a programação diária a cumprir e regular o emprego do seu tempo diariamente. Goebbels se opusera a isso, asseverando no estilo que lhe era peculiar: "O que nós nos esforçamos para executar nele se tornou um sistema de dimensão universal. Sua maneira de criar é a de um verdadeiro artista e pouco importa o setor onde exerça sua ação". [131]

Olhando hoje, é inegável que Hitler atingiu um número espantoso de objetivos em seu primeiro ano na chancelaria do Reich: eliminou a república de Weimar e deu passos decisivos na edificação do estado totalitário, um *Führerstaat* ligado só a ele. Centralizou a nação, alinhando-a politicamente, e preparou-a para ser uma arma em suas mãos, como sempre a considerara e como, aliás, encarava todas as coisas. Tinha promovido o soerguimento econômico, libertara-se das correntes impostas pela Liga das Nações e granjeara respeito no estrangeiro. Em pouco tempo, reduzira uma sociedade livre e complexa, com seus numerosos elos de força e de influência, a "nada mais do que pura cera, uniforme e submissa". Sempre com as palavras de Hitler "um mundo de ideias e instituições foi eliminado e substituído por outro". [132] Toda a resistência dali em diante careceria de força política, na base de grupos dispersos sem liderança e organização. Claro que aquilo que Goebbels denominava o "processo de refundição do povo" não se consumou sem o emprego da força. Não se deve, no entanto, superestimar o papel dessa violência durante o período da conquista do poder. Havia seguramente uma dose de verdade na sentença de Hitler referente à "revolução menos sangrenta

da história mundial" (frase que se tornou um dos fundamentos da retórica do regime), mesmo que um decreto como o baixado por Goebbels, em 22 de junho de 1933, com a ementa *Decreto para o combate aos derrotistas* , que tornava passível de punição toda manifestação de descontentamento como "retomada da subversão marxista", mostre claramente de que maneira os nazis resolviam seus assuntos. Do mesmo modo, quem examinar o "milagre" da criação da Comunidade Popular não pode descurar omitir o fato de que se tratava de uma fachada para impressionar, incapaz de eliminar os conflitos daquela sociedade, que só fazia camuflar. No lugar dos partidos do passado, o que se processou nada mais foi do que uma permuta de grupos rivais: funcionários a serviço do estado totalitário, chefes de bandos cercados por seus homens, sátrapas do partido lutando por influência. Toda essa gente substituía as lutas de cunho democrático por uma guerra sem regras, na verdade uma luta na selva, fora do controle público. Um episódio ocorrido nos primeiros dias do regime ilustra essa reconciliação do país consigo mesmo, reconciliação baseada na coação e no logro, de maneira tão grotesca quão figurada. Por determinação expressa de Hitler, Hans (o *Galo Vermelho*) Maikowski, indivíduo de muito má reputação, chefe da "Seção de eliminação 33" da SA, assassinado na noite de 30 de janeiro de 1933, ao final do histórico desfile das tochas que marcara aquele dia, teve as honras de um funeral nacional junto com o funcionário da polícia Zauritz, morto na mesma noite. Em nome da Comunidade Popular, um policial, homem da ordem, católico e de esquerda — e um oficial das SA, em vida um livre-pensador arruaceiro, foram, sem muita hesitação, postos em esquifes aparatosos numa igreja luterana, apesar do protesto das autoridades eclesiásticas, enquanto o ex-príncipe herdeiro da Prússia, último elemento que faltava àquela reconciliação forçada, depunha coroas sobre os caixões. [133]

A despeito dessas contradições de detalhes, a segunda fase da conquista do poder se processara de maneira mais rápida e mais fácil do que o esperado. As etapas introdutoras do estado totalitário e indispensáveis à organização do partido e do estado foram cumpridas graças ao jogo, desconcertante mas legal, que sancionava as medidas já tomadas e elaborava outras mais. Já havia muito tempo que os *Reichstatthalter* , governadores do Reich, funcionavam nos Länder como procônsules do partido, depunham ministros, assistiam às reuniões de gabinete e exerciam sua autoridade, praticamente sem nenhuma restrição, sobre as derradeiras instâncias locais; até que afinal a soberania dos *Länder* foi transferida para o Reich e foi dissolvido o Reichsrat [Conselho, Rat, federal que desde 1919 representava os 17 estados federais da Alemanha weimariana]. Como poder central, o Reich se apropriou igualmente dos direitos de justiça dos *Länder* . Um novo esquema de organização do partido

dividiu o país em 32 *Gaue* , e estas regiões em *Kreise* , circunscrições, estas em *Ortsgruppen* , grupos municipais, abaixo dos quais *Zellen* , setores, e *Blöcke* , blocos isolados de quarenta a sessenta habitações. É verdade que uma lei datada de 1º de dezembro de 1933 proclamou a unificação do partido e do estado, mas na realidade Hitler empenhou mais sua influência em favor da separação. Não foi sem um motivo tático deliberado que ele designou Munique sede do NSDAP-Partido Nazi para todo o Reich e manifestou claramente sua intenção de manter o Partido afastado das questões governamentais. A própria nomeação de Rudolf Hess, indivíduo de vontade fraca, muito devotado e sem influência nas funções de "vice-Führer", devia obedecer ao mesmo motivo. Em todos os casos, o Partido não se beneficiava de qualquer prioridade política em relação ao estado. A unidade do conjunto residia muito mais na pessoa de Adolf Hitler, que devia por conseguinte permanecer ligada àquele princípio de dispersão da competência que não autorizava o partido, exceto em casos isolados, a conquistar cargos oficiais no estado e levar a termo, assim, suas ambições totalitárias.

Pouco a pouco, todas as instituições influentes foram dominadas. Hindenburg já não contava mais. Era, como disse com concisão e firmeza seu amigo e vizinho de propriedade rural von Oldenburg-Januschau, o presidente que "já não se tinha mais", [134] e é um exemplo disso o juramento de 25 de fevereiro, em que o corpo dos dirigentes do partido jurou fidelidade a Hitler e não já ao presidente do Reich, como estabelecia a lei de unificação do partido e do estado. O velho marechal ainda surgia, sem dúvida, aos olhos de muitos alemães como a esperança do direito e da tradição. Naquele meio-tempo, no entanto, Hindenburg não só se submetera a Hitler, como também se deixara mesmo corromper, e a maneira como se mostrava disposto a apoiar com sua autoridade a conquista do poder pelo nacional-socialismo se opunha de todo à indiferença solene com que abandonara a república de Weimar à sua própria sorte. No dia do aniversário da batalha de Tannenberg, ele aceitou como um presente dos novos donos do poder a propriedade de Langenau, próxima de suas terras de Neudeck, assim como o levantamento da hipoteca de sua outra propriedade rural de Preussenwald. Correspondeu a tal generosidade com um gesto absolutamente inusitado na história militar alemã: concedeu ao capitão da reserva Hermann Göring o posto de general de infantaria "em reconhecimento aos seus eminentes serviços em tempos de paz e de guerra".

O Reichswehr, o exército, permanecia a única instituição a resistir ao "enquadramento". E era precisamente nessa direção que as ambições revolucionárias das SA se dirigiram com uma impaciência sempre crescente. Ernst Röhm tinha por hábito dizer que o "rochedo cinzento devia ser

submergido pela onda parda”. [135] O motivo principal do conflito que se avizinhava era o temor de Ernst Röhm de que Hitler deixasse de lado a revolução por razões de tática e de oportunismo. Aos olhos de Hitler, o Reichswehr e as SA eram os dois únicos elementos poderosos e independentes cujo espírito ainda não fora domado. Seu virtuosismo tático se manifestaria uma vez mais pelo modo como submeteu o exército ao governo por meio das SA e estas por meio do exército, servindo-se de cada um para liquidar o outro, resolvendo assim o problema da existência de chefes revolucionários. Por isso lançou como pasto à “revolução” seus discípulos mais fiéis, mas fazendo tal traição parecer uma ação meritória aos olhos da história.

Enquanto hesitava, como em todas as circunstâncias sérias em que se viu envolvido na vida, e enquanto respondia às pressões de seus interlocutores — “É preciso deixar que a questão amadureça” — certas forças entraram em jogo na primavera de 1934 e apressaram por vias diferentes sua decisão. O dia 30 de junho de 1934 poria diante dos pelotões de fuzilamento forças e interesses muito diversos.

19

O caso Röhm

Após a Revolução, permanece o problema dos revolucionários .
Mussolini a Oswald Mosley

Ninguém velou mais atentamente por sua Revolução do que o Führer .

Rudolf Hess, 25 de janeiro de 1934

A TÁTICA DA REVOLUÇÃO LEGAL do modo como a empregou Hitler permitiu que a tomada do poder se efetuasse sem o uso muito aparente da força, sem maior derramamento de sangue e evitou o dilaceramento muito profundo que atinge a todos os países recém-saídos de um período revolucionário. Essa tática, contudo, importava em um risco: ao se adaptarem, os antigos dirigentes poderiam finalmente infiltrar-se no surto revolucionário e colocar em xeque, teoricamente pelo menos, o novo regime. Superados e divididos momentaneamente, não se achavam entretanto liquidados e incapacitados para agir. Ao mesmo tempo, a tática de Hitler devia poupar de sua ira a vanguarda militante das SA, que tinha, com sua luta, aberto o caminho ao regime. Os pretorianos de camisa parda encaravam, com certo sarcasmo e amargura, a "reação" subir às tribunas de honra nas festas da "revolução nacional" — os capitalistas, os generais, os fidalgos de província prussianos, os políticos conservadores e outros pacifistas. Viam os fraques se misturarem aos uniformes pardos. O proselitismo indiscriminado privava a revolução de seus adversários.

O mau humor de Röhm, um temerário fora de moda, sem dúvida, mas fiel a suas ideias em face do desenrolar da tomada do poder, já se revelara em vários discursos feitos em público. Já em maio de 1933, Röhm julgara acertado pôr as SA em guarda contra os falsos amigos, as cerimônias de fachada e lembrar às suas seções de choque os objetivos não atingidos: "Já houve festas demais. Espero que daqui em diante as SA e as SS se mantenham à parte dessas repetidas cerimônias (…) Elas têm ainda pela frente uma tarefa a cumprir: levar a bom termo a revolução do nacional-socialismo, criar o Reich nacional-socialista". [136] Hitler, mais dissimulado e mais pérfido que o pouco astuto Röhm, via na revolução um processo pseudolegal minando as instituições, processo que colocava em primeiro plano os efeitos demagógicos, a queda do adversário batido pela surpresa e só empregava a

violência em último caso, assim mesmo como meio de intimidação; Röhm associava à ideia de “revolução”, e só no plano ideológico, uma fase de insurreição com os clarões da batalha, a fumaça de pólvora e os ataques desfechados contra as cidadelas dos antigos potentados, antes que, numa “noite dos longos punhais”, ponto culminante e sangrento da revolução, o velho mundo ultrapassado desabasse por fim com seus representantes detestados, e aí triunfasse a nova ordem. Nada disso ocorrera e Röhm estava profundamente decepcionado.

Após um breve período de incerteza tática, Röhm tentou manter sua *Sturmabteilung* afastada do processo de “fusão nacional”. Insistiu sobre todas as formas de oposição possíveis e saudou a originalidade das concepções das SA: “Elas sozinhas promoverão e manterão o triunfo do nacionalismo e do socialismo, isentas de qualquer comprometimento”. [137] Pôs de sobreaviso seus dirigentes e lhes solicitou recusarem qualquer função ou cargo honorífico no novo estado. Enquanto seus rivais, Göring, Goebbels, Himmler, Ley e os numerosos “segundos” do regime ampliavam sua esfera de influência ao obter altas posições no estado, Röhm tratou de seguir o caminho oposto, dedicando-se ao desenvolvimento de seus grupos, que logo atingiriam um total de 3 milhões e 500 mil a 4 milhões de homens, a fim de preparar o estado SA, que devia um dia alterar pela revolução a ordem existente.

Como era de se esperar em tais circunstâncias, os antigos conflitos com a Organização Política ressurgiram, ao mesmo tempo que o ressentimento dos militantes revolucionários com respeito aos pequeno-burgueses bem nutridos e egoístas da Organização Política, aqueles burocratas apertados em seus uniformes muito justos, mas que se mostravam na maior parte do tempo superiores a eles, militantes revolucionários, na pequena guerra promovida para obter lucros e sinecuras. Esse mau humor se intensificou quando Hitler passou a exigir com insistência cada vez maior que se pusesse fim às desordens revolucionárias. Já desde junho de 1933 começara a supressão dos numerosos campos de internamento preventivo da SA e pouco depois chegou a vez de os grupos da polícia auxiliar serem dispensados. Os homens que formavam em volta de Röhm insistiram sem sucesso sobre os sacrifícios deles exigidos até então, sobre as escaramuças que haviam comandado, e se sentiram dali por diante logrados. Eram os revolucionários esquecidos de uma revolução falhada. A partir daquele mesmo mês de junho de 1933, Röhm se oporia energicamente às afirmações cada vez mais frequentes de que a conquista do poder fora ultimada e as tarefas da SA estavam concluídas. Quem exigir hoje que se paralise a revolução a estará traindo, declarou então Röhm. Os operários, camponeses e soldados que marchavam sob as bandeiras

de suas seções cumpririam até o fim sua missão, sem levar em conta aqueles que se "metiam no caminho", os "pequeno-burgueses e os especialistas da difamação". "Quer isso lhes agrade ou não, continuaremos nossa luta. Com eles, se caírem em si e compreenderem afinal do que se trata; sem eles, caso não queiram compreender; contra eles, se for necessário!" [138]

Tal era, portanto, a significação do lema da "segunda revolução", que girava então em torno das sedes da SA. Essa "segunda revolução" devia vir em socorro da "tomada do poder" da primavera de 1933, entravada pelas meias-medidas e os compromissos, e até mesmo traída. Devia levar à "revolução total", à posse integral do estado. Essas palavras de ordem quase sempre eram mencionadas para demonstrar a existência, no seio dos grupos pardos, de um esboço, ainda que rudimentar, da nova sociedade. Entretanto, da mistura confusa de todas essas frases sobre a "sagrada aspiração socialista à totalidade" só se destacava uma concepção indefinida e ninguém poderia dizer qual seria a forma real do estado SA. Esse socialismo jamais pudera ultrapassar o nível de um comunismo rude e primário de guerreiros, que, no próprio Röhm e nos seus auxiliares imediatos, se via reforçado ainda pelo sentimento de pertencer a um pequeno mundo de homossexuais servindo de alvo à hostilidade do mundo circunvizinho. Simplificando, o estado SA nada mais era do que o estado que permitiria resolver o problema social, realmente desesperador, de numerosos membros das SA condenados ao desemprego. Além disso, havia a inquietude sempre disfarçada de um espírito de aventura política, que tinha ocultado sob os traços da ideologia do movimento nacional-socialista seu niilismo e que não queria entender por que, uma vez ultimada a vitória, seria preciso renunciar à aventura, à luta e à agitação.

Era precisamente aquela ausência de objetivo dos fervores revolucionários das SA que preocupava profundamente a opinião pública. Ninguém sabia contra o que Röhm dirigiria aquela força, à qual se referia sempre, tornando-a presente através de uma sucessão ininterrupta de desfiles, inspeções e manifestações pomposas por toda a Alemanha. Para testar essa força, tratou de reavivar as antigas tendências militaristas no seio das SA, procurando também um novo relacionamento, assim como financiamentos no mundo industrial. Criou seu próprio executivo no comando militar das SA, instituiu sua própria justiça SA, que pronunciou penas as mais pesadas contra ações inadmissíveis, como roubo e pilhagem, cometidas por membros de sua milícia. No entanto, essa jurisdição decidiu igualmente que em casos de "assassinato de um elemento da SA, o chefe SA competente poderia impor como castigo a execução de membros (até o total de doze) da organização inimiga responsável pelo assassinato". [139] Ao mesmo tempo, Röhm procurava

firmar pé na administração dos *Länder* , nos meios universitários e jornalísticos, e divulgar os objetivos da SA. Deu vazão a seu mau humor nas numerosas críticas referentes ao antissemitismo, à política externa, à supressão dos sindicatos ou sobre as limitações da liberdade de opinião. Voltou-se com azedume contra Goebbels, Göring, Himmler e Hess, e provocou ao máximo o Reichswehr, numericamente bem inferior, ao pretender incorporá-lo na massa do exército pardo e criar uma milícia nacional-socialista, suscitando desse modo a hostilidade dos generais, ciosos de suas tradições e apegados a seus privilégios. Profundamente atingido pelas múltiplas medidas táticas de Hitler, deixou-se levar pelo desejo de desabafar sua irritação junto aos amigos:

> Adolf é um canalha. Ele nos traiu. Só procura agora a companhia dos reacionários. Seus antigos camaradas já não são mais bons para ele e agora vai buscar os serviços desses generais da Prússia Oriental, eis aí seus homens de confiança atualmente (…) O que eu quero Adolf já sabe de sobra, pois lhe repeti muitas vezes. Não desejo uma segunda versão, e ainda mais insípida, do exército imperial. Fazemos a Revolução ou não? (…) É necessário algo de novo, compreendem? Uma nova disciplina. Um novo princípio de organização. Esses generais são uns velhos bons para o fogo. Não é deles que sairá uma ideia nova (…)
>
> Adolf é e continua a ser, no fundo, um civil, um "artista", um sonhador. Tudo o que deseja é: "Deixem-me em paz". Sim, é o que ele quer hoje em dia, permanecer lá nas suas montanhas onde banca o bom Deus. E nós aqui ficamos, com comichão nos dedos (…) Temos uma oportunidade única de fazer algo de novo que nos permitiria forçar o mundo a sair dos eixos. Mas Hitler me manda passear com suas belas palavras. O que ele quer é deixar as coisas seguirem seu curso: eis aí o verdadeiro Adolf. Ele quer herdar um exército já completo como presente, um legado. E deseja que os "especialistas" o comandem. Quando eu ouço isso, me dá vontade de gritar. Depois, como ele diz, fará desse exército um exército nacional-socialista e já começa por confiar o comando a generais prussianos. É o caso de perguntarmos de onde surgirá depois o espírito revolucionário. Todos eles estão convidados a vir me contar como isso poderá ser. O fato é que eles estão deixando o coração enfraquecer, estão deixando enfraquecer o próprio núcleo do nosso movimento. [140]

Ao que tudo indica, Hitler nunca pensou seriamente em adotar as ideias de Röhm. Na velha disputa sobre a função da SA, sempre achou, depois da tomada do poder como antes, que cabia aos grupos dos camisas-pardas desempenhar uma tarefa política e não militar, que eles constituíam a "Tropa de Choque de Adolf Hitler", e não um exército revolucionário. De início, Hitler tivera momentos de vacilação e desejou evidentemente conciliar numa certa medida as ambições de Röhm e as reivindicações do Reichswehr. Não há dúvida de que também Hitler experimentava essa mesma aversão, reforçada ainda por sua experiência pessoal do *putsch* de 1923, quanto àqueles "atrasadões", rígidos e arrogantes, de monóculo, e Himmler o ouviu dizer certa vez, ao ver os generais: "Eles bem seriam capazes de mandar atirar contra mim de novo!" [141] No entanto, o êxito definitivo da conquista do poder exigia cautela de sua parte. Qualquer que fosse o grau de sua animosidade, isso não devia fazê-lo esquecer a lição que colhera do *putsch* de novembro:

não devia jamais entrar em choque declarado com as forças armadas. Ele explicava, aliás, sua derrota de 1923 pela hostilidade que tivera, e seu sucesso em 1933 pelo apoio ou ao menos a neutralidade benevolente do comando do exército. Além do mais, as aptidões técnicas do Reichswehr lhe pareciam indispensáveis para o rearmamento, promovido desde o começo de 1933, condição natural para que seus projetos expansionistas alcançassem a primeira fase de sua concretização. Por outro lado, só um verdadeiro exército podia dispor da potência ofensiva correspondente às suas pretensões, enquanto uma milícia, tal como a idealizava Röhm, não era na verdade senão um instrumento de defesa.

A essas razões já expostas juntava-se o fato de que as primeiras tentativas de contato pessoal com os chefes do Reichswehr tinham atenuado visivelmente a desconfiança de Hitler. Tanto no ministro von Blomberg como junto ao coronel von Reichenau, novo chefe de gabinete, Hitler encontrou dois colaboradores que, por razões variadas, sem dúvida, seguiam quase que incondicionalmente sua nova política. A atitude de Blomberg se justificava por seu temperamento instável. À eloquência de um Hitler consciente das metas que perseguia ele só tinha a opor uma inconstância excêntrica. Já abraçara sucessivamente opiniões democráticas, a antroposofia, as concepções do socialismo à maneira prussiana e, depois de uma viagem à Rússia, “um quase comunismo”, por fim deixou-se levar pela concepção do estado autoritário e se entregou de corpo e alma ao novo ídolo Hitler. Mais tarde, recordando o período, Blomberg afirmou que recebera em 1933, como um dom, coisas que não esperava mais alcançar: a fé, a veneração por um homem, a dedicação total a uma ideia. Segundo o relato de uma testemunha, um comentário amável de Hitler podia arrancar lágrimas dos olhos de Blomberg, segundo o qual um aperto de mão cordial do Führer curou-o de uma gripe, certa ocasião. [142] Em compensação, Reichenau, de mentalidade mais calculista e maquiavélica, não deixava que suas emoções perturbassem o curso de seus planos e ambições; não via de nenhum modo no nacional-socialismo uma questão de fé ou de divagação apaixonada, mas apenas a ideologia de um movimento de massa, do qual pensava utilizar o ímpeto revolucionário tanto em benefício de sua carreira pessoal como para as posições de força do exército, a fim de se impor no momento oportuno. Homem dotado de espírito decidido, tão frio quanto inteligente, mas também meio irrefletido no plano intelectual, Reichenau encarnava de modo quase perfeito o tipo do oficial moderno habituado a lidar com problemas técnicos, sem preconceitos sociais, mas que estende essa ausência de preconceitos ao terreno dos julgamentos morais. No decorrer de uma conferência de comandantes do Reichswehr, em fevereiro de 1933, declarou que só pelo

terror se poderia eliminar os elementos caducos das estruturas do estado e que o Reichswehr devia se manter de parte, em “descansar armas”. Essa fórmula correspondia tão bem às esperanças táticas de Hitler que ele se perguntou por que iria recusar a oferta de lealdade dos especialistas militares em benefício do impetuoso Ernst Röhm e, entre os íntimos, ria daqueles “cretinos da SA” que imaginavam poder “constituir uma elite militar”. [143]

Contrariando a sua tendência habitual de iludir os adversários com um jogo duplo, lançá-los uns contra os outros em tais embates, no caso que abordamos Hitler não deixou que a dúvida sobre as suas verdadeiras intenções pairasse durante muito tempo. Ele continuou, é verdade, a incentivar o ativismo militante da SA, e dizia, por exemplo, a seus integrantes: “Sua vida inteira não será outra coisa senão uma luta. Vocês nasceram do combate, não esperem assim encontrar a paz, nem hoje, nem amanhã”. [144] O fato de que tivesse convocado Röhm para o ministério em 1º de dezembro e a carta cheia de cordialidade que lhe enviou por ocasião do ano-novo foram encarados pela SA como indícios favoráveis às ambições de Röhm. No entanto, Hitler continuava a afirmar, por outro lado, ao Reichswehr que o exército era e continuaria sendo o único defensor armado da nação. A decisão tomada no início do ano de reintroduzir o serviço militar obrigatório no Reichswehr já reduzia a nada os ambiciosos projetos da milícia de Röhm. Mas, acreditando que, como de costume, Hitler não tomava senão medidas táticas e no fundo estava de acordo com ele, Röhm continuou a ver como adversários apenas os conselheiros do Führer. Habituado a levar de vencida todas as dificuldades por meio de ataques diretos, Röhm reagiu de modo explosivo e com uma exposição agressiva de suas exigências. Classificou Hitler de “covarde” nas mãos “de indivíduos a uma só vez tolos e perigosos”; ele, porém, “o libertaria de tais entraves”. [145] Enquanto os SA punham em alerta os grupos de vigilância armados, Röhm fez chegar às mãos do ministro do Exército um memorando em que declarava que a defesa do país era “da competência da SA” e que ao Reichswehr só cabiam as tarefas de formação militar. Continuando a discursar e promover paradas, ele mesmo criava os detalhes do palco e do cenário onde se decidiria seu destino. Desde o princípio de janeiro, alguns dias após ter agradecido em termos altamente efusivos ao chefe do estado-maior da SA e seu amigo muito íntimo pelos serviços prestados ao país, Hitler mandou o chefe da Polícia Secreta do Estado [*Geheime Staatspolizei*], a Gestapo, Rudolf Diels, preparar um dossiê acusatório sobre “Herr Röhm e seus amigos mais chegados”, assim como acerca da agitação terrorista da SA. “É a tarefa mais importante que você já terá cumprido”, declarou Hitler a Diels. [146]

Nesse meio-tempo, o Reichswehr deixou de permanecer inativo. O memorando de Röhm demonstrara que todas as tentativas de conciliação haviam fracassado e que dali em diante Hitler é que devia tomar a decisão. Mostrando toda a sua tolerância, Blomberg decidiu no mês de fevereiro aplicar a “cláusula ariana” ao exército e elevar a marca distintiva do Partido Nazi, a suástica, à dignidade de símbolo oficial do exército. O general von Fritsch, chefe do estado-maior, justificou essa decisão ao salientar que “assim se daria ao chanceler a força legal necessária em face da SA”. [147]

Hitler se viu assim forçado a definir uma posição. E a 2 de fevereiro, na presença dos *gauleiter* reunidos em Berlim, pronunciou um discurso que refletia suas preocupações do momento, mas era também uma declaração de princípio. Eis o que se lê na ata da reunião:

> O Führer salientou (…) serem loucos os que pensam que a revolução não terminou (…) Assinalando que em nosso Movimento há homens que só entendem a revolução como um caos permanente (…)
>
> O Führer indicou a seguir como tarefa inicial a seleção de homens realmente competentes, aptos a pôr em prática, depois, com uma obediência cega, as medidas elaboradas pelo governo. O partido deve ter como lema de ação assegurar a estabilidade indispensável ao futuro da Alemanha (…) O primeiro Führer foi escolhido pelo destino. O segundo deverá ter atrás de si um grupo de homens de uma fidelidade absoluta. Não pode, contudo, ser escolhido senão aquele que possua o dom inato do poder (…)
>
> E mais, um só pode aspirar ao título de Führer (…) Uma organização desse gênero, dotada de tal força interior, de tal solidez durará eternamente: nada poderá subvertê-la. O espírito comunitário deve permanecer absoluto no seio do movimento. Jamais deveremos permitir qualquer rivalidade entre nós e nunca poderemos denotar a menor divergência dentro do nosso movimento. O povo não poderia ter confiança ilimitada em nós caso nós mesmos destruíssemos essa confiança. As consequências de decisões incorretas devem ser compensadas pela coesão incondicional de nosso movimento. Jamais será permitido opor uma autoridade a outra.
>
> Portanto, nada de discussões supérfluas. Os problemas a respeito dos quais os diferentes departamentos direcionais não tenham chegado a uma decisão definitiva não devem, em caso algum, ser debatidos em público, senão se atribuiria assim o poder de decisão à massa popular. Eis aí a ilusão das democracias, mas é dessa maneira que se perdem as vantagens do princípio hierárquico.
>
> Quanto ao resto, não podemos manter senão uma única luta, mas esses combates devem ser travados um a um, no devido tempo. Na realidade, não se deveria dizer “muitos inimigos, muita honra”, mas sim “muitos inimigos, muita tolice”. Por outro lado, o povo não está em condições de entender e de travar doze combates ao mesmo tempo. Devemos, pois, insuflar no povo uma única ideia, um único pensamento. Justamente nas questões de política externa é que se faz indispensável o apoio do povo inteiro, um povo, por assim dizer, hipnotizado. A nação inteira deve ter sua atenção dedicada a esse combate com a paixão dos jogadores e a disposição dos esportistas (…) Se a nação inteira toma parte na luta, ela se arrisca, também, a perder o jogo. Se ela se desinteressa, os dirigentes é que perderão a partida. No primeiro caso, a fúria do povo é contra o inimigo; no segundo, a fúria é dirigida contra o seu Führer. [148]

As consequências práticas de tais declarações, cuja substância programática permaneceu válida até o fim da guerra, não se fizeram esperar.

Já em 21 de fevereiro, Hitler confidenciou a seu visitante Anthony Eden que iria reduzir em dois terços o efetivo da SA, assegurando que as seções restantes não disporiam de armas e que não teriam uma formação militar regular. Oito dias depois, convocou ao ministério, na Bendlerstrasse, os comandantes do Reichswehr e os chefes da SA e da SS, com Röhm e Himmler à frente. Num discurso aplaudido pelos oficiais do exército mas acolhido com indignação pelos chefes da SA, Hitler delineou os principais itens de um acordo entre o Reichswehr e a SA; esse acordo limitava a competência das seções de choque camisas-pardas a algumas tarefas militares secundárias e lhes designava como função principal a educação política da nação. Exortou em seguida os chefes da SA a não lhe opor nenhuma resistência em tempos tão graves e ameaçou destruir quem lhe fizesse oposição.

Röhm, porém, não quis entender tais avisos e os encarou como meras manobras verbais. Soube, sem dúvida, manter de início uma certa dignidade e chegou mesmo a convidar os presentes para um "café da manhã de reconciliação". Mas assim que os generais do Reichswehr se despediram, Röhm deu vazão a seu mau humor. Declarou, de acordo com testemunhas, que Hitler era um "cabo inculto". E acrescentou sem rodeios que "não pensava de modo nenhum em respeitar aquele acordo. Hitler era, além do mais, um traidor que precisaria pelo menos ser mandado de férias". [149] Como é normal em um folhetim melodramático — a que se iria assemelhar doravante essa história — o personagem do traidor não faltava. Lutze, um *Obergruppenführer-SA* , visitou Hitler em Obersalzberg e o informou, numa conversa que durou várias horas, sobre a "crítica" de Röhm à linha que se pretendia adotar.

Mas o que motivava Röhm não era só o desejo de desafio, o sentimento de autossuficiência de um homem que podia dizer sempre que dispunha da força equivalente a trinta divisões; [150] ele compreendia muito bem que Hitler o colocava diante de uma opção inaceitável. O convite para se incumbir da educação política do país ou então sair de cena de vez já era uma espécie de "deposição", mesmo se isso fosse apresentado sob a camuflagem de uma possível escolha. Ninguém podia acreditar que aqueles homens da SA que Hitler chamava de "cretinos" fossem os mais indicados para uma tarefa que consistia em se encarregar de modo pedagógico da formação da "raça dos Senhores arianos". Convencido, entretanto, de que sua situação pessoal não tinha mais saída, Röhm, ao que se sabe, visitou Hitler no início de março para lhe submeter uma "solução de meio-termo"— propunha-lhe incorporar alguns milhares de membros da SA no Reichswehr. Contava Röhm, com tal medida,

respeitar pelo menos os compromissos mais imediatos que assumira com seus partidários. Pensando, contudo, nos perigos de contaminação do Reichswehr pelas SA, Hindenburg e os comandantes do Reichswehr opuseram-se. Assim, Röhm viu-se forçado ao caminho da revolta, levado a isso tanto pela irritação crescente de seus adeptos quanto pela necessidade de atestar seu valor pessoal.

A partir da primavera de 1934, os lemas da "segunda revolução" voltaram, pois, a circular. No entanto, mesmo que se falasse em *putsch* e levante, não temos nenhum indício concreto de um plano de ação qualquer. De acordo com as maneiras primitivas daqueles indivíduos fanfarrões, a coisa se resumiu a discursos virulentos. Nesse meio-tempo, Röhm também sofria a intervalos crises de resignação, pensando mesmo em voltar para a Bolívia — e contou numa conversa com o embaixador da França que estava doente. [151] Mas esforçava-se sempre para romper o círculo de isolamento que ia se fechando à sua volta e para firmar relações com Schleicher e com os círculos oposicionistas. Organizou então uma nova série de imensos desfiles e tentou, de modo geral, demonstrar com paradas monumentais seguidas que as forças da SA estavam intactas. Ao mesmo tempo, buscou, em parte com encomendas no estrangeiro, adquirir grande quantidade de armas e tratou de intensificar o programa de instrução militar de suas unidades. [152] Não se poderia desprezar certamente o fato de Röhm ter querido com isso dar apenas uma ocupação aos homens da SA, decepcionados e reduzidos a desfilar pelas ruas sua irritação. É inegável, porém, que tais atividades foram encaradas por Hitler e pelos chefes militares como provocação e deram aos seus discursos pomposos e revolucionários uma perspectiva inquietante.

Parece, pois, que foi a partir daí que Hitler desistiu de fazer Ernst Röhm ceder por meios brandos e escolheu a solução violenta. O Führer apareceu pela última vez em público em companhia de Röhm a 17 de abril, durante um concerto organizado pela SS no Palácio dos Esportes de Berlim. Ampliando no entanto a missão confiada a Diels, Hitler ordenou dessa vez — como ele mesmo declarou mais tarde — aos diferentes escalões do partido apurar os boatos que circulavam sobre aquela "segunda revolução" e descobrir de onde procediam. Estava tentando relacionar os fatos em questão com a ação do *Sicherheitsdienst* -SD, serviço secreto de segurança do Partido, e com a Gestapo prussiana, agora sob a chefia de Heinrich Himmler. É nesse quadro que se pode dizer que pela primeira vez os esforços da justiça para apurar os crimes cometidos pela SA foram coroados de algum êxito. O comandante do campo de concentração de Dachau, Theodor Eicke, recebeu, já em abril, segundo testemunhas, a incumbência de preparar uma "lista, abrangendo todo

o Reich”, com nomes de “indesejáveis”. [153]

Iniciou-se então o que se poderia chamar uma verdadeira batida, uma caçada humana em meio a uma atmosfera de nervosismo, de intrigas e de boatos. Tudo isso convenceu Röhm da convergência lógica de todas as forças que concorriam para a sua derrubada. Entre os principais atores, figuravam os funcionários da Organização Política (PO), especialmente Göring e Hess, que não perdoavam ao chefe do estado-maior da SA seu poder e a situação resultante de “segundo homem” do regime. Heinrich Himmler veio juntar-se a eles bem depressa. Comandava então a SS, que era ainda apenas uma subdivisão da SA. Himmler esperava, assim, beneficiar-se da queda de Röhm. Após terem iniciado com prudência as manobras nos bastidores, os comandantes do Reichswehr se manifestaram mais abertamente a partir de então. O exército esperava atrair Hitler para o seu lado difundindo habilmente informações sobre Röhm e renunciando, por outro lado, parcialmente, à sua independência. Desde fevereiro de 1934, seus chefes aceitaram deliberadamente que se derrubasse um dos pilares tradicionais do corpo de oficiais: uma ordem estabeleceu que a qualificação fundamental para a carreira militar não seria mais o fato “de descender da antiga casta dos oficiais”, mas sim da capacidade “de compreender o que era o ‘estado novo’”. [154] Pouco tempo depois, o estado-maior introduziu a instrução política para as tropas. A 20 de abril, aniversário de Hitler, Blomberg publicou um artigo arrebatado e trocou a designação do quartel do Regimento List de Munique para “Quartel Adolf Hitler”. Sua intenção, e a de Reichenau, era atiçar o conflito entre Hitler e Röhm. A perspicácia imperfeita contava que Hitler não se apercebesse da manobra e que, cortando o poder de Röhm, reduziria também o do chanceler e por fim cairia ele próprio, Hitler, em poder do Reichswehr.

A tensão crescente transmitiu-se também de maneira muito clara à opinião pública. Um clima de excitação se apossou do país e se associou a um estranho sentimento de prostração e de estupor. Durante um ano, Hitler conseguira cativar a atenção do país mediante um permanente fogo de artifício de discursos, de gesticulação estudada e intervenções teatrais. Agora, público e artista pareciam igualmente esgotados. Esse entreato oferecia à nação a primeira oportunidade de constatar em que estado realmente se achava. Não estando ainda de todo sufocada e corrompida pela propaganda, pôde notar as pressões, as regulamentações opressivas, a perseguição promovida contra as minorias totalmente desarmadas, os campos de internamento, os conflitos com as igrejas, o fantasma da inflação provocada por uma política de gastos irrefletidos, o terror e as ameaças da SA, a

desconfiança crescente do mundo inteiro. Essa tomada de consciência gerou uma reviravolta de opinião sobre a qual “a campanha” ruidosamente encenada por Goebbels “contra os derrotistas e os maníacos da crítica” não obteve nenhum efeito. Não era, sem dúvida, um descontentamento geral o que ocorria naquela primavera de 1934 e nem um desejo comum de resistência. É certo, todavia, que se difundiu então um sentimento de ceticismo, de mal-estar, de dúvida e não se podia doravante evitar a impressão de que o encantamento perdera seu efeito.

Esse desencanto não cessava de ganhar terreno e tornava indispensável reexaminar a situação dos conservadores, que tinham tornado exequível o 30 de janeiro de 1933, já bem distante agora. Efetivamente numa situação secundária, reduzidos a cargos sem influência, começavam a captar o apelo que a hora presente lhes dirigia. Von Papen e seus correligionários políticos haviam persistido todo aquele tempo em mudas genuflexões diante de Hitler, prosseguindo no velho sonho de espantar o Diabo invocando Belzebu. Quando, no começo de junho, Hindenburg partiu de férias para Neudeck, declarou com pessimismo a seu vice-chanceler: “Isto vai mal, Papen, trate de botar ordem aqui”. [155] No entanto, devido à diminuição cada vez mais evidente de suas energias, não se podia mais encarar o presidente do Reich como um ator em cena numa movimentação eficiente. Os conservadores desiludidos consideraram então com maior interesse a ideia da restauração da monarquia. Sem dúvida, Hitler já havia rejeitado claramente a ideia em seu discurso de 30 de janeiro de 1934 ante o Reichstag. Por insistência de Papen, Hindenburg mostrou-se no entanto disposto a incluir em seu testamento político um parágrafo recomendando a restauração da monarquia. Os arautos dessa ideia continuavam, quanto ao mais, aguardando que Hitler, sob a pressão das circunstâncias, fosse obrigado a certas concessões.

As notícias, porém, aumentavam, sobre o fim próximo de Hindenburg, e tornaram mais imperiosa para Hitler a necessidade de tomar uma decisão imediata. Segundo seus planos táticos, o último ato completando a conquista do poder devia confiar-lhe, pessoalmente e por transmissão discreta, o cargo de presidente, o que lhe assegurava de uma só vez o comando supremo do Reichswehr. A 4 de junho, ele se encontrou com Röhm mais uma vez, a fim de, conforme seu discurso posterior de justificação diante do Reichstag, “poupar o Movimento e a minha SA da vergonha de um ajuste de contas, e eliminar o mal sem a necessidade de travar lutas muito sérias”. Conversou durante cinco horas com Röhm e implorou-lhe que “se opusesse ele também à insensatez da Segunda Revolução”. Só obteve de Röhm, desamparado agora,

mas sempre se recusando a consentir na própria eliminação, as vagas palavras habituais de anuência. A campanha de propaganda já em curso contra o desencanto da opinião foi reforçada e dirigida, mais que contra a SA, contra o conservadorismo da velha burguesia, a nobreza, as igrejas atuantes no país e, sobretudo, contra os meios monarquistas. Nesse ínterim, de modo muito discreto, Röhm partiu de férias. Numa ordem do dia, declarou a seus companheiros militantes que devia se afastar por algum tempo devido a uma crise reumática. Para disfarçar e relaxar um pouco a situação, licenciou suas unidades por todo o mês de julho. Mas o texto dessa ordem do dia fazia uma advertência aos inimigos da SA para "não alimentarem ilusões de que as seções de choque não seriam reincorporadas, ou que isso se faria apenas parcialmente após aquele licenciamento de um mês". Ameaçava, porém persistia numa inquietante ambiguidade quanto a lhes dar "a resposta mais adequada". Significativamente, o nome de Hitler não era nem citado.

Contrariando tudo o que viria a assegurar depois, Hitler não parece ter abandonado Röhm por pensar que o chefe das SA e seus homens tinham tomado providências para ocupar a capital alemã, tomar o poder e eliminá-lo por um golpe de força no decorrer "da luta mais sangrenta, que poderia durar vários dias". Nove dias mais tarde, de fato, faria sua primeira viagem ao estrangeiro, partindo para Veneza. Sem dúvida, mostrava-se nervoso, alheio e de mau humor quando, vestindo um impermeável claro, acercou-se do ditador italiano Benito Mussolini coberto de condecorações — que lhe teria murmurado, a se acreditar na blague política muito divulgada na Alemanha: "*Ave, Imitator!* " Não se poderia imaginar auspícios menos favoráveis para esse relacionamento, marcado por uma estranha admiração recíproca e por ingenuidade, e que logo seria totalmente dominado por Hitler, que impôs ao outro sua exigente concepção de amizade. [156] Face ao propalado perigo de um *putsch* ameaçador, que só ele teria podido anular com seu prestígio, sua arte da política e do manejo das massas, Hitler partira para Veneza. Essa viagem podia então ser encarada como uma prova suplementar de que, nesse momento, pelo menos, Hitler não acreditava na rebelião de Röhm.

Mas em seu lugar outros agiam. Temendo que a morte quase iminente de Hindenburg reduzisse a nada a derradeira oportunidade de reconduzir o regime ao caminho da moderação, os conservadores persuadiram Franz von Papen a dar um passo decisivo. Num domingo, 17 de junho, enquanto Hitler reunia à sua volta em Gera os dirigentes do partido, o vice-chanceler pronunciava um discurso na Universidade de Marburg, redigido pelo escritor de ideias conservadoras Edgar Jung. Era uma crítica retumbante ao regime fundado sobre a violência, ao extremismo desencadeado pela revolução

nacional-socialista; Papen se erguia contra aquele indigno “bizantinismo”, contra a prática da padronização em todos os setores, o “totalitarismo contrário à natureza humana” e o menosprezo plebeu pelo trabalho intelectual. O discurso prosseguia assim:

> Povo nenhum pode se entregar a uma rebelião permanente vinda de baixo, se quiser pelo menos permanecer na história. É preciso terminar de uma vez por todas com a agitação; torna-se necessário criar uma sólida estrutura social, sustentada por uma justiça livre de injunções e pelo poder inconteste do estado. A agitação permanente nada pode criar de sólido. A Alemanha não pode tornar-se um país condenado ao aniquilamento (…)
>
> O governo sabe muito bem o que a máscara da “revolução alemã” pode ocultar de egoísmo, de pretensão, de vulgaridade de hábitos, de ausência de energia e de sinceridade. O governo não consegue esconder mais que o crédito de confiança que lhe foi concedido pelo povo alemão está ameaçado. Se existe o desejo de permanecer perto do povo e associado a ele, não se deve subestimar sua inteligência prática; é preciso corresponder à sua confiança, não querer mantê-lo sempre sob tutela. Não é provocando a excitação dos cidadãos, em particular dos jovens, nem ameaçando as minorias desarmadas que se despertará no povo um sentimento de segurança e de disposição para o trabalho. Esse resultado só será obtido por um diálogo franco e com a condição de que a crítica mais simples não seja logo interpretada como sinal de subversão e que os patriotas desesperados não venham a ser encarados como os inimigos do estado. [157]

O discurso teve grande repercussão, ainda que o texto na íntegra permanecesse ignorado pelo povo, porque Goebbels tinha proibido sua divulgação pelas estações de rádio, prevista para aquela mesma noite, e negou à imprensa o direito de publicar a peça oratória. O próprio Hitler considerou o discurso de von Papen como uma provocação pessoal e, na presença dos dirigentes do partido, deu vazão a seu destempero verbal, proferindo ameaças incoerentes. Voltou-se com dureza contra “todos esses pigmeus” e os ameaçou de “varrê-los de uma vez pela força de nossa ideia comum (…) Eles tiveram de outras vezes força suficiente para impedir a revolta do nacional-socialismo, mas não irão mergulhar de novo no sono o povo desperto finalmente (…) Enquanto se contentarem em criticar, não lhes prestaremos qualquer atenção, mas se tentarem passar da crítica a um novo perjúrio, aí então irão se convencer de que já não têm diante de si a burguesia covarde e corrupta de 1918, mas sim os punhos do povo em sua totalidade”. [158] Nesse meio-tempo, quando Papen solicitou seu desligamento do cargo, Hitler o reteve, propondo-lhe uma visita conjunta a Hindenburg em Neudeck.

Na verdade, tem-se a impressão de que Hitler perdera durante algum tempo a visão de conjunto dos fatos e já não sabia a que se ater. Sem qualquer dúvida, fora informado dos comentários pelos quais Hindenburg havia manifestado seu descontentamento com a situação vigente. E também estava a par das preocupações reinantes no seio do exército. Tinha alguma razão de suspeitar que Papen, sempre afoito e falador, tivesse confidenciado em Marburg que já fizera certos contatos e que tinha atrás de si o exército

impaciente, o presidente do Reich e os meios conservadores, ainda influentes apesar de tudo. Em 21 de junho, apresentava-se em Neudeck, o que significava uma grosseria feita a Papen, pois não o convidou a acompanhá-lo, apesar de haver combinado isso no encontro de dois dias antes. O objetivo da visita era solapar o entendimento entre Papen e Hindenburg, que ele, pessoalmente, temia, constatar o estado de ânimo e medir o grau de irritação e de energia do presidente. Para isso, não necessitaria, é óbvio, da presença do vice-chanceler. Antes dessa visita a Neudeck, Hitler já fora informado pelo chefe do Serviço de Imprensa do Reich, Walther Funk, então residindo em Neudeck, da reação tipicamente militar do velho marechal: "Se Papen não sabe manter a disciplina, que ele mesmo sofra as consequências."

Hindenburg parece ter procurado também acalmar Hitler. Mas o desenvolvimento do caso mostrou ao Führer que não tinha mais tempo a perder. Mal retornou de Neudeck, seguiu para seu refúgio de Obersalzberg a fim de refletir sobre a situação. É quase certo que a decisão definitiva de Hitler tenha sido tomada nesse momento, decisão a que o desdobramento da crise daria forma final. A 26 de junho, de volta a Berlim, Hitler ordenou a prisão de Edgar Jung e negou-se a receber von Papen, quando este foi se queixar. Disse então a Alfred Rosenberg, que se achava a seu lado no jardim da chancelaria, indicando com um gesto ameaçador as janelas do gabinete do vice-chanceler: "Sim, é dali que vem tudo. Um dia desses limpo aquela sala." [159]

Antes e no decorrer desses acontecimentos, houve vários incidentes, aumentando a tensão. Desde o início de junho, a SS e o Serviço de Segurança SD tinham recebido ordens de vigiar mais estreitamente do que nunca as SA e de começar seus preparativos. Eicke, comandante SS do campo de Dachau, acertou com sua gente o plano de ação nos arredores de Munique, Lechfeld e Bad Wiessee. Corriam rumores de ligações de Röhm com Schleicher, de um lado, e Gregor Strasser, de outro. O ex-chanceler Bruning foi cientificado de que sua vida corria perigo e deixou clandestinamente a Alemanha. Schleicher, que também havia recebido inúmeros avisos do mesmo teor, ausentou-se algum tempo de Berlim. Não tardou, no entanto, a voltar, recusando o convite de seu amigo, o coronel Ott, para visitar o Japão, a fim de "não fugir do país". [160] Entre Himmler, Reinhard Heydrich, seu ex-secretário cuja carreira progredia a passos rápidos, Göring e Blomberg circulava uma lista indicando os nomes das pessoas que deviam, no momento oportuno, ser presas ou executadas. Heydrich e Werner Best, chefe do SD, não chegavam a um acordo sobre o caso de Schneidhuber, *Obergruppenführer*- SA de Munique. Heydrich o tinha por "um homem honesto e fiel", enquanto Werner Best o considerava "tão perigoso como os outros". Nesse meio-tempo, Lutze discutia

com Hitler se deviam eliminar apenas os dirigentes ou era necessário ampliar o número dos “principais culpados”. Lutze acusou mais tarde os homens da SS de terem ampliado, por motivos de vingança pessoal, a lista inicial de sete vítimas, primeiro para dezessete, e por fim para mais de oitenta pessoas. [161] A 23 de junho, uma pretensa ordem confidencial de Röhm chamando às armas as divisões de choque foi parar em circunstâncias misteriosas na mesa do chefe da Abwehr, seção de contrainformações do Ministério da Guerra. Pareceu falso o documento, não fosse o fato de mencionar, inocentemente, entre os que transmitiram a ordem de convocar as divisões de choque Himmler e Heydrich, os dois amigos mais íntimos de Röhm. No mesmo dia, Edmund Heines, *Gruppenführer* -SA da Silésia, recebeu um aviso segundo o qual o exército se preparava para entrar em ação contra a SA. Ao mesmo tempo, o comandante da região militar de Breslau, o general von Kleist, recebia informes descrevendo “os febris preparativos da SA”. [162] Era possível escutar a cada dia, fosse pelo rádio, fosse através manifestações políticas, advertências endereçadas aos porta-vozes da “segunda revolução” assim como à oposição conservadora. A 21 de junho, na “Festa do Solstício”, Goebbels declarou no estádio de Berlim: “Só a força, a confiança em si e o poder impressionam essas criaturas. Pois bem, eles serão servidos! (…) Não querem marchar no passo certo do nosso século. Passaremos então por cima deles!” Quatro dias depois, Hess se voltava, num discurso retransmitido em cadeia, contra “esses que brincam com a revolução”, que se negam a confiar em Adolf Hitler, “o grande estrategista da revolução”, “infelizes os que não acatam a sua palavra”. A 26 de junho, durante uma manifestação em Hamburgo, Göring repudiou todos os planos de restauração da monarquia: “Enquanto vivermos, temos Adolf Hitler”, e ameaçou “a súcia dos interesses reacionários”: “Se um dia isso passar da medida, eu atacarei! Nós temos trabalhado como ninguém jamais o fez, porque contamos com a cobertura de um povo que nos deu crédito de confiança. Quem peca contra essa confiança decepa a própria cabeça.” E Hess, de novo, em tom profético: “O desaparecimento do nacional-socialismo do cenário político alemão provocaria o caos na Europa.” [163]

Como se fossem dirigidos por um encenador firme, os acontecimentos se precipitaram até seu ponto culminante. Enquanto as SA sem suspeitar de nada preparavam-se para suas “férias”, Röhm tinha estabelecido seu quartel-general em Wiessee, no Hotel Hanselbauer. A 25 de junho, a associação nacional dos oficiais alemães anunciou sua expulsão. Do ponto de vista do código de honra usual nos meios militares, isso decretava, por assim dizer, a sua “liquidação”. No dia seguinte, Himmler informava os responsáveis pela SS e pelo SD da “rebelião iminente da SA, sob a liderança de Röhm”,

rebelião à qual iriam se unir, segundo ele, outros grupos da oposição. [164] Um dia depois, o *Gruppenführer* -SS Sepp Dietrich, comandante do batalhão de guardas SS de Berlim, solicitava ao chefe do departamento encarregado da organização do Reichswehr armas suplementares para a execução de uma ordem confidencial do Führer. Para dar mais força à sua requisição, Dietrich acrescentou-lhe uma lista dos homens que a SA era acusada de pretender fuzilar — e o nome que a encimava era justamente o do funcionário ao qual era endereçada a referida requisição. De seu lado, Reichenau, assim como Himmler do outro, lançava mão da mentira, e espalhou todos os boatos suscetíveis de provocar o medo. Na verdade, logo circulava o rumor de que a SA ameaçava "acabar" [165] com todos os oficiais superiores.

Entrementes, as altas camadas do Reichswehr foram alertadas sobre o *putsch* da SA e tinham a informação de que a SS estava do lado do exército e podia, portanto, receber armas se necessário. Uma ordem do tenente-general Beck, em 29 de junho, alertou todos os oficias no QG do exército, na Bendlerstrasse, em Berlim, para terem suas pistolas à mão. No mesmo dia, o *Völkische Beobachter* publicou um artigo do ministro da Guerra, general Blomberg, que tomou a forma de uma declaração de completa lealdade. Era também um pedido a Hitler para que tomasse providências contra a SA.

Agora, estava tudo pronto. A SA mantida na ignorância dos fatos, a SS e o SD prontos a agir, o Reichswehr dando-lhes cobertura e o presidente do Reich enfermo e senil recolhido à sua propriedade distante de Neudeck. Uma derradeira tentativa de alguns colaboradores de Franz von Papen para obter do presidente a proclamação do estado de exceção fracassou devido ao medo e à fraqueza de Oskar von Hindenburg, o filho. O próprio Hitler havia deixado Berlim a 28 de junho pela manhã a fim de "dar a impressão [!] de calma absoluta", como assegurou mais tarde, e para "não alertar os traidores". [166] Algumas horas mais tarde, assistia na qualidade de testemunha, em Essen, ao casamento do *Gauleiter* Terboven. À sua volta se desenvolvia uma atividade febril, enquanto ele mergulhava numa meditação taciturna. À noite, telefonou para Röhm e lhe ordenou reunir no sábado, 30 de junho, todos os dirigentes das SA em Bad Wiessee para um debate esclarecedor. Essa conversa telefônica correu, ao que parece, em tom conciliatório, não estivesse Hitler desejoso de não despertar suspeitas em seu adversário. E assim, quando Röhm reuniu à mesa seus amigos em Wiessee, mostrava-se, segundo testemunhas da ocasião, "muito satisfeito".

Os encenadores do drama aguardavam ainda nos bastidores a insurreição,

em razão da qual tinham sido tomadas todas aquelas medidas acauteladoras. Na realidade, as SA permaneciam muito calmas. Já estavam com as férias programadas e as investigações sigilosas do SD, que se estenderam por várias semanas, não haviam colhido nenhum resultado que permitisse justificar o “tribunal sangrento” que se preparava. A 29 de junho, enquanto Hitler se achava em Bad Godesberg e Göring punha seus grupos berlinenses em estado de alerta, Himmler deu andamento à farsa do “motim” das SA, sem dúvida idealizado por seus chefes, mas até ali não posto em prática. [167] Convocadas por meio de bilhetes manuscritos anônimos, unidades SA de Munique apareceram subitamente nas ruas, marchando sem objetivo e, embora seus chefes, estupefatos, imediatamente alertados, lhes ordenassem voltar aos quartéis sem demora, o *Gauleiter* muniquense Wagner se achou por fim em condições de anunciar aos que se encontravam em Bad Godesberg a movimentação de unidades SA preparando-se para um golpe armado. A notícia chegou ao conhecimento de Hitler pouco depois da meia-noite, quando ele acabara de assistir a uma grande manifestação noturna, organizada pelo departamento do Trabalho às margens do Reno, perto do Hotel Dreesen, e de contemplar a suástica espetacular formada por seiscentos trabalhadores, todos carregando archotes. Ao mesmo tempo, Himmler recebia a informação de que a SA previra para a tarde do dia seguinte a tomada de surpresa do quarteirão ministerial. “Em tais circunstâncias”, alegaria mais tarde Hitler, “para mim não poderia haver senão uma decisão possível: só uma intervenção sangrenta e sem piedade seria capaz de impedir a rebelião de se ampliar, e de sufocá-la (…) ”

É lícito imaginarmos que aquelas duas informações tivessem despertado em Hitler a suspeita de que Röhm, tendo percebido afinal seu jogo, se preparasse para a reação. Mesmo hoje em dia, não sabemos exatamente em que medida ele foi iludido por Himmler, que buscava sem escrúpulos e com tenacidade ascender graças à eliminação da SA. Seja como for, ele abandonou seu plano inicial de partir de avião no dia seguinte para Munique, decidindo viajar no mesmo momento. Por volta das quatro horas da madrugada chegou a Munique, acompanhado de Goebbels, Otto Dietrich e Viktor Lutze. A operação se iniciava. No gabinete do Ministério do Interior da Baviera, Hitler teve um acesso de raiva histérica e procedeu a um acerto de contas com os supostos sublevados, que foram logo procurados, o Obergruppenführer *S* chneidhuber e o Gruppenführer Schmidt. Arrancou-lhes as insígnias do posto e mandou que os conduzissem à prisão de Stadelheim.

Logo a seguir, à testa de uma longa fila de carros, seguiu para Bad Wiessee. “De rebenque na mão”, segundo o relato dos acontecimentos feito

por seu motorista Erich Kempka, Hitler penetrou "no quarto de Röhm, seguido de dois agentes da polícia criminal armados, de revólveres engatilhados. Aí bradou: 'Röhm, você está preso!' Ainda tonto de sono, Röhm ergueu a cabeça do travesseiro. *'Heil, mein Führer'* , balbuciou. 'Você está preso!', gritou Hitler uma vez mais. Aí deu meia-volta e saiu do aposento". [168] A cena se repetiu com os outros chefes da SA convocados para o encontro. Um apenas, o silesiano Edmund Heines, surpreendido na cama com um jovem homossexual, opôs certa resistência. Os que ainda estavam a caminho de Bad Wiessee foram detidos na estrada de Munique e, como seus camaradas, conduzidos a Stadelheim, num total de uns duzentos chefes SA de toda a Alemanha. Por volta das dez horas, Goebbels comunicou-se com Berlim e deu a senha combinada: "*Kolibri* ". Göring, Himmler e Heydrich soltaram os comandos. Os chefes SA da "lista" foram presos, levados à Escola de Cadetes de Lichterfeld e, ao contrário do que ocorrera a seus camaradas detidos em Munique, fuzilados sem mais formalidades.

Entrementes, Hitler já chegara à Casa Parda e, após breves palavras dirigidas aos líderes do partido reunidos às pressas, tratou de elaborar uma versão dos fatos para efeito de propaganda da ação do regime. Durante várias horas, ditou naquele prédio guarnecido militarmente ordens e explicações oficiais nas quais só falava de si na terceira pessoa, o Führer. Todavia, na pressa de camuflar e deturpar os acontecimentos, deixou de dizer algo que se constituiu numa omissão significativa: ao contrário da versão oficial posterior, que se tornou a mais divulgada até nossos dias, em nenhum trecho das suas numerosas outras versões dos acontecimentos de 30 de junho ele fez qualquer alusão a um *putsch* da parte de Röhm. Só há referências aos "erros mais graves", a "contradições" e a "disposições doentias". Mesmo se, na ocasião, a palavra "complô" aparecesse, a impressão geral que prevaleceu foi a de uma intervenção motivada pela moral: "O Führer ordenou que seja extirpado esse tumor portador de germes da peste" — tal é o quadro, aliás não muito convincente, que o Führer dá de sua iniciativa —"ele não tolerará mais futuramente que milhões de cidadãos respeitáveis venham a sofrer devido à ação de alguns indivíduos de disposições mórbidas e se vejam desse modo envolvidos". [169]

Assim se explica que, até o último momento, muitos dos chefes da SA não tivessem podido compreender o que se passava; nada sabiam de golpe armado ou de complô e sua moralidade não fora até então objeto de discussão ou de crítica por parte de Hitler. O Gruppenführer Ernst, de Berlim, por exemplo, que de acordo com os informes de Himmler tinha organizado para a tarde daquele dia a tomada de surpresa do quarteirão ministerial, na realidade

estava em Bremen, de onde se preparava para partir em viagem de núpcias. Antes de embarcar no navio, foi detido e, julgando tratar-se ainda de uma das brincadeiras de despedida de solteiro, um pouco rudes, sem dúvida, de seus camaradas de armas, deixou-se levar. Foi conduzido de avião a Berlim. Sorrindo ao exibir seus braços algemados e fazendo blague com o grupo SS postado no aeroporto, saiu do avião direto para uma viatura policial que o aguardava. As edições extras dos jornais vendidas naquele momento já anunciavam a morte do infeliz. Mas Ernst continuava a crer tratar-se de uma brincadeira. Meia hora depois, era encostado no muro de Lichterfeld e fuzilado, mas recusando-se até aí a acreditar no que se passava e balbuciando ainda um "*Heil, Hitler!* "

No fim da tarde, Hitler tomava de novo o avião para Berlim. Antes, dera ordem a Sepp Dietrich para que aqueles homens cujos nomes tinham sido assinalados com uma cruz na "lista" e já removidos para Stadelheim fossem fuzilados imediatamente. Graças à intervenção de Hans Frank, ministro da Justiça bávaro — se pelo menos se pode dar crédito a seu próprio relato — o número de vítimas foi reduzido. [170] Von Epp, *Reichsstatthalter* da Baviera que, no estado-maior de Röhm, noutros tempos, se vira tratado como amigo, sempre favorável às suas ambições de demagogo, procurou em vão dissuadir Hitler de adotar a solução mais drástica. Seja como for, é lícito pensarmos que sua intervenção teve pelo menos a virtude de despertar novas dúvidas em Hitler, que adiou sua decisão quanto ao destino de Röhm.

Em Berlim, uma destacada delegação acolheu Hitler no aeroporto de Tempelhof, isolado pelos agentes de segurança. Um dos presentes descreveria depois a impressão que lhe causara a chegada de Hitler: "Ecoam as vozes de comando. Uma guarda de honra apresenta armas. Göring, Himmler, Körner, Frick, Daluege e uns vinte oficiais da polícia marcham rumo ao avião que aterrissara. A porta se abre. Hitler é o primeiro a saltar. A impressão que causa é extraordinária. Camisa parda, gravata preta, capote de couro castanho-escuro; todas as cores são escuras, destacando-se assim um rosto branco como giz, ar fatigado devido a uma noite insone, rosto por barbear, ao mesmo tempo inchado e encovado. Está sem chapéu (…) estende a mão em silêncio a cada um dos que o cercam. Nesse silêncio onde todos contêm o fôlego, escutamos apenas o som monótono e ininterrupto dos tacões das botas". [171]

Nervoso e impaciente, Hitler pediu, ainda no aeroporto, a lista dos "liquidados". Tendo em conta as "circunstâncias extraordinárias", segundo a expressão empregada depois por um dos homens envolvidos no caso, [172] Göring e Himmler tinham estendido a operação de expurgo além do círculo dos "golpistas amigos de Röhm". Von Papen escapara à morte unicamente

graças a suas relações pessoais com Hindenburg e, apesar de sua condição de vice-chanceler, sofrera todos os rigores de uma prisão. Dois de seus mais diretos colaboradores, seu secretário particular von Bose e o escritor Edgar Jung, tinham sido fuzilados, dois outros haviam sido presos. Um comando assassinara em seu escritório o diretor do Ministério dos Transportes, Erich Klausener, chefe da Ação Católica. Outro comando conseguira localizar Gregor Strasser numa fábrica de produtos farmacêuticos, levando-o então ao quartel-general da Gestapo na Prinz-Albrechtstrasse, em Berlim, finalmente executando-o no porão do edifício. Perto do meio-dia, um grupo de comandos entrara na villa de Schleicher, em Neu-Babelsberg, e perguntara ao homem que estava escrevendo sentado a uma mesa se ele era o general von Schleicher. Sem esperar resposta, os invasores de domicílio atiraram, matando o militar e a mulher. Entre os mortos, figuravam, além de outros, um dos colaboradores do antigo chanceler, o general von Bredow, o ex-comissário-geral Gustav von Kahr, ao qual Hitler jamais pudera perdoar sua “traição” de 9 de novembro de 1923, o padre Stempfle, um dos conselheiros de Hitler quando este escrevia *Mein Kampf* , mas que naqueles anos se afastara do partido. Entre as outras pessoas mortas na ocasião estavam o engenheiro Otto Baflerstaedt, que pusera obstáculos no caminho de Hitler quando da ascensão do Movimento, o crítico musical Willy Schmidt, vitimado por engano (tinha quase o mesmo nome do Gruppenführer Wilhelm Schmidt). O número de assassinatos foi maior na Silésia, onde o chefe SS Udo von Woyrsch perdeu o controle das suas unidades. Tais crimes eram cometidos com frequência em qualquer lugar, nos escritórios, nos apartamentos das vítimas ou na rua, com tanta brutalidade quanto indiferença. Alguns cadáveres só foram encontrados semanas mais tarde, nos bosques ou nos rios. Mesmo pelas perseguições aos judeus os subordinados de Röhm pagaram nesse 30 de junho: três homens da SA que nesse dia tinham danificado um cemitério judeu foram excluídos do exército do partido e condenados a um ano de prisão. [173]

Ainda hoje não sabemos com exatidão se Hitler estaria de acordo em todos os casos com a extrapolação arbitrária das missões previstas. Aqueles assassinatos representavam uma ruptura fundamental com os imperativos táticos da estrita legalidade, e cada vítima suplementar tornava tal rompimento ainda mais evidente. Durante anos, Hitler se exercitara na arte de dissimular as coisas de mil maneiras; renegara as atitudes brutais do início e tinha construído com paciência e zelo uma fachada de acordo com a qual agia como político, exigente, sem dúvida, mas moderado apesar de tudo. Dali em diante, já prestes a alcançar, por fim, sua meta e de conquistar todas as responsabilidades e todo o poder, corria o risco de se desmascarar, de inutilizar aquela margem de crédito penosamente conquistada, mostrando-se

junto com todos os atores da “revolução legal” sem qualquer disfarce, em toda a nudez de sua reivindicação do poder. São tais considerações que nos permitem, sem dúvida, compreender por que, segundo numerosos indícios, Hitler tentou exercer uma influência moderadora, pois em suma o número das vítimas, comparado ao objetivo real estabelecido para o 30 de junho, foi relativamente reduzido. [174]

Permanece o fato de Hitler não apresentar objeções maiores e aprovar a execução daqueles crimes. Fazia parte seguramente de suas intenções golpear tanto quanto possível todas as facções, a fim de tirar de todos os partidos a possibilidade de se aproveitar da crise. Assim se explica, pois, o barbarismo daqueles assassinatos desenfreados, os cadáveres abandonados no local das violências, o interesse dos executores de deixar vestígios de sua passagem para dar um exemplo vivo e ameaçador; daí também aquela excepcional renúncia a toda aparência de legalidade. Não houve nem processos, nem apreciação das culpas dos acusados, nem qualquer julgamento, mas apenas uma raiva primitiva que Rudolf Hess procurou justificar mais tarde nestes termos: “Nas horas em que se tratava da sobrevivência ou não do povo, não se poderia julgar devidamente as faltas de cada um. Fosse qual fosse a dureza empregada, vimos um sentido mais profundo no método, ainda em vigor nos casos de motim militar, de punir um em cada dez homens sem se questionar se esse homem é culpado ou inocente”. [175]

Aí, uma vez mais, Hitler tomaria suas decisões em função das necessidades e dos objetivos do poder. De modo definitivo, as polêmicas daquela época se enganavam ao qualificá-lo de sádico sedento de sangue ou ao “estetizar” seu delírio assassino comparando-o com os príncipes depravados da Renascença; [176] enganavam-se igualmente todos os que o viam eliminar homens que eram seus camaradas de longa data, seus correligionários e amigos íntimos com a indiferença, a frieza dos incapazes de afeição. Essa indiferença mostra-se muito maior no caso de Göring, a incapacidade emocional é muito mais de Himmler: um e outro cumpriam sem muitos escrúpulos suas missões assassinas. Hitler parecia, ao contrário, sujeito a uma pressão interior considerável. Todos os que o encontraram naqueles dias agitados observaram sua extrema agitação, um nervosismo muito sensível em cada um de seus movimentos. Ele mesmo se referiu em seu discurso de justificação perante o Reichstag às “decisões mais amargas de sua vida”. Vários meses depois, durante a misteriosa conferência de dirigentes do partido, por exemplo, em 3 de janeiro de 1935, enquanto num discurso dramático exortava à união os líderes do partido e do exército do Reich convocados às pressas, parecia estar vendo à sua frente os fantasmas dos

mortos de 30 de junho, dos amigos e companheiros assassinados. Nessa ocasião, como em outras, deixou entrever que no plano nervoso não tinha a mesma frieza que no plano moral. De conformidade com seu lema frequentemente repetido, “golpear mais rápido e mais forte que o adversário”, o desenvolvimento sem obstáculos do “golpe” de 30 de junho repousara sobre a sucessão dos fatos e o bom encadeamento de sua mecânica baseada no fator surpresa. Não é menos sintomático também o fato de Hitler ter hesitado diante da ordem a dar para a primeira execução dos chefes da SA e que vacilasse ainda uma vez quando da execução de Röhm. Nos dois casos, o comportamento de Hitler só se explica plenamente por motivações de ordem sentimental, pelo reflexo de uma relação afetiva que se revela, ao menos por algumas horas, mais poderosa que a “razão” do poder.

No domingo de 1º de julho, Hitler tinha sem dúvida superado as incertezas da véspera e já voltara a controlar suas reações. Por volta do meio-dia, apareceu diversas vezes à histórica janela da chancelaria, diante de uma multidão reunida por Goebbels, e até ofereceria, no fim da tarde, um *garden-party* aos chefes do movimento e membros do gabinete, convidando-lhes igualmente as mulheres e filhos. Era de supor que pretendesse com isso demonstrar sua autossegurança já recuperada e o restabelecimento da vida normal, mas também disfarçar para si mesmo a dura realidade dos assassinatos ocorridos, mediante a encenação da vida “corrente”. Em Lichterfeld, a poucos quilômetros dali, os pelotões de fuzilamento ainda estavam em ação, quando Hitler, com melhor humor, circulava em meio a seus convidados, tagarelando, bebendo goles de chá, acariciando o rosto das crianças, e apesar de tudo tenso intimamente e fugindo à realidade. Psicologicamente, essa cena é marcante e a imagem que se impõe com facilidade à nossa mente é a desses herois negativos de Shakespeare que não estão à altura do mal que cometem. Foi sem dúvida nesse ambiente artificial, por assim dizer criado às pressas, que ele deu a ordem de executar Ernst Röhm, ainda expectante na sua cela de Stadelheim. Pouco depois das dezoito horas, Theodor Eicke e o capitão SS Michael Lippert penetraram na referida cela, não sem que antes Rudolf Hess tivesse se empenhado em vão para que lhe dessem a missão de executar Röhm. [177] Naquele momento saía às ruas a última edição diária do *Völkischer Beobachter* em que se descreviam com ênfase os acontecimentos das últimas horas. Os dois homens pousaram um revólver sobre a mesa de Röhm e lhe deram dez minutos para se decidir. Como não se escutasse nenhum ruído, foi dada ordem a um guarda para que recolhesse o revólver. Quando Eicke e Lippert entraram já atirando, Röhm achava-se no centro da cela, a camisa rasgada deixando pateticamente à mostra o peito.

Por mais repugnantes e vulgares que sejam as circunstâncias que envolviam, no caso, a morte de um amigo, cumpre indagar se Hitler tinha outra alternativa. Qualquer que fosse o ponto alcançado por Röhm no preparo de seu estado SA, resta o fato de que seu verdadeiro objetivo, acima de todos os adornos ideológicos, era a primazia de uma visão "soldadesca" do mundo. Apesar do sentimento inflexível disso que ele próprio representava, a despeito dos milhões de adeptos com que contava, era incapaz de compreender que sua ambição visava a um objetivo muito elevado; não podia realmente defrontar-se com a resistência encarniçada da organização do partido, e a do Reichswehr, e despertar pelo menos a resistência passiva das camadas mais extensas da opinião pública. Sem dúvida, ainda se acreditara leal em relação a Hitler. Bastaria apenas algum tempo, porém, para que a realidade das divergências os dividisse de modo pessoal. Com sua perspicácia e sua inteligência tática, Hitler compreendera bem depressa que as intenções de Röhm ameaçavam sua própria situação. Após a exclusão de Gregor Strasser, o chefe da SA era o único homem que mantivera face ao Führer sua independência pessoal e que resistira à magia de sua vontade. Röhm era seu único rival sério e teria sido uma medida contrária a todas as normas táticas de Hitler conceder-lhe o poder a que ele aspirava. Röhm não tinha evidentemente preparado o *putsch* . No entanto, pela consciência plena que tinha de representar algo mais, pelo enorme poder constituído por seus milhões de homens da SA, Röhm encarnava aos olhos desconfiados de Hitler a ameaça constante de um eventual golpe.

Por outro lado, não podia simplesmente demitir Röhm, e este não era nada fácil de se pôr de lado. Não se tratava de um potentado menor qualquer, mas de um "generalíssimo" popular, e a subversão com a qual Hitler justificou depois a operação de 30 de junho teria ocorrido com toda probabilidade, se o chanceler houvesse tentado destituir de sua força o comandante supremo da SA. Mesmo que tivesse sido possível afastá-lo, ele continuaria a representar uma ameaça permanente. Afinal, Röhm dispunha de amplo círculo de relações e amigos influentes. Era igualmente improvável a utilização de um recurso judiciário, não só porque Hitler tinha uma confiança muito limitada na justiça, após o desfecho do processo do incêndio do Reichstag, como também porque, em seu desejo mórbido de autodissimulação, não podia suportar a ideia de oferecer a um amigo íntimo a oportunidade de se defender em público. A longa amizade recíproca reforçava a posição de Röhm, mas por outro lado não deixava para Hitler nenhuma porta de saída. Três anos depois, ele declararia que fora "para ele um sofrimento terrível (…) ter de eliminar aquele homem e seus partidários". Em outra ocasião, ao se dirigir aos líderes mais importantes do partido, Hitler frisaria a participação essencial que aquele

organizador genial tivera na ascensão do Partido e na conquista do poder: se algum dia se escrevesse a história do movimento nacional-socialista, cumpriria recordar que Röhm tinha sido a seu lado o segundo homem do movimento. [178]

Segundo as leis do partido, não restara portanto outra alternativa senão “a execução, tão grandiosa quanto aquelas que prescreveu ao tribunal secreto do tempo de Carlos Magno, a Santa-Vehme”. [179] Se tivermos em mente que Röhm não podia renunciar simplesmente à sua posição, mas devia pagar seu tributo ao dinamismo e às reivindicações de seus milhões de subordinados, se levarmos também em conta as necessidades objetivas às quais tanto um como o outro eram submetidos, será impossível não perceber naquele *affaire* do verão de 1934 a conotação de tragédia. Essa é, pois, a primeira tragédia na vida de Hitler que não é fortuita.

As consequências internas e externas dos acontecimentos fazem do 30 de junho de 1934 uma data decisiva da história da conquista do poder pelo nacional-socialismo, ainda que Hitler tratasse logo de dissimular a significação real dos fatos por meio das imagens da volta à vida normal. Já a 2 de julho, Göring dera ordem a todos os departamentos de polícia para “queimar todos os relatórios relacionados com os fatos dos dois últimos dias”. [180] Por ordens expedidas pelo Ministério da Propaganda, a imprensa se viu proibida de publicar os avisos fúnebres relativos aos homens fuzilados ou “mortos ao tentarem fugir”. Durante a reunião do gabinete de 3 de julho, ao lado de mais de vinte leis de importância secundária, Hitler pôs em execução uma, composta de um único artigo, pelo qual tornava como que incidentais todos aqueles crimes: “Constituem atos legais de legítima defesa do estado todas as medidas tomadas no combate aos atos de alta traição e de ataque à segurança estatal cometidos nos dias 30 de junho, 1º e 2 de julho”.

No entanto, Hitler pareceu compreender bem depressa que o esforço na camuflagem dos fatos era inútil. Permaneceu meio desorientado por algum tempo e teve grandes dificuldades para esquecer o assassinato de Röhm e de Strasser. É de todo impossível explicar de outro modo o silêncio que manteve durante mais de dez dias e que contrariava todas as regras da psicologia e da propaganda. O discurso de justificação que afinal pronunciou durante várias horas, a 13 de julho, perante o Reichstag, caracterizou-se sobretudo pela prolixidade, pelas inúmeras incoerências, pelos pontos omissos em suas explicações, pela atitude autoritária; no todo, foi certamente um de seus discursos mais fracos. Após uma longa introdução resumindo seus méritos e

suas preocupações, recorreu ao mais seguro expediente de sua retórica típica e evocou o perigo comunista, declarando-lhe uma guerra de extermínio total de um século. Lançou, por fim, toda a responsabilidade dos acontecimentos sobre Röhm, que o colocara, segundo ele, diante de alternativas inaceitáveis, e que teria autorizado, e até encorajado, a corrupção, o homossexualismo e a dissolução no seu círculo. Hitler condenou então os elementos destruidores e desagregadores que não sabiam mais "o que significam as ideias de regulamento e de ordem nas sociedades humanas", que "se tornaram revolucionários e veneram a revolução pela revolução" e que só queriam "ver nela um estado permanente". "Para nós", declarou Hitler, "a revolução não é um estado permanente. Se um golpe mortal é imposto pela força à evolução natural de um povo, a evolução artificialmente interrompida pode, por um ato de violência, forçar seu acesso ao livre desenvolvimento. Não existe, porém, nenhuma evolução positiva que se apoie em revoltas que se repetem periodicamente". Uma vez mais, rejeitava a concepção de Röhm de um exército nacional-socialista, e assegurava o seguinte ao Reichswehr, referindo-se a uma promessa feita a Hindenburg: "No seio do estado só existe uma corporação que pode portar armas, o Reichswehr, e um único representante da vontade política, o Partido Nacional-Socialista". Apenas no fim de seu discurso é que Hitler passaria ao ataque direto, após as intermináveis tentativas de justificação:

> Só por meio de leis inexoráveis, eternamente iguais, é que se vencem os motins. Se alguém me critica e indaga por que não recorri aos tribunais comuns para julgar esses homens, só posso responder assim: naquele momento eu era responsável pelo destino da nação alemã e portanto seu juiz supremo (…) Dei a ordem de execução dos principais culpados dessa traição (…) Além disso, dei ordem de extirpar esses abscessos que envenenavam nossas fontes vitais e de arrancar as feridas até que se chegasse à carne viva. (…) A nação deve saber que sua existência não poderia ser ameaçada impunemente seja pelo que for e que essa existência é garantida pela ordem interna e a segurança. Cada um deve saber daqui por diante que, se vier a erguer a mão contra o estado, seu único destino será a morte.

A incerteza nada comum de Hitler, evidente em tais trechos, refletia também alguma coisa da reação de pavor profundo da opinião pública diante dos acontecimentos de 30 de junho. Todos pareciam compreender de maneira intuitiva que a partir daquele dia uma nova fase começava e que não se poderia esperar no futuro outra coisa a não ser aventuras inquietantes, perigo e medo. As ilusões alimentadas a respeito da natureza do regime tinham sido até ali compreensíveis. Numerosos fatores haviam feito crer erroneamente que o terror e as violações do direito tinham sido fenômenos circunscritos a certos períodos, que acompanhavam necessariamente o desenrolar de uma revolução cujo conjunto exibia claramente o sinete da ordem. E só nesse momento é que se tornou impossível invocar o erro político: o assassinato

como meio de política do estado tornava qualquer ilusão inexequível, tanto mais que Hitler, no seu discurso, não fazia mistério dos crimes cometidos e reclamara para si mesmo a liberdade de ação do "juiz supremo" que dispõe do direito absoluto de vida e de morte. Assim, não haveria mais, dali em diante, nenhuma garantia jurídica ou moral a se opor à disposição de endurecimento de Hitler e ao regime em seu todo. Confirma tal tendência o fato de que todos os cúmplices de Himmler e de Sepp Dietrich, até os últimos esbirros das SS, foram recompensados, felicitados e agraciados com "um punhal honorífico" no decorrer de uma cerimônia em Berlim, a 4 de julho. [181] Não é, pois, temerário reconstituir os fatos *a posteriori* estabelecendo uma relação estreita entre os assassinatos de 30 de junho e a prática do assassinato em massa nos campos de concentração do leste. Em seu famoso discurso pronunciado em Posen, a 4 de outubro de 1943, o próprio Himmler estabeleceu essa relação, e confirmou a "continuidade do crime" que impediu a distinção entre uma fase inicial construtiva, sublinhada por uma paixão idealista, e um segundo período da ditadura nacional-socialista caracterizado por uma degenerescência que levava à autodestruição. [182]

O sentimento de inquietude generalizado no seio da população cedeu lugar, sem dúvida, rapidamente a um certo alívio. Afinal, e apesar de tudo, se dera um fim às perturbações revolucionárias da SA que tinham reavivado o temor profundo da desordem, das arbitrariedades e do poder direto do povo. Não reinava, claro, aquele "entusiasmo inaudito" que a propaganda do regime tentava fazer crer. Essa ausência de "entusiasmo" em face da política brutal do regime permite compreender a crítica feita com frequência por Hitler à burguesia, que, segundo ele, vivia apegada a seu estado fundado sobre o direito e que "logo se poria a gritar, quando por razões de estado se pusesse fora de ação um indivíduo realmente nocivo ao povo eliminando-o exemplarmente". [183] A opinião pública interpretou aqueles dois dias de matança dentro do sentido tradicional de seus sentimentos antirrevolucionários como uma vitória obtida sobre os "anos da menoridade do regime", como o triunfo das forças moderadas e favoráveis à ordem em torno de Hitler sobre as energias caóticas do nacional-socialismo.

Um fato sustentava tal raciocínio: os assassinos, os criminosos notórios figuraram entre os primeiros a ser liquidados. A ação empreendida contra Röhm revelava claramente um dos procedimentos usuais de Hitler: desfechar cada golpe de modo a suscitar uma dúvida de consciência e que o sentimento de revolta viesse a despertar a gratidão em relação ao Führer. Hitler cometia seus crimes de preferência camuflado de salvador da pátria. No mesmo sentido, o de apaziguamento, figura o telegrama que o presidente do Reich,

mais uma vez iludido, enviou a Hitler exprimindo seus “mais profundos e sinceros agradecimentos”. “Vós salvastes o povo alemão de um grave perigo”, escreveu ele ao Führer. Hindenburg é também o autor desta fórmula de justificação que dá um enfoque mitológico às decisões ditadas a Hitler por sua estratégia do poder: “Quem quer fazer a história não pode deixar de fazer correr sangue.” [184]

Mais importante ainda na eliminação da dúvida e da má impressão foi a reação do Reichswehr. Certo de ser o verdadeiro vencedor daquela jornada, exprimiu sem rodeios sua satisfação de ver o fim da “sujeira parda”. [185] Em 1º de julho, quando os crimes já eram numerosos, a Companhia dos Guardas de Berlim desfilou em passo de parada diante da chancelaria, ao som da marcha preferida de Hitler, a *Marcha de Badenweiler* . E foi igualmente Blomberg quem, dois dias mais tarde, felicitou Hitler em nome do gabinete pelo resultado feliz do expurgo. Ao contrário dos anos anteriores, quando saboreava sempre seu sucesso de maneira muito evidente, desta vez ele preferiu dar mais força ao sentimento de triunfo do Reichswehr. Em seu discurso no Reichstag, repetiria os protestos de consideração, confirmando o privilégio do Reichswehr de ser o único portador das armas do estado, tendo mesmo declarado que “jamais faria do exército um instrumento político”. Acrescentou que não podia exigir “dos oficiais e soldados” que tomassem uma posição favorável ao “nosso movimento”.

Com esta declaração insólita e jamais repetida, Hitler agradecia aos chefes do Reichswehr o fato de terem permanecido leais durante aquelas horas críticas nas quais tinham tido seu destino nas mãos. Ainda uma vez, mas a última, as coisas tinham permanecido em suspenso após o assassinato do general von Schleicher, de sua mulher e do general von Bredow pelos comandos das SS. Se naquele instante o exército tivesse exigido um inquérito judiciário, a teoria do complô seria anulada e o golpe desfechado contra os conservadores seria visto como era na realidade: um assassinato cometido taticamente para resguardar o poder. A direita burguesa não sairia daquele episódio tolhida para sempre, mas talvez com uma consciência de suas possibilidades robustecida. O desenrolar dos acontecimentos talvez não tivesse sido modificado radicalmente, mas haveria, naquele momento, como já ocorrera em outras fases da história, testemunhos de honradez consigo mesmo, de fidelidade moral e, pelo menos, uma tal atitude teria impedido que Göring viesse a concluir, sem ser aparteado, a reunião de 13 de julho no Reichstag com esta declaração: o povo alemão inteiro, “cada homem e cada mulher” se uniu “num só brado: todos juntos e para sempre, nós aprovamos o que faz o nosso Führer”. [186]

Hitler tinha realmente compreendido, graças a sua intuição das relações de força, que se o Reichswehr acabasse por admitir o assassinato dos seus membros, ele alcançaria enfim seu objetivo e abriria a porta que lhe dava um poder absoluto e incontestável. Uma instituição que aceitasse semelhante provação jamais poderia se opor eficazmente a ele. Sem dúvida, os chefes militares ainda se sentiam eufóricos e Reichenau, muito feliz da vida, explicava que não fora nada fácil fazer tudo aquilo de modo a que as coisas fossem vistas como um acerto de contas no seio do partido. [187] Ele aí entrava justamente no jogo tático de Hitler, de não fazer o exército participar da eliminação de Röhm de modo muito direto, a ponto de ser logo identificado, mas de envolvê-lo na questão o suficiente para que ficasse comprometido. Os oficiais, aqueles diletantes da política, cuja honra, segundo a expressão inolvidável de Blomberg, devia residir na sua "sagacidade", tinham na realidade concluído com Hitler uma aliança bem desigual. [188] Contrariamente à afirmação do historiador inglês John W. Wheeler-Bennett, segundo a qual eles eram guiados pela "Nêmesis do Poder", seria mais acertado dizer que eram levados sobretudo pela sua incapacidade política e pela presunção de todo contrária à política. Se a ordem pública tivesse sido verdadeiramente ameaçada por agitadores e golpistas, como afirmara então Blomberg, o exército teria o dever de intervir. Se não era esse o caso, deveria então ter posto um fim aos dias sangrentos. Em vez disso, o exército esperara, fornecera as armas e depois felicitara-se a si mesmo por sua própria perspicácia, que lhe permitira sair da crise como vencedor, mas sem notar que tal vitória não poderia ter longa duração. Quando, no auge daqueles dois dias de execuções, o ex-secretário de estado Planck insistiu para que o general von Fritsch interviesse, o chefe do exército lhe respondeu que não tinha autorização para tal. Planck o alertou: "Se permanecer como espectador passivo, meu general, o senhor terá, cedo ou tarde, o mesmo destino". Três anos e meio depois, Fritsch foi exonerado ao mesmo tempo que Blomberg e em circunstâncias pouco honrosas. Como no caso de Schleicher e de Bredow, a acusação repousava sobre falsidades e circulou nas fileiras da SA [189] o moto da "vingança do 30 de junho" — *Les institutions périssent par leurs victoires* .

O transcurso da história veio confirmar essa "frase" com uma extrema riqueza de detalhes. O 30 de junho consumara sem dúvida um golpe mortal contra a SA. Sua antiga índole rebelde e independente se esfumou visivelmente em proveito dos aspectos pequeno-burgueses. O soco-inglês, o cano de ferro, o tubo de borracha deram lugar à caixinha de coleta na praça. Mas o exército não se fez herdeiro das posições da SA. Três semanas depois, Hitler tirava proveito tranquilamente da fraqueza tornada evidente dos chefes

do Reichswehr. A 20 de julho de 1934, em “consideração aos grandes serviços prestados (…), em especial durante os eventos de 30 de junho”, ele liberava a SS de sua subordinação à SA e as elevava à posição de organização independente, responsável por seus confrontos, ao mesmo tempo autorizando-a a criar, ao lado do Reichswehr, um corpo armado inicialmente com o efetivo de uma divisão. [190] Poucos detalhes revelam a natureza profunda do temperamento de estrategista de Hitler de maneira tão clara e marcante como essa decisão de promover, tão logo a SA foi eliminada, a instituição de uma nova força da mesma natureza, a fim de poder prosseguir o jogo que lhe assegurava o poder. Todos os que, diretamente ou não, tinham sido envolvidos nos acontecimentos concluíram de maneira ingênua que o 30 de junho havia resolvido uma questão de rivalidade com vistas à posse do poder, quando na realidade Hitler assegurava o que conquistara para si ao recusar resolver de fato os conflitos de poder que dividiam os que o cercavam mais de perto. Simplesmente os colocava noutro plano e os fez prosseguir por meio de outros personagens em confrontos diferentes.

As SS foram encarregadas não apenas no domínio tático, mas também no setor político, de executar numerosas funções que antes eram da alçada da SA. Renunciavam, pura e simplesmente, às pretensões de independência manifestadas com tanto aparato até então por Röhm e seu grupo. As SA jamais se mostraram submissas de todo ao princípio da obediência cega. Conscientes de representarem uma instituição à parte, sempre mostraram claramente sua intenção de guardar distância em relação a todos os homens do partido que as menosprezavam. As SS, ao contrário, desejavam ser uma corporação de elite fiel que servia às ideias do nacional-socialismo como guardiã e como tropa de vanguarda. Simples instrumento, estava à disposição do Führer e de sua vontade. Sob tais auspícios, as SS iniciaram a 30 de junho sua irresistível escalada, que bem depressa se estenderia a todos os setores. À sua sombra todo-poderosa desapareceram sucessivamente a SA e depois o próprio partido, tornando-se a SS a passagem obrigatória de todas as vias de acesso ao poder.

A ascensão da SS, que modelou de maneira decisiva a história e a fisionomia peculiar do III Reich e que não se achava de modo algum acabada por ocasião da queda do regime, demonstra além do mais que a convicção de Röhm de estar, em última análise, de acordo com Hitler não era improcedente. Realmente, o que Himmler, sempre estimulado por Reinhard Heydrich, que trabalhava ativamente em segundo plano, chegou a edificar dentro do sistema poderoso e complexo das SS — que transformou num verdadeiro estado dentro do estado, infiltrando-se no coração das instituições

vigentes, minando-as e as substituindo, por fim, no seu papel político — tudo isso nada mais era do que a aspiração impaciente de Röhm, ainda que com ele tal pretensão tivesse permanecido confusa. Se os seus subordinados ambiciosos tinham sonhado com um estado SA, tal sonho se tornara uma realidade, pelo menos de maneira rudimentar, no estado SS. Röhm fora liquidado por querer realizar, por um ataque imediato, aquilo que Hitler se empenhava em conseguir, segundo explicações dadas a seu círculo mais chegado, "lentamente, tendo em mente o objetivo perseguido, em passos curtos". [191]

O 30 de junho representa, portanto, a eliminação de um tipo humano que fora praticamente indispensável à ascensão de Hitler: o do soldado veterano rude, oriundo quase sempre daquela classe de oficiais da reserva que tinham tentado inicialmente resguardar e aplicar na vida civil sua experiência da guerra, na qualidade de combatentes dos Freikorps paramilitares e de "herois das ruas" hitlerianos, aos quais, entretanto, uma vez alcançado o objetivo desejado, não se poderia confiar mais nenhuma tarefa. De acordo com uma frase famosa de Maquiavel, ninguém se instala no poder na companhia dos mesmos homens que o ajudaram a conquistá-lo, e há testemunhos de que Mussolini teria feito um comentário desse tipo quando se encontrou com Hitler em Veneza. Junto com a direção suprema da SA, também foram silenciados os elementos humanos da "revolução feita de baixo", que tinham tido, numa certa medida, direito de cidadania durante a tomada do poder. Em ambos os casos um anacronismo se extinguia: o caso Röhm foi o término dos "anos de combate". Isso assinalava a reviravolta que conduzia da fase incerta e utópica do movimento às realidades prosaicas e sem sonho de um estado fundado sobre a ideia da ordem. Ao mesmo tempo, o combatente das barricadas, o personagem romântico envolto de fumaça e do cheiro acre de pólvora que o século XIX conhecera e no qual se reconheciam deliciados Röhm e seus partidários — aquele combatente fora substituído pelo tipo de um revolucionário moderno produzido pela SS. Este era um revolucionário frio, "gerente" do totalitarismo e funcionário do executivo que propunha uma imagem ainda inusitada da revolução. Seu raciocínio não se aplicava mais aos fatos de rua, mas sim às próprias estruturas vigentes. E os princípios graças aos quais fazia explodir as estruturas anteriores tinham talvez uma ação mais profunda do que aquela que os revolucionários de tempos idos jamais haviam podido exercer.

Röhm não teria sido talvez, necessariamente, vítima de sua impaciência se Hitler já não perseguisse então objetivos mais amplos. Ainda hoje se pode ser induzido ao erro pelas fórmulas enganadoras usadas pelo regime nazista ao se

interpretar o 30 de junho exclusivamente como um acerto de contas com Röhm, e como a eliminação da SA. As críticas dos serviços de propaganda nas semanas que antecederam aos dias dos fuzilamentos indicavam que a operação visava de maneira geral toda a oposição, todos os independentes. Assim, é exato que aqueles dias tiveram como consequência o desaparecimento por muitos anos de toda a resistência organizada de alguma importância. Esse objetivo duplo da ação foi expresso, aliás, muito claramente numa declaração feita naquele momento por Hitler. Já que não tinha rigorosamente nada a censurar aos chefes da SA a não ser sua precipitação e sua tolice, deixou-se arrastar por um ódio sem limite, alimentado por todos os seus antigos rancores contra os conservadores que acreditaram poder utilizá-lo em seu proveito e ultrapassá-lo em seguida:

> Todos eles estão enganados. Me subestimam por eu vir do povo, da "ralé", porque não recebi uma educação aprimorada, porque não sei me comportar como mandam as regras desses cérebros de pardais. Se eu fosse um deles, já estaria sendo encarado como um grande homem. Mas não preciso deles para que se confirme a minha grandeza histórica. A insubordinação de minha SA me fez perder alguns trunfos, mas tenho outros na mão. Não tenho inibições em pedir ajuda e a obterei, caso me aconteça algo de incômodo (…)
>
> Tenho desbaratado todos os planos. Eles pensavam que eu não me atreveria a isso, que me portaria como um poltrão. E já me viam colhido em suas redes. Já me imaginavam como um instrumento deles. Quando me tinham pelas costas, até faziam blague, dizendo que eu não dispunha mais de nenhum poder, que meu círculo mais chegado me deixara desamparado. Só se esqueceram de que há muito tempo eu já tinha aberto os olhos às suas intrigas. Eu lhes atei as mãos de tal maneira que jamais se esquecerão. O que perdi com a condenação da SA recuperarei ao agarrar, pilhados na mesma falta, esses jogadores retardatários, esses profissionais do azar, esses Schleichers e comparsas.
>
> Se eu hoje apelo ao povo, ele me segue. Se convoco o partido, sei que ele ali está, solidamente unido como nunca (…) Vamos, senhores von Papen e Hugenberg, eu estou pronto para a próxima partida. [192]

O que ele sabia e o que queria dizer realmente é que não haveria jamais a última "partida" contra aqueles adversários.

Em suma, as tarefas táticas com as quais Hitler se viu às voltas antes do 30 de junho tinham exigido a solução simultânea de cinco problemas diferentes: ele devia de uma vez por todas neutralizar Röhm e as unidades rebeldes SA sob seu comando; em segundo lugar, atender as reivindicações do Reichswehr; em seguida, amainar o descontentamento que a ditadura exercida na rua despertava na população e eliminar as aparências do terror; o quarto problema consistia em mandar pelos ares os contraplanos dos conservadores; e, por fim, atingir esses quatro objetivos sem se tornar prisioneiro de um lado ou de outro. Hitler alcançou na verdade todos esses objetivos por meio de uma única operação, de tempo limitado, e com um número relativamente pequeno de vítimas. A partir daí, nada mais poderia se opor à realização de

sua principal diretriz, representada pela conclusão do processo da posse do poder: suceder a Hindenburg.

Do dia 15 de julho em diante, o estado de saúde do presidente do Reich piorou visivelmente e seus parentes receavam que ele morresse a qualquer hora. A 31 de julho, o governo divulgou pela primeira vez um boletim oficial a respeito. Apesar do caráter relativamente tranquilizador das notícias do dia seguinte, e fazendo previsões quanto ao futuro sem muito respeito pela figura do enfermo, Hitler submeteu ao gabinete ministerial uma lei que devia vigorar após a morte de Hindenburg, pela qual a função de presidente do Reich era acrescentada àquelas de "Führer e chanceler do Reich". No aspecto formal, essa medida se apoiava na lei de 30 de janeiro de 1934, que concedia ao governo o poder de apresentar uma nova legislação constitucional. No entanto, como essa concessão decorria da lei dos plenos poderes de 1933, todo ato constitucional baseado nesta lei teria de respeitar as garantias por ela dadas, e, entre outras, as concernentes ao cargo de presidente do Reich. Graças a um novo atentado contra a legalidade, a "lei sobre o chefe supremo do estado" passou por cima de tais prescrições e derrubou a última barreira que se opunha ainda à ditadura de Hitler, que procedeu com tanta "grandeza" como com impaciência: chegou até a apor na referida lei a assinatura de Franz von Papen, que nem mesmo assistira àquela reunião do gabinete.

No mesmo dia 1º de agosto Hitler seguia para Neudeck, ficando ao pé do leito onde Hindenburg agonizava. O presidente só tinha breves momentos de lucidez e até acabou por só chamar Hitler de "Majestade". [193] Apesar dos ares de estátua que pareciam cercá-lo inevitavelmente de olhares respeitosos e lendas, Hindenburg dava a impressão de só ter nutrido na vida um sentimento de dependência e de ter vivido apenas em situações onde se colocava como vassalo diante de um soberano. As primeiras horas do dia seguinte, 2 de agosto, ele morria, e uma proclamação do governo do Reich iria situá-lo pela derradeira vez no seu papel de marionete talhado, por assim dizer, em pedra, um desempenho ao qual ele deveu tanto renome como censuras, por sua fraqueza. Por meio de uma série de adjetivos empregados com prodigalidade, ele foi exaltado como "o fiel Ekkehard do povo alemão", como um "gigantesco monumento surgido de um longínquo passado" cujos "méritos quase incalculáveis" culminavam afinal no fato de ter, "a 30 de janeiro de 1933, aberto as portas do Reich ao jovem movimento nacional-socialista", de ter reunido "na mais profunda reconciliação a Alemanha de ontem e a de amanhã", de continuar a ser na paz o que fora durante a guerra: "O mito nacional do povo alemão". [194]

A morte de Hindenburg não ocasionou qualquer modificação aparente.

Algumas esperanças se foram, assim como certas ilusões. Na série de manifestações de pesar e cerimônias de último adeus, as medidas constitucionais passaram desapercebidas. Bem preparadas, conferiam o selo da legalidade a uma situação nova. Um decreto governamental incumbia o ministro do Interior de preparar um referendo a fim de conceder "a sanção expressa do povo alemão" à fusão, previamente proclamada "de conformidade com a constituição", dos cargos de presidente e de chanceler. Certo de seu êxito, Hitler explicou com efeito que estava firmemente convencido de que "todo poder emana do povo e por ele deve ser confirmado através do voto espontâneo e secreto". A fim de dissimular, porém, que o poder estava concentrado, mesmo sobre o plano institucional, unicamente na sua pessoa, Hitler asseverou que a "grandeza do falecido" não lhe permitia reivindicar para si mesmo o título de presidente do Reich. Esperava portanto que o encarassem como até então: como Führer e chanceler, "fosse no exercício de suas funções ou fora destas". [195]

No dia do falecimento de Hindenburg, os chefes militares deram a Hitler o testemunho de uma fidelidade incondicional que superava em muito a que haviam manifestado ao falecido marechal de campo. Com seu oportunismo e grande zelo, Blomberg fez todos os oficiais e componentes da tropa de todas as guarnições prestarem juramento à pessoa do novo chefe supremo das forças armadas, Adolf Hitler, e tal decisão foi tomada da forma mais simples: a de uma ordem de comando, para a qual, aliás, só receberia a autorização necessária três semanas depois. A fórmula empregada por Blomberg abolia o juramento usado até então, que era prestado sobre "o povo e a pátria", e obrigava doravante os homens a prestarem juramento "a Deus" de obedecerem cegamente ao próprio Hitler. Logo que as esperanças e as ilusões do verão de 1934 se esfumaram, essa fórmula suscitou muitos problemas internos. De saída, ela consagrava o estado totalitário baseado na pessoa do Führer Adolf Hitler, e esse estado não teria jamais se efetivado sem o apoio das forças armadas, sempre prontas a responder ao apelo do regime. Pouco tempo depois, o juramento pessoal de fidelidade seria exigido também dos funcionários, aí incluídos os ministros do Reich: uma "parcela da monarquia" era, por assim dizer, restabelecida. [196]

As cerimônias celebradas por ocasião do falecimento do presidente do Reich com toda a pompa imaginável durante vários dias propiciaram a Hitler mais do que a oportunidade de montar um de seus grandes espetáculos consagrados à veneração teatral dos mortos, onde o regime ia muitas vezes buscar uma ajuda emocional. Elas lhe permitiram também obter uma confirmação do sentimento crescente que ele tinha acerca da força de seu

próprio poder. Após a sessão fúnebre do Reichstag cujos pontos culminantes foram o discurso de Hitler em homenagem ao falecido presidente e trechos do *Crepúsculo dos Deuses* , o exército desfilou pela primeira vez na Ópera Kroll diante de seu chefe supremo. E o "único portador das Armas da Nação" vinha seguido, naquela parada, por um destacamento do *Leibstandarte*- SS de Adolf Hitler, marchando no mesmo passo marcial, com o mesmo capacete e com as mesmas baionetas. Vinham também uma formação especial da polícia de Hermann Göring, uma seção da SA e outros grupamentos paramilitares estranhos ao Reichswehr. No dia seguinte, Hindenburg era sepultado na Prússia Oriental, no mesmo local da vitória aliada de 1914, ao pé do monumento de Tannenberg. Em sua alocução, Hitler exaltou o presidente desaparecido, cujo nome permaneceria eternamente, "mesmo quando o derradeiro fragmento de seu corpo mortal tiver sido extinto", e concluiu com esta frase: "Vós, general comandante morto, entrais agora no Walhalla!" [197]

O plebiscito marcado para 19 de agosto servia aos mesmos objetivos que o demorado cerimonial do sepultamento de Hindenburg. Sem dúvida, declarou Hitler durante aqueles dias numa entrevista concedida ao jornalista inglês Ward Price, a opinião pública alemã teria assim a oportunidade de aprovar ou repudiar a política de seu governo. E acrescentou uma nota de ironia maliciosa: "Nós, os selvagens alemães, somos melhores democratas do que os de outras nações." [198] Na realidade, esse referendo, promovido de maneira particularmente ruidosa, com todos os recursos possíveis da propaganda nazista, objetivava a mobilização de sentimentos apolíticos para fins políticos. Uma série de iniciativas devia reprimir a agitação que persistia ainda, visivelmente, após a solução por assim dizer "oriental" dada ao caso Röhm. Tais medidas deviam reavivar os sentimentos de devotamento e apego que pareciam algo enfraquecidos nos alemães. Na oração fúnebre pronunciada perante o Reichstag, Hitler já tinha conclamado a opinião pública a esquecer os fatos decorridos e, "dali para frente, a partir deste momento fugaz da morte, voltar os olhos para o futuro". [199] No entanto, o número de votos negativos insolitamente elevado revelava claramente a dura prova a que se via submetido o prestígio dos novos donos do poder. Bem aquém das percentagens de 100% comuns nos regimes totalitários, os "sim" permaneceram inferiores a 84,6% em certos bairros de Berlim; em Aachen, em Wesermunde, em Hamburgo não passaram de 70%; e em Bielefeld, Lubeck, Leipzig ou Breslau, cerca de um terço da população votou "não". Pela última vez, os eleitores socialistas e católicos puderam manifestar seu desejo de resistência.

A decepção que os resultados do plebiscito causaram em Hitler se refletiu

claramente na proclamação do dia seguinte: anunciava o fim de uma luta de quinze anos pelo poder, pois “o Reich alemão, desde a sua direção suprema e o conjunto administrativo até a última aldeia com sua prefeitura, acha-se doravante nas mãos do Partido Nacional-Socialista”. Mas a luta para conquistar “nosso povo bem-amado”, como declarou Hitler, prosseguiria com a mesma intensidade, até que “por fim o último alemão conduza em seu coração o símbolo do Reich como sua profissão de fé”. Quase no mesmo tom, acrescentando algumas frases ameaçadoras endereçadas a todos os descontentes, Hitler repetiu tudo quinze dias depois na proclamação que serviu de abertura ao VI Congresso do Partido em Nuremberg: “Nós todos sabemos”, dizia esse texto, cuja leitura, conforme seu hábito, ele confiou a Wagner, o *gauleiter* de Munique de voz quase idêntica à sua, “quem a nação incumbiu de dirigi-la. Infeliz de quem não sabe disso ou se esqueceu. Houve sempre poucas revoluções entre os alemães. A época agitada do século XIX achou em nós seus liquidantes. Por mil anos”, tal foi a conclusão do discurso, “não haverá revolução no Reich!” [200]

Na realidade, a revolução começava naquele momento na Alemanha. Sem dúvida, as forças que no seio do movimento ansiavam por uma revolução violenta já tinham sido eliminadas, e seu dinamismo, sua inquietude eram então desviados para as tarefas de propaganda e de trabalho cumprido em obediência a ordens expressas. Na medida em que Hitler se propusera domá-los, enquanto devia levar em conta Hindenburg e o Reichswehr, se pôde observar nessa atitude o último e tardio triunfo do projeto conservador de 1933, que visava a eliminar aquelas forças, mas, em definitivo, os conservadores, que apoiavam através de seus votos essa política, acabaram arrastados e mergulhados na mesma tormenta. A autoconfiança orgulhosa e enfática de Hitler segundo a qual ele tinha “daqui em diante o poder de realizar tudo na Alemanha” seguia de braço dado com sua vontade muito determinada de querer tudo. As facetas brutais do regime nos têm feito colocar sempre como foco de nossa interpretação forças essenciais que aí se escondem, os fatores ideológicos e políticos, o antissemitismo, os sonhos frustrados de uma hegemonia alemã, o sentimento de ser investido de uma missão particular. Não menos poderosas, talvez mais ainda, surgem as motivações sociais que tinham nutrido e impulsionado o nacional-socialismo. Amplas camadas da burguesia esperavam precisamente que, com a sua chegada ao poder, e graças a uma revolução razoável, Hitler derrubasse as estruturas petrificadas do velho estado apoiado nas antigas noções de autoridade e nos freios sociais que fizeram a revolução de 1918 fracassar.

Para essa burguesia, Hitler representava antes de tudo uma oportunidade de consumar a “revolução alemã”, pois ela não confiava mais, após tantos malogros, nas forças democráticas e nunca pretendera confiar nos comunistas.

De maneira bem evidente, aquelas proclamações repetidas sem cessar e anunciando o fim da revolução tinham por objetivo acalmar uma opinião pública tão inquieta quanto antes. Puderam ser observados com efeito, a partir do outono de 1934, os primeiros indícios de um retorno à ordem, sem que nada fosse mudado quanto aos objetivos em que Hitler se fixara irrevogavelmente, a longo prazo. Apesar de todas as promessas de apaziguamento, ele punha os alemães expressamente alertas, no seu discurso de encerramento do congresso de Nuremberg, contra a ilusão de que o partido teria perdido sua força e seu ímpeto revolucionário, renunciado a seu programa: “Imutável na sua doutrina, duro como o aço em sua organização, sutil em sua tática, capaz de se adaptar a novas situações, comparável em sua imagem a uma ordem monástica”, o partido se volta para o futuro. Hitler confidenciava de igual modo a seus íntimos que só na aparência se punha um ponto final na revolução, pois dali em diante ele a faria incidir sobre os problemas internos. [201]

Não se poderia compreender a natureza revolucionária do regime sem uma referência direta àquele hábito profundamente enraizado no temperamento de Hitler, que visava a mascarar os fatos. As subversões ocorridas naqueles momentos obedeceram a esquemas bem pouco comuns. Um dos fatos mais notáveis que se verificaram em relação a Hitler e que lhe assegura um lugar na história das grandes subversões estatais é o de ter compreendido que o fim das revoluções insurrecionais era definitivo. Ele foi o primeiro a estabelecer um conceito moderno da revolução ao tirar deduções do que Friedrich Engels escrevera já em 1895: o revolucionário à moda antiga se coloca necessariamente em situação de inferioridade em face das potências estabelecidas. A concepção tradicional da revolução era sempre marcada pelas imagens da insurreição tal como a queria Ernst Röhm. Essa concepção deixava para segundo plano o aspecto ideológico e social dos fatos, as trocas das pessoas no poder, ou as alterações nas estruturas da propriedade, tudo isso em nome da afeição por certas imagens narrativas: a revolução era sempre um motim e tinha sempre a rua como palco. A revolução moderna, ao contrário, e Hitler sabia disso, não empreende a conquista do poder, ela o toma e o utiliza mais por vias burocráticas do que pela força bruta. Trata-se de um processo silencioso. O ruído dos tiros lhe incomodava os ouvidos, diríamos, generalizando a observação que Malaparte fez sobre Hitler.

Tal “revolução” no caso alemão nem por isso deixou de ter consequências

profundas, e em sua primeira fase não ignoraria nenhum dos aspectos da vida do Reich. Apossou-se das instituições políticas para modificá-las; alterou as estruturas de classe do exército, da burocracia e da economia; conseguiu corromper e "desagregar" a antiga classe alta e a nobreza — que continuaram, apesar de tudo, a ditar as regras de bom-tom — e despojou-as de sua influência e poder; instaurou, numa certa medida, a mobilidade social e a igualdade indispensáveis na sociedade industrial moderna em que se transformava a Alemanha, que devia a fatores idênticos seu encanto e também sua asfixia numa atmosfera de confinamento. Não seria possível objetar que essa modernidade fosse acessória ou mesmo que ia ao encontro dos desejos declarados dos revolucionários de camisa parda. A admiração de Hitler pela técnica era conhecida, tanto quanto o fascínio exercido sobre ele pela evolução das civilizações modernas. Dentro dos meios por ele escolhidos, o pensamento de Hitler mostrou-se decididamente moderno e mais ainda em razão de ter necessidade, para atingir os objetivos grandiosos que fixara com vistas a seu poder, de um estado industrial e racional em seu funcionamento.

A revolução das estruturas que o regime pôs em execução era, no entanto, irreconhecível devido a tudo aquilo que restabelecia com finalidades decorativas, isto é, a herança dos ancestrais germânicos e o folclore mais arcaizante: o céu alemão era e continuava a ser povoado de névoas românticas. Foi assim que o nacional-socialismo não fez senão levar às suas derradeiras consequências as tendências que se manifestaram depois do século XIX: uma sólida aplicação da noção de progresso, estranha a toda tradição, trouxe consigo o disfarce das ideologias românticas do ruralismo.

Vamos dar um exemplo: no momento em que a classe rural se tornava alvo de uma grande adulação por parte do poder, suas condições econômicas reais pioraram a olhos vistos e o êxodo rural registrou novos recordes entre 1933 e 1938. Do mesmo modo, o regime favorecia com seus programas de industrialização (especialmente no centro da Alemanha, cujas indústrias químicas eram essenciais em caso de guerra) uma urbanização que ele mesmo condenava em sua propaganda. Pela primeira vez a mulher era integrada no processo industrial, no justo momento em que se investia com toda a veemência contra as tendências liberais que levavam à masculinização da mulher. Ao contrário do que deixava prever o culto da tradição praticado pelo regime nazista, um "relatório confidencial" datado de 1936 enunciava: "É necessário destruir totalmente tudo o que nos prende à tradição. Criar formas novas, jamais vistas. Nenhum direito para o indivíduo (…) " [202]

A fim de descrever o caráter ambíguo dos fatos, se tem falado de uma "dupla revolução", [203] de uma revolução em nome das normas burguesas

contra a ordem burguesa, em nome da tradição contra a tradição. O cenário evocando o doce lar romântico não se tornou só uma fantasmagoria cínica, uma farsa: foi quase sempre uma tentativa para reter, ainda, através das ideias e dos símbolos, o que na realidade estava irrevogavelmente perdido. Foi sempre assim que a massa dos "seguidores" compreendeu os adornos idílicos da ideologia nacional-socialista. A terrível realidade econômica e social que afastava cada vez mais a Alemanha do paraíso das sociedades pré-industriais robustecera também a intenção de Hitler de reencontrar o que estava perdido nas planícies virgens da Europa oriental. No discurso tido como confidencial que fez em 1938 diante de oficiais recém-promovidos, referiu-se aos conflitos e sofrimentos que geravam a melancolia motivada pelo progresso político e social, cada vez que este contraria as "tradições sagradas" que exigem dos homens "fidelidade e devotamento": "Sempre houve catástrofes e os homens que nelas estavam envolvidos teriam sempre que sofrer (…) Tem sido sempre necessário renunciar às lembranças caras ao coração e as tradições têm sido sempre pisadas. O século passado acrescentou outros sofrimentos aos já existentes. Falam com tanta facilidade de todo mundo, diz-se que nós, alemães, temos sido caçados e expulsos. Mas isso era necessário! Tinha de ser assim (…) E veio o ano de 1918: este também trouxe novos padecimentos igualmente necessários. Em seguida, ocorreu nossa revolução: ela chegou, enfim, às derradeiras consequências. Isto também era necessário. As coisas não podem se processar de outro modo". [204]

A dupla natureza que caracterizava a revolução nacional-socialista marcou, pois, de modo profundo o regime em seu todo e lhe conferiu aqueles traços particulares que nos recordam a figura de Jânus. Os visitantes estrangeiros que, atraídos pela "experiência fascista", afluíam em número sempre crescente descobriam uma Alemanha pacífica onde os trens partiam tão pontualmente como antes, um país da normalidade burguesa, da autoridade, da lei, da equidade administrativa. Esse sentimento tinha tanta procedência quanto o dos emigrantes, que fora da Alemanha se queixavam com amargura de sua infelicidade e da de seus amigos perseguidos e humilhados. A extinção brutal das SA tinha sem nenhuma dúvida represado o emprego da força como algo fora da legalidade, e introduzira um período de estabilização no qual os fatores favoráveis à ordem e à autoridade do estado freavam a dinâmica da revolução totalitária. Por algum tempo se pôde pensar que a ordem voltara de verdade; a norma vigente rechaçava de novo o estado de exceção e, de modo geral, parecia ter passado o tempo em que, segundo um relatório endereçado ao primeiro-ministro da Baviera em 1º de julho de 1933, qualquer um podia prender o primeiro estranho a aparecer ali, onde cada indivíduo ameaçava o outro de enviá-lo para o campo de concentração de Dachau. [205] Não existe

outro registro que caracterize tão bem a Alemanha dos anos de 1934-1938 como este: no meio desse estado fundado sobre a violação do direito, redescobria-se o romance, que era, efetivamente, procurado e cultivado como jamais o fora anteriormente. Enquanto a emigração diminuía sensivelmente, [206] e até a emigração dos cidadãos judeus também se fazia mais reduzida, numerosos alemães recorreram à "emigração interior", às "*cachettes du coeur* ". As desconfianças já tradicionais dos alemães em relação à política raras vezes se tornaram mais bem legitimadas. Raramente tinham sido tão justificadas quanto durante aqueles anos, e se pode dizer o mesmo quanto à aversão por suas exigências e deveres.

Àquele "duplo estado" [207] correspondia uma consciência igualmente dupla, na medida em que a apatia caminhava lado a lado com as explosões de entusiasmo aprovador. Hitler nunca deixou de dar oportunidade à Alemanha de robustecer o sentimento de valor pessoal ou de acalmar as consciências altruístas, fosse por triunfos espantosos em política externa, pela magia das manifestações de massas, pelos gigantescos programas de serviços públicos como o mundo jamais tinha visto, ou através de medidas sociais que tinham todas por objetivo ocupar a imaginação. Por sua própria índole, a sabedoria do governo repousava em grande parte no caso pessoal de Hitler, sobre o conhecimento dos estimulantes eficientes do humor do povo. Todas essas características davam origem a um gráfico de popularidade estranhamente "neurótico" e extremamente artificial, que acusava animações bruscas ao lado de fases de mal-estar e de isolamento afetivo em relação ao regime. O fundamento do poder psicológico de Hitler se atinha tanto à sua natureza carismática quanto ao respeito que lhe era testemunhado porque ele conseguira restabelecer a ordem. E, com efeito, quem quer que comparasse os temores dos anos anteriores, as perturbações, as arruaças, o desemprego, os atos de despotismo da SA, as humilhações sofridas pelos alemães no terreno da política exterior, com a contraimagem sugestiva de uma nova ordem consciente da sua força, tal qual o demonstravam os desfiles paramilitares ou os congressos do partido, teria muita dificuldade para descobrir a falha de seu raciocínio. Quanto ao mais, o regime cuidava muito de sublinhar seus aspectos autoritários e conservadores e de se apresentar como o governo estritamente organizado dos militantes do partido "nacional-alemão". O esboço que Franz von Papen propusera anteriormente do "novo estado" poderia até ser confundido com o atual. Ao lado de tais características, apesar de todo o seu rigor e sua esterilidade policial, o regime propunha, por outro lado, numerosas perspectivas "românticas", proporcionava amplas satisfações ao espírito de aventura e de devotamento heroico, à paixão do jogador, todas coisas para as quais, como observava Hitler, os estados modernos reservam

um lugar tão reduzido em suas estruturas sociais.

Por trás daquela imagem da ordem, uma energia revolucionária estava se desenvolvendo sem que as pessoas de então, com raras exceções, disso tivessem qualquer ideia. Não foi na qualidade de força conservadora antirrevolucionária que Hitler conseguiu a vitória sobre Röhm, como acreditara a burguesia aterrorizada, mas sim de acordo com as leis da revolução, na condição de revolucionário em face do extremista comum. “Uma segunda revolução está em andamento”, explicava de modo pertinente Göring ainda na tarde de 30 de junho, “mas somos nós que a promovemos contra esses que a provocaram”. [208] Desde esse momento, não poderia mais escapar a um observador atento que as ambições de Hitler não iriam se consumar apenas num estado fundado sobre a ordem, no surto de novos empregos e no reconhecimento internacional. É certo que em novembro de 1934 ele afirmava a um visitante francês que não pensava em conquistas territoriais, mas sim na instauração de uma nova ordem social, graças à qual esperava obter o reconhecimento de seu povo e daí um monumento mais durável do que aquele que um general de renome poderia merecer após numerosas vitórias. [209] Isso era apenas uma atitude. Não era na imagem ideal de um estado totalitário baseado no bem-estar público, na felicidade da tão pouco lembrada gente humilde que ele ia buscar seu dinamismo e suas motivações profundas, mas sim nos fantasmas nascidos de uma imaginação de megalômano, no sonho de um estado que deveria durar mil anos, bem além de todo o horizonte conhecido.

PARTE VI

ANOS DE PREPARO

20

Retomando a política externa

Não basta dizer, como fazem os franceses, que sua nação foi tomada de surpresa. Não se perdoa nem a uma nação, nem a uma mulher a hora em que não estejam vigilantes, em que o primeiro aventureiro a chegar pode violentá-las e guardá-las como sua propriedade. O problema não fica, assim, resolvido. Recebe apenas uma formulação diferente .

Karl Marx

Desgraçado daquele que é fraco .

Adolf Hitler

OS ESTUDOS HISTÓRICOS JAMAIS consideram sem uma certa irritação os meados dos anos 1930 e o momento em que Hitler chegou a repetir, na sua política externa, as técnicas da conquista de posições de força e de domínio do adversário, que havia testado tão bem na política interna, e a utilizar com tanto êxito seus métodos de jogador. Fiel à sua teoria segundo a qual "antes de vencer os inimigos de fora mister se faz primeiro aniquilar os inimigos domésticos", [1] ele havia conservado, nos meses que acabavam de transcorrer, uma atitude relativamente passiva e só se tinha manifestado no cenário internacional através de algumas proezas, como, por exemplo, seu desligamento da Liga das Nações e seu tratado com a Polônia. Tinha, entretanto, começado em segredo seu rearmamento: sabia bem que um país militarmente impotente tem limites estritos à sua liberdade de ação em política externa. Durante um período intermediário, que não podia decorrer sem ruptura de tratados e sem provocação de vizinhos poderosos, Hitler jogou a totalidade de seus recursos em uma única cartada. De novo, como no momento da tomada do poder, as previsões lhe eram desfavoráveis. Muitos observadores profetizavam que sua mágica ia falhar e já viam sua queda iminente. Por uma sucessão de golpes de audácia, entretanto, ele conseguiu, em alguns meses, eliminar todas as restrições impostas pelo Tratado de Versalhes e conquistar as posições necessárias ao início de seu programa de expansão territorial.

O comportamento das nações europeias ante as exigências e provocações de Hitler é bem mais difícil de compreender quando se tem em vista que o processo da tomada do poder, bem como o caso Röhm, já haviam dado

alguma ideia da natureza do Führer e de sua linha política. Entretanto, como no caso dos alemães, não foram nem a fraqueza moral, nem o gosto pelo servilismo, nem a perfídia conspiratória que conduziram os outros povos. Não se podia tampouco explicar sua flexibilidade excessiva diante de Hitler por aquela perturbação da consciência que havia arrastado tantos alemães para o lado do Führer; tinham, certamente, muito menos razões para se deixarem enganar por ele. "Meu programa", declarou Hitler num tom polêmico, em um discurso de janeiro de 1941, era "a abolição do Tratado de Versalhes. O resto do mundo não deveria entregar-se hoje à idiotice de fingir crer que não apresentei esse programa até 1933, ou 1935 ou 1937. Era só esses senhores lerem (…) o que eu havia escrito e reescrito mil vezes. Ninguém jamais explicou com mais frequência suas intenções do que eu, e jamais deixei de repetir: ab-rogação do Tratado de Versalhes!" [2]

Sobre este objetivo, pelo menos, ninguém realmente poderia nutrir ilusões: era visível através da cascata de palavras de cada discurso, e cada um de seus gestos servia a esse objetivo. Como ele contrariava os interesses imediatos de quase todos os países da Europa, deve ter havido motivos mais poderosos — ainda que não se manifestassem à plena luz do dia — que quebraram a vontade de resistência e que possibilitaram a Hitler acumular, sem grande dificuldade, êxitos após êxitos.

De uma importância decisiva foi, evidentemente, aquela ambiguidade fundamental que sempre fez parte da natureza mais profunda de Hitler e que imprime sua marca a todo o seu comportamento, a seus conceitos táticos, políticos e ideológicos. É com muita razão que se diz que ele teria, certamente, suscitado a resistência unânime de todas as nações europeias e do mundo civilizado em geral, se tivesse sido apenas o porta-voz nacionalista e apaixonado da concessão de direitos iguais à Alemanha, um pangermanista comparável a Hugenberg, um profeta agressivo da teoria do espaço vital ou um antissemita cego e enraivecido da estirpe de Julius Streicher. Entretanto, como misturava esses diversos elementos e sabia sempre opor uma esperança a cada temor que fazia nascer e, "segundo as necessidades, fazia passar um desses elementos ao primeiro plano ou deixar outro na sombra, dividindo seus adversários sem jamais renegar a si mesmo (…) Procedimento de um verdadeiro gênio". [3]

O ânimo francamente anticomunista da Europa liberal e conservadora deu-lhe o meio decisivo e necessário para acalmar as suspeitas que sua pessoa e sua política poderiam levantar. De fato, o escritor francês Charles du Bos disse a um amigo alemão, na primavera de 1933, que um abismo se havia cavado entre a Alemanha e a Europa ocidental; [4] mas isso só se aplicava aos

aspectos morais da situação, não aos psicológicos. Para além de todos os seus conflitos de interesses, para além de suas relações complexas, eventualmente hostis, os países da Europa tinham sempre, em comum, um certo número de sentimentos, especialmente aquele grande medo secular da revolução, do arbítrio e da desordem pública, e Hitler havia adquirido a reputação lisonjeira de ter sabido superar na Alemanha todos esses fatores negativos. É fora de dúvida que, nos anos 1930, o proselitismo comunista tinha perdido grande parte de sua força e intensidade ofensiva. Mas o experimento francês da Frente Popular, a guerra civil espanhola e os processos de Moscou tinham trazido de volta à lembrança de todos, bem vivo, aquele espectro com tanta energia que reviveu o medo que dava à Europa. Seu faro especial lhe permitia penetrar o estado de espírito dos outros, perceber os motivos ocultos dos adversários, e Hitler aproveitou-se desse medo e evocou em inúmeros discursos "o trabalho de solapamento dos bolcheviques que puxam os fios dos fantoches", "os caminhos pelos quais derramam dinheiro e agitação", "a revolução que desencadeiam neste continente". Com todos esses discursos, ele próprio agravava a psicose de angústia de que falava: "As cidades queimam, os vilarejos se transformam em ruínas e buracos, os homens não se reconhecem mais uns aos outros. Classe contra classe, sociedade contra sociedade, um irmão destrói outro irmão. Quanto a nós, escolhemos a via oposta". Descrevia assim sua missão a Arnold J. Toynbee: "Estava no mundo para marchar à frente da humanidade nessa luta inevitável contra o bolchevismo e levar a palma da vitória". [5]

Numerosas e profundas como tenham sido as angústias que suscitava em toda a Europa essa Alemanha que se tornara estranha e retornara a reações ancestrais, muitas esperanças inconfessáveis se fundaram sobre a possibilidade de ver Hitler assumir a missão que fora outrora a do Reich, de contemplá-lo como aquele que "luta contra o mal", o "dique" ou o "quebra-mar", segundo uma expressão do próprio Hitler, em um tempo "em que o lobo Fenris parecia novamente percorrer a terra". [6] No quadro de tão vastas considerações, familiares sobretudo aos vizinhos ocidentais da Alemanha, terminavam por não ter peso algum o desprezo de Hitler pela noção de direito, seu extremismo, suas tantas atrocidades acompanhadas, às vezes, de gritos de indignação no resto da Europa, e só aos próprios alemães cabia achar um meio de safar-se daquela situação. Até pelo contrário: as maneiras inquietantes e marciais daquele homem, cuja estranheza parecia, no conjunto, inferior à de Stalin, convinham muito bem, segundo as concepções da Europa conservadora, a um protetor e comandante das fortalezas avançadas. Como quer que fosse, seu papel devia prudentemente limitar-se a isso e não se expandir.

Era sempre, até nos menores detalhes, a mesma mistura de ingenuidade, desinformação e presunção, corroborada pela história e de que já haviam dado prova todos os conservadores alemães nas suas relações com Hitler, desde Gustav von Kahr até Franz von Papen. Sem dúvida havia, por trás daquilo tudo, profundas preocupações e uma sincera repugnância pelo gângster Hitler. Esses sentimentos não penetravam, entretanto, até o domínio da política, e quando Chamberlain ouviu o que Hermann Rauschning afirmava sobre os objetivos de Hitler, simplesmente recusou-se a dar-lhe crédito. Sir Eric Phipps, embaixador inglês, resumia assim os planos arquitetados pelas potências europeias para subjugar Hitler: "Não podemos encarar Hitler simplesmente como o autor do *Mein Kampf* e nem tampouco nos podemos permitir apenas ignorá-lo. Não seria preferível manietar esse homem dotado de um dinamismo espetacular? Amarrá-lo por um acordo em que sua assinatura será livremente dada com toda sua soberba. Não é impossível que, graças a alguma estranha contorsão mental, ele se sinta obrigado a respeitá-lo… E, afinal, sua assinatura comprometeria toda a Alemanha de maneira mais forte que a assinatura de qualquer outro alemão de toda a história. Os anos poderiam correr, depois disso, Hitler envelhecer e o bom senso prevalecer sobre os temores". Em tom irônico, e bem percebendo o caráter de grotesca repetição dos fatos, Hitler se deliciava em chamar com ironia de "meus Hugenbergs" aos apaziguadores, os "*appeasers* " de Londres e de Paris. [7]

Porém, aqui como lá, era também a força de atração do modelo autoritário que atuava a favor de Hitler e ajudava a dispersar o *front* adversário. Ele próprio apontou "a crise da democracia" como o fenômeno essencial da época, e mais de um observador contemporâneo é de opinião que "a ideia de ditadura é tão contagiosa (…) quanto no século anterior foi a de liberdade". [8] Apesar de todos os fatos que lhe poderiam alienar as simpatias, essa Alemanha tão energicamente dirigida exercia uma sedução radiante, que se opunha à influência da França até então dominante, sobretudo no leste e no sul da Europa. Não era por acaso que se viam, na sala do ministro do exterior polonês Beck, fotografias com dedicatórias de Hitler e Mussolini, e eram estes que pareciam ser os verdadeiros intérpretes do espírito dos tempos, por certo não seus concorrentes burgueses de Paris e de Londres, rodeados por uma aura sutil de anacronismo e impotência. Era convicção da época que, no livre jogo dos interesses sociais e políticos, a razão sempre esteve em inferioridade, e de que a força constituía a base do programa da nova ordem. O grande representante daquela época era Adolf Hitler, cujo sucesso havia metamorfoseado, em pouco tempo, a atmosfera política da Europa, e que propunha doravante novas medidas de valor.

Na medida em que sabia combinar e dosar as tendências e os humores, estes o serviam. Auferiu grandes vantagens do antissemitismo europeu, que contava com numerosos partidários na Polônia, na Hungria, na Romênia ou nos países bálticos, mas que se achava igualmente disseminado pela França. Esse antissemitismo chegou a inspirar ao líder de um grupo fascista inglês, em 1935, a proposta de resolver o problema judeu de modo radical e higiênico pela instituição das "câmaras da morte". [9] Além disso, Hitler poderia apoiar-se nas contradições das forças pacifistas locais. Pela primeira vez, o Tratado de Versalhes havia introduzido fatores morais nas relações entre nações — as ideias de culpa, honra, igualdade, autodeterminação — exatamente as fórmulas que Hitler jogou, com uma insistência crescente, no tapete diplomático, e, durante algum tempo e paradoxalmente, conseguiu, como diz com exatidão Ernst Nolte, parecer o último discípulo fiel dos princípios de Wood-row Wilson, havia muito tempo esquecidos. Nesse papel de importante credor das grandes potências, tendo às mãos um bom maço de demandas não atendidas, Hitler pôde obter um êxito durável, sobretudo na Inglaterra: suas inovações não tinham a seu favor apenas a má consciência da nação, mas se conciliavam também com a política tradicional da Inglaterra favorável à ideia de equilíbrio de poder e, de longa data, inquieta com a influência excessiva da França em todo o continente. Eram, em primeiro lugar, as vozes vindas da Inglaterra que encorajavam Hitler. O *Times* julgava "artificial" qualquer situação que não reconhecesse no Reich uma posição preponderante em todo o continente. Um colaborador particularmente importante do ministério inglês da aviação declarava, no começo de 1935, a um de seus interlocutores alemães, que "na Inglaterra não haveria indignação" se a Alemanha anunciasse que, contra as disposições do Tratado de Versalhes, estava disposta a recriar sua força aérea. [10] Uns e outros, entretanto, tanto os ingleses como os europeus do continente, os vencedores como os vencidos, tanto os que se achavam sob regimes totalitários quanto os que viviam em regimes democráticos, tinham todos o pressentimento de uma convulsão próxima, da qual Hitler saberia tirar o melhor proveito. "Temos todos, como os outros povos, o sentimento de nos achar diante de uma reviravolta da história", declarava o próprio Hitler. "Temos todos, vencidos e vencedores, a convicção íntima de que algo não funciona e que, em particular, a razão parece ter abandonado os homens. Todos os povos o sentem muito bem: uma nova ordem deve ser instaurada, sobretudo neste continente em que os povos são constrangidos a se aconchegarem uns aos outros, dentro de um espaço estreito. Para estabelecer esta nova ordem, só se podem repetir sempre as mesmas palavras: razão e lógica, compreensão e respeito mútuos. Enganam-se os que creem que na porta dessa nova ordem esteja a palavra *Versailles* .

Essa não seria a pedra angular da nova ordem, seria a laje tumular.” [11]

Em resumo, a Europa oferecia a Hitler tantas portas abertas à sua intromissão quanto a própria Alemanha, e uma das ilusões de resistência ultrapassadas foi a de contar com divergências entre Hitler e a Europa, quando havia, na realidade, um bom número de convergências de interesses e de estados de espírito. Não foi sem amargura que Thomas Mann, porta-voz de uma minoria, falou da “tomada de consciência muito lenta, adiada até os limites do possível, deste fato: nós outros, alemães da emigração interior ou do exílio verdadeiro, não temos por trás de nós essa Europa à qual nos tínhamos prendido intelectual e afetivamente e que acreditamos ter moralmente em nosso campo”. [12]

Os múltiplos encorajamentos vindos da Inglaterra eram de molde a justificar as mais audaciosas esperanças de Hitler. Estava sempre, também, ligado ao projeto da aliança com a Inglaterra, tal como o havia concebido, no início do ano de 1923. Era a ideia central de sua política externa, a de uma divisão do mundo. Segundo esse conceito, a Inglaterra deveria, como primeira potência marítima, dominar os mares e os territórios de ultramar; a Alemanha, como potência continental inconteste, deveria dominar o imenso continente eurasiano. No centro de todas essas considerações de política externa, elaboradas durante os primeiros anos do movimento, situava-se, portanto, a Inglaterra, e nada firmou tanto Hitler na ideia de que estava no bom caminho do que o eco favorável que sua política encontrava do outro lado do Canal. Sem dúvida, esses projetos tinham sido um tanto abalados pela maneira totalmente negativa com que Rosenberg fora recebido em sua visita a Londres, em 1933, bem como pelo reboliço havido quando a Alemanha se retirou da Liga das Nações. O assassinato do chanceler austríaco Engelbert Dollfuss, em julho de 1934, perpetrado por nacional-socialistas austríacos, agravou sensivelmente a posição de Hitler, ainda que, como parece, ele não estivesse envolvido na preparação do atentado. Entretanto, os interesses acabaram como sempre por se mostrar mais poderosos do que a indignação moral, tanto mais que o próprio Hitler não hesitou em abandonar os assassinos. Entregou ao governo austríaco os responsáveis pelo assassinato, que se tinham precipitadamente refugiado na Alemanha, demitiu sem hesitação o inspetor local do Partido, Theo Habicht, de suas funções e chamou a Berlim o embaixador alemão, o dr. Rieth, implicado na questão. Nomeou para substituí-lo Franz von Papen, que continuava uma espécie de vice-chanceler designado. Católico e conservador, Papen aparecia, sobretudo depois de seu discurso pronunciado em Marburg, como uma espécie de

garantia em face das preocupações da burguesia.

A unanimidade das reações estrangeiras em relação a esse atentado havia mostrado a Hitler que não deveria se precipitar, que seu trunfo seria dividir os adversários, sobretudo que não podia permitir à moral lograr triunfos muito fáceis sobre suas próprias ambições e que, finalmente, o sangue-frio, a paciência e a disciplina eram mais úteis do que a tentativa de convulsão de Viena, iniciada de modo errado e com má coordenação. Além disso, devia admitir que sua posição não estava bastante forte para fazer exigências grandes demais e que, de qualquer forma, seria melhor esperar que o provocassem, ou constranger imperceptivelmente o adversário a uma situação tal que seus próprios projetos longamente meditados pudessem se dissimular sob a aparência de um revide.

As circunstâncias fizeram com que, pouco tempo depois, Hitler obtivesse o aumento de prestígio esperado do plebiscito de 13 de janeiro de 1935, no Sarre: a região tirada do Reich pelo Tratado de Versalhes votou por uma maioria esmagadora a favor de sua reanexação à Alemanha. Aos 445 mil votos pela volta à Alemanha se opuseram apenas 2 mil votos favoráveis à anexação à França, enquanto 46 mil se pronunciaram a favor do *status quo* , continuar sob a administração da Liga das Nações. Ainda que nunca houvesse dúvida quanto ao resultado, não foi muito difícil para Hitler apresentar o plebiscito como um sucesso pessoal. Uma das disposições do Tratado de Versalhes que violava o direito dos povos foi finalmente eliminada, declarou ele três dias mais tarde, numa entrevista que concedeu em Obersalzberg ao jornalista americano Pierre Huss. [13] Algumas semanas mais tarde, as próprias potências ocidentais lhe ofereceram o pretexto para uma daquelas respostas que eram seus golpes preferidos.

A fraqueza tática das grandes potências europeias diante de Hitler se explicava, antes de mais nada, pela vontade incondicional que tinham de negociar a qualquer preço: todas apresentavam proposições cujo objetivo era acorrentar esse homem indomável ou, ao menos, encostá-lo contra a parede. No começo do ano de 1935, a França e a Inglaterra propuseram, entre outras coisas, expandir o pacto de Locarno por um acordo de proteção contra ataques aéreos e celebrar, além disso, tratados análogos com as nações da Europa oriental e da Europa central. Longe de examinar seriamente essas propostas, Hitler só as viu como uma espécie de apoio a suas manobras táticas. Elas lhe permitiam espalhar uma atmosfera de insegurança, obter efeitos fáceis através de respostas aparentes e continuar imperturbavelmente a dissimular a realização de seus projetos.

Desde o verão de 1934, Hitler havia iniciado negociações para chegar a um acordo com a Inglaterra sobre as respectivas forças aéreas. Seu pensamento tático oculto era levar Londres, por sua mera participação nessas tratativas, a considerar nulas *de facto* as cláusulas do Tratado de Versalhes que proibiam o rearmamento da Alemanha. Ao mesmo tempo, partia da ideia de que essas conversas, assim como a impressão de intimidade que causariam, eram um excelente meio de avivar a desconfiança existente entre a Inglaterra e a França. Por essa razão, estava pronto a encorajar a Inglaterra a um grande rearmamento. Depois da ruptura das conversações, que se seguiu ao assassinato de Dollfuss, Hitler voltou à carga junto ao governo britânico com novas proposições. De modo característico, e como era seu hábito quando acabava de sofrer uma derrota, levantou a aposta. Depois de ter, até então, pedido para criar uma força aérea apenas da metade do tamanho da força aérea inglesa, declarava, agora, que a paridade de forças "se impunha por si mesma". Entretanto, essa paridade não era mais para ele assunto de negociação: seu interesse estava agora num acordo naval com a Inglaterra.

Viu-se nessa proposição "a ideia régia" de Hitler. [14] Descontado o exagero, deve-se ver nisso uma prova evidente de perspicácia diplomática. As negociações sobre forças aéreas tinham fracassado não só devido aos acontecimentos de Viena, mas, antes de mais nada, porque os ingleses, embora interessados, não estavam prontos a um acordo bilateral. A proposta alemã de um acordo naval tocava os ingleses em um ponto sensível. Por outro lado, estava em curso a negociação de um acordo geral sobre os tamanhos das esquadras, ainda que os ingleses também tivessem entrado numa fase de hesitação. As novas proposições de Hitler, porém, venceram todos esses obstáculos e contramarchas. Ele facilitou os primeiros contatos com a contraparte hesitante, ao falar de contatos sem compromisso. As próprias negociações lhe ofereceram excelente oportunidade de lisonjear as pretensões inglesas, não sem motivações sentimentais, ao predomínio marítimo e instigar o interesse de seus interlocutores até quase induzi-los à infidelidade aos próprios princípios. Os ingleses, na verdade, compreendiam muito mais facilmente o princípio de que Britannia rege as ondas do que o princípio problemático dos pactos coletivos. Hitler terminou, entretanto, por sair vitorioso, graças a um movimento de surpresa ao qual os ingleses cederam com estupefação e evidentemente desconcertados.

As primeiras sondagens foram feitas por Ribbentrop, a quem Hitler havia concedido plenos poderes especiais. Ribbentrop chegou em meados de novembro de 1934 para uma visita a Anthony Eden, Lord do Selo Privado, e a Sir John Simon, ministro do Exterior. No começo de 1935, os contatos foram

retomados. No dia 25 de janeiro, Hitler recebeu a “visita não oficial” de Lord Allen of Hurtwood, e quatro dias mais tarde, a visita, “sempre não oficial”, do político liberal Lord Lothian. O chanceler alemão deplorou que as negociações fossem tão lentas e insistiu sobre o caráter paralelo dos interesses recíprocos. Começou por reconhecer a supremacia marítima incontestável da Inglaterra, antes de anunciar concretamente que estava pronto para examinar um acordo que estabelecesse as forças navais inglesas e alemãs numa relação de 100 a 35. Em compensação, a Alemanha, na sua tradição nacional, deveria obter uma força terrestre mais numerosa. Tais eram os contornos do grande projeto ao qual Hitler deu ainda, como conclusão de suas conversas com Lord Lothian, uma feição mais pessoal: ele ia falar não mais na qualidade de chanceler do Reich, mas como “*student of history* ”, e via, declarou, a mais segura garantia da paz em uma proclamação comum anglo-germânica que introduziria a decisão de que qualquer país autor de perturbação teria de responder por isso, no futuro, diante dos dois países, que se encarregariam das sanções. [15]

Mais próxima no tempo e mais concreta foi, sem dúvida, a visita do ministro inglês do Exterior a Berlim, fixada para 7 de março. Hoje em dia, essas negociações nos mostram ainda com que exatidão Hitler soube captar os interesses e a psicologia do adversário, pois ele habilmente implantou nos ingleses os argumentos do *appeasement* que deviam marcar a política dos anos seguintes. A base de tudo isso era que Hitler desejava ardentemente um tratado que lhe permitisse legalizar seu rearmamento e autorizasse a Alemanha a celebrar alianças. Esse era um trunfo ao qual ninguém poderia de modo algum renunciar: a possibilidade de pôr fim à corrida às armas, manter o rearmamento alemão dentro de limites controláveis e, finalmente, talvez acorrentar o próprio Hitler. As concessões da Inglaterra seriam, em contrapartida, relativamente poucas, de modo algum superiores ao disposto na seção V já ultrapassada, do Tratado de Versalhes, que impunham limites ao armamento da Alemanha. Não há dúvida de que a França temia um tratado anglo-alemão, porém, deveria aprender que a “Inglaterra não tinha amigos permanentes, mas, sim, interesses permanentes”, segundo a expressão empregada pela *Naval Review* , órgão da marinha inglesa. [16] Justiça se faria a esses interesses se uma grande potência como a Alemanha reconhecesse, sem ter sido convidada a isso, as reivindicações inglesas concernentes ao domínio dos mares, tanto mais que as condições apresentadas pela Alemanha eram bastante moderadas. A era do Tratado de Versalhes, ao qual a França dava tanta importância, estava totalmente ultrapassada e, segundo os termos de um memorando do Foreign Office, datado de 21 de março de 1934, “se deve haver um enterro, vamos celebrá-lo, contanto que Hitler esteja disposto a

pagar o serviço das pompas fúnebres”. [17]

O significado real de todos esses empreendimentos era celebrar a ruptura da solidariedade criada pela Primeira Guerra Mundial e confirmada pelo Tratado de Versalhes e, com uma irritação encoberta por um certo respeito, era necessário reconhecer que Hitler poderia fazer explodir seus adversários voltando-os uns contra os outros. Mais estonteante ainda foi o talento com o qual espalhou entre os vencedores, depois de o ter feito entre os vencidos, o sentimento crescente de que era insustentável o sistema de paz que haviam solenemente proclamado apenas quinze anos antes. Pela primeira vez, sua engenhosidade, já manifesta nas batalhas eleitorais que acompanharam o ocaso da república de Weimar, e que consistia em denunciar o absurdo, o cinismo e a inequidade de uma situação ambígua, revelou-se eficaz também nos confrontos estrangeiros. Sem dúvida, durante algum tempo houve a impressão de que seus adversários iam se unir numa frente comum para lhe opor resistência. Mas não passaram de uma atitude vã de protesto, que se esforçava de maneira muito evidente por encobrir as próprias hesitações, mas não enganava Hitler. Entregaram-lhe, portanto, um terreno com os obstáculos já muito reduzidos.

Como para dar cobertura a seu ministro do Exterior, o governo inglês publicou, no dia 4 de março, um Livro Branco que condenava o rearmamento excessivo da Alemanha em contradição evidente com os tratados, o que tornava o espírito de agressividade guerreira oficialmente favorecida pelo Reich responsável pela insegurança crescente. O Livro Branco deduzia desses fatos a necessidade de um programa contra o aumento acelerado da força aérea. Entretanto, em vez de se deixar intimidar, Hitler mostrou-se irritado e cancelou a visita de Sir John Simon, a pretexto de um súbito “resfriado”. Ao mesmo tempo, explorou a injustiça que pretendia haver sofrido, para passar ao contra-ataque: em 9 de março, informou oficialmente os governos estrangeiros que a Alemanha tinha reconstituído uma força aérea. Quando o governo francês declarou que prolongava o serviço militar para as classes etárias menos numerosas e que o ministro inglês do Exterior limitava-se tranquilamente a anunciar, na Câmara dos Comuns, que ele e Eden ainda pretendiam ir a Berlim, Hitler tomou, no fim de semana seguinte, uma decisão que era uma provocação suplementar. Mencionou as medidas tomadas pelos vizinhos nos quais a Alemanha, desde a época de Woodrow Wilson, confiara, e disse que ela agora estava cada vez mais decepcionada, encontrando-se no meio de um mundo poderosamente armado, “em um estado de impotência militar total, tão indigno para si própria quanto perigoso para o mundo”, e então anunciou para 16 de março a reintrodução do serviço militar obrigatório

e a formação de um exército composto, em tempo de paz, de 36 divisões, 550 mil homens. [18]

Hitler acompanhou essa proclamação de uma brilhante festa militar no dia 17 de março, o antigo dia do luto nacional, então rebatizado "Dia comemorativo dos nossos heróis". Depois de uma suntuosa manifestação no Teatro da Ópera, organizou uma grande parada militar na qual tomou parte inclusive uma unidade da Luftwaffe, a nova força aérea. Ao lado do velho von Mackensen, único sobrevivente dos marechais do Exército Imperial e seguido de todos os generais, ele desceu a avenida Unter den Linden até o Schlossterrasse, onde condecorou estandartes e insígnias do exército, após o quê, passou as tropas em revista sob os aplausos de milhares de espectadores. Entretanto, ainda que a reintrodução do serviço militar obrigatório fosse popular no país, como expressão do orgulho pessoal da Alemanha hostil ao Tratado de Versalhes, Hitler não ousou, como fora até então seu hábito em operações semelhantes, associá-la a um plebiscito.

Tudo dependeu, então, da reação das potências signatárias de Versalhes àquela evidente ruptura do tratado. Depois de algumas horas de incerteza, Hitler viu seu golpe de audácia dar certo. O governo inglês protestou solenemente, mas ainda perguntou, em sua nota, se Hitler ainda tinha a intenção de receber seu ministro do Exterior: para o governo alemão, essa nota foi "uma notícia sensacional e positiva", [19] segundo a expressão de um dos homens que participaram das negociações. Além do mais, a França e a Itália estavam prontas a agir com mais energia e convocaram para meados de abril as três potências para uma conferência em Stresa, no lago Maggiore. Foi sobretudo Mussolini quem insistiu para que se pusesse um fim nos avanços da Alemanha. Entretanto, os representantes da Inglaterra fizeram constar imediata e claramente que não tinham a intenção de impor sanções. Ficou tudo no plano das ideias. Resumindo suas impressões sobre a conferência, Mussolini declarou que essas consultas eram o último refúgio das indecisões face à realidade. [20]

Simon e Eden, quando chegaram, no fim de março, a Berlim, encontraram um Hitler mais seguro de si do que nunca. Ouviu com polida paciência e com boas maneiras as proposições de seus interlocutores, mas esquivou-se a qualquer decisão concreta. Depois de ter uma vez mais evocado a ameaça bolchevique e insistido sobre o pouco espaço vital da nação alemã, submeteu-lhes a proposta de um acordo geral, cuja primeira fase deveria ser o tratado naval já apresentado.

Tendo, entretanto, seus interlocutores recusado com alguma secura discutir

relações privilegiadas entre a Alemanha e a Inglaterra, e sobretudo sacrificar o estreito entendimento entre a Inglaterra e a França, Hitler viu-se em situação difícil para negociar. Sua grande ideia de aliança com a Inglaterra parecia ter fracassado, mas ele, mesmo assim, permaneceu inabalável. Só no dia seguinte as conversações deram-lhe nova ocasião, que ele utilizou para um audacioso blefe. Ante a demanda alemã de paridade de força aérea com a Inglaterra, Sir John Simon respondeu perguntando qual era a força atual da aviação alemã. Depois de ter fingido hesitar por alguns instantes, Hitler respondeu que a Alemanha já havia alcançado a paridade de forças.

A declaração causou estupefação e tirou o fôlego dos ingleses. Conforme o relato de um dos participantes de tais encontros, ninguém disse palavra durante alguns momentos. Os rostos refletiam a dúvida, a surpresa e a consternação. Foi o choque decisivo. Compreendeu-se então por que Hitler havia adiado a data das conversações até que viessem a público o rearmamento aéreo e a reintrodução do serviço militar obrigatório: não podendo conquistar a Inglaterra apenas pela sedução de seus argumentos, só podia dar um peso real a suas propostas através da ameaça e da pressão. São as armas que levam as pessoas a discutir, não a simpatia pessoal. Quando, pouco depois dessas conversas, Hitler esteve na embaixada britânica com Göring, Goebbels, Ribbentrop e alguns membros do gabinete, o chefe da casa, Sir Eric Phipps, já havia reunido no salão nobre as crianças, que levantaram o bracinho para Hitler na saudação alemã e esboçaram um tímido *Heil* . [21]

De todo modo, a impressão causada nos ingleses foi profunda. Embora houvesse ainda uma possibilidade de isolar Hitler quando o Conselho da Liga das Nações condenou, em 17 de abril, o rompimento do Tratado de Versalhes pela Alemanha e, por seu lado, a França concluiu um tratado de aliança com a União Soviética, os ingleses decidiram respeitar o calendário das conversações, fixado em Berlim, sobre o pacto naval. Segundo todas as evidências, Hitler viu nessa atitude uma decisiva confissão de fraqueza que quis explorar. Assim, recomendou a seu delegado especial em Londres, Ribbentrop, que abrisse as conversações no Foreign Office, a 4 de junho, com o ultimato de que a Inglaterra deveria aceitar a relação entre as esquadras alemã e inglesa 35:100. Não se tratava mais de uma proposta alemã, mas de uma decisão irrevogável do Führer, cuja aceitação era a própria condição para o início das conversações. Vermelho de raiva, Simon respondeu asperamente ao chefe da delegação alemã e abandonou a mesa de conferência.

Ribbentrop permaneceu inabalável e manteve suas condições. Presunçoso

e limitado, era incapaz de compreender a violência que impunha aos interlocutores quando, desde o início das conversações, pediu que aprovassem uma violação do tratado, precisamente o que haviam condenado no Livro Branco, depois na nota de protesto contra o serviço militar obrigatório na Alemanha, por fim na Conferência de Stresa e em último lugar no Conselho da Liga das Nações. Refutou todas as reservas inglesas "de forma categórica" (uma de suas palavras preferidas, a julgarmos pelo seu próprio relato). Falou de "uma proposta alemã de importância histórica", declarou "eterna" a duração do tratado e, quanto a uma objeção levantada sobre o assunto, respondeu que era indiferente discutir a mesma dificuldade no início ou no fim. [22] Os negociadores se separaram sem terem chegado a nenhum resultado.

A surpresa foi ainda maior quando os ingleses, dois dias mais tarde, solicitaram uma segunda entrevista, a qual foi aberta pelos ingleses com a declaração de que o governo britânico havia decidido aceitar as solicitações do chanceler do Reich como base das discussões posteriores entre os dois países sobre as esquadras. Como se as relações de confiança particular que Hitler procurava estabelecer com a Inglaterra já tivessem sido concretizadas, Simon declarou, afetando uma atitude de discreta cumplicidade, que haviam deixado passar alguns dias particularmente "por causa da situação na França, onde infelizmente os governos não eram tão estáveis quanto na Alemanha e na Inglaterra". [23] Alguns dias mais tarde, quando o texto do tratado não teve mais problemas e houve acordo, escolheram para assiná-lo, com um certo gosto pelo símbolo, a data de 18 de junho, aniversário da batalha de Waterloo, na qual os prussianos e os ingleses haviam vencido os franceses um século antes. Ribbentrop voltou à Alemanha consagrado como um grande homem de estado, "maior que Bismarck", declarou mais tarde o próprio Hitler, que considerava aquele dia como "o mais feliz de sua vida". [24]

Foi, com efeito, um sucesso extraordinário, que garantiu a Hitler tudo o que ele podia esperar à época. Do lado britânico, a posição foi destacar com insistência que a Inglaterra precisava de segurança e invocar a possibilidade de domar Hitler através de concessões. Todavia, pode-se perguntar se essa necessidade de segurança e essa vaga esperança podiam justificar uma iniciativa pela qual se sancionava uma política audaciosa de ruptura de tratado, se assim não se destroçava a solidariedade ocidental, se enfim não se impunha à situação política europeia um movimento que ninguém podia saber quando e como poderia parar. Tiveram razão de ver nesse acordo sobre as esquadras um "acontecimento para marcar época", cuja "importância como sintoma era infinitamente maior que o conteúdo em si". [25] O acordo naval firmou Hitler na convicção de que se podia obter absolutamente tudo pela

chantagem, e reforçou sua esperança de conseguir uma divisão do mundo baseada nessa grande aliança com a Inglaterra: esse pacto era “o começo de uma nova época”, dizia com ênfase. Acreditava firmemente que “os ingleses só procuraram um entendimento conosco neste terreno para atrair uma colaboração futura muito mais ampla. Uma aliança anglo-germânica será muito mais poderosa do que todas as outras forças”. Levando em conta a amplitude de suas ambições históricas, Hitler realizava muito mais que um gesto solene, ainda que vazio de conteúdo, quando, no início de setembro, aceitou receber, em Nuremberg, uma cópia da espada de Carlos Magno.

O acordo naval anglo-alemão teve porém outra consequência: confirmar a súbita mudança da situação europeia. Desde que Hitler fora nomeado chanceler do Reich, isto é, dois anos e meio antes, Mussolini, a despeito da fraternidade ideológica, manteve sempre uma política de reserva crítica quanto a Hitler e “conservou, diante dos elementos extraordinários e ameaçadores do nacional-socialismo, um sentimento crítico mais agudo do que a maioria dos políticos ocidentais”. [26] A satisfação pessoal que a vitória do princípio fascista na Alemanha causava não pôde silenciar a profunda inquietação de Mussolini em relação ao vizinho do norte, que possuía o dinamismo, a vitalidade e a disciplina, aquilo que ele tentava insuflar em seu povo com grande dificuldade. O encontro de Veneza reforçou seu ceticismo em relação a Hitler e, talvez pela primeira vez, despertou também o complexo de inferioridade que ele procurou cada vez mais compensar através de atitudes orgulhosas, empreendimentos imperiais, evocação de um passado remoto, e que acabou por arrastá-lo à sua funesta aliança com Hitler. Num discurso pronunciado pouco após o encontro de Veneza, Mussolini declarou, a propósito das ideias racistas de Hitler, que três milênios de história autorizam os italianos “a considerar com indiferença certas doutrinas elaboradas além dos Alpes pelos descendentes dos povos que ainda eram analfabetos na época de César, de Virgílio, de Augusto”. Segundo outra fonte, qualificou Hitler de “*buffone* ”, denunciou sua doutrina racial como “judia” e respondeu com dúvidas sarcásticas ao problema de saber se algum dia os alemães conseguiriam tornar-se “um rebanho racialmente puro (…) Segundo as hipóteses mais favoráveis, (…) serão necessários pelo menos seis séculos”. [27] Ao contrário da França ou mesmo da Inglaterra, mostrou-se em diversas ocasiões disposto a responder aos abusos de poder de Hitler no plano internacional através de medidas militares: a “melhor maneira de frear os alemães é reincorporar ao serviço militar a classe de 1911”. Quando assassinaram Dollfuss, enviou à fronteira do norte do país algumas divisões

italianas, garantindo por telegrama ao governo austríaco seu apoio na defesa da independência do país e autorizou a imprensa a exprimir conceitos bastante descorteses quanto a Hitler e aos alemães.

Agora, esperava o prêmio de boa conduta. Seus olhos caíram sobre a Etiópia, na ocasião chamada Abissínia, sonho imperialista italiano desde que, no fim do século XIX, uma tentativa de ampliação colonial da Eritreia e da Somália fracassou miseramente. Segundo seus cálculos, França e Inglaterra não deviam opor muita resistência, uma vez que precisavam da Itália na frente de defesa contra Hitler: Addis-Abeba, situada numa espécie de "terra de ninguém", não podia representar para esses países uma importância tão grande quanto Berlim. Interpretou a meia-aprovação que lhe deu Laval em janeiro, por ocasião de sua visita a Roma, como um sinal de discreto acordo. Já havia interpretado no mesmo sentido o silêncio dos ingleses em Stresa. Justificava, enfim, o empreendimento considerando que o acordo naval anglo-germânico havia aumentado o valor da Itália, principalmente aos olhos da França.

Utilizando escaramuças de fronteira artificialmente provocadas e conflitos nos oásis, excitou a opinião pública a favor de sua guerra colonial, empresa que não podia deixar de parecer singularmente anacrônica. Enquanto a França, preocupada em não ver se esboroar mais uma coluna de seu sistema de alianças, garantia-o com seu apoio passivo, Mussolini eliminou todas as tentativas de mediação por meio de um dos gestos cesáreos que habitualmente usava. Surpreendentemente, foi a Inglaterra que contrariou seus projetos. Depois de, em abril, ter recusado a opor-se por meio de sanções concretas aos distúrbios diversos provocados por Mussolini, exigiu, em setembro, sanções concretas contra ele e, a fim de demonstrar a energia de sua decisão, mandou sua esquadra para o Mediterrâneo. Mas desta vez quem não esteve de acordo foi a França, pois não desejava pôr em jogo seu entendimento com a Itália unicamente para apoiar a Inglaterra, que recém acabava de se mostrar, pelo acordo naval com Hitler, um aliado pouco firme, e isto, por sua vez, teve um efeito negativo sobre a Inglaterra, enquanto na Itália a indignação assumiu proporção tal que se falava com ribombância em uma guerra preventiva contra a Inglaterra, guerra denominada, por brincadeira, "Operação Loucura". Em suma, acordos e as amizades leais de vários anos andaram abertamente quebrados. Na França, a causa de Mussolini conseguiu, principalmente nos meios intelectuais, numerosos adeptos que tomaram partido a favor dos projetos expansionistas da Itália. Charles Maurras, grande porta-voz da direita francesa, ameaçava claramente de morte os parlamentares que pedissem sanções contra a Itália. A ironia dos derrotistas se deliciava com a frase

célebre: “*Mourir pour le Négus?* ” Em breve, a frase ia aplicar-se a Danzig. [28]

A atitude inglesa só podia se justificar, sobretudo para Hitler, se o governo britânico estivesse prestes a se opor com a maior energia ao ato de agressão de Mussolini e não temesse o risco de guerra. Mas a decisão inglesa não ia assim tão longe e, portanto, na realidade, só podia precipitar as catástrofes. Em todo caso, Mussolini podia considerar que o orgulho e a honra da Itália estavam provocados por essas ameaças e que a situação justificava a abertura das hostilidades. Em 2 de outubro de 1935, declarou guerra à Etiópia em uma manifestação de massa, retransmitida nas ruas e nas praças de todo o país a mais de vinte milhões de italianos apaixonadamente atentos: “Uma hora decisiva soou na história de nossa pátria (…) Quarenta milhões de italianos formando uma comunidade unida pelo mesmo juramento não deixarão tomarem seu lugar ao sol”. Bastaria fechar o canal de Suez ou pronunciar o embargo sobre o petróleo para deixarem num instante a expedição italiana fortemente equipada sem condições de guerra e para infligir à Itália uma derrota tão arrasadora quanto aquela sofrida quarenta anos antes no mesmo solo nas mãos do Imperador Menelik. O próprio Mussolini confirmou mais tarde que isso teria sido para ele “uma inimaginável catástrofe”. [29] Entretanto, a Inglaterra e a França recuaram, como os outros países, diante de suas decisões. Limitaram-se a meias-medidas cuja ineficácia reduziu ainda mais o prestígio que ainda restava às democracias e à Liga das Nações. Esta prudência tinha, sem dúvida, muitos motivos. Por exemplo, Benes, primeiro-ministro da Tchecoslováquia, advogado particularmente enérgico das sanções econômicas, prudentemente excluiu das medidas eventuais suas próprias exportações para a Itália.

As contradições internas da Europa deram a Mussolini uma liberdade de manobra quase ilimitada. Com brutalidade que inaugurava um novo modo de guerra propriamente desumano, o exército italiano, provido de armas modernas, utilizando até gases tóxicos, aniquilou um adversário mal preparado e quase desarmado. Também “exemplar” foi a maneira pela qual oficiais particularmente importantes, entre eles, os filhos de Mussolini, Bruno e Vittorio, vangloriavam-se, com insolente vulgaridade, de terem organizado com seus aviões de combate alegres “batidas” contra grupos de centenas ou de milhares de homens e de tê-los massacrado graças às suas armas de bordo e a bombas incendiárias. [30] A 9 de maio de 1936, o ditador italiano, do alto de sua sacada no Palazzo Venezia, pôde enfim coroar seu “triunfo sobre cinquenta nações” diante de uma multidão entusiasta quando proclamou o reaparecimento do Imperium “ sobre as colinas fadadas de Roma”.

Hitler manteve estrita neutralidade no caso da Abissínia, não só porque

tinha muitas razões para agastar-se com Mussolini. Bem maiores eram as consequências da aventura colonial de Mussolini sobre as concepções do Führer em política externa. Desde que a formulou, o fundamento de tal política era uma convergência de interesses com a Inglaterra e a Itália. Mas a crise estava pondo os dois aliados um contra o outro, e deixando Hitler diante de uma alternativa imprevista. [31]

Espantosamente, depois de hesitar muito tempo, decidiu-se enfim em favor da Itália e mandou-lhe matérias-primas, essencialmente carvão. Tomou tais decisões embora alguns meses antes tivesse saudado o acordo naval entre a Inglaterra e a Alemanha como o início de uma nova era. Seguramente, não foi ideologia que o levou a isso e, com toda a evidência, os motivos econômicos também não tiveram um papel essencial em sua decisão, mesmo exercendo uma certa influência. O decisivo, sem dúvida, foi que Hitler viu nesse conflito uma possibilidade de balançar a ordem geral tão dificilmente congelada. A lógica dessa conduta de exasperar crises exigia que ele apoiasse a parte mais fraca. Foi assim que, através de duas transações no verão de 1935, cercadas do mais absoluto segredo, entregou ao Negus material de guerra por um valor global de quatro milhões de marcos; nesse material havia trinta canhões anticarros que, evidentemente, abriram fogo contra o invasor italiano. Desse mesmo modo, agora apoiou Mussolini contra as potências ocidentais. [32]

A decisão, nesse sentido, lhe foi mais fácil, segundo diz um seu discurso secreto feito em abril de 1937, pelo fato de que Hitler não levava verdadeiramente a sério o engajamento da Inglaterra, uma vez que os princípios dos quais a Inglaterra se fazia paladina nada significavam para ele: integridade das pequenas nações, manutenção da paz, direito a autodeterminação, enquanto via no empreendimento de Mussolini lógica total e os princípios de sua própria política. Foi o mesmo erro que cometeu em agosto e setembro de 1939 e que não se pode separar de sua incapacidade de calcular diferentemente, não só à base das relações de força. A isto se acrescenta o fato de que, levado pelo sentimento exaltante de seus sucessos rápidos, sentia-se muito seguro de si para impor à aliança recém-concluída com a Inglaterra certas exigências, na medida em que ganhava um novo aliado, que, até o momento e apesar de todos os seus esforços, havia-se esquivado a ele quase com hostilidade.

Hitler não utilizou apenas a guerra da Abissínia para romper seu isolamento rumo ao sul da Europa. Aproveitou também a indecisão manifesta das potências ocidentais, bem como a paralisia da Liga das Nações, para um novo movimento de surpresa na sua política exterior: em 7 de março de 1936, tropas alemãs ocuparam a Renânia, desmilitarizada desde o Tratado de

Locarno. Pela lógica dos acontecimentos, essa atitude devia necessariamente ocorrer nesse exato momento; entretanto, conforme todas as evidências, veio de forma inesperada até para o próprio Hitler. Segundo alguns documentos, por volta de 15 de janeiro surgiu pela primeira vez a questão de saber se, em virtude da situação internacional, não seria preferível antecipar aquela ação, prevista para a primavera de 1937. [33] Hitler tomara sua decisão rapidamente, alguns dias mais tarde, porque Mussolini tinha-lhe feito saber por duas vezes e a breves intervalos que o espírito de Stresa estava morto e que a Itália não aprovaria nenhuma decisão que pudesse ser tomada contra a Alemanha. Ainda desta vez Hitler esperou uma ocasião que permitisse apresentá-lo ao mundo no papel do "ofendido" e acusar os adversários da vergonha que lhe era infligida.

O pretexto lhe foi dado pelo tratado de assistência franco-soviético, desde muito tempo em negociações, mas ainda não ratificado. Esse tratado era bem-vindo para a contraofensiva de Hitler, tanto mais que na própria França tinha sido objeto de longas controvérsias e despertara sérias preocupações muito além das fronteiras francesas, principalmente na Inglaterra. Para camuflar seus projetos. Hitler, em 21 de janeiro, concedeu uma entrevista a Bertrand de Jouvenel na qual declarava desejar uma reaproximação entre a Alemanha e a França, e afastou-se das declarações violentamente antifrancesas contidas no *Mein Kampf* . Explicava que em certa época a França e a Alemanha tinham sido inimigas: nesse meio-tempo os motivos do conflito haviam desaparecido. Jouvenel perguntou por que *Mein Kampf* , sempre considerado uma espécie de Bíblia política, continuava a ser reimpresso em sua forma primitiva. Hitler respondeu que não era um escritor que trabalhasse seu livro, mas um homem político: "Minhas correções, inscrevo-as no Grande Livro da História!" [34] Entretanto, quando a entrevista foi publicada, uma semana mais tarde, no jornal *Paris-Midi* , precisamente no dia em que a Câmara dos Deputados ratificava o tratado franco-soviético, Hitler considerou-se enganado no assunto. Exprimiu sua irritação a André François-Poncet, que viera visitá-lo a 2 de março: declarou-lhe, encolerizado, que o haviam tomado por um "idiota", que uma intriga política havia impedido que a entrevista fosse publicada na data prevista; nesse ínterim, suas declarações tinham ficado ultrapassadas — e que só restava esperar novas propostas da contraparte.

Da mesma data de 2 de março são as instruções preparadas por Blomberg para a ocupação da Renânia. Hitler estava muito consciente dos riscos que corria neste caso, e declarou mais tarde que as quarenta e oito horas que se seguiram à manhã de 7 de março foram "os momentos mais penosos de sua vida", aqueles em que suas tropas, aplaudidas pela população que lhes atirava

flores, cruzavam o Reno. Garantia não querer suportar outra prova desse tipo ao longo dos dez anos seguintes. Com efeito, a reconstrução da Wehrmacht apenas começara e foi sorte as coisas não terem tomado um aspecto mais sério, pois só dispunha de um punhado de divisões contra as da França e de seus aliados da Europa ocidental (no total quase duzentas), às quais seria preciso acrescentar as da União Soviética. Mesmo que Hitler não tenha tido na hora a crise nervosa de que falou mais tarde uma das testemunhas do caso, os nervos do ministro da Guerra do Reich, dotado de um temperamento mais sanguíneo, não suportaram a prova: pouco após o início das operações, e na expectativa da réplica francesa, ele aconselhou o recuo das tropas. “Se os franceses tivessem entrado na Renânia nessa ocasião”, confessou Hitler a seguir, “teríamos tido que nos retirar vergonhosamente. As forças militares de que dispúnhamos não teriam bastado para um arremedo de resistência”. [35]

Mas Hitler não hesitou em correr o risco, e sem dúvida tal decisão não era desligada do julgamento, sempre desfavorável, que fazia da França. Como quer que seja, usou de meios que já tinha experimentado para garantir o êxito da empreitada. Adiou até sábado a operação porque sabia que as autoridades ocidentais capazes de tomar uma decisão jamais o faziam durante os fins de semana. Acompanhou o rompimento dos tratados de Versalhes e de Locarno com garantias de “bom comportamento” e com enfáticas propostas de aliança, chegando a admitir um pacto de não agressão com a França por vinte anos e a volta da Alemanha à Liga das Nações. Novamente, segundo os processos democráticos, fez legitimar sua ação por um plebiscito onde o “sim” atingiu pela primeira vez a porcentagem de 99% “com que sonham todos os regimes totalitários”, [36] “o que causou grande efeito não só no país como no estrangeiro”, como ele próprio declarou mais tarde. Utilizou com plena consciência a tática da ação de surpresa, que fazia acompanhar de declarações lenitivas, e essa lucidez nas manobras aparece claramente em uma das observações que tomamos de suas *Conversações à mesa* , nas quais criticava a falta de energia de Mussolini em suas relações com a Igreja: “Eu entraria energicamente no Vaticano. Procuraria todo mundo e diria: ‘Desculpem-me, cometi um erro’. Mas então todos teriam partido!” Tinha razão em denominar de “era dos fatos consumados” o período em que sua tática impôs sua marca decisiva. [37]

No discurso ao Reichstag em que sustentou sua operação, ele aproveitou de maneira ao mesmo tempo demagógica e magistral as contradições, as angústias, os anseios de paz da Alemanha e de toda a Europa; evocou largamente “o horror da ditadura comunista internacional do ódio”, o perigo oriental que a França atirava para dentro da Europa. Pleiteou que se

arrancasse “ao domínio do contrassenso e da paixão todos os conflitos que opõem os povos e os estados e que fossem submetidos à luz calma de um ponto de vista mais elevado”. Quanto aos detalhes, justificou sua decisão mostrando que, segundo a concepção jurídica alemã, o tratado de assistência franco-soviético devia ser considerado um rompimento do Tratado de Locarno, pois era incontestavelmente dirigido contra a Alemanha. Apesar dos protestos dos franceses, a argumentação de Hitler não era totalmente desprovida de fundamento, [38] embora precisamente sua política enérgica de revisão dos tratados é que tenha levado a França, preocupada com sua própria segurança, a concluir o tratado. Como quer que seja, suas garantias e os motivos que deu para sua atitude não deixaram de fazer efeito. Soube-se então que, durante algum tempo, Paris havia pensado em responder militarmente mas recuou de uma mobilização geral, em virtude da atmosfera fundamentalmente pacifista da época. Por sua vez, a Inglaterra achou difícil entender a excitação francesa: na opinião inglesa, a Alemanha nada mais fazia que voltar ao seu “próprio quintal”. Quando Eden aconselhou o primeiro-ministro Baldwin a acalmar as preocupações francesas através de contatos entre os dois estados-maiores, obteve apenas esta frase como resposta: “Isto os rapazes não aceitam”. [39] Dentre os aliados da França, só a Polônia se mostrou pronta a intervir. Entretanto, desaconselhada pelo governo francês, que permaneceu passivo, acabou bastante embaraçada para encontrar razões aceitáveis aos seus preparativos de intervenção, conhecidos por Berlim.

Tudo se passou, pois, segundo o modelo das crises anteriores. A operação, realizada com a maior rapidez por Hitler, foi seguida de barulhentos protestos, consultas ansiosas e conferências (com ou sem a Alemanha), até que finalmente as palavras tivessem tirado toda a força aos protestos contra essa violação do direito. É verdade que o Conselho da Liga das Nações, que, em sua emoção, havia-se reunido precipitadamente em Londres para uma sessão extraordinária, declarou por unanimidade a Alemanha em rompimento de tratados, mas não deixou de assinalar com reconhecimento, e várias vezes, “a vontade de colaboração” proclamada por Hitler, e quase como se o voto do Conselho não fosse ditado senão por um capricho absurdo, apresentou propostas de conversações com quem acabava de romper os tratados. A decisão do Conselho exigia a criação de uma zona neutra, de vinte quilômetros de largura, na Renânia, e a renúncia, por parte da Alemanha, a ter pontos de fortificações nesse território. Hitler declarou laconicamente que não se curvaria a nenhum *diktat* : a soberania alemã não tinha sido restabelecida para se ver imediatamente limitada ou negada. As potências da Liga das Nações falaram pela última vez a linguagem do vencedor, que havia muito tempo não sabiam mais utilizar. Era esta a opinião do *Times* de Londres, que,

na qualidade de advogado de uma incansável política de reaproximação, via no comportamento de Hitler, segundo o título de seu editorial, a "possibilidade de construir algo novo".

Tais reações só podiam ser interpretadas como a confissão das potências ocidentais de incapacidade ou recusa de defender sua concepção de paz tal como definida no Tratado de Versalhes e depois dele. Já um ano antes, após as reações pouco enérgicas contra a volta do serviço militar obrigatório na Alemanha, François-Poncet exprimiu sua preocupação de que Hitler ficasse convencido de que "doravante podia se permitir tudo e impor sua lei à Europa". [40] Encorajado pelo entusiasmo de seu próprio povo e ao mesmo tempo pelo egoísmo dos adversários, Hitler continuou a ir cada vez mais longe em sua corda bamba. De volta da viagem triunfal através da Renânia desocupada, e depois de um discurso transmitido pelo rádio, pronunciado diante da catedral de Colônia, precedido do som de sinos e seguido de ações de graças, Hitler exprimiu novamente a seus íntimos, no trem que o reconduzia a Berlim, o alívio que lhe inspirava a decisão dos adversários: "Como estou feliz, meu Deus, como estou feliz que tudo tenha corrido bem! O mundo pertence aos que têm coragem: Deus lhes ajuda!" Durante a viagem através da Renânia mergulhada na noite, passando ao longo de altos-fornos, de montes de escória industrial, de torres e guindastes, foi tomado por uma dessas crises de exaltação que despertavam nele o desejo de ouvir música. Pediu que tocassem um disco de Wagner e, depois do prelúdio de *Parsifal* , declarou: "É sobre *Parsifal* que erijo minha religião. O serviço de Deus sob uma forma solene (…) sem afetação de modéstia (…) Só se pode servir a Deus com as roupagens do herói". Entretanto, por mais embalado que estivesse pelos sucessos quase inacreditáveis, por mais aturdido que estivesse pela alegria, mantinha ainda alguns dos obscuros pressentimentos que haviam marcado o início de sua carreira. Era pouco capaz de dar provas de generosidade e de sangue-frio na felicidade. Comprova-o a observação que fez logo depois de ter ouvido a marcha fúnebre do *Crepúsculo dos Deuses* : "Eu a ouvi primeiro em Viena. Ainda me lembro como se fosse ontem de minha perturbação quando, ao voltar para casa, tive de passar diante desses judeus vestindo caftãs e falando iídiche. Não se poderia imaginar contradição mais insuperável. O mistério sublime do herói morrendo e aquela sujeira judia!" [41]

No início, a ocupação da Renânia modificou apenas as relações de força reais das potências europeias. Mas dava a Hitler mais liberdade a oeste, liberdade de que necessitava para realizar seus objetivos, agora cada vez mais ao alcance, na Europa de leste e sudeste. Logo que a emoção suscitada pela

ocupação da Renânia se acalmou, ele começou a estabelecer uma sólida linha de defesa ao longo das fronteiras ocidentais da Alemanha. O rosto da Alemanha se voltava para o leste.

Essa virada para leste necessitava, em sua preparação psicológica, que a população tomasse consciência da ameaça comunista. Como se Hitler comandasse o desenrolar da história, novamente as circunstâncias vieram ajudá-lo. A tática da Frente Popular, decidida desde o verão anterior pela Internacional Comunista, teve seus primeiros êxitos espetaculares em fevereiro de 1936 na Espanha e pouco depois na França, quando a vitória eleitoral da esquerda francesa favoreceu essencialmente os comunistas, cujas cadeiras passaram de 10 para 72. Em 4 de junho de 1936, Léon Blum formava um novo governo de Frente Popular. Seis semanas mais tarde estourava a guerra civil espanhola, iniciada por uma revolta militar no Marrocos.

Ao pedido de ajuda do governo espanhol ao Front Populaire francês e à União Soviética, o chefe dos rebeldes, general Franco, replicou com um pedido semelhante à Alemanha e à Itália. Acompanhados por um oficial espanhol, dois funcionários nacional-socialistas partiram da cidade marroquina de Tetuán para Berlim, a fim de entregar as cartas pessoais de Franco a Hitler e a Göring. Mas os ministros do Exterior e da Guerra recusaram-se a receber a delegação de maneira oficial. Mas Rudolf Hess decidiu levar os três visitantes até Hitler, que estava em Bayreuth, no festival anual. Na euforia do momento, mesmo sem que os ministros tivessem sido previamente consultados, foi tomada a decisão de apoiar ativamente Franco. Göring, na qualidade de comandante da Luftwaffe, e von Blomberg receberam imediatamente instruções nesse sentido. A medida tomada, e que foi talvez decisiva, consistiu em expedir prontamente algumas esquadrilhas de Junkers Ju 52 com auxílio dos quais Franco pôde fazer suas tropas atravessarem o Mediterrâneo e instalar cabeças de ponte no continente espanhol. Durante os três anos seguintes, Franco teve apoio alemão constando de material de guerra, técnicos, conselheiros e, principalmente, da célebre “Legião Condor”. É certo, porém, que o auxílio alemão não teve influência substancial no desenrolar das operações, e permaneceu muito inferior à ajuda prestada a Franco por Mussolini. Os documentos referentes a este assunto fornecem-nos informações notáveis: [42] ainda desta vez Hitler adotou uma atitude unicamente tática e deu testemunhos de uma frieza e de uma razão estranhas a qualquer ideologia: durante anos nada fez para provocar a vitória de Franco e fez tudo para manter o conflito aberto. Só as situações de crise podiam dar-lhe todas as oportunidades, já o sabia. Só as tomadas de posição a

respeito de interesses verdadeiros que toda situação crítica exige, as mudanças de estado de espírito; as rupturas, as reorientações oferecem pontos de apoio à imaginação política. O verdadeiro proveito que Hitler podia tirar da guerra da Espanha, e que efetivamente tirou graças a hábeis manobras, esteve, pois, nas transformações que essa guerra introduziu no imobilismo das relações europeias.

Ao lado dessa vantagem todas as outras empalideciam, mesmo se considerarmos aproveitáveis as possibilidades assim dadas à Luftwaffe e às forças Panzer para se exercitarem. Mais decisivo ainda foi o peso da superioridade pela primeira vez demonstrada no confronto entre todos os sistemas políticos rivais. O conjunto do mundo civilizado gritou de indignação contra o canhoneio do porto de Almeria ou o bombardeio da aldeia de Guernica; a esse grito juntou-se um arrepio de respeito perverso pela energia inumana com a qual a ameaça comunista foi desafiada e arrasada: em um nível mais elevado, era a experiência da fascinação que o terror exerce sobre as massas que Hitler já havia feito nas salas de reuniões políticas das cervejarias.

Logo se pôde distinguir a direção a que a guerra ia arrastar a conjuntura europeia; aliás, ela repetia características já muito familiares. Sem dúvida, é exato que o antifascismo criou sua legenda nos campos de batalha da Espanha. [43] Quando a esquerda, dividida em numerosas facções e igrejinhas e esgotada pelos conflitos internos, encontrou-se no seio das Brigadas Internacionais numa batalha comum, deu provas da força e da sobrevivência dos velhos mitos. Entretanto, a tese do poder real da esquerda e do perigo que ela representava nunca foi mais do que uma lenda e, nesse sentido, desempenhou um papel cheio de consequências: mobilizou e uniu as forças da oposição.

Tal foi o resultado obtido por sua intervenção na Espanha, apesar de todas as derrotas: a luta das esquerdas levou a uma união definitiva as potências fascistas que ainda hesitavam em se aproximar. Essa união resultou na proclamação por Mussolini do “Eixo Roma-Berlim”, em 1º de novembro de 1936. O “eixo” se apresentava como um elemento da nova ordem triunfante; em torno dele turbilhonavam em círculos fugitivos as democracias decadentes e os sistemas desumanos e terroristas da esquerda. Só a partir desse momento existiu um fascismo internacional dotado de um centro prestigioso e resplandecente. Pela primeira vez, também, começa a delinear-se a constelação das forças que iriam participar da Segunda Guerra Mundial.

Apesar de todos os impulsos externos, essa aliança não surgiu sem

dificuldades e sem retrocessos. Tanto do lado italiano quanto na Alemanha manifestavam-se sérias reservas contra um estreito entendimento entre os dois países. Bismarck havia declarado outrora que não se podia manter uma política comum com o país meridional tão versátil na amizade quanto na hostilidade. Durante a Primeira Guerra Mundial essa observação foi tida como verdade incontestável e uma aliança com a Itália teria parecido tão pouco plausível à opinião pública quanto uma aliança com a Polônia, por exemplo. Sem dúvida, tais sentimentos não iam tão longe quanto supunha Mussolini, quando, em dezembro de 1934, disse a Ulrich von Hassel, então embaixador da Alemanha em Roma, sentir que nenhuma guerra seria tão popular na Alemanha quanto uma guerra contra a Itália. Como quer que fosse, estava-se sempre pouco inclinado a dar fé às garantias de Ciano, segundo as quais a Itália fascista havia renunciado a procurar de qualquer maneira a sua vantagem e não era mais uma “prostituta das democracias”, [44] como afirmava uma frase injuriosa antes muito difundida.

O que uniu estreitamente, apesar de todos os obstáculos, as relações entre a Alemanha e a Itália foi na verdade a simpatia pessoal que nasceu entre Hitler e Mussolini depois da primeira impressão negativa de Veneza. Eram profundamente semelhantes um ao outro, apesar de todas as diferenças de detalhe, embora a mobilidade, a extroversão de Mussolini, seu bom senso muito real, sua espontaneidade, seu generoso gosto pela vida estivessem em chocante contraste com a solene rigidez de Hitler. À vontade de poder, à sede de grandeza, à irritabilidade, às fanfarronadas cínicas, ao gosto pelo “teatral” de um correspondiam, no outro, traços na verdade muito próximos. Mussolini se sentia o irmão mais velho e gostava de fazer prevalecer, não sem tomar atitudes protetoras, a anterioridade do fascismo ante o nazismo. Como quer que seja, numerosos dirigentes do nacional-socialismo puseram-se a ler Maquiavel. No seu escritório da Casa Parda, Hitler tinha um grande busto do ditador italiano e, num gesto de respeito nada habitual nele, designou Mussolini o “chefe de estado mais importante do mundo, ao qual ninguém podia se comparar, nem de longe”, quando da visita do ministro italiano do Exterior a Berchtesgaden. [45]

Mussolini considerou com reserva e ceticismo as tentativas de sedução de Hitler. Não era apenas um temor profundamente enraizado do “germanismo” que o levava a tamanha prudência: também os interesses de seu país caminhavam numa direção oposta. Sem dúvida, a potência da Alemanha e sua atitude diversionista ajudaram-no a conquistar seu império colonial na África Oriental, embora ela nada pudesse fazer pelo reforço e a defesa do império. Em troca, era-lhe importante garantir as bases de novas conquistas por meio

de uma política de entendimento com as potências ocidentais. Estas não eram mais que considerações políticas, contudo: ante a imagem de Hitler, cujo poder de repente começou a aumentar na Europa, Mussolini não quis apenas fazer política, mas também história, ter seu quinhão naquele impulso de grandeza, desenvolver o mesmo dinamismo, despertar a mesma fé, satisfazer a antiga "nostalgia da guerra", [46] viver a auto-exaltação plena do sentido de destino. A sombria figura do ditador alemão podia lhe parecer inquietante e estranha. Mas a audácia com que Hitler, contra todos os cálculos, contra todo bom senso, abandonou a Liga das Nações, com que proclamou o restabelecimento do serviço militar obrigatório, com que desafiou o mundo e movimentou as relações congeladas que as nações da Europa mantinham entre si, tudo isso atormentava Mussolini e se impunha a ele – tanto mais que era exatamente essa a política "fascista" de estrondo, mas desta vez posta em prática por aquele que fora em Veneza um convidado tão desajeitado. Preocupado com sua própria glória, Mussolini começou a considerar uma aproximação.

Hitler afastou o obstáculo mais sério com uma manobra tática: convencido de que tudo poderia se arranjar depois entre amigos, cedeu na questão austríaca. Em julho de 1936, concluiu um acordo com Viena pelo qual reconhecia antes de tudo a soberania da Áustria, comprometia-se solenemente a não intervir nos assuntos do país e obtinha em troca "a garantia" de que não mais seria vedado aos nacional-socialistas assumir responsabilidades políticas. Compreende-se que Mussolini tenha considerado esse tratado um êxito pessoal. Entretanto, ainda teria podido recuar ante a ideia de uma aliança mais estreita com a Alemanha se as circunstâncias não lhe tivessem sido particularmente favoráveis. Em junho, os países membros da Liga das Nações retiraram sua moção de sanção contra a Itália (moção que aliás não tinha recebido muitos votos) e, portanto, abandonavam a Abissínia a seu conquistador, não sem confessar aí sua derrota. Ao mesmo tempo, Mussolini podia afirmar mais energicamente na Espanha o sentimento de sua própria importância: as forças que lá ele mantinha ultrapassavam de longe as de Hitler, e a Itália aparece desde então como a primeira potência fascista. Quando Hans Frank o visitou em setembro, e, prodigalizando as garantias mais elogiosas quanto à situação preponderante da Itália no Mediterrâneo, transmitiu-lhe um convite de Hitler e submeteu-lhe enfim a proposta de uma colaboração mais estreita, Mussolini respondeu novamente com muitas reservas, mantendo sua majestosa indolência de grande homem. Um mês mais tarde, porém, enviou à Alemanha, em viagem de reconhecimento, o conde Ciano, seu genro e ministro do Exterior. Pouco depois chegaram Tulio Cianetti, Renato Ricci e milhares de "batedores". Finalmente, em setembro de

1937 partiu o próprio Mussolini para a Alemanha.

Em homenagem a seu hóspede, Hitler lançou mão de todo o fausto da pompa teatral de que o regime era capaz. As decorações, conforme afirmou o *gauleiter* de Munique Wagner, foram desenhadas pelo próprio Führer ou deveram-se a sugestões dele. Bustos de imperadores romanos formavam ala para acolher Mussolini e punham o *Duce* e novo Fundador do *Imperium* na augusta sucessão de ancestrais da história europeia do estado. No primeiro encontro, Hitler conferiu-lhe não só as mais elevadas ordens alemãs, como também um distintivo de ouro do partido, distinção suprema que até então era o único a usar. A conselho do diretor teatral Benno von Arent, haviam edificado em Berlim uma quilométrica aleia triunfal que ia da Porta de Brandemburgo até o Westend e formava um impressionante cenário teatral, naquele dia cheio de cortinados, guirlandas, buquês de flores artisticamente atados, feixes de varas dos lictores, suásticas e outros símbolos. Pilares brancos e iluminados, colocados de cada lado da aleia, traziam as marcas dos dois regimes. Na avenida Unter den Linden haviam erigido colunas encimadas pelas águias douradas do Reich. Para a noite, os diretores teatrais imaginaram jogos de luzes reproduzindo as cores da Itália, verde, branco, vermelho, e a bandeira da cruz gamada. Depois do primeiro encontro, Hitler havia se despedido de Mussolini para revê-lo, segundo o programa, na entrada triunfal do ditador italiano em Berlim. Entretanto, quando o trem especial do ditador italiano atingiu os subúrbios da cidade, ele teve a surpresa de ver o trem de Hitler aparecer na via férrea paralela. Com os vagões lado a lado, este acompanhou o *Duce* no último trecho da viagem, antes de acelerar imperceptivelmente e tomar a dianteira. Quando Mussolini entrou na estação de Heerstrasse, seu anfitrião já o esperava no lugar previsto e avançou para lhe estender a mão e saudá-lo. Ele entrou na capital do Reich de pé, ao lado de Hitler, num carro aberto, e ficou profundamente impressionado pela evidente sinceridade das homenagens que lhe eram prestadas. Visitas, banquetes e manifestações diversas sucederam-se. Durante exercícios militares em Mecklemburgo, apresentaram-lhe as mais recentes armas da Wehrmacht; em Essen, na fábrica Krupp, demonstraram-lhe o poderio da indústria de armamento da Alemanha. À noite de 28 de setembro, no Maifeld, não longe do estádio olímpico, ocorreu uma "demonstração dos dois povos de 115 milhões". Nessa ocasião, Hitler lisonjeou o orgulho de homem de estado de seu convidado: afirmou que Mussolini era "um desses homens tão raros que fazem a própria história em vez de a história se servir deles". Visivelmente subjugado pelo brilho e pela força do espetáculo que lhe apresentaram durante esses dias, o *Duce* , num discurso pronunciado em alemão, opôs aos "ídolos falsos e mentirosos de Genebra e de Moscou" a

“verdade incontestável”— amanhã a Europa seria fascista. Antes que pudesse terminar o discurso, uma tempestade de vento com chuva torrencial dispersou a multidão tomada de pânico, de modo que Mussolini teve a surpresa de ficar só. Ciano observa ironicamente que no Maifeld “a coreografia foi completa: muita emoção e muita chuva”. Mussolini teve que voltar para Berlim molhado até os ossos. A impressão que conservou de sua visita à Alemanha permaneceu para ele inesquecível.

“Eu o admiro, Führer!”, declarou ele em Essen diante de uma enorme peça de artilharia até então mantida no mais rigoroso segredo, mas é certo que esse sentimento era recíproco. Por menos capaz que ordinariamente Hitler tenha sido de sentimentos sinceros, manifestou pelo ditador italiano uma atração estranhamente profunda. Apesar das decepções que lhe reservavam os anos vindouros, permaneceu fiel ao sentimento de que Mussolini foi um dos raros homens com quem teve relações tão desprovidas de mesquinharia, de cálculo ou de inveja. Nesse sentido, não é sem importância que Mussolini, tal como ele, fosse originário de um meio modesto que o liberava do embaraço que sentia em quase toda parte na Europa diante dos representantes das antigas classes burguesas. Depois do fracasso de Veneza, o entendimento entre ambos foi espontâneo. Contando com essa confiança, Hitler não havia reservado mais do que uma hora de conversações políticas no programa da visita. Mussolini tinha, sem dúvida, uma certa faculdade de discernimento e de perspicácia política, mas o estilo pessoal de Hitler na política exterior, o método de conversas diretas, de apertos de mão, de palavras viris, tudo isso conquistou Mussolini, que a partir daí entregou-se cada vez mais à influência de Hitler: como tantos outros, acabou desarmado, diminuído e enfim devorado. Desde o minuto em que fez concessões políticas por causa de bajulações e de grandiosos efeitos teatrais já estava perdido, e o fim sem glória pendurado no posto de gasolina da Piazzale Loreto, oito anos mais tarde, já era previsível. O essencial para Mussolini teria sido, apesar do parentesco ideológico, jamais esquecer a diferença fundamental dos interesses entre um país fraco, um país no fim das forças, e uma grande potência em plena expansão. Até que ponto, sob a influência estimulante dessa visita, passou do terreno da política pura ao da amizade, cedendo ao destino, é o que revela uma das frases-chave de seu discurso de Berlim, uma máxima tirada de sua moral fascista pessoal: quem tinha encontrado um amigo devia “caminhar com ele até o fim”. [47]

Com espantosa rapidez, Hitler conseguiu realizar um de seus projetos de aliança. Pela primeira vez na história moderna, as mesmas concepções ideológicas levavam dois estados a criarem “uma comunidade de ação (…)

mas, contrariamente a todas as previsões de Lênin, não eram dois estados socialistas e sim dois estados fascistas”. [48] De agora em diante surgia o problema de saber se, depois de uma aliança baseada tão ostensivamente em identidades ideológicas, Hitler ainda conseguiria ganhar o outro parceiro de seus sonhos, a Inglaterra, e saber se, mesmo do ponto de vista de seus próprios objetivos, já não teria dado o primeiro passo que lhe seria fatal.

❖ ❖

Pouco depois da entrada na Renânia, Hitler fizera uma nova tentativa de ganhar a Inglaterra para sua causa. Nessa ocasião, como já havia feito antes, não utilizou os serviços do Ministério do Exterior, obrigado a desempenhar apenas o papel de administração técnica dos negócios correntes da política exterior. Realizou seus objetivos essenciais sobretudo com o auxílio dos encarregados de missões especiais. Joachim von Ribbentrop, inicialmente comerciante de bebidas, tornou-se, depois da feliz conclusão do tratado sobre as forças navais, a grande vedete, o diplomata de grande talento, o especialista de todos os problemas referentes à Inglaterra. Foi a ele que Hitler confiou a tarefa de conduzir seus projetos de política exterior, começando pela aliança com a Inglaterra.

Tal escolha não poderia ter sido mais infeliz nem mais significativa. Nenhuma das personalidades do Terceiro Reich reuniu sobre si tantas opiniões desfavoráveis. Tanto os amigos quanto os inimigos sempre concordaram em negar-lhe a menor qualidade que pudesse despertar simpatia, bem como qualquer competência. O favor e a proteção que este executivo limitado encontrou da parte de Hitler a partir do verão de 1935 mostram claramente como o Führer, desde esse momento, só precisava de simples instrumentos e buscava aduladores servis. A enganosa suficiência que Ribbentrop mostrava em público correspondia à subserviência em suas relações pessoais com o Führer. Tal como se apresentava, com o rosto preocupado e aureolado de terríveis nuvens políticas, Ribbentrop era a própria imagem do pequeno-burguês que, graças às transformações das classes sociais, conseguiu sua ascensão e soube dar a marca grandiosa do destino a seus ressentimentos e a sua predileção pelas grandes catástrofes. Sobre as dragonas do uniforme diplomático de fantasia que mandou desenhar, fez bordar um globo terrestre encimado pela águia do Reich.

Ribbentrop dirigiu-se ao primeiro-ministro inglês Baldwin através de um intermediário e sugeriu um encontro pessoal com Hitler: o resultado das conversações “determinaria o destino de várias gerações” e um êxito satisfaria “aos desejos mais profundos de toda a vida” do chanceler da Alemanha.

Baldwin era um grande contemporizador, fleumático, dotado de grande atração para todos os encantos da vida. Sabemos pelos seus íntimos que só com grande dificuldade conseguiram interromper seu carteado noturno para lhe explicar que impulso e que esperança os projetos de encontro suscitavam em todos os interessados em um compromisso. Entretanto, no início Baldwin manifestou pouco interesse pelas complicações que tais projetos deviam inevitavelmente acarretar. Fazia tão pouco caso de Hitler quanto do resto da Europa, de que bem pouco sabia, como observa Churchill com pertinência: e o pouco que sabia, aliás, não lhe agradava. Entretanto, já que o encontro devia ocorrer, pois bem, Hitler teria que ir em pessoa, pois Baldwin não gostava das viagens, nem de carro nem de avião. Também não precisariam organizar grandes cerimônias. Declarou a seus conselheiros entusiasmados que talvez Hitler pudesse vir no mês de agosto: poderiam então se encontrar nas montanhas, na região dos lagos de Cumberland. Os íntimos de Baldwin tiveram com que alimentar seu entusiasmo durante toda a noite. O relato termina: “Mais um copo e vamos dormir”. A seguir consideraram a possibilidade de um encontro num navio próximo à costa inglesa. Segundo o relato de um de seus ajudantes de campo, Hitler “estourava de alegria” com a ideia dessa visita iminente. [49]

Enquanto isso, profundas meditações deram ainda maior amplidão aos projetos de aliança de Hitler, que incluíam agora o Japão. Ele havia mencionado esse país do Extremo Oriente pela primeira vez na primavera de 1933, como parceiro eventual de suas alianças ao lado da Inglaterra e da Itália. Apesar de todas as incompatibilidades raciais, o Japão representava no Extremo Oriente uma espécie de variante da Alemanha: um país sofrendo certos atrasos, disciplinado mas insatisfeito. Além disso, o Japão quase encostava na Rússia. De acordo com os novos projetos de Hitler, a Inglaterra devia permanecer neutra no leste da Europa e na Ásia oriental: a Alemanha e o Japão associados, com suas retaguardas protegidas, poderiam atacar a União Soviética a leste e a oeste e arrasá-la. Assim, os dois países não só livrariam o Império Britânico de uma grave ameaça, como também livrariam a ordem estabelecida, toda a velha Europa, de seu inimigo jurado, e ainda por cima garantiriam à Alemanha o espaço vital de que ela necessitava. Era, pois, o projeto de uma aliança mundial contra a União Soviética que perseguia Hitler havia dois anos, e que ele queria tornar aceitável a seu parceiro inglês. Foi esse projeto que ele submeteu a Lord Londonderry e a Arnold Toynbee no início do ano de 1936.

Ainda hoje não sabemos com certeza por que o projeto de encontro com Baldwin acabou fracassando. É verdade que a enérgica oposição de Eden

desempenhou um papel considerável nesse fracasso. Embora, a acreditarmos nos seus íntimos, Hitler tenha ficado “extremamente desapontado” [50] ante a recusa que os ingleses opuseram à sua quarta tentativa de aproximação, não abandonou seu projeto. No verão de 1936, nomeou Ribbentrop embaixador da Alemanha em Londres, no lugar do falecido Leopold von Hoesch. Sua missão consistia em transmitir aos ingleses a proposta de uma “sólida aliança”, na qual “a Inglaterra teria apenas que deixar a Alemanha com as mãos livres no leste”. Segundo as palavras de Hitler a Lloyd George, era “a última tentativa” para fazer a Inglaterra compreender os objetivos e as necessidades da política alemã. [51]

A tentativa veio com uma nova campanha contra o comunismo, contra “o velho adversário e inimigo da humanidade”, segundo a fórmula significativamente teologizante empregada por Hitler. [52] A guerra civil espanhola havia enriquecido sua retórica de uma série de novas imagens e de novos argumentos. Evocava, assim, o “massacre maciço e brutal de oficiais nacional-socialistas, das mulheres desses oficiais embebidas em gasolina e queimadas vivas, do massacre de crianças nascidas de pais nacional-socialistas”. Predizia infortúnios semelhantes à França, que havia dado o passo que a levara à Frente Popular: “A Europa soçobrará num oceano de sangue e de lágrimas, profetizava, a cultura europeia, que conta hoje 2.500 anos de história, essa cultura, fecundada por uma antiquíssima pré-história, será substituída pela barbárie mais cruel de todos os tempos”. Nessas imagens apocalípticas que apreciava particularmente, ele se apresentava ao mesmo tempo como fortaleza e refúgio: “O mundo inteiro pode arder em torno de nós, o estado nacional-socialista sairá intacto como a platina do incêndio ateado pelo bolchevismo”. [53]

A campanha pregada durante vários meses não atingiu o efeito desejado. Os ingleses seguramente estavam conscientes da ameaça comunista. Entretanto sua fleuma, seu sangue-frio e sua desconfiança quanto a Hitler foram mais fortes do que seu medo. De qualquer modo, em novembro de 1936, Berlim conseguiu concluir vitoriosamente os esforços empenhados para conquistar os favores do Japão: foi a conclusão do Pacto Anticomintern. O tratado previa medidas de defesa comum contra as atividades comunistas, obrigava os signatários a não entrar em nenhum acordo político com a União Soviética e, em caso de um ataque provocado pela União Soviética, a não tomar nenhuma medida que pudesse facilitar a situação desse país. No conjunto, Hitler esperava que o poderio do triângulo formado pela Alemanha, a Itália e o Japão pudesse dar algum peso à campanha de sedução dirigida à Inglaterra. De qualquer maneira, a partir do ano de 1936, Hitler deixou de

excluir de seus projetos uma guerra contra essa Inglaterra que havia cortejado tanto quanto ela se mostrava rebelde. [54]

Do ponto de vista psicológico, tal transformação se devia ao sentimento de importância dos alemães que os sucessos recentes vinham aumentar. “Voltamos a ser uma potência mundial”, afirmava Hitler a 24 de fevereiro de 1937, na festa de aniversário da fundação do Partido, na Hofbräuhaus de Munique. Percebem-se em todos os discursos da época novas inflexões, em que se misturam a provocação e a impaciência. No impressionante balanço dos sucessos obtidos em quatro anos de governo, tal como os apresentou ao Reichstag em 30 de janeiro, Hitler acrescentou a retirada “soleníssima” da assinatura alemã do Tratado de Versalhes, imposta em condições discriminatórias. Em seguida, cobriu de sarcasmos “o esperanto da paz, do entendimento entre os povos” que a Alemanha desarmada havia falado durante anos: “Revelou-se precisamente que essa língua não é muito bem compreendida no plano internacional (…) Só depois que temos de novo um grande exército é que se entende de novo o que dizemos”. Referindo-se à velha imagem de Lohengrin, o cavaleiro branco em quem Hitler gostava de se reconhecer, declarou: “Nós iremos através do mundo como um anjo enamorado da paz, mas vestidos com uma couraça de bronze e ferro”. [55] Tais convicções deram a segurança necessária a suas manifestações de mau humor. É certo que durante a primavera fez nova tentativa de se aproximar da Inglaterra, oferecendo uma garantia para a Bélgica. Ao mesmo tempo, de certa forma insultava o governo inglês ao suspender bruscamente a visita de von Neurath já anunciada em Londres. Quando Lord Lothian teve com ele uma segunda entrevista, em 4 de maio de 1937, Hitler mostrou abertamente seu mau humor, criticou violentamente a política inglesa, acusou-a de incapaz de reconhecer o perigo comunista ou de compreender seus próprios interesses. Ele próprio sempre fora “pró-inglês”, mesmo quando era apenas “escritor”. Uma segunda guerra entre os dois povos implicaria o desaparecimento das duas potências da história e seria tão inútil quanto ruinosa. E ofereceu uma colaboração à base dos interesses recíprocos claramente definidos. [56] Ainda uma vez esperou por seis meses uma resposta de Londres. Como ela não chegasse, começou a rever seus planos.

Mesmo se no plano ideal com que sonhava Hitler uma das condições essenciais não estava preenchida, em larga medida ele já havia atingido seus objetivos: a Itália e o Japão estavam ganhos; a Inglaterra titubeava atingida em seu prestígio e a França revelava toda a sua fraqueza. Não menos importante, reduzira a nada o princípio da segurança coletiva e restabelecera o

egoísmo sagrado das nações como princípio político triunfante. Face ao rápido deslocamento das relações de força, a incerteza dos pequenos países tornou-se mais sensível e acelerou a decomposição da frente dos adversários de Hitler. Depois da Polônia, a Bélgica também deu as costas à aliança francesa que se tornava impotente. A Hungria, a Bulgária e a Iugoslávia modificaram sua política no mesmo sentido. Depois do golpe mortal que Hitler deu no sistema do Tratado de Versalhes, ressurgiram os inúmeros motivos de conflito que talvez Versalhes tivesse sufocado, mas não eliminado. Toda a Europa do sudeste se pôs em movimento e, como é óbvio, os homens de estado naturalmente admiraram Hitler, que havia vencido as fraquezas de seu país, acabado com as humilhações impostas a seu orgulho e amedrontado os vencedores de ontem. “Novo deus do destino europeu”, [57] Hitler tornou-se o ponto de convergência de inúmeras viagens de todos os estadistas da Europa. Seus conselhos e sua assistência adquiriram um peso novo. Os resultados assombrosos que obtivera pareciam demonstrar a superioridade de ação dos regimes totalitários: as democracias liberais ficavam desesperadamente para trás com seu palavrório, núcleos de autoridade numerosos demais, o sacrossanto fim de semana. O embaixador da França, François-Poncet, que tinha o hábito de encontrar os diplomatas dos países aliados ou países simplesmente amigos em jantares íntimos no luxuoso restaurante berlinense Horcher, contou que os participantes desses jantares tornavam-se cada vez mais raros a cada êxito de Hitler e que a assistência, que nem a *peau de chagrin* de Balzac, se reduziu como que por encanto. [58]

As consequências de tal estado foram ainda muito mais profundas na própria Alemanha: afastaram os últimos motivos de dúvida dos céticos e das personalidades hostis ao regime, cujo número, aliás, reduzia-se cada vez mais. Ivone Kirkpatrick, então adido à embaixada britânica de Berlim, descreveu os efeitos “devastadores” obtidos na Alemanha pelas “operações de fim de semana” de Hitler, possibilitadas pelas indecisões ocidentais: “Os alemães, que haviam aconselhado a prudência, viam agora sua opinião refutada e Hitler confirmava-se na convicção de que podia se permitir tudo. Além do mais, um considerável número de alemães se agrupou sob a bandeira nazista: os que se haviam oposto a ele apenas pelo temor de que o Führer arrastasse o país a aventuras catastróficas”. [59] Em vez disso, ele acumulava sucessos, ganhava em prestígio e respeito. A nação alemã, sempre perturbada na consciência que tinha de si, via-se finalmente representada por um homem que sabia exprimir suas reivindicações; sentia uma satisfação mordaz na política de “surpresas” que suscitava, a cada golpe de audácia, uma perplexidade sempre crescente entre os ainda poderosos vencedores da véspera. Uma necessidade elementar de reabilitação podia-se satisfazer assim.

Os sucessos internos do regime ainda mantinham essa necessidade. Esse país, que pouco antes conhecera todas as crises e todas as dificuldades possíveis da época de sua miséria nacional e social, viu-se subitamente admirado como um exemplo, e Goebbels, com inflexões características de autossatisfação, chamava a súbita metamorfose "o maior milagre do século XX". [60] Delegações vindas de todos os cantos do mundo estudavam as medidas tomadas pelos alemães para conseguir o avanço econômico, eliminar o desemprego, instalar um amplo sistema de garantias sociais. Estudaram a melhoria das condições de trabalho, as habitações, os restaurantes de empresa subvencionados, a preparação de estádios esportivos, a criação de parques, de jardins de infância, os concursos profissionais, ou os que as empresas organizavam, os centros de repouso para os trabalhadores etc. A maquete de um hotel popular de quatro quilômetros de comprimento, que deveria surgir sobre a ilha de Rugen e equipado com rede de metrô particular, destinado a permitir o deslocamento rápido dos dois mil hóspedes, obteve o grande prêmio da Exposição Universal de Paris em 1937. Mesmo observadores críticos estavam impressionados com tais realizações: numa carta enviada a Hitler, C.J. Burckhardt celebrava "a faustosa realização das auto-estradas do Reich e do Serviço do Trabalho". [61]

No grande discurso do Reichstag em 30 de janeiro de 1937, o próprio Hitler declarou que "o tempo das surpresas" terminara. As decisões seguintes repetiram com uma lógica perfeita as que haviam permitido as primeiras conquistas; e assim como o tratado com a Polônia dera a chave necessária para a agressão à Tchecoslováquia, o entendimento com a Itália criou a possibilidade de pensar na anexação da Áustria. Hitler tentou aproximar mais os poloneses mandando em visita ao país numerosos políticos, convidando poloneses à Alemanha, prodigalizando declarações de amizade, afirmando renunciar às pretensões naquele território. Enquanto mandava Göring em visita a Varsóvia a proclamar que a Alemanha renunciava às reivindicações sobre o Corredor, ele próprio declarava ao embaixador da Polônia em Berlim, Joseph Lipski, que a cidade de Danzig, tanto tempo objeto de disputa, estava ligada à Polônia e que nada seria mudado. [62] Ao mesmo tempo intensificava as relações com a Itália. Novamente com o auxílio de Ribbentrop, conseguiu obter a adesão da Itália ao Pacto Anticomintern, em novembro de 1937. O embaixador dos Estados Unidos em Tóquio, Joseph C. Grew, declarou em sua análise desse "triângulo na política mundial" que "as potências aí associadas não eram só anticomunistas: suas políticas e seus métodos também se opunham aos das chamadas potências democráticas". Tratava-se de uma coalizão dos estados que nada tinham visando "à modificação do *status quo* ". Em uma conversação anterior à cerimônia de assinatura, Mussolini declarou

significativamente a Ribbentrop que estava cansado de representar o papel do guardião da independência austríaca: o ditador italiano estava prestes a abandonar o *status quo* para corresponder a uma nova amizade. Não parecia pressentir que fazendo isso renunciava ao seu último trunfo. “Não podemos obrigar a Áustria à independência”, disse Hitler, e Mussolini ouviu a tirada sem protesto. [63]

No mesmo dia 5 de novembro de 1937, enquanto no Palazzo Venezia desenrolavam-se essas conversações com Ribbentrop, enquanto na chancelaria do Reich Hitler garantia ao embaixador da Polônia a integridade de Danzig, vieram ao gabinete de Hitler os comandantes da Wehrmacht e o ministro do Exterior, pouco depois das 16 horas. Num discurso de quatro horas mantido em segredo, Hitler lhes revelou seus “pensamentos basilares” — retomou ainda uma vez os antigos conceitos da ameaça racial, do receio pela própria vida dos alemães e da necessidade de espaço vital; para todos esses problemas “só via uma solução, que podia parecer utópica”, a conquista de novos espaços e a criação de um grande império mundial compacto, fechado. Após a tomada do poder, após os anos de preparação, tais ideias inauguravam, pois, com uma lógica espantosa, a fase de expansão.

21

Examinando a impessoa

Ele se ergue diante de nós, tal como uma estátua, já além das medidas do terrestre .

O *Völkischer Beobachter* sobre o aparecimento de Hitler em público, 9 de novembro de 1935

PODE SER IRRITANTE PARA AS concepções morais e literárias de quem examina a história desse tempo que só se trate dos sucessos e dos triunfos de Hitler. São, porém, os anos ao longo dos quais ele manifesta uma superioridade soberana, vai adiante no momento preciso, dá provas de paciência, ameaça, seduz, age tão bem que qualquer resistência cai diante dele, e concentra em si todas as curiosidades e todas as angústias de seu tempo. Tais dons ainda eram complementados por uma aptidão, única no gênero, para exibir seu poderio e seus sucessos com arrasadora grandeza e para fazer dessa "representação" um dos fatores mais impressionantes de sua popularidade.

Esses fatos correspondem à divisão notavelmente nítida da vida de Hitler em fases sucessivas. Sua vida é caracterizada por rompimentos tão brutais que às vezes é difícil encontrar os elementos de ligação entre as diferentes fases. Os 56 anos de sua vida não comportam apenas uma cesura entre os trinta primeiros anos sombrios, inexpressivos, antissociais e a segunda metade de uma vida política por assim dizer eletrizante. A própria segunda parte se divide em três fases claramente distintas. No início encontramos dez anos de preparação, de clarificação ideológica e de experiências táticas, sem que na verdade Hitler possa adquirir importância diferente da de um extremista marginal, mesmo que suas ideias sobre a demagogia e a organização política se revelassem particularmente férteis. Em seguida, vêm outros dez anos durante os quais torna-se a figura central de uma época e o observador o vê mover-se numa série ininterrupta de cenas de exaltação das massas e de histeria coletiva. Sensível ao caráter de conto de fada desse período e aos sinais que se afirmavam de que ele era um escolhido, Hitler declarou que essa fase "não fora apenas obra humana". [64] Finalmente, seis anos de erros grotescos, de enganos acumulados, de crimes, convulsões e delírios de destruição e morte.

Tudo isso leva a nos fixarmos um pouco na personalidade de Hitler. Seus contornos individuais permanecem pálidos e, por momentos, quase parece que Hitler resulte com maior nitidez da realidade estatal e social que ele criou, como se a estátua estilizada que no-lo apresenta em pomposa autorrepresentação política mostre mais de sua pessoa do que sua presença em carne e osso por trás dela.

Os fatos políticos desse período de sucesso foram acompanhados de um permanente fogo de artifício de representações grandiosas, cerimônias solenes, marchas com archotes e desfiles. Evidenciou-se muito cedo, e com razão, a estreita relação que se estabelece nos regimes totalitários entre a política interna e a política externa. Essa relação é evidentemente mais estreita ainda no capítulo da propaganda. Os dias comemorativos, os incidentes diversos, as visitas oficiais, a celebração das colheitas, a morte de um militante fiel, a conclusão ou o rompimento de um tratado, tudo deve contribuir para um cenário de exaltação perpétua e servir sem distinção ao desdobramento de todos os procedimentos psicotécnicos que visam essencialmente à integração mais profunda de um povo inteiro e à instauração de uma consciência de mobilização geral também permanente.

No estado hitlerista todos esses fatos são tão estreitamente ligados que às vezes se produz um deslizamento na hierarquia das importâncias, e a própria política parece perder sua primazia, tornar-se a servidora dos efeitos grandiosos do teatro do regime. Nas conversas sobre a construção da grande avenida triunfal da futura capital reconstruída do Reich, o próprio Hitler, por amor aos efeitos do gênero, chegava a imaginar um levante contra seu próprio regime. Num arrebatamento emocional, descreveu com exaltação a imagem da SS avançando em direção de seu próprio palácio em carros blindados, comparável a uma espécie de poderoso e irresistível rolo compressor na avenida de 120 metros de largura. [65] A despeito dele mesmo, sua natureza “teatral” reaparecia irresistivelmente e levava-o a subordinar os imperativos da política aos da demonstração teatral. Vemos sem hesitação possível, nessa mistura de elementos estetizantes e políticos, a marca das origens de Hitler, originário da boêmia burguesa, seu enraizamento permanente nesse meio.

O próprio estilo das manifestações nacional-socialistas remete-nos à mesma origem. Viu-se aí a influência da liturgia católica, apreciadora do fausto, da cor e do movimento. A herança de Richard Wagner e de seu excessivo ritual teatral também deixa marcas. Max Horkheimer assinalou o papel da pompa e do fausto para o mundo burguês: na suntuosidade digna da Ópera que os congressos do Partido exibiam, o teatro burguês chegava a suas últimas possibilidades. O imenso efeito dessas manifestações, que

reconhecemos ainda hoje nos filmes documentários, é inseparável dessa origem. Sir Nevile Henderson escrevia: “Passei seis anos antes da guerra em São Petersburgo, no melhor período dos balés russos, mas nunca vi um balé que se pudesse comparar a estes espetáculos grandiosos”. [66] Essa exibição revelava um sentido muito preciso do efeito da “grande entrada em cena” sobre a psicologia do homem da rua. As florestas de bandeiras, os archotes cintilantes, as colunas em marcha, a música que os precedia, tudo espalhava um encanto ao qual o espírito do tempo, ainda perturbado pelas imagens da anarquia, dificilmente podia resistir. A importância que Hitler dava a esses efeitos se manifesta no seu hábito de determinar pessoalmente todos os detalhes, mesmo os mais ínfimos, mesmo quando cerimônias gigantescas deviam conter, sem regras estéticas preestabelecidas, enormes massas humanas. Ele designava cada entrada em cena, a marcha de cada grupo e os detalhes das decorações compostas de flores e de bandeiras, até mesmo o lugar exato onde deviam sentar-se os convidados de honra.

Para poder apreciar o estilo das cerimônias do Terceiro Reich, é significativo e instrutivo que o talento de diretor teatral de Hitler só tenha podido utilizar toda a sua força de sugestão nas cerimônias fúnebres. A vida parecia paralisar as forças imaginativas e todos os esforços para celebrá-la não ultrapassavam o nível de um deplorável folclore cantando a felicidade de dançar sob as árvores, na folhagem primaveril, a felicidade de ter filhos, de seguir os costumes simples e antigos, enquanto funcionários impregnados do espírito folclórico acendiam lampiões. Por outro lado, seu temperamento pessimista retirava incansavelmente das cerimônias fúnebres efeitos deslumbrantes: sua demagogia, cujos efeitos eram sabiamente calculados, atingia a verdadeiros pináculos quando, na Königsplatz de Munique, ou na área dos congressos do partido em Nuremberg, percorria uma aleia triunfal para celebrar os mortos, apoiado na retaguarda por uma sombria música, cercado de centenas de milhares de homens. A concepção hitleriana de uma política estetizada encontrava sua verdadeira expressão nessas exibições, nessas espécies de encantamentos de Sexta-Feira Santa politizada, tal como se pôde dizer que a música de Richard Wagner fazia “propaganda da morte”. [67]

A predileção pelos espetáculos noturnos também fazia parte dessa sublimação estética da morte. Acendiam continuamente archotes, fogueiras, círculos em chamas que, segundo as afirmações dos técnicos em manejo das almas num regime totalitário, pretendiam celebrar a vida, mas que desvalorizavam-na por seus efeitos patéticos, tornando-a inseparável das visões do apocalipse, que sublimavam o arrepio provocado pelo incêndio dos mundos, evocavam catástrofes de que implicitamente o regime não estava

excluído.

A 9 de novembro de 1935, Hitler decidiu honrar os mortos da marcha para o Feldherrnhalle de Munique, que, pelo seu imenso desenrolar solene, se tornou o modelo do ritual dos anos seguintes. O arquiteto Ludwig Toost tinha mandado edificar, na Königsplatz daquela cidade, dois templos de bronze que deviam receber em dezesseis sarcófagos também de bronze os restos dos primeiros "mártires do movimento", exumados com essa finalidade. Na véspera, à noite, durante o tradicional discurso de Hitler na Burgerbräukeller, os ataúdes haviam sido dispostos na Feldherrnhalle coberta de faixas marrons e decorada de salvas onde queimava petróleo. Pouco antes da meia-noite, Hitler atravessou a Siegestor de pé num carro aberto, para descer até a Odeonplatz pela Ludwigstrasse, vagamente iluminada pelos clarões oscilantes que os pilares projetavam. Unidades SA e SS, cujos archotes formavam linhas móveis ao longo da avenida, faziam uma barreira para conter a multidão. Quando o carro, em marcha lenta, chegou à Feldherrnhalle, Hitler subiu com o braço levantado os degraus cobertos por um tapete vermelho. Parou diante de cada ataúde para um "diálogo mudo". Em seguida, sessenta mil militantes, brandindo as inumeráveis bandeiras e estandartes do partido, desfilaram em silêncio diante dos mortos. No dia seguinte, cedo, sob a luz turva de uma manhã de novembro, começou a procissão comemorativa. Ao longo de todo o caminho seguido no *putsch* de 1923 haviam erigido pilares cobertos de pano vermelho-escuro, trazendo em letras de ouro o nome daqueles "que tinham caído pelo movimento". Alto-falantes difundiam sem parar o *Horst Wessel Lied* , até que finalmente Hitler se aproximou de uma das salvas ardentes diante da qual foram lidos em voz alta os nomes dos mortos. À frente do cortejo marchavam, ao lado de Hitler, os dirigentes do partido, em formação igual à do grupo constituído em 1923, vestidos com camisa parda ou com o uniforme histórico (blusão cinza e gorro de esqui "modelo nº 23", agora fabricados pelo "escritório do 8/9 de novembro"). Num impulso cuja significação era reparar simbolicamente o passado, os representantes da força armada avançaram até a Feldherrnhalle, no local em que o cortejo caíra sob o tiroteio. Então dezesseis tiros espoucaram sobre a cidade. Um silêncio de morte estabeleceu-se a seguir, enquanto Hitler depositava uma gigantesca coroa sobre a placa comemorativa. Aos acordes solenes do hino alemão, todos os participantes da cerimônia passaram através de duas alas de bandeiras abaixadas para saudar os mortos e marcharam finalmente em direção à Königsplatz. Depois da "última chamada" dos nomes dos herois caídos — a que a multidão respondia simbolicamente "Presente!" — os mortos montaram sentinela na "Guarda Eterna".

Uma celebração dos caídos era da mesma maneira o centro do congresso do partido em Nuremberg. A ideia da morte estava, aliás, quase sempre presente no cerimonial, nos discursos e nas proclamações do congresso, que durava vários dias. Os uniformes negros de gala da companhia de guarda-costas, que apareciam desde o início das festividades, antes que Hitler entrasse na cidade enfeitada de bandeiras e cheia de gente, ao som de sinos, davam o caráter que estava igualmente presente no culto da "Bandeira Cor de Sangue" do mesmo modo que no Luitpoldhain, com dois de seus principais paladinos perto, embora suficientemente afastados para marcar as distâncias necessárias, Hitler marchava até o monumento pela larga faixa de asfalto daí em diante chamada "Rua do Führer", entre várias centenas de milhares de homens da SA e da SS cobertos e alinhados em blocos impressionantes. Enquanto as bandeiras se inclinavam, Hitler mergulhava imóvel em sua meditação, como uma figura heráldica de luto: sua sombra alongada, fina e definida era o cenário, a ilustração visual do próprio conceito do Führer: ele está em meio ao silencioso exército dos soldados do partido, "cercado da solidão absoluta, inatingível, que é a de César, que só pertence a ele e aos herois mortos que se sacrificaram por ele, porque acreditaram nele e na sua Missão". [68]

Para aumentar mais a magia do cenário, numerosas manifestações eram prolongadas até a tarde ou mesmo a noite. No congresso do partido de 1937, Hitler se apresentou às oito horas da noite para discursar aos dirigentes políticos. Imediatamente depois que Robert Ley anunciou a presença de todos, "a escuridão em volta foi subitamente iluminada como que por meteoros, por fachos de luz branca", declarava o "relato oficial". "Os raios de cento e cinquenta gigantescos holofotes projetaram-se para o céu de uma noite coberta de nuvens negras. Lá no alto, no teto de nuvens, as colunas luminosas se uniam para formar uma coroa quadrangular (…) A imagem é entusiasmante: agitadas por um vento leve, as bandeiras que emolduram as tribunas oscilam levemente à luz fulgurante (…) A tribuna especial emerge numa luz resplandecente, encimada por uma suástica dourada inscrita numa guirlanda de folhas de carvalho. À direita e à esquerda brilham chamas das imensas conchas sustentadas pelos pilares que fecham a área". [69] Ao som de fanfarras, Hitler ocupou o espaço central da grande tribuna. Das tribunas fronteiras, a postos, um mar de 30 mil bandeiras se inclina para o centro: as pontas das hastes e as franjas de prata brilham à luz dos projetores. Como sempre, Hitler era a primeira vítima do cenário feito de luz, de multidão, de simetria e de sentimento trágico da vida. Precisamente nos discursos pronunciados diante dos velhos combatentes e depois do minuto de silêncio observado em homenagem aos mortos, Hitler encontrava frequentemente

inflexões marcadas de uma espécie de exaltação e de embriaguez; nessas ocasiões celebrava em palavras extraordinárias uma espécie de comunhão mística, antes de os projetores se abaterem sobre o centro da cena e de as bandeiras, os uniformes e os instrumentos de música emitirem brilhos vermelhos, prateados e dourados. “Sempre tive o sentimento de que, durante o tempo em que o dom da vida lhe é outorgado, o homem deve guardar a nostalgia daqueles com quem moldou esta vida”, proclamou ele em 1937. “Que seria de minha vida sem vocês? Que vocês me tenham encontrado, que tenham acreditado em mim, deu às suas vidas uma significação nova, impôs-lhes novos deveres! Que eu os tenha encontrado, só isto tornou possível minha vida e meu combate!” Um ano antes ele declarara à mesma multidão:

> Como não sentiríamos nesta hora o milagre que nos reuniu? Outrora vocês ouviram a voz de um homem e ela atingiu seus corações, ela os despertou e vocês seguiram esta voz. Vocês a seguiram durante anos sem mesmo terem visto de quem era essa voz. Apenas ouviram uma voz e a seguiram.
>
> Nós nos encontramos todos aqui e o milagre deste encontro enche nossa alma. Cada um de vocês pode me ver e eu não posso ver a cada um, mas eu os sinto e vocês me sentem. É a fé em nosso povo que de pequenos nos tornou grandes, de pobres nos fez ricos, de homens angustiados, desencorajados e hesitantes que éramos, fez de nós homens corajosos e valentes, aos homens errantes que éramos, nos deu a visão e nos reuniu a todos! [70]

Em sua pompa pontifical, os congressos do partido não eram apenas o ponto culminante do ano nacional-socialista, mas, para Hitler, a realização dos sonhos de gigantescos cenários de sua juventude. Seus íntimos contaram sobre a excitação que se apossava dele durante a semana do congresso de Nuremberg e sobre a maneira de superar o que correspondia a sua sexualidade contrariada por meio de uma onda inesgotável de discursos. Nesses dias, pronunciava em geral de quinze a vinte discursos, entre os quais principalmente o grande Discurso sobre a Cultura e o discurso de encerramento. Falava até quatro vezes por dia: à Juventude Hitlerista, às associações femininas, ao Serviço do Trabalho, ao Exército, conforme exigia o ritual imutável dos congressos do partido. Além do mais, a cada ano satisfazia sua paixão pela arquitetura e lançava sem parar novas pedras fundamentais da “Cidade Templar” da qual esboçava os planos mais grandiosos. Depois, mais desfiles, exercícios militares, reuniões de organizações diversas, orgias de cores. Os congressos do partido acabaram finalmente por adquirir uma certa importância como ocasiões de decisões políticas: a lei sobre as bandeiras do Reich ou as leis raciais de Nuremberg foram decididas, embora às pressas, por ocasião desses congressos e pode-se dizer que essa instituição se teria transformado, ao longo dos anos, numa espécie de assembleia geral da democracia totalitária acompanhada de espetáculos de massa, consagração de estandartes, demonstrações de força,

passo cadenciado, exibições de ordem e disciplina. Para terminar, centenas de milhares de homens desfilavam, onda após onda, durante cinco ou seis horas, passando pela pequena praça medieval do Mercado defronte da *Frauenkirche* , a igreja, e diante de Hitler, que permanecia imóvel como que hipnotizado, em seu carro aberto, com o braço estendido em saudação. Em volta dele reinava uma atmosfera de exaltação romântica na velha cidade, uma espécie de loucura sagrada, como notou um observador estrangeiro. Como ele, muitas pessoas perdiam o espírito crítico durante esses dias, e terminavam confessando que também se tornavam, por alguns instantes, nacional-socialistas, como disse um diplomata francês. [71]

O rígido calendário das festividades do Ano Nacional-Socialista, que começava em 30 de janeiro, dia da conquista do poder, para terminar em 9 de novembro, [72] comportava uma quantidade de horas solenes, de chamadas, de procissões e de comemorações. Um escritório especial para "a organização das festas, dos lazeres e das cerimônias" editava seu próprio jornal e presidia, conforme a definição oficial de suas funções, à elaboração de "programas-tipos estabelecidos para as festas do movimento nacional-socialista, para todas as manifestações baseadas nas tradições originadas da época das lutas". [73] Além do mais, os próprios acontecimentos davam ensejo a numerosas cerimônias e festas. O ponto culminante foram sem dúvida os Jogos Olímpicos de 1936, que difundiram ao mundo a imagem falaz de um III Reich que assegurava aos seus cidadãos a austera felicidade que um regime de estado assistencial permite, recorrendo às vezes a medidas sem dúvida um pouco enérgicas. Os dirigentes do nacional-socialismo souberam utilizar de maneira grandiosa a ocasião que se lhes ofereceu de receber o mundo inteiro, e manipularam tudo para opor à temível imagem do Reich se rearmando febrilmente e animado de ativismo, o espetáculo de um idílio de paz e de trabalho. Nas semanas anteriores às Olimpíadas, abstiveram-se de odientas tiradas antissemitas: os dirigentes locais da propaganda do Partido receberam a ordem de fazer desaparecer dos muros das casas e dos diversos tapumes todos os *slogans* hostis ao regime que ainda houvesse, de não pregar nenhum cartaz de caricatura muito violenta e ainda de cuidar para que "os proprietários mantivessem em perfeitas condições o jardim que separa a casa da rua". [74] Ao som solene dos sinos olímpicos, cercado de soberanos, de príncipes, de ministros e de numerosos convidados de honra, Hitler abriu os Jogos a 1º de agosto. Quando um antigo vencedor da maratona, o grego Spyros Louis, estendeu-lhe um ramo de oliveira como "símbolo de amor e de paz", um coro entoou o hino composto para a ocasião por Richard Strauss e um grupo de "pombas da paz" revoou. A imagem de um mundo reconciliado apresentada por Hitler completava-se pela de algumas equipes (como a

francesa, cujo país acabava de sofrer as provocações conhecidas) que desfilaram diante da tribuna fazendo a saudação hitlerista. Só depois, diante dos protestos que o episódio provocou, preferiu-se interpretar o gesto como "saudação olímpica". [75] Durante as duas semanas dos Jogos, uma série ininterrupta de festas deslumbrantes encheu de admiração os convidados. Goebbels convidou mil pessoas para o espetáculo de uma "noite italiana" na ilha dos Pavões. Ribbentrop igualmente recebia em sua villa de Dahlem; Göring, por sua vez, ofereceu um grande baile na sala da Ópera, coberta de sedas preciosas, enquanto Hitler recebeu os numerosos visitantes que aproveitaram o pretexto dos jogos para ver o homem que detinha nas mãos o destino da Europa e talvez do mundo.

No primeiro plano da ênfase, da necessidade de cerimônias e de festas que reuniam as massas, havia incontestavelmente a vontade de ocupar a imaginação da população, de mobilizar sua vontade de maneira homogênea. Por trás disso distinguimos também certas motivações que nos remetem diretamente à personalidade e à psicopatologia de Hitler. Não pensamos unicamente em sua incapacidade de viver a vida cotidiana, na necessidade ingênua dos "jogos de circo", de fanfarras, de ilusão, de efeitos baratos que nos fazem pensar em fogos de bengala. Também não pensamos unicamente na tendência que já mencionamos e que o levava a ver sua própria vida como uma sucessão de efeitos de cena majestosos, em que sempre desempenha o mesmo papel heroico, em que proclama a mesma grandiosa visão do mundo à luz resplandecente do palco, diante de um público com a respiração parada. Ainda é mais importante notar que a paixão do regime pelas festas e as cerimônias traduz o velho desejo de dissimular a realidade com cenários magníficos. A catedral de luz como muro tragicamente protetor não é só o símbolo mais exato dessa necessidade, mas também, como disse Albert Speer a propósito da inspiração de que lhe nasceu esse achado, a expressão do desejo de ocultar uma realidade banal demais, de esconder, por meio de uma brutal combinação de escuridão com efeitos de luz, a corpulência dos dirigentes que haviam engordado na melhoria de vida. [76]

Além disso, a tendência à hipnose conseguida pelo cerimonial traduz igualmente um esforço, uma vontade de estilização, a tentativa de opor o triunfo da ordem à forma de existência inquieta e sempre ameaçada pelo caos. São, por assim dizer, as técnicas de conjuração de uma consciência angustiada, e as comparações com os ritos dos povos primitivos não são tão artificiais quanto poderiam parecer à primeira vista. Postos diante de colunas em marcha, florestas de bandeiras e blocos humanos, os contemporâneos mais

perspicazes já tinham sido levados a tais comparações. Do ponto de vista psicológico, foi sempre a mesma vontade de estilização que marcou desde logo a existência de Hitler e que o levou a procurar em papéis sempre novos uma maneira de orientar-se e definir-se diante do mundo: desde o papel do filho de boa família e estudante pouco assíduo que percorria os passeios em Linz com uma pequena bengala e luvas de pele *glacée* , passando pelos papéis do Führer, do Gênio, do Eleito, para chegar a um fim sabidamente wagneriano que projetava a realidade num final de ópera. Por uma espécie de autossugestão, sempre mostrou-se ao mundo nos disfarces mais diversos, em formas de existência tomadas de empréstimo. Quando, depois do êxito de uma de suas operações de política exterior, designou a si próprio como "o maior ator da Europa", [77] não revelou assim apenas um de seus talentos, mas também uma de suas necessidades.

Essa necessidade não deixava de brotar da motivação essencial de Hitler: a da incerteza e do medo. Qualquer que fosse a exatidão que pudesse dar deste ou daquele sentimento, sempre evitava muito cuidadosamente manifestar o que realmente aprovava. Reprimia qualquer espontaneidade: do mesmo modo que, pelo temor de revelar livremente uma emoção, só ria escondendo o rosto com a mão, também detestava que o vissem brincando com seu cachorro. Quando se percebia observado, "afastava brutalmente o cão", [78] conta uma de suas secretárias. Era incessantemente atormentado pelo temor de parecer ridículo, ou de dar um "passo em falso" e perder parte de seu prestígio junto de seus íntimos — e isso até mesmo com o mordomo de sua casa. Antes de ousar apresentar-se em público com uma nova roupa ou com um novo chapéu, tirava fotografias para verificar o efeito. Não nadava, nunca se sentava num barco, não montava a cavalo porque, dizia, "não gostava dessas afetações e pedantismos" [79] . Só via a vida como uma espécie de parada perpétua diante de um gigantesco público. Foi assim que tentou impedir Göring de fumar, dando-lhe uma explicação particularmente significativa: quando se "posa para um monumento, não se pode estar com um cigarro na boca". Quando, no outono de 1939, Heinrich Hoffmann trouxe-lhe fotos de Moscou em que Stalin aparecia com um cigarro na mão, proibiu sua publicação, pois seu interesse de "colega" por Stalin impedia-o de prejudicar a imagem grandiosa do estilo de vida de um ditador. [80]

Pelos mesmos motivos atormentava-se com medo de que soubessem de sua vida particular. É significativo que não tenha deixado nenhuma carta pessoal. Mesmo Eva Braun só recebia dele bilhetes muito breves e muito concretos que, em sua desconfiança, não confiava nem mesmo ao correio. A farsa da "distância" que representou até o fim diante de seus íntimos quanto a

suas relações com Eva Braun também comprova sua incapacidade de viver uma existência sem "pose". A carta mais íntima que deixou é, paradoxalmente, uma carta administrativa que enviou a um magistrado de Linz para obter a reintegração no exército do refratário que foi aos 24 anos. Hitler declarava: "Tudo o que se pode debater numa discussão não deve ser jamais escrito: eis uma regra particularmente importante, a velha experiência de um velho chefe político". E de outra feita: "Escreve-se muito, demais. Começa-se com as cartas de amor e termina-se com as cartas políticas. As cartas representam sempre um peso que cai sobre quem as escreveu. É como se assinasse uma hipoteca". [81] Observava-se permanentemente: segundo um dos homens de seu círculo íntimo, jamais pronunciou uma palavra que antes não tivesse pesado. Só conhecia desejos secretos, sentimentos ocultos, afetos substitutivos. A imagem amplamente difundida de um Hitler incapaz de controlar as emoções, gesticulando como um selvagem, inverte na realidade a relação entre a regra e a exceção. Era, ao contrário, a existência mais tensa e concentrada que se possa imaginar, disciplinado ao ponto da rigidez.

As célebres explosões de cólera de Hitler eram, com toda evidência, emoções muito calculadas que ele provocava em si. Um dos mais velhos *gauleiters* descreveu um desses acessos de raiva durante o qual a saliva escorria da comissura dos lábios para o queixo de Hitler, tanto ele estava incapaz de dominar sua raiva: sua argumentação lógica constantemente dominada pela inteligência e nem por um instante interrompida dava, contudo, um desmentido à espontaneidade da cólera. [82] Talvez fôssemos longe demais ao dizer que ele tentava provocar algo como um "temor reverencial" com essa raiva patológica. Podemos, porém, considerar que mesmo nessas situações ele jamais perdia o controle de si e se utilizava de seus próprios sentimentos com tanta precisão quanto dos sentimentos dos outros. No início da cena encontramos em geral uma reflexão friamente calculada; é só no momento de passar para a realização concreta de sua vontade que impunha à sua atitude esta ou aquela orientação pedida pelas circunstâncias. Podia então ser sedutor, manifestar um encanto todo sentimental, podia ser brutal e cortante, chorar, suplicar, exaltar-se até atingir o estado de cólera insensata frequentemente descrito, e que continuava até que o interlocutor fosse tomado de pavor, que sua resistência fosse quebrada: era este o seu "mais terrível poder de convencer as pessoas". A isso acrescentava-se ainda um dom particular: o de sugestionar unicamente por seu dom da persuasão. Os hierarcas do partido, os *gauleiters* e os primeiros combatentes que acompanharam sua ascensão constituíam, sem nenhuma dúvida, "um punhado de excêntricos egoístas em total desacordo entre si", e não eram acomodados nem submissos, no sentido exato dos termos. O mesmo se pode dizer ao

menos para uma parte do corpo de oficiais. No entanto, Hitler impunha a todos esses homens sua vontade como bem queria. Isso não apenas no apogeu de sua força, mas desde o início de sua carreira, quando era uma figura marginal entre tantos outros políticos de direita, ou no fim da vida, quando não era mais do que o fantasma do homem poderoso que tinha sido. Alguns diplomatas, principalmente aliados, sofreram de tal modo sua fascinação que mais pareciam confidentes de Hitler do que representantes de seus próprios governos. [83] Ao contrário do que durante muito tempo pretenderam as imagens caricaturais do Führer, Hitler jamais falava a seus interlocutores particulares como falava nas manifestações de massa. A variedade de seus métodos deixava à sua mercê os interlocutores. Em troca, a atmosfera das manifestações públicas mergulhava-o sempre num estado de exaltação hiperagudo, principalmente desde que usou um microfone pela primeira vez e experimentou com embriaguez a amplificação de sua própria voz com ecos metálicos.

Foi bem assinalado que a habilidade [84] com que Hitler aproveitava, demagogicamente, seu temperamento aparecia com uma clareza particular em sua atitude com relação às minorias alemãs que viviam fora das fronteiras do Reich. Ele podia à vontade lamentar-se do destino delas ou ignorá-las. Nunca se preocupou com os alemães do Tirol do sul, da Polônia ou dos territórios do Báltico, enquanto assim exigiam seus projetos de política exterior. Porém, uma vez modificada a situação, "a injustiça intolerável feita aos filhos mais fiéis da nação" mergulhou-o de repente na mais profunda raiva. As explosões de cólera, porém, tinham muito de afetação. Não podia escapar ao observador atento que aí se dissimulava um elemento de histeria artificial e que ele explorava voluntariamente essa cólera de que se pretendia vítima impotente. Seu notável poder intuitivo e seu talento de ator que lhe permitia entrar inteiramente no papel deram-lhe incontáveis vantagens. Muitas vezes, ao longo de uma mesma conversação, alternava os mais diversos aspectos; por exemplo: mudava bruscamente o estilo dos gestos, de um tom de voz abafado passava a surpreendentes explosões, esmurrava a mesa, tamborilava nervosamente com a ponta dos dedos no braço da poltrona, e, no espaço de alguns minutos, tomava sucessivamente ares sinceros, superiores, infelizes ou triunfantes. Antes de ocupar o posto de chanceler, imitava particularmente algumas pessoas e, com uma malícia magistral, no dizer de testemunhas, imitava Mathilde Kemnitz, futura mulher de Ludendorff, que tentava em vão convencer Hitler a se casar. "Hitler, por assim dizer, retirava da gentil senhora diferentes invólucros, o sacerdotal, o filosófico, o científico, o erótico e, enfim, todos os outros, até que não restasse mais que uma pequena cebola azeda". [85]

Hitler acreditava gostar de música, mas isso era um erro de sua parte: na verdade, a música tinha para ele bem pouca importância. Sem dúvida, já havia assistido a um número incalculável de representações das óperas de Wagner, ouvido mais de cem vezes *Tristão e Isolda* ou os *Mestres cantores* , mas não tinha quase nenhum interesse pela música sinfônica nem pela música de câmara. Em compensação, gostava muito de *A viúva alegre* e de *O morcego* , misturando significativamente sua predileção pelo grandioso e pelo fútil. Raramente ouvia discos, pois eles lhe frustravam os efeitos cênicos e, quando por acaso isso ocorria, limitava-se a peças de grande bravura. Muitas pessoas de sua intimidade observaram que, depois de ir à Ópera, falava exclusivamente dos cenários e da encenação, quase nunca dos problemas da interpretação musical. [86] Na realidade, a música para ele não era mais do que um meio acústico particularmente eficaz de aumentar os efeitos dramáticos. Por isso era-lhe indispensável. Não manifestava maior interesse pela literatura dramática. Uma de suas secretárias notou que sua biblioteca jamais abrigou um só volume de literatura clássica. Nas inúmeras visitas a Weimar, nem uma vez foi ao teatro, só ia à Ópera, cuja expressão suprema era, a seus olhos, o final do *Crepúsculo dos deuses* . Quando no palco de Bayreuth o castelo dos Deuses desabava em meio ao tumulto da música, ele sempre buscava no escuro do camarote a mão de Winifred, sentada a seu lado, para depositar um beijo emocionado. [87]

A necessidade teatral atingia o fundo de seu ser. Era-lhe absolutamente indispensável mover-se num palco, e tinha essa necessidade dramática dos golpes auxiliares, da luz e do ruído do raio e do trovão que se imita dos bastidores. Obcecado pelo velho medo de o público se cansar do ator, raciocinava em termos de sequência de números de espetáculo e fazia tudo para que o número seguinte ultrapassasse o anterior. A febre que caracterizava essas atividades políticas, e lhes dava o aspecto de atos súbitos e desconcertantes para os adversários, era tão indissociável da necessidade de teatro quanto a fascinação que exerciam sobre ele as grandes catástrofes e o incêndio dos mundos, nos quais sua sede de efeitos pessimistas via a maior eficácia teatral. Vendo bem, ele confiava mais nesses efeitos do que em qualquer ideologia: na realidade, sempre levou uma existência teatral e só se sentia à vontade nos mundos de ilusão que podia opor à realidade. A falta de sinceridade, o lado hipócrita, melodramático, o desembaraço na infâmia, tudo o que lhe é indissoluvelmente ligado tem raízes nessas tendências, tal como o desprezo do real foi a sua força, a tal ponto que caminhou de par com o sentido particularmente agudo da realidade e sua capacidade de concentração metódica.

As tentativas que fez para mitologizar sua própria existência desempenharam um importante papel no esforço de autoestilização. Um dos conservadores que lhe abriu a porta do poder observou a esse respeito que ele jamais perdeu o sentimento do abismo que separava suas modestas origens e o "êxito que o havia arrastado aos píncaros". [88] Desde a juventude jamais deixou de pensar em termos de classe. Às vezes tentou superar a desagradável consciência de suas origens de pequeno-burguês, qualificando-se com ostentação de "trabalhador" ou mesmo de "proletário"; [89] o essencial foi que se esforçou para dissimular a inferioridade social com o auxílio da aura mitológica. Que a vocação de grandeza se tenha exprimido precisamente no homem mais desprovido de importância e prestígio social é, sem dúvida, um dos temas mais antigos e mais repetidos da usurpação política. A introdução de seus discursos sempre começava pela evocação do mito "do homem do povo" e descrevendo-se como um "desconhecido combatente da Primeira Guerra Mundial", nada mais que um "sem nome, sem dinheiro, sem influência, sem apêndices", mesmo assim escolhido pela Providência como "o solitário errante surgido do nada". [90] No mesmo contexto, podemos ainda observar que gostava de ver seu séquito vestindo luxuosos uniformes, mas preferia para si a eloquência das roupas simples para se valorizar pelo contraste. Essa aparência de despojamento, a sombria severidade que se ligava a ele, sua vida retirada e sem mulher, tudo contribuía para que fosse visto pelo grande público como a imagem do grande homem só, arrastando o fardo da eleição, marcado pelo mistério do sacrifício de si mesmo. Quando a senhora von Dirksen lhe disse que pensava frequentemente na sua solidão, confirmou-lhe a impressão: "Sim, sou muito solitário, mas as crianças e a música me consolam." [91]

Tais declarações mostram-no sem cinismo quanto a si e a seu papel, vendo a si mesmo com tolerante simpatia. No Berghof, tinha diante de si o formidável maciço de Untersberg onde, segundo a lenda, dormia o Kaiser Friedrich I, que devia um dia voltar para dispersar seus inimigos e libertar seu povo oprimido. Hitler via, com emoção, algo significativo no fato de sua residência particular ficar em frente a essa montanha: "Não é acaso. Vejo aí um chamado." Cada vez mais refugiou-se no Berghof, ou então, para fugir ao espírito cáustico dos berlinenses ou à "espessura" dos muniquenses, achava refúgio na serenidade renana. Muitos anos mais tarde ainda lembrava feliz o entusiasmo delirante da multidão numa sua visita a Colônia: "Foram as maiores ovações de minha vida." [92] A convicção de estar encarregado de uma grande missão fazia-o regularmente dirigir-se à Providência quando queria esclarecer a natureza de sua carga histórica:

> Sei perfeitamente o que pode um homem e quais são seus limites, mas igualmente estou convicto de que os homens, criaturas de Deus, devem viver segundo a vontade do Todo-Poderoso. Deus não criou os povos para que se percam, se larguem, se arruínem (…) O homem isolado é fraco no seu ser e na sua ação ante a vontade da Providência todo-poderosa, como é imensamente forte quando age no mesmo sentido da Providência. Desce então sobre ele essa força que gerou tudo o que se fez de grande sobre a Terra. [93]

Essa convicção tingia todos os seus conceitos ideológicos e lhes conferia a força de princípio religioso; dela vinham a Hitler energia, decisão e vontade inabalável na ação. Exaltava também o culto de sua pessoa e dava a esse culto todos os traços da mais pura idolatria. Robert Ley designava-o como o único homem que jamais se enganou, Hans Frank via-o solitário como Deus Pai; e um dirigente da SS garantia que Hitler era ainda maior do que o Filho de Deus, que só tivera doze apóstolos, pois estava à cabeça de um grande povo unido numa só vontade. Enquanto Hitler conseguiu ter o sangue-frio ante tais homenagens e só utilizar as manifestações do culto do gênio como expediente psicológico para assegurar-se do poder, esse culto serviu para dar-lhe apreciável energia. Mas quando não foi mais capaz de manter em xeque a ardente consciência de sua missão histórica e caiu vítima da ideia de sua sobre-humanidade, começou a decadência. [94]

A incapacidade de criar relações sociais efetivas era o verso do olhar mitologizante com que ele próprio se via. Quanto mais alto chegou, maior se fez o vazio humano em torno dele. Com mais rigor que nunca, furtou-se a todas as tentativas de contato por parte dos velhos combatentes e às suas pretensões, torturantes para ele, de estabelecer uma intimidade. Não conhecia outras relações humanas além das exigidas pelo seu roteiro, onde cada um era um figurante ou um instrumento, sem que jamais gente em si despertasse nele um sentimento de interesse ou de simpatia. A máxima de Hitler segundo a qual "nunca é demais cultivar as relações com o povinho" [95] já revela na formulação o caráter artificial do princípio proclamado. É igualmente significativo que seu interesse pela arquitetura tenha-se limitado à edificação de gigantescos cenários e sabemos com que enfado tomava conhecimento dos planos de quadras residenciais.

Ver-se-á outro aspecto de pobreza de nexo social no fato de que nenhuma conversa era possível em sua presença; segundo diversos testemunhos, ou Hitler falava e os outros escutavam, ou a conversação era geral e Hitler ficava sentado, perdido em pensamentos, fechado ao mundo exterior, sem levantar os olhos, "usando um palito", de acordo com uma testemunha, "ou caminhava para lá e para cá pela sala". Não deixava ninguém falar, sempre interrompia seus interlocutores e pulava de um assunto a outro numa espantosa rapidez de

pensamento. [96] Sua incapacidade de ouvir era tamanha que nem acompanhava no rádio os discursos dos políticos estrangeiros; [97] tendo perdido o hábito da contradição, só conhecia como forma de “conversa” o isolamento ou o monólogo. Como praticamente não lia mais e não suportava entre os íntimos senão aqueles dispostos a sempre lhe dizerem “sim”, ou os admiradores, Hitler logo caiu numa solidão intelectual cada vez mais profunda, numa espécie de prisão que só o confrontava consigo próprio e na qual só podia repetir os ecos de seu monólogo ininterrupto. Era o isolamento que ele queria. De uma vez por todas, e bem cedo, estabeleceu convicções comparáveis a dogmas que não modificava nem aumentava: contentava-se em solidificar.

Embriagado com a própria voz, com a proliferante liberdade de seu pensamento, ele falava. As conversas recolhidas ao longo dos anos 1930 e transmitidas por Hermann Rauschning, apesar de todas as elaborações, conservam algo das entonações autoconscientes desse homem abismado com as próprias tiradas. Embora a concentração fosse menor, dava-se o mesmo nas *Conversas à mesa* no quartel-general do Führer. “A palavra”, dizia Hitler, estendia “pontes para territórios inexplorados”. [98] Quando Mussolini estava em visita oficial à Alemanha, Hitler impôs ao convidado, após a refeição, um monólogo ininterrupto de mais de uma hora e meia, sem jamais lhe dar a ocasião, impacientemente esperada, de uma réplica. Quase todos os visitantes ou colaboradores de Hitler tiveram a mesma experiência, em particular durante a guerra, quando as torrentes de palavras de um Hitler inquieto entravam pela noite. Os generais do QG do Führer lutavam desesperadamente contra o sono e viam-se expostos, sem defesa, mas sempre respeitosos, a suportar a “conversa solene e universal” sobre arte, filosofia, raça, técnica ou história. Precisava sempre de ouvintes, que, embora apenas figurantes, serviam para fazer nascer seus pensamentos e sua auto-excitação. Declarou um observador perspicaz que, quando Hitler se despedia de um visitante, “dava impressão de ter tomado uma injeção de morfina”. [99] Se um interlocutor conseguia fazer uma objeção ocasional, ela só servia para desencadear novas associações de ideias, sem limite, sem ordem e sem fim.

A pobreza das relações que o isolavam humanamente era-lhe útil no plano político: só via peões num tabuleiro de xadrez. Ninguém podia ultrapassar a *no man’s land* que o cercava, e os que se aproximavam mais estavam apenas menos longe. É significativo que seus sentimentos mais vivos recaíssem sobre alguns mortos. Em seu escritório de Obersalzberg tinha um retrato da mãe e outro de seu chofer Julius Schreck, morto em 1936, mas nenhum do pai. A sobrinha morta, Geli, parecia mais perto dele do que nunca. “De certo modo, Hitler é simplesmente uma impessoa; não se pode atingi-lo, tocá-lo”, dizia

Magda Goebbels desde o início dos anos 1930. [100] No ápice do poder, no centro do interesse de milhões de homens, guardava ainda algo do jovem esquecido dos anos vienenses e muniquenses, quando, mesmo os que o conheceram melhor, ignoram como viveu. Diante do tribunal de Nuremberg, declarou Albert Speer, em quem às vezes, e não sem emoção sentimental, ele via a encarnação de seus sonhos juvenis de vida brilhante de jovem burguês mimado pela vida: “Se Hitler tivesse tido amigos, eu certamente teria sido seu amigo”. [101] Por conseguinte, nem Speer ultrapassou a distância e, apesar de tantos dias e noites passados com Hitler a sonhar com projetos e construções colossais, esquecendo o resto, não foi senão o arquiteto preferido do Führer. Sem dúvida, em homenagem não habitual, Hitler tratou-o de “homem de gênio”. Entretanto não lhe dava sua confiança fora dos problemas técnicos. A ligação com Eva Braun era totalmente diferente das relações comuns homem-mulher não desprovidas de um certo erotismo: diferentemente de Geli Raubal, Eva era apenas sua amante, com todas as angústias, dissimulações e humilhações que isso implicava para ela. Eva Braun contou que uma vez teve de ficar três horas sentada ao lado de Hitler num jantar no Hotel Quatro Estações de Munique sem que ele permitisse que ela lhe dirigisse a palavra; no fim do jantar ele lhe entregou “um envelope com dinheiro”. Hitler conheceu Eva Braun no fim dos anos 1920, no estúdio do fotógrafo Heinrich Hoffmann, e o encontro foi talvez uma das razões que levaram Geli Raubal ao suicídio. Algum tempo depois da morte da sobrinha, Hitler fez de Eva Braun sua amante. Era uma jovem mulher simples, moderadamente sedutora, com ideias e sonhos desprovidos de ambição, preocupada com o amor, a moda, o cinema e o disse-me-disse, dominada pela preocupação permanente do abandono de Hitler, atormentada pelos caprichos egoístas do Führer, pelas suas maneiras de tirano doméstico. Em sua necessidade de regulamentar tudo, proibiu-a de tomar banho de sol, dançar, fumar (“Se eu percebesse que Eva fuma, romperia imediatamente”.) Era extremamente ciumento, mas negligenciava-a de maneira ofensiva. [102] Para não continuar sempre só, ela quis um cão (“Seria maravilhoso”, mas Hitler não ouviu nada nem disse palavra a respeito). Por muito tempo ele lhe impôs uma espécie de embaraço material humilhante. O diário íntimo que ela deixou confirma sua situação difícil. Uma passagem característica diz:

> Só desejo uma coisa: ficar bastante doente e não ouvir falar dele durante pelo menos oito dias. Por que minha vida é tão vazia, por que devo suportar tudo isso? Se eu pudesse nunca tê-lo encontrado! Tornei a comprar tranquilizantes. Estou agora num estado semiconsciente e chego a não pensar demais nisso. Se o diabo pudesse vir me procurar: a vida deve ser mais agradável no inferno do que aqui.
>
> Esperei três horas diante do Carlton. Vi-o comprar flores para Ondra e convidá-la para jantar. Ele precisa de mim para certas coisas e eu não posso fazer nada.

> Quando diz que me ama, só pensa nisso na hora. O mesmo acontece com as promessas que não cumpre. Por que me tortura assim? Por que não romper logo?

No meio do ano de 1935, quando Hitler não lhe disse uma "palavra gentil" em três meses, e depois que soube que desde algum tempo uma "walkyria" o acompanhava regularmente ("ele gosta de mulheres com estas proporções"), ela tomou uma grande quantidade de soporíferos. Mandou uma carta com um ultimato e exigiu que Hitler desse notícias, mesmo por uma terceira pessoa. A última nota que acrescentou ao diário é esta: "Meu Deus, como tenho medo que ainda este dia passe sem que eu receba uma resposta. Estou decidida a tomar trinta e cinco comprimidos e desta vez a morte é certa. Se ao menos ele pudesse me telefonar".

Eva Braun tentou suicídio duas vezes, a primeira em novembro de 1932, com uma bala de revólver disparada no pescoço; a segunda, na noite de 29 de maio de 1935. É evidente que Hitler exasperou-se, tanto mais que não esquecera o caso da sobrinha Geli. As relações entre Hitler e Eva Braun só se distenderam quando a meia-irmã de Hitler, Madame Raubal, saiu do Berghof e Eva ocupou seu lugar. Mas continuou a viver na penumbra, obrigada a entrar pelas portas e escadas de serviço, a contentar-se em fazer as refeições diante de uma foto de Hitler, porque ele a deixava só. Não tinha mais do que antes o direito de aparecer em Berlim e, desde que se apresentassem convidados, Hitler a confinava ao quarto. Porém ela agora se sentia mais segura e esse sentimento não deixou de ter influência sobre Hitler: logo ela passou a pertencer ao círculo extremamente fechado das poucas pessoas diante de quem ele renunciava aos ares perpétuos de grande homem. Nesses momentos ele adormecia numa poltrona na hora do chá e desabotoava o casaco diante de alguns amigos convidados para conversar em volta da lareira ou para ver um filme. Este à-vontade ressaltava ainda mais sua brutalidade e seu egoísmo. Por exemplo, dizia ele a Albert Speer em presença de Eva Braun: "Os homens muito inteligentes devem arranjar uma mulher primitiva e tola. Veja o que aconteceria se eu tivesse uma mulher que viesse meter o bedelho no meu trabalho! Em meus momentos de lazer, quero paz". [103] Nos poucos filmes de amador conservados, pode-se ver Eva Braun em companhia de Hitler no terraço do Berghof: ela parece estar sempre ebuliente demais para que se acredite em sua naturalidade.

Diferentes testemunhas descreveram um dia comum do Führer: de manhã Hitler entreabria a porta do quarto em que se fechava sempre, passava a mão para pegar mecanicamente, tateando, os jornais já dispostos numa banqueta perto da porta. [104] Fechava-se de novo. Os passeios, as excursões, as discussões sobre projetos de arquitetura, as recepções, as saídas de carro não

davam ao dia nenhuma moldura fixa, mas dividiam-no em uma sucessão de distrações. Hitler sabia dar um estilo próprio aos atos oficiais, mas era incapaz de elaborar outro para as diferentes ocupações que podiam ser organizadas durante o dia: vida particular ele não tinha.

Seu círculo íntimo consistia de ajudantes de ordens, de secretárias, de motoristas e de ordenanças. “Uma parte de seu séquito compunha-se de efebos, com os cabelos ligeiramente ondulados, segundo a moda, e gestos afeminados”, notou um observador. Como sempre, Hitler preferia a companhia meio grosseira e sem espírito crítico das pessoas simples, o ambiente que ele conhecia de sempre, e principalmente porque se tratava de “homens que a vida havia excluído dos caminhos normais, como era seu caso”. Conforme um ritual imutável e monótono, passava em companhia deles, quando estava em Obersalzberg, as longas noites que, para uma testemunha, só “guardavam a lembrança de um vazio espantoso”. [105] A noite começava sempre por três ou quatro horas de cinema. Hitler gostava particularmente das comédias com piadas fáceis e fim sentimental: *Quax, o piloto quebra-tudo* , de Heinz Ruhmann, ou talvez, do mesmo, *O ponche fervente* , ou ainda a comédia trivial de Weiss Ferdl, *As duas focas* , os musicais de Willy Forst, mas também muitos filmes estrangeiros, por vezes de projeção pública proibida, faziam parte do repertório preferido de Hitler. Esgotados, com as pernas pesadas, os convidados se reuniam depois diante da lareira sem que alguém tivesse vontade de falar. Como também era o caso na mesa da sala de jantar: os móveis gigantescos, com pretensões grandiosas, dificultavam qualquer troca de ideias. Ao mesmo tempo, a presença de Hitler exercia uma influência paralisante sobre o círculo de amigos. Um dos mais antigos companheiros do Führer já observara anos antes que “muito poucas pessoas se sentiam à vontade em sua presença”. Ficavam ainda uma hora ou duas a perseguir penosamente uma conversa que não deixava de vir, mas cheia de banalidades. De vez em quando, Hitler caía num brusco silêncio, fixava meditativamente o fogo, enquanto em volta dele o grupo de convidados se calava, metade por respeito, metade por cansaço. “Era preciso um grande domínio de si para poder participar dessas intermináveis sessões, diante de um cenário semelhante, com chamas brilhantes”. [106] Só pelas duas ou três horas da manhã Hitler despedia-se oficialmente de Eva Braun e ia para o quarto. Os convidados restantes na sala pareciam renascer bruscamente num breve e febril acesso de bom humor.

Da mesma forma transcorriam as noites em Berlim, com a diferença que o círculo dos convidados era um pouco maior e a atmosfera menos íntima. Todas as tentativas para trazer um pouco de variedade a essas horas

monótonas fracassavam ante a resistência de Hitler, que tentava compensar a opressão das cerimônias rígidas do dia com essas horas banalmente vazias. Em oposição total com a realidade está o tema clássico da propaganda do totalitarismo, o da janela solitária e sempre acesa do Führer: “Todas as noites, até as seis ou sete da manhã, há luz em sua janela”, dizia Goebbels; e num texto para edificação da juventude, [107] lia-se:

Em muitas noites isto é o que acontece

Nós a dormir e tu que és só cuidados ,

Pois muitas noites deves tu passá-las

Em profundo pensamento para, enfim, na alvorada ,

Poderes contemplar com a mente clara a luz do dia .

Em 1935, durante o verão, Hitler decidiu ampliar sua modesta casa de fim de semana em Obersalzberg e transformá-la em residência de prestígio. Ele mesmo desenhou as plantas e os cortes da nova casa, bem como os planos exteriores. Os desenhos foram conservados e mostram como Hitler era incapaz de se afastar de uma ideia que já tinha concebido. Jamais pôde considerar um projeto de um ponto de vista novo, e seus esboços repetiam sempre a mesma ideia, apenas modificada. Não menos evidente é sua falta de proporção: mostra isso o plano de uma desmesurada janela dando para Berchtesgaden, o Untersberg e Salzburg, que Hitler depois apresentará feliz aos seus hóspedes como a maior janela do mundo corrediça para baixo. Esses “traços fundamentalmente infantis na natureza de Hitler”, cuja origem a análise de Ernst Nolte vê numa sede incontrolada de posse, numa vontade férrea e indomável de se apropriar das coisas, levavam esse homem-criança a assistir, num breve intervalo de tempo, a trinta ou quarenta representações de *Tristão* , a ver em menos de meio ano seis vezes a *Viúva alegre* . [108] As infantilidades não são menos sensíveis na mania do recorde que guardou toda a vida: em todos os casos, as tendências eram as de um homem que jamais conseguiu subjugar a sua juventude, seus sonhos, seus rancores e as feridas que lhe foram infligidas. O adolescente de 16 anos que ele foi já queria alongar em mais cem metros o friso do museu de Linz, já com cento e vinte de comprimento, a fim de que a cidade tivesse “o mais longo friso esculpido do mundo”. Muitos anos depois, quis dar à cidade uma ponte de 90 metros de altura sobre o nível d’água do rio, “como não haveria igual no mundo”. [109] A esses traços fundamentais correspondem as corridas que gostava de ganhar nas estradas, antes de ser chanceler, contra carros americanos de grande cilindrada, e o orgulho com que, por muitos anos, continuou a falar da superioridade de sua Mercedes esportiva daquele tempo. O maior vidro-guilhotina de uma janela tinha suas contrapartes na maior mesa do mundo

construída com um só bloco de mármore de seis metros de comprimento, nas cúpulas mais altas, nas tribunas mais amplas, nos arcos de triunfo mais gigantescos: em suma, encontramos em toda parte a vontade de fazer sempre do colossal a norma indiferenciada de qualquer coisa. Hitler se entusiasmava cada vez que ouvia um arquiteto dizer que, graças aos planos de algum monumento, ele havia “superado” as proporções de determinado monumento célebre na história. As arquiteturas do megalômano do Terceiro Reich aliavam a busca infantil do “recorde” à tradicional presunção faraônica dos ditadores ambiciosos que aspiram compensar pela força dos edifícios a fragilidade de um poder fundado em uma só pessoa. Encontramos o eco dessas ambições em numerosas declarações de Hitler, por exemplo, no discurso ao congresso do partido em 1937:

> Porque acreditamos na eternidade do Reich, estas obras também devem ser eternas, isto é, (…) não devem ser concebidas para 1940, nem mesmo para o ano 2000: como as catedrais de nosso passado, deverão se erigir para os séculos futuros.
>
> E se Deus faz hoje combatentes de poetas e cantores, também lhes dá, aos combatentes, arquitetos que cuidarão para que nossa vitória encontre a marca imperecível nos vestígios de uma grande arte, única na história. Este estado não deve ser uma potência sem cultura, uma força sem beleza. [110]

Com essa arquitetura imensa, Hitler procurou dar uma tardia satisfação a seus sonhos de arte de outrora. Num discurso da mesma época, disse que “não fosse a Primeira Guerra Mundial, ele se teria tornado, talvez, até muito provavelmente, um dos primeiros arquitetos, senão o primeiro arquiteto da Alemanha”. [111] Agora tornava-se primeiro mestre de obras. Em colaboração com alguns projetistas que ele próprio escolheu, concebeu a reconstrução de numerosas cidades alemãs baseado em construções gigantescas, nas quais o descomedido assustador, a falta de graça e os módulos arcaizantes fundiam-se numa sensação de vazio solene e opressivo. Em 1936, dedicou-se ao projeto de fazer de Berlim uma capital mundial, “só comparável ao antigo Egito, à Babilônia ou a Roma”. [112] Em quinze anos, pretendia transformar o centro da cidade num único complexo que lhe desse o prestígio de uma grandeza imperial, com largas avenidas, gigantescos blocos brilhando de luz, tudo dominado por um edifício com uma espécie de cúpula que, com 300 metros de altura, devia ser a construção mais alta do mundo e poderia acolher 180 mil pessoas. Da galeria construída na parte central e encimada por uma águia dourada do tamanho de uma casa, Hitler já se via dirigindo-se a todos os povos do Reich Gran-germânico e ditando suas leis a um mundo tornado em pó. O edifício era ligado por uma avenida de cinco quilômetros de comprimento a um arco de triunfo de 117 metros de altura, símbolo de numerosas vitórias em batalhas e em guerras fundadoras de novos impérios; e, a cada ano, ainda sonhava Hitler em plena guerra, “conduziremos através

da capital do Reich tropas de kirguises, para que possam encher a imaginação com a força e a grandeza da cidade”. [113] Desmedidas comparáveis se encontram nos planos do que se chamava o Führerbau, o edifício do Führer, palácio com ares de fortaleza, situado em pleno centro de Berlim, onde devia ocupar uma superfície de dois milhões de metros quadrados. Ao lado das peças habitáveis e do serviço de Hitler, o palácio deveria compreender numerosas salas de recepção, espaços destinados ao passeio dos visitantes, jardins suspensos, jatos de água e um teatro. Bem que seu arquiteto preferido, quando mais tarde pôs os olhos nesse antigo projeto, teve a impressão de estar ante uma “arquitetura de Sardanapalus num filme de Cecil B. de Mille”. Nesse ponto, Hitler estava de acordo com seu tempo, e testemunhos de pedra do mesmo tipo são hoje visíveis em Moscou como em Paris, Washington e Hollywood.

Os projetos de reconstrução de quase todas as cidades da Alemanha permitiam a Hitler realizar o ideal do político como artista. Mesmo quando os negócios de estado pressionavam mais, Hitler sempre encontrava tempo para consagrar a longas conversas sobre tais projetos. À noite, quando o sono não vinha, muitas vezes desenhava esboços ou planos de edifícios. Passando pelo chamado “Jardim dos Ministros”, situado atrás da chancelaria, ia frequentemente ao gabinete de Speer onde se deliciava, junto com os assistentes do arquiteto, diante de um “modelo de avenida” de trinta metros de comprimento, cuja maquete era iluminada por projetores, imaginando os fantásticos edifícios que nunca existiriam. Entre os monumentos previstos para dar à cidade de Nuremberg um “aspecto futuro e portanto eterno”, havia um estádio para 400 mil pessoas, que teria sido uma das maiores construções de toda a história; haveria uma arena com tribunas para 160 mil pessoas, uma avenida para desfiles e vários edifícios para congressos. O conjunto dava para um espaço onde se elevava um templo cujos planos obtiveram o Grand Prix na Exposição Universal de Paris, em 1937. Segundo Speer, Hitler prestava atenção especial aos materiais utilizados, para que os prédios, mesmo em ruínas, invadidos pelo mato, com as paredes caídas, falassem ainda da grandeza de seu regime, como as pirâmides do Nilo falam até hoje do esplendor e da força dos faraós. Ao colocar a pedra fundamental da sala do Congresso, em Nuremberg, declarou que “se, apesar de tudo, nosso movimento se calar um dia, estes testemunhos ainda falarão durante milênios. No meio de um bosque sagrado de carvalhos seculares, os homens considerarão ainda, com admiração, espanto e respeito, este primeiro dos gigantes de pedra construídos pelo III Reich”. [114]

Arquitetura era a disciplina artística preferida de Hitler, que, porém,

mantinha a mesma atração, sempre viva desde a juventude, pela pintura, o teatro musical e todas as artes. Fiel à ideia de que o nível artístico de uma época reflete sua grandeza política, via a legitimação de seus sucessos de homem de estado nas produções culturais de seu regime. Sobre esse fundo, devem-se considerar as profecias formuladas no início do III Reich, quando Hitler predizia “uma floração inaudita da arte alemã” ou “o renascimento cultural do ariano”. Por isso, foi enorme a irritação de Hitler ao ver esfumar-se o sonho [115] digno de um Péricles, e ver que seus esforços não produziam nada além de recusa do mundo exterior e orgulho pela angústia do próprio mundo, no interior do qual dedicar-se a um culto pseudo-romântico da escuridão e, por trás de janelas cegas, à procura das verdadeiras essências da vida: gleba estuante, heroísmo de capacete de aço, picos coroados de neve, trabalhadores dando toda a energia na forja. A atrofia cultural resultante de violentas tomadas de posição dos meios *völkisch* era igualmente perceptível na literatura e nas artes plásticas, mesmo se as exposições-congressos organizadas todos os anos em Munique, cujos membros eram em parte designados por Hitler, se esforçassem por esconder o vazio geral através de manifestações triunfais organizadas com grandes gastos. As explosões de raiva de Hitler contra “a arte da república de novembro”, “o embrutecimento da arte” do passado ocupavam sempre uma boa parte dos discursos sobre a cultura e mostravam que ele punha num mesmo plano as normas artísticas e políticas. Foi assim que ameaçou de prisão ou de tratamento médico “os homens de Neanderthal da arte” e que decidiu entregar à destruição “os rabiscos da arte cosmopolita”, que não eram senão “obras feias de espíritos presunçosos, insolentes e degenerados”. [116] A exposição organizada em 1937 sobre “a arte degenerada” já em parte concretizava essas ameaças.

Na ideia que Hitler fazia da arte encontramos logo a rigidez que caracteriza seu universo intelectual: desde os anos de Viena, quando passava sem nada ver da fermentação intelectual e artística da época, suas categorias de julgamento permaneceram imutáveis. O fausto clássico e frio e as pompas da decadência (por exemplo, Anselm von Feuerbach e Hans Mackart) eram os principais pontos de balizamento que ele elevava ao nível de norma absoluta, com todo o rancor do estudante recusado na Academia de Belas-Artes. Ao lado disso, admirava principalmente a Renascença italiana e o primeiro barroco. A maioria das obras que reuniu em Berghof datam dessa época. Tinha uma predileção particular por um seminu pintado por um aluno de Ticiano, Bordone, e por um esboço a cores de Tiepolo. Em compensação, rejeitava as pinturas da Renascença alemã, que a seus olhos não tinham fausto. [117] A fiel minúcia de suas próprias aquarelas permite-nos supor que em todo caso ele buscava uma espécie de precisão artesanal. Apreciava os

primeiros quadros de Lovis Corinth, mas sentia mau humor e irritação diante das obras da velhice do pintor, nas quais se afirma uma espécie de embriaguez genial, e baniu-as dos museus. Era significativo que gostasse de todos os tipos de "pinturas de gênero", como a "sentimental" de Eduard Grutzner pintando monges beberrões e hospedeiros gordos: contava que desde a juventude seu sonho era um dia ser bem feliz na vida para comprar um Grutzner autêntico. [118] Na residência da Prinzregentenplatz de Munique pendurou vários quadros desse pintor ao lado dos doces idílios que Spitzweg consagrava à pintura burguesa, um retrato de Bismarck por Lenbach, uma cena de parque por Anselm Feuerbach e numerosas versões do quadro *O pecado* , de Franz von Stuck. No "Projeto da Galeria Nacional da Arte Alemã", que se acha na primeira página do caderno de esboços de Hitler de 1925, estão citados todos esses pintores e, ao lado deles, Overbeck, Moritz von Schwind, Hans von Marées, Defregger, Böcklin, Piloty, Leibl e, finalmente, Adolf von Menzel, a quem não atribuía menos de cinco salas. [119] Começou logo a mandar comissários especiais comprarem todas as obras importantes desses pintores, abrigá-las para o museu que pretendia edificar em Linz e dirigir em pessoa, depois de ter alcançado todas as ambições políticas.

Mas tudo o que Hitler fazia imediata e inevitavelmente se agigantava, o que aconteceu com os projetos para a galeria de Linz. Se, de início, só quis reunir arte alemã do século XIX, depois da viagem à Itália, em 1938, sentiu-se quase desafiado pela riqueza dos museus italianos. Quis então construir um equivalente em Linz. A galeria já era em sua imaginação "o maior museu do mundo", quando, no início da guerra, a ideia progrediu e foi completada por um projeto que reunia lá todas as riquezas artísticas da Europa: todas as obras provenientes das pretensas "zonas de influência alemã" deviam ser levadas para a Alemanha e, principalmente, para Linz, pois a cidade austríaca devia se tornar uma espécie de "Roma alemã". Hitler encontrou um especialista merecedor de grande consideração na pessoa do diretor-geral do museu de Dresden, Hans Posse. Assistido por uma equipe de importantes colaboradores, Posse pesquisou o mercado de arte europeu, em seguida comprou ou confiscou nos países ocupados todas as importantes obras de arte e cadastrou-as numa edição em vários volumes, *Os catálogos do Führer* . Os quadros designados por Hitler eram reunidos em Munique. Quando chegava a essa cidade, ele consagrava os primeiros momentos, mesmo durante a guerra, à "Casa do Führer" local para contemplar as obras que havia escolhido e perder-se, longe da realidade, em intermináveis discussões sobre arte. Mesmo nos anos de 1943-1944, compraram-se três mil pinturas para o museu de Linz e gastaram-se cento e cinquenta milhões de reichsmarks, apesar de toda a dificuldade financeira imposta pela guerra. Quando as salas de Munique

tornaram-se insuficientes, Hitler confiou a guarda das obras assim reunidas a castelos como Hohenschwangau ou Neuschwanstein, a conventos ou a grutas nas montanhas. No único depósito de Alt-Aussee, uma mina de sal-gema datada do século XIV, estavam escondidos no fim da guerra 6.755 quadros de mestres antigos, além de desenhos, tapeçarias de Gobelin, esculturas, inúmeros móveis artísticos: era a última expressão de uma necessidade infantil e doentia de posse que atingia proporções colossais. Entre as pinturas, obras de Leonardo da Vinci e a *Madona de Bruges* de Miguelangelo, obras célebres de Rubens, de Rembrandt, de Vermeer, o Altar de Ghent dos irmãos van Eyck, mas também, e ao lado de tudo isso, o quadro *A peste em Florença* , de Hans Mackart, que, a pedido, Hitler obteve de presente de Mussolini, depois de muito pedir. A ordem de explodir o depósito não foi executada: fora dada do *bunker* do quartel-general do Führer e transmitida pelo *Gauleiter* do Oberdonau August Eigruber, junto com a ameaça de que a recusa em obedecer seria punida com a pena capital. [120]

O personagem Hitler guardou sempre a marca de uma estranha inferioridade, deu sempre a impressão de estreiteza, de inacabamento, e suas múltiplas visitas triunfais jamais puderam suprimir estes aspectos negativos. Mas os traços de seu caráter não chegariam a compor uma personalidade. Os relatos e as lembranças que nos deixaram seus íntimos não tornam a personagem compreensível: ele exibia uma máscara impessoal, através de uma encenação que dominava perfeitamente e que ninguém jamais contestou. Foi um dos maiores oradores da história e, apesar dessa qualidade, jamais cunhou uma única frase inesquecível. Também não se contam casos sobre ele, embora ele tenha agido pessoalmente a seu bel-prazer desde que assumiu o poder, sem entrave algum, com toda a liberdade, como nenhum outro ator da cena política jamais pôde fazer desde o absolutismo.

O peso excessivo do elemento excêntrico de sua personagem levou diferentes observadores a verem nele um diletante. Na medida em que Hitler foi descrito essencialmente como o tipo humano que representa a predominância do desejo sobre o dever, do capricho sobre a regra e sobre o austero emprego do tempo, é ele a irrupção do diletantismo na política. Os primeiros fatos importantes de sua vida já haviam sido marcados pelo diletantismo, que terminou por levá-lo também à política. Todo o tempo que permaneceu no poder foi uma única demonstração do poder normativo de sua personalidade; aí também se encontram as origens da ingenuidade, do extremismo metódico que fizeram seu sucesso. Verdadeiro *homo novus* , não era contido nem pela experiência do passado nem pelo respeito às regras do

jogo. Não tinha as dúvidas do especialista, não recuava diante de uma ideia cuja elaboração intelectual ainda não se tivesse completado. Seu primeiro impulso era intuitivo e ele não tinha o sentimento da dificuldade que seus imensos projetos podiam representar. Tudo era para ele um brinquedo de criança e ato de vontade, e nem mesmo tinha consciência de suas próprias audácias. Com “o prazer que o leigo tem de resolver tudo”, [121] irrompia em todos os setores, falava, intervinha e levava até o fim o que outras pessoas não ousavam nem pensar. Tinha do diletante o medo de confessar um erro e a necessidade de aparentar um conhecimento científico, de citar das toneladas, calibres. O mesmo diletantismo é comprovado pela volúpia diante das massas, a ingênua alegria de enganar os outros com truques, de provocar um efeito de surpresa, de se apresentar como grande mágico. Fiava-se mais no pensamento-relâmpago do que no pensamento propriamente dito, mais no gênio do que no trabalho regular. [122]

Esforçava-se para mascarar esse diletantismo com a falta de medida e levava-o a proporções monumentais para torná-lo invisível. Foi um homem do século XIX na medida em que era sempre conquistado por todas as formas de grandeza, fosse nos homens ou nas coisas. A grandeza legitimava tudo: o mundo estava à sua disposição como um campo de experiência ou como um cenário. Segundo a expressão brutal de Nietzsche, ele estava convencido de que um povo não é mais do que o desvio que a natureza faz para produzir alguns raros grandes homens. Dizia que “os gênios de uma espécie extraordinária não podem ter nenhuma consideração pela humanidade ordinária”. Sua concepção mais elevada do mundo e sua missão mais alta justificam toda dureza e, no pensamento dos super-homens, todos os indivíduos inferiores aparecem como “bacilos do planeta” [123] face à legítima pretensão dos gênios à grandeza.

As imagens de gênio, grandeza, glória, missão, de luta entre mundos têm um elemento característico de Hitler: ele pensava em termos de mitologia, não de sociedade, e sua “modernidade” era fortemente manchada de traços arcaicos. O mundo e a humanidade, as imbricações múltiplas de interesses, os temperamentos, as energias, tudo se reduzia a algumas oposições captadas pela intuição; havia o amigo e o inimigo, o bem e o mal; o puro se opunha ao impuro, o pobre ao rico, o brilhante cavalo branco ao dragão montando guarda ao tesouro. Sem dúvida, Hitler reprovou Rosenberg por ter escolhido para sua obra principal um título assimétrico: ele não achava que o nacional-socialismo opusesse o mito do século XX ao espírito, mas sim “a fé e o conhecimento do século XX ao mito do século XIX”. [124] Na verdade, estava muito mais perto do filósofo do partido do que muitas declarações

permitiriam pensar. Sua racionalidade se limitava aos métodos e não iluminava os pontos obscuros de suas angústias e emoções. Foi à base de fundamentos muito menos mitológicos que desenvolveu sua ação com método e sangue-frio: só a coexistência brutal de frieza e de superstição, de maquiavelismo e de abandono a formas de raciocínio mágico dá uma chave para o fenômeno Hitler.

Algumas premissas elementares arbitrariamente confrontadas e saídas de opúsculos de baixo nível, compostas por gerações de "professores", de "patriotas" e de pseudoprofetas deturparam de modo decisivo a imagem que os alemães fazem de sua história, impregnaram-nos de imagens mitológicas do inimigo hereditário e de "cerco", introduziram secretamente nas consciências a concepção de uma fidelidade digna de Nibelungos, de "punhaladas nas costas" e da alternativa radical entre a vitória e o aniquilamento. Sem dúvida, é exato dizer que o nacional-socialismo não conhece no mesmo grau que os fascismos da Itália ou da França a "sedução da história" [125] que faz parte dos temas essenciais do pensamento fascista. O nacional-socialismo não tinha à disposição uma época ideal que pudesse mobilizar sua aspiração à grandeza e seu espírito de imitação heroica. Só dispunha de uma negação crítica da história, isto é, a tentativa de estimular a ambição dos tempos presentes pela crítica violenta da fraqueza e dos ultrajes do passado. Hitler certamente tirou da rejeição do passado um dinamismo tão grande quanto o que Mussolini encontrava na evocação do glorioso *Imperium Romanum* . Para evocar tais fatos, bastava lembrar conceitos como "Versalhes" ou "época do sistema". Uma espécie de regulamentação linguística prescrita por Goebbels e dirigida aos chefes de serviço da propaganda exigia, por exemplo, que se usasse o termo "criminoso" para designar os anos que vão de 1918 a 1933. [126] Paul Valéry declarou que a história é o mais perigoso produto que a alquimia do cérebro humano deu à luz; ela faria povos sonharem ou sofrerem, lhes daria a loucura das grandezas, torná-los-ia amargos, vãos, insuportáveis: mais ainda do que todas as ideologias racistas, mais do que a inveja ou a vontade de expansão, ela suscitou o ódio e a paixão dos povos durante a primeira metade do século XX.

Hitler era obrigado a recorrer a esse modo de negação da história no mínimo porque não fazia objeto de admiração nenhum período da história alemã. Seu mundo ideal era o da Antiguidade, Atenas, Esparta ("o mais claro exemplo de estado racial da história"), o Império Romano. Sempre se sentiu mais perto de César ou de Augusto que de Arminius. Eram eles e não os habitantes analfabetos das florestas germânicas que ele contava entre "os espíritos sublimes (…) de todos os tempos", que ele queria "encontrar no

Olimpo (…) onde serei acolhido”. [127] A decadência dos antigos impérios nunca deixou de preocupá-lo: “Penso muitas vezes nos motivos por que o mundo antigo clássico desapareceu”. Aliás, zombava abertamente das tentativas sectárias de Himmler para dar vida a algumas comemorações pagãs ou crenças pastorais pré-históricas. Respondia com sarcasmos a esse folclore germânico baseado na utilização de ervas medicinais e declarava “pouca simpatia por essas coisas”: “Quando nossos ancestrais fabricavam banheiras de pedra e jarras de barro a que nossos especialistas em pré-história dão tanta importância, construía-se na Grécia a Acrópole.” [128] Declarava ainda: “Os alemães que permaneceram no Holstein continuavam selvagens dois mil anos mais tarde, e seu nível cultural não era mais elevado que o dos maoris hoje”. Só os povos que emigraram para o sul conheceram um impulso cultural: “Nosso país era um país de porqueiros (…) Se nos perguntarem quais são nossos ancestrais intelectuais, somos obrigados a responder: os gregos.” [129]

Além do mundo antigo, a Inglaterra provocava sua admiração e seu espírito de emulação. A Inglaterra soube aliar o forte sentimento de nação compacta, a consciência de sua superioridade à capacidade de pensar grande: o exato oposto do cosmopolitismo alemão, da pusilanimidade e da estreiteza de espírito. Depois dos ingleses vêm os judeus, objeto de um espanto secretamente odioso e fonte de indizíveis angústias. Hitler não admirava menos a pureza e autonomia racial deles do que o sentimento de serem o povo eleito, sua energia e inteligência. Na verdade, Hitler via no judeu algo como uma espécie de super-homem negativo. Mesmo os povos germânicos de uma pureza racial relativa são inferiores a eles, declarava nas *Conversações à mesa* , e acrescentava que, se levassem cinco mil judeus para a Suécia, em pouco tempo saberiam conquistar todas as posições de direção. [130]

A partir de tais noções, por mais que pareçam imprecisas e heterogêneas, Hitler construiu a imagem do “homem novo”, um tipo humano reunindo a dureza e a frugalidade dos espartanos, o ethos romano, a senhoria do inglês e a moralidade racial do judeu. Essa fantasmagoria racial permeava sempre a sede de poder, o fanatismo, a dedicação ao dever, as perseguições e o miasma da guerra. Hitler afirmava: “Os que só veem no nacional-socialismo um movimento político nada sabem dele. Ele é mais do que uma religião: é a vontade de criar um homem novo”. [131]

Este era seu verdadeiro pensamento, profundo e enraizado, que compensava todas as angústias e rejeições, era sua ideia positiva: unir todo o sangue ariano até então disperso por todos os jardins de Klingsor e guardá-lo para os tempos vindouros no precioso Graal, o que lhes daria o domínio do mundo e a invulnerabilidade. Todos os cálculos da política de poder e todo o

cinismo detinham-se ante essa visão: o Novo Homem. Desde a primavera de 1933 Hitler tomou as primeiras disposições normativas que logo se transformaram num imenso catálogo de intervenções calculadas com precisão, umas para pôr um termo ao que se chamava decadência racial, outras para "suscitar o ressurgimento da nação (…) mediante a criação racional do homem novo". No congresso do partido em Nuremberg, em 1929, Hitler declarou no discurso de encerramento: "Se a Alemanha tivesse cada ano um milhão de crianças e eliminasse setecentos a oitocentos mil dos mais fracos, o resultado final poderia ser um aumento de força". Os arautos intelectuais do regime tomaram esse conceito e o escalaram para uma "guerra mundial contra (…) os degenerados e os contaminados". O filósofo do racismo Ernst Bergmann declarava ver "com toda a tranquilidade de espírito o fato de raspar um milhão de homens da escória das grandes cidades". [132] Paralelamente às medidas anti-semitas, foram tomadas iniciativas para "garantir a qualidade do sangue" — leis sobre o casamento e higiene genética, bem como vastos programas de esterilização e de eutanásia.

Medidas pedagógicas completavam as medidas de eugenia: uma "raça espiritual" é algo mais sólido e mais durável do que simplesmente uma "raça", declarou Hitler, justificando sua observação pela "superioridade do espírito sobre a carne". [133] Um novo sistema devia formar e treinar uma elite do ponto de vista racial: instituiu estabelecimentos de ensino que inculcavam um espírito político nacional *Napola* , [*Na* tional*pol* itischen Erziehungs*a* nstalten], as Escolas Adolf Hitler, os Castelos das Ordens e principalmente as Altas Escolas de Rosenberg, que mal saíram do projeto. Em um de seus monólogos, Hitler descreveu aos mais íntimos o novo tipo humano, parcialmente realizado na SS, como um animal predatório, cruel, sem medo, marcado de traços "demoníacos" de tal modo que ele próprio se apavorou com a visão. [134] Sem dúvida, à primeira vista essas fórmulas são facilmente identificáveis como resultado de certas leituras e contêm mais "literatura" do que autorizaria um regime totalitário ao encarar os interesses de sua sobrevivência e de seu poder: tais interesses não exigem um tipo humano demoníaco, mas o homem disciplinado, não o homem sem medo, mas agressivo, e cuja agressividade deve poder ser medida, dirigida e aplicada aos objetivos convenientes. Como quer que seja, a originalidade e a força de Hitler transformavam a "literatura" em "realidade". O "homem novo" cuja imagem indicava a futura elite do Reich Gran-germânico era temível, mas não da maneira com que foi descrito; mais do que cruel, distinguia-se pela obediência absoluta: de uma impassibilidade de máquina, cheio de ardor para o combate, do sentimento de pertencer à Raça dos Senhores que "exige a destruição do Outro", tal como explicava Hitler a 13 de fevereiro de 1945,

num dos últimos “monólogos” de que se tem notícia. [135]

Só se conheciam, entretanto, os contornos da imagem. Não era possível, a partir de um material humano racialmente tão misturado, conquistar rapidamente a superioridade e encontrar a própria substância do sangue ariano. “Nós todos sofremos da doença lenta e incurável que é a mistura e a corrupção do sangue”, declarou Hitler. Na verdade, não é difícil ver aqui, nas entrelinhas, o sofrimento que lhe causavam sua própria impureza e fragilidade. Ele pensava em longos espaços de tempo. [136] Num discurso que não foi então divulgado, feito para oficiais superiores em janeiro de 1939, falou de um processo que deveria durar um século. Só dali a cem anos, uma maioria de alemães possuiria características capazes de conquistar e dominar o mundo. Não duvidava do êxito do projeto. Já havia escrito na conclusão do *Mein Kampf* : “Um estado que, na era do envenenamento das raças, se consagra ao cuidado de seus melhores elementos raciais, deve mais cedo ou mais tarde se tornar o senhor da Terra.” [137]

Não sobrava muito tempo para ele: era sempre impelido pela rápida e inquietante decadência da raça, como pelo sentimento da brevidade da vida humana. Assim, apesar da apatia de fundo, a vida de Hitler parece marcada por uma pressa febril: em julho de 1928, escreveu numa carta que já tinha 28 anos e que “mesmo na hipótese mais favorável” restavam-lhe apenas vinte anos para completar sua “imensa tarefa”. [138] A preocupação de que o prazo se pudesse escoar sem que atingisse o objetivo impelia-o a correr adiante, e a ideia de uma morte prematura nunca deixou de atormentá-lo. “O tempo passa”, dizia em fevereiro de 1934, “não tenho muito mais tempo para viver (…) Devo construir as bases sobre as quais outros farão o resto depois de mim. Não verei a obra realizada.” [139] Receava os atentados: “Qualquer criminoso, qualquer idiota” podia eliminá-lo e impedi-lo de realizar sua missão.

Essas angústias levavam-no a tomar grande cuidado de si. Desde o sistema de vigilância executado pelo infatigável Himmler, e comparável a um olho gigantesco aberto para o conjunto do país, até a comida vegetariana a que se convertera no início dos anos 1930, sempre procurou proteger a vida pelas precauções mais disparatadas, por inadequada que fosse a tentativa de garantir a realização da “tarefa imensa” mediante o aparelho policial e a sopa de farinha. Não fumava, não bebia, evitava o café e o chá fortes demais e contentava-se com leves infusões. Mais tarde, sob influência de seu médico pessoal, o professor Morell, foi vítima de uma mania de remédios e estava

sempre a tomar um ou outro, ou pelo menos chupava pastilhas. Tinha os cuidados de um hipocondríaco. Considerava as dores de estômago que sentia às vezes como sintomas de um câncer à espreita. Na primavera de 1932, durante a campanha presidencial, quando um de seus partidários o visitou num hotel de Hamburgo, ele lhe declarou, por cima de um prato de sopa de legumes, que não podia mais esperar, "que não tinha mais um ano a perder. Preciso chegar rapidamente ao poder para ter condições de realizar, no tempo que me resta, o gigantesco trabalho que me cabe. Preciso! Preciso absolutamente!" [140] Numerosas declarações dos anos posteriores e certos discursos contêm indicações análogas. Entre os íntimos, uma das fórmulas que mais lhe ocorriam era que "não tinha muito mais tempo", que "desapareceria logo", "que só viveria mais alguns anos".

Os exames médicos dão poucas informações. Sem dúvida, nos últimos anos Hitler tinha dores de estômago. Desde 1935 se queixava de problemas circulatórios. Porém nenhum dos resultados de exames médicos conservados mostram-nos um Hitler tão doente que possamos explicar a pressa senão por motivos psicológicos. Aliás, tal sentimento é bem conhecido dos biógrafos de políticos com a consciência de estarem investidos de uma missão particular. Nossa interpretação se apoia igualmente em sua mania patológica da viagem, que nos dá a impressão de uma fuga permanente. Isso vale também para as insônias nervosas, que o mantiveram cada vez mais acordado ao longo dos anos, e cujo resultado, durante a guerra, foi que no quartel-general do Führer trocava-se literalmente o dia pela noite. Tal frenesi tornava-o incapaz de uma atividade regrada. Qualquer esforço começado devia ter resultado imediatamente. É plausível a afirmação de que leu poucos livros até o fim. Podia passar dias inteiros numa imobilidade que se acreditaria provocada por narcóticos e "cochilar com tanta apatia quanto um crocodilo nas lamas do Nilo" antes de se lançar sem transição em frenética atividade. Num discurso pronunciado em abril de 1937 no Castelo da Ordem Vogelsang, falou dos nervos "estragados" e declarou num tom de lamento: "É preciso que meus nervos voltem ao estado normal (…) É evidente. Todas estas preocupações incríveis são um imenso fardo. Agora vou me liberar de um bom número de tarefas. É preciso primeiro que eu volte a um estado de nervos normal". [141] Diante da maquete da capital, declarou a Albert Speer com os olhos úmidos: "Se eu ao menos estivesse com saúde!" Muitos empreendimentos cuja execução extremamente rápida parecia corresponder a pacientes cálculos eram, na verdade, a expressão dessa pressa que lhe ditava o pressentimento da morte: "Não verei a realização de minha obra!" Numa alocução dirigida aos chefes do serviço de propaganda, declarou em outubro de 1937, conforme um dos ouvintes:

> Ele, Hitler, não tem mais muito tempo para viver dentro das medidas humanas ordinárias. As pessoas de sua família não viveram muito. Sua mãe e seu pai morreram muito cedo. Portanto, é necessário resolver o mais rápido possível os problemas [o espaço vital] enquanto ele estiver vivo. As gerações seguintes não poderão fazer mais. Só ele ainda é capaz.
>
> Declara que depois de difíceis combates interiores libertou-se de concepções religiosas que ainda lhe restavam da infância, e acrescenta: "Sinto-me agora tão livre quanto um potro no campo." [142]

Mas essa necessidade que Hitler apresentava com uma insistência sempre maior tinha na base uma reflexão de ordem psicológica. Muitas indicações mostram que desde o fim do ano de 1937 Hitler estava cada vez mais preocupado com o perigo de que a revolução, freada pela conclusão da tomada do poder, perdesse o dinamismo para se enterrar na quietice. A moderação no campo interno, os gestos de paz no exterior, a permanente atividade cerimonial, em uma palavra, a grande mascarada do regime podia ser levada a sério, pelo menos ele temia, e "o impulso rumo aos grandes objetivos perder o vigor". [143] Na confiança praticamente ilimitada no poder da propaganda, via também o poder de transformar um cenário falsamente idílico em um idílio verdadeiro. Num importante discurso mantido secreto, de 10 de novembro de 1938, aos dirigentes da imprensa alemã, analisou de maneira muito precisa esta contradição:

> As circunstâncias me obrigaram durante anos a quase só falar de paz. Só insistindo sem cessar no desejo de paz dos alemães e em suas intenções pacíficas foi possível conquistar passo a passo a liberdade do povo alemão e dar-lhe o armamento indispensável para as etapas seguintes. Essa propaganda pacífica, seguida durante anos, apresenta igualmente seu aspecto negativo: poderia levar muita gente à ideia de que o regime hoje se identifica realmente com essa decisão, essa vontade de manter a paz a qualquer custo.
>
> Isso levaria não só a fazer um julgamento errôneo sobre as finalidades de nosso sistema, mas principalmente a impregnar a nação alemã (…) de um espírito que terminaria se tornando derrotismo e anularia inevitavelmente os sucessos atuais.
>
> Os motivos pelos quais falei de paz durante tantos anos eram imperativos, mas a seguir foi necessário proceder à lenta mutação psicológica do povo alemão, fazê-lo entender que certas coisas devem ser conseguidas pela força, se não puderem sê-lo por meios pacíficos (…)
>
> Este trabalho precisou de meses. Foi começado, prosseguido, reforçado de maneira conforme aos meus planos. [144]

Com efeito, a partir da segunda metade do ano de 1937 deu-se livre curso às forças extremistas que tinham sido contidas, e a nação foi então reorganizada em função das intenções de guerra do regime. Só a partir dessa data começou verdadeiramente o aumento do estado SS, que se manifestou com máxima evidência na multiplicação de campos de concentração e na criação acelerada de novas unidades armadas da SS. A Cruz Vermelha recebeu a missão de se preparar para uma proclamação de mobilização geral. Ao mesmo tempo foi ordenado à Juventude Hitlerista que se preparasse para substituir na indústria de armamentos a força de trabalho que seria dirigida

para o exército. Ataques brutais aos funcionários da Justiça, às Igrejas, à burocracia criaram nova atmosfera de intimidação. Enquanto isso, Hitler invectivava com vigor cada vez maior os intelectuais céticos ("esses escrevinhadores insolentes e despudorados", "perfeitamente inúteis na edificação de uma comunidade popular") e fazia bem alto o elogio das almas simples. Em novembro de 1937, a imprensa recebeu a diretiva de não comentar publicamente os preparativos do Partido Nazi visando à "guerra total". [145]

Mesmo no setor econômico tais preparativos foram ativados com energia. Contrariamente à teoria que dá aos interesses do grande capital um predomínio absoluto no III Reich, os empresários revelaram-se instrumentos dóceis que "não exerciam sobre as decisões políticas influência maior que a de seus empregados". [146] Se os empresários não cumprissem as tarefas a eles atribuídas, a Alemanha "não iria à ruína por isso, mas, sem dúvida, alguns deles iriam", afirmara Hitler desde o outono de 1936, num documento que constitui seu programa econômico. Nesse texto, partia, como sempre, de princípios visando exclusivamente à eficácia: pôr a interpretação de sua política econômica sob o signo da ideologia seria desconhecer sua natureza intelectual, sua lucidez alheia a qualquer doutrina. Sem dúvida, o ordenamento do III Reich era substancialmente capitalista, porém recoberto de estratificações autoritárias e por estas deformado.

No documento, Hitler já chanceler pela primeira vez confirmou seus propósitos expansionistas. Justificava a aceleração dos planos pelo inquietante problema de matérias-primas e de alimentação na Alemanha, evocando o antigo fantasma de país superpovoado, o espantalho dos cento e quarenta habitantes por quilômetro quadrado. Um plano quadrienal de modelo soviético daria condições para a execução de sua política do *Lebensraum* . A execução ficou com Hermann Göring, o qual, sem medir custos ou consequências econômicas, impôs aos empresários programas de autossuficiência e rearmamento. Durante a reunião do gabinete em que foi apresentado o documento de Hitler, ele exigiu que todas as medidas necessárias fossem tomadas "como se já estivéssemos à beira da guerra". Alguns meses depois explicou a uma assembleia de grandes industriais que não se tratava mais de produzir segundo princípios econômicos, mas de produzir "a qualquer preço". Era um programa de "desperdício" com o objetivo de uma guerra de conquista e que só assim se podia justificar. O próprio Hitler declarou durante a guerra que era preciso ter sempre em mente: "Se perdermos, tudo estará liquidado de todo modo." [147] Quando Hjalmar Schacht criticou seus métodos, houve o rompimento e Schacht teve que

deixar o ministério. Hitler considerava que não tinha mais tempo a perder. No documento, explicou que o rearmamento devia ser levado “no mesmo ritmo, com a mesma decisão e, se necessário, com a mesma brutal energia” dos preparativos militares e políticos visando à guerra, o que se exprimia na frase de conclusão: “Fixo, pois, os objetivos seguintes. Primeiro, as forças armadas alemãs daqui a quatro anos devem estar prontas para emprego. Segundo, a economia alemã daqui a quatro anos deve estar em condições de sustentar a guerra.” [148]

Os relatos da época descrevem o estado de espírito da população de um “certo cansaço e indiferença”. [149] A superorganização e o enquadramento às vezes intoleráveis, a política que o regime fazia no lugar das igrejas, o culto da raça, as pressões sobre a arte e a ciência, tudo junto à arrogância dos funcionários provocava inquietações que só chegavam a se exprimir sob a forma de mau humor prudentemente dissimulado. A maioria tentava na medida do possível viver sua vida ignorando o regime e as injustiças. O relatório que acabamos de mencionar nota que a “saudação alemã” [*Heil Hitler*], que, afinal, era um meio de medir as variações do humor político, “acabou quase sempre dando lugar às formas habituais de cumprimento (exceto, naturalmente, para os militantes do partido e para os funcionários) ou era feita de forma casual”.

Mesmo admitindo que relatos de alcance limitado como esse não nos permitem tirar conclusões mais gerais, tornam compreensíveis a atividade febril de Hitler e definem o objetivo que ele havia fixado: arrancar a população de sua letargia, criar uma situação na qual se unissem tão bem as preocupações, o orgulho, o amor-próprio ferido, de modo que “a voz interior do povo começasse a exigir soluções violentas”. [150]

Quando Hitler traça perspectivas, a guerra sempre está no horizonte, escreveu na época Konrad Heiden, e perguntava, no mesmo texto, como podia um homem daqueles existir “sem explodir o mundo?” [151]

22

“O maior dos alemães”

Filhas, cada uma de vocês me dê um beijo aqui e aqui! (…)
É o maior dia de minha vida. Vou entrar na história como o maior dos alemães!

Adolf Hitler a suas secretárias em 15 de março de 1939

A IMPACIÊNCIA E A VONTADE de agir que marcavam Hitler encontraram sua primeira expressão concreta na conferência secreta de 5 de novembro de 1937, cujo desenrolar nos é narrado pelas notas de um dos presentes, o coronel Hossbach, ajudante do estado-maior. Diante do círculo mais restrito (o ministro do Exterior, von Neurath; o ministro da Guerra, von Blomberg; os comandantes militares von Fritsch, Raeder e Göring), ele expôs ideias que causaram sensação não só em parte dos presentes, mas também mais tarde, quando foram reveladas durante o processo de Nuremberg, pois documentavam sua decisão de desencadear a guerra em curto tempo.

Por outro lado, a significação psicológica das declarações de Hitler pesa mais do que o significado político, e os apontamentos de Hossbach, mais que documentarem seus propósitos, mostram-lhe a angústia cada vez maior. O que Hitler disse aos participantes da reunião na chancelaria do Reich, inspirado pelas circunstâncias favoráveis, numa exposição que durou mais de quatro horas ininterruptas, e que ele declarou ser “o resultado de atentas reflexões e da experiência de seus quatro anos e meio de governo”, era exatamente o que dissera anos antes em *Mein Kampf* , e que desde então constituíra, sem jamais se desviar, o ponto fixo de todas as suas iniciativas e manobras. Novo unicamente o tom de impaciência com que sublinhou suas ideias, projetando-as sobre o quadro da situação política concreta. Depois de uma breve introdução, pediu aos presentes que considerassem “a exposição a seguir como seu testamento espiritual no caso de sua morte”. [152]

Se, prosseguiu, se considerava objetivo da política alemã o bem-estar, a continuidade e a multiplicação de sua massa de povo, logo se esbarrava no “problema do espaço”: todas as dificuldades econômicas e sociais, todos os perigos raciais só poderiam ser superados resolvendo-se a falta de espaço, fator que determinava o futuro da Alemanha em jogo. Mas, diversamente do que haviam feito as potências liberais na época da conquista colonial, o

problema não se solucionaria pela expansão no ultramar: o espaço vital para a Alemanha estava no continente europeu. Como demonstrou a história do Império Romano ou a do Império Britânico, toda expansão comportava riscos substanciais: “Nem ontem nem hoje existiu espaço sem senhor; o agressor sempre se choca com um dono”. Mas a vantagem enorme — a saber, um império espacialmente compacto, dominado e defendido por “um sólido núcleo racial” — justificava uma grande jogada: “A solução para o problema alemão só se encontra pela via da força”, afirmou Hitler.

Mas se fosse resolvido seguir esse caminho, seria apenas questão de escolher o momento e as condições mais favoráveis. Ainda por seis ou oito anos, no máximo, a situação poderia evoluir de maneira favorável para a Alemanha; portanto, “se ele ainda fosse vivo, era sua decisão irrevogável resolver o problema alemão de espaço no máximo entre 1943 e 1945”. Mas, se a ocasião se propiciasse mais cedo — por exemplo, uma grave crise interna atravessada pela França ou um conflito que envolvesse as potências ocidentais — estava decidido a aproveitá-la. De todo modo, a prostração da Áustria e da Tchecoslováquia seria o prólogo, insistiu, não deixando aos interlocutores nenhuma dúvida de que não se contentaria com revisões de limites étnicos e com a anexação do território dos Sudetos, mas que tinha em mente a conquista de toda a Tchecoslováquia como base de partida para a consecução de objetivos imperialísticos mais vastos. Assim, a Alemanha não ganharia só doze divisões, mas se asseguraria uma fonte de reservas alimentares para mais cinco ou seis milhões de pessoas, porque se devia partir do pressuposto de “uma emigração forçada de dois milhões de tchecos e de um milhão de austríacos”. Além disso, tinha como provável que a Inglaterra e a França “já haviam secretamente desistido da Tchecoslováquia”. Não era de excluir que já no ano seguinte estourassem conflitos, por exemplo, na área do Mediterrâneo, envolvendo fortemente as potências ocidentais, caso em que estava resolvido a entrar em ação já em 1938. Nesse quadro, uma rápida e completa vitória de Franco na Guerra Civil Espanhola não era desejável para a Alemanha; o interesse do Reich pedia, ao contrário, a manutenção das tensões no setor mediterrâneo. Na verdade, era o caso de se perguntar se não conviria encorajar Mussolini a novos movimentos de expansão, no intuito de provocar um *casus belli* entre a Itália e as potências ocidentais. Seria uma excelente ocasião para a Alemanha “cair sobre a Tchecoslováquia com a rapidez do relâmpago”.

Alguns participantes ficaram estupefatos com essas declarações de Hitler, e o relato de Hossbach indica que a discussão a seguir “teve momentos muito ácidos”. [153] Neurath, Blomberg e Fritsch, principalmente, opuseram-se aos

projetos de Hitler e alertaram com vigor para os riscos de uma guerra com as potências ocidentais. Se Hitler convocara seus colaboradores para lhes transmitir sua impaciência e, como disse a Göring antes da reunião, para “botar fogo nos pés” de Blomberg e Fritsch, descontente com o ritmo do rearmamento do exército”, [154] logo tomou consciência de uma divergência de opiniões tal que chegava a parecer uma diferença de princípios. Quatro dias mais tarde, Fritsch pediu nova entrevista e Neurath, também “profundamente perturbado”, como revelou mais tarde, tentou falar-lhe e desviá-lo da ideia de guerra. Mas, no intervalo, Hitler, numa decisão súbita, saiu de Berlim e retirou-se em Berchtesgaden. Visivelmente irritado, recusou-se a ver o ministro do Exterior antes de sua volta, que deveria ocorrer na metade de janeiro.

Não foi por acaso que quase todos os oponentes das ideias de Hitler na sessão de 5 de novembro acabaram vítimas da grande reviravolta com que, pouco depois, ele demitiu os poucos conservadores que ainda ocupavam postos-chave no exército e no Ministério dos Assuntos Estrangeiros. Ao que parece, a conferência lhe deu a certeza definitiva de que seus planos de agressão exigiam ânimo para o risco, nervos sólidos e uma certa coragem de salteador que não se podia esperar dos representantes prudentes e cheios de escrúpulos das velhas camadas burguesas. O orgulho e a teimosa rigidez deles foram insuportáveis para Hitler, e sua aversão foi ainda aumentada pelo sentimento antiburguês. Detestava a altaneria, a presunção e a certeza que tinham de sua situação social e, assim como não visualizava o diplomata nacional-socialista como um funcionário correto — mas de preferência como um revolucionário e um agente, como um “diretor de entretenimento” dotado de boa capacidade para “bancar o alcoviteiro e para falsificar” — em sua ideia os generais deviam ser “um mastim cuja coleira deve ser segurada com mão firme para impedi-lo de saltar sobre o primeiro que passe”. Era evidente que Neurath, Fritsch e Blomberg não correspondiam a essa descrição. Sob aquele regime, disse um deles, eram todos uns “sauros”. [155]

Assim, a conferência de 1937 foi selada por uma desilusão recíproca. Os conservadores, e principalmente os chefes militares, que jamais aprenderam a pensar além dos limites estreitos de seus objetivos e de seus interesses, perceberam, consternados, que Hitler se atinha à sua palavra e que, no assunto, continuava o mesmo. Por seu turno, Hitler confirmou os motivos do desprezo que tinha pelos parceiros conservadores, mesmo pelos que, nos anos da preparação, tinham-se mantido silenciosos, obedientes e servis; também esses agora mostravam sua incoerência. Desejavam a grandeza da Alemanha, mas não aceitavam os riscos; queriam o rearmamento, mas não a guerra;

admiravam a ordem nacional-socialista, mas não tinham a visão do mundo, a *Weltanschauung* nacional-socialista. Essa constatação traz nova luz aos esforços tenazes dos conservadores, durante os anos precedentes, para manter no domínio militar e diplomático uma relativa independência. Tais esforços não foram muito felizes no Ministério do Exterior, pois Hitler pôde em parte evitar as tentativas de autonomia recorrendo aos "enviados especiais". Mas Hitler teve bem menos êxito com o bloco social infinitamente mais unido da casta dos oficiais, a despeito de alguns raros sucessos. A oposição manifestada por Blomberg, Fritsch e Neurath às suas sugestões exigia uma urgente solução do problema. E como sempre ocorreu quando ele estava diante de um dilema, o acaso ajudou: ainda dessa vez uma série de acontecimentos ofereceu-lhe oportunidades que, com seu dom excepcional de reação tática, tratou de aproveitar e explorar. Em três meses, havia mudado a disposição dos principais postos chaves e reorganizado o aparelho diplomático e o aparelho militar de modo a ajustá-los às missões previstas em seu programa.

O ponto de partida, anódino e tocante, foi fornecido pela intenção de Blomberg de tornar a se casar, pois enviuvara havia alguns anos. Apresentou-se um obstáculo desagradável no fato de a jovem eleita, Ema Gruhn, ter, conforme Blomberg, "um certo passado" e, em consequência, não corresponder à austera concepção do corpo de oficiais sobre uma esposa de militar. Procurando conselho — e também dirigindo-se a ele como um amigo — Blomberg confidenciou com Göring, que encorajou vivamente o projeto e até o ajudou a eliminar financeiramente um jovem rival e fazê-lo emigrar. [156] O casamento ocorreu na mais estrita intimidade, a 12 de janeiro de 1938; o próprio Hitler e Göring foram testemunhas.

Porém, ao cabo de alguns dias, correu o rumor de que o marechal de campo havia feito uma *mésalliance* e que a jovem esposa não era desconhecida da polícia de costumes. Nos arquivos policiais existia um fichário em que constava que a jovem dama se entregara durante algum tempo à prostituição e chegou a ser condenada por ter posado para fotos pornográficas. Nesse ínterim, Blomberg voltou de uma curta viagem de núpcias de uns doze dias e Göring lhe revelou que sua posição era indefensável e que, além do mais, o corpo de oficiais não via nenhum motivo para interceder em favor do marechal de campo que desde o início se ligara a Hitler com entusiasmo juvenil. Dois dias depois, na tarde de 26 de janeiro, Hitler o recebeu para uma visita de despedida: "O fardo tornou-se pesado demais para você e para mim", explicou, "eu não podia suportar. É preciso

nos separarmos". Na curta conversa que se seguiu sobre quem seria o sucessor, Hitler excluiu não só os candidatos presuntivos, como Fritsch, mas também Göring, que, sempre à espreita de posições, não deixou de pretender essa tão importante. Ao que parece, Blomberg teria proposto que Hitler — o que estava mesmo nas intenções do Führer — ocupasse pessoalmente o posto: "Quando soar a hora da Alemanha", concluiu Hitler, "eu o chamarei a meu lado e o passo será esquecido". [157] E enquanto Göring multiplicava as intrigas para eliminar o rival Fritsch, a decisão estava manifestamente tomada.

Pois bem, veio à tona um segundo fichário, trabalho comum de Göring e Himmler, acusando Fritsch de homossexualismo. Numa cena que se diria tirada do pior teatro, submeteram o general comandante em chefe do exército alemão a uma acareação na própria chancelaria do Reich com uma testemunha subornada, e tais rumores, embora mais tarde sua falta de consistência fosse reconhecida, cumpriram seu papel dando a Hitler mais um pretexto para a grande mudança de pessoal de 4 de fevereiro de 1938. Fritsch foi por sua vez demitido e Hitler assumiu o comando supremo das forças armadas. O Ministério da Guerra foi extinto e em seu lugar criado o OKW, Alto-Comando da Wehrmacht, *Oberkommando der Wehrmacht* , sob a chefia do general Wilhelm Keitel: e tem-se a impressão de estar assistindo incógnito a uma comédia encenada por Hitler quando se lê o diário de Jodl a respeito da nomeação de Keitel: "Às 13 horas, Keitel se apresenta à paisana ao Führer. Este abre-lhe o coração e fala de todas as dificuldades que enfrenta. Está cada vez mais só (…) Diz a K: 'Conto com você, fique ao meu lado. Você é meu confidente e único conselheiro em tudo o que se refere à Wehrmacht. O comando único e coerente da Wehrmacht é para mim coisa sagrada e intangível.'" E em seguida, sem interrupção e no mesmo tom, Hitler acrescenta: "Assumirei eu mesmo com sua ajuda". O sucessor de Fritsch foi o general von Brauchitsch, que se qualificou para o posto, como Keitel para o seu, pela subserviência e pela fraqueza de caráter, além de ter declarado "estar pronto para o que quer que fosse exigido dele"; empenhou-se principalmente em fazer tudo para operar uma aproximação entre o exército e o nacional-socialismo. [158] No quadro dessas medidas, foram passados para a reserva dezesseis generais antigos e transferidos quarenta e quatro outros. Para consolar Göring um pouco pela decepção, Hitler o promoveu a marechal de campo.

De um só golpe, sem a menor sombra de resistência, Hitler afastou o último fator de poder ainda com algum peso: foi uma espécie de "30 de junho sem sangue". Com desprezo, disse que agora estava convencido: todos os generais eram uns covardes. [159] Sua opinião piorou ainda mais ao constatar a

indelicadeza e falta de escrúpulo com que, antes mesmo da reabilitação de Fritsch, inúmeros generais se declararam prontos a ocupar as vagas abertas. O episódio também deixou claro que a união interna do corpo de oficiais estava definitivamente rompida e que a solidariedade de casta, que havia sido letra morta no caso do assassinato de von Schleicher e de von Bredow, não existia mais. Resignado, o coronel-general von Fritsch deixou um documento para a história sobre o "tratamento infame" a que o haviam submetido. Mas recusou na mesma hora, e seis meses mais tarde, o contato de um grupo de oficiais que fizeram desses acontecimentos o ponto inicial de atividades subversivas. Respondeu-lhes com a afirmação fatalista: "Esse homem é o destino da Alemanha, e o destino se cumprirá até o fim". [160]

A reviravolta, porém, não se limitou à Wehrmacht. Na reunião ministerial em que deu a conhecer as mudanças no comando militar, Hitler anunciou também a substituição de von Neurath no Ministério do Exterior por Ribbentrop. Simultaneamente algumas embaixadas importantes (Roma, Tóquio, Viena) receberam novos embaixadores. A desenvoltura com que Hitler dirigia o estado sobressai ainda mais na maneira quase fortuita com que Walter Funk foi nomeado para as Finanças: Hitler encontrou-o uma noite na Ópera e ofereceu-lhe o posto no intervalo; Göring lhe transmitiria outras instruções, acrescentou. No conselho de ministros de 4 de fevereiro foi apresentado como o sucessor de Schacht. Essa reunião também foi, na história do regime, a última do ministério.

Durante o desenrolar da crise, Hitler temeu que no estrangeiro pudessem considerar os acontecimentos um sintoma de lutas surdas pelo poder e vissem aí um sinal de fraqueza. Receou também novas discussões quando o inquérito feito pela justiça militar sobre o caso de Fritsch, inquérito que não pôde recusar aos generais, revelasse a intriga e reabilitasse o general. "Se as tropas soubessem, seria a revolução!", predisse um dos indiciados. Em consequência, Hitler resolveu encobrir uma crise com outra, de proporções bem maiores. Já em 31 de janeiro, Jodl havia anotado em seu diário: "O Führer quer desviar a luz dos refletores da Wehrmacht, manter a Europa suspensa e, pela ocupação nova de diversos pontos, dar a impressão de uma concentração de força e não de um momento de fraqueza. Schuschnigg não deve criar ânimo, mas, ao contrário, tremer." [161]

Com isto está claro o objetivo que na ocasião o orientava. Desde o compromisso de julho de 1936 nada havia feito para melhorar as relações austro-alemãs. Ao contrário, serviu-se dos termos do acordo para alimentar

constantemente novas querelas, com pseudodireitos apoiados por trapaças. O governo de Viena registrou com inquietação o fechamento progressivo do cerco. Os compromissos contidos no acordo e aceitos unicamente sob violenta pressão punham-lhe um freio à liberdade de manobra, enquanto estreitavam as relações entre Roma e Berlim. Acrescentava-se a importância crescente do movimento nazi clandestino no país, o qual, encorajado ou mesmo financiado pelo Reich, desenvolvia uma grande atividade de provocação. Não só era possível estabelecer uma campanha veemente em favor de uma junção com a Alemanha, à base do velho sonho da União de uma Grande Alemanha, finalmente possível pelo desmembramento da Monarquia Dual em 1919, como havia também a origem austríaca de Hitler, que parecia personificar o prelúdio da própria ideia de união. A propaganda dos nazis austríacos atuava num país que, com fortes lembranças do tempo em que era uma grande potência, sofria a existência de um estado-resíduo sem nenhum significado. Humilhada, prejudicada de todas as formas em relação aos estados que sucederam à monarquia vencida, empobrecida e mantida numa dependência humilhante, a população austríaca sentia violentamente o desejo de mudança produzido pela mortificação e não se perguntava muito sobre a realidade do que ia acontecer. Com um profundo sentimento dos laços étnicos e históricos que uniam os dois países, a Áustria voltava cada vez mais os olhos para uma Alemanha transformada e segura, que espalhava terror e pânico entre os arrogantes vencedores da véspera.

Desesperadamente, o sucessor do chanceler assassinado Dollfus, Kurt von Schuschnigg, procurou ajuda. Depois de, no início do verão de 1937, tentar em vão obter da Inglaterra uma declaração de garantia, sua oposição ao nacional-socialismo, por muito tempo tenaz e virulenta, acompanhada de proibições e de perseguições, enfraqueceu pouco a pouco. Quando no início de fevereiro de 1938 von Papen propôs-lhe uma entrevista com Hitler, ele terminou aceitando, relutante. Na manhã de 12 de fevereiro apresentou-se em Berchtesgaden, onde Hitler o recebeu na escadaria do Berghof. Logo após a troca de cumprimentos, Schuschnigg teve que suportar uma verdadeira torrente de palavras que aumentava dramaticamente; Hitler afastou com um gesto de mão a frase amável a propósito do magnífico panorama que se tinha através da grande vidraça do salão, dizendo: “Sim, é aqui que minhas ideias amadurecem. Mas não nos reunimos para falar da bela paisagem nem do tempo que faz.” Depois irritou-se: toda a história da Áustria não era mais do que um ato ininterrupto de traição ao povo. É verdade para o passado e não menos para o presente. “Mas esse absurdo histórico durou demais. Vai terminar. E digo, Herr Schuschnigg, estou firmemente decidido a acabar com isso (…) Tenho uma missão histórica e a cumprirei, porque a Providência me

predestinou (…) Eu me embrenhei no caminho mais árduo já tomado por um alemão e realizei a maior tarefa que jamais um alemão teve que cumprir em toda a história da Alemanha (…) O senhor não vai imaginar que poderia me deter sequer por uma hora. Quem sabe, talvez um dia estarei em Viena como uma tempestade de primavera. E então o senhor verá (…) ” Sua paciência estava no fim, prosseguiu, a Áustria não tinha mais amigos: nem a Inglaterra nem a França e ainda menos a Itália levantariam um dedo para ajudá-la. Ele exigia a liberdade de manobra para os nacional-socialistas, a nomeação de seu partidário Seyss-Inquart para o posto de ministro do Interior, uma anistia geral a todos os nazistas austríacos presos e o alinhamento da política exterior e da política econômica austríacas com as do Reich. Segundo o relato de Schuschnigg, quando se dirigiram à sala de jantar, o personagem nervoso e gesticulador transformou-se num anfitrião perfeitamente amável; todavia, durante o encontro seguinte, quando o chanceler austríaco observou que não podia dar-lhe uma resposta definitiva devido à constituição do país, Hitler abriu brutalmente a porta, fez a Schuschnigg sinal para sair e, com uma voz ameaçadora, chamou o general Keitel. Fechando a porta atrás de si, o interpelado indagou as ordens de Hitler; este respondeu: “Não é nada. Sente-se (…) ” Um pouco depois, Schuschnigg decidia-se a assinar. Declinou do convite de Hitler para jantar e cruzou a fronteira com von Papen em direção a Salzburgo. Durante todo o trajeto não deu uma palavra, enquanto Von Papen falava com desembaraço: “É, o Führer pode ser assim, como o senhor mesmo viu. Mas na próxima vez que vier, o encontro será mais fácil. Muitas vezes se mostra extremamente amável”. [162] Na “próxima vez” Schuschnigg veio com escolta policial a caminho do campo de concentração.

O encontro de Berchtesgaden foi muito estimulante para os nacional-socialistas austríacos. Anunciaram a iminente tomada do poder através de uma série de atos de violência, cheios de jactância. E todas as tentativas de Schuschnigg para resistir vieram tarde demais. À guisa de último recurso contra a derrocada do governo que dirigia, na noite de 8 de março, imaginou organizar um plebiscito no domingo seguinte, 13 de março, mediante o qual se propunha desmentir as pretensões de Hitler, que afirmava ter a maioria do povo da Áustria. Mas a pressão a que incessantemente Berlim o submetia obrigou-o a renunciar a essa intenção. Instigado por Göring e depois que Ribbentrop o informou de Londres da pouquíssima propensão dos ingleses a lutarem por essa fatal relíquia do Tratado de Versalhes, Hitler decidiu agir contra a Áustria, se necessário com meios militares; sem a Inglaterra, sabia que a França não se envolveria. De início, Mussolini pareceu ser o único em quem o ataque a Viena poderia despertar velhas alergias e causar uma aproximação com os ingleses. Em consequência, na tarde de 10 de março,

Hitler enviou o Príncipe Philippe de Hesse a Roma com uma carta manuscrita em que tratava da conjuração austríaca contra o Reich, da repressão de uma maioria animada de espírito nacionalista e de uma guerra civil. Sendo "filho da terra austríaca", não quis continuar assistindo a tudo sem agir, continuou, e decidiu restabelecer a lei e a ordem em seu país natal: "O senhor não agiria de outro modo, Excelência, se o destino da Itália estivesse em jogo." Garantiu a Mussolini sua fiel amizade e jurou mais uma vez que jamais tocaria na fronteira de Brenner. "É uma decisão irrevogável, nenhum detalhe será mudado." [163] Após febris preparativos, por volta da meia-noite, emanava a Ordem nº 1 para a *Operação Otto* :

> Se outros meios não alcançarem o objetivo, tenciono penetrar na Áustria com unidades armadas a fim de restabelecer condições de existência conformes à constituição e impedir novos atos de violência contra a população alemã.
>
> Assumo pessoalmente o comando da operação (…) É de nosso interesse que ela se desenrole sem recurso à força, sob a forma de entrada pacífica amigavelmente acolhida pelas populações: por isso será necessário evitar qualquer provocação. Mas se se houver atos de resistência, é preciso eliminá-la com a máxima decisão pelo emprego das armas (…)
>
> Por ora, não há qualquer medida de segurança prevista para as outras fronteiras do Reich. [164]

O tom imperioso e seco do documento dissimulava muito bem a atmosfera de histeria e de indecisão em que foi elaborado. Todos os relatos do *entourage* de Hitler falam da incrível desordem de decisões contraditórias, da confusão em que se debateu Hitler durante o desenrolar dessa primeira ação expansionista de sua carreira. Uma quantidade inimaginável de decisões apressadas e erradas, de explosões de cólera, de telefonemas sem pé nem cabeça, de ordens e contraordens aconteceu durante as poucas horas que passaram entre a convocação de Schuschnigg e o dia 12 de março: segundo todas as aparências, os "nervos esgotados" de que se queixava Hitler não se reequilibraram, apesar de seu firme propósito. Num estado quase doentio de superexcitação, exigiu que o estado-maior preparasse imediatamente um plano de ação; afastou com irritação as objeções de Beck e logo após de Brauschitsch, depois anulou a ordem de marcha para imediatamente restabelecê-la, e tudo no meio de exortações, de ameaças, de mal-entendidos. Keitel falou mais tarde de um "martírio". [165] Se no momento crucial Göring não tivesse tomado a iniciativa, provavelmente se teria manifestado aos olhos do povo alemão, e talvez do mundo inteiro, que, nos grandes momentos carregados de consequências, Hitler era presa de uma indecisão e de uma irritação psicóticas. Mas, por causa de sua atuação no caso Fritsch, Göring estava muito interessado nessa ação e na cortina de fumaça protetora que representava; forçou Hitler quando ele teve motivos de hesitação. Mais tarde, com a admiração sem limites do homem vítima dos nervos pelo homem frio e fleumático, Hitler observou quase balbuciando: "O *Reichsmarschall*

atravessou comigo muitas e muitas crises, das mais graves: permanece frio como gelo. Numa crise não se pode ter conselheiro melhor do que ele. Em situações graves, o *Reichsmarschall* é brutal e frio como gelo. Sempre notei que quando é preciso forçar alguma coisa, ele é duro como ferro, sem hesitações. Para isto não existe melhor. Atravessou comigo todos os tipos de crises; é nas mais graves que permanece mais frio. Quanto pior vão as coisas, mais frieza ele tem (…) ” [166]

No dia seguinte, 11 de março, Göring lançou um ultimato exigindo a demissão de Schuschnigg e a nomeação de Seyss-Inquart chanceler federal. Seguindo uma ordem de Berlim, à tarde os nazistas tomaram todas as ruas na Áustria inteira. Em Viena invadiram a chancelaria, bloqueando as escadas e os corredores, instalando-se despudoradamente nos gabinetes, até que, à noite, Schuschnigg anunciasse no rádio sua demissão e ordenasse ao exército austríaco não se opor à entrada de tropas alemãs no país. Quando o presidente federal Miklas se recusou obstinadamente a nomear Seyss-Inquart chanceler, Göring, num dos inumeráveis telefonemas para Viena, deu a um de seus intermediários a seguinte ordem característica:

> Muito bem, agora prestem atenção: o principal é que Inquart tenha todo o governo na mão, ocupe o rádio (…) Seyss-Inquart deverá nos enviar o seguinte telegrama. Escrevam:
>
> “O governo provisório austríaco que, depois da demissão de Schuschnigg, considera seu primeiro dever manter a Áustria em paz e em ordem, pede de maneira urgente ao governo alemão que o assista nesta tarefa e que o ajude a impedir uma efusão de sangue. Para tanto, solicita ao governo alemão que lhe envie tropas o mais rapidamente possível.”

Depois de um breve diálogo, Göring concluiu: “Portanto, nossas tropas cruzarão hoje a fronteira. Mas que ele envie o telegrama com a maior rapidez (…) Mostrem-no a ele e digam que insistimos — ele nem precisa mandar o telegrama; basta que diga: de acordo”. [167] E enquanto em todo o país os nacional-socialistas ocupavam os edifícios públicos, Hitler deu a ordem de marcha definitiva às 20h45, antes mesmo que Seyss-Inquart tivesse tomado conhecimento de seu próprio pedido de ajuda. Recusou-se a considerar um pedido posterior de Seyss-Inquart para que detivesse as tropas alemãs. Pouco mais de duas horas depois, chegou de Roma a notícia tão impacientemente esperada: às 23h30, Philippe de Hesse telefonava e a reação cheia de júbilo de Hitler mostrou aos circunstantes a que ponto chegara a tensão que a palavra do príncipe de Hesse vinha desfazer.

Hesse — Acabo de voltar do Palazzo Venezia. O *Duce* aceitou o caso da maneira mais amigável. Manda seus mais cordiais cumprimentos…

Hitler — Então peço que diga a Mussolini que jamais esquecerei isso…

Hesse — Sim, senhor.

Hitler — Nunca, nunca, nunca, não importa o que aconteça. Resolvido o caso austríaco, estou pronto ao lado dele em qualquer assunto, o que quer que seja… Diga-lhe isto: eu agradeço do fundo do coração e jamais esquecerei o que hoje lhe devo. Jamais esquecerei, jamais esquecerei, jamais esquecerei…

Hesse — Sim, meu Führer.

Hitler — Jamais esquecerei, aconteça o que acontecer. Se ele estiver em perigo, saiba que estarei do seu lado, aconteça o que acontecer, mesmo que o mundo inteiro se junte contra ele. [168]

Ao som dos sinos repicando a toda força, na tarde de 12 de março, Hitler atravessou a fronteira em Braunau, sua cidade natal, e, quatro horas mais tarde, depois de passar por aldeias floridas onde se acotovelavam milhares de pessoas, entrou em Linz. Nos limites da cidade, esperavam-no os ministros Seyss-Inquart e Glaise-Horstenau, bem como Heinrich Himmler, que teve tempo de, na noite anterior, passar por Viena, onde pôs em prática as medidas necessárias para purgar o país "dos traidores do povo e outros inimigos do estado". Visivelmente emocionado, Hitler fez da sacada da prefeitura um breve discurso à multidão que o ouvia no crepúsculo; evocou ainda uma vez que tinha sido chamado para cumprir uma missão: "Se a Providência, a seu tempo, me chamou desta cidade para ficar à testa do Reich alemão, o fez para me dar uma missão bem precisa, missão que só pode ser uma, a de restituir ao Reich alemão a minha querida pátria. Acreditei nessa missão, vivi e lutei por ela e agora creio que a cumpri". No dia seguinte depositou uma coroa de flores no túmulo dos pais, em Leonding.

Tudo leva a crer que até então Hitler não tinha uma resolução concreta quanto ao futuro da Áustria. É provável que tivesse a intenção de esperar até o último minuto as reações do exterior, as eventualidades, os encadeamentos e as oportunidades criadas pela nova situação; acreditava-se melhor preparado para utilizá-las do que seus adversários. Foi sob a impressão da marcha triunfal de Braunau a Linz, das flores e das bandeiras, da alegria elementar da reunião, que não deixavam lugar a nenhuma outra escolha, que, parece, ele se decidiu a uma união imediata, o *Anschluss* . Tarde da noite de 13 de março ele assinou, no Hotel Weinzinger, de Linz, a "Lei da reunificação da Áustria no Reich alemão". De acordo com um de seus assistentes, estava muito emocionado ao fazer isso. Calou-se por muito tempo, as lágrimas correndo das faces. Enfim disse: "Sim, uma ação política sensata evita derramamento de sangue". [169]

Nesse dia e no seguinte, quando do castelo de Schönbrunn ele chegou a Viena, em meio ao dobrar dos sinos e à aclamação das ruas vivas, marcaram a

realização de seu mais antigo sonho: ter aos pés as duas cidades onde viveu fracassado, onde foi desdenhado, humilhado, vê-las mergulhadas num misto de admiração, vergonha, medo. A existência sem objetivo e a impotência daqueles anos encontravam finalmente uma vingança. Toda a furiosa necessidade de compensação se exterioriza quando, da sacada da Hofburg, anunciou às centenas de milhares de pessoas reunidas na Heldenplatz o maior acontecimento de sua existência. "Na qualidade de Führer e de chanceler da nação alemã, anuncio perante a história a entrada de meu lar no Reich alemão".

As cenas de entusiasmo em meio às quais se fez esta reunificação "desafiam todas as descrições", escreveu um jornal suíço, [170] e, mesmo, se é difícil determinar o que era dirigido ou espontâneo nessa confusão de flores, gritos e lágrimas, não podia haver dúvida de que o acontecimento tocava os sentimentos mais profundos da nação. Para todas as multidões que em Linz, Viena ou Salzburg se apertavam nas ruas, fazendo um cordão durante horas, satisfazia-se naquela hora a necessidade de união que sobreviveu sob a forma de um desejo elementar a todas as velhas diferenças de várias gerações, às divisões e às lutas fratricidas dos alemães. E era esse sentimento que se celebrava na pessoa de Hitler como triunfador e continuador de Bismarck, e que fazia do clamor "Um povo — um Reich — um Führer" mais do que um hábil *slogan* de propaganda. Assim se explica o fato de que não só a Igreja, mas também socialistas pró "Grande Alemanha" como Karl Renner se deixassem levar pela euforia da "reunificação". [171] A esperança de que fosse o fim dos dilaceramentos da política interna e também das angústias da existência desse estado inviável, todas essas necessidades nostálgicas eram escoradas pelo desejo de que o Grande Reich agora unido e poderoso pudesse recuperar um pouco do brilho extinto desde o desaparecimento da monarquia, brilho que parecia renascer no filho perdido da Áustria, embora ilegítimo e vulgar.

Aos sentimentos de satisfação, de grandeza e de felicidade do momento juntaram-se os atos de autoridade que acompanhavam o acontecimento. "Com o segundo escalão do exército seguiram a SS V.T. [*Verfungungstruppe* , tropa de pronto emprego], 40 mil homens da polícia e unidades *Totenkopf* [Caveira] da Alta-Baviera", anota o diário de serviço do OKW. [172] Essas unidades criaram imediatamente um rigoroso sistema de repressão. Acreditar que na euforia da união os ressentimentos terminassem por ceder seria desconhecer a psicologia de Hitler; de fato, na crueldade implacável com que seus comandos, ao contrário do que se dera na Alemanha em 1933, atacaram abertamente os adversários e os chamados inimigos da raça, podia-se

vislumbrar algo do ódio tenaz que ele tinha por esta cidade. Nos excessos selvagens dos nazis da Legião Austríaca retornada da Alemanha, discernia-se uma espécie de elemento oriental que Hitler havia incorporado ao antissemitismo alemão de feição liberal e que explodia agora, por meio de partidários de mesma origem e mesma estrutura afetiva dele: um contemporâneo assinalou que "professores universitários eram obrigados a varrer as ruas com as mãos, judeus piedosos de barbas brancas foram arrastados nos templos e forçados aos berros por garotos frenéticos a fazerem genuflexões e a gritar em coro '*Heil Hitler!* ' Pegavam como lebres pessoas inocentes nas ruas e arrastavam-nas para limpar as latrinas dos quartéis das SA: tudo o que uma imaginação perturbada imaginou de perversidades durante inúmeras noites mostrava-se à luz do dia". [173] Houve uma onda de fuga para a Europa ocidental: Stefan Zweig, Sigmund Freud, Walter Mehring, Carl Zuckmayer e muitos outros deixaram a Áustria; o escritor Egon Friedell atirou-se pela janela para evitar ser preso. Pela primeira vez o terror nacional-socialista se mostrou em todo o seu horror.

Entretanto, no exterior, esses horríveis detalhes não pesaram na balança: o júbilo era muito grande, assim como era irrefutável a referência alemã ao princípio wilsoniano da autodeterminação dos povos, triunfalmente confirmado a 16 de março pelo quinto e último plebiscito do regime, com seus habituais 99% de votos. As potências ocidentais mostraram um certo nervosismo, mas a França estava atrapalhada com as suas complicações sem saída, ao passo que a Inglaterra recusava-se a dar qualquer garantia à França ou à Tchecoslováquia. Declinou até mesmo do convite a uma conferência proposta pela União Soviética no intuito de se oporem a novos golpes de Hitler. Enquanto Chamberlain e os conservadores europeus consideravam Hitler o comandante da fortaleza avançada anticomunista e alguém que se pudesse ao mesmo tempo conquistar e dominar com boas palavras e conciliação, a esquerda encontrava uma pobre satisfação no fato de que Schuschnigg, afinal, não era mais que o representante de um regime clerical fascista maduro para a derrubada, que já tinha mandado abrir fogo contra proletários. Não houve sequer uma reunião da Liga das Nações sobre o assunto. O mundo conformado renunciou, no momento, ao menor gesto de indignação e sua consciência, escreveu amargamente Stefan Zweig, "resmungou um pouco antes de esquecer e perdoar". [174]

Hitler não chegou a ficar vinte e quatro horas em Viena, e é difícil saber se foi a má vontade contra a *Phäakenstadt* [*"Cidade dos Feácios", citação da Odisseia e de Mein Kampf*], a odiada cidade hedonista, ou a impaciência o

que o levou de volta para casa tão de repente. Em todo caso, a facilidade com que executou a primeira etapa importante de sua política externa encorajou-o a voltar-se imediatamente para o objetivo seguinte. Apenas quinze dias depois do *Anschluss* , ele recebeu o Führer dos Sudetos alemães, Konrad Henlein, e na conversa pretendia resolver o problema tchecoslovaco o mais depressa possível. Quatro semanas depois, em 21 de abril, ele já discutia com o general Keitel o plano de um ataque militar contra a Tchecoslováquia; afastou, pela indignação que isso causaria no mundo, a ideia de "um ataque-surpresa como um raio no céu azul sem motivo e sem possibilidade de justificação". Inclinava-se a "uma ação rápida, sim, mas por causa de um incidente" e falou, nesse sentido, do "assassinato do embaixador da Alemanha no quadro de uma manifestação antialemã". [175]

Como havia feito no caso da Áustria, também aqui Hitler pôde aproveitar-se das contradições que o sistema de Versalhes continha, pois a Tchecoslováquia — fruto do arbítrio dos vencedores arrogantes — era a própria negação dos princípios em que se baseava sua fundação, correspondia muito menos ao direito de autodeterminação dos povos do que às necessidades políticas e estratégicas das alianças da França: era um pequeno estado de muitas nacionalidades disparatadas, no qual cada uma das minorias afrontava a maioria de todas as outras minorias, cada uma delas ostentando aquele nacionalismo egoísta que tão energicamente proclamara na luta pela respectiva independência. Não era um estado, eram "farrapos e retalhos", disse Chamberlain com menoscabo. O grau relativamente alto de liberdade e de gestão que esse estado dava a seus cidadãos não bastava para frear as forças centrífugas que operavam nele, tanto que o embaixador da Polônia em Paris dizia cruamente que "era um estado condenado à morte". [176]

Considerando o aumento da força alemã, um conflito com a Tchecoslováquia tornava-se quase inevitável, se nos lembrarmos das leis da política. Os três milhões e meio de alemães que viviam no Sudeto sentiam-se oprimidos desde a fundação da república e imputavam sua grande e real penúria econômica menos a causas estruturais do que ao "governo estrangeiro de Praga". Tanto a tomada do poder por Hitler quanto as eleições de maio de 1935, em que o Sudetendeutsche Partei de Konrad Henlein, partido dos alemães sudetos se tornou o partido político mais importante do país, insuflaram neles uma consciência ainda mais aguda de sua importância e a anexação da Áustria ao Reich deu lugar a grandes manifestações cuja palavra de ordem era "Retorno ao Reich". Já em 1936 um correspondente anônimo do território Sudeto havia escrito a Hitler dizendo-lhe que o considerava "o Messias"; a expectativa histórica foi daí em diante atiçada por discursos

incendiários, provocações e choques permanentes. Durante um encontro com Henlein, Hitler aconselhou-o a, vez por outra, impor a Praga exigências tão extravagantes que "fossem inaceitáveis para o governo tcheco" e incitou-o a uma atitude provocadora. [177] Assim preparava a fatalidade de uma crise em que seria, por assim dizer, forçado a intervir.

Enquanto isso, deixou os acontecimentos seguirem seu curso. No início de maio, acompanhado de muitos ministros, generais e altos funcionários do partido, foi à Itália em visita oficial. E, se na viagem do *Duce* à Alemanha ele se esforçara para superar, em matéria de recepção, tudo o que tivesse sido feito no gênero, Mussolini, por sua vez, quis superá-lo em magnificência. O admirável cenário da Cidade Eterna engalanou-se pomposamente de bandeiras, estandartes, de feixes de lictores e suásticas, as casas ao longo do caminho foram pintadas e, perto de San Paolo fuori le Mura construiu-se uma estação especial onde o rei e Mussolini esperavam Hitler. Com uma certa irritação, percebeu que, pelo protocolo, Mussolini era obrigado a manter-se um pouco afastado, pois ele, Hitler, na qualidade de chefe de estado, era convidado do rei Vittorio Emanuele III, ao qual deu o apelido irreverente de "Quebra-nozes" [178] e a quem causou leve melindre logo de início, quando subiu em primeiro lugar na carruagem real. Também o desagradaram as maneiras reacionárias e anacrônicas da Casa Real e, muito tempo depois, mencionou essas atitudes como razões da desconfiança em relação ao parceiro do Eixo.

Em compensação, a acolhida de Mussolini e as homenagens de que foi alvo impressionaram-no profundamente. Num desfile resplandecente apresentaram-lhe o novo "passo romano". Numa demonstração naval na baía de Nápoles, cem submarinos submergiram ao mesmo tempo antes de reaparecerem todos juntos alguns minutos mais tarde com uma precisão fantástica; longas viagens permitiram a Hitler satisfazer seus gostos estéticos, tanto que, muitos anos mais tarde, ele relembrava a "magia de Florença e de Roma"; admirou-se da beleza da Toscana e da Úmbria. Ao contrário de Moscou, de Berlim e mesmo de Paris, onde as condições arquitetônicas não se harmonizavam nem no detalhe nem no plano geral, e onde nada o empolgava, Roma "emocionou-o de verdade". [179]

Para Hitler essa viagem foi também um êxito político. Desde a visita de Mussolini à Alemanha, o Eixo havia sofrido flutuações de uma certa gravidade. O *Anschluss* despertou velhos temores quanto ao Tirol meridional, que Hitler conseguiu dissipar. Logo, em um grande banquete no Palazzo Venezia, revelou conhecimentos tanto de estilística quanto de instinto psicológico num discurso através do qual conquistou Ciano, que anotou de

início um ambiente “de hostilidade universal”, mas registrou com espanto a simpatia de Hitler nos contatos pessoais; chegou a dizer que Florença “abriu ao Führer o coração e a inteligência”. [180] Quando a 10 de maio Hitler tomou o trem de volta à Alemanha, o entendimento parecia perfeito e Mussolini apertou-lhe a mão com força: “Agora nada mais pode nos separar!”

Das poucas conversas políticas desses dias, Hitler ficou com a convicção de que a Itália estava pronta a lhe deixar a mão livre na Tchecoslováquia. Mas mesmo as potências ocidentais, por sua vez, haviam pedido a Praga que fosse ao encontro das reivindicações dos Sudetos, ao mesmo tempo que faziam saber a Hitler que a questão tchecoslovaca poderia encontrar uma solução em que, na fórmula do embaixador inglês de Berlim ao falar a Ribbentrop, “a Alemanha venceria em toda a linha”. [181] Tanto mais surpreso ficou Hitler quando o governo de Praga, a quem os diversos rumores sobre preparativos de agressão da Alemanha inquietavam muito, ordenou a 20 de maio uma mobilização parcial e quando a Inglaterra e a França aprovaram enfaticamente essa atitude, com apoio da União Soviética, e aludindo ao compromisso de ajuda à Tchecoslováquia. Numa reunião de emergência no Berghof, domingo, 22 de maio, Hitler viu-se obrigado a suspender todos os preparativos. Tinha marcado sua intervenção na Tchecoslováquia para o outono de 1938 — e eis que o calendário de seus projetos era perturbado. Sua indignação aumentou ainda mais quando a imprensa internacional manifestou alegria ao considerar a “crise de maio” uma derrota com humilhação para a Alemanha. Como fez na época de um fracasso semelhante, em agosto de 1932, retirou-se alguns dias para o seu refúgio de montanha e não é difícil imaginar que se entregou aos mesmos desejos de represália e às mesmas ideias selvagens de destruição: mais tarde, não deixava de voltar ao assunto da “grande perda de prestígio” desses dias e, no temor quase neurótico de que isso pudesse passar por um sinal de fraqueza, julgou oportuno advertir Mussolini e o ministro do Exterior inglês, através de mensagens especiais, que jamais obteriam algo dele por meio de “pressões, ameaças ou atos de força — ao contrário, mostrar-se-ia mais duro e mais implacável”. [182] Reapareceu a 28 de maio em Berlim para uma conferência com os chefes militares e da política externa do Reich. Em tom de exasperação manifesta, diante de um mapa, expôs sua ideia de acabar com a Tchecoslováquia; e se a antiga diretriz militar para a Operação Verde começava pela frase: “Não é minha intenção esmagar a Tchecoslováquia por uma ação militar num futuro imediato sem que haja uma provocação”, em sua nova forma ele dizia: “É minha decisão irreversível arrasar a Tchecoslováquia pelas armas num futuro imediato”. [183] Numa reação de refinado detalhismo, marcou a data de precisamente 1º de outubro.

A partir de então nada esqueceu que exasperasse a tensão internacional. No fim de junho houve manobras na fronteira tcheca e, por outro lado, os trabalhos de fortificação da muralha do oeste foram acelerados. Enquanto Henlein, fiel a suas instruções, buscava sistematicamente o conflito, Hitler atiçou dissimuladamente a cobiça dos outros vizinhos da Tchecoslováquia, principalmente os húngaros e os poloneses, enquanto as potências ocidentais obrigavam constantemente o governo de Praga a novas concessões. Como se num único gesto de firmeza tivessem gasto toda a energia, voltaram ao antigo sistema de conciliação e a política de *appeasement* atingiria seu apogeu. Por mais compreensíveis que fossem os motivos, essa política nascia do desconhecimento de Hitler e — mais ainda — de pouca informação sobre os problemas particulares da Europa central. A política de apaziguamento revelava profunda aversão pela complexidade das malquerenças e rivalidades que dividiam o centro do continente e capitulava diante da impossibilidade de entender esse labirinto de ressentimentos étnicos, religiosos, nacionais, raciais, racistas, culturais e históricos. Para Nevile Henderson, os tchecos eram sempre "os malditos tchecos". Lord Rothermere publicou no *Daily Mail* um artigo intitulado: "Tchecos não nos interessam", e Chamberlain resumiu o sentimento geral quando falou daquele "país distante onde briga uma gente da qual nada sabemos". A comissão de reconhecimento em que o governo inglês enviou Lord Runciman à Tchecoslováquia em agosto não foi mais que uma admissão de indiferença; uma canção infantil sobre Papai Noel exprimiu bem o caráter ilusório dessa missão: "Para que um *Weinachtsmann* se já temos nosso Runciman". [184]

O decisivo editorial do *Times* de 7 de setembro propondo a cessão do território Sudeto ao Reich deve ser encarado nesse quadro; decisivo porque após muitas semanas em que a crise se agravava sozinha e nas quais Hitler aparentemente se manteve afastado, o mundo inteiro esperava o discurso que encerraria o congresso do partido em Nuremberg, a 12 de setembro. Não se deve excluir o fato de que tantos sintomas de desejo de acomodação tenham contribuído para o tom particularmente virulento e desafiador que caracterizou esse discurso; mas a humilhação do mês de maio, que ele não esquecera e a que sempre voltava com insistência, também teve seu papel. Hitler falou da "infame impostura", da "chantagem terrorista" e dos "objetivos criminosos" do governo de Praga, e o tom ainda subiu ante a ideia de que se pudesse acreditar que ele recuara diante da atitude resoluta do adversário. Depois fustigou a leviandade com que o adversário fazia de conta que ia para a guerra. Disse que havia tirado as conclusões lógicas que lhe permitiam agora retrucar: "Sob nenhum pretexto vou assistir tranquilamente à opressão dos cidadãos alemães na Tchecoslováquia (…) Os alemães da

Tchecoslováquia não estão sem força nem abandonados. Tomem nota!”

O discurso foi o sinal para um levante no território Sudeto. Houve numerosas vítimas. Enquanto isso, corria na Alemanha uma febril atividade militar: exercícios de blecaute, requisição de caminhões etc. Por um momento, a guerra pareceu inevitável; mas nesse ponto os acontecimentos tiveram uma virada imprevista. Numa mensagem enviada na noite de 13 de setembro, o primeiro-ministro inglês declarou-se pronto a entrar em conversações pessoais com Hitler em qualquer lugar e sem se deter em questões de prestígio: “Proponho chegar de avião. Poderei viajar a partir de amanhã”, escreveu Chamberlain.

Hitler sentiu-se lisonjeado, embora a proposta viesse frear seu desvairado desejo de colisão. “Caí das nuvens”, disse ele mais tarde. [185] Sem dúvida, a falta de segurança que durante toda a vida o tornou incapaz de um gesto generoso impediu-o ainda dessa vez de ao menos dar um passo ao encontro desse convidado septuagenário que, além disso, punha o pé num avião pela primeira vez. Propôs um encontro em Berchtesgaden. Quando o primeiro-ministro inglês chegou, na tarde de 15 de setembro, depois de uma viagem de sete horas até Berghof, ele o esperava no topo da escadaria, sem descer um só degrau; de novo havia incluído Keitel em seu grupo, no intuito de intimidar o interlocutor. Quando Chamberlain exprimiu o desejo de um encontro a sós, aquiesceu de mau humor e, provavelmente para cansá-lo ainda mais, logo o sobrecarregou com uma longa exposição sobre a situação europeia, as relações anglo-alemãs, sua disposição a um entendimento e seus êxitos. Embora com um estoicismo imperturbável, Chamberlain certamente percebeu as manobras de Hitler e, no relato que dois dias mais tarde fez ao gabinete, disse dele que “era o cãozinho mais comum” que já tinha encontrado. [186]

Sobre a crise em pauta, Hitler, ao se decidir finalmente a entrar no assunto, exigiu friamente a anexação do Sudeto à Alemanha e, quando Chamberlain o interrompeu para perguntar se ele se contentaria com isso ou quereria desmantelar completamente a Tchecoslováquia, Hitler chamou-lhe a atenção para as reivindicações polonesas e húngaras, garantiu que tudo isso não interessava e, por outro lado, também não era o momento de levantar problema de caráter técnico: “Mataram trezentos alemães sudetos e isso não pode continuar, é preciso que o assunto seja resolvido de vez. Estou decidido a resolvê-lo. Não me importa se isso cause ou não uma guerra mundial”. Quando Chamberlain retrucou, irritado, não ver por que havia feito uma viagem tão longa se o interlocutor nada tinha a dizer, senão que estava decidido a usar a força, Hitler mudou de tom: veria, “hoje ou amanhã se uma solução pacífica do assunto era possível”. E prosseguiu, afirmando que

"poderia ser determinante que a Inglaterra estivesse pronta a admitir uma secessão do território dos Sudetos com base no direito de autodeterminação dos povos. Mas nesse ponto, ele [o Führer] se achava na obrigação de observar que o direito de autodeterminação dos povos não havia sido inventado naquele ano de 1938 em relação à questão tcheca, e sim em 1918, a fim de criar uma base moral para as transformações operadas pelo Tratado de Versalhes". Concordaram que Chamberlain devia voltar a Londres e submeter o caso ao gabinete; Hitler se comprometia a não empreender qualquer ação militar nesse ínterim.

Assim que Chamberlain partiu, Hitler levou adiante a crise e seus preparativos. O espírito de conciliação mostrado pelo primeiro-ministro inglês literalmente consternou-o, porque se chocava com as suas ambições de anexação total "da Chéquia". Todavia, na esperança de que o próprio Chamberlain teria dificuldades com o gabinete frente a objeções da França ou, ainda, com a oposição da Tchecoslováquia, continuou seus preparativos. Enquanto a imprensa alemã desencadeava violenta campanha contra atrocidades imaginárias, ele mandou criar um *Freikorps* de sudetos para "a proteção dos alemães desse território e para impedir novos conflitos e novas perturbações". Pôs à testa desse corpo Konrad Henlein, que acabava de se refugiar na Alemanha. Incitou a Hungria e a Polônia a apresentarem exigências territoriais ao governo de Praga, estimulou ao mesmo tempo o desejo de autonomia dos eslovacos e, para terminar, prevendo conflitos maiores, mandou o Freikorps alemão sudeto ocupar as cidades de Eger e Asch. [187]

Ficou ainda mais surpreso em 22 de setembro, quando, em novo encontro com Chamberlain, no Hotel Dreesen de Godesberg, o primeiro-ministro inglês lhe transmitiu a concordância da Inglaterra, da França e até da Tchecoslováquia com a cessão do território dos Sudetos. E, para acalmar os temores que a Alemanha poderia ter quanto à Tchecoslováquia ser utilizada como "ponta de lança" no flanco do Reich, o primeiro-ministro ofereceu a anulação dos tratados de aliança entre a França, a URSS e a Tchecoslováquia; uma garantia internacional da independência tcheca deveria substituí-los. Hitler ficou tão espantado com a notificação que tornou a perguntar se o oferecimento tinha a concordância do governo de Praga. Chamberlain confirmou satisfeito e uma breve pausa desagradável seguiu-se. Depois Hitler retomou a palavra muito calmo: "Sinto muito, *Herr* Chamberlain, mas não posso mais me comprometer nesse sentido. Após a evolução dos últimos dias, esta solução não convém mais". [188]

Chamberlain ficou extremamente irritado e descontente. Exasperado, quis

saber que acontecimentos motivaram a mudança: Hitler desconversou e falou das reclamações da Hungria e da Polônia, perdeu-se em ataques insensatos contra os tchecos, deplorou os sofrimentos dos alemães do Sudeto até encontrar um obstáculo salvador a que se agarrou logo: “Há que agir depressa. As decisões devem levar poucos dias (…) O problema tem de estar definitivamente resolvido até, no máximo, 1º de outubro”. Após três horas de discussões em vão, Chamberlain voltou para o Hotel Petersberg, na outra margem do Reno. Como também não deu resultado a imediata troca de opiniões por correspondência que se seguiu, terminou exigindo um memorando por escrito com as exigências alemãs e anunciou a partida. Von Weizsäcker conta que Hitler “batia palmas como se anunciasse um prazer” ante o relato desses acontecimentos. A notícia da mobilização tcheca, que estourou durante essas últimas discussões violentas e desordenadas, veio reforçar o sentimento de um desastre próximo. Hitler, então, se disse disposto a algumas concessões menores, mas Chamberlain aí já se mostrava conformado e dava claramente a entender que não se meteria mais com Hitler.

E, com efeito, no gabinete reunido no domingo, 25 de setembro, para discutir o memorando de Hitler, os ministros ingleses recusaram em bloco as novas exigências e garantiram à França o apoio da Inglaterra em caso de conflito armado com a Alemanha. Praga, que só aceitara as condições de Berchtesgaden debaixo de terrível pressão, recobrou a liberdade de manobra e repeliu as pretensões de Hitler. Na Inglaterra e na França começaram os preparativos para a guerra.

Diante da inesperada intransigência da parte adversária, Hitler voltou a assumir o papel de personagem irritado. “Não faz sentido continuar a conversar”, gritou, na tarde de 26 de setembro, a Sir Horace Wilson, que se apresentara na Chancelaria do Reich com uma mensagem de Chamberlain, “os alemães são tratados como negros, ninguém ousaria se comportar assim com os turcos (…) A 1º de outubro, terei a Tchecoslováquia onde a quero”. [189] Depois, deu um prazo a Wilson: só deteria as divisões se o memorando de Godesberg fosse aceito pelo governo de Praga antes de 28 de setembro, às duas horas da tarde. Durante esses dias, oscilou entre um meio sucesso sem risco e um sucesso total muito arriscado, que corresponderia infinitamente mais a seu temperamento excessivo: preferia conquistar Praga a receber de presente Karlsbad e Eger. As tensões a que se submeteu nesses dias ele descarregou no célebre discurso do “Berliner Sportpalast”, que ainda ampliou mais a crise, embora falasse, como de hábito, no tentador idílio de uma parte do mundo finalmente entregue à paz:

> Eis-nos aqui colocados diante do último problema que deve ser resolvido e que resolvido será! É

a última demanda de caráter territorial que devo pôr à Europa, mas é uma demanda da qual nada me afastará e que, se Deus quiser, será atendida.

Sarcástico, mostrou as contradições entre o famoso princípio wilsoniano de autodeterminação dos povos e a realidade de um estado plurinacional, sem abandonar o papel do ofendido. Descreveu horrorizado o terror reinante nos Sudetos e, ao citar a quantidade de fugitivos, deixou-se levar pela mania de cifras recordes:

> Debaixo de nossos olhos estas cifras horripilantes: num dia, 10 mil fugitivos, no dia seguinte, 20 mil, no outro, 37 mil, dois dias depois, 41 mil, depois 62 mil, logo 78 mil; e agora, estamos em 90, 107, 137 e hoje 214 mil. Regiões inteiras estão despovoadas, aldeias são queimadas, tentam desalojar os alemães com granadas e gases. Mas Benes senta-se em Praga e diz: "Nada pode me acontecer, tenho por trás de mim a Inglaterra e a França". E agora, meus compatriotas, creio que chegou o momento de falar com todas as letras góticas. Em 1º de outubro, ele deverá nos entregar esses distritos… Ele tem a decisão nas mãos! A paz ou a guerra!

Repetiu com insistência que a aniquilação ou a anexação da Tchecoslováquia não interessavam: "Não queremos tcheco nenhum", gritou aproximando-se do fim do discurso, e sua agitação tornou-se febril. Com os olhos no teto da sala, embriagado pela grandeza da hora, pelos vivas da multidão e por seu próprio paroxismo, concluiu solenemente:

> Caminho agora à frente de meu povo como seu primeiro soldado, e é preciso que o mundo saiba: atrás de mim vem um povo inteiro, mas gente diferente do povo de 1918 (…) Sentirá minha vontade como sendo sua, exatamente como encaro eu o seu futuro e o seu destino como o motor de minhas ações. E reforçaremos essa vontade comum na luta, de maneira a que eu seja o que era na época em que, como simples soldado desconhecido, parti para a conquista de um Reich (…) E por isso te suplico, meu povo alemão, vem comigo, homem a homem, mulher a mulher (…) Nossa decisão está tomada. *Herr* Benes que escolha.

Longa tempestade de aplausos caiu; e enquanto Hitler, o suor escorrendo, os olhos vidrados, voltava para seu lugar, Goebbels subiu à tribuna: "Nunca mais haverá para nós outro novembro de 1918!", exclamou. O jornalista americano William Shirer surpreendeu da galeria o olhar que Hitler lançou a Goebbels, "como se aquela fosse a frase que procurara toda a noite. Pulou de sua cadeira, descrevendo um grande arco de círculo com a mão direita, que pesadamente deixou cair sobre a mesa, e gritou com todas as forças, os olhos iluminados de um fanatismo inesquecível: *Sim!* Depois, esgotado, voltou a cair na cadeira". [190] Nessa noite Goebbels inventou a fórmula: "O Führer manda, nós obedecemos (…) " A multidão repetiu-a longamente, até muito depois do fim da cerimônia. Quando Hitler saiu da sala, entoaram: "O deus que fez crescer o ferro (…) "

Ainda mergulhado na exaltação causada pelo calor histérico da noite anterior, Hitler recebeu mais uma vez Sir Horace Wilson na manhã seguinte. Se as reivindicações fossem rejeitadas, ameaçava destruir a Tchecoslováquia;

e quando Wilson replicou que a Inglaterra interviria militarmente caso a França se visse obrigada a correr em socorro da Tchecoslováquia, Hitler declarou que tomava conhecimento dessa informação: “Se a França e a Inglaterra querem atacar a Alemanha, que o façam. Para mim é indiferente. Estou pronto para todas as eventualidades. Hoje é terça-feira: na próxima segunda-feira estaremos em guerra”. [191] No mesmo dia tomou novas medidas de mobilização.

Mas na tarde de 27 de setembro sua euforia diminuiu. Para pôr à prova o entusiasmo belicista da população, Hitler deu instruções para que a 2ª Divisão Motorizada, que voltava de Stettin, na fronteira tcheca, atravessasse a capital do Reich pelo vasto eixo leste-oeste, ao longo da Wilhelmstrasse e diante da chancelaria do Reich. Talvez tivesse a esperança de que o espetáculo militar previamente anunciado atraísse a multidão às ruas e despertasse a febre de agressão de que poderia surgir, a um último grito partindo da sacada, um “apelo à força” geral. O verdadeiro desenrolar do acontecimento foi narrado por um observador estrangeiro em seu diário:

> Fui para a esquina de Wilhelmstrasse com Unter den Linden, esperando ver uma multidão colossal e assistir a cenas no gênero das que me descreveram, ocorridas na declaração da Grande Guerra, em 1914: gritos de entusiasmo, flores, moças distribuindo beijos (…) Mas hoje as pessoas sumiam nas entradas de metrô e as poucas que esperavam guardavam profundo silêncio (…) Foi a mais eloquente manifestação antiguerra que já me foi dado ver.
>
> Segui pela Wilhelmstrasse até a chancelaria, onde Hitler permanecia à sacada para assistir ao desfile. Havia umas duzentas pessoas na rua. Hitler tinha o ar sombrio; estava visivelmente irritado e desapareceu lá para dentro sem esperar as tropas. [192]

O efeito dissipador do episódio foi ainda aumentado por uma série de más notícias: anunciavam que os preparativos de guerra da França, da Inglaterra e da Tchecoslováquia ultrapassavam de longe o que se esperava e excediam ampla e manifestamente as previsões alemãs; só Praga havia mobilizado um milhão de homens e podia, com a França, alinhar o triplo de tropas da Alemanha. Em Londres cavavam abrigos contra os ataques aéreos e esvaziavam os hospitais; a população parisiense em massa abandonava a cidade. Durante o dia a Iugoslávia, a Romênia, a Suécia e os Estados Unidos se alinharam a favor do adversário e, como o prazo fixado pelo próprio Hitler expirasse em algumas horas, começaram, na chancelaria, a considerar os prós e os contras. No fim da noite de 27 de setembro, Hitler começou a ditar uma carta dirigida a Chamberlain, em tom mais conciliador, na qual oferecia uma garantia formal da existência da Tchecoslováquia e concluía com um apelo à razão. Mas, enquanto isso, outras coisas aconteciam, parecendo dar aos acontecimentos uma volta inesperada.

Um grupo pequeno mas influente de conjurados, ao qual agora se juntavam pela primeira vez homens de todas as procedências políticas, havia tido intensa atividade nos últimos anos. Seus esforços antes visavam apenas a impedir a guerra, mas o radicalismo com que Hitler rumava para um conflito armado levou-os a considerar a possibilidade de um atentado ou de uma revolução. O animador e coordenador do movimento era o chefe da agência central da *Abwehr* , o serviço de informações da Wehrmacht, tenente-coronel Hans Oster. Se é verdade que a tradição militar alemã não oferecia condições a uma resistência política, e que o caráter alemão também — como observou então o embaixador da Itália em Berlim, Bernardo Attolico — não apresenta as qualidades indispensáveis a um conspirador, paciência, conhecimento da natureza humana, psicologia, tato e uma capacidade para a hipocrisia ("Quem espera encontrar disso entre Rosenheim, na Baviera, e Eydtkuhnen, na Prússia Oriental?"), [193] Oster era a exceção que confirma a regra. Singular mistura de grande moralidade e de astúcia, cheio de ideias, capaz de intuição psicológica e de fidelidade a seus princípios, havia muito que chegara, quanto a Hitler e ao nacional-socialismo, à atitude crítica que em vão tentava difundir entre seus companheiros. Foram necessários os atos mais evidentes de Hitler no sentido de uma guerra, bem como o caso Fritsch, para sacudir o imobilismo estreitamente ligado a questões profissionais do corpo de oficiais e liberar forças em outros campos; Oster as reuniu, aumentou suas fileiras e, protegido pelo aparelho da *Abwehr* e por seu chefe, o almirante Canaris, terminou formando um núcleo de resistência com uma rede muito extensa. [194]

As considerações táticas do grupo eram determinadas pela convicção de que um regime totalitário, uma vez estabilizado, só pode ser vencido por uma ação conjugada de adversários de dentro e de fora. Assim, desde a primavera de 1938 instituiu-se um verdadeiro desfile de representantes da resistência alemã em direção a Paris e a Londres, procurando constantemente estabelecer ligações e só encontrando o vazio. No início de maio de 1938, Carl Goerdeler foi a Paris para insistir que o governo francês adotasse uma atitude firme em relação à questão tcheca; um mês mais tarde renovou a visita, não conseguindo, como da primeira vez, senão respostas evasivas. Uma viagem a Londres teve um resultado análogo e o fato de que Sir Robert Vansittart, o principal assessor diplomático do ministro inglês do Exterior, tenha reagido às sugestões do visitante alemão com a exclamação de que as propostas dele revelavam alta traição, mostra bem o lado problemático da missão e de todas as que se seguiram. As coisas não se passaram de modo diferente para Ewald von Kleist-Schmenzin, político conservador que, desiludido, retirara-se havia anos para suas terras na Pomerânia, mas que agora apelava para as relações que tinha na Inglaterra, a fim de encorajar o governo inglês a endurecer sua

atitude e a resistir à intenção expansionista de Hitler: este certamente não se contentaria com a anexação da Áustria, advertiu; informações de boa fonte indicavam que suas ambições iam infinitamente mais longe do que a Tchecoslováquia e tinham o objetivo final de dominar o mundo. Durante o verão de 1938, von Kleist foi pessoalmente a Londres: o chefe do estado-maior, general Ludwig Beck, dera-lhe uma espécie de missão: “Traga-me a prova segura de que a Inglaterra entrará em guerra se a Tchecoslováquia for atacada e eu porei fim ao regime”. [195] Quinze dias depois de von Kleist, o industrial Hans Böhm-Tettelbach partiu igualmente para Londres encarregado de missão semelhante; mal chegou da viagem, quando, sob a iniciativa de um grupo de conspiradores do Ministério dos Assuntos Estrangeiros, à frente do qual se achava o secretário de estado von Weizsäcker, ocorreram várias iniciativas novas por intermédio de um conselheiro da embaixada em Londres, Theo Kordt. A 1º de setembro, o próprio Weizsäcker suplicou a Carl Jacob Burckhardt, alto comissário de Danzig, que aproveitasse suas relações para sugerir ao governo inglês a ideia de uma “conversa em linguagem clara” com Hitler. O mais eficiente seria, sem dúvida, enviar um “inglês imparcial, não pertencente à diplomacia, por exemplo, um general com um rebenque”; talvez assim fizessem Hitler ouvir. Burckhardt anota que na época “Weizsäcker se exprimia com a franqueza desesperada de quem joga tudo na última cartada”. [196] Ao mesmo tempo, Oster pressionava o irmão de Theo Kordt, Erich, então chefe do gabinete do ministro do Exterior, para que achasse um meio de obter de Londres uma ameaça de intervenção a ser entendida não por um ouvido diplomaticamente treinado, mas por “um ditador pouco instruído e brigão”. Uma torrente de informações e de avisos sobre as intenções de Hitler chegou a Londres e a Paris. Foi em vão. Embora todos os emissários viessem “com a corda no pescoço”, como disse Kleist a Vansittart, suas súplicas caíam no nada, diante do zelo conciliador dos *appeasers* , da desconfiança ou da mais banal incompreensão. Um oficial superior do serviço de informações inglês classificou a iniciativa tomada por um oficial do estado-maior alemão que foi a Londres como “uma pouca-vergonha”. [197] E a observação espantada de Vansittart —“Isto é alta traição” — demonstra a que ponto era difícil compreender a motivação dos conspiradores. Na verdade, não se deve perder de vista que alguns deles provocaram ceticismo nos interlocutores ao manifestar tendências a uma eventual restauração ou a reivindicações revisionistas não muito diferentes das que Hitler levantou. Os conservadores alemães e os meios militares, em nome dos quais falavam quase todos os emissários, chocavam-se no Ocidente com a desconfiança nascida de sua tradicional abertura para o leste. E tinham, esses emissários, a reputação de uma completa falta de escrúpulos, e a

surpresa de Rapallo era sempre lembrada, assim como a colaboração entre o Reichswehr e o Exército Vermelho, a que Hitler pusera fim. Podia, pois, parecer a diversos interlocutores no exterior que nesse movimento de resistência formavam de novo forças monárquicas e reacionárias, os *Junkers* e os militaristas, de modo que a alternativa parecia ser "Hitler ou a Prússia" [198] e o mundo não estava disposto a dar às concepções de ontem um socorro contra o ditador, grosseiro, mas orientado para o Ocidente. "Quem nos garante que em tal caso a Alemanha não se tornará bolchevique?", foi a breve resposta que deu Chamberlain ao general Gamelin, chefe do estado-maior francês, quando este lhe falou a respeito das intenções do movimento de resistência alemã, na dramática noite de 26 de setembro. Chamberlain entendia que as garantias de Hitler eram mais confiáveis que as dos conservadores alemães. Era ainda o tradicional viés antileste, o velho pesadelo do Ocidente, que Napoleão invocava em Santa Helena e que o premier francês Daladier citava inquieto: "Os cossacos serão os senhores da Europa". [199]

Paralelamente às tentativas no exterior, ocorriam no interior do país atividades subversivas que, como era de se esperar, vinham principalmente dos meios militares. Numa série de memorandos cada vez mais peremptórios, Ludwig Beck, chefe do Estado-Maior do Exército, mais do que qualquer outro, tentou impedir os projetos belicistas de Hitler. Num documento de 16 de julho de 1938 — que mais uma vez chamava atenção para os perigos de uma guerra mundial — ele insistia especialmente no cansaço da população alemã diante dos perpétuos conflitos, bem como na fraqueza das defesas de oeste. Resumia todas as objeções políticas, militares e econômicas afirmando que a Alemanha não estava absolutamente pronta para suportar a luta "de vida ou morte" que sucederia ao desafio lançado ao mundo inteiro. Ao mesmo tempo pressionava Brauchitsch para fazer circular uma petição entre o corpo de oficiais superiores: a ideia de opor ao Führer uma "espécie de greve geral de generais" e ameaçá-lo de uma demissão em massa se ele continuasse os preparativos de Guerra. [200]

A insistência de Beck pareceu, enfim, convencer Brauchitsch, que presidiu uma reunião de generais, dia 4 de agosto, na qual leu o memorando de Beck feito em julho, e depois o general Adam leu um relatório sobre o estado e o valor defensivo da Muralha de Oeste. No final, os ouvintes estavam tão impressionados que concordaram quase por unanimidade com o ponto de vista de Beck; só os generais Reichenau e Busch levantaram algumas objeções; de seu lado, Brauchitsch declarou-se inteiramente de acordo. Porém, para surpresa de Beck, não pronunciou o discurso preparado por Beck e que devia culminar convocando um protesto coletivo. Em vez disso, enviou

diretamente a Hitler a exposição de Beck, expondo assim seu chefe do estado-maior. E quando Hitler anunciou, em 18 de agosto, durante uma conferência em Juterborg, que resolveria a questão dos Sudetos pela força em poucas semanas, Beck se demitiu.

Esse ato de demissão — como, aliás, a falha de Brauchitsch — deve-se à típica relutância dos chefes militares alemães em relação à política; mas é impossível não levar em conta que era também uma reação, talvez até compreensível, ao sucesso que Hitler vinha tendo em sua agressiva política externa: a demissão de Beck adveio também da deprimente impressão deixada pelos esforços inúteis junto às potências ocidentais para obter que elas interviessem com mais energia. A vontade da resistência alemã não podia ser maior que a dos primeiros-ministros inglês e francês.

A saída de Beck não alterou em nada os planos dos conjurados; seu sucessor, general Halder, explicou a Brauchitsch, desde que assumiu o posto, que não estava de acordo com os projetos belicosos do Führer e que estava resolvido a "aproveitar todas as oportunidades para lutar contra Hitler". [201] Halder nada tinha de *frondeur* ; era mais o tipo de tradicional oficial de estado-maior, comedido, razoável, correto. Detestava Hitler de um modo extremado, quase extravagante, qualificava-o de "criminoso", "demente" ou "sanguinário". E Hitler não lhe deixou alternativa; o próprio Halder falou da "compulsão à resistência" e acrescentou que era "uma experiência atroz e dolorosa". Mais frio que Beck, mais lógico, logo ampliou a noção de uma simples conjuração num vasto projeto de golpe de estado e, com a iniciativa de Oster, contactou Hjalmar Schacht tentando preparar um novo governo, e aprontando tudo antes de 15 de setembro. [202]

Projetava sequestrar Hitler e um certo número de altos funcionários do regime quando da declaração de guerra, por meio de um golpe de mão comandado pelo general von Witzleben, comandante da região militar de Berlim, e levá-lo imediatamente a julgamento para revelar ao mundo inteiro a agressividade de suas verdadeiras intenções. Desse modo, esperavam não só evitar a repetição da lenda da punhalada pelas costas, como também criar o ponto de partida para uma operação geral contra Hitler, cuja popularidade era extraordinária, aureolada pela euforia da nova unidade da nação alemã, ao mesmo tempo afastando o perigo de uma guerra civil: tudo isso não podia depender unicamente das ideias políticas e morais de uma pequena elite, dizia Halder, era preciso ganhar a concordância de princípios da população inteira. Hans von Donahyi, conselheiro na corte suprema do Reich, que fazia parte dos conjurados, havia aberto desde 1933 um arquivo secreto, prevendo um processo contra Hitler. Por seu turno, Oster conseguiu conquistar para os

conspiradores o chefe de polícia de Berlim, conde Helldorf, bem como o vice-chefe, conde Fritz-Dietlof von der Schulenburg, e foram criados contatos muito estreitos com diferentes comandantes em Potsdam, Landsberg e na Turíngia; [203] e ainda com diversos militantes socialistas como Wilhelm Leuschner ou Julius Leber, depois com o diretor dos serviços de psiquiatria do Hospital da Charité de Berlim, Professor Karl Bonhoeffer, que, numa variante do plano de *putsch* , presidiria uma junta médica encarregada de atestar que Hitler era louco. O antigo chefe dos Stahlhelm, Friedrich Wilhelm Heinz, planejava enquanto isso uma “conspiração dentro da conspiração”. Witzleben havia-lhe confiado a missão de atrair jovens oficiais, operários e estudantes para reforçar o *Kommando* de assalto do movimento, que, ao chegar a hora, devia irromper na chancelaria. Mas Heinz achou que faltava realismo à ideia do processo judicial, ou à de prender Hitler num hospital psiquiátrico: Hitler sozinho era mais forte do que Witzleben e todo seu corpo do exército, explicou a Oster. Em consequência, deu a seus homens a ordem secreta não de capturar Hitler, mas de simplesmente matá-lo na confusão. [204]

Assim, tudo estava preparado muito mais cuidadosamente e provavelmente com melhores perspectivas de êxito do que nunca. O grupo de choque de Heinz, munido de armas e explosivos, pronto para agir, esperava nos alojamentos de Berlim; todas as medidas militares e policiais estavam preparadas, a ocupação da rádio prevista e os anúncios à população redigidos. O sinal de ataque, conforme decidira Halder, seria o exato momento em que Hitler desse a ordem de marcha contra a Tchecoslováquia. Todo mundo esperava. A declaração inglesa de 26 de setembro, pela qual o governo britânico notificava a Hitler que a Inglaterra se alinharia ao lado da França no caso de uma agressão contra a Tchecoslováquia, parecia enfim anunciar a atitude resoluta tão indispensável aos conjurados. Durante o dia 27 de setembro, conseguiram obter de Brauchitsch, sempre indeciso, que participasse da ação. Como desde o meio-dia Hitler tivesse mandado tomar medidas para a partida do primeiro escalão de assalto e, algumas horas mais tarde, tivesse dado a ordem de mobilizar dezenove divisões, previa-se a mobilização geral para o dia seguinte, às 14 horas. Erich Kordt, auxiliado por Schulenburg, devia cuidar que, na entrada da Chancelaria, a porta dupla ao lado do corpo da guarda estivesse aberta. Por volta do meio-dia, Brauchitsch dirigiu-se à sede do governo para tomar conhecimento da decisão de Hitler. O grupo de Witzleben esperava impaciente no QG do distrito na Hohenzollerndamm, o próprio general visitou Halder no OKH na Tirpitzufer, o destacamento de Heinz esperava a chamada firme em seus quartéis. Nesse momento, um mensageiro trouxe ao chefe do Estado-Maior do Exército uma informação: com a intermediação de Mussolini, Hitler aceitara uma

conferência que devia ocorrer em Munique.

A notícia estourou literalmente como uma bomba. Cada um dos conspiradores percebeu imediatamente que, assim, o fundamento de seu plano de ação ruía. Todos deixaram-se tomar de estupor, de uma espécie de paralisia. Só o civil Gisevius tentou, com uma torrente de palavras, levar Witzleben a agir assim mesmo. Mas a operação repousava exclusivamente no fracasso político de Hitler, de modo que não restava chance de ação. Para falar a verdade, esse sempre foi o dilema maior, mas inevitável, desse projeto de golpe de estado: dependia de um certo comportamento, fosse da parte de Hitler ou das potências ocidentais. De fato, os conspiradores não se enganavam quanto a Hitler; mas seu plano fracassou porque não levaram em conta o fato de que a Inglaterra no fundo sempre esteve pronta, através de concessões, a deixar a Hitler uma oportunidade *to be a good boy* , de mostrar-se bonzinho, no dizer de Henderson. Desculpando-se, Halifax disse a Theo Kordt, à saída da conferência de Munique: “Não estivemos em condições de nos mostrar tão francos quanto os senhores o foram em relação a nós”. [205]

As consequências desse choque foram muito além daquele momento. Já o anúncio da viagem de Chamberlain a Berchtesgaden tivera uma influência paralisante sobre os conjurados: mas agora todo o movimento de resistência sofreu um desmoronamento de que jamais conseguiu se recuperar. É verdade que desde sua criação pesavam sobre ele escrúpulos, problemas de juramento, conflitos de lealdade e, durante as febris cogitações e as discussões agitadas dos conjurados ao longo de noites inteiras, todos terminavam sempre se chocando com essas barreiras, frutos da educação recebida e reforçada pelo hábito: a moral os detinha e sua ação lhes aparecia como uma espécie de traição; do princípio ao fim da história da resistência alemã percebe-se essa espécie de fragmentação que pelo menos inibiu os conjurados militares e frustrou-lhes os planos no grau final de decisão indispensável ao sucesso. Vinha-se acrescentar agora a ideia de que Hitler era não só capaz de enfrentar todas as situações, mas também parecia ter um pacto com o destino, com a deusa da vitória, com as circunstâncias e o acaso, numa palavra, com a própria história.

“Teria sido o fim de Hitler”, escreveu então Goerdeler a um amigo americano; e se essa afirmação deixa muitas perguntas abertas, a previsão seguinte realizou-se ao pé da letra: “Recuando diante de um pequeno risco, Chamberlain tornou a guerra inevitável. O povo inglês e o povo francês vão ser agora obrigados a defender sua liberdade pelas armas, a menos que prefiram levar uma vida de escravos.” [206]

❖ ❖

No dia seguinte, 29 de setembro, iniciou-se em Munique, por volta das 12h45, a conferência de chefes de governo de Inglaterra, França, Itália e Alemanha. Hitler insistiu para que a reunião se desse imediatamente, pois estava mais resolvido do que nunca a entrar nos Sudetos em 1º de outubro. A fim de se pôr de acordo com Mussolini, Hitler foi a Kufstein encontrá-lo e tudo leva a crer que nesse momento ainda estava meio decidido a fazer a conferência fracassar para obter o triunfo final pela força. Em todo caso, com o mapa na mão, explicou a Mussolini seu plano de guerra-relâmpago contra a Tchecoslováquia e, para imediatamente depois, sua campanha contra a França. Só com extrema repugnância aceitou pôr esses projetos de lado pelo momento, mas não deixou nenhuma dúvida quanto às intenções: "Ou a conferência é um sucesso imediato ou a solução se fará pelas armas." [207]

Na verdade, não era necessária alternativa tão rigorosa. O jogo da negociação das potências ocidentais, sobretudo da Inglaterra, mais visava convencer Hitler de que ele poderia obter o Sudeto pacificamente; havia muito que as quatro potências concordavam com isso e o encontro tinha unicamente o objetivo de registrar o acordo por escrito. [208] O desenrolar foi muito fácil, pois a conferência ocorreu num tempo muito curto: não existia, em suma, mais nenhuma divergência grave entre os participantes. Após a troca de cumprimentos, Hitler precedeu os outros chefes de governo na sala de sessões do novo *Führerbau* , situado na Königsplatz de Munique, e deixou-se cair numa das pesadas poltronas em volta de uma mesa redonda e baixa; com um gesto nervoso, fez sinal aos convidados para que por sua vez tomassem lugares. Estava pálido e tenso; e de início imitou a atitude segura de Mussolini — falando quando ele falava, rindo quando ele ria e endurecendo quando ele endurecia. Chamberlain aristocrático e grisalho, Daladier silencioso e pouco à vontade. Logo de saída, Hitler recusou categoricamente mandar chamar representantes da Tchecoslováquia; as potências permaneceriam sós e logo Daladier, a quem Hitler dava uma atenção particular, deplorou a "obstinação de Benes" e a influência dos "belicistas na França". [209] Pouco a pouco entraram na sala os embaixadores e o pessoal diplomático que os acompanhava; sentaram-se em volta da mesa na qualidade de ouvintes; houve contínuas idas e vindas, enquanto a conferência degenerava constantemente em conciliábulos laterais. Logo no início da tarde Mussolini apresentou um projeto de acordo que, na verdade, havia sido redigido na véspera, à noite, por Göring, Neurath e Weizsäcker para chegar antes de Ribbentrop, que forçava uma ação militar: com base nesse projeto foi assinado o Acordo de Munique entre 2h e 3h da manhã. Previa a ocupação do

território dos Sudetos entre 1º e 10 de outubro; detalhes seriam acertados por uma comissão de representantes das quatro potências e da Tchecoslováquia; a Inglaterra e a França comprometiam-se a garantir a integridade do estado assim diminuído. Durante um instante, todos os participantes pareceram satisfeitos, só François-Poncet deixou escapar, com um movimento de inquietação: “*Voilà comme la France traite les seuls alliés qui lui étaient restés fidèles* ”. [210] Enquanto os funcionários preparavam o acordo definitivo, os participantes, indecisos, ficaram de pé ou sentaram-se; Daladier, esgotado, afundou-se numa poltrona, Mussolini conversava com Chamberlain, Hitler, por outro lado, afastado, estava imóvel, os braços cruzados e os olhos parados, relata um dos participantes.

Seu mau humor continuou no dia seguinte. Quando, ao meio-dia, Chamberlain foi visitá-lo na sua residência pessoal da Prinzregentenplatz, mostrou-se singularmente reticente, falando apenas por monossílabos e só de má vontade aceitou a sugestão de consultas futuras. A irritação ainda aumentou quando soube que a população deu uma ovação a Chamberlain em sua passagem por Munique. Era como dois dias antes em Berlim: o povo ainda não estava pronto para “as tarefas importantes” que lhe reservava e Chamberlain parecia, desta vez, “o homem do momento”. [211]

Porém não eram unicamente o ciúme nem a letargia manifesta — pouco propícia à guerra — da população alemã que o exasperavam. Para o observador mais lúcido, seu desprazer tinha motivos bem mais complexos. Inegavelmente, o Acordo de Munique fora um triunfo pessoal. Sem recorrer abertamente à violência, Hitler arrancou um vasto território a uma coalizão que lhe era superior em número, privou a Tchecoslováquia de um sistema de fortificações que só despertava elogios, melhorou sensivelmente sua posição estratégica, ganhou novas indústrias e forçara ao exílio o Presidente Benes, objeto de seu ódio, a se exilar: de fato, “havia séculos, semelhantes transformações não se efetuavam na Europa sem Guerra”. [212] Acrescente-se o fato de Hitler ainda ter o apoio das grandes potências, graças às quais obteve tudo isso. Uma vez mais funcionou a clássica constelação fascista, aliança entre a violência revolucionária e o poder estabelecido, uma espécie de “frente de Harzburg no plano europeu”. Como já era de se esperar, a Tchecoslováquia revogou quase imediatamente após os acordos de Munique seu pacto com a União Soviética e proibiu o partido comunista.

Mas todos esses triunfos custaram muito caro, segundo Hitler. Pois assim obrigava-se a apor sua assinatura em acordos que não o prendiam a longo prazo, mas por tempo suficiente para atrapalhar seu calendário e, com isso, sua grande concepção. Decidiu entrar em Praga no outono, como tinha

entrado seis meses antes em Viena; e sentindo-se frustrado com o atraso da ordem cronológica de seu plano, sentiu-se igualmente frustrado com seu triunfo de conquistador: "Aquele tal Chamberlain estragou minha entrada em Praga!" — foi o que Schacht ouviu de Hitler; e, de modo análogo, em janeiro de 1939, explicou ao ministro dos assuntos estrangeiros húngaro, sacudindo a cabeça, que jamais considerou possível que a Tchecoslováquia lhe fosse "servida na bandeja por seus amigos". Ainda em fevereiro de 1945, numa das "meditações do *bunker*" , feitas de lembranças, foi contra "os filisteus do grande capital" sua cólera: "Era preciso ter feito a guerra em 1938. Foi nossa última oportunidade de localizá-la com sucesso. Mas todos se meteram. Covardes, submeteram-se a todas as nossas imposições, de modo que era muito difícil tomar a iniciativa das hostilidades. Perdemos em Munique uma ocasião única". [213] Sob essa cólera via-se despontar sua velha tendência a levar as coisas ao extremo e, de costas na parede, tudo arriscar; o acordo de Munique foi muito fácil, muito simples para a satisfação dos seus nervos, ele detestava as soluções prontas e, como dizia, achava "perigoso entregar-se a baixo preço". [214] A singular ideia que fazia do destino sempre impregnou sua visão racionalista; é evidente que desde aquele dia de Munique — e também por esse motivo — cresceu nele o pensamento de ligar a si, enfim, irrevogavelmente, essa nação recalcitrante que, a despeito dos vivas, lhe opunha uma surda resistência, obrigando-a a sangrentos combates.

Sobre esse tríplice pano de fundo de cálculo racional, necessidades nervosas e concepções políticas "mitologizantes" projete-se a inclinação cada vez mais clara de Hitler para a guerra; ele disse mais tarde, como que a se desculpar, que o espírito de conciliação de Chamberlain "em certo sentido, pegou-o de surpresa". Seu desejo de guerra aumentou ainda pelo desprezo sincero que votava, desde então, aos adversários. Diante dos generais ele ridicularizava esses adversários, tratando-os de "vermezinhos"; num discurso em Weimar, mencionou "aquela gente de guarda-chuva do nosso velho mundo do partido burguês", clara alusão a Chamberlain, e disse que a Linha Maginot era *o limes* de um povo se preparando para morrer. [215]

A vontade de guerra evidentemente provocadora de Hitler estava em notável contradição com a verdadeira relação de forças, e pode-se ver aí o primeiro sinal do fracasso de seu senso de realidade; pois admite-se hoje que naquele outono de 1938 ele teria resistido poucos dias a um conflito armado. A opinião dos especialistas militares aliados e alemães, os documentos e as estatísticas não deixam dúvida quanto a isso. Jodl declarou em Nuremberg que "não se podiam vencer cem divisões francesas com cinco divisões da ativa e sete divisões blindadas atrás de um muro fortificado que era só uma

grande construção. Militarmente impossível". [216] O zelo conciliador e a fraqueza das potências ocidentais, diante disso, tornam-se mais incompreensíveis e, a julgar pelos motivos, sua atitude de *appeasement* só se explica no plano psicológico — como fez Hitler — por uma espécie de resignação política. A traição dos compromissos assumidos, a omissão em relação a todos os tradicionais valores europeus, contra os quais Hitler declarou sua inimizade sem rodeios em quase todos os discursos, em cada lei e cada ato, podiam a rigor se explicar pelas circunstâncias, por um misto de cumplicidade, chantagem e desordem. Mas, curiosamente, parece que os aliados ocidentais não pensaram na desonrosa queda de prestígio que devia suceder ao acordo de Munique: a Inglaterra e a França perdiam quase todo o crédito; a palavra, a aliança de ambas apareciam agora escritas sobre o vento, e logo as outras potências, principalmente as de leste, tomaram o partido de entrar diretamente em contacto com Hitler e de se entender pessoalmente com ele. Mas sobretudo a União Soviética não esqueceu que fora eliminada em Munique pelas potências ocidentais e, menos de quatro dias após a conferência, a embaixada alemã em Moscou fez saber que "Stalin (…) ia tirar conclusões e rever sua política externa". [217]

Enquanto isso, Chamberlain e Daladier haviam voltado às respectivas capitais. E em vez das manifestações hostis que esperavam, foram acolhidos com hurras, como observou um funcionário do Foreign Office, como "a festejar grande vitória sobre um inimigo e não uma traição a um pequeno aliado". Aflito, Daladier mostrou a multidão em delírio ao seu ministro do Exterior, murmurando: "Os idiotas!" — enquanto Chamberlain, mais ingênuo e otimista do que nunca, chegava a Londres brandindo um papel e exclamando: *"Peace in our time"* . É difícil, olhando para trás, compreender as impressões espontâneas de alívio que uniram uma vez mais a Europa e sentir um certo respeito por suas ilusões. Em Londres, a multidão cantava *"For he is a jolly good fellow"* diante do número 10 de Downing Street, enquanto o jornal francês *Paris Soir* oferecia a Chamberlain "um cantinho francês de terra para vir pescar com anzol" [218] e acrescentava que era "impossível imaginar um quadro mais idílico da paz". E quando, na sessão seguinte da Câmara dos Comuns, Winston Churchill começou seu discurso com as palavras: "Acabamos de sofrer uma derrota total de grande envergadura", houve uma tempestade de protestos.

Enquanto as tropas alemãs, conforme o acordo, entravam no Sudeto e Hitler percorria toda antiga fronteira numa Mercedes, o chefe dos social-democratas dos alemães sudetos, Wenzel Jaksch, voava para Londres. Segundo uma prática definitivamente adotada para as conquistas nos anos

seguintes, as unidades da Wehrmacht precediam os grupos de ação dos serviços de segurança *(Sicherheitsdienst-S* D) e a Gestapo, que "limpavam imediatamente o território liberado e o livravam dos traidores marxistas e de outros inimigos de estado". Jaksch ia implorar vistos e toda a ajuda possível a seus amigos ameaçados. Lord Runciman afirmou-lhe que o Lord-prefeito de Londres certamente faria circular uma petição em favor de um socorro aos refugiados e que ele próprio, Lord Runciman, se inscreveria. O *Times* publicou fotos das tropas alemãs entrando no Sudeto sob uma cascata de flores e de aclamação, mas seu redator-chefe, Geoffrey Dawson, recusou-se a publicar as que mostravam os que fugiam das tropas. Wenzel Jaksch não conseguiu visto nenhum. Desse país abandonado, a Polônia e a Hungria tiraram bons pedaços. A história daquele outono está cheia de atos de cegueira, de heroísmo, de fraqueza e de traição. De resto, os amigos de Wenzel Jaksch, apesar de terem fugido para a parte do país não ocupada, foram rapidamente entregues à Alemanha pelo governo de Praga. [219]

A insatisfação de Hitler com o fim da Conferência de Munique veio naturalmente aumentar sua impaciência. Dez dias mais tarde, ele entregou a Keitel um questionário sobre as possibilidades militares do Reich; em 21 de outubro, deu instruções para a "liquidação militar do que restava da Tchecoslováquia", bem como para a "anexação de Memel". Numa nota anexa, mandou-o preparar a ocupação de Dantzig. Ao mesmo tempo, encorajou os nacionalistas eslovacos a representar no novo estado o papel outrora assumido pelos alemães sudetos e de colaborar internamente com o desmantelamento da Tchecoslováquia.

Porém as decepções de certos dias recentes inspiraram as medidas que tomou para um reforço da mobilização psicológica do público. É certo que na Alemanha o entusiasmo era grande e o prestígio de Hitler atingia proporções vertiginosas, o que não impedia de considerar que uma boa parte da alegria geral devia-se ao alívio de se ter evitado a guerra. No início de novembro, Hitler aproveitou o prétexto do assassinato de um secretário da embaixada da Alemanha em Paris, Ernst von Rath, abatido por um emigrado judeu, para desencadear uma vasta ação de propaganda. Do atentado, cometido por motivos pessoais, Hitler fez sem hesitar um desses "golpes de judaísmo mundial" a que sempre atribuía um elevado grau de eficiência. Organizou-se uma campanha de "minutos de silêncio" com um completo cerimonial fúnebre, música de Beethoven e lamentações demagógicas até nas escolas e nas empresas, e pela última vez viram-se as SA no papel, outrora apreciado mas ao qual havia muito tinham renunciado, de representantes da cólera

popular cega: a 9 de novembro, à noite, na Alemanha, as sinagogas foram incendiadas, casas judias saqueadas, lojas judias pilhadas, uma centena de pessoas foram mortas e cerca de vinte mil outras presas; o jornal das SS, *Das Schwarze Korps* , já propunha uma eliminação "a ferro e a fogo", o fim "efetivo e definitivo do judaísmo na Alemanha". Mas durante esses excessos nas ruas, que ressuscitavam para todo mundo lembranças dolorosas dos anos de desordem e anarquia, o instinto burguês enraizado na população mais temia do que estava mobilizado; [220] e ocorreu um novo sintoma de perda, agora galopante, do sentido de realidade de Hitler: acreditava que os seus sentimentos mais fortes deviam produzir no público um efeito psicológico não menos poderoso. O claro contraste que sempre existiu entre sua obsessão antijudaica impregnada de um certo elemento balcânico e o tíbio antissemitismo alemão tornava-se cada vez mais evidente. Caracteristicamente, a ação só funcionou na Áustria.

A apatia das massas levava-o a multiplicar os esforços. A época posterior à Conferência de Munique ficou sob o signo de uma intensa intervenção de propaganda, a que Hitler se entregou com agressividade crescente. O violento discurso no Sarrebruck, a 9 de novembro, faz par com o de Weimar de 6 de novembro, com o de Munique de 8 de novembro, ou ainda o grande relatório sobre o ano de 1938, que era um misto de orgulho, ódio, nervosismo e segurança, comprovam isso. "A concordância do corpo popular" foi evocada e o judaísmo novamente atacado, ao mesmo tempo que ele profetizava sua aniquilação na Europa. [221] Um discurso secreto da mesma época, dirigido aos responsáveis pela imprensa alemã, inspirou-se em motivos semelhantes. Queria afastar a imprensa dos sermões sobre a paz e dos apelos ao entendimento, cuja influência enfadonha observara em Berlim e em Munique; desejava fazê-la adotar um tom de firmeza agressiva; era, por assim dizer, uma ordem de mobilização psicológica. Hitler não deixou de insistir sobre a necessidade de ter por trás de si "um povo alemão cheio de fé, resoluto, seguro e otimista". Ao mesmo tempo deixou-se levar pela cólera contra as críticas e contra os intelectuais que perturbavam os espíritos:

> Quando considero nossas camadas intelectuais — infelizmente precisamos delas, senão poderia, talvez, não sei, exterminá-las ou algo parecido, mas infelizmente precisamos delas — portanto, quando considero um pouco essas camadas intelectuais, tenho em mente sua atitude para comigo e minha obra, sinto-me presa de angústia. Pois desde que me ocupo de política e particularmente desde que dirijo o Reich, só tive sucessos. E apesar disso a massa flutua de maneira insuportável, até repugnante. Que aconteceria se por acaso eu tivesse uma derrota? Está entre as coisas possíveis, senhores. Como se comportaria então todo esse galinheiro? (…) Outrora, meu grande orgulho foi ter edificado um partido que, mesmo nas épocas do reverso da fortuna, mantinha-se obstinada e fanaticamente comigo. Foi meu grande orgulho e (…) assim devemos educar nosso povo inteiro. O povo deve ser levado a ter apenas a fé mais absoluta, mais tenaz, mais naturalmente otimista: no fim conseguiremos realizar tudo o que é necessário. Pode-se

conseguir, pode-se chegar lá através de um contínuo apelo às forças vivas da nação, revolvendo inteiramente os valores positivos de um povo e deixando de lado o quanto possível o que chamaremos de seu aspecto negativo.

Para isso é indispensável que a imprensa pregue cegamente o princípio básico: o governo age como convém! (…) Assim aliviaremos o povo, digamos, de uma dúvida que o torna infeliz. A grande massa não quer se incomodar com esse peso. A grande massa só tem um desejo: estar bem dirigida e poder confiar nessa direção; e que a própria direção não hesite, mas que avance resolutamente no caminho que tomou. Acreditem, sei muito bem, o povo alemão nunca esteve mais contente do que em certos dias – como, por exemplo, a 9 de novembro — quando vou à rua cercado de todos os meus colaboradores e o povo diz: este é fulano, aquele é beltrano. E as pessoas se sentem profundamente protegidas com a ideia de que esses homens se dão as mãos, todos seguem o Führer e o Führer apoia esses homens; são nossos ídolos. Talvez jamais alguns intelectuais consigam compreender isto. Mas essa gentinha, lá fora (…) é tudo o que quer! Já foi assim na história da Alemanha. O povo está sempre feliz quando os homens que o dirigem se dão as mãos: isso ajuda as pessoas de baixo a fazer o mesmo. [222]

Desde a Conferência de Munique, a dinâmica acelerada dos acontecimentos também fazia parte do processo de mobilização psicológica, de modo que o observador terminava se perguntando se essa política sufocava ou se aqui a sufocação adquiria uma forma política. Semana após outra acentuavam-se as pressões de dentro e do exterior contra uma Tchecoslováquia sem defesa. A 13 de março, Hitler obrigou o chefe dos nacionalistas eslovaco, Tiso — que fora chamado a Berlim — a separar-se de Praga; no dia seguinte, leu-se ante o parlamento de Presburg o manifesto de independência em língua eslovaca, preparado por Ribbentrop. Na noite do mesmo dia, o presidente do estado tcheco, Hacha, acompanhado pelo ministro do exterior, Chvalkowski, chegou à capital do Reich, onde foi submetido à terrível manobra de chantagem que Hitler designou mais tarde com ignóbil prazer pelo nome de “hachação”. Claro que os convidados foram recebidos com as honras do protocolo, mas só foram introduzidos na chancelaria do Reich por volta de uma ou duas horas da manhã, depois de uma espera estafante, submetendo seus nervos a uma terrível prova, durante a qual tentavam em vão descobrir o motivo da convocação. Velho e doente, Hacha teve de percorrer antecâmaras e salas intermináveis, até chegar esgotado diante de Hitler; este o esperava diante da escrivaninha do imenso gabinete de trabalho, iluminado brilhantemente por lâmpadas de pé de bronze; perto dele, o pomposo Göring, e mais uma vez o espantalho de serviço, Keitel. Os cumprimentos do presidente revelam o oportunismo desesperado de um país abandonado por todos. Diz a ata do encontro:

O Presidente Hacha saúda o Führer e exprime seus agradecimentos por ter consentido em recebê-lo. Disse que há muito desejava conhecer o homem cujas admiráveis ideias tinha lido e seguido. Pouco antes, ele próprio ainda era um desconhecido. Jamais se ocupou de política, era apenas um funcionário do Ministério da Justiça no aparelho administrativo vienense (…) em 1918 foi chamado a Praga e nomeado, em 1925, presidente do Superior Tribunal Administrativo. Nessa função não tinha que tratar com os políticos, ou, como ele dizia, politiqueiros (…) Nunca foi *persona grata* .

> Encontrava o presidente Masaryk uma vez por ano, no banquete dos juízes, e via Benes ainda menos. Uma das raras vezes em que estiveram juntos, houve mal-entendidos. Aliás, ele, Hacha, permaneceu totalmente estranho ao regime a ponto de, imediatamente após a reviravolta, se perguntar se havia sido uma felicidade para a Tchecoslováquia ser um estado independente. E eis que neste outono ele ocupou o governo desse estado. Era um velho (…) E pensava que o destino da Tchecoslováquia estava bem colocado nas mãos do Führer. [223]

Quando Hacha concluiu pedindo que outorgassem a seu povo o direito a sua própria existência nacional, Hitler entregou-se a um de seus monólogos de prolixidade incomum. Deplorou a hostilidade tantas vezes manifestada pelos tchecos, a impotência do governo atual no seu próprio país, chamou a atenção do interlocutor para a existência ainda presente de um "espírito Benes" e terminou descarregando reprovações ao velho, mudo, rígido, sentado diante dele e de quem só os olhos permitiam ver que se tratava de um ser vivo. E acrescentou: "Estou no fim da minha paciência". [224]

> Às 6 horas, o exército alemão entraria na Tchecoslováquia de todos os lados ao mesmo tempo e a Luftwaffe ocuparia os aeroportos. Havia duas possibilidades. A primeira seria que a entrada do exército alemão suscitasse combates. Neste caso, a resistência seria quebrada por todos os meios de força. A outra seria que as tropas alemãs recebessem uma acolhida tolerável; então seria fácil ao Führer dar generosamente uma existência própria, uma autonomia e uma certa liberdade nacional à Tchecoslováquia.
>
> Era de fato o motivo pelo qual havia chamado Hacha. O convite era o último favor que fazia ao povo tcheco (…) O tempo passava. Às 6 horas, as tropas cruzariam a fronteira. Tinha quase vergonha de dizer que para cada batalhão tcheco opor-se-ia uma divisão alemã. A operação militar não havia sido concebida como coisa sem importância, mas como uma operação em grande estilo.

Ao perguntar-lhe Hacha, quase sem voz, como poderia fazer para em quatro horas avisar ao conjunto da população tcheca que não oferecesse resistência, Hitler respondeu pomposamente:

> A máquina militar que havia sido posta em movimento não podia mais ser detida. A decisão que se exigia dele era importante, mas Hitler via apontar a possibilidade de um longo período de paz entre os dois países. Caso Hacha respondesse pela negativa, não via mais que a aniquilação da Tchecoslováquia. Sua própria decisão era irrevogável e sabia-se bem o que era uma decisão do Führer.

Saindo do gabinete de trabalho do Führer pouco depois de duas horas da manhã, Hacha e Chvalkowski tentaram comunicar-se por telefone com Praga. Göring, diante da urgência da hora, brandiu a ameaça de um bombardeio da cidade e, com frieza brutal, descrevia as destruições resultantes; o presidente Hacha teve uma crise cardíaca e, por um instante, temeu-se pelo pior: "O mundo inteiro dirá que ele foi assassinado aqui durante a noite", disse um dos auxiliares. Mas o dr. Morell, que uma ordem previdente manteve de reserva, reanimou o infeliz. Assim, pôde-se avisar a quem de direito em Praga que não se opusesse qualquer resistência à entrada das tropas alemãs e, pouco antes das 4 horas, Hacha assinou o ato de submissão pelo qual "deixava a sorte do povo e do país tcheco em confiança nas mãos do Führer do Reich alemão".

Logo que Hacha saiu do aposento, Hitler perdeu toda a contenção. Muito alegre, precipitou-se à sala em que estavam suas secretárias e pediu-lhes que o beijassem: “Minhas filhas, gritava, Hacha assinou. É o maior dia de minha vida. Vou entrar na história como o maior dos alemães”. [225] Duas horas mais tarde, as tropas atravessavam a fronteira e as primeiras unidades chegaram a Praga por volta das 9 horas, sob neve de primavera. As ruas estavam outra vez cheias de delirantes entusiastas, mas eram apenas uma minoria; a maioria se desviava ou ficava imóvel, silenciosa, com lágrimas de impotência nos olhos, por trás da ala de fanáticos, Hitler em pessoa entrou na cidade e passou a noite no castelo sobre o Hradschin. “A Tchecoslováquia”, anunciou ébrio de triunfo, “deixa neste momento de existir”. Foi trabalho de dois dias. Quando, a 18 de março, os embaixadores da França e da Inglaterra apresentaram em Berlim notas de protesto, Hitler já havia criado o Protetorado de Boêmia e Morávia — à frente do qual colocou von Neurath, um moderado — assinara um acordo de assistência com a Eslováquia e voltara à Alemanha. Parecia confirmar-se uma vez mais o que Mussolini dissera pouco antes da conferência de Munique: “As democracias estão aí para engolir sapos.” [226]

Mas a tomada de Praga foi um ponto de inflexão. Para as potências ocidentais foi demais a decepção, o sentimento de terem sido ridicularizadas, a paciência inútil. Recém a 10 de março, Chamberlain havia dito a alguns jornalistas que os perigos da guerra desapareciam, que se via apontar uma nova era de distensão; agora, em 17 de março, falou em Birmingham de um “abalo mais grave do que nunca”, lembrou as numerosas traições à palavra dada que a ação contra Praga representava e perguntou, enfim, se aquela “seria o fim de uma velha aventura ou o começo de uma nova”. No mesmo dia chamou Henderson de volta de Berlim por tempo indeterminado e Lord Halifax disse que, a rigor, podia compreender o gosto de Hitler por um triunfo sem derramamento de sangue, mas que da próxima vez ele seria obrigado a derramá-lo. [227]

É óbvio que a ocupação de Praga marcou uma modificação decisiva na política ocidental. Nas apologias dos *appeasers* e nas tentativas de justificação dos cúmplices do regime, reaparecia constantemente a tese de que, antes da entrada em Praga, o próprio Hitler havia dado uma reviravolta nos acontecimentos: só naquele momento teria tomado o caminho da ilegalidade e teria radicalmente aumentado o alcance de seus objetivos expansionistas, até então relativamente defensáveis. Mas a partir daquele momento não reivindicava mais o direito de autodeterminação dos povos, mas a glória do conquistador. Sabe-se a que ponto essas considerações ignoram os

motivos e as intenções de Hitler; havia muito tempo todas as suas decisões de princípio estavam tomadas; Praga não era para ele senão um problema tático e o Vltava certamente não era seu Rubicão.

Em todo caso, a operação foi reveladora. Durante esse período de constantes sucessos em política exterior, o agora coronel Jodl anotava ocasionalmente, com uma espécie de surpresa admirada: “Esta maneira de praticar a política é nova na Europa”. [228] Com efeito, a combinação dinâmica de ameaças, de promessas de paz e de atos de violência que Hitler empregara até então era uma experiência nada habitual, paralisante, e os homens de estado da Europa ocidental bem podem ter sido enganados quanto às verdadeiras intenções de Hitler. Disse Lord Halifax, descrevendo sua própria incerteza: “O que quer que se diga e se faça, fica-se sempre como um cego que procura o caminho num pântano, enquanto das margens cada um grita informações a respeito da próxima zona perigosa”. [229] Contudo, a ação de Hitler contra Praga retirou toda a ambiguidade da situação: pela primeira vez Chamberlain e seu colega francês viram delinear-se a situação já constatada por Hugenberg, isto é, não se podia frear nem abater “esse homem estranho”, como escreveu Halifax – a menos que se empregasse a violência.

De fato, na carreira de Hitler, Praga foi o ponto de partida de uma nova fase também num outro sentido: era seu primeiro erro grave depois de 15 anos de sucessos; esse erro devia ser grave nas consequências. Taticamente falando, Hitler atingiu seus objetivos conservando a possibilidade de dar a todas as situações uma aparência tão ambígua que a cabeça e a vontade do adversário se despedaçavam. Agora ele se mostrava tal como era, sem nenhum equívoco. Se até então só assumira papéis em que sua dubiedade podia ajudar e, como adversário, recorrera ao jogo de alianças secretas ou de provocar condições e dizer que era contra elas, agora mostrava sem dissimulação sua natureza mais íntima. Em Munique, embora de má vontade, renovara a concretização da “constelação fascista”, a saber, o triunfo sobre um dos adversários com o auxílio do outro. O *pogrom* de novembro de 1938 foi a primeira renúncia ao uso dessa receita da fase dos sucessos; Praga eliminou definitivamente qualquer dúvida de que ele era inimigo de todos.

23

Estoura a guerra

A ideia de lutar sempre esteve em mim .

Adolf Hitler

A PARTIR DA PRIMAVERA DE 1939, espanta-nos a incapacidade de Hitler de pôr um freio em seu dinamismo. A perfeita noção de "tempo" que demonstrara alguns anos antes, em sua conquista do poder, começou a abandoná-lo, deixando no lugar um neurastênico impulso de movimento. Diante da fraqueza de seus adversários e da desunião que reinava entre eles na cena europeia, ele pudera atingir todos os seus objetivos revisionistas e até mesmo parte de suas vastas concepções de espaço vital, graças à tática de cobertura, que consistia em garantir a retaguarda com operações compensatórias junto às potências conservadoras que até então lhe haviam prestado serviços extraordinários. Agora renunciou a isso, levado pela vaidade e estragado pelo sucesso do político que se criou no exercício do protesto, acostumado a pensar em termos de "exigências irrecusáveis", e guiado por uma agitação mórbida. "A capacidade de esperar é que faz o gênio do Führer!" — dizia a propaganda do regime: mas Hitler agora não esperava mais.

Uma semana depois da entrada em Praga, foi a Swinemunde, onde embarcou no cruzador *Deutschland* e rumou para Memel, nome alemão da cidade de Klaipeda. Essa pequena cidade portuária da fronteira setentrional da Prússia, na confusão do pós-guerra, fora anexada pela Lituânia. Sua restituição era uma questão de tempo. Mas, para dar ao evento valor dramático e um elemento de violência triunfante, Hitler mandou dizer a 21 de março ao governo de Kovno que os plenipotenciários da Lituânia deveriam viajar no dia seguinte a Berlim, em avião especial, para assinar o ato de cessão; nesse meio-tempo, ele mesmo, incerto da resposta, se punha a caminho; e enquanto Ribbentrop "hachaizava" a delegação lituana, ele, enjoando a bordo do *Deutschland* e de mau humor, fez contato via rádio com Berlim por duas vezes, para saber se podia entrar pacificamente em Memel ou se era preciso recorrer aos canhões de bordo. A 23 de março, cerca de uma e meia da manhã, a Lituânia concordou com a cessão, e ao meio-dia Hitler fez na cidade de Memel uma de suas entradas triunfais.

Dois dias antes, Ribbentrop havia convocado o embaixador da Polônia em

Berlim, Josef Lipski, e lhe propusera iniciar conversações a respeito de uma compensação germano-polonesa. Para isso, insistiu em diversas reivindicações já muitas vezes formuladas, entre as quais a restituição da cidade livre de Danzig e o estabelecimento de uma via extraterritorial, através do corredor polonês, não eram as menos importantes. Em troca, ofereceu novamente uma prorrogação de vinte e cinco anos para o Pacto de Não Agressão de 1934 e a garantia formal de que não se tocaria nas fronteiras da Polônia. Que essa proposta era séria deduz-se do fato de que na mesma ocasião ele tentou levar a Polônia para o Pacto Anticomintern, pois de maneira geral, Ribbentrop encaminhava as coisas sempre no sentido de uma "tendência marcadamente antissoviética". Uma nota do Ministério do Exterior oferecia bem claramente à Polônia como compensação — caso esta consentisse em uma colaboração mais estreita — a perspectiva de um dia possuir a Ucrânia; de acordo com essa linha de conduta, Hitler, por ocasião de uma conversa com Brauchitsch, em 25 de março, afastou uma solução violenta para a questão de Danzig, mas nem por isso julgou menos "digna de consideração" a eventualidade de uma ação militar contra a Polônia, desde que as "condições políticas fossem particularmente favoráveis". [231]

A grande indiferença com que Hitler contemplava a alternativa de uma conquista ou de uma aliança tinha uma razão evidente. Na realidade, ele não se importava com Danzig. A cidade não passava de um pretexto para, como esperava, entender-se com a Polônia. Não era sem razão que ele próprio achava generosa sua oferta: abria para a Polônia a perspectiva de um ganho considerável em troca de uma contrapartida insignificante. Pois Danzig era uma cidade alemã; sua separação da Alemanha fora uma concessão de Versalhes a uma necessidade polonesa de prestígio que, com o passar do tempo, perdera muito de seu peso. Por outro lado, era quase impossível para a Polônia conservá-la a longo prazo. E a reivindicação de uma passagem em direção à Prússia Oriental era uma tentativa bem razoável de acabar com o problema da decisão arbitrária que separara a Prússia Oriental do Reich. O que Hitler desejava, na realidade, ligava-se ao grande objetivo de sua política: ganhar mais espaço vital.

Pois entre as condições essenciais da projetada expedição de conquista para o leste, a principal era uma fronteira comum com a União Soviética. No momento, a Alemanha estava separada das planícies da Rússia, que Hitler cobiçava, por uma cintura de países que se estendiam do mar Báltico ao mar Negro, dos estados bálticos à Romênia. Um ou vários deles deviam pôr à sua disposição os territórios necessários para a passagem das tropas, por onde ele chegaria à Rússia; só podia se lançar à guerra depois disso.

Teoricamente, Hitler podia realizá-la de três maneiras: unir-se aos estados da “Europa intermediária” por alianças; eventualmente anexar alguns deles; ou, ao contrário, deixar a Rússia anexá-los — neste caso, a Rússia levaria sua própria fronteira até a Alemanha. No decorrer dos meses seguintes, Hitler tentou essas três possibilidades: a agilidade e a frieza com que passou de uma para a outra sob os olhos de um mundo estupefato mostrou-o pela última vez no apogeu de seu instinto tático.

Depois da entrada em Praga, que, claro, pusera rudemente à prova a paciência das potências ocidentais, ele evidentemente resolvera não provocar novas tensões e recorreu à primeira via: estava em suas intenções encontrar um aliado contra a URSS, pois um desentendimento sério com o Ocidente comprometeria todos os seus objetivos de longo alcance. Entre os estados da Europa secundária, a Polônia lhe pareceu de perfeita conveniência para seus planos. Era um estado autoritário, de fortes tendências anticomunistas, antirrussas e até antissemitas; existiam portanto, entre eles, sérios “pontos comuns”, [232] sobre os quais seria sem dúvida relativamente fácil fundar um interesse sob a tutela da Alemanha com vistas a uma expansão. Por outro lado, havia entre os dois países boas relações sancionadas por um pacto de não agressão proposto por Hitler em pessoa.

Isto significa que, da resposta do governo polonês às propostas de Ribbentrop, dependia muito mais que uma simples negociação, e certamente ainda muito mais do que o atendimento de um pedido de revisão; para Hitler, estava em jogo nada menos que a própria ideia de espaço vital. Só este aspecto da questão pode explicar a tenacidade com que tentou e as consequências radicais que tirou daí. Na verdade, para ele era tudo ou nada.

Desnecessário dizer que a Polônia acolheu as propostas da Alemanha com extrema irritação, pois elas punham em perigo os próprios fundamentos da política que o país até então conduzira e tornavam sua posição, já precária, ainda mais crítica. Até então, a Polônia encontrara a salvação num equilíbrio estrito entre seus dois colossais vizinhos, a Alemanha e a Rússia, cuja impotência temporária, em 1919, não só tivera um papel considerável em sua existência de estado independente, mas lhe permitira, depois disso, crescer de modo notável à custa deles. No decurso de sua história, a Polônia aprendera a temer tanto a amizade quanto a hostilidade de um ou de outro daqueles países grandes; a lição agora era mais importante do que nunca. O oferecimento alemão ia contra esse princípio fundamental da política polonesa.

Era uma situação ameaçadora, que exigia mais sutileza, equilíbrio lúcido e adaptação do que seria capaz um povo romântico que se sentira maltratado e

humilhado durante séculos. Tendo de escolher, a Polônia se teria inclinado para a Alemanha, embora a nova Alemanha fosse mais inquieta e ávida que a União Soviética às voltas com tantas lutas pelo poder, expurgos e conflitos dogmáticos. Josef Beck, o ministro do Exterior, homem insinuante, intrigante, que por uma espécie de capricho de artista jogava um jogo arriscado, com malabarismos de cinco bolas, complicou ainda mais a situação apresentando planos ambiciosos de uma "Terceira Europa"— um bloco de potências neutras que fosse do Báltico ao Helesponto, com a Polônia à testa. No que se referia a seu país, procurava tirar vantagens da política agressiva de Hitler. Mesmo sua política exterior, cautelosamente pró-Alemanha, tinha como objetivo secreto enterrar metodicamente os alemães em seus erros. Esperava com isso "não só a integração incondicional de Danzig ao estado polonês, mas também, o que era infinitamente mais importante, a integração da Prússia Oriental inteira, da Silésia, talvez a da Pomerânia (…) nossa Pomerânia", como se dizia cada vez com mais frequência e cada vez mais abertamente. [233]

O sonho secreto da Polônia de chegar ao nível de grande potência estava por trás da recusa seca que Beck terminou opondo às pretensões de Hitler, adicionando a mobilização de algumas divisões na fronteira. A rigor, não se pode nem dizer que Beck considerasse injustificadas as demandas alemãs. Danzig, ele admitia, era para a Polônia apenas uma espécie de símbolo. [234] Mas cada concessão teria a aparência de uma reviravolta nas mais profundas intenções de toda a política polonesa, voltada para um equilíbrio e ao mesmo tempo para uma limitada hegemonia. Por isso, a única saída tática para essa situação — ganhar tempo através de consentimentos parciais — estava bloqueada. Por outro lado, Beck e o governo de Varsóvia receavam que novas exigências se seguissem às reivindicações iniciais de Hitler, de modo que só uma recusa total podia manter a inteireza de sua posição. Em suma, a Polônia se via confrontada com sua situação de sempre: não tinha escolha.

Esse dilema se explicitou quando, a 23 de março, Beck recusou a proposta inglesa de um acordo consultivo entre a Inglaterra, a França, a União Soviética e a Polônia porque não queria participar de um grupo a que a URSS também pertencia. Já recusara ao Reich uma aliança de tendência antissoviética: estava ainda menos preparado para se associar a União Soviética com um objetivo antialemão. Não via que, diante da situação criada pela atitude de Hitler, tinha que escolher: exatamente como só lhe restava contra a União Soviética a fatal proteção da Alemanha, só o apoio da URSS podia salvá-lo das exigências alemãs. Sabia muito bem — e a União Soviética não deixou de confirmar essa convicção com um comunicado da agência Tass com data de 22 de março — que esse apoio queria dizer a rendição. Mas Beck

preferia afundar completamente a recorrer à proteção do velho opressor do leste. Politicamente, sua atitude altiva se apoiava no dogma da natureza insuperável do antagonismo germano-soviético. Entretanto, recusando tanto um quanto o outro com veemência, criava sem querer as condições para uma aproximação entre eles. Assim, pouco a pouco se esboçava o quadro propício para a guerra.

Ao mesmo tempo, Beck era reconfortado pela atitude do governo inglês. Ainda indignado com a entrada de Hitler em Praga, Chamberlain decidiu, no fim de março, tomar uma providência de certo modo desesperada: baseado em rumores não confirmados de uma eventual tomada alemã de Danzig, mandou perguntar a Varsóvia se a Polônia objetava a uma declaração de garantia por parte da Inglaterra; e isso a despeito dos avisos de alguns compatriotas mais lúcidos, que julgavam "infantil, ingênuo e ao mesmo tempo *unfair* propor a um estado na situação da Polônia que comprometesse suas relações com um vizinho potente como a Alemanha". [235] Beck aceitou incontinenti: para essa resolução, contou mais tarde, não precisou mais tempo do que para derrubar a cinza do cigarro. E foi então que Chamberlain fez a 31 de março à Câmara dos Comuns a famosa declaração de que a Inglaterra e a França, "caso alguma ação, qualquer que fosse, ameaçasse claramente a independência da Polônia (…) , se consideravam obrigadas a dar imediatamente ao governo polonês toda a ajuda que pudessem". [236]

Essa promessa de ajuda marcou a grande virada política dessa fase dos acontecimentos: a Inglaterra resolvera se opor incondicionalmente a qualquer esforço de expansão de Hitler, onde, quando e em qualquer caso que fosse. Decisão insólita e respeitável, à qual faltava em sabedoria o que tinha de grandeza aparente. É muito fácil localizar a origem dessa decisão nos sentimentos de um homem decepcionado. Os críticos de Chamberlain na época assinalaram logo o lado problemático dessa declaração: ela não exigira dos poloneses uma contragarantia para o caso de Hitler atacar outro país europeu, nem lhes impusera entendimentos a respeito de uma eventual ajuda dos soviéticos, cuja participação tinha importância decisiva. Ainda por cima, deixava a grave questão da paz ou da guerra para a Europa nas mãos de um punhado de homens de Varsóvia, opiniáticos e teimosos de nacionalismo, que recentemente tinham feito causa comum com Hitler contra a Tchecoslováquia, traindo os princípios de independência que agora reclamavam com tanta insistência.

A decisão tomada por Chamberlain a 31 de março obrigou também Hitler a rever a posição. Na garantia britânica ele não viu só plenos poderes concedidos àqueles poloneses excêntricos para implicar à vontade a

Alemanha em empresas bélicas; foi mais importante ainda a seus olhos que a Inglaterra se tivesse de súbito revelado definitivamente inimiga: ela não lhe dava pista livre a leste e estava manifestamente resolvida ao confronto extremo. Não era possível obter o grande mandato das potências burguesas contra a União Soviética — ficou evidente — e isso punha novamente em questão toda sua estratégia formulada havia tanto tempo. Tudo leva a crer que aquele último dia de março tenha dado o derradeiro impulso a essa radical reviravolta, que se pode pressentir desde 1936 em diversas declarações, mas constantemente deixada para mais tarde; agora, Hitler ia mesmo, como dissera bem recentemente, "terminar sua obra de juventude". [237] Não só abandonou a corte mal aceita que fizera a Londres, mas concluiu também que a cada nova tentativa para conquistar mais espaço vital a leste esbarraria sempre nos ingleses e que para realizar sua ideia central teria primeiro que vencer a Inglaterra. Na medida em que queria evitar uma guerra em duas frentes, essa conclusão levava a outra consequência: um entendimento provisório com o adversário de amanhã; a atitude polonesa lhe fornecera o motivo para isso: tornara-se factível uma aliança com a União Soviética.

A política de Hitler nos meses seguintes não passou de uma só e única manobra concebida em grande estilo para executar essa reviravolta e criar uma nova disposição das frentes europeias que correspondesse a sua concepção tática. O almirante Canaris, que por acaso se encontrava com ele quando lhe trouxeram a notícia da garantia inglesa para a Polônia, nos transmitiu a exclamação furiosa de Hitler: "Vou lhes dar um coquetel que eles vão ver o que é bom". [238] Já no dia seguinte, Hitler aproveitou o lançamento do *Tirpitz* em Wilhelmshaven para pronunciar um discurso inflamado contra a "política de cerco da Inglaterra", ameaçou os "estados satélites cuja única tarefa consistia em se opor à Alemanha e insinuou a denúncia dos acordos navais anglo-alemães:

> Há tempos, assinei um entendimento com os ingleses, o Acordo Naval baseado no desejo ardente que tínhamos todos de nunca entrar em guerra com a Inglaterra. Entretanto, esse desejo deve ser recíproco. Se ele não existe mais na Inglaterra, a premissa prática desse acordo está eliminada. A Alemanha aceitaria isso com toda a tranquilidade do mundo. Estamos seguros de nós porque somos fortes, porque somos unidos (…) Quem não tem a força perde direito à vida! [239]

Todos os que estiveram pessoalmente com Hitler nessa época falaram de suas tiradas furiosas contra a Inglaterra; [240] e apresentar a Inglaterra como o mais perigoso inimigo da Alemanha foi o teor de uma instrução passada pelo Ministério da Propaganda no começo de abril. Ao mesmo tempo, Hitler cortou os entendimentos com a Polônia: a proposta perdera o valor, mandou explicar pelo secretário de estado von Weizsäcker, que anunciou na mesma ocasião demandas ainda imprecisas; e, como que para frisar a gravidade da

situação, demonstrou de repente para com as minorias alemãs na Polônia um interesse inesperado — pois sempre as esquecera, inclusive nos anos em que, junto com os judeus, elas haviam sido vítimas do rancor e do chauvinismo polonês.

A consequência mais importante que Hitler deu à nova situação traduziu-se na diretiva dada à Wehrmacht a 3 de abril, que tomou o nome de código de *Fall Weiss* , o *Caso Branco* :

> A atual atitude da Polônia exige (…) que se façam preparativos militares para liquidar, em caso de necessidade e de maneira definitiva, toda ameaça que venha daquele lado.
>
> A linha de ação alemã no confronto com a Polônia parte, como antes, do princípio cardeal de evitar problemas. Se a Polônia mudar algo em sua política para com a Alemanha, política que até agora repousou sobre o mesmo princípio, e assumir uma atitude ameaçadora contra o Reich, pode tornar-se inevitável, a despeito do tratado atualmente em vigor, um acerto definitivo de contas.
>
> O objetivo será então destruir o exército polonês e criar a leste uma situação que atenda às necessidades de defesa do país. O Estado Livre de Danzig será declarado território alemão logo no início do conflito (…)
>
> Os objetivos principais da reconstituição da Wehrmacht continuarão a ser, além disso, determinados pela hostilidade das democracias ocidentais. O *Fall Weiss* é apenas um complemento de precaução que se acrescenta a preparativos mais gerais. [241]

Uma nota que prefaciava o documento chamava a atenção para uma disposição de Hitler, segundo a qual “o preparo da operação deve ser acelerado de maneira que permita passar à sua execução a qualquer momento, a partir de 1º de setembro de 1939”.

Se bem que tudo estivesse aparentemente sem alteração, a Europa pareceu tomada agora de tensão nervosa. Na Alemanha, uma campanha de propaganda transformava as declarações agressivas de Hitler em barulhenta agitação; a Polônia e pela primeira vez a Inglaterra viram realizar-se em seus territórios grandes manifestações antialemãs mais ou menos violentas e, como se ferisse o orgulho italiano permanecer algum tempo sem se meter com as agitações e as confusões da Europa, Mussolini mostrou que estava vivo permitindo-se uma entrada em cena que comprovou, ainda que em formato econômico, a força e a coragem da Itália. Em 7 de abril de 1939, invadiu com suas tropas a pequena Albânia e, seguindo o exemplo dado pela Alemanha, tornou-a um protetorado; via-se obrigado, agora, como mandou explicar a Berlim, rapidamente, antes da invasão, “a ganhar ele também alguma coisa”. O resultado não se fez esperar: as potências ocidentais deram logo à Grécia e à Romênia garantia de assistência. Em consequência, como a Alemanha tinha posto as pequenas potências em guarda contra “as tentativas de sedução da Inglaterra” e desse modo atiçasse o nervosismo geral, eis que os Estados

Unidos, depois de um longo retiro decepcionado, de completo isolamento em relação à política internacional, fizeram ouvir sua voz. A 14 de abril, o Presidente Roosevelt dirigiu a Hitler e a Mussolini uma mensagem com o pedido de que dessem uma garantia de não agressão durante dez anos a trinta e um países citados pelo nome. Mussolini recusou-se a tomar conhecimento da mensagem, mas Hitler sentiu profunda satisfação com esse fato inesperado. Desde sua primeira aparição como orador, Hitler demonstrara o sucesso maior de sua retórica na polêmica, e a ingênua demagogia do apelo de Roosevelt, que enumerou até países que não tinham a menor fronteira com a Alemanha ou a Itália (entre os quais a Irlanda, a Espanha, a Turquia, o Iraque, a Síria, a Palestina, o Egito e a Pérsia), facilitou-lhe singularmente a tarefa. Através de uma declaração difundida pelo *Deutsches Nachriehtenburo* , a agência oficial de notícias, anunciou que daria sua resposta diante do Reichstag.

O discurso de Hitler de 28 de abril é um marco na estrada da crise europeia: aponta claramente no sentido da guerra. De acordo com um esquema já experimentado, transbordava de declarações de paz e de gestos benévolos, jogou para os outros a culpa pela situação e se calou sobre todas as verdadeiras intenções. Mais uma vez, Hitler tentou apresentar-se como defensor de um programa de revisão limitada e comedida a leste, mas, muito curiosamente, faltavam os violentos ataques de sempre à União Soviética. Ao mesmo tempo, esforçou-se em demonstrar seu espírito sarcástico, sua lógica sugestiva e seu poder de persuasão, de maneira que muitos observadores viram nesse discurso “o mais brilhante que ele jamais pronunciara”. [242] Juntou seus ataques à Inglaterra com expressões de admiração e de amizade para com o império insular, assegurou à Polônia — a despeito de todas as decepções — sua permanente disposição para negociar e se deixou levar a rasgos violentos contra “os fazedores internacionais de guerra”, os “provocadores”, e os “inimigos da paz” que se preparavam para lançar os “mercenários das democracias europeias contra a Alemanha”, assim também contra os “ilusionistas de Versalhes que com sua maldade ou despreocupação haviam plantado pela Europa cem tonéis de pólvora”. Depois chegou ao ponto culminante de seu discurso: em meio a um entusiasmo delirante e gargalhadas estridentes dos deputados, informou à assembleia seu desacordo com o presidente americano.

Hitler dividiu a mensagem de Roosevelt em vinte e um pontos, que respondeu um por um. O presidente americano, explicou, chamara sua atenção para o medo generalizado de uma guerra; no entanto, a Alemanha não tomara parte em nenhuma das quatorze guerras que haviam acontecido desde

1919, ao contrário de certos estados do "hemisfério ocidental", de quem o senhor presidente se fazia porta-voz; a Alemanha tampouco tivera participação nas vinte e seis intervenções sangrentas ocorridas no mesmo lapso de tempo, enquanto os Estados Unidos, por exemplo, foram parte em seis daqueles casos. Além disso, o presidente pedia que todos os problemas fossem resolvidos em torno de uma mesa de conferência; no entanto, foram os próprios Estados Unidos, muito claramente, que mostraram a pouca confiança que tinham na eficácia das conferências ao voltarem as costas à Liga das Nações, "a maior mesa de conferência de todos os tempos", da qual, diga-se de passagem, durante muito tempo a Alemanha fora arbitrariamente excluída. Apesar dessas "experiências muito amargas", apenas sob o governo dele, Hitler, o Reich seguira o exemplo dos EUA. O senhor presidente se fazia também advogado do desarmamento: mas havia muito tempo já que a Alemanha aprendera à sua custa e para sempre a significação dessa falta de senso, desde que aparecera sem armas à mesa de conferências de Versalhes e fora "tratada de maneira mais desonrosa do que antigamente os chefes Sioux". Roosevelt se preocupava tanto com as intenções da Alemanha na Europa que Hitler se via obrigado a fazer uma contrapergunta, para saber quais poderiam ser, por exemplo, os objetivos da política externa americana nos países da América Latina. É provável que o presidente considerasse essa pergunta como falta de tato e citasse a Doutrina de Monroe; e se bem que o governo alemão houvesse estado muito próximo de fazer o mesmo, ele, entretanto, se dirigira a cada um dos países enumerados por Roosevelt e lhes perguntara se se sentiam ameaçados pela Alemanha. A resposta fora "em todos os casos negativa — em alguns casos, vigorosamente negativa". Para dizer a verdade, continuou Hitler, sarcástico, "a alguns dos estados e nações mencionados não pude perguntar porque — a Síria, por exemplo — eles não têm no presente a posse de sua liberdade, estão ocupados pelas forças militares de estados democráticos, e portanto privados de seus direitos". O governo alemão estava, entretanto, pronto a dar a cada um desses estados garantia de não agressão, caso eles mesmos o desejassem. Depois continuou:

> "Senhor Presidente Roosevelt! Compreendo perfeitamente que a extensão de seus domínios e as imensas riquezas do país lhe permitam sentir-se responsável pelo destino do mundo inteiro e pela sorte de todos os povos. Minha esfera, Senhor Presidente, é de âmbito consideravelmente mais modesto e restrito e não posso me sentir responsável pelo destino do mundo, pois esse mundo preferiu fechar os olhos para a triste situação de meu povo. Considero-me chamado pela Providência para servir só ao meu próprio povo e para tirá-lo de sua terrível miséria (…)
>
> Dominei o caos que reinava na Alemanha, restabeleci a ordem, aumentei imensamente e em todos os campos a produção de nossa economia (…) Consegui encontrar trabalho útil uma vez mais para todos os sete milhões de desempregados cuja triste situação nos fazia sofrer tanto a todos. Não só uni politicamente o povo alemão, mas também o rearmei e além disso livrei-o daquele tratado, página por página, que em seus quatrocentos e quarenta e oito artigos contém a

> opressão mais vil jamais infligida a homens e nações. Trouxe de volta para o Reich as províncias que nos foram roubadas em 1919, guiei de volta ao seio da mãe pátria milhões de alemães que foram arrancados de nós e estavam em abjeta miséria, restaurei territórios que têm sido alemães por mil anos de história e consegui, Mr. Roosevelt, fazer tudo isso sem derramar sangue e sem trazer para meu povo, e portanto para outros povos, a desgraça da guerra.
>
> Isso eu fiz, Mr. Roosevelt, por minhas próprias forças, embora há 21 anos eu fosse um desconhecido trabalhador e soldado do meu povo (…) Em comparação, o senhor, Mr. Roosevelt, tem uma tarefa imensamente mais fácil. O senhor tornou-se Presidente dos Estados Unidos em 1933, quando eu me tornei chanceler do Reich. Assim, desde o início, tornou-se o chefe de um dos maiores e mais ricos estados do mundo. (…) Portanto, o senhor tem tempo e vagares — na mesma imensa escala em que tem tudo — para devotar atenção a problemas universais. O meu mundo, Senhor Presidente, (…) é muito menor. Compreende só o meu povo. Mas acredito que assim sirvo melhor o que está no coração de todos nós — justiça, bem-estar, progresso e paz para toda a confraternidade humana!” [243]

Na verdade, o discurso de Hitler não continha só efeitos de retórica; exprimia também uma decisão política que merecia a maior atenção. Dois dias antes, os ingleses haviam instaurado o serviço militar obrigatório e, em resposta, Hitler denunciou o acordo naval anglo-alemão e seu tratado com a Polônia. A despeito de toda a aparência dramática, essa declaração não teve consequências imediatas; não passou de um gesto. Mas, ao fazê-lo, Hitler liquidava as promessas incluídas nas acomodações desse tipo, ou seja, a possibilidade de resolver amigavelmente todas as questões litigiosas. Era antes comparável à garantia das potências ocidentais à Polônia ou à intervenção de Roosevelt: era uma declaração de guerra moral. Os adversários tomavam suas posições.

Hitler pronunciara seu discurso em 28 de abril; a 30 de abril, o embaixador britânico em Paris perguntou ao ministro do Exterior da França, Bonnet, o que “Vossa Excelência pensa do silêncio um pouco suspeito de Hitler a respeito da Rússia”. Na verdade, foi nesse instante que a URSS, que até então só se manifestara como uma imensa sombra planando na periferia, veio pouco a pouco ao proscênio; a reserva de Hitler, assim como a súbita atividade das potências ocidentais em relação a Moscou eram sintomáticas da mudança da situação. Começava uma secreta corrida para as alianças, cercada de todos os lados pela desconfiança, o medo e o ciúme: seu resultado devia decidir entre a guerra e a paz.

Foi a França que abriu a campanha a 15 de abril: ofereceu à União Soviética atualizar o tratado de assistência mútua de 1935 às novas condições da situação internacional. Pois o sistema de segurança coletiva que os *appeasers* tinham deixado Hitler desrespeitar no tempo das belas ilusões, e que agora procuravam restabelecer a toda pressa, só podia ter o desejado efeito dissuasor com a participação de Moscou, o que permitiria convencer

Hitler de que qualquer demonstração de força estava destinada ao fracasso. Realmente, desde o início, as conversações, a que a Inglaterra logo se juntou, sofriam da desconfiança dos participantes. Não sem razão, Stalin duvidava da firmeza de resistência das potências ocidentais, enquanto estas, por seu lado, e particularmente Chamberlain, nunca superaram completamente a suspeita profundamente enraizada que o mundo burguês tinha diante do país da revolução mundial. O interesse de Moscou era muito pequeno, porque uma diplomacia inábil comprometera o Ocidente na defesa do conjunto dos países que rodeavam a União Soviética, do Báltico ao mar Negro.

Por outro lado, a posição das potências ocidentais nessas negociações se tornara muito difícil pela constante interferência dos países do leste europeu, apaixonadamente contra qualquer aliança com a União Soviética; garantia da URSS soava para os países orientais mais como condenação à morte. Na verdade, os diplomatas ocidentais logo foram obrigados a reconhecer que só se podia trazer Moscou através de grandes concessões territoriais, estratégicas e políticas, não muito diferentes das que eles, com a ajuda da URSS, queriam negar a Hitler. Se a tentativa das potências ocidentais se inspirava na ideia de proteger as nações pequenas e fracas contra o apetite de expansão das grandes, elas estavam diante de um dilema insolúvel. “Com base nesses princípios”, resumiu muito bem o ministro do Exterior francês, “é impossível estabelecer com o Kremlin um tratado, pois não são esses os princípios do Kremlin. Onde não existe acordo nas premissas, não pode haver entendimento a partir de premissas. No caso presente só pode ter curso a forma primitiva do comportamento humano, a força bruta e a troca. Os interesses podem ser barganhados: vantagens que se espera obter, desvantagens que se queira evitar, uma presa que se espreita, violências que não se quer sofrer. Tudo isso pode ser posto na balança por um e por outro, movimento contra movimento, dinheiro contra dinheiro (…) A diplomacia ocidental, ao contrário, só oferece o espetáculo de uma impotência cheia de boas intenções e de sonhos”. [244]

É sob essa luz que se deve considerar o andamento das conversações durante os meses seguintes e, principalmente, a questão, sempre discutida e sem resposta, de saber se do lado soviético procuravam seriamente uma aliança ou simplesmente tentavam se manter fora do conflito, visivelmente cada vez mais próximo, ou mesmo incitar o conflito para, no futuro, impor com mais chance a uma Europa esgotada e destruída a ideia intacta da revolução.

Com as longas conversas constantemente interrompidas pelas hesitações do Ocidente, a União Soviética deu início a um temerário jogo duplo com Hitler. Um discurso de Stalin, em 10 de março, fez a primeira insinuação à

Alemanha, depois do quê, a URSS tentou vários aproches ao governo do Reich e manifestou tentadoramente o interesse que teria em um novo arranjo de suas relações; as divergências ideológicas, aventou, “não deviam (…) constituir estorvo”. A URSS substituiu Litvinov, que havia anos ocupava o cargo de ministro do Exterior — homem de mentalidade ocidental, de origem judia, que aparecia invariavelmente nas polêmicas nazis chamado de “o judeu Finkelstein” — por Molotov e mandou perguntar a Berlim se essa mudança teria influência positiva na reação alemã. [245] Na verdade, nada autoriza a supor que o objetivo imutavelmente perseguido por Hitler, ou seja, uma grande guerra em direção a leste, com a conquista de um império mundial à custa da Rússia, fosse desconhecido dos chefes do estado soviético; mas temos o direito de pensar, se os indícios não enganam, que eles estavam preparados para aceitar na barganha um colossal crescimento do poderio do império de Hitler e, mesmo, provisoriamente, um primeiro avanço muito extenso dos alemães para leste. Sob seus lances transparecia principalmente o medo de que as potências capitalistas e fascistas, a despeito de seu momentâneo desacordo, quisessem desviar o dinamismo alemão para leste, contra o inimigo comum, o comunismo. Mas a União Soviética também se considerava, desde o fim da Grande Guerra, quando perdera suas províncias ocidentais e os estados bálticos, uma “potência revisionista”, [246] e, evidentemente, Stalin esperava que Hitler compreendesse melhor os desejos de reconquista da URSS e lhes reservasse acolhida mais generosa que os hesitantes homens de estado do Ocidente, com seus escrúpulos, seus princípios e suas mesquinharias. Os dois móbeis fundamentais de Hitler, o medo e a vontade de expansão, eram também os de Stalin.

Taticamente, as iniciativas soviéticas não podiam vir mais a propósito para Hitler. Certamente, o antibolchevismo era um dos grandes temas de sua carreira política, e se o medo estava, realmente, entre seus impulsos elementares, a revolução comunista não deixara de lhe fornecer sugestivas visões de pesadelo, com seus “abatedouros humanos” do fundo da Rússia, tão frequentemente evocados, suas “aldeias em chamas” e suas “cidades devastadas”, igrejas arrasadas, mulheres violentadas e “os carrascos da GPU”. Com ênfase particular, Hitler falara de um “abismo para sempre intransponível” entre o nacional-socialismo e o comunismo. [247] Ao contrário de Ribbentrop, que não tinha compromissos passados e que, muito rápido, depois do discurso de Stalin de 10 de março, preconizara uma aproximação com a URSS, Hitler permanecia irresoluto, ideologicamente constrangido, e não deixou de hesitar durante as conversações, que duraram meses. Várias vezes interrompeu o contato. Foi preciso que houvesse a profunda decepção causada pela atitude da Inglaterra, assim como o imenso ganho tático de

evitar o pesadelo de duas frentes no momento da agressão à Polônia, para acabar com todas as hesitações; e exatamente como Stalin havia começado aquele jogo desesperado com a “peste fascista” com a ideia de derrotá-la no fim das contas, assim também Hitler se tranquilizou pensando que repararia aquela “traição” mantendo, sem nada alterar, a ideia de um acerto de contas com a URSS. Era necessário, primeiro, ter uma fronteira comum: em suma, um “pacto com Satã para expulsar o diabo”, explicou ele mais tarde a seu círculo íntimo; já em 11 de agosto, a poucos dias da sensacional viagem de Ribbentrop a Moscou, disse a um estrangeiro com uma franqueza desconcertante: “Tudo o que empreendo é dirigido contra a Rússia; se o Ocidente é burro e cego demais para entender isso, serei obrigado a me entender com os russos, combater o Ocidente e, depois de sua derrota, reunir minhas forças e me voltar contra a União Soviética”. [248] Apesar de todo esse cinismo e dessa falta de escrúpulo tático, Hitler era ideólogo demais para seguir sem contestar razões outras senão o próprio fundamento de suas intenções, e nunca pôde esquecer completamente que o Pacto com Moscou era apenas a segunda solução possível.

Como se as circunstâncias se virassem sempre no fim das contas a seu favor, caiu-lhe do céu outra vez uma nova melhora de sua posição. Inquieto com os rumores de um conflito em perspectiva, Ciano convidou Ribbentrop a ir a Milão no início de maio e tentou convencê-lo, devido à falta de preparação da Itália, a adiar a guerra por pelo menos três anos. Na verdade, o ministro do Exterior alemão lhe afirmou que a grande movimentação só devia começar “depois de um longo período de paz, de quatro ou cinco anos”. No curso de uma genérica troca de ideias, surgindo outros pontos de convergência, Mussolini, seguindo sua inspiração, resolveu entrar na discussão. Movido por estranho pressentimento, ele se recusara durante anos a concretizar suas relações com a Alemanha num pacto de aliança imperativo; agora, de repente, encarregou Ciano de anunciar que a Alemanha e a Itália estavam de acordo sobre uma aliança militar. E enquanto Hitler podia esperar que o pacto valesse para enfraquecer a decisão das potências ocidentais de ficarem ao lado da Polônia, para Mussolini essa aliança só podia ter consequências catastróficas. Observaram-lhe, muito justamente, que ele devia à cobertura da Alemanha tudo o que o mundo lhe consentira como conquistas e que seu interesse agora deveria tê-lo levado a garanti-las definitivamente por um acordo com as potências ocidentais. [249] Em vez disso, ele ligava incondicionalmente o destino de seu país a uma potência mais forte, resolvida à guerra, e se rebaixava dessa forma ao nível de vassalo: agora, era obrigado, como dissera a Hitler em Berlim, na exuberância de seu entusiasmo, “a marchar com ele até o fim”. O “Pacto de Aço” estipulava para cada um dos

signatários a obrigação, entre outras, de se ajudarem militarmente um ao outro desde a declaração das hostilidades; não estabelecia diferença entre agredido e agressor, entre intenções ofensivas e os gestos defensivos; era uma promessa incondicional de ajuda militar. Ao tomar conhecimento mais tarde do projeto alemão, aceito quase sem modificações, Ciano exclamou: “Nunca vi tratado igual: é dinamite da boa!” O pacto foi assinado com grande cerimonial dia 22 de maio de 1939 na chancelaria do Reich em Berlim. “Achei Hitler bem, muito alegre, menos agressivo”, anotou o ministro italiano do Exterior, “embora um pouco envelhecido. Está com os olhos mais marcados. Dorme pouco. Cada vez menos”. [250] Parece que Mussolini recebeu com alguma inquietação o relato de sua delegação a Berlim, pois, oito dias mais tarde, dirigiu a Hitler um memorando pessoal onde sublinhava mais uma vez o pedido da Itália de um período de paz de vários anos e recomendava entrementes “abalar a unidade interna do inimigo favorecendo os movimentos antissemitas, sustentando os pacifistas (…) provocando as ambições de autonomia (Alsácia, Bretanha, Córsega, Irlanda), ativando a dissolução dos costumes e levando à insurreição as populações coloniais”. [251]

Mussolini não sabia a que ponto tinham fundamento suas inquietações. No dia seguinte ao da assinatura do Pacto de Aço, Hitler reunira em sua sala na chancelaria os comandantes do exército, da marinha e da força aérea e, como nos revelam as notas de seu ajudante-chefe, o tenente-coronel Schmundt, lhes expusera suas ideias e intenções. Com extraordinária clareza, predisse o desenrolar da primeira fase da guerra, a irresistível invasão da Bélgica e da Holanda, e depois, ao contrário da estratégia da Grande Guerra, o assalto não a Paris, mas em direção aos portos do Canal, a fim de começar imediatamente o bombardeio e o bloqueio da Inglaterra, a qual, naquele discurso, aparecia como o “inimigo principal”. Disse Hitler:

> A massa dos oitenta milhões de alemães resolveu os problemas de ideias. Os problemas econômicos devem ser resolvidos agora (…) É preciso coragem para resolver o problema. Não se deve fugir a essa necessidade adaptando-se às circunstâncias. Trata-se, antes, de adaptar as circunstâncias às exigências. Isto não é possível sem penetrar em estados estrangeiros ou sem se apropriar de bens estrangeiros (…)
>
> Danzig não é o verdadeiro objeto do litígio. O que está em jogo é o aumento de nosso espaço vital a leste e, a partir daí, a garantia de nosso abastecimento de víveres (…) Não existem outras possibilidades na Europa (…) Consequentemente, não é mais o caso de se poupar a Polônia, e só nos resta tomar a resolução de invadi-la na primeira ocasião que se apresentar.
>
> Não adianta contar com a repetição do que aconteceu na Tchecoslováquia. Chegaremos ao encontro armado. Nossa primeira tarefa será isolar a Polônia, e consegui-lo é decisivo (…) Não podemos deixar que isso faça estourar ao mesmo tempo um conflito com o Ocidente (…)
>
> Princípio fundamental: a liquidação da Polônia — começando com um ataque a ela — só pode ser considerada um sucesso se o Ocidente ficar fora do jogo. Se isso for impossível, será então melhor atacar o Ocidente e aproveitar para liquidar a Polônia (…)

> A guerra com a França e a Inglaterra será uma guerra de vida ou morte (…) Não entraremos em guerra contra nossa vontade, mas se ela for inevitável. [252]

A partir daí, multiplicaram-se os sinais da iminência de um conflito. Em 14 de junho, o comandante do III Grupo de Exércitos, general Blaskowitz, deu ordem a suas unidades para os preparativos de um ataque à Polônia, em princípio previsto para 20 de agosto. Uma semana depois, o OKW apresentava o plano de operações e, dois dias mais tarde, Hitler deu ordens para a elaboração de planos minuciosos para a tomada sem dano das pontes do baixo Vístula; a 27 de julho, finalmente, foi redigida a ordem de conquistar Danzig; só a data permanecia em aberto.

Ao mesmo tempo, a imprensa alemã, depois de um longo silêncio, retomou sua campanha antipolonesa. Uma diretriz do Ministério da Propaganda sugeria que fosse dada evidência aos “atos de terrorismo” e, alguns dias mais tarde, Goebbels ordenava: “Dar prioridade às atrocidades polonesas, que devem ser constantemente postas em evidência. Pouco importa que o povo e a opinião pública estrangeira façam ou não fé nessas atrocidades. É de capital importância que esta última fase da guerra de nervos não esteja perdida para a Alemanha”. [253] Ao mesmo tempo ampliou-se a exigência do Reich pelo Corredor inteiro, por Posen e por algumas partes da Alta Silésia. Um incidente ocorrido em Danzig, no qual foi morto um SA, deu nova substância à agitação. O governo polonês reagiu mais duramente, com menos comedimento, e tomou em relação ao Reich o tom glacial de uma grande potência indignada. Vários sinais indicam que os poloneses começavam pouco a pouco a se familiarizar com a ideia de que a guerra era inevitável. Num certo desejo de demonstração, o governo polonês aumentou as tarifas aduaneiras de Danzig e, desse modo, deu início a uma crise que chegou a uma troca de notas azedas entre Varsóvia e Berlim. Sucederam-se as provocações, os avisos e os ultimatos, os “Livros” de todas as cores da época estão cheios disso. Em Danzig mesmo, viu-se chegarem agitadores fanáticos, “aves de mau agouro e petréis da tempestade” que, com suas ações ou relatórios exagerados, agravaram ainda mais o estado de ânimo: “Em toda parte querem a catástrofe”, suspirava, conformado, o embaixador italiano Attolico. Quando, a 8 de agosto, o embaixador da Alemanha em Paris despediu-se do ministro do Exterior francês antes de sair em férias, estavam ambos com um humor sombrio. “Ao ouvi-lo”, escreveu mais tarde Bonnet, “tive a sensação de que tudo já estava decidido. E quando ele me disse adeus, compreendi que não o veria mais”. [254]

Três dias mais tarde, Carl Jacob Burckhardt, comissário da Liga das Nações em Danzig, chegou a Obersalzberg para uma conversa com Hitler,

que lhe pareceu “muito envelhecido e mais grisalho”, relatou mais tarde, [255] “dava a impressão de ter medo e parecia nervoso”. Hitler mostrou-se irritado com a firme determinação da Polônia, quando na realidade ela servia a seus desígnios; queixou-se, divagou e, ameaçador, avisou que, ao mínimo incidente, “esmagarei os poloneses sem qualquer aviso, de maneira que não reste mais traço deles. Atacarei como um relâmpago, com todo o poderio de um exército mecanizado”. Como seu visitante objetasse que essa decisão causaria uma guerra generalizada, Hitler retorquiu, muito nervoso: “Pois que seja! Se tenho que fazer uma guerra, antes hoje que amanhã!” Do poderio militar da Inglaterra e da França ele apenas ria, e não seriam os russos que lhe dariam arrepios, nem os planos do estado-maior polonês, que “ultrapassavam de longe todas as visões de Alexandre e de Napoleão”. Ainda uma vez tentou relançar, por intermédio de Burckhardt, sua ideia de um equilíbrio secular com o Ocidente.

> Esses eternos rumores de guerra não passam de loucura e fazem os povos perderem a cabeça. De que se trata? Somente do fato de que precisamos de cereais e de madeira. Por causa dos grãos, preciso de espaço a leste; para a madeira, tenho que ter uma colônia, só uma. Temos com que viver. Nossas colheitas foram magníficas em 1938 e tornarão a sê-lo neste ano. Mas um dia a terra estará cansada e fará greve como um corpo dopado. E então? Não posso admitir que meu povo passe fome. Não é melhor deixar dois milhões deles no campo de batalha do que perder um número ainda maior pela fome? Nós sabemos bem o que é morrer de fome (…)
>
> Não persigo um objetivo romanesco. Não tenho mania de grandeza. Sobretudo, não peço nada ao Ocidente, nem hoje nem amanhã. Não quero saber das regiões populosas do mundo. Não procuro nada lá, de uma vez por todas, absolutamente nada. Todas as ideias que as pessoas me atribuem não passam de pura invenção. Mas tenho que ter as mãos livres no leste. [256]

No dia seguinte, Ciano compareceu ao Berghof. Ia com a intenção de experimentar o terreno para ver se havia chances de uma conferência onde se pudessem resolver pacificamente os conflitos que se preparavam. Encontrou Hitler diante de uma mesa onde se espalhavam mapas de estado-maior e mergulhado até o pescoço em problemas militares. O Reich, disse-lhe ele, era praticamente inatacável a oeste. A Polônia seria vencida em poucos dias, e no confronto posterior com as potências ocidentais ela se alinharia ao lado deles, portanto, estaria eliminado antecipadamente um adversário. Hitler, em todo caso, estava decidido a aproveitar a provocação polonesa seguinte para atacar, e deu como data “no mais tardar, o fim de agosto”, uma vez que depois, no leste, com as chuvas de outono, as estradas do leste seriam lamaçais quase impraticáveis para forças motorizadas. Ciano, que, na véspera, concluíra do que lhe dissera Ribbentrop que, agora, a Alemanha não queria Danzig, nem o Corredor, mas sim a guerra com a Polônia, “viu logo que nada mais havia a fazer. Hitler decidira atacar e atacaria”. [257]

Quis o acaso que, no mesmo dia, em Moscou, uma comissão militar

franco-inglesa iniciasse conversações. Chegara na véspera à capital soviética para examinar aspectos militares dos acordos discutidos já desde dois meses. O grupo partira a 5 de agosto. Um avião os teria levado ao destino em um dia. Mas, por uma inadvertência inconcebível, a comissão viajou num navio de carga cuja velocidade, como assinalou não sem amargura um relato soviético posterior, “não passava de 13 nós por hora”, até Leningrado e de lá ganhara a capital.

Quando a delegação desembarcou, era tarde demais: Hitler chegou na frente.

Em meados de julho, Moscou retomara a iniciativa e recomeçara as conversações econômicas germano-soviéticas interrompidas por Hitler três semanas antes. Desta vez, Hitler não hesitou mais, nem que tenha sido, no início, só devido à influência negativa que essas discussões teriam, pensava ele, sobre o ânimo da Inglaterra e da Polônia. Tanto em Moscou quanto em Berlim, mandou retomar o fio das negociações e recomeçou a tecer a sua teia. Na noite de 26 de julho, um funcionário do departamento econômico do Ministério do Exterior, Julius Schnurre, jantou com dois diplomatas soviéticos; no decorrer do jantar, foram discutidas as possibilidades de uma aproximação política. Quando o encarregado de negócios Astakov disse que em Moscou nunca se pudera entender bem por que a Alemanha nacional-socialista era tão hostil à União Soviética, Schnurre respondeu: “De nossa parte, não poderia haver nenhuma ameaça contra a URSS (…) a política alemã está toda dirigida contra a Inglaterra” e, em todo caso, poder-se-ia muito bem pensar em “amplas acomodações de interesses recíprocos”, ainda mais que não existiam antagonismos ao longo de “uma linha que vá do Báltico ao mar Negro e ao Extremo Oriente”. “Na melhor das hipóteses, a Inglaterra só poderia oferecer à URSS participação numa guerra europeia e a inimizade da Alemanha”, enquanto a Alemanha podia garantir-lhe um desenvolvimento que nada viria perturbar. Acrescentava-se a isso, concluiu o diplomata alemão, que “apesar de todas as divergências de suas concepções políticas, havia de comum entre as ideologias da Alemanha e da Itália e a da URSS uma antipatia marcada pelas democracias capitalistas ocidentais”. [258]

Assim já haviam sido esboçadas todas as palavras de ordem que iriam agora presidir, durante três semanas, as trocas de pontos de vista germano-soviéticas, levadas cada vez mais ativamente, no momento, sobretudo pela Alemanha, que, ao contrário dos soviéticos, mais reticentes, o fazia o mais abertamente possível. A 14 de agosto, Ribbentrop enviou ao embaixador

alemão em Moscou, o conde von der Schulenburg, instruções telegráficas que continham uma proposta importante: delimitação das esferas de interesse respectivas entre o Báltico e o mar Negro. Punha ao mesmo tempo ênfase no antagonismo comum contra as “democracias capitalistas ocidentais”, acenava com a isca apenas disfarçada de um butim imediato e substancial e, para acelerar essa “evolução histórica”, ofereceu-se para ir logo a Moscou. De excelente humor com a ideia de uma resposta positiva de Moscou, Hitler profetizou naquela noite, no círculo de seus chefes militares, que “se aproximava o fim do grande teatro”. [259]

Entretanto, Molotov, que vislumbrara imediatamente a vantagem que lhe trazia a impaciência alemã, entregou-se a manobras complicadas sobre prazos e regras, quis saber se a Alemanha estaria eventualmente disposta a concluir um pacto de não-agressão, expôs um plano de aproximação progressiva e acabou propondo um “protocolo especial” que, como dizia de maneira sibilina, devia conter regras a seguir “nessa ou naquela questão de política externa”, mas que na realidade preparava a repartição da Polônia e a liquidação dos estados bálticos. Marcou para 26 ou 27 de agosto a viagem de Ribbentrop a Moscou e não se deixou comover pelas duas intervenções nervosas de parte dos alemães. “As relações germano-polonesas se deterioram dia a dia” — era o que Ribbentrop encarregara seu embaixador de explicar aos soviéticos — e “o Führer considera essencial não ser surpreendido pelo início de um conflito germano-polonês no meio de seus esforços para esclarecer as relações germano-russas. Faz ainda mais questão de que esse esclarecimento seja prévio para poder levar em consideração os interesses russos no decorrer do conflito”. Foi preciso uma providência bem pouco convencional de Hitler, que, desejando muito conservar as datas reservadas por ele para o movimento de todo o seu dispositivo, renunciou a qualquer reserva diplomática e provocou enfim a reviravolta desejada. Em um telegrama dirigido a “*Herrn I.V. Stalin, Moscou* ”, expedido na noite de 20 de agosto, pediu ao chefe da União Soviética a gentileza de receber Ribbentrop logo, em 22 ou 23 de agosto: o ministro do Exterior estaria munido dos “plenos poderes necessários para a elaboração e a assinatura do pacto de não-agressão assim como do protocolo”. No cúmulo da impaciência, mal controlando os nervos, Hitler esperou a resposta. Como não conseguia conciliar o sono, chamou Göring em plena noite, expôs-lhe suas preocupações e se exaltou com a fleuma russa. Desde o começo da segunda quinzena de agosto, ativara aceleradamente os preparativos de guerra, convocara duzentos e cinquenta mil homens, reunira o material rodante, pusera em alerta dois encouraçados assim como parte da flotilha de submarinos e, por uma ordem secreta, suspendera o congresso do partido — que devia ter o belo nome de

Congresso da Paz — previsto para a primeira semana de setembro. Guerra ou não, a decisão quanto ao sucesso ou fracasso de seus planos dependeu, durante aquelas vinte e quatro horas, de Stalin. Enfim, a resposta tão impacientemente esperada lhe chegou a 21 de agosto, às 21 horas e 35 minutos: o governo soviético estava de acordo com a chegada a Moscou do Senhor von Ribbentrop a 23 de agosto.

A sorte estava lançada. Como que livre de uma tensão, Hitler convocou para as 12h do dia seguinte no Obersalzberg os altos-comandos militares para uma reunião a fim, disse, de informá-los de sua "irrevogável decisão de agir". [260]

Mais uma vez, e contra qualquer probabilidade de sucesso, houve uma corrida desesperada contra a fatalidade. Se bem que as potências ocidentais tivessem sido mantidas na ignorância pelos russos, a atividade inusitada entre Moscou e Berlim não lhes escapara, tanto mais que o gabinete britânico fora informado desde cedo por Weizsäcker dos contatos germano-soviéticos e do vasto alcance de seu escopo. [261] Tudo dependia doravante da conclusão imediata dos encontros entre delegações militares iniciados em Moscou com tanto atraso.

As conversações, conduzidas do lado soviético pelo marechal Voroshilov, deram logo num escolho aparentemente intransponível: a dura resistência da Polônia a conceder ao Exército Vermelho direito de passagem por seu território. Enquanto os negociadores soviéticos teimavam em querer saber como, diante da oposição de Varsóvia, poderiam chegar até o adversário e os delegados ocidentais tentavam impedi-los de fazê-lo, a Polônia desconheceu sem mais aquela as potências que a garantiam e declarou que não pretendia deixar a União Soviética penetrar em um território que ela lhe arrancara em 1921.

Quanto mais os rumores de um entendimento germano-soviético se tornavam inquietantes, mais os ocidentais pressionavam Varsóvia a dar essa concessão; Bonnet e Halifax quase imploraram ao ministro do Exterior polonês, afirmando-lhe que todo o sistema das alianças desmoronaria se a Polônia persistisse na recusa. Mas Beck permaneceu desdenhosamente em suas posições: a Polônia não podia sequer admitir, afirmou a 19 de agosto, que se discutisse de alguma maneira sobre "a utilização de uma parte de nossos territórios por tropas estrangeiras. É para nós questão de princípio. Não temos e não queremos qualquer acordo militar com a União Soviética". Um esforço tentado no dia seguinte também fracassou: confrontada com seu

próprio declínio, com uma obstinação a que não faltava uma espécie de grandeza, a Polônia se manteve em seus princípios. Quando o embaixador francês apelou apaixonadamente, o marechal Rydz-Smigly respondeu friamente: “Com os alemães, corremos o risco de perder nossa liberdade, mas com os russos perdemos a alma”. [262] Mesmo quando lhe chegou, na noite de 22 de agosto, a notícia dramática da viagem iminente de Ribbentrop a Moscou, a Polônia ficou impassível: a ordem universal estava profundamente alterada, o país praticamente perdido, mas seus políticos nem por isso deixavam de pensar que aquela visita mostrava quão desesperadora era a situação de Hitler.

Perturbada pela evolução dos acontecimentos, a França decidiu enfim não esperar mais o consentimento de Varsóvia e agir por sua própria conta. Em 22 de agosto, à noite, o general Doumenc informou ao marechal Voroshilov que recebera de seu governo plenos poderes para concluir uma convenção militar que assegurasse ao Exército Vermelho o direito de passagem através da Polônia e da Romênia. Diante da insistência de seu parceiro, que lhe perguntava se ele podia apresentar-lhe o consentimento escrito da Polônia e da Romênia, só restaram a Doumenc respostas evasivas e principalmente a repetição de que lá estava para concluir um acordo; depois, com uma nervosa alusão à próxima visita de Ribbentrop, disse: “O tempo passa (…) ” O marechal respondeu ironicamente: “Sem dúvida, o tempo passa, realmente”. [263] E separaram-se sem resultado.

No dia seguinte, o consentimento polonês continuava a não vir, se bem que o ministro do Exterior francês tivesse feito nova tentativa desesperada para conseguir que Beck mudasse de opinião. Ribbentrop chegou à capital soviética por volta de meio-dia e se dirigiu quase imediatamente ao Kremlin: como se os participantes quisessem mostrar ao mundo o espetáculo de uma diplomacia totalitária sem complicação, entraram em acordo desde a primeira entrevista, que durou três horas, tanto sobre o pacto de não-agressão quanto sobre a delimitação das esferas de influência; a uma pergunta de Ribbentrop sobre uma exigência soviética imprevista, Hitler telegrafou um lapidar: *Ja, einverstanden* , “Sim, está bem”. E só nesse momento é que a Polônia decidiu enfim, com um comunicado tortuoso, ceder à pressão francesa: o general Doumenc podia — concedia Beck — declarar “ter certeza de que, no caso de uma ação comum contra uma agressão alemã, não estava excluída uma colaboração entre a Polônia e a URSS, com certas condições de caráter técnico a serem resolvidas posteriormente”. Aliviadas, as potências ocidentais anunciaram que a Polônia cedera. Mas enquanto Hitler acabava, com seu breve “Sim, está bem”, de oferecer à URSS a metade da Europa oriental,

inclusive a Finlândia e a Bessarábia, “as potências ocidentais atestavam que a Polônia prometia confiar aos russos os territórios desejados, em certas condições e de maneira limitada, por um tempo também limitado e como simples base de operações sob controle da Polônia”. [264] A corrida com os Fados estava perdida.

Durante a noite de 23 de agosto, Ribbentrop e Molotov assinaram o Pacto de Não-agressão, assim como o Protocolo Secreto que lhe estava anexado e que só foi conhecido depois da guerra, quando, no processo de Nuremberg, a defesa dos réus valeu-se dele. [265] Nesse Protocolo, os contratantes comprometiam-se, “em caso de um remanejamento territorial político”, dividir a Europa por uma linha de interesses que partia do limite setentrional da Lituânia e descia pelos rios Narew, Vístula e San. Ficou expressamente aberta a questão de saber se “os interesses respectivos dos contratantes considerariam desejável a existência de um estado [polonês] independente e como seria conveniente delimitá-lo”. A secura das fórmulas disfarçava mal o caráter fundamentalmente imperialista do acordo e tornava irrefutável sua relação com a guerra projetada.

A essa conexão é que se devem, no fim das contas, os fracassos das verbosas justificações apresentadas pela parte soviética. Claro, Stalin podia invocar inúmeros motivos, que não eram sem fundamento, a favor do pacto de não-agressão: dava-lhe o famoso “tempo para respirar”, fazia avançar para oeste um eventual sistema defensivo de uma distância bem considerável, e lhe dava a segurança de que as potências ocidentais, em outros pontos tão indecisas, estariam irrevogavelmente engajadas num conflito com a Alemanha quando Hitler voltasse a seu objetivo real e atacasse a URSS. Seus defensores dizem também que, no fundo, a 23 de agosto de 1939 ele não agiu diferentemente de Chamberlain em Munique, um ano antes: se Stalin, a 23 de agosto de 1939, havia mais ou menos entregue a Polônia para ganhar tempo, Chamberlain havia sacrificado a Tchecoslováquia. Mas nenhum desses argumentos pode fazer esquecer o Protocolo Secreto que transformou o Pacto de Não-agressão, de certa maneira, num pacto de agressão, ao passo que Chamberlain, apesar das repetidas propostas de Hitler, nunca dividiu com ele “esferas de interesse”, antes destruiu seu grande sonho: a liberdade de atacar a União Soviética, cujos chefes mostravam agora menos escrúpulos do que ele. Quaisquer que pudessem ser, nos argumentos soviéticos, os elementos justificativos fornecidos pela tática e pela *Realpolitik* contra um julgamento mais severo, os acordos anexos eram “indignos de um movimento ideológico que pretendia ter uma visão profunda do processo histórico” [266] e que nunca apresentara a revolução universal como um ato de puro expansionismo, mas

como uma necessidade moral da Humanidade.

Caracteristicamente, a noite em Moscou tornou-se quase amigável; Ribbentrop contou mais tarde que Stalin e Molotov tinham sido “muito gentis”, ele se sentira como que “em companhia de velhos camaradas do partido”. [267] Tivera, é claro, um certo embaraço quando, no decorrer da conversa, tratou-se daquele pacto Anticomintern de que ele era o instigador; mas a afabilidade de Stalin permitiu-lhe encerrar o assunto com uma risada. De acordo com o relato de um dos participantes alemães, ele explicou que “em substância, aquele pacto não era dirigido contra a URSS, mas contra as democracias ocidentais (…) Herr Stalin interveio”, continua o relato, “para dizer que o pacto Anticomintern na verdade assustara principalmente a City de Londres e o pequeno comércio inglês. O ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich concordou e comentou em tom chistoso que Herr Stalin certamente se assustara menos com o pacto Anticomintern que a City de Londres e o pequeno comércio inglês”. O relato diz ainda:

> Durante a conversação, Herr Stalin ergueu espontaneamente um brinde à saúde do Führer com estas palavras: “Sei o quanto o povo alemão ama seu Führer e por isso gostaria de beber à sua saúde”.
>
> Herr Molotov bebeu à saúde do senhor ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich e do senhor embaixador Conde von der Schulenburg. Depois, Herr Molotov ergueu a taça em honra de Herr Stalin, e fez notar que Herr Stalin foi quem, com seu discurso de março daquele ano, aliás muito bem compreendido na Alemanha, introduzira uma mudança nas relações recíprocas. Novamente, Herren Molotov e Stalin beberam ao Pacto de Não-agressão, à nova era das relações germano-russas e ao povo alemão. (…)
>
> No momento da despedida, Herr Stalin declarou palavra por palavra ao senhor ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich que a União Soviética levava muito a sério o novo pacto, que lhe podia dar sua palavra de honra de que a União Soviética não trairia o parceiro. [268]

Pareceu então que entre os protestos de amizade e o tilintar dos copos se houvesse rasgado o véu enganador de um antagonismo velho de vários anos e que só agora, na fatal intimidade daquela noite, a proximidade dos dois regimes se revelava a seus olhos e aos do mundo. Com efeito, aquele 23 de agosto de 1939 sempre serviu para dar testemunho de uma concordância de natureza que, na verdade, era muito mais uma concordância de meios e, como ficou claro, uma concordância de homens. O brinde de Stalin não foi a frase oca que parecia ser e temos que reconhecer que, com uma fidelidade um tanto pedante, ele cumpriu a palavra. Apenas dois anos depois, a despeito de todos os sinais que o pressagiavam e de todos os avisos dos especialistas, até o último momento ele não quis acreditar, em junho de 1941, no ataque de Hitler contra a União Soviética: são uma prova disso os vagões de entrega de suprimentos que rodavam ainda em direção ao ocidente, cumprindo os compromissos do acordo comercial em vigor, quando surgiram as primeiras

tropas alemãs avançando para leste. A espantosa credulidade do desconfiado e astuto chefe dos sovietes, no entanto, deveu-se em boa parte à admiração que ele tinha pelo homem que, saído como ele de um meio modesto, atingira uma dimensão histórica; ele respeitava em Hitler a única igualdade da época: a do valor. E, como se sabe, Hitler sempre pagou na mesma moeda esse sentimento. Nenhum “ódio mortal” jamais pôde abalar aquela “sensibilização recíproca” pela grandeza do outro; e além das ideologias, eles se sentiam à sua maneira ligados pelo nível que lhes conferia a história. O ministro do Exterior romeno, Grigore Gáfencu, citou em seu livro de memórias o que pensava Albert Sorel a respeito da primeira partição da Polônia: “Tudo o que afastava a Rússia das outras potências a aproximava da Prússia. Como a Rússia, a Prússia era recém-chegada na grande cena do mundo. Tinha que preparar seu futuro e Catarina viu que estava decidida a isso e que empregaria para isso todos os meios, tendo aliás grandes possibilidades e grande propensão a fazê-lo”. [269] Essas palavras descrevem admiravelmente tanto a situação quanto a psicologia dos dois sucessores; seu desejo febril de mudança, seus sonhos gigantescos, assim como o estilo da modificação desmensurada da cena mundial que os reunira para fomentar um dos golpes mais dramáticos da história; a ideologia de um como a do outro estava impregnada de um claro preconceito a favor de uma política de poder. “Não sou dessas pessoas que deixam escapar ocasiões históricas”, disse Hitler certa ocasião, aplicando igualmente essa observação ao outro. Protestos e reprovações de seus partidários não preocupavam mais a um do que ao outro. Assim como os partidos comunistas tiveram, por causa do pacto de Moscou, aquela crise que lhes acabou com o que restava de força de persuasão, na manhã de 25 de agosto partidários de Hitler, indignados, jogaram por cima da grade da Casa Parda, em Munique, centenas de braçadeiras com a suástica. [270]

No mesmo dia, as missões militares ocidentais, saudadas por generais soviéticos de grau inferior, deixaram Moscou. Na véspera, mandaram um recado pedindo ao marechal Voroshilov uma derradeira entrevista, mas não haviam recebido resposta. Mais tarde, Voroshilov se desculpou: estava caçando patos.

Do ponto de vista de Hitler, a conclusão do tratado com Moscou criara todas as condições necessárias para uma vitória rápida, espantosa na Polônia; o que se passaria agora não era mais do que o efeito mecânico “de quando um estopim queima até o fim”. Toda a sua preocupação agora era com o tempo que lhe restava, a necessidade de reforçar seu álibi, de evitar qualquer intermediação que atrapalhasse e de afastar ainda mais as potências ocidentais

da Polônia, o que de todo modo já lhe parecia feito. Em torno desses três objetivos girariam todas as iniciativas, todas as propostas tentadas nos oito dias que restavam, aos quais tantas vãs esperanças se agarravam.

Já o discurso de Hitler, em 22 de agosto, no Obersalzberg, fora inteiramente dominado por essas considerações. Radiante de bom humor, certo do sucesso em Moscou — enquanto que, do lado de fora, uma tempestade assolava a montanha — expôs a situação a seus chefes militares e mais uma vez falou da sua inabalável resolução de ir à guerra: tanto sua importância pessoal e sua incomparável autoridade quanto a situação econômica exigiam isso: “Não nos resta outra solução, temos de agir!” As condições políticas e a situação das alianças falavam em favor de uma decisão rápida: “Essas circunstâncias favoráveis não existirão mais daqui a dois ou três anos. Ninguém pode dizer quanto me resta de vida. Consequentemente, é melhor o conflito imediato” — lê-se num dos registros da palestra que nos chegou. [271] Em seguida, deu as razões pelas quais estava convencido de que as potências ocidentais não interviriam a sério:

> O inimigo conserva a esperança de que a Rússia se apresentará como adversário depois da conquista da Polônia. Nossos inimigos não levaram em conta nossa força de vontade. Nossos inimigos são vermezinhos. Pude vê-los em Munique.
>
> Eu estava certo de que Stalin nunca aceitaria a proposta da Inglaterra. A Rússia não tem nenhum interesse na existência da Polônia (…) Foi no decorrer de conversações comerciais que chegamos a entendimentos políticos. Proposta de um pacto de não-agressão. Depois veio da Rússia uma proposta mais geral (…) Agora, a Polônia está na posição que eu queria.
>
> Não temos que temer um bloqueio. O Leste nos fornecerá cereais, gado, carvão, chumbo, zinco. É um objetivo de envergadura que exige grande empenho. Só tenho medo de uma coisa: é que no último momento um suíno qualquer me venha ainda com um plano de mediação.

Na segunda parte de sua palestra, depois de um breve almoço, Hitler mostrou-se mais cético no que se refere à atitude das potências ocidentais: “Pode também haver um imprevisto (…) ” Donde a necessidade de uma “vontade de ferro de não recuar diante de nada (…) Luta de vida ou morte”. Esta última fórmula o mergulhou incontinenti naquele espírito “mitologizante” que lhe provocava a história considerada de uma perspectiva sangrenta, saturada de batalhas, de vitórias e de ruínas. Já na primeira parte de seu discurso, falara na “fundação da Grande Alemanha”, que seria “uma imensa conquista”, mas que permaneceria duvidosa se obtida através de um blefe de parte da direção política; daí dizer que:

> Uma longa paz não nos seria oportuna (…) Atitude viril. Não são as máquinas que lutam umas contra as outras, são os homens. Na Alemanha, homens qualitativamente superiores. Os fatores morais são determinantes.
>
> Eliminação da Polônia em primeiro plano: o objetivo é a destruição das forças vitais, não a chegada a uma linha qualquer no terreno (…)

> Fornecerei motivos à propaganda que justificarão o começo da guerra, pouco importa se plausíveis ou não. Ao vencedor nunca se pergunta, depois, se disse a verdade ou não. No desencadeamento e na conduta da guerra, não é o direito que conta, mas a vitória.
>
> Fechar o coração à piedade. Comportamento brutal. Oitenta milhões de pessoas têm de obter seus direitos. É preciso que sua existência seja assegurada. O direito é o do mais forte. Grande dureza.

Hitler despediu-se dos generais, lembrando-lhes que a ordem para o início das hostilidades logo seria dada, provavelmente na manhã de sábado, 26 de agosto. No dia seguinte, o general Halder anotava: "Y (dia) = 26-8 (sábado) Definitivo. Nenhuma ordem mais". [272]

Mas essa tabela não foi cumprida. Embora toda a estrutura da política ocidental viesse abaixo com a assinatura do Pacto de Moscou, pelo menos a Inglaterra demonstrou uma impassibilidade estoica. A Polônia estava praticamente condenada a desaparecer, mas o gabinete inglês anunciou secamente que os acontecimentos recentes não mudavam nada em coisa nenhuma. Os preparativos militares ostensivamente continuaram e foram acelerados. Numa carta a Hitler, Chamberlain o alertou contra qualquer dúvida sobre a disposição inglesa de lutar: "Não se poderia cometer erro mais grosseiro (…) Já se disse que se o governo de Sua Majestade tivesse, em 1914, tornado sua posição mais clara, aquela grande catástrofe teria sido evitada (…) O governo de Sua Majestade está decidido a que, desta vez, não haja um mal-entendido tão trágico". Uma declaração do primeiro-ministro inglês na Câmara dos Comuns teve o mesmo tom. Ao contrário da França desanimada, que mantinha um ar de resolução com enorme dificuldade e onde se espalhou a pergunta falaz *"Mourir pour Danzig?"* com um gosto antecipado de derrotismo, a Inglaterra agora não recuava mais nem um passo. Exatamente como para Hitler, Danzig não era para Chamberlain a verdadeira questão: era na verdade "uma cidade remota num país estrangeiro", como disse na Câmara dos Comuns, pela qual ninguém morreria.

Entretanto, talvez se chegasse a isso, agora que a Inglaterra compreendia — ao constatar, com o pacto de Moscou, o completo fracasso de sua política — que mais cedo ou mais tarde teria de combater e talvez morrer. A política de *appeasement* , no fim das contas, fora em parte motivada e sustentada pelo medo do mundo burguês diante da revolução comunista. Na ideia dos estadistas ingleses, Hitler tinha o papel de militante encarregado da defesa do mundo burguês e era isso que os levara a suportar suas perpétuas reivindicações, provocações e presunções; mas só isso. Aliando-se aos soviéticos, ele revelou que não era aquele adversário da revolução que se pensava, e consequentemente não podia ser o protetor da ordem burguesa, o "general Wrangel da burguesia mundial" [General russo-branco que combateu

os bolcheviques em 1919]. Se o pacto com Stalin fora um magistral sucesso diplomático, nem por isso deixava de conter um erro pouco visível: anulava as premissas pelas quais Hitler e o Ocidente haviam guiado sua política. Foi um erro irreparável e, com rara unanimidade — inclusive os mais convictos partidários do apaziguamento — a Inglaterra inteira se mostrou decidida a resistir de agora em diante. Embora Hitler tivesse uma merecida reputação por acuidade psicológica, ficou claro, naquele momento crucial, que ele fora apenas o psicólogo dos exaustos, dos resignados, dos desesperados, e que era mais hábil para avaliar o comportamento de suas vítimas do que a reação de seus adversários.

Consequentemente, Hitler reagiu ainda com mais cólera às inúmeras provas que a Inglaterra dava de sua vontade de resistir; Henderson, no dia em que entregou a Hitler a carta de seu primeiro-ministro, no Obersalzberg, teve que engolir uma tirada furiosa que terminou com a declaração de que Hitler "estava agora definitivamente convencido da justeza da opinião de que a Inglaterra e a Alemanha nunca se poderiam entender". O que não o impediu, dois dias mais tarde, 25 de agosto, ao meio-dia, de renovar sua "grande proposta" de divisão do mundo: uma garantia alemã à perenidade do Império Britânico, limitação dos armamentos e reconhecimento formal das fronteiras ocidentais da Alemanha em troca do direito alemão de agir livremente no leste; e, como já fora várias vezes o caso, aliava sua exorbitante pretensão aos suspiros dignos de Nero com os quais tentava provar o desinteresse que tinha pelo iníquo mundo da política: "De natureza, ele era artista e não político; uma vez acertado o caso polonês, terminaria a vida como artista e não como guerreiro: não queria absolutamente transformar a Alemanha em quartel e só o faria se fosse obrigado a isso. Uma vez liquidada a questão polonesa, retirar-se-ia". [273]

Entretanto, essa medida não teve mais sucesso do que a missão à testa da qual o comerciante sueco Birger Dahlerus, um amigo de Göring, fez várias vezes a viagem de Berlim a Londres, nem do que a tentativa de Hitler de disfarçar suas intenções levando a Inglaterra a ceder em seus próprios compromissos. Um último apelo ao presidente do Conselho francês teve o mesmo objetivo. Implorou-se, literalmente, a Henderson que não perdesse um instante e transmitisse imediatamente a proposta. Mas mal o embaixador saíra da sala — 25 de agosto às 15h02 — Hitler chamou o general Keitel e confirmou a ordem de atacar a Polônia no dia seguinte ao amanhecer.

As mesmas considerações táticas atuaram quando, depois de algumas horas, ele foi novamente presa de agitações: pois o que estava em jogo não era sua decisão de fazer guerra, mas o fato de que o instante de seu começo

estava de novo em pauta devido a duas notícias que chegaram à chancelaria no correr da tarde. Uma provinha de Londres e o informava de que a suprema tentativa de Hitler para separar a Inglaterra da Polônia fracassara. Depois de meses de conversações, o governo britânico transformava a garantia provisória de assistência à Polônia em pacto e Hitler estava forçado a ver nesse gesto a rejeição mais categórica de sua grande proposta; ao mesmo tempo, não podia mais haver dúvida quanto à vontade de intervenção da Inglaterra. Uma das pessoas que se encontravam lá no momento em que chegou a notícia viu Hitler "permanecer um longo momento imóvel à sua mesa e imerso em pensamentos sombrios". [274]

A segunda notícia foi capaz de arrancá-lo a suas reflexões e o atingiu ainda mais dolorosamente. Vinha de Roma e anunciava nada menos do que os preparativos iniciados pela Itália para se subtrair sub-repticiamente à aliança recentemente concluída com tão grande pompa. Havia semanas — à medida que se anunciava a iminência do conflito — Mussolini, agitado por diferentes emoções, passava por alternativas de súbito otimismo e de desespero; o *Diário do Conde Ciano* indica com certa ironia esse movimento pendular dos sentimentos do sogro: "Ora ele se mostra decidido a permanecer afastado da guerra de Hitler, ora diz que a honra exige que marche com a Alemanha. Para terminar, manifesta a vontade de receber sua parte das conquistas falando em anexar a Croácia e a Dalmácia". Dois dias mais tarde, "faz planos para se separar da Alemanha, mas quer agir com prudência", ou então considera ainda "possível que as democracias não se metam e que a Alemanha se saia bem de um negócio excelente de que ele não quer ser excluído. Teme também a cólera de Hitler". [275] Foi nessa confusão de motivos contraditórios que, a 25 de agosto, às 10h30, ele assegurara ao embaixador da Alemanha aquela assistência incondicional que denunciava duas horas mais tarde em seu telegrama a Hitler, incondicional mas precedida de uma tal lista de solicitações materiais que "dava para matar um touro", diz Ciano numa imagem bastante infeliz. [276] Apoiando-se no fato de que em seus acordos mútuos a guerra fora prevista para um futuro mais longínquo e que o exército italiano ainda não estava pronto para o combate, ele se esforçava para escapar à alternativa: a ruína ou a traição.

A rigor, Hitler não tinha razão para não estar satisfeito. Os italianos teriam tido toda sorte de motivos para se sentirem enganados, pois foram feridos inúmeras vezes por um comportamento de desprezo e, ainda por cima, a tardia carta com a qual Mussolini fora informado do pacto com Moscou era um modelo de diplomacia condescendente. Nela apenas se atirava um osso como satisfação ao aliado que pedia urgentemente informações, com frases

triviais e vagas alusões a atrocidades contadas pelos jornais; não dizia nada a respeito das consequências ideológicas e políticas que poderiam resultar de uma alteração de todas as posições. Entretanto, Hitler despediu-se do embaixador da Itália, que lhe trouxera a mensagem de Mussolini, com “uma expressão glacial” e pelos muros da chancelaria ecoaram “observações pouco amenas” a respeito do “desleal parceiro do Eixo”; alguns minutos mais tarde, Hitler adiava a ordem de marcha: “Führer bastante abatido”, anota Halder em seu diário. [277]

Mais uma vez, o acontecimento parecia entrar dramaticamente em compasso de espera. Depois de três dias, Hitler, com o rosto desfeito e a voz alquebrada, como nos informam os relatos de seu círculo, apareceu numa reunião com seus chefes militares e correligionários de alto nível e esforçou-se para justificar a atitude de Mussolini. Estava de humor triste e disse que a guerra iminente seria “muito dura, talvez sem esperança”. Mas não se tratava para ele de voltar atrás em sua decisão: ao contrário, e como sempre, essas dificuldades só o faziam mais firme em suas intenções: “Enquanto eu viver, não se falará de capitulação”. [278] E fixou a nova data do ataque à Polônia para 1º de setembro.

Esses incidentes dos últimos dias, esse acúmulo de esforços desesperados a favor da paz, essa troca de mensagens, essas viagens e todo esse desenrolar de atividades entre as capitais tinham quase um caráter irreal. Considerado de um ponto de vista histórico, tudo aparecia por instantes como uma montagem de última hora, rica em falsos diálogos, em desesperos mal disfarçados e às vezes em episódios grotescos. Foram vãos o emocionante apelo pessoal de Daladier e a representação de Coulondre, que dizia a Hitler “tudo o que meu coração podia me inspirar como ser humano e como francês”; vão o gesto de mudar de ideia que a Inglaterra fez — e que Hitler acolheu com tal saraivada de novas reprovações que até o impassível Henderson perdeu a paciência e se pôs a gritar mais forte do que Hitler: “Não admitia de ninguém, nem de Hitler nem de outro, uma linguagem daquelas dirigida a ele (…) Se queria a guerra, Hitler a teria” — e vã igualmente a mensagem suplicante de Mussolini, que queria conquistar Hitler para a ideia de um arranjo da situação com uma conferência e lhe garantia que “o ritmo de suas grandiosas criações não será por isso interrompido”. [279]

Dois dos adversários, entretanto, pareciam saber que a situação era sem saída: Hitler e Beck. Eram os únicos a pensar exclusivamente na guerra, um com insistência, impacientemente preocupado com a data que ele mesmo se

fixara, o outro com fatalismo, cansaço, tendo diante dos olhos um destino imutável. Hitler estava tão decidido à exibição de poderio militar que nem via as chances políticas que o momento oferecia. Certas notas dos diplomatas ingleses mostram as manobras que Londres esperava e as concessões que tinham sido preparadas. Tudo leva a pensar que, pelo simples fato de renunciar à guerra, Hitler poderia ter obtido não só Danzig e o Corredor Polonês, mas ainda a garantia da Inglaterra de uma restituição de colônias, assim como tratativas de uma acomodação geral. [280]

Mas Hitler não pensava mais em termos de alternativa e sua incapacidade de refletir — que se devia acentuar espetacularmente nos anos que se seguiram — além dos objetivos militares imediatos e sua incapacidade de julgar a situação militar segundo suas possibilidades políticas surgiram nesse momento pela primeira vez. Assim, ele aceitou a proposta inglesa de tratar diretamente com a Polônia, mas lhe deu logo ares de ultimato e exigiu a vinda em vinte e quatro horas de um negociador polonês investido de todos os poderes necessários. Essa ação deixava ver a intenção de obrigar a Polônia a capitular ou de deixá-la, como em outra época a Tchecoslováquia, na posição de encrenqueira. Além disso, a lista de questões que a Alemanha preparara para essa negociação repousava inteiramente na ideia de cindir a frente adversária com concessões ilusórias: continha, é claro, a reclamação da volta de Danzig à Alemanha, mas tentava, por outro lado, através de todo um catálogo de plebiscitos, de ofertas de reparações, de garantias, de direitos das minorias e de propostas de desmobilização, atrair uma opinião favorável no mundo inteiro. Halder anotou a respeito de uma conversa com Hitler que se passou a 29 de agosto à tarde: “O Führer espera meter uma cunha entre Inglaterra, França e Polônia (…) Ideia de base: recorrer a reivindicações demográficas e democráticas”. Imediatamente depois vem o verdadeiro esquema cronológico: “30.8 — Poloneses em Berlim 31.8 — Ruptura 1.9 — Emprego da força”. [281]

Mas os poloneses não vieram a Berlim. Beck estava temeroso demais das sombras de Schuschnigg e Hacha. Às infatigáveis instâncias de ingleses e franceses a que se juntaram os italianos, Beck opunha a recusa de seu mutismo desesperado, alegando que não era o caso de negociar. Em 31 de agosto, de manhã, Henderson foi informado de que Hitler daria ordem de ataque ao meio-dia se nenhum negociador se houvesse apresentado. Mais uma vez — e como pouco antes em Moscou — instituiu-se uma corrida contra o relógio para sacudir a apatia polonesa. Henderson tentou dobrar seu colega polonês em Berlim enviando-lhe, um atrás do outro, dois mensageiros. Lipski recebeu os visitantes, como conta um deles, em seu escritório já meio de

mudança; estava "pálido como um lençol", tomou com mão trêmula os documentos que continham as demandas alemãs, olhou-os fixamente com ar ausente e terminou dizendo muito baixinho que não entendia o que significavam; só sabia que era preciso permanecer firme e que "a Polônia, mesmo que fosse abandonada por seus aliados, estava pronta a lutar e a morrer só". [282] A morte era a única ideia da Polônia. Não foram diferentes as instruções telegráficas que Beck deu às 12h40 a seu embaixador em Berlim. Era um documento de perplexidade, notável apenas por sua data e hora, pois no mesmo instante Hitler assinava a "Diretiva nº 1 para a Conduta da Guerra". Um pouco mais tarde, ele declarou ao embaixador da Itália, que lhe pedia notícias, que agora tudo estava feito. [283] A Diretiva começava assim:

> Esgotadas todas as possibilidades políticas de resolver pacificamente a situação intolerável da Alemanha em suas fronteiras orientais, decidi recorrer a uma solução de força.
>
> O ataque à Polônia deve ser desencadeado segundo o plano *Fall Weiss* .
>
> Data do ataque 1-9-1939
>
> Hora do ataque: 4h45min.
>
> No Ocidente, deve-se deixar exclusivamente aos ingleses e franceses a responsabilidade pelo início das hostilidades. Opor a eventuais incidentes de fronteira uma defesa local. Observar meticulosamente a neutralidade que garantimos de Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Suíça (…)

Na mesma noite, às 21 horas, todas as rádios davam a lista das propostas alemãs à Polônia, que nunca fora submetida aos poloneses. Mais ou menos à mesma hora, o SS *Sturmbannführer* Alfred Naujocks irrompeu na rádio alemã de Gleiwitz e, simulando um golpe polonês, leu uma curta mensagem, deu alguns tiros de pistola e se foi, deixando atrás de si os cadáveres de alguns presos. Poucas horas depois, na madrugada de 1º de setembro, o comandante polonês da fortaleza da península de Westerplatte, o major Sucharski, anunciou: "Às 4h45, o cruzador encouraçado *Schleswig-Holstein* abriu fogo com todas as suas peças sobre a Westerplatte. O bombardeio continua". Ao mesmo tempo, as forças armadas agrupadas ao longo da fronteira germano-polonesa saíram de sua imobilidade e passaram à ofensiva. Não houve declaração de guerra. A Segunda Guerra Mundial começava.

É verdade que Hitler ainda esperava poder evitar a generalização do conflito. Um pouco antes das dez horas, falou a uma sessão do Reichstag, na Ópera Kroll. As ruas, segundo o relato dos contemporâneos, estavam quase vazias; os raros passantes olhavam silenciosamente passar o carro em que ia Hitler, vestido com o uniforme *feldgrau* . Seu discurso foi breve, grave e singularmente mortiço. Acentuou seu amor pela paz e sua "infinita paciência", tentou mais uma vez despertar esperanças no Ocidente, evocou a recente amizade com a URSS, exprimiu-se embaraçadamente no que se

referia ao aliado italiano e acabou acumulando queixa sobre queixa contra o governo polonês: "A Polônia", declarou, depois de uma incoerente enumeração dos incidentes de fronteira dos últimos dias, "esta noite, pela primeira vez, abriu fogo de sua tropa regular sobre nosso território. Desde as 5h45, de nossa parte se responde ao fogo. E agora, a cada bomba responderá uma bomba". Ele não queria mais que ser o primeiro soldado do Reich: "Por isso vesti o uniforme que sempre me foi particularmente sagrado e precioso. Só o tirarei depois da vitória ou (…) não verei esse fim." [284]

A esperança persistente que Hitler nutria de ainda poder limitar o conflito provinha da hesitação das potências ocidentais, que não haviam acompanhado a ofensiva alemã com uma declaração de guerra imediata, como estipulavam seus compromissos. O governo francês, principalmente, estava dolorosamente atingido pela obrigação de declarar guerra; queria se subtrair a isso, recorreu a todo tipo de subterfúgio, pediu opinião do Estado-Maior Geral, pediu novos esforços de Mussolini para intermediar, falou da evacuação ainda incompleta de suas grandes cidades, e até o último momento tentou adiar o início da temida guerra por algumas horas. [285] Se a atitude da Inglaterra foi mais resoluta, foi ela entretanto que sublinhou toda a gravidade da decisão. Chamberlain declarou ao parlamento a 1º de setembro: "Há dezoito meses, expressei nesta Casa a ardente esperança de que não me coubesse a responsabilidade de pedir ao país que aceite o terrível arbitramento da guerra". Nesse momento, disse, preparava-se para exigir do governo do Reich o compromisso de renunciar a seus atos ofensivos contra a Polônia e a retirar suas tropas. Como um dos deputados quisesse saber se havia sido fixado um prazo, o primeiro-ministro declarou: "Se a resposta a este derradeiro aviso for desfavorável — e não penso que possa ser de outra forma — o embaixador de Sua Majestade recebeu ordem para pedir os passaportes. Nesse caso, estamos prontos".

Mas o sentido do aviso escapou a Hitler, ou ele viu nisso a indicação de que, apesar do tratado de aliança, a Inglaterra ainda fazia a abertura das hostilidades depender de certas condições. Por esse motivo, começou por não responder à nota britânica de 1º de setembro. E enquanto a Inglaterra e a França tentavam, com penosas negociações, pôr-se de acordo para uma ação comum, as tropas alemãs penetravam irresistivelmente na Polônia. Tudo leva a crer que foram em grande parte esses sinais de fraqueza que encorajaram Hitler a desconhecer Mussolini quando este, certo do que lhe parecia ser uma oportunidade, quis a 2 de setembro convencê-lo a recorrer a uma solução negociada numa conferência: "Danzig já é de novo alemã", fez chegar a Hitler, "e a Alemanha tem trunfos suficientes para assegurar a maior parte de

suas reivindicações. Além disso, a Alemanha já teve sua ‘satisfação moral.’ Se acolhesse a proposta de uma conferência, atingiria todos os seus objetivos e evitaria ao mesmo tempo uma guerra que se anuncia desde hoje generalizada e provavelmente muito longa”. [286]

Na noite de 2 de setembro, a Inglaterra resolveu enfim desistir de agir junto com a França e encarregou Henderson de entregar no domingo de manhã, às 9 horas, ao ministro do Exterior do Reich, um ultimato que expiraria duas horas mais tarde. Ribbentrop se fez representar pelo seu intérprete chefe, o dr. Paul Schmidt; devemos a este uma descrição da cena que se passou imediatamente depois, quando ele transmitiu a nota britânica à chancelaria do Reich. A antecâmara estava cheia de membros do gabinete e de numerosos chefes do partido, a tal ponto que Schmidt abriu passagem no meio deles com dificuldade. Quando entrou na sala, Hitler estava à mesa, enquanto Ribbentrop se encontrava um pouco afastado, perto da janela:

> Quando me viram, os dois me olharam com um ar interrogador. Parei a uma certa distância da mesa de Hitler e lhe traduzi lentamente o ultimato do governo inglês. Quando terminei, fez-se um longo silêncio (…)
>
> Hitler estava lá, imóvel, os olhos fixos adiante. Não estava desconcertado, como se disse mais tarde; tampouco se encolerizou, como contaram por aí. Estava absolutamente silencioso e imóvel. Depois de um instante que me pareceu interminável, virou-se para Ribbentrop, que ficara perto da janela, como que vencido pelo estupor: “E agora?”, perguntou Hitler a seu ministro do Exterior com um lampejo de furor nos olhos, como se quisesse dar a entender que Ribbentrop o informara mal sobre as eventuais reações dos ingleses. Ribbentrop respondeu a meia-voz: “Imagino que nas próximas horas vem dos franceses um ultimato no mesmo tom”. [287]

Quando, pelo meio-dia, Coulondre apareceu no gabinete do ministro do Exterior, a Inglaterra já estava em guerra com o Reich. O ultimato francês correspondia ao inglês, se bem que diferisse por um detalhe característico: como se o governo de Paris ainda agora recuasse diante da palavra “guerra”, ameaçava, caso a Alemanha se recusasse a retirar imediatamente suas tropas da Polônia, “conformar-se às condições do tratado que liga a França à Polônia e que a Alemanha conhecia”. Em sua volta à embaixada, Coulondre começou a chorar diante de seus auxiliares. [288]

A Inglaterra não tinha menos dificuldade para se adaptar à realidade daquela guerra. Desesperada, a Polônia esperou a ajuda militar prometida, ou pelo menos um certo alívio para a terrível pressão que sofria. Só muito tarde compreendeu que estava privada de uma assistência real. A lentidão das reações inglesas, na verdade, não era unicamente uma questão de temperamento nem sequer de insuficiência de preparação militar. Na realidade, a garantia dada a Varsóvia nunca despertara muita simpatia na Inglaterra; não existia nenhuma amizade tradicional entre os dois países e a

Polônia passava por estar submetida a um regime ditatorial que só deixava aparecer a estreiteza de visão e a opressão inerentes a um governo autoritário, sem ter, em compensação, a magia teatral e a sugestão de poder dessa situação. [289] Quando um conservador de oposição insistiu nos primeiros dias de setembro junto a um membro do Gabinete para que se ajudasse a Polônia, e a esse respeito evocou o projeto, bastante discutido na época, de atear fogo à Floresta Negra com bombas incendiárias, a resposta foi: “Oh, não podemos fazer isso, é uma propriedade privada. Por que não bombardear o Ruhr, já que é assim?” Por seu lado, a França, através de um tratado, se comprometera com a Polônia a lançar antes do décimo sexto dia da guerra uma ofensiva de vinte e cinco a trinta e oito divisões. Mas o país, inteiramente centrado na defensiva e na afirmação de seu idílio nacional, era incapaz de planejar uma ofensiva. O general Jodl declarou em Nuremberg: “Se não desmoronamos desde 1939, isso se deve unicamente ao fato de que, a oeste, as quase cento e dez divisões francesas e inglesas ficaram completamente inativas em face das vinte e cinco divisões alemãs”. [290]

Consequentemente, os modernos exércitos alemães não tiveram dificuldade em invadir a Polônia numa onda só. À sua perfeição e dinamismo o adversário só podia opor, segundo confissões posteriores, disposições “de um absurdo tocante”. [291] A ação combinada e a irrupção em quantidades jamais vistas de batalhões de carros de combate apoiados por unidades de infantaria motorizada e por uma Luftwaffe com total domínio do céu, cujos Stukas caíam sobre seus objetivos com um zunido ensurdecedor, o sistema de informações e de abastecimento que funcionava com precisão espantosa — em uma palavra, o poderio daquele colosso que avançava mecanicamente não deixou aos poloneses nada mais que sua coragem. As forças armadas do país, afirmara Beck, muito seguro de si, estavam organizadas “para uma guerra de movimento de grande elasticidade e ação de retardamento. Haveria grandes surpresas”. [292] Mas o real significado dessa campanha foi que, nas planuras polonesas, a Segunda Guerra Mundial combatia de certo modo a Primeira, e em lugar nenhum essa disparidade foi mais evidente do que no funesto quixotismo da carga de cavalaria da Charneca de Tuchel, quando uma unidade polonesa a cavalo carregou sobre os tanques alemães, de sabres desembainhados. A 5 de setembro, pela manhã, o general Halder anotava, depois de uma reunião matinal de exame da situação: “O inimigo está virtualmente vencido”. O dia 6 de setembro viu a queda de Cracóvia; no dia seguinte, o governo polonês deixou Varsóvia para se refugiar em Lublin, e no outro dia a vanguarda alemã chegava à capital polonesa. Desde esse instante, toda a resistência organizada começou a ceder. O resto das forças polonesas foi cercado e lentamente esmagado numa operação em pinça de grande

envergadura. Oito dias mais tarde, a campanha por assim dizer terminada, a União Soviética atirou-se do leste, por sua vez, sobre a Polônia exausta, não sem se ter cercado, primeiro, de todas as seguranças jurídicas e diplomáticas necessárias contra a acusação de agressão. A 18 de setembro, as tropas alemãs e russas se encontraram em Brest-Litovsk: a primeira *Blitzkrieg* estava terminada. Quando Varsóvia caiu, poucos dias depois, Hitler ordenou que se tocassem os sinos diariamente entre 12 e 13 horas durante sete dias seguidos.

Não é menos verdade que temos o direito de nos perguntar se esse rápido triunfo militar lhe dava uma satisfação total ou se todas as aclamações e repicar de sinos não estavam um pouco abafados pela intuição de que a vitória já tinha fugido. Fosse o que fosse, Hitler via sua grande concepção de cabeça para baixo, no sentido de que combatia em fronts invertidos, ou seja, não já contra o leste, como pudera persuadir-se durante a rapidíssima campanha da Polônia, mas contra o Ocidente. Durante quase vinte anos, todos os seus pensamentos e sua tática haviam sido determinados pela hipótese contrária, no sentido mais estrito da palavra; agora, sua impaciência febril, sua arrogância e o efeito corruptor de seus grandes sucessos haviam tomado a frente de todas as considerações racionais e reduzido definitivamente a nada a “constelação fascista”. Hitler estava “em guerra contra os conservadores antes de abater os revolucionários”. [293] Certos sinais permitiam pensar que desde aquela época ele teve consciência desse erro nefasto. Gente de seu entourage conta que nos dias seguintes ele teve acessos de pessimismo e súbitos estados de depressão, “bem que gostaria de tirar a corda do pescoço se pudesse”. [294] Algum tempo depois que a guerra com a Inglaterra tornou-se uma certeza, Hitler confiara a Rudolf Hess: “Toda a minha obra agora desmorona. Meu livro foi escrito para nada.” Às vezes, comparava-se a Lutero, que tivera tão pouco desejo de lutar contra Roma quanto ele contra a Inglaterra. Depois, mudando de humor, convencia-se, com a ajuda de algumas noções que tinha da fraqueza e da decadência democráticas da Inglaterra, ou então tentava fazer calar seus pressentimentos falando de uma “*Scheinkrieg* ”, um “simulacro de guerra” com o qual o governo inglês satisfaria de maneira apenas formal um dever de aliança impopular: “Assim que a Polônia estiver liquidada”, declarara ele nos primeiros dias de agosto “organizaremos uma grande conferência de paz com as potências ocidentais”. [295] Era o que esperava agora.

É desse ponto de vista que se devem considerar as tentativas de Hitler, depois da campanha polonesa, retomadas depois da conquista da França, de não exasperar a contenda com a Inglaterra. Procedia como se se tratasse de uma espécie de ameaça de guerra levada ao máximo, por meio de uma

propaganda realmente esmagadora, uma situação que foi chamada na Inglaterra "*phoney war* ", "guerra de mentira". Durante quase dois anos, a conduta bélica de Hitler foi sempre condicionada por suas tentativas de repor no sentido certo a "constelação" errada, de reconstituir o conceito que frivolamente abandonara. Algumas semanas apenas antes da guerra, a 22 de julho de 1939, Hitler dissera ao Almirante Dönitz que em caso algum se deveria chegar a uma guerra com a Inglaterra, pois ela não poderia significar outra coisa senão "*finis Germaniae* ". [296]

Pois agora estava em guerra com a Inglaterra.

——— Terceira inserção ———

A GUERRA ERRADA

O horóscopo dos tempos não prevê paz, prevê guerra .

Adolf Hitler

NÃO EXISTE A QUESTÃO DA CULPA PELA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL , e as tentativas ocasionalmente feitas para criá-la, seja por esforços apologéticos, seja pela necessidade de penitenciar-se ou ainda pela tendência — como é o caso de A.J.P. Taylor — de testar a própria inteligência para justificar o injustificável, contrariam o julgamento do historiador. A conduta de Hitler durante a crise — sua petulância provocadora, seu ímpeto irresistível de levar as coisas ao paroxismo, talvez até a uma catástrofe de grandes proporções — dominou suas reações de maneira tal que todas as disposições das potências ocidentais para o meio-termo nela esbarraram. Quem foi o causador da guerra é, pois, uma pergunta sem a menor razão de ser. A guerra foi a guerra de Hitler, no sentido mais completo, mais vasto: sua política dos anos precedentes, o conjunto todo de sua carreira orientavam-se para a guerra. Sem guerra, suas ações não teriam tido objetivo nem consequências e Hitler não seria quem foi.

Ele disse que a guerra era "o objetivo derradeiro da política", [1] e essa declaração está, certamente, entre as máximas imutáveis de sua concepção do mundo. A ideia aparece em inúmeras passagens de seus escritos, seus discursos, suas palestras: a política, em sua opinião, consistia em assegurar a um povo seu espaço vital; o espaço vital necessário sempre fora obtido e conservado pela luta, consequentemente a política não passava de uma espécie de estado de guerra permanente e os conflitos armados são sua culminação e seu paroxismo: "A mais forte e a mais clássica" expressão não só da política, mas da vida, segundo Hitler. Donde o estado de paz tem como efeito a decadência dos humanos e "seu lugar seria tomado pelo animal", que segue a lei da natureza. [2] "Enquanto a Terra girar em torno do Sol", disse ele ao embaixador da Bulgária Draganoff, em dezembro de 1940, num tom de declamação quase solene, "enquanto existirem o frio e o calor, fertilidade e esterilidade, a tempestade e o bom tempo, existirá a luta, inclusive entre os homens e entre povos. (…) Se os seres humanos vivessem no Eden, apodreceriam. Se a humanidade se tornou o que é, deve-o à luta". E explicava, durante a guerra, aos que o ouviam à mesa, que uma paz de mais

de vinte e cinco anos era nociva a uma nação. [3]

Nesses domínios "mitologizantes" de seus pensamentos, o desejo de conquista, o apetite de glória ou a certeza de salvação para a revolução não constituíam razão para iniciar uma guerra e Hitler ia ao ponto de considerar "um crime" fazer uma guerra por matérias-primas. Só a anexação de espaços justificava o recurso às armas. Entretanto, em sua forma mais pura, a guerra não dependia desse motivo tampouco, mas unicamente da todo-poderosa lei original da Vida e da Morte, do ganho de um sobre o outro, em uma palavra, de um atavismo indestrutível: "A guerra é o que há de mais natural, de mais cotidiano. A guerra é eterna, a guerra está em toda parte. Não há começo, não há fim pacífico. A guerra é a vida. A guerra é a luta em todas as suas formas. A guerra é estado original". [4] Independente de amizades, de ideologias e de alianças presentes, ele explicava em suas conversas à mesa que um dia longínquo, quando o programa de reflorestamento de Mussolini se completasse, seriam talvez obrigados a uma guerra também contra a Itália. [5]

Nesse gênero de conceitos é que se deve procurar a razão pela qual o nacional-socialismo não repousava sobre nenhuma utopia, mas simplesmente sobre uma maneira de ver. Para Hitler — ele o dizia — a ideia de um regime de paz universal era "ridícula". [6] Seus próprios sonhos de império mundial não evocavam a seus olhos um panorama de harmonia, mas ressoavam com o fragor das armas, sublevações e o eco de um perpétuo tumulto; e por mais longe que chegasse, a Alemanha sempre encontraria um limite intocado, uma fronteira cruenta onde se daria uma nova seleção da raça. "Mediremos nossos próprios sacrifícios, avaliaremos o peso do possível sucesso e marcharemos ao ataque", já escrevera ele em seu *Segundo Livro* , "pouco importa que isso nos leve a dez ou a mil quilômetros da linha atual. Pois qualquer que seja o local em que pare nossa vitória, será sempre o ponto de partida de uma nova luta". Essa quase patológica fixação em semelhante forma de encarar a guerra indica, muito além dos pressupostos de darwinismo social, em que medida Hitler e o nacional-socialismo emanaram da experiência da guerra, que marcou seus sentimentos, sua prática do poder e sua ideologia. A Guerra Mundial, costumava repetir Hitler incansavelmente, nunca acabara para ele. A ideia de paz repugnava a Hitler e a toda aquela geração, não era objeto de sua fantasia, mais fascinada pelos combates e pela violência. Muito rápido depois da tomada do poder, quando o adversário interno mal acabava de ser eliminado, Goebbels confiava a um diplomata estrangeiro que "ele pensava muitas vezes com saudade naquele tempo em que tudo era ocasião para atacar" e alguém que fazia parte do círculo mais íntimo de Hitler mencionara "sua natureza patológica para a luta". [7] Essa compulsão era tão forte e

dominadora que terminou invadindo e absorvendo até o gênio político de que Hitler durante tanto tempo deu prova.

Se o pensamento e as intenções de Hitler aspiravam quase exclusivamente à guerra, não era entretanto a guerra que começou a 3 de setembro de 1939 com a declaração das potências ocidentais — caracterizada, esta, por uma absurda inversão dos fronts. Pouco tempo antes de se tornar chanceler, durante aqueles dias de inspiração lúcida e ambiciosa, explicara aos íntimos que só abriria futuras hostilidades contra as potências inimigas liberado de qualquer afeto romanesco, guiado unicamente por considerações táticas; não "jogava" com a guerra e não se deixaria arrastar por coisa alguma nem por ninguém numa operação militar: "A guerra, eu é que a farei. Sou eu que decidirei qual o momento propício para o ataque. Só há um verdadeiro. Ficarei na emboscada. Com uma paciência de ferro. E não o deixarei escapar. Empregarei toda a minha energia para suscitá-lo. É meu dever. Se conseguir, terei merecido o direito de enviar a juventude à morte." [8]

A tarefa que se impusera havia manifestamente dado errado… mas teria realmente dado errado? Não se trata de perguntar por que ou se Hitler começou a Segunda Guerra Mundial por sua própria vontade; só se pode tratar na verdade de saber por que motivo ele, que até então havia quase exclusivamente comandado o correr dos acontecimentos, deixou-se naquele momento levar a uma guerra que ia contra todos os seus projetos.

Bem verdade que se enganara quanto à atitude da Inglaterra e mais uma vez agira contra toda lógica; com demasiada frequência Hitler se saíra triunfalmente de situações análogas para não se deixar seduzir pela ideia de que a possibilidade do impossível era uma espécie de lei de sua própria existência. Nisso também repousa a razão mais profunda de muitas das vãs esperanças que teve durante os meses seguintes. Primeiro, esperou que a Inglaterra voltasse à razão com o desmoronar rápido da Polônia; depois esperou uma intervenção da União Soviética do lado da Alemanha; durante certo tempo, contou com o efeito de uma atividade militar reduzida contra a Inglaterra, depois, com o efeito do bombardeio pesado, ainda esperou a evolução que traria a vitória continental e a evacuação da força expedicionária britânica. "A guerra será decidida na França", disse ele em março de 1940 a Mussolini. "Com a França liquidada, (…) a Inglaterra tem que pedir a paz". [9] Na verdade, ela tinha — em sua opinião — entrado na guerra sem motivos graves, no fundo principalmente pela atitude irresoluta da Itália, e cada um desses motivos ele imaginava amplamente suficiente para induzir a Inglaterra a sair da guerra. Simplesmente não via nenhuma outra razão para seu inimigo estar na guerra e tão seguro estava disso que concordou em reduzir de 29 por

mês para apenas 2 os lançamentos de submarinos do Plano-Z já insuficiente.

Mas o erro de Hitler quanto às disposições guerreiras da Inglaterra não basta para explicar sua decisão de ir à guerra. Em todo caso, estava perfeitamente consciente de correr riscos enormes, pois quando, a 25 de agosto, Londres manifestou sua firme intenção de agir ao assinar o pacto de assistência com a Polônia, essa notícia não fora a última das razões a motivar a contraordem que cancelou mais uma vez o ataque previsto. Os dias seguintes não lhe deram qualquer motivo para rever a situação. Portanto, quando renovou a ordem de ataque, deve ter havido uma razão mais forte que a percepção do risco.

O que chama também a atenção no seu comportamento é a impaciência teimosa, cega, com que se lançou ao conflito, em espantoso contraste com as oscilações e vacilações que sempre precederam suas decisões. Quando, nos últimos dias de agosto, Göring lhe pedira para não levar o jogo longe demais, ele retrucara que durante toda a vida arriscara a sorte no vabanque [10] e, por mais verdadeira que fosse a observação, no caso não deixava de contradizer o estilo da política de Hitler nos anos anteriores. Temos que remontar muito mais longe, quase até à primeira fase, ainda apolítica, de sua carreira, para aí encontrar o ponto de partida desse comportamento, inesperado nele, do verão de 1939, que relembra, sem dúvida, velhas provocações, audácias antigas.

Com efeito, tudo parece indicar que, durante meses, Hitler tenha renunciado a alguma coisa a mais do que uma tática comprovada: foi a política em si que ele renegou, aquela política em que se destacara durante quinze anos na qual, até então, jamais encontrara um adversário com sua força; foi como se estivesse farto de todas essas limitações, conversas, dissimulações, as hipocrisias, os eternos fios diplomáticos, e buscasse de novo a "grande ação libertadora, compreensível para todos". [11] Entre as cesuras que dividem de maneira tão insólita aquela existência, deve-se também contar o *putsch* de novembro de 1923; num sentido muito preciso, ele marca a entrada de Hitler na política. Até então, Hitler se mostrara sobretudo por seu lado incondicional absoluto, pela agressividade sem desvio de seus atos, a alternativa radical do tudo ou nada que evocara naquela noite de marcha sobre a Feldherrnhalle com sombria ênfase: "Quando nos chamar o combate decisivo do ser ou não ser, só queremos uma coisa: o céu acima de nós, a terra embaixo de nós e o inimigo diante de nós". Até então, só abordara obstáculos de frente, tanto interna quanto externamente. O rude tom de comando do chefe de partido, cujas ordens revelavam uma resolução categórica, drástica, correspondia ao estilo tenso, provocativo do orador. [12] Foi preciso o fracasso de 9 de novembro de 1923 para tornar Hitler consciente do sentido e das

chances do jogo da política, das espertezas, das coalizões e dos simulacros táticos de compromisso, para fazer do putschista agressivo de outros tempos um político refletido e tortuoso. Entretanto, a despeito da habilidade com que aprendera a desempenhar seu papel, nunca pôde dissimular inteiramente que tivera de aparar muitas arestas que de outra forma o teriam arranhado e que no fundo permanecia, como antes, inclinado a rejeitar os desvios, as regras do jogo, a legalidade, e mais ainda, contra a política propriamente dita.

Pois voltava a suas disposições antigas, pronto a rasgar enfim a rede das dependências, dos acordos falaciosos e a retomar a liberdade do putschista, a chamar de "porco" o político que viesse com uma proposta de mediação. "Hitler comportou-se como uma força da natureza", relatara em abril de 1939 o ministro do Exterior da Romênia, Gafencu, depois de sua visita a Berlim [13] , e não há expressão que pinte melhor o demagogo e o revoltado dos anos 1920. É significativo que com a decisão de ir à guerra reaparecessem, às vezes repetidamente num mesmo discurso, as velhas alternativas apolíticas de vitória ou aniquilamento, de poder mundial ou total desaparecimento que sempre tiveram sua simpatia disfarçada: "Qualquer esperança de meio-termo é pueril: vitória ou derrota", explicou ele, por exemplo, a seus generais, a 23 de novembro de 1939. E continua: "Ergui o povo alemão ao mais alto cume, mesmo se hoje o mundo nos odeia. E hoje ponho essa obra em jogo. Tenho de escolher entre vitória e aniquilamento. Escolho a vitória". E algumas linhas adiante, mais uma vez: "Não se trata de uma questão isolada, mas do ser ou não ser da Nação". [14] Coerente com essa virada para fora da política, recaiu em matéria de terminologia e de expressão cada vez mais no plano do irracional: "Só aquele que luta contra o destino será o favorito da Providência", diz no mesmo discurso; um observador de seu círculo mais íntimo reparou, durante os últimos dias de agosto, numa notável "tendência a uma morte de Nibelungo", enquanto que Hitler, para se justificar, apelava para Gengis Khan, que, igualmente, "enviara milhões de mulheres e de crianças à morte". Definia então a guerra como uma "luta do destino que não pode ser impedida ou contornada pelas negociações de uma política qualquer, por inteligente que fosse. A guerra representava realmente uma espécie de combate contra os hunos (…) no qual se fica em pé, ou se cai e morre. Uma coisa ou outra". [15] Como não ver em todos esses testemunhos os sintomas de sua recaída no campo pré-político, onde, em vez dos desprezíveis subterfúgios, a história, e em vez dos artifícios políticos, a marcha do destino decidem o rumo?

Os anos seguintes revelaram que a falta de interesse de Hitler pela política não foi um capricho passageiro; tanto é que, estritamente, ele nunca mais voltou à política. Todas as tentativas da gente de sua roda, os rogos

encarecidos de Goebbels, as críticas de Ribbentrop ou de Rosenberg, até as eventuais sugestões de políticos estrangeiros como Mussolini, Horthy ou Laval, foram em vão. As reuniões com os chefes dos estados satélites se realizavam, no começo, a intervalos regulares, mas, ao longo da guerra, tornaram-se cada vez mais raras; e no entanto, afinal, era tudo o que restava da política, inclusive Hitler lhes deu com muita justeza o nome de "tratamento hipnótico". Finalmente, a esse respeito, temos a resposta que deu ao embaixador Hewel, ligação do ministro do Exterior no QG do Führer, na primavera de 1945. Como este fizesse ver que restava o derradeiro recurso de uma iniciativa política, Hitler gritou: "Política não faço mais. Repugna-me demasiado." [16]

Ele aliás justificou sua passividade — da maneira mais contraditória — pela mudança das circunstâncias, seja porque durante as fases de seus sucessos guerreiros considerasse que o tempo trabalhava a seu favor, seja porque nos períodos de revés receasse que a desvantagem em que estava colocado por sua situação tivesse má influência em sua posição nas negociações. "Estou como a aranha", explicava ele na segunda fase da guerra, "no centro da teia, sempre pronto para o momento oportuno". Na realidade, escondia atrás de tais imagens sua eterna desconfiança da política em geral, cujas intervenções lhe pareciam mesquinhas demais, as sutilezas muito insípidas e sem aquele fogo capaz de tornar o sucesso em triunfo. Os mais variados relatos dos anos de guerra nos transmitem, todos, uma dessas concepções favoritas: seria preciso, dizia ele, "cortar a linha de retirada. (…) Guerrearíamos mais fácil e resolutamente". [17] A política, como ele a via no momento, não passava de uma possível "linha de retirada".

Ao renunciar à política, Hitler voltou a suas curiosas posições ideológicas "de princípio". A rigidez de sua visão do mundo, escondida por tanto tempo pela mobilidade de sua tática e de seus métodos, reapareceu renovada, cada vez mais nítida em seus contornos. A guerra deu início a um processo de cristalização que logo o envolveu por inteiro e paralisou suas reações. Já a ordem informal dada por Hitler a 1º de setembro de 1939 — primeiro dia da guerra — para dar-se uma "morte misericordiosa" aos doentes incuráveis foi um sinal alarmante. [18] Esse processo chegou à forma mais tangível no aumento quase maníaco do antissemitismo de Hitler; esse antissemitismo era em si um sintoma da atrofia "mitologizante" de sua consciência. No começo de 1943, ele disse a um interlocutor estrangeiro: "Os judeus são aliados naturais do bolchevismo e candidatos aos lugares atualmente ocupados pela *intelligentsia* que a bolchevização quer eliminar. Por isso, o Führer acha que quanto mais radicalmente se agir contra os judeus melhor. Ele prefere uma batalha de

Salamina a um combate sem vencedores e vencidos e prefere queimar todas as pontes atrás de si, pois o ódio judeu é uma coisa incomensurável. Na Alemanha (…) também não há volta possível no caminho já tomado”. [19] Seu sentimento de ter entrado na grande luta final se aprofundava, e na escatologia afirmava, não há lugar para o diplomata.

Na busca do impulso concreto que pôs em movimento todo esse processo, percebe-se que a aversão de Hitler pela política, mesmo se enquadrando perfeitamente em seu diagrama psicológico e em sua instabilidade constante, não é a única explicação. Alguém levantou a hipótese de uma fratura patológica na estrutura da personalidade. Mas faltam pontos de apoio para essa tese e não raro se descobre que esse tipo de argumento dissimula a tentativa de partidários decepcionados pelo regime, que desejam explicar a diferença entre o Hitler bem-sucedido e o Hitler fracassado. Pois o que vem à tona nessa segunda fase é o caráter totalmente monolítico e rígido de suas concepções e ideologias, e se alia tão estreitamente com os períodos anteriores que não é uma ruptura que aparece, mas a substância imutável da natureza de Hitler.

Mas certamente sua impaciência atuou no desenrolar dos acontecimentos: o desejo de culminações dramáticas, a saciação rápida com os sucessos, o dinamismo cuja fonte era ele e cuja vítima ele foi também; a “compulsão irresistível” para “sair da passividade” que Ulrich von Hassel já notara quando da ocupação da Renânia. Por fim, aquela angústia com a fuga do tempo, que deu, a partir de 1938, ao seu estilo de ação um traço característico, foi ainda agravada pela ideia de que esse tempo trabalhava mesmo contra ele. “Nas noites sem sono”, confidenciou Hitler a Mussolini, tentara achar “uma resposta à questão de saber se o fato de adiar a guerra por dois anos seria ou não favorável à Alemanha”, mas, pensando na inevitabilidade do conflito e no poderio forçosamente crescente do adversário, resolvera “atacar a Polônia logo no outono sem mais espera”. [20] Disse o mesmo a Brauchitsch e Halder em 27 de setembro de 1939, e num memorando redigido quinze dias mais tarde reconhece: “Considerando a situação e a ordem das coisas, pode-se concluir que o tempo é melhor aliado para as potências ocidentais do que para nós”. [21] Voltou sem cessar a essa ideia sob várias formas e não se limitou a mencionar “a felicidade de poder empreender pessoalmente essa guerra”, mas também seu ciúme da ideia de que outro poderia começá-la. Em outra passagem, com um ar de desprezo por seu eventual sucessor, quem quer que fosse, escreveu que “não queria que depois de sua morte pudesse haver ‘guerras tolas’”. Suas motivações mais habituais encontram-se em forma resumida no discurso de 23 de novembro de 1939, quando queria preparar os

altos comandantes para atacarem o mais breve possível o Ocidente. Depois de um exame de situação, disse:

> Resta um último fator que devo incluir com toda modéstia e que é a minha pessoa: é insubstituível. Nenhuma personalidade militar ou civil poderia me substituir. Os atentados, como o de 8 de novembro de 1939, no Burgerbräukeller, podem-se repetir. Estou seguro da força de meu cérebro e de minha capacidade de decisão. As guerras nunca devem terminar a não ser por um total aniquilamento do adversário. Quem pense de outro modo é um irresponsável. O tempo trabalha para o inimigo. Estamos neste momento diante de uma relação de forças que, para nós, não pode mais melhorar, mas sim piorar. O inimigo não concluirá a paz se as relações de força nos estiverem desfavoráveis. Portanto, nada de compromisso. Dureza para consigo mesmo. Vou atacar e não capitular. O destino do Reich depende de mim e eu agirei em consequência. [22]

Além do que demonstra esse raciocínio singularmente delirante, Hitler se sentia encorajado a abandonar a política pelo extraordinário sucesso da primeira fase da guerra. O papel de grande capitão, que ele desempenhara na Polônia com uma certa reserva, ele assumiu com paixão crescente, e alguma coisa do traço pueril com que procurava perpetuar ou voltar a experiências agradáveis se encontra na paixão com que se absorvia no exame dos mapas espalhados na mesa do QG do Führer. Esse exame proporcionava a seus nervos novas excitações, picantes estímulos, mas lhe impunha também novas tarefas e é certo que ele não viu nesse ofício de general unicamente o mais alto desafio lançado à "força de seu cérebro", à sua dureza, à sua vontade, mas também a seu temperamento teatral: a conduta da guerra seria uma montagem "gigantesca e mortal". Ele sublinhava essa ideia ao afirmar que só os seres dotados de temperamento artístico possuíam todos os requisitos para se tornar grandes capitães. Suas vitórias fáceis dos primeiros tempos haviam consolidado a certeza que tinha de poder juntar a seus sucessos de demagogo e de grande político a glória do grande estrategista; e como essa glória escapava cada vez para mais longe pelo prolongamento da guerra, lançou-se atrás dela sem tomar fôlego, teimoso, acompanhado de suas fantasmagorias, até a queda.

Mas a vontade de guerra de Hitler era tão forte e tão absoluta que o levou não só a aceitar as consequências negativas como o induziu a desencadeá-la apesar de um preparo de modo geral inadequado. A atmosfera pesada que reinava na rua, as aclamações menos entusiasmadas e mesmo, ao contrário, talvez significativamente, discretas durante os meses recentes, eram testemunho de uma carência na organização psicológica da população e, em sua impaciência, Hitler não fez grande coisa para resolver isso. Desde seu discurso de 28 de abril, no Reichstag, mostrara-se pouco às massas; partia provavelmente do princípio de que o drama dos acontecimentos continha em germe todo o necessário para mobilizar as energias. Mas os sentimentos de

profunda satisfação que a reocupação da Renânia, o *Anschluss* da Áustria ou a entrada no território dos sudetos haviam suscitado na população já estavam longe no momento da ocupação de Praga e haviam terminado por se desgastar: para a necessidade de prestígio da nação que durante tanto tempo se sentira humilhada, nem a solução do problema de Danzig, talvez nem a do Corredor, tiveram grande importância. Sem dúvida, a guerra contra a Polônia foi mais popular do que todas as outras campanhas da Segunda Guerra Mundial, mas não continha um motivo realmente magnético. Nem os relatos de atrocidades horripilantes de alemães assassinados, das torturas ou violações de que eram vítimas, nem o número das 7 mil vítimas aproximadamente chegavam a despertar verdadeiras reações. Alguns meses depois do começo da guerra já se acumulavam manifestações de insatisfação, o SD *Sicherheitsdienst* , serviço de segurança do estado, mencionava a queixa do povo de que haviam começado uma guerra sem preparo suficiente; entre o Natal e o Ano-novo, foi preciso pela primeira vez recorrer publicamente à polícia para dispersar tumultos de descontentes. [23]

Aparece então quase a certeza de que a decisão tomada por Hitler de iniciar o conflito foi também determinada pelo medo de ver baixar ainda mais o entusiasmo guerreiro da população, e, entre suas reflexões, a de começar o combate enquanto ainda existissem possibilidades de aproveitar o dinamismo dos anos passados que estava evidentemente em defluxo. “Quem evita uma batalha”, dissera em outra época, “nunca terá força para fazer outra”. E em um de seus últimos discursos, justificando a data do início da guerra (“Não podia realmente existir momento mais propício do que aquele ano de 1939”) declarou que sua decisão fora também determinada pela constatação psicológica de que não se podia “engarrafar e conservar o entusiasmo e a aceitação do sacrifício: são sentimentos que nascem no fogo de uma revolução e que aos poucos empalidecem. A monotonia do cotidiano e a facilidade da vida encantam os seres humanos e os tornam burgueses novamente. Não temos o direito de não aproveitar o que conseguimos com a educação nacional-socialista, com a imensa vaga de entusiasmo que levantou nosso povo”. Ao contrário, a guerra era uma chance de ressuscitá-la. [24]

Mas a guerra não devia só criar ela mesma, em parte, as condições psicológicas necessárias para seu desenrolar; num sentido mais preciso, estava aí, em si, o conceito de base de Hitler quanto ao conflito, mostrando melhor do que muitas outras indicações seu temperamento de jogador. Num discurso do começo de julho de 1944, Hitler reconheceu abertamente esse princípio, admitindo que a guerra era um “prefinanciamento das futuras realizações, das futuras obras, das futuras matérias-primas, dos futuros

fornecimentos de alimentação, sendo ao mesmo tempo uma admirável maneira de aprender a dominar as tarefas que nos seriam impostas no futuro”. [25]

No plano da economia e no da técnica do armamento, a preparação também era pouca, talvez ainda menos satisfatória do que no plano psicológico. É claro, a propaganda alemã fizera o necessário para chamar a atenção geral sobre os enormes esforços de armamento; e o mundo inteiro acreditava firmemente em todas as suas afirmações e nas dos principais atores do regime proclamando que os preparativos de guerra pretensamente feitos, desde havia anos, eram o objetivo primordial da economia alemã. Foi nesse espírito que Göring, encarregado da elaboração do plano quadrienal, proclamou que a Alemanha já estava em estado de guerra, mas ainda não estava atirando. [26] Mas a realidade estava longe disso. É verdade que, na produção de aço, a Alemanha ultrapassava de longe seus adversários; podia-se dizer o mesmo de suas reservas de carvão, claramente mais importantes, e de sua indústria, cujo rendimento era bem melhor do que em outros lugares. Mas apesar de esforços consideráveis no sentido autárquico, o país dependia ainda do exterior, principalmente para certas matérias-primas essenciais para a guerra, como o estanho, em 99%; o cobre, em 70%; a borracha, em 80%; óleos minerais, em 65%; e a bauxita, em 99%. O abastecimento em matérias-primas absolutamente necessárias estava assegurado para cerca de um ano, mas as reservas de cobre, de borracha e de estanho já estavam quase esgotadas na primavera de 1939. Sem o poderoso apoio econômico da União Soviética, a Alemanha teria sido rapidamente liquidada pela Inglaterra com um bloqueio econômico, como Molotov não deixou de observar em uma de suas conversas com Hitler. [27]

A situação não era muito diferente no armamento. Em seu discurso ao Reichstag de 1º de setembro, Hitler havia realmente declarado que investira nesse item uma soma de 90 bilhões de marcos, mas essa não passava de uma daquelas ficções extravagantes em que mergulhava regularmente em se tratando de cifras. [28] Apesar de todas as despesas dos anos anteriores, a Alemanha só estava armada para a guerra de 1º de setembro, e não para a de 3 de setembro. O exército consistia de cento e duas divisões sim, mas só a metade ativa e disponível, e seu treinamento não apresentava por assim dizer nenhuma lacuna séria. Mas a marinha era não só inferior à esquadra inglesa, mas à francesa; não tinham sido utilizadas a fundo as possibilidades oferecidas pelo acordo anglo-alemão de 1935 e o almirante Raeder declarou, pouco tempo depois do começo da guerra, que a esquadra alemã, “ou melhor, a pequena parte que está terminada ou estará em breve pronta para o combate o mais que pode é ir a pique combatendo bravamente”. [29] Só a Luftwaffe era

forte: dispunha de 3.298 aparelhos; por outro lado, depois da campanha da Polônia, as reservas de munição estavam reduzidas à metade, de modo que uma continuação ativa da guerra não teria sido possível por mais de três ou quatro semanas; em Nuremberg, o general Jodl disse que as reservas disponíveis na época eram “ridículas”. A disponibilidade de armamento também não atingia o limite previsto para cobrir as necessidades dos quatro meses seguintes, exigido pelo Alto Comando do Exército (OKH). Um ataque por parte das potências ocidentais, mesmo com a metade de seus efetivos, deveria, consequentemente, ter provocado desde o outono de 1939 o afundamento da Alemanha e o fim da guerra: vários peritos confirmam esse fato. [30]

Não é preciso dizer que Hitler estava a par dessas dificuldades e dos riscos que daí resultavam. Em seu documento de 9 de outubro de 1939 sobre “a conduta da guerra no Ocidente”, entrou nesses detalhes e, num parágrafo especial, analisou os “perigos da posição alemã”. Receava principalmente uma guerra longa, para a qual achava que a Alemanha não estava suficientemente armada, tanto do ponto de vista político quanto material ou psicológico. Mas, para ele, todas essas fraquezas podiam ser imputadas à posição geral da Alemanha e não à situação concreta, de modo que “não se podia pensar em cuidar disso em tempo muito curto”. [31] Na verdade, isso significava simplesmente que, naquelas circunstâncias, a Alemanha não estava em condições de enfrentar uma guerra mundial.

A reação de Hitler a esse dilema foi um desvio singularmente característico, que revela sua perspicácia e sua astúcia. Já que a Alemanha não estava em condições de sustentar uma guerra de grande duração, face à coalizão inimiga, era preciso proceder por ataques curtos concentrados em pontos precisos, espaçados no tempo, contra um único adversário de cada vez, de maneira a estender aos poucos suas bases econômicas e defensivas, e a estar pronto para, chegado o momento e quando estivesse em condições de fazê-lo, enfrentar uma guerra mundial: é o conceito estratégico da guerra-relâmpago. [32]

A ideia da *Blitzkrieg* , a guerra-relâmpago, por muito tempo foi vista só como um método tático ou operacional para o aniquilamento militar do adversário por um ataque de surpresa. Essa receita, porém, era aplicável à condução geral da guerra, porque levava em conta as fraquezas e as vantagens específicas da posição alemã e se aliava engenhosamente a uma nova prática de conquista. Aproveitando os lapsos de tempo que separavam cada campanha para fazer novos abastecimentos, não só os preparativos eram regulados em relação a cada adversário tomado isoladamente, mas também a

carga material que pesava sobre a economia e sobre o público permanecia relativamente leve, e permitia, entrementes, os toques de fanfarras dos triunfos que se encarregariam do estímulo no plano psicológico. Era também um meio de destruir o lugar-comum pessimista, lembrança da Grande Guerra, segundo o qual a Alemanha ganhava suas batalhas, não há dúvida, mas nem por isso deixava de perder suas guerras, simplesmente dividindo a própria guerra numa série de batalhas vitoriosas. Mas aí é que se situa o lado duvidoso e ilusório — pois havia ilusões — desse conceito, se bem que ele correspondesse, por outro lado, à natureza do regime e às inspirações determinadas pelo momento, no estilo caro a Hitler: essa guerra-relâmpago estaria destinada ao fracasso desde o instante em que se formasse uma forte coalizão adversária, irrevogavelmente decidida a levar mais longe a guerra. Hitler se fiara de tal modo nessa concepção que não estava absolutamente preparado para a possibilidade de uma guerra longa. Afastou categoricamente a sugestão que lhe foi feita no verão de 1939 pelo estado-maior da Wehrmacht para testar em exercícios de planejamento e jogos de guerra "a situação que surgiria no caso de um conflito prolongado", explicando que era perfeitamente possível "limitar a guerra à Polônia". [33] Sua exposição de 9 de outubro foi a primeira tentativa concreta que definiu, de um lado, a situação, e, do outro, os objetivos de uma eventual guerra contra o Ocidente. Recusou igualmente os projetos de uma reorganização da economia para as necessidades criadas por uma guerra prolongada e total; a produção industrial total de 1940 foi um pouco menor que a do ano anterior e, algum tempo antes do inverno 1941-42, mesmo na previsão da iminente "vitória-relâmpago" sobre a União Soviética, a produção de material bélico foi reduzida. [34] Até neste caso se faziam sentir as experiências da Primeira Guerra Mundial: a todo custo, Hitler queria evitar os efeitos psicologicamente deletérios de anos de severas restrições econômicas.

A relação entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial é evidente em diversos planos, e não só como hipótese, o próprio Hitler nunca deixou de afirmá-lo. Aliás, disse mesmo que atrás dele só havia o armistício e à frente dele "a vitória que jogamos fora em 1918". E em seu discurso de 23 de novembro de 1939 fez alusão à Primeira Guerra dizendo: "Estamos escrevendo hoje o segundo ato desse drama". [35] Do ponto de vista dessa relação, Hitler aparece como expoente do conceito alemão de poder mundial nascido no fim do período bismarckiano, conceito que já começara, na virada do século, a se concretizar num objetivo de guerra que, depois do fracasso da tentativa de 1914-1918, se tentou mais tenazmente atingir na Segunda Guerra

Mundial. Em Hitler, uma continuidade imperialista de quase cem anos encontrou seu apogeu. [36]

A interpretação tem apoios sólidos. A estreita relação de Hitler com o período anterior à guerra, sua origem nos complexos, ideologias e reações de defesa próprios daquela época dão peso a essa hipótese; pois, a despeito de seu modernismo, ele era um personagem profundamente anacrônico, uma espécie de prolongamento do século XIX, culminando com seu imperialismo ingênuo, sua megalomania, sua inabalável convicção da inelutabilidade da alternativa entre o acesso da Alemanha ao poder mundial ou seu total aniquilamento. Em princípio, o jovem burguês rebelde dos anos vienenses só havia feito ressuscitar, alargar e radicalizar o movimento de base que caracterizava as camadas dirigentes conservadoras, as quais, diante da ameaça social, se refugiaram num conceito expansionista. Mas enquanto essas camadas partiam simplesmente do princípio de que a guerra e as conquistas criariam um "saneamento da situação", no sentido de seus privilégios econômicos e políticos, [37] Hitler, como sempre, concebia tudo em categorias gigantescamente aumentadas e considerava a guerra e a expansão — muito além dos interesses de classes — como a única chance de sobrevivência da nação e até da raça: no espírito de Hitler, o imperialismo social do tipo tradicional se misturava curiosamente com elementos biológicos.

Mas, no seu caso como no caso dos conservadores, era o motivo de base de uma existência ameaçada e estreita que movia o desejo de poder mundial, mesmo se na primeira vez, pelo menos para o chanceler alemão de 1914, von Bethmann Hollweg, o desejo surgiu com pusilanimidade depressiva, um dar de ombros desabusado e não sem uma certa fraqueza um tanto fatalista; enquanto que, da segunda vez, com um sentimento raivoso e revolucionário. É verdade que esses dois protagonistas não podem ser comparados um ao outro: para Bethmann Hollweg, a ideia de um império mundial alemão era "uma concepção absurda, impensável" — a Alemanha, dissera ele certa ocasião, preocupado, "em caso de vitória, encontraria sua ruína intelectual no predomínio político"; [38] e é incontestável que Hitler nunca experimentou nem a suspeita de um ceticismo que chegasse a esse ponto. Mas o fato de que Bethmann Hollweg, entretanto, tenha tido a mesma visão que Hitler, sublimada, é verdade, por sua educação burguesa e por aquele mesmo sentimento de ressonância germânica de queda derradeira, mostra toda a extensão do caráter de fatalidade tomado pela consciência alemã diante da predestinação e da catástrofe, sem nem falar dos visionários alucinados pelo poder mundial que provocaram, em 1917, a queda de Bethmann Hollweg.

Mas a direção que Hitler imprimia a seus projetos de expansão

corresponde também a uma tradição que remonta muito longe no tempo. Havia muito que uma parte da ideologia pangermanista considerava o leste como o espaço vital natural do Reich e o fato de que Hitler fosse originário da Monarquia Dual só fazia acentuar suas convicções nesse sentido. Já em 1894, uma declaração da barulhenta e agitada associação pangermanista acentuava o interesse da nação para o leste e o sudeste da Europa, "com a ideia de assegurar à raça germânica as condições de vida de que ela tem necessidade para desenvolver completamente suas forças". No famoso "Conselho de Guerra" de 8 de dezembro de 1912, o chefe do Estado-Maior, general von Moltke, pediu que "se preparasse através da imprensa a opinião pública para uma guerra contra a Rússia", e exatamente no mesmo espírito o *Hamburger Nachrichten* reclamou "a luta decisiva com o leste", o problema sendo — disse por sua vez o *Germania* — saber a quem devia caber a dominação da Europa, aos germanos ou aos eslavos. Poucos dias depois da declaração de guerra, no Ministério do Exterior, foi estabelecido um plano de "criação de vários estados-tampões" a leste, que deviam, todos, depender militarmente da Alemanha. As propostas do presidente dos pangermanistas, Heinrich Class, iam ainda mais longe: *O objetivo de guerra alemão* , publicado em 1917 em forma de folheto, exigia vastas províncias a leste, preconizando uma "purificação étnica" dos territórios por meio da troca de russos por alemães do Volga, a transferência dos judeus para a Palestina e o deslocamento para leste das fronteiras polonesas. [39] As concepções políticas de Hitler no que se refere ao leste teriam sido inconcebíveis se não tivessem sido precedidas, durante a Grande Guerra, por esses vastos projetos e todas aquelas extravagantes discussões a respeito dos objetivos bélicos; deve-se entretanto dizer que grande parte de suas ideias pode ser imputada à influência dos meios de imigrantes russos de Munique, assim como à sua própria tendência a um exagero intelectual.

Do mesmo modo, as noções de Hitler em matéria de alianças tinham precedentes exatos. A ideia de que a Alemanha devia se assegurar da neutralidade da Inglaterra antes de empreender, em combinação com a Áustria-Hungria, uma guerra de conquista a leste e eventualmente contra a França não fora inteiramente estranha à política do Império. Bethmann Hollweg expressara esse conceito logo depois da declaração de guerra e até considerara possível chegar, depois de uma guerra-relâmpago no Ocidente, a uma aliança com a Inglaterra a fim de empreender em comum uma ação contra a Rússia; pelo fim da guerra, ainda havia declarado que esse conflito só poderia ter sido evitado "por um entendimento com a Inglaterra". [40] Essa maneira de encarar as coisas era o primeiro esboço da concepção ideal de Hitler, que aliás apressou-se a procurar um acordo com a Inglaterra ou pelo

menos sua neutralidade, depois que a república de Weimar, sobretudo na época de Gustav Stresemann, teria dado maior importância a uma reconciliação com a França.

É igualmente fácil, mais além dos nexos da ideologia, da política de expansionismo e da técnica das alianças, comprovar a continuidade da vontade alemã de poder mundial partindo do ponto de vista dos grupos sociais. Foram principalmente as classes dirigentes conservadoras, cujo porta-voz formulara as vastas concepções do tempo do Império, que desenvolveram, depois do desmoronamento de 1918, um complexo exacerbado de revanche; desde então, as classes dirigentes se esforçavam para fazer reviver nos alemães uma confiança em si profundamente abalada pelos desastres, para recuperar os territórios perdidos [41] — particularmente para a Polônia — e sempre se recusaram, mesmo por intermédio de seus representantes mais moderados no tempo de Weimar, a garantir as novas fronteiras de leste. Em 1926, um pró-memória do comando do Reichswehr ao Ministério do Exterior indicava de maneira característica o que deveria ser a linha de ação da política externa: liberação da Renânia e do Sarre, supressão do Corredor e recuperação da Alta-Silésia em mãos polonesas, *Anschluss* da Áustria e, enfim, reocupação da zona desmilitarizada. Exceto quanto à ordem cronológica, foi este o programa de política externa de Hitler durante os anos 30. Esses grupos conservadores pensaram ter descoberto no chefe do Partido Nazi o homem capaz de realizar seus projetos revisionistas porque, melhor do que ninguém, ele tinha a habilidade de se utilizar do Tratado de Versalhes e dos terríveis sentimentos de humilhação que provocava nas massas para mobilizar a nação. É significativo que, desde o momento em que foi nomeado chanceler, encorajaram-no a intensificar sua política nesse sentido. Tanto no caso da retirada da Conferência do Desarmamento ou da saída da Liga das Nações, e mesmo no que se referia à questão do desarmamento, os membros conservadores do gabinete levaram Hitler, de início hesitante, a ir em frente, e, até a Conferência de Munique, só os métodos audaciosos de jogador impenitente de Hitler provocavam, no fundo, a desaprovação desses conservadores.

Mas nesse ponto cessa a continuidade. Pois o que os conservadores revisionistas da espécie de Neurath, Blomberg, Papen, Weizsäcker consideravam como o objetivo não era sequer uma etapa para Hitler: era só um movimento preparatório. Ele desprezava seus parceiros, mui pouco ambiciosos, achava ele, porque não queriam o poder mundial (ainda que disso fossem acusados), enquanto que esse era o objetivo que ele cobiçava: não só novas — ou antes antigas — fronteiras, mas novos espaços, um milhão de

quilômetros quadrados, talvez até todo território até os Urais, e por que não além? “Imporemos nossa lei a leste. Avançaremos e pouco a pouco iremos até os Urais. Espero que nossa geração ainda consiga ver isso (…) Teremos então, diante de nós, para a eternidade, uma escolha sadia. Criaremos assim as condições necessárias para que o conjunto da Europa, conduzido, organizado e dirigido por nós, povo germânico, possa suportar e resistir durante gerações aos ataques furiosos de uma Ásia que não deixará de nos atacar. Não sabemos quando isso se passará. Se do outro lado a massa humana reúne um bilhão ou um bilhão e meio de homens, o povo germânico, com duzentos e cinquenta a trezentos milhões, a que se acrescentarão os outros povos europeus, ou seja, um total de seiscentos a setecentos milhões de homens, e, com postos avançados nos Urais ou, dentro de cem anos, bem além deles, deverá vitoriosamente enfrentar a Ásia nessa luta de vida ou morte”. [42] O que distinguia qualitativamente esse imperialismo do outro dos tempos do Império e rompeu a continuidade era menos o violento apetite de conquista, que, afinal, já estava indicado pelos pangermanistas, ou de maneira ainda mais concreta, nos planos de Ludendorff, em 1918, do que o fermento ideológico que lhe dava coerência e uma grande força de impulso: a ideia de seleção e unidade racial e de uma missão escatológica. Alguma coisa da descoberta, em época muito tardia, dessa diferença se encontra na frase com a qual um daqueles conservadores definira Hitler: “Esse homem, na verdade, não pertence à mesma raça que nós. Há nele qualquer coisa inteiramente insólita, algo que o liga aparentemente a uma raça extinta”. [43]

Quando Hitler dizia que a Segunda Guerra Mundial era a continuação da Primeira, na época isso não era um lugar-comum imperialista, como se pensou frequentemente: essa declaração indica, antes, sua tentativa de se inserir numa continuidade que ele justamente não queria levar mais adiante, e fazer brilhar pela última vez, aos olhos de seus generais e companheiros conservadores, a ilusão de que ele era o mandatário de seus sonhos irrealizados de grande potência, aquele que lhes restituiria as vitórias perdidas, roubadas em 1918, e que, afinal, eram deles. Na verdade, nada mais longe de seus propósitos; essa afetação revisionista lhe fornecia um ponto de partida ideal. Sobre o fundo de uma concepção de continuidade não dialética, enganamo-nos facilmente quanto ao caráter real da aparição: Hitler não era um Wilhelm III.

Ele já escrevera em *Mein Kampf* que o programa que apresentava era “a formulação de uma declaração de guerra contra uma ordem estabelecida, a bem dizer contra uma concepção estabelecida do mundo”. [44] Em setembro de

1939, ele deu início ao conflito armado e fora das fronteiras. A Primeira Guerra Mundial já fora, pelo menos em parte, uma colisão de ideologias e de sistemas de dominação; a Segunda Guerra, de 1939, o foi com intensidade infinitamente maior: foi uma espécie de guerra civil geral, que decidia muito menos a respeito do poder do que da moral que devia no futuro reinar no mundo.

Os adversários que se encontraram face a face depois da liquidação incrivelmente rápida da Polônia não tinham mais objetivo territorial a atingir e, durante a *drôle de guerre* daquele outono, poder-se-ia pensar que a guerra perdera toda a motivação: foi sobre isso que se fundamentou uma débil chance de paz. A 5 de outubro, Hitler fora a Varsóvia para o desfile da vitória e anunciara para o dia seguinte um importante "apelo à paz". Quase ninguém podia suspeitar da pouca razão de ser da incerta última esperança que esse anúncio fez renascer mais uma vez. Pois, quinze dias antes, Stalin informara ao ditador alemão não ter a menor simpatia pela ideia de que um resto da Polônia ainda permanecia independente. E, com aquela tendência que recentemente lhe aparecera de eliminar as alternativas políticas, Hitler aceitara negociar e fizera o acordo, e quando, a 4 de outubro, a Polônia foi novamente dividida entre seus vizinhos poderosos, eliminaram-se todas as possibilidades de se dar uma solução política à guerra com as potências ocidentais. Um diplomata estrangeiro declarou, a respeito do discurso de Hitler no Reichstag, que ele ameaçara a paz com trabalhos forçados. [45]

Hitler na realidade agira de maneira lógica no quadro de sua grande concepção: pois, qualquer que fosse o prazer que sentiria em voltar a ganhar a assistência ocidental, a oferta de Stalin lhe fornecia, enfim, aquela fronteira comum com a União Soviética que fora, no fundo, uma das razões de sua guerra com a Polônia. Logo a 17 de outubro de 1939 ele insistira com o general Keitel, chefe do OKW, para levar em conta nos planos futuros o fato de que a região polonesa ocupada devia ser considerada como "um posto avançado que tem para nós enorme valor militar e que se tornará o ponto de partida de nova ofensiva. Consequentemente, as linhas férreas, estradas e meios de comunicação de toda ordem deverão ser mantidos em bom estado para servir a nossos objetivos. Deverão ser eliminadas todas as possibilidades de normalização da vida na Polônia". Depois, com ironia: "A 'economia polonesa' deve florir." [46]

Mas Hitler atravessou também a fronteira moral que tornou a guerra irreversível. Na mesma conversa com Keitel, exigiu que fosse anulado qualquer esforço que "uma *intelligentsia* polonesa pudesse fazer para fundar uma camada dirigente. O nível de vida daquele país deve permanecer muito

baixo: de lá só queremos mão de obra”. A Wartheland [A parte da Grande Polônia que fora prussiana em 1793], assim como o distrito industrial da Alta-Silésia foram incorporados ao Reich; o que restava do território foi organizado num Governo Geral sob a direção de Hans Frank, e inteiramente submetido, em parte por um impiedoso processo de germanização, em parte por uma guerra de escravização e de extermínio. Era preciso pôr Frank em condições, explicou Hitler, “de levar a cabo essa obra diabólica!” Já nos últimos dias de setembro, encarregara Himmler da “consolidação do campo” e, com o fim da administração militar em 25 de outubro de 1939, deu pista livre à “luta contra os restos nacionalistas”. Enquanto as unidades de SS e de polícia faziam funcionar seu regime de terror, prendendo, deportando, perseguindo, exterminando, ao ponto de que um oficial alemão falava, numa carta horrorizada, de “bandos de assassinos, de ladrões e saqueadores”, Hans Frank cantava os louvores da “Era do Leste” que começava agora para a Alemanha, um “tempo de reestruturação violenta, de colônia e repovoação”. [47]

O poder de Himmler crescia à medida que se acentuava o endurecimento ideológico e Hitler declarou, à guisa de cumprimento, que ele não hesitava em recorrer a “processos reprováveis”. Assim, não só se mantinha a ordem, mas se criavam cúmplices. [48] Parece que essa ideia tenha implicado, além de todos os projetos de expansão, o encaminhamento cada vez mais cínico do sistema para o crime, um programa de ligar a nação inteira ao regime mediante um delito enorme, de inspirar-lhe o sentimento de que todos os navios foram queimados, e de incutir aquele “sentimento de Salamina” que Hitler mencionara. Praticamente em todos os discursos pronunciados por Hitler desde o começo da guerra surgia como um exorcismo a fórmula de que novembro de 1918 não se repetira. Ele sentia sem dúvida alguma o que o general Ritter von Leeb anotou em seu diário, a 3 de outubro de 1939: “Moral baixo da população, nenhum entusiasmo, não há bandeiras nas fachadas das casas, todo mundo espera a paz. O povo sente a inutilidade da guerra”. [49] A política de extermínio praticada a leste, entretanto, fazia parte dos meios destinados a tornar a guerra irrevogável.

Hitler não tinha mais escapatória e estava de novo de costas contra a parede. Como costumava dizer, só restava agora “lutar até o fim”. Ao subsecretário de estado americano Sumner Welles, que foi visitá-lo em 2 de março de 1940, declarou que “não se tratava tanto de saber se a Alemanha seria aniquilada”. “A Alemanha”, disse, “se defenderá até o limite extremo; na pior das hipóteses, todos serão aniquilados.” [50]

PARTE VII

VENCEDOR E VENCIDO

24

O estrategista

Só um gênio consegue .
Wilhelm Keitel

Desde setembro passado, penso em Hitler como num morto .

Georges Bernanos

A PARTIR DE OUTUBRO DE 1939, Hitler tratou de transferir para o ocidente e reorganizar suas vitoriosas divisões. Como sempre acontecia quando chegava enfim a se decidir, uma febril necessidade de ação se apoderara dele, e é certo que a *Sitzkrieg* [guerra sentada, trocadilho com Blitzkrieg] — como se costumam chamar os meses da "guerra de mentira" que se seguiram — não correspondia a seu temperamento. Antes mesmo que chegasse até ele a reação das potências ocidentais ao seu "apelo de paz", convocou seus três comandantes das forças armadas, bem como Keitel e Halder, e leu para eles um memorando sobre a situação militar. O documento começava por um apanhado histórico sobre a atitude hostil da França desde a Paz da Westfália de 1648, justificando sua decisão de lançar imediatamente o ataque a oeste. Fixava como objetivo de guerra o "aniquilamento da força e da capacidade das potências ocidentais para (…) obstar, uma vez mais, o progresso do povo alemão na Europa". [1] Essas palavras mostram que a guerra no Ocidente era apenas um rodeio, tornado inevitável, para eliminar a ameaça na retaguarda, antes de empreender a grande campanha de conquista no Leste. Tratava longa e detalhadamente do método da guerra de movimento empregado na Polônia, que recomendava também para a campanha ocidental; o importante, explicava, era "manter o avanço pelo emprego maciço dos carros de combate — e evitar, assim, uma guerra de posição como a de 1914-18". Era o conceito que deveria, em maio e junho do ano seguinte, revelar-se altamente eficiente e ser coroado de um surpreendente sucesso.

Do mesmo modo que a Diretiva nº 6 para a conduta da guerra, emitida na mesma época, esse memo visava, no plano psicológico, vencer a relutância ainda existente entre os generais. "O fundamental é a vontade de vencer o adversário", exortou Hitler a sua plateia. [2] De fato, uma parte dos generais considerava que a intenção de Hitler de "chamar franceses e ingleses abertamente para o campo de batalha e aí vencê-los" era tão errado quanto

arriscado; eles recomendavam, ao contrário, levar a guerra, por assim dizer, “a adormecer”, através de uma atitude defensiva. Um dos generais falou em “acesso de loucura”. Von Brauchitsch, Halder e sobretudo o general Thomas, chefe do Rustungsamt, a repartição do armamento, bem como o general von Stulpnagel, subchefe do Estado-Maior do Exército, fizeram objeções técnicas baseadas na escassez dos estoques de combustível, no esgotamento da reserva de munição, nos perigos de uma campanha de inverno ou na força efetiva do inimigo; dessas reflexões políticas, militares e por vezes morais, nasceram novas resistências. Preocupado, Jodl disse a Halder, no início de outubro, que a obstrução a que se entregavam os oficiais representava uma “crise da pior espécie, e Hitler estava amargurado por não ser acompanhado pelos soldados”. [3]

Quanto mais os generais se mostravam recalcitrantes, tanto mais Hitler insistia em desencadear a ofensiva. Primeiramente, resolvera começar entre 15 e 20 de novembro. Depois antecipara a data para 12 de novembro, obrigando, assim, os oficiais a se decidirem. Como em setembro de 1938, eles se encontravam diante da seguinte alternativa: ou preparar uma guerra que consideravam funesta, ou derrubar Hitler com um golpe de estado; como naquela época, von Brauchitsch estava parcialmente decidido a dar-lhes auxílio, na retaguarda, e lá estavam as mesmas figuras de 1938: o coronel Oster, o coronel-general Beck, destituído nesse meio-tempo, o almirante Canaris, Carl Goerdeler, o antigo embaixador em Roma, Ulrich von Hassel e mais outros. O centro dessas atividades era o quartel-general na Zossen; no início de novembro, os conspiradores decidiram recorrer ao golpe de estado, se Hitler insistisse em atacar. Brauchitsch prontificou-se a fazer uma última *démarche* junto a Hitler, para tentar demovê-lo desse projeto, durante o encontro que teria com ele a 5 de novembro. Era o dia em que as tropas alemãs deviam ocupar sua linha de partida para o ataque contra a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo.

A conversa se desenrolou na chancelaria do Reich, em Berlim, e degenerou num conflito dramático. Aparentemente muito calmo, Hitler começou ouvindo as objeções que o comandante do exército tinha formulado numa espécie de contramemorial: rebateu secamente as referências às condições atmosféricas, observando que o tempo também era ruim para o adversário; refutou os argumentos relativos à insuficiência de instrução das unidades, notando que quatro semanas a mais ou a menos não fariam diferença, no caso. E quando Brauchitsch chegou a criticar a atitude das tropas durante a campanha da Polônia e falou de indisciplina, Hitler aproveitou a ocasião — que esperava ansiosamente — para se lançar a uma de suas furiosas diatribes.

Aos berros — dizem as anotações de Halder — exigiu provas, detalhes, quis saber em que unidades tinham acontecido esses incidentes, o que fora resolvido, se houvera condenações à morte, pois, nesse caso, ele mesmo iria investigar imediatamente nos setores e locais indicados; na realidade, fora o comando do exército que mostrara pouca propensão para o combate, e, por isso, diminuíra o ritmo do rearmamento; mas agora ele ia "extirpar esse espírito de Zossen". Brutalmente, impediu Brauchitsch de continuar a leitura de seu memorando, e, perturbado, o semblante pálido, o comandante-em-chefe deixou a chancelaria do Reich: "Brauchitsch completamente abatido", anotou um dos participantes. [4] Na mesma noite, Hitler confirmou uma vez mais, expressamente, a ordem de ataque para 12 de novembro.

Assim, embora se tenha apresentado a condição necessária ao golpe de estado, os conspiradores nada fizeram; a simples alusão ameaçadora ao "espírito de Zossen" fora suficiente para revelar sua fraqueza e indecisão. "É tarde demais, o momento passou", escreveu em seu diário o tenente-coronel Groscurth, confidente de Oster. Com uma pressa que o traía, Halder queimou todo o material comprometedor e interrompeu imediatamente os preparativos em curso. Quando, três dias mais tarde, Hitler escapou, na cervejaria Burgerbräukeller, de um atentado que foi claramente obra de um indivíduo isolado, o medo da onda de buscas intensas realizadas pela Gestapo acabou de aniquilar o que ainda podia restar desse plano de golpe de estado. [5] Por outro lado, o acaso favoreceu os conspiradores, livrando-os de uma eventual dor de consciência, porque, a 7 de novembro, foi preciso adiar a data da ofensiva, em razão do mau tempo. Na verdade, Hitler só consentira numa protelação de alguns dias; a resistência com que aceitava o adiamento das operações reclamado pelos oficiais fica visível no fato de que ele se repetiu vinte e nove vezes, entre novembro e o início de maio de 1940, quando o ataque finalmente começou. Durante a segunda metade de novembro, os comandantes das forças armadas foram convocados a Berlim, para submeter-se a um doutrinamento ideológico. Göring e Goebbels lhes dirigiram alocuções ao mesmo tempo incisivas e inflamadas, antes do dia 23 de novembro, quando o próprio Hitler se apresentou diante deles, e, em três discursos que não duraram menos de sete horas, procurou convencê-los e intimidá-los. [6] Numa evocação do passado, censurou-lhes a descrença e declarou que "estava profundamente ofendido", que não podia "suportar que alguém lhe dissesse que as tropas não estavam preparadas". E acrescentou, ameaçadoramente: "Uma revolução interna [é] impossível com ou sem vocês". Anunciou o caráter irrevogável de sua decisão de um ataque imediato no oeste, qualificou de insignificante a violação da neutralidade belga e holandesa criticada por certos oficiais — "Quando tivermos vencido,

ninguém mais falará nisso" — e terminou exclamando: "Não recuarei diante de nada e destruirei quem quer que se oponha a mim". O discurso terminava assim:

> Estou decidido a levar minha vida de maneira a poder morrer decentemente, quando chegar a hora. Quero destruir o inimigo. Em meu apoio tenho o povo alemão, cujo moral só pode… Se sairmos vitoriosos do combate — e vitoriosos sairemos – nossa época ocupará um lugar na história do nosso povo. Nesta luta, resistirei ou tombarei. Não sobreviverei à derrota do meu país. Externamente, nada de capitulação; internamente, nada de revolução.

A "crise dos oficiais" do outono de 1939 teve implicações que duraram no tempo. De acordo com sua natureza, que só admitia sentimentos inteiriços, totais, Hitler, daí em diante, nunca mais teve muita confiança na lealdade de seus generais, nem no valor de seus conselhos técnicos; e a impaciência com que se pôs imediatamente à frente de suas tropas, assumindo pessoalmente o papel de generalíssimo, teve origem nesses acontecimentos. Por outro lado, a fraqueza e subserviência de espírito mostradas novamente pelos generais, principalmente pelo Alto-Comando do Exército (*OKH-Oberkommando des Heeres*), vieram ao encontro de sua intenção de ultrapassar seus generais, reduzindo o comando militar a funções puramente instrumentais. Desde os preparativos do golpe contra a Dinamarca e a Noruega, com o qual contava garantir o controle do minério sueco bem como ter uma base de operações para sua luta contra a Inglaterra, Hitler eliminou totalmente o OKH. Atribuiu a execução do projeto a um estado-maior especial do Alto-Comando das Forças Armadas (*OKW-Oberkommando der Wehrmacht*), montando, assim, no âmbito da hierarquia militar, o sistema de instâncias rivais entre si, um dos postulados do exercício de sua autoridade. Suas hipóteses se concretizaram brilhantemente quando o empreendimento altamente perigoso do início de abril de 1940 — operação que contrariava todos os princípios fundamentais da orientação de uma guerra marítima tradicional e que os estados-maiores aliados tinham considerado impraticável — terminou com sucesso total. Desde então, nunca mais encontrou oposição aberta por parte de seus generais; para se ter uma ideia do grau de apatia deles, basta lembrar que, depois da crise do outono, Halder tinha-se dirigido ao secretário de estado von Weizsäcker, perguntando-lhe se não seria possível fazer pressão sobre Hitler arranjando "uma profetisa; ele se comprometia a arranjar um milhão de marcos para isso". Por outro lado, Brauchitsch tinha dado a um dos seus visitantes a impressão de estar "completamente esgotado, liquidado". [7]

No alvorecer de 10 de maio de 1940, começou afinal a tão esperada ofensiva ocidental. Na noite da véspera, o coronel Oster informara o adversário da iminência do ataque, por meio do adido militar holandês em Berlim, coronel G.J. Sas, de quem era amigo. Mas, quando, naquela manhã,

ouviram-se o troar dos canhões e o barulho dos bombardeiros, os estados-maiores aliados, que permaneciam céticos por terem pensado que fosse uma armadilha, foram apanhados completamente de surpresa. Conseguiram, porém, enfim, deter o avanço alemão ao leste de Bruxelas, contrapondo ao invasor grandes contingentes de forças francesas e inglesas deslocadas a toda pressa do norte da França. O fato de que sua contraofensiva quase não foi fustigada pela Luftwaffe não despertou desconfiança; pois aí estava, na realidade, a armadilha a que se quis atraí-los e em que eles caíram sem se aperceber; pode-se dizer, rigorosamente, que esse erro lhes custou a vitória.

Originalmente, a concepção alemã da campanha tinha previsto, recorrendo à ideia de base do plano Schlieffen, um movimento que contornasse a linha fortificada francesa com um avanço em força através da Bélgica, depois para noroeste. Na verdade, o comando alemão tinha consciência do problema que esse projeto criava: faltava-lhe, antes de tudo, o elemento surpresa, de sorte que a ofensiva corria o risco de ser contida mais depressa ainda do que na Primeira Guerra Mundial e de cair mais rapidamente à guerra de posição. Além disso, exigia a intervenção de grande massa de carros de combate num terreno cortado de rios e canais e parecia comprometer a rapidez de decisão sobre que repousava o plano da guerra tal como a concebia Hitler. Mas não se via outra opção. Um plano proposto pelo general von Manstein, chefe do estado-maior do Grupo de Exércitos A, em outubro de 1939, fora rejeitado por Brauchitsch e Halder, e o próprio Manstein se viu destituído de sua função. Ele preconizara que o eixo de força do avanço alemão fosse transferido da ala direita para o centro, a fim de que a estratégia reconquistasse assim o elemento surpresa, porque, segundo opinião geral, as Ardenas não se prestavam a uma grande operação de blindados. Aliás, o comando francês guarnecera apenas levemente esse setor do *front* , e era aí que von Manstein baseara seu plano: uma vez que os alemães tivessem triunfado nesse território cheio de vales e florestas, nada mais teriam a fazer senão avançar quase sem obstáculo até o mar por essa vasta planície da França setentrional, isolar de suas bases os exércitos aliados enviados à Bélgica e obrigá-los a combater de costas para o litoral.

O que, antes de tudo, havia irritado o OKH, isto é, o caráter insólito, imprevisível desse plano, foi na realidade o que despertou imediatamente o interesse de Hitler. Parece que, antes de ouvir falar do plano Manstein, ele próprio tivera ideias análogas, de forma que, nos meados de fevereiro, após um encontro com o general, ordenou que o plano fosse reexaminado. Essa decisão viria a ter uma importância fundamental.

Com efeito, não foi absolutamente a superioridade numérica ou técnica do

armamento que fez da guerra na frente ocidental uma espantosa marcha para a vitória. As forças em confronto a 10 de maio eram mais ou menos iguais; quando muito, podia-se constatar uma leve superioridade em favor dos aliados. Pois, frente às 137 divisões das potências ocidentais, às quais ainda deviam-se acrescentar trinta e quatro divisões holandesas e belgas, alinhavam-se 136 divisões alemãs; as forças aéreas aliadas contavam com cerca de 2.800 aviões, e os alemães um milheiro a mais; aos 3 mil tanques e veículos blindados do adversário, os alemães opunham 2.500, reunidos na maioria em divisões Panzer. Mas o que fez pender a balança foi o plano infinitamente superior dos alemães; Churchill, com justeza, qualificou essa estratégia de "golpe de foice" que obrigou os aliados [8] a uma "batalha de frente invertida".

O impacto da ofensiva alemã sobre a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo — que se desencadeou, mais uma vez, sem qualquer declaração de guerra e começou por destruir as forças aéreas inimigas — fez a "fortaleza da Holanda" cair em cinco dias. A ideia de Hitler, de lançar na retaguarda inimiga pequenas unidades de pára-quedistas especialmente treinados, desempenhou papel decisivo nesse êxito tão rápido. O sistema defensivo central da Bélgica desmoronou da mesma maneira, quando o forte Eben Emael, chave principal da defesa de Liège, caiu nas mãos de uma dessas unidades que desceu de planadores dentro da própria área do forte. Entrementes, o ataque — absolutamente inesperado para os adversários — através do Luxemburgo e das Ardenas fazia rápidos progressos; já em 13 de maio, os blindados atravessaram o Mosa em Dinant e Sedan; Laon caiu a 16 de maio; a 20 de maio, caiu Amiens e, na mesma noite, os tanques da vanguarda atingiram as praias do Canal. O avanço era às vezes tão rápido que as tropas de linha perdiam contato com a vanguarda, e Hitler, sempre desconfiado, não acreditava em seu triunfo: "O Führer está extremamente nervoso", anotou Halder a 17 de maio, "tem medo de seu próprio êxito, não quer arriscar nada e prefere mandar-nos parar". E, no dia seguinte: "O Führer num temor incompreensível em relação ao flanco sul. Agita-se e berra que estamos a ponto de pôr a perder toda a operação e que a gente se expõe ao perigo de uma derrota." [9]

Na realidade, esse perigo não existia. Quando o novo primeiro-ministro inglês Winston Churchill, alarmado com a situação do *front* , foi nesses dias a Paris, o general Gamelin, comandante-em-chefe dos exércitos aliados, confessou-lhe que a maior parte de suas tropas motorizadas tinha caído na armadilha dos alemães. Numa ordem do dia de 17 de maio, que evocava lembranças gloriosas, pois retomava, palavra por palavra, o apelo do general

Joffre na véspera da Batalha do Marne, os soldados foram concitados a não recuar um passo sequer. Mas o estado-maior aliado não conseguiu reunir suas forças em retirada para formar novas linhas e organizar uma contraofensiva. Se os blindados da vanguarda do general Guderian, chegados no dia 24 de maio a alguns quilômetros ao sul de Dunquerque, não tivessem recebido ordem de parar nas linhas atingidas, mesmo sem contato com o inimigo, a derrota dos aliados teria sido total: por causa dessa hesitação de quarenta e oito horas, restou-lhes um porto e, por conseguinte, a chance de escapar. Durante cerca de uma semana, e numa das improvisações mais aventurosas dessa guerra, improvisação que utilizou quase novecentas embarcações de todos os tamanhos, na maioria pequenas, barcos de pesca, traineiras, lanchas de recreio e iates particulares, a maior parte das tropas — cerca de 340 mil homens — escapou para a Inglaterra.

A responsabilidade por essa parada diante de Dunquerque foi, posteriormente, motivo de longas discussões entre as hipóteses mais diversas: o próprio Hitler teria dado a ordem, a fim de permitir que o grosso das forças inglesas escapasse, para não fechar definitivamente a porta a um possível acordo com a Inglaterra. Mas essa decisão contradiria não só os objetivos de guerra definidos em sua exposição, como também por sua Diretriz nº 13, de 24 de maio, que começava assim: “O próximo objetivo desta operação é o aniquilamento das forças francesas, inglesas e belgas cercadas no Artois e em Flandres, por um ataque concentrado de nossa ala norte (…) A tarefa da Luftwaffe consistirá em quebrar toda tentativa de resistência do inimigo cercado [e] impedir a evasão das forças inglesas para o outro lado do Canal”. [10] O motivo que provocara, da parte de Hitler, essa ordem de deter o avanço, e que aliás enfrentara violentos protestos do OKH, teve, entretanto, um defensor: o comandante do Grupo de Exércitos A, von Rundstedt, preocupado em dar algum repouso às tropas blindadas, fatigadas por quinze dias de combates constantes antes da batalha decisiva na França. As fanfarronadas de Göring, afirmando que a sua Luftwaffe transformaria o porto de Dunquerque num mar de chamas, acabaram por firmar Hitler em sua resolução. Quando a cidade, que dez dias antes estivera exposta, sem defesa, ao alcance dos canhões de Guderian, caiu finalmente em mãos dos alemães a 4 de junho, Halder anotou sucintamente: “Dunquerque tomada, atingida a costa. Até os franceses se foram.” [11]

Mas não foi unicamente ao plano de operações, superior como este fosse realmente, que se deveram os êxitos alemães. Quando os exércitos de Hitler, depois da manobra do cerco, volveram a frente em direção ao sul, depararam com um adversário desanimado, abatido, num derrotismo agravado ainda

mais pelo malogro do norte. O comando francês operava com unidades já derrotadas, com divisões dispersas, em deserção ou em debandada; no fim de maio, um general inglês dissera que o exército francês era uma “escumalha” sem a menor disciplina. [12] Milhares de refugiados entupiam as estradas em carroças e carros entulhados com seus pertences, impedindo o movimento das tropas e envolvendo-as no caos, em meio ao pânico criado pelas bombas e sirenes dos Stukas que davam mergulhos sobre a multidão — em meio a essa desordem indescritível toda tentativa de resistência militar esfumou-se: o país estava preparado para a derrota, não para o colapso. Do QG de Briare restava um único meio de comunicação com as tropas e o mundo exterior: um solitário aparelho de rádio, que, assim mesmo, não funcionava entre meio-dia e 14 horas, porque a funcionária dos correios encarregada ia almoçar. Quando o general Brooke, comandante do corpo expedicionário inglês, perguntou quais eram as divisões previstas para a defesa da “Fortaleza Bretanha”, o general Weygand, novo comandante-em-chefe francês, limitou-se a dar de ombros com resignação: “Sei bem que é só um fantasma”. O general Blanchard e inúmeros outros olhavam para o mapa das operações como se contemplassem uma parede branca: dir-se-ia que de fato o céu tinha desabado sobre a França. [13]

Embora, com relação à batalha pela França, o plano alemão tivesse previsto apenas uma pequena reação do adversário, e as instruções parecessem indicar mais um exercício de marcha do que uma campanha propriamente dita, Hitler também não ficou menos surpreso com a rapidez de seu próprio avanço. No dia 14 de junho, suas tropas passaram a Porte Maillot, em Paris, e arriaram a bandeira tricolor que tremulava na Torre Eiffel; três dias depois, Rommel cobria mais de duzentos e quarenta quilômetros em um só dia, e quando, nesse mesmo dia, Guderian anunciou que tinha atingido Pontarlier, Hitler perguntou, por telegrama, se não se tratava de um erro: “Sem dúvida, trata-se de Pontailler-sur-Saône (…) ” Mas Guderian respondeu: “Não há engano, estou pessoalmente em Pontarlier, na fronteira suíça”. [14] De lá, ele tornou a subir em direção ao nordeste e entrou na Linha Maginot pela retaguarda. Esse sistema fortificado, que dominava não só a estratégia da França mas todo o seu pensamento, caiu, por assim dizer, sem combate.

Diante da vitória alemã, que nessa altura já se tornara evidente, a Itália apressou-se a acorrer com seu auxílio. Mussolini sempre dizia que detestava a reputação que tinha seu país de não ser exatamente um cumpridor de sua palavra e queria torná-la coisa do passado, através de uma “política reta como uma espada”— mas as circunstâncias não se prestaram a seus desígnios. Sua

decisão inicial de manter-se fora da guerra se abalara seriamente em outubro, ante o êxito alemão na Polônia; em novembro, Mussolini já achava “de todo insuportável” a ideia de que Hitler podia ganhar a guerra; em dezembro, disse abertamente a Ciano que desejava uma derrota alemã e prevenira a Holanda e a Bélgica sobre a data da ofensiva germânica, antes de, em janeiro, enviar uma carta a Hitler, na qual ele, o “decano dos ditadores”, expressava os sentimentos que sua “antiguidade fascista” lhe inspirava, com conselhos ponderados para desviar o dinamismo de Hitler em direção ao leste: [15]

> Ninguém melhor do que eu, que já tenho quarenta anos de experiência política, sabe que a política tem suas exigências táticas. Isto se aplica também a uma política revolucionária (…) Por isso compreendo que você (…) tenha evitado a segunda frente. Dessa maneira, a Rússia se tornou a grande beneficiária da guerra na Polônia e territórios bálticos, e isso sem mover um dedo. Mas eu, que sou um revolucionário nato e que jamais mudei em meus propósitos, digo-lhe que você não pode constantemente sacrificar as ideias fundamentais de sua revolução às exigências táticas de um determinado instante de sua política. Estou convencido de que você não deve deixar cair a bandeira antissemita e do antibolchevique que elevou tão alto durante vinte anos (…) e eu nada mais faço do que cumprir meu estrito dever, ao acrescentar que um só passo a mais no sentido de consolidar suas relações com Moscou teria, na Itália, efeitos desastrosos. (…)

Todavia, por ocasião de um encontro no Brenner, em 18 de março de 1940, Hitler conseguiu, sem muita dificuldade, eliminar a inquietude de Mussolini e reacender nesse parceiro de longa data velhos complexos de admiração e instinto de rapina. “Não podemos perder de vista que o Duce é fascinado por Hitler” — escreveu Ciano — “e essa fascinação, além disso, combina com sua índole propensa à ação”. E viu-se que crescia em Mussolini o desejo de tomar parte na guerra. Seria aviltante, afirmava, “ficar de braços cruzados, enquanto outros fazem a história. Pouco importa quem triunfará. Para que um povo se torne grande, é preciso mandá-lo combater, nem que seja à força de pontapés no traseiro. É o que farei”. [16] Com a cegueira de um comparsa fascinado e contra a vontade de seu rei, da indústria do país, do exército e mesmo contra a vontade de uma parte de seus companheiros de armas mais influentes do Gran Conselho, ele trabalhou, daí em diante, pela entrada da Itália na guerra. Quando, nos primeiros dias de junho, o marechal Badoglio, ante a ordem de dar início à ofensiva, objetou que seus soldados “nem sequer tinham camisas suficientes”, Mussolini respondeu com desdém: “Garanto que tudo estará terminado em setembro e bastam-me alguns milhares de mortos para que eu possa falar como líder guerreiro na conferência de paz”. A 10 de junho, as tropas italianas desfecharam o ataque, mas tiveram que parar nos arredores do balneário de Menton, na fronteira. Fora de si, o ditador bradou: “Falta material. Até Michelangelo precisava de mármore para fazer uma estátua. Tivera apenas barro, teria sido apenas um oleiro.” [17] Mas, uma semana depois, os acontecimentos ultrapassaram suas mais loucas ambições: quando o marechal Pétain foi encarregado pelo presidente Lebrun de formar novo

gabinete, seu primeiro ato de governo foi solicitar ao governo espanhol que transmitisse às potências do Eixo um pedido de armistício.

Hitler recebeu essa notícia na pequena aldeia belga de Bruly-le-Pêche, perto da fronteira francesa, onde estava seu quartel-general. Uma tomada cinematográfica trouxe até nós a explosão de seus sentimentos: uma dança de alegria, estilizada pela consciência de seu papel, a perna direita levantada, rindo, enquanto, sacudindo a cabeça, batia com a mão na coxa: e foi aí, depois de lhe prestar uma exaltada homenagem, que Keitel o saudou com o título de “o maior chefe guerreiro de todos os tempos”. [18]

De fato, eram êxitos sem precedentes. Em três semanas, a Wehrmacht varrera a Polônia; em pouco mais de dois meses, dominara a Noruega, a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica, o Luxemburgo e a França, rechaçara os ingleses para dentro de sua ilha, desafiando-lhes a esquadra. E tudo isso à custa de perdas relativamente baixas, pois, em comparação com os 27 mil mortos que a campanha custara à Alemanha, o inimigo tinha perdido 135 mil homens. Por certo não se deve atribuir os êxitos da campanha ocidental apenas às aptidões de general de Hitler; mas eles também não resultaram unicamente de fatores de chance, do valor dos conselhos recebidos ou da falência do adversário. A importância que podiam ter unidades blindadas fora, no decorrer dos anos 1930, percebida na França e noutros países, mas Hitler tinha sido o único a tirar conclusões práticas disso, e, não sem encontrar resistências, equipara a Wehrmacht com dez divisões blindadas; bem mais clarividente do que seus generais, presos a concepções tradicionais, viu logo a fraqueza e a desmoralização da França, e, por mais reduzida que possa ter sido sua contribuição ao Plano von Manstein, não deixou de perceber imediatamente sua importância e, nesse sentido, mudou o conceito operacional alemão. Seja como for, nessa época Hitler demonstrou grande percepção das possibilidades não convencionais, aumentada pela liberdade de julgamento inerente a seu espírito de autodidata. Dedicara-se longa e intensivamente à literatura militar técnica e profissional; durante toda a guerra, seus livros de cabeceira eram quase unicamente almanaques navais e manuais de ciência militar. Tinha estupenda memória para tudo o que se relacionava com teoria e história da guerra e amplo conhecimento dos detalhes técnicos militares; disso tirava ideias de intervenções eficientes; muitas vezes surpreendeu e irritou seu círculo pela segurança quase fantástica com que podia citar tonelagens, calibres, dimensões ou o material dos diversos sistemas de armamento. Mais ainda: era capaz de utilizar seus conhecimentos com uma espécie de fantasia; tinha um senso profundo das possibilidades de emprego e da eficácia das

armas modernas, acompanhado de uma aguda intuição da psicologia do adversário — e todas essas faculdades se manifestavam por meio de efeitos de surpresa cuidadosamente preparados, uma notável previsão das respostas táticas, um faro quase sobrenatural do instante propício: dele partiu a ideia do golpe de mão contra o Forte Eben Emael, assim como a de colocar sirenes estridentes e assustadoras [19] nos Stukas, ou equipar os blindados com canhões longos e obuses, contra a opinião de inúmeros especialistas. Não sem razão se diz dele que era "um dos especialistas militares mais universalmente informados de seu tempo", [20] e não há dúvida de que não era o "cabo em comando" de que fala uma parte de pretensiosos defensores dos generais alemães.

Pelo menos, ainda era esse o caso, nessa época em que ele tinha o monopólio da iniciativa. A situação mudou na hora da virada, quando suas fraquezas começaram a superar suas forças, incontestavelmente presentes, e quando sua audácia operacional não foi mais do que uma absurda superestimativa de suas faculdades; nesse momento, sua energia tornou-se teimosia e sua coragem não foi mais do que a manifestação de sua índole de jogador — mas essa reviravolta sobreveio bem mais tarde. E foram precisamente os generais — entre os quais primeiro aqueles que se tinham mostrado mais recalcitrantes — que, sob a impressão do brilhante sucesso obtido contra o temido adversário que era a França, terminaram por se render a seu "gênio". Reconheceram que as análises da situação feitas por Hitler eram bem superiores às suas próprias, porque não se baseavam unicamente em considerações militares, mas tinham em conta aquilo que ultrapassava o horizonte limitado dos especialistas; é aí que convém pesquisar uma das razões da confiança — de outra forma incompreensível — despertada constantemente pelas enganadoras garantias de vitória final, pelos castelos de cartas incessantemente reconstruídos nos anos posteriores. O triunfo da campanha da França trouxe a Hitler um novo acréscimo da autossatisfação já profunda e deu novo alento à consciência que ele tinha de ser chamado à mais alta das consagrações, a do campo de batalha.

A negociação do armistício germano-francês começou em 21 de junho. Três dias antes, Hitler fora a Munique para encontrar Mussolini e pôr um freio aos apetites e às pretensões de seu aliado italiano. Pois, para seu papel de figurante no campo de batalha, o Duce exigia nada menos do que Nice, a Córsega, a Tunísia e Djibuti, mais a Síria, pontos de apoio na Argélia, ocupação do sul da França até o Ródano, a entrega da totalidade da esquadra francesa, bem como, se fosse o caso, Malta e a transferência dos direitos ingleses sobre o Egito e o Sudão. Mas Hitler, embora preocupado, desde

aquele instante, com a próxima fase da guerra, soube fazê-lo compreender que a ambição italiana retardaria a vitória sobre a Inglaterra. Pois a forma e as exigências do armistício deviam exercer um grande efeito psicológico sobre a resolução da Inglaterra de continuar a guerra; melhor, Hitler temia também que a moderna esquadra francesa, que lhe escapara e se refugiara em diversos portos da África do Norte e da Inglaterra, fizesse grandes exigências, como pretexto para passar para o lado do inimigo, ou continuar, das colônias, o combate em nome da França; enfim, talvez ele tenha sido tocado por um fugaz sentimento de magnanimidade; como quer que seja, conseguiu dissuadir Mussolini de seus sonhos de conquistas demasiado fáceis e convencê-lo de que, afinal de contas, era infinitamente mais importante conseguir a aceitação do governo francês para o armistício. Por mais decepcionados que ficassem os italianos em renunciar a seus belos planos, a "presença" de Hitler e seus argumentos os impressionaram; o irônico Ciano observa a respeito disso: "Ele falou com moderação e perspicácia, coisa surpreendente depois de vitórias como a sua. Não me podem acusar de parcialidade a seu favor, mas, neste momento, admiro-o sinceramente". [21]

Hitler demonstrou menos grandeza d'alma na arrumação da cerimônia do armistício; sua obsessão de um simbolismo humilhante o levou a decidir que o ato se desenrolaria na floresta de Compiègne, a nordeste de Paris, onde, em 11 de novembro de 1918, tinham sido dadas à delegação alemã as condições para o fim das hostilidades. O vagão ferroviário onde se realizara esse encontro histórico foi retirado do museu e puxado para a clareira onde estivera em 1918; o monumento comemorativo representando a águia alemã abatida foi recoberto com uma bandeira. O texto francês das condições de armistício só tinha sido concluído na noite anterior, na pequena igreja da aldeia belga de Bruly-le-Pêche, à luz de velas; de momento a momento, Hitler aparecera por lá, para se informar, junto aos tradutores, do andamento dos trabalhos.

O próprio encontro em si ressaltava também o caráter dessa reparação simbólica. Quando Hitler, pouco antes das 15 horas, acompanhado de imponente escolta, desceu de seu carro, avançou inicialmente até o bloco de granito situado no meio da clareira. Contemplou a inscrição que falava do "orgulho criminoso da Alemanha quebrado neste lugar" — e, com as pernas afastadas uma da outra, pôs as mãos na cintura, num gesto triunfante de bravata e desprezo por esse lugar e tudo quanto ele representava. [22] Depois de ter dado ordem para destruir o monumento, subiu ao vagão e tomou lugar na cadeira que fora ocupada pelo marechal Foch em 1918. Os preâmbulos do armistício, que Keitel leu poucos instantes depois para a delegação francesa,

evocavam, mais uma vez, a história: a violação de promessas solenemente feitas, "o doloroso calvário do povo alemão" que tinha começado ali e fora pejado de "desonra e humilhação". Agora, ia ser apagado nesse local "o maior opróbrio de todos os tempos". Antes mesmo que o texto dos acordos fosse entregue aos franceses, Hitler se levantou, fez a saudação com o braço estendido, e saiu do vagão. Lá fora, uma banda militar tocava o hino nacional alemão e o *Horst Wessel Lied* .

Nesse dia, 21 de junho de 1940, quando se dirigia para seu carro por uma das alamedas de faias que partiam em leque da clareira, ele chegara ao ponto mais alto de sua carreira. Outrora, em seus primeiros dias, jurara a si mesmo não descansar enquanto não reparasse a injustiça de 1918, o que atraíra partidários e conquistara ouvintes. Agora chegava ao objetivo. O velho ressentimento não perdera nem um pouco de sua intensidade, e, mais uma vez, se manifestava plenamente. Porque os alemães, por mais absurda que tivessem julgado inicialmente a guerra, viram na cena de Compiègne um ato de justiça metapolítica, e celebraram, não sem uma profunda emoção, o momento do "direito restaurado". [23] Naquele dia, muitas dúvidas perderam sua importância quando não se transformaram em respeito e dedicação; o ódio estava isolado. No decurso dos anos anteriores, raramente a nação se identificara de maneira tão incondicional com o regime; o próprio Friedrich Meinecke escreveu: "Quero (…) modificar meu modo de ver em muitos casos, mas não em todos". [24] O boletim social-democrata da segunda metade de junho falava de uma íntima coesão do povo alemão como nunca houvera antes; mesmo os adversários comunistas operando na ilegalidade haviam suspendido toda atividade organizada, e tão-somente certos círculos eclesiásticos perseveravam num comportamento "*defaitista* ". Um pouco desse profundo sentimento de solenidade que cercava o acontecimento manifestou-se no comportamento de Hitler. Na noite de 25 para 26 de junho, antes de se estabelecer a paz do armistício, ele deu ordem para apagar todas as luzes e abrir as janelas de sua casa campestre de Bruly-le-Pêche, e, durante alguns minutos, seu olhar se perdeu dentro da noite.

Três dias depois, Hitler seguiu para Paris. Tinha reunido uma comitiva de entendidos em arte, entre os quais Albert Speer, Arno Breker e o arquiteto Hermann Giesslen. Do aeroporto, foi diretamente para a Ópera, tomando a frente do cortejo para visitar, como bom conhecedor, o imenso teatro. Subiu os Champs-Elysées, fez a coluna de viaturas parar diante da torre Eiffel, ficou bastante tempo diante do túmulo de Napoleão, sob a cúpula nos Invalides, entusiasmou-se com a Place de la Concorde antes de ir a Montmartre, onde achou Sacré-Coeur horrível. Três horas depois, partia de volta. Mas disse que

o “sonho de sua vida” estava realizado. Sem parar, empreendeu, com dois antigos companheiros de combate, uma excursão de vários dias pelos campos de batalha da Primeira Grande Guerra [25] e visitou a Alsácia. No começo de julho, entrou em Berlim em meio a aclamações, repicar de sinos e flores. Foi o último cortejo triunfal de sua vida, a última vez em que ele se embriagou com o encantamento das grandes ovações de que tinha necessidade e das quais, de agora em diante, seria cada vez mais privado, no lento desfazer de sua aparição.

Todavia, a grande parada militar com a qual queria tomar posse solenemente da capital francesa foi cancelada — em parte, por deferência à sensibilidade dos franceses; em parte, porque Göring não esteve em condições de garantir a segurança contra os ataques aéreos ingleses. De fato, Hitler continuava pouco seguro sobre a reação dos ingleses e espreitava com atenção cada um dos seus movimentos. Nos acordos do armistício germano-francês, introduzira um artigo que implicava uma tácita proposta de paz dirigida à Inglaterra, [26] e quando, em Berlim, no início de julho, Ciano lhe apresentou novamente as pretensões italianas, ele as repeliu, sob o pretexto de que era preciso evitar tudo quanto pudesse despertar as veleidades de resistência do outro lado do Canal. Enquanto, no Ministério do Exterior, já eram esboçadas proposições detalhadas com vistas a um tratado de paz, ele pessoalmente preparava seu comparecimento ao Reichstag, a cuja consideração desejava apresentar “uma oferta generosa”. Mas falou também, em caso de rejeição, de sua “resolução de desencadear uma tempestade de ferro e fogo sobre a Inglaterra”. [27]

Entretanto, o sinal esperado não veio. A 10 de maio, no momento em que a Wehrmacht desencadeava sua ofensiva no ocidente, o primeiro-ministro Chamberlain cedeu o lugar a Winston Churchill, havia anos o mais decidido opositor de Hitler. Na verdade, o novo chefe do governo tinha advertido seus concidadãos, em seu primeiro discurso, de que só lhes podia oferecer “sangue, trabalho, suor e lágrimas”, [28] mas dir-se-ia que a Europa profundamente derrotista, tão intimamente embaraçada em acordos complicados com Hitler, reencontrou, com este homem, suas normas, sua linguagem habitual e seu desejo de independência; ele deu ao conflito — para além de todos os interesses políticos — o grande motivo moral, em sentido simples e perceptível a todos, de uma legenda exemplar. Se é verdade que durante os anos 1930 Hitler não encontrou adversário do seu porte, também é verdade que se precisa conhecer a verdadeira dimensão de uma época para poder avaliar aquele que a dominava. Em Churchill, Hitler não encontrou só um contraditor. Para a Europa, vítima do pânico, o ditador alemão assumira a

aparência de um destino inelutável: Churchill o reduziu às proporções de uma força que é possível vencer.

Já em 18 de junho, na manhã do dia em que o governo francês tinha, como disse Churchill, "tomado a triste decisão" de capitular, ele se apresentara diante da Câmara dos Comuns expressando sua firme resolução de continuar a luta de qualquer forma: "Se o Império Britânico e sua Commonwealth ainda existirem daqui a mil anos, a posteridade dirá: esta foi sua hora mais bela". Febrilmente, ele organizou a guerra e a defesa das ilhas britânicas contra a temida invasão. A 3 de julho, enquanto Hitler ainda esperava um sinal de conciliação, Churchill manifestou mais uma vez sua inflexibilidade, dando ordem à esquadra inglesa para abrir fogo contra os aliados da véspera, isto é, contra os navios franceses fundeados no porto de Oran. Estupefato, decepcionado, Hitler adiou *sine die* seu discurso ante o Reichstag, previsto para 8 de julho. Na exaltação da vitória, achara antecipadamente que os ingleses renunciariam a um combate que ele imaginava sem saída, ainda mais que continuava sem qualquer intenção de tocar no império deles. Mas Churchill deixou claro, multiplicando os gestos demonstrativos, que não haveria negociações. Disse na rádio de Londres em 14 de julho:

> Aqui, nesta poderosa cidadela da liberdade que abriga os documentos do progresso humano, aqui, rodeados de mares e de oceanos onde reina nossa esquadra, aqui esperamos sem medo o assalto que nos ameaça. Talvez venha hoje, talvez na próxima semana, talvez jamais venha (…) Mas, quer nosso tormento seja terrível ou lento, ou ambas as coisas, não aceitaremos qualquer acordo, não consentiremos em parlamentar; talvez mostremos clemência: mas não a pediremos. [29]

Em seguida, 19 de julho, às 19 horas, Hitler reuniu o Reichstag na Ópera Kroll. Num discurso de várias horas, respondeu a Churchill e ao governo inglês:

> Sofro em pensar que a fatalidade me designou para fulminar o que esses homens destinam à destruição; pois minha intenção não era fazer a guerra, mas construir um novo estado social da mais alta cultura. Cada ano de guerra me atrasa a execução dessa tarefa. E a razão desta frustração são pretextos ridículos que se podem classificar, quando muito, como um produto natural da política. Mr. Churchill acaba de declarar, mais uma vez, que deseja a guerra. Ele (…) deveria, desta vez, e excepcionalmente, acreditar em mim quando, profeticamente, anuncio-lhe o que se segue:
>
> Um grande império mundial será destruído por esta guerra. Um império que jamais esteve em minhas intenções aniquilar ou prejudicar. Mas eu me dou conta, e muito claramente, de que esta luta não pode ser interrompida senão pela completa destruição de um dos dois beligerantes. Mr. Churchill talvez pense que será a Alemanha. Quanto a mim, sei que vai ser a Inglaterra. [30]

Contrariamente às expectativas, o discurso de Hitler não continha a famosa grande oferta de paz, mas unicamente um "apelo geral à razão", e essa mudança representa o primeiro documento de sua resolução, nascida da implacabilidade de Churchill de jamais confiar numa paz com a Inglaterra. Para não dar impressão de fraqueza, Hitler associou sua presença no

Reichstag a uma exibição de seu poderio militar nomeando Göring marechal do Reich (*Reichsmarschall*), promovendo doze generais ao posto de marechal-de-campo e mandando publicar uma longa lista de promoções militares. Mas que suas esperanças tinham sofrido uma séria decepção é fácil ver-se no fato de que, três dias antes de se apresentar no Reichstag, ele tinha emitido a “Diretriz nº 16” relativa aos preparativos de uma operação de desembarque na Inglaterra, sob o nome código de *Seelöwe* — leão marinho.

É bastante significativo que, até ali, Hitler não tivesse elaborado qualquer plano para a continuação da guerra contra a Inglaterra: tratava-se de um combate que não entrava no seu conceito geral e a mudança da situação não tinha conseguido levá-lo a modificar suas ideias de princípio. Mal-acostumado pela boa sorte e pela fraqueza de seus recentes adversários, confiava em seu gênio, no acaso, numa oportunidade como as que que tão bem aprendera a explorar no momento exato. Noutras palavras, os planos da Diretriz 16 eram mais o indício de uma irritação impotente do que um projeto operacional; basta a frase de abertura para comprová-lo: “Uma vez que a Inglaterra, a despeito de sua desesperadora situação militar, ainda (!) não deu o menor sinal de estar disposta a um acordo, decidi proceder a todos os preparativos necessários a uma operação de desembarque na Inglaterra, projeto que executarei se necessário (!)”. [31] Portanto, não está de todo excluído que Hitler jamais tenha levado seriamente em consideração o desembarque em solo inglês e que se aproveitou disso apenas como uma arma na guerra de nervos. Desde o outono de 1939, o comandante da Marinha de Guerra, almirante Raeder teimava inutilmente em tentar interessar o Führer no problema de uma operação de desembarque; toda vez que concordava em princípio, Hitler punha-se imediatamente a levantar objeções e a invocar dificuldades que nunca o haviam detido em outros projetos. Cinco dias depois de dar a Diretriz 16, ele se entregava a comentários do maior pessimismo sobre os perigos que apresentava a operação. Exigiu quarenta divisões, uma solução para o problema de suprimentos, o completo domínio do ar, a montagem de um vasto sistema de artilharia pesada ao longo das costas do Canal, bem como uma operação de minagem em grande escala, e, para executar tudo isso, concedia apenas um prazo total de seis semanas: “Se não for absolutamente certo que esses preparativos estarão concluídos no início de setembro, será necessário examinar outros planos.” [32]

As tergiversações de Hitler não se deviam unicamente ao fato de que suas relações com a Inglaterra eram bastante influenciadas por seus complexos; ele entendeu bem o tipo de resistência aludida por Churchill. Uma potência mundial dotada de numerosos e vastos pontos de retirada possíveis no além-

mar, dispunha de todas as possibilidades de resistir. A invasão ou a conquista eventual da mãe-pátria não significaria obrigatoriamente sua derrota. A Inglaterra podia continuar a guerra do Canadá, por exemplo, arrastar a Alemanha, de maneira cada vez mais irreversível, a uma luta na área errada, e, afinal de contas, enredá-la numa guerra tão temida contra os Estados Unidos — esses pensamentos não deixavam de inquietá-lo. E ainda admitia que, se conseguisse destruir o Império Britânico, não seria a Alemanha a verdadeira beneficiária disso, explicou ele numa conversa do dia 13 de julho de 1940, mas sim "o Japão, a América e outros". [33] Em outros termos, todo agravamento de sua discórdia com a Inglaterra minava sua própria posição. Desse modo, em outros termos, acentuando o esforço bélico contra a Inglaterra ele solapava sua própria posição. Não só razões sentimentais, mas também motivos políticos, em lugar de impeli-lo a provocar a derrota da Inglaterra, levavam-no antes a procurar sua colaboração. Foi dessas reflexões que Hitler fez decorrer, não sem dar muitos sinais de insegurança, a estratégia dos meses que se seguiram: encurralar pouco a pouco a Inglaterra, forçando-a para o caminho da paz, com golpes ousados, preparados cuidadosamente, e com manobras políticas, a fim de poder, em seguida, com a retaguarda finalmente segura, empreender a grande marcha para leste; era seu velho sonho, a que continuava obstinadamente ligado — a constelação ideal cuja realização perseguira tanto tempo por vias políticas e que agora, sem desanimar, queria concluir por um conflito aberto.

Era à edificação desse sonho que devia servir, no plano militar, o "assédio" das Ilhas Britânicas pelos submarinos alemães, assim como — e principalmente — a guerra aérea. O paradoxo dessa concepção se traduziu na curiosa falta de entusiasmo com que Hitler presidiu à montagem dos diversos elementos necessários a esse combate: surdo às sugestões apresentadas insistentemente pelos chefes militares, não estava disposto a considerar uma "guerra total" aérea ou marítima. [34] A legendária Batalha da Inglaterra começou a 13 de agosto de 1940 (*Adlertag* — Dia da águia), com um primeiro bombardeio maciço contra os aeródromos e as antenas de radar inglesas da costa sul; foi preciso interrompê-la a 16 de setembro, em razão das más condições atmosféricas e depois de pesadas perdas, sem que a Luftwaffe tivesse cumprido os objetivos: nem o potencial industrial inglês tinha sido perturbado, nem o moral da população fora minado, tampouco os alemães tinham conseguido superioridade aérea. E embora alguns dias antes o almirante Raeder tivesse anunciado a marinha preparada para a operação do desembarque, Hitler adiou esse empreendimento "pelo momento". Instruções do OKW datadas de 12 de outubro especificavam que "de agora em diante, até a próxima primavera, os preparativos de desembarque na Inglaterra devem

ser explorados unicamente como um meio de pressão política e militar contra a Inglaterra”. [35] Renunciava-se à operação *Seelöwe* .

As ações militares foram acompanhadas de uma tentativa de levar a Inglaterra a ceder por meio da formação de um “bloco continental” englobando a Europa inteira. As circunstâncias para a realização desse objetivo pareciam favoráveis. Uma parte da Europa já era fascista, outra estava ligada ao Reich por simpatias políticas ou por tratados, e as derrotas tinham trazido à ribalta um fascismo de imitação que, até então, não tivera o êxito sonhado, mas não deixava por isso de representar de certa forma o poder e sua ação cristalizadora. Os êxitos militares não só haviam feito de Hitler o ditador mais temido do continente, como também tinham ampliado consideravelmente a aura que emanava dele e de seu regime; ele parecia encarnar o poder, o momento histórico e o futuro, enquanto a derrota da França, principalmente, era sentida como a prova da impotência e o fim do sistema democrático; o país fora desmoralizado pela política, disse Pétain por ocasião da queda da França, onde, de fato, reinava certa decepção com a democracia. [36] A 30 de agosto, por ocasião da arbitragem de Viena para solução de novos litígios de fronteiras no sudeste da Europa, Hitler surgiu no papel de “juiz supremo”, os povos solicitavam seus conselhos e ele tinha nas mãos o destino do continente.

A grande coalizão continental devia englobar a Europa inteira, inclusive a União Soviética, a Espanha, Portugal e a França de Vichy. Ao mesmo tempo, elaboravam-se planos para atacar a Inglaterra pelos flancos, retomar o combate no Mediterrâneo, apoderar-se dos dois bastiões britânicos, Gibraltar e o canal de Suez, desfechando assim um golpe fatal na situação imperial da Inglaterra na África do Norte e no Oriente Médio. Outros projetos, montados paralelamente, tinham como objetivo a ocupação das Canárias, das ilhas portuguesas de Cabo Verde, bem como dos Açores e da Madeira; houve contatos com o governo de Dublin, com vistas a uma aliança com a Irlanda, o que teria proporcionado ao Reich novas bases aéreas contra a Inglaterra.

Ainda uma vez, para além das possibilidades militares, grandes perspectivas políticas se abriam para Hitler nesse verão de 1940; jamais se estivera tão perto de uma Europa fascista, jamais a hegemonia alemã tinha sido tão tangível. Durante certo tempo, teria sido possível acreditar que ele ia aproveitar a chance que se oferecia: de qualquer maneira, no decorrer do outono, Hitler desdobrou-se numa febril atividade em política externa. Repetidas vezes, teve conversações com o ministro espanhol do Exterior e, na segunda quinzena de outubro, foi a Hendaye, onde se encontrou com Franco; pouco depois, em Montoire, teve uma entrevista com Pétain e seu vice, Laval.

Todavia, exceto o Pacto Tripartite, assinado a 27 de setembro com o Japão e a Itália, todos os seus esforços diplomáticos foram em vão; e falhou principalmente quando, por ocasião de uma visita de Molotov a Berlim, nos meados de novembro, fez tudo para atrair a URSS para o Pacto Tripartite, oferecendo-lhe as possessões inglesas do oceano Índico, o que fazia dela um parceiro nessa nova divisão do mundo. Uma das razões desse malogro foi certamente o desprezo manifestado agora por Hitler por todas as negociações políticas, desprezo ainda maior pela consciência que tinha de ser um triunfador. Como testemunham a maior parte dos registros chegados até nós, sua habilidade de negociador tinha dado lugar à orgulhosa arrogância de juiz; em lugar das tentativas prudentes de antigamente, demonstrava uma grosseira tendência à hipocrisia desonesta; em lugar dos raciocínios sutis enxertados de meias-verdades dos anos anteriores, seus interlocutores se deparavam cada vez mais com o egoísmo apenas velado do homem que não conhecia senão o argumento de sua própria supremacia. Todavia, tanto aí como nos projetos militares, cujo estudo prosseguia paralelamente — as operações *Felix* (Gibraltar), *Attila* (ocupação preventiva da França inteira) e outras — tem-se constantemente a impressão de que Hitler se dedicava a esses empreendimentos de modo apenas superficial. Por vezes, quase se diria que se inclinava a reduzir de modo geral suas atividades bélicas frente à Inglaterra e contentar-se com o efeito puramente quimérico de sua grande ideia do bloco continental. Pois, pensava ele, dessa maneira é que havia mais chances de contornar o perigo que se antepunha à realização de seu objetivo final, a expansão para o leste. Esse perigo, cada vez mais ameaçador, que arriscava liquidar todos os seus esforços, seus sacrifícios e seus projetos, era a entrada dos Estados Unidos na guerra. [37]

Desde o verão de 1940, o medo de uma intervenção americana dava tons ameaçadores a todas as reflexões e sobretudo vinha agravar ainda mais a angústia sentida por Hitler ante a “fuga do tempo”. Desde a queda da França, ele tinha desperdiçado sua energia em ações diplomáticas e militares estranhamente incertas e indecisas. As tropas alemãs estavam instaladas de Narvik à Sicília e, desde o início de 1941, chamadas em auxílio do enfraquecido parceiro italiano, encontravam-se até na África do Norte; mas faltava um pensamento diretor a todas essas atividades; a guerra se ampliava em direções indesejadas! Ela agora se vingava do fato de Hitler tê-la começado numa frente absurdamente invertida, por assim dizer desatinadamente, sem um plano geral preestabelecido. “O Führer está visivelmente deprimido” — observava o ajudante de ordens do exército dessa

época, após longa e detalhada exposição feita por Hitler. — “Dá a impressão de que, neste momento, ele não sabe como prosseguir a guerra”. [38]

Durante o outono, quando a guerra ameaçava fugir-lhe ao controle, Hitler voltou a se concentrar no conflito, para recolocá-lo numa ideia diretriz. Dispunha de duas possibilidades: a primeira, criar, apesar de tudo — evidentemente com consideráveis concessões em diversos planos — um enorme bloco de potências que, pela inclusão da União Soviética e do Japão, em última instância obrigaria os Estados Unidos a uma meia-volta, mas, é claro, essa solução o forçava a retardar por vários anos a expansão para leste; a segunda consistia em avançar contra o leste na primeira oportunidade, vencer a União Soviética numa guerra-relâmpago e formar um bloco de potências, desta vez não com um parceiro, mas com um país dominado. Por vários meses, Hitler hesitou na escolha. No verão de 1940, estava impaciente para superar afinal essa insensata e exasperante guerra na frente ocidental; já em 2 de junho, durante o ataque a Dunquerque, esperara — e disse-o abertamente — que a Inglaterra concordasse enfim com “uma paz razoável” de modo que ele, Hitler, ficasse com as mãos livres “para sua tarefa essencial: a luta contra o bolchevismo”. [39] Algumas semanas depois, encarregara von Brauchitsch de “preparar mentalmente” a guerra contra a Rússia — e, na euforia do triunfo dessa época, chegou mesmo a pensar em fazer dessa guerra a campanha de outono de 1940; foi preciso um relatório do OKW e do estado-maior da Wehrmacht para convencê-lo de que seu projeto era impraticável. Como quer que seja, desde aquele tempo ele abandonara sua ideia de dois conflitos separados no tempo e adotara o conceito de integrar a guerra ocidental com a expansão rumo ao leste numa guerra mundial única. Em 31 de julho, fez a Halder estas considerações:

> A esperança da Inglaterra está na Rússia e na América. Se a esperança na Rússia desaparecer, igualmente cai a esperança na América, porque a queda da Rússia só pode acarretar uma afirmação de grande vulto do Japão no Extremo Oriente (…) Basta que a Rússia diga à Inglaterra não desejar uma Alemanha grande para a Inglaterra, como quem se afoga, agarrar-se à ideia de que, em seis a oito meses, as coisas terão mudado. Mas, se a Rússia for batida, a última esperança da Inglaterra se esfuma. O senhor da Europa e dos Bálcãs será então a Alemanha.
>
> Conclusão: no curso desta guerra, a Rússia deve ser liquidada. Primavera de 1941. [40]

Todavia, em setembro e, mais uma vez, no início de novembro, Hitler pareceu novamente hesitar e inclinar-se pela ideia de uma aliança. “O Führer espera poder incluir a Rússia em sua frente contra a Inglaterra”, anota Halder em 1º de novembro. Mas outra anotação do diário, apenas três dias depois, alude à alternativa: a Rússia — diz Hitler nesta — continuava a ser “o problema constante da Europa. Tudo deve ser feito a fim de estar pronto para o grande acerto de contas”. [41] Só no decorrer de dezembro suas reflexões

parecem ter chegado a uma conclusão, e Hitler parece ter tomado a decisão que correspondia à sua natureza, à sua ideia central tão impacientemente perseguida desde tanto tempo, bem como à superestimação de suas possibilidades nessa época: empreender o mais cedo possível a campanha da Rússia. A reeleição de F.D. Roosevelt para a presidência dos Estados Unidos e o encontro que Hitler teve com Molotov contribuíram visivelmente para sua decisão; em todo caso, no dia seguinte à partida do ministro do Exterior soviético, comentou que aquilo entre a Alemanha e a URSS "não era sequer um casamento de conveniência", e deu ordem para que se procurasse no leste um lugar apropriado "para o quartel-general do Führer" . Devia-se igualmente escolher e construir "com a máxima urgência" três bases de operações no norte, no centro e no sul. [42] A 17 de dezembro, expondo a Jodl suas ideias operacionais sobre a campanha, concluiu observando que "era necessário resolver todos os problemas da Europa continental em 1941, porque, a partir de 1942, os EUA estariam preparados para intervir". [43]

Atacar a União Soviética antes de a guerra no Ocidente estar definitivamente solucionada é considerada uma das decisões "cegas", "enigmáticas", simplesmente "incompreensíveis" de Hitler, no entanto, é fruto de mais racionalidade e, ao mesmo tempo, mais desespero do que parece à primeira vista. O próprio Hitler define o problema considerando essa ordem de ataque uma das "decisões mais difíceis" que teve de tomar. Nas considerações retrospectivas que ditou a Martin Bormann, no início de 1945, no *bunker* subterrâneo da chancelaria do Reich, ele diz:

> Durante a guerra, nenhuma decisão foi mais séria do que a de atacar a Rússia. Eu sempre sustentara que era preciso evitar a qualquer preço uma guerra em duas frentes; além disso, ninguém pode duvidar de que, mais do que qualquer pessoa, refleti longamente sobre as experiências de Napoleão. Então, por que essa guerra contra a Rússia e por que o momento por mim escolhido?
>
> Tínhamos perdido a esperança de terminar a guerra por uma invasão vitoriosa das Ilhas Britânicas. A Inglaterra, governada por chefes estúpidos, recusara-se, por questão de princípio, a nos deixar assumir a predominância na Europa e a assinar conosco uma paz sem vitória, enquanto existisse no continente uma grande potência hostil ao Reich. Em consequência, a guerra podia se eternizar, com a participação cada vez maior dos americanos ao lado dos ingleses. A importância do potencial americano, o rearmamento contínuo (…) a proximidade das costas inglesas, tudo isso fazia com que, razoavelmente falando, não devêssemos nos deixar envolver numa guerra de longa duração. Porque o tempo — sempre o tempo! — trabalhava cada vez mais contra nós. Para levar os ingleses a abandonar a partida, para forçá-los à paz, era necessário retirar-lhes a esperança de nos opor, no continente, um adversário de nossa classe, isto é, o Exército Vermelho. Não tínhamos escolha. Era uma obrigação inelutável eliminar a peça russa do tabuleiro de xadrez europeu.
>
> Mas havia ainda outra razão, não menos válida, e que, sozinha, teria sido suficiente: o imenso perigo que a Rússia representava para nós, pelo simples fato de sua existência. Teria sido fatal para nós se, algum dia, lhe viesse a ideia de nos atacar.
>
> Nossa única chance de vencer a Rússia consistia em antecipar-nos a ela (…) Não devíamos

> deixar ao Exército Vermelho nenhuma vantagem territorial, como o uso de nossas autoestradas para o avanço de suas unidades motorizadas, ou nossa rede ferroviária à disposição para o transporte de suas tropas e seu material. Podíamos batê-los em seu próprio território, desde que tomássemos a iniciativa do ataque, em suas estepes, em seus pântanos — mas não no solo de um país civilizado como o nosso. Isso lhes teria fornecido um trampolim para invadir a Europa.
>
> Por que 1941? Porque não se podia esperar o menos possível, de vez que nossos inimigos no Ocidente aumentavam constantemente seu potencial de combate. O tempo trabalhava, pois, contra nós nas duas frentes. Por isso é que a pergunta não era: por que já no dia 22 de junho de 1941? Mas ao contrário: por que não foi antes? (…) Minha preocupação durante aquelas últimas semanas era que Stalin se antecipasse a mim. [44]

O que ligava entre si todas as considerações de Hitler, do verão-outono de 1940, era a secreta esperança de conseguir, como tantas vezes nos momentos desfavoráveis de sua existência, reverter a situação bélica empacada e voltada em má direção, ao mesmo tempo impulsionando a realização de sua grande ideia de conquista. Em sua acesa imaginação, a campanha da Rússia transformava-se nessa reviravolta inesperada que resolveria todas as suas dificuldades como num passe de mágica, e lhe abriria o caminho para a dominação do mundo. A Alemanha, exultava ele a 9 de janeiro de 1941, ante os dirigentes do OKW e do OKH, seria "invulnerável. O imenso espaço russo contém riquezas fantásticas. A Alemanha devia dominá-lo, tanto no plano econômico quanto no plano político, mas não anexá-lo. Assim, disporia de todas as possibilidades para poder, no futuro, guerrear contra outros continentes, e ninguém teria condições de vencê-la". [45] O rápido desmoronamento da União Soviética — ele estava convencido — seria o sinal para o Japão empreender a "expansão para o sul" projetada desde muito tempo, mas sempre adiada pela ameaça de um ataque soviético à sua retaguarda; essa ação, por sua vez, imobilizaria as forças americanas no Pacífico e, por conseguinte, as manteria afastadas da Europa, de sorte que a Inglaterra seria finalmente obrigada a ceder. Por um vasto e tríplice movimento de cerco através da África do Norte, do Oriente Médio e do Cáucaso, e como continuação da conquista da Rússia, sonhava ele, avançaria rumo ao Afganistão e, daí, atirar-se-ia sobre a Índia, o próprio centro desse intratável Império Britânico, e o aniquilaria. A dominação do mundo, segundo ele, estava ao alcance da mão.

Os pontos fracos desse conceito eram flagrantes, e Hitler certamente os reconheceu, pelo menos em parte. Até então, a condição prévia essencial para o ataque à Rússia era sua segurança no Ocidente, e, de qualquer maneira, sempre considerara como um princípio fundamental da política externa da Alemanha a absoluta necessidade de evitar uma guerra em duas frentes; [46] no momento, procurava garantir essa segurança através de uma ação preventiva — e lançou-se precisamente à aventura de uma guerra em duas frentes, para

afastar essa ameaça. Por outro lado, Hitler subestimava tanto seu adversário quanto superestimava suas próprias forças; “Em três semanas, estaremos em Petersburgo”, disse no início de dezembro. Ao mesmo tempo, afirmou ao embaixador da Bulgária, Draganov, que o exército soviético “não era mais do que uma brincadeira”, [47] mas o que ficou evidente, mais uma vez, foi sua incapacidade de manter, até o fim, uma ideia estreitamente ligada à realidade; num momento qualquer, uma vez estabelecido o conceito dos primeiros passos, ele se elevava repentinamente acima dos sólidos fundamentos do concreto e conduzia suas ideias a uma conclusão sem a menor base racional; deixava-se levar completamente por suas visões. A maneira quase indiferente, até mesmo negligente, com que considerava os acontecimentos que se sucederiam a essa vitória no leste, que tinha como absolutamente certa, caracteriza bem esse estado de espírito. Já cometera esse erro após a campanha da Polônia e após a queda da França. Admitindo que nova campanha-relâmpago lhe permitiria atingir Moscou e os Urais antes do início do inverno, o conflito — deve ter pensado — nem assim terminaria. Porque, depois de Moscou, do outro lado dos Urais, havia gigantescas extensões de territórios que permitiriam o reagrupamento e a organização das forças restantes. Nas fronteiras mais ou menos abertas onde pensava firmar-se, teriam de ficar de guarnição tantos efetivos das tropas alemãs que o ânimo guerreiro da Inglaterra e dos Estados Unidos seria encorajado por isso. Mas Hitler não tinha estendido suas reflexões até possibilidades tão concretas; ele se satisfizera eufórico com vagas fórmulas como “colapso” e “demolição”. Quando o marechal von Bock, designado comandante do Grupo de Exércitos do Centro, disse-lhe, no início de fevereiro, que certamente acreditava ser possível conseguir uma vitória militar sobre o Exército Vermelho, mas não conseguia imaginar como se “pudesse obrigar os soviéticos a fazer a paz”, Hitler lhe respondeu vagamente que “depois da conquista da Ucrânia, de Moscou e de Leningrado (…) os soviéticos certamente se disporão a fazer acordos” [48] . Essa afirmação revela a total superficialidade de suas ideias.

E Hitler não se rendeu às objeções; sem se deixar dissuadir por argumentos ou resistências, preparou a ofensiva. Em outubro de 1940, na noite seguinte à entrevista com Pétain, uma carta de Mussolini o informou do projeto italiano de invadir a Grécia. O que esse passo inesperado deixava antever de complicações para o flanco alemão nos Bálcãs levou o Führer a modificar sua rota e correr a um encontro, arranjado às pressas, em Florença. Mussolini, que estava querendo retribuir aos alemães na mesma moeda, fazendo-os pagar pelas inúmeras surpresas desse tipo a ele impostas, e para compensar, de passagem, as numerosas vitórias dos alemães, precipitara, a apenas algumas horas da chegada de Hitler, as ações e abrira as hostilidades. Mas a

necessidade que teve de enviar unidades alemãs à Grécia, quando os aliados italianos se viram ante as dificuldades previstas, não impediu Hitler de continuar a preparar a execução de sua campanha do leste. Não reagiu de outra forma quando Mussolini se deparou com os piores contratempos na Albânia e finalmente sofreu uma derrota completa na frente norte-africana; Hitler recebia esses desastres com igual disposição de espírito, dava as diretrizes adequadas e sempre enviava divisões aos teatros de operações ameaçados, sem se deixar desviar, um instante sequer, de seu objetivo principal. A 28 de fevereiro, viu-se obrigado, partindo dos territórios de sua aliada Romênia, a se antecipar aos soviéticos na Bulgária; cerca de um mês mais tarde, teve de ocupar a Iugoslávia, que tentara fugir à influência alemã por instigação de um grupo de oficiais prontos para desfechar um *putsch* ; a despeito desses contínuos comprometimentos em novos teatros de operações, não perdia de vista sua campanha contra a URSS; apenas a adiou por quatro semanas, obviamente destinadas a ser fatídicas. A 17 de abril, aceitou a capitulação da Iugoslávia; seis dias depois, os gregos se renderam — após terem oposto aos soldados de Mussolini uma resistência tão longa quanto eficaz — enquanto o corpo de exército expedicionário à África do Norte, sob o comando do general Rommel, retomava, em doze dias, a Cirenaica perdida pelos italianos. Pouco depois, entre 20 e 27 de maio de 1941, unidades de paraquedistas tomaram Creta, e, por um instante, chegou-se a acreditar que o poderio inglês no Mediterrâneo Oriental estava liquidado. Com crescente insistência, Raeder e o comando das operações navais pediram, no outono de 1941, que se desencadeasse contra as posições inglesas do Oriente Próximo uma grande ofensiva que "feriria mais mortalmente o Império do que a tomada de Londres". O adversário não estava longe de partilhar desse ponto de vista, como foi confirmado depois. Mas Hitler não estava disposto a renunciar à sua ideia predominante, isto é, a expansão para o leste. E foi em vão que uma parte de seu *entourage* se esforçou por demovê-lo. [49] O próprio fato de que, no ocidente, a situação se agravava com o peso material crescente e cada vez mais patente da ajuda americana, e de que, depois da guerra aérea, a guerra submarina estava em perigo de ser perdida, não conseguiu contê-lo.

Não se pode duvidar de que Hitler tenha visto e pesado perfeitamente os inúmeros pontos fracos de sua nova ação na guerra: o risco apresentado pelas duas frentes, o precedente de Napoleão nos vastos e implacáveis espaços russos, a fraqueza de seu aliado italiano, bem como a dispersão de suas próprias forças, tudo isso estava em flagrante contradição com o conceito da Blitzkrieg. A obstinação com que seguiu em frente não se deveu unicamente ao fato de que, nesse ponto, ele se tivesse concentrado em sua ideia essencial; mas parecia-lhe cada vez mais claro que aquele verão de 1941 lhe oferecia a

última chance de realizá-la. Estava, como ele próprio o disse, na situação do homem que só tem uma bala no seu fuzil [50] e, fato curioso, a eficiência do cartucho por assim dizer diminuía com o tempo. Pois, ele sabia, seria impossível suportar a guerra se ela assumisse o caráter de uma guerra de material — e de desgaste — que colocaria a Alemanha mais solidamente na dependência da URSS e demonstraria, no fim das contas, a superioridade dos EUA. Pode-se pensar que, por trás de sua ideia de atacar, atuava ainda, obscuramente, confusamente, a esperança de reconquistar, por meio desse golpe desfechado contra a União Soviética, a neutralidade das potências conservadoras cujo apoio tivera antigamente e perdera — porque o inimigo comum de antanho tornava a ser o seu inimigo; foi isso — ou ao menos essa esperança — que levou seu admirador de sempre, Rudolf Hess, a levantar voo, em 10 de maio de 1941, rumo à Inglaterra, para cumprir a missão de que ele mesmo se incumbira: fazer com que, afinal, terminasse essa "guerra absurda". Todavia, a indiferença realista com que foi recebido provou que também aquela oportunidade falhara e que Hitler realmente não tinha mais escolha. Sua decisão de acionar nessa época a guerra no leste equivalia mesmo a um ato desesperado: era o único caminho que ainda lhe restava aberto, mas levava ao abismo.

Inúmeras declarações feitas desde o outono de 1940 mostram que Hitler encarava esse dilema com lucidez. Suas conversas com diplomatas, generais, políticos, além da significação particular de cada uma, mostravam-se verdadeiramente como a ilustração do *processus* de autopersuasão a que estava submetido. A insistência com que falava da inocuidade do adversário, ou o depreciava, tinha, nesse sentido, um papel tão significativo quanto sua estigmatização. A URSS era, alternadamente, um "colosso de barro sem cabeça", "um deserto bolchevizado", "simplesmente mórbida", um "enorme ato de agressão étnica e ideológica que ameaça a Europa inteira" e o tratado concluído outrora era de repente classificado como "muito amargo e doloroso". [51] Depois, ele começou a se persuadir de que absolutamente não fazia uma guerra em duas frentes: "Eis que se oferece enfim a possibilidade" — declarava em 30 de março de 1941 a seus generais — "de combater a Rússia no momento em que nossa retaguarda está livre. Não aproveitá-la seria, de minha parte, um crime contra o futuro do povo alemão". O evidente mau-humor da opinião pública, que até estivera a favor às campanhas "revisionistas" da fase inicial com objetivo da unificação de todos os alemães, e que havia aplaudido mesmo a guerra contra a França, não o perturbava nem um pouco. As preocupações constantes de um relatório sobre o estado de espírito dos alemães, segundo o qual "o comportamento de boa parte da população é (…) impermeável ao motivo, tal qual transparece da propaganda,

do futuro papel da Alemanha como estado guia da Europa e do incorporamento imediato dos territórios orientais”, não eram as preocupações dele. [52]

Suas afirmações eram sobretudo apoiadas pela certeza, febril e impaciente, de que todas as suas decisões eram aprovadas e legitimadas pela Providência — e esse esforço crescente para justificá-las irracionalmente refletia, da maneira mais flagrante, seu estado de confusão mental. Não raro invocações quase mágicas, visando a dar-lhe novamente confiança em seu próprio destino, surgiam como repentinas chamas no meio de conversações aliás bem concretas. Ele explicava, por exemplo, em março de 1941, a um diplomata húngaro, depois de um paralelo entre o potencial militar alemão e o americano, que, “repensando minhas iniciativas e propostas do passado, chego à convicção de que tudo foi regido pela Providência; pois aquilo para que tendia na origem, se atingido por meios pacíficos, haveria sido apenas meia-solução que, afinal de contas, teria mesmo, um dia ou outro, conduzido a nova luta. No que me concerne, nutro em particular o desejo de que nossas relações com a Turquia melhorem”. [53]

Desde o verão de 1940, entre a Alemanha e a URSS tinham surgido numerosas dificuldades diplomáticas; para dizer a verdade, estas se explicavam em grande parte pelas tentativas decididas de Moscou para montar alguns anteparos contra o poderio assustadoramente crescente do Reich, anexando tanto os estados bálticos quanto uma parte da Romênia e opondo uma resistência obstinada às manobras alemãs no sentido de impor sua influência nos Bálcãs. Todavia, na primavera de 1941, o embaixador da Inglaterra em Moscou, Sir Stafford Cripps, tinha “certeza absoluta” de que a URSS jamais se deixaria envolver numa guerra contra a Alemanha, a menos que o próprio Hitler se decidisse a atacar a Rússia; mas ele temia que o Führer não desse esse prazer a seus adversários. [54]

Entretanto, foi o que Hitler fez. A despeito da pressão de circunstâncias fatais, a decisão de Hitler de atacar a União Soviética revelou, uma vez mais, a natureza de seu comportamento quando se tratava de tomar decisões: era a última e a mais grave dessas decisões de suicida, características nele desde a primeira juventude e que revelavam sua tendência, nas situações desesperadas, a dobrar uma parada já alta, como numa última provocação ao destino. Ora, é evidente que seu cálculo não podia mais se desenvolver senão negativamente: se perdesse a campanha, de fato perdia a guerra; se, ao contrário, conquistasse a vitória no leste, a guerra em seu conjunto igualmente

estaria longe de ser ganha, por mais que ele tentasse disfarçá-lo.

Mas, em outro sentido, a decisão de atacar, tomada por Hitler, tinha sua razão de ser. O Tratado de Moscou era ainda fruto daquela fase "política" já ultrapassada; era uma infidelidade a seus princípios ideológicos taticamente motivada, e portanto tornara-se anacrônico. "O pacto nunca foi sincero — disse Hitler a um de seus ajudantes — porque o abismo entre nossas visões do mundo são insondáveis". [55] Agora, o que contava novamente era a sinceridade dos compromissos radicais.

Na noite de 21 para 22 de junho de 1941, pouco depois das 3h, Mussolini foi acordado por uma mensagem de Hitler. "Eu não incomodo nem meus camareiros durante a noite, mas os alemães me arrancam da cama sem qualquer consideração", resmungou o Duce irritado. [56] O documento começava com uma alusão a "longas e escrupulosas reflexões", depois informava Mussolini da iminência do ataque à União Soviética. "Depois que tomei essa decisão", informava Hitler num texto em que reiterada e egocentricamente falava de si próprio, "sinto-me de novo livre interiormente. Esta associação com a URSS, apesar de toda a sinceridade dos meus esforços para atingir afinal uma distensão, muitas vezes me foi muito pesada, pois, de alguma forma, parecia-me haver rompido com todas as minhas origens, meus conceitos e meus antigos deveres. Estou feliz por estar livre desse tormento". [57]

Esse sentimento de alívio era real, mas vinha acompanhado de uma nota de ansiedade. Por certo, seus auxiliares mais íntimos, e sobretudo os comandantes militares, mostravam-se extremamente otimistas. "Nada é impossível para o soldado alemão", terminava o relato panorâmico da Wehrmacht de 11 de junho de 1941, sobre o andamento das operações nos Bálcãs e na África do Norte. Hitler era o único tomado de ânsia e inquietude. Mas não era homem para deixar perder o sonho de sua vida, ainda mais que dele o separava apenas uma campanha de apenas algumas semanas: depois, a Alemanha teria à disposição um enorme território no Leste, a Inglaterra se curvaria, a América admitiria e o mundo aplaudiria. O risco apenas aumentava tudo quanto esse objetivo a atingir comportava de sugestivo. Na atmosfera de febril agitação dos preparativos, na noite anterior ao ataque, Hitler disse: "Dá-me a impressão de que vou abrir uma porta que dá para um quarto escuro e jamais visto, sem saber o que existe atrás da porta." [58]

25

A “Terceira” Guerra Mundial

Quando “Barbarossa” se levanta, o mundo inteiro prende a respiração e se cala .

Adolf Hitler

COM 153 DIVISÕES , 600 mil viaturas motorizadas, 3580 carros de combate, 7180 peças de artilharia e 2740 aviões, às 3h15 da madrugada do dia 22 de junho de 1941, Hitler começou o ataque contra a URSS. Em toda a história, era a mais poderosa concentração de forças já realizada num mesmo teatro de operações. Ao lado das unidades alemãs, alinhavam-se doze divisões e sete brigadas romenas, dezoito divisões finlandesas, três brigadas húngaras e duas e meia divisões eslovacas. Mais tarde, somaram-se três divisões italianas, bem como a *División Azul* espanhola. Seguindo o modelo da maior parte das campanhas precedentes, o ataque começou sem qualquer declaração de guerra, e mais uma vez a Luftwaffe lançou-se num ataque maciço que destruiu, no primeiro golpe, a metade dos cerca de dez mil aviões russos; como pouco antes, na Polônia e na frente ocidental, os invasores penetraram profundamente no território inimigo, introduzindo por toda parte “pinças” de carros de combate em massa, que se fechavam cercando os soviéticos em enormes bolsões. Durante os anos anteriores, Hitler não se cansara de repetir que não tinha em mente uma “expedição de argonautas” na Rússia; [59] agora, ele executava exatamente isso.

Atrás das unidades de combate vinha uma segunda onda, formada principalmente por *Einsatztruppen* , grupos com a missão especial formulada por Hitler, ainda em 3 de março, nestes termos: “Extirpar a *intelligentsia* judaico-bolchevique”, de preferência no próprio teatro de operações. [60] Foram tais comandos que logo deram a essa fase da guerra esse caráter sem precedentes, que ultrapassava de longe todas as experiências anteriores; e por mais intimamente que a campanha da Rússia estivesse ligada à guerra geral, por sua própria natureza e por sua substância ética apresentava um aspecto novo: em certo sentido, a terceira guerra mundial.

Em todo caso, saía completamente do esquema e das noções de “guerra normal”, no sentido europeu do termo, cujas regras, até então, tinham sido observadas em todos os conflitos, embora na Polônia já se tivesse tido uma

amostra de certas práticas inovadoras mais radicais. E era precisamente a lembrança da resistência encontrada pelo regime de terror da SS junto aos comandantes militares locais no território polonês ocupado que tinha levado Hitler a começar, na própria zona de combate, suas operações de extermínio ideológico. Pois, após tantas dificuldades, tantos rodeios e frentes de batalha invertidas, esta era *a sua* guerra — e aqui ele não faria a menor concessão. Conduziu-a impiedosamente, com uma obstinação que chegava às raias da obsessão, e negligenciava cada vez mais os outros setores de guerra. Não teve cautelas táticas, e renunciou em particular, recorrendo a sugestivas palavras de ordem e justificações, pelo menos de início, a buscar primeiro a decisão militar, para só em seguida proceder à sua obra de escravização e extermínio; no momento, interessavam-lhe apenas soluções definitivas. No dia 30 de março de 1941, Hitler reunira na chancelaria do Reich, em Berlim, cerca de duzentos e cinquenta oficiais superiores de todas as armas e, num discurso que durou duas horas e meia, expusera-lhes como seria o novo caráter da próxima guerra. O diário de Halder registrou a essência:

> Nossa missão na Rússia: aniquilar as forças armadas, dissolver o estado (…) Luta entre duas visões do mundo opostas. Condenação radical do bolchevismo, do tipo de crime social que ele representa. Comunismo, terrível perigo para o futuro. Abstrair qualquer ideia de camaradagem militar. O comunista não é um camarada e nunca será. Esta é uma luta de aniquilação.
>
> Lutar contra o veneno da corrupção. Nada de cortes marciais. Os chefes devem ter consciência do que está em jogo. Nesta luta, eles devem ser guias (…) Os comissários e o pessoal da GPU são criminosos e devem ser tratados como tais (…) Os combates serão muito diferentes do que têm sido no Ocidente. No leste, a dureza é bondade para com o futuro.
>
> Os comandantes devem se impor o sacrifício de seus escrúpulos. [61]

Se nenhum dos presentes levantou a voz contra esse apelo à cumplicidade, nem por isso Hitler desconfiava menos de seus generais e de suas inclinações pelas normas tradicionais, e não se contentou em dar conselhos de dureza. Todos os seus esforços se dirigiram no sentido de suprimir as barreiras que, em virtude das convenções, se antepunham à ação dos comandos especiais. Queria fornecer um denominador comum a todos aqueles que participavam dessa guerra de aniquilação de natureza criminal. Através de uma série de medidas prévias, foi retirada da Wehrmacht a administração do território conquistado, que ficou nas mãos de comissários particulares do Reich; ao mesmo tempo, o *Reichsführer* da SS, Heinrich Himmler, no comando de quatro grupos de intervenção da *Sicherheitspolizei* e por três mil homens do Serviço de Segurança (SD) garantia, na zona de operações, “missões especiais” decorrentes da luta implacável entre dois sistemas políticos opostos. Em maio de 1941, durante uma reunião realizada em Pretzsch, Heydrich deu aos chefes desses grupos a ordem verbal para exterminar todos os judeus, os “inferiores asiáticos”, os funcionários comunistas e os ciganos. [62]

Um decreto do Führer, datado da mesma época, mantinha, por princípio, ao abrigo de qualquer processo ou acusação os membros da Wehrmacht acusados de torturas contra civis que cometessem atos hostis; outra ordenação, a chamada “ordem sobre os comissários”, de 6 de junho de 1941, prescrevia que os comissários do Exército Vermelho, considerados “incitadores de métodos de combate asiáticos e bárbaros (…) presos em combate ou em resistência, deviam, por princípio, ser passados pelas armas imediatamente”. E, finalmente, “instruções” do OKW distribuídas pouco antes do ataque a mais de três milhões de soldados determinavam que “agissem impiedosa e energicamente contra provocadores, franco-atiradores, sabotadores, judeus e bolcheviques, e destruíssem implacavelmente toda resistência passiva ou ativa”. [63] Completou essas medidas uma estridente campanha contra os “eslavos sub-humanos ” traduzida em imagens de “avalanches mongois” que definia o bolchevismo como a forma moderna do instinto de destruição manifestado outrora contra a Europa por Átila e Genghis Khan.

Todos esses elementos conferiram à guerra do leste esse caráter ao mesmo tempo duplo e insólito. Era indubitavelmente uma guerra ideológica contra o comunismo, uma guerra que assumia, às vezes, curiosos aspectos de cruzada, mas era, ao mesmo tempo – e muito mais – uma guerra de conquista colonial no estilo do século XIX, dirigida, é verdade, contra uma das grandes potências europeias tradicionais, com o propósito deliberado de eliminá-la. O próprio Hitler contribuiu de certa maneira para a destruição da teoria das motivações ideológicas brandidas à força de propaganda, quando, em meados de julho, durante uma reunião com seu círculo mais alto, repeliu decididamente a fórmula a ele submetida de “guerra da Europa contra o bolchevismo”, e explicou: “Trata-se substancialmente de cortar o imenso bolo, de maneira que primeiro o dominemos, depois o administremos e, por fim, o exploremos. É claro que, inicialmente, é necessário manter em segredo o projeto de anexação. Mas todas as medidas necessárias — fuzilamentos, deportações — poderão ser tomadas, e serão tomadas.” [64]

Assim, enquanto a Wehrmacht avançava de maneira rápida e fulminante e atingia em quinze dias o Dnieper, e, uma semana depois, atacava Smolensk, os grupos de ação especial instauraram seu regime de terror nas áreas tomadas. Percorriam as cidades e aldeias, juntavam judeus, funcionários comunistas, intelectuais e, em geral, as pessoas potencialmente líderes da comunidade e as liquidavam. Otto Ohlendorf, um dos comandantes de *Einsatzgruppen* , confessou em Nuremberg que só sua unidade tinha matado, no primeiro ano, cerca de noventa mil homens, mulheres e crianças; e, segundo estimativas moderadas, no mesmo período, foram massacrados na

Rússia ocidental cerca de meio milhão da população hebraica — que era particularmente visada. [65] Hitler prosseguia implacavelmente na política de extirpação. Em suas declarações dessa época, além dos eternos sonhos de conquista e exploração, via-se reaparecer constantemente, com um radicalismo que lembrava os anos de juventude, seu profundo ódio ideológico: “Os judeus são o flagelo da humanidade”, declarou ele, em 21 de julho, a Kvaternik, ministro do exterior croata. “Se os judeus tivessem as mãos livres como têm no paraíso soviético, ter-se-iam dedicado aos planos mais loucos. Foi assim que a Rússia se transformou num foco de pestilência para a humanidade. (…) Basta que um estado, por qualquer motivo, tolere em seu meio a existência de uma só família judia para que ela se transforme no foco infectado de um novo processo de dissolução. Se não houvesse mais judeus na Europa, a unidade dos estados europeus não seria mais perturbada”. [66]

Apesar da rapidez de seu avanço, os alemães só conseguiram executar um daqueles grandes movimentos de cerco — base do conceito operacional da campanha da Rússia — no setor central. [67] Nas outras batalhas, tiveram de se limitar a empurrar a grande massa de adversários. “Diante de nós, nenhum inimigo; à nossa retaguarda, nenhum suprimento” — dizia a definição espirituosa dessa campanha. Todavia, a 11 de julho, cerca de 600 mil prisioneiros soviéticos tinham caído em suas mãos, entre os quais mais de setenta mil desertores; de modo que, tanto Hitler quanto o OKH estavam persuadidos de que era iminente a derrocada do Exército Vermelho. No dia 3 de julho, Halder escreve: “Não é exagero dizer que a campanha da Rússia foi vencida em quinze dias”. Só que a resistência obstinada, favorecida pela imensidão do espaço, ainda daria muito que fazer às forças alemãs. O próprio Hitler afirmou, alguns dias depois, que “não acreditava que a resistência da Rússia europeia ultrapassasse seis semanas”. Para onde iriam os russos, isso ele não sabia; “talvez para os Urais; ou mais além. Mas nós os seguiríamos”, e ele, o Führer, não se deixaria intimidar por uma travessia dos Urais (…) Perseguiria Stalin onde quer que ele fosse (…) Mas não achava que as hostilidades durassem além de meados de setembro; “terminarão, mais ou menos, dentro de seis semanas”. [68] Já em meados de julho, o esforço do programa de armamento foi destinado aos submarinos e à Luftwaffe e já se planejava o retorno das tropas, que se deveria dar duas semanas mais tarde. Quando o general Köstring, último adido militar da embaixada alemã em Moscou, foi fazer o seu relatório no QG do Führer, mais ou menos nessa época, Hitler lhe apresentou um mapa do estado-maior mostrando a situação dos exércitos, apontou com um gesto os territórios conquistados e declarou:

“De agora em diante, porco nenhum vai me desalojar daí.” [69]

Essa reincidência nas expressões mais vulgares correspondia à satisfação manifestamente sentida por Hitler a cada anúncio de uma crueldade particularmente chocante. Ao embaixador Espinosa, da Espanha, ele falou dos combates do leste como de “verdadeira matança de homens” nas quais o inimigo atacava em doze ou treze vagas sucessivas, mas seus homens tombavam, ceifados, “por assim dizer, picados em miúdos, uns sobre os outros”; os soldados russos “mergulhavam numa espécie de letargia, e às vezes apenas suspiravam e gemiam. Os comissários, verdadeiros demônios (…) eram executados em massa”. [70] Ao mesmo tempo, deixava-se embalar por longos sonhos de ódio. Falava em matar de fome Moscou e Leningrado, em provocar uma catástrofe nacional que não privaria de seu centro apenas o bolchevismo, mas também o moscovitismo. Depois, arrasaria as duas cidades e, lá, onde outrora se erguera Moscou, não devia mais restar “senão um imenso reservatório, a fim de apagar tudo quanto pudesse lembrar a cidade e o que ela fora”. Previdente, deu ordem para recusar todos os pedidos de capitulação, apesar de esperados, e justificou-se diante de seus íntimos: “Provavelmente existem pessoas que põem a cabeça entre as mãos e se perguntam como é que o Führer pode destruir uma cidade como São Petersburgo? Por índole, pertenço de fato a um tipo completamente diferente. Preferiria nunca fazer mal a ninguém. Mas, quando vejo a raça em perigo, minha sensibilidade desaparece ante a fria reflexão.” [71]

Em agosto, as tropas alemãs, depois de conseguir romper a “Linha Stalin”, obtiveram, em todos os setores do *front* , êxitos espetaculares, graças a manobras de envolvimento; todavia, pareceu ao mesmo tempo que as previsões otimistas do mês anterior tinham sido enganosas: por mais fabuloso que tenha sido o número de prisioneiros, as reservas do inimigo, constantemente renovadas, pareciam mais fabulosas ainda. Além disso, o inimigo se batia com mais garra do que as tropas polonesas ou das potências ocidentais, e sua firmeza na resistência, depois de certas crises iniciais, intensificou-se ainda mais quando se deram conta do caráter implacável da guerra praticada por Hitler. E depois, o desgaste do material na poeira e na lama das planuras russas era infinitamente maior do que se havia calculado, e cada vitória arrastava o vencedor, cada vez mais profundamente, para dentro desse espaço sem fim. Pela primeira vez, além disso, a máquina de guerra alemã parecia ter atingido o limite de sua capacidade. A indústria, por exemplo, não produzia mais do que cerca de um terço dos seiscentos tanques mensais que dela se esperava; percebia-se que a infantaria estava mal motorizada, apesar de todas as previsões sobre os espaços a percorrer; a

Luftwaffe era incapaz de manter uma guerra em duas frentes, e as reservas de combustível diminuíam por vezes ao ponto de não cobrirem as necessidades de um mês. Em face dessas circunstâncias, apresentava-se uma questão de importância fundamental: saber em que setor do *front* o que restava de reservas poderia intervir com o máximo de eficiência para desfechar o golpe que decidiria a guerra.

O OKH e o general-comandante do Grupo de Exércitos do Centro insistiram para que se concentrassem todas as forças numa ofensiva contra Moscou. Quando estivessem às portas da capital, o inimigo, pensavam eles, reuniria todas as tropas disponíveis; esforçar-se-ia por travar uma batalha decisiva e, assim, provocaria o fim da campanha com o triunfo do conceito da *Blitzkrieg* . Por seu lado, Hitler queria que se atacasse ao norte, a fim de cortar aos soviéticos o acesso ao Báltico; queria também que prosseguisse a grande investida em direção ao sul, tendo como objetivo ocupar as regiões agrárias e industriais da Ucrânia e da bacia do Don e tomar os campos de petróleo do Cáucaso; era um plano que demonstrava, ao mesmo tempo, a arrogância de Hitler e até que ponto ia seu dilema, pois, embora ostentasse o ar vitorioso de quem podia se dar o luxo de ignorar a capital, ele tentava de fato pôr fim ao enorme dilema — que começava a se fazer sentir seriamente — da dificuldade econômica. “Meus generais nada conhecem de economia de Guerra (…) ” — não se cansava de repetir. Uma cerrada discussão, que mais uma vez evidenciou a instabilidade das relações entre Hitler e seus generais, terminou pela emissão de uma ordem ao Grupo de Exércitos do Centro para pôr suas unidades motorizadas à disposição dos setores do norte e do sul. “Inaceitável”, “coisa nunca vista”, anotou Halder, e sugeriu a von Brauchitsch que os dois se demitissem de suas funções. Mas o comandante-em-chefe recusou. [72]

A grande vitória de Kiev — que deu aos alemães cerca de 665 mil prisioneiros e enormes quantidades de material — pareceu provar, uma vez mais, o gênio militar de Hitler, ainda mais que esse êxito eliminava o perigo de um ataque ao flanco do setor central e, de certa maneira, abria o caminho para Moscou. De fato, Hitler consentiu enfim que se lançasse a ofensiva contra a capital; mas, cego pela série ininterrupta de triunfos, julgou-se em condições de atingir, ao mesmo tempo, seus distantes objetivos ao norte e ao sul: cortar a ferrovia de Murmansk, tomar a cidade de Rostov e os campos de petróleo de Maikop, bem como uma arrancada sobre Stalingrado, distante mais de seiscentos quilômetros. Como se tivesse esquecido sua velha regra fundamental de concentrar toda a potência sobre um só ponto, dispersou mais e mais suas próprias unidades. Em 2 de outubro de 1941, com um atraso de

quase dois meses, o marechal von Bock desencadeou finalmente, com suas forças reduzidas, a ofensiva contra Moscou. No dia seguinte, Hitler pronunciava, no Palácio dos Esportes de Berlim, um discurso que é um documento único de gabolice vulgar. Vilipendiava seus adversários, chamando-os de “nulidades democráticas”, “estafermos”, “animais estúpidos”, e proclamou que “este inimigo já está derrotado e jamais se reerguerá”. [73]

Quatro dias depois, começaram as chuvas de outono. Com duas grandes batalhas vitoriosas contra um inimigo superior em número — em Wjasma e Brjansk — as tropas alemãs tiveram um começo promissor em sua ofensiva; mas, pouco a pouco, todas as operações foram paralisadas; a lama e as estradas transformadas em atoleiros impediam a chegada de reforços; além de tudo, o combustível ficava raro, havendo períodos em que se dispunha apenas de um mês de reservas, de sorte que se via um número crescente de veículos e peças de artilharia imobilizados dentro de verdadeiros pântanos. Foi preciso esperar meados de novembro e as primeiras nevadas para que a ofensiva interrompida se pusesse novamente em movimento; as unidades de tanques destinadas a fazer o cerco pelo norte aproximaram-se finalmente de Krasnaia Poliana, a trinta quilômetros da capital soviética, enquanto as tropas avançando do oeste chegaram a cinquenta quilômetros do centro da cidade. Nesse ponto, veio bruscamente o inverno russo: o termômetro desceu a 30º e, em certas jornadas, a 50º negativos.

A súbita chegada do frio terrível tolheu completamente as tropas alemãs, que não estavam absolutamente preparadas para isso. Na convicção de que a campanha não passaria de dois ou três meses, Hitler, num de seus gestos característicos, postara-se com as costas na parede vetando que fosse distribuído equipamento de inverno à tropa. “Não haverá campanha de inverno”, respondera ele ao general Paulus, quando este, previdente, lhe sugerira medidas nesse sentido. [74] No *front* , milhares de homens sucumbiram ao frio, as viaturas e as armas automáticas emperraram, nos hospitais de campanha os feridos morriam gelados e em pouco tempo as perdas devidas ao frio superaram as perdas em combate. “Em nossas fileiras instalou-se o pânico”, informou Guderian, que anunciou, no fim de novembro, que suas tropas estavam “no limite da resistência”. Alguns dias depois, sob um frio de -30º, as unidades em posição diante de Moscou efetuaram uma última e desesperada tentativa para romper a defesa russa. Algumas unidades atingiram os subúrbios da capital, avistando, com seus binóculos, as torres do Kremlin e o tráfego nas ruas, aí o ataque congelou.

Uma contraofensiva soviética, totalmente inesperada e que se tornou

possível graças à chegada de divisões de elite vindas da Sibéria, rechaçou as tropas alemãs infligindo-lhes pesadas perdas. Durante alguns dias, a frente oscilou e pareceu a ponto de afundar na neve russa. Hitler rejeitou impiedosamente todos os apelos dos generais para evitar o desastre por meio de recuos táticos. Ele temia a perda de armas e de material, e receava também os imprevisíveis efeitos psicológicos que a destruição de sua aura de invencibilidade poderia acarretar; em suma, o espectro de Napoleão, que fora objeto de seu desprezo, voltou a assediá-lo. [75] A 16 de dezembro, numa ordem do dia, exortou seus soldados a uma "resistência fanática" nas posições atualmente ocupadas "sem levar em conta as investidas inimigas pelos flancos e pela retaguarda". Quando Guderian lhe mostrou a inutilidade do sacrifício que representava essa ordem, Hitler perguntou se "o senhor general achava que os granadeiros de Frederico, o Grande, morriam por prazer". "O senhor vê os acontecimentos muito de perto", prosseguiu Hitler, "e tem pena demais dos seus soldados. O senhor deveria manter-se mais distante". Ainda hoje, há um ponto de vista bastante generalizado de que foi a *Halte-Befehl* , a "ordem de manter a posição" de Hitler diante de Moscou e sua obstinada vontade de aguentar que estabilizaram uma frente que estava a ponto de se desmanchar. Todavia, as substanciais perdas das tropas, a renúncia ao uso do espaço e, principalmente, às linhas de suprimento mais curtas anularam todas as vantagens que daí se pudesse tirar. [76] Por outro lado, a decisão indicava também a incapacidade cada vez mais notória de Hitler reagir com certa flexibilidade. O *processus* de estilização monumental a que se dedicara durante tanto tempo atuava agora sobre sua natureza, conferindo-lhe um traço patético de majestosa rigidez. Mas, qualquer que fosse a decisão que pudesse tomar em face dessa crise, ficava fora de dúvida que não fora só sua Operação Barbarossa de guerra-relâmpago que fracassara às portas de Moscou, mas, ao mesmo tempo, todo seu plano bélico.

Tudo leva a crer que essa constatação, como acontecera em outras grandes crises de desencanto, o atingiu com a violência de um choque. Era o primeiro grande revés após vinte anos de êxitos constantes, de triunfos políticos e militares. A resolução desesperada, mantida a despeito de todas as opiniões contrárias, de conservar a todo preço suas posições diante de Moscou tinha algo de mágica destinada a esconjurar uma reviravolta decisiva — e ele tinha bastante consciência de que seu jogo, extremamente arriscado, mostrar-se-ia insustentável à primeira derrota. Em todo caso, desde meados de novembro, pareceu invadido por um sentimento de resignada apreensão quando, diante de um pequeno grupo de assessores e como se lhe viesse subitamente uma ideia, mencionou, mais uma vez, vagas esperanças nas classes dirigentes conservadoras da Inglaterra. [77] Parecia ter esquecido completamente que,

havia bastante tempo, era infiel ao que havia sido o segredo de seus êxitos e que nunca mais teria condições de poder combater um de seus adversários usando a ajuda de outro. Dez dias mais tarde, quando da queda catastrófica do frio, pareceu compreender imediatamente, pela primeira vez, que estava para sofrer algo mais do que um simples contratempo; o general Jodl explicou, mais para o fim da guerra, durante uma conferência sobre a situação, que, nessa fase e diante da catástrofe do inverno russo, tornara-se claro, para ele como para Hitler, que "a vitória já era impossível". [78] Em 27 de novembro, no QG do Führer, o general Eduard Wagner, chefe da seção de operações, apresentou a situação, que Halder resumiu numa frase: "Estamos no fim de nossas forças, em pessoal e em material". E, na mesma noite, tomado por um daqueles estados de ânimo de misantropia, aos quais estava tão sujeito em horas de crise, Hitler disse a um visitante de fora: "Se um dia o povo alemão não for bastante forte nem estiver suficientemente preparado para o sacrifício de dar seu sangue a fim de salvar sua existência, que desapareça e seja destruído por outra potência mais forte". E, durante um segundo encontro, mais tarde da noite, falando novamente a um visitante estrangeiro, Hitler repetiu a frase, acrescentando que "nesse caso, não derramaria uma só lágrima pelo povo alemão". [79]

O fato de ter percebido o fracasso geral de seu plano de guerra surge por trás da decisão por ele mesmo tomada, em 11 de dezembro, de declarar guerra aos Estados Unidos — a guerra que tanto temera. Quatro dias antes, 350 aviões japoneses haviam despejado uma tempestade de bombas sobre a esquadra americana em Pearl Harbor e sobre a base aérea de Oahu. Com essa agressão de surpresa, o Japão tomara a iniciativa no Extremo Oriente. Em Berlim, o embaixador japonês Oshima pediu a imediata entrada do Reich na guerra ao lado do seu país; e embora Hitler muitas vezes tivesse pressionado, sem sucesso, o aliado do Oriente a se lançar contra a Rússia ou a hostilizar o Império Britânico no sudeste asiático e, além disso, tivesse dado a entender que uma guerra contra os EUA lhe parecia pelo menos inoportuna, dessa vez concordou imediatamente com o pedido japonês. Nem sequer censurou os nipônicos por terem guardado tão bem o segredo, e, quando Ribbentrop observou que, estritamente pelos termos do Pacto Tripartite, a Alemanha não estava de modo algum obrigada a prestar assistência a seu aliado, Hitler afastou a objeção. O espetacular golpe de surpresa com que os japoneses haviam aberto as hostilidades causara-lhe profunda impressão; chegara até a se entusiasmar por esse gênero de efeito: "Um peso lhe saíra do coração quando recebeu a notícia da primeira operação japonesa", disse a Oshima. [80] Mas, na decisão de entrar em guerra contra os Estados Unidos, escondia-se principalmente a súbita percepção da derrota que acabava de sofrer o conjunto

de suas concepções estratégicas.

Na verdade, diante de si ele só tinha duas perspectivas, igualmente fatais: um eventual entendimento entre o Japão e os EUA, que de repente liberaria o presidente americano de suas preocupações no Pacífico e permitiria uma intervenção ativa contra a Alemanha, hipótese para a qual Roosevelt e sua política de “tudo, menos a guerra” (*short of war*) tendiam perigosamente desde algum tempo; ou a guerra entre o Japão e os Estados Unidos, que, feitas as contas e já que o Japão não estava, visivelmente, pronto para se colocar ao lado da Alemanha contra a URSS, Hitler preferia. De qualquer maneira, estava no direito de dizer a si próprio que um conflito com a América era inevitável e, pensando bem, lançar-se a ele sem delongas apresentava algumas vantagens, principalmente no que dizia respeito ao desenrolar da guerra naval. Até aqui, o comando naval alemão fora bastante importunado pelas provocações da marinha americana; mas havia outro motivo: os êxitos japoneses, psicologicamente muito eficazes, chegavam no momento exato de encobrir a crise que se abatia sobre a frente russa. Enfim, a decisão de Hitler foi-lhe certamente ditada também pela obstinação em ter um papel importante, pelo esgotamento de suas reservas de paciência e pela angústia resultante do rumo tomado pela guerra que, a despeito de todas as intenções, não podia mais ser resolvida por uma série de felizes golpes de audácia. A guerra devia, por conseguinte, chegar ao estágio de luta mortal, envolvendo as cinco partes do mundo, se não se transformasse — o que era contra toda lógica — numa guerra de material e de desgaste, cujo resultado dependeria da superioridade das reservas de matérias-primas, do nível da produção e da importância numérica da população.

Mas esses argumentos convenciam de forma muito relativa e não podiam dissimular que Hitler entrava nesse conflito com os EUA sem um grande motivo. Como haviam caducado suas razões! Em pouco mais de dois anos, deixara perder-se uma situação política de primeiro plano, de altíssimo prestígio, constrangendo os estados mais poderosos do mundo, a despeito das “inimizades mortais” que os tinham dividido até ali, a formarem “uma aliança antinatural”. A guerra com os Estados Unidos foi menos livre, mais imposta do que o ataque que decidiu lançar contra a Rússia; na verdade, já não foi o ato de uma decisão pessoal, mas um gesto ditado pela súbita percepção de sua impotência, a última iniciativa estratégica de Hitler de alguma importância: depois dessa, não tomou mais nenhuma.

A entrada dos Estados Unidos na guerra se fez sentir imediatamente através de um aumento e da maior extensão do esforço aliado. No próprio dia do ataque alemão à União Soviética, Winston Churchill, num discurso

transmitido pelo rádio, declarou que não retirava uma só palavra do que tinha dito, em vinte e cinco anos, contra o comunismo, mas que, em face do drama que se desenrolava no Leste, "o passado, com seus crimes, suas loucuras e suas tragédias, ficava apagado". [81] Mas se Churchill sempre quis manter clara a consciência da distância que o separava de seu novo aliado, o presidente Roosevelt se empenhou a fundo, com aquela impávida decisão moral que o momento e o adversário exigiam. Já algum tempo antes de sua entrada na guerra, incluíra a URSS, ao lado da Inglaterra, no *Lend-Lease* , o grande programa de ajuda material, agora mobilizou verdadeira e inteiramente o potencial de seu país. Em um ano, a produção de tanques atingiu 24 mil unidades, e a de aviões, 48 mil; quando chegou 1943, ele dobrara duas vezes o efetivo do exército americano para 7 milhões de homens, e já no final do primeiro ano de guerra, elevara a produção de material bélico dos EUA ao mesmo nível das três potências do Eixo reunidas; em 1944, chegou a duplicá-la de novo. [82]

Sob o impulso da iniciativa americana, os aliados se puseram de acordo quanto a uma estratégia comum. Ao contrário das potências do Pacto Tripartite, que jamais conseguiram chegar a uma planificação militar unificada, as comissões e os estados-maiores que seus adversários formaram imediatamente coordenaram sem delongas seu esforço comum, durante mais de duzentas conferências. Assim facilitavam as coisas, guiados por um projeto comum e bem definido — vencer a qualquer custo o inimigo — ao passo que Alemanha, Itália e Japão perseguiam, cada um por si e em áreas do mundo distintas e distantes, objetivos vagos e ao mesmo tempo muito ambiciosos. Mussolini resumiu essa avidez dos três despojados *have-nots* da política mundial, tão fascinados quanto atormentados por seu próprio dinamismo, no fim do ano de 1941, quando, em companhia de Hitler, visitou as ruínas de Brest-Litovsk e o ditador alemão se deixou levar por uma de suas visões de partilha do mundo. Aproveitando um instante de silêncio, Mussolini, segundo os registros, comentou com tranquila ironia que, pelo jeito, com aquela disposição de conquista, "no fim, não sobraria mais que a lua". [83]

Esse encontro, aliás, fora planejado como uma espécie de demonstração contra a aliança que se esboçava entre os adversários, pois, uns quinze dias antes, realizara-se no litoral da Terra-Nova, entre Churchill e Roosevelt, uma conferência durante a qual os dois homens de estado haviam definido, na famosa "Carta do Atlântico", seus objetivos de guerra. Os parceiros do Eixo contra-atacaram imediatamente com palavras de ordem cunhadas por Hitler: "Nova Ordem europeia", "Solidariedade da Europa". Apoiados na palavra de

ordem “Cruzada da Europa inteira contra o bolchevismo”, tentaram reanimar esse internacionalismo que, como uma contradição interna nunca resolvida, todos os movimentos fascistas reivindicam. Mas, mesmo aqui, viram-se à tona os inconvenientes resultantes da renúncia de Hitler ao uso da política: como se não fosse ele que tivesse tomado emprestado aos princípios do jogo duplo essa prática da sedução que combina, de maneira inextrincável, a ameaça velada e as promessas, prática a que devia seus maiores êxitos, ele não adotava mais em suas relações com os povos da Europa senão o tom da mais brutal hegemonia: “Se submeto um país livre, apenas para lhe restituir a liberdade”, perguntou no início de 1942, “que sentido isso faria? Quem derramou seu sangue adquiriu, automaticamente, o direito de dominar.” E acrescentava que só podia rir de “certos parlapatões que imaginam que uma comunidade se pode formar pela persuasão de belas palavras. (…) As uniões só podem ser criadas e mantidas pela força”. [84] Mesmo mais tarde, apesar de suas continuadas derrotas, descartou obstinadamente todas as propostas de alguns auxiliares querendo convencê-lo a abandonar seus planos de supremacia indiscutível imposta à Europa em favor de concessões diversas baseadas numa ideia geral de igualdade: ficaria “louco de raiva”, terminou dizendo, se continuassem a incomodá-lo em nome da pretensa honra desses pequenos “estados-porcarias” que só existiam porque “algumas potências europeias não tinham conseguido entrar em acordo quanto à maneira de devorá-los. [85] Para ele, de agora em diante, só existia a concepção eternamente imutável, sem exceção, da conquista e da tenaz conservação de tudo que tomasse.

Entrementes, no *front* , essa mesma tendência, aumentada pelo pânico, deu lugar ao primeiro grande desentendimento entre Hitler e os generais. Enquanto o exército alemão foi vitorioso, todas as divergências de opinião tinham sido mais ou menos atenuadas, e a desconfiança, sempre presente em Hitler, era abafada pelo choque cristalino das taças que se erguiam em honra dos triunfos conquistados. Mas quando a página virou, os ressentimentos, reprimidos por tanto tempo, surgiram mais fortes do que nunca. Hitler se intrometia cada vez mais na conduta das operações, dando ordens diretamente aos grupos de exércitos e aos estados-maiores, não de raro intervindo nas decisões táticas de divisões e regimentos. O comandante do exército “não era mais do que um mensageiro”, anota Halder em 7 de dezembro de 1941. [86] Doze dias depois, no clima de discórdia a propósito da *Halte-Befehl* , a “ordem de manter a posição”, von Brauchitsch, caído em desgraça, teve a demissão que pedira. De acordo com o tipo de solução adotado em todas as

crises de governo precedentes, Hitler assumiu pessoalmente o comando do exército, e pode-se considerar, como prova da confusão reinante em todos os escalões da hierarquia, que, assim, ele se submetia duplamente a si mesmo. Em 1934, quando da morte de Hindenburg, ele tinha assumido a função (sobretudo representativa) de comandante-chefe do exército alemão, e, em 1938, quando Blomberg se afastara, ele tomara o comando supremo (efetivo) da Wehrmacht; agora, justificava sua decisão com uma observação que, além de suas suspeitas, revelava significativamente a intenção de reforçar ainda mais o doutrinamento ideológico do exército: "Qualquer um pode desempenhar esta pequenina função de dirigir operações de guerra" — explicou. "O dever do chefe supremo consiste, antes de tudo, em proceder à educação nacional-socialista do exército. Não conheço general capaz de cumprir esse dever da maneira como o entendo. Por esse motivo, resolvi assumir eu mesmo o comando supremo do exército." [87]

O dia da saída de von Brauchitsch foi também o dia da demissão do comandante do Grupo de Exércitos do Centro, von Bock; em lugar dele, assumiu o marechal von Kluge; ao mesmo tempo, o marechal von Reichenau sucedeu ao comandante do Grupo de Exércitos do Sul, von Rundstedt. Dentro em pouco, por infrações à *Halte-Befehl* , foi destituído o general Guderian, o general Hoepner foi expulso da Wehrmacht e o general von Sponeck foi condenado à morte, enquanto o marechal von Loeb, comandante do Grupo de Exércitos do Norte, preferiu dar espontaneamente sua demissão. Inúmeros outros comandantes de exércitos e de divisões foram exonerados. As "expressões de desprezo" que Hitler, desde o fim de 1941, reservara a von Brauchitsch refletiam, no fundo, o julgamento que, de ora em diante, fazia sobre o corpo de altos oficiais: "É um pobre-diabo vaidoso e covarde, que (…) estragou completamente o plano da campanha do leste com suas constantes interferências e sua eterna desobediência". Seis meses antes, na euforia da vitória de Smolensk, Hitler se vangloriara de possuir "marechais de dimensão histórica" e de contar com um "corpo de oficiais único no mundo". [88]

Durante os primeiros meses de 1942, as terríveis batalhas defensivas continuaram causando muitos danos em todos os setores do *front* . Os diários de guerra dos oficiais mencionam constantemente "resultados imprevistos", "grande confusão", "dia de combates furiosos", "penetrações profundas" ou "cena dramática perto do Führer". No fim de fevereiro, Moscou estava novamente a mais de cem quilômetros da frente, a totalidade das perdas alemãs se elevava, nessa época, a pouco mais de um milhão de homens, ou seja, 31,4% do efetivo do exército do leste. [89] Foi só na primavera, com o início do degelo, que a violência dos combates se acalmou um pouco; os dois

lados estavam no fim de suas forças. Visivelmente marcado pelos acontecimentos, Hitler confessou a seus companheiros de mesa que, por um momento, a catástrofe do inverno o aturdira; ninguém podia imaginar a energia que despendera nesses três meses e como eles tinham posto à prova os seus nervos. A Goebbels, que fora visitá-lo no QG, ele causou uma “impressão perturbadora”; Goebbels achou-o “muito envelhecido”, não se lembrando de jamais tê-lo visto tão “soturno e acabado”. Hitler se queixava de vertigens e declarou que a visão da neve lhe causava indisposição física. Quando, no fim de abril, foi passar alguns dias em Berchtesgaden, sendo surpreendido por uma nevada extemporânea, voltou a toda pressa: “De certa maneira, é uma fuga da neve”, observou Goebbels. [90]

Quando, afinal, terminou “esse inverno de nosso desastre” [91] e, com a chegada da primavera, recomeçou o avanço alemão, Hitler tornou-se novamente otimista e chegou a expressar, vez por outra, embora com humor e charme, seu sentimento de infelicidade por não ter o destino permitido que ele se batesse senão com adversários de segunda classe. Mas uma passagem do diário do chefe do Estado-Maior do Exército revela até que ponto essa segurança era frágil e como seus nervos eram instáveis. “Subestimar constantemente as possibilidades do inimigo toma, com o tempo, formas grotescas”, escreveu ele. “Não se trata de um trabalho sério. Reações mórbidas, impressões passageiras e uma completa carência de avaliação da máquina do comando e de suas possibilidades deixam lamentáveis marcas sobre esse pretenso comando”. [92] Para dizer a verdade, o plano de operações para o verão indica que Hitler havia aproveitado as lições do ano anterior. Em lugar de se dispersar em três direções, todas as forças destinadas à ofensiva deviam concentrar-se no sul, “para destruir definitivamente o que ainda restava da capacidade de resistência do adversário e retirar-lhe, tanto quanto possível, as principais fontes necessárias à economia de guerra”. Previra igualmente a possibilidade de sustar as operações em tempo útil, preparar quartéis de inverno e, se fosse o caso, criar uma linha de defesa correspondente à Muralha do Ocidente, o chamado Muro do Leste que permitiria aguentar uma guerra com a duração de cem anos que “não fosse mais motivo de preocupação”. [93] Todavia, quando as tropas alemãs atingiram o Don, em meados de julho de 1942, sem ter conseguido pegar o inimigo na prevista grande batalha de cerco, este cedeu de novo à impaciência e aos nervos, esquecendo todos os ensinamentos do verão anterior. Em 23 de julho, deu ordem para dividir a ofensiva em duas operações simultâneas e divergentes: o Grupo de Exércitos B devia progredir por Stalingrado até Astrakhan, no mar Cáspio; o Grupo de Exércitos A devia aniquilar as forças inimigas dispostas em frente a Rostov, prosseguir para a costa leste do mar

Negro e marchar sobre Baku; a força alemã, que no início da ofensiva ocupava uma frente de oitocentos quilômetros, deveria, no fim das operações, ter avançado mais de quatro mil quilômetros, diante de um adversário que jamais se conseguiu engajar numa batalha decisiva, quanto mais vencer.

A ideia eufórica que Hitler fazia de suas próprias possibilidades provinha certamente do exame equivocado do mapa geral do teatro de operações. No fim do verão de 1942, suas forças haviam chegado ao ponto de máxima expansão. Tropas alemãs ocupavam desde o cabo Norte, ao longo da costa atlântica, até a fronteira da Espanha. Havia unidades alemãs na Finlândia, nos Bálcãs e na África do Norte, onde o general Rommel, já batido, segundo o ponto de vista aliado, tinha voltado à carga e, com forças inferiores, rechaçado os ingleses para além da fronteira do Egito, até El Alamein. No leste, os soldados da Wehrmacht tinham cruzado o limite entre Europa e Ásia no fim de julho, e estranhos personagens resmungavam fórmulas de boas-vindas em línguas misteriosas; nas estepes descampadas e em meio a turbilhões de enormes nuvens de poeira, as unidades alemãs continuavam a avançar. No sul, no início de agosto, chegaram às refinarias de Maikop, destruídas e incendiadas; do petróleo que, nas intermináveis e ásperas discussões das semanas anteriores, servira de motivo para essa ofensiva, pode-se dizer que Hitler nada levou. Em 21 de agosto, soldados alemães içaram a bandeira da cruz suástica no cume do Elbrus, a montanha mais alta do Cáucaso. Dois dias depois, unidades do VI Exército atingiram o rio Volga em Stalingrado.

Mas era uma impressão enganosa. Para a guerra cuja mancha de óleo se alastrava por três continentes, pelos oceanos e pelos ares, havia falta não só de homens, de armamento, de transporte, de matérias-primas mas também de um verdadeiro comando. No zênite de seu poder, Hitler era havia tempo um homem vencido. Crises violentas e súbitas surgiram constantemente, com repercussões cujos efeitos eram agravados pela rigidez de sua solidão; eram manifestação do caráter irreal desse poderio que ia desabar.

Os primeiros sintomas da crise manifestaram-se no leste. Desde o início da ofensiva de verão de 1942, Hitler tinha transferido seu quartel-general de Rastenburg, na Prússia Oriental, para Vinnytsya, na Ucrânia; e lá, nas conferências diárias do estado-maior, defendia, com aspereza crescente, sua decisão de conquistar todo o Cáucaso, bem como Stalingrado, embora a posse desta cidade sobre o Volga se tivesse tornado sem importância desde o instante em que não se tratava mais de cortar o tráfego fluvial. Mas Hitler não queria mais ouvir argumentos contrários aos seus. Em 21 de agosto, houve uma troca de palavras ferinas, quando Halder quis demonstrar que os efetivos

alemães eram insuficientes para uma ofensiva que exigisse forças importantes. O chefe do Estado-Maior Geral deu a entender que as decisões peremptórias de Hitler não levavam em conta limites de possibilidades, e, como declarou mais tarde, de sonhos excitados nasciam leis que dirigiam as ações. Quando, no decorrer da discussão, Halder observou que a União Soviética produzia 1200 tanques mensalmente, Hitler, no auge da excitação, proibiu-o de dizer em sua presença "coisas tão idiotas". [94]

Não passara ainda uma quinzena quando, por motivo da lentidão do avanço na frente do Cáucaso, novos desentendimentos se verificaram no QG do Führer. Desta vez, era o dedicado Jodl que não só ousara tomar abertamente a defesa do comandante do Grupo de Exércitos A, marechal List, mas tivera a audácia de citar as próprias palavras de Hitler para provar que List nada mais fizera do que seguir as instruções recebidas. Enfurecido, Hitler interrompeu imediatamente a conversa. Em 9 de setembro, exigiu que o marechal List se demitisse de suas funções e, na mesma noite, assumiu pessoalmente o comando do grupo de exércitos. No auge do descontentamento, daí em diante pôs fim a todo contato com os generais do seu quartel-general e até recusou-se a apertar a mão de Jodl durante vários meses; evitava a sala dos mapas, e as reuniões, que passaram a se realizar em seu estreito abrigo, em presença do grupo mais restrito, numa atmosfera tensa e glacial, foram daí em diante registradas em atas e protocolos, palavra por palavra. Hitler só deixava seu abrigo quando caía a noite e por caminhos secretos. Passou a fazer as refeições em companhia unicamente do seu cão pastor; era raro que convidasse algum visitante; as reuniões noturnas foram igualmente suprimidas; com essas reuniões e tudo quanto a elas se relacionava, desapareceram ao mesmo tempo a sociabilidade burguesa e o companheirismo que caracterizavam as relações no QG do Führer. No fim de setembro, Hitler dispensou o próprio Halder. Desde algum tempo, sua atenção tinha sido atraída pelos relatórios do general Zeitzler, chefe de estado-maior do comandante da frente ocidental, que se distinguiam por uma profunda intuição tática e uma atitude de constante otimismo. Desejava agora ter a seu lado "um homem como aquele Zeitzler", declarou [95] , e fez dele o novo chefe do Estado-Maior do Exército.

Entrementes, à custa de perdas cada vez mais pesadas, um crescente número de elementos do VI Exército havia atingido Stalingrado e tomado posição ao norte e ao sul da cidade. Segundo tudo indicava, os russos agora estavam decididos a não mais recuar, mas a manter o combate. Uma ordem do dia de Stalin caíra nas mãos dos alemães: assim, num tom de "pai do povo" inquieto, ele informava seus concidadãos de que a Rússia não poderia mais,

de agora em diante, permitir-se o abandono de qualquer parte, por menor que fosse, de seu território. Cada polegada de terreno devia ser defendida passo a passo e até o fim. De repente, como se pessoalmente insultado, Hitler exigiu a conquista de Stalingrado, a despeito das objeções de Zeitzler e do comandante-chefe do VI Exército, o general Paulus; a cidade tornou-se para ele um fantasma de prestígio e sortilégio, e sua conquista passou a ser, "por motivos psicológicos, de urgente necessidade", declarou em 2 de outubro; oito dias depois, acrescentou que o comunismo devia ser "privado de seu santuário". [96] A sangrenta batalha pela conquista de casas, de quarteirões habitados, de fábricas, que então se travou, causou perdas terríveis de parte a parte. Houve momentos em que as forças alemãs ficaram apenas com uma quarta parte de seus efetivos. Mas o mundo inteiro aguardava a cada instante a notícia da queda de Stalingrado.

Desde a catástrofe do inverno, quando pela primeira vez lhe aparecera o espectro da derrota, bem mais ainda do que antes, Hitler dedicava toda a sua energia à campanha da Rússia; tornava-se cada vez mais evidente que negligenciava os outros teatros de operações. Por certo, continuava a pensar em termos de vastas perspectivas, em emanações divinas, em continentes, mas a África do Norte, por exemplo, era materialmente muito distante para ele. De qualquer maneira, jamais compreendera realmente a importância estratégica da região mediterrânea, demonstrando assim, mais uma vez, o quanto a grande gesta de seus pensamentos, filha de seus sonhos excitados, era um fato apolítico, abstrato, até mesmo "literário". Foi a instabilidade de seu interesse, a falta de reforços e de reservas que minaram o potencial ofensivo do Afrika Korps; a arma submarina também sofreu com a estratégia fantasista de Hitler; no fim de 1941, só havia sessenta submarinos em estado de navegar, e quando, um ano depois, atingiu-se afinal o número, exigido desde o início da guerra, de uma centena de submarinos, o sistema de medidas defensivas tomadas pelo adversário e suscitadas por uma série de espetaculares êxitos alemães entrou em ação e provocou uma reviravolta do quadro.

Em matéria de guerra aérea, igualmente, a situação se modificava. Nos primeiros dias de janeiro de 1941, o gabinete inglês tinha aprovado um plano de operações aéreas estratégicas cujo objetivo era eliminar, com bombardeios por seção, a indústria alemã de combustíveis sintéticos e paralisar, com uma espécie de "hemiplegia", setor por setor, a totalidade do esforço de guerra do Reich. [97] Mas esse plano, cuja realização imediata teria certamente dado outro rumo aos acontecimentos, só foi executado três anos mais tarde. No meio-

tempo, outras ideias tiveram prioridade, principalmente a de *area bombing* , o bombardeio “em tapete”, terror aéreo praticado contra as populações civis. A nova fase se iniciou na noite de 28 de março de 1942, com um bombardeio maciço de Lubeck, executado pela RAF; a velha cidade hanseática, tão rica em tradições burguesas, ardeu como lenha seca, segundo o relatório oficial. Em resposta, Hitler convocou da Sicília dois grupos de bombardeiros com um total de cem aparelhos; durante as semanas seguintes, eles se entregaram a “operações de represália”, os famosos bombardeios “pelo guia de viagem *Baedecker* ”, dirigidos contra recantos turísticos escolhidos das velhas cidades inglesas. E o fato de que os ingleses, desde a noite de 30 para 31 de maio de 1942, por sua vez responderam com uma “incursão de mil aparelhos”, o primeiro da guerra, demonstra a amplitude da reversão que se operara na relação de força dos adversários. Na segunda metade do ano, os americanos também atacaram, de forma que, a partir de 1943, a Alemanha teve de suportar o ataque aéreo ininterrupto, *round-the-clock bombing* . Face à visível reviravolta da situação, Churchill declarou num discurso pronunciado na Mansion House de Londres: “Ainda não é o fim. Não é nem mesmo o começo do fim. Mas é, talvez, o fim do começo.” [98]

Os acontecimentos que se desenrolaram nas diversas frentes vieram em apoio dessa tese. A 2 de novembro, depois de compacta preparação de artilharia durante dez dias, o general Montgomery, com superioridade de tropas, abriu uma brecha nas posições germano-italianas de El Alamein; pouco depois, na noite de 7 para 8 de novembro, tropas americanas e inglesas desembarcaram nas costas do Marrocos e da Argélia, ocupando a África do Norte Francesa até a fronteira da Tunísia; exatamente dez dias depois, em 19 de novembro, dois grupos de exércitos soviéticos lançaram, em meio aos horrores de uma tempestade de neve, uma contraofensiva na região de Stalingrado; em seguida, depois de abrir uma brecha no setor romeno da frente, cercaram, entre o Don e o Volga, cerca de 280 mil homens com 100 tanques, 1800 canhões e 10 mil veículos. Quando o general Paulus informou que estava cercado, Hitler ordenou-lhe transferir seu quartel-general para a cidade e formar um perímetro defensivo, a chamada defensiva em ouriço: “Mantenho-me no Volga!” Já alguns dias antes, telegrafara a Rommel, que lhe pedira autorização para uma retirada: “Na situação em que o senhor se encontra, não há outra alternativa senão resistir a todo preço, não recuar um só passo e lançar na batalha todas as armas e todos os combatentes de que puder dispor (…) Não seria a primeira vez na história que a vontade mais forte triunfaria sobre batalhões inimigos mais numerosos. O senhor não pode oferecer às suas tropas outra opção que não seja a vitória ou a morte”. [99]

As três ofensivas de novembro de 1942 assinalaram a virada completa da guerra: a iniciativa passou definitivamente ao campo adversário. E como se quisesse, mais uma vez, dar a si mesmo uma demonstração de estar em condições de tomar decisões militares de vulto, em 11 de novembro Hitler deu ordem às tropas de ocupação na França para invadirem a Zona Não-ocupada; e, no discurso que pronunciou, como fazia todo ano, por ocasião do aniversário do *Putsch* de 23 de novembro, afetou uma atitude tão ferozmente implacável que só podia ser produto da resignação. “De nossa parte, não haverá mais qualquer proposta de paz”, bradou. Ao contrário do que se passara no tempo da Alemanha imperial, agora estava à frente do Reich um homem que “jamais conhecera senão a luta e um só princípio: vencer, vencer, novamente vencer”. E prosseguiu:

> Em mim, vós tendes (…) ao contrário, um adversário que sequer pensa na palavra *capitular!* Sempre foi meu hábito, mesmo em criança — talvez fosse um defeito, mas quem sabe é uma virtude — querer ter a última palavra. E todos os meus inimigos podem ficar convencidos de que se a Alemanha de outrora depôs as armas quinze minutos antes do meio-dia — tenho comigo o princípio cardeal de não me deter senão depois de meio-dia e cinco! [100]

Aí estava, portanto, sua nova estratégia — que tomava o lugar de todos os conceitos anteriores: resistir, não ceder! Nem um passo! Até o último cartucho! Quando a derrota do Afrika Korps foi confirmada, em seu desejo obstinado de impor ao inimigo uma imobilização definitiva, enviou algumas unidades — sempre negadas a Rommel — a certos pontos da Tunísia a essa altura caídos nas mãos do adversário. Sem cerimônia, não deu ouvidos às exortações de Mussolini, que o pressionava para uma tentativa de acomodação com Stalin; igualmente, rejeitou todas as propostas de especialistas militares para encurtar a frente do leste, restabelecendo suas linhas à retaguarda. Hitler queria permanecer na África do Norte, manter Túnis, penetrar na Argélia, defender Creta, ocupar quatorze países europeus, bater a URSS juntamente com a Inglaterra e os EUA e, ao mesmo tempo, pois sua fixação original ressurgia cada vez mais frequentemente, queria conseguir, agora mais do que nunca, como não cessava de repetir, a despeito de suas retiradas, recuos e derrotas, “que o mundo reconhecesse em toda a sua amplitude o perigo demoníaco representado pelo judaísmo internacional”. [101]

Essas manifestações de deterioração intelectual eram acompanhadas de uma perceptível decadência na técnica do exercício do poder. Na noite seguinte ao desembarque aliado na África do Norte, Hitler fez em Munique o discurso mencionado acima, e, imediatamente depois, seguiu para o Berghof, em Berchtesgaden, com seus ajudantes e alguns íntimos; Keitel e Jodl ficaram numa casa situada na aldeia, enquanto o estado-maior da Wehrmacht se encontrava a bordo de um trem especial, na estação de Salzburg, e o estado-

maior do exército, efetivamente a cargo das operações, estava bem longe dali, no QG de Angerburg, na Prússia Oriental. Hitler passou os dias seguintes em Berchtesgaden; em vez de dedicar-se à organização de contramedidas, entregou-se a uma espécie de satisfação estética, nascida da ideia de que ele era o homem contra o qual tinha sido levantada toda essa gigantesca *armada* ; entusiasmou-se com as possibilidades, nesse ínterim perdidas, de vastas operações e exercitou seu espírito crítico à custa dos procedimentos maduramente refletidos do adversário: pessoalmente, dizia, teria agido mais diretamente, mais psicologicamente e mais espetacularmente, desembarcando diante de Roma e, assim, isolando e destruindo as tropas do Eixo na África do Norte e na Itália meridional. [102]

Entrementes, em torno de Stalingrado o círculo se fechava. Hitler só retornou a Rastenburg em 23 de novembro à noite, e não era fácil estabelecer claramente se ele subestimava a gravidade da situação ou se, por uma fingida demonstração de desinteresse, queria dissimulá-la ante si próprio e seu círculo mais íntimo. Em todo caso, tentou livrar-se de Zeitzler, que desejava conversar sobre algumas decisões em suspenso, e adiou a reunião para a manhã seguinte, usando de palavras delicadas. Quando o chefe do estado-maior insistiu e propôs-lhe que desse imediatamente ao VI Exército ordem de romper o cerco em que estava encerrado, iniciou-se uma das discussões que não cessaram de recomeçar até os primeiros dias de fevereiro, quando a estratégia de “manter o terreno” de Hitler terminou numa derrota. Durante a noite, aí pelas duas horas da madrugada, Zeitzler ainda podia achar que convencera Hitler; em todo caso, no QG do Grupo de Exércitos B, ele deu a entender que esperava conseguir, pela manhã, que Hitler assinasse a ordem de retirada. Na realidade, Hitler só aparentemente mudara de opinião, e assim reabriu as discussões a respeito das divergências de opiniões que deviam, nas semanas seguintes, revestir-se das formas mais diversas e movimentar toda sorte de artifícios de persuasão. Eram longos silêncios apaziguadores, discussões verbosas e prolongadas sobre questões secundárias, concessões em outros pontos, ou o recurso entusiástico ao repertório inesgotável dos números, breve apelo a todos os meios que permitiam a Hitler persistir com uma tenacidade obstinada em sua decisão. Inteiramente contra sua atitude habitual, chegou mesmo, várias vezes, a apoiar sua decisão na opinião de outra pessoa. Recorrendo à sua habilidade psicológica, disse, e pediu a confirmação de Göring, cujo prestígio estava fortemente abalado e que parecia apenas esperar uma ocasião para exibir seu otimismo, que a Luftwaffe estava perfeitamente em condições de suprir as unidades cercadas; [103] durante uma discussão com Zeitzler, chamou Keitel e Jodl em seu auxílio e, de pé, o semblante solene, pediu a opinião dos chefes do OKW, do Estado-Maior da

Wehrmacht e do Estado-Maior do Exército: “Estou diante de uma decisão muito grave. Antes de tomá-la, gostaria de ouvir vossa opinião: devo ou não desistir de Stalingrado?” Como sempre, o nefasto Keitel, com os olhos brilhantes, o apoiou: “Meu Führer, continue no Volga”. Jodl aconselhou-o a esperar, e Zeitzler foi o único a defender a retirada, de sorte que Hitler pôde concluir: “O senhor vê, senhor general, que eu não estou só em meu ponto de vista; ele é compartilhado por dois oficiais, ambos de posto superior ao seu. Portanto, mantenho minha decisão anterior”. [104] Entre outras ideias para explicar isso, impõe-se como mais plausível a de que, depois de tantos êxitos parciais e manifestamente insuficientes, Hitler procurara em Stalingrado a vitória suprema: não só em face de Stalin, de quem a cidade tinha o nome, nem mesmo face a seus adversários naquela guerra em todas as frentes e quase inconcebível, mas, sobretudo, face ao destino. A crise, que se tornava cada vez mais evidente, não o apavorava; curiosamente, Hitler confiava nela. Pois a mais antiga das receitas às quais devia seus êxitos, aquela que se revelara, desde as lutas internas do Partido em 1921 constante e triunfalmente eficaz, consistia, de certa maneira, em forçar a crise para, do esforço despendido para dominá-la, extrair o dinamismo e o otimismo do vencedor. Se a batalha de Stalingrado não foi, do ponto de vista militar, o momento decisivo da guerra, para Hitler ela o foi. “Se nós renunciarmos a isso — a Stalingrado — bem se pode dizer que abandonamos tudo e esvaziamos o verdadeiro sentido da campanha”, declarou ele. [105] Com sua tendência a “mitologizar”, certamente interpretava como um augúrio o fato de reencontrar nesta cidade o nome de um dos seus grandes adversários simbólicos: portanto, era lá que desejava vencer ou sucumbir.

No fim de janeiro, a situação foi insuportável. Mas, quando o general Paulus, ante o estado de seus homens esgotados e desmoralizados pelo frio, pelas epidemias e pela fome, suplicou que lhe dessem autorização para capitular, Hitler respondeu por telegrama: “Capitulação proibida. O exército permanece em suas posições até o último soldado, até o último cartucho e, com sua heroica resistência, dá uma contribuição inesquecível à criação de uma frente de defesa e para a salvação do Mundo Ocidental”. [106] Diante do embaixador da Itália, comparou o VI Exército aos trezentos gregos do desfiladeiro das Termópilas, e Göring se expressou em termos mais ou menos análogos num discurso de 30 de janeiro, enquanto nas ruínas fumegantes de Stalingrado extinguiam-se os últimos esforços de resistência, e raríssimos sobreviventes, desesperados e dispersos, ainda tentavam defender-se, ele bradou: “Mais tarde, quando se falar da heroica luta do Volga, dir-se-á: tu que passas, tu que regressas à Alemanha, conta que nos viste morrer em Stalingrado como as leis da honra e a conduta da guerra exigiram da

Alemanha”.

Três dias depois, em 2 de fevereiro, os últimos remanescentes do exército se renderam, depois que Hitler, horas antes, tinha feito Paulus marechal e promovido 117 outros oficiais. Cerca das 15 horas, um avião de reconhecimento alemão, voando a grande altitude sobre a cidade, radiografou que não se observava qualquer sinal de luta em Stalingrado. Noventa e um mil soldados alemães foram enviados ao cativeiro: desses, só cinco mil retornaram, anos mais tarde.

A indignação de Hitler contra Paulus, que não se mostrara à altura da derrota e capitulara, explodiu durante o exame de situação seguinte, no QG do Führer:

> Como ele facilitou as coisas! (…) O homem deveria ter metido uma bala na cabeça, da maneira que os generais de antigamente faziam, lançando-se sobre suas espadas quando viam que tudo estava perdido. É uma coisa evidente. O próprio Varus ordenou ao escravo: “Vamos, mata-me”. A vida. O que é a vida? A vida, povo. O indivíduo deve morrer. Mas o povo sobrevive ao indivíduo. Como pode um homem temer esse instante no qual pode libertar-se de todos os sofrimentos da existência, se o dever não o prende mais a este vale de lágrimas. Bah! Vocês vão ver! Paulus (…) brevemente falará pelo rádio — sim, vocês vão ver — Seydlitz e Schmidt falarão no rádio. Os russos vão jogá-los no porão dos ratos, e em dois dias eles estarão dóceis e se apressarão a falar. Como se pode ser tão covarde? Não posso compreender. Que fazer? O que mais me fere pessoalmente é que ainda tive o trabalho de promovê-lo a marechal. Quis dar-lhe essa última alegria. É o último marechal que farei nesta guerra. Não se pode contar com o ovo dentro da galinha (…) Isto é de um ridículo total! Tantos homens têm de morrer e eis que um homem assim empana o heroísmo de tantos outros no último momento. Ele podia ter-se libertado de todas as misérias e entrar para a eternidade e para a imortalidade da nação, mas prefere ir para Moscou! Como podia ele pensar em tal alternativa? Que rematada insensatez. [107]

Se não no plano militar, pelo menos do ponto de vista psicológico, Stalingrado representou um dos grandes pontos de inflexão da guerra. Tanto na URSS como para seus aliados, essa vitória causou profunda mudança no estado dos espíritos e reacendeu esperanças tantas vezes quase mortas, ao passo que, entre os parceiros da Alemanha e países neutros, a fé na superioridade de Hitler recebeu um sério golpe. Na própria Alemanha, decresceu a olhos vistos a confiança, já muito escassa, que se tinha na arte de Hitler como condutor da guerra. Durante a reunião diária com seus colaboradores, Goebbels os aconselhou a usar psicologicamente a derrota como um meio “de exaltar as forças de nosso povo”. Tudo o que se diria desse “heroico combate”, explicou, “passaria à história”, e exigiu, principalmente no relatório da Wehrmacht, “uma maneira de expor as coisas (…) que, pelos séculos afora, ainda comoveria os corações”. Como modelo, propôs as alocuções de César aos seus soldados, o apelo de Frederico, o Grande, aos seus generais antes da batalha de Leuthen e as proclamações de Napoleão à sua Guarda. “Talvez”, disse uma transmissão especial do serviço

de propaganda do Reich, “só hoje tenhamos entrado na época fredericana desta guerra violenta. Kolin, Hochkirch, Kunersdorf, esses três nomes lembram graves derrotas de Frederico, o Grande, verdadeiras catástrofes, de efeitos infinitamente mais terríveis do que tudo quanto se passou na frente leste nessas últimas semanas. Mas, depois de Kolin, houve Leuthen; Hochkirch e Kunersdorf foram seguidos de uma Liegnitz, de uma Torgau e de uma Burckersdorf — e, afinal, da vitória suprema (…) ” Mas, a despeito de todos os paralelos encorajadores que, daí em diante e até o fim da guerra, sempre foram citados, como para dar sorte, descobrimos num relatório do SD: “A convicção de que Stalingrado representa uma virada decisiva da guerra é generalizada (…) Os cidadãos mais fracos inclinam-se a ver na queda de Stalingrado o começo do fim.” [108]

Quanto a Hitler, essa derrota deu lugar a um novo impulso mitológico. A partir desse instante, seu mundo imaginário foi visivelmente dominado pelo fantasma de uma queda catastroficamente espetacular, uma dessas ações grandiosas que ele tanto gostava de encenar. A Conferência de Casablanca durante a qual, no fim de janeiro, Churchill e Roosevelt proclamaram o princípio da “rendição incondicional”, cortando assim, também eles, todas as pontes atrás de si, teve como efeito exaltar ainda mais as imagens de Hitler. Partindo da estratégia de “resistir a todo preço”, que predominou durante todo o ano de 1943, Hitler, diante de um fim cada vez mais iminente, planejou, mais categoricamente do que nunca, a estratégia da catástrofe grandiosa.

26

A realidade perdida

É preciso fazer um Éden das regiões petrolíferas que conquistamos .
Adolf Hitler

Quando os homens que dispõem dos destinos da terra se enganam sobre o que é possível, o mal é grande (…); sua obstinação, ou, se preferem, seu gênio, confere a seus esforços um sucesso efêmero; mas como estão em luta com as disposições, os interesses, toda a existência moral dos seus contemporâneos, essas forças de resistência reagem contra eles; e, no fim de certo tempo, muito longo para suas vítimas, bem curto quando os consideramos historicamente, nada mais resta de seus empreendimentos senão os crimes que cometeram e os sofrimentos que causaram .

Benjamin Constant

DESDE O INÍCIO DA CAMPANHA DA RÚSSIA , Hitler levava uma vida reclusa. Seu QG, que abrigava ao mesmo tempo o OKW-Alto Comando da Wehrmacht, estava, desde seu retorno de Vinnytsya, em 1943, novamente situado nos vastos bosques de Rastenburg, na Prússia Oriental. Verdadeiro cinturão de muros, arame farpado e minas protegiam um sistema de *bunkers* e de construções dispersas de atmosfera triste e monótona. Observadores da época o descreveram com muita propriedade como curiosa mistura de claustro e campo de concentração. Os aposentos eram estreitos, sem decoração, com móveis de madeira muito simples, flagrante contraste com a pompa dos anos anteriores, as imensas galerias, as perspectivas grandiosas e todo aquele cenário concebido para deslumbrar tanto em Berlim quanto em Munique e Berchtesgaden. Dir-se-ia que Hitler começara sua retirada para o inferno. O conde Ciano, ministro do Exterior da Itália, comparou o habitante do QG a um troglodita e achava a atmosfera pesada: “Não há a menor mancha de cor, nem um só tom vivo. As antessalas transbordam de gente que fuma, come e fala. E há um cheiro forte de cozinha, de uniformes e de coturnos.” [109]

Nos primeiros meses da guerra, Hitler fora de tempos em tempos ao *front* em visita a campos de batalha, quartéis-generais ou hospitais de campanha. Mas, depois dos primeiros reveses, procurou evitar a realidade e se isolou no mundo abstrato dos mapas e reuniões de estado-maior; a partir dessa época, não mais “viveu” a guerra senão através dos desenhos e dos números em

paisagens de papel. Mostrava-se cada vez menos em público; temia as grandes aparições de antigamente; as derrotas destruíram, ao mesmo tempo que sua auréola, toda a energia que empregava na estilização de seu personagem; e, ao mesmo tempo em que saía da sua rigidez de estátua, apareceu, quase sem transição, a mudança que nele se operara: cansado, os ombros curvados, arrastando a perna, vagueava no cenário desolado do quartel-general; em seu rosto macilento, de aspecto pastoso, abriam-se olhos vazios e fixos, e sua mão esquerda era agitada por uma contínua tremedeira: um homem arruinado fisicamente, irritado e, como ele mesmo dizia, sob uma torturante melancolia, [110] que se afundava cada vez mais inextrincavelmente nos complexos e sentimentos de ódio dos anos de sua juventude. Por mais rígida e estática que fosse a persona de Hitler, à evocação dessa fase de sua vida tem-se a impressão de assistir ao rápido avanço de um processo de degradação; mas, ao mesmo tempo, parece que dessa degradação brota enfim sua própria natureza, despojada das aparências enganosas.

O isolamento em que se confinava desde seu desentendimento com os generais aumentou mais ainda depois de Stalingrado. Frequentemente era visto sentado, meditando, mergulhado em profunda depressão ou, com o olhar voltado para dentro de si mesmo, andando sem rumo, em companhia de seu cão pastor, na área do QG. As relações de convivência eram marcadas pelo constrangimento, pela tensão: "Com os rostos feitos máscaras, nós ficávamos ali, em grupos, silenciosos, imóveis (...)", contou mais tarde um dos participantes, e Goebbels, em seu diário, * acha trágico "que o Führer se retraia assim da vida e leve uma existência tão doentia. Não sai mais ao ar livre, não consegue descansar, descontrair-se, fica em seu *bunker* , agindo e refletindo. (...) A solidão do QG do Führer e o método de trabalho ali têm, obviamente, um efeito depressivo sobre ele". [111]

De fato, Hitler sofria cada vez mais com o isolamento que se impusera e se queixava de que, ao contrário do que acontecia em sua juventude, "não podia mais ficar só". Seu estilo de vida que, desde os primeiros anos da guerra, ele quis espartano, tornava-se cada vez mais austero. As refeições na mesa do Führer eram de grande frugalidade. Só assistiu uma vez a uma representação do *Crepúsculo dos Deuses* , em Bayreuth e, depois do segundo inverno russo, nem mesmo quis mais ouvir música. Desde 1941 — disse ele mais tarde — tinha imposto a si mesmo "jamais e sob pretexto algum, perder o controle, mas, ao contrário, quando sobrevinha uma catástrofe em qualquer parte, sempre me esforçava para encontrar uma solução, a fim de corrigir a situação de qualquer maneira (...) Há cinco anos vivo fora do mundo, não botei o pé no teatro, não tenho assistido a nenhum concerto, nunca mais vi um filme.

Vivo apenas para essa única tarefa: levar a bom termo esta luta, porque sei que, se ela não for conduzida por um ser dotado de vontade de ferro, jamais poderá ser vencida”. [112] Resta-nos então perguntar se não foi precisamente a pressão a que se submetia esse maníaco da vontade, essa concentração obstinada sobre o fato da “guerra”, que encurtaram sua razão e o privaram de toda a liberdade interior.

As tensões que ele se impunha encontravam, mais do que nunca, um derivativo em sua necessidade obsessiva e insaciável ao monólogo. Encontrou em suas secretárias uma nova plateia a que ele tentava, embora inutilmente, oferecer uma “atmosfera cordial e calma” com lareira e docinhos; às vezes, chamava os ajudantes de ordens, os médicos, Bormann, um ou outro hóspede em que confiasse. Sua insônia agravada, os monólogos se faziam mais prolixos à medida que avançava a noite, e, em 1944, não era raro o círculo da audiência, piscando e abrindo desesperadamente os olhos, ter de prolongar sua presença até os primeiros clarões da madrugada. Só então, contou Guderian, Hitler ia finalmente se deitar “para um breve sono de que o acordava, muitas vezes, o barulho das vassouras das arrumadeiras à porta do seu quarto, aí pelas nove da manhã, o mais tardar”. [113]

Limitava-se, nos monólogos diante de seu pequeno auditório, aos temas que tinham formado seu repertório constante dos anos anteriores e de que nos ficou testemunho em *Conversas de Hitler à mesa:* a mocidade em Viena, a Primeira Guerra Mundial, os anos de luta, história, pré-história, como alimentar-se, as mulheres, a arte ou a luta pela vida. Exasperava-se com as “cambalhotas de bêbada” da dançarina Gret Palucca, com as “borradelas disformes” da arte moderna, o *fortissimo* do maestro Knappertsbusch, que obrigava os cantores a cantar aos berros que nem sapos; falava de seu horror à “estúpida burguesia”, a “essa súcia de porcos” do Vaticano, ou ao “insípido céu cristão”, e a reflexões a propósito do estado imperial racista, da utilidade militar dos caçadores furtivos, dos elefantes de Aníbal, de catástrofes da era glacial, da mulher de César, ou desse “asqueroso bando de juristas”, juntava recomendações sobre o regime vegetariano, a criação de um semanário popular dominical, com muitas fotos e um romance “a fim de que as donas de casa dele tirem proveito”. [114] Aturdido com essa torrente de palavras do Führer, o ministro italiano do Exterior disse que Hitler devia estar muito contente de ser Hitler, sobretudo porque isso lhe permitia falar para sempre. [115]

Muito mais chocante do que seus inexauríveis monólogos, a vulgaridade de sua linguagem era espantosa, pelo menos naquelas conversas cujo registro chegou até nós e nas quais o vemos remontar às suas origens. Não só os assuntos em si, mas também os temores, os desejos, e os objetivos,

comparados com antigos testemunhos, continuavam os mesmos; poder-se-ia até dizer que ele despira agora seus hábitos e atitudes de estadista e recorria mais e mais às fórmulas violentas e baixas do demagogo de cervejaria ou mesmo do antigo pensionista de albergues. Tinha um visível prazer em discorrer sobre os casos de canibalismo entre os *partisans* e na Leningrado sitiada, tratava Roosevelt de “cretino atacado de debilidade mental”, os discursos de Churchill de “besteira de bêbado” e, irritado, chamava von Manstein de “estrategista de mictório”. No sistema soviético, ele louvava a renúncia a “toda essa conversa humanitária”, e imaginava, deliciado, suas próprias reações em caso de, na Alemanha, explodirem revoltas, que reprimiria mandando “fuzilar umas centenas de milhares dessa choldra”. Seu lugar-comum preferido, do qual fizera uma de suas máximas favoritas, era: “Quem está morto não se defende”. [116]

Entre os fenômenos de degradação contava-se também a “redução intelectual” que se apoderara dele e o fazia voltar, no quadro de seus conceitos, à dimensão de um chefe de partido local. A partir da mudança, sobrevinda durante o inverno de 1942-1943, nunca mais conseguiu ver a guerra de outra maneira senão sob o aspecto de uma “tomada de poder” mundial. Consolava-se dizendo a si mesmo que, no tempo de sua luta, já tinha sido “um homem só, seguido por um pequeno número de discípulos”, em face de um poderio infinitamente superior: a guerra não era senão uma repetição das “experiências de outrora” em escala maior. “No almoço” — lê-se em *Conversas à mesa* — “o chefe observou que esta guerra era a exata reprodução do seu tempo da luta. Antes, eram combates entre partidos no interior, hoje são combates entre nações no exterior”. [117]

Queixava-se muitas vezes de que os anos o privavam de todos os seus desejos e caprichos de jogador, o que de resto correspondia aos repentinos índices exteriores do processo de envelhecimento. [118] Em pensamento também vivia mais e mais de suas recordações; os recursos palavrosos a um passado longínquo que lhe serviam de argumentação nesses monólogos noturnos tinham um incontestável caráter de nostalgia senil. É assim que, em suas decisões militares, ele apelava cada vez mais para suas experiências na Primeira Guerra, e, paralelamente, seus interesses em matéria de técnica de armamento dirigiam-se, de modo crescente e mais exclusivamente, para o sistema de armamento tradicional. Hitler não compreendeu a importância decisiva do radar e da fissão do átomo, como não entendeu também o valor de um foguete terra-ar atraído pelo calor ou de um torpedo guiado pelo som, e até retardou a produção em série do primeiro avião a jato, o *Me 262* . Com uma teimosia de velho, recorria sempre a novas objeções, muitas vezes

desconchavadas, anulava decisões ou as alterava, atormentava a assessoria direta com seus constantes pedidos de dados e números mal formulados ou se retirava para o domínio da argumentação psicológica. Quando, no começo de 1944, um recorte de jornal sobre experiências inglesas em aviões a jato o levou finalmente a dar sinal verde para a construção do *Me 262* , no afã de ter razão ao menos parcialmente, e contrariando a opinião dos especialistas, mandou que se equipasse o aparelho não como avião de interceptação, de que se tinha tanta necessidade para enfrentar as esquadrilhas aliadas que apareciam constantemente no espaço aéreo alemão, mas como bombardeiro rápido. Sem hesitar, alegou as terríveis provas físicas impossíveis de exigir dos pilotos, acrescentou que, aliás, os aviões rápidos eram particularmente lentos nos combates aéreos, em uma palavra, apelou para todas as objeções que lhe vinham à mente; e, enquanto as cidades alemãs não eram mais senão ruínas fumegantes, nem sequer autorizou qualquer experiência do avião em combates aéreos e terminou proibindo toda e qualquer alusão ao assunto. [119]

Evidentemente, as discussões em que se metia contribuíam para aumentar sua desconfiança, já excessiva. Não raro obtinha, sem a intermediação de seus colaboradores militares mais íntimos, informações colhidas diretamente dos comandos de unidades, e acontecia até enviar seu ajudante de ordens do exército, o major Engel, de avião, ao *front* , para verificar a situação. Os oficiais procedentes das zonas de combates não deviam falar com ninguém, antes de serem recebidos no *bunker* do Führer — muito menos com o chefe do estado-maior. [120] Sempre obcecado por sua mania de controle, Hitler se vangloriava daquilo que, em sua organização, era, na realidade, um grande defeito: em toda a frente leste, a despeito de sua imensa extensão, não havia "regimento ou batalhão cuja posição não seja verificada três vezes por dia aqui no QG do Führer". Essa desconfiança, que paralisava tantos oficiais de seu *entourage* , não foi certamente uma razão insignificante do seu fracasso: todos os comandantes do exército, todos os chefes de estado-maior, onze dos dezoito marechais, vinte e um entre cerca de quarenta coronéis-generais quase todos os comandantes dos três setores do teatro de operações de leste terminaram se demitindo ou sendo dispensados. Em torno de Hitler, formava-se um vazio cada vez maior. Durante a estada de Hitler no QG, disse Goebbels, sua cadela Blondi esteve mais perto dele do que qualquer ser humano.

Depois de Stalingrado, Hitler perdeu claramente o controle dos nervos. Até ali, não renunciara senão raramente à atitude estoica, inseparável, segundo acreditava, do modo de ser dos grandes chefes militares; nas situações mais críticas, sempre ostentara uma calma olímpica. Mas, a partir de Stalingrado,

terminou por se cansar dessa disciplina que se impunha, e violentos acessos de cólera revelaram o preço que lhe custara a terrível sobretensão de suas forças em todos esses anos. Nas reuniões, chamava oficiais de estado-maior de “idiotas”, de “covardes”, de “mentirosos” — e Guderian, que o reviu pela primeira vez em uma dessas semanas, notou, com estupefação, a irascibilidade de Hitler e quão pouco se podia confiar em suas decisões. [121] Também lhe vinham lapsos sentimentais insólitos. Quando Bormann o informou do parto de sua mulher, Hitler ficou com os olhos cheios de lágrimas; agora, falava com mais frequência do que antigamente sobre seu retiro numa espécie de idílio cultural reservado à meditação, à leitura, à visita de museus. É preciso, todavia, reconhecer em sua defesa que, desde o fim de 1942, ele sofria de uma profunda alteração do sistema nervoso, dissimulada apenas à custa de um esforço sobre-humano de vontade e autodisciplina; os generais do QG do Führer sem dúvida sentiram os sintomas da crise — embora as narrativas posteriores que mostram um Hitler vituperando sem cessar, vítima das tempestades de temperamento, irascível, pertençam ao domínio dos exageros apologéticos. Atas e registros das reuniões diárias, conservados em parte, antes parecem indicar o extraordinário esforço que ele fazia para continuar com a imagem correspondente à solene ideia que fazia de si mesmo. Basta lembrar o rigor do dia observado no seu QG: do estudo das notícias logo após o despertar à grande reunião da tarde, sucediam-se reuniões, ditados de ordens, audiências e entrevistas; o grande conselho da tarde, apesar do nome se realizava geralmente à noite; essa ordem regular, imutável de tarefas era um ato de violência permanente contra si mesmo, em deliberada oposição à passividade e indolente rotina a que sua natureza aspirava. Já em dezembro de 1944, numa observação casual, ele esboçou a imagem de uma genialidade apoiada na firmeza a que tentou penosamente se conformar, não sem alguns desvios: “A genialidade é apenas fogo-fátuo quando não se apoia em perseverança e numa tenacidade fanática. É o que há de mais importante na vida humana. As pessoas que têm unicamente inspirações, ideias etc. jamais conseguirão nada se não dispuserem ao mesmo tempo de caráter, perseverança e tenacidade. São os cavaleiros da sorte, aventureiros. Quando tudo vai bem, estão no zênite; quando as coisas vão mal, caem rápido e abandonam tudo o que tinham conquistado até então. Mas não é assim que se faz a história”. [122]

Pelo rigor de seu horário e por sua melancolia, o QG do Führer não deixava de guardar certa analogia com aquela “gaiola do estado” a que seu pai o levara uma vez e onde, segundo as observações do jovem Hitler, “os

empregados ficavam sentados, apertados uns sobre os outros, como macacos”. Para poder suportar o regime antinatural a que se submetera, logo teve de recorrer a meios artificiais. Medicamentos e drogas preparadas para ele punham-no em condições de cumprir essas exigências sobre-humanas. Até o fim de 1940, essa medicação pareceu ter apenas ligeira influência sobre seu estado geral. É verdade que Ribbentrop recordou, certa vez, uma discussão aparentemente acalorada, no verão de 1940, durante a qual Hitler se teria jogado numa poltrona dando suspiros de cortar o coração, dizendo que tinha a intuição de um fim próximo e sentia que ia ter um ataque; [123] mas, provavelmente, pode-se deixar esta cena, como o relato, aliás, dá a entender, no rol daquelas exibições — misto de histeria e de comédia — que, conforme o caso, serviam de argumentação a Hitler. Os exames médicos do início e do fim do ano mencionam apenas um leve aumento de pressão e algumas indisposições gástricas de que ele sempre sofrera. [124]

Com a precisão quase pedante de um hipocondríaco, Hitler assinalava todas as variações de seus exames. Observava-se incessantemente, tomava o próprio pulso a todo instante, buscava informações em livros de medicina e tomava remédios “em massa”: soníferos, cola, digestivos, contra a gripe, cápsulas de vitamina e até balas de eucalipto, que tinha sempre ao alcance da mão e que lhe davam a agradável sensação de que cuidava bem da saúde. Se lhe dessem um remédio sem dizer como usá-lo, ele tomava doses em todas as horas do dia. O professor Morell, venereologista e dermatologista berlinense da moda, tornara-se, graças aos bons ofícios de Heinrich Hoffmann, médico pessoal do Führer. A despeito de todos os juramentos de Hipócrates, ele não estava livre de certas tendências para o obscurantismo e a charlatanice, e, tendo observado as preocupações de Hitler, aplicou-lhe quase diariamente injeções à base de sulfanilamida, de glândulas endócrinas, de açúcar de uva ou de hormônios, que serviriam para melhorar ou regenerar a circulação, a flora intestinal e o estado nervoso. Göring, sarcástico, apelidou o doutor de “mestre-seringa do Reich”. [125] Com o tempo, naturalmente, e para que Hitler pudesse conservar a plenitude de seu rendimento, o médico se viu na obrigação de aumentar as doses ou recorrer a produtos mais fortes em intervalos cada vez menores e aplicar ao mesmo tempo medicamentos de efeito oposto, antídotos e calmantes, para os nervos exacerbados. Hitler era, portanto, constantemente submetido a um dilaceramento psicológico proveniente dessas alternâncias. A sequela dessas contínuas intervenções — em certas ocasiões, ele tomava nada menos de vinte e oito remédios por dia — só começaram a se fazer sentir durante a guerra, quando os acontecimentos estafantes, a falta de sono, a monotonia do regime vegetariano e a vida de fantasma levada no mundo subterrâneo do QG começaram a potencializar a

ação dos próprios remédios. Em agosto de 1941, Hitler começou a se queixar de fraqueza, de náuseas e de calafrios, seus tornozelos incharam sob o efeito de um edema, e não está excluída a possibilidade de que se tenha verificado, nessa época, a ab-reação de um corpo havia muito tempo mantido em forma de maneira artificial; em todo caso, a partir desse instante, as crises de esgotamento se multiplicaram. A partir de Stalingrado, todo dia ele tomava um antidepressivo, [126] não mais suportou luzes fortes e mandou fazer uma espécie de viseira para usar em suas saídas ao ar livre; de tempos em tempos, dizia sentir perturbações do equilíbrio: "Tenho sempre a sensação de cair para a direita". [127]

Apesar da visível alteração de sua aparência, as costas arqueadas, cabelos embranquecendo rapidamente, o cansaço que marcava mais e mais seus traços e os olhos salientes, conservou até o fim uma prodigiosa capacidade de trabalho. Com razão, atribuiu essa energia quase indomável aos esforços de Morell, esquecendo, todavia, que esgotava rapidamente a saúde, comprometendo seu futuro. O professor Karl Brandt, também da equipe médica de Hitler, disse, depois da guerra, que o tratamento de Morell tivera como resultado "antecipar, por assim dizer, a produção e a utilização do elixir vital de anos", e que, assim, Hitler, "no espaço de um ano, envelhecera uns quatro ou cinco". [128] Eis, portanto, a origem desse envelhecimento repentino e precoce, desse aspecto deteriorado, elucidada bizarramente nas euforias medicamentosas que ele buscava.

Seria, pois, um erro atribuir as manifestações evidentes de deterioração, as crises e as explosões mórbidas a uma modificação estrutural de sua natureza. O modo pelo qual havia abusado de suas possibilidades e de suas reservas físicas sem dúvida aumentou suas deficiências nervosas, mas não provocou, como se pretendeu mais tarde, a destruição de uma personalidade até então intacta. [129] A divergência de opiniões a respeito da estricnina contida numa parte das drogas de Morell encontra aqui seus limites, da mesma forma que a questão de saber se Hitler era portador do mal de Parkinson (*Paralysis agitans*). Perguntou-se igualmente se a tremedeira de seu braço esquerdo, seu porte recurvado e suas perturbações motoras tinham uma origem psíquica. De qualquer maneira, ainda era o homem de outrora, que, sob esse aspecto fantasmagórico, a fisionomia com a expressão imutável de uma máscara, andava pelo quartel-general, apoiando-se numa bengala. Não foram as transformações que, ao longo dos últimos anos, deram a essa figura um caráter surpreendente, mas a lógica tenaz com que ele se aferrava às suas antigas obsessões e as realizava.

Era um homem que tinha contínua necessidade de ser “recarregado” artificialmente: em certo sentido, as drogas de Morell substituíam, para ele, o antigo estímulo das ovações de massa. Desde Stalingrado, Hitler fugia cada vez mais do público e, depois dessa derrota, só fez dois discursos. Já pouco depois do início da guerra, suas aparições em público tinham-se tornado raras e nem todos os esforços da propaganda oficial para explorar essa espécie de fuga num sentido “mitificador” conseguiam substituir o sentimento, outrora tão generalizado, de sua onipresença, com cuja ajuda o regime liberara e canalizara para ele a descarga total das energias, da espontaneidade e do espírito de sacrifício. De repente, essa imagem desaparecia. Da mesma forma que, cioso de sua auréola de homem invencível, jamais visitava as cidades destruídas, assim, após as derrotas decisivas da guerra, ele deixou de se mostrar à massa. É provável que se desse conta de que esse receio o privava não só do seu poder sobre os corações, mas ainda, por uma misteriosa correspondência, de sua própria energia. “O quanto sou, não sou senão por vós”, clamara outrora às multidões, [130] expressando assim, para além de toda técnica do poder, uma espécie de interdependência constitucional, quase fisiológica. Pois os excessos de retórica que marcaram seus discursos ao longo de sua existência, desde as primeiras aparições ainda um tanto inseguras nas cervejarias de Munique até os penosos esforços desses últimos dois anos, jamais procuraram unicamente despertar forças alheias. Serviram, sobretudo, para reviver as dele e, por isso — além de todas as motivações e objetivos políticos — foram um meio de autoconservação. Num dos seus últimos grandes discursos, ele, de certa maneira, justificou seu excepcional silêncio durante a fase final falando da “magnitude” dos acontecimentos que se desenrolavam no *front:* “Que dizer?” — bradava. “De que servem as palavras?” Mas queixou-se mais tarde, na intimidade, de que não ousava mais falar diante de dez mil pessoas, acrescentando que, muito provavelmente, nunca mais poderia pronunciar um grande discurso; a ideia do fim de sua carreira de orador estava, para ele, estreitamente ligada à noção de “fim” em si. [131]

Paralelamente a essa retirada da vida política, viu-se manifestar, pela primeira vez, a curiosa debilidade da gestão de Hitler. Desde os dias de sua ascensão, jamais impusera sua superioridade senão pela graça divina do demagogo e por uma grande variedade de inspirações táticas; mas, nesse estágio da guerra, era-lhe necessário adaptar-se a outras exigências de governo. Antes, adotara o princípio das instâncias rivais, que opunha umas às outras; em torno dele se desencadeavam lutas e intrigas para obtenção do poder interno. Ora, todo esse caos de influências que tinham como único ponto de referência sua própria pessoa e sua autoridade, que instituíra com

habilidade tão maquiavélica, era inoportuno nesse combate com um adversário mais resoluto. Era uma das fraquezas fatais do regime, porque, no plano interno, consumia energias necessárias à luta no plano externo e produzia finalmente uma situação quase anárquica. Só no domínio militar, havia a trapalhada inextrincável das esferas de competência nos teatros de operação sob a autoridade justaposta do OKW e do OKH, a situação particular e indefinível de Göring, as atribuições de Himmler e da SS, a embrulhada das divisões de todos os tipos do exército — os *Volksgrenadieren* , a infantaria da Luftwaffe, a Waffen SS, à qual se juntou mais tarde a milícia de assalto *Volkssturm* , cada um com sua organização e mais ainda as relações, minadas pela desconfiança recíproca, com as tropas dos países aliados. A estrutura administrativa da Europa ocupada era também confusa, sempre com novas formas de sujeição e vassalagem: da anexação direta sob um protetorado ou governo geral a uma lista de tipos de administrações militar e civil. Jamais se viu uma tentativa de concentração do poder nas mãos de um só homem terminar em tão manifesta e completa desorganização.

Na verdade, não é de todo certo que Hitler nunca tenha percebido os efeitos ruinosos de seu estilo de comando: uma ordem racional, certa correção estrutural, em suma, uma autoridade não aparente mas efetiva eram coisas que ele ignorava e, até os últimos dias da guerra, jamais cessou de provocar em torno de si disputas de postos, de atribuições e bizarras questões de hierarquia. Certos índices levam a crer que ele confiou mais na avidez e no egoísmo que se manifestam nesse gênero de atritos, do que em todas as atitudes desinteressadas, porque avidez e egoísmo ocupavam um sólido lugar em seu conceito do mundo. É onde se baseava seu ceticismo desconfiado em face dos especialistas; dispensando-os tanto quanto possível, mesmo como assessoria, e sem conhecer problemas técnicos e logística, tentou conduzir a guerra no estilo antigo de comandante isolado — e a perdeu.

Os pontos fracos do comando de Hitler apareceram sobretudo no decorrer de 1943, quando ele ainda não fazia uma ideia estratégica do futuro desenrolar do conflito. Segundo testemunhos unânimes dos mais chegados, tornara-se inseguro, pouco inclinado a decisões, irresoluto — Goebbels chegou a falar abertamente de uma "crise do Führer" . [132] Vezes seguidas, Goebbels incitou um Hitler hesitante a retomar a iniciativa, numa guerra que se desagregava sem concepção definida, com uma mobilização rigorosa de todas as reservas do país. De acordo com Albert Speer, nomeado ministro do Material Bélico desde o ano anterior, com Robert Ley e Walter Funk, Hitler preparou os projetos de uma ampla simplificação administrativa, de severa restrição ao consumo das camadas privilegiadas, de um novo esforço no

domínio do armamento, e outras medidas do mesmo gênero — mas só para descobrir que a corporação dos *gauleiters* , dos altos chefes da SA e do partido tinha perdido o senso do sacrifício de antes, substituindo-o por maneiras e comportamento parasitário de grão-senhores. Seu discurso do Palácio dos Esportes de 18 de fevereiro de 1943 — no qual, diante dos partidários reunidos, fez suas dez célebres perguntas sugestivas, e onde, "na balbúrdia de um verdadeiro arrebatamento", como escreveu mais tarde, obteve deles a adesão a uma guerra total — foi calculado sobretudo para vencer as resistências de um grupo de altos funcionários decepcionados, mas também a indecisão dele próprio, Hitler, através desse apelo revolucionário às massas. [133]

A aversão de Hitler a exigir do público as privações suplementares inerentes a uma guerra total vinha sobretudo de uma reminiscência do choque que tivera com a revolução de novembro de 1918, mas em parte também da desconfiança, já arraigada, que lhe inspiravam as massas inertes por essência, não confiáveis. Também se poderia quase pensar que esse gênero de reação traduzia o sentimento da fragilidade e da precariedade de seu domínio. Ele via como era difícil realizar seu propósito de "obrigar à grandeza" o povo alemão, que se esquivava, conforme ele mesmo observou um dia. A Inglaterra, em todo caso, consciente em seu esforço de guerra, soube e pôde restringir o conforto da população bem mais do que o Reich, e também soube levar muito mais longe a participação da mão de obra feminina na indústria do armamento. [134]

Todavia, a hesitação de Hitler em se empenhar na guerra total pode ser igualmente atribuída às intrigas de Martin Bormann, que farejava, nessas iniciativas de Goebbels e Speer, todas as espécies de perigos indefiníveis para sua própria situação. Graças a uma extraordinária capacidade de adaptação, a perseverança e a maquinações urdidas infatigavelmente nos anos anteriores, ele conseguira subir ao posto de "secretário do Führer" e, com esse modesto título, garantira para si uma das posições mais fortes e inexpugnáveis do regime. Com sua diminuta silhueta atarracada dentro de seu desajeitado uniforme de funcionário do partido, sempre bisbilhoteiro, sopesando os prós e os contras ou à espreita de alguma coisa, por trás da máscara de sua cara larga de camponês, Bormann era parte fixa do cotidiano do QG do Führer. Os limites mal traçados de suas atribuições, que ele não cessava de ampliar, invocando constantemente a suposta vontade do Führer, asseguravam-lhe plenos poderes que o tornaram, na realidade, o " dirigente secreto da Alemanha", [135] enquanto Hitler se mostrava satisfeito por ficar liberado, com esse secretário aparentemente discreto, do ônus do trabalho administrativo de

rotina. Em pouco tempo, então, era Bormann o dono dos favores concedidos pelo Führer, impunha nomeações e promoções em todos os setores, elogiava, importunava ou eliminava — tudo isso mantendo-se cuidadosamente na sombra e tendo sempre à mão uma suspeita, uma lisonja a mais do que seus mais poderosos antagonistas. Sempre desconfiado, Bormann vigiava, tendo à mão a lista dos visitantes de Hitler, seus contatos com o mundo exterior, a ponto de erguer em torno dele, segundo testemunho de um observador, “uma verdadeira muralha da China”. [136]

Seus esforços nesse sentido eram tanto mais fáceis, quanto correspondiam a uma tendência cada vez maior de Hitler. Da mesma forma que antigamente, na imaginação, o pensionista dos albergues vivia em palácios, assim também o grande general, batendo em retirada em todas as frentes, criava em pensamento mundos fictícios, cada vez mais magníficos, nos quais habitava. A tendência de Hitler para não aceitar a realidade assumiu, a partir de seus reveses, um aspecto cada vez mais patológico; e disso dão prova inúmeros exemplos colhidos em seu comportamento. Por exemplo, o hábito de percorrer o país dentro de seu vagão-leito, com as cortinas descidas e de preferência à noite, como se estivesse fugindo; ou ainda a mania de, em dia de sol radioso, fechar, até mesmo vedar, as janelas do cômodo onde morava em seu QG. Fiel aos seus hábitos, começava o dia passando uma vista nos jornais, e, logo após, examinava as últimas informações; as pessoas que o cercavam contaram que ele geralmente reagia melhor ao acontecimento em si do que a suas repercussões e que, de certa forma, a realidade o irritava menos do que o que se dizia dela. [137] Também o estilo das conversações de Hitler, sempre degenerando em monólogos intermináveis, sua incapacidade de ouvir ou aceitar objeções, bem como sua mania sempre crescente de empilhar cifras que não terminavam mais, sua *rage du nombre* , entram nesse quadro. Em fins de 1943, ainda falava com ironia e desprezo de um estudo que o general Thomas dedicara ao perigo crescente que continuava a representar o potencial da URSS, tendo simplesmente proibido, daí em diante, esse tipo de relatório. [138] Ao mesmo tempo, recusava-se a visitar a frente de combate ou os comandantes por trás das linhas; sua última visita a um QG de grupo de exércitos foi 8 de setembro de 1943. [139] Desse desconhecimento da realidade resultaram, na época, inúmeras decisões errôneas, pois, se os mapas de sua sala mostravam bem os lugares onde se encontravam as unidades, não davam qualquer informação sobre o ambiente, o grau de esgotamento ou o moral das tropas, e, na atmosfera singularmente irreal da sala de reuniões, era difícil conseguir informações confiáveis sobre o estado do armamento ou dos suprimentos. Os registros chegados até nós dão conta da capacidade de adaptação dos chefes militares, da adulação indigna que, pelo menos depois

da partida de Halder, marcava o clima desses encontros, de sorte que, afinal de contas, todos os exames de situação podem ser considerados “teatro”, para usar o jargão do QG do Führer para as mentirosas apresentações aos estadistas dos países aliados da Alemanha. Uma tentativa de Speer para pôr Hitler em contato com oficiais mais jovens do *front* fracassou, assim como o plano de fazê-lo visitar as cidades destruídas; inutilmente, Goebbels chamou sua atenção para o exemplo de Churchill, infinitamente mais imponente aos olhos do mundo. Quando o trem especial do Führer, numa baldeação em Berchtesgaden, passou uma vez, por engano, com as cortinas levantadas, perto de um trem de feridos estacionado ali, Hitler pôs-se em pé, furioso, e mandou que baixassem imediatamente as cortinas. [140]

É certo que esse desprezo pela realidade fora sua força outrora; fizera-o surgir do nada, produzira seus triunfos de estadista e, sem dúvida, também, uma parte de seus êxitos militares. Mas agora, quando a página tinha sido virada, esse desconhecimento dos fatos vinha agravar desastrosamente o efeito de cada derrota. Depois dessas colisões eventuais e inevitáveis com a realidade, foram ressurgindo mais frequentemente as velhas queixas e lamentações: a contragosto ele se tornara um político, e essa apostasia era-lhe penosa, pois mantinha-o afastado de seus planos de autoimortalização cultural. “É pena”, dizia então “que a gente seja obrigado à guerra por causa de um beberrão [Churchill], em vez de se dedicar a obras pacíficas, à arte, por exemplo”. Sofria por não poder ir ao teatro ou ao Wintergarten de Berlim, para ser novamente “um homem entre os homens”. Ou então falava com amargor das decepções e traições no meio das quais estava condenado a viver, das eternas trapaças e embustes dos generais, e abandonava-se cada vez mais a um estilo — não costumeiro até então — de lamurioso desprezo dos homens: “Tudo é trapaça!” [141]

Um de seus velhos seguidores, depois de haver comparado suas observações com outras feitas no passado, afirmava já ter notado, nos anos 1920, que Hitler tinha necessidade de se deixar enganar para poder agir. [142] A dificuldade que sentia para tomar decisões e sua profunda apatia natural exigiam o explodir grandioso de mundos imaginários, que fazia com que parecessem risíveis todos os obstáculos e triviais todos os problemas; e só através de uma espécie de miragem ilusória é que ele se tornava capaz de agir. O caráter de sobretensão fantástica que aureola sua personagem tem origem nessas relações falsas com a realidade: só o irreal era real a seus olhos! Nos comentários com seu círculo mais íntimo, mesmo nos cansativos e enfastiados monólogos da última fase da guerra, sua voz sempre se reanimava quando falava das “imensas tarefas”, dos “gigantescos projetos” que concebia para o

futuro: aí estava sua verdadeira realidade. [143]

Cada vez que ele permitia ao grupo noturno que o rodeava “lançar uma vista d’olhos pela porta lateral do paraíso”, era uma perspectiva monstruosa o que se abria: a extinção e a metamorfose de um continente por meio de extermínio em massa, expulsão de povos inteiros, processos de assimilação e nova distribuição dos espaços assim esvaziados; a destruição consciente do passado dessa parte do mundo e a nova revisão de todas as suas estruturas por um cálculo frio de onde a história era banida. Fiel às suas tendências intelectuais, Hitler se movimentava em meio a comparações desmesuradas; os séculos se reduziam a nada, ante sua visão voltada para a eternidade; o mundo se tornava pequenino, e, como ele dizia às vezes, do Mediterrâneo nada mais restava que uma “poça d’água”. [144] A era da ingenuidade estava no fim e, no horizonte, via-se surgir o milênio de um novo Conhecimento atestado pela ciência e a profecia artística, que exigia gigantescos projetos. Sua ideia central era libertar o mundo de uma doença secular através da guerra escatológica entre um sangue puro e um sangue inferior.

Sua missão era fornecer ao sangue puro uma base imperial: um imenso império dominado pela Alemanha, que englobaria a maior parte da Europa, assim como vastas extensões da Ásia, e que, dentro de cem anos, devia ser “o mais colossal bloco de potências” que jamais existiu. [145] Ao contrário de Himmler e da SS, ele considerava os países do leste sem o menor romantismo. “Prefiro bater a pé até Flandres”, dizia ele, e lamentava a sorte que o obrigava a conquistar territórios em direção ao leste. A Rússia era “um país horroroso (…), o fim do mundo”. Só de pensar nela, vinham-lhe à mente as imagens do Inferno dantesco. “Só a razão nos ordena a ir para o Leste.” [146]

Esse bloco de potências, que devia ser o bastião de um conceito messianicamente agressivo de redenção, seria conquistado e plasmado por um povo de nobres senhores cada vez mais unido no plano racial, que Himmler saudava enfaticamente como “humanidade ariana e criadora da raça ariano-atlanto-nórdica”. [147] Surgia de um panorama de luta pela vida, de culto do sangue e de emanações racistas; sua aparição representava a esperança de um mundo mortalmente infeccionado, e sua dominação, o começo da “verdadeira Idade de Ouro”. A rígida hierarquia social que ele realizaria previa três camadas: os “pares”, alta nobreza nacional-socialista, selecionada pelo combate; a grande elite dos membros do partido, que devia formar, de certa maneira, a “nova classe média”, e, por fim, “a grande massa dos anônimos (…) a coletividade do serviço, os eternos menores”, como dizia Hitler. Todos,

entretanto, seriam chamados a reinar sobre “a classe nacional dos países dominados (…) chamemo-los simplesmente a quieta versão moderna dos escravos”. [148] E, por mais medíocre que pudesse ser o contexto intelectual, esse projeto exercia a fascinação de uma ordem ideal sobre essas vanguardas do nacional-socialismo e de sua concepção do mundo. Se o comunismo proclamava a utopia de uma sociedade igualitária, o nacional-socialismo lhe contrapunha a utopia de uma sociedade hierarquizada com método; apenas o predomínio “historicamente determinado” de uma classe era substituído pelo senhorio “naturalmente determinado” de uma raça.

Ao catálogo das amplas medidas tomadas para a restauração da ordem natural falseada, tais como haviam já sido indicadas nos anos anteriores à guerra nas instruções de casamento para uso da SS, ou o sistema de reprodução eugênica posto em funcionamento pelo Bureau de Raça e Colonização, sucedia agora, nas regiões conquistadas do Leste, uma nova tentativa sobre bases bem mais amplas e radicais. Uma vez mais, Hitler e os executores dessa nova ordem partiram de uma combinação de medidas positivas e negativas e ligaram os esforços de seleção do sangue puro à exterminação das “raças inferiores”. “Morrerão como moscas”, anunciava um panfleto distribuído pelas SS — e dos monólogos de Hitler destacava-se a imagem de um “processo de decantação do esterco biológico” composto, como ele dizia, de toda uma “escória racialmente estranha”. Em seguida, proceder-se-ia à germanização. [149]

Como sempre, foi à destruição que ele consagrou a maior parte dos esforços. Em 7 de outubro de 1939, nomeara o *Reichsführer* SS Heinrich Himmler, por um decreto secreto, “Comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* alemão” (RFK) encarregado de elaborar para o Leste, ao mesmo tempo que se dedicava ao “expurgo racial dos territórios”, um amplo programa de colonização. Todavia, em breve assistiu-se, nesse setor, a essa misturada de competências e de projetos que o regime criava por toda parte onde entrava em atividade. As regiões conquistadas a leste nunca foram mais do que um campo de experiências para a ideia de seleção racial, cheias de tentativas marcadas de diletantismo, e de que jamais resultou nada além de alguns esboços confusos da nova ordem.

Em compensação, naquilo que dizia respeito ao extermínio, o regime mostrou um dinamismo sem-par. Para começar, o vocabulário de eufemismos que envolvia o fato revelava até que ponto o regime ligava sua própria essência com essas atividades; pois ali estava “a tarefa histórica”, “a página gloriosa de nossa história”, “a última provação” para a qual se convocavam os partidários ao heroísmo e ao rigor para consigo mesmo: “Em numerosos

casos”, explicava Himmler, “é infinitamente mais fácil levar uma companhia ao combate do que com ela ir estabelecer a ordem entre povos culturalmente inferiores e rebeldes, proceder a execuções, deportações, prender e levar mulheres que berram e soluçam (…) Essa obrigação silenciosa, essa atividade discreta que consiste em montar guarda em nossa visão do mundo, permanecendo coerente, não cedendo a meios-termos, é, sob muitos pontos de vista, muito, muito mais difícil”. [150] Tratava-se antes de tudo — pelo menos assim ele definia sua missão — de uma solução “perfeitamente clara” da questão judaica, da decisão de “fazer esse povo desaparecer da face da terra”. Mas, como a maioria do povo alemão ainda não tinha uma consciência racial bem definida, os SS “estavam encarregados de, em lugar do povo alemão, tomar sobre si essa responsabilidade (…) num segredo que levariam para o túmulo”. [151]

Ainda hoje paira uma certa obscuridade sobre o momento em que Hitler tomou a decisão da *Endlösung* , a “solução final” da questão judaica, pois não existe qualquer documento sobre o assunto. Mas é notório que, bem antes de seus partidários mais próximos, ele já não considerava apenas metáforas as expressões “eliminação” ou “aniquilamento”, mas sempre as ligara à noção de um ato de exterminação física, pois ideias não o espantavam: “Nisso também”, escreveu Goebbels, não sem uma ponta de admiração, “o Führer é o paladino e porta-voz da solução radical”. Já no início dos anos 1930, Hitler tinha solicitado, secretamente, que se criasse “uma técnica de despovoamento” e acrescentara explicitamente que isso significava para ele a eliminação de povos inteiros: “A natureza é cruel, por que não o seríamos também? Eu envio a flor dos alemães para a tempestade de aço que será a guerra, sem experimentar qualquer remorso pelo precioso sangue que vai ser derramado; por que então não tenho o direito de exterminar milhões de seres pertencentes a uma raça inferior e que se reproduzem como vermes?” [152] Empregaram-se pela primeira vez, em dezembro de 1941, num velho castelo perdido na floresta para os lados de Kulmhof, gases tóxicos para matar as vítimas — e pode-se fazer remontar esse processo às próprias experiências de Hitler durante a Primeira Guerra. Uma passagem do *Mein Kampf* deplora, em todo caso, que “não se tenha exposto ao gás de doze a quinze mil desses hebreus corruptores do povo”, como se fez com centenas de milhares de soldados alemães no *front* . [153] Todavia, o momento em que se decidiu essa solução definitiva nada teve a ver com o agravamento da situação. Seria equivocar-se grosseiramente sobre as intenções de Hitler interpretar os massacres do leste como expressão de um crescente amargor provocado pelo desenrolar da guerra ou como um ato de vingança contra o velho inimigo simbólico: eles devem ser situados, antes, na lógica de Hitler, e por isso eram

inelutáveis. Por outro lado, o plano de vez em quando ventilado no Bureau da Raça e da Colonização, bem como no Ministério do Exterior, e que consistia em fazer da grande ilha de Madagascar um imenso gueto com cerca de 15 milhões de judeus, parecia ir contra os projetos de Hitler nesse ponto essencial. Pois se o judaísmo era verdadeiramente o nefasto portador de germes da grande doença universal, um espírito apocalíptico não podia nem pensar em dar-lhe um lugar de refúgio, mas só em exterminá-lo em sua substância biológica.

Já no fim de 1939, começaram as deportações para os guetos do Governo Geral [a Polônia] mas a decisão concreta de Hitler sobre o assunto do extermínio em massa aparece na época da preparação ativa da campanha da Rússia. O discurso de 31 de março de 1941, destinado a informar um largo círculo de altos oficiais sobre a "missão particular" de Himmler nas zonas da retaguarda, representa a primeira indicação evidente de um plano de massacre em larga escala. Dois dias mais tarde, após uma conversa de duas horas com Hitler, Alfred Rosenberg confiou a seu diário, com certo assombro: "Jamais esquecerei o que não vou anotar hoje. " A 31 de julho de 1941, Göring comunicou ao chefe da *Sicherheitsdjenst* (Segurança), Reinhard Heydrich, a ordem de "proceder à solução final da questão judaica". [154]

No início, procurou-se dissimular o que se passava. Os longuíssimos trens nos quais se deportavam as populações judaicas sistematicamente recolhidas e amontoadas em todas as partes da Europa rodavam para destino ignorado; boatos enganosamente espalhados falavam de belas cidades novas, construídas nos territórios ocupados do Leste. Às unidades encarregadas das execuções, eram apresentados para justificar essa atividade motivos que variavam, e os judeus eram apresentados sobretudo como promotores de resistência armada ou portadores de infecções epidêmicas: os próprios guardiães da concepção nazi do universo não pareciam estar à altura das consequências de sua própria ideologia. O estranho silêncio de Hitler reforça essa hipótese. Pois, em todos esses anos, as *Conversas à mesa* , os discursos, os documentos ou memórias dos participantes não nos deixaram uma só alusão concreta à prática da exterminação sistemática; [155] ninguém ousou arriscar-se a falar das reações de Hitler aos relatórios dos grupos de intervenção, ninguém especificou se ele via ou exigia filmes, fotos ou se ele próprio tinha intervindo nessas atividades por meio de incentivos, elogios ou censuras. Para quem se lembra de que ele tinha o hábito de traduzir tudo quanto o preocupava em discursos prolixos e que jamais tentara ocultar suas tendências revolucionárias, sua vulgaridade, sua propensão a levar as coisas até os últimos extremos, esse silêncio sobre a grande obra de sua vida, a

“libertação” do mundo, parece mais espantoso ainda. Pode-se fazer toda espécie de suposições sobre os motivos: sua mania de segredo, um antigo resquício de moral burguesa, o desejo de atribuir ao acontecimento um caráter abstrato e de não debilitar a motivação passional através do exame — mesmo assim, é estranha essa imagem de um salvador que esconde sua ação salvadora no mais profundo do seu coração. Entre os dirigentes do regime, Himmler foi o único a assistir — no fim de agosto de 1942 — a uma execução em massa; mas quase desmaiou e imediatamente após teve uma crise de histeria. [156] A burocracia SS terminou inventando uma linguagem metafórica para uso próprio: falava-se de “emigração”, de “tratamento especial”, de “medida sanitária”, de “mudança de residência”, de “redução natural”. Em linguagem clara, isso queria dizer, por exemplo:

> Moenickes e eu fomos diretamente às valas. Ninguém nos impediu. Ouvi tiros a curtos intervalos por trás de um montículo de terra. As pessoas — homens, mulheres, crianças — que tinham descido dos caminhões despiram-se por ordem de um SS que empunhava um chicote, e, de acordo com suas indicações, deixaram suas roupas em três montes separados: sapatos, vestidos ou ternos, roupa de baixo. Vi um montão de sapatos — uns oitocentos a mil pares — e grandes pilhas de roupas de baixo e costumes. Sem um grito, sem uma lágrima, essas pessoas se despiam, reuniam-se em grupos de famílias, beijavam-se, despediam-se e aguardavam o sinal de outro homem das SS que se achava junto às valas e também empunhava um chicote. Nos quinze minutos que passei perto das valas, não ouvi uma queixa, um pedido de misericórdia. Olhei com atenção particularmente para uma família de umas oito pessoas (…) Uma senhora idosa, de cabelos brancos, segurava nos braços uma criança de um ano: cantarolava para ela e fazia-lhe cócegas; a criança ria, satisfeita. Seus pais a contemplavam com os olhos úmidos. O pai segurava a mão de um menino de uns dez anos e falava-lhe carinhosamente. O menino esforçava-se para conter as lágrimas. O pai apontou para o céu, afagou-lhe a cabeça, parecendo explicar-lhe alguma coisa. Mas, nesse momento, um homem das SS postado junto à vala gritou qualquer coisa a seu companheiro. Este separou umas vinte pessoas e ordenou-lhes que fossem para detrás do monte de terra. A família de que falo fazia parte desse grupo. Ainda me lembro de uma jovem esbelta, de cabelos escuros, que, ao passar por mim, apontou para si mesma e disse: “Vinte e três anos (…)” Contornei o monte de terra e descobri a imensa sepultura. As vítimas jaziam tão comprimidas umas contra as outras que a gente quase só lhes via as cabeças; e de quase todas essas cabeças o sangue escorria sobre os ombros; algumas das vítimas ainda se mexiam. Algumas levantavam os braços e viravam a cabeça para mostrar que ainda estavam vivas. Olhei para o homem que atirava. Era da SS. Estava sentado à beira da vala, balançando as pernas, a metralhadora sobre os joelhos e fumando um cigarro. As pessoas, completamente nuas, desciam por uma escada escavada no barro da vala, hesitavam um pouco e subiam por sobre as cabeças dos que ali jaziam, até o lugar indicado pelo SS. Deitavam-se junto aos mortos, os feridos, alguns acariciavam os que ainda viviam e lhes falavam baixinho. Olhei para dentro da vala e vi os corpos se contorcerem e as cabeças imobilizarem-se calmamente sobre os cadáveres já deitados ali. O sangue escorria-lhes do pescoço. [157]

A realidade era essa. Por meio de uma verdadeira indústria de morte em série perfeitamente organizada, pouco a pouco esse trabalho de extermínio foi, pelo menos, subtraído aos olhos da população, racionalizado e transformado com o emprego de gás venenoso. Em 17 de março de 1942, o campo de Belzek começou a funcionar com “uma capacidade diária” de matar 15 mil pessoas; em abril, foi a vez de Sobibor, não longe da fronteira da Ucrânia, com 20 mil

pessoas por dia; depois, Treblinka e Madjanek, com cerca de 25 mil, assim como, e principalmente, Auschwitz, que se tornou “a maior empresa de exterminação humana de todos os tempos”, conforme proclamou, durante seu julgamento, seu comandante, Rudolf Höss, com uma ponta de orgulho: o procedimento inteiro, desde a seleção dos que chegavam e sua asfixia, até a eliminação dos cadáveres, incluindo o aproveitamento do que deixavam, tornara-se aqui um sistema sem falha, através de operações sucessivas, perfeitamente engrenadas. A toda pressa, em movimento cada vez mais acelerado, continuou-se a proceder a essa exterminação “a fim de que não fosse, um belo dia, suspensa ainda no meio”, como explicou o SS chefe de polícia de Lublin, Odilo Globocnik. [158] Numerosas testemunhas descreveram a resignação com que as vítimas marchavam para a morte: em Kulmhof, mais de 152 mil judeus; em Belzek, 600 mil; em Sobibor, 250 mil; em Treblinka, 700 mil; em Madjanek, 200 mil; em Auschwitz, mais de um milhão. Além disso, os fuzilamentos continuavam. Segundo estimativa (por alto) do comissariado principal de segurança do Reich, o massacre devia se estender a perto de 11 milhões de judeus; [159] mais de cinco milhões foram executados.

Hitler e seus comissários para o espaço vital consideravam o leste europeu, de certa maneira, uma vasta extensão vazia e sem passado. A ideia era matar ou deportar uma parte dos habitantes de origem eslava, mas, principalmente, deixá-los à disposição das classes senhoriais germânicas, sob forma de uma população de servos. Cem milhões de pessoas deviam ser transplantadas para as planícies orientais; Hitler especificava que seria necessário expedi-los milhão por milhão, “até que o número dos nossos colonos seja superior ao dos indígenas”. Não devia ser para a América a emigração europeia, mas unicamente para leste — e ele esperava receber, “dentro de dez anos no mais tardar, um relatório anunciando-lhe que vinte milhões de cidadãos alemães estavam instalados nas regiões orientais”. [160]

O “bolo imenso” devia ser dividido em quatro “comissariados do Reich” (Leste, Ucrânia, Caucásia, Moscóvia). Alfred Rosenberg, outrora o ideólogo-chefe do partido e que nos anos anteriores fora constantemente transferido aqui e ali sem emprego certo, antes de ter sido espetacularmente nomeado para o posto de ministro do Reich para as regiões ocupadas do Leste, defendeu a ideia de uma divisão da URSS em nações politicamente autônomas; não teve sucesso, porque Hitler via nesse projeto perigosas motivações para o desenvolvimento de um nacionalismo étnica e politicamente legitimado; dizia ele ser preciso “evitar toda e qualquer organização nacional e manter essa população em nível cultural tão baixo

quanto possível”. Estava mesmo disposto, acrescentava, a conceder a esses povos certo grau de liberdade individual, porque toda liberdade tem um efeito-regressista, pois nega a forma mais alta da organização humana, o estado. [161] Com um ardor que nada conseguia apagar, não cessava de descrever para si mesmo os detalhes desse seu sonho acordado de imperialismo: os senhores germânicos e as populações eslavas escravizadas ocupariam os amplos espaços de leste, onde desempenhariam diversas atividades, sem esquecer de ressaltar, é claro, de todas as maneiras imagináveis, as distâncias de classe por motivo de raça. Ante seus olhos, surgiam cidades alemãs, com maravilhosos palácios para os governadores, altíssimos edifícios reservados para a cultura e a administração, enquanto as habitações do aglomerado autóctone deviam “permanecer modestas, sem sequer falar de embelezamentos”. Pensava até nas paredes “de barro” e nos tetos de palha, que não deviam ser uniformes. Queria que a educação da população eslava fosse reduzida a um nível extremamente baixo; não obstante, seria necessário ensinar-lhes o significado da sinalização do trânsito, o nome da capital do Reich e algumas palavras em alemão; mas não deviam, por exemplo, ter qualquer noção de cálculo; Jodl tinha razão — disse Hitler incidentalmente, um dia — de ser contra a colocação de um aviso em ucraniano, chamando a atenção para um cruzamento ferroviário; porque “pouco nos importa que um nativo a mais um nativo a menos seja esmagado”. [162] Com esse maquiavelismo brincalhão a que se deixava levar facilmente nos momentos de descontração, acrescentou um dia que era melhor não ensinar às populações eslavas senão “uma linguagem por sinais” e que lhes fosse apresentada pelo rádio “a única coisa que lhes convinha, música, sempre música (…) (pois música alegre ajuda o trabalho)”. Considerava perfeitamente inútil, “verdadeira loucura”, toda e qualquer assistência médica ou mesmo higiene, e mandou que se espalhasse a superstição de que “injeções, essas coisas, eram extremamente perigosas”. Quando viu, num memorando, a proposta de proibir a venda e o uso de meios de aborto nas regiões de leste, teve uma violenta crise de cólera e bradou que “fuzilaria pessoalmente o idiota que teve tal ideia”. Parecia-lhe, ao contrário, absolutamente indicado favorecer em grande escala “o comércio desse material”, e de novo brincava: “Mas provavelmente seria preciso recorrer aos judeus para dar movimento a esse mercado.” [163]

Um sistema de amplas estradas e linhas de comunicação (“o começo de toda civilização”) devia facilitar a administração do país e contribuir para a exploração de suas riquezas naturais. A criação de uma estrada de ferro com bitola de quatro metros para a bacia do Donetz, por onde circulariam trens expressos a duzentos quilômetros por hora, fazia parte dos projetos favoritos de Hitler. Os cruzamentos das grandes linhas formariam os centros de

cristalização de cidades — bases que alojariam unidades militares móveis e seriam protegidas num raio de trinta a quarenta quilômetros por “um cinturão de belas aldeias” habitadas por uma população rural capacitada a usar as armas. Num memorando de 26 de novembro de 1940, Himmler já havia esboçado diretrizes para a organização rural dos territórios poloneses conquistados e, ao mesmo tempo, estabelecera com o mesmo pedantismo a hierarquia social que deveria reinar entre os colonos alemães, desde o camponês propriamente dito ao representante de uma “chefia local”, e as normas de construção das aldeias e fazendas (“Espessura de parede (…) de menos de 38cm não será permitida”) assim como — e principalmente — a criação “de espaços verdes” para permitir a manifestação do tradicional amor dos alemães de origem pelas árvores, arbustos e flores, e conferir à paisagem um estilo alemão: o transplante de carvalhos e tílias das aldeias alemãs era, portanto, tão indispensável quanto a rede elétrica, com fios “o mais invisíveis possível”. [164] O mesmo bucolismo romântico era previsto para as regiões rurais russas destinadas a formar uma faixa defensiva: pequenos grupos de colonos deviam recriar a situação original da perpétua luta pela vida e aí se afirmar.

Mas logo ficou evidente que a imensidão do espaço ultrapassava todas as possibilidades de colonização. Como novos habitantes, tinha-se pensado principalmente nos *Volksdeutschen* (pessoas de origem alemã) dos países da Europa meridional ou de além-mar, assim como em velhos soldados condecorados e em membros das SS. O Leste pertence à *Schutzstaffel* (SS), declarava Otto Hofmann, chefe do Comissariado para a Raça e a Colonização. Mas pelas contas dos planejadores só existiam cerca de 5 milhões desses colonos; um memorando datado de 27 de abril de 1942 explicava que, num cálculo otimista, “em trinta anos, podiam-se prever, no máximo, 8 milhões de alemães nessas regiões”. [165] Pela primeira vez, percebia-se certa agorafobia ante a imensidão daqueles territórios.

Um conjunto de medidas diversas devia superar esse dilema inesperado. Foi assim que se pensou em “despertar no povo alemão o instinto de migração para o Leste” e em permitir aos povos vizinhos racialmente dignos participar da colonização desses territórios. Um estudo de Rosenberg mencionava não só colônias de dinamarqueses, noruegueses e holandeses, mas até “de ingleses, após a conclusão vitoriosa da guerra”. Todos seriam “membros do Reich”, garantia Hitler, acrescentando que seria um processo análogo à entrada de certos estados alemães na *Zollverein* , a união aduaneira do século anterior. [166] Paralelamente, e sempre de acordo com as ideias expressas numa exposição do ministro dos Territórios do Leste, Rosenberg, seriam

expatriados ou executados trinta e um milhões dos quarenta e cinco milhões de habitantes da União Soviética ocidental; além disso, havia o projeto de introduzir seitas e facções rivais nesses países e, se isso não liquidasse a questão, bastaria, como dizia Hitler, "jogar um par de bombas em suas cidades e o negócio estaria resolvido". [167]

As maiores esperanças de Hitler, entretanto, estavam nas medidas destinadas à recuperação do bom sangue. Vezes seguidas, o próprio Hitler comparou sua atividade no chamado tempo de luta ao efeito de um ímã que retirava "todo elemento metálico, ferroso" do povo alemão. "Do mesmo modo devemos fazer a construção do novo Reich", disse em conversas no QG, no início de fevereiro de 1942. "Em qualquer parte do mundo onde exista sangue alemão, buscaremos o que for bom. Com o que deixarmos aos outros, eles não investirão jamais contra o Reich". [168] Já na Polônia, as tais comissões raciais tinham investigado o "germanismo" de um grande número de pessoas escolhidas e, conforme o caso, as tinham trazido para a Alemanha para *Umvolkung* , "restauração racial". Naturalmente, procuravam-se, de preferência, pessoas jovens, ainda menores de idade. No futuro, devia-se instituir uma vez por ano, na França, uma campanha de "pesca ao sangue", disse Himmler certa noite, durante o jantar em Rastenburg, propondo enviar as crianças assim recrutadas para instituições alemãs, onde lhes mostrariam o caráter acidental de sua nacionalidade francesa e lhes dariam consciência de seu sangue germânico. "Porque, meus senhores, ou conseguimos juntar o sangue puro que possamos oportunamente utilizar integrando-o ao nosso, ou então — chamai de crueldade, mas a natureza é cruel — devemos destruir esse sangue". [169]

Sob essas ideias de "ampliação da base de sangue", surgia de novo o velho pavor da extinção da raça ariana, o medo daquela segunda "expulsão do paraíso" levantada por Hitler em *Mein Kampf* . [170] Mas, se fosse possível, tresvariava o Führer apaixonadamente, "manter o Reich racialmente alto e puro", o Reich adquiriria uma solidez de cristal e seria inatacável. Então, a força superior da audácia e da violência bárbara imporia sua própria lei e, superando todas essas enganosas religiões da razão e da humanidade, ver-se-ia ressurgir, triunfante, a ordem natural que fora perturbada". [171] O nacional-socialismo, a "mais voraz ave de rapina da história mundial", tinha, então essa ordem natural e suas promessas. E com aquela alienação da realidade que lhe mostrava sempre suas próprias visões ao alcance da mão, Hitler já via nascer em poucos anos, naqueles "viveiros orientais do sangue alemão", o tão desejado tipo humano, "verdadeira natureza de senhores", descrevia Hitler, "vice-reis". [172]

Ao mesmo tempo, apoiava as iniciativas, principalmente de Himmler e Bormann, em favor de uma nova legislação matrimonial. Os projetos partiam da consideração de que a deficiência demográfica, já inquietante, seria ainda mais sensível depois da guerra, no momento em que três a quatro milhões de mulheres ficariam sem marido, e essa perda, que Hitler calculava em termos de divisões, "não era absolutamente suportável pelo nosso povo". Para proporcionar a essas mulheres a possibilidade de ter filhos, e, ao mesmo tempo, dar a "homens decentes, de caráter, física e psiquicamente sadios", a oportunidade de dar vida a uma grande prole, montar-se-ia um procedimento especial de inscrição e seleção para que estes pudessem "contrair matrimônio legal não só com uma única esposa, mas também com uma segunda". Himmler completou as sugestões feitas por Bormann num memorando e apresentou, por exemplo, a ideia de assegurar à primeira esposa uma situação privilegiada, dando-lhe o título de *Domina* ; além disso, sugeriu que o direito de contrair união com uma segunda mulher legítima devia ser, antes de tudo, "uma alta distinção conferida aos herois de guerra, condecorados com a cruz de ouro alemã, assim como aos portadores da cruz de cavaleiro". Mais tarde, acrescentava, poder-se-ia estendê-la a "titulares da cruz de ferro de primeira classe, assim como aos que haviam recebido o distintivo de prata ou de ouro de combate corpo-a-corpo". "Pois", costumava dizer Hitler, "ao melhor combatente a mulher mais bela. (…) Se o homem alemão devia estar pronto para dar incondicionalmente sua vida como soldado, era preciso também que, em contrapartida, tivesse a liberdade de amar incondicionalmente. A luta e o amor são inseparáveis. O filistino medíocre se contente com o que sobrar". [173] Entre os hierarcas da SS, foi-se ainda mais longe em regras para o desfrute racional da energia sexual. Um casal sem filhos durante mais de cinco anos seria separado "por razões de estado", depois, num encadeamento lógico, propunha-se que "toda mulher, solteira ou casada, que ainda não tivesse tido ao menos quatro filhos, fosse obrigada, até a idade de 35 anos, a conceber e dar à luz pelo menos quatro filhos gerados por homens de pura raça alemã. Que esses homens fossem casados não tinha a menor importância. Toda família já com quatro filhos devia pôr à disposição o homem para essa tarefa". [174]

A colonização do Leste devia também servir para resolver as questões litigiosas nacionais ou étnicas da Europa. A Crimeia, por exemplo, alvo predileto dos planos de colonização, devia ser, segundo Hitler, "completamente limpa" e tornar-se, no mais breve prazo, território do Reich, com o antigo nome grego de Tauride, ou com o nome novo de Gotenland [Terra dos Godos]. Simferopol devia chamar-se Gotenburg, e Sebastopol, Theodorichhafen [Porto de Teodorico]. [175] Um dos planos propunha

transformar a aprazível península, que, no decurso dos séculos, atraíra sucessivamente citas e hunos, godos e tártaros, numa imensa estação balneária; outra proposta visava fazer dela um "Gibraltar alemão", em virtude de dominar o mar Negro. Como colonos eventuais, previram-se os 140 mil alemães de origem que habitavam a Transnistria romena; durante certo tempo, pensara-se também, em outros estudos mencionados no dossiê, nos dois mil alemães da Palestina, mas era sobretudo a população do Tirol do Sul, o Alto Adige, que predominava nas fantasias da Nova Ordem com respeito àquela região. A proposta do *Gauleiter* Frauenfeld, nomeado comissário geral da Crimeia, de transferir em massa os sul-tiroleses "era excelente", disse Hitler. O Führer considera que "a Crimeia, seu clima e suas paisagens conviriam muito bem às populações sul-tirolesas. Além disso, comparada com o presente *habitat* dessa população, a Crimeia era um país de leite e mel. A mudança dos sul-tiroleses para a Crimeia não apresentava dificuldades nem no plano físico nem no plano psíquico. Além disso, bastava fazê-los descer um rio alemão, o Danúbio, e eles lá chegariam". [176] O *Gauleiter* Frauenfeld nutria também a intenção de construir uma nova capital para a península nos Montes Jaila.

Embora, já nos primeiros dias de julho de 1942, uma ordem do Führer prescrevesse a completa retirada de todos os habitantes russos da Crimeia, todos esses planos de neocolonialismo naufragaram na confusão de atribuições e nos acontecimentos da guerra. Todavia, na Ingria, situada entre os lagos Peipus e Onega, prevista para ser a primeira zona de neocolonização, sob o pretexto, evocado pelos especialistas em questões de espaço vital, de que já continha certos elementos bastante numerosos de população de origem germânica, chegou-se a encetar uma operação de imigração bem ampla. No início de 1942, avisou-se ao governo finlandês que ele podia recuperar "seus" íngrios; com efeito, cerca de 65 mil pessoas da Ingria foram expatriadas; a operação parou na primavera de 1944, época em que a região foi perdida pela Alemanha. Tratou-se de um caso único, suficiente, porém, para dar uma visão de como a Nova Ordem pretendia conduzir esses projetos, no sentido de que resolveu um problema inexistente de minoria criando um problema novo para a Finlândia. [177]

Os desígnios expansionistas de Hitler não diziam respeito unicamente ao Leste. É verdade que ele não parara de repetir, até chegar a guerra, e mesmo após o início das hostilidades, que não alimentava qualquer ideia de conquista no Ocidente; mas essa afirmação em pouco foi desmentida por sua incapacidade inata para restituir o que havia tomado. Quem, pois, se

espantaria — dizia, nos dias em que tinha plena certeza da vitória final — que ele partisse do princípio de que quem tem algo na mão deve mantê-lo! Quem quer que entregasse o que havia conquistado pecava contra si mesmo, porque se despojaria do que tinha arrancado a seu adversário à custa do suor do seu rosto e graças à superioridade de sua força. A terra era, assim, uma espécie de taça que recompensa um feito esportivo, e, por causa disso, tendia sempre a cair nas mãos do mais forte. Havia milênios que mudava de dono. [178]

Breve suas intenções ultrapassaram todas as reivindicações racistas ou pangermanistas, motivos confessos de suas ações bélicas, e criaram a visão de um império pangermânico da nação alemã. Englobaria quase todo o continente europeu num império único, de organização totalitária e economicamente autárquico, cujos membros isolados deviam ser mantidos, sob diversas formas, numa dependência absoluta e aptos a servir às ambições de poder mundial do Reich: "A velha Europa está ultrapassada", explicou Hitler numa de suas conversas com monsenhor Tiso, o presidente do estado eslovaco; em sua mente, a Alemanha estava na mesma situação de Roma imediatamente antes da vitória sobre os estados latinos; acontecia-lhe também falar "desse entulho de pequenos estados que liquidarei um dia". [179] Ao lado da América, do Império Britânico e da Grande Ásia fundada pelos japoneses, a Europa se tornaria, sob a dominação do Reich, o quarto desses impérios econômicos que deviam, no futuro — pensava ele — dividir o mundo entre si. Em sua concepção, esta velha parte do mundo chegara a resolver, ou pelo menos a disfarçar, o problema da superpopulação, com a ajuda de suas possessões de além-mar. Mas, com o fim da era de colonização, o Leste, de uma densidade demográfica particularmente baixa, era a única porta de saída. "Será suficiente aplicar à Ucrânia métodos de exploração europeus para de lá extrair três vezes mais do que atualmente. Poderíamos abastecer a Europa indefinidamente com essa produção. O Leste tem tudo em quantidades ilimitadas: ferro, carvão, petróleo e uma terra onde se pode cultivar aquilo de que a Europa necessita: cereais, sementes oleaginosas, borracha, algodão, o que for." [180]

Em seu segundo livro, o *Zweites Buch* , de 1928, Hitler já expusera a ideia de que essa Europa não nasceria de uma união federativa, só poderia ser fruto de uma ação coatora e escravizadora por parte da nação racialmente mais forte; e essa antiga concepção impregnava o estilo cada vez mais dominador que ostentava tanto diante das populações conquistadas quanto das aliadas. Considerava ofertas ocasionais de colaboração dentro do quadro de uma Europa federativa fascista — como a que a França lhe propôs em abril de 1941 — uma impertinência que nem merecia resposta. Agradava a Hitler, de

tempos em tempos, rejeitar a ideia de nação em nome “do conceito mais alto de raça”. “Este (o conceito de raça) vem substituir a antiga concepção e cria a possibilidade de novas alianças”, explicava. “Em nome da ideia de nação, a França levou sua revolução para muito além de suas fronteiras. Com a noção de raça, o nacional-socialismo imporá sua revolução até dar uma Nova Ordem ao mundo”. [181] De fato, restava o nacionalismo estreito do século XIX, que jamais conseguiu ultrapassar suas antigas fixações e permanecia inelutavelmente ligado à impressão de prestígio *völkisch* de sua juventude. Mesmo após os grandes reveses sofridos em todas as frentes, quando superioridades táticas ainda lhe ofereciam a possibilidade de contrapor à Carta do Atlântico dos adversários uma “carta europeia das potências do Eixo”, [182] ele se obstinou no inflexível nacionalismo do “povo de senhores” e, temendo dar uma impressão de fraqueza, recusava toda e qualquer concessão. A futura Europa, aliás, não era para ele senão um Reich ampliado por importantes anexações que, na proximidade de estados pigmeus de grande docilidade, continuava dedicado à procura de suas próprias vantagens, ao mesmo tempo que à sua missão histórica. Imediatamente após a campanha da França, tinha-se traçado, com sua colaboração pessoal, um projeto de revisão das fronteiras no Ocidente, segundo o qual os territórios do Reich, com a inclusão da Holanda, da Bélgica e do Luxemburgo, se estendiam até o litoral de Flandres: “Nada neste mundo poderia fazer-nos renunciar à posição que a campanha do oeste nos permitiu ocupar nas costas do Canal”, declarou. Daí, a nova linha de limites começava mais ou menos “na foz do rio Somme e seguia pelo norte da Bacia Parisiense e da Champagne até Argonne, infletia para o sul, atravessava a Borgonha e o oeste do Franco-Condado para terminar no lago de Genebra”. [183] Memoriais detalhados e medidas de germanização deviam justificar historicamente essas apropriações; no futuro, Nancy devia chamar-se Nanzig, e Besançon se tornaria Bisanz.

Ninguém o tiraria mais da Noruega, afirmava Hitler; pensava em transformar Trondheim numa cidade alemã de 250 mil habitantes e num grande porto militar; no início de 1941, deu instruções nesse sentido a Albert Speer e ao comando da Marinha. Pontos de apoio análogos, destinados à proteção das vias marítimas, estavam previstos ao longo da costa francesa do Atlântico e do litoral da África do Norte ocidental, enquanto Rotterdam devia tornar-se “a grande cidade portuária do espaço germânico”. [184] Havia-se também pensado em organizar a economia dos países dominados segundo o modelo e no interesse da indústria alemã, em nivelar salários e preços aos da Alemanha, em regulamentar o emprego e a produção em âmbito continental e em redistribuir os mercados. As fronteiras interiores da Europa perderiam brevemente a razão de ser, escreveu um dos ideólogos da Nova Ordem,

“exceto a fronteira alpina, ponto de encontro do império germânico do norte com o império romano do sul”. [185]

Sobre esse panorama de hegemonia montar-se-ia uma cena florida e pomposa, cujas gigantescas proporções deviam induzir o regime a se dar conta de sua própria grandeza e a fremir diante dela. No seu centro, devia erguer-se a capital do mundo, Germânia, que Hitler só comparava às metrópoles dos impérios da Antiguidade, “ao Egito antigo, Babilônia ou Roma. (…) Que são Londres ou Paris, em comparação com elas?” [186] E até o Cabo Norte e o mar Negro — exceto no território alemão — estender-se-ia uma teia de guarnições, cidadelas do partido, templos da arte e torres de vigia a cuja sombra uma estirpe de personalidades senhoriais celebrariam o culto do sangue ariano e a procriação dos novos homens-deuses. Nas zonas de “sangue inferior”, como, por exemplo, a floresta bávara ou a Alsácia-Lorena, Hitler se propunha estacionar algumas formações de SS e “através deles proceder a uma regeneração do sangue dessa gente”. [187] Cedendo a antigas tendências profundamente enraizadas nele, associava a visão da Nova Europa ao mito da Morte. No fim da guerra, na hora do grande acerto de contas com as Igrejas e quando o Papa, em paramentos solenes e com a tiara na cabeça, tivesse sido enforcado na Praça de São Pedro, a catedral de Strasburgo seria transformada em memorial ao Soldado Desconhecido, enquanto, nos confins do império, dos mais remotos cabos rochosos do Atlântico à planura da Rússia, seriam erigidas torres numa grinalda de monumentos da Morte. [188]

Desses projetos emanava uma fúria de planificação, indiferente a todos os direitos e exigências de vida dos outros, ditando destinos, espezinhando as “populações de bastardos”, deportando grupos inteiros de habitantes ou, como se pode ler na nota do Ministério do Leste citada acima, simplesmente “botando-os no lixo”. Hitler, pessoalmente, tinha o sentimento de que a construção da Nova Ordem era “algo maravilhosamente belo”. [189] Na realidade, retomava a singular contradição fundamental do nacional-socialismo, esta mistura de pragmatismo estoico e irracionalismo, de “frieza glacial” e adesão à magia, de modernismo e ideias medievais. Nesse asfalto do futuro império marcharia uma vanguarda ideológica da nova visão do mundo, que eram aconselhados a fazer reviver “a arte do bordado dos Cimbros” ou a cultivar a raiz de Kog-Sagy, e a quem não se poupavam recomendações sobre a maneira de garantir a procriação de filhos, através da prática da continência, das grandes caminhadas e de uma boa alimentação. Todo racionalismo do poder era penetrado por fantasias triviais e os dirigentes se debruçavam com “santa seriedade” sobre problemas do mingau de aveia, do centeio perene, do adubo orgânico, da esteatopigia nas mulheres dos povos

primitivos, da bruxa Nasav, que se transformava em mosca e espalhava doenças e outras questões insólitas [190] como a criação de um "delegado especial do Reichsführer SS para o cuidado dos cães" ou de um "subchefe encarregado dos mosquitos e da luta contra insetos". Embora Hitler ridicularizasse a "crendice de pastores", ele próprio continuava estranhamente ligado a superstições populares. Era propenso a não recusar todas as espécies de teorias grosseiras como a queda dos céus e a quebra da lua, deduzia a origem mongólica dos tchecos pelos seus bigodes pendentes, prometia proibir o fumo e sonhava instituir o regime vegetariano no grande império do futuro. [191]

As mesmas incongruências povoavam seus sonhos: duzentos milhões de seres humanos, conscientes da noção de raça, instalados como senhores no continente, tendo sua soberania consolidada pelo monopólio do poderio militar e tecnológico, planificando em grande escala, e, por outro lado, de hábitos frugais, decididos para a luta e prolíficos; um povo empenhado em organizar o continente e manter as outras nações europeias num estado de escravidão hierarquizada, de maneira a "que pudessem submeter-se, acima do bem e do mal, aos requisitos de uma vida modesta e laboriosa". Durante esse tempo, a raça dos senhores prosseguiria na sua missão histórica, dançaria ao redor das fogueiras de São João, conformar-se-ia com as leis da natureza, respeitaria a arte e a ideia de grandeza, buscaria nos hotéis de massas da KdF (*Kraft durch Freude* , a força pela alegria) das ilhas da Mancha, dos fiordes noruegueses ou da Crimeia momentos de repouso em sua tarefa histórica, graças a um alegre folclore comunitário e música de opereta. Hitler constatava com tristeza que a realização de suas visões ainda estava distante, talvez cem ou duzentos anos e, "que nem Moisés, ele só veria a Terra Prometida de longe". [192]

A série de reveses que se iniciou no verão de 1943 o distanciou ainda mais da realização de seus sonhos. Depois do fracasso da grande ofensiva alemã contra as linhas russas da região de Kursk, os soviéticos passaram surpreendentemente ao ataque no meio de julho e, com reservas aparentemente inesgotáveis, fizeram recuar as tropas alemãs que se batiam em desespero. No setor sul, a relação de forças era de um contra sete; no grupos de exército centro e norte, mais ou menos um contra quatro. A isso acrescentava-se um exército de *partisans* apoiava a ofensiva soviética por trás das linhas alemãs, de acordo com planos cuidadosamente elaborados e, por exemplo, só no mês de agosto, explodiu as vias férreas em 12 mil pontos diferentes na zona de retaguarda alemã. No início de agosto, o Exército

Vermelho retomou Orel; três semanas depois, Kharkov; em 25 de setembro, Smolensk, e, em seguida, a bacia do Donetz; em meados de outubro, estava diante de Kiev.

Nesse ínterim, no Mediterrâneo, a situação tomava um rumo igualmente fatal. A despeito do grande incentivo e das inúmeras concessões por parte dos alemães, nos primeiros dias da primavera, ficou evidente que a Itália se encontrava à beira do colapso. Mussolini, cansado, doente, via fugir o poder de suas mãos, reduzindo-se a uma simples marionete gesticulante e sem convicção das facções contrapostas. Em meados de abril, encontrara-se com Hitler em Salzburgo; pressionado por seus colaboradores, declarou-se pronto a expor ao seu aliado do Eixo as condições em que a Itália admitiria prosseguir na guerra, em particular a paz no Leste, que realmente já sugerira algumas semanas antes. Porém, uma vez mais, como sempre, mostrou-se incapaz de resistir a torrente de palavras persuasivas de Hitler; no momento de sua chegada, resumiu Hitler, "o Duce tinha o ar de um velho acabado", e, quatro dias depois, partia "um homem erecto, exultante por agir". [193]

Três meses depois, em 19 de julho de 1943, com a situação se agravando ainda mais, os dois se encontraram novamente em Feltre, norte da Itália. Entrementes, os aliados haviam tomado Túnis e Bizerta e aprisionado o resto das forças alemãs da África que, contra a opinião de Rommel, tinham sido aumentadas para 250 mil homens; em meados de julho, os aliados haviam desferido, enfim, o golpe no "ventre macio do Eixo", desembarcando na Sicília. O objetivo de Mussolini agora era conseguir que Hitler deixasse a Itália retirar-se da aliança; tentou convencer Hitler de que aquilo era do interesse da Alemanha, que poderia então levar suas tropas para os Alpes e concentrá-las numa linha de defesa inexpugnável. Mais uma vez, Hitler não cedeu. Ao contrário, apelando para todo o seu poder de persuasão, insistiu na perseverança com um Mussolini taciturno, cercado por seus generais. Por três horas ininterruptas, e sem recorrer ao intérprete ali presente, ele interpelou, em alemão, seu interlocutor pálido, desconcentrado, o olhar perdido no espaço, visivelmente mais preocupado com as notícias, chegadas durante a entrevista certamente muito dramatizadas, do primeiro grande bombardeio de Roma, do que com as previsões portentosas de Hitler; para este, só havia uma alternativa: combater e vencer ou sucumbir; esta era a ideia que Hitler repisava a cada frase, sob formas diversas. "Quando vêm me dizer que poderíamos deixar nossa tarefa para as gerações vindouras, respondo: não, não podemos. Ninguém pode dizer se a geração que vem será uma geração de gigantes. A Alemanha precisou de trinta anos para se reerguer, Roma jamais se reergueu. Esta é a linguagem da história." [194]

Mas Mussolini apenas ficou calado. A sedução da história, a cuja magia ele havia sucumbido durante toda a sua vida, aparentemente não conseguia mais tirá-lo da apatia, não mais do que o simples instinto de autopreservação. Nos dias que se seguiram, de volta a Roma, permaneceu na mesma passividade, embora, como todo mundo, visse que o chão lhe fugia sob os pés e pressentisse sua queda iminente. Sem dúvida, estava informado de uma conjura para derrubá-lo, substituindo-o por um triunvirato de hierarcas fascistas de prestígio, mas não se opôs à reunião do Gran Conselho na noite de 24 para 25 de julho. Mandou calar-se um dos seus seguidores que o aconselhou no último momento a acabar com o complô. Mudo e pasmo de espanto, assistiu ao debate apaixonado que durou dez horas, no curso do qual foi julgado e condenado. No dia seguinte, à noite, foi preso. Ninguém levantou um dedo em sua defesa. E foi em silêncio, depois de tantos paroxismos e efeitos espetaculares, que ele próprio e o fascismo desapareceram da vida pública. O marechal Badoglio, nomeado chefe do governo pelo Rei, apressou-se em dissolver o partido e destituiu de seus postos os hierarcas.

Embora Hitler estivesse mais ou menos preparado, impressionou-se profundamente com a queda de Mussolini; o ditador italiano era o único estadista pelo qual mostrou ligação pessoal. Mas preocupou-o sobretudo a consequência política desse acontecimento, particularmente em vista do "paralelismo com a Alemanha" que, segundo os relatórios da polícia política, era evidente para a opinião pública. *Simul stabant, simul cadent* , resumira o Conde Ciano, anos antes, a identidade do destino dos dois regimes. [195] É significativo que Hitler se recusasse a falar em público, mas mandou adotar medidas para evitar qualquer desordem, logo fazendo planos: Operação *Eiche* , para a libertação de Mussolini; Operação *Nero* para a ocupação militar da Itália e a prisão de Badoglio e do Rei; e Operação *Student* para o restabelecimento do regime fascista. No dia 25 de julho, na reunião da noite, rejeitou a proposta de Jodl de aguardar notícias mais precisas:

> Há um ponto sobre o qual não pode pairar qualquer dúvida: naturalmente, em sua traição, eles vão garantir que continuarão fielmente ao nosso lado; isto está muito claro. Mas é traição; não têm a menor intenção de continuar conosco. (…) Esse fulano [Badoglio] logo declarou que a luta continua; que, nesse ponto, nada vai mudar. Eles são obrigados a agir assim, é como se faz a traição. Mas somos dois no jogo e vamos preparar tudo para cair como um raio e limpar toda essa gentalha. Amanhã, enviarei um homem meu com ordem ao comandante da 3ª Divisão Panzergrenadier para entrar em Roma sem qualquer cerimônia com um comando especial para tomar imediatamente o governo em todos os níveis, prender o rei, toda a malta e sobretudo o príncipe herdeiro, dominando a canalha, a começar por Badoglio. Os senhores vão ver: eles vão se afrouxar e dentro de dois a três dias a situação voltará ao normal. [196]

Mais tarde, na mesma noite, enquanto as unidades na frente italiana tomavam

posição segundo as novas ordens, Hitler, de repente, considerou ocupar também o Vaticano: “O corpo diplomático inteiro está lá dentro”, disse ele, e descartou as objeções com esta resposta lapidar: “Quero que eles se danem. Os canalhas estão lá dentro? Pois bem, vamos tirar de lá toda essa vara de porcos”. Depois, haveria tempo para as desculpas. Mas terminou desistindo da ideia. De qualquer maneira, conseguiu reforçar a tal ponto suas tropas na Itália que quando Badoglio, pouco tempo depois, anunciou o armistício com os aliados, os alemães em coisa de horas dominaram as divisões italianas, superiores em número, o que lhes permitiu ocupar todas as posições-chave do país.

Depois de sua captura, Mussolini foi, durante alguns dias, levado para um lugar e para outro, antes que um comando alemão o resgatasse de um hotel no alto do Gran Sasso. Passivamente, ele aceitou reassumir o poder, com perfeita consciência de que tudo se reduzia a uma mudança em sua condição de prisioneiro. Em outubro, teve de ceder à Alemanha Trieste, a Ístria, o Alto Adige, Trento e Liubliana, o que fez sem se comover. No fundo, só tinha um desejo: retirar-se para a Romagna, sua região natal. Seus pensamentos se ocupavam só com a ideia de seu fim. Tendo-lhe uma correligionária, durante sua prisão, pedido um autógrafo, ele escreveu numa foto: *Mussolini defunto* . [197]

Esses acontecimentos também não abalaram a firmeza das resoluções de Hitler; pelo contrário, reforçaram-na. As fraquezas humanas, as perfídias e as imperfeições que encontrava em seu caminho não faziam senão estimular o sentimento de que tinha de ser superior à situação. Davam-lhe a consciência de uma grande aura trágica que ele associava ao seu conceito de uma posição histórica. Assim como, nos anos de ascensão, realmente haurira forças na dificuldade dos períodos de crise, agora, a cada revés, sentia crescer a fé em si mesmo; julgava que precisamente as derrotas faziam brotar sua força; fazia parte de seu pessimismo inato a tendência a retirar força e motivação das catástrofes. “Até aqui, todos os agravamentos da situação não fizeram senão melhorá-la, por fim”, dizia a seu grupo de generais. [198] Uma parte da influência que exercia em torno de si, sobre os oficiais céticos, os funcionários menos otimistas do que antigamente, provinha, sem dúvida alguma, dessa espécie de aumento de sua força de convicção, que nele crescia com os golpes desferidos pelo destino. Testemunhas oculares contaram como, a partir do outono de 1943, cercado de um muro de silêncio e de desprezo por seus semelhantes, arrastava-se no sombrio cenário de seu quartel-general, e mais de uma dessas testemunhas teve a sensação de vê-lo “extinguir-se pouco a pouco”. [199] Mas

todos constataram que seu poder de sugestão continuava intacto e em surpreendente contradição com sua aparência externa. É verdade que esse julgamento talvez esteja viciado pelo oportunismo, a corrupção intelectual e toda espécie de desejos de autojustificação; mas resta esse notável fenômeno da energia de Hitler, que se multiplicava sob o efeito dos desastres.

E isso tanto mais porque os argumentos em que ainda se podia apoiar eram de pouca consistência. De preferência, lembrava os anos da luta, que apresentava como uma grande parábola do triunfo da vontade e da tenacidade; depois, eram as "armas milagrosas", com as quais faria com que os aliados pagassem pelo "terror aéreo" infligido à Alemanha; e entregava-se a convicções extravagantes de que era impossível que não sobreviesse um desentendimento naquela "coalizão antinatural" de seus adversários.

Sintomaticamente, não estava disposto a encarar a possibilidade de uma paz em separado com um ou outro dos seus inimigos. Em dezembro de 1942, e depois, durante o verão de 1943, a União Soviética, por intermédio de sua embaixada em Estocolmo, tinha insinuado que estaria eventualmente disposta a discutir uma paz em separado com Hitler; com o receio crescente de que as potências ocidentais tivessem orientado sua política para uma guerra de desgaste entre a Alemanha e a URSS que lhes exaurisse completamente as forças, em setembro de 1943, a União Soviética concretizou sua proposta de maneira mais clara: propunha o retorno às fronteiras germano-russas de 1941, mãos livres na questão litigiosa dos estreitos, bem como expansão das trocas comerciais. O vice-ministro do Exterior, Vladimir Dekanosov, antigo embaixador da Rússia em Berlim, estaria em Estocolmo, de 12 a 16 de setembro, à espera de que os alemães decidissem negociar. Hitler se recusou a toda e qualquer negociação. Nesse contato soviético não via mais que uma manobra tática e, de fato, até hoje não se sabe muito bem se — e até que ponto — as intenções de Moscou eram sérias. Em contrapartida, as intenções de Hitler, de uma rigidez que chegava às raias da mania, permaneceram conformes à decisão tomada. Ao seu ministro do Exterior, que advogava uma tentativa de paz com Moscou, disse, dando de ombros: "Sabe o que lhe digo, Ribbentrop? Se eu hoje entrasse em acordo com a Rússia hoje, bem, amanhã eu começaria tudo de novo — não posso agir de outra maneira (…) " Com razão, disse Ribbentrop que Hitler, quase certamente, havia perdido de vista por completo o significado e as possibilidades da política, e que para ele nada mais existia além da alternativa entre "vitória ou queda". A Goebbels ele disse, em meados de setembro, que o momento era "o mais impróprio possível" para tais contatos; só podia tratar dessas coisas com algum proveito depois de um êxito militar. [200]

Mas até aquele momento seus êxitos militares decisivos não tinham resultado senão em despertar um desejo de êxitos militares mais decisivos ainda; e agora não era mais possível uma reviravolta no andamento das operações: o deus da guerra, disse Jodl, nessa época se afastara da Alemanha havia muito tempo e passara para o lado adversário. Em 1938, no tempo dos grandes projetos arquitetônicos, Albert Speer mandara abrir uma conta destinada ao financiamento dos enormes edifícios da futura capital mundial, Germânia. Sem dizer palavra a Hitler, Speer mandou encerrar essa conta no fim de 1943. [201]

* *Diário de Joseph Goebbels 1941-1943* . *Diários de Goebbels 1923-1945* . *Últimas anotações, Diário 1945* , Joseph Goebbels, edição brasileira Nova Fronteira, tradução de Lya Luft, Rio de Janeiro, 1978.

PARTE VIII

A QUEDA

27

Resistências

Matá-lo!

Von Stauffenberg, em 1942, quando lhe perguntaram o que se devia fazer com Hitler.

NO INÍCIO DE 1944, a tempestade desabou com força total sobre a "Fortaleza Europa" e acuou Hitler na defensiva em todas as frentes. No sul, as forças aliadas haviam atingido a Itália central. Sua vantagem tecnológica, principalmente no sistema de localização pelo radar, permitia-lhes fazer uma guerra aérea quase total e obrigou, além disso, o lado alemão a uma suspensão provisória da guerra submarina. No leste, as tropas soviéticas continuavam numa pressão furiosa, aproximando-se já dos mesmos campos de batalha onde o exército alemão conseguira suas primeiras grandes vitórias no verão de 1941. Ante a evidência de que suas linhas de defesa por toda parte se abalavam e rompiam, Hitler apenas repetia sua fórmula de resistência até o último homem, mostrando assim, mais uma vez, que seu talento de grande capitão aplicava-se unicamente a ofensivas. A precipitação da retirada o impedia de pôr em execução seu plano de deixar para o adversário "uma terra queimada e devastada". [1] Entretanto, esses territórios já eram teatro de uma encenação fantasmagórica. Ao redor de fornalhas gigantescas com grelhas de ferro impregnadas de gasolina, trabalhavam febril e silenciosamente membros do "Comando 1005" que tinham recebido ordem de localizar os numerosos ossários de quase três anos de ocupação, exumar os esqueletos e fazer desaparecerem os vestígios do massacre. Nuvens de fumaça espessa subiam dos locais de incineração; o regime abjurava suas visões e as reduzia a ideias fixas. [2]

Desde que a paralisia progressiva do colosso hitlerista começara a se fazer sentir, a resistência ia despertando um pouco em todas as partes da Europa. Em muitos casos, ela centrou-se nos partidos comunistas, mas partia também de associações de oficiais, da Igreja Católica e de grupos de intelectuais, e se organizou em certos países, como a Iugoslávia, a Polônia e a França, em unidades quase-militares sob os nomes de "exército popular" ou de "forças armadas internas" que faziam uma guerra sangrenta e impiedosa ao exército de ocupação. Os alemães respondiam ao crescente número de atentados e

sabotagens com a execução sumária de reféns, em que vinte, trinta ou mais vítimas pagavam pelo assassinato de uma sentinela. O ato de vingança da divisão SS "Das Reich" contra a aldeia francesa de Oradour-sur-Glane e seus seiscentos habitantes inocentes assinala o apogeu dessa guerrinha conduzida impiedosamente, enquanto a célebre travessia de Tito no Neretva, ou ainda o levante de Varsóvia no verão de 1944, tornaram-se legendários e ilustram os feitos militares da resistência europeia.

Ao mesmo tempo, reapareceram vivas na Alemanha as forças de oposição. No passado, elas se desfizeram ante os êxitos, primeiro diplomáticos depois militares, de Hitler e, no momento da vitória sobre a França, foram tomadas de profundo desânimo; mas a reviravolta da guerra fez ressurgirem todas as dúvidas reprimidas que, o tempo todo, tinham acompanhado o regime, mesmo na época das grandes exaltações populares e do regozijo exacerbado. Depois de Stalingrado e novamente após as derrotas do inverno de 1943-1944, havia na Alemanha uma atmosfera de angústia, tédio e apatia, curiosamente misturados, que deu um novo impulso aos esforços da oposição e ao mesmo tempo uma perspectiva de ressonância. Após as decepções dos anos anteriores, o temor de deixar passar, e desta vez para sempre, a chance de agir dada pela iminência da derrota estimulou fortemente a decisão de agir. Mas também muitas vezes motivou a censura dirigida à resistência alemã, por não ter-se decidido a derrubar o regime senão no momento em que ele já desmoronava. Já se disse, a propósito, que sua ação não foi senão o gesto interessado e desesperado de alguns nacionalistas que muito mais queriam salvar o poderio do que o senso moral do país.

Mas o observador não pode deixar de levar em consideração as dificuldades a que a resistência estava exposta no início de 1944. Já algum tempo antes, a Gestapo tinha estourado seu *Zentralburo* , o escritório de Oster, e detido seus funcionários, enquanto Canaris estava quase afastado e Beck incapaz de agir devido a grave doença. Como se não bastasse, a queda de Mussolini deixara Hitler muito alarmado, predispondo-o a desconfiança cada vez maior. Com mais rigor que nunca, ele mantinha em segredo seus deslocamentos; seu pessoal tinha ordem de não revelar as datas previstas nem mesmo às mais altas personalidades do governo, como Göring e Himmler; e quando ainda aparecia em público, na maioria das vezes mudava de programa imediatamente, sempre antes do momento de aparecer, algumas vezes apenas alguns minutos antes. Mesmo em seu QG, usava quase sempre a pesada touca de aço que lhe descia sobre as orelhas. E com uma ponta de ameaça, em sua alocução de 10 de setembro no rádio sobre os acontecimentos da Itália, invocou a lealdade de "seus marechais, almirantes e generais" e disse que o

inimigo podia perder qualquer esperança de encontrar, no corpo de oficiais alemães, “traidores como na Itália”. [3]

O dilema dos adversários ativos do regime na Alemanha tinha motivos complexos, difíceis de deslindar, inibições e fraquezas. Evidente que tradições, dúvidas e certos princípios fundamentais de educação tiveram papel importante: formavam o conflito interior. Todavia, enquanto para a resistência europeia o dever nacional e o dever moral se confundiam, aqui as normas se chocavam violentamente uma contra a outra, para muitos, numa contradição insolúvel. Durante todo o tempo em que conspiraram, inúmeros personagens importantes, principalmente na oposição militar, jamais puderam superar completamente a repugnância sentimental que lhes inspiravam seus projetos, parecendo-lhes que dariam uma punhalada pelas costas – e nisso eles viam um abandono de todos os seus conceitos de valores tradicionais. Ao contrário da resistência europeia, o primeiro efeito desse ato, na realidade libertador, para eles não seria a liberdade, pelo contrário, uma derrota, equivalendo a dizer que se entregavam e entregavam o país a um inimigo violento; seria preciso grande altivez moral para negar o conflito em que se debatiam os que, apesar de todo o seu ódio a Hitler e do horror dos crimes cometidos, não podiam esquecer os crimes de Stalin, as atrocidades do “Terror Vermelho” ou dos grandes expurgos e, para completar, as vítimas de Katyn.

Esses escrúpulos também deixaram sua marca nas discussões intermináveis, cuja real seriedade, de qualquer maneira, não pode ser verificada hoje senão através de considerações históricas: se o juramento tem caráter obrigatório, mesmo quando foi violado por quem é o objeto desse juramento. Os conjurados se julgavam presos igualmente pelo dever da obediência, e, se alguns consideravam o atentado como a grande ação da resistência, a um só tempo lógica e inevitável, outros, cuja integridade moral não pode ser posta em dúvida, [4] recusaram até o fim a própria ideia em si. Uns como outros, entretanto, estavam isolados dentro de seu próprio país, expostos, com a ampliação incessante do círculo dos iniciados, às investigações de um imenso aparelho de vigilância e ameaçados de denúncia. Além disso, o fato de que todos os planos dependiam de acontecimentos cotidianos prejudicava sua liberdade de ação: pois, se cada vitória de Hitler enfraquecia as possibilidades de um golpe de estado interno, cada derrota vinha se interpor contra chances no exterior, isto é, junto aos aliados, cujo apoio era indispensável.

A história da resistência alemã é, por causa dessas circunstâncias, uma história de escrúpulos, contradições e confusões. É verdade que as fontes dão, às vezes, a impressão de que boa parte das hesitações a que a resistência

estava sujeita eram suscitadas por uma mania de “problematização” que permitia libertar-se da obrigação de agir, graças a elocubrações sobre uma situação sem saída; outros escrúpulos serviam sobretudo de pretexto a uma parte dos altos oficiais para justificar seu próprio imobilismo moral. Mas, bem feitas as contas, paira, apesar de tudo, sobre todas essas declarações e as atividades dessa resistência, a nota de um desespero sobre o qual não pode haver equívoco. Isso resultava visivelmente menos do sentimento de uma impotência externa face a um regime autoritário do que da impotência interna de pessoas que reconheceram o caráter anacrônico de sua concepção de valores, mas a eles não querem renunciar. É sintomático que os Becks, Halders, Witzlebens ou Canaris, por mais que abominassem Hitler, não tenham tomado a resolução de agir senão depois de haver formulado mil objeções e que nunca mais tenham tentado qualquer coisa depois de seu primeiro insucesso de 1939. Foi necessária a chegada posterior de certo número de oficiais mais jovens, livres desses preconceitos, para que o movimento, que se consumira em tantos motivos e contramotivos, recebesse novo impulso. Um deles, o coronel von Gersdorff, revelou e descreveu essa contradição numa anotação em que narra como, durante uma conversa, o marechal von Manstein não parava de se esquivar às objurgações dos seus amigos. Como estes tentassem convencê-lo a entrar no complô contra Hitler, ele terminou perguntando, em meio ao silêncio de um instante de reflexão: “Provavelmente vocês querem abatê-lo?” E a resposta lapidar: “Sim senhor, *Herr Feldmarschall* , como a um cão danado!” [5]

A partir da primavera de 1943, houve uma série de novas tentativas de atentado. Todas falharam. Um dia, por causa de uma pane técnica, outra vez, por causa do “faro” de Hitler para os perigos que o ameaçavam, ou ainda porque qualquer acidente viera atrapalhar os projetos. Duas bombas, que Henning von Tresckow e Fabian von Schlabrendorff puseram no carro de Hitler, em meados de março, por ocasião de uma visita ao QG do Grupo de Exércitos do Centro, não explodiram; o plano de Gersdorff para ir pelos ares juntamente com Hitler e os dirigentes do regime, uma semana depois, numa viagem de inspeção ao arsenal de Berlim, não deu resultado, porque Hitler reduziu inesperadamente a duração de sua visita a exatamente dez minutos, de forma que o detonador de tempo não pôde disparar. Um plano do coronel Stieff, de fazer explodir uma bomba no QG do Führer durante uma conferência de estado-maior, falhou porque a bomba explodiu prematuramente. Para compensar o azar de Gersdorff, um jovem capitão de infantaria, Axel von der Bussche, declarou aos conjurados que estava disposto, durante a apresentação de novos uniformes, a saltar sobre Hitler, agarrá-lo, imobilizá-lo e ao mesmo tempo disparar a bomba. Mas, na véspera

do dia marcado, um bombardeio aliado destruiu os uniformes. Quando von der Bussche apareceu em dezembro, com uniformes novos, Hitler decidiu partir repentinamente para Berchtesgaden e, assim, fez abortar não só esse projeto, mas também o atentado previsto para o dia 26 de dezembro, que seria cometido por um coronel de uma seção de estado-maior do OKW. Este oficial, que assim aparecia em cena pela primeira vez, tencionava introduzir no quartel-general uma bomba de efeito retardado escondida em sua pasta de documentos. Chamava-se Klaus Schenk von Stauffenberg. Pouco depois, von der Bussche foi ferido gravemente, e um jovem oficial, Ewald Heinrich von Kleist, pôs-se à disposição dos conjurados, mas, por motivos inexplicados, Hitler não compareceu à apresentação dos uniformes, marcada para 11 de fevereiro. Uma tentativa do capitão de cavalaria von Breitenbuch para matar Hitler, durante um encontro no Berghof, malogrou porque a sentinela SS proibiu-lhe o acesso à sala grande, supostamente por ordem do Führer. [6] Alguns outros planos de atentados tiveram a mesma sorte.

O esforço dos conspiradores para conseguir apoio externo à sua ação e obter, das potências ocidentais, certas garantias no caso de dar certo o golpe de estado não foram mais felizes: fracassaram todas as tentativas, feitas pelas vias mais diversas, de estabelecer contato. Na verdade, a reserva dos estadistas aliados era explicável: sua recusa de se deixar atar as mãos tão perto da vitória finalmente à vista, assim como seu medo de uma afronta à URSS, tinham fundamento; o mesmo acontecia com sua incapacidade de entender, em meio à euforia relativa provocada pela certeza da vitória, os conflitos política e moralmente complicados dos conjurados alemães. No caso de Roosevelt e de Churchill, e de alguns de seus conselheiros, a reserva era reforçada por uma inegável germanofobia, reavivada constantemente ao contato desse tipo de alemão que agora se apresentava a eles como portador de uma ordem nova e que, entretanto, não parecia encarnar senão o alemão da véspera. Nos conspiradores, eles só viam “militaristas”, “*Junkers* prussianos”, “o Estado-Maior”.

A irritação das potências ocidentais cresceu ainda mais quando, em 1943, ninguém mais ninguém menos que Heinrich Himmler pretendeu, por um instante, representar a resistência. Horrorizado com a obstinação quase mórbida de Hitler e pressionado por alguns de seus partidários, ele havia mandado preparar um atestado médico descrevendo abertamente o estado geral de Hitler como patológico. Em seguida, embora sempre hesitando, concordou em que Walter Schellenberg, chefe do SD no exterior, fizesse, através da Espanha, da Suécia e de diversos intermediários americanos, uma sondagem sobre a possibilidade de um acerto de paz — sem e até mesmo

contra Hitler. [7] Essas iniciativas coincidiram com o esforço de alguns conjurados conservadores para lançar as personalidades-chave do regime umas contra as outras e, ao mesmo tempo, ampliar as conexões da resistência até o domínio das SS, da polícia e da Gestapo. Em 26 de agosto de 1943, houve um encontro entre o ministro prussiano das finanças, Johannes Popitz, e Heinrich Himmler — que revelou à oposição até que ponto os próprios dirigentes do regime estavam inseguros quanto ao futuro. Depois, os fios foram-se rompendo por todos os lados. No plano externo, a Inglaterra, muito particularmente, se opôs com toda firmeza a qualquer tentativa de paz prematura, enquanto, internamente, os principais chefes da oposição estavam numa violenta controvérsia. É certo que Popitz e os partidários de uma resistência baseada na intriga tinham a intenção, após o bom êxito do golpe de estado, de se descartar de Himmler e da SS e retornar à legalidade. Entretanto, não só seu projeto fizera reviver as velhas ilusões conservadoras de dominação da primavera de 1933, com a mesma cegueira, mas também essa aliança, embora puramente interesseira e efêmera, com um dos personagens mais desacreditados do regime, não podia senão comprometer gravemente o sentido moral da resistência. Indignados, alguns dos oficiais mais moços preveniram o almirante Canaris, durante uma discussão no QG do Grupo de Exércitos do Centro, de que se recusariam a apertar-lhe a mão, caso se realizasse o projetado contato com Himmler. [8]

Tais divergências de opinião e sobretudo tamanha complicação na maneira de exprimi-las acentuam muito bem que a resistência alemã não formava um bloco — e testemunham a imprecisão de seus conceitos. Ela reunia vagamente inúmeros grupos marcados por contradições pessoais e objetivas, tendo em comum apenas sua hostilidade ao regime. Três desses grupos emergem mais claros: o *Kreisauer Kreis* , assim chamado por causa do nome da propriedade, na Silésia, do conde Helmuth James von Moltke, que convém considerar principalmente como um círculo de amigos de ideias nobres, impregnados de convicções tanto cristãs quanto socialistas e inovadoras. Como convinha às possibilidades muito limitadas de um tal círculo, seus membros não encaravam a derrubada do regime senão para se consolar: “Seremos enforcados porque pensamos juntos”, escreveu von Moltke em sua última carta datada da prisão, quase feliz de achar em sua condenação à morte um atestado de superioridade do espírito; [9] depois, o grupo conservador-nacionalista, de personalidades reunidas em torno do antigo burgomestre de Leipzig, Carl Goerdeler, e do general Ludwig Beck, ex-chefe do Estado-Maior do Exército.

Sem uma ideia exata do efeito fatal da política hitlerista, seus membros

continuavam a reivindicar para a Alemanha um papel preponderante na Europa, dentro do espírito pangermanista. Questionou-se mesmo se constituiriam uma alternativa ao expansionismo imperial de Hitler, quando eles mesmos, com sua inclinação em favor de um estado autoritário, consideravam-se os sucessores da oposição antidemocrática a Weimar; Moltke falava deles secamente como “a imundície de Goerdeler”. [10]

Finalmente, havia o grupo dos oficiais mais moços, como von Stauffenberg, von Tresckow ou Olbricht, que, levando em conta apenas o ponto de vista ideológico, procuravam, de preferência, alianças com a esquerda. Diferindo, nesse ponto, de Beck e de Goerdeler, não queriam ligar o golpe de estado a uma reconciliação com as potências ocidentais, mas sim com a União Soviética. Faziam parte velhos nomes da nobreza prussiana, eclesiásticos, de professores, de altos funcionários.

De modo geral, aqueles que agora queriam passar à ação provinham dos meios conservadores ou liberais, embora houvesse também nesse grupo alguns social-democratas. A esquerda sofria sempre os efeitos da perseguição, mas, prisioneira de seu esquematismo ideológico, temia igualmente a aliança com os oficiais do exército como um “pacto com o diabo”. [11] É importante observar que entre os inúmeros “resistentes” não se tenha encontrado um só representante da república de Weimar, que curiosamente não reviveu nem mesmo na resistência. Entretanto, também não havia entre eles membros da classe média baixa, de um lado, nem empresários, do outro; aqueles, porque mantinham a melancólica fidelidade de rumos da arraia-miúda, que não se engaja em qualquer compromisso além do terreno individual; estes, de acordo com a aliança, tradicional na Alemanha, entre interesses industriais e a política do poder, formavam a comunidade eternamente fiel entre empresários e o estado. Se é verdade que essa aliança tem a seu crédito uma particular eficácia ao sistema econômico, ao mesmo tempo, e por caminhos indiretos, levou ao banco dos réus nos processos de Nuremberg alguns membros da indústria.

Por fim, é preciso notar que não houve, na conspiração, por assim dizer, um só operário. Se a oposição foi bem maior na classe operária do que observaram até aqui os que escrevem a história, foi, entretanto, bem menor do que o exigia o grande papel de adversário histórico que lhe cabia. Não houve, entre os operários, verdadeira resistência baseada num ponto de partida realista, mas uma sequência de demonstrações mudas, sem plano, que davam a impressão de uma paralisia, manifestada depois da derrota de 1933 e do desmoronamento de todos esses sonhos relativos ao poder e ao papel do proletariado. [12] Uns como outros estavam esgotados, sem energia e

intimidados em consequência da guerra. O que se pode chamar de resistência vinha “do alto”.

Resistência que continuava isolada por todos os lados. Pior, Moltke foi preso em fevereiro e o *Kreisauer Kreis* dissolvido; pouco tempo depois, a Abwehr foi submetida a uma devassa, de forma que se esperava, a qualquer dia, a descoberta da conjuração. Numa última e desesperada corrida contra o tempo, Goerdeler e Beck chegaram, em 1944, a fazer uma proposta aos Estados Unidos, na qual os conjurados declaravam-se dispostos, após o golpe de estado, a abrir as portas na frente ocidental e facilitar a descida de unidades paraquedistas aliadas no território do Reich; mas não houve resposta. [13] Não restava, portanto, senão um caminho: desligar o problema da eliminação do regime de todas as considerações estratégicas e políticas e olhar tudo no plano do argumento moral. Alguns conspiradores parecem ter acolhido a ideia de que não se podia nem se devia poupar aos homens do poder o espetáculo de sua própria ruína; era preciso que fossem até o fim.

Foi principalmente Stauffenberg que dissipou esse novo escrúpulo; de maneira infatigável, ele fazia contatos vencendo todas as inibições, sem levar em conta a exigência dos aliados de *unconditional surrender* e o risco de uma nova lenda da punhalada pelas costas, ignorando a possibilidade de se ver censurado como calculista e oportunista, preparando o atentado e o golpe de estado. Descendente de antiga família nobre do sul da Alemanha, parente dos Yorcks e dos Gneisenaus, Stauffenberg, quando jovem, tinha, limitadamente, feito parte do círculo formado em torno de Stefan George; e, se pertence ao domínio da lenda a versão de que, a 30 de janeiro de 1933, em Bamberg, pusera-se à frente de uma multidão entusiasta, não foi sem certo grau de aprovação que acompanhou os primeiros avanços revolucionários do regime, bem como os primeiros êxitos de Hitler. Mas depois, com os *pogroms* de judeus de 1938, esse distinto oficial de estado-maior se tomara, inicialmente, de certo ceticismo e, ante a política da ocupação e a perseguição aos judeus no Leste, pouco a pouco tornara-se, por princípio, adversário do estado nacional-socialista. Tinha 37 anos e perdera, no teatro de operações da África do Norte, a mão direita, dois dedos da mão esquerda e um olho. Stauffenberg dotou de uma base organizada essa missão propensa a cair em cálculos hipotéticos e substituiu por uma firmeza quase revolucionária as concepções ultrapassadas em que se perdiam tantos oficiais, incapazes de sair de uma confusão de valores contraditórios: “Vamos ao fato”, disse um dia, no início de um encontro com novos conjurados. “Recorrendo a todos os meios de que disponho, eu pratico a alta traição.” [14]

O tempo urgia. Na primavera, os conjurados tinham conquistado para a

causa, na pessoa de Rommel, um marechal que era, ademais, muito popular. Quase na mesma época, Himmler declarou a Canaris saber, de fonte segura, que se tramava uma revolta nos meios da Wehrmacht, que ele esmagaria no momento oportuno. Além disso, todos os dias esperava-se uma invasão dos aliados, que superaria todos os motivos secundários dos conspiradores dando uma nova saída aos oficiais mais velhos, inibidos pela tradição. Em 4 de julho, a Gestapo prendeu Julius Leber e Adolf Reichwein, que tentavam ampliar a rede das células de resistência fazendo contatos com os grupos comunistas que cercavam Anton Saefkow.

Assim, os acontecimentos exigiam uma decisão. O próprio Stauffenberg, nessa época, parece ter hesitado um pouco. Uma mensagem de Tresckow, que revelava ao mesmo tempo a motivação mais íntima de todos os conjurados, suplicava a Stauffenberg que pusesse de lado todas as ideias de êxito e não esperasse mais tempo: “O atentado deve-se realizar, custe o que custar. Mesmo que não dê resultado, ainda assim será necessário agir em Berlim. Porque não se trata mais do objetivo prático a atingir; é preciso que o movimento de resistência alemão tenha tentado o gesto decisivo em face do mundo e perante a história. Em comparação com isso, tudo o mais é secundário.” [15]

Na noite de 6 de junho de 1944, nos portos da Inglaterra meridional, as forças da invasão puseram-se em movimento. Uma *armada* de cinco mil navios partiu para a Normandia, enquanto nas alas da zona de desembarque prevista desciam divisões aeroterrestres inglesas e americanas. Pelas 3h da madrugada, os primeiros lanchões de desembarque foram lançados n’água a alguns quilômetros da costa, e, pouco depois, com mar encapelado, separaram-se da sombra da esquadra. Quando, três horas depois, ao amanhecer, aproximaram-se da praia, milhares de aviões sobrevoaram os setores previstos e descarregaram sobre as posições alemãs uma chuva de bombas. Ao mesmo tempo, as faixas de desembarque foram varridas pelo fogo cerrado da esquadra. Em alguns pontos, principalmente na base da península de Cotentin e na região vizinha à foz do Orne, a operação de desembarque encontrou resistência muito fraca. Mas no centro, para o lado de Vierville, os americanos esbarraram numa divisão alemã que, por acaso, estava num exercício de alerta, sendo recebidos por um fogo defensivo infernal (*Omaha Beach*). Os defensores atiravam sobre um verdadeiro “tapete de homens”, diz um relato; toda a praia ficou juncada de veículos blindados, de barcos em chamas, de mortos e feridos. [16] Quando caiu a noite, os americanos tinham conquistado duas pequenas cabeças de ponte, e os ingleses e canadenses uma faixa

costeira de cerca de trezentos quilômetros quadrados. Mas, sobretudo, os aliados tinham, na zona do desembarque, uma grande superioridade numérica.

A incapacidade dos defensores de opor resistência realmente eficaz a esse ataque ressaltou de novo a inferioridade alemã, tanto no plano do material quanto no plano do conceito tático-estratégico. Entre outras coisas, o alto comando não conseguira qualquer indicação sobre a data e o local da invasão. Dada a fraqueza aérea dos alemães, as concentrações de tropas e de barcos na zona de partida, no sul da Inglaterra, tinham passado despercebidas, e as informações da Abwehr, que previra com exatidão a data do desembarque, não foram levadas em conta. [17] O marechal von Rundstedt, comandante alemão do Ocidente, havia informado Hitler, em 30 de maio, que não se observava qualquer sinal de desembarque, enquanto o marechal Rommel, inspetor das defesas costeiras, tinha deixado seu posto de comando no dia 5 de junho para atender a uma convocação de Hitler em Berchtesgaden. Além disso, o comando alemão estava convencido de que a invasão se daria na parte mais estreita do Canal, no Pas-de-Calais, e, por isso, havia concentrado o grosso de suas forças nessa região. Hitler, ao contrário, guiado por sua peculiar "intuição", achara a costa normanda perfeita para uma tentativa de invasão, mas terminou por concordar com a opinião dos especialistas militares, que parecia confirmada por diversos preparativos do inimigo.

Por outro lado, a invasão aliada mostrou o alto comando alemão numa confusão excepcional. Apesar de todos os seus esforços, Hitler não conseguira reduzir a um ponto de vista único as diversas opiniões de seus generais sobre a maneira de repelir para o mar uma tentativa de desembarque. [18] E meios-termos complicados, agravados pelo caos das esferas de atribuições em choque por toda parte, criaram, no escalão decisório, uma situação que paralisava as operações. [19] Em 6 de junho, a suprema autoridade militar estava dispersa de um lado a outro de Berchtesgaden, nenhuma de suas frações em condições de funcionar plenamente sem a ajuda das outras, e ocupou-se a manhã inteira em telefonemas numa discussão que consistiu em resolver uma disputa sobre o emprego das quatro divisões de reserva no ocidente, enquanto o próprio Hitler, após uma de suas longas noites de inúteis monólogos, tendo-se deitado já ao alvorecer, proibira que o acordassem. Finalmente, no início da tarde, houve reunião para uma primeira discussão sobre a situação. Mas Hitler pedira aos participantes que fossem encontrá-lo no castelo de Kleisheim, a uma hora de carro dali, onde nesse dia esperava o primeiro-ministro da Hungria, Sztojay. Com uma fisionomia que não deixava absolutamente transparecer se, para ele, não se tratava de manobra diversionista dos aliados, aproximou-se da mesa dos mapas e disse

alegremente, em dialeto: “E então, como estamos?” Mas, um instante depois, depois que lhe expuseram como estava realmente a situação naquela frente recentemente aberta, subiu para o segundo andar para fazer o “teatro” para o húngaro. [20] Pouco antes das 17 horas, terminou por dar a ordem “de aniquilar o inimigo em sua cabeça de praia antes da noite de 6 de junho”.

Essa espécie de indolência sonambúlica e completamente fechada a toda realidade que demonstrou na primeira jornada, Hitler a conservou durante toda a primeira fase da invasão. Nos meses precedentes, não cessara de repetir que a ofensiva no Ocidente decidiria a vitória ou a derrota. “Na hora em que a invasão não for repelida, a guerra está perdida para nós”. E agora, com aquela fé em sua própria infalibilidade, não queria reconhecer que a invasão era realmente a invasão e guardava em reserva forças importantes entre o Sena e o Schelde, onde aguardaram em vão o desembarque de divisões fantasmas que um ardil de guerra do adversário ostentara ante seus olhos (a *Operação Fortitude*). Ao mesmo tempo, como sempre fizera, intervinha pessoalmente no escalão de combate, metendo-se nas decisões táticas e tomando decisões inconciliáveis com a situação do *front* . A 17 de junho, cedeu finalmente às impacientes pressões de Rundstedt e Rommel e foi encontrar-se com eles na retaguarda do *front* da invasão.

A reunião realizou-se no QG do Führer *Wolfsschlucht* II (Ravina do lobo II), em Margival, ao norte de Soissons, uma instalação preparada em 1940 com vistas à invasão da Inglaterra. Hitler “estava pálido e aparentemente esgotado pela falta de sono”, escreveu o chefe de estado-maior de Rommel, general Speidel. “Brincava nervosamente com os óculos e com alguns lápis de todas as cores que segurava entre os dedos. Foi o único a se sentar num banquinho, as costas curvadas, enquanto os marechais ficaram de pé. Sua antiga capacidade de fascinar os ouvintes parecia ter sumido. Após uma fria troca de saudações, falou em voz alta e com bastante azedume do êxito do desembarque aliado, lançando a culpa disso sobre o comando local”. Descartou a alusão de Rommel à enorme superioridade do adversário, recusou a autorização solicitada para retirar da península do Cotentin as unidades alemãs perigosamente ameaçadas de serem isoladas de sua base e proibiu que se empregassem reservas do Pas-de-Calais. Em compensação, insistiu enfaticamente no “efeito decisivo” das *V-Waffen* , as bombas voadoras V1 e os foguetes V2, sobre o resultado da guerra e prometeu “massas de caças a jato” que eliminariam o inimigo do céu e forçariam os ingleses a finalmente cair de joelhos. Como Rommel tentasse abordar problemas políticos e observasse que, face à gravidade da situação, talvez fosse melhor terminar aquela guerra, Hitler interrompeu-o secamente e disse: “Não se preocupe com

a continuação da guerra, trate de seu *front* de invasão”. [21]

As divergências que se fizeram sentir durante esse encontro apenas aumentaram a desconfiança já profunda de Hitler em relação a seu corpo de oficiais. É interessante observar que, pouco antes de sua chegada, mandara ocupar o terreno por unidades das SS e só comeu o almoço de prato único de seus marechais von Rundstedt e Rommel, depois de fazê-lo provar por outra pessoa. Durante todo o tempo da refeição, dois SS permaneceram atrás de sua banqueta. No momento da despedida, os generais tentaram convencer Hitler a ir ao quartel-general de Rommel para ouvir o que diziam alguns comandantes do *front* . A contragosto, Hitler fixou essa visita para dois dias depois, 19 de junho. Mas, assim que Rundstedt e Rommel deixaram Margival, voltou para Berchtesgaden. [22]

Cerca de dez dias mais tarde, os aliados tinham desembarcado mais de um milhão de homens e 500 mil toneladas de material. Mas, da mesma maneira que antes, os dois marechais não conseguiram, por ocasião de uma visita a Berchtesgaden, fazer com que Hitler reexaminasse seu ponto de vista ou, ao menos, lhes desse certa liberdade de manobra operacional. Acolheu as sugestões com ar glacial e nem levou em consideração o pedido de uma reunião entre os membros do círculo mais íntimo; em vez disso, demitiu Rundstedt de seu comando. Nomeou para seu lugar o marechal Kluge, que, desde o momento de sua entrada em cena, percebeu até que ponto a realidade era, a um tempo, distorcida e enganadora nas adjacências de Hitler. Kluge acabava de passar quinze dias como convidado no Berghof e, a despeito de sua atitude crítica, ainda que vacilante, em relação a Hitler, formara a opinião de que o comando no Ocidente estava em mãos de homens de nervos fracos e derrotistas. Durante uma discussão bastante desagradável, logo após sua chegada ao *front* da invasão, acusou Rommel de se impressionar exageradamente com a superioridade material do inimigo e de contrariar as ordens justificadas de Hitler. Furioso com o “estilo Berchtesgaden” do novo comandante em chefe, Rommel o desafiou a verificar a realidade com seus próprios olhos, e, conforme se esperava, dois dias depois, von Kluge voltou de sua visita ao *front* seriamente desiludido. Em 15 de julho, Rommel enviou, através de Kluge, uma mensagem pelo teletipo a Hitler: “A luta desigual aproxima-se do fim”, escreveu, terminando com exortação: “Julgo de meu dever pedir-vos que tireis imediatamente as conclusões desta situação.” E disse a Speidel: “Se ele [Hitler] não deduzir as consequências disso, teremos de agir.” [23]

Stauffenberg também estava prestes a agir, ainda mais que, sob a violência da ofensiva de verão dos soviéticos, que se estava iniciando, a frente leste, por

sua vez, parecia a ponto de desmoronar. Uma feliz circunstância veio em auxílio de suas intenções: em 20 de junho, foi nomeado chefe de gabinete do general Friedrich Fromm, comandante do exército do interior; em consequência, passou a ter acesso às conferências de situação no QG do Führer. Quando, em 1º de julho, assumiu o cargo, avisou lealmente a Fromm que estava preparando um golpe de estado. Fromm o ouviu sem dizer palavra e pediu a seu novo chefe de estado-maior que começasse a trabalhar. [24]

No dia 6 e no dia 11 de julho, Stauffenberg foi convocado para as reuniões do QG do Führer no Berghof. Depois de tantos malogros, decidira encarregar-se pessoalmente do atentado e da preparação do golpe de estado. Por ocasião de suas duas visitas ao Berghof, levou consigo um pacote de explosivos e tomou providências para seu retorno imediato a Berlim. Mas foi obrigado a desistir do atentado, porque nem Göring nem Himmler, que pretendia eliminar na mesma ocasião, estavam nas reuniões. Em 15 de julho, nova tentativa fracassou, porque Stauffenberg não teve oportunidade de armar a bomba antes da conferência. Tanto a 11 como a 15 de julho, as tropas previstas para a ocupação de Berlim tinham entrado em prontidão; nas duas vezes fora necessário adiar a operação e apagar todas as suspeitas.

Dois dias depois da última tentativa, a 17 de julho, os conspiradores foram informados de que era iminente a prisão de Goerdeler. Contrariamente ao que acontecera com Leber, Teichwein, Moltke ou Bonhoeffer, não se tinha absoluta certeza de que Goerdeler resistiria por muito tempo aos interrogatórios da Gestapo. Para Stauffenberg essa notícia foi o impulso final para entrar em ação. Atravessara o Rubicão, disse. Nada mais o deteria — mas, no mesmo dia, Rommel foi gravemente ferido pelo metralhamento de um caça, privando-o de uma das figuras-chaves de seu complô. Porque, nesse ínterim, os autores do plano tinham decidido solicitar um armistício no ocidente, por intermédio do marechal, que tinha prestígio com os aliados. Deviam-se evacuar os territórios ocupados, a fim de apoiar o golpe de estado com o exército que voltava ao país. Apesar de tudo, ele ia agir, mas acrescentou que seria sua última tentativa. [25]

Alguns dias antes, o QG de Hitler fora novamente transferido para Rastenburg. O trem que devia levá-lo estava pronto para partir e sua comitiva já estava nos carros, quando Hitler voltou e entrou de novo no Berghof. Foi ao grande salão, permaneceu alguns instantes diante da enorme janela, depois deu alguns passos incertos pelo recinto. Contemplou por um momento a *Nana* de Anselm Feuerbach e disse a um dos acompanhantes que talvez jamais voltasse àquele lugar. [26]

Stauffenberg estava convocado para a reunião de 20 de julho em Rastenburg.

O atentado e os dramáticos acontecimentos desses dias foram objeto de um bom número de descrições: a transferência inopinada da conferência para um barracão cujas paredes menos espessas não confinaram a explosão; Stauffenberg chegando atrasado, depois de quase surpreendido numa sala ao lado quando regulava com uma pinça o mecanismo de relógio do detonador; a procura de Stauffenberg imediatamente depois que ele pôs a pasta perto de Hitler, debaixo da pesada mesa dos mapas, e deixou o recinto; a explosão, no momento em que Hitler, inclinado sobre os mapas, com o queixo apoiado na mão, acompanhava o relatório do general Heusinger sobre a situação; a fuga de Stauffenberg, logo que, já perto de seu carro pronto para partir, viu a enorme nuvem de fumaça que saía do barracão, em meio a uma chuva de destroços de madeira e de papel, enquanto homens corriam para fora do local destruído; sua convicção de que Hitler estava morto; seu voo para Berlim; o tempo precioso que se perdeu.

Como todos os presentes, Hitler sentiu a explosão como "um jato de fogo infernal e ofuscante" e uma detonação ensurdecedora. Quando se ergueu, o rosto enegrecido e atordoado, em meio aos escombros fumegantes que ainda ardiam, Keitel veio correndo em sua direção, gritando — "Onde está o Führer?" — e o ajudou a sair dali. As calças de Hitler estavam em farrapos; ele, pessoalmente, estava coberto de poeira, mas só ligeiramente ferido. Do cotovelo direito escorria um filete de sangue; nas costas da mão esquerda leves escoriações, e, embora seus dois tímpanos tenham sido afetados, sua surdez foi de curta duração. Os ferimentos das pernas eram mais sérios: estavam cheias de estilhaços de madeira, mas ele percebeu, surpreso, que o tremor de sua perna esquerda tinha diminuído sensivelmente. Das vinte e quatro pessoas presentes no momento da explosão, só quatro foram gravemente atingidas. O próprio Hitler fora protegido pela pesada tábua da mesa, sobre a qual estava debruçado quando a bomba explodiu. Mostrava-se muito emocionado, mas parecia, ao mesmo tempo, singularmente aliviado. Não parava de repetir aos mais íntimos — com certa satisfação — que havia muito tempo suspeitava de uma conspiração e que, agora, finalmente ia poder desmascarar os traidores. E a todos mostrava, como se fosse um troféu, sua calça rasgada e sua túnica, em cujas costas havia um buraco quadrado. [27]

Sua calma era principalmente a sensação de ter sido "poupado milagrosamente". Dir-se-ia até que o ato traidor reforçou sua ideia de missão.

Foi a essa ideia que ele ligou o acontecido, quando, na tarde do mesmo dia, Mussolini chegou a Rastenburg para uma visita anteriormente marcada: “Quando rememoro tudo”, disse Hitler, inspecionando com seu visitante a sala devastada, “fico convencido de que nada pode me atingir, ainda mais que esta não é a primeira vez que escapo milagrosamente da morte (…) Depois desta minha aventura de hoje, estou mais certo que nunca de que estou destinado a continuar em nossa grande causa comum até o êxito total”. Visivelmente impressionado, Mussolini completou: “Foi mesmo um sinal do céu!” [28]

No correr da tarde, os nervos do Führer, depois da longa tensão, descarregaram-se em manifestações indignadas. Quando, pelas 17h, chegou com seu convidado ao *bunker* , encontrou Göring, von Ribbentrop, Dönitz, Keitel e Jodl. O assunto da conversa era a salvação de Hitler, mas, em seguida, transformou-se numa troca de recriminações, expressas de maneira cada vez mais veemente. Dönitz acusou o exército de traição, Göring o apoiou. Mas, quando Dönitz começou a criticar a Luftwaffe e seus fracassos, Göring responsabilizou von Ribbentrop pelo malogro da política externa e o ameaçou com seu bastão de marechal (a ser verdade o relato chegado até nós), enquanto von Ribbentrop, furioso porque Göring o interpelara chamando-o “Ribbentrop”,sem o predicado nobiliárquico, rebateu que ainda era ministro do Exterior e que se chamava *von* Ribbentrop. Durante certo tempo, Hitler, aparentemente mergulhado em suas reflexões, apático, remoendo seus pensamentos e sentado em sua poltrona enquanto tomava as pastilhas coloridas receitadas pelo dr. Morell, parecia indiferente à discussão. Mas, de repente, quando um dos antagonistas evocou o caso Röhm, pulou da poltrona e começou a berrar. O castigo que, naquela época, infligira aos traidores nada era em comparação com o que iria fazer com os de agora; ia destruir os culpados com suas famílias e seus filhos. Ninguém podia ter contemplação com os que tentavam opor-se à vontade da Providência. Enquanto gritava dessa forma, garçons da SS andavam silenciosamente entre as cadeiras e serviam chá, aos ecos de um monólogo sobre vingança, sangue e extermínio.

Os acontecimentos de Berlim, com seus dramáticos instantes, suas repercussões e a crise final, também já frequentemente descritos: o plano de operação *Walkure* , desencadeado com atraso incompreensível; o bloqueio falhado das notícias do QG do Führer; a conversa telefônica de Remer com Hitler (“major Remer, está reconhecendo a minha voz?”) e a prisão de Fromm. Enquanto isso, Stauffenberg, concitando uns e outros, esforçava-se para pôr em funcionamento aquele mecanismo de peso imprevisto e o

marechal von Witzleben, indignado, apareceu no QG da Bendlerstrasse. Por volta das 21h, o rádio anunciou que Hitler falaria ao povo alemão durante a noite. Os primeiros sinais de perplexidade se manifestaram entre os conspiradores e soube-se da prisão do general von Hase, comandante da guarnição de Berlim. Stauffenberg, sempre apaixonado, parecia pregar no vácuo e desapareceu — reapareceu mais tarde e, resignado a tudo, errava pelas alas do OKW, tendo tirado seu tapa-olho. Houve, enfim, a volta espetacular de Fromm e, de repente, o sistema em que os conjurados tinham depositado todas as suas esperanças e que, de qualquer maneira, estivera paralisado até ali, pôs-se a funcionar. Houve a prisão e as tentativas de suicídio, todas frustradas, de Beck, a execução improvisada diante do monte de areia do pátio interno, iluminado pelos farois de alguns caminhões trazidos apressadamente, e, no final, o “*Hoch* ” (“Viva”) inflamado de Fromm ao Führer. Pouco antes de uma hora da madrugada, a voz de Hitler se fez ouvir pelo rádio:

> Compatriotas alemães e alemãs! Nem sei mais quantas vezes um atentado foi preparado e perpetrado contra minha pessoa. Se vos falo hoje, é por duas razões: primeiro, para que possais ouvir minha voz e saber que, pessoalmente, estou ileso e passando bem; segundo, para que sejais informados dos detalhes de um crime sem paralelo na história da Alemanha.
>
> Uma pequena súcia de oficiais idiotas, ambiciosos, inescrupulosos e, ao mesmo tempo, criminosos, planejou eliminar-me e, junto comigo, exterminar praticamente todo o Alto-Comando. A bomba, colocada pelo coronel Conde von Stauffenberg, explodiu a dois metros de mim. Pessoalmente, saí ileso, só com algumas escoriações, hematomas e queimaduras. Considero o fato uma confirmação da tarefa que me foi confiada pela Providência e uma ordem para prosseguir, como até hoje, naquilo que é o objetivo de minha vida. (…)
>
> O círculo desses usurpadores é dos mais limitados. Nada tem a ver com a Wehrmacht e muito menos com o exército alemão. É um pequeno bando de criminosos que agora vai ser destruído impiedosamente (…) Desta vez, as contas serão acertadas como nós, nacional-socialistas, costumamos fazer. [29]

Na mesma noite foi desfechada uma onda de prisões de grande amplitude e dirigida contra todos os suspeitos, tivessem ou não parte no fracassado complô. Uma segunda onda, cerca de um mês depois (*Operação Gewitter* , “Tempestade”), pegou alguns milhares de supostos oposicionistas do regime, sobretudo membros dos antigos partidos políticos. [30] Uma “comissão especial para o 20 de julho”, organizada especialmente e composta de quatrocentos funcionários, investigou durante meses, até mesmo nos dias da derrocada do regime, todas as pistas possíveis e imagináveis, demonstrando, através de constantes boletins em que anunciavam sucessos, a amplitude do movimento de resistência. Pressão e intimidação, tortura e chantagem não demoraram a encontrar provas da existência de uma oposição que lá estava havia vários anos, mais teórica, é verdade, e incapaz de agir: grande abundância de cartas e de “diários” que lhe conferiam o caráter de um solilóquio. Os meios utilizados

pelos perseguidores são ilustrados pelo exemplo de Henning von Tresckow, que se suicidou no dia 21 de julho no *front* , e era citado constantemente nos boletins da Wehrmacht entre os generais mais notáveis e coberto de elogios. Todavia, mal foi descoberta sua participação no complô, o cadáver foi arrancado do túmulo da família, diante de todos os parentes obrigados a assistir à exumação, para a cerimônia injuriados e maltratados. Os despojos foram enviados a Berlim, onde serviram de elemento de impacto no interrogatório de seus amigos, obstinados em tudo negar. [31]

Por outro lado, o regime, contrariando seu ideal de execuções práticas efetuadas sem paixão, começou de repente a manifestar uma crueldade espantosa, para a qual Hitler muitas vezes deu pessoalmente a palavra de ordem. Mesmo no tempo em que controlava suas reações, ele sempre demonstrara uma extraordinária avidez para se vingar, da maneira mais exagerada, de todas as recusas que tivesse experimentado ou de todas as resistências que lhe tivessem sido opostas. A implacável política de exterminação praticada, por exemplo, na Polônia, correspondia, pelo furor do seu terrorismo, bem menos à sua concepção já estruturada sobre o tratamento a dar às populações do Leste, do que à sua sede de represálias contra aqueles povos que inutilmente tentara conquistar como aliados para realização do sonho de sua vida, a grande cruzada contra a União Soviética. Quando, na primavera de 1941, um *Putsch* de oficiais iugoslavos tentou libertar a Iugoslávia de sua adesão forçada ao Pacto Tripartite, Hitler foi acometido de tal cólera que submeteu a capital do país, uma cidade aberta, a três dias de bombardeio aéreo sistemático em voos rasantes, a *Operação Bestrafung* , “Punição”. E agora, durante uma conferência de situação, poucos dias depois do atentado, ele diz: “É preciso acabar com isso. Não pode continuar assim. É indispensável expor e extirpar essas criaturas, as mais abomináveis que jamais vestiram o uniforme do soldado alemão, essa canalha que sobreviveu do passado entre nós”. Quanto à liquidação judicial do golpe de estado, declarou:

> Desta vez, não me alongarei. Esses criminosos não serão julgados numa corte marcial, onde sentariam seus cúmplices e os processos se arrastariam. É preciso expulsá-los da Wehrmacht e fazê-los julgar por um tribunal popular. Eles não são dignos da bala de um fuzilamento leal, é preciso enforcá-los como a criminosos comuns. Um tribunal de honra os expulsará da Wehrmacht, depois do que poderão ser julgados como civis, de sorte que não mancharão o prestígio do uniforme. O processo deve ser rápido, para que não tenham tempo de fazer ouvir sua voz. E a sentença executada menos de duas horas depois de pronunciada. Devem ser enforcados imediatamente, sem piedade. O importante é que não tenham tempo para longos discursos. Mas Freisler cuidará disso. Ele é o nosso Vishinsky. [32]

E assim foi. Um “tribunal de honra”, presidido pelo marechal von Rundstedt e composto pelo marechal Keitel, o coronel-general Guderian e os generais

Schroth, Specht, Kriebel, Burgdorf e Maisel, expulsou, ignominiosamente e sem ouvi-los, uma primeira leva de vinte e dois oficiais, entre os quais um marechal e oito generais. Desde o início dos interrogatórios, Hitler pedia diariamente uma informação detalhada sobre os resultados, as novas detenções e as execuções, documento que "devorava com avidez". Pediu ao presidente do tribunal do povo, Roland Freisler, e ao carrasco de serviço, que fossem vê-lo em seu quartel-general; insistiu para que se recusasse aos condenados qualquer conforto religioso e que não lhes fosse concedido o mínimo alívio. "Quero que sejam pendurados como animais no açougue", foram suas instruções. [33]

No dia 8 de agosto, os oito primeiros conjurados foram executados na penitenciária de Plötzensee. Um a um, em trajes de prisioneiros, tamancos nos pés, entravam no local da execução, mal iluminado por duas janelinhas que deixavam passar a luz embaciada do dia; depois de passar diante da guilhotina, eram levados para junto dos ganchos de açougue que corriam por um trilho preso ao teto. Os carrascos lhes retiravam as grilhetas, passavam-lhes a corda pelo pescoço e os despiam até a cintura. Depois, levantavam o condenado para deixá-lo cair novamente no laço da corda presa ao gancho e, enquanto eram estrangulados lentamente, retiravam-lhe as calças. Os regulamentos previam um tempo de execução de vinte segundos no máximo, mas as ordens especificavam que a agonia devia ser prolongada o mais possível. Após cada execução, os carrascos refaziam as forças bebendo da aguardente que estava na mesa no meio do recinto. Tomadas cinematográficas registravam os acontecimentos e, na mesma noite, Hitler assistia ao filme, acompanhando as execuções até a última convulsão dos delinquentes. [34]

A reação punitiva manifestou-se não só por sua intensidade, mas também pela amplitude da perseguição desfechada. Todo o clã das famílias dos conspiradores caiu na *Sippenhaft* [*prisão da tribo*], incriminado de "cumplicidade ideológica". Duas semanas depois do fracassado golpe de estado, no discurso a 3 de agosto de 1944 no congresso dos *gauleiters* em Posen, Heinrich Himmler declarou:

> Vamos introduzir agora a corresponsabilidade absoluta do clã. Já tomamos as providências (…) e que ninguém nos venha dizer: isso é bolchevismo. Não levem a mal, mas isto não é absolutamente uma atitude bolchevique; esse método remonta às nossas mais antigas tradições e era usual entre nossos antepassados. Basta reler as sagas germânicas. Se uma família era objeto de perseguição, posta em desgraça ou declarada fora da lei, ou quando existia vingança de sangue numa família, tudo corria de maneira bastante lógica. Quando a família era banida e posta fora da lei, dizia-se; este homem traiu, seu sangue é o sangue de um traidor, é preciso destruí-lo. E o sangue que corre nas veias de sua família é ruim, contém sangue de traidor, é preciso eliminá-lo. E nos casos de *vendetta* , destruía-se até o último membro de todo um clã. A família do Conde von Stauffenberg terá exterminada até o último dos seus membros. [35]

Segundo esse princípio, todos os membros das famílias dos irmãos Stauffenberg que foi possível deter, até uma criança de 3 anos e um velho de 85, pai de um dos seus primos, foram presos e executados. E o mesmo aconteceu com as famílias Goerdeler, von Tresckow, von Seydlitz, von Lehndorff, Schwerin von Schwanenfeld, Yorck von Wartenburg, von Moltke, Oster, Leber, von Kleist e von Haeften e a muitas outras. Ameaçou-se o marechal Rommel de fulminar sua família com a acusação de corresponsabilidade ideológica caso ele se recusasse a se suicidar. Os generais Burgdorf e Maisel, que lhe transmitiram as ordens de Hitler, levaram, ao mesmo tempo, uma ampola contendo veneno. Meia hora depois, entregavam seu cadáver a uma clínica de Ulm, proibindo qualquer autópsia. “Não toquem neste corpo”, explicou Burgdorf ao médico-chefe da clínica, “já está tudo acertado em Berlim.” As execuções continuaram até abril de 1945.

Assim, os vestígios do frustrado golpe de estado de 20 de julho perderam-se nos pavilhões de execução e nos necrotérios. Entre as razões que determinaram seu malogro, é preciso citar, em primeiro lugar, o freio psicológico que se opunha a um ato que era contra as maneiras de pensar, os reflexos consagrados pela tradição. Uma vez que era uma conspiração de oficiais, a tentativa de golpe de estado tinha de lutar contra o sentimento de uma classe mais do que qualquer outro grupo social cultora dos códigos de honra. O núcleo decidido dos conspiradores havia sentido esse problema até o desespero, e parte da desvantagem que levaram desde o início da ação originava-se do fato de que a *Operação Walkure* apelava à ficção de um “golpe de estado legal”, para prevenir o complexo de fidelidade ao juramento e de aversão ao motim, reinante na oficialidade. Em 20 de julho, o general Hoepner, um dos protagonistas, só assumira o comando do exército do interior depois de ter sob os olhos a ordem escrita — que ele pedira — e depois que a legalidade da assunção de comando lhe foi expressamente certificada. [36] Foi essa espécie de lentidão que conferiu ao golpe de estado o curioso aspecto um tanto gauche em meio a toda sua seriedade. Reexaminando essa história, vê-se que grande número de detalhes e de episódios deve-se um pouco a esse quixotismo do general von Fritsch que, em 1938, depois de posto em disponibilidade graças às intrigas de Himmler, queria desafiá-lo para um duelo. Estava-se diante de um velho mundo que, imbuído de valores rígidos, colidiu com um grupo de revolucionários sem princípios; e aqueles dentre os conservadores que não sucumbiram ao novo espírito só conseguiam reagir de maneira inábil e extravagante. Assim Goerdeler, adversário declarado da ideia do atentado, achava possível

reformar e converter Hitler a melhores sentimentos através de repreensões, enquanto Stauffenberg e outros tinham intenção de submeter-se voluntariamente ao julgamento de um tribunal, após o restabelecimento da ordem legal. [37]

A maior parte deles mostrou a mesma inadaptação depois do malogro do movimento. Sem um gesto, esperavam seus perseguidores, mostrando-se incapazes de fugir ou se esconder: "Não fugir, aguentar firme", foi assim que o capitão Klausing, um dos principais personagens do QG da Bendlerstrasse, justificou sua decisão de se deixar prender; Theodor Steltzer até voltou da Noruega; a despeito da iminência de sua captura, o general Fellgiebel recusou a pistola que lhe ofereceram, protestando que isso não se fazia, [38] e esse mesmo comportamento de caráter antiquado e comovente se manifesta no gesto resoluto com que Carl Goerdeler amarrou sua mochila às costas, pegou sua bengala e saiu a pé para fugir dos captores. Nos interrogatórios também se vê claramente que alguns dos participantes procuraram antes mostrar a seriedade e a resolução com que tinham encarado a resistência do que propriamente se defender; outros, por motivos morais, recusaram-se a mentir, sem se dar conta de que, com sua firmeza e altivez, faziam o jogo dos inquisidores. Aliás, um dos chefes da "Comissão Especial 20 de Julho" declarou que "a atitude viril dos idealistas lançara logo pelo menos alguma luz nessa obscuridade". [39]

Foi também por causa dessa moral elementar que a tentativa de *Putsch* se desenrolou sem um tiro sequer, privando assim os conjurados de algumas de suas chances de sucesso. A simples ideia de utilizar a via do comando militar explica esta maneira de ver: deve-se comandar e não atirar. Hans Bernd Gisevius, um dos conspiradores, perguntou, não sem razão, por que esse chefe de SS e esse comandante fiel a Hitler que se opuseram aos putschistas na Bendlerstrasse, no início do movimento, não tinham sido presos e fuzilados no mesmo instante, o que teria pelo menos dado alguma verossimilhança ao golpe de estado e lhe dado caráter de verdadeiro desafio. [40] Constata-se igualmente que o atentado de 20 de julho era um *Putsch* de oficiais pelo fato de lhe faltarem os homens que atiram, prendem, ocupam posições. Em todos os relatos desses dias, transparece o pequeno *commando* de oficiais que se porta como voluntário para uma missão perigosa. Naquela noite, não havia na Bendlerstrasse nem sequer um serviço de vigilância, e o coronel Jager solicitou inutilmente ao general von Hase os homens de que necessitava para deter Goebbels. No fundo, o que faltava à operação era a eficiência, sem contar que os oficiais que a comandavam encarnavam, na maior parte, o tipo intelectual do oficial de estado-maior e não o verdadeiro *troupier* , como

Remer, por exemplo. As duas tentativas ineficazes de suicídio de Beck, no fim desse dia, são como que o símbolo da incapacidade fatal dos conspiradores.

Por fim, o *Putsch* não teria encontrado qualquer apoio na população; quando, na noite desse 20 de julho, Hitler acompanhou Mussolini até a estação do quartel-general, parou junto a um grupo de operários de construção e dirigiu-se a eles: “Eu soube logo que não podiam ser vocês. Estou profundamente convencido de que os meus inimigos são esses *vons* que se dizem aristocratas.” [41] Durante todo o tempo e de maneira quase provocante, Hitler estivera seguro quanto ao homem simples, como se conhecesse seus desejos, seu comportamento, seus limites; de fato, as massas, por uma reação de certa forma automática, tinham inicialmente considerado o golpe de estado um crime de alta traição, que consideraram com um misto de indiferença e repulsa. Essa reação era motivada, de uma parte, pela coerência ainda notável do estado; de outra parte, e principalmente, pelo prestígio persistente de Hitler. Ele mantinha o poder psicológico, mesmo que no entretempo as razões tivessem mudado; não era mais tanto pela admiração de antes, mas por um melancólico sentimento matizado de fatalismo de que estavam todos no mesmo barco, sentimento ainda reforçado pela propaganda, fosse ela aliada ou nacional, pelo avanço ameaçador do Exército Vermelho e pelos atos de intimidação da Gestapo, dos agentes provocadores e da SS; tudo isso dominado pela vaga esperança de que esse homem, como tantas vezes no passado, saberia evitar o desastre. O malogro do atentado e do golpe de estado pouparam à população o problema da decisão que os conspiradores pretendiam propor-lhe revelando-lhe o caráter moralmente repreensível do regime, os processos usados nos campos de concentração, a deliberada política beligerante de Hitler e a prática dos extermínios. Goerdeler estava convencido de que um brado de horror se elevaria da multidão e a população se sublevaria como um só homem. [42] Mas a questão não chegou a ser posta.

Desse modo, o 20 de julho permaneceu como a decisão e a iniciativa de homens isolados. De um ponto de vista sociológico, foi pouco mais do que um *Putsch* que acabou mal. Muito particularmente por causa da nobreza prussiana que formava o núcleo, essa tentativa ilustrou o declínio de uma camada social rica de tradições, que era “talvez a única força, certamente a mais capaz de governar e formar o estado que a Alemanha produziu nos tempos modernos”. Só ela possuía “aquilo de que necessita uma classe dirigente e que nem a alta nobreza alemã nem a burguesia, nem, parece, a classe operária alemã tinham ou têm: coesão, estilo, a vontade de comando, capacidade de impor-se, segurança de si, autodisciplina, moral”. [43] Na verdade

Hitler a tinha corrompido e revelado seus muitos aspectos parasitários. Mas foi em 1944 que ele a liquidou realmente. Ao mesmo tempo que os conjurados, quase todos os portadores de nomes ilustres, os representantes da velha Alemanha se retiravam, e ainda que, desde muito tempo, sua glória não existisse mais, dissipada em meio a essa associação oportunista, é preciso, apesar de tudo, levar em conta que a decisão de pôr fim ao que fora uma aliança partia desses homens. A louca reação de Hitler fez aparecer, uma vez mais, seu implacável ressentimento contra o mundo de outrora, o ódio dele contra a seriedade desse mundo, sua ética, sua disciplina, ressentimento que também marcara de maneira tão ambígua suas relações com o mundo burguês. "Muitas vezes, já lamentei amargamente não ter feito uma depuração nos meus oficiais, como fez Stalin", disse ele. [44] Nesse sentido, o 20 de julho e tudo o que se seguiu foram a conclusão da revolução nacional-socialista.

Raramente, uma classe social efetuou sua "saída de cena da história" [45] de maneira tão impressionante e apaixonante como esta. Entretanto, feitas as contas, não fez esse sacrifício senão para si mesma. Realmente, a ideia motriz era esta "sagrada Alemanha" que Stauffenberg evocou em seu grito patético na hora de sua execução; mas, por trás de tudo isso, estava principalmente a convicção de agir como classe, e de estar, como classe, submetida a certos imperativos morais que dão direito à resistência e fazem da morte do tirano um dever. "Nós purificamos a nós mesmos", respondeu o general Stieff, quando lhe perguntaram o que motivara sua participação numa ação de êxito tão incerto. [46]

Foi dessa consciência que tiraram os motivos que os guiaram. Por causa disso, a acusação de alta traição, de violação de juramento ou de apunhalamento pelas costas não pesava tanto, não mais, aliás, do que as falsas interpretações e as calúnias que previam. "Agora, o mundo inteiro vai desabar sobre nós", disse Henning von Tresckow a um amigo, pouco antes de morrer, "mas continuo convencido de que agimos como era preciso". [47] E, com efeito, tanto a propaganda nacional-socialista quanto a dos aliados, num acordo fatal que, nessa altura da guerra, ia crescendo, suspeitaram dos conjurados e os condenaram: ambas tinham interesse em sustentar a tese do caráter monolítico do regime, da identidade do Führer com o povo — e os aliados mantiveram esse ponto de vista ainda após o fim da guerra, quando fizeram com que as autoridades de ocupação proibissem publicações sobre a resistência alemã. O respeito, aliás de má vontade, que cerca hoje os conjurados conserva esse tipo de constrangimento; em todo caso, nenhuma de suas ideias e concepções de valores chegou até os tempos atuais. Eles mal deixaram alguns vestígios físicos e os acasos da história sublinharam curiosamente esta passagem: os

cadáveres dos supliciados foram remetidos ao instituto de anatomia da Universidade de Berlim, cujo diretor tinha excelentes amigos entre os conjurados; por isso, mandou incinerar os corpos sem tocar neles e fê-los enterrar num cemitério de aldeia das proximidades. Mas um bombardeio aliado destruiu a maior parte das urnas. [48]

Os acontecimentos de 20 de julho deram, mais uma vez, ao regime um forte impulso, num sentido extremista — e, se alguma vez ele esteve perto de uma dominação total foi certamente nesses últimos meses, seguidos de sacrifícios maiores e destruições mais terríveis do que tudo antes, na guerra. No próprio dia do atentado, Hitler nomeou o *Reichsführer* SS Heinrich Himmler comandante do exército do interior e, de repente, por uma espécie de mortificação, dera-lhe assim uma das posições-chaves da Wehrmacht. Por seu lado, cinco dias depois, em virtude de sua obstinada insistência, Goebbels fora nomeado “Procurador do Reich para o esforço de guerra total” e tinha anunciado, sob o *slogan* “O povo quer”, um catálogo de restrições, proibições e suspensões. Quase todos os teatros e *varietés* foram fechados; todas as academias, as escolas de comércio e de contabilidade postas em recesso por tempo ilimitado; todas as permissões canceladas; o trabalho obrigatório das mulheres foi estendido à faixa dos 50 anos — e muitas outras medidas. Em 24 de agosto, Goebbels anunciou a mobilização geral; pouco depois, todos os homens mais ou menos válidos, entre 15 e 60 anos, foram alistados nas milícias populares *Volksturm* . “Hitler precisava de uma bomba no assento para ver as coisas”, disse Goebbels. [49]

Ao mesmo tempo, a produção de material bélico mostrava um rendimento muito superior a tudo quanto se fizera até então. Bem verdade que as retiradas alemãs e os bombardeios aliados criavam, constantemente, novas dificuldades; mas Speer sempre conseguia remediá-las com improvisações ao mesmo tempo geniais e enérgicas. A produção de canhões subiu dos 27 mil de 1943 para mais de 40 mil; a de tanques, de 20 mil para 27 mil; a de aviões, de 25 mil para perto de 38 mil. Mas esse aumento extremo usou brutalmente todas as reservas como para uma última batalha. Não havia como repor os materiais usados, o feito não podia ser sustentado, muito menos repetido, portanto acelerou o colapso, tanto mais que àquela altura os aliados resolveram atacar sistematicamente as refinarias, operação que já haviam projetado uma primeira vez, mas tinham abandonado. Imediatamente, a produção de combustível para aviões caiu, por exemplo, de 156 mil toneladas em maio de 1944 para 52 mil toneladas em junho, 10 mil toneladas em setembro de 1944 e, finalmente, para mil toneladas em fevereiro de 1945. [50]

As possibilidades de continuação da guerra começaram a se anular umas às outras: os recuos e os ataques aéreos tinham como consequência grandes perdas de matérias-primas; isso, por outro lado, causava uma redução no fabrico de armamentos e na capacidade de emprego das armas produzidas. Assim, registraram-se novas perdas de territórios que, por sua vez, levavam o inimigo a aproximar constantemente do Reich as pistas de decolagem de sua força aérea. Consequência previsível: quase não havia mais decisão operacional livre de problemas com o armamento; a cada exame da situação, tratava-se de reservas de matérias-primas, dificuldades de transporte, problemas de escassez. No outono de 1944, foi preciso adicionar sal aos explosivos, numa proporção que atingiu até 20%; nos campos de aviação, viam-se aviões de caça disponíveis mas com os tanques vazios, e, numa exposição feita nessa mesma época, Speer concluiu que, "levando em conta o que resta em estoque e aquilo que a indústria de transformação emprega (…) a produção dependente do cromo, isto é, o conjunto da produção de armamento, vai parar em 1º de janeiro de 1946". [51]

Entrementes, os russos, rompendo o setor central do *front* , tinham atingido o Vístula, e, graças à tática preconizada por Hitler, que consistia em "resistir" a todo custo, tinham-se aproveitado perfeitamente dessa ocasião para cortar sempre a retirada de novas unidades alemãs e cercá-las. O resultado era que em algumas reuniões de exame da situação o Alto Comando alemão via-se de repente sem divisões inteiras, sumidas sem deixar vestígio. Do mesmo modo, no Ocidente, a situação era de penetrações seguidas de cercos, desde que, no fim de julho, os aliados tinham iniciado uma guerra de movimento. Hitler, que utilizara esse método com tanto sucesso, a ele respondia de maneira cada vez pior e continuava recusando-se a recorrer a uma defesa elástica, como lhe propunha Guderian, recentemente nomeado chefe do Estado-Maior do Exército. Em compensação, como se cedesse a uma obsessão, isolando-se em suas concepções de ofensiva, Hitler desenvolvia constantemente novos planos de ataques que indicavam aos comandantes no terreno os mínimos detalhes, os setores, assim como as aldeias, as pontes, as rotas por onde avançar. [52] Na verdade, a Wehrmacht continuava a dispor de um efetivo de mais de nove milhões de homens, mas suas forças estavam espalhadas pela metade do continente, da Escandinávia aos Bálcãs. A vontade de Hitler de conservar posições de prestígio e a necessidade de assegurar a posse de fontes de matérias-primas, que se reduziam dia a dia, condicionavam gravemente sua liberdade de manobra. Em agosto, a Romênia e seus campos de petróleo caíram nas mãos do Exército Vermelho; em setembro, foi a vez da Bulgária; e, enquanto a situação da Alemanha nos Bálcãs desmoronava quase sem resistência, a Finlândia, esgotada, retirou-se da guerra. Quase na mesma

época, os ingleses desembarcaram na Grécia e ocuparam Atenas. No fim de agosto, os aliados tinham retomado o norte da França, apoderando-se de enorme quantidade de material e armamento; haviam também reunido um verdadeiro exército de prisioneiros. Nos primeiros dias de setembro, seus blindados haviam atingido o Mosela e, uma semana depois, em 11 de setembro, uma patrulha americana cruzou a fronteira ocidental da Alemanha. É verdade que, pouco mais tarde, o Reich conseguiu rechaçar uma ofensiva russa na Prússia Oriental, mas, apesar de tudo, agora era um fato: a guerra refluía para o solo alemão.

Ignorando esses fatos, Hitler não pensava em render-se. Aos primeiros sinais de desintegração surgidos no exército, aplicara remédios enérgicos, ordenando principalmente a Himmler que ameaçasse todo e qualquer desertor com a famosa *Sippenhaft* e a corresponsabilidade das famílias. Vangloriando-se da visível proteção da Providência, que se manifestara novamente no 20 de julho, acreditava firmemente que haveria uma divisão entre os aliados, com uma surpreendente reviravolta: "Eles marcham para sua ruína", declarou durante uma conversa no quartel-general, quando manifestou claramente sua intenção de continuar a guerra a qualquer custo:

> Acho que posso dizer que uma crise maior do que a que já atravessamos uma vez este ano no Leste não é coisa que se possa imaginar. Quando o marechal Model assumiu, o Grupo de Exércitos do Centro não era mais do que uma fenda, um buraco. Com efeito, havia ali mais uma brecha do que uma frente. Depois, finalmente, eis que a coisa se transformou mais numa frente do que numa brecha. (...) Nós combateremos, e, se for necessário, combateremos até mesmo no Reno. Isso não significa nada. Quaisquer que sejam as circunstâncias, continuaremos a lutar até que, como disse Frederico, o Grande, um dos nossos malditos inimigos não aguente mais continuar a luta e nós possamos obter, finalmente, uma paz que assegure a existência da nação alemã pelos próximos cinquenta ou cem anos, e, sobretudo, uma paz que não manche nossa honra, como a de 1918. (...) Se minha vida tivesse terminado [a 20 de julho], isso não teria sido para mim, pessoalmente — posso dizê-lo — nada mais que uma libertação de minhas preocupações, de minhas noites insones e de meu esgotamento nervoso. Numa fração de segundo, a gente está livre de tudo, tem a tranquilidade e a paz eterna. Mas eu fico agradecido à Providência por ter-me conservado a vida. [53]

No entanto, seu organismo agora parecia reagir com mais violência e mais impaciência do que outrora à tensão permanente. Depois do 20 de julho, Hitler saiu cada vez menos de seu *bunker* ; evitava o ar livre, temia as infecções e novos atentados. Não cedia à ponderação de seus médicos, que o pressionavam a abandonar esses recintos apertados, de atmosfera depressiva; ao contrário, decepcionado, deixando-se impregnar por uma amarga misantropia, mergulhava cada vez mais fundo no universo do *bunker* . Em agosto, começou a queixar-se de dores de cabeça; em setembro, caiu doente de icterícia e seus dentes causavam-lhe grandes dores; no meado de março, imediatamente depois que unidades aliadas mais importantes avançaram pelo

território do Reich, teve uma crise cardíaca. Segundo relatos, ficava estendido em sua cama de campanha, apático, falando em voz trêmula e baixa, e, em alguns momentos, parecia ter perdido toda a vontade de viver. Tontura, suores, cãibras no estômago; tudo isso ligado a uma grave infecção torna plausível a hipótese de que todos esses sintomas tinham qualquer coisa de histérico ou psicopatológico — enfim, foi necessária, tal como fora no outono de 1935, uma intervenção em suas cordas vocais. A 1º de setembro, quando era submetido a tratamento por um dos seus médicos, Hitler chegou a perder os sentidos, durante alguns momentos. [54] Em seguida, os males desapareceram pouco a pouco, exceto o tremor dos membros, que se acentuou, e uma perturbação do equilíbrio frequente, a ponto de, às vezes, nas raras caminhadas que finalmente consentira em fazer, ele se desviar para um lado, como se mão estranha o guiasse. É possível que essa regeneração, de fato bastante surpreendente, tenha resultado mais ou menos da obrigação em que se encontrava de tomar decisões fundamentais no momento em que a guerra se aproximava de sua fase final.

Estrategicamente, não lhe restavam senão dois caminhos: podia, retornando à velha teoria do baluarte, reorganizar, um pouco à retaguarda, a massa das forças restantes no Leste e reforçar, encurtando-o, um *front* muito extenso; ou podia reunir forças para um ataque no ocidente.

Desde o verão de 1943, era formulada a questão, por mais remota e infundada que fosse: onde seria preferível buscar a saída para a situação, no Ocidente ou no Leste? Agora a questão aparecia em seus termos militares. No início de 1944, num discurso pelo rádio, Hitler tentara apresentar sob novas luzes sua velha pretensão de ser aquele que salvava a Europa do “caos bolchevique”. Comparando sua missão com as da Grécia e de Roma, declarou que a guerra só seria entendida em seu mais alto significado se olhada pelo ângulo de um combate decisivo entre a Alemanha e a União Soviética, no qual ele representava o único bastião contra uma nova invasão de hunos que ameaçava toda a Europa Ocidental e a América. “Se a Rússia soviética fosse vitoriosa”, bradou, “dentro de dez anos, o continente dono da mais antiga cultura teria perdido as características essenciais de sua razão de ser. Esta imagem, que se tornou tão cara a todos nós, de um desenvolvimento artístico e material com mais de dois mil e quinhentos anos, desapareceria; os povos representantes dessa cultura (…) teriam perecido por aí, nas florestas ou nos brejos da Sibéria, se já não tivessem morrido com uma bala na nuca”. [55] Alguns meses depois, resolveu lançar sua ofensiva no Ocidente, optando assim pelo enfraquecimento da frente leste, já em situação precária.

De maneira geral, considerou-se essa decisão como a última tentativa de

Hitler de se mostrar a todos tal qual era, viu-se aí o último ato de exibicionismo de um cínico sem princípios; com efeito, tem-se a impressão de que se vê rasgar o véu por trás do qual ainda aparecia às vezes como o revolucionário niilista que Hermann Rauschning reconhecera nele: um homem que não sabia o que era uma ideia, um programa, um objetivo, e que via nisso unicamente um meio de aumentar seu poder e impor sua vontade. É incontestável que o dilema que se apresentou nessa época pôs à luz certas facetas de sua natureza: sua deslealdade com respeito a ideias e convicções, seu desprezo por princípios. E a decisão lança também uma luz turva sobre a bandeira já desbotada da “Luta contra o Bolchevismo”. A rigor, ela é mais comprometedora do que o Pacto de Moscou, que Hitler podia, a rigor, apresentar como uma variante e manobra tática; mas agora isso não podia mais ser uma variante.

Todavia, a decisão de atacar no Ocidente não elimina no espírito de Hitler a ideia fixa, cujo caráter obsessivo, quase insensato, é comprovado por inúmeros documentos. A consequência que sua decisão implicava não pode escapar a um exame aprofundado. Evidentemente, a teimosia e o desespero tiveram aqui papel apreciável, bem como seu ódio insaciável ao Ocidente, que mandara pelos ares seu plano grandioso. Pode-se supor que o humor particularmente próprio às situações extremas em que o mergulhou a fase final da guerra fê-lo compreender, de repente, até que ponto estava, no fundo, próximo de Stalin, aquele “sujeito genial”, como dizia muitas vezes, e pelo qual não se podia deixar de ter “certo respeito”. [56] Mas, pensando bem, a decisão deixava transparecer um grau muito mais alto de reflexão e de cálculo do que se poderia esperar dele nessa fase de declínio, no fim do seu poderio e de sua vida.

Primeiramente, em sua admiração por Stalin, Hitler acreditava poder tirar deduções de seu comportamento: a grandeza, ele o sabia, era por essência implacável; para ela, a indecisão e o espírito de conciliação — coisa de políticos burgueses — não existiam. Uma nova ofensiva no Leste poderia, então, adiar um pouco o fim, mas certamente não evitá-lo. Já uma ofensiva no Ocidente lhe pareceu adequada para criar entre os americanos e os ingleses, que ele imaginava instáveis, um choque de surpresa que lhe permitiria retomar a iniciativa e, assim, ganhar o tempo necessário para que se produzisse a esperada divisão na coalizão inimiga. Sob este aspecto, a ofensiva era uma forma de endereçar aos aliados ocidentais a suprema proposta de causa comum. Mas, sobretudo, uma ofensiva não lhe parecia realmente possível senão no Ocidente, e esta opinião fechou a questão: aqui, ainda podia atacar, ainda podia, assim, pôr em evidência seu gênio de grande

capitão. O *front* do Leste, com sua imensa extensão, na qual ele mesmo se extraviara numa época em que suas forças estavam intactas, oferecia muito menos bases de partida e objetivos operacionais do que o Ocidente, onde, além de tudo, a ofensiva podia ser lançada a partir do sistema fortificado da Muralha do Ocidente; e as distâncias eram menores, portanto, menor também o consumo de gasolina. Além disso, Hitler concluiu que suas tropas no Leste ofereceriam certamente uma resistência mais encarniçada aos russos: no Leste, o medo era seu aliado, enquanto no Ocidente era preciso ter em conta um derrotismo que ia crescendo. Os especialistas da propaganda tinham trabalhado para pôr em evidência o Plano Morgenthau — que acabava de ser publicado — do ministro do Tesouro americano, Henry Morgenthau Jr., que previa para a Alemanha o desmembramento e a transformação em país pastoral. Queriam fazer disso espantalhos destinados a estimular o medo entre as massas populares, mas essa propaganda, embora não permanecendo de todo sem efeito, não despertou o terror previsto. Nesse sentido, a ofensiva devia dar à guerra no Ocidente um pouco do que de implacável e determinada ela já tinha no Leste.

Poucos dias antes do início do ataque, em 11 e 12 de dezembro, Hitler convocou os comandantes de corpos de tropa na frente ocidental em dois grupos separados para uma reunião no QG do marechal von Rundstedt. Depois de entregar as armas e as pastas, eles eram conduzidos de carro, durante uma boa meia hora, pra lá e pra cá pelos campos, até a coluna de viaturas parar diante de uma aglomeração de *bunkers* que era nada mais nada menos do que o QG do Führer *Adlerhorst* , “Ninho de Águia”, situado não longe de Bad Nauheim. Passando por um corredor de elementos da SS, os comandantes foram conduzidos até o Führer. Um deles conta que encontrou, estupefato, “uma silhueta encurvada, com o rosto macilento e inchado, arriado em sua poltrona, as mãos trêmulas, tentando dissimular da melhor maneira possível o braço esquerdo que sacudia com violência”. Por trás de cada cadeira havia um guarda. Um dos participantes disse mais tarde que “nenhum de nós ousaria sequer puxar o lenço”. [57] Num discurso de duas horas, em que aliava a justificação à incitação, Hitler apresentou aos assistentes a *Operação Herbstnebel* , “Névoa de Outono”. O ataque devia avançar através das Ardenas até Antuérpia, o mais importante porto de suprimentos aliado, e prosseguir aniquilando as forças inimigas que estariam cercadas ao norte do porto. Hitler continuou, dizendo que seu plano era um lance ousado e parecia apresentar “certa desproporção com suas forças e o estado em que se encontravam”. Pela última vez, se deixava seduzir pela ideia de jogar tudo numa cartada só. Ressaltou as vantagens de uma estratégia ofensiva, sobretudo em meio a uma situação geral defensiva, conclamou os oficiais a

fazerem o inimigo compreender que, aconteça o que acontecer, “jamais devia contar com uma capitulação, jamais” e voltou à sua grande esperança, que se consolidava cada vez mais:

> Nunca na história do mundo houve uma coalizão de elementos tão heterogêneos, com propósitos tão completamente divergentes como essa dos nossos inimigos. (…) São estados que desde agora, dia por dia, estão se bicando em seus objetivos. E para quem quer que, como uma aranha, me permito dizer, esteja no centro da teia e observe a evolução dos acontecimentos, é fácil ver essa contradição se acentuar hora a hora. Aplicando-se nisso alguns golpes realmente duros, pode acontecer que, a qualquer momento, essa frente artificialmente mantida desmorone como um imenso ribombar de trovão (…) sempre na condição de que a luta não tenha nenhum momento de fraqueza da Alemanha. (…)
>
> Meus senhores, assumi a responsabilidade de fazer sacrifícios além da necessidade em outras frentes para criar condições que permitissem retomar a ofensiva. [58]

Quatro dias depois, em 16 de dezembro, com o tempo encoberto impedindo o inimigo de empregar a aviação, o ataque começou, numa frente de cento e vinte quilômetros. Hitler havia retirado do *front* leste algumas divisões especialmente combativas e despistara o adversário por meio de transmissões de rádio. Para não dar na vista, parte do equipamento pesado foi puxada a cavalo; aviões em voo rasante encarregavam-se de cobrir os ruídos do local em que se faziam os preparativos, de sorte que a surpresa foi realmente completa e as unidades alemãs conseguiram romper as linhas em muitos pontos. Porém, no fim de alguns dias, ficou evidente que a ofensiva estava condenada ao fracasso, mesmo sem a defesa furiosa dos americanos, apenas porque o lado alemão logo ficou sem mais energia e sem reservas. Uma unidade Panzer teve de parar seus carros de combate a menos de dois quilômetros de um depósito de combustível americano que tinha quase quinze milhões de litros de gasolina; outra unidade esperou inutilmente, nas elevações frente a Dinant, que lhe enviassem combustível e reforços para poder descer os poucos quilômetros que a separavam do Meuse. Como se não bastasse, pouco antes do Natal o tempo virou e, num céu azul profundo, enxames compactos de aviões aliados reapareceram e, no espaço de alguns dias, quinze mil missões literalmente esmagaram as linhas de abastecimento alemãs. Em 28 de dezembro, Hitler convocou mais uma vez os comandantes de divisões para uma reunião algo exorcística no seu quartel-general e lhes disse:

> Em toda a minha vida, jamais soube o que é a palavra *capitulação* . E sou um homem que começou do nada. Portanto, para mim, a situação em que nos encontramos hoje não é coisa nova. Para mim, já houve tempo em que a situação era bem outra, muito pior. Menciono isso para que os senhores compreendam a razão pela qual persigo meu objetivo com tanto fanatismo e compreendam por que nada poderá fazer-me ceder. Eu poderia estar atormentado por preocupações a ponto de abalar minha saúde, mas isso em absolutamente nada mudaria minha

resolução de continuar a luta (…) [59]

Nesse ínterim, o Exército Vermelho tinha iniciado seus preparativos de uma vasta ofensiva e, a 9 de janeiro, Guderian foi novamente a Hitler para tentar convencê-lo da gravidade do perigo. Mas Hitler respondeu com impaciência. Não pensando senão em sua própria ofensiva, ressaltou, irritado, que já se havia retomado a iniciativa e reconquistado a possibilidade de planejar e de agir; qualificou de “completamente idiotas” todas as objeções a essa maneira de ver e mandou que fosse “internado imediatamente num asilo de loucos” o chefe do Fremde Heere Ost, o serviço de informações sobre exércitos estrangeiros do Leste, de quem Guderian tivera as informações. Tendo Hitler afirmado que o *front* leste jamais dispusera de tantas reservas quanto naquele momento, o chefe do Estado-Maior do Exército respondeu: “O *front* leste é um castelo de cartas. O menor rompimento em qualquer ponto fará tudo desmoronar”. [60]

Em 12 de janeiro, pouco depois de a ofensiva das Ardenas ter feito duas novas tentativas de penetração no sul e ter sido repelida até suas antigas posições, com pesadas perdas, começou a ofensiva russa. Partindo da cabeça de ponte do Baranov, sob o comando do marechal Koniev , rompeu sem a mínima dificuldade as linhas alemãs. No dia seguinte, os exércitos do marechal Zhukov atravessaram o Vístula de ambos os lados da capital polonesa, enquanto que, um pouco ao norte, dois exércitos marchavam sobre a Prússia Oriental e a baía de Danzig. O conjunto da frente entre os Cárpatos e o Báltico se punha em movimento ao mesmo tempo. Era uma poderosa máquina de guerra que tinha grande superioridade numérica: na infantaria, 11 contra 1; em blindados, 7 contra 1; na artilharia, 20 contra 1. Uma gigantesca onda de homens e de material rolava sem dar importância às tentativas de resistência dos alemães. No fim de janeiro, estava perdida a Silésia e atingido o Oder. O Exército Vermelho já estava a cerca de 150 quilômetros de Berlim. Em algumas noites, os berlinenses podiam ouvir o ribombar da artilharia pesada.

No dia 30 de janeiro de 1945, doze anos, contados dia a dia, após sua nomeação para chanceler do Reich, Hitler fez seu último discurso pelo rádio. Evocou o “maremoto asiático” e, em frases curiosamente desenganadas e carentes de convicção, apelou para “o espírito de resistência” de cada um. “Por mais terrível que possa ser a crise que atravessamos neste momento”, concluiu, “ela será dominada por nossa invencível vontade, por nosso espírito de sacrifício e por nossa capacidade. Nós superaremos mais esta difícil situação.” [61]

No mesmo dia, Albert Speer dirigiu uma mensagem a Hitler, dizendo-lhe

que a guerra estava perdida.

28

O crepúsculo dos deuses

Em poucas palavras, quem não tem herdeiro para sua casa melhor deixar-se arder em chamas na casa com tudo que ela contém — como uma grandiosa pira .

Adolf Hitler

INFORMADO DE QUE A GRANDE ofensiva russa começara, Hitler voltou em 16 de janeiro à chancelaria do Reich. O imenso edifício, projetado fazia pouco como o ponto de partida de uma nova linha arquitetônica de Berlim, achava-se agora no centro de uma paisagem decorada por escombros, crateras de bombas e ruínas. Os bombardeios danificaram inúmeros prédios, castigando também as dependências da chancelaria. O pórfiro e o mármore estavam estragados; nas janelas, tábuas no lugar das vidraças destruídas. Só a parte do palácio na qual estavam os aposentos privados de Hitler e suas salas permanecia intacta, a ponto de as janelas dessa ala não terem sido arranhadas. As incursões da aviação inimiga praticamente ininterruptas obrigaram Hitler a refugiar-se tão amiúde no *bunker* situado a uma profundidade de oito metros sob o jardim da chancelaria que ele terminou por se instalar nele definitivamente. Por um lado, essa retirada para uma caverna correspondia de maneira expressiva aos traços mais evidentes de sua índole natural: o medo, a desconfiança e a negação da realidade. Além disso, nos cômodos de cima, onde por algumas semanas fez suas refeições, as duplas cortinas estavam sempre cobrindo as grandes janelas. [62] Lá fora tudo parecia desabar nas frentes de combate e o abastecimento já se tornara difícil. Caos indescritível era o cenário de ruínas, com pano de fundo de cidades em chamas e estradas tomadas por longas filas de gente em fuga.

Mas em meio a toda essa desordem, percebia-se ainda o esforço enérgico de um pensamento dirigente que tendia não apenas a provocar o fim do Reich, mas sua destruição definitiva. Desde o início de sua carreira política, naquela altissonância tão de seu agrado, Hitler sempre mencionara a alternativa do poder mundial ou da desaparição final, e nada leva a supor que não considerasse a sério, literalmente, os termos desse dilema. Realmente, um fim sem impacto, sem drama, teria sido, de qualquer modo, a antítese do que fora sua vida até então e de seu temperamento liricamente operístico, fascinado

pelos efeitos grandiosos: “Se não chegarmos a triunfar”, declarara no início da década de 1930, numa de suas fantasias a propósito da guerra iminente, “não nos restaria senão, ao soçobrarmos, arrastar conosco metade do mundo nesse desastre”. [63]

Não era certamente apenas seu gosto pelas “saídas de cena” retumbantes, nem mesmo a teimosia e o desespero que despertavam nele a necessidade da catástrofe. Hitler a encarava, de fato, como uma via de sobrevivência. O estudo da história lhe ensinara que os grandes declínios ocasionam essa força geradora de mitos que confere aos homens a imortalidade; em consequência, dedicou toda a sua energia a elaborar com grande cuidado sua saída de cena. Quando Otto Ernst Remer, promovido a general de brigada naquele meio-tempo, perguntou-lhe em fins de janeiro por que insistia em continuar a guerra apesar da evidência da derrota, Hitler respondeu sombriamente: “De uma derrota total é que brota o germe de uma renovação”. E do mesmo modo, declarou, quase uma semana depois, a Martin Bormann: “Um combate desesperado conserva para sempre o valor de algo exemplar. Basta pensarmos em Leônidas e nos seus trezentos espartanos. Deixar-nos degolar como carneiros não é do nosso estilo. Talvez nos exterminem, mas não vão levar-nos ao matadouro.” [64]

Essa vontade determinada conferiu ao comportamento de Hitler durante toda a fase derradeira uma lógica ferrenha e lhe inspirou o lema de seu último conceito de conduta de guerra, a estratégia do afundamento grandioso. Já no outono de 1944, quando os aliados chegavam à fronteira alemã, Hitler mandou empregar a tática da “terra arrasada” também em solo do Reich, e que se deixasse ao inimigo apenas um deserto calcinado de civilização. De fato, o que poderia, de início, ser justificado por razões operacionais logo se revelou como mania de destruição sem finalidade, de algum modo abstrata. Não só as indústrias e os centros de abastecimento deviam ser destruídos, mas todas as instalações necessárias à vida comum: silos, canais, cabos telegráficos, antenas transmissoras, centrais telefônicas, diagramas de circuitos, depósitos de sobressalentes, registros de imóveis, registros civis, arquivos dos bancos e até obras de estatuária e pintura, monumentos históricos, castelos, igrejas, teatros e as casas de ópera. O vandalismo profundo de Hitler sob tênue camada de cultura burguesa, a síndrome do bárbaro aí se revelam sem disfarces. Por ocasião de uma das derradeiras reuniões sobre a situação, ele e Goebbels — que voltava agora ao extremismo revolucionário de seu início de carreira, e que por certas razões pessoais se aproximava cada vez mais de Hitler durante aquelas semanas — lamentaram não ter promovido uma revolução de estilo clássico, pois tanto a tomada do

poder em 1933 como a anexação da Áustria tinham sido marcadas pelo “defeito” da falta de resistência. “Não fora isso, teríamos podido demolir tudo”, divagou o ministro, enquanto Hitler fazia uma autocrítica referente às suas numerosas concessões: “Depois é que a gente se lamenta de ser generoso.” [65]

No mesmo espírito, no início da guerra, a crer no relato de Halder, Hitler insistiu, apesar da opinião contrária de seus generais, que continuasse o bombardeio de Varsóvia, com a cidade a ponto de render-se. Em seguida, entregou-se a grande exaltação estética diante das imagens de destruição da capital polonesa: o céu apocalipticamente escurecido, os edifícios pulverizados por um milhão de toneladas de bombas, gente em pânico, gente morta. [66] Durante a campanha da Rússia, aguardara com impaciência o arrasamento de Moscou e Leningrado, do mesmo modo como ocorrera em 1944 com relação a Londres e Paris. Mais tarde, imaginara com deleite o efeito devastador de um eventual bombardeio sobre o “fluxo humano torrencial” nos *canyons* de arranha-céus de Manhattan; jamais qualquer dessas imaginações se concretizou. [67] Agora, podia entregar-se de maneira quase ilimitada ao seu gosto original pela destruição, que ia bem com a estratégia da catástrofe total e com seu ódio revolucionário pelo mundo antigo. Isso conferia às ordens da fase derradeira esse tom quase extático de alegria ante o mergulho no horror, do qual se sente o eco em todos os gritos de cólera e é autorrevelador: “Sob os escombros de nossas cidades são agora sepultadas as pretensas conquistas do século XIX”, escrevia Goebbels, com uma espécie de lirismo. “Junto com os monumentos culturais, desaparecem os últimos obstáculos à realização de nossa empresa revolucionária. Agora que tudo está em pedaços, seremos obrigados a reconstruir a Europa. Antigamente, a propriedade privada nos obrigava a uma reserva burguesa. Agora, as bombas, em lugar de exterminar a Europa, não têm feito senão derrubar os muros da prisão na qual ela estava confinada. O inimigo que procurava aniquilar o futuro da Europa não conseguiu senão destruir seu passado e, desse modo, fez desaparecer tudo o que era velho e decrépito.” [68]

O *bunker* no qual Hitler se refugiou ocupava toda a área sob o jardim da chancelaria do Reich e terminava numa torre cilíndrica de cimento, que servia de saída de emergência. Nos doze cômodos do andar superior chamado *antebunker* , ficava o pessoal de serviço, a cozinha da dieta e o quadro elétrico. Uma escada em espiral ia ter ao *bunker* do Führer, mais abaixo, com vinte cômodos e um amplo corredor. À direita, os quartos de Bormann, Goebbels, o médico SS dr. Stumpfegger e escritórios; à esquerda, seis salas de

Hitler; do lado da fachada, o corredor ia terminar alguns metros adiante, na sala de reuniões. Durante o dia, Hitler permanecia comumente em sua sala, onde dominava um retrato de Frederick, o Grande, e cujo mobiliário se compunha apenas de uma pequena secretária, um divã estreito, uma mesa e três poltronas. [69] A nudez e a estreiteza dessa peça sem janelas davam-lhe um ar deprimente que muitos visitantes deploravam; mas certamente essa última paragem feita de concreto, de silêncio e de luz elétrica exprimia bem a natureza de Hitler, seu isolamento e o caráter artificial de sua existência.

Todas as descrições de Hitler feitas pelas testemunhas daquelas semanas concordam sobre os ombros curvados, o rosto cinzento e cavado, a voz cada vez mais fraca. Seus olhos, antes hipnóticos, agora eram de esgotamento e fadiga. Descurava cada vez mais de sua aparência; o esforço de tantos anos de estilização acusava por fim seus efeitos. Na túnica, manchas ou farelos de comida; nos lábios caídos de velho ficavam resquícios de bolo e cada vez que, nas reuniões, segurava os óculos com a mão esquerda, não podia impedir as batidas ritmadas na mesa com um tinido monótono. Aí, como pilhado em flagrante, botava de novo os óculos. Só a força de vontade se mantinha em pé, e o tremor nas pernas o atormentava porque contradizia sua ideia de que uma vontade de ferro pode tudo. Um oficial do Estado-Maior do Exército escreveu suas impressões:

> Fisicamente, o aspecto era lastimável. Hitler ia penosa e pesadamente de seu quarto para a sala de reunião do *bunker* , com o corpo quase caído para a frente e arrastando as pernas. Não tinha mais senso de equilíbrio; caso o retivéssemos durante aquele curto trajeto (20 a 30 metros), precisava sentar-se num dos bancos dispostos para tal fim de cada lado do corredor ou então se agarraria ao interlocutor. (…) Seus olhos estavam injetados de sangue. Mesmo os documentos destinados a ele datilografados em máquinas de escrever especiais de tipos grandes, chamadas “as máquinas do Führer”, ele só conseguia ler com lentes fortes. No canto dos lábios havia quase sempre um filete de saliva (…) [70]

De tanto alterar suas horas de sono, para Hitler o dia se tornara a noite e vice-versa: as últimas reuniões diárias terminavam sempre às seis da manhã. Estendido em seu canapé, inteiramente exausto, esperava então a chegada de suas secretárias para dar as tarefas diárias. Quando elas entravam na sala, erguia-se pesadamente: “As pernas sem firmeza e as mãos trêmulas”, relataria mais tarde uma das secretárias, “ele ficava em pé por um instante diante de nós para, logo depois, recair, sem forças, em seu sofá; e seu camareiro tinha de erguer-lhe as pernas para pousá-las no sofá. Totalmente apático, não denotava senão um desejo (…) : comer chocolate e bolos. Seu gosto exagerado por doces e bolos tornara-se mórbido. Enquanto antigamente contentava-se com três fatias de bolo, agora fazia com que enchessem seu prato pelo menos três vezes seguidas. (…) Praticamente não falava mais”. [71]

Apesar dessa decadência física rápida, Hitler não cedia o comando das operações; uma combinação de teimosia, desconfiança, consciência da missão e voluntarismo dava-lhe ímpeto. Um de seus médicos, que não o vira desde o início de outubro de 1944, ficou impressionado com seu aspecto ao reencontrá-lo em fevereiro de 1945, observando inclusive a queda de sua memória, a total incapacidade de concentração e os lapsos frequentes. Suas reações eram cada vez mais imprevisíveis. Quando Guderian, no começo de fevereiro, contrariando a teoria do Führer, apresentou o plano de um sistema defensivo do Leste, Hitler, sem dizer palavra, olhou fixamente o mapa estendido diante dele, depois ergueu-se lentamente, deu alguns passos vacilantes, parou, voltou-se com o olhar vazio e despediu secamente o grupo. E ninguém sabia dizer até que ponto tais jogos de cena faziam parte realmente de sua mania teatral. Alguns dias depois, uma objeção do chefe do Estado-Maior provocou um daqueles repentes de indignação que lhe eram peculiares: “As maçãs do rosto vermelhas de cólera, brandindo os punhos, aquele homem se pôs diante de mim, o corpo sacudido por estremecimentos, fora de si e num estado de fúria quase demente. Em meio a cada gesto explosivo de ira, ia e vinha pelas bordas do tapete, depois se detinha cara a cara comigo, atirando-me nova chuva de censuras. Os gritos chegavam a afogá-lo, os olhos pareciam saltar das órbitas e as veias pulsavam dilatadas nas têmporas.” [72]

Essas mudanças bruscas de disposição caracterizam o ambiente daquelas semanas, nas quais Hitler deixou de repente de receber pessoas que por anos a fio lhe tinham sido caras e, também subitamente, afeiçoou-se a outras. Quando o dr. Brandt, seu médico desde muito tempo, de comum acordo com o colega dr. von Hasselbach, tentou anular a influência de Morell e livrar Hitler da fatal toxicomania, o Führer o demitiu e pouco depois o condenou à morte. Guderian, Ribbentrop, Göring e muitos outros viram-se tratados com a mesma rudeza. A maior parte do tempo, o Führer recaía naquela atitude de sombria meditação que marcara tanto seus anos de formação intelectual; espírito distante, ele permanecia sentado no divã, tendo sobre os joelhos um filhote da última ninhada de sua cadela *Blondi* , a que dera o nome de *Wolf* e do qual cuidava pessoalmente. Não voltava à realidade senão para alegar sua inocência e censurar nos outros uma infidelidade imerecida. Hitler farejava a traição no menor obstáculo, no mais insignificante gesto de recuo. A humanidade era ruim demais, deplorou em certas ocasiões, “para continuar a viver”. [73]

Acentuou-se também a tendência de compensar sua misantropia através de ditos ou gestos de vulgaridade e mau gosto. Insinuava, por exemplo, quando havia mulheres na sala, que “o batom delas era fabricado com água de esgoto

parisiense”, ou, aludindo às sangrias que Morell nele praticava, dizia durante a refeição aos seus convivas não vegetarianos: “Vou mandar preparar para vocês uma guloseima a mais, chouriços com o excedente do meu sangue. Por que não? Vocês gostam tanto de carne!” Uma de suas secretárias contou que, feita sua habitual queixa sobre traições, muito deprimido, ele passara a falar do que ocorreria após sua morte: “Se algo me acontecer, a Alemanha ficará sem um guia, pois eu não tenho sucessor. O primeiro enlouqueceu (Hess), o segundo jogou fora a simpatia do povo (Göring) e o terceiro é malvisto pelo partido (Himmler)… e este, além do mais, é totalmente avesso a música.” [74]

No entanto, às vezes vencia essa má disposição, em geral valendo-se de detalhes fortuitos como estimulantes: o nome de um bom comandante de tropa ou alguma outra coisa que lhe ressoasse. Os registros das últimas reuniões de exame da situação revelam como ele se aferrava a uma palavra, a uma simples alusão para refazê-las, exagerá-las e finalmente extrair delas uma certeza eufórica de vitória. [75] Por vezes, arquitetava suas ilusões com esmero. Após o outono de 1944, determinou a criação, lançando mão de tropas já experimentadas na linha de combate, de numerosas divisões de “granadeiros do povo”, mas mandou ao mesmo tempo que não se dissolvesse o que restava das divisões tradicionais derrotadas; estas deviam ser reenviadas à linha de frente e “sangradas até a última gota” porque ele reputava insuportável o efeito desmoralizante de uma derrota. [76] Essa ordem teve como estranha consequência o fato de que, apesar das perdas crescentes, Hitler podia alimentar a seu gosto a ideia de que dispunha de uma força armada sempre superior e, em meio às visões de um mundo imaginário que despontavam no *bunker* , incluía-se precisamente essa de divisões fantasmas que ele não cessava de pôr em ação de combate, cujos movimentos de ida e volta ele próprio comandava e encarregava enfim de travar batalhas decisivas que jamais aconteceriam.

Mesmo nesta fase, seu grupo habitual o seguia quase sem protestos naquelas tramas tecidas de ilusões, deformações da realidade e loucura. Trêmulo, debruçado sobre a mesa, Hitler esboçava movimentos vagos sobre os mapas. Quando lá fora uma bomba caía a pouca distância e as luzes piscavam, seu olhar vagava, inquieto, pelos rostos impassíveis dos oficiais de pé diante dele: “Esta foi perto”. [77] Mas a despeito de sua fragilidade e de sua fraqueza quase espectral, mantinha sempre algo de seu poder de sugestão. Claro que mesmo à sua volta surgiam manifestações isoladas de desregramento: sinais de desordem, relaxamento da disciplina e uma familiaridade sintomática da equipe. Assim, quando Hitler entrava na sala de reuniões, era raro que um dos assistentes se levantasse, e alguma conversa era

interrompida aqui e ali com dificuldade. Mas tratava-se de negligências desculpáveis; reinava ainda a impressão abstrata de uma corte, aumentada pela irrealidade daquele mundo das cavernas. Um dos participantes dessas reuniões relataria que "aquela corrente de servilismo, de nervosismo e de permanente falsificação da realidade terminava não só por sufocar-nos, mas também por ser realmente um mal-estar físico. Nada ali era autêntico, a não ser o medo". [78] No entanto, Hitler conseguia sempre evocar a confiança e despertar as esperanças mais absurdas. Sua autoridade permaneceria literalmente indiscutível até seu último momento de vida, apesar de todos os erros, as mentiras e as decisões sem sentido, mesmo quando ele não tinha mais o poder de punir ou de recompensar e não podia mais impor sua vontade. Por vezes se chega a acreditar que conseguia destruir o sentido da realidade nos que lhe eram mais próximos, sem se saber como. Em meados de março, o *Gauleiter* Forster foi levar ao *bunker* um informe desesperador: mil e cem tanques russos estavam às portas de Danzig, e a Wehrmacht só dispunha de quatro tanques Tiger. Estava decidido, explicou na antecâmara, a expor a Hitler "a situação em toda a sua trágica realidade" a fim de obrigá-lo "a tomar uma clara decisão". Mas, após uma curta entrevista, saiu "completamente convertido"— o Führer lhe prometera enviar "novas divisões" e salvar Danzig, "quanto a isso não havia dúvida". [79]

Na verdade, incidentes desse tipo levam a uma conclusão oposta: mostram a que ponto o sentimento de lealdade era artificial no círculo de Hitler e dependia de sua intervenção pessoal permanente. Sua desconfiança excessiva e que, durante os últimos meses, assumiu formas tão mórbidas quão grotescas, aí encontrava um reforço suplementar. Já antes da ofensiva das Ardenas, ele tinha repisado as ordens severíssimas de discrição, e numa medida inusitada exigira, na fase dos preparativos, que cada comandante de exército envolvido na operação se comprometesse ao sigilo com uma declaração escrita. Em 1º de janeiro de 1945, a aviação de caça, que se recompusera apelando às últimas reservas, foi vítima dessa mesma desconfiança: uma incursão feita por cerca de oitocentos aparelhos a baixa altura sobre os aeródromos aliados da França setentrional, da Bélgica e da Holanda, conseguira pôr fora de combate em poucas horas quase mil aviões inimigos, perdendo os alemães apenas uns cem aviões (*Operação Bodenplatt*). Mas, na volta às bases, devido ao exagero de sigilo, os aviões alemães se viram expostos ao fogo de sua própria artilharia antiaérea e mais duzentos aparelhos foram derrubados. Quando, em meados de janeiro, perdeu-se Varsóvia para os soviéticos, Hitler mandou trazer presos os oficiais responsáveis, que se viram ameaçados por metralhadoras, e submeteu o chefe do Estado-Maior a um interrogatório de várias horas dirigido por

Kaltenbrunner e pelo chefe da Gestapo, Muller. [80]

Foi sem dúvida essa desconfiança que lhe deu também a vontade de cercar-se outra vez de seus antigos correligionários de luta, como para assegurar que a audácia, o dinamismo e a antiga fé não eram apenas palavras vãs. Desde logo, o fato de ter nomeado os *gauleiters* comissários para a defesa do Reich constituíra um apelo à velha camaradagem. Pouco depois, lembrar-se-ia de Hermann Esser, posto em segundo plano havia uns quinze anos, e a 24 de fevereiro, vigésimo-quinto aniversário da promulgação do programa do partido, Hitler o incumbiu da leitura de uma proclamação em Munique, enquanto pessoalmente recebia em Berlim uma delegação de altos funcionários do partido. Em sua fala, tratou de converter os ouvintes à ideia de combater heroicamente até o último homem, à maneira dos antigos germanos: “Se minha mão treme”, disse então à assistência, assombrada por sua aparência, “e mesmo que minha cabeça fraqueje, meu coração, este não tremerá jamais.” [81]

Dois dias depois, os soviéticos fizeram uma penetração na Pomerânia em direção ao Báltico, iniciando a conquista da Alemanha propriamente dita. No *front* ocidental, no início de março, os aliados romperam a Linha Siegfried em toda a sua extensão, de Aachen ao Palatinado, tomaram Colônia a 16 de março e estabeleceram em Remagen uma cabeça de ponte na margem direita do Reno. Depois, a URSS desfechou uma grande ofensiva na Hungria e pôs em fuga a famosa divisão de elite SS Sepp Dietrich; quase na mesma ocasião, os guerrilheiros de Tito passaram ao ataque, enquanto que os aliados ocidentais atravessaram o Reno em muitos pontos e penetraram em massa no interior do país: a guerra entrava em sua fase final.

Hitler reagiu a esse esboroamento de todas as frentes com novas ordens de resistir a qualquer preço, com explosões de cólera e tribunais sumários de guerra. Dispensou pela terceira vez Rundstedt, retirou das unidades de Sepp Dietrich a braçadeira bordada com o nome da divisão e despediu a 28 de março seu chefe do Estado-Maior, Guderian, dando-lhe ordem de tirar seis semanas de licença para repouso.Vê-se pelas atas das reuniões que havia perdido todo o controle da situação e gastava seu tempo em discussões, recriminações e reminiscências inócuas. Interferências nervosas e incoerentes só pioravam a situação. No fim de março, por exemplo, deu ordem de expedir uma unidade de reserva de Panzer anticarro com vinte e dois *Jagtpanzern* [caça-tanques] para Pirmasens; depois, tendo recebido notícias alarmantes vindas do Mosela, fez rumar aquele reforço “para a região de Trier”. Mais tarde um pouco alterou a ordem, agora “na direção de Coblenz”, e terminou por fazer, seguindo as mudanças da situação de que era cientificado, tantas

modificações do itinerário que ninguém mais sabia onde se encontravam os mencionados tanques. [82]

Agora, a estratégia da queda chegava à sua etapa de execução. Certamente, não se tratou de um sistema frio de autodestruição, mas de uma reação em cadeia com assomos de cólera, de estouvamentos e crises de choro: o coração vacilava. A fim de criar a atmosfera do fim, desde fevereiro, Hitler mandara o ministro da Propaganda assestar baterias contra os estadistas aliados e insultá-los a ponto de "não terem mais a possibilidade de fazer uma oferta de paz ao povo alemão", [83] e, sobre esse pano de fundo de pontos descosidos, preparou-se para a última batalha. Uma série de ordens, das quais a primeira foi expedida a 19 de março (*Ordem Nero*), previa "a destruição no território do Reich de toda a rede de transmissões militares, das instalações industriais e depósitos de abastecimento, assim como dos bens materiais que o inimigo poderia explorar no momento ou em futuro próximo para prosseguir em suas operações militares". Na região do Ruhr foram logo tomadas as medidas para arrasar os poços de minas e suas instalações de extração do minério e de manutenção; para inutilizar os canais, afundando neles barcos carregados de cimento; e evacuar para o interior, para a Turíngia e a região central do Elba, toda a população, determinando que as cidades abandonadas fossem incendiadas, como dizia uma proclamação preparada mas não feita do *gauleiter* de Dusseldorf, Florian. Outra ordem, a *Flaggenbefehl* , "Ordem da bandeira", avisava que, em qualquer casa onde se hasteasse a bandeira branca, todos os seus moradores homens seriam fuzilados. Uma ordem aos comandantes baixada em fins de março pelo Alto Comando determinava que "a luta contra o inimigo que se pôs em movimento" devia ser "engajada da maneira mais ferrenha. Não se observe qualquer deferência em face da população civil". [84] Contrasta curiosamente com essa ferocidade de conduta o esforço empreendido durante um certo tempo para pôr em perfeita segurança obras de arte pilhadas de um lado a outro do continente europeu, bem como a preocupação de Hitler com a maquete da cidade de Linz, na qual via os derradeiros e inúteis vestígios de um sonho esfumado do "estado da beleza".

Com a proximidade do fim, também as tendências à "mitologização" tornaram-se cada vez mais perceptíveis. Invadida por todos os lados, a Alemanha foi estilizada na imagem do heroi solitário, e a propensão, profundamente enraizada na consciência alemã, para um desprezo idealizado pela vida, para o romantismo do campo de batalha e para a glorificação da morte violenta foi novamente mobilizada. As fortalezas e os ouriços que Hitler ordenara fossem defendidos com empenho total simbolizam, em miniatura, a ideia dos postos avançados perdidos que a Alemanha, em seu

todo, encarnava. Para a mentalidade sentimental e pessimista de Hitler e dos fascistas em geral, a Alemanha exercera um obscuro atrativo: motivos wagnerianos, niilismo germânico e todo um clima de perdição romântica de finais catastróficos e variados aí confluíam: “Nada mais desejo que uma coisa: o fim, o fim! ” Não foi certamente por acaso que Martin Bormann, em sua última carta expedida da chancelaria do Reich, no começo de abril de 1945, lembrava à esposa o fim “dos Nibelungos no salão do Rei Etzel”, e tudo leva a crer que esse oficioso secretário tenha tirado tal imagem do repertório do seu patrão. [85] Já para Goebbels, apesar da escura atmosfera de calamidades que vivia, grandes tinham sido aqueles dias em que foram arrasadas Wurzburg, Dresden e Potsdam. A seus olhos, tais atos de barbarismo inúteis só faziam confirmar o prognóstico de Hitler segundo o qual, naquela guerra, as democracias sairiam seguramente perdedoras, pois seriam obrigadas a trair seus princípios; melhor ainda, esses ataques vinham antecipar-se aos próprios propósitos de destruição dos dirigentes nazistas. Na sua proclamação de 24 de fevereiro, Hitler chegara mesmo a lamentar que sua casa, o Berghof, em Obersalzberg tivesse sido poupada pelos bombardeiros aliados; pouco tempo depois, relata uma testemunha ocular, um *raid* de 318 quadrimotores Lancaster transformou em poucos minutos aqueles recantos numa “paisagem lunar”. [86]

É inteiramente infundada a ideia de que Hitler tenha procurado escapar à queda espetacular tão cuidadosamente preparada. Mais provável que aquelas semanas e dias derradeiros fossem, para ele, a despeito de seu fracasso, um período no qual se acumularam estranhas sensações de apaziguamento. A compulsão suicida que o acompanhara ao longo da vida, predispondo-o sempre aos riscos supremos, iria realizar-se por fim. Uma vez mais, estava de costas contra a parede; mas, agora, era o fim da viagem: não lhe restava mais nada a questionar ou disfarçar; havia nesse fim um elemento de autossatisfação exacerbado que explica em parte a energia pouco comum de que esse homem ainda dava mostras, e que um observador pertencente a seu círculo mais íntimo descreveu então como “uma ruína humana devorando bolos”. [87]

Mas sua decisão de perecer na catástrofe que se abatia sobre o país chocou-se com uma resistência imprevista. Albert Speer, o amigo e confidente de seus sonhos de arquiteto de outrora, tomara-lhe a frente, em setembro, fazendo valer sua autoridade de ministro do Armamento, opondo-se aos atos de destruição ordenados pelo Führer tanto nos países ocupados como dentro das fronteiras alemãs. Certamente, ao agir assim, Speer não esteve livre de escrúpulos: apesar do claro afastamento nesse meio-tempo, não podia

esquecer do quanto devia a Hitler, e não só demonstrações de simpatia pessoal, mas amplas possibilidades artísticas, influência, notoriedade, poder. Incumbido, porém, da destruição dos parques industriais, seu senso de responsabilidade, curiosamente constituído de motivos a um só tempo práticos e românticos, tinha finalmente prevalecido sobre o seu sentimento de lealdade pessoal. Através de memorandos sem conta, tentara convencer Hitler de que o curso da guerra não oferecia mais qualquer chance de êxito no terreno militar e opusera às ilusões alimentadas pelos habitantes da caverna do *bunker* análises realistas da situação, mas que só conseguiam fazê-lo cair no desagrado e na reação magoada de Hitler. Em fevereiro, em seu "desespero", Speer chegara a planejar matar os ocupantes do *bunker* soltando gás asfixiante no sistema de ventilação; mas uma modificação de última hora feita nas chaminés evitou a execução de tal plano. E, uma vez mais, Hitler escapou milagrosamente de um atentado. Quando, em 18 de março, Speer lhe remeteu novamente um memorando em que previa com segurança o "iminente e definitivo colapso da economia alemã" e lembrava ao Führer seu dever de "preservar o povo de um fim heroico por causa de uma guerra já então perdida", houve forte discussão entre os dois. Imbuído de sua sombria predisposição à catástrofe, Hitler contrapôs a Speer sua teoria da queda, que não visava unicamente a uma saída de cena grandiosa, mas ainda a se submeter de todo à destruição total requerida pelas leis naturais. Speer reteve a essência dessa discussão numa carta posteriormente dirigida a Hitler:

> Das declarações que me fez naquela noite, se pude compreender bem, ficou-me clara e distintamente o seguinte: se a guerra está perdida, o povo está perdido também. É destino inelutável. Não há, portanto, necessidade de se preocupar com as coisas de que o povo poderia precisar para sua sobrevivência mais primitiva. Pelo contrário, melhor destruir tudo. Porque tendo esse povo se evidenciado o mais fraco, o futuro pertenceria aos mais fortes, os povos do Leste. O que sobra após um combate é sempre a gente ruim já que os bons é que morrem.
>
> Ao ouvir tais palavras, fiquei profundamente impressionado. E assim, quando, no dia seguinte, li a ordem de destruição e pouco depois a de evacuação das cidades, acreditei ver nisso os primeiros passos para consumar aquelas intenções. [88]

Embora a ordem de destruição retirasse na prática a autoridade de Speer e anulasse todas as suas disposições, ele viajou para os setores próximos do *front* , convenceu os funcionários locais do absurdo daquela ordem, fez jogar os explosivos na água e forneceu aos dirigentes das empresas de importância vital para a população fuzis-metralhadoras a fim de se defenderem dos comandos de destruição. Chamado por Hitler, reiterou que a guerra estava perdida e recusou o licenciamento que lhe queriam impor. Numa cena dramática, Hitler exigiu dele que se comprometesse publicamente a reconhecer que a guerra não estava perdida. E como Speer se mostrasse irredutível, exigiu-lhe que proclamasse sua crença numa vitória final e, por

fim, numa derradeira concessão, quase suplicante, à sua pretensão inicial, o Führer lhe pediu que manifestasse sua esperança pelo menos "numa continuação bem-sucedida da guerra". "Se ao menos você pudesse ter esperança de não estarmos perdidos", suplicou Hitler a Speer, "vamos, você não pode deixar de ter esperança!… Isto me bastaria." Mas Speer permaneceu calado. Mandado retirar-se e intimado secamente a decidir-se em vinte e quatro horas, acabou por escapar da sorte que o esperava ao fazer uma declaração de lealdade pessoal. Hitler ficou tão comovido que chegou mesmo a restituir a Speer uma parte dos poderes que lhe havia retirado. [89]

Naqueles mesmos dias, Hitler deixou pela última vez o *bunker* para um giro de inspeção na frente de batalha do Oder. Num Volkswagen, foi até o castelo de Freienwalde, onde o aguardavam os generais e os oficiais de estado-maior do IX Exército. Do carro saiu um homem envelhecido, curvado, grisalho, de rosto enrugado que, às vezes, com esforço, esboçava um sorriso otimista. Diante da grande mesa coberta de mapas, concitou os oficiais presentes a conter pelo maior tempo possível o avanço russo sobre Berlim: cada dia, cada hora ganha assim representava um tempo precioso para a ultimação das terríveis armas que permitiriam uma reviravolta da situação. Este era o sentido de seu apelo. Um dos oficiais declarou que Hitler tinha o ar de quem saiu do túmulo. [90]

Mas enquanto no Leste o avanço russo pôde ser contido na realidade durante certo tempo, o *front* ocidental cedia. Em 1º de abril, o Grupo de Exércitos do general Model foi cercado no Ruhr e, em 11 de abril, os americanos atingiram o Elba. Dois dias antes, Königsberg caíra. E no Oder os russos davam os últimos retoques para a ofensiva sobre Berlim.

Goebbels relatou que durante aqueles dias de desespero, para consolar um pouco o Führer muito deprimido, leu-lhe um trecho da *História de Frederick, o Grande* , de Carlyle, o capítulo que conta as dificuldades com que se defrontou o imperador no inverno de 1761-1762:

> Quando o grande rei pessoalmente não via mais solução possível, não sabendo o que fazer, quando todos os generais e estadistas estavam certos de sua derrota, e quando o inimigo já passava da Prússia vencida para outros problemas, no momento, enfim, em que o futuro se estende, uniformemente sombrio, diante dele, numa carta derradeira ao ministro conde Finckenstein, Frederico impõe a si mesmo um prazo — se a 15 de fevereiro nenhuma modificação se processasse, ele renunciaria, e tomaria veneno — e Carlyle escreve assim: "Corajoso rei, tenha um pouco mais de paciência e seus dias de sofrimento terminarão; já se percebe por trás das nuvens o sol de sua oportunidade: ele se apresentará bem cedo a seus olhos!" Em 12 de fevereiro, a czarina faleceu; o milagre da Casa de Brandenburgo se realizava. O Führer, escreve Goebbels, tinha lágrimas nos olhos. [91]

A tendência a procurar fora da realidade signos e símbolos se expandiu, à

medida que o fim se aproximava, muito além da ficção e revela uma vez mais o irracionalismo recoberto de uma tênue camada de verniz moderno do nacional-socialismo. Durante os primeiros dias de abril, Ley passaria a interceder por um inventor de “raios da morte”, Goebbels buscava orientação em dois horóscopos e, enquanto as tropas americanas chegavam aos contrafortes alpinos, o Schleswig-Holstein era ocupado e se perdia Viena, a esperança de uma grande reviravolta prevista para a segunda metade de abril cintilava nas conjunções de planetas, de ascendências, de passagens em outras quadraturas. Ainda impregnado desses paralelos simbólicos e de tais promessas, no dia 13 de abril, sob a chuva de bombas de um grande ataque aéreo Goebbels voltou a Berlim, e ao som dos canhões e à luz de poderosos refletores que varriam o céu, subia correndo os degraus do Ministério da Propaganda, quando foi informado da morte do presidente americano Franklin Roosevelt. “Foi como um êxtase”, contou uma das testemunhas da cena. Goebbels telefonou imediatamente à chancelaria: “Meu Führer, eu vos felicito”, gritou ele no aparelho. “Está escrito nos astros que a segunda metade de abril nos trará a reviravolta da situação. Estamos hoje numa sexta-feira, 13 de abril: eis aí a reviravolta em ação!” [92] Nesse momento, Hitler convocou ao *bunker* ministros, generais e funcionários, todos os céticos e todos os apáticos que se vira forçado constantemente a receber no *bunker* , no transcorrer de alguns meses; mas agora iria “hipnotizá-los”. Com uma excitação de velho, comunicou-lhes a esplêndida notícia. “Então, que dizem agora? E não queriam crer em mim… ” [93] Uma vez mais, a Providência parecia demonstrar que era possível apoiar-se nela e confirmar as numerosas circunstâncias felizes da vida de Hitler por meio de uma derradeira e grandiosa intervenção. Durante algumas horas, o *bunker* foi invadido pelo júbilo e o entusiasmo. Reinava uma atmosfera de alívio, de agradecimento, de otimismo e desde logo uma quase certeza de vitória. Mas agora tais sentimentos de euforia já não eram mais duráveis. Um pouco mais tarde, lembra Speer, “Hitler se sentava, exausto, como que relaxado e ausente, em sua poltrona; mas tinha o ar de quem não nutre mais esperança”.

Um dos esquecidos ministros conservadores que fez parte do gabinete de 1933 julgou até ter ouvido nesse dia “pela sala o frêmito das asas do anjo da história”. [94] Que poderia caracterizar melhor do que isso a alienação da realidade que contagiara todos os setores? A morte de Roosevelt não teve nenhuma influência no curso da guerra. Três dias depois, os soviéticos desfecharam sua ofensiva rumo a Berlim com dois milhões e meio de homens, 41.600 canhões, 6.250 tanques e 7.560 aviões.

Dia 20 de abril, nos 56 anos de Hitler, a cúpula do regime nazista se reuniu

pela última vez: Göring, Goebbels, Himmler, Bormann, Speer, Ley, Ribbentrop e o resto dos altos comandantes da Wehrmacht. Alguns dias antes, Eva Braun chegara também de maneira imprevista, e todo mundo sabia o que sua vinda significava. No entanto, o otimismo artificial ainda persistia no *bunker* ; Hitler se empenhava em reavivá-lo quando iam cumprimentá-lo. Fez alguns discursos, elogiou, encorajou, permutou lembranças. No jardim, recebeu os membros da Juventude Hitlerista que se haviam distinguido nos combates contra o exército soviético, cujo avanço era rápido; condecorou-os, deu-lhes palmadinhas no rosto. Quase na mesma ocasião, eram executados os últimos dos condenados à forca envolvidos na trama do 20 de julho.

Na verdade, Hitler pretendera abandonar Berlim naquele mesmo dia e se instalar em Obersalzberg, a fim de continuar a dirigir as operações da "Fortaleza dos Alpes", em frente do legendário Untersberg. Parte do seu pessoal fora enviado para preparar as acomodações do Berghof para tal fim. Mas, na antevéspera de seu aniversário, mostrou-se hesitante, e Goebbels, sobretudo, lhe suplicara ardentemente para se postar diante das portas de Berlim, liderar ali uma batalha que decidiria a sorte da guerra e, no caso de um fracasso, buscar um fim grandioso entre os escombros da cidade, como convinha a seu passado, seus juramentos de outrora e seu papel histórico. Em Berlim, insistia Goebbels, ainda se poderia obter um "êxito moral de alcance mundial". Todos os demais, no entanto, insistiam para que ele renunciasse à cidade já perdida, utilizando o estreito corredor ainda livre para o sul, para tentar a fuga. Em alguns dias, talvez horas, o anel em torno de Berlim se fecharia de vez. Mas Hitler permanecia indeciso e se limitou a concordar com a formação de um comando do Norte e outro do Sul, para o caso de a Alemanha vir a ser dividida em duas. "Como eu poderia induzir a tropa a uma batalha decisiva por Berlim", exclamou então, "se na mesma hora eu seguisse para um refúgio seguro!" Finalmente, declarou que confiaria a decisão ao Destino. [95]

Na mesma noite de seu aniversário, o êxodo começou. Himmler, Ribbentrop, Speer e a quase totalidade dos comandantes da Luftwaffe se juntaram à extensa fila de carros que, durante o dia todo, tinham sido equipados para a tentativa de evasão de Berlim. Pálido e suado, Göring se despediu de Hitler, alegando "tarefas urgentes na Alemanha do Sul", mas Hitler fixou seu olhar vazio naquele homem ainda corpulento como se não o visse e houve quem conjecturasse [96] se as fraquezas e o calculismo oportunista que percebia a seu redor naquele momento não teriam determinado então sua decisão derradeira.

Mesmo assim, deu a ordem de expulsar os russos que já tinham chegado

aos limites da cidade por meio de um contra-ataque de grande envergadura, lançando mão de todas as forças disponíveis. Cada homem, cada carro de combate, cada avião devia ser utilizado e qualquer gesto de rebeldia ou iniciativa pessoal seria severamente punido. Confiou o comando do contra-ataque ao SS *Obergruppenführer* Felix Steiner, mas tomou a seu cargo a colocação em marcha das unidades, fixou suas posições de partida e computou para os combates de extermínio divisões que havia muito tempo nada mais eram. Posteriormente, uma das testemunhas dessas cenas emitiu a suposição de que o novo chefe do Estado-Maior geral, o general Krebs, ao contrário de Guderian, deixara de informar Hitler da situação verdadeira e que, em troca, fugindo de toda a realidade do momento, entretinha Hitler com "jogos de guerra" adaptados a suas ilusões que distraíam os nervos de todos os circunstantes. [97] As anotações do chefe do estado-maior da Luftwaffe, Karl Koller, nos dão uma ideia muito clara do caos hierárquico reinante naqueles dias.

> 21 de abril. Cedo ainda, Hitler me telefona:
>
> — Sabe que Berlim está sob fogo de artilharia? O centro da cidade (…)
>
> — Não.
>
> — Não está ouvindo?
>
> — Não, eu estou em Werder, no Wildpark.
>
> *Hitler* — Grande nervosismo na cidade com o bombardeio da artilharia de longo alcance. Na certa, uma bateria de grosso calibre sobre trilhos. Os russos devem ter uma ponte de estrada de ferro sobre o Oder. A Luftwaffe deve achar e silenciar imediatamente essa bateria.
>
> *Eu* — O inimigo não tem ponte de estrada de ferro sobre o Oder. Talvez tenha capturado uma bateria alemã de canhões pesados e conseguido virá-la ao contrário. Mas é mais provável que se trate de canhões médios de campanha do exército russo, com os quais o inimigo já pode atingir o centro de Berlim.
>
> Discussão interminável: ponte de estrada de ferro sobre o Oder ou não, canhões de campanha soviéticos podem ou não alcançar o centro da cidade…
>
> Logo, Hitler de novo no telefone. Quer o número exato das missões aéreas ao sul de Berlim. Respondo que não é possível dar uma resposta imediata a perguntas desse tipo, porque a ligação com as tropas não funciona muito bem. Seria preciso contentar-se, assim, com os boletins regulares da manhã e da noite, que são transmitidos automaticamente. Ele fica furioso.
>
> Hitler recomeça suas chamadas protestando porque os caças não entraram em ação perto de Praga durante todo o dia de ontem; eu explico que os aeródromos foram e continuam sendo atacados por caças inimigos e que nossos próprios aparelhos não têm podido decolar. Hitler esbraveja: "Então não se precisa mais de interceptadores. A Luftwaffe é desnecessária".
>
> Em meio à sua ira, Hitler menciona uma carta do industrial Röchling e grita: "O que esse homem me escreve me basta para compreender que precisaria enforcar de imediato todo o comando da Luftwaffe."
>
> À noite, entre 20h30 e 21h, Hitler de novo no telefone. "O Reichsmarschall [Göring] mantém na Karinhall [a casa de Göring] um exército particular. Deve ser dissolvido imediatamente e… posto à disposição do SS *Obergruppenführer* Steiner." Enquanto eu ainda me perguntava o que isso

> queria dizer, Hitler volta a telefonar: “Todo homem pertencente à Luftwaffe e disponível na zona entre Berlim e a costa até Stettin e Hamburgo deve ser chamado para tomar parte na ofensiva por mim ordenada a nordeste de Berlim”. Minha pergunta “Onde vai ser o ataque” ficou sem resposta. Ele havia desligado.
>
> Com uma série de telefonemas, tentei esclarecer as coisas. Soube pelo major Freigang, do estado-maior do general Konrad, que o *Obergruppenführer* Steiner devia comandar um ataque partindo da região de Eberswald para o sul. Mas, até o momento, Steiner, acompanhado de outro oficial, era o único que chegara a Schönwalde. O destacamento do exército destinado ao ataque ainda é desconhecido.
>
> No telefone com o *bunker* do Führer, consegui por fim entrar em contato com o general Krebs, às 22h30, para pedir informações mais precisas sobre o ataque, quando… Hitler interveio na conversa. De repente é sua voz irritada no telefone: “Está duvidando da minha ordem? Acho que me expressei de maneira muito clara”. Às 22h50, nova chamada de Hitler. Perguntava-me sobre as medidas tomadas pela Luftwaffe para a ofensiva de Steiner. Presto conta do assunto e, ao fazê-lo, insisto sobre o fato de serem tropas não afeitas ao combate, menos ainda à luta em terra, não estando portanto devidamente equipadas, e, além do mais, desprovidas de armas pesadas. Aí ele me dá uma pequena aula sobre a situação… [98]

É preciso saber desses detalhes para entender o caráter fictício da ofensiva de Steiner na qual Hitler tinha tantas e tão grandes esperanças: “Você vai ver”, afirmou ele a Koller, “os russos sofrerão a maior e a mais sangrenta derrota de sua história às portas da cidade de Berlim”. Durante toda a manhã seguinte, aguardou com nervosismo e um desespero crescente notícias do desenrolar das operações. Às 15h, quando começou a reunião, nada se sabia de Steiner; mas se percebeu então que as ordens da véspera tinham confundido tanto a linha de frente que uma brecha fora aberta. Dessa forma, o Exército Vermelho pôde romper o cinturão defensivo ao norte de Berlim e penetrar com sua vanguarda de tanques na cidade. A ofensiva de Steiner nunca aconteceu.

Foi quando irrompeu em meio à discussão a tempestade que tornaria memorável a reunião de 22 de abril. Após um breve silêncio, pleno de significação, ainda aturdido por sua imensa decepção, Hitler desabafou. Proferiu uma espécie de acusação geral contra a covardia, a baixeza e a deslealdade do mundo. Sua voz, que se tornara quase um murmúrio havia algumas semanas, reencontrou por um momento a força de antigamente. E enquanto os habitantes do *bunker* , alertados por seus gritos, apinharam-se nos corredores e nas escadas, Hitler bradava que o tinham abandonado. Amaldiçoou o exército, falou sobre a corrupção, a tibieza, as mentiras. Após tantos anos, só se via cercado de traidores e ineptos. Ao gritar, brandia os punhos, lágrimas escorriam por seu rosto e, como sempre, durante as dramáticas cenas de seus desencantamentos, tudo veio abaixo junto com a esperança a que se dera histericamente contra todas as evidências. O fim ali estava, disse ele; não podia mais evitá-lo e, assim, só lhe restava morrer; esperaria a morte ali, naquela cidade; todos que assim quisessem poderiam partir para o sul; quanto a ele, aguardaria em Berlim. Fechou os ouvidos aos

protestos e súplicas de seus assistentes, que só conseguiram dizer algo quando Hitler, exausto, calou-se. Ele não se deixaria levar para lá e para cá. Nem deveria ter deixado a *Wolfsschanze* [“Toca do Lobo”, o QG do Führer na Prússia]. Telefonemas de Himmler e Dönitz tentando persuadi-lo foram inúteis. A Ribbentrop, Hitler se recusou simplesmente a ouvir. Disse que ia permanecer em Berlim e tombar nos degraus da chancelaria do Reich; acossado por essa imagem simultaneamente dramática e sacrílega, iria repeti-la, segundo uma testemunha, dez ou vinte vezes. Após ter ditado — tornando-a desse modo irrevogável — através de uma mensagem pelo rádio, sua decisão de assumir pessoalmente a defesa da cidade, encerrou a reunião. Eram 20 horas. Todos os participantes estavam comovidos e esgotados. [99]

A discussão reacendeu pouco depois, nos aposentos privativos de Hitler, entre os mais íntimos. Logo no início, Hitler mandara chamar Goebbels e lhe oferecera hospedagem no *bunker* do Führer com sua família. A seguir, pôs-se a reunir seus documentos pessoais e, como sempre, desde o instante em que tomava uma firme resolução, levou a termo suas decisões rapidamente e sem hesitar. Mandou queimar os documentos que acabara de juntar. Comandou que Keitel e Jodl partissem para Berchtesgaden, recusando-se a lhes dar as ordens operacionais que pediram. Às novas objeções e apelos, respondia de modo peremptório: “Jamais deixarei Berlim, jamais!” Por um instante, os dois oficiais chegaram a pensar, cada um por si, se não deviam levar Hitler à força para a “Fortaleza Alpina”; mas deram-se conta de que a ideia era impraticável. Keitel se dirigiu para a hospedaria florestal Alte Hölle, “Velha Caverna”, situada uns sessenta quilômetros a sudoeste de Berlim, onde se achava o QG do exército do general Wenck, que ainda permaneceria nos dias seguintes como objeto de muita esperança infundada, enquanto Jodl anotava algumas horas depois num relatório sobre a reunião do *bunker* :

> Hitler (…) tomou a decisão de ficar em Berlim dirigindo a defesa da cidade, e dar um tiro na cabeça no derradeiro momento. Declarou que não podia combater por falta de condições físicas; além do mais, não iria envolver-se pessoalmente na luta de rua para não correr o risco de cair, ferido, nas mãos do inimigo. Eu e Keitel tentamos dissuadi-lo e lhe propusemos ordenar que as tropas do setor oeste fossem deslocadas para dar combate ao inimigo do leste. Ao que ele retrucou que tudo se desintegrara, não podia fazer tal coisa, cabia ao *Reichsmarschall* fazê-lo. A uma observação nossa de que nenhum soldado iria combater com o *Reichsmarschall* , Hitler retorquiu: “O que quer dizer com isso? Combater! Não resta mais nada a combater.” [100]

Por fim, ele parecia se entregar. A indomável consciência de ser o “eleito”, que o tinha sempre acompanhado e havia sido camuflada por breves instantes, mas nunca abalada, cedia terreno visivelmente à resignação. “Ele perdeu a fé”, escreveu então Eva Braun a uma amiga, sob a influência dos acontecimentos. Uma vez ainda, durante a noite, quando o SS *Obergruppenführer* Berger evocou, em meio à conversa, o povo “que se

mostrara leal durante tanto tempo”, Hitler recaiu na sua exasperação do entardecer: “com o rosto violáceo”, exclamou algo a respeito de mentira e traição. [101] Mas, um pouco mais tarde, ao despedir-se de seu ajudante Julius Schaub, de duas secretárias, das estenógrafas e das numerosas outras pessoas de seu círculo mais chegado, deu a impressão de estar mais relaxado. E quando Speer, “assediado por sentimentos contraditórios”, voltou de avião a Berlim na noite seguinte para lhe dizer adeus, Hitler mostrou-se de modo quase sobrenatural dono de si mesmo. E falou sobre o seu fim iminente como de uma libertação: “Vai ser fácil para mim”. Mesmo quando Speer confessou ter agido naqueles meses de modo contrário a suas ordens, Hitler permaneceu calmo e pareceu até impressionado pela franqueza de seu interlocutor. [102]

Mas um novo acesso de cólera se avizinhava e as poucas horas de vida que ainda lhe restavam foram tão extraordinariamente cheias de bruscas mudanças de ânimo, passando sem transição da euforia à mais sombria depressão, que se é levado a ver nesses contrastes de humor o reflexo do desabamento do diagrama de ação da psicofarmacopeia de Morell, após todos aqueles anos de abuso de certos medicamentos. É verdade que, naquela mesma noite, Hitler tinha dispensado os serviços do médico dizendo: “Nenhuma droga pode fazer mais nada por mim”. [103] Mas nem por isso deixaria de continuar a se encher daqueles remédios após a partida de Morell e, de qualquer modo, não era um estoicismo filosófico o que ditava sua atitude atual. Longe de se abandonar à sua própria sorte, havia na sua resignação um ar de indiferença desdenhosa: ele podia estar arrasado, mas não resignado. As anotações tomadas por uma das estenógrafas, referentes a uma das últimas reuniões, dão-nos uma visão característica daquela mistura de um estado de arrebatamento logo seguido de abatimento e indiferença:

> Para mim não há nenhuma dúvida: a batalha atingiu aqui seu ponto culminante. Se é verdade que em San Francisco ocorrem diferenças entre os aliados — e é — então acontecerá forçosamente uma reviravolta se eu conseguir desfechar um golpe sobre o colosso bolchevique num ponto qualquer. Talvez aí os outros comecem a perceber que só existe um meio de deter o colosso bolchevique, e que esse meio quem o possui sou eu — eu e o Partido e o estado alemão atual.
>
> Se a sorte se pronunciar de outro modo, desaparecerei do palco da história mundial como um fugitivo sem glória. Mas eu julgaria mil vezes mais covarde me suicidar no Obersalzberg do que permanecer aqui e tombar para sempre.
>
> Que não venham me falar de meu papel de *Führer* …
>
> Eu não sou *Führer* [guia em alemão] senão enquanto possa guiar de verdade. E não posso guiar nada indo me instalar no cume de um monte (…) Não vim ao mundo para defender simplesmente meu Berghof (…)

Na mesma ordem de ideias, prosseguiu mencionando as perdas sofridas pelo inimigo, que teria “consumido uma grande parte de suas forças” e que, nos

combates de casa em casa, em Berlim, “perderia todo o seu sangue”. “Hoje, eu me deitarei um pouquinho mais tranquilo”, disse em seguida, “e não quero ser despertado a não ser que haja um tanque russo na minha porta”. Depois disso, deplorou todas as lembranças às quais renunciaria ao morrer e se ergueu da mesa, dando de ombros: “Mas que fazer? Um dia seria preciso deixar de lado toda essa carga.” [104]

A partir desse momento, iria portar-se sempre assim. Na noite de 23 de abril, Göring telegrafou de Berchtesgaden indagando se a decisão tomada por Hitler de permanecer em Berlim punha em vigor a lei de 29 de junho de 1941, que fazia dele, o *Reichsmarschall* , o sucessor. Ainda que Hitler tenha recebido com muita calma esse telegrama, formulado num tom leal, Martin Bormann, o velho rival de Göring, conseguiu apresentar tal iniciativa como uma espécie de golpe de estado e, graças a algumas insinuações sopradas ao pé do ouvido, provocou em Hitler a eclosão de um de seus assomos de ira. Aí ele acusou Göring de indolência e inaptidão, recriminando-o por ter com seu exemplo pessoal “tornado possível a corrupção no nosso estado”. Chamou-o de morfinômano e, numa mensagem pelo rádio, redigida por Bormann, tirou-lhe todas as funções e direitos. Depois, não sem um ar de íntima satisfação, mergulhou, exausto, em seu estado de apatia, dizendo apenas, com desdém: “No que me diz respeito, Göring pode sem constrangimentos encetar as negociações para a capitulação. Se nós perdemos a guerra, pouco importa agora quem se encarregue desses ajustes.” [105]

Hitler já não dissimulava mais. Seus sentimentos de impotência, de medo e autopiedade mostravam-se abertamente, sem aquelas camuflagens patéticas por trás das quais durante tanto tempo se ocultara. É provável que seu desespero de agora remontasse em parte à sua origem: durante toda sua vida, ele necessitara ter e procurara desempenhar papéis diversos. Agora não pôde conseguir nenhum para viver, porque chegara a uma posição diferente, por exemplo, do seu cultuado Frederico, a qual não permitia ao derrotado tirar efeitos patéticos; e outro papel qualquer de heroi wagneriano que ele tentasse estava acima do que lhe restava de energia. A falta de controle denunciada por suas crises, repentes de ira e inúmeros acessos ostensivos de choro não deixa de ser um indício significativo desse dilema do papel perdido.

Mais uma vez se teria a prova disso quando, em 26 de abril, à noite, o coronel-general von Greim, que Hitler nomeara comandante da Luftwaffe em substituição a Göring, voou à cidade assediada pelos invasores com a aviadora Hanna Reitsch, porque o Führer insistira em empossá-lo pessoalmente. Pela descrição feita por Hanna Reitsch, Hitler estava com os olhos cheios d’água, o rosto de uma palidez mortal quando falou do

“ultimato” de Göring. “Nada mais me resta”, disse então, “nada me foi poupado. Não há mais lealdade ou honra; nenhuma decepção, nenhuma traição me pouparam — e agora, mais essa ainda. (…) Tudo está acabado. Não há erro que não me atribuam”. No entanto, ainda alimentava uma esperança, tênue, certamente, mas que, em seu monólogo não interrompido, conseguiu transformar numa daquelas certezas fantasmagóricas cujo segredo só ele conhecia. À noite, chamou Hanna Reitsch e lhe disse que o grande negócio pelo qual tinha vivido e lutado sempre parecia perdido agora — pois o exército do general Wenck, muito próximo dali, não conseguia romper o círculo dos sitiantes e não trazia qualquer ajuda. Depois deu a ela uma ampola de veneno: “Mas ainda tenho esperanças, querida Hanna. O exército do general Wenck chega do sul. Deve rechaçar e rechaçará os russos para bem longe a fim de salvar nosso povo”. [106]

Nessa mesma noite, as primeiras granadas soviéticas caíram sobre o terreno da chancelaria do Reich e o *bunker* estremeceu com o desabamento dos muros. Em alguns pontos, os conquistadores de Berlim já estavam a cerca de um quilômetro apenas.

No dia seguinte, o *SSGruppenführer* Fegelein, representante de Himmler no QG do Führer, foi surpreendido em trajes civis e Hitler explodiu de novo em queixas contra a traição que não cessava de crescer. A desconfiança agora não poupava ninguém. “Pobre, pobre Adolf”, gritava Eva Braun, que era cunhada do culpado, Fegelein, marido de sua irmã Gretl. “Todos te abandonaram, todos te traíram!” [107] Afora Eva, só Goebbels e Bormann estavam livres de suspeição. Formavam aquela “falange dos últimos” que Goebbels tanto decantara havia muitos anos em uma de suas glorificações do grande declínio. Quanto mais Hitler era vítima de suas melancolias e de seu desprezo pelos homens, mais atraía para seu lado aqueles poucos eleitos. Foi com eles que passou a maior parte das noites após sua volta à chancelaria do Reich; por vezes, Ley fora convidado a participar do grupo. Vários indícios deixavam entrever atividades secretas que, bem cedo, despertaram a curiosidade dos outros hóspedes do *bunker* . [108]

Muitos anos mais tarde se veio a saber que Hitler, durante o período que vai do início de fevereiro a meados de abril, organizara, no transcurso daquelas reuniões noturnas, uma espécie de retrospectiva geral e de algum modo abolira as horas de sono de sua vida. Numa série de longos monólogos, passava em revista o caminho que havia percorrido, os postulados e objetivos de sua política, mas também suas possibilidades e seus erros. Como sempre,

desenvolveu suas ideias de modo prolixo e desordenado; no seu todo, essas páginas, que contêm um dos documentos fundamentais de sua vida, revelam ainda um pouco daquela antiga força de pensamento, reduzida como estivesse, mas também suas antigas obsessões.

O ponto de partida de suas considerações era o irremediável fracasso de sua ideia da aliança anglo-alemã. Até o início de 1941, constatava Hitler, ainda teria sido possível pôr fim àquela guerra insensata e malograda, tanto mais que a Inglaterra tinha "inscrito no céu londrino sua determinação de resistir" e, por outro lado, "tinha a seu crédito a vergonhosa derrota dos italianos no norte da África". Se a aliança se concluísse, os Estados Unidos teriam ficado mais uma vez longe dos assuntos europeus, e as falsas grandes potências França e Itália, convencidas de sua fraqueza, teriam sido forçadas a renunciar à sua "extemporânea política de grandeza" e seria possível simultaneamente "uma ousada política de amizade com o Islã". A Inglaterra — esse era o foco permanente de seu grande plano — teria podido consagrar-se inteiramente à prosperidade do Império, enquanto a Alemanha, com sua retaguarda protegida, dedicar-se-ia às suas metas, quer dizer, "ao objetivo de minha vida e à razão do nascimento do nacional-socialismo: a erradicação do bolchevismo". [109]

Quando Hitler olhava as causas que teriam feito fracassar aquela ideia, esbarrava sempre na Inglaterra, adversário que sempre encontrou em seu caminho e cujo poderio de certa forma subestimara. Ali estava — via agora com atraso — seu erro principal: "Subestimei então a enorme influência dos judeus sobre os ingleses no governo de Churchill." E se lamentava: "Se ao menos o destino tivesse dotado a Inglaterra envelhecida e esclerosada de um novo Pitt, em lugar desse bêbado judeizado e semiamericano!" Pelas mesmas razões, abominava como nunca aqueles insulares arrogantes, que cortejara inutilmente, muito mais do que a qualquer outro de seus adversários. Não dissimulava sua satisfação com a ideia de que, num futuro bem próximo, eles sairiam da história e, de conformidade com as leis naturais da vida, desapareceriam. "O povo inglês morrerá de fome ou de tuberculose em sua maldita ilha." [110]

A guerra com a União Soviética, afirmava Hitler de novo, transcendia considerações arbitrárias. Era o objetivo principal. Claro que sempre houve o perigo de ela fracassar; mas renunciar a ela teria sido pior do que qualquer derrota, quase um ato de traição. "Estávamos condenados a guerrear e nossa preocupação não poderia ser outra senão a de escolher o momento mais propício para a guerra. Estava implícito que, uma vez iniciada a guerra, jamais poderíamos renunciar a ela."

No que tange ao momento escolhido, em compensação, Hitler se mostrou menos categórico, e a veemência evidente com que abordara por várias noites seguidas tal questão, que evocara sob seus aspectos táticos e estratégicos e munira de motivações adequadas que o justificassem, indica que aí ele constatava e reconhecia um de seus erros mais graves, porque entrara num beco sem saída:

> A sorte, assim, quis que esta guerra, para a Alemanha, por um lado tivesse começado cedo demais e por outro um pouco tarde demais. Militarmente falando, nosso interesse teria sido o de iniciá-la um ano antes. Eu devia ter tomado a iniciativa em 1938, em lugar de deixar que ela se impusesse a mim em 1939. Mas nada podia fazer, uma vez que os ingleses e franceses aceitaram minhas condições em Munique.
>
> Nesse sentido, portanto, a guerra ocorreu um pouco tarde demais. Mas, do ponto de vista de nosso preparo moral, começou cedo demais. Eu não tinha tido tempo ainda de formar as consciências de acordo com a minha política. Necessitaria de vinte anos para conduzir uma nova elite à maturidade necessária, uma elite que de algum modo viesse a nutrir-se do pensamento nacional-socialista junto com o leite materno. O drama dos alemães é nunca terem o tempo suficiente para o que pretendem. E se o tempo é escasso para nós, isso se deve antes de tudo ao espaço que nos falta. Os russos, com suas planícies imensas, podem se dar o luxo de não se apressar. O tempo trabalha a favor deles. Mas trabalha contra nós.
>
> Infelizmente, vi-me obrigado a realizar tudo no breve período de tempo de uma vida humana (…) Assim, onde os outros dispõem de uma eternidade, eu não conto senão com alguns miseráveis anos. Os outros sabem que terão sucessores, que estes retomarão sua tarefa no ponto onde a deixaram interrompida, que percorrerão os mesmos sulcos abertos pelo mesmo arado. Eu me pergunto se, entre meus sucessores imediatos, poderá se encontrar o homem destinado a recolher a tocha quando esta me fugir das mãos.
>
> Outra fatalidade determina que eu sirva a um povo que tem um passado trágico, um povo inconstante e volúvel como o povo alemão, que vai, segundo as circunstâncias, de um extremo a outro com uma facilidade surpreendente (…) [111]

Eis aí as circunstâncias de que ele era prisioneiro: impedimentos desde o princípio inerentes à situação e aos elementos materiais que tivera de enfrentar. Mas, por vezes, Hitler chegava também a passar por cima das falhas, dos atos impensados plenos de consequências sérias: as concessões que fizera, que não correspondiam a nenhum interesse real, a nenhuma necessidade primordial. Torna-se especialmente significativo que, no momento em que repassava os anos anteriores com um olhar crítico, tenha desaprovado um de seus raros impulsos de simpatia por um ser humano que ainda permanecera intacto, atribuindo-lhe seus próprios erros:

> Quando analiso friamente os fatos e me despojo de todo o sentimentalismo, acabo por convir que a minha amizade inalterável pela Itália e pelo Duce deve ser incluída no meu passivo, no rol de meus erros. E se pode dizer mesmo que a aliança com os italianos foi mais útil a nossos inimigos do que a nós mesmos. Na verdade, ela terá contribuído muito, sem dúvida, para a nossa derrota — no caso em que a vitória não venha a nos pertencer. (…)
>
> Nosso aliado italiano nos tem atrapalhado em quase toda parte. Ele nos impediu, por exemplo, de empreender uma política revolucionária na África do Norte (…) Isso porque os nossos amigos muçulmanos viram em nós de uma hora para outra os cúmplices, voluntários ou não, de seus

> opressores. A lembrança das bárbaras represálias contra os senussis permanece bem viva entre eles. Por outro lado, a ridícula pretensão do Duce de querer ser visto como “a espada do Islam” desperta hoje em dia a mesma zombaria de antes da guerra. Esse título, que compete a Maomé e a um grande conquistador como Omar, Mussolini fez com que alguns pobres diabos aos quais ele pagou ou intimidou lhe concedessem. Tivemos uma boa chance para uma grande política em relação ao Islam. Essa oportunidade foi perdida — como muitas outras que nos escaparam das mãos devido à nossa fidelidade à aliança com os italianos. (…)
>
> No plano militar, as coisas são as mesmas. A entrada da Itália na guerra proporcionou quase de saída a primeira vitória a nossos adversários e deixou Churchill numa situação que lhe permitiu insuflar novo ânimo em seus compatriotas, e deu aos anglófilos do mundo inteiro novas esperanças. Mesmo já se tendo mostrado incapazes de manter sob seu domínio a Abissínia e a Cirenaica, os italianos tiveram a audácia de se lançar, sem nos consultar ou mesmo nos informar, nessa campanha de todo maluca contra a Grécia (…) Isso nos obrigou, contrariando todos os nossos planos, a intervir nos Bálcãs, o que ocasionou um atraso desastroso da guerra na Rússia (…) caso contrário, teríamos invadido a Rússia por volta de 15 de maio de 1941 e (…) concluído a campanha antes do inverno. Tudo teria sido diferente, então.
>
> Por gratidão, pois eu não podia esquecer a atitude do Duce por ocasião do *Anschluss* , sempre evitei criticar e julgar a Itália. Ao contrário, sempre me esforcei por tratá-la em pé de igualdade conosco. As leis da vida nos demonstram, pobres de nós, ser um erro tratar como iguais quem na verdade não o é (…) Me arrependo de não ter seguido a razão, que me mandava ter com a Itália uma amizade brutal. [112]

Em resumo, fora sobretudo seu tom natural de conciliação, sua falta de dureza e de inflexibilidade que, a seu ver, o tinham feito fracassar, quando se achava tão perto do triunfo; nesse derradeiro documento, revela também o inconfundível extremismo que lhe era peculiar, que pode passar desapercebido. Só num ponto ficou claramente fiel ao próprio radicalismo: “Combati os judeus de peito aberto. Eu lhes fiz uma última advertência antes de começar a guerra (…) ” [113] Afora esse caso, lamentou não ter eliminado de modo mais impiedoso os conservadores alemães; na Espanha, lamentou não ter apoiado os comunistas e sim a Franco, a nobreza e a Igreja; ou ainda, na França, ter entregue a tarefa de libertação da classe operária nas mãos de uma “burguesia de fósseis”. Deveria ter provocado em toda parte o levante das populações coloniais, anunciar o despertar das nações oprimidas e espoliadas, conclamar à rebelião o Egito, o Iraque, todo o Oriente Próximo, que tinha aplaudido os êxitos da Alemanha. Não era por causa de sua agressividade e de suas pretensões desmedidas que o Reich desmoronava agora, mas sim devido à própria incapacidade de ser revolucionário, à própria timidez moral. “O que se podia ter feito! ”, exclamou muito abatido.

Hugh R. Trevor-Roper abordou a “clareza notável com que Hitler, em seus monólogos, tinha captado de acordo com seus princípios as oportunidades e os fracassos de suas ideias de hegemonia mundial: viu que a Europa poderia ser governada por um poder continental que controlaria a Rússia ocidental, se nutriria das reservas da Ásia e se apresentaria ao mesmo tempo como paladino dos povos coloniais, ao associar a revolução política aos lemas de

liberdade social. Ele sabia também que fora só por essa chance que se batera contra a União Soviética. A guerra teve uma virada porque ele não a fez levando às últimas consequências uma guerra revolucionária; envolvera-se com os diplomatas e os militares cerimoniosos da velha escola, se vira obstado por sua amizade com Mussolini e não tinha sabido se libertar de uns nem de outros. Seu espírito revolucionário fora insuficiente, deixara-se levar pela sentimentalidade burguesa, também pelas meias-medidas burguesas; fora destruído e o resumo de suas reflexões está contido nessa sentença: “A vida não perdoa fraqueza!” [114]

A decisão de pôr fim a tudo foi tomada na noite de 28 para 29 de abril. Um pouco antes das 22h, no meio de uma conversa com o general von Greim, Hitler foi interrompido por seu camareiro, Heinz Linge, que lhe entregou um telegrama da Reuter anunciando que o *SSReichsführer* Heinrich Himmler entrara em contato com o conde sueco Bernadotte para tratar de uma capitulação no Ocidente.

A comoção causada por essa notícia foi mais violenta do que qualquer um dos acessos tidos por ele nas últimas semanas. Hitler sempre achara Göring um oportunista corrupto, daí que a traição do *Reischsmarschall* fosse uma decepção já prevista. Mas o comportamento de Himmler, que sempre tivera por lema a lealdade e sempre se gabara de sua incorruptibilidade, era a quebra de um princípio. Para Hitler, foi o golpe mais terrível que poderia ter imaginado. “Ele teve a raiva de um louco e se comportava como um insensato”. Assim Hanna Reitsch descreveu a cena. “Ficou fora de si, rosto rubro, quase irreconhecível”. [115] Mas não foi como seus acessos anteriores, dessa vez sua força diminuiu e ele se retirou para deliberar a portas fechadas com Goebbels e Bormann.

Uma vez mais, sua decisão levou a outras. Para mitigar sua sede de vingança, Hitler submeteu logo Fegelein, que acreditava em conluio com Himmler, a um interrogatório breve mas cerrado, e em seguida mandou fuzilá-lo no jardim da chancelaria por sentinelas da segurança. Depois, mandou chamar von Greim e deu ordem que ele tentasse sair de Berlim para prender Himmler. Não admitia as objeções que lhe faziam: “Um traidor não pode me suceder como Führer”, disse então. “Cuidai que tal não aconteça.” [116] A seguir, dedicou-se a pôr em ordem seus assuntos particulares.

Às pressas, mandou preparar a saleta de reuniões para uma cerimônia de caráter civil. Um notário do distrito de nome Walter Wagner, que servia numa unidade *Volksturm* estacionada na vizinhança, foi chamado para celebrar o

casamento do Führer com Eva Braun. Goebbels e Bormann foram as testemunhas. As duas partes pediram um casamento de guerra — nas circunstâncias excepcionais — que podia ter lugar de imediato, sem dificuldade. Os dois declararam ser de ascendência ariana pura e sem qualquer doença hereditária. E a certidão declarou que o pedido foi aceito, que os proclamas haviam sido verificados e reconhecido seu caráter legal. Depois, Wagner, segundo o documento, dirigiu-se aos nubentes:

> Chego agora ao momento solene do encerramento desta cerimônia de casamento. Em presença das testemunhas acima citadas (…) eu vos pergunto, meu Führer Adolf Hitler, se aceitais tomar por esposa a senhorita Eva Braun aqui presente. Se for esse o caso, queira me responder *sim* .
>
> Agora, eu lhe pergunto, senhorita Eva Braun, se aceita tomar por esposo meu Führer Adolf Hitler aqui presente. Em caso afirmativo, queira me responder *sim* .
>
> Os noivos tendo aquiescido, o casamento está feito e eu o declaro válido para todos os efeitos legais.

A seguir, as testemunhas presentes assinaram os documentos. Mas a noiva estava tão perturbada, devido às circunstâncias, que ia cometendo um engano ao assinar seu nome de solteira: tendo grafado já um B, ela o riscou e escreveu: “Eva Hitler, nascida Braun”. Depois, todos se dirigiram aos aposentos privados do Führer, onde já estavam reunidos as secretárias, a dietista de Hitler, senhorita Manzialy, e alguns ajudantes de ordens para beber alguma coisa e recordar melancolicamente o passado.

Parece que, nesse ponto, os acontecimentos e a capacidade de guiá-los escaparam de todo a Hitler. Fica-se inclinado a supor que ele encenara voluntariamente esse ato final da maneira mais grandiosa, mais trágica, com uma extrema ênfase de páthos, de estilo e de horror. O que se seguiu nos parece algo deslocado, improvisado, como se ele jamais tivesse percebido realmente até aquele instante a possibilidade de um fim irrevogável em virtude dos inúmeros “milagres” salvadores que haviam pontilhado sua vida.

Em todo caso, essa ideia lúgubre de um casamento antecedendo a um duplo suicídio dava de fato a impressão de que ele hesitava diante do pensamento de repousar no túmulo em estado de concubinato e tal decisão abria a porta a uma “saída de cena” mais normal. Isso mostra a que ponto ele se acabara, exaurido até mesmo de seus “efeitos”, e ainda que a reminiscência wagneriana de sua união com a amada na morte pudesse evocar — pelo menos em seu modo de ver — a imagem de uma tragédia. Mas apesar de tudo que se ligava a seu nome, foi um fim desmitificante.

É possível que, ao agir assim, ele renunciasse a algo mais do que à encenação de sua vida, considerada como um papel a desempenhar. Porque, apesar de todas as circunstâncias em que se via envolvido, aquele casamento

caracterizava ainda, e sob outro aspecto, um corte notável: não se tratava só de um gesto de gratidão em face da única criatura, fora a sua cadela *Blondi* , que, como observara certa vez o próprio Hitler, lhe permanecera fiel até o fim; representava, mais que isso, um ato de abdicação definitiva. Na qualidade de Führer, não cessara de repetir que não tinha o direito de se casar, pois a imagem mitológica que fazia da sua personagem não comportava nenhum traço humano. Mas era nada mais nada menos a essa pretensão que ele renunciava agora e dando margem, assim, a se pensar que já não acreditava numa sobrevivência do nacional-socialismo. De fato, disse a seus convidados que essa ideia estava liquidada, não renasceria jamais. [117] Depois, abandonou a reunião para ir ditar suas últimas vontades noutra sala.

Hitler redigiu um testamento político e outro particular. O primeiro continha violentas acusações aos judeus, protestos de inocência pessoal e apelos ao espírito de resistência. “Séculos poderão passar, mas das ruas de nossas cidades e de nossos monumentos artísticos não deixará de se elevar o ódio contra o povo ao qual devemos tudo isto: o judaísmo internacional e seus cúmplices!”

Vinte e cinco anos já haviam transcorrido, ele conhecera uma ascensão sem igual, triunfos sem paralelos, depois crises de desespero e sérios reveses, mas, como constatou com espanto seu amigo da juventude August Kubizek, ao revê-lo em 1938, ele havia envelhecido, sim, mas não tinha mudado interiormente. Os trechos ideológicos de seu testamento político poderiam ter sido tirados, mesmo do ponto de vista do estilo, do primeiro testemunho escrito de sua carreira, a carta dirigida a Adolf Gemlich, datada de 1919, ou de um dos discursos do jovem agitador local. O fenômeno de fixação precoce, a refutação de toda experiência, tão característicos de Hitler, voltam a ser confirmados nesse testamento. Num parágrafo especial, ele expulsa Göring e Himmler do partido e os destitui de todas as suas funções. Para sucedê-lo como presidente do Reich, ministro da Guerra e comandante em chefe da Wehrmacht, designou o Almirante Dönitz. O testamento contém uma referência ao sentido de honra, especialmente desenvolvido na Marinha, que tinha a reputação de não aceitar uma rendição de modo algum, o que devia evidentemente ser interpretado como uma ordem de persistir na luta, com o sacrifício da própria vida, até a consumação da derrota. Ao mesmo tempo, ele nomeou um novo governo do Reich, tendo à frente Goebbels. O documento, no qual se buscaria inutilmente o mínimo indício de compreensão, de reconhecimento, de generosidade, uma palavra sequer sobre o aspecto patético daquela ocasião, era encerrado com esta frase: “Recomendo antes de mais nada ao governo do país uma estrita observância das leis raciais e uma

oposição implacável ao envenenador universal de todos os povos: o judaísmo internacional.” [118]

Enquanto o testamento político de Hitler reflete a pretensão de passar à posteridade, seu testamento pessoal é relativamente breve. Nele, se apresenta o filho do funcionário aduaneiro de Leonding que ele sempre foi, apesar de todos os disfarces, de todo o empenho em escapar à sua origem:

> Embora eu pensasse, durante os anos de luta, que não podia assumir a responsabilidade de me casar, decidi agora, no final de minha estrada terrena, tomar por esposa a moça que, após anos de amizade fiel, veio espontaneamente compartilhar da minha sorte na capital já sitiada. De acordo com o seu desejo expresso, ela entrará comigo nos domínios da morte na qualidade de esposa. A morte nos compensará o de que nos tem privado a minha tarefa a serviço do povo.
>
> O que possuo — desde que tenha algum valor — deixo para o partido. Se este não existir mais, para o estado. E, no caso de que o próprio estado seja extinto, outra decisão de minha parte obviamente não é mais necessária.
>
> Meus quadros, reunidos por mim no correr dos anos, não foram adquiridos com objetivo pessoal. Sempre os destinei a uma galeria de arte com a qual eu queria dotar minha cidade, Linz do Danúbio. Minha aspiração mais sincera seria a de que tal ideia fosse concretizada. Nomeio executor testamentário meu mais fiel companheiro do partido, Martin Bormann. Ele está autorizado a tomar todas as decisões finais e de direito. Também está autorizado a distribuir tudo o que possa ter valor afetivo, como lembrança pessoal, ou a destinar de meus bens a parte necessária à manutenção de um modesto padrão de vida burguês para meus irmãos e irmãs, assim como, e em especial, à mãe de minha esposa, e para todos os meus colaboradores e colaboradoras devotados, que Martin conhece melhor do que ninguém. Entre esses colaboradores figuram, de modo muito especial, meus ex-secretários, as secretárias, *Frau* Winter e outras que, durante todos esses anos, me ajudaram com o seu trabalho.
>
> Eu mesmo e minha esposa escolhemos a morte, a fim de escapar à vergonha da deposição ou da rendição. É nosso desejo pessoal sermos incinerados logo após, no mesmo lugar onde durante doze anos eu tenho passado a maior parte de meus dias a serviço de meu povo.

Os dois documentos foram assinados em 29 de abril, às 4 horas da manhã. Ficou decidido que seriam tiradas três cópias e, no decorrer daquele mesmo dia, diversas providências foram tomadas para encaminhá-las a destinos diversos fora do *bunker* . Um dos mensageiros foi o coronel von Below, assistente de Hitler da Luftwaffe, que levou consigo um pós-escrito dirigido ao general Keitel. Esta seria a derradeira mensagem de Hitler e tinha como fecho as seguintes frases bem características:

> O povo e a Wehrmacht jogaram nesse longo e interminável combate todos os seus recursos. Os sacrifícios têm sido imensos. Mas também se abusou muito da minha confiança. Deslealdade e traição minaram durante toda esta guerra as forças da resistência. Por isso, não me foi dado guiar meu povo à vitória. O estado-maior do exército não foi comparável ao estado-maior da Primeira Guerra Mundial. Seu desempenho fica bem longe da atuação dos *fronts* de batalha (…)
>
> Nesta guerra, os esforços e sacrifícios do povo alemão foram tão grandes que não posso crer hajam sido inúteis. O objetivo deve continuar a ser a conquista de espaço no Leste para o povo alemão. [119]

Diversas vezes naquelas derradeiras semanas, Hitler expressou o receio de

ser “exibido no Zoológico de Moscou” ou “forçado a aparecer num espetáculo encenado por judeus”. [120] Esse temor se acentuou quando soube, em 29 de abril, do fim dado a Mussolini. Dois dias antes, o *Duce* fora capturado por *partisans* numa cidadezinha do lago de Como e fuzilado com sua amante Clara Petacci sem maiores formalidades. Depois, os corpos foram levados para Milão e por fim ficaram pendurados pelos pés num posto de gasolina do Piazzale Loreto, onde uma multidão ululante os aviltou com pedradas, pontapés e cuspidas.

Muito impressionado com tal notícia, Hitler tomou as providências necessárias para seu próprio fim. Pediu a diversos subordinados que o serviam mais de perto, especialmente seu camareiro Heinz Linge, seu motorista Erich Kempka e seu piloto capitão Hans Bauer, para fazerem tudo a fim de que seus restos mortais não caíssem nas mãos do inimigo. As medidas que tomou foram uma espécie de derradeira demonstração de sua tendência à autodissimulação que persistiu até o fim, e não se pode imaginar contraste maior do que o preparado pelo destino aos dois estadistas. Enquanto Hitler ia buscar para si mesmo uma morte de alguma forma secreta, Mussolini tinha rogado a seus últimos companheiros a ir com ele para o Valtellina, e ali “morrerem com a cara ao sol”. [121]

Mas Hitler temeu que o veneno escolhido não fosse eficaz ou de efeito bastante rápido para provocar sua morte. Quis que o veneno fosse testado em sua cachorra. À meia-noite, *Blondi* foi levada a um dos banheiros do *bunker* , onde o sargento Tornow, que cuidava do canil de Hitler, abriu a boca do animal, enquanto o professor Haase, da equipe médica do quartel-general, com um conta-gotas deu-lhe uma ampola de veneno. Pouco depois, Hitler entrou no banheiro e fixou por instantes com o olhar vago o cadáver do animal. A seguir, convidou os moradores dos dois *bunkers* a virem dar-lhe o último adeus na sala de reuniões. Com ar ausente, foi passando por todos ali enfileirados, estendendo a mão a cada um. Alguns pronunciaram breves palavras, mas Adolf não respondia, ou movia os lábios sem que deles saísse qualquer som. Pouco depois das 3 horas da manhã, mandou um telegrama para Dönitz no qual deplorava a insuficiência de certas medidas militares e determinava ainda, como num último gesto de comando, “que se punissem o mais rápido possível e de modo implacável todos os traidores”.

Mas tratava-se provavelmente de uma derradeira manobra para retardar um pouco o fim já iminente, um meio de ganhar uma hora de graça, o tempo que representava aguardar a resposta e elaborar uma nova ficção. De todas as “decisões mais difíceis” de sua vida, essa, a derradeira, que ele tão comumente encarava como bagatela, era de modo evidente a mais difícil. A

reunião de situação teve lugar, como sempre, no decorrer da manhã. De expressão taciturna, ele soube que naquele meio-tempo as tropas soviéticas tinham ocupado o Tiergarten e seus arredores, a Potsdamer Platz e, na vizinhança da chancelaria do Reich, a estação de metrô de Vossstrasse. Mandou, então, que providenciassem duzentos litros de gasolina. Às 2 horas, fez uma refeição leve em companhia de suas secretárias e da dietista. Naquele exato momento, dois sargentos do exército soviético içavam a bandeira vermelha sobre a cúpula do Reichstag vizinho, sob fogo cerrado dos alemães. No fim da refeição, Hitler reuniu seus colaboradores mais chegados, entre os quais Goebbels, Bormann, os generais Burgdorf e Krebs, suas secretárias, senhora Christian e senhora Junge, e alguns ordenanças. Acompanhado por sua mulher, estendeu a mão a todos ali e retirou-se, silencioso, cabeça baixa. E como se a vida desse homem, que fora plena de tantas encenações singularmente espetaculares, não pudesse terminar senão com uma cena insólita, naquele momento, a crer no relato de testemunhas, precipitou-se no porão da chancelaria do Reich um baile, dançaram de alegria, no desafogo violento de uma tensão nervosa que já durava semanas. E mesmo a notícia, repetida com insistência, de que o Führer estava morrendo não interrompeu a manifestação de alívio. [122] Isso ocorreu em 30 de abril de 1945, um pouco antes das 4 da tarde.

O que aconteceu a seguir nunca foi completamente esclarecido. Segundo declarações da maioria dos sobreviventes do *bunker* , só se ouviu um tiro. Logo depois, o comandante da guarda SS, Rattenhuber, entrou no aposento do casal. Hitler estava sentado, curvado sobre o sofá, o rosto ensanguentado. Ao lado dele sua esposa, com um revólver não usado sobre os joelhos. Ela se envenenara. Os autores soviéticos dizem de modo geral que Hitler também ingeriu veneno. Mas há contradições na história dos soviéticos. Por um lado, eles negam que houvesse sinais de bala nos restos do crânio. Por outro lado, nessa mesma investigação se procurou com afinco descobrir quem, do círculo mais íntimo de Hitler, recebera a missão de dar-lhe, por razões de segurança, o “tiro de misericórdia”. Isso confirma a hipótese de que tenham querido fornecer uma reconstituição do suicídio ditada por motivos políticos. É como um eco dos esforços diversas vezes empreendidos antes para minimizar Hitler por meio do desprezo, como se certas mentalidades se recusassem a conceder que os moralmente repreensíveis possam demonstrar alguma capacidade e força. Assim como se tinha contestado sua Cruz de Ferro, seus dotes de estrategista político, ou, mais tarde, de estadista, agora lhe negavam postumamente a coragem exigida pela morte por um disparo único e preciso, manifestamente mais dura. [123]

Ao que consta, Rattenhuber fez remover os dois corpos para o pátio. Ali, embebeu-os de gasolina, trazida para o local havia pouco, e pediu aos assistentes da cerimônia fúnebre que subissem. Mal essas pessoas chegaram ao jardim, um bombardeio dos russos as fez recuar para a entrada do *bunker* . O ajudante de ordens SS de Hitler, Otto Gunsche, lançou nesse momento uma bola de estopa inflamada sobre os dois corpos e, quando ambos foram envolvidos pelas chamas, todos os presentes tomaram posição de sentido e os saudaram, com o braço estendido. Voltando ao local meia hora depois, um dos membros da guarda pessoal "já não foi mais capaz de reconhecer Hitler, porque seu corpo estava muito queimado" e, quando lá voltou de novo, por volta das 20h, "flocos", conforme sua expressão, "já flutuavam ao vento". Pouco antes das 23h, os restos mortais quase inteiramente consumidos foram depositados sobre uma lona, depois "numa cratera do terreno do jardim, causada por uma granada de artilharia bem na saída do *bunker* . Então, foram recobertos de terra, batida cuidadosamente com um socador de madeira". [124] Para usar uma daquelas imagens que lhe agradavam no início de sua carreira, Hitler ainda uma vez obtivera grande êxito ao fundamentar sua inclinação por um desaparecimento rápido e repentino na determinação de preferir "ser um Aquiles morto do que um cão vivo". [125] Era de lances imaginativos igualmente extravagantes que a ideia de sua própria morte sempre se revestira. Hitler ideara ser sepultado numa imensa cripta, sob o campanário do enorme edifício que pretendera construir às margens do Danúbio, em Linz [126] — e eis que era agora enterrado entre montes de escombros, restos de muros, betoneiras e detritos espalhados, sob um monte de terra batida, na cratera de uma bomba.

Ainda não é o fim da história. Dois dias depois que Goebbels, em seguida a uma vã tentativa de obter dos russos, "por ocasião da festa de 1º de maio, comum aos dois países", negociações de paz em separado, decidira suicidar-se, e que Bormann, com os demais ocupantes da chancelaria subterrânea, conseguira escapar, as tropas soviéticas tomaram posse do *bunker* abandonado e passaram de imediato a procurar o local onde estava o cadáver de Hitler. O relatório da necropsia, datado de 8 de maio de 1945, firmado por um médico legista, conclui "que o corpo provavelmente fora achado". Mas outros comunicados viriam desmentir tal afirmação. Depois, novamente os russos fizeram circular a notícia de que pelo menos se conseguira identificar Hitler após o exame de seu maxilar. Isso também logo se tornou questão controvertida, e chegou-se a divulgar que os ingleses tinham Hitler em suas mãos na sua zona de ocupação. Na Conferência de Potsdam, em fins de julho

de 1945, Stalin asseverou que o cadáver de Hitler não fora encontrado e que o Führer estava escondido em alguma parte da Espanha ou da América do Sul. [127] Por fim, os soviéticos chegaram a envolver essa questão em um tal véu de mistério que as versões mais disparatadas passaram a circular sobre o fim de Hitler. Uns juravam até sobre seu deus que ele fora morto no Tiergarten de Berlim por um comando de oficiais alemães; outros supunham que ele fugira a bordo de um submarino e estava agora numa ilha longínqua; depois, novos boatos diziam-no refugiado num mosteiro espanhol, ou numa fazenda da América do Sul. Em vida, Hitler devera em grande parte seu sucesso a um ou outro de seus adversários, e agora ainda encontrava alguém para lhe conferir a possibilidade de uma sobrevivência mitológica, como que em uma demonstração tardia de todos os erros da época.

Ainda que tal procedimento não viesse a ter a menor consequência, o fato é que se fazia um símbolo. E não é sem uma certa ênfase que isso atesta uma vez mais que o aparecimento de Hitler, as circunstâncias que envolveram sua escalada e seus triunfos estavam apoiadas em postulados que ultrapassavam amplamente a conjuntura alemã propriamente dita. Certamente que a toda nação cabe a responsabilidade de sua própria história. Mas só aqueles que sobreviveram às vicissitudes daquela época sem a terem compreendido substancialmente é que poderão ver nele apenas o representante de um só país e recusarão, assim, admitir que Hitler encarnava no mais alto grau a tendência típica de uma época sob o signo da qual se desenrolou toda a primeira metade do século XX.

Assim, Hitler não destruiu apenas a Alemanha: ele destruiu também a antiga Europa, com seus nacionalismos, seus conflitos, suas inimizades hereditárias e seus imperativos falsos, mas também sua grandeza, seu glamour e o encantamento de sua “doce vida”. É possível que ele se enganasse ao qualificá-la de “sobrevivente”. [128] Foram precisos seu espírito revolucionário, suas visões, sua febre de missionário e, a seguir, uma explosão de energia sem precedente para destruí-la. Mas não é menos verdade que ele jamais teria podido destruir a Europa sem ajuda desta mesma Europa.

Epílogo

A INCAPACIDADE DE SOBREVIVER

Certo dia, um homem me disse: "Ouça, se você fizer isso, a Alemanha desaparecerá dentro de seis semanas." E eu retruquei: "Que quer o senhor dizer com isso?" "A Alemanha afundará." Insisti: "Como assim?" "A Alemanha deixará de existir." Então repliquei: "O povo alemão sobreviveu outrora às guerras com os romanos. O povo alemão tem sobrevivido à migração dos povos. O povo alemão sobreviveu ainda aos grandes combates do começo e do fim da Idade Média.O povo alemão sobreviveu em seguida às guerras religiosas da era seguinte. O povo alemão sobreviveu depois à Guerra dos Trinta Anos. O povo alemão sobreviveu mais tarde às guerras napoleônicas, às guerras de libertação, e chegou mesmo a sobreviver a uma guerra mundial, depois à revolução — e sobreviverá a mim também!"

Adolf Hitler, 1938

COM A MORTE DE HITLER E A CAPITULAÇÃO , o nacional-socialismo desapareceu de cena quase sem transição, de um momento para o outro, como se fosse apenas o movimento, a embriaguez e a catástrofe provocados por Hitler. Não é por acaso que se percebem com frequência, nas narrações dos contemporâneos, referências que indicam que um "encanto" fora rompido, e um "sortilégio" conjurado. O caráter peculiarmente irreal do regime tanto quanto seu fim brusco são descritos através de frases feitas tiradas de um mundo mágico. Os especialistas da propaganda hitleriana falavam sempre de fortificações inconquistáveis nas montanhas, de redutos de resistência, assim como de unidades Werwolf [*lobisomem*] em permanente expansão; prediziam uma guerra além da que se desenrolava — mas nada disso se verificou. E se vê uma vez mais com nitidez o quanto o nacional-socialismo, e de resto o fascismo, dependia na sua essência do superpoder, da arrogância, do triunfo, e se achava profundamente desarmado no momento da derrota. Tem-se acentuado com justa razão que a Alemanha foi o único país vencido, no transcurso da Segunda Guerra Mundial, que não viu nascer nenhum movimento de resistência. [1]

Tal impermanência se traduziu no comportamento dos atores principais e funcionários do governo nazista, no esforço evidente que mostraram no julgamento de Nuremberg para assumir uma atitude de desligamento ideológico em relação aos fatos passados, para retirar todo significado às

maldades que tinham um sentido escatológico e renegá-las de tal maneira que, no fim de contas, tudo, a violência, a guerra, o assassinato em massa, tomava o aspecto de um terrível e estúpido mal-entendido. Essa inconsistência contribui certamente para dar a impressão de que o nacional-socialismo não era um fenômeno de exaltação comum a uma época, mas proveniente da sede de poder de um indivíduo isolado, assim como dos ressentimentos de um povo inquieto, ávido de conquistas; porque se ele estivesse profundamente enraizado em seu tempo e se tivesse sido um de seus movimentos elementares, a derrota militar não teria podido eliminá-lo e lançá-lo de modo tão abrupto na escuridão do esquecimento.

Seja como for, o nacional-socialismo deu ao mundo, no breve tempo de doze anos, outra fisionomia, e é evidente que acontecimentos de tal amplitude não podem, de nenhum modo, ser explicados pela ambição de um só homem. Eles não se tornaram possíveis senão porque esse homem era o ponto de encontro de múltiplas emoções, angústias e interesses, e porque energias poderosas da época o impulsionavam. Assim aparecem de novo o papel e a importância de Hitler em relação às forças que o cercavam: havia naquele cenário um gigantesco potencial de agressividade desordenada, de angústia, de anseio, de dedicação e de egoísmo, mas faltava uma personalidade autoritária para despertar essas energias, concentrá-las e delas se servir. E foi Hitler que deu ao nacional-socialismo seu impacto e sua autenticidade; com ele festejou suas esmagadoras vitórias, mas foi também com esse mesmo nacional-socialismo que ele pereceu.

Hitler não foi, contudo, apenas o denominador comum de todas as tendências da época; foi também quem imprimiu aos acontecimentos seu rumo, sua extensão e seu dinamismo: ele tirou partido da vantagem de não ter ideias preconcebidas e de subordinar tudo, princípios, adversários, companheiros de alianças, países, ideias, a seus objetivos desmedidos. Seu extremismo correspondeu à distância interior que guardava em relação a todas as forças. August Kubizek já sublinhara na fase da juventude a tendência de seu amigo Adolf a "passar por cima de milênios com a maior calma", [2] e mesmo que seja prudente não se exagerar a significação dessas fórmulas rememorativas, percebe-se a todo momento em Hitler um pouco dessa ingenuidade infantil em seu relacionamento com o mundo; como ele mesmo chegou a dizer, "abordava todas as coisas com uma ausência de prejulgamentos imensa e glacial". [3] Parece que, ao contrário de sua pretensão, que ele data mesmo de sua juventude, Hitler jamais compreendeu bem o que é a história; considerava a história uma espécie de panteão da fama aberto aos ambiciosos. Nada sabia sobre o sentido e o direito do passado. Apesar da

atmosfera de decadência burguesa, a despeito do ar viciado que o cercava, ele era um *homo novus* . Foi com uma indiferença abstrata que se lançou à realização de seus intentos. Onde outros estadistas levavam em conta a realidade das permanentes relações de força, Hitler fazia tábula rasa. Assim como reprojetou uma Berlim nova e megalômana sem se interessar no quanto era subsistente, mudou o mapa da Europa, refeita muito além das fronteiras da guerra e das transferências de poder, destruiu impérios e contribuiu para a ascensão de novas potências, provocou revoluções, e levou ao termo a era colonial; dilatou enormemente o horizonte da experiência humana. Para se usar, sob outra forma, uma frase de Schopenhauer, a quem Hitler venerava, podemos dizer que Hitler deu ao mundo uma lição que o mundo jamais esquecerá.

Entre as motivações que nele correspondiam a uma forte corrente espiritual de seu tempo, existia um sentimento imperioso de ameaça: a angústia em face de um processo de aniquilamento de que no decorrer dos séculos numerosos estados e povos tinham sido vítimas e que representava, agora, na encruzilhada de toda a história, uma força universal ameaçando a humanidade. Uma das fotos da Nova Chancelaria mostra sobre a mesa de Hitler um livro com o título *Die Rettung der Welt* , [4] *A salvação do mundo* , e em diversas etapas de sua vida se percebe claramente que ele buscava assumir formalmente o papel de salvador. Não via nisso apenas a sua vocação, sua “tarefa de ciclope”, mas, nessa vida dominada por considerações de encenador, Hitler aspirava também ao grande desempenho exemplar que se ligava às lembranças da ópera favorita de sua juventude, *Lohengrin* , [5] e às lendas de muitos herois libertadores e cavaleiros brancos.

A ideia de salvação estava inseparavelmente ligada em sua mente à auto-afirmação da Europa. Não havia outra região nem outra cultura válida; todos os demais continentes não passavam de áreas geográficas, espaço destinado à escravidão e à exploração, superfícies vazias desprovidas de história: *hic sunt leones* . A presença de Hitler era, pois, ao mesmo tempo, uma derradeira expressão da reivindicação europeia: ser dona de sua própria história e, assim, de toda a história. Na imagem que fazia do mundo, a Europa desempenhava, em última análise, o mesmo papel que o germanismo na sua consciência quando jovem: o valor supremo, ameaçado, e já quase perdido. Hitler tinha uma percepção aguda do movimento de dissolução ao qual o continente se via exposto por todos os lados; sabia ameaçada a Europa em sua existência, tanto do exterior como do interior: ameaçada pelas “raças inferiores” da Ásia, da África e da América, que se multiplicavam a olhos vistos a ponto de sufocá-

la; e ameaçada também pelas ideologias democráticas que renegavam sua tradição, sua história e sua grandeza.

Ele mesmo era, seguramente, uma figura da era democrática, mas dela só encarnava a variante antiliberal, caracterizada por uma mistura de tendências plebiscitárias e de carisma autoritário. Entre as lições jamais esquecidas da revolução de novembro de 1918, estava a constatação de uma relação obscura entre democracia e anarquia: o fato de que as condições caóticas eram na verdade a expressão autêntica do poder popular — e que a lei desse poder era o arbitrário. Não é, pois, difícil de interpretar também a ascensão de Hitler como um último e desesperado esforço de manter a antiga Europa nas condições familiares de sua grandeza, de defender a consciência do estilo, da ordem e da autoridade contra o destroçamento que era a idade democrática, com o direito de expressão das massas, o encorajamento igualitário da plebe, a emancipação e a degradação da identidade nacional e racial. Ele via o continente sofrer um duplo e poderoso ataque: invadido e engolido pelo capitalismo americano "sem alma", de uma parte, e pelo bolchevismo russo "desumano" de outra. Com razão definiu como um "combate de vida ou morte" a natureza de seu dever. [6]

Retomando-se essas ideias já num plano global, não é difícil descobrir nelas o dilema com que se defrontaram os primeiros partidários do fascismo, como aquelas classes médias que, num clima geral de pânico, viam-se pouco a pouco esmagadas, de um lado pelos sindicatos, do outro pelos grandes empórios, pelos comunistas e pelos conglomerados anônimos. Nesse contexto, Hitler apareceu como a tentativa de uma espécie de terceira força entre as duas forças dominantes daquela época, entre a esquerda e a direita, entre o leste e o oeste. Isso é que conferiu a sua personagem esse duplo caráter, não apreendido pelas definições de sentido único que o enquadram como "conservador", "reacionário", "capitalista", ou "pequeno-burguês". Ao se ater ao ponto onde se cruzavam todas essas posições, ele participava de todas e lhes usurpava os elementos essenciais, mas estabelecendo um elo entre elas para construir uma personagem realmente única. Com a subida de Hitler ao poder, encerrou-se a competição que Wilson e Lênin tinham aberto pela Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial. [7] O primeiro a favor da democracia parlamentar e da ideia da paz entre os povos, o outro pela causa da revolução mundial. Essa discussão só reacenderia doze anos depois, e se encerrou de maneira salomônica com a partilha do país.

Se a terceira posição procurada por Hitler devia englobar todo o continente europeu, era na Alemanha que devia estar seu núcleo energético: a missão do Reich consistia em estimular novamente a Europa exausta e despertar a

consciência de sua grandeza. Ele queria retomar a fase imperialista da evolução alemã, que se frustrara, e, como retardatário da história, obter o prêmio mais alto possível, a supremacia na Europa, assegurado por uma vasta expansão para o leste — e, da Europa, partir para a supremacia no mundo. Com razão, baseava-se no fato de que a Terra, já dividida em esferas de influência, em breve não ofereceria mais a possibilidade de um *imperium* , e como pensava sempre em alternativas nítidas, a seus olhos a Alemanha estava destinada ou a fundar um império mundial, ou a "terminar sua existência como uma segunda Holanda, ou segunda Suíça", se não simplesmente ainda a "desaparecer da face da Terra ou pôr-se a serviço de outros, qual uma nação de escravos". [8] A consideração de tais projetos serem desproporcionais às forças e possibilidades do país não o inquietava seriamente; tratava-se mais, pensava, "de forçar o povo alemão, hesitante quanto ao seu destino, a tomar o caminho da grandeza". A ideia de que com esse objetivo havia o risco do fim da Alemanha, numa conversa durante a guerra em que voltava à baila a linguagem dos primeiros anos, só o fez observar que "isso desarrumaria tudo". [9]

O nacionalismo de Hitler não era, portanto, desprovido também de ambiguidade — e ele passava sem preocupação para muito além dos interesses do país. Mas foi bastante violento para desencadear de todos os lados a resistência. Realmente, se as ideias formuladas por Hitler correspondiam em grande parte à necessidade de defesa de uma época e de uma região do mundo, e se suas palavras messiânicas encontravam eco muito além das fronteiras, de modo a que até por isso a Alemanha fosse respeitada ou mesmo invejada, [10] Hitler nunca conseguiu conferir a seus planos senão um perfil nacional, estreito e duro. Numa de suas reflexões feitas no *bunker* , na primavera de 1945, ele mesmo se considerou "a última oportunidade da Europa" e tentou, sob esse prisma, justificar o apelo à força contra o continente: "Não se poderia conquistar a Europa pelo agrado e a persuasão. Para possuí-la era necessário o emprego de violência". [11] Mas Hitler jamais representara com exatidão essa oportunidade para a Europa, mesmo sob forma embrionária, nem como ilusão ou cálculo tático. Em nenhum momento conseguira, além das fronteiras nacionais, pesar realmente na balança a título de solução política de substituição. Foi durante a guerra, quando se tratou de, com possibilidades de êxito muito reduzidas, dar um caráter europeu à campanha contra a União Soviética, que Hitler se revelou o inimigo declarado do "internacionalismo", como tinha sido desde sua mocidade, ele, o homem originário de uma província profundamente europeia, obcecado pelos antagonismos de uma era em declínio.

❖ ❖

Uma vez mais, nossa atenção é atraída pela posição curiosa preenchida por Hitler em sua época. Apesar de todas as reservas que suscitava, ele foi encarado durante muito tempo como a verdadeira encarnação do espírito progressista e do modernismo. Assim como a nossa sensibilidade atual se impressiona com o seu caráter anacrônico, a maioria de seus contemporâneos o via como o homem de olhos abertos para o futuro. Nos anos 1930 e 1940 era considerado muito moderno o espetáculo variegado resultante das sucessivas realizações da técnica e da ideia coletiva da ordem, as proporções monumentais, as atitudes combativas, a arrogância das massas e a aura das estrelas. Aí se via um reflexo da mentalidade do tempo, e um dos motivos de êxito do nacional-socialismo se prende justamente ao fato de que soube explorar com imaginação todos esses elementos. Até o gesto de comando de fortes personalidades fazia parte desse clima, e a época da ascensão e dos êxitos de Hitler se situou de modo amplo sob o signo de tendências cesaristas, que iam até o culto totalitário do chefe na União Soviética stalinista e se refletiam ainda no estilo autocrático de Roosevelt. Pronunciando-se abertamente e com grande rigor de princípios a favor desse tipo de domínio, Hitler, sob aquele pano de fundo, aparecia como o anunciador dos novos tempos. De sua parte, sublinhou o caráter otimista e futurista do nacional-socialismo, mais que seus traços retrógrados, impregnados de nostalgia pessimista, sempre lembrados sobretudo por Himmler e Darré, assim como por numerosos comandantes da SS.

Na realidade, Hitler tinha medo do futuro; era feliz, dizia à mesa do QG do Führer, por viver só as primícias da era tecnicista; as gerações futuras não mais saberiam "o quanto o mundo fora belo". [12] Apesar de todos os gestos progressistas, sua índole era profundamente retrógrada, enraizada nas imagens, nas normas e motivações do século XIX que ele via, ao lado da antiguidade clássica, como o mais importante de toda a história humana. Mesmo que seu fim possa parecer vulgar e teatral, nele se percebem ainda dois aspectos da época que ele admirava e encarnava ao mesmo tempo: um pouco de sua brilhante estridência, tal como a expressavam os temas do *Crepúsculo dos Deuses* , mas um pouco também de seu aspecto grotesco, quando jazia morto sobre o sofá do *bunker* ao lado de sua devotada amante, como um jogador da época do fraque e da cartola. Com esse final, ele saía do plano temporal e descobria, uma vez mais, ainda, o fundo incomum de seu íntimo.

Diante desse pano de fundo, o fenômeno de retenção, observado com tanta frequência no decorrer de sua vida, assume seu verdadeiro significado: Hitler

queria reter o momento particular em que o mundo se apresentara a seus olhos, na adolescência. Contrariamente ao tipo geral dos fascistas, diferente de um Mussolini, de um Maurras ou do próprio Himmler, não era a história que o atraía, mas sim o estágio de sua própria formação cultural, nos instantes de prazer e de angústia de sua puberdade. A salvação a que visava devia, pois, ocorrer sob o signo do grande século XIX. A ideologia global de Hitler, suas fixações na luta pela vida, pela pureza racial e pelo espaço vital, a admiração manifestada até o fim pelos ídolos e grandes homens de sua juventude revelam toda a amplitude de sua obsessão. Os simples reflexos da vontade dos grandes homens pareciam constituir, a seu ver, a própria história, e disso voltou a dar prova já no fim de sua vida, quando, em abril de 1945, a morte de Roosevelt lhe inspirou esperanças absurdas. As inúmeras dificuldades que tinha em figurar o futuro o fixam igualmente nos limites deste século XX: a cifra terrificante de 140 habitantes por quilômetro quadrado, com a qual Hitler se empenhava em justificar sua reivindicação de espaço vital, é repisada sem cessar em seus discursos. Ele revela aí sua incapacidade de encontrar autênticas soluções modernas, por assim dizer, de espaço vital interno. Demonstra assim que seu "modernismo" não era, pelo menos em parte, senão um procedimento demagógico. Numa frase menos exagerada que sarcástica, poder-se-ia dizer que, no conjunto, o mundo, que se achava à beira da era atômica, tornava-se a seus olhos idêntico ao que descobrira nos romances de Karl May, como viria a declarar pela derradeira vez em fevereiro de 1942, com um toque de gratidão. [13]

A própria natureza do engrandecimento, encarava-a como a abordavam as ilustrações dos antigos livros de aventuras: para ele tal noção correspondia à ideia romântica do super-homem solitário. Não desejava apenas ser grande em si mesmo, mas sê-lo também no estilo e com o temperamento de um artista. Este traço é uma das constantes de sua ideologia; quando proclamou, num de seus discursos, a "ditadura do gênio", estava pensando certamente no direito de soberania exercido pelos artistas. [14] De maneira característica, definiu a grandeza como "heroica", tomando como exemplos Frederico, o Grande, e Richard Wagner, duas figuras ligadas ao mesmo tempo ao domínio artístico e ao político. A esse propósito, afirmou que a crítica mais séria a ser feita ao seu adversário dos primeiros tempos Gustav von Kahr, residia em não ser ele "uma figura heroica". [15] No fundo, absorvia a grandeza na estatuária, consumada principalmente nos monumentos, e não há necessidade de interpretações pormenorizadas para apreender o caráter psicopático de tal atitude, o traço ingênuo e pueril que surge nessas concepções, assim como seu aspecto forçado e artificial. A atitude de homem voluntarioso, que ele se empenhava em adotar, estava impregnada de tal aspecto e deixava

transparecer toda a apatia, toda a indecisão e fragilidade nervosa que buscava dissimular. Não se pode esquecer que precisava sem cessar de impulsos artificiais para levar a efeito seus grandes gestos enérgicos, que conservavam sempre um certo toque mecânico, como se seus músculos tivessem sido galvanizados. Sua amoralidade parecia igualmente artificial e forçada. A esse respeito, teria voluntariamente adotado a frieza de uma natureza autoritária, livre e forte, para ocultar até que ponto era sujeito a hesitações íntimas. Apesar de toda a liberdade de ação maquiavélica, com a qual se comprazia, encarnava bem mais o tipo do criminoso tímido, e não estava, seguramente, livre de escrúpulos, mesmo tratando a moral de "quimera". [16] Tinha uma índole glacial e sofria de perturbações digestivas: também não é difícil de inferir que, por sua constituição, o tipo de homem que apresenta essa mistura pertence ao século XIX. Sua fragilidade nervosa era compensada por uma natureza de super-homem: aí também se encontra o elo indubitável de Hitler com a época tardia da burguesia, a época de Gobineau, de Wagner, de Nietzsche.

O que caracteriza essa ligação é justamente o fato de Hitler ser a uma só vez frágil e distante; e foi qualificado com razão de "*détaché* ". [17] Apesar de todas as suas inclinações culturais burguesas, não pertencia verdadeiramente ao mundo burguês, jamais, pelo menos, se enraizara nele de modo profundo para participar de suas limitações. É por essa razão que seu empenho de resistência era tão cheio de ressentimentos, e foi por isso também que defendeu até mesmo a destruição do mundo que alegava proteger.

É também sob tal aspecto que esse homem retrógrado, impregnado, sem dúvida, de século XIX, fez entrar no século XX não só a Alemanha, mas vastas partes do mundo afetadas por sua dinâmica: o lugar de Hitler na história se aproxima bem mais daquele dos grandes revolucionários do que daquele que cabe aos dominadores conservadores e prudentes. Certamente, seus impulsos decisivos derivavam de sua intenção de impedir o advento dos tempos modernos, e de retornar, por uma grande correção da história mundial, ao ponto de partida de todos os erros e todas as evoluções desastrosas. Como ele mesmo chegou a enunciar, começara como um revolucionário contra a revolução. [18] Mas a mobilização das forças e da vontade reclamada por sua missão de salvamento acelerou extraordinariamente o processo de emancipação; e o excesso de autoridade, de formalismo e de ordem, ligado à sua aparição, como que enfraqueceu justamente o caráter absolutista, para tornar vitoriosas as ideologias democráticas às quais se opunha com uma energia desesperada. Ainda que execrando a revolução, ele se tornou na realidade a imagem alemã da revolução.

Certamente, após 1918, a Alemanha encontrava-se pelo menos num processo agudo de transformação. Mas era um processo sem arrebatamento e cheio de indecisão. Hitler lhe deu o toque extremado que o tornou propriamente revolucionário e modificou profundamente o país, até então estratificado e mantido sob a influência de toda espécie de estruturas sociais autoritárias. Sob as reivindicações do estado totalitário, respeitáveis instituições afundaram, os homens foram desligados de suas condições de vida tradicionais, os privilégios foram anulados e todas as autoridades que não eram delegadas ou apoiadas por Hitler foram destruídas. Ele conseguiu na ocasião sufocar as angústias e os efeitos de desarraigamento que se seguem de modo geral à ruptura com o passado, ou transformá-los em energia socialmente útil, porque sabia se apresentar diante das massas de maneira convincente, como uma autoridade geral de substituição; mas, sobretudo, eliminou o sintoma mais concreto da angústia em face de um porvir revolucionário: a esquerda marxista.

É certo que em tudo isso a violência desempenhou seu papel. Mas Hitler se opôs de modo bem mais eficaz ao mito da revolução mundial e da força histórica do proletariado ao apresentar sua própria ideologia concorrente. Para Clara Zetkin, os fascistas eram recrutados sobretudo entre os frustrados de todas as camadas sociais, "os mais competentes, os mais fortes, mais decididos, os mais audaciosos de todas as classes" [19] — e ninguém senão Hitler poderia agrupá-los num movimento de massa, novo e forte. Mesmo se isso não durasse, a palavra de ordem com a qual Joseph Goebbels começou a luta contra a "Berlim vermelha" — "Adolf Hitler devora Karl Marx" — não era tão audaciosa como parecia à primeira vista. Em todo caso, a utopia da reconciliação das classes, oposta em tom de desafio à utopia da ditadura de uma classe sobre todas as outras, mostrava-se tão nitidamente superior que Hitler estava em condições de atrair para si até mesmo uma parte importante do proletariado tão temido, e de incorporá-lo a seu amálgama colorido onde se reuniam todas as classes, consciências e existências. Nessa medida, realizou seguramente sua intenção de ser o "destruidor do marxismo", e, em todo caso, não foi o último gesto desesperado do capitalismo em declínio, como alegam tantas ideologias mistificadoras.

Como figura da revolução social alemã, Hitler representa, portanto, um fenômeno ambivalente; seu "ser dúplice", muitas vezes já mencionado, jamais apareceu de maneira tão nítida como nesse contexto. Não se pode dizer, é verdade, que a revolução que tinha sido obra sua se produzisse contra suas intenções; a ideia revolucionária de "renovação", de transformação do estado e da sociedade numa comunidade nacional-popular, livre de conflitos,

predominava sempre. Hitler era possuído da vontade de mudar, tinha uma ideia clara do objetivo e era capaz de ligar uma e outra. Se o compararmos com as personalidades políticas do período de Weimar, com os Hugenbergs, Brunings, Papens, Breitscheids e seguramente com o chefe comunista Thälmann, não se pode deixar de ver nele o personagem mais moderno. Mesmo as circunstâncias da revolução nacional-socialista, seu ativismo sombrio, sua compulsividade e sua voracidade sem programa não podem impedir-nos de classificar de revolucionário seu autor e animador, até porque quase todos os processos violentos de mudança parecem, vistos de perto, um "charlatanismo patético e sangrento". [20] Talvez não se deva apreciar de maneira isolada a ditadura de Hitler, mas é necessário vê-lo como a fase terrorista, de certa forma jacobinista, daquela ampla revolução social que precipitou a Alemanha para o século XX e que ainda hoje não terminou.

E no entanto a dúvida permanece se tal revolução não foi muito mais fortuita, mais cega e menos orientada do que parece em retrospecto; e se as modificações ocorridas, em lugar de serem o fruto de uma longa reflexão, não se basearam unicamente no espírito arbitrário de Hitler e em sua ausência de ideias preconcebidas, numa ideia imperfeita do que representava a Alemanha, na sua particularidade social, histórica e psicológica; e se, ao se referir ao passado, em imagens luminosas, ele não visava unicamente a um tradicionalismo vazio que o ajudava a disfarçar o medo do futuro com o ouropel do folclore.

Vêm dúvidas também da tendência do nacional-socialismo de atribuir a si mesmo um disfarce ideológico extremamente conservador; cabe indagar se ele não se assemelharia assim ao *communard* que tinha derramado algumas gotas de água benta em seu petróleo. O que ele não queria de modo algum era a restauração do estado de privilégios pré-industrial, e toda a mascarada não evitaria perceber-se que, apesar de sua intenção de restabelecer o passado alemão, sua dignidade, seu encanto pastoral, sua nobreza, o país se precipitava no presente com uma violência revolucionária. Ele o impossibilitava de uma vez por todas de retornar ao estado autoritário de outrora, que o temperamento conservador dos alemães tinha mantido através de todas as modificações sociais. Paradoxalmente, foi com Hitler que terminou, na Alemanha, o século XIX.

Se Hitler parecia anacrônico, no fundo foi mais moderno ou mais resoluto quanto à modernidade do que todos os seus adversários na política interna. O aspecto trágico da resistência conservadora residiu justamente em que sua clarividência moral tenha sido muito maior do que sua visão política: a Alemanha autoritária, profundamente imbricada em seus atrasos românticos,

sustentava um combate sem esperança com o presente. [21] A superioridade de Hitler sobre todos os seus rivais, incluindo-se os social-democratas, residia justamente em ter compreendido de modo mais penetrante e decisivo a necessidade de modificações. Se renegava o mundo moderno, era, entretanto, sob o signo do modernismo que agia e conferia às suas emoções os traços do espírito do tempo. Hitler experimentou de modo profundo a contradição na qual se achava forçosamente mergulhado, na qualidade de revolucionário. Por exemplo, de um lado felicitava os social-democratas alemães por terem repudiado a monarquia em 1918, e de outro falava dos "graves padecimentos" que toda transformação social provoca. [22] Se não agrada qualificá-lo de revolucionário, isso reside, afinal, em que, na consciência de todos, a ideia de revolução está estreitamente ligada à noção de progresso. Mas o reinado de Hitler não deixou de causar uma modificação da terminologia usual, e uma de suas consequências evidentes está em que o conceito de revolução perdeu o acretivo moral que por longo tempo teve.

A revolução nacional-socialista não se satisfez contudo em destruir estruturas sociais caducas; sua ressonância psicológica não foi menos profunda, e talvez aí residam suas consequências mais amplas: ela mudou de alto a baixo as relações da Alemanha com a política. Em numerosas passagens deste livro mencionamos o quanto o mundo alemão estava alheio da política e voltado para suas tendências, virtudes e objetivos de ordem privada. O sucesso de Hitler deveu-se em parte a esse estado de coisas. Ao nos inteirarmos de sua história, impressiona o vazio humano que o cercava. Os homens aí não aparecem senão de maneira ocasional, como se surgissem de muito longe. São o elemento passivo, o instrumento ou decoração. Essa ausência reflete a atitude tradicional dos alemães em se tratando de política, atitude que o regime soube explorar com grande habilidade. A nação, limitada aos desfiles, aos braços erguidos em saudação ou aos aplausos, se sentia menos excluída do que liberada da política por Hitler. Todo o catálogo de valores, como Terceiro Reich, comunidade nacional-popular, princípio do chefe, destino, grandeza, não podia senão angariar vastos aplausos, porquanto significava uma renúncia à política, ao mundo dos partidos e dos parlamentos, das tergiversações e dos compromissos. Poucas coisas terão sido aceitas e compreendidas tão espontaneamente como a tendência de Hitler a raciocinar em termos heroicos mais que políticos, em termos trágicos em vez de sociais, e a substituir o interesse comum por sucedâneos místicos cheios de impacto. Já se disse a propósito de Richard Wagner que ele fez música para os não-musicais; [23] pode-se completar o comentário: Hitler fez política para os apolíticos.

Hitler acabou com essa não-politização alemã de duas maneiras: antes de tudo, por uma mobilização totalitária incessante, levou os homens à força para a esfera pública, e mesmo que isso mais se desse por ocasião de festejos coletivos de impacto, destinados justamente a exaurir todo o interesse político, ele não pôde evitar que daí nascesse um novo campo de experiências. Pela primeira vez, a nação era arrancada, de modo sistemático, de seu mundo privado. Eram, certamente, formas ritualísticas de participação, autorizadas ou exigidas pelo regime, mas transformavam assim mesmo a consciência comum. Sob os efeitos da revolução social solapadora, a vida interior e familiar dos alemães se desagregou pouco a pouco, já se via diminuir todo aquele domínio do prazer pessoal da existência, com seus sonhos, sua felicidade particular, e a nostalgia de uma política apolítica.

Mas, por outro lado, o choque causado pela catástrofe política e moral que Hitler fez desencadear sobre seu país agira igualmente sobre a consciência pública: Auschwitz foi de algum modo a vergonha do mundo interior alemão e suscitou sua renúncia autística. É realmente exato que a maioria dos alemães nada sabia do que era praticado nos campos de extermínio, e, em todo caso, tiveram disso uma informação muito menos precisa do que a opinião mundial, que, depois de fins de 1941, escutaria sem cessar gritos de alarma, chamando sua atenção sobre o crime coletivo. [24] A apatia e a ausência de reação com que a população acolheu aqueles rumores se atinham em grande parte ao fato de que os acontecimentos desenrolados nos campos de concentração eram do domínio daquela esfera política que sempre lhes fora estranha ou indiferente.

Da mesma forma, a tendência a fechar os olhos a esse passado manifestada pelos alemães após 1945 encontra aqui uma de suas razões. Porque dar fim a Hitler significava, pelo menos em parte, pôr fim a uma forma de vida, despedir-se do mundo e do padrão cultural de que ele fora por longo tempo o representante. Foi necessário vir a geração seguinte para completar a ruptura e cortar as ligações com o passado, sem ser embaraçada por sentimentos, preconceitos e lembranças ainda recentes. Paradoxalmente, foi essa geração que de alguma forma levou a cabo a revolução de Hitler. Ela pensa em termos políticos, sociais, pragmáticos, e isto num grau inusitado para a Alemanha; fora alguns fenômenos marginais, ela tem renunciado a todo extremismo intelectual, a toda paixão associal por teorias grandiosas e considera ultrapassado o que caracteriza há tanto tempo o pensamento alemão, isto é, o sistemático, a profundidade e o desdém pela realidade. Argumenta de maneira realista, objetiva, e, para retomarmos a famosa frase de Bertolt Brecht, não se põe mais a conversar sobre árvores; [25] sua consciência é extremamente atual; abandonou os domínios de um passado que nunca existira, e de um futuro

imaginário. Pela primeira vez, o país pretende as pazes com a realidade. Mas, ao mesmo tempo, o pensamento alemão perde algo de sua identidade; ele se exerce de maneira empírica, se inclina ao compromisso e se concentra sobre o interesse comum. A "esfinge alemã", de que falava Carlo Sforza pouco antes da subida de Hitler ao poder, [26] confidenciou seu segredo; para o mundo é um alívio.

Na Alemanha, como em outros lugares, as tendências fascistas ou aparentadas têm no entanto subsistido: restaram sobretudo algumas premissas psicológicas, ainda que não se mostrem em relação direta com o nacional-socialismo ou apareçam sob um rótulo inusitado, em geral de esquerda. Dá-se o mesmo quanto a certas manifestações sociais e econômicas secundárias. As premissas ideológicas foram mais efêmeras, por exemplo, o nacionalismo de entre-guerras, a aspiração inquieta a um papel de grande potência, ou o anticomunismo pânico. De uma ordem estável e escravizante passou-se à era desprovida de segurança das sociedades modernas e, enquanto durar a crise de adaptação, haverá certos fatores de reação, favorecendo soluções de cunho fascista. Ainda não se sabe muito bem como contornar essa crise de maneira mais eficiente, porque a experiência do nacional-socialismo não acelerou a análise racional das causas reais da guerra, ao contrário, durante longo tempo a entravou. A sombra gigantesca projetada pelos campos de concentração impedia de se ver em que medida os fenômenos em questão estavam ligados às necessidades de uma época ou aos anseios mais comuns do homem, à angústia em face do futuro, aos motivos de resistência, à transfiguração emocional de coisas simples, ao atavismo nostálgico dos iluminados, à sensação de que tudo podia ter sido diferente, que se podia reviver um caminho primitivo original.

São aspectos dos acontecimentos que ficaram ocultos por muito tempo. A indignação moral impediu de ver que as pessoas que seguiam Hitler, que tomavam parte nos grandes desfiles, ovações e atos bárbaros, eram seres humanos, não eram monstros. A inquietude mundial do fim da década de 1960 fez reaparecer inúmeros elementos que despontam das descrições do clima pré-fascista: o desejo pessimista de negação, o anseio por espontaneidade, fervor e clareza, a veemência própria da juventude quando não a estetização da violência. É verdade que, entre essas duas épocas, a distância continua grande. Todas as coincidências entre esses fenômenos mais recentes e os movimentos anteriores convergem sempre sobre o problema dos fracos e dos oprimidos ao qual o fascismo não teve nenhuma resposta. [27] Intitulando-se o "maior libertador da humanidade", Hitler pensava de maneira

característica na “doutrina redentora da nulidade do indivíduo”. [28] Mas é necessário considerar que a síndrome fascista não surgiu em caso algum no passado sob uma forma pura que englobasse todos os elementos, e que há sempre o risco de vir a tomar uma nova configuração.

Na medida em que o fascismo cria suas raízes no sentimento de crise vigente na época, permanece latente e não terá fim senão junto com essa mesma época. Como representa em alto grau uma reação e um reflexo desesperado de defesa, é próprio de sua índole que as condições que presidem o seu nascimento sejam apenas isto: condições. Em outras palavras, os movimentos fascistas, mais do que os de outros grupamentos políticos, têm necessidade de um chefe. Este é que concentra os ressentimentos, indica os inimigos, transforma a depressão em euforia e confere aos fracos a consciência de sua força. Um dos desempenhos mais notáveis de Hitler foi o de saber extrair de uma crise nervosa a abertura de amplas perspectivas; melhor do que nenhum outro, ele descobriu as possibilidades ideológicas e dinâmicas dos anos de entre as duas grandes guerras. Mas, com sua queda, tudo isso ruiu necessariamente; os sentimentos exagerados, amplificados e deliberadamente explorados recaíram de imediato na desordem difusa onde se originaram.

Notas do volume 2

PARTE V – A TOMADA DO PODER

1. "Deixar correr", pensava von Neurath, ele próprio membro do gabinete; cf. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 141

2. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 256

3. H. Schacht, *Abrechnung mit Hitler* , p. 31; o apelo é transcrito por M. Domarus, p. 191 e seg.

4. Cf. a esse respeito Paul Kluke, "Nationalsozialistische Europaideologie" in VJHfZ 1955/3, p. 244, que sustenta que o comportamento de Hitler "só pode ser explicado pelo sentimento de triunfo que o dominou de imediato na hora em que por fim obteve o poder"; ver também H.B. Gisevius, *Adolf Hitler* , p. 175

   O texto da alocução não foi transmitido, mas há vários relatos de pessoas presentes, quase sempre minuciosos e se completando de modo pertinente. Cf. por ex., o registro feito pelo segundo ajudante de ordens de von Hammerstein, Horst von Mellenthin, em *Zeugenschrifttum des IfZ Munich* , nº 105, p. 1 e seg. de onde provém também a descrição citada no parágrafo seguinte; ver também as notas, redigidas durante o discurso, do general Liebmann, na documentação de Thilo Vogelsang, VJHfZ 1954/2, p. 434 e seg., assim como a declaração de Raeder em Nuremberg, IMT XIV, p. 28, que assegura evidentemente "não terem sido tratados de nenhum modo planos de guerra e que não houve intenções belicosas". A afirmação de Raeder de que as declarações de Hitler teriam exercido "sobre todos os ouvintes um efeito tranquilizador" foi contestada entre outros pelo general von der Bussche; cf. a esse respeito K. von Hammerstein, *Spähtrupp* , p. 64. O próprio Hitler teria declarado a Blomberg que aquela fala tinha sido "um de seus discursos mais penosos", porque durante todo o tempo, "ele falara para as paredes"; cf. H. Foertsch, *Shuld und Verhängnis* , p. 33

5. Segundo K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 220

6. Cf. o derradeiro relato da situação de que se tem notícia, datado de 27 de

abril de 1945, citado em *Der Spiegel* , de 10 de janeiro de 1966. Detalhe sintomático: Goebbels acrescenta que em 1938 por ocasião do Anschluss, "teria sido preferível que Viena resistisse, porque assim teríamos podido anular tudo". Cf. também *Tischgespräche* , pp. 364, 366

7. M. Domarus, p. 202 e seg., assim como p. 200

8. F. von Papen, *op. cit* ., p. 294

9. Erich Gritzbach, *Hermann Göring, Werk und Mensch* , p. 31; cf. também C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 66. O fato de que em 32 coronéis de polícia 22 foram demitidos dá uma ideia da amplitude dessas medidas. "Centenas de oficiais e milhares de agentes de polícia sofreram o mesmo destino nos meses seguintes. Novos elementos foram recrutados". Eles provinham sempre do grande reservatório da SA e da SS, escreveu o próprio Göring em *Aufbau einer Nation* , p. 84

10. K.D. Bracher, *Machttergreifung* , p. 73; ademais E. Crankshaw, *Die Gestapo* , p. 35 e seg., onde há uma descrição pitoresca do fato. Sobre a observação de Göring, cf. *Aufbau einer Nation* , p. 86 e seg.

11. Discurso durante uma manifestação do Partido, em Frankfurt sobre o Main, a 3 de março de 1933; cf. H. Göring, *Reden und Aufsätze* , p. 27

12. M. Domarus, *op. cit* ., p. 208

13. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 256 e seg.

14. O desenrolar e a importância da manifestação só foram percebidos durante o processo de Nuremberg; cf. o minucioso IMT XXXV, p. 42 e seg., ver também IMT V, p. 177 e seg.; XII, p. 497 e seg. assim como XXXVI, p. 520 e seg.

15. Cf. M. Domarus, p. 214, 207, 209, 211; assim como Baynes, I, p. 252, 238

16. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 254

17. *Ibid* ., p. 86. Sobre a opinião de Hitler quanto à lassidão revolucionária do marxismo, cf. o discurso na reunião do círculo dos dirigentes da Turíngia, no início de 1927, citado por A.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., sob o título "*Anfang 1927* ", p. 2. É à sombra dessas observações e de

comentários similares feitos em outras ocasiões que cabe enfocar o argumento comumente invocado por Hitler e Goebbels, cujo eco persiste até hoje. Segundo essa tese, a Alemanha já se achava então às voltas com o dilema: comunismo ou nacional-socialismo. Ver também J. Goebbels, *op. cit* ., p. 272

18. Cf. com *Kapitalismus-Marxismus-Faschismus* de E. Nolte, em *Merkur* 1973/2, p. 111 e seg.

19. Fritz Tobias, *Der Reichstagsbrand* . Em compensação, Edouard Calic e o "Comitê europeu para o estudo científico das causas e consequências da Segunda Guerra Mundial", que ele dirigia, se pronunciaram contra tal tese em inúmeros comunicados, mas no momento em que o manuscrito foi remetido ao editor a pesquisa propriamente dita ainda estava em suspenso. Cf. por ex. também H. Mommsen, "Der Reichstagsbrand und seine politischen Folgen" in VJFfJ 1964/4, assim como no *Die Zeit* de 26 de fevereiro de 1971, p. 11. É lícito indagar-se realmente se van der Lubbe estava em condições de atear fogo sozinho a numerosos compartimentos em poucos minutos e se a audácia e a frieza de decisão que caracterizam tal ato se conciliam com o fato de que três outros incêndios provocados no mesmo dia por van der Lubbe atestam uma grande inabilidade.

20. Cf. IMT IX, p. 481 e seg., assim como PS-3593. Göring, por outro lado, contestou até o fim toda e qualquer participação no incêndio e observou, o que é aceitável, não haver necessidade de pretextos especiais para agir contra os comunistas. "Seu débito era tão volumoso, seu crime tão imenso, que eu estava decidido sem necessidade de outros motivos a encetar contra essa peste uma guerra total sem escrúpulos, lançando mão de todos os recursos à minha disposição. Pelo contrário, como já afirmei no processo do incêndio do Reichstag, esse incêndio que me levou a agir muito rapidamente me foi extremamente desagradável; obrigou-me a proceder mais depressa do que o previsto e a atacar antes de ter tudo preparado". Em *Aufbau einer Nation* , p. 93 e seg.

21. Rudolf Diels, *Lucifer ante portas* , p. 194

22. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 271. Sobre as prisões, cf. Horkenbach, *op. cit* ., p. 74

23. *Amtliche Meldung des Preussischen Pressedienstes* , transcrito por Horkenbach, *op. cit* ., p. 72

24. H. Bruning, *op. cit* ., p. 652

25. Arnold Brecht, *Vorspiel zum Schweigen* , p. 125 e seg. O decreto-lei de 28 de fevereiro de 1933 era assim redigido: “Os artigos 114, 115, 117, 118, 123, 124 e 153 da Constituição do Reich alemão ficam anulados até nova ordem. É permitido, portanto, limitar a liberdade individual, a de opinião, aí compreendidos a liberdade de imprensa e o direito de reunião; é lícito violar o sigilo da correspondência, das ligações telegráficas e telefônicas, e ordenar buscas em domicílios e proceder a apreensões assim como limitações do direito de propriedade, mesmo fora dos limites determinados para tal efeito.”

26. K.D. Bracher, *Machtergreifung* , p. 82 e seg. Bracher observa também, por outro lado, de maneira justa, que mais tarde, após o julgamento da Corte Suprema, os considerandos invocados pelo decreto-lei a respeito de “violências comunistas pondo em perigo o estado” tornaram-se obsoletos. O fato de que o decreto-lei permanecesse em vigor permite “definir o estado nacional-socialista como um estado ilegal”: *op. cit* ., p. 85

27. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 271, assim como o *Daily Express* , de 3 de março de 1933; cf. também Sefton Delmer, *Die Deutschen und ich* , p. 196. A propósito de prisões, cf. M. Broszat, *Der Staat Hitler* , p. 101

28. *Völkischer Beobachter* , de 6 de março de 1933; além de J. Goebbels, *op. cit* ., p. 273. Sobre as perdas, ver K. Heiden, *Geburt* , p. 116

29. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 274

30. Martin H. Sommerfeldt, *Ich war dabei* , p. 42; sobre a observação que se segue de Goebbels, cf. seu diário da revolução, p. 275, assim como C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 98

31. Sessão do gabinete de 7 de março de 1933, transcrita nos *Documents on German Foreign Policy 1918-1945* , Series C, Vol. I, p. 114; igualmente a proclamação do órgão de imprensa do Partido, de 5 de março de 1933, Schulthess, 1933, p. 54 e seg. Sobre a troca de telegramas entre Göring e o deputado centrista Joos, cf. *Ursachen und Folgen* , IX, p. 80

32. Max Miller, Eugen Bolz, p. 440. Alguns pequenos Länder, nos quais os nacional-socialistas participavam do governo, já tinham sido enquadrados: por exemplo, Turíngia, Anhalt, Lippe, Braunschweig, Mecklenburg, Schwerin e Neustrelitz.

33. M. Domarus, *op. cit* ., p. 222

34. E. Calic, *Ohne Maske* , p. 59. Sobre a observação precedente, cf. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 164

35. Apelo de Hitler em 10 de março de 1933, citado por M. Domarus, p. 219. Cf. também o desagrado de Hitler ante a queixa do presidente do DNVP, von Winterfeld, de 10-3-33, no BAK R 43 II, 1.263. Sobre a carta de Hitler a Papen, cuja cópia foi enviada a Hindenburg e ao ministro do Reichswehr, cf. M. Broszat, *op. cit* ., p. 111. Os jornais alemães anunciaram que entre 31 de janeiro e 23 de agosto de 1933, 196 adversários dos nacional-socialistas e 24 partidários de Hitler tinham sido mortos. Até as eleições de março, falou-se de 51 adversários e 18 nacional-socialistas.

36. *Op. cit* ., p. 215

37. K.D. Bracher, "*Die Technik der nationalsozialistischen Machtergreifung* ", em *Deutschland zwischen Demokratie und Diktatur* , p. 168

38. C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 114

39. Ver K.D. Bracher, *Machtergreifung* , p. 158. O *Völkischer Beobachter* já dava como certo, em 17 de março, que com a mera defecção dos 81 deputados comunistas, o Partido superaria em 10 cadeiras a maioria absoluta.

40. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 284

41. C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 106

42. *Tischgespräche* , p. 366

43. J. Goebbels, *Kaiserhof* , p. 285 e seg.

44. Ver Ewald von Kleist-Schmenzin, que transcreveu essa declaração em *Politische Studien* , 10 (1959), H. 106, p. 92. F. Meinecke, em *Die deutsche Katastrophe* , classificara a manifestação de "farsa tocante de Potsdam".

45. Segundo o *Berliner Börsenzeitung* , de 22 de março de 1933, citado de acordo com C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 127

46. K. Heiden, *Geburt* , p. 147

47. O discurso é reproduzido por M. Domarus, p. 229 e seg.

48. C. Severing, *Mein Lebensweg* , t. II, p. 385. Sobre o assunto da carta, exposto mais adiante e bem mais complicado na realidade, cf. H. Bruning, *op. cit* ., p. 655 e seg., assim como *Ein Brief* , do mesmo autor.

49. M. Domarus, *op. cit* ., p. 242 e seg. Sobre a suposição segundo a qual Hitler teria tomado conhecimento de antemão do texto do discurso de Wels, cf. F. Stampfer, *Erfahrungen und Erkenntnisse* , p. 268

50. Ata do gabinete em BAK R 43 I; por outro lado J. Goebbels, *op. cit* ., p. 287. Em outro trecho, Goebbels refere-se assim à réplica de Hitler: "Tinha-se a impressão de que se brincava de gato e rato. O marxista era jogado de um canto para outro. E ali onde ele esperava ser poupado, não havia senão destroços." Cf. *Der Führer als Redner* in *Adolf Hitler* (Reemtsma-Bilderdienst), p. 33

51. H. Bruning, *Ein Brief* , p. 19

52. Quanto às indagações anteriores, repetidas diversas vezes, sobre a carta não recebida, Hitler terminou respondendo que os nacional-alemães se opunham à remessa dessa carta assim como à sua publicação (que fora combinada, no entanto). Interrogados a respeito, os nacionalistas desmentiram Hitler; eles tinham, ao contrário, desejado que se publicasse a carta: cf. H. Bruning, *Memoiren* , p. 660

53. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 372

54. Citado de acordo com Ph.W. Fabry, *Mutmassungen uber Hitler* , p. 91; sobre a indicação seguinte, que se refere claramente a declarações feitas pelo grupo mais chegado ao presidente, cf. H. Bruning, *op. cit* ., p. 650

55. Papen, *op. cit* ., p. 295. Hitler, em compensação, contou mais tarde que Hindenburg lhe indagara certo dia à queima-roupa por que Papen estava sempre presente por ocasião dos encontros: "É com você que eu quero falar!"; cf. *Tischgespräche* , p. 410. Acerca da declaração mencionada de Meissner, na reunião do gabinete de 15 de março, cf. IMT XXXI, p. 407; Meissner procurou observar porém "que seria talvez oportuno, quanto a algumas leis sem uma importância especial, incluir também a sanção do presidente do Reich".

56. Telegrama de Meissner a Held, em 10 de março de 1933, cf. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 228. Sobre a citação de Goebbels, cf. *Kaiserhof* , p. 302 (22 de abril de 1933).

57. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 78 e seg. Sobre a declaração de Carl Goerdeler, ver E. Calic, *Ohne Maske* , p. 171

58. C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 168 e seg.

59. Cf. E. Matthias, "*Der Untergang der alten Sozialdemokratie 1933* " in VJHfZ 1956/3, p. 272. Depois, cf. W. Hoegner, *Die verratene Republik* , p. 360

60. Segundo o título característico de uma exposição de R. Breitscheid, de 30 de janeiro de 1933, que procura justificar ideologicamente a passividade dos dirigentes do partido, como uma espécie de reflexão prudente; cf. também E. Matthias, op. cit, p. 263

61. Debates do Reichstag, t. 457, 17 de maio de 1933, p. 69

62. Citado por A. François-Poncet, *op. cit* ., p. 136

63. H. Bruning, *op. cit* ., p. 657; a observação que se segue provém dos diários de Robert Musil; cf. W. Bergham, Robert Musil in *Selbstzeugnissen und Bilddokumenten* , p. 123

64. Robert Musil, *op. cit* ., p. 125; o registro de Tucholsky, G.W., III, p. 399

65. M. Domarus, *op. cit* ., p. 288

66. Citado por H. Heiber, *Joseph Goebbels* , p. 149; também por H. Rauschning, *Gespräche* , p. 185 e seg. Diante de seus hóspedes dos países democráticos é que Hitler se vangloriava com mais gosto de apelar para o voto popular, não só por ocasião do pleito legislativo mas igualmente para a ratificação de certas medidas particulares, e de ser assim, de longe, o melhor dos democratas; ele se dizia sempre disposto a se submeter a um novo voto no país; cf. observações citadas por H.A. Jacobsen, *Nationalsozialistische Aussenpolitik* , p. 327

67. *Gespräche* , H. Rauschning, p. 179 e seg. Cf. com *Joseph Goebbels* de H. Heiber, p. 137. Atrás dela ergueu-se, brilhando sedutora, a ideia da comunidade popular que durante gerações tinha sido um dos temas

preferidos do irrealizado anseio nacionalista alemão. A comunidade que encontrava sua realização no povo, como forma mais alta e mística de existência social, era assunto de uma ampla literatura de apoteose, cuja representação o nacional socialismo havia captado com agressiva agudeza, opondo-o tanto às teorias de lutas de classe quanto à do pluralismo liberal. Por sobre a imagem da nação dilacerada, com seus conflitos e antagonismos sociais, erguia-se a imagem cintilante de um estado baseado em confiança, honra, disciplina, ordem e dedicação, contendo além do velho sonho de uma unidade harmoniosa ainda a ideia não menos sugestiva de uma nação poderosa e temida. Em lugar da massa embrutecida e sem paz, Hitler prometia, surgiria dela "uma nação estruturada, conscientizada". Para sua realização se voltavam naquele momento as iniciativas mais importantes da segunda fase de tomada do poder.

68. Discurso de 6 de julho aos Reichsstatthalter; cf. *VB* de 8 de julho de 1933.

69. *Ibid* . A clareza de visão com que Hitler abordara de uma maneira geral a reconciliação ressalta de sua censura anterior dirigida a Franco, em que considerava ter tratado seus antigos adversários "como bandidos". Não é uma solução, prosseguira Hitler, "desterrar a metade da população de um país". E acrescentava que, na época, ele fora mal assessorado, de outro modo jamais teria permitido que se fizesse aquilo; cf. *O Testamento Político de Hitler* , p. 76 e seg.

70. Carta do chefe da propaganda para o distrito de Trèves em 19 de janeiro de 1939. Cf. igualmente F.J. Heyen, *op. cit* ., p. 326 e seg.

71. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 258; cf. igualmente David Schoenbaum, *Die braune Revolution* , p. 336, e Walter Schellenberg, *Memoiren* , p. 98

72. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 96; cf. igualmente Kurt W. Luedecke, *op. cit* ., p. 518

73. Cf. discurso de 6 de julho aos Reichsstatthalter citado acima.

74. Cf. o "comunicado" do serviço de imprensa do Partido datado de 29 de junho e citado por M. Domarus; cf. igualmente F.J. Heyen, *Nationalsozialismus im Alltag* , p. 115. O temor de um "aburguesamento do partido" se exprime também através de um trecho polêmico de um artigo do *N.S.-Monatshefte* de fevereiro de 1933, p. 85. Para a citação a seguir, cf. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 89 e seg.

75. *Ibid* ., p. 198; assim como a observação que se segue.

76. F.J. Heyen, *op. cit* ., p. 134. Relatório do Landrat de Bad Kreuznach.

77. Discurso de Goebbels no rádio verberando a "campanha desenfreada de denúncias caluniosas promovida pelos judeus" em 1º de abril de 1933, reproduzido em *Dokumente der deutschen Politik* , I, p. 166 e seg.

78. A. François-Poncet, *op. cit* ., p. 128 e seg.

79. C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 196

80. Golo Mann, *Deutsche Geschichte* , p. 804

81. G. Benn, *Antwort an die literarischen Emigranten* , Obras completas, IV, p. 245

82. C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 207; cf. igualmente Hildegard Brenner, *Die Kunst-politik des Nationalsozialismus* , p. 50

83. Segundo Walter Hagemann, *Publizistik im Dritten Reich* , p. 35. Cf. igualmente a obra de informação muito documentada de Oron J. Hale, *Presse in Zwangsjacke* , que dá uma visão de conjunto sobre a política nacional-socialista em matéria de imprensa, notadamente no transcurso do período do Gleichschaltung (enquadramento).

84. M. Broszat, *Der Staat Hitlers* , p. 286

85. Cf. *Der Diskus* , 1963, I, *Ein offener Brief* , onde há uma tomada de posição de Adorno, que diz entre outras coisas: "O verdadeiro problema provinha de minha apreciação errônea; se preferem, na insensatez daquele para quem a decisão de emigrar era particularmente difícil de tomar. Eu acreditava que o III Reich não poderia durar muito tempo, que seria necessário permanecer para salvar o que ainda podia ser salvo. Nada mais me levou a essas asneiras de frases táticas. Contra essas frases se volta tudo o que tenho escrito antes e depois de Hitler."

86. Bettina Feistel-Rohmeder, *Im Terror des Kunstbolschewismus* , p. 187

87. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 271

88. Max Scheler, *Der Mensch im Weltalter des Ausgleichs* , Berlim, 1929. Scheller cita como sintomas da tendência antirracionalista da época o bolchevismo, o fascismo, os movimentos de juventude, o frenesi da dança, a psicanálise, o novo culto da infância e a nostalgia de uma mentalidade primitiva ávida de mitos.

89. Edgar J. Jung, "Neubelebung von Weimar?" em *Deutsche* Rundschau, junho, 1932. Quanto à observação de Paul Valéry, cf. Th. Mann, *Nachlese. Prosa 1951-1955* , p. 196

90. G. Benn na carta mencionada acima, *op. cit* ., p. 245 e seg.

91. Cf. Czeslaw Milosz, *Verfuhrtes Denken* , p. 20

92. K.G. W. Luedecke, *op. cit* ., p. 443; M. Domarus, *op. cit* ., p. 315

93. Cf. "Illustration" em E. Nolte, *Faschismus* , p. 294

94. *Mein Kampf* , p. 491

95. M. Domarus, *op. cit* ., p. 302. Sobre a observação de H. Rauschning, cf. *Gespräche* , p. 27

96. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 253; cf. igualmente K. Heiden, *Geburt* , p. 257

97. Hans Wendt, *Hitler regiert* , p. 23 e seg. Cf. Hildegard Springer, *Es sprach Hans Fritzsche* , p. 159. No discurso de 10 de fevereiro no Palácio dos Esportes, Hitler declarou: "Quando me dizem 'Queremos ver seu programa detalhadamente', só tenho uma resposta: em qualquer tempo teria sido possível a um governo definir um programa de ação com alguns pontos muito concretos. Mas após a sua gestão, depois de sua política e diante dessa desagregação que é sua obra, é preciso reconstruir a nação alemã até seus alicerces do mesmo modo como vocês a destruíram em seus fundamentos. Tal é nosso programa!" Cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 204

98. Cf. A. Krebs, *op. cit* ., p. 148 e seg.

99. *Mein Kampf* , p. 288 e seg.; cf. igualmente H. Rauschning, *op. cit* ., p. 26. Quanto ao insucesso de Feder, cf. *VB* de 28 de julho de 1933. Aí se encontrará por ex. uma análise minuciosa da política das classes médias

no decorrer desse período em K. Heiden, *Geburt* , p. 172 e seg., e M. Broszat, *Der Staat Hitlers* , p. 213

00. Carta do dr. Klein, procurador da seção Arbeit Westphalie, dirigida ao secretário de estado Grauert, e citada em *Ursachen und Folgen* , IX, p. 681

01. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 151, 179 e seg.

02. Cf. Schulthof, 1933, p. 168

03. IfZ (Instituto de História Contemporânea)/Munique MA 151/16. Os subterfúgios das diversas administrações a propósito do projeto de construção de rodovias, discutido no decorrer do segundo semestre de 1932, atestam uma gritante falta de senso psicológico dos administradores, que sem dúvida não perceberam em nenhum momento o impacto psicológico que resultaria da execução de um projeto de tal envergadura sobre a população deprimida pelo desemprego e a crise social. Hitler, pelo contrário, apreendeu de imediato a importância de tal fator, que na época lhe pareceu sem dúvida mais decisivo que as implicações econômicas, tecnológicas e também estratégicas do projeto.

04. Citado em *Ursachen und Folgen* , IX, p. 664, com outros documentos sobre a política do regime para criação de empregos. Citação que se segue, cf. *Adolf Hitler in Franken* , p. 151

05. D. Schoenbaum, *op. cit* ., p. 150; cf. igualmente Th. Eschenburg, documentação in VJHfZ 1955/3, p. 314 e seg. De igual modo, *Historikus, Der Faschismus als Massenbewegung* , Karlsbad, 1934, p. 7

06. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 126

07. Cf. *Die Schwarze Front* , o diário de Otto Strasser. Cf. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 367. Quanto ao debate na Câmara dos Comuns, cf. K. Heiden, *Geburt* , p. 209

08. Reflexão de Hitler ao presidente da Câmara Municipal de Hamburgo, Krogmann, em 15 de março de 1933; cf. H.A. Jacobsen, *op. cit* ., p. 395. *Ibid* ., p. 25, documentos esclarecendo os remanejamentos de pessoal após a tomada do poder. No Exterior, por exemplo, “não se colocou mais do que 6% do pessoal por razões políticas”, e apenas um diplomata, o embaixador da Alemanha em Washington, von Prittwitz-Caffron, demitiu-se por divergências políticas. Sobre o ponto de vista de Hitler

acerca do Ministério do Exterior, cf. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 250

09. Reações no exterior, cf. W.L. Shirer, *Aufstieg und Fall des Dritten Reichs* , p. 207

10. Cf. a esse respeito G. Meinck, *Hitler und die deutsche Aufrustung* , p. 33 e seg.

11. IMT XXXIV, C-140.

12. E. Nolte, *Krise* , p. 138

13. Relatado pelo jornalista inglês Ward Price durante uma entrevista dada por Hitler em 18 de outubro de 1933; cf. *VB* de 20 de outubro de 1933; cf. C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 479

14. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 101 e seg.

15. Cf. Relatório do embaixador inglês datado de 15/11/33, em *Ursachen und Folgen* , X, p. 56 e seg.; cf. o telegrama endereçado na ocasião a Hitler por Martin Niemöller e outros pastores: “Nesta hora decisiva para nosso povo e nossa pátria, nós saudamos nosso Führer. Nós lhe agradecemos por representar a ação viril e a palavra luminosa, garantias da honra da Alemanha. Em nome de mais de 2.500 pastores evangélicos, que não pertencem ao movimento religioso Deutsche Christen, nós lhe prestamos juramento de fidelidade e lhe asseguramos nossas preces constantes”. Citado segundo Ph. W. Fabry, *op. cit* ., p. 123

16. Para os discursos citados, cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 312 e seg., assim como p. 324; cf. igualmente C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 536 e seg. O exame da situação pelo embaixador inglês no mencionado relatório acima é igualmente característico.

17. C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 554

18. M. Domarus, *op. cit* ., p. 357. Sobre as alusões de Hitler ao embaixador da França, cf. H.A. Jacobsen, *Nationalsozialistische Aussenpolitik* , p. 331. No *VB* de 31 de outubro de 1928, declaração, não refutada, de um nacional-socialista austríaco de que os projetos alemães de extensão territorial para o Leste deviam acarretar o abandono por parte dos poloneses de seu atual território, assim como a expulsão dos tchecos ou sua transferência para a América do Sul.

19. *Documents on British Foreign Policy* , 2.a série, Vol. IV, relatório de 30 de janeiro de 1934.

20. Julius Epstein, “Der Seeckt-Plan” in *Der Monat* , nº 2, novembro de 1948, p. 42

21. Observação de Arnold Toynbee em 1937, citada por M. Gilbert/R. Gott, *Der gescheiterte Frieden* , p. 54. Cf. igualmente Karl Lange, *Hitlers unbeachtete Maximen* , p. 113. Sumner Welles constata do mesmo modo que a atenção da América se fixava nas manias de Hitler e na semelhança existente entre seu bigode e o de Charlie Chaplin; *op. cit* ., p. 125 e seg.

22. Cf. Anthony Eden, *Angesichts der Diktatoren* , p. 87 e seg.; A. François-Poncet, *op. cit* ., p. 164. Numerosas indicações suplementares, em parte citadas aqui, figuram em H.A. Jacobsen, *op. cit* ., p. 369 e seg. O episódio com Sir John Simon foi relatado por I. Kirkpatrick em *Im inneren Kreis* , p. 34 e seg.

23. De acordo com Ph.W. Fabry, *op. cit* ., p. 115

24. Cf. H. Brenner, *op. cit* ., p. 100 e seg.

25. *Ibid* ., p. 40; cf. igualmente Th. von Trotha, “Das NS-Schlichtheitsideal” em *N.S.Monatshefte* , 4º ano, nº 35, fevereiro 1933, p. 90

26. Rudolf Hess, *Reden* , Munique, 1938, p. 14; no que se relaciona com a observação de Hitler sobre a idolatria das massas, cf. *Tischgespräche* , p. 478

27. Cf. E.R. Huber, *Verfassungsrecht* , p. 230

28. W. Bruckner, “Der Führer in seinem Privatleben” em *Adolf Hitler* (editado por Cigaretten-Bilderdienst), p. 36

29. O. Dietrich, *12 Jahre mit Hitler* , p. 150. Nos *Tischgespräche* (p. 322) declara que “duas horas de trabalho intenso por dia” são suficientes para uma pessoa que tem grandes ideias.

30. Cf. Anton M. Koktanek, *Oswald Spengler in seiner Zeit* , p. 458; no que se refere à leitura das novelas de aventuras de Karl May, cf. *Libres Propos* , p. 306, assim como O. Dietrich, *op. cit* ., p. 164

31. J. Goebbels, “Wer hat die Initiative?”, transcrito em *Das eherne Herz* , p.

380. A propósito da tentativa de G. Feder para destinar um oficial com as funções de secretário de Hitler, cf. A. Tyrell, *op. cit* ., p. 60

32. M. Domaras, *op. cit* ., p. 352; cf. igualmente K. Heiden, *Geburt* , p. 260

33. Cf. O.H. Meissner/H. Wilde, Die *Machtergreifung* , p. 195; cf. também o relatório de Sir Horace Rumbold de 22/2/23, citado em *Ursachen und Folgen* , IX, p. 41

34. W. Görlitz, *Hindenburg* , p. 412

35. Cf. H. Krausnick, suplemento do *Das Parlament* de 30 de junho de 1954, p. 319

36. IfZ Munique MA-1236 (ordem de 30 de maio de 1933).

37. *Ibid* .

38. E. Röhm, "*SA und deutsche Revolution* " in *NS-Monatshefte* , 4º ano, 1933, p. 251

39. Ordem Ch nº 1.415/33 de 31 de julho de 1933, cf. Doc. centro, 43/I.

40. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 143 e seg. Há, todavia, duas versões divergentes relativas às intenções de Röhm. Na primeira, ele desejava fazer da SA uma espécie de milícia paralela ao Reichswehr; na outra, visava a fazer da SA a única e exclusiva força armada, destinada a absorver o Reichswehr. Pelos documentos e diversas indicações, parece que, segundo o interlocutor, Röhm defendia alternadamente as duas aspirações e que, de fato, encarava a primeira alternativa só como um estágio intermediário para a realização da segunda.

41. W. Görlitz/H. A. Quint, *op. cit* ., p. 440

42. R. Diels, *op. cit* ., p. 278. Sobre a personalidade de von Bomberg e a de von Reichenau, cf. H. Foertsch, *Schuld und Verhangnis* , p. 30 e seg.; cf. igualmente F. Hossbach, *Zwischen Wehrmacht und Hitler* , p. 76, assim como VJHfZ 1959, nº 4, p. 429 e seg.

43. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 147. Para a declaração feita por Reichenau quando da reunião dos chefes militares mencionada nesse contexto, cf. *IfZ Zeugenschrifttum* nº 279, I, p. 19. No que concerne à

importância aos olhos de Hitler do papel desempenhado pelo Reichswehr no êxito da tomada do poder, cf. seu discurso de 23 de setembro de 1933, citado por C. Horkenbach, *op. cit* ., p. 413

44. Discurso de 7 de maio de 1933 diante da SA de Kiel; cf. Schulthess, *op. cit* ., p. 124. Em 19 de março de 1934 em Munique, ele declarou ainda diante de antigos combatentes: “A revolução deve prosseguir!”; cf. M. Domarus, I, p. 371

45. Cf. Gerhard Rossbach, *Mein Weg durch die Zeit* , p. 150; cf. relato do general Renondeau, adido militar francês em Berlim, datado de 23 de abril de 1934, citado em *Ursachen und Folgen* , X, p. 153. R. Diels menciona igualmente outras propostas provocadoras de Röhm, *op. cit* ., p. 121

46. R. Diels, *op. cit* ., p. 275

47. Reunião de líderes do exército em 2 e 3 de fevereiro de 1934, citada de acordo com as notas do general Liebmann em IfZ, Munique, folhas 76 e seg. O “parágrafo do arianismo” mencionado linhas antes neste livro é uma disposição da lei de 7 de abril de 1933 sobre o saneamento das funções públicas, segundo a qual todo judeu que não fosse funcionário antes da Grande Guerra ou que não pudesse apresentar prova de ter combatido na linha de frente se achava excluído de qualquer cargo público.

48. Dossiês dos Arquivos Centrais do Partido, Hoover Institute, Pasta 1.290; cf. igualmente H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., datado de 2/11/34.

49. Helmuth Krausnik, *op. cit* ., p. 319

50. Cf. testemunho de R. Diels, citado por K.D. Bracher/W. Sauer/G. Schulz, *Machtergreifung* , p. 942 (nota).

51. Cf. H. Krausnick, *op. cit* ., p. 320: cf. igualmente o relato de Kösters sobre um encontro com Röhm em 23 de março de 1934, citado em *Documents on German Foreign Policy, 1918-1945* , série C, Vol. III, p. 263

52. Cf. W. Sauer in: K.D. Bracher/W. Sauer/G. Schulz, *op. cit* ., p. 946. Segundo Sauer, 177 mil fuzis, 651 metralhadoras pesadas e 1.250 metralhadoras leves foram apreendidas durante o desarmamento da SA no verão de 1934, o que correspondia ao municiamento de dez divisões de infantaria do Reichswehr tal como previa o Tratado de Versalhes.

53. *Ibid* ., p. 949 (nota).

54. Cf. notas de Liebmann, *op. cit* ., folha 70.

55. F. von Papen, *Der Wahrheit eine Gasse* , p. 344

56. *Die brutale Freundschaft* é o título de uma obra sobre as relações entre Hitler e Mussolini; esse título se originou de uma reflexão de Hitler datada de abril de 1945.

57. Trechos desse discurso foram publicados em *Ursachen und Folgen* , X, p. 157 e seg.

58. M. Domarus, *op. cit* ., p. 390 e seg.

59. A. Rosenberg, *Das politische Tagebuch* , ed. por H.G. Seraphim, p. 31 (datado de 28 de junho de 1934).

60. Cf. as indicações fornecidas por W. Sauer, *op. cit* ., p. 923

61. *Ibid* ., p. 954

62. Cf. H. Krausnick, *op. cit* ., p. 321. Nessa ocorrência, aqueles que manejavam os cordéis foram vítimas de um incidente que deixou a descoberto os bastidores da ação; com efeito, von Kleist e Heines se encontraram para manter uma conversa franca, no decorrer da qual, como contou mais tarde Kleist, vieram a suspeitar “que uma terceira pessoa — eu pensava então em Himmler — tentava lançar-nos um contra o outro ao divulgar um bom número de instruções”; tal declaração foi prestada por von Kleist diante do Tribunal Militar Internacional (IMT) de Nuremberg; citado segundo H. Bennecke, *Die Reichswehr und der “Rohm-Putsch ”*, p. 85

63. Cf. *Das Archiv* , junho de 1934, p. 316 e seg., e numerosas resoluções similares.

64. H. Krausnick, *op. cit* ., p. 321

65. W. Sauer, in: K.D. Bracher, *Machtergreifung* , p. 958

Citado em *Das Archiv* , junho de 1934, p. 327; assim como todas as

66. declarações oficiais sobre os acontecimentos mencionados depois.

67. A identidade de quem desencadeou a "revolta" de Munique até hoje permanece obscura. Além de Himmler, certos indícios levam ao Gauleiter de Munique, Wagner; mas parece também que este não teria podido agir sem ser instigado por Himmler.

68. Relato de Erich Kempka, transcrito em *Ursachen und Folgen* , X, p. 168 e seg.

69. M. Domarus, *op. cit* ., p. 399

70. H. Frank, *op. cit* ., p. 142 e seg.

71. H.B. Gisevius, *Bis zum bitteren Ende* , citado em *Adolf Hitler* do mesmo autor, p. 291

72. Declaração de Hermann Wild em 4 de julho de 1949, citado por H. Mau, "*Diezweite Revolution. — Der 30. Juni 1934* " in VJHfZ, Caderno 1/1953, p. 134

73. F.J. Heyen, *op. cit* ., p. 129. O número total das vítimas desses dois dias jamais pôde ser calculado com exatidão. Os boletins oficiais mencionam 77 vítimas, mas o dobro dessa cifra parece estar mais perto da realidade. As estimativas que vão desde 400 a 1.000 vítimas são, sem dúvida, exageradas. Cf. a esse respeito a *Amtliche Totenliste vom 30. Juni 1934* , IfZ Munique, Signn. Ma-131, B1. 103458-64.

74. Cf. por exemplo as indicações de Victor Lutze através de outros depoimentos e relatos de pessoas que tiveram participação nos fatos, onde se verifica que Göring, Himmler e Heydrich foram os verdadeiros instigadores e os principais responsáveis pelo grande número de vítimas. Rosenberg, *op. cit* ., p. 36, sustenta a esse respeito que não se recebera "ordem" precisa de Hitler para assassinar Gregor Strasser e que depois o Führer fez instaurar um inquérito "para a prestação de contas dos culpados".

75. Citado por K. Heiden, *Hitler* , I, p. 456 e seg.

76. Cf. por ex. Otto Strasser, *Mein Kampf* , p. 98; segundo seu testemunho, Hitler tinha uma admiração exagerada pela figura de César Bórgia e gostava de contar com um certo deleite como o mesmo convidara seus *condottieri* para um jantar de reconciliação, "como todos tinham

comparecido, aqueles senhores da grande nobreza dirigente, como se pusera a mesa para celebrar a festa da reconciliação. À meia-noite, César Bórgia se levantou para declarar que toda discórdia fora sepultada e aí dois homens vestidos de negro tinham vindo postar-se atrás de cada convidado e logo atavam os chefes-condottieres a seus assentos. Então, Bórgia, indo de um a outro, os assassinou a todos"; no entanto, essa história merece pouco crédito. Quando muito se poderia supor que esse relato tenha sido feito um dia por Hitler sob a influência de um estado de espírito muito especial; mas aí ele já não teria o alcance significativo que lhe emprestou Strasser.

77. A. Rosenberg, *op. cit* ., p. 34; Hitler não teria tido a intenção de ordenar o assassinato de Röhm, mas acabara por ceder às instâncias de Rudolf Hess e Max Amann ("É preciso eliminar o mais porco de todos").

78. U. Hermann Mau, *op. cit* ., p. 126, assim como M. Domarus, *op. cit* ., p. 424. É bem característico que, depois, Hitler jamais apresentasse como motivos para o assassinato de Röhm sua imoralidade ou uma tentativa de golpe das SA, mas unicamente sua insubordinação e suas divergências de opinião em matéria de política militar.

79. Cf. W. Sauer, *op. cit* ., p. 934 e seg., que pensa igualmente que Hitler, a partir de premissas que eram as suas, não tinha outra alternativa senão o assassinato de Röhm.

80. H.B. Gisevius, *Bis zum bitteren Ende* , p. 270; cf. Otto Meissner, *Staatssekretär* , p. 370

81. Sepp Dietrich, por exemplo, foi promovido a Obergruppenführer, e Christian Weber e Emil Maurice, desde longa data membros dos comandos de proteção de Hitler, foram nomeados respectivamente Oberführer e Standartenführer; cf. *Das Archiv* , julho de 1934, p. 470. O próprio Himmler foi agraciado em recompensa com a autonomia da SS e o direito de formar unidades de combate SS armadas; cf. as reuniões dos comandantes de exércitos em 5 de julho e 9 de outubro de 1934, notas de Liebmann, folhas 101 e 110.

82. Cf. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 263. A respeito, Himmler, em seu discurso de Poznan, disse: "A todos repugnava a ideia de ter de cumprir o dever imposto e encostar no paredão e fuzilar os camaradas que haviam falhado, e no entanto cada um permaneceu plenamente consciente de um ato que cumpriria de novo, se fosse preciso, em obediência às ordens e à necessidade. Refiro-me à evacuação dos judeus

e ao extermínio do povo judeu.” Citado de acordo com o Tribunal Militar Internacional, IMT, 1919-Ps, XXIX, p. 145

83. *Tischgespräche* , p. 348; cf. igualmente o comunicado à imprensa em 2 de julho de 1934, citado por M. Domarus, I, p. 405

84. É revelador ele não julgar mesmo útil manter reserva sobre o ocorrido na ocasião com von Schleicher, seu amigo de longa data e seu chanceler durante alguns meses; cf. as propostas de Funk a H. Picker, *Tischgespräche* , p. 405; cf. igualmente H. Frank, *op. cit* ., p. 144

85. Palavras do futuro marechal von Rundstedt, cf. Lidell Hart, *Jetzt durfen sie Reden* , p. 124

86. M. Domarus, *op. cit* ., p. 425

87. H. Mau, *Die “zweite Revolution” der 30. Juni 1934* , p. 133

88. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 268. No contexto em questão, a declaração fatal de von Blomberg significa que se a honra do oficial prussiano tinha repousado na retidão, a do oficial alemão deveria ser fundada na astúcia; cf. W. Görlitz, *Der deustsche generalstab* , p. 348

89. Peter Bor, *Gespräche mit Halder* , p. 116 e seg. Numa carta da época da interdição da SA, Groener escrevera que cabia aos generais “zelar para que o exército não acabe por beijar as mãos de Schicklgruber como mulheres histéricas”; essa mesma imagem caracteriza expressivamente o comportamento comum de Blomberg face a Hitler. Cf. a carta de Groener a von Gleich, reproduzida por Dorothea Groener-Geyer, *General Groener* , p. 326

90. Ver acima, nota 136, p. 536

91. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 148

92. *Ibid* ., p. 161 e seg.

93. Ferdinand Sauerbruch, *Das war Mein Leben* , p. 520

94. Citado em *Dokumente der deutschen Politik* , t. 2, p. 32 e seg.

Carta de Hitler a Frick, datada de 2 de agosto e relativa à aplicação da lei

195. sobre o chefe de estado, cf. *op. cit* ., p. 34 e seg.

196. Cf. M. Broszat, *op. cit* ., p. 273

197. M. Domarus, *op. cit* ., p. 447 e seg.

198. *Ibid* ., p. 433

199. *Ibid* ., p. 436

200. *Ibid* ., p. 448

201. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 165; cf. igualmente *VB* de 11 de setembro de 1934.

202. “Relatório confidencial” de um Landjahrführer, no qual são reveladas muitas outras aspirações totalitárias do regime, citado por F.J. Heyen, *op. cit* ., p. 171 e seg.

203. Cf. David Schoenbaum, *Die braune Revolution* , que oferece uma abundante documentação sobre os fatos mencionados no texto, em particular nas páginas 196 e seg.; e 226 e seg. Para o aspecto revolucionário do nacional-socialismo e do III Reich no seu todo, cf. R. Dahrendorf, *Gessellschaft und Demokratie in Deutschland* , p. 431 e seg.

204. H.A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., com data de 25-1-1939, p. 9; cf. igualmente o discurso de Hitler de 27 de junho de 1937 em Wurzburg, no qual ele declara que nunca no curso da história “o desenvolvimento desse processo doloroso fora conduzido com maior dose de inteligência, de bom senso, de prudência e de sentimento como ocorrera na Alemanha”; citado por M. Domarus, I., p. 703

205. Documentação Epp, IfZMA–l.236, citado por M. Broszat, *op. cit* ., p. 258; cf. igualmente, *Ibid* ., p. 271 e seg.

206. Em 1933 deixaram a Alemanha 63.400 judeus; em 1934; 45 mil; em 1935: 35.500; em 1936: 34 mil; em 1937: 25 mil; em 1938: 49 mil; e em 1939: 68 mil. Cf. os documentos da União dos Judeus do Reich, Arquivos Centrais Alemães de Potsdam, Rep. 97

207. Segundo a famosa fórmula de Ernst Fraenkel, exposta na obra do mesmo

nome.

208. *Das Archiv* , junho de 1934, p. 359

209. Conversa com o presidente da Associação Francesa dos Ex-combatentes, Jean Goy, cf. M, Domarus, p. 460 e seg.; cf. também a esse respeito, E. Nolte, *Faschismus* , p. 170

PARTE VI – ANOS DE PREPARO

1. *Mein Kampf* , p. 775; no mesmo gênero, *Ibid* ., p. 365 e seg.

2. Discurso de 30 de janeiro de 1941; cf. M. Domarus, p. 1659

3. E. Nolte, *Faschismus* , p. 189 e seg.

4. H. Graf Kessler, *op. cit* ., p. 716

5. Discurso de 9 de setembro de 1936, Domarus, *op. cit* ., p. 638; igualmente, discurso de 10 de setembro de 1936 *Ibid* . p. 640, assim como H. Frank, *op. cit* ., p. 209

6. Discurso cultural no congresso do partido de 1934, cf. o *Völkischer Beobachter* de 6 de setembro de 1934.

7. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 255; no que se refere à recusa de Chamberlain de confiar em Rauschning, cf. W. Churchill, *Der Zweite Weltkrieg* , t. I, p. 419. A declaração de Sir Eric Phipps que foi citada figura em seu relatório a respeito do tratado germano-polonês, citado por R. Ingrim, *Hitlers glucklichster Tag* , p. 70

8. Cf. também P. Valéry, citado por I. Silone, *Die kunst der Diktatur* , p. 36. Para o que se refere às exposições de Hitler sobre a *Krise der Demokratie* , cf. igualmente o discurso, aliás notável, na Burg de Vogelsang a 29 de abril de 1937, citado por Kotze/Krausnick, *op. cit* ., p. 111 e seg. A propósito da admiração do ministro do Exterior polonês Beck por Hitler e Mussolini, cf. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 298 e seg.; ver também de M. Broszat, *Faschismus und Kollaboration in Ostmitteleuropa* , in: VJHfZ 1966/3, p. 225 e seg.

9. Cf. Arnold Spencer Leese, citado por E. Nolte, *Krise* , p. 332

10. Cf. Wing Commander Archie Boyle ao capitão Obermuller, cf. também a carta de Rosenberg a Hitler de 15 de março de 1935, citada por H.-A. Jacobsen, *Aussenpolitik* , p. 78. A citação extraída do *Times* é a transcrição de um discurso de Lord Lothian na Câmara dos Lordes; cf. também R. Ingrim, *Von Talleyrand zu Molotov* , p. 153

11. Discurso de 22 de março de 1936, citado por M. Domarus, p. 610

12. Th. Mann, *Dieser Friede* , cf. G.W., t. 12, p. 783

13. Citado por M. Domarus, p. 473 e seg.

14. R. Ingrim, *op. cit* ., p. 107

15. A. Kuhn, *op. cit* ., p. 159

16. Cf. R. Ingrim, *op. cit* ., p. 140 e 139; para o que se refere aos motivos da política de apaziguamento, cf. também A. Bullock, *op. cit* ., p. 336 e (entre a numerosa literatura editada a esse respeito) de Martin Gilbert e Richard Gott, *Der gescheiterte Frieden* ; de Sebastian Haffner, *Der Selbstmord des Deutschen Reiches* . Cf. também Gottfried Niedhart, *Grossbritannien und die Sowjetunion 1934-1939. Studien zur britischen Politik der Friedenssicherung Zweischen den beiden Weltkriegen* , igualmente Bernd-Jurgen Wendt, *Appeasement 1938– Wirtschaftliche Rezession und Mitteleuropa* .

17. R. Ingrim, *op. cit* ., p. 143

18. M. Domarus, p. 491 e seg.

19. P. Schmidt, *Statist auf diplomatischer Buhne* , p. 292

20. Citado por Keith Feiling, *Life of Neville Chamberlain* , p. 256

21. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 301. A bem da verdade, Phipps, nas suas funções em Berlim, mudou de ideia a respeito de Hitler. Disse pouco depois ao embaixador americano em Paris que “encarava Hitler como um fanático que só se contentaria em reinar sobre a Europa”. Phipps explicou ao

colega americano de Berlim que a Alemanha não faria guerra antes de 1938, mas que tal conflito "tinha por objetivo a guerra naquele país"; cf. também M. Gilbert/R. Gott, *op. cit* ., p. 26 e seg.

22. Cf. relato de R. Ingrim, *op. cit* ., p. 129 e seg.; também P. Schmidt. *op. cit* ., p. 315, assim como a narrativa no *Krogmann -Tagebuch* citada por H.-A. Jacobsen, *op. cit* ., p. 415, Notas.

23. Citado por R. Ingrim, *op. cit* ., p. 133; cf. também Erich Raeder, *Mein Leben* , t. I, p. 298

24. J. von Ribbentrop, *op. cit* ., p. 64

25. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 323; a declaração de Hitler citada figura em E. Kordt, *Nicht aus den Akten* , p. 109. Para o que se refere à política de apaziguamento inglesa, cf. por ex. o discurso de Sir Samuel Hoare na Câmara dos Comuns, em 11 de julho de 1935, citado por W. Churchill, *op. cit* ., p. 178; também de S. Hoare, *Neun bewegte Jahre* , p. 127 e seg. Churchill se opunha nessa época à política governamental, mas não tomou parte na votação, que deu uma maioria de 247 votos a favor e 44 contra.

26. E. Nolte, *Epoche* , p. 288

27. *Ibid* ., p. 288 e também em Benito Mussolini, *Opera Omnia* , t. XXVI, Florença, 1951, p. 319, assim como *Mussolini* , de Kirkpatrick, p. 268 e 275, a citação de Mussolini.

28. Cf. E. Nolte, *Krise* , p. 162

29. Cf. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 342

30. E. Nolte, *op. cit* ., p. 160

31. A. Kuhn fez a primeira referência a esse conflito na sua monografia sobre o programa de política exterior de Hitler. A ele também devemos a indicação do relacionamento existente com o discurso secreto de Hitler de 29 de abril de 1937 de que tratamos mais abaixo.

32. Ver o estudo de Manfred Funke, *Sanktionen und Kanonen. Hitler, Mussolini und der Abessinienkonflikt* , Dusseldorf, 1971.

Cf. de F. Hossbach, *Zwischen Wehrmacht und Hitler* , p. 97; relata que

33. Hitler já tinha pensado a 12 de fevereiro numa ação armada, provando assim que, em certas circunstâncias, ele podia tomar uma decisão rapidamente, o que era de fato contrário a seus hábitos. A propósito do encorajamento de Mussolini ao qual é feita referência, cf. H.-A. Jacobsen, *op. cit* ., p. 418. A observação de que "o espírito de Stresa estava morto" se refere aos acordos tentados na época pelas várias potências, acordos segundo os quais se oporia dali em diante e por todos os meios possíveis a toda anulação unilateral de tratados.

34. M. Domarus, *op. cit* ., p. 580

35. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 320; cf. também F. Hossbach, *op. cit* ., p. 23 e 98. A afirmação, provavelmente exagerada, de que Hitler estivera por momentos à beira de um colapso nervoso e que não foi confirmada por ninguém mais, é de E. Kordt, *Nicht aus den Akten* , p. 134. Hitler se expressou de maneira análoga em seu discurso de 8 de novembro de 1941: "Eis a velha e eterna disputa e o velho e eterno combate, que ainda não terminara em 1918. Naquela época, nos roubaram a vitória (…) Mas isso não foi senão o começo e a primeira parte desse drama; a segunda e o fim vão ser escritos agora e, desta vez, vamos retomar o que nos foi roubado então. Ponto por ponto e posição por posição, tudo será restituído e reembolsado". Cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1781

36. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 325. Nos *Tischgespräche* , Hitler confessa que tinha promovido eleições após cada um de seus golpes. Isso tinha sido, no interior e no exterior, de grande eficácia, *op. cit* ., p. 169

37. H. Hoffmann, *Hitler was my friend* , p. 82; também nos *Tischgespräche* , p. 155, 169: Ciano falou no mesmo sentido da "lei fundamental do fascismo", do fato consumado: *Cosa fatta capo ha* . Cf. *Diário do Conde Ciano* , t. I, p. 9

38. Cf. também a análise de G. Meinck a esse respeito, *op. cit* ., p. 145 e seg.

39. Anthony Eden, Lord Avon, *Facing the Dictators* , p. 362

40. A. François-Poncet, *op. cit* ., p. 264

41. H. Frank, *op. cit* ., p. 204 e seg.

42. Cf. ADAP III. As forças armadas italianas tinham mais de 50 mil homens,

as forças alemãs só dispunham de 6 mil homens, mas que eram substituídos à medida que se fazia necessário. Hitler tinha proibido o engajamento oficial para combater na Espanha, eis por que a intervenção alemã foi mantida em segredo.

43. E. Nolte, *Krise* , p. 178

44. Galeazzo Ciano, *Diário do Conde Ciano* , p. 46

45. Galeazzo Ciano, *Diplomatic Papers, Europa verso la Catastrofe* , citado por A. Bullock, *op. cit* ., p. 351

46. *Diário do Conde Ciano* , t. I, p. 13

47. Citado por M. Domarus, p. 738. É aí que são encontradas as outras declarações feitas no decorrer dos dias de visita.

48. E. Nolte, *Faschismus* , p. 270

49. F. Wiedemann, *Der Mann der Feldherr werden wollte* , p. 150. A propósito do episódio da conversação à noite com Baldwin, cf. M. Gilbert/R. Gott, *op. cit* ., p. 34

50. F. Wiedemann, *op. cit* ., p. 150; cf. também A. Eden, *Angesichts der Diktatoren* , p. 437

51. Th. Jones, *A Diary with Letters 1931-1950* , p. 251; quanto à missão de Ribbentrop, cf. também sua observação ao ministro-presidente búlgaro Kiosseiwanoff em 5 de julho de 1939 em *Akten zur Deutschen Auswartigen Politik* , série D, t. 6, p. 714; cf. também C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 285 e 295

52. Discurso de 13 de novembro de 1936, citado por M. Domarus.

53. Cf. a proclamação do Congresso do Partido de 1937, citado por M. Domarus, p. 716. No que diz respeito à citação seguinte, cf. também *Ibid* ., p. 646

54. Cf. A. Kuhn, *op. cit* ., p. 198. É bastante expressivo constatar no entanto que o planejamento militar permaneceu longo tempo sem ser influenciado por essa nova noção.

55. Discurso de 24 de fevereiro de 1937, citado por von Kotze/Krausnick, *op.*

cit ., p. 90, 92; e ainda M. Domarus, p. 667

56. Cf. James R.M. Butler, *Lord Lothian* , p. 337

57. A. Bullock, *op. cit* ., p. 188

58. A. François-Poncet, *op. cit* ., p. 188

59. I. Kirkpatrick. *Im inneren Kreis* , p. 44

60. J. Goebbels, "Der Führer als Staatsman", em *Adolf Hitler* (Cigaretten-Bilderdienst), p. 54

61. Carta de 23 de maio de 1936, BAK R 4311/1495.

62. *Polish White Book* , p. 36 e seg., citado por A. Bullock, *op. cit* ., p. 365

63. Ciano, *Diplomatic Papers* , p. 146, e também Theo Sommer, *Deutschland und Japan zwischen den Mächten 1935-1940* , p. 90, assim como E. Grew, *Zehn Jahre in Japan* .

64. M. Domarus, *op. cit* ., p. 704

65. Cf. A. Speer, *Erinnerungen* , p. 173

66. Citado por A. Bullock, *op. cit* ., p. 380; a indicação em foco e que é creditada a Max Horkheimer se encontra em seu ensaio *Egoismus und Freiheitsbewegung* .

67. Th.W. Adorno, *Versuch uber Wagner* , p. 155. Esse culto da morte é encontrado em todos os movimentos fascistas; é talvez na Guarda de Ferro romena que tal culto se mostrou mais intenso e mereceria certamente estudo mais aprofundado.

68. Karlheinz Schmeer, *Die Regie des öffentlichen Lebens im Dritten Reich* , Munique, 1956, p. 113; aí encontramos descrições detalhadas e análises da encenação do partido em geral.

69. *Der Parteitag der Arbeit vom 6. bis 13. September 1937. Offizieller Bericht* . O aspecto irreal dessa cerimônia noturna foi igualmente sublinhado num artigo do *Niederelbischen Tageblatt* de 12 de setembro de

1937: para o mesmo tratava-se de uma “hora consagrada à lembrança”. “que um oceano de luz protegia contra a obscuridade circundante”.

70. M. Domarus, *op. cit* ., p. 641 (discurso de 11 de setembro de 1936), assim como p. 722 (10 de setembro de 1937).

71. Cf. Robert Coulondre, *Von Moskau nach Berlin* , p. 473, assim como Paul Stehlin, *Auftrag in Berlin* , p. 56. A observação evocada é do predecessor de Coulondre em Berlim, François-Poncet: “Durante esses oito dias, Nuremberg é uma cidade onde só reina a alegria, cidade encantada, quase escapando à realidade. Essa atmosfera, ligada à beleza dos espetáculos e a uma hospitalidade faustosa, impressiona muito os estrangeiros; e o regime não se esquecia de convidá-los a esses congressos anuais. Deles emanava uma impressão quase irresistível; quando os convidados retornavam a seus países, estavam conquistados” (p. 308).

72. A partir de 30 de janeiro ocorreu uma série incessante de festas e cerimônias como a Festa comemorativa dos Herois (meados de março), o aniversário do Führer (20 de abril), a Festa do Trabalho (1º de maio), a Festa das Mães (início de maio), o Congresso do Partido (começo de setembro), a Festa das Colheitas (fim de setembro-início de outubro) assim como o 9 de novembro.

73. Cf. K. Schemeer, *op. cit* ., p. 30. O título da revista citada é *Die neue Gemeinschaft* .

74. Instrução do departamento de propaganda da administração da região de Hannover do Sul e de Braunschweig, datada de 21 de julho de 1936 e citada em *Ursachen und Folgen* , XI, p. 62. Ver nesse sentido também a circular do Reichsstatthalter de Hesse, de 27 de abril de 1936, citada por F.J. Heyen, *op. cit* ., p. 145, de acordo com a qual, nos locais públicos, a indicação de que os judeus eram indesejáveis não devia ser redigida de forma rancorosa.

75. Ver principalmente em P. Stehlin, *op. cit* ., p. 53, assim como em François-Poncet, *op. cit* ., p. 304, que chega a fornecer uma descrição dessa forma de saudação (ela não tinha sido usada até ali e não o foi também a partir de então): “O braço é esticado na horizontal à altura do ombro”. Por outro lado, a maior parte das agremiações fez a tal saudação, com exceção dos ingleses e japoneses.

76. A. Speer, *op. cit* ., p. 71 e seg.

L. Graf Schwerin von Krosigk, *Es geshah in Deutschland* , p. 220

77.

78. Cf. A. Zoller, *op. cit* ., p. 127. O riso convulsivo de Hitler assim como seus olhares inquietos nos têm sido apresentados de vários ângulos diferentes; os filmes os fixaram igualmente; cf. por exemplo os *Tischgespräche* , p. 227, 243; também A. Zoller, *op. cit* ., p. 84, o qual declara que jamais se vira Hitler rir espontaneamente. Quando algo o divertia ou a alegria dos outros o contagiava, ele emitia uma espécie de risota estridente. Cf. também o excelente relato de G. Benn, *Den Traum allein tragen* , p. 116

79. *Tischgespräche* , p. 433; também H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 196 e seg. A respeito do receio constante de Hitler de cometer uma gafe, cf. A. Zoller, *op. cit* ., p. 126. Hitler expressou igualmente certo dia sua incompreensão pelo fato de Mussolini se deixar fotografar em calção de banho. "Um estadista verdadeiramente grande não faz isso".

80. H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 113 e seg.

81. Como, por exemplo, no discurso pronunciado perante os chefes distritais na Ordensburg Vogelsang de 29 de abril de 1937; o relatório assinala que por ocasião da primeira das duas observações Hitler batera com insistência o punho sobre a mesa; cf. H. von Kotze/H. Krausnick, *op. cit* ., p. 154, 156. Para as notas a respeito de Eva Braun, cf. A. Zoller, *op. cit* ., p. 125 e seg. A observação que se segue, de que Hitler praticamente jamais pronunciara uma palavra irrefletida, parte de Hjalmar Schacht, *Abrechnung mit Hitler* , p. 32

82. A. Krebs, *op. cit* ., p. 135; aí se encontra também a hipótese à qual é feita referência, isto é, que Hitler procurava provocar tanto quanto possível, conscientemente, o "frêmito sagrado". Cf. também a esse respeito A. Speer, *op. cit* ., p. 111

83. Cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler* , I, p. 23. Cf. também E. Hanfstaengl, *The Missing Years* , p. 266

84. A. Bullock, *op. cit* ., p. 376

85. Cf. A. Krebs, *op. cit* ., p. 128 e seg.

86. Cf. H.S. Ziegler, *Hitler aus dem Erleben dargestellt* , p. 54 a 70. Todas as declarações e os comportamentos citados ali foram igualmente

confirmados por A. Speer a este autor. Speer tinha podido observar ou escutar coisas similares. No que concerne ao gosto musical de Hitler, ver J. Goebbels, “Der Führer und die Kunste” in *Adolf Hitler* (Reemtsma-Cigaretten-Bilderdienst), p. 67. O. Dietrich, “Adolf Hitler als kunstlerischer Mensch” in *NS-Monatshefte* , 4º ano, caderno 43, out. de 1933, p. 474; do mesmo modo, *Mit Hitler in die Macht* , p. 198. A secretária de Hitler, senhorita Schröder, conta que além de Wagner o Führer gostava das operetas “Fledermaus” e “A Viúva Alegre”, pelas quais ele chegara mesmo por vezes a se deixar embalar. “Me recordo que durante certo tempo ele ouvia diante da lareira gravações dessas operetas. Mesmo enquanto trabalhava, ele se punha diante da janela, as mãos enfiadas nos bolsos de suas calças, o olhar distante, e assoviava melodias tiradas daquelas operetas”. Cf. também A. Zoller, *op. cit* ., p. 58

87. Esclarecimento prestado por A. Speer, que a maior parte do tempo ficara sentado do outro lado de Madame Wagner e assistira de perto à cena.

88. H. Schacht, *op. cit* ., p. 31

89. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 340

90. O discurso confidencial pronunciado para a nova geração de oficiais em 30 de maio de 1942 contém um exemplo significativo; o referido discurso foi publicado em apêndice aos *Tischgespräche* por H. Picker.

91. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 153

92. *Tischgespräche* , p. 227; a referência à significação simbólica do Untersberg expressa por Hitler é extraída de uma comunicação de Speer. Cf. também o mesmo, *op. cit* ., p. 100

93. M. Domarus, p. 704 (discurso em Wurzburg a 27 de junho de 1937).

94. A. Bullock, *op. cit* ., p. 386; sobre as cerimônias, cf. J.C. Fest, *Das Gesicht des Dritten Reiches* , p. 76. Cabe citar ainda a observação de Ley de que fora graças a Hitler que encontrara o caminho que conduzia do darwinismo a Deus. Cf. também in: VJHfZ 1967/3, p. 280

95. Cf. também no discurso já mencionado de Ordensburg Vogelsang, H. von Kotze/H. Krausnick, *op. cit* ., p. 157; para o que diz respeito à sua aversão crescente pelos combatentes da primeira hora, ver, por exemplo, A. Speer, *op. cit* ., p. 58

96. H. Rauschning, no capítulo "Hitler privat", que não havia sido incluído na edição alemã, mas publicado por Theodor Schieder, em seu Hermann Rauschning's *Gespräche mit Hitler* .

97. Já em dezembro de 1932, Hitler recusara-se a ouvir pelo rádio a declaração governamental de Schleicher: "Eu não desejo me influenciar seja lá por quem for". Cf. H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 70

98. A. Zoller, *op. cit* ., p. 45. Também Th. Schieder, *op. cit* ., p. 52, acha que Rauschning tinha "apanhado" bem o estilo monótono e fanatizante dos discursos de Hitler. Ele descrevera perfeitamente ao general Groener a maneira de falar de Hitler conforme observara após um encontro: "Ele evita a conversação objetiva e se põe logo a devanear e a se perder em séculos de história. Fala como em transe, o olhar perdido, depois de chofre se anima e desencadeia uma torrente de palavras, de frases, de imagens, sem vírgula, sem ponto, até ficar inteiramente exausto!" Cf. também G.A. Craig, *Groener Papers* , citado de acordo com as *Hitlers unbeachteten Maximen* , p. 48

99. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 162; em outro trecho, ele diz (p. 104) que a eloquência de Hitler dava sempre a impressão de um transbordamento físico.

00. K.W. Luedecke, *op. cit* ., p. 378. Os esclarecimentos sobre o retrato da mãe e do pastor Schreck provêm de uma informação de A. Speer.

01. IMT XVI, p. 476

02. A. Zoller, *op. cit* ., p. 73. No que concerne a Eva Braun, cf. o livro de Nerin E. Gun, escrito para agradar ao público, *Eva Braun-Hitler. Leben und Schicksal* .

03. A. Speer, *op. cit* ., p. 106; aí são encontradas outras informações sobre a ligação de Hitler com Eva Braun; ver também *Ibid* ., p. 144

04. K.W. Krause, *Kammerdiener* , p. 121, e também, por ex. A. Speer, *op. cit* ., pp. 97 e 131

05. A. Speer, *op. cit* ., p. 107; também A. Zoller, *op. cit* ., p. 21. Essas características do grupo mais chegado ao Führer são devidas ao médico particular de Hitler, o prof. Brandt; cf. também *Tischgespräche* , p. 47, assim como em G. Benn, o tipo de mancebo do círculo mais íntimo de Hitler, constatado por ele durante uma visita ao Hotel Kaiserhof; cf. G. Benn, *Den Traum allein tragen* , p. 116

06. A. Zoller, *op. cit* ., p. 21. cf. K.W. Luedecke, *op. cit* ., p. 459. As indicações sobre os filmes preferidos de Hitler derivam de uma informação da Regierungsrat Barkhausen/BAK que foi durante os anos trinta o fornecedor de filmes de Hitler. O catálogo de cerca de dois mil filmes que não deviam ser lançados oficialmente na Alemanha acha-se com Barkhausen. Cf. também H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 191, onde se encontram outros títulos.

07. Programa para a abertura de uma “BDM Werkwoche” em Trier, citado em J. Heyn, *op. cit* ., p. 230. Também J. Goebbels. “Unser Hitler”, fala irradiada a 20 de abril de 1935 (aniversário de Hitler), citado em *Adolf Hitler* (Reemtsma Cigaretten-Bilderdienst), p. 87

08. E. Nolte, *Epoche* , p. 358 e seg. Para o que se refere às récitas noturnas passadas assistindo a Tristão e Isolda, ou a A Viúva Alegre, cf. *Libres Propos* , p. 322, assim como O. Dietrich, *Zwölf Jahre* , p. 165. Como observa muito acertadamente Nolte, podemos considerar também infantis as lembranças sempre evocadas da vida escolar, plenas de ódio, como se ele jamais tivesse saído daquela fase de adolescência e que lhe faltasse de todo a experiência obtida com o tempo e seu poder enriquecedor, reflexivo e conciliador.

09. Cf. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 125, 123

10. *Offizieller Bericht* , p. 78; quanto ao entusiasmo de Hitler desde que seus próprios projetos de monumentos históricos prevaleceram, cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 83

11. *Tischgespräche* , p. 323

12. *Ibid* ., p. 195

13. *Ibid* ., p. 143; a observação “arquitetura de sátrapa” figura nas Memórias de Speer, p. 174

14. M. Domarus, *op. cit* ., p. 527 (discurso de 11 de setembro de 1935). Ver para todo esse encadeamento os relatos muito detalhados de A. Speer, *op. cit* ., capítulos 3-6, 8, 10-13.

15. A. Speer confidenciou a este autor que Hitler via em Péricles “uma espécie de paralelo” consigo mesmo.

16. Formas de estilo desse gênero surgem em quase todos os seus discursos

ditos culturais, mas também nos *Tischgespräche* ; ver também a obra de D. Strothmann, *Nationalsozialistische Literaturpolitik* , p. 302. Hitler ressaltava de bom grado a importância educativa das exposições de arte alemã para o público e os artistas, mas dizia que para os "não iniciados tratava-se de um verdadeiro espantalho"; *Tischgespräche* , p. 491

17. Proposição de A. Speer, que observa a esse respeito que a repulsa de Hitler no tocante à obra de Lucas Cranach devia igualmente ser atribuída ao fato de suas figuras femininas não corresponderem ao seu ideal particular, por não serem redondinhas. Hitler dizia que as mulheres de Cranach eram "antiestéticas".

18. Ver também H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 168; ele era o principal comprador e o conselheiro mais íntimo para todas as questões artísticas. Ver também *Ibid* ., p. 175, a indicação que se segue relativa aos quadros que se achavam no apartamento de Hitler na Prinzregentenplatz. Para L. Corinth, ver *Tischgespräche* , p. 379

19. Para o que se segue, ver ainda H. Hoffmann, *op. cit* ., p. 180

20. Cf. para as concepções artísticas de Hitler, H. Brenner, *Die Kunspolitik des National-sozialismus* , sobretudo o capítulo "Der Führerauftrag Linz", p. 154 e seg., de onde são extraídas essas observações.

21. A. Speer, *op. cit* ., p. 244, que faz igualmente ressaltar o diletantismo de Hitler.

22. Cf. por ex. *Tischgespräche* , p. 322, onde Hitler observa que não se tratava de menor trabalho, mas sim da capacidade de ter "grandes pensamentos".

23. Cf. O. Dietrich, *12 Jahre mit Hitler* , p. 168; e também H. Frank, *op. cit* ., p. 133; e ainda *Mein Kampf* , p. 501

24. *Tischgespräche* , p. 269; identificação do cristianismo e do bolchevismo, *Ibid* ., p. 169

25. Cf. E. Nolte, *Epoche* , p. 500

26. Citado por K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 286 e seg. Para as observações de Paul Valéry citadas a tal propósito, ver J.L. Talmon, *Politischer Messianismus* , t. II, p. 200

27. *Tischgespräche* , p. 186; a observação que se segue *Ibid* ., p. 171

28. *Ibid* ., p. 446

29. *Ibid* ., p. 173; cf. também A. Speer, *op. cit* ., p. 108 e seg.

30. *Libres Propos* , p. 253. Em *Mein Kampf* , lê-se a tal propósito; “A pureza de seu sangue preserva o judeu mais que nenhum outro povo. É assim que ele prossegue em seu nefasto caminho até esbarrar na força que, na violenta oposição de elementos celestes (!), o atira para Lúcifer” (p. 751). Cf. nesse sentido E. Nolte, *Epoche* , p. 500 e seg.

31. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 232; ver nesse sentido também, e em especial, Klaus Dörner, *Nationalsozialismus und Lebensvernichtung* , in: VJHfZ, 1967/2, P. 149

32. *Op. cit* ., p. 131. Cf. também M. Domarus, *op. cit* ., p. 717, que registra a declaração de Hitler feita no congresso do partido: “Mas a maior revolução já vivida pela Alemanha reside em que, pela primeira vez neste país, se cuidou de uma higienização do povo, em outras palavras, de uma higiene racial. As consequências dessa política racista alemã serão mais importantes para o futuro de nosso povo que os efeitos de todas as outras leis. Isso porque ela criará um homem novo”.

33. Declaração de Hitler em 13 de fevereiro de 1945, no *Testamento Político* , p. 85

34. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 233. Cf. também Horst Uberhost, *Elite fur die Diktatur* , igualmente Werner Klose, *Generation im Gleichschritt* .

35. *Testamento Político de Hitler* , p. 85

36. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 217

37. *Mein Kampf* , p. 782. O discurso aos oficiais foi publicado em H.-A. Jacobsen/W. Jochmann, *op. cit* ., datado de 25/1/1939.

38. Carta a Artur Dinter, citada por A. Tyrell, *op. cit* ., p. 205; também no início de 1935, numa conversa com o inglês T.P. Conwell-Evans, de modo bastante curioso, Hitler diz que atingiria precisamente a idade de sessenta anos; ver H.-A. Jacobsen, *Aussenpolitik* , p. 375/Notas. Ele mencionava igualmente a mesma idade em suas conversas com Speer, ver *Erinnerungen* , p. 117 e seg.

39. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 190. Encontra-se aí a referência a um atentado que se seguiu tanto na fala de Hitler aos chefes da Wehrmacht em 22 de agosto de 1939 (citado por H.-A. Jacobsen, *1939-1945* , p. 205) como numa declaração ao embaixador polonês Lipski na mesma época. (*Diplomat in Berlin* , p. 205.)

40. A. Krebs, *op. cit* ., p. 137; para uma visão melhor da história da doença de Hitler, cf. W. Maser, *Hitler* , p. 326

41. Citado por von Kotze/H. Krausnick, *op. cit* ., p. 160; para a citação que se segue, cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 153

42. Informação do Gaupropagandaleiter Waldemar Vogt, cf. em M. Domarus, *op. cit* ., p. 745

43. M. Broszat, *Der Staat Hitlers* , p. 423, com outras informações importantes.

44. M. Domarus, *op. cit* ., p. 974

45. Brammer-Material, cf. H.-A. Jacobsen, *Aussenpolitik* , p. 435. Para as críticas de Hitler aos intelectuais, ver os discursos de 29 de abril de 1937 e de 21 de maio de 1937, transcritos por H. von Kotze/W. Krausnick, *op. cit* ., p. 149 e seg., assim como 241 e seg.

46. E. Nolte, *Faschismus* , p. 325

47. *Tischgespräche* , p. 142. Cf. a esse propósito as declarações de Hitler em seu discurso aos chefes da Wehrmacht a 22 de agosto de 1939: “Nada temos a perder, e tudo a ganhar. Nossa situação econômica, após nossas restrições, é de tal natureza que não poderemos nos aguentar senão por uns poucos anos. Göring pode confirmar o que lhes digo. Não nos resta outra solução, devemos agir”. Citado em IMT, XXVI, p. 338. Para as declarações de Göring, cf. IMT, XXXVI, doc. EC-416.

48. O memorando de Hitler foi publicado no VJHfZ 1955/2, p. 184 e seg.

49. Relatório sobre a situação pelo Landrat de Bad Kreuznach, citado por F.J. Heyn, *op. cit* ., p. 290 e seg. Aí se encontrarão outras indicações.

50. Discurso de 10 de novembro de 1938; Cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 974

51. K. Heiden, *Hitler* , II, p. 215 e 251

52. O manuscrito do coronel Hossbach, muitas vezes qualificado falsamente de “Registro”, mas que, de fato, não fora redigido senão a 10 de novembro com a ajuda de anotações, foi publicado no IMT, XXV p. 402 e seg. (386-PS). Para maiores detalhes, cf. Walter Bussmann, Contribuição à origem e à transmissão da “Hossbach-Niederschrift”, in VJHfZ 1968/4, p. 373 e seg.

53. F. Hossbach, *op. cit* ., p. 219

54. IMT, IX, p. 344; as proposições de Göring foram confirmadas por Raeder em Nuremberg; cf. IMT, XIV, p. 44 e seg. Mesmo que os motivos de Göring e de Raeder fossem minimizar a significação política concreta das declarações de Hitler, o que só empresta credibilidade relativa a seus testemunhos, a declaração do Führer não deixa de se encaixar perfeitamente no quadro geral de sua angústia em face da corrida do tempo.

55. Cf. o que foi dito pelo embaixador italiano Attolico em conversa com Carl Jacob Burckhardt, *op. cit* ., p. 307. Cf. também a observação de Hitler nos *Tischgespräche* , p. 341: segundo ele, o Ministério do Exterior era um “amontoado de criaturas”. Para a observação a propósito dos generais, cf. F. von Schlabrendorff, *Offiziere gegen Hitler* , p. 60; e para o que se refere aos diplomatas, Rauschning, *Gespräche* , p. 249 e seg.

56. H. Foertsch, *Schuld und Verhängnis* , p. 85 e seg.

57. *Diário de Jodl* , IMT, XXXVIII, p. 357

58. *Ibid* ., p. 358. A autoridade de Brauchitsch era igualmente diminuída pelo fato de ter, para ocupar o posto, gasto uma soma considerável para se divorciar.

59. Cf. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 489. Foi François-Poncet que chamou o 4 de fevereiro de “30 de junho seco”, *op. cit* ., p. 334

60. Cf. H. Foertsch, *op. cit* ., p. 179; cf. U. von Hassel, *Vom anderen Deutschland* , p. 39

61. *Diário de Jodl* , *op. cit* ., p. 362. Cf. também na mesma obra p. 368, a citação que segue.

62. K. von Schuschnigg, *Ein Requiem in Rot-Weiss-Rot* , p. 44; e também detalhes sobre o encontro no Berghof. A conversação não fora citada ao

pé da letra, mas Schuschnigg soube reproduzir muito bem o tom e o estilo da argumentação. Cf. também W. Görlitz (Ed.) *Generalfeldmarschall Keitel* , p. 177

63. ADAPI, p. 468 e seg.

64. Cf. IMT, XXXIV, 102-C.

65. W. Görlitz, *Keitel* , p. 179

66. *Lagebesprechungen* , p. 306 (situação a 25 de julho de 1943).

67. IMT, XXI, 2949-PS, p. 367 e seg.

68. *Ibid* ., p. 368 e seg.

69. Memorando de Seyss-Inquart de 9 de setembro de 1945, IMT, XXXII, 3524-PS, p. 70

70. *Neue Basler Zeitung* de 16 de março de 1938, citado por M. Domarus, *op. cit* ., p. 822

71. Cf. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 338

72. IMT, XXVIII, p. 371, 1780-PS.

73. Stefan Zweig, *op. cit* ., p. 446

74. *Ibid* ., p. 448

75. IMT, XXV, p. 414 e seg., 388-PS.

76. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 157; para os propósitos de Chamberlain, cf. Bernd-Jurgen Wendt, *Munchen 1938* , p. 26

77. Protocolo sobre a conversação entre K. Henlein e Adolf Hitler em 28 de março de 1938, citado por M. Freund, *Geschichte des Zweiten Weltkriegs in Dokumenten* , t. I. p. 20 e seg. A indicação sobre a carta anônima se encontra na *Aussenpolitik* de H.-A. Jacobsen, p. 350

78. Eugen Dollmann, *Dolmetscher der Diktatoren* , p. 37

79. *Tischgespräche* , p. 134 e seg.

80. Galeazzo Ciano, *Diário do Conde Ciano* , t. I, p. 158 e seg. Ver também I. Kirkpatrick, *Mussolini* , p. 331 e seg.

81. Henderson a Ribbentrop, em 21 de maio de 1938, ADAP, série D, t. II, nº 184. O vice-ministro Butler usou quase os mesmos termos diante de um membro da embaixada da Alemanha em Londres; na Inglaterra, explicou ele, tinham ciência de que a Alemanha alcançaria seu próximo objetivo (referia-se à questão tchecoslovaca); *op. cit* ., t. I, nº 750.

82. ADAP, série D, t. VII, suplemento III H; cf. igualmente *Ibid* ., t. II, nº 415.

83. IMT, XXV, 388-PS, p. 422 e 434

84. Cf. M. Gilbert/R. Gott, *op. cit* ., p. 99; e ainda *Ibid* ., p. 89. Para o que se refere à proposição de Chamberlain, cf. a mensagem radiofônica de 27 de setembro de 1938, inserida no *Times* de 28 de setembro de 1938. O embaixador tcheco em Roma dizia por volta daquela época a Mussolini que "na Inglaterra não se tinha a menor ideia da Boêmia. Quando ele estudava em Londres, por ocasião de visitas feitas a certas pessoas, colocavam um violino em suas mãos unicamente porque se sabia que era tcheco. Confundiam-se os boêmios com os ciganos". Ver Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 248

85. Ver L.B. Namier, *Diplomatic Prelude* , Londres, 1948, p. 35

86. Duff Cooper, *Das lasst sich nicht vergessen* , Munique, 1954, p. 291. O relato do encontro se baseia de fato em P. Schmidt e seu livro *Statist* , p. 395 e seg. Depois o registro do encontro assim como uma carta de Chamberlain, dois documentos publicados por M. Freund, *op. cit* ., p. 133 e seg.

87. Ver M. Broszat, *Das Sudetendeutsche Freikorps* in: VJHfZ 1961/1, p. 30 e seg.

88. Ver o registro do encontro por M. Freund, *op. cit* ., p. 172 e seg.

89. Anotação de I. Kirkpatrick, citada por A. Bullock, *op. cit* ., p. 463

90. Cf. W.L. Shirer, *Aufstieg und Fall* , p. 374. O discurso de Hitler foi publicado por M. Domarus, *op. cit* ., p. 924 e seg.

91. Nota de I. Kirkpatrick, *op. cit* ., p. 462; cf. também P. Schmidt, *op. cit* ., p. 409

92. W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 376. O mesmo incidente foi relatado por muitos outros observadores, e geralmente no mesmo sentido; ver, por ex., P. Schmidt, *op. cit* ., p. 410; F. Wiedemann, *op. cit* ., p. 176 e seg. E. Kordt, *Nicht aus den Akten* , p. 259 e seg., 265 e seg. C.J. Burckhardt escreveu em fins de agosto a um amigo que não se podia fazer ideia "do terror, até mesmo o desespero das massas quando se passava a falar de guerra. (…) Nunca senti tão claramente o fato de que as pessoas não são responsáveis pelos crimes de seu Führer". *Op. cit* ., p. 155

93. Citado segundo Paul Seabury, *Die Wilhelmstrasse* , p. 149

94. Cf. Peter Hoffmann, *Widerstand, Staatsstreich, Attentat* , p. 79. Por ocasião de uma viagem que fez a Paris, na primavera, Goerdeler encontrou principalmente Pierre Bertaux e Alexis Léger, conhecido como poeta sob o nome de Saint-John, e que era também o mais alto funcionário do Quai d'Orsay.

95. *Ibid* ., p. 83; consideravam-se provas muito concludentes as declarações públicas de assistência à Tchecoslováquia e as demonstrações de firmeza sobre o plano militar.

96. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 182

97. David Astor formula a mesma ideia num estudo crítico sobre a atitude canhestra e incompreensível da Inglaterra diante da resistência alemã: "20 de julho de 1944 — Os conspiradores fracassaram porque os aliados não souberam captar os sinais..". (publicado no *Die Zeit* de 18 de julho de 1966). Cf. também George F. Kennan, *Memoirs 1925-1950* , p. 119 e seg.

98. B.-J. Wendt, *Munchen* , p. 72

99. Cf. Daladier, em 27 de setembro, em sua conversa com o embaixador dos EUA em Paris, Bullit; as propostas de Chamberlain a Gamelin foram divulgadas por intermediários, de maneira que não se pode garantir estritamente sua autenticidade, mas se inserem logicamente no caráter geral da política inglesa da época; cf. *Ibid* ., p. 108 e seg.

:00. Cf. Wolfgang Foerster, *Generaloberst Ludwig Beck* , p. 125 e seg. O chefe do estado-maior da Marinha, vice-almirante Guse, expressou ideias análogas num memorando; cf. P. Hoffmann, *op. cit* ., p. 104

:01. Erich Kosthorst, *Die deutsche Opposition gegen Hitler* , p. 50. Cf. para o contexto em seu todo *Das Heer und Hitler* , de Klaus-Jurgen Muller, p. 345 e seg. Por outro lado, Brauchitsch apertou calorosamente as duas mãos de Halder no referido momento.

:02. Para o que se refere às relações de Halder e de Hitler, cf. H. Krausnick, "Vorgeschichte und Beginn des militärischen Widerstandes begen Hitler" in *Vollmacht des Gewissens* , p. 338, assim como H.B. Gisevius, *Bis zum bitteren Ende* , p. 348 e seg., cujo relato assume importância especial pelo fato de que ele se incluía entre os mais severos críticos de Halder. Ver também G. Ritter, *Carl Goerdeler* , p. 184

:03. Também o comandante da 23ª Divisão de Potsdam, general Conde von Brockdorff-Ahlefeldt, o comandante do 50º Regimento de Infantaria, estacionado em Landsberg a.d. Warthe, o coronel von Hase, assim como o general Hoepner, que, com sua divisão estacionada na Turíngia, devia atacar caso a SS-Leibstandarte, estacionada em Munique, tivesse que precipitar-se para socorrer Berlim.

:04. Parece que Canaris e Oster sabiam desse projeto e o aprovaram. A ideia de que dessa maneira seria fácil vir à tona o problema da fé jurada, que tivera tão grande importância até 20 de julho, foi certamente uma de suas considerações dominantes.

:05. Hans Rothfels, *Opposition gegen Hitler* , p. 68; cf. também H. K. Rönnefarth, *Die Sudeten Krise* , t. I, p. 506

:06. G. Ritter, *op. cit* ., p. 198 e seg.; N. Henderson, logo após a Conferência de Munique, escreveu no mesmo sentido: "No atual estágio da situação, para manter a paz, temos salvado Hitler e seu regime", K.-J. Muller, *op. cit* ., p. 378. Aí ainda Hitler consumou seu sucesso ao demitir repentinamente um número significativo de oficiais que se opunham a suas ideias, como por exemplo o general Adam, e privando assim a resistência de importantes posições-chaves.

:07. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 240

:08. *Ibid* ., p. 243. Todas as circunstâncias revelam que só se tratava realmente de fixar pelo tratado os acordos. A Conferência tinha também por objetivo, pelo menos no que se referia aos chefes de governos

ocidentais, forçar Hitler a se comprometer e colocar um freio a outras expansões; mas também de modo bastante significativo, todas as declarações de garantia foram dadas nos compromissos anexos e assinados apenas parcialmente.

209. Galeazzo Ciano, *Ibid* ., p. 242. Cf. para o assunto P. Stehlin, *op. cit* ., p. 125 e seg.; P. Schmidt, *op. cit* ., p. 415 e seg., assim como François-Poncet, *op. cit* ., p. 381

210. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 243

211. Cf. Hitler, num discurso de 24 de abril de 1936 na inauguração do Ordensburg-Crössinsee, Hoover-Institute, Pastas 19-59; também P. Schmidt, *op. cit* ., p. 417; I. Kirkpatrick, *Im inneren Kreis* , p. 110

212. E. Nolte, *Faschismus* , p. 281

213. *Testamento Político* , p. 118 e seg. Para os propósitos de Schacht, ver IMT, XIII, p. 4. E na mesma ordem de ideias, o lembrete de uma declaração de Hitler datada de setembro de 1938 nos *Tagebucher* de Helmuth Groscurth: "Ele [Hitler] fora obrigado a recuar em setembro e não tinha atingido seu objetivo. Sentia-se forçado a fazer a guerra durante a vida; jamais outro alemão teria uma autoconfiança tão ilimitada; só ele era capaz de guerrear. Objetivos da guerra: a) o domínio da Europa, b) domínio do mundo por séculos. A guerra devia eclodir dentro em breve por causa do rearmamento dos outros". Ver *op. cit* ., p. 966

214. Discurso perante os comandantes da Wehrmacht em 23 de maio de 1939. IMT, XXXVIIn p. 551. Hitler se manifestou quase do mesmo modo no discurso comemorativo tradicional de 8 de novembro de 1938 no Burgerbräukeller, no decorrer do qual ele se referiu claramente à frase de von Clausewitz: "Declaro e sustento ao mundo e à posteridade que considero a falsa inteligência que busca furtar-se ao perigo como a coisa mais perniciosa que o medo e o temor possam inspirar". Cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 966

215. Cf. discurso de 22 de agosto de 1939, M. Domarus, *op. cit* ., p. 1234 e seg.

216. IMT, XX, p. 397. Keitel declarou em Nuremberg que os recursos ofensivos alemães não teriam mesmo bastado para abrir uma brecha nas fortificações fronteiriças da Tchecoslováquia. IMT, X, p. 582

17. ADAP, nº 476, p. 529 e seg.

18. Cf. M. Gilbert/R. Gott, *op. cit* ., p. 144 e seg.

19. *Ibid* ., p. 147, 150; a informação a respeito da intervenção do SD e da Gestapo provém do *Völkischer Beobachter* de 10 de outubro de 1938.

20. Assim, por exemplo, o relatório do encarregado de negócios inglês em Berlim; cf. especialmente *Documents on British Foreign Policy* , 2nd Series III, p. 277; para o que concerne à citação extraída de *Das Schwarzen Korps* , cf. *Diktatur* , de K.D. Bracher, p. 399. Para os detalhes sobre os ecos dos pogroms nas diversas partes do Reich, cf. Marlis Steiner, *Hitlers Krieg* , p. 75

21. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1058

22. O discurso, que pertence aos documentos-chave sobre Hitler, foi publicado no VJHfZ 1958/2, p. 181 e seg.

23. Nota do conselheiro de legação Hewel, ADAP, t. IV, nº 228.

24. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 430

25. A. Zoller, *op. cit* ., p. 84; a citação seguinte provém da “Proklamation an das deutsche Volk”, de 15 de março, redigida evidentemente antes da conversa com Hacha; ver M. Domarus, *op. cit* ., p. 1095

26. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 225

27. Citado por E. Nolte, *Faschismus* , p. 330; a propósito do discurso de Chamberlain em Birmingham, cf. *Ursachen und Folgen* , XIII, p. 95 e seg.; cf. também M. Cilbert/R. Gott, *op. cit* ., p. 164

28. IMT, XXXVIII, p. 377 (1.780-PS).

29. Cf. B.-J. Wendt, *op. cit* ., p. 72

30. E. Kordt, *Wahn und Wirklichkeit* , p. 153; para o que concerne à crítica ulterior de Hitler contra a ação de Praga, ver *Testamento Político* , p. 119 e seg.; para as instruções à imprensa de 16 de março de 1939, cf. A. Hillgruber *Hitlers Strategie* , p. 15

31. Cf. para a questão em seu todo M. Freund, *Weltgeschichte der Gegenwart in Dokumenten* , t. II, p. 58 e seg., e também *Ursachen und Folgen* , t. XIII, p. 151 e seg.

32. Cf. Sebastian Haffner, no ensaio muito vivo e espirituosamente intitulado *Der Teufelspakt* , que contém também indicações sobre as três possibilidades da política hitlerista.

33. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 157

34. Cf. a ata do encontro de Beck e Chamberlain assim como Halifax de 4 de abril de 1939, citada por M. Freund, *op. cit* ., p. 122

35. Cf. M. Freund, *op. cit* ., p. 97

36. *Ibid* ., p. 101 e seg.

37. Hitler, em sua entrevista com o ministro sul-africano Pirow em 24 de novembro de 1938, ADAP, nº 271: "Ele lutou toda a vida por uma aproximação maior germano-inglesa. Sobre isso já se pronunciara em seu livro *Mein Kampf* (…) Mas ninguém foi tratado de modo mais desprezível pela Inglaterra que ele, o Führer (…) Cheio de amargura, decidiu por fim dar adeus à sua obra de juventude ao perceber que a Inglaterra não desejava sua amizade."

38. Relatado por H.B. Gisevius, *Bis zum bitteren Ende* , t. II, p. 107

39. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.119 e seg.

40. Cf. por ex. A. François-Poncet, *op. cit* ., p. 397; também Grigore Gáfencu, *Derniers Jours de l'Europe* , Paris, 1946, p. 98 e seg. Para o que se segue, cf. *Ursachen und Folgen* , XIII, p. 211 e seg. e 214 e seg.

41. IMT, XXXIV, p. 380 e seg. (120-C).

42. W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 438; A. Bullock escreve em termos análogos, *op. cit* ., p. 506

43. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.148 e seg.

44. Citado por M. Freund, *Weltgeschichte* , p. 373

45. Notas do relator, o conselheiro de legação Julius Schnurre, acerca de um encontro com o encarregado de negócios soviético em Berlim, Georgij Astachow, em 5 de maio de 1939. Cf. ADAP, série D, t. VI, p. 355; e também as notas de Weizsäcker sobre uma conversa com o embaixador soviético Merekalow em 17 de abril de 1939, *op. cit* ., nº 215.

46. K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 345

47. M. Domarus, *op. cit* ., p. 509

48. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 348. Para o que se refere às hesitações de Hitler e sua atitude instável, ver *Ibid* ., p. 325 e seg.; ver também A. Bullock, *op. cit* ., p. 518. A observação a propósito de um "pacto com o diabo" aparece numa conversação de 20 de agosto. Ver Halder, KTB, I, p. 38

49. E. Nolte, *Faschismus* , p. 286

50. Galeazzo Ciano, *Diário do Conde Ciano 1939-1943* , p. 89, 92

51. ADAP, *op. cit* ., p. 514 e seg.

52. IMT, XXXVII, p. 546 e seg.

53. Cf. H. Booms, "Der Ursprung des Zweiten Weltkriegs — Revision oder Expansion?", in *Geschichte in Wissenschaft und Unterricht* , junho de 1965, p. 349 e seg.

54. M. Freund, *op. cit* ., t. III, p. 15; a propósito da observação de Attolico assim como da situação de Danzig, cf. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 305, 318

55. Notas tomadas por um funcionário do Foreign Office sobre o relatório de C.J. Burckhardt de 14 de agosto de 1939, *op. cit* ., p. 59

56. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 341 e seg.

57. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 122. Ciano passara o dia anterior com Ribbentrop e anotou: "A vontade de ir à guerra é inquebrantável. Ele recusa qualquer outra solução que poderia dar uma satisfação à Alemanha e evitar o conflito. Estou convencido de que, mesmo que os

alemães recebessem mais do que pedem, eles atacariam, pois estão possuídos pelo demônio da destruição”.

58. ADAP, VI, nº 729.

59. Halder, KTB, I, p. 11; o famoso telegrama de Ribbentrop é transcrito por M. Freund, *op. cit* ., p. 143

60. IMT, XXVI (798-PS).

61. E. von Weizsäcker, *op. cit* ., p. 235

62. G. Bonnet, *Vor der Katastrophe* , p. 255

63. Citado segundo M. Freund, *op. cit* ., p. 115

64. *Ibid* ., p. 124; ver aí também p. 123 a declaração do ministro do Exterior polonês de 23 de agosto de 1939, assim como p. 165, a troca de telegramas entre Ribbentrop e Hitler.

65. Os juízes soviéticos conseguiram evitar no entanto que se apresentasse o aditivo ao tratado como documento testemunhal, de modo que ele não teve nenhuma importância no decorrer do processo.

66. E. Nolte, *Krise* , p. 204

67. A. Rosenberg, *Das politische Tagebuch* , p. 82. “Essa é”, observa a esse respeito Rosenberg, com indignação, “a mais impertinente humilhação que se poderia impor ao nacional-socialismo”.

68. Notas do relator da conferência de 24 de agosto de 1939 (Hencke), citado por M. Freund, *op. cit* ., p. 166 e seg.

69. G. Gáfencu, *Derniers Jours de l’Europe* , citado aqui de acordo com M. Freund, *op. cit* ., p. 174, ao qual devemos essa indicação. Para o que se refere ao respeito de Hitler por Stalin, cf. por ex. as diversas proposições de H. Picker, *Tischgespräche* . Nas Meditações da Primavera de 1945, ele se manifesta igualmente a propósito de Stalin em termos admirativos, contrastando bastante com sua atitude em geral de menosprezo em relação a seus adversários; cf. *Testamento Político* , p. 134, 137

70. H. Hoffmann, *Hitler was my friend* , p. 103. Para o que se relaciona com as resoluções referentes aos momentos históricos perdidos, cf. A.

Hillgruber, *Staatsmänner und Diplomaten* , t. I, p. 122

71. Desse discurso nos foram apresentadas seis versões, que diferem umas das outras em seu destaque; cf. a esse respeito o exame comparativo de Winfried Baumgart in: VJHfZ 1968/3, p. 120 e seg. A versão mencionada aqui se encontra em IMT, XXVI 789-PS (primeira parte) e 1.014-PS (segunda parte). Sobre a impressão que esse discurso produziu nas pessoas presentes, cf. por exemplo E. Raeder, *Mein Leben* , t. II, p. 165 e seg. E. von Manstein, *Verlorene Siege* , p. 19 e seg.

72. F. Halder, KTB I, p. 27

73. Citado por M. Freund, *Weltgeschichte* , p. 271

74. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 450

75. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 123 e seg. (13/18 de agosto de 1939).

76. *Ibid* ., p. 131. Trata-se do catálogo organizado de acordo com o material bélico mais valioso da época, conhecido mais tarde sob o nome de Molybdän-Liste. Os italianos exigiram do mesmo 600 toneladas. A lista é citada em Walther Hofer, *Die Entfesselung des Zweiten Weltkriegs* , p. 256

77. F. Halder, KTB I, p. 34; também P. Schmidt, *op. cit* ., p. 453

78. F. Halder, KTB I, p. 38, 40

79. Carta de Mussolini a Hitler de 29 de agosto de 1939, citada por M. Freund, *op. cit* ., p. 328; cf. também o relatório do embaixador da França Coulondre ao ministro do Exterior francês sobre seu encontro com Adolf Hitler, *op. cit* ., p. 287, assim como Henderson a Halifax, citado por M. Gilbert/R. Cott, *op. cit* ., p. 232

80. Notas de Sir Ivone Kirkpatrick, Sir Orme Sargent e Lord Halifax, *op. cit* ., p. 320 e seg.

81. F. Halder, *op. cit* ., p. 42. No que diz respeito ao “Friedensplan” alemão, ver ADAP, *op. cit* ., t. VII, p. 372 e seg., assim como P. Schmidt, *op. cit* ., p. 359 e seg.

82. B. Dahlerus, *Der letzte Versuch* , p. 110; cf. também as notas de Sir N.

Henderson de 31 de agosto de 1939, citadas por M. Freund, *op. cit* ., p. 372 e seg.

283. Notas de Schmidt sobre um encontro entre Hitler e Attolico datado de 31 de agosto de 1939, citado por M. Freund, *op. cit* ., p. 391. Sobre a informação nº 1, ver ADAP, *op. cit* ., p. 397 e seg.

284. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.312 e seg. Quanto ao momento em que começou a luta, Hitler se enganou; assim como foi estabelecido na Diretriz nº 1, o ataque só ocorreu às 4h45.

285. Em suas negociações com a Inglaterra, a França teria preferido iniciar as hostilidades em 4 de setembro e de fato, como afirmou Bonnet a Halifax, na segunda-feira à tardinha; cf. M. Freund, *op. cit* ., p. 412 e seg. Para o que se refere ao discurso de Chamberlain na Câmara dos Comuns de que se trata em seguida, cf. o Livro Azul do governo inglês, Basel, 1939, nº 105

286. ADAP, VII, p. 425

287. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 463 e seg.

288. P. Stehlin, *op. cit* ., depois ADAP, *op. cit* ., p. 445, e W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 562, chamaram a atenção sobre essa diferença notável.

289. M. Gilbert/R. Gott, *op. cit* ., p. 284 e seg. O episódio evocado pouco mais abaixo é igualmente relatado, cf. p. 274

290. IMT, XV, p. 385 e seg.

291. Segundo um ministro-presidente da Polônia ulterior, como relata M. Freund, *op. cit* ., p. 406

292. C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 164

293. E. Nolte, *Krise* , p. 205

294. Relatado nesses termos por C.J. Burckhardt, *op. cit* ., p. 351

295. E. von Weizsäcker, *op. cit* ., p. 258. Para o que se refere à incerteza de Hitler e suas tentativas de autoapaziguamento, cf. A. Zoller, *op. cit* ., p. 156; A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 196; cf. também F. Halder, *op. cit* ., p. 39. As observações relativas às fraquezas e à decadência da

Inglaterra são encontradas igualmente nas diversas alocuções de Hitler pronunciadas de 5 de novembro de 1937 a 22 de agosto de 1939.

296. Karl Dönitz, *Zehn Jahre und zwanzig Tage* , p. 45

TERCEIRA INSERÇÃO: A GUERRA ERRADA

1. Especialmente diante do "Hamburger Nationalklub de 1919", citado por W. Jochmann, *Im Kampf um die Macht* , p. 83

2. Discurso perante oficiais e aspirantes a 15 de fevereiro de 1942, citado por H. von Kotze/H. Krausnick, *op. cit* ., p. 308; também no *Tischgespräche* , p. 248

3. *Hitler's Table Talk* , p. 661; também A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 388

4. H. Rauschning. *Gespräche* , p. 12: cf. também *Tischgespräche* , p. 172

5. *Tischgespräche* , p. 328

6. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 388

7. O. Dietrich, *12 Jahre* , p. 156; para o que se relaciona com as observações de Goebbels, cf. I. Kirkpatrick, *Im inneren Kreis* , p. 69. A observação citada, extraída de *Das Zweiten Buch* , aí se encontra na p. 77

8. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 16

9. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 102 e seg. Na mesma conversa, Hitler frisou que só se dedicariam com afinco à fabricação de submarinos a partir do outono de 1940, mas que esperava nessa época já ter acabado com seus inimigos, *op. cit* ., p. 92 e seg. Para o que se refere à proposição do parágrafo seguinte, segundo a qual a Inglaterra só entrara na guerra devido à atitude irresoluta da Itália, ver a entrevista com Ciano, *op. cit* ., p. 42

10. E. von Weizsäcker, *op. cit* ., p. 258

11. Resolução de Hitler no outono de 1933, para motivar sua decisão de retirar-se da Liga das Nações, cf. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 101 e seg.

12. De acordo com um comunicado de 26 de abril de 1922, citado por Wolfgang Horn, *Führerideologie und Parteiorganisation* , p. 69; cf. outros exemplos *Ibid* ., p. 67 e seg. A citação precedente parte de um apelo de Hitler à SA de 16 de dezembro de 1922, PND-Bericht nº 393, HA 65/1.483.

13. M. Freund, *Weltgeschichte* , III, p. 189

14. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.425 e seg.

15. Extraído de um exame situação em 31 de julho de 1944, cf. H. Heiber, *Hitlers Lagebesprechungen* , p. 587; cf. ainda E. von Weizsäcker, *op. cit* ., p. 258. A alusão a Gengis Khan procede da fala de 22 de agosto de 1939, citada in: VJHfZ 1968/2, p. 139

16. H. Heiber, *op. cit* ., p. 862

17. Ele se dirigia a membros da regência búlgaro durante uma reunião no Schloss Klessheim, em 16 de março de 1944, citado por A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. II, p. 377; na mesma ocasião, Hitler disse que "essa guerra se realizaria com mais firmeza do que poderiam esperar de sua parte e que teria outros caminhos para chegar ao fim desejado". *Ibid* ., p. 376

18. A ordem foi dada sob a forma de uma carta assim redigida: "O Reichsleiter Bouhler e o dr. Brandt deverão, sob sua responsabilidade, estender nominalmente aos médicos incumbidos de decidir em último caso os poderes necessários para dar uma morte misericordiosa aos doentes incuráveis, bastando que se possa aquilatar por meio de um exame crítico o estado de sua enfermidade. Adolf Hitler". Cf. IMT, XXVI, p. 169; de fato, esse programa de eutanásia, de início e sobretudo por causa dos protestos logo surgidos nas igrejas, não pôde ser aplicado em grande escala.

19. Resolução atribuída ao marechal Antonescu em 13 de abril de 1943, cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. II, p. 232 e seg.

20. Conversa com Mussolini no Passo de Brenner em 18 de março de 1940, citada por A. Hillgruber, *op. cit* ., t. I, p. 90

21. Transcrito em IMT, XXXVII, p. 468 (052-L); a von Brauchitsch e Halder, Hitler explicou: "O tempo, em geral, trabalhará contra nós se não o explorarmos ao máximo. Com recursos econômicos maiores, o outro lado

pode comprar mais e transportar (…) O tempo não trabalha para nós militarmente falando (…) Por motivos psicológicos e materiais, o tempo age contra nós no plano militar.” Cf. F. Halder, KTB, t. I, p. 86 e seg. CF. também a esse propósito a observação de Hitler num discurso cinco anos depois, um pouco antes da ofensiva das Ardenas, que ele “não podia ter tido um momento mais propício que o do ano de 1939.” Cf. H. Heiber, *op. cit* ., p. 717

22. IMT, XXVI, p. 332 (789-PS); para a proposição evocada anteriormente, cf. A. Hillgruber, *op. cit* ., t. I, p. 125, 51, 57

23. Relato do Sicherheitsdienst zu Inlandsfragen de 8 de janeiro de 1940, citado por Heinz Boberach (Ed.), *Meldungen aus dem Reich* , p. 34 e seg.

24. Na fala perante os comandantes de divisão em 12 de dezembro de 1944, cf. H. Heiber, *op. cit* ., p. 718; e também em *Hitlers zweites Buch* , p. 138. As diversas tentativas de Hitler para buscar para si mesmo um álibi, durante a fase que precedeu a guerra, contra a acusação de ser o responsável pelo conflito perderam por si mesmas todo o valor; Hitler diria mais tarde de suas propostas dos derradeiros dias de agosto, visando a uma solução do caso de Danzig e do Corredor da maneira mais franca possível: “Eu tinha necessidade de um álibi, sobretudo em relação ao povo alemão, a fim de mostrar-lhe que havia feito tudo para manter a paz”. Cf. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 469

25. Publicado por H. von Kotze/H. Krausnick, *op. cit* ., p. 345

26. Citado por Alan S. Milward, *Die deutsche Kriegswirtschaft 1930-1945* , p. 30

27. Cf. A. Hillgruber, *Strategie* , p. 31, com outras indicações bibliográficas referindo-se também ao aspecto econômico dos acordos de Moscou; cf. também A.S. Milward, *op. cit* ., p. 30. A observação de Molotov que tem sido mencionada foi emitida durante a conversação de 13 de novembro de 1940 em Berlim, cf. A. Hillgruber *Staatsmänner* , t. I, p. 307

28. Segundo as indicações do *Statistischen Handbuck des Deutschen Reichs* , os gastos com o armamento subiram durante os anos do governo NS para o período orçamental de 1933/34, elevaram-se a 1,9 bilhão (sobre 8,1 bilhões de despesas gerais), 1934/35, 1,9 bilhão (sobre 10,4), 1935/36, 4 bilhões (sobre 12,8), 1936/37, 5,8 bilhões (sobre 15,8), 1937/38, 8,2 bilhões (sobre 20,1) e por fim, em 1938/39, 18,4 bilhões (sobre 31,8).

R. Bensel, *Die deutsche Flottenpolitik von 1933 bis 1939* , p. 68; E.

29. Raeder, *Mein Leben* , t. II, p. 172, assim como A. Hillgruber, *Hitlers Strategie* , p. 35 e seg., com outras indicações.

30. Cf. IMT, XV p. 358 e seg. (declarações de Jodl com as informações já citadas; no mesmo contexto, Jodl tinha explicado também que "o verdadeiro armamento devia ter sido efetuado durante a guerra"). Além disso, H.-A. Jacobsen, *Fall Gelb* , p. 4 e seg.; para a situação do ponto de vista de munições, cf. entre outros F. Halder, *op. cit* ., p. 99. Os efetivos da Luftwaffe compreendiam em 1º de setembro de 1939: 1.180 bombardeiros, 771 aviões de caça, 336 de mergulho, 408 aviões destroieres, 40 de assalto, 552 de transporte, 379 de reconhecimento assim como 240 aviões da Marinha. Até o fim de 1939 foram construídos 2.518 aparelhos, em 1940, 10.392, em 1941, 12.392, em 1942, 15.497, em 1943, 24.795, em 1944, 40.593 e mesmo em 1945, 7.541 aparelhos. Citado de acordo com A. Hillgruber, *Strategie* , cf. notas da p. 38

31. IMT, XXXVII, p. 468 e seg. (052-L).

32. A ideia de que a noção de guerra-relâmpago era mais que um método de conduzir à guerra derivada unicamente de considerações táticas foi aventada pela primeira vez por A.S. Milward em seu estudo (por nós citado), *Die deutsche Kriegswirtschaft* .

33. Cf. KTB/OKW I, p. 150 E

34. A.S. Milward, *op. cit* ., p. 17; cf. também A. Hillgruber, *Strategie* , com outras indicações.

35. IMT, XXVI, p. 330; cf. também H. Rauschning, *Gespräche* , p. 120

36. Assim, por exemplo, a tese, confessada ou tácita, de Fritz Fischer e sua escola, cf. especialmente F. Fischer: *Griff nach der Weltmacht* e *Krieg der Illusionen* ; Helmut Böhme, *Deutschlands Weg zur Grossmacht* ; Klaus Wernecke, *Der Wille zur Weltgeltung* . Mas cf. também, com as concepções em parte nitidamente controvertidas: Egmont Zechlin, "Die Illusion vom begrenzten Krieg" in *Recht und Staat* , fascículo 351/352; Wolgang J. Mommsen, "Die deutsche Kriegszielpolitik 1914-1918" in Julho 1914, a edição alemã do *Journal of Contemporary History* , Munique, 1967, assim como sobretudo, Karl Dietrich Erdmann, em seu prefácio à obra de Kurt Riezler, *Tagebucher, Aufsätze, Dokumente* , p. 17 e seg.

37. Citado conforme W.J. Mommsen, “Die deutsche Weltpolitik und der Erste Weltkrieg” in NPL, 1971/4, p. 492; trata-se de um trecho do Diário de Riezler, que foi divulgado numa edição de grande tiragem; Bethmann Hollweg, observou de fato Riezler, indignara-se com tal tolice. Cf. também de F. Fischer, *Illusionen* , p. 359 e seg.

38. Kurt Riezler, *op. cit* ., p. 217 (11 de outubro de 1914); cf. também *Ibid* ., p. 285 (16 de julho de 1915) a Bethmann Hollweg, onde se lê que “a ideia de domínio do mundo… era tradicionalmente antipática”.

39. Alfred Kruck, *Geschichte des Alldeutschen Verbandes 1890-1939* , p. 85 e também p. 44. Para o que se refere às observações citadas de von Moltke e citações da imprensa, cf. Rudolf Augstein, “Deutschlands Fahne auf dem Bosporus” in *Der Spiegel* , 48/1969, p. 94; e ainda F. Fischer, *Illusionen* , p. 62 e seg.

40. Citado por Wolfgang Steglich, em *Die Friedenspolitik der Mittelmächte* , I, p. 418; depois também R. Augstein, *op. cit* ., p. 100. A ideia de que a Inglaterra era uma das potências que se opunham mais vivamente às pretensões alemãs se faz presente antes, durante e após a guerra. O general Groener, num exame da situação, em 15 de maio de 1919, no GQG, interpretava a I Guerra Mundial como uma tentativa frustrada “de lutar com a Inglaterra pela hegemonia mundial”. Groener acrescentava: “Quando se deseja combater pelo domínio do mundo, é necessário preparar isso de antemão, com esmero e uma lógica implacável. Não se pode flutuar daqui para lá e fazer uma política de paz, é preciso promover de maneira cabal uma política de poder. Mas, para isso, é preciso que a base sobre a qual essa ação se apoia, interna como externamente, permaneça firme e inabalável. Temos procurado, conscientemente, alcançar o domínio do mundo antes de haver consolidado nossa posição continental. Naturalmente, não posso dizer isso senão no círculo mais íntimo, mas para quem examine a questão com lucidez e dentro do plano histórico, não pode haver qualquer dúvida”. Cf. F. Fischer, *Illusionen* , p. 1. É exatamente a ideia básica que norteava as intenções de Hitler.

41. Cf. A. Hillgruber, *Kontinuität und Diskontinuität in der deutschen Aussenpolitik von Bismarck bis Hitler* , p. 19

42. Cf. Himmler, em um de seus discursos de Posen (4 de outubro de 1943) que reproduz sem nenhuma dúvida a concepção de Hitler, tal como ela se apresenta naquela época nos *Tischgespräche* , sob uma forma condensada; IMT, XXIX, p. 172 (1919-PS).

43. Por exemplo. Otto Hintze a Friedrich Meinecke, cf. *Die deutsche Katastrophe* , p. 89

44. *Mein Kampf* , p. 508

45. Cf. W. Görlitz/ H.A. Quint, *op. cit* ., p. 547

46. IMT XXVI, p. 378 e seg. (864-PS).

47. Citado de acordo com Josef Wulf, *Das Dritte Reich und seine Vollstrecker* , p. 352 e seg.; a carta do oficial alemão em questão é citada in: VJHfZ 1954/3, p. 298 e seg.

48. *Lagebesprechungen* , p. 63 e seg.

49. Citado conforme H.-A. Jacobsen, *Der Zweite Weltkrieg* , p. 67

50. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 76

PARTE VII – VENCEDOR E VENCIDO

1. IMT XXXVII, p. 466 e seg. (052-L).

2. Assim se expressa Hitler, em suas declarações comentadas após a leitura do memorando; cf. F. Halder, *op. cit* ., p. 102

3. *Ibid* ., p. 93, 98 e seg. O general von Leeb, comandante de um grupo de exércitos, fala de um "acesso de loucura"; cf. H.-A. Jacobsen, *Fall Gelb* , p. 50 e seg.; von Leeb diz também a propósito do "apelo de paz" de Hitler: "O discurso do Führer no Reichstag foi portanto uma mentira pregada ao povo alemão". A propósito da possibilidade de deixar a guerra "serenar", cf. o rascunho do general Jodl escrito em Nuremberg sobre "Hitler als Stratege", transcrito no Kriegs*Tagebuch* des OKW (KTB/OKW), t. IV, cap. II, p. 1717

4. H. Groscurth, *Tagebucher eines Abwehroffiziers 1938-1940* , p. 224; e também Erich Kosthorst, *Die deutsche Opposition gegen Hitler zwischen Polen und Frankreichsfeldzug* , p. 96; F. Halder, *op. cit* ., p. 120 assim como o testemunho de Brauchitsch em Nuremberg, IMT XX, p. 628

5. Cf. Anton Hoch, *Das Attentat anf Hitler im Munchener Burgerbraukeller 1939* , in VJHfZ 1969/4, p. 383 e seg.

6. Heinz Guderian, *Erinnerungen eines Soldaten* , p. 76. O discurso citado nos chegou às mãos em diversas versões que apresentam uma grande concordância entre si; das duas versões sobre as quais me baseei, uma figura sob o nome de Nurnberger Dokument PS-789 (IMT XXVI, p. 327 e seg.), enquanto que a outra se encontra nos Arquivos Militares de Friburg-am-Brisgau sob o Nº 104/3; seu provável autor é H. Groscurth.

7. H. Groscurth, *op. cit* ., p. 233

8. Winston S. Churchill, *The Second World War* , II, p. 74

9. F. Halder, KTB I, p. 302

10. H.-A. Jacobsen, *Dokumente zum Westfeldzug 1940* , Göttingen/Berlim/Frankfurt/M. 1960, p. 121

11. F. Halder, *op. cit* ., p. 332; para as declarações de Göring, cf. Bernhard von Lossberg, *Im Wehrmachtsfuhrungsstab* , Hamburgo, 1949, p. 80 e seg. A propósito da discussão sobre a ordem de prisão propriamente dita, cf. Liddell Hart, *The other side of the hill* , Londres, 1951, p. 185 e seg.; ver também, Arthur Bryant, *Kriegswende* , assim como H.-A. Jacobsen, *Dunkirchen 1940* in: *Entscheidungsschlachten des Zweiten Weltkriegs* , p. 7 e seg.

12. Assim também o general Alan Brooke, citado por A. Bryant, *op. cit* ., p. 142

13. Do mesmo modo o título do livro de Jacques Benoist-Méchin sobre a *Tragédia da França em 1940* ; o episódio evocado precedentemente foi relatado por Alan Brooke, *op. cit* ., p. 116, assim como por Raymond Cartier: *Der Zweite Weltkrieg* , I, p. 175, 168

14. R. Cartier, *op. cit* ., p. 177

15. Cf. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., t. I, p. 39, 168, 179, 212. No tocante à carta de Mussolini a Hitler que se segue, cf. *Hitler e Mussolini, Lettere i Documenti* , p. 35

16. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 222, 208

17. *Op. cit* ., p. 251; a observação precedente é citada por R. Cartier, *op. cit* ., p. 76; cf. também *Ursachen und Folgen* , t. XV, p. 150

18. A. Zoller, *op. cit* ., p. 141

19. De acordo com uma declaração de Albert Speer ao autor; cf. também o esboço já mencionado de Jodl, em KTB/OKW, t. IV, II, p. 1.718 e seg., que, por outro lado, credita a Hitler o aperfeiçoamento oportuno de um canhão de 75 mm contra os tanques.

20. *Lagebesprechungen* , p. 30; cf. a propósito dessa questão, sujeita a concepções em parte controversas, entre outras as de Peter Bor, *Gespräche mit Halder* ; Gert Buchheit, *Hitler, der Feldherr* ; H.-A. Jacobsen, *Fall Gelb* , p. 145 e seg.; Erich von Manstein in: KTB/OKW, t. IV, cap. 1.705 e seg.; por fim, Percy Ernst Schramm, *Hitler, Oberster Befehlshaber der Wehrmacht als "Feldherr* " in KTB/OKW, t. IV, cap. I, p. 37 e seg.

21. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 249. A respeito das reivindicações italianas que Mussolini considerou mais tarde "modestas", cf. ADAP, Série D, t. X, p. 207 e seg. 1940

22. Cf. o relato de W.L. Shirer, *Berlin Diary* , p. 331

23. E. Nolte, *Epoche* , p. 435

24. F. Meinecke, *Ausgewählter Briefwechsel* , editado por Ludwig Dehio e Peter Classen, p. 363 e seg. Ressonâncias de desencorajamento da resistência são encontradas, por exemplo, no *Tagebuch* de U. von Hassel, p. 156 e seg., que fala em "estados de espírito muito abalados", de Oster, Dohnanyi e Guttenberg. Diz-se de Carl Goerdeler e também de von Kessel que "estão totalmente resignados e desejam estudar arqueologia"; um amigo que permaneceu no anonimato, presente ao foco de resistência, dá uma ideia bastante ilustrativa da atmosfera ali reinante ao dizer que "se era levado até a supor que um homem que colhia tantos êxitos devia estar com Deus". Von Hassel, em pessoa resume o conflito interior de numerosos conservadores da oposição na seguinte frase: "Não poder rejubilar-se com tais sucessos seria como sucumbir ao peso desta tragédia". Episódio de Bruly-le-Pêche, cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 185 e seg.

25. Cf. Helmuth Greiner, *Die Oberste Wehrmachtsfuhrung* , p. 110, e também A. Speer, *op. cit* ., p. 186 e seg., assim como *Tischgespräche* , p. 134 e

seg., onde Hitler explica todavia que Roma o tinha impressionado infinitamente mais do que Paris “que não tinha nada para oferecer de tão grande quanto o Coliseu, o Castelo de Sant’Angelo ou o Vaticano”. “O que eu vi em Paris já esqueci. Em troca, Roma me sensibilizou de verdade.”

26. Trata-se do Ponto 8 das Convenções, que reza: “O governo alemão declara solenemente ao governo francês que não pretende de maneira alguma utilizar para seus próprios objetivos bélicos a esquadra francesa que se acha em portos sob controle alemão.”

27. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 257; ver também A. Hillgruber, *Staatsmänner* , I, p. 150 e seg. Quanto aos propósitos de um tratado de paz que foram elaborados pelo plenipotenciário dr. Karl Clodius e pelo embaixador Ritter, cf. ADAP, Série D, t. IX, p. 39 e seg. e 40 e seg.

28. W. Churchill, *Reden* , t. I, Zurique 1948, p. 333

29. W. Churchill, *Der Zweite Weltkrieg* , II, 1, p. 272

30. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.557 e seg.; a citação aí referida provém do discurso de Churchill de 14 de julho, cf. *Reden* , t. I, p. 380 e seg.

31. Walther Hubatsch, *Hitlers Weisungen* , p. 61 e seg. Para o que concerne à esperança perpétua de Hitler de ver a Inglaterra unir-se a ele, cf. A. Hillgruber, *Strategie* , p. 146 e seg.

32. “Führerkonferenzen in Marine-Angelegenheiten”, debate de 21 de julho de 1940, citado por A. Bullock, *op. cit* ., p. 598. Diante do marechal von Rundstedt, Hitler, já em 19 de julho, após seu discurso do Reichstag, declarou que considerava os preparativos de desembarque como uma manobra psicológica; do mesmo modo, P.E. Schramm, na reprodução de uma declaração de von Rundstedt, cf. o *Frankfurter Allgemeine Zeitung* de 20 de maio de 1958. E também Karl Klee, *Das Unternehmen Seelöwe* , p. 244. Divergência com A. Hillgruber, *Strategie* , p. 171

33. F. Halder, *op. cit* ., t. II, p. 21

34. Cf. A. Hillgruber, *Strategie* , p. 157 e seg., especialmente a p. 165

35. K. Klee, *Dokumente zum Unternehmen Seelöwe* , p. 441 e seg. A propósito do registro do Almirante Raeder já citado, que no entanto não

dava à Marinha uma possibilidade de acerto caso não se tivesse completo domínio dos ares, cf. KTB/OKW, t. I, p. 63

36. Especialmente em 6 de junho de 1940, a Sir Edward Spears, citado em *Ursachen und Folgen* , t. XV, p. 261. É de fato nesse sentido que Alfred Rosemberg trata de interpretar o acontecido em 28 de novembro de 1940, num discurso pronunciado perante a Câmara dos Deputados francesa: “Os epígonos da Revolução Francesa foram ao encontro das primeiras tropas da grande revolução alemã. Assim (…) a era de 1789 alcança seu fim. Ela foi eliminada graças a uma vitória triunfal, quando, já decrépita, ainda pretendia reinar sobre o destino da Europa, durante todo o século XX”. Segundo A. Rosenberg, *Gold und Blut* , Munique, 1941, p. 7

37. Esse receio, sempre atuante nele, se acentuou após o discurso resoluto do presidente Roosevelt pressagiando eventualmente entrar na guerra, em 19 de julho de 1940; cf. os relatórios do embaixador da Alemanha em Washington, Dieckhoff, de 21 de julho de 1940, no ADAP, Série D, t. X, p. 213 e seg. Ver também F. Halder, *op. cit* ., t. II, p. 30 (22 de julho de 1940). Seu desencorajamento se associa a esse temor a partir de então em quase todas as discussões sobre planificação estratégica; cf. por ex. E. Raeder, *Mein Leben* , t. II, p. 246 e seg.; e também KTB/OKW, t. I, p. 88 e seg. E também, de uma maneira geral, em Saul Friedländer, *Auftakt zum Untergang. Hitler und die Vereinigten Staaten von Amerika* , Stuttgart, 1965.

38. *Tagebuch Engel* , de 4 de novembro de 1940, citado por A. Hillgruber, *Strategie* , p. 354/nota.

39. Assim também no QG do Grupo de Exércitos A (von Rundstedt), em Charleville, cf. K. Klee, *Das Unternehmen Seelöwe* , p. 189 e seg.

40. F. Halder, *op. cit* ., t. II, p. 49; Hitler aliás se expressou de maneira análoga em sua reunião com os chefes da OKW e da OKH em 9 de janeiro de 1941, cf. KTB/OKW, t. I, p. 257 e seg.

41. F. Halder, *op. cit* ., t. II, p. 165, 158. A primeira solução não significava a renúncia à guerra no Leste, mas só seu adiamento.

42. *Diário de Engel* , citado por A. Hillgruber, *Strategie* , p. 358/notas. Igualmente no *Testamento Político* , que ele ditou no início de 1945 a Bormann, onde Hitler explicou que tomara a decisão definitiva de atacar a URSS pouco depois da partida de Molotov de Berlim; *op. cit* ., p. 96. Os preparativos para a formação das bases de partida começaram no início de outubro de 1940, cf. F. Halder, *op. cit* ., t. II, p. 121 e especialmente em

Rastenburg, Spala e Pogi.

43. KTB/OKW, t. I, p. 996. O problema de saber quando Hitler tomou em definitivo a resolução de atacar a URSS é muito controvertido, cf., a par das obras já mencionadas, em especial Gerhard L. Weinberg, *Der deutsche Entschluss zum Angriff auf die Sowjetunion* , in VJHfZ 1953/2, p. 301 e seg. assim como as objeções de H.G. Seraphim e A. Hillgruber, *Ibid* . 1954/2, p. 24 e seg.

44. *Testamento Político de Hitler* , p. 93 e seg. Hitler alegou também, afinal de contas, que a Alemanha dependia da economia russa e que Stalin podia a qualquer momento aproveitar-se de tal circunstância para exercer coação, sobretudo no referente à Finlândia, à Romênia, à Bulgária e à Turquia. Ele prosseguia assim: "Não convinha ao III Reich, protetor e defensor da Europa, sacrificar esses estados amigos no altar do comunismo. Isso nos teria desonrado e nós acabaríamos castigados por tal atitude. Do ponto de vista moral tanto como do estratégico, teria sido uma decisão errada". Cf. *op. cit* ., p. 96. Nesse mesmo sentido, também o motivo que Hitler apresentou em 12 de junho de 1941 ao chefe de estado romeno, o marechal Antonescu, cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 588 e seg. O fato de que uma guerra contra a URSS fosse "em si mesma" a "guerra de Hitler" é demonstrado por sua declaração de julho de 1940, quando dizia ser obrigado a se lançar à guerra no Leste antes do fim do conflito no Oeste, porque em vista do estado de espírito que reinaria após uma vitória sobre a Inglaterra ele não poderia exigir do povo logo uma nova guerra, fosse esta contra a Lapônia", L.B. von Lossberg, *op. cit* .

45. KTB/DKW, t. I, p. 258; cf. nesse sentido A. Hillgruber, *Strategie* , p. 391

46. Ao ministro do Exterior finlandês, Witting, ele explicou, por exemplo, em 27 de novembro de 1941 que "para a Alemanha existia uma lei que mandava evitar a todo preço combater em duas frentes". Cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 639

47. Assim o principal ajudante de ordens da Wehrmacht, o coronel Schmundt, de que fala o general Halder; cf. F. Halder, *op. cit* ., t. II, p. 203; e ainda A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 385

48. Citado de acordo com A. Hillgruber, *Strategie* , p. 373

49. Sobretudo Raeder, Rommel, von Weizsäcker, o embaixador da Alemanha na URSS, von den Schulenburg, assim como o adido militar em Moscou,

o general Köstring. Para o que se refere à ideia de uma ofensiva no Oriente Próximo, cf. A. Bullock, *op. cit* ., p. 644; um quarto apenas das forças previstas para o ataque da URSS provavelmente teria bastado para desferir um sério golpe na soberania britânica na Ásia Menor, pensava Bullock.

50. Assim como a Mussolini, em 20 de janeiro de 1941, citado em KTB/OKW, t. I, p. 275

51. Cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 586, 384 e seg., 352, na mesma ordem de ideias, também p. 366, 385, 421, 495, 516, etc. A respeito do comentário sobre o "Colosso de pés de barro", ver KTB/OKW, t. I, p. 258

52. *Diário de von Bock* , citado por A. Hillgruber, *Strategie* , p. 370/nota.

53. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 517

54. Citado por A. Hillgruber, *Strategie* , p. 440

55. *Diário de Engel* , *op. cit* ., p. 369

56. *Diário do Conde Ciano* , p. 340

57. ADAP, Série D, t. XII, cap. II, p. 892

58. H.B. Gisevius, *Adolf Hitler* , p. 471; para o que diz respeito ao estado depressivo de Hitler durante os dias que antecederam o início da campanha, estado este que contrastava tanto com o otimismo da chefia militar, cf. por ex., W. Schellenberg, *Memoiren* , p. 179 e seg.

59. Frente ao embaixador da Inglaterra, citado por H.-A. Jacobsen, *Aussenpolitik* , p. 377

60. KTB/OKW, t. I, p. 341

61. F. Halder, KTB, t. II, p. 335 e seg.

62. Cf. H. Krausnick, "Judenverfolgung" in *Anatomie des SS-Staates* , t. II, p. 363 e seg., com outras indicações de fontes e materiais. Para o que se relaciona com a missão de Himmler, que ademais fora definida por uma ordem direta de Hitler, por ele pessoalmente redigida, e registrada pelo

OKW na instrução de 13 de março de 1941, cf. KTB/OKW, t. I, p. 340; cf. também W. Warlimont, *Im Hauptquartier der Wehrmacht* , p. 167 e seg.

63. Cf. Nurnberg-Dok. NOKW-1692, reproduzido por H.-A. Jacobsen. “Kommissarbefehl und Massenexekutionem sowjetischer Kriegsgefangenen” in *Anatomie des SS-Staates* , II, p. 223 e seg.; id. p. 225 e seg.; igualmente o famoso Kommissarbefehl. E também os depoimentos dos generais em Nuremberg, IMT XX, p. 635, 663; e ainda IMT XXVI, p. 406 e seg., assim como p. 252 e seg., 191 e seg.

64. IMT XXXVIII, p. 86 e seg. (221-L).

65. Otto Ohlendorf, *Eidesstattliche Aussage* , Nurnberg-Dok. IV, p. 312 e seg.; outras declarações em H. Krausnick, *op. cit* ., p. 367

66. Citado por A. Hillgruber, *Die Endlösung und das deutsche Ostimperium* , in: VJHfZ, 1972/2, p. 142

67. Já na sua exposição de 5 de dezembro de 1940, Hitler explicara a propósito de seu conceito operacional para a campanha da Rússia: “No que concerne ao nosso ataque contra o exército russo, é preciso evitar que os russos se ponham em bloco diante de nós. Da maneira como agiremos, o exército russo deverá ser fragmentado e separado em pequenos blocos. É preciso, pois, criar uma posição de partida que nos permita chegar depois a grandes operações de cerco.” Cf. F. Halder, KTB, t. II, p. 214. Quanto à questão de saber até que ponto os surpreendentes sucessos iniciais dos alemães devem ser atribuídos a um certo pasmo, e, a despeito de inumeráveis advertências, a uma preparação insuficiente do adversário, cf. as observações detalhadas e instrutivas de A. Hillgruber, em *Strategie* , p. 430 e seg.

68. Assim, por exemplo, na presença do embaixador japonês Oshima em 15 de julho de 1941, citado por A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 600 e seg. A propósito da observação de Halder citada mais acima, ver seu *Diário de Guerra* , t. II, p. 38

69. Cf. A. Dallin, *Deutsche Herrschaft in Russland* , p. 74; transformação no equipamento e à planificação da retirada alemã fora da URSS, cf. Weisung 32b de 14 de julho de 1941, reproduzida por A. Hubatsch, *op. cit* ., p. 136; KTB/OKWn, t. I, p. 1.022 e seg.

70. Cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 622 e seg.

71. *Hitler's Table Talk* , p. 44. No que se refere aos projetos para Leningrado e Moscou, cf. F. Halder, *op. cit* ., t. III, p. 53; *Tischgespräche* , p. 251; A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 643; KTB/OKW, t. I, p. 1.021, 1.070. A. Zoller, *op. cit* ., p. 143, Ver também seu discurso de 8 de novembro de 1941, no qual Hitler explicava que Leningrado não seria conquistada, mas sim arrasada, cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.775. O almirante Kurt Fricke, chefe do estado-maior da Marinha, tinha estabelecido através de suas diretivas de 29 de setembro de 1941 como se devia executar em todos os detalhes a destruição da cidade: "Está previsto o cerco intensivo da cidade e seu arrasamento mediante fogo de artilharia de todos os calibres e permanentes ataques aéreos. Todas as súplicas endereçadas pela cidade e propondo uma rendição deverão ser negadas, porque o problema da sobrevivência e da alimentação de seus habitantes não deve e não pode ser resolvido por nós. Nessa guerra pela existência que fazemos não pode haver o menor interesse na conservação ainda que fosse de uma parcela dessa população urbana..". citado em *Ursachen und Folgen* , t. XVII, p. 380 e seg.

72. F. Halder, KTB, t. III, p. 193. Hitler resumiu seus argumentos num memorando de 22 de agosto de 1941; cf. a tal respeito A. Hillgruber, *Strategie* , p. 547 e seg. A propósito da crítica de Hitler aos seus generais, que ele os acusava de não entenderem nada da economia de guerra, cf. Heinz Guderian, *Erinnerungen eines Soldaten* , p. 182

73. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.758 e seg. Uma semana depois, Otto Dietrich, subsecretário de estado para a Propaganda, cientificava a imprensa, por ordem de Hitler, de que a estratégia da campanha do Leste estava decidida; cf. *12 Jahre mit Hitler* , p. 101 e seg. Mas também Werner Stephan, *Joseph Goebbels* , p. 226

74. Friedrich Paulus, *Ich stehe hier auf Befehl* , p. 49 e seg.

75. Cf. por exemplo as instruções durante os diversos debates por A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 64, 594, 619, 628. Segundo Halder, tinham sido retiradas de circulação as memórias do marechal Coulaincourt sobre a campanha de 1812 durante o inverno de 1941/42; cf. A. Dallin, *op. cit* ., p. 93

76. Cf. o julgamento ponderado de Rudolf Hoffman, "Die Schlacht von Moskau 1941" in H.-A. Jacobsen/Jurgen Rohwer, *Entscheidungsschlachten des Zweiten Weltkriegs* , p. 181 e seg.; a propósito da análise crítica de von Manstein, *Verlorene Siege* , p. 310 e

seg. Para o concernente a “Ordem de manter a posição”, cf. KTB/OKW, t. I, p. 1.084. Sobre a discussão de Guderian com Hitler, cf. seus *Erinnerungen eines Soldaten* , p. 240 e seg.

77. F. Halder, KTB, t. III, p. 295; depois, A. Hillgruber, *Strategie* , p. 551 e seg. No decorrer da primavera seguinte, Hitler declarou uma vez mais que teria “apreciado fazer essa guerra contra o bolchevismo tendo como parceiras a marinha e a aviação inglesa”.

78. KTB/OKW, t. IV, p. 1503

79. Por exemplo em seu encontro com o ministro do Exterior sueco Scavenius assim como o mantido com o ministro do Exterior croata, Lorkovic, citados por A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 657, 661

80. *Ibid* ., p. 683

81. Citado de acordo com Lothar Gruchmann, *Der Zweite Weltkrieg* , p. 141

82. Para o que se refere à produção americana, cf. a documentação estatística em H.-A. Jacobsen, 1939-1945. *Der Zweite Weltkrieg in Chronik und Dokumenten* , p. 561 e seg.

83. E. Dollmann, *Dolmetscher der Diktatoren* , p. 27

84. *Tischgespräche* , p. 50, 71

85. *Lagebesprechungen* , p. 786

86. F. Halder, KTB, t. II. p. 332

87. P. Bor, *Gespräche mit Halder* , p. 214

88. Assim se deu com o embaixador Oshima em 15 de julho de 1941, citado por A. Hillgruber. *Staatsmänner* , t. I, p. 605. Para o julgamento acerca de von Brauchitsch, cf. J. Goebbels, *Tagebucher l942-1943* , p. 132. A condenação à morte de seu assistente Sponeck foi de fato comutada por Hitler na prisão em uma fortaleza, mas dois anos e meio mais tarde, após o atentado de 21 de julho de 1944, a Gestapo apareceu na fortaleza de Germersheim e o general foi executado sem mais formalidades.

89. O total exato subiu a 1.005.636 e incluiu os feridos, os mortos e os desaparecidos, mas não os doentes; cf. a estatística em F. Halder, KTB, t. III, p. 409. As perdas após o congelamento iam, segundo W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 793, a um total de 112.627 homens.

90. J. Goebbels, *Diário 1942-1943* , p. 186; por outro lado, *Ibid* . p. 131, 133 assim como 177. Para as declarações de Hitler, cf. *Hitler's Table Talk* , p. 221, 339; ver também *Tischgespräche* , p. 263, 300 assim como 363, onde Hitler menciona a propósito dos chineses que "trata-se de um sentimento realmente primitivo considerar-se o branco como uma cor de luto. Ele não desfrutava verdadeiramente da paisagem alpina senão quando a massa de neve das 'mortalhas' a tinham deixado".

91. H. Guderian, *op. cit* ., p. 231

92. F. Halder, KTB, t. III, p. 489

93. J. Goebbels, *Tagebucher* , p. 133

94. F. Halder, *Hitler als Feldherr* , p. 50, 52. Como relata Speer, *op. cit* ., p. 253, uma das principais razões do mau humor de Hitler era a escalada do Elbrus, a respeito da qual "ele deblaterou durante horas", e assim chegando a uma generalização característica sua, ao alegar que seu "plano de campanha tinha sido arruinado por tal empresa".

95. W. Warlimont, *op. cit* ., p. 271

96. *Tagebuch* , G. Engel, citado segundo A. Hillgruber no prefácio de KTB/OKW, t. II, cap. I, p. 67. Para o que se refere à observação seguinte de Hitler, cf. Heinz Schröter, *Stalingrad… bis zur letzten Patrone* , editado pelo autor, Osnabruck, p. 13

97. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 300. Numa conversa informal, Speer explicou a este autor: "Obstáculos técnicos se opunham à realização do conceito de paralisia transversal, como acaba de me informar um membro do estado-maior da RAF: algo como a impossibilidade de localizar eletronicamente o objetivo ensejado a grande distância durante a noite e, naturalmente, o insuficiente raio de ação dos caças de proteção dos bombardeiros americanos da madrugada. Estes tinham procurado atacar Schweinfurt de dia sem proteção, mas haviam sofrido pesadas baixas. Tudo isso mudou em 1944". As operações de guerra alemãs dependiam em um terço da

produção da gasolina sintética, a Luftwaffe dela extraía a totalidade de seu combustível, cf. A. Hillgruber, *Strategie* , p. 240 e seg.

98. Citado de acordo com H.-A. Jacobsen, *Der Zweite Weltkrieg* , p. 210

99. Ordem do Führer ao marechal Rommel em 3 de novembro de 1942, citado por H.-A. Jacobsen, 1939-1945, p. 352

00. Cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1935, 1937 e seg., 1941

01. *Ibid* ., p. 1937

02. A. Speer, *op. cit* ., p. 259 seg.; W. Warlimont, *op. cit* ., p. 284 seg.

03. O VI Exército no início exigira uma cota diária de 700 toneladas, depois reduzira suas exigências a 500 t. De fato, as possibilidades de intervenção limitavam-se a cerca de 104,7 toneladas diárias; cf. a propósito Walter Görlitz em seu estudo muito documentado “Die Schlacht um Stalingrad 1942-1943”, em H.-A. Jacobsen/J. Rohwer, *Entscheidungsschlachten* , p. 303 e seg. W. Warlimont, *op. cit* ., p. 295 e seg., aliás, observa que a divergência de opiniões a respeito de Stalingrado que grassava no Grande QG do Führer não era nem de longe tão acirrada como se afirmou mais tarde e que Hitler, com sua tática de abordar outros assuntos em horas críticas, obtinha um sucesso apreciável.

04. Relato de Zeitzler em *The fatal decisions* , transcrito por Joachim Wieder, *Stalingrad und die Verantwortung des Soldaten* , p. 307 e seg.

05. W. Warlimont, *op. cit* ., p. 296

06. H. Schröter, *op. cit* ., p. 13. Versão ligeiramente diferente nas declarações de Paulus, IMT VII, p. 320

07. *Lagebesprechungen* , p, 126 e seg.

08. H. Boberach, *op. cit* ., p. 346; também Willi A. Boelcke, *Wollt Ihr den totalen Krieg? Die geheimen Goebbels-Konferenzen 1939-1943* , p. 329, assim como Marlis Steinert, *op. cit* ., p. 326 e seg., com outras menções.

09. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 500; a seguir, J. Goebbels, *Tagebucher 1942/43* , p. 126 e A. Speer, *op. cit* ., p. 315

10. H. Frank, *op. cit* ., p. 413

11. J. Goebbels, *op. cit* ., p. 241; para as observações subsequentes, cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 263

12. *Lagebesprechungen* , p. 615 e seg.

13. H. Guderian, *op. cit* ., para o que se refere às tentativas de criar um "clima agradável", cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 309

14. Essas observações se acham nessa exata ordem nos *Tischgespräche* , p. 210, 212, 303, 348, 171, 181

15. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 501

16. Cf. na ordem indicada, *Tischgespräche* , p. 355, 351, 361, 468. 258, assim como A. Zoller, *op. cit* ., p. 174; a propósito da crítica sobre von Manstein, cf. *Der Spiegel* , 1968, 21, p. 31

17. *Tischgespräche* , p. 465. As comparações com o "tempo das primeiras lutas" aparecem pela primeira vez e em várias oportunidades no discurso já mencionado de 8 de novembro de 1942, cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.935, 1.936, 1.937, 1.941, 1.943; além disso *Ibid* . p. 2.085 assim como *Tischgespräche* , p. 364 e seg.

18. Cf. por exemplo, *Tischgespräche* , p. 338

19. A. Speer, *op. cit* ., p. 372 e seg.

20. H. Picker, in: *Tischgespräche* , p. 130 e 132. A propósito da observação seguinte de Hitler, cf. *Ibid* , p. 337

21. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 318; Guderian, *op. cit* ., p. 402; também P. E. Schramm, prefácio aos *Tischgespräche* , *op. cit* ., p. 106

22. *Lagebesprechungen* , p. 779 e seg.; cf. também H. Picker em *Tischgespräche* , p. 128, 130; também A. Speer, *op. cit* ., p. 255

23. Ribbentrop ao psiquiatra legista Douglas M. Kelly, citado segundo H.-D. Röhrs, *Hitler, Die Zerstörung einer Persönlichkeit* , p. 53 e seg.

24. Cf. as indicações detalhadas de W. Maser, Hitler, p. 332 e seg.

25. A. Speer, *op. cit* ., p. 119, Cf. igualmente o relato confirmando as

palavras das inúmeras testemunhas oculares em K.W. Krause, *Zehn Jahre Kammerdiener bei Hitler* , p. 56 e seg.

26. Protocolo de Morell, citado por W. Maser, *Hitler* , p. 339; tratava-se de Prostacrinum, um extrato de pequenas bolhas de esperma e de glândulas de próstata. Para o que concerne a Morell e aos métodos de tratamento por ele empregados, cf. H.R. Trevor-Roper, *Hitlers letzte Tage* , p. 86 e seg.

27. Relatório do Dr Erwin Giesing em 12 de junho de 1945, citado em W. Maser, p. 429.

28. Assim por exemplo um antigo colaborador do ministério de Speer, Hans Kehrl, citado nos *Tischgespräche* de H. Pickern, p. 108 e seg. Göring pensava o mesmo quando declarou, em 1943, que Hitler dava a impressão de ter envelhecido quinze anos após o fim da guerra; cf. A. Bullock, *op. cit* ., p. 720

29. Assim mesmo, incidindo de fato em erro, H.-D. Röhrs, *op. cit* ., 121. Para o relacionado com a questão de saber se Hitler sofria de uma forma do mal de Parkinson ou de uma síndrome dessa doença, cf. *Ibid* . especialmente p. 43 e seg. assim como p. 101 e seg.; além disso, ver o estudo de J. Recktenwald, *Woran hat Adolf Hitler gelitten?* Recktenwald acredita tratar-se de uma síndrome de Parkinson produzida por acidentes encefalíticos, assim como W. Maser, *op. cit* ., p. 326 e seg. e A. Bullock, *op. cit* ., p. 720. A questão da natureza exata da doença de Hitler permanece sem dúvida insolúvel, porquanto não se procedeu no paciente a qualquer exame de ordem específica. Devido à acentuada carência de documentos, nenhum desses prognósticos diversificados pode ser aceito ou refutado com segurança. Sabe-se que justamente o sintoma principal do mal de Parkinson como das síndromes dessa doença, isto é, o tremor dos braços ou das pernas, pode ser atribuído a um bom número de outras enfermidades.

30. Apelo feito na presença de 30 mil homens da SA no Berliner Lustgarten em 30 de janeiro de 1936, mencionado por M. Domarus, *op. cit* ., p. 570; menções análogas sobre uma espécie de troca de energia, *Ibid* ., p. 609, 612, 643

31. *Lagebesprechungen* , p. 608, assim como o discurso já mencionado de 8 de novembro de 1942, M. Domarus, *op. cit* ., p. 1944

32. A. Speer, *op. cit* ., p. 271

33. As razões ocultas desse discurso têm sido interpretadas diversamente. Alguns veem aí uma relação com a exigência da Conferência de Casablanca de uma "rendição incondicional", que ocorrera três semanas antes (cf. por exemplo Werner Stephan, *Joseph Goebbels* , p. 256 e seg.), outros descobriram nele uma tentativa do ministro da Propaganda para valorizar sua situação pessoal e anunciar suas pretensões ao lugar de Segundo Homem, tornadas mais precisas com o declínio da personalidade de Hitler e ao mesmo tempo a diminuição do prestígio de Göring; cf. a tal respeito Rudolf Semler, *Goebbels, the man next to Hitler* , p. 68 e seg. Ver também Roger Manvell/Heinrich Fraenkel, *Goebbels* , p. 328 e seg., assim como o resumo muito criterioso de Gunter Moltmann, *Goebbels' Rede zum totalen Krieg* , in: VJHfZ 1964/1, p. 13 e seg. Para o relativo à ofensiva Goebbels-Speer-Ley-Funk, cf. também A. Speer, *op. cit* ., p. 266 e seg.

34. É assim que, por exemplo, na Inglaterra o número de criados em residências particulares ficou reduzido a um terço enquanto que na Alemanha, pelo contrário, aumentou. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 234, assim como p. 548 e seg. O número de mulheres empregadas na indústria aumentou bem pouco na Alemanha, passando de 2.620.000 em 31 de julho de 39 a 2.808.000 em 31 de julho de 1943 e descendo, um ano depois, para 2.678.00; cf. USSBS, *The Effects of Strategic Bombing on the German Economy* . Para o que se refere ao comentário precedente de Hitler, cf. Rauschning, *Gespräche* , p. 22

35. A. Zoller, *op. cit* ., p. 43

36. Idem, p. 223

37. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 311

38. *Op. cit* ., p. 3l5 e seg.

39. A visita foi ao Grupo de Exércitos Sul (von Manstein). Anteriormente, duas outras visitas aos comandos tinham ocorrido naquele ano: em 17 de fevereiro ao Grupo de Exércitos Sul e a 13 de março, ao Grupo de Exércitos Centro (von Kluge). Fora prevista para 19 de junho de 1944 uma visita à frente de invasão, quer dizer, ao QG de Rommel, no castelo de La Roche-Guyon, mas essa foi cancelada pouco tempo antes; cf. a esse respeito H. Speidel, *Invasion 1944* , p. 112 e seg.

40. A. Speer, *op. cit* ., p. 259, 312, 308

41. *Lagebesprechungen* , p. 535, depois também *Tischgespräche* , p. 196 assim como J. Goebbels, *Tagebucher 1942/43* , p. 336

42. A. Krebs, *Tendenzen und Gestalten* , p. 124 e seg.

43. Cf. H. von Kotze/H. Krausnick, *op. cit* ., p. 331, assim como os termos do discurso, *Ibid* ., p. 335 e seg.

44. Cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 647 n. e também H. Picker, em *Tichgespräche* , p. 127

45. *Tischgespräche* , p. 356

46. *Op. cit* ., p. 174; também A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. II, p. 130. Já a propósito de sua experiência na Polônia, Hitler tinha dito a Mussolini que, em certos instantes, “ele se perguntara em deixar esse país em paz e seus habitantes ainda mais desesperançosos”, cf. A. Hillgruber, *op. cit* ., t. I, p. 95

47. H. Heiber (ed.) *Reichsführer!…Briefe an und von Himmler* , p. 201

48. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 45 e seg. Para o que concerne “à idade de ouro”, cf. Gottfried Friessmayer, *Das völkische Ideal* (reproduzido em fac-símile), p. 160

49. *Tischgespräche* , p. 387; a citação mencionada antes provém de um panfleto antissemita de Himmler, publicado com uma tiragem de quatro milhões de exemplares sob o título de *Der Untermensch* .

50. H. Buchheim, “Befehl und Gehorsam” in *Anatomie des SS-Staates* , t. I, p. 338 e seg.

51. *Op. cit* ., p. 329

52. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 129. A propósito da observação de Goebbels, cf. seu *Diário 1942/43* , entrada de 27 de março de 1942.

53. *Mein Kampf* , p. 772

54. IMT XXVI, p. 226 (710-PS). O comentário de Rosenberg é citado segundo Robert M. W. Kempner, *Eichmann und Komplicen* , p. 97. Para o que toca à questão da decisão concreta sobre a dita liquidação final, cf.

H. Krausnick, “Judenverfolgung” in *Anatomie des SS-Staates* , t. II, p. 360 e seg. A noção de “solução final” aparece pela mesma época pela primeira vez num decreto do Reichssicherheitshauptamtes de 20 de maio de 1941, cf. IMT NG-3104.

55. Além da alusão de Rosenberg mencionada e uma observação igualmente obscura no *Tagebuch* de Goebbels, não há senão a declaração de Hitler em seu discurso de 8 de novembro de 1942, ameaçando o judaísmo de “extermínio”; e tinha acrescentado sombriamente que por vezes haviam zombado dele chamando-o de “profeta”. Mas “entre os que, em certa época, assim zombaram, inúmeros há que não riem hoje em dia e os que ainda o fazem talvez não rirão mais dentro de alguns dias”; cf. M. Domarus, *op. cit* ., p. 197. Para o que se relaciona com a prática da dissimulação, ver também as instruções de Bormann aos Gauleiters: “Quando for oficialmente discutida a questão judia, evitar qualquer alusão a uma futura solução final”. Cf. BAK NS b/vol. 344.

56. Cf. o relato do SS-Obergruppenführer Erich von den Bach-Zelewski, ND, NO-2653.

57. Trecho do depoimento do engenheiro Hermann Friedrich Gräbe sobre uma execução em massa de quase 5 mil judeus em 5 de outubro de 1942, em Dubno (Ucrânia) pela SS e a milícia ucraniana; cf. IMT XXXI, p. 446 e seg. (2992-PS),

58. Citado de acordo com H. Krausnick, *op. cit* ., p. 417 e seg.

59. Citado de acordo com K.D. Bracher, *Diktatur* , p. 463. Quanto ao número de judeus massacrados nos grandes campos letais do Leste, cf. H. Höhne, *Der Orden unter dem Totenkopf* , p. 349. A observação de Rudolf Höss se encontra no relato de sua vida: *Kommandant in Auschwitz* , p. 120, onde, aliás, por um orgulho de eficiência diabólico, cerca de três milhões de vítimas são computadas ao campo de Auschwitz.

60. *Tischgespräche* , p. 330; *Hitler’s Table Talk* , p. 426

61. *Ibid* ., p. 270; com este acréscimo característico: “Quando se concede aos homens o livre exercício de sua liberdade individual, eles se comportam como símios.”

62. Para as menções e citações precedentes, ver *Tischgespräche* , p. 143, 270, 469 e seg.

63. *Tischgespräche* , p. 469, 190, 271 e seg. Exatamente no mesmo sentido, um memorando do Reichsführer SS de 17 de abril de 1942 para servir de contribuição ao plano geral para o Leste previa a transformação das parteiras das regiões orientais em "abortadoras"; cf. H. Heiber, *Der generalplan Ost* , in: VJHfZ 1958/3, p. 292

64. *Ursachen und Folgen* , t. XIV, p. 154 e seg.

65. Cf. o documento in: VJHfZ 1058/3, p. 299. A propósito da observação de O. Hoffmann, ver ND, NO-4113.

66. IMT XXVI, p. 550 (1017 PS). Depois VJHfZ 1958/3, p. 298

67. *Tischgespräche* , n.p. 143. Para o relacionado com a criação de seitas, cf. H. Heiber, *Reichsführer!* ..., p. 273 e seg. "Se cada aldeia tem sua seita", explicava Hitler, "só podemos nos rejubilar com isso porque se multiplica assim o número de elementos separatistas no território russo"; citado por A. Dallin, *op. cit* ., p. 486. O memorando mencionado está publicado no VJHfZ 1958/3, p. 281 e seg.

68. *Tischgespräche* , p. 174, 475

69. IMT XXXVII, p. 517; cf. também *Tischgespräche* , p. 253

70. *Mein Kampf* , p. 421

71. *Libres Propos* , p. 93; e também *Tischgespräche* , p. 256

72. *Tischgespräche* , p. 137

73. *Ibid* ., p. 288 assim como A. Zoller, *op. cit* ., p. 105

74. Assim se lê numa declaração de Kaltenbrunner, que apelava para concepções análogas entre os dirigentes da SS; cf. IMT XXXII, p. 297 (3462-PS). Cf. nesse sentido sobretudo o memorando de Martin Bormann de 29 de janeiro de 1944 citado por H.-A. Jacobsen/W. Jochmann, *Ausgewählte Dokumente* , na data indicada.

75. *Hitler's Table Talk* , p. 110, 621. cf. também a nota sobre a conversa de Rosenberg com Hitler de 14 de dezembro de 1941 no IMT XXVII, p.

272 (1517-PS). O nome “Tauride” agradava a Rosenberg, enquanto Hitler preferia “Gotenland”.

76. *Tischgespräche* , p. 429 e seg.; cf. também *Ibid* ., p. 336, assim como a troca de cartas ulterior entre Himmler e Frauenfeld, reproduzida no ND, NO-2417.

77. A. Dallin, *op. cit* ., p. 293

78. *Tischgespräche* , p. 320. A metáfora de “Wanderpokal” (taça obtida numa prova esportiva) reaparece aliás, por exemplo, no decorrer do monólogo noturno de Hitler em 30 de janeiro de 1933, cf. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 367

79. Discurso perante os Reichsleiters e os Gauleiters na chancelaria do Reich após a cerimônia nacional em memória do chefe do estado-maior da SA, Viktor Lutze, morto em acidente em maio de 1943; cf. J. Goebbels, *Tagebuch* 1942/43, p. 324. Para o que se refere à sua declaração em Tiso, cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. I, p. 186 e para o atinente à comparação com a Roma antiga, ver por exemplo o *Zweites Buch* de Hitler, p. 129 e seg. Fundamental para a explicação do todo, Paul Kluke, *Nationalsozialistische Europaideologie* , in: CJHfZ 1955/3; p. 240 e seg.

80. A. Hillgruber, *op. cit* ., p. 655 e seg.

81. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 218 e seg.; para o relativo à proposta francesa, cf. E. Jäckel, *Frankreich in Hitlers Europa* , p. 159, e também P. Kluke, *op. cit* ., p. 263 e seg., com outras indicações.

82. L. Gruchmann, *Der Zweite Weltkrieg* ; p. 213 e seg.

83. Assim era o projeto do secretário de estado Stuckart, cf. os registros do interrogatório do colaborador de Stuckart, H. Globke, de 25 de setembro de 1945, RF-602, IMT IV, p. 472 e seg.; ver também ND, NG-3572, NG-3455 assim como a menção ao dossiê sobre a conversação mantida no QG de Göring em 19 de junho de 1940 e na qual este mostrou-se especialmente ávido, transcrito no IMT XXVII, p. 29 e seg. (1155-PS). De acordo com E. Kordt, *Nicht aus den Akten* , p. 393, Calais e Bolonha deviam permanecer em mãos dos alemães como pontos de apoio. No que concerne às declarações de Hitler a respeito das posições sobre a costa do Canal, cf. *Tischgespräche* , 336; quanto aos memorandos

mencionados a seguir, cf. P. Kluke, *op. cit* ., p. 256/notas.

84. Também uma proposição de Seyss-Inquart, cf. *Ursachen und Folgen* , t. XV, p. 435; e ainda A. Hillgruber, *op. cit* ., t. I, p. 239 assim como A. Speer, *op. cit* ., p. 256/notas.

85. Max Clauss, *Tatsacke Europa* , na revista fundada pouco tempo antes e intitulada *Das Reich* , que desaprovava toda ideologia europeia; citado por P. Kluke, *op. cit* ., p. 252. Para o que concerne à hegemonia econômica, cf. os documentos em *Ursachen und Folgen* , t. XV, p. 501 e seg. que são bastante expressivos pelo inverossímil imperialismo de interesses das diversas empresas alemãs. Já em junho de 1940, no decorrer daquela conversa no QG de Göring, o Reichsmarschall tinha declarado: “O esforço da indústria alemã para se apoderar desde agora das usinas dos países ocupados devem ser repelidos com o maior rigor. Está fora de cogitação autorizar industriais a visitar as regiões ocupadas”. IMT XXVII p. 30 (1155-PS).

86. *Tischgespräche* , p. 195

87. *Ibid* ., p. 334, cf. também *Ibid* ., p. 463

88. Após 1940, uma “Comissão geral para a criação de cemitérios militares alemães” trabalhou sob a direção do Prof Wilhelm Kreis. As instruções rezavam assim: “Sobre os penhascos da costa do Atlântico se elevarão voltados para o Oeste magníficos monumentos que imortalizarão a lembrança da libertação do continente da dependência inglesa e da união da Europa sob a condução de seu povo alemão, coração do continente. A austera e nobre beleza do cemitério das Termópilas será ao mesmo tempo o símbolo da sucessão hereditária do espírito alemão à antiga civilização helênica. A uma só vez maciças e orgulhosamente erguidas se elevarão das planícies do Leste torres que serão o símbolo da subjugação das potências caóticas das estepes orientais pelo poder das forças da ordem germânicas. Elas estarão rodeadas dos monumentos funerários da geração de guerreiros de sangue alemão, que, como tantas vezes na história no curso de dois mil anos, têm defendido a civilização ocidental das hordas de depredadores oriundas da Ásia Central”, p. 128 e seg. de *Die Kunstpolitik* .

89. *Tischgespräche* , p. 146; para o que se refere ao memorial do Ministério do Leste, cf. a documentação já mencionada diversas vezes, *Der generalplan Ost* , in: VJHfZ 1958/3, p. 295

90. Os exemplos provêm da coleção de cartas de Himmler já mencionada, *Reichsführer!* … e se acham na ordem citada nas páginas 194, 222 e seg., 251, 145, 95. Cf. aí também o prefácio de H. Heiber, especialmente, p. 22 e seg.

91. A. Zoller, *op. cit* ., p. 73, assim como *Libres Propos* , p. 123. Quanto às superstições de Hitler, ver *Tischgespräche* , p. 166 e seg. e p. 333

92. *Tischgespräche* , p. 186; para o que concerne à citação precedente, cf. P. Kluke, *op. cit* ., p. 269

93. J. Goebbels, *op. cit* ., p. 319

94. *Hitler e Mussolini* , p. 165, citado segundo A. Bullock, *op. cit* ., p. 718. P. Schmidt, *op. cit* ., p. 567, conta que Hitler tinha "realmente repreendido Mussolini". Mussolini estava de tal maneira perturbado pela notícia de um raid sobre Roma "que em seu retomo da capital, ele pediu imediatamente meu relatório sobre o encontro. Ele não tinha podido acompanhar nada da conversa, me informaram".

95. Galeazzo Ciano, *op. cit* ., p. 33; H. Boberach, *Meldungen aus dem Reich* , p. 424

96. Lagebespreckungen, p. 315; a observação mencionada mais adiante se encontra em *Ibid* ., p. 329

97. Citado por E. Nolte, *Epoche* , p. 299

98. *Lagebesprechungen* , p. 231 (20 de maio de 1943).

99. A. Speer, *op. cit* ., p. 314

100. J. Goebbels, *op. cit* ., p. 392 e seg. Para o que concerne às declarações a respeito de Ribbentrop, cf. *Zwischen London und Moskau* , p. 265

101. *Op. cit* ., p. 155. A observação de Jodl se reportava à situação em fins de 1942, cf. KTB OKW, t. IV, cap. II, p. 1721

PARTE VII – A QUEDA

1. Segundo H. Himmler, agindo sob ordens de Hitler; em sua mensagem a Prutzmann, dirigente da SS e da polícia, datada de 7 de setembro de 1943,

ele acentua “que nenhum ser humano, nenhuma cabeça de gado, nenhum alqueire semeado, nenhum vagão de estrada de ferro deve ser deixado intacto; nenhuma casa deverá permanecer de pé, todas as minas atualmente em exploração deverão ser destruídas de modo a não poderem ser usadas por longos anos, todos os poços e fontes deverão ser envenenados. O inimigo deve encontrar realmente um país totalmente destruído e incendiado… Façam tudo que puderem nesse sentido”. Citado de acordo com H. Heiber, *Reichsführer!* …, p. 233

2. Cf. Reinhard Henkys, *Die nationalsozialistischen Gewaltverbrechen* , p. 124

3. M. Domarus, *op. cit* ., p. 2038

4. Como, por exemplo, Helmut James, Conde von Moltke e a maioria de seus amigos que faziam parte do Kreisauer Kreis. Para o que concerne pessoalmente a von Moltke, George F. Kennan considerou que ele era “uma grande figura no plano moral e ao mesmo tempo um homem com ideias realmente amplas e muito lúcidas… Um homem como não encontrei igual nos dois lados da frente de batalha durante a Segunda Guerra Mundial”.

5. Cf. Dietrich Ehlers, *Technik und Moral einer Verschwörung* , p. 92

6. No que se relaciona às numerosas tentativas de atentados entre 1943-44, cf. o trabalho minucioso de Peter Hoffmann, *Widerstand, Staatsstreich, Attentat* , p. 309 e seg., assim como D. Ehlers, *op. cit* ., p. 126 e seg.; Eberhard Zeller, *Geist der Freiheit* , p. 211 e seg.; Fabian von Schlabrendorff, *Offiziere gegen Hitler* (Fischer-IB), p. 88 e seg. Não se pôde ainda esclarecer se Stieff estaria apto a se incumbir pessoalmente de um atentado; cf. a tal propósito as indicações fornecidas por P. Hoffmann, p. 776

7. Cf. Walter Schellenberg, *op. cit* ., p. 279 e seg. Para o que se refere ao testemunho de Himmler, cf. Felix Kersten, *Totenkopf und Treue* , p. 209 e seg. Após a leitura do relatório relativo à enfermidade, que fora firmado sem exame médico, Kersten considerou que o lugar indicado para Hitler era um hospital neuropsiquiátrico, mas não o quartel-general do Führer. Para o que se refere no seu todo ao complexo da “resistência” das SS de suas motivações e diversas iniciativas, cf. p. 448 e seg.

8. F. Schlabrendorff, *op. cit* ., p. 91

9. Citado por D. Ehlers, *op. cit* ., p. 102; um equívoco bastante difundido que surge de fato pela primeira vez em Alan Bullock, *op. cit* ., p. 739, consiste em achar que os conspiradores do Kreisauer Kreis tinham sido unicamente intelectuais e que desprezavam solenemente toda ação; cf. a esse respeito principalmente Ger van Roon, *Neuordnung und Widerstand* , que veio refutar essa concepção com muitos elementos de apoio.

10. Cf. D. Ehlers, *op. cit* ., p. 93. Para o referente às objeções de princípio contra os conspiradores alemães; cf. por exemplo Hannah Arendt, *Eichmann in Jerusalem* , p. 134 e seg.

11. Conforme um relato de Gustav Dahrendorf, citado por D. Ehlers, *op. cit* ., p. 93

12. As indagações feitas nos meios proletários por instigação do Padre Alfred Delp, um jesuíta pertencente ao Kreisauer Kreis, trouxeram resultados pouco animadores; os memorandos de von Trott falavam também da grande passividade do proletariado; cf. Hans Mommsen, *Gesellschaftsbild und Verfassungspläne des deutschen Widerstands* , in: Walter Schmitthenner/Hans Buchheim (Eds.), *Der deutsche Widerstand gegen Hitler* , p. 75. Uma sondagem de opinião efetuada pelos social-democratas em 1942 chegou à seguinte conclusão: "Nós não conseguiremos fazer as massas saírem às ruas"; cf. Emil Henk, *Die Tragödie des 20 Juli 1944* , p. 21 e seg., assim como Allen Welsh Dulles, *Verschwörung in Deutschland* , p. 138. Para o que se refere em geral à resistência de esquerda, cf. sobretudo Gunther Weisenborn, *Der lautlose Aufstand* . Por outro lado, durante a guerra uma resistência apreciável da extrema esquerda só se manifestou após o início da ofensiva contra a URSS. Ela se concentrou antes de tudo sob o signo que se chamou de a "Roten Kapelle", em torno do tenente-coronel Harro Schulze-Boysen e do conselheiro de estado Arvid Harnack e se dedicava em parte à espionagem em proveito dos soviéticos. Em agosto de 1942, cerca de cem pessoas envolvidas em tais atividades foram presas e grande parte logo executada. Outro grupo reunido em torno de Anton Saefkow sublevou-se em julho de 1944 e desempenhou, como é relatado um pouco mais adiante, certo papel na decisão de Stauffenberg de ativar as operações.

13. A.W. Dulles, *op. cit* ., p. 171; cf. ainda George K.A. Bell, *Die Ökumene und die innerdeutsche Opposition* , in: VJHfZ 1957/4, p. 374

14. D. Ehlers, *op. cit* ., p. 143. Para o que concerne à biografia de Stauffenberg, cf. agora Christian Muller, *Oberst i.G. Stauffenberg* .

Quando Stefan George faleceu em 4 de dezembro de 1933 em Minusio, perto de Locarno, Stauffenberg, seus dois irmãos e oito amigos do poeta o acompanharam em seus derradeiros instantes de vida.

15. F. von Schlabrendorff, *op. cit* ., p. 138

16. Cf. R. Cartier, *op. cit* ., t. II, p. 753

17. Cf. W. Warlimont, *op. cit* ., p. 452 e seg. Hitler via precisamente na exata indicação da data uma prova da intenção de ludibriar, cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 364

18. Cf. Albert Norman, *Die Invasion in der Normandie* , em H.-A. Jacobsen/Jurgen-Röhwer, *Entscheidungsschlachten des Zweiten Weltkriegs* , p. 419 e seg. Na ocasião tratava-se sobretudo de saber se seria melhor deter o inimigo na região costeira e empurrá-lo para o mar, pondo em linha tropas de reserva rapidamente disponíveis, segundo, por exemplo, a opinião de Rommel, ou se seria preferível acatar a orientação de Rundstedt, de acordo com a qual as forças de reserva mantidas de sobreaviso no centro deviam “de um só golpe” destruir a cabeça de ponte; entre esses dois planos militares havia ainda inúmeras variantes.

19. Cf. a esse respeito a divergência de opiniões assinalada por W. Warlimont, *op. cit* ., p. 455, sobre a disponibilidade das quatro divisões de reserva no Ocidente.

20. *Op. cit* ., p. 457

21. H. Speidel, *Invasion 1944* , p. 113 e seg. Detalhe significativo: Hitler só tinha prevenido os dois marechais quanto à hora e ao local do encontro com antecedência mínima.

22. Entre outros, é apresentado como motivo da partida precipitada de Hitler a explosão de uma bomba voadora V-1 descontrolada que foi cair nos arredores do QG do Führer pouco após a partida de Rundstedt e Rommel. Na realidade, foi um pretexto arrumado por Hitler para evitar o confronto. Afinal, como um foguete caído por engano em Margival teria podido tornar arriscado um encontro que devia ocorrer em La Roche-Guyon, mais distante? Para o que concerne ao acontecimento em si, cf. H. Speidel, *op. cit* ., p. 119

23. *Op. cit* ., p. 155 e seg.

24. P. Hoffmann, *op. cit* ., p. 445

25. *Op. cit* ., p. 462 e seg.

26. Declaração da Baronesa von Below a este autor.

27. A. Zoller, *op. cit* ., p. 184. Hitler solicitara que as roupas fossem enviadas à “Srta. Braun, no Berghof, com ordem de conservá-las cuidadosamente”.

28. P. Schmidt, *Statist* , p. 582

29. M. Domarus, *op. cit* ., p. 2.127 e seg.

30. A “Gewitteraktion” foi aberta “subitamente” em 22 de agosto de 1944 e englobava cerca de 5 mil parlamentares e funcionários dos antigos partidos, entre os quais figuravam, por exemplo, Konrad Adenauer e Kurt Schumacher; cf. Walter Hammer “Die Gewitteraktion vom 22.8.1944” in *Freiheit und Recht* , 1959/caderno 8-9, p. 15 e seg.

31. Cf. E. Zeller, *op. cit* ., p. 455; sobre outros métodos de tortura, cf. P. Hoffmann, *op. cit* ., p. 620 e seg.

32. W. Scheidt, *Gespräche mit Hitler* , citado conforme E. Zeller, *op. cit* ., p. 558; e também *Lagebesprechungen* , p. 588

33. Citado por D. Ehlers, *op. cit* ., p. 113; também E. Zeller, *op. cit* ., p. 461

34. P. Hoffmann, *op. cit* ., p. 628 e seg. Ver também A. Speer, *op. cit* ., p. 404. As oito primeiras vítimas foram o marechal von Witzleben, os generais Hoeppner, Stieff, von Hase, o tenente-coronel Bernardis, o capitão Klausing, o tenente Yorck von Wartenburg, o tenente Hagen. Mais tarde procedeu-se à decapitação, pelo menos em parte. Um dos raros oficiais fuzilados conforme a lei marcial: o general Fromm.

35. O discurso foi transcrito no VJHfZ/4, p. 357 e seg., a citação p. 384

36. Cf. cópia estenografada dos depoimentos diante do tribunal de 7 e 8 de agosto de 1944, transcrita no IMT XXXIII, p. 403 e seg. (3881-PS).

37. Cf. D. Ehlers, *op. cit* ., p. 123; e a seguir também P. Hoffmann, *op. cit* ., p. 437. Quanto à provocação de um duelo de von Fritsch, ver H. Foertsch, *Schuld und Verhangnis* , p. 134, referindo-se a uma proposta de

Rundstedt, que julgava por seu turno ter dissuadido von Fritsch de seu intento.

38. P. Hoffmann, *op. cit* ., p. 611, 438 e seg.; para o que se refere a Klausing, cf. D. Ehlers, *op. cit* ., p. 31 e seg.

39. Assim se manifestou o dr. Georg Kiesel, incumbido de testar as informações obtidas; todavia, ele acrescenta: “Eles trataram, naturalmente, de dar cobertura a seus camaradas, mas para criminalistas experimentados seria fácil reconstituir os fatos”. Citado por P. Hoffmann, *op. cit* ., p. 607. O que se denominou os “Kaltenbrunner Berichte”, publicados sob o título de *Spiegelbild einer Verschwörung* , confirma mais ou menos essa assertiva. Mas é necessário interpretar de maneira totalmente diversa a espontaneidade de Goerdeler no falar, porque ele queria, como observou seu biógrafo Gerhard Ritter, colaborar na apuração da verdade porquanto esperava que, diante da amplitude e multiplicidade da oposição, Hitler faria uma espécie de recuo; cf. G. Ritter, *Carl Goerdeler und die deutsche Widerstandsbewegung* (TB dtv) p. 442 e seg.

40. É do SS-Oberführer Humbert Pifrader assim como do general von Kortzfleisch, comandante da 3ª região militar Berlim-Brandenburgo, de quem se está falando. O general Fromm foi simplesmente detido sob palavra em seu alojamento, de onde terminou por fugir.

41. M. Domarus, *op. cit* ., p. 2127

42. Cf. a propósito de tal complexo D. Ehlers, *op. cit* ., p. 182, que coloca a tal respeito a questão da culpa nacional propriamente dita. O otimismo de Goerdeler não era, aliás, compartilhado por todos os conspiradores. Caesar von Hofacker, por exemplo, no decorrer de uma conversa com Ernst Junger, declarou que era preciso “passar por cima de Hitler. Se não pudermos impedir esse sujeito de segurar o microfone, em cinco minutos ele reagrupará as massas”. A essa observação, que não levava em conta certamente o decréscimo da força de sugestão de Hitler sobre as multidões, Junger retrucou: “Nesse caso, bastará simplesmente ser mais persuasivo ao microfone do que ele. Se você não dispõe dessa habilidade, não será com o atentado que a conseguirá”. Esse comentário revela um desconhecimento do motivo moral dos conspiradores, como desconhece também o fato de que não era no terreno da demagogia que desejavam fazer concorrência a Hitler. Cf. E. Junger, *Obras* , t. III (“Strahlungen”), p. 251. Preocupados com o prestígio sempre atuante de Hitler, durante longo tempo, os golpistas tinham pensado em disfarçar o atentado num

acidente.

43. S. Haffner, numa entrevista a propósito do livro de K. von Hammerstein, *Spähtrupp* , na revista *Konkret* .

44. Adolf Heusinger, *Befehl im Widerstreit* , p. 367

45. Cf. Wolf Jobst Siedler, *Behauptungen* , p. 11

46. Citado por Hans Rothfels, *op. cit* ., p. 79

47. Cf. Igualmente F. von Schlabrendorff, *op. cit* ., p. 154

48. Assim se expressa em todo caso E. Zeller, *op. cit* ., p. 539. O diretor do Instituto era o Prof dr. H. Stieve, a cujas declarações se faz menção. Walter Hammer, ao contrário, alega que as urnas tinham sido entregues por ordem de Hitler ao ministro da Justiça Thierack, que “as fez desaparecer e enterrar, diz-se, numa clareira qualquer por ocasião de um fim de semana que ele passou na sua propriedade, na região de Teltow”. *Ibid* . Há bons motivos para que as duas versões sejam verdadeiras, tendo em vista o grande número de vítimas (cerca de duzentas). Os cinco conspiradores julgados e executados em 20 de julho por obra de Fromm, a saber, Stauffenberg, Haeften, Olbricht, Mertz von Quirnheim e Beck, foram exumados alguns dias depois e cremados, e suas cinzas espalhadas ao vento.

49. Citado por A. Bullock, *op. cit* ., p. 760

50. Cf. os dados estatísticos de H.-A. Jacobsen, 1939-1945, p. 561 e seg.

51. A. Speer, *op. cit* ., p. 414 e seg.

52. O general Blumentritt, chefe do estado-maior de von Kluge, aponta um exemplo desse tipo de intervenção na conduta da guerra: no início de agosto, no momento em que os americanos tinham aberto “um corredor” em Avranches, Hitler ordenou um ataque de surpresa, uma espécie de armadilha. “Recebemos então um plano elaborado em seus mínimos detalhes. Ele determinava as diversas divisões que devíamos pôr em ação. (…) O setor no qual a ofensiva devia se desenvolver era indicado com precisão, assim como todos os caminhos e cidades por onde deveriam

passar as tropas. Esse plano fora todo preparado em Berlim com a ajuda de mapas. Não se pediu qualquer opinião sobre o plano aos generais que se achavam na França".

53. *Lagebesprechungen* , p. 615, 620 (31 de agosto de 1944).

54. *Einzelheiten und Quellenangaben* por W. Maser, *Hitler* , p. 344 e seg.

55. Palestra retransmitida pela rádio em 30 de janeiro, citada por M. Domarus, *op. cit* ., p. 2083

56. *Tischgespräche* , p. 468, cf. também *Ibid* ., p. 376

57. Assim também o general Bayerlein, mencionado por R. Cartier, *op. cit* ., p. 918. A descrição de Hitler advém do general von Manteuffel, citado de acordo com W.L. Shirer, *op. cit* ., p. 997

58. *Lagebesprechungen* , p. 721 e seg. Para o que concerne ao histórico da ofensiva das Ardenas, cf. também o estudo de Hermann Jung, *Die Ardennenoffensive 1944/1945* . Um exemplo da condução da guerra por parte de Hitler. O mesmo, visto por um dos principais protagonistas: Hasso von Manteuffel, *Die Schlacht in des Ardennen 1944/1945* , in: H.-A. Jacobsen/J. Rohwer, *Entschei dungsschlachten* , p. 527 e seg.

59. *Op. cit* ., p. 740

60. H. Guderian, *op. cit* ., p. 350 e seg., o oficial que Hitler queria que fosse internado logo num manicômio era o general Reinhard Gehlen.

61. M. Domarus, *op. cit* ., p. 2198

62. A. Zoller, *op. cit* ., p. 203

63. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 115

64. *Testamento Político de Hitler* , p. 67; a citação anterior baseia-se numa nota de O.E. Remer ao autor deste livro. Remer lembrou a Hider que este lhe assegurara algumas semanas antes ser a ofensiva das Ardenas a derradeira chance daquela guerra; caso ela fracassasse a guerra estaria de todo perdida.

Langebesprechungen de 27 de abril de 1945, republicada no *Der Spiegel*

65. 3/1966, p. 42; quanto à planificação das destruições, ver A. Speer, *op. cit* ., p. 412

66. Citado por H.R. Trevor-Roper, *Hitlers letzte Tage* , p. 96

67. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 433; Hitler tinha declarado em 20 de julho de 1944 a Mussolini que com a ajuda de um bombardeio de foguetes V2 contava "arrasar inteiramente a cidade de Londres. Seriam lançadas bombas até que a capital inglesa fosse destruída". Cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* , t. II, p. 470 e seg. A ordem de defender Paris ou de reduzi-la a cinzas e escombros foi enviada em 23 de agosto de 1944, imediatamente antes da libertação da cidade, e não foi acatada pelo general von Choltitz; cf. a esse respeito a reportagem de Larry Collins/Dominique Lapierre, *Brennt Paris?* A ordem em si foi transcrita por H.-A. Jacobsen, *1939-1945* , p. 587

68. Do mesmo modo, J. Goebbels, citado por H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 80

69. Cf. a descrição feita por A. Zoller, *op. cit* ., p. 149 e seg. Os habitantes de cada alojamento mudaram diversas vezes; assim, por exemplo, o futuro quarto de Goebbels fora ocupado de início por Morell. O dispensário do dr. Stumpfegger foi ocupado por algum tempo pelo criado de quarto de Hitler, Linge.

70. Reproduzido no KTB/OKW, t, IV, cap. II, p. 1.701 e seg.; cf. por exemplo também a descrição feita por Gerhard Boldt, *Die letzten Tage* , p. 15

71. A. Zoller, *op. cit* ., p. 150

72. H. Guderian, *op. cit* ., p. 376; ver também G. Boldt, *op. cit* ., p. 26 e seg. O médico em questão era o dr. Giesing; cf. o relato por W. Maser, *Adolf Hitler* , p. 350 e seg.

73. A. Zoller, *op. cit* ., p. 230. "De tempos em tempos", seguia o relato, "ele pousava o olhar no retrato de Frederick, o Grande, pendurado em cima de sua mesa de trabalho e repetia sua conhecida máxima: 'Quanto mais conheço os homens, mais aprecio os cães.'"

74. *Op. cit* ., p. 204, 232

75. A conferência de meio-dia de 27 de janeiro de 1945 oferece disso um exemplo característico. A simples menção de que a famosa divisão de

blindados Grossdeutschland deveria ser utilizada na Prússia Oriental bastou para reacender o otimismo de Hitler, embora Guderian o tivesse advertido de que aquela divisão carecia de combustível para se proceder ao reagrupamento previsto. Cf. *Lagebesprechungen* , p. 839

76. A. Speer, *op. cit* ., p. 408

77. A. Zoller, *op. cit* ., p. 152

78. Cf. KTB/OKW, t. IV, cap. II, p. 1700

79. A. Zoller, *op. cit* ., p. 29 e seg. Em janeiro, no decorrer de uma conferência, Hitler se perguntou se não "caberia agora fabricar um novo projetil" (*Lagebesprechungen* , p. 867) e quando o general Karl Wolf veio visitá-lo em 18 de abril Hitler lhe explicou seus "planos para as próximas semanas"; cf. E. Dollmann, *op. cit* ., p. 235

80. H. Guderian, *op. cit* ., p. 360

81. Citado por W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 616; cf. também M. Domarus, *op. cit* ., p. 2.202 e seg.

82. Cf. G. Boldt. *op. cit* ., p. 38; para o concernente à situação de Guderian, cf. *Erinnerungen* deste último, p. 386 e seg.

83. A. Speer, *op. cit* ., p. 433

84. Essa famosa ordem da bandeira é mencionada por H.-A. Jacobsen, 1939-1945, p. 591 e seg.; ver também A. Speer, *op. cit* ., p. 586, assim como 451. A "Nerobefehl", Ordem Nero, é transcrita especialmente em KTB/OKW, t. IV, cap. II, p. 1.580 e seg.

85. *The Bormann Letters* , ed. por H. R. Trevor-Roper. p. 198

86. Relatório do SD-Führer Frank, de Berchtesgaden, cf. Karl Koller, *Der letzte Monat* , p. 48. e seg. Para o que diz respeito às declarações de Hitler sobre a autotraição das democracias, ver A. Hillgruber, *Staatsmänner* t. I, p. 463

87. A. Zoller, *op. cit* ., p. 150

Carta de Speer a Hitler citada em KTB/OKW, t. IV, cap. II, p. 1.581 e seg.

88.

89. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 456 e seg.

90. Cf. W. Görlitz/H.A. Quint, *op. cit* ., p. 618

91. Diário não publicado do Conde Schwerin von Krosigk, citado por H.R. Trevor-Roper, p. 116. Trevor-Roper chegou a observar que o ministro de Frederico, o Grande, do qual fala von Krosigk, era de fato o Conde d'Argenson.

92. Declaração da senhora Haberzettel, uma das secretárias do ministro da Propaganda; cf. a descrição com H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 118. Quanto ao "raio da morte" de Ley, ver A. Speer, *op. cit* ., p. 467 e seg.

93. A. Speer, *op. cit* ., p. 467; ainda com Speer, a observação de Hitler que se segue.

94. Diário de Schwerin von Krosigk, *op. cit* ., p. 117

95. A. Speer, *op. cit* ., p. 477; o comportamento de Goebbels foi objeto de numerosos testemunhos; a declaração citada provém da *Lagebesprechung* , de 23 de abril de 1945, cf. *Der Spiegel* , *op. cit* ., p. 34

96. *Op. cit* ., p. 477

97. *Op. cit* ., p. 463

98. K. Koller, *op. cit* ., p. 19 e seg.

99. As testemunhas dos acontecimentos são principalmente Keitel, Jodl, o general Christian, o coronel von Freytag-Loringhoven, Lorenz, o coronel von Below e a secretária de Bormann, senhorita Kruger. O relato segue sobretudo a descrição de H.R. Trevor-Roper, que apurou as declarações das testemunhas comparando-as entre si e tomando o relato mais conciso; cf. *op. cit* ., p. 131 e seg.; ver também as declarações de Gerhard Herrgesell, um dos estenógrafos, no KTB/OKW, t. IV, cap. II, p. 1.696 e seg.

00. Ver a redação do relato por K. Koller, *op. cit* ., p. 31; cf. também W. Görlitz, *Generalfeldmarschall Keitel* , p. 346 e seg.; *Ibid* ., p. 352, assim como a menção feita à ideia de sequestro.

01. Cit. de *Hitlers letzte Tage* , de H.R. Trevor-Roper, p. 138. Quanto à carta de Eva Braun, de 22 de abril, vide ilustração de N.E. Gun, loco citato (sem página).

02. A. Speer, *op. cit* ., p. 483; cf. também *Ibid* ., p. 488

03. Citado por H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 139

04. Republicado em *Der Spiegel* , *op. cit* ., p. 42. (*Lagebesprechung* de 25 de abril de 1945.)

05. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 486

06. Cf. o relato de Hanna Reitsch em N.B. 3734-PS; o Exército Wenck compreendia três divisões duramente fustigadas e se encontrava a uns 60 quilômetros ao sul de Berlim.

07. *Ibid* .

08. Cf. A. Speer, *op. cit* ., p. 433 e seg. Quanto à citação mencionada de Goebbels, cf. H. Heiber, *Joseph Goebbels* , p. 398

09. H.R. Trevor-Roper, *Testamento Político* , p. 61 (4 de fevereiro de 1945). Como até hoje o texto original desse documento não se acha disponível, foi aproveitada uma versão francesa.

10. *Op. cit* ., p. 57 e seg. (4 de fevereiro de 1945).

11. *Op. cit* ., p. 87 e seg., p. 129 e seg. (14 e 25 de fevereiro de 1945); certas declarações de Hitler no decorrer da conferência de 5 de março de 1943 são semelhantes; cf. *Lagebesprechungen* , p. 171; cf. também a observação citada em *Gespräche* , p. 115, de H. Rauschning.

12. *Op. cit* ., p. 101 e seg. (17 de fevereiro de 1945). De fato, o desencadeamento da campanha no Leste foi retardado em algumas semanas, mas essa decisão não se deve unicamente à operação de Mussolini na Grécia; questões meteorológicas, o tempo que os aliados dos alemães levariam para se pôr em marcha, etc., tinham igualmente desempenhado seu papel; cf. a pesquisa cujos dados se acham nos arquivos do bureau de pesquisas histórico-militares de Fribourgen-Brisgau: *Hat das britische Eingreifen in Griechenland den deutschen Angriff auf Russland verzögert oder nicht?* Ver também W. Hillgruber,

Strategie , p. 506. Por outro lado, Hitler casualmente se expressou num outro sentido, pelo menos diante de Mussolini. Cf. a menção em E. Nolte, *Epoche* , p. 586

13. *Testamento Político de Hitler* , cf. p. 78

14. *Op. cit* ., p. 108 (17 de fevereiro de 1945). Para o que se refere à menção de H.R. Trevor-Roper, cf. *Ibid* ., p. 46 e seg. O julgamento de Hitler é delineado de maneira surpreendente numa observação do escritor francês Drieu la Rochelle, que explicou as razões da derrota já em fins de 1944, pouco antes do suicídio do Führer: O motivo da débacle da política alemã, acentuou La Rochelle, não se atém a seu objetivo desmedido, mas sim à fraqueza de sua decisão. A revolução alemã não foi levada a fundo em nenhum setor. (…) A revolução alemã olhou demais pelos veteranos da administração e do Reichswehr; ela acolheu demais a antiga burocracia. Esse duplo erro ficou claro em 20 de julho. Hitler deveria ter tratado a extrema direita com a mesma severidade impiedosa com que fustigou a extrema esquerda. Como não o fez, ou pelo menos não o fez de maneira completa, as consequências irreparáveis se fizeram sentir de maneira cada vez mais dramática no decorrer da guerra: em todos os países ocupados da Europa, a política alemã mostrou-se entravada por todos os preconceitos inerentes a uma condução da guerra superada e uma diplomacia antiquada; ela não ousou explorar a tarefa grandiosa que se lhe oferecia; mostrou-se incapaz de transformar uma guerra de conquista no estilo de outrora numa guerra revolucionária. Acreditava-se então em poder reduzir a violência da conduta no período de guerra a um certo limite mínimo, na esperança de conquistar o apoio da opinião pública europeia às suas ideias — e viu então essa opinião voltar-se contra ela porque não lhe oferecia nada de novo e de imperativo. Citado por E. Nolte, *Faschismus von Mussolini zu Hitler* , p. 380

15. N.B. 3734-PS.

16. *Op. cit* .

17. Cf. H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 173

18. *Le Testament Politique de Hitler* e seu testamento particular estão em N.B. 3569-PS. O governo do Reich de Goebbels se compunha dos

seguintes membros: Bormann, ministro do Partido; Seyss-Inquart, ministro do Exterior; Hanke, Reichsführer SS; Giessler (Gauleiter da Alta-Baviera), ministro do Interior; Saur, ministro do Armamento; Schörner, comandante em chefe do Exército; Ley, Funk e Schwerin von Krosigk conservavam suas funções.

19. O texto original desse documento tinha sido inutilizado e é apresentado aqui na reconstituição feita por von Below, tal qual nos fornece H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 188

20. Cf. Lew Besymenski, *Der Tod des Adolf Hitler* , p. 92; ver também H.R. Trevor-Roper, *Hitlers letzte Tage* , p. 189

21. Citado por E. Nolte, *Epoche* , p. 306

22. H.R. Trevor-Roper, *Hitlers letzte Tage* , p. 190 e seg.

23. O relatório da autópsia da comissão russo-soviética, Dossiê 12, alega ter descoberto na cavidade bucal do morto prováveis vestígios de uma ampola de veneno quebrada; mas o relatório não registra o odor característico de amêndoa amarga do cianureto que fora constatado nos outros cadáveres encontrados. Os especialistas alemães contestam que, dado o grau de incineração do corpo, ainda pudessem subsistir fragmentos de vidro; cf. W. Maser, Adolf Hitler, p. 432 e seg. Não se exclui — e essa hipótese é reforçada pelo temor conhecido de Hitler de um suicídio malogrado — que no momento em que desfechou em si mesmo o tiro de revólver, Hitler tenha mordido a ampola de veneno. A tentativa de Besymenski para descartar essa hipótese apoiando-se na opinião de “médicos-legistas russos de renome” é pouco convincente em seu próprio teor. Cf. *op. cit* ., p. 91 e seg. Quanto às declarações de testemunhas oculares do grupo íntimo de Hitler que foram mencionadas, cf. H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 35 e seg.

24. Declaração de Otto Gunsche, citada por W. Maser, *op. cit* ., p. 432. A declaração transcrita anteriormente é do sentinela Hermann Karnau; cf. a citação detalhada em J.C. Fest, *Das Gesicht des Dritten Reiches* , p. 431

25. *Völkischer Beobachter* , de 8/9 de abril de 1923.

26. Nota pessoal de A. Speer. Hermann Giessler, um dos outros arquitetos preferidos por Hitler, negou certa vez ter este declarado querer ser sepultado no campanário da construção projetada para Linz, acima das

margens do Danúbio; apenas a mãe de Hitler deveria ser sepultada neste local. Entretanto, Speer se recorda claramente de comentários de Hitler manifestando o desejo de ser sepultado justamente ali.

27. L. Besymenski apresentara como motivo para a atitude misteriosa dos soviéticos o fato de que se desejara manter em sigilo os resultados da pesquisa médico-legal para o caso "de que se pretendesse criar a legenda de um Hitler milagrosamente salvo da morte"; por outro lado, desejavam igualmente evitar algum engano. Quanto ao primeiro motivo, cabe acentuar que tal silêncio representava mais um risco de encorajar certas imposturas, o que realmente ocorreu nesse caso. O segundo pretexto também não é válido, porquanto não se percebe muito bem o que a perícia da autópsia ganharia em veracidade com o passar do tempo; cf. L. Besymenski, *op. cit* ., p. 86. Para o que se refere a boatos diversos, cf. H.R. Trevor-Roper, *op. cit* ., p. 5 e seg, que proporciona também um relato muito elucidativo de suas vãs tentativas para obter dos soviéticos esclarecimentos ou mesmo uma certa cooperação.

28. Cf. A. Hillgruber, *Staatsmänner* I, p. 187

EPÍLOGO: A INCAPACIDADE DE SOBREVIVER

1. H.R. Trevor-Roper, *Hitlers letzte Tage* , p. 74 e seg.

2. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 100

3. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 212

4. Foto de posse deste autor.

5. A. Kubizek, *op. cit* ., p. 233 e seg.

6. E. Nolte, *Epoche* , p. 507

7. Cf. Causas e consequências, t. IX, p. XXXIX.

8. *Hitlers zweites Buch* , p. 174, assim como *Mein Kampf* , p. 732. Cf. também o *Testamento Político* , p. 62 e seg. (4 de fevereiro de 1945): "A

Alemanha não tinha escolha. (...) Não podia contentar-nos uma independência aparente. Isso pode ser suficiente para os suecos ou suíços sempre prontos a se satisfazer com promessas vãs, se assim enchem os bolsos. A república de Weimar não exigia nada de mais. Mas o III Reich não podia se contentar com uma reivindicação tão modesta. Estávamos condenados a fazer a guerra".

9. *Tischgespräche* , p. 273; ver também H. Rauschning, *op. cit* ., p. 105

10. A frase de Winston Churchill é a mais conhecida, sendo citada constantemente na literatura apologética alemã: "Podemos execrar o sistema de Hitler, mas não podemos deixar de admirar seu desempenho patriótico. Se nosso país for vencido, eu espero que encontremos um campeador tão invejável que nos restitua a coragem e nos devolva nosso lugar no concerto das nações".

11. *Le Testament Politique de Hitler* , p. 139 (26 de fevereiro de 1945).

12. *Tischgespräche* , p. 489

13. *Libres Propos* , p. 306; a preocupação com um superpovoamento da Alemanha em face de seus 140 habitantes por km2 surge nos numerosos discursos de Hitler; cf. por ex. M. Domarus, *op. cit* ., p. 1.177 (28 de abril de 1939); IMT XLI, p. 25 (22 de agosto de 1939); p. 1.456 (30 de janeiro de 1940), etc. Curiosamente, Hitler tinha rejeitado também, desde o início, a "colonização interior", cf. por ex. *Mein Kampf* , p. 145 e seg.

14. Cf. as palavras-chaves de Hitler para o discurso *Vaterland oder Kolonie* , reproduzido em W. Maser, *Zeugnisse* , p. 341

15. H.H. Hofmann, *Der Hitlerputsch* , p. 254; e *Adolf Hitler in Franken* , p. 26

16. H. Rauschning, *op. cit* ., p. 212

17. E. Nolte, *Epoche* , p. 409

18. Como disse Hitler no decorrer da audiência de 26 de fevereiro de 1924 diante do tribunal de Munique, cf. E. Boepple, *Adolf Hitlers Reden* , p. 110

19. Cf. os registros da conferência do comitê ampliado da Internacional

Comunista, Moscou, 12-13 de junho de 1923, citado por E. Nolte (Ed.), *Theorien* , p. 92. Um dos pontos interessantes desse debate é que além de todas as teorias de enquadramento que tinham circulado mais tarde serem oriundas da esquerda, elas tomam o fascismo a sério como um foco de atração para as massas desencantadas com o socialismo.

20. F. Nietzsche, *Obras* , editada por K. Schlechta, t. I, p. 1258

21. Sob esse ângulo, ver especialmente Ralf Dahrendorf, *Gesellschaft und Demokratie in Deutschland* , p. 431 e seg. Não se pode relembrar a resistência conservadora sem experimentar sentimentos contraditórios. Entre 30 de junho de 1934 e 20 de julho de 1944, o *Ancien Régime* perdera na Alemanha sua classe dirigente, e mais tarde, com a perda da parte oriental, assim como na República Democrática Alemã-RDA, ele perderia uma parte considerável de sua base econômica e social; mesmo a inteireza da sua imagem é enodoada pelos atos de corrupção e de insuficiência que se revelaram de muitos lados. Essa queda do *Ancien Régime* teve numerosas consequências. Significou forçosamente redução, empobrecimento; por causa disso mesmo, não há representantes conservadores na República Federal. Sem isso, o estado, que tem sua capital em Bonn, não teria tido de enfrentar uma contradição militante e, com esta, inúmeras desgraças ocorridas a muitos no fim da república de Weimar.

22. Discurso de 25 de janeiro de 1939, citado por H.-A. Jacobsen/W. Jochmann, *Augewählte Dokumente* , na data indicada, p. 9. Para o registro sobre a social-democracia alemã, ver *Libres Propos* , p. 36

23. Th.W. Adorno, *Versuch uber Wagner* , p. 28

24. Para começar, houve o famoso artigo do *New York Post* , de 20 de dezembro de 1941, sobre a morte por inalação de gases de mil judeus de Varsóvia.

25. B. Brecht, *Gedichte* , t. IV, p. 143. Essa passagem é extraída do poema *An die Nachgeborenen* : Que tempos são estes onde falar de árvores é quase um crime. Porque implica o silêncio sobre tantos crimes!

26. Carlos Sforza, *Europäische Diktaturen* , p. 131

27. Cf. E. Nolte, *Theorien* , p. 71

28. H. Rauschning, *Gespräche* , p. 212

29. *Ibid* ., p. 150, 262, 264

Bibliografia

DOCUMENTOS

Akten zur Deutschen Auswärtigen Politik 1918-1945 , Serie D 1937-1945, Baden-Baden 1950 e seg. (cit. como *ADAP*)

Documents on British Foreign Policy 1919-1939 , Second Series (1930 e seg.), London 1950 e seg.

Dokumente der deutschen Politik , ed. Paul Meier-Bwenneckenstein, 7 vols, Berlin 1937 e seg.

Dokumente der deutschen Politik und Geschichte , 3 vols, Berlin München s/d

Dokumentationen der 'Verteljahreshefte für Zeitgeschichte' (cit. como *VJHfZ*)

Gutachten des Instituts für Zeitgeschichte , 2 vols, München 1958 e 1966

Hitler und Kahr. Aus dem Untersuchngsausschssss des bayerischen Landtags , München 1928

Das Deutsche Reich von 1918 bis heute , ed. Cuno Horkenbach, Berlin 1930 e seg. (cit. como *C. Horkenbach*)

Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht , ed. Percy Ernst Schramm, 7 vols, Frankfurt M. 1961 e seg. (cit. como *KTB OKW*)

Der Prozess gegen die Hauptkriegsverbrecher vor dem internationalen Militärgerichtschof , Nürnberg 1947 (cit. como *IMT*)

Spiegelbild einer Verschwörung. Die Kaltenbrunner-Berichte an Bormann und Hitler über das Attentat vom 20. Juli 1944 , Stuttgart 1961

Ursachen und Folgen. Vom deutschen Zusammenbruch 1918 und 1945 bis zur staatlichen Neuordnung Deutschlands in der Gegenwart , ed. Herbert Michaelis e Ernst Schraepler, Berlin 1958 e seg.

Outras fontes aparecem nesta bibliografia pelo nome das editoras. A bibliografia cita apenas a literatura consultada. Quando uma obra for mencionada uma só vez e não tiver importância fundamental, os dados bibliográficos são encontrados na própria anotação. Da mesma maneira foram registradas as observações relativas a fontes não impressas, comunicados pessoais etc.

LIVROS E PERIÓDICOS

Abendroth, Wolfgang (ed.), *Faschismus und Kapitalismus. Theorien über die sozialen Ursprünge und die Funktion des Faschismus* , Frankfurt M. 1967

Adorno, Theodor W., *Versuch über Wagner* , München 1964

Andics, Hellmuth, *Der ewige Jude. Ursachen und Geschichte des Antisemitismus* , Wien 1965

Arendt, Hannah, *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft* , Frankfurt M. 1955

___, *Eichmann in Jerusalem* , München 1964

von Baden, Príncipe Max, *Erinnerungen und Dokumente* , Stuttgart 1968

Baynes, Norman H., *The Speeches of Adolf Hitler 1922-1939* , vols. I e II, Oxford 1942

Benn, Gottfried, *Gesammelte Werke in vier Bänden* , ed. Dieter Wellershoff, Wiesbaden 1961

Bennecke, Heinrich, *Hitler und die SA* , München Wien 1962

___, *Wirtschaftliche Depression und politischer Radikalismus* , München 1968

Besymenski, Lew, *Der Tod des Adolf Hitler* , Hamburg 1968

Bloch, Charles, *Hitler und die europäischen Machte 1933-34. Kontinuität oder Bruch* , Frankfurt M. 1966

Boberach, Heinz (ed.), *Meldungen aus dem Reich, Auswahl aus den geheimen Lageberichten des Sicherheitsdienstes der SS 1939-1944* , Neuwied 1965

Böhme, Helmut, *Deutschlands Weg zur Grossmacht* , Köln Berlin 1966

Boelcke, Willi A. (ed.), *Wollt ihr den totalen Krieg? Die geheimen Goebbels-Konferenzen 1939-1943* , Stuttgart 1967

Boepple, Ernst, *Adolf Hitlers Reden* , 3ª ed., München 1933

Boldt, Gerhard, *Die letzten Tage der Reichskanzlei* , Hamburg 1947

Bonnet, Georges, *Vor der Katastrophe* , Köln 1951

Bor, Peter, *Gespräche mit Halder* , Wiesbaden 1950

Bouhler, Philipp, *Kampf um Deutschland. Ein Lesebuch für die deutsche Jugend* , Berlin 1938

Bracher, Karl Dietrich, *Die Auflösung der Weimarer Republik. Eine Studie zum Problem des Machtverfalls in der Demokratie* , Stuttgart Düsseldorf 1955 (cit. como *Auflösung*)

___, *Deutschland zwischen Demokratie und Diktatur* , Bern München 1964

___, *Die deutsche Diktatur. Entstehung, Struktur, Folgen des Nationalsozialismus* , Köln Berlin 1969 (cit. como *Diktatur*)

___, (com Wolfgang Sauer e Gerhard Schulz), *Die nationalsozialistische Machtergreifung* , Köln Opladen 1960 (cit. como Machtergreifung)

Brecht, Arnold, *Vorspiel zum Schweigen. Das Ende der deutschen Republik* , Wien 1948

Brenner, Hildegard, *Die Kunstpolitik des Nationalsozialismus* , Reinbek 1963

Bronder, Dietrich, *Bevor Hitler kam* , Hannover 1964

Broszat, Martin, *Der Staat Hitlers* , München 1969

Brüning, Heinrich, *Memoiren 1918-1934* , Stuttgart 1970

Bryant, Arthur, *Kriegswende* , Düsseldorf 1957

___, *Sieg im Westen 1943-1946* , Düsseldorf 1960

Bucher, Peter, *Der Reichswehrprozess. Der Hochverrat der Ulmer Reichswehroffiziere 1929-30* , Boppard 1967

Buchheim, Hans, *Die SS – das Herrschaftsinstrument. Befehl und Gehorsam, in: Anatomie des SS-Staates* , Olten Freiburg i. Br. 1965

Buchheit, Gert, *Hitler, der Feldherr. Die Zerstörung einer Legende* , Rastatt 1958

Bullock, Alan, *Hitler. Eine Studie über Tyrannei* , 5ª ed., Düsseldorf 1957

Burckhardt, Carl J., *Meine Danziger Mission 1937-1939* , Zürich München 1960

Burckhardt, Jacob, *Gesammelte Werke* , Basel 1956

Burke, Kenneth, *Die Rhetorik in Hitlers Mein Kampf und andere Essays zur Strategie der Überredung* , Frankfurt M. 1967

Butler, James R.M., *Lord Lothian, Philipp Kerr 1882–1940* , London New York 1960

Butler, Rohan D'O., *The Roots of National Socialism* , New York 1942

Calic, Edouard, *Ohne Maske. Hitler-Breiting. Geheimgespräche 1931* , Frankfurt M. 1968

Carsten, Francis L., *Der Aufstieg des Faschismus in Europa* , Frankfurt M. 1968

Cartier, Raymond, *Der Zweite Weltkrieg* , 2 vols, München 1967

Chamberlain, Houston Stewart, *Die Grundlagen des 19. Jahrhunderts* , 6ª ed., München 1906

Churchill, Winston, *Der Zweite Weltkrieg* , Bern 1954

Ciano, Galeazzo, *Tagebücher 1939-1943* , Bern 1946

Cooper, Duff, *Das lässt sich nicht vergessen* , München 1954

Coulondre, Robert, *Von Moskau nach Berlin 1936-1939* , Bonn 1950

Crankshaw, Edward, *Die Gestapo* , Berlin 1959

Czichon, Eberhard, *Wer verhalf Hitler zur Macht?* , Köln 1967

Dahlerus, Birger, *Der letzte Versuch* , München 1948

Dahrendorf, Ralf, *Gesellschaft und Demokratie in Deutschland* , München 1965

Daim, Wilfried, *Der Mann, der Hitler die Ideen gab* , München 1958

Dallin, Alexander, *Deutsche Herrschaft in Russland 1941-1945. Eine Studie über Besatzungspolitik* , Düsseldorf 1958

Deakin, F.W., *Die brutale Freundschaft, Hitler, Mussolini und der Untergang des italienischen Faschismus* , Köln 1962

Delmer, Sefton, *Die Deutschen und ich* , Hamburg 1963

Deuerlein, Ernst, *Der Hitler-Putsch. Bayerische Dokumente zum 8/9 November1923* , Stuttgart 1962

___, *Der Aufstieg der NSDAP 1919-1933* , Düsseldorf 1968 (cit. como *Aufstieg*)

Deutsch, Harold C., *Verschwörung gegen den Krieg. Der Widerstand in den Jahren 1939-1940* , München 1969

Diels, Rudolf, *Lucifer ante portas* , Zürich s/d

Dietrich, Otto, *Mit Hitler in die Macht* , München 1934

___, *Zwölf Jahre mit Hitler* , München 1955

Dönitz, Karl, *Zehn Jahre und zwanzig Tage* , Frankfurt M. Bonn 1964

Dollmann, Eugen, *Dolmetscher der Diktatoren* , Bayreuth 1963

Domarus, Max, *Hitler. Reden und Proklamationen 1932-1945* , 2 vols, Würzburg 1962/63

Drexler, Anton, *Mein politisches Erwachen* , München 1919

Duesterberg, Theodor, *Der Stahlhelm und Hitler* , Wolfenbüttel 1949

Dulles, Allen Welsh, *Verschwörung in Deutschland* , Kassel 1949

Eckart, Dietrich, *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin. Zwiegespräche zwischen Adolf Hitler und mir* , München 1925

Eden, Anthony, *Angesichts der Diktatoren* , Köln Berlin 1964

Ehlers, Dieter, *Technik und Moral einer Verschwörung* , Frankfurt M. Bonn 1964

Eyck, Erich, *Geschichte der Weimarer Republik* , 2 vols, Zürich 1954

Fabry, Philipp W., *Mutmassungen über Hitler* , Düsseldorf 1969

Feiling, Keith, *The Life of Neville Chamberlain* , London 1946

Fest, Joachim C., *Das Gesicht des Dritten Reiches* , München 1963

Fischer, Fritz, *Griff nach der Weltmacht. Die Kriegszielpolitik des kaiserlichen Deutschland 1914-1918* , Düsseldorf 1961

___, *Krieg der Illusionen. Die deutsche Politik von 1911 bis 1914* , Düsseldorf 1969

Foerster, Wolfgang, *Generaloberst Ludwig Beck. Sein Kampf gegen den Krieg* , München 1953

Foertsch, Hermann, *Schuld und Verhängnis. Die Fritschkrise im Frühjahr 1938 als Wendepunkt in der Geschichte der nationalsozialistischen Zeit* , Stuttgart 1951

Forsthoff, Ernst, *Der totale Staat* , Hamburg 1933

Fraenkel, Ernst, *The Dual State* , London New York 1941

François-Poncet, André, *Botschafter in Berlin 1931-1938* , Berlin Mainz 1962

Frank, Hans, *Im Angesicht des Galgens. Deutung Hitlers und seiner Zeit auf Grund eigener Erlebnisse und Erkenntnisse* , 2ª ed., Neuhaus 1955

Franz-Willing, Georg, *Die Hitlerbewegung. Der Ursprung 1919-1922* , Hamburg Berlin 1962

Friedensburg, Ferdinand, *Die Weimarer Republik* , Hannover Frankfurt M. 1957

Friedländer, Saul, *Auftakt zum Untergang. Hitler und die Vereinigten Staaten von Amerika* , Stuttgart 1965

Freund, Michael, *Weltgeschichte der Gegenwart in Dokumenten* , 3 vols, Freiburg 1954-56 (cit. como. Weltgeschichte)

___, *Abendglanz Europas* , Stuttgart 1967

Funke, Manfred, *Sanktionen und Kanonen. Hitler, Mussolini und der Abessinienkonflikt* , Düsseldorf 1971

Gafencu, Grigore, *Derniers jours de l'Europe* , Paris 1946

Gessler, Otto, *Reichswehrpolitik in der Weimarer Zeit* , Stuttgart 1958

Gilbert, Martin e Gott, Richard, *Der gescheiterte Frieden. Europa 1933 bis 1939* , Stuttgart 1964

Gisevius, Hans Bernd, *Bis zum bitteren Ende* , 2 vols, Zürich 1946

___, *Adolf Hitler. Versuch einer Deutung* , München 1963

Goebbels, Joseph, *Das Tagebuch von Joseph Goebbels 1925-1926, mit weiteren Dokumenten* ed. Helmuth Heiber, Stuttgart s/d (cit. como *Goebbels-Tagebuch*)

___, *Vom Kaiserhof zur Reichskanzlei Eine historische Darstellung in Tagebuchblättern* München 1934 (cit. como *Kaiserhof*)

___, *Tagebücher aus den Jahren 1942-1943, mit anderen Dokumenten* ed. L.P. Lochner, Zürich 1948 (cit. como *Tagebücher 1942-43*)

___, *Die Zweiter Revolution, Briefe an Zeitgenossen* , Zwickau s/d

Göring, Hermann, *Aufbau einer Nation* , Berlin 1934

Görlitz, Walter (ed.), *Der deutsche Generalstab. Geschichte und Gestalt* , Frankfurt M. 1953

___, *Generalfeldmarschall Keitel, Verbrecher oder Offizier? Erinnerungen, Briefe, Dokumente des Chefs OKW* , Göttingen Berlin Frankfurt M. 1961

___, (com Quint H.A.), *Adolf Hitler. Eine Biographie* , Stuttgart 1952

Gordon Jr., Harold J., *Hitlerputsch 1923. Machtkampf in Bayern 1923 bis 1924* , Frankfurt M. 1971

Govern, W.M., *From Luther to Hitler* , London 1946

Greiner, Helmuth, *Die oberste Wehrmachtführung 1939-1943* , Wiesbaden 1951

Greiner, Josef, *Das Ende des Hitler-Mythos* , Zürich Leipzig Wien 1947

Grew, Joseph C., *Zehn Jahre in Japan. 1932-1942* , Stuttgart 1947

Gritzbach, Erich, *Hermann Göring. Werk und Mensch* , 2ª ed., München 1938

Groener-Geyer, Dorothea, *General Groener, Soldat und Staatsmann* , Frankfur Main, 1955

Groscurth, Helmut, *Tagebücher eines Abwehroffiziers 1938-1940* , ed. Helmut Krausnick e Harold C. Deutsch, Stuttgart 1970

Gruchmann, Lothar, *Der Zweite Weltkrieg* , München 1967

Guderian, Heinz, *Erinnerungen eines Soldaten* , Heidelberg 1951

Gumbel, Emil Julius, *Verräter verfallen der Feme* , Berlin 1929

Gun, Nerin E., *Eva Braun–Hitler. Leben und Schicksal* , Velbert Kettwig 1968

Gutmann, Robert W., *Richard Wagner. Der Mensch, sein Werk, seine Zeit* , München 1970

Haffner, Sebastian, *Der Teufelspakt. 50 Jahre deutsch-russische Beziehungen* , Reinbek 1968

___, *Der Selbstmord des deutschen Reiches* , Bern München Wien 1970

Hagemann, Walter, *Publizist im Dritten Reich* , Hamburg 1948

Halder, Franz, *Kriegstagebuch. Tägliche Aufzeichnungen des Chefs des Generalstabs des Heeres 1939-1942* , Stuttgart 1962/64 (cit. como *KTB*)

Hale, Oron J., *Presse in der Zwangsjacke* , Düsseldorf 1965

Hallgarten, George W.F., Hitler, *Reichswehr und Industrie* , Frankfurt 1955

___, *Damonen oder Retter* , München 1966

von Hammerstein, Kunrat, *Spahtrupp* , Stuttgart 1963

___, Flucht. *Aufzeichnungen nach dem 20. Juli* , Olten 1966

Hanfstaengl, Ernst, *The missing years* , London 1957

___, *Zwischen Weissem und Braunem Haus* , München 1970

von Hassell, Ulrich, *Vom anderen Deutschland* , Zürich Freiburg 1946

Hauser, Oswald, *England und das Dritte Reich* , vol. I, Stuttgart 1972

Heiber, Helmut, *Adolf Hitler, Eine Biographie* , Berlin 1960

___, *Joseph Goebbels* , Berlin 1962

___, (ed.), *Hitlers Lagebesprechungen* , Stuttgart 1962 (cit. como *Lagebesprechungen*)

___, (ed.), *Reichsführer!…Briefe an und von Himmler* , Stuttgart 1968

Heiden, Konrad, *Adolf Hitler. Das Zeitalter der Verantwortungslosigkeit. Ein Biographie* , 2 vols, Zürich 1936/37 (cit. como *Hitler I* e *Hitler II*)

___, Geburt des Dritten Reiches. *Die Geschichte des Nationalsozialismus bis Herbst 1933* , 2ª ed., Zürich 1934 (cit. como *Geburt*)

___, *Geschichte des Nationalsozialismus. Die Karriere einer Idee* , Berlin 193 (cit. como *Geschichte*)

Henkys, Reinhard, *Die nationalsozialistischen Gewaltverbrechen* , 2ª ed., Stuttgart 1965

Heusinger, Adolf, *Befehl im Widerstreit* , Tübingen Stuttgart 1950

Heuss, Theodor, *Hitlers Weg. Eine Schrift aus dem Jahre 1932* , novo ed. Eberhard Jäckel, Stuttgart 1968

Heyen, Franz Josef, *Nationalsozialismus im Alltag* , Boppard 1967

Hildebrand, Klaus, *Deutsche Aussenpolitik 1933-1945. Kalkül oder Dogma?* , Stuttgart 1971

Hillgruber, Andreas, *Hitlers Strategie, Politik und Kriegführung 1940 bis 1941* , Frankfurt M. 1965 (cit. como *Strategie*)

___, (ed.), *Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler. Vertrauliche Aufzeichnungen über Unterredungen mit Vertretern des Auslands* , 2 vols, Frankfurt M. 1967/70 (cit. como *Staatsmänner I* e *Staatsmänner II*)

Hitler, Adolf, *Mein Kampf* , 37ª ed., München 1933

___, *Adolf Hitler in Franken. Reden aus der Kampfzeit* , ed. Heinz Preiss, s/d

___, *Libres Propos sur la Guerre et la Paix* , Version française de François Genoud, Paris 1952 (cit. como *Libres Propos*)

___, *Hitler's Table Talk. 1941-1944* , London 1953

___, *Le Testament politique de Hitler* , ed. H.R. Trevor-Roper, Paris 1959

___, *Hitlers Zweites Buch. Ein Dokument aus dem Jahre 1928* , Stuttgart 1961

___, *Hitlers Lagebesprechungen. Die Protokollfragmente seiner militärischen Konferenzen 1942-1945* , ed. Helmut Heiber, Stuttgart 1962 (cit. como *Lagebesprechungen*)

___, *Hitlers Weisungen für die Kriegsführung* , ed. Walther Hubatsch, Frankfurt 1962

___, *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier 1941-1942* , ed. Henry Picker, Stuttgart 1965 (cit. como *Tischgespräche*)

Hoegner, Wilhelm, *Hitler und Kahr. Die bayerischen Napoleonsgrössen von 1923* , München 1928

___, *Die verratene Republik* , München 1958

Höhne, Heinz, De *r Orden unter dem Totenkopf. Die Geschichte der SS* , Gütersloh 1967

Hofer, Walther, *Die Entfesselung des Zweiten Weltkriegs* , Frankfurt M. 1960

Hoffmann, Heinrich, *Hitler was my friend* , London 1955

Hoffmann, Peter, *Widerstand. Staatstreich, Attentat. Der Kampf der Opposition gegen Hitler* , München 1969

Hofmann, Hanns Hubert, *Der Hitlerputsch. Krisenjahre deutscher Geschichte 1920 bis 1924* , München 1961

Horn, Wolfgang, *Führerideologie und Parteiorganisation in der NSDAP 1919-1933* , Düsseldorf 1972

Hossbach, Friedrich, *Zwischen Wehrmacht und Hitler 1934-1938* , Wolfenbüttel Hannover 1949

Hubatsch, Walther, *Hindenburg und der Staat* , Göttingen 1966

Huber, Ernst Rudolf, *Verfassungsrecht des Grossdeutschen Reiches, Hamburg* 1939

Ingrim, Robert, *Hitler glücklichster Tag* , Stuttgart 1962

Jacobsen, Hans-Adolf, *Fall Gelb. Der Kampf um den deutschen Operationsplan zur Westoffensive 1940* , Wiesbaden 1957

___, *1939-1945. Der Zweite Weltkrieg in Chronik und Dokumenten* , 5ª ed., Darmstadt 1961

___, *Der Zweite Weltkrieg. Grundzüge der Politik und Strategie in Dokumenten* , Frankfurt M. Hamburg 1965

___, *Kommissarbefehl und Massenexekutionen sowietischer Kriegsgefangener, in: Anatomie des SS-Staates* , Olten Freiburg i. Br. 1965

___, *Nationalsozialistische Aussenpolitik 1933-1938* , Frankfurt M. Berlin 1968

Jacobsen, Hans-Adolf e Jochmann, Werner, *Ausgewählte Dokumente zur*

Geschichte des Nationalsozialismus 1933-1945 , Bielefeld 1961

Jacobsen, Hans-Adolf e Rower, Jürgen (eds.), *Entscheidungsschlachten des Zweiten Weltkriegs* , Frankfurt M. 1960

Jäckel, Eberhard, *Frankreich in Hitlers Europa* , Stuttgart 1966

___, *Hitlers Weltanschauung. Entwurf einer Herrschaft* , Tübingen 1969

Jaspers, Karl, *Die geistige Situation der Zeit (1931)* , Berlin 1947

Jenks, William A., *Vienna and the young Hitler* , New York 1960

Jetzinger, Franz, *Hitlers Jugend. Phantasien, Lügen- und die Wahrheit* , Wien 1956

Jochmann, Werner, *Im Kampf um die Macht. Hitlers Rede vor dem Hamburger Nationalklub von 1919* , Frankfurt M. 1960

___, *Nationalsozialismus und Revolution. Ursprung und Geschichte der NSDAP in Hamburg 1922-1933* , Frankfurt M. 1963

Joll, James, *Three Intellectuals in Politics* , New York 1960

Kallenbach, Hans, *Mit Adolf Hitler auf der Festung Landsberg* , 4ª ed., München 1943

Kempner, Robert M.W., *Eichmann und Komplicen* , Zürich Stuttgart Wien 1961

Kennan, George F., *Memoirs 1925-1950* , Boston 1967

Kersten, Felix, *Totenkopf und Treue. Heinrich Himmler ohne Uniform. Aus den Tagebuchblättern des finnischen Medizinalrats Felix Kersten* , Hamburg s/d

Kessler, Harry Graf, *Tagebücher 1918-1937* , Frankfurt M. 1961

Kirkpatrick, Sir Ivone, *Im inneren Kreis, Erinnerungen eines Diplomaten* , Berlin 1964

___, *Mussolini* , Berlin 1965

Klages, Ludwig, *Der Geist als Widersacher der Seele* , München Bonn 1954

Klee, Karl, *Das Unternehmen Seelöwe* , Göttingen Berlin Frankfurt M. 1958

von Klemperer, Klemens, *Konservative Bewegungen zwischen Kaiserreich und Nationalsozialismus* , München Wien s/d

Knickerbocker, H.R., *Deutschland so oder so?* Berlin 1932

von Koerber, Viktor, *Hitler, sein Leben und seine Reden* , München 1923

Koktanek, Anton Mirko, *Oswald Spengler in seiner Zeit* , München 1968

Koller, Karl, *Der letzte Monat* , Mannheim 1948

Kordt, Erich, *Wahn und Wirklichkeit. Die Aussenpolitik des Dritten Reiches. Versuch einer Darstellung* , Stuttgart 1948

___, *Nicht aus den Akten. Die Wilhelmstrasse in Frieden und Krieg. Erlebnisse, Begegnungen und Eindrücke 1928-1945* , Stuttgart 1950

Kosthorst, Erich, *Die deutsche Opposition gegen Hitler zwischen Pólen- und Frankreichfeldzug* , 3ª ed., Bonn 1957

von Kotze, Hildegard e Krausnick, Helmut, *Es spricht der Führer. Sieben exemplarische Hitler-Reden* , Gütersloh 1966

Kracauer, Siegfried, *Die Angestellten* , Neuauflage Allensbach 1959

Krause, Karl Wilhelm, *Zehn Jahre Kammerdierner bei Hitler* , Hamburg s/d

Krausnick, Helmuth, *Judenverfolgung, in: Anatomie des SS-Staates* , Olten Freiburg i. Br. 1965

Krebs, Albert, *Tendenzen und Gestalten der NSDAP. Erinnerungen an die Frühzeit der Partei* , Stuttgart 1948

Kruck, Alfred, *Geschichte des Alldeutschen Verbandes 1890-1939* , Wiesbaden 1954

Kubizek, August, *Adolf Hitler, mein Jugendfreund* , Graz Göttingen 1953

Kühnl, Reinhard, *Die nationalsozialistische Linke 1925-1930* , Meisenheim am Glan 1966

Kuhn, Axel, *Hitlers aussenpolitisches Programm* , Stuttgart 1970

Kurowski, Franz, *Armee Wenck* , Neckargemünd 1967

Lange, Karl, *Hitlers unbeachtere Maximen. Mein Kampf und die Öffentlichkeit* , Stuttgart 1968

Laqueur, Walter, *Deutschland und Russland* , Berlin 1965

Lepsius, Rainer M., *Extremer Nationalismus. Strukturbedingungen vor der nationalsozialistischen Machtergreifung* , Stuttgart 1966

Liddell Hart, Basil Henry, *The other Side of the Hill* , London 1951

von Lossberg, Bernhard, *Im Wehrmachtsführungsstab* , Hamburg 1949

Luedecke, K.G.W., *I knew Hitler* , London 1938

Lukács, Georg, *Schriften zur Literatursoziologie* , Neuwied 1961

___, *Die Zerstörung der Vernunft* , Neuwied 1962

Mann, Golo, *Deutsche Geschichte des neunzehnten und zwanzigsten Jahrhunderts* , Frankfurt M. 1958

Mann, Thomas, *Gesammelte Werke in zwölf Bänden* , vols. I a XII, Frankfurt M. 1956 (cit. como *GW*)

___, *Betrachtungen eines Unpolitischen* , Frankfurt M. 1956

von Manstein, Erich, *Verlorene Siege* , Frankfurt M. 1963

Manvell, Roger e Fraenkel, Heinrich, *Goebbels. Eine Biographie* , Köln Berlin 1960

Maser, Werner, *Die Frühgeschichte der NSDAP, Hitlers Weg bis 1924* , Frankfurt M. Bonn 1965 (cit. como *Frühgeschichte*)

___, *Hitler's Mein Kampf* , München Esslingen 1966

___, *Adolf Hitler. Legende, Mythos, Wirklichkeit* , München Esslingen 1971 (cit. como *Hitler*)

Matthias, Erich e Morsey, Rudolf (eds.), *Das Ende der Parteien 1933* , Düsseldorf 1960

McRandle, James H., *The Track of the Wolf* , Evanston 1965

Meier-Welcker, Hans, *Seeckt* , Frankfurt M. 1967

Meinck, Gerhard, *Hitler und die deutsche Aufrüstung 1933-1937* , Wiesbaden 1959

Meinecke, Friedrich, *Die deutsche Katastrophe. Betrachtungen und Erinnerungen* , 5ª ed., Wiesbaden 1955

Meissner, Hans Otto e Wilde, Harry, *Die Machtergreifung* , Stuttgart 1958

Meissner, Otto, *Staatssekretär unter Ebert-Hindenburg-Hitler. Der Schicksalsweg des deutschen Volkes von 1918-1945* , wie ich ihn erlebte, 3ª ed., Hamburg 1950

Mend, Hans, *Adolf Hitler im Felde 1914-1918* , Giessen 1931

Milosz, Czeslaw, *Verführtes Denken* , Köln Berlin 1953

von Miltenberg, Weigand (i. e. Herbert Blanck), *Adolf Hitler – Wilhelm III* , Berlin 1930/31

Milward, Alan S., *Die deutsche Kriegswirtschaft 1939-1945* , Stuttgart 1966

Mosse, George L. (em colab. com Walter Laqueur), *Internationaler Faschismus 1920-1945* , München 1966

Müller, Christian, *Oberst i. G. Stauffenberg. Eine Biographie* , Düsseldorf 1970

von Müller, Karl Alexander, *Mars und Venus, Erinnerungen 1914-1919* , Stuttgart 1954

___, *Im Wandel einer Welt. Erinnerungen 1919-1932* , München 1966

Müller, Klaus-Jürgen, *Das Heer und Hitler. Armee und nationalsozialistisches Regime 1933-1940* , Stuttgart 1969

Neumann, Franz Leopold, *Behemoth. The Structure and Practice of National Socialism* , 2ª ed., New York 1944

Neumann, Sigmund, *Die Parteien der Weimarer Republik* , Stuttgart 1965

Nicolson, Harold, *Tagebücher und Briefe 1930-1941* , Frankfurt M. 1969

Niedhart, Gottfried, *Grossbritannien und die Sowjetunion 1934-1939* , München 1972

Niekisch, Ernst, *Gewagtes Leben. Begegnungen und Begebnisse* , Köln Berlin 1958

Nietzsche, Friedrich, *Werke in drei Bänden* , ed. Karl Schlechta, München 1954/56

Nolte, Ernst, *Der Faschismus in seiner Epoche. Die Action Française, der italienische Faschismus, der Nationalsozialismus* , München 1963 (cit. como *Epoche*)

___, *Der Faschismus von Mussolini zu Hitler. Texte, Bilder, Dokumente* , München 1968 (cit. como *Faschismus*)

___, *Die Krise des liberalen Systems und die faschistischen Bewegangen* , München 1968 (cit. como *Krise*)

___, (ed.), *Theorien über den Faschismus* , Köln Berlin 1967 (cit. como *Theorien*)

Nyomarkay, Joseph, *Charisma and Factionalism in the Nazi Party* , Minneapolis 1967

von Oertzen, Friedrich Wilhelm, *Die deutschen Freikorps 1918-1923* , München 1936

Orlow, Dietrich, *The History of the Nazi Party 1919-1933* , Pittsburgh 1969

von Papen, Franz, *Der Wahrheit eine Gasse* , München 1952

Paulus, Friedrich, *Ich stehe hier auf Befehl. Lebensweg des Generalfeldmarschalls Friedrich Paulus* , ed. Walter Görlitz, Frankfurt M. 1963

Picker, Henry (ed.), *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier 1941 bis 1942* , Bonn 1951 (cit. como *Tischgespräche*)

Pulzer, Peter G.J., *Die Entszehung des politischen Antisemitismus in Deutschland und Österreich 1867-1914* , Gütersloh 1966

Raeder, Erich, *Mein Leben* , 2 vols., Tübingen 1956/57

Rauschning Hermann, *Die Revolution des Nihilismus. Kulisse und Wirklichkei im Dritten Reich* , 5ª ed., Zürich New York 1938

___, *Gespräche mit Hitler* , Zürich Wien New York 1940. 4ª reimpressão, Neudruck (cit. como *Gespräche*)

Reck-Malleczeven, Friedrich P., *Tagebuch eines Verzweifelten. Zeugnis einer inneren Emigration* , Stuttgart 1966

Recktenwald, Johann, *Woran hat Adolf Hitler gelitten?* , München Basel 1963

Reichmann, Eva Gabriele, *Die Flucht in den Hass. Die Ursachen der deutschen Judenkatastrophe* , Frankfurt M. s/d

von Ribbentrop, Joachim, *Zwischen London und Moskau. Erinnerungen und letzte Aufzeichnungen* , Leoni 1953

Riezler, Kurt, *Tagebücher, Aufsätze, Dokumente* , ed. Karl Dietrich Erdmann, Göttingen 1972

Ritter, Gerhard, *Carl Goerdeler und die deutsche Widerstandsbewegung* , Stuttgart 1954

Röhm, Ernst, *Die Geschichte eines Hochverräters* , 5ª ed., München 1934

Röhrs, Hans-Dietrich, *Hitler. Die Zerstörung einer Persönlichkeit* , Neckargemünd 1965

Rönnefarth, Helmuth K.G., *Die Sudetenkrise in der internationalen Politik 1938* , 2 vols, Wiesbaden 1961

Roon, Ger van, *Neuordnung im Widerstand. Der Kreisauer Kreis innerhalb der Widerstandsbewegung* , München 1967

Rosenberg, Alfred, *Letzte Aufzeichnungen* , Göttingen 1955

___, *Das politische Tagebuch Alfred Rosenberg aus den Jahre 1934-1935 und 1939-1940* , ed. e comentado por Hans-Günther Seraphim, Göttingen 1956

Rosenberg, Arthur, *Entstehung und Geschichte der Weimarer Republik* , Frankfurt M. 1955

Rossbach, Gerhard, *Mein Weg durch die Zeit* , Weilburg 1950

Rothfels, Hans, *Die deutsche Opposition gegen Hitler. Eine Würdigung* , Frankfurt M. 1958

Sauer, Wolfgang, com K.D. Bracher e G. Schulz, *Die nationalsozialistiche Machtegreifung. Studien zur Errichtung des totalitären Herrschaftssystems in Deutschland 1933-1934* , Köln Opladen 1960 (cit. como *Machtergreifung*)

Schacht, Hjalmar, *Abrechnung mit Hitler* , Hamburg Stuttgart 1948

___, *76 Jahre meines Lebens* , München 1953

Schellenberg, Walter, *Memoiren* , Köln 1956

Scheringer, Richard, *Das grosse Los. Unter Soldaten, Bauern und Rebellen* , Hamburg 1959

Schieder, Theodor, *Hermann Rauschnings 'Gespräche mit Hitler' als Geschichtsquelle* , Opladen 1972

von Schirach, Baldur, *Ich glaubte an Hitler* , Hamburg 1967

von Schlabrendorff, Fabian, *Offiziere gegen Hitler* , Frankfurt M. Hamburg 1959

Schmeer, Karlheinz, *Die Regie des öffentlichen Lebens im Dritten Reich* , München 1956

Schmidt, Paul, *Statist auf diplomatischer Bühne 1923-1945. Erlebnisse eines Chefdolmestschers im Auswärtigen Amt mit den Staatsmännern Europas* , Bonn 1950

Schmitthenner, Walter e Buchheim, Hans (eds.), *Der deutsche Widerstand gegen Hitler. Vier historisch-kritische Studien* , Köln Berlin 1966

Schoenbaum, David, *Die braune Revolution. Eine Sozialgeschichte des Dritten Reiches* , Köln Berlin 1968

Schubert, Günter, *Anfänge nationalsozialistischer Aussenpolitik* , Köln 1963

Schüddekopf, Otto-Ernst, *Das Heer und die Republik. Quellen zur Politik der Reichswehrführung 1918-1933* , Hannover Frankfurt M. 1955

___, *Linke Leute von rechts* , Stuttgart 1960

von Schuschnigg, Kurt, *Ein Requiem in Rot-Weiss-Rot* , Zürich 1946

von Schwerin-Krosigk, Lutz Graf, *Es geschah in Deutschland, Menschenbilder unseres Jahrhunderts* , Tübingen Stuttgart 1951

Schwertfeger, Bernhard, *Rätsel um Deutschland* , Heidelberg 1948

Seabury, Paul, *Die Wilhelmstrasse. Die Geschichte der deutschen Diplomatie 1930-1945* , Frankfurt M. 1956

Semler, Rudolf, *Goebbels – the Man next to Hitler* , London 1947

Severing, Carl, *Mein Lebensweg* , vol. II, Köln 1950

Sforza, Carlo, *Europäische Diktaturen* , Berlin 1932

Shirer, William L., *A Berlin Diary* , London 1941

___, *Aufstieg und Fall des Dritten Reiches* , Köln Berlin 1961

Siedler, Wolf Jobst, *Behauptungen* , Berlin 1965

Silone, Ignazio, *Die Kunst der Diktatur* , Köln Berlin 1965

Smith, Bradley F., *Adolf Hitler. His Family, Childhood and Youth* , Stanford 1967

Sombart, Werner, *Die Juden und das Wirtschaftsleben* , München Leipzig 192

Sommer, Theo, *Deutschland und Japan zwischen den Mächten 1935-1940* , Tübingen 1962

Sommerfeldt, Martin H., *Ich war dabei. Die Verschwörung der Dämonen, 1933-1939* , Darmstadt 1949

Sontheimer, Kurt, *Antidemokratisches Denken in der Weimarer Republik. Die politischen Ideen des deutschen Nationalismus zwischen 1918 und 1933* , München 1962

Speer, Albert, *Erinnerungen* , Berlin 1969

Speidel, Hans, *Invasion 1944* , Tübingen Stuttgart 1961

Spengler, Oswald, *Preussentum und Sozialismus* , München 1919

Springer, Hildegard, *Es sprach Hans Fritzsche* , Stuttgart 1949

Stampfer, Friedrich, *Die vierzehn Jahre der ersten deutschen Republik* ,

Offenbach 1947

Stehlin, Paul, *Auftrag in Berlin* , Berlin 1966

Steinert, Marlis G., *Hitlers Krieg und die Deutschen* , Düsseldorf Wien 1970

Stephan, Werner, *Joseph Goebbels. Dämon einer Diktatur* , Stuttgart 1949

Stern, Fritz, *Kulturpessimismus als politische Gefahr* , Bern Stuttgart Wien 1963

Stoltenberg, Gerhard, *Politische Strömungen schleswig-holsteinischen Landvolk 1918-1933* , Düsseldorf 1962

Strasser, Gregor, *Kampf um Deutschland* , München 1932

Strasser, Otto, *Hitler und ich* , Konztanz 1948

___, *Mein Kampf* , Frankfurt M. 1969

Strothmann, Dietrich, *Nationalsozialistische Literaturpolitik. Ein Beitrag zur Publizistik im Dritten Reich* , Bonn 1960

Talmon, J.L., *Politischer Messianismus* , 2 vols, Köln Opladen 1961 63

Tobias, Fritz, *Der Reichstagsbrand. Legende und Wirklichkeit* , Rastatt 1962

Treue, Wilhelm, *Deutschland in der Weltwirtschaftskrise in Augenzeugenberichten* , Düsseldorf 1967

Treviranus, Gottfried Reinhold, *Das Ende von Weimar* , Düsseldorf 1968 Trevor-Roper, Hugh R. (ed.), *The Bormann Letters. The Private Correspondence between Martin Bormann and his Wife from January 1943 to April 1945* , London 1954

___, *Hitlers letzte Tage* , Frankfurt M. 1965

Tucholsky, Kurt, *Gesammelte Werke* , 3 vols, eds. Mary Gerold-Tucholsky, Fritz Raddatz, Hamburg 1961

Turner, Henry Ashby, *Faschismus und Kapitalismus in Deutschland* , Göttingen 1972

Tyrell, Albrecht, *Führer befiehl… Selbstzeugnisse aus der ‘Kampfzeit’ der NSDAP* , Düsseldorf 1969

Viénot, Pierre, *Ungewisses Deutschland. Zur Krise seiner bürgerlichen Kultur* , Frankfurt M. 1931

Vogelsang, Thilo, *Reichswehr, Staat und NSDAP* , Stuttgart 1962

Wagner, Richard, *Gesammelte Schriften und Dichtungen* , Leipzig 1907

Warlimont, Walter, *Im Hauptquartier der Wehrmacht 1939-1945* , Bonn 1964

Weisenborn, Günther, *Der lautlose Aufstand. Bericht über die Widerstandsbewegung des deutschen Volkes 1933-1945* , Hamburg 1953

von Weizsäcker, Ernst, *Erinnerungen* , München Leipzig Freiburg 1950

Wendt, Bernd-Jürgen, *München 1938. England zwischen Hitler und Preussen* , Stuttgart 1965

___, *Appeasement 1938, Wirtschaftliche Rezession und Mitteleuropa* , Frankfurt M. 1966

Wendt, Hans, *Hitler regiert* , Berlin 1933

Wernecke, Klaus, *Der Wille zur Weltgeltung* , Düsseldorf 1969

Wheeler-Bennett, John W., *Die Nemesis der Macht. Die deutsche Armee in der Politik 1918-1945* , Düsseldorf 1954

Wiedemann, Fritz, *Der Mann der Feldherr werden wollte* , Velbert Kettwig 1964

Wieder, Joachim, *Stalingrad und die Verantwortung des Soldaten* , München 1962

Zeller, Eberhard, *Geist der Freiheit. Der 20. Juli* , 4ª ed., München 1963

Ziegler, Hans Severus, *Hitler aus dem Erleben dargestellt* , 2ª ed. Göttingen 1964

Zoller, Albert, *Hitler privat. Erlebnisbericht seiner Geheimsekretärin* , Düsseldorf 1949

Zweig, Stefan, *Die Welt von gestern* , Frankfurt M. 1949